1.º Ano — ARAZEDE, 25 de Fevereiro de 1912 — N.º 1

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 reis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 reis; na 3.ª, 40 reis e na secção respectiva, 30 reis
Anuncios permanentes contracto especial.
Abatimento de 25 por cento aos srs. assignantes.
Não se restituem os autographos.

Annunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado

O DEVER

ASSINATURAS

Portugal e Colonias portuguezas. — Ano, 999 reis; semestre, 600 reis; trimestre, 300 reis.
Brazil. Ano, 2$000 reis, fortes.
Numero avulso, 30 reis.

Redação e administração — ARAZEDE
Officina de composição e impressão — Typographia da *Gazeta de Coimbra* — Pateo da Inquisição — COIMBRA.

Director, editor e proprietario — MANUEL DE MELO
Redactor principal — Humberto Beirão

A correspondencia deve ser dirigida ao director deste jornal.

PATRIA E HUMANIDADE

Semanario republicano

Redactores: J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz, Soveral da Rocha e Cruz Gonçalves

Secretario, Augusto Baia — Administrador, Antonio Baia

As pessoas a quem o nosso jornal fôr enviado e que nos não queiram honrar com a sua assinatura, pedimos a fineza de o devolverem, a fim de regularisarmos a escrituração.

Quem o não devolvêr será considerado nosso assinante.

O NOSSO JORNAL

A hora presente impele-nos ao esforço saudavel de reagir contra a effervescencia tumultuosa de todos aquêles que sem Patria e sem Lei, sem dignidade e sem pundonor, contaminam diabolicamente os alicerces do edificio grandioso que a 5 de Outubro foi erigido em Portugal, e andam dia a dia anavalhando, numa ferocidade de chacais, os principios altos e inalienaveis, cuja integridade é preciso manter, para honra e gloria do nome português, que só atinge verdadeiramente o maior brilho e a maior elevação moral quando segue a linha rigida e alevantada dêsses principios.

O Devêr, fundado agora em Arazêde, num recanto humilde do nosso pais, propõe-se defender intemeratamente os principios da Justiça, do Direito, da Liberdade e do Amor — normas reguladoras das acções humanas que para serem fecundas, para serem fructuosas, carecem de ser bem ensinadas e bem teorisadas, para que bem se compreendam e melhor se pratiquem.

Da falencia dos principios, motivada pela sêde das paixões, é que deriva inevitavelmente a oscilação, o desequilibrio e a ruina do pais, que tem por unico apoio a consciencia e o patriotismo de cada cidadão, e não póde por isso dispensar nenhum dos elementos que contribuam, com maior ou menor eficácia, para a sua estabilidade e para a sua segurança. Se lhe faltar esse apoio, se a consciencia e o amor patriotico se apagar por um momento sequer do espirito de cada homem, o pais terá a seus pés um abismo onde se despenhará com o seu melhor titulo de gloria — a independencia.

Eis o que é preciso evitar, e eis a que se propõem os fundadores dêste semanario: colocarem-se ao lado das instituições, para as defender de qualquer ataque, de qualquer golpe vibrado pelos fundibulários sem alma e sem caráter, que em toda a parte procuram por todos os meios levantar obstaculos e criar dificuldades ao regime, cuja implantação tantos sacrificios custou. Nós entendemos que a Republica é um sistêma de governação que póde ordenadamente marcar o inicio da Felicidade humana e conduzir, passo a passo, para a suprêma Liberdade colectiva. Por isso lhe dâmos a mais ampla defêza, na certêsa de que cumprimos uma missão de honra e de patriotismo que muito nos nobilitará, senão pelos triunfos que possamos alcançar, ao menos pela intenção franca e desinteressada com que vamos entrar na luta.

* * *

Sabêmos as responsabilidades que vamos assumir, e antevêmos as contrariedades, talvez os desgôstos, que possam surgir no decurso da nossa tarefa. Isto, porém, não nos desalenta, nem mesmo os exemplos demonstrativos de discordias e retaliações que todos os dias nos dão camaradas honestos no jornalismo, só porque se colocam sob a bandeira dos principios que a todo o custo pretendem salvaguardar. Não. Pelo contrario, sentimo-nos com coragem suficiente para afrontar todos os perigos e todos os obstaculos. A integridade do pais só póde efectivar-se pela defesa das boas causas, e são essas que nós querêmos tornar intangiveis, levando cada um ao estrito cumprimento dos seus devêres e ao sagrado respeito pelos direitos alheios, na mais completa invulnerabilidade dos rigorosos ditames da consciencia.

O nosso reduto é bem humilde e bem modesto para que nos lancêmos abertamente ao combate das ideias com a firmeza e a audacia dos grandes lutadores; mas assim mesmo, pequenos e humildes, havemos de corresponder ao significado imperativo das nossas palavras, não nos afastando um só passo da nossa linha de conduta.

O caráter dêste jornal será primeiro que tudo doutrinario e educativo, nesta época em que tão indispensavel se torna a educação do povo, para que esse mesmo povo deixe de ser a vitima resignada da tutela, da exploração e da ganancia dos grandes senhôres. Nós querêmos que cada homem seja um cidadão livre, que cada espirito seja uma consciencia clara, que cada cérebro seja uma inteligencia lucida. Será uma audácia temerária esta ambição desmedida, será uma utopia fantasista esta vontade inabalável; mas é que tudo isto nós sentimos, todo este ideal nós acalentamos, com carinho, com devoção, com religiosidade. Bem sabêmos que sósinhos no meio do acampamento, pouco poderêmos avançar, porque além de pequenos, vivemos na obscuridade, num ignorado recanto, onde a enxada e o arado são as alavancas absorventes de todas as energias e o pensamento constante de todos os espiritos; mas, ajudados por todos os que compreendem e aplaudem a nossa boa intenção, alguma coisa poderêmos fazêr em prol da nosa Patria.

Nas cidades, nos grandes centros, ha já muita luz a iluminar os pequenos cérebros. Porque hão-de as aldeias, os meios incultos, jazêr eternamente no oceano de trevas? E' justo que por cada espirito, ainda o mais ignorado, se reparta generosamente um bocado de pão; não para o tornar comodista e orgulhôso da dádiva espontânea, mas para o saciar da fome e para o fortalecêr nas rudêsas do trabalho. E' isto que nos move a encetar a luta no meio dum oásis, a arrotear um campo onde o sol não basta para florir a terra. E é isto que nos impele a todos os sacrificios, por mais árduos e por mais duros, porque acima de tudo amamos o Pôvo, o Pôvo simples e bom, sofredôr e humilde. Por ele vamos sacrificar-nos, por ele nos devotarêmos com toda a nossa alma.

Não se imagine, porém, que este jornal, por ser essencialmente doutrinario, não possa ser um jornal de combate. Sê-lo á todas as vezes que as circumstancias de momento assim o exigirem.

Nós, pugnando pelos interesses colectivos, pelos interesses de todos, sem distinção de classes, colocar-nos-êmos ao lado dos oprimidos, ao lado daquêles sobre quem a politica de campanário exercer impiedosamente a sua acção destrutiva e hostilisante. Por isso, o nosso jornal acolherá com prasêr todas as reclamações, todos os protestos, todas as queixas, emfim, todos os brados que nos forem dirigidos por quem se sentir vitima de perseguições ou de injustiças, desde que sejam claramente fundamentadas e desde que não firam honras alheias na sua vida privada.

Nós serêmos inexoraveis para todos aquêles que claudicarem no cumprimento dos seus devêres, como serêmos justos e generosos, não regateando louvôres, para os que souberem mantêr-se numa linha de trabalho e de probidade, invariavelmente firme e progressiva.

Em politica, todas as vêzes que a ela tivermos de aludir, não será para defender homens, mas principios, que a todos nos ha-de guiar ao caminho da [illegible] admitirmos a divisão [illegible] mas a concordia e a paz entre todos, para que constituam uma unica familia, unida pelos laços da mais franca solidariedade.

Guiar os homens ao caminho do Ideal Futuro — a comunhão de todos no mesmo Bem comum — voejando sempre para esse Ideal, com a fé dos herois e a firmêza dos crentes na religião dos principios inalienaveis, eis o nosso alvo mais certeiro e mais firme.

Inútil será dizer mais. As obras tudo demonstrarão com mais eloquencia do que as palavras. Serêmos atentos a tudo o que se passar em redor de nós; correrêmos com solicitude ao encontro de quem nos pedir o nosso pequeno esfôrço; procurarêmos fazêr triunfar a Verdade e tornar dominadôra a Justiça, em proveito daqueles que alguem tente esmagar; e assim ovantes e temerarios por esse caminho além, forcejarêmos por manter a integridade dos nossos planos, se tivermos sempre o indispensavel auxilio de todos os patriotas, de todos aquêles que desejem passar além do meio ambiente.

Só assim poderá conseguir-se a vitória.

Em conclusão, *O Devêr* será um jornal moderno, um guia e um educadôr do Povo, soldado vigiando e defendo a propriedade com amôr e desinteresse, um amigo de todos os amigos da Patria, da Igualdade e do Bem colectivo, ajudará a unir num só abraço todos os homens, logo que se inspirem nesta trilogia suprema: Verdade, Honra e Trabalho.

A caminho, pois. Soou a hora do despertar. Cidadãos: Há uma Patria que precisa do nosso braço, e uma Humanidade que pede o nosso amôr. Revolvâmos com o alvião a terra inculta, para que dela brotem filões de gloria, abrâmos o coração a todos os irmãos de trabalho, para que a luz do amôr brilhe em todas as almas.

Avante!

Nesta hora, em que a luta das ideias mais se agita na nossa nacionalidade, vamos unir o nosso esfôrço ao de todos os camaradas da imprensa, a quem enviamos os nossos afectuosos cumprimentos.

POVO HEROICO

Portugal chegou a ser tão grande, teve uma época de tal esplendor, que o mundo inteiro chegou a julga-lo sobrenatural. Quando a fróta de Vasco da Gama dobrou o Cabo das Tormentas e se achou em pleno Oceano Indico, o futuro de Portugal estava naquêlas náus quasi a desconjuntarem-se. Mas apezar das náus navegarem num mar que parecia querê-las beijar numa caricia amorosa impelindo-as á procura dum sonho ha tanto tempo acalentado, cá na patria tão distante, um rei no seu palacio faustôso, sonhava na maneira mais viavel de distribuir as riquêsas, que por ventura os seus vassalos trouxessem daquêle pais encantado. A India descobrin-se e conquistou-se. Ás nossas náus chegavam a Lisbôa constantemente carregadas daquelas riquêsas que só o Oriente póssua. Depois os homens avaros pelas riquêsas, abalaram á sua procura como se fôs[illegible] para a gloria. No decorrer dos [illegible] cobiça [illegible] vam-se uns aos outros como as feras em cio, e eis Portugal que navegava num mar de prosperidades, a caminhar para o precipicio, para a morte! E o abismo era tão profundo, tão descomunal, que Portugal desapareceria nas suas glaucas entranhas se não fosse o esforço herculeo do povo português. D. Fernando, rei inconstante e voluvel, lançou o povo em três guerras ferózes pela sua ambição e para satisfazer os seus caprichos intoleraveis. Mais tarde D. João III numa barbaridade louca e medonha e num prazer satanico, introduz em Portugal a Inquisição que pôs o pais á mercê dos serventuarios da Companhia de Jesus. E todas estas loucuras barbaras e truanescas o povo sofria resignadamente, com a mudês e o passivismo dos grandes martires.

Surge ainda na historia D. João VI, o covarde, fugindo para o Brasil, e dizendo aos portuguêses que recebessem os francêses como verdadeiros amigos.

Com a traição dos grandes fidalgos Junot entrou em Lisbôa, tremulando daí a pouco em todo o pais a bandeira napoleonica.

Desta vez ainda o povo se salvou. Mas daí em diante a força do destino ia encaminhando outra vez a nossa nacionalidade para o abismo, para a morte!

Ainda o povo heroico tentou salvar-se; mas o seu esforço colossal nada mais pôde fazer do que evitar o abismo prematuramente.

Os desmandos de toda a ordem, as ambições desmedidas de alguns politicos para alcançarem o poder, foram os principaes factores da decadencia dêste povo heroi que assombrou o mundo com as suas conquistas.

E assim sucessivamente o povo ia sofrendo todas as vergonhas e todos os descalabros que os reis lhe iam atirando ás faces como um latêgo de ironia, até que chegou D. Carlos, o istrião, que egualmente maculou as faces já maculadas do povo português com o *ultimatum* de Inglaterra.

Depois da heroicidade e da bravura, fez-se um povo sofredor aguentando tudo; mas de vez em quando a sua antiga bravura, explodia novamente com mais raiva e mais ardencia acalmando a Liberdade com que fez o 31 de Janeiro.

Manhã gloriosa, manhã de esperanças! O povo louco de alegria, sedento de Liberdade, ainda com os pulsos arroxeados pelas cadeias da prisão, lançou-se num derradeiro esforço, alucinado e desvairado contra a tirania e a opressão!

Mas, desgraçado povo! Ainda não tinha chegado para ele a hora da Liberdade, a hora da Justiça! Sem o saber, o Destino impeliu-o novamente para o abismo, e a tirania algema-lhe ferózmente os pulsos, atirando com ele para o fundo lobrego do porão dum navio. E como um leão vencido, o povo parecia dormitar pela canceira da vespera. Mas os seus olhos chispavam chamas; e enraivecido esperava numa apatia ficticia a hora da libertação.

Dia a dia, hora a hora, foi esperando numa resignação de cordeiro o momento propicio de partir os grilhões com que o algemaram. Por vezes tentou acordar do seu torpôr, mas a sentinela vigilante ao mais pequeno movimento assestava-lhe ao peito nobre a ponta da baioneta.

Cançado de tanto sofrer, um dia num pujante esforço e derra[illegible] perança, partiu as algêmas [illegible] estava manietado e atirou-s[illegible] leão raivoso, á procura da [illegible] ou á procura da morte. D[illegible] mejantes, numa expres[illegible] o rosto pálido e cadaver[illegible] livre na so[illegible] patriotismo.

So[illegible]

É triste que um re[illegible] da vida dum ho[illegible]

Juan Joyer, o ardente [illegible] dista das modernas ideias, [illegible] idealisador de melhores dias [illegible] humanidade escarnecida e vilip[illegible] da, não morreu.

Condenado á morte em Espanha o rei Afonso XIII resolveu indulta-lo, depois de muito instado, de algumas representações patrocinando e protegendo a vida dum moço cujo crime era prégar a verdade, era ser amigo fiel do seu semelhante, imancipar os oprimidos, alegrar os tristes, semear ideias nobres, regenerar a humanidade apetecendo-lhe dias venturosos e felizes.

Entristece-nos que a vida sagrada e inviolavel dum homem esteja nas mãos palidas e magras dum rei.

Condenar á morte quem matou, quem roubou, não é justo.

A propria execução de Luiz XVI, levada a efeito em França, naquela França humanitaria e ilustre que todo o mundo culto tão bem conhece; a morte de Luiz XVI, que teve logar a 21 de Janeiro de 1803, não se explica nem se justifica, a despeito daquêle vulto politico, traidor e despota, pretender fugir do seu pais para comandar á invasão que iria cobrir de vergonha a sua propria Patria.

Condenar á morte quem semeia o belo, quem pratica o util, é um crime monstruoso, inqualificavel, repugnante.

Mas assim é. A preciosa vida dum homem, a sacratissima vida dum homem está muitas vezes na mão de outro homem, diferente só porque um, nascendo num leito fôfo de sêdas e pedrarias, envergando uma farda reluzente, é autoritario, deshumano; e, o outro, roto e descalço, com fome no estomago mas com sêde de justiça no coração: veio do nada, atribulado vive uma vida de ingratidões e sacrificios, era de palhinhas pôdres o leito que o viu nascer.

Lembro-me neste instante de dolorosas saudades do Ferrer querido que a mesma mão agora indultadora atirou desapiedadamente para a morte em 1909.

Jover, cujo corpo estaria a estas horas tambem em franca decomposição nas entranhas da terra, continuará a prégar a liberdade e o amor, a doçura e a paz, a imancipação acalentadora dos humildes no seio odorante e fecundante da humanidade pura, da humanidade que vive praticando o bem e sonhando o justo, em quanto que Ferrer, cujo corpo em atomos feito, repousa na eterna mansão do tumulo, mas cujas ideias, fecundas e queridas sempre serão o guia amigo e carinhoso dos leais batalhadores, dos continuadores da sua obra humanamente bela.

Uns inspiram a caridade, semeando a luz lá da paz dos tumulos; os outros, vivos ainda, semeam e integram-se nessa inspiração doce e meiga como os beijos castos das creancinhas, como *les flambeaux de la nuit*, como o halito amoroso e suave dos namorados em noites de idilio intimo, em horas de venturosos e sorridentes sonhos.

Mas... Jover não morreu. Foi a deliberação dum homem que assim o quiz.

Dum homem que chora e que sofre, que ri e que canta. Dum homem que, sendo rico, ha-de morrer como nós.

Eles vivem ambos — Jover e rei.

Eu queria vel-os olharem-se agora: Juan Jover na Praça do Oriente, onde sua familia, banhada em lagrimas recebeu a consoladora noticia do seu indulto, e o monarca, lá de cima das janelas do palacete.

Como se olharão êles?

Um, livido de comoção, talvês; o outro, esquivo e presunçoso, rubro de autoritarismo e absolutismo.

Um agradecido e submisso, olhares internecedores de piedade; o ou- ...ero e ameaçador.

...ão se iludam nem olvidem ...sformação dos espiritos e ...se opera ás vêses duma ...outra, e que o rei autori- ... poderá ser o vassalo ...ajoso de ámanhã.

...aurora é belo ... ...r-lhe o ...

...DA JUNIOR

...HINA

... aurora acaba de dispon- ...a. O país dos caprichos e ...s, acaba de passar por uma ...ção radical, mostrando ao ...e era bem errado o conceito ... faziam.

... pais das ventarolas e dos rabichos, acaba de implantar a Republica. Sun Yat Sen, o chefe dos revolucionarios, foi eleito presidente do governo provisorio. Quem diria que a China, que parecia estar envolvida numa lenda de sonho e adormecida para sempre aos progressos da civilisação, proclamaria a Liberdade pelo genio inquebrantavel de Sun Yat Sen e pela boca negra dos canhões?

A China lendaria que era apontada pela Europa para demonstrar a barbaridade e a tirania; a China, que era aos olhos do mundo o paiz dos massacres e das violencias, acaba de provar que era um pais avançado, sonhando ha muito tempo a liberdade e acariciando a ideia da sua libertação.

A educação que o chefe revolucionario recebeu nos Estados Unidos, as viagens que fez pela Europa e a sua permanencia no Japão, observando os progressos dos povos civilisados, fôram os principais factores que o levaram a desejar para o seu país um regime de Egualdade e Fraternidade.

Com um genio inquebrantavel e com uma audacia assombrosa, Sun Yat Sen, lembra um Nun'alvares reabilitando a sua patria. Um, nas 14 provincias da China, sacudiu um jugo afrontoso que asfixiava o povo ha muitos seculos; outro em Aljubarrota e Valverde, conquistando e defendendo uma Patria. Em tudo, dois herois.

Voz trovejante para mandar, braço forte para a batalha e um coração bom para o perdão.

A Humanidade caminha para o progresso com uma velocidade pasmosa e não ha forças, por mais colossais que sejam, que o possam impedir na sua marcha triunfante. Ontem foi Portugal que sacudiu a tirania, tornando-se livre; hôje é a China que acaba com uma dinastia de caprichos e de opressões.

Por mais que os reis tentem segurar seus trônos, não os poderão sustentar porque um vento de Liberdade e de Progresso os arremessará a todos para um abismo, onde para sempre ficarão sepultados.

Mario Simões da Silva

Temos em nosso poder um artigo dêste inteligente academico que honrará as colunas do nosso semanario com a sua apreciada colaboração.

Agradecemos-lhe a gentilêsa e a prontidão com que ele acedeu ao convite dum dos nossos redactores a quem foi apresentado pelo nosso presado cooperador sr. Antonio Tavares, de Coimbra.

Ernesto Gomes Tomé

Tambem este jornal será honrado com a brilhante colaboração do nosso amigo, Ernesto Gomes Tomé, o novel e inteligente poeta do *Feixe de Sonhos*.

Muito lhe agradecemos a amabilidade.

Dr. João de Deus Ramos

Retirou de Coimbra para Lisboa, onde se encontra doente o distinto pedagogista Sr. Dr. João de Deus Ramos, a quem *O Dever* cumprimentando deseja breve e completo restablecimento.

A nova moeda

Para elucidação dos nossos presados leitores, a seguir damos uma nota do valor e denominação da nova moeda da Republica Portuguêsa.

E' assim a unidade:

Ouro — 10 escudos, 10$000 réis; 5, 5$000 réis; 2, 2$000 réis; *Prata* — 1 escudo, 1$000 réis, 50 centavos 500 réis; 20, 200 réis; 10, 100 réis, *Bronze-nikel* — 4, centavos 40 réis; 2, 20 réis; 1, 10 réis; ½, 5 réis.

Jornaes

Deram-nos já a honra da sua visita os periódicos *Livre Pensamento* e *...irrada Ilustrada*.

Agradecemos e vamos permutar.

Tivemos o prazer de ver em Arazede o distinto academico e nosso amigo, sr. Alvaro da Silva Ferrão, que tempo passado aqui, com sua familia, as festas do Carnaval, retirou para Coimbra.

— Tambem nos visitou o nosso amigo, sr. Saul Rodrigues Baia, filho do secretario d'ests jornal, que retirou para a mesma cidade apoz alguns dias de permanencia junto dos seus.

CAFÉ DISTINTO

E' o mais saboroso, devido á sua combinação.

CARTAS DE QIRO

Nesta secção uma nossa gentil colaboradora responderá a todas as perguntas que lhe forem dirigidas, por meio de carta, desde que não demandem resposta extensa, devendo toda a correspondencia sêr enviada a D. Elêna de Castro, redacção de *O Devér*.

SCENAS INTIMAS

É o titulo dum folhetim que começará a publicar-se no proximo numero de *O Devér*. As

SCENAS INTIMAS

escritas com vigôr e sentimento são um verdadeiro estudo psicologico que por certo calará na alma dos nossos leitores. As

SCENAS INTIMAS

devidas á pena brilhante do nosso director, já bem conhecido no mundo jornalistico, oferecerão tambem horas de indivisivel prazêr ás nossas gentis leitoras.

Lêde, pois, no próximo numero as

SCENAS INTIMAS

CASOS DA SEMANA

Enlace

Realisa-se ámanhã o enlace matrimonial do nosso prasado assinante, da Pocariça, sr. José Marques dos Santos, zeloso empregado da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira, em Pampilhosa, com a sr.ª D. Jesuina de Conceição Pereira, do mesmo logar.

Ao nosso presado assinante e noiva que é um modêlo de virtudes, desejamos-lhes longa vida e risonhas prosperidades.

Aniversarios

Passa amanhã o aniversario natalicio da ex.ma sr.ª D. Maria Augusta de Mêlo, estremosa mãe do nosso querido directôr.

Que este dia se repita por longos e felizes anos são os nossos desejos sejos mais ardentes.

— Tambem fazem anos depois de amanhã os nossos queridos amigos Antonio e Manoel d'Almeida, irmãos do nosso camarada de redacção Almeida Junior.

Fazemos votos sinceros para que se multipliquem muitas vezes, sempre risonhos e sem uma só nuvem a empanar-lhes o brilho.

No leito

Está doente na sua casa de Lavos o estudioso academico e nosso querido amigo, Guilherme Faria Correia Monteiro, irmão do nosso prestimoso colaborador literario sr. Correia Monteiro, tambem academico universitario.

— Tambem se acham enfermos os srs. Luiz Rodrigues Baía, deste logar, pai estremoso dos nossos amigos Antonio Baia e Augusto Baia, respetivamente administrador e secretario do nosso jornal: e o nosso presado assinante sr. Manuel Mendes Barrêto, empregado da Companhia da Beira Alta.

Fazemos votos pelas rapidas melhoras dos ilustres infermos.

O Carnaval

Apezar das chuvas torrenciais, as festas carnavalescas decorreram animadamente nesta freguezia.

Nas noites de domingo e terça feira houve bailes em casa do ilustre cidadãosr. Antonio Maria da Silva Ferrão, os quaes correram sem uma nota discordante e com o brilhantismo dos anos anteriores.

Noticias da Figueira

21 - 2 - 912.

Os bailes carnavalescos realisados nas Associação dos Carpinteiros Civis, Naval 1º. de Maio e Centro Dr. José Falcão, decorreram animadissimos destacando-se, em *mascarados*, uma formoza *Republica*, uma elegante *Ilhóa* e um cômico *soldado*.

As senhoras apresentaram-se com bonitas *toilettes*, dançando-se animadamente.

— No proximo dia 3 de Março será lançado á agua, o lugre *Golfinho*, construido nos estaleiros da Murraceira, sob a direcção do habil constructor naval, sr. Monica o qual se destina á pesca do bacalhau nos bancos da Terra Nova.

Com egual destino, adquiriu a Sociedade de Pesca Oceano, Limitada, o lugre *Oceano*, tendo a construir em Fão, um outro, para o mesmo fim.

Por este andar, conservará a Figuesra, a supremacia da flotilha de navios bacalhoeiros.

Não tem havido movimento maritimo n'este porto, devido ao lamentavel estádo em que ele se encontra.

Oxalá que o governo da Republica o não deixe chegar a peior. É uma pena que ele se não arranje, pois que se o desobstruissem, o comercio da Figueira muito se desenvolveria.

—Ha dias, os gatunos arrombaram uma porta das dependencias da casa do sr. Conde de Monsaraz, e roubaram do quarto do chauffeur, sr Antonio Heleno, que se achava ausente, 2 alfinetes, e uma *chatelaine* de ouro, e outros objectos. Tentaram tambem roubar um cavalo, mas sendo presentidos pelo cosinheiro, puzeram-se em fuga.

A autoridade investiga.

—Edmundo Cassola, solteiro, carpinteiro, agrediu com uma facada, junto da terceira costela, José Bête do Nascimento, casado, residente no sitio da Salmanha.

O ferido recolheu ao hospital em estado grave e o agressor foi preso, confessando o crime.

Dizem que o Eduardo, foi ajudado na agressão por mais dois individuos, os quaes estão tambem presos.

A policia investiga.

A. d'Oliveira Guerra

Os ferro-viarios de Portugal.

Um dia de descanço

Entre nós apenas uma classe — a dos empregados dos caminhos de ferro, deixa de gosar as regalias dum dia de descanço em cada semana, não obstante estar incluida na lei do descanço semanal.

Urge, pois, que as companhias adotem providencias de molde a duplicarem o quadro do pessoal, afim de que cada um tenha um dia de socego, de calma nas labutas de uma semana de escarpado trabalho, de que necessita e a que tem direito. Não ponham os ferro-viarios de parte a ideia do que tantos anos levou a conquistar. E' preciso não ficar silencioso ante um beneficio de tamanha magnitude, que só a Republica podia conceder.

A classe dos empregados dos caminhos de ferro é das que mais trabalha e produz; é das mais numerosas e é sobre ela que impendem responsabilidades tão ingentes, que nenhuma outra tem.

Basta isto para não ser votada ao ostracismo pelos seus dirigentes.

Ninguem de boa fé, e tendo da existencia uma noção clara póde refutar a sério o direito ao descanço em todos os ramos da actividade humana uma vez por cada sêrie de sete dias.

Os considerandos que aqui expandimos bazeiam-se numa inadiavel necessidade e numa implicita obrigação de provêr de remedio o mal a que aludimos.

. . . . . .

Aproveito a ocasião de felicitar os ferros-viarios de todo o país pela maneira nobre e patriotica como se houveram por ocasião da ultima *gréve*, mantendo-se por fórma a não deixarem a minima duvida no espirito de ninguem, quanto á sua sinceridade, que é o fruto da mais arreigada convicção, confirmada pelos frutos, de bem quererem consolidar as novas instituições, não lhe creando embaraços com a adesão aos seus camaradas.

AZUL DO CEU

Esta secção não é da responsabilidade do nosso camarada Almeida Junior, que aliáz nada tem com ela.

Estando no programa deste semanario a defeza de todas as classes trabalhadoras, ... podemos nós fe- ... ferro-viario que se propõe falar da sua classe, defendendo-a neste, e em numeros seguintes de *O Dever*.

Entendemos este esclarecimento indispensavel, para evitar mal entendidos e juizos erroneos.

De resto o nosso camarada Almeida Junior assinará sempre os seus escritos.

Café Distinto

E' o que maior aceitação tem obtido no mercado.

Noticias do Brazil

Ao traçar estas singelas linhas, eu, que longe da Patria amada e da familia extremecida outro objectivo não tenho que não seja levar ao meu torrão natal e saudosamente distante, noticias destas afastadas paragens, sem refolhos de retórica nem rendilhado de frase, começo saudando os meus patricios amigos, a todos enviando um abraço, e a todos um entrudo divertido desejando.

Por cá, por ora, a não ser a morte do grande estadista brasileiro Visconde do Rio Branco, que enlutando o Brasil comoveu a minha patria querida, não ha novidades a comunicar-lhes.

Por aí, já sei pelos telegramas, grandes e prejudiciaes inundações teem assolado Portugal, em quanto que por cá, nós, sob um calor asfixiante vamos moirejando alguns cobresitos qne nos permitam um dia ai dias mais felizes de repouso e tranquilidade.

Até ao proximo paquete, que este vae partir d'aqui a horas levando comsigo pedaços da minha alma saudosa e comovida.

S. Paulo — Fevreiro de 1912

Um arasedende

CAFÉ DISTINTO

E' o mais forte e aromatico,

Gritos de Alma

Sofrer é tudo

Manhã cantante de fresca madrugada. Sol fóra. Estrada além, descalço e andrajoso passa um mendigo de saquitéla a tiracólo.

A natureza canta pujante e béla, vigorosa e meiga, como o primeiro inexperiente amor.

Lá véem vindo lindas mocetônas de carnes rosadas, labios pedindo beijos.

Volvo os meus olhos, saudosos e tristes para brancas casarias, lembrando-me intimos, longiquos idilios!

Os muros do cemitério branquejam lá longe por entre os olivêdos. Mòchos piam sinistramente.

É assim o sonho dos saudosos, e eu estou sonhando ditosas horas que não vejo vir...

É que sofrer é tudo para aqueles a quem a vida não quer sorrir, por entre goivos e malmequeres em flôr.

Um velho Templo

Era eu pequenito quando me levavam lá pela mão, semi-descalço, rotito, silencioso, tímido. Eu ajoelhava espantado para tudo o que me rodeava.

Era bélo, grave, comovedôr o aspéto do Templo, no qual, atravessando vidros vermelhos e verdes, entrava coáda logo de manhãsinha a luz brilhante do sol.

Cá fóra os passaritos gorgeavam alegres e desenvoltos por sobre a ramaria verde dos ciprestes. Ao lado, numa casita humilde e quasi em ruinas, chilreava contente e mais desenvolta ainda a passarada humana.

Mas ali, na humildade do velho casebre, era mais tonificante e purificador o ar que se respirava.

É que dum lado ainda hoje reina a treva, e do outro lado brilha a luz. Dum lado entra mortiça a luz do sol. No outro, brilhante e meiga, esparge ela raios luminosos que tornam radiantes e queridos os pequeninos cerebros em formação.

Fevereiro de 1912.

ALMEIDA JUNIOR

Café Distinto

Combate todas as marcas que aparecam no mercado.

Perfis ligeiros

I

Dum olhar meigo e, atraente onde se vê brilhar a inocencia que dimana duma alma candida como a sua, ela faz lembrar-me, ao fita-la, uma figura romantica da lenda.

Os cabelos louros, como fios de oiro, pendentes sobre a testa ampla e bem delineada, parecendo procurar-lhe as faces para nelas depôrem longos beijos de sofreguidão amorosa, fazem dar-lhe a aparencia duma meiga filha de Judá.

Timida, duma timidez que encanta, quando nos fála, tem na voz tremulos arpêjos de timidas melodias e dá-nos a impressão dulçorosa duma musica longinqua que nos fere dôcemente a alma, como se fossem as notas melancolicas dum *stábat-máter*. Mas, quando ás vezes a sua voz se eleva na defeza dum principio como a verdade, embriaga-nos e deixa-nos prêsos, cativos. Prêsos pela sua voz onde a sinceridade se espêlha. Cativos pelo seu olhar, que expede ao mesmo tempo revolta e bondade.

Ha dias encontrei-a. Achei-a pensativa. Paixão? Amôr mal correspondido? Não! Sentimento de revolta contra os mentirosos que quiseram indispô-la com o... (não digo porque é segrêdo.)

De coração terno, ela dispensa especial desvélo ás florinhas. Adora as violêtas pelo seu perfume inebriante e os amores perfeitos pelo matiz e aveludado das suas côres. Porém, ha outra flôr que ocupa o logar primacial no seu coração pela setinosidade das suas pétalas e pela simplicidade que a torna querida: — é a *rosa*.

Finalmente, ela depois de dispender com as florinhas uma boa porção do seu afêto, reserva ainda no mais recondito do seu coração um afêto mais profundo e veemente que ela destina a uma pessôa que o retribue, mas que eu não digo quem é, porque... tenho vergonha.

APÓLO

POETAS E PROSADORES

O monge-cavaleiro

Nas horas tardas duma noite agreste
Passa a galope um monge-cavaleiro,
Em direcção ás grades dum mosteiro,
Onde o esperava o vulto mais celeste.

Áquela hora o álgido nordeste
Soprava então cortante e justiceiro.
O monge pára exangue e altaneiro;
E, com voz cava, diz: « Que é que fizeste? »

A monja, linda e soluçante, diz:
« Ó meu espóso amado, eu professei! »
O monge então, erguendo a espada ao peito

« Pois eu não professei por que não quís,
Mas vou morrer só porque muito amei! »
E a aguda espada serve-lhe de leito.

(Inédito)

MANOEL DE MELO

Por COIMBRA

Por conveniencia de paginação, não poude ser inserida esta carta.

Pedimos desculpa ao seu autôr, o nosso presado amigo, sr. Alfredo Gomes.

CORRESPONDENCIAS

Santo Varão, 22. — Santo Varão, a pitoresca e laboriosa aldeiasita da margem sul do Mondego, deste Mondego querido de recordações saudosas era bem digna de melhor sorte.

Tricanas de caras rosadas, são as mulheres daqui a nota alegre de todo o distrito de Coimbra.

Agricola e comercial, foi Santo Varão, sempre desprezodo pelos governos da monarquia, mas agora, com os olhos religiosamente postos na Republica Imancipadora que uma manhã doirada de luz e de triunfo, viu nascer em Portugal, os seus habitantes, honestos trabalhadores, mas pontuaes contribuintes, esperam que alguma coisa de util e proveitoso se conseguirá, e que não serão portanto tão olvidados nem tão esquecidas as suas pretensões, quando baseadas na Justiça e no Direito.

E se tudo continuar na mesma, não teremos duvida em trazer factos para as colunas de *O Dever*, mas só factos, porque só com factos documentados este jornal tratará de quaesquer assuntos de interesse colétivo, em pról dum povo cuja historia é suficiente testemunho do seu patriotismo, mas simultaneamente do seu sofrimento e da sua resignação.

Visto que *O Dever*, que eu saúdo no seu primeiro numero, se põe ao lado dos humildes filhos do trabalho, não devemos nós fugir do seu programa, dizendo o que tenhamos que dizer, apontando o que houver de mau para apontar.

— Foi autoado o padre desta freguezia, porque, tendo ha dias realisado na egreja, e após o acto civil, prescrito pela Lei, um casamento, lembrou-se de pregar aos nubentes que o casamento civil não tinha valor, etc., etc.

Esperamos agora o procedimento da autoridade competente, a quem o auto foi oportunamente enviado.

— Ha dias que Santo Varão, vem sendo despertado do seu profundo letargo, com roubos de certa importancia e cujos gatunos nos parecem de facil colheita, se se fizer um bocado de sacrificio.

Além do assalto ao celeiro do sr. Albino de Noronha, praticado ha tempo, foi agora vitima o honesto e honrads cidadão, sr. Manoel Jorge Martinho, comerciante, a quem os gatunos levaram 60$000 réis e grande porção de garrafas de vinho fino.

Lamentamos este facto tão profundamente quanto se nos afigura que são os mesmos os *amigos do alheio*

Pedimos, pois, ás autoridades que envidem os seus bons esforços para a descoberta dos autores da proeza.

— No Carnaval, nem nele é bom falar. Alguns divertimentos, mas poucos e sensaborões.

É que o tempo, como vae, não faz vontade de nos divertir-mos, porque as bocas pedem pão e os compromissos dieheiro.

Zé da Bernarda.

Pampilhosa do Botão, 23. — Fez-se ouvir no teatro desta localidade, no domingo gôrdo e dia de entrudo a Tuna Recreativa da Pampilhoza do Botão, que muito agradou pela fórma brilhante como executou alguns deliciosos trechos de musica.

A juntar-se a ela vieram da Marmeleira, dois rapazes, cujos nomes ignorámos, que a convite do nosso presado amigo sr. Cezario Hernandez, desempenharam em harmonio e flauta, belas composições, que pela ótima execução muito surpreenderam e admiraram

E assim, rindo e folgando uns, chorando e sofrendo outros, se foram as festas carnavalescas do ano corrente, ano agoirento por sinal, porque as nuvens, pardas, gentas e carrancudas não deixam de nos fustigar despejando cá para baixo agua a cantaros. — C.

Recreio charadistico

CHARADAS EM VERSO

Vinde, ó meus caros colegas
Para o campo da batalha — 2
Que não vos chamem piégas
A vós heróes da baralha.

Não temais os desprazeres — 2
Lutae, lutae com fervores
Assim ficareis na historia
Como ingentes lutadores.

VULCÃO

Em planta viridente — 2
oricunda lá do Minho, — 2
Canta sempre alegremente
irrequieto passarinho.

Esta pedra preciosa.
em rio distante, achada, — 3
clara, pura e mimosa — 2
é ao rubi comparada.

BOHEMIO

NOVISSIMAS

Não sou o leão do mundo — 1 — 2

O trabalho e a tristeza faz o combate — 2 — 1

MARTIAL

Expor por piedade ao simplorio — 1 — 1

No altar está a arte gerigonça — 2 — 2

REI DA MADUREZA

LOGOGRIFO

Este *fado* predileto - 1 - 5 - 4 - 10 - 11 - 2
Encobre o meu coração.
Todavia, assim *coberto* - 9 - 8 - 3 - 2 - 7 - 6
Faz a sua saudação.

VULCÃO

EM QUADRO

Eu não entro neste *porto*. — . . . .
Ir p'ro *laço*? nem de graça, — . . . .
Fico nesta *ribanccira* — . . . .
Porque temo a *desgraça*. — . . . .

MARTIAL

LOGOGRIFOS RAPIDOS

1 - 2 - 3 - 4 - 5 — Mulher
6 - 7 - 8 - 9 — Fruto
Flor

1 - 2 - 3 - 4 — Rio
5 - 6 - 7 - 8 — Féra
Moéda Franceza

ENIGMA TIPOGRAFICO

Claridade
Gigante

BOHEMIO

Publicam-se todas as produções inigmaticas que forem enviadas com as devidas decifrações.

As decifrações deste numero serão publicadas no 3.º numero deste jornal.

ANUNCIOS

LOJA DO POVO

Mercearia, ferragens, fazendas brancas e papelaria
Deposito de tabacos e papeis Duc, Lecosmopolite, etc., para cigarros
Fosforos de cera, amorfos, sabão, etc.
Desconto da tabela da companhia dos tabacos e fosforos.
Vendas por junto e a retalho

BERNARDO LOPES

Montemór-o-Velho

Portugal Previdente

Companhia de Seguros

Séde em Lisboa

Efectua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efectua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Rua Ferreira Borges, 155 1.º

Manuel d'Oliveira Junior

Rua da Republica 84 a 88

FIGUEIRA DA FOZ

Compra madeiras em todas as dimensões e pinhaes em qualquer parte do paiz.

Encarrega-se de fornecimentos de madeiras para Portugal e estrangeiro.

Tem na Figueira da Foz, depositos de madeiras, em taboas, vigas, travessas, sualhos, etc.

Quem quizer vender madeiras, dirija-se em carta ao escritorio, que receberá em seguida uma uota de preços.

Pagamento, á vista da fazenda

Antonio José Abrantes

Alfaiate e mercador

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta

164, Rua do Principe, 168

FIGUEIRA DA FOZ

Sucursal em Leiria, Praça das Galinhas, sob a firma Abrantes & Genro.

Sortido em fazendas de lã e algodão, nacionais e estrangeiras.

Varinos d'Aveiro, capotes á cavalaria e gabões para homem e creança.

Encarregam-se de qualquer encomenda para fora da terra.

Faz os mercados de Montemor-o-Velho, Guia e Monte Redondo, onde pode ser procurado pelos seus freguezes de fora da Figueira e Leiria.

Antonio Francisco Paes

Correspondente de diversos Bancos e companhias de seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica — *Cantanhede*

Endereço telegrafico — ANTONIO PAES

CERAMICA EXCLESIOR

FUNDADA EM 1903

Lacerda, Figueiredo & C.ª, Limitada

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez
Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, olarias, etc.

Agente no Zambugeiro — JOAQUIM COCA JUNIOR

O melhr depourativo é o licor Vegetal,

porque cura as doenças com origem na impurêsa do sangue, reumatismo, ulceras, sifilis, eczemas. Frasco 1$000 réis; 6 frascos 5$000 réis; pelo correio mais 150.

Molestias de pele

Herpes, eczema, dartos, empingens, sarna, etc. *Pomada antierpetica*. Boião 500 réis. Sêlo correio 550.

ANTEXEMA

de maravilhosos resultados. Sabonete 300 réis. Creme 1$000.

FERIDAS

Ulceras, chagas cancerosas, varizes, caneladas, ou feridas de origem sifilitica, *Oxidol*. Caixa de pós 500 réis.

IMPOTENCIA

Efeitos seguros com as *Pilulas Genitalinas*. Fasco 1$000 réis. 6 frascos 5$000.

LOMBRIGAS

O mal das creanças, e expulsão da solitaria. *Xarope anti Verminoso*. Frasco 300 réis. Pelo correio 350.

CALOS

Radical extracção com o *Calicida Brazileiro*. Frasco 200 réis. Pelo correio 220.

Purgações

Por mais rebeldes, curam-se com a injecção *Anti Blenorragica*. Frasco 600 réis. Correio mais 100.

Queda do cabêlo

e caspa. Tratamento pela *Iridisina*. Frasco 600 réis. Pelo correio mais 100.

FRIEIRAS

O melhor remedio *Frieiricida*. Frasco 200 réis. Pelo correio 220.

Doenças de estomago

Dispepsias, digestões dificeis, dôres, azias, etc. *Elixir Estomacal*. Frasco 1$000 réis. Hostias minorativas e digestivas. Caixa 1$100 réis.

Pedidos a F. Rocha Leão, **Farmacia Brasileira**, Largo de S. Domingos, 15, ao Rocio, (por cima das grades).

Livraria Neves

COIMBRA

Almanach Bertrand	500
» *das Senhoras*, cart.,	320
» *Luso Brasileiro*, enc., .	320
» *Illustrado*, br., ...	150
» *Palcos e Salas*, br., . .	200
MAGALHÃES LIMA e a sua obra — Um bom volume e lindissima edição.....	800
Alimentar a vida	400

Os Gatos, 2.º e 3.º vol.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque êle tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufactura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40, Rua 11 de Setembro. 42
FIGUEIRA DA FOZ

CASA DE LISBOA

Carolina Costa

L. da Sé Velha, 20 e 21

COIMBRA

DOCES, FRUTO
E
FLORES

LEITE
Toma

PIA

Compram-se e
clêta quasi nova.
Rua da Mauutenção
COIMBRA

ALTER DO C

Palha enfardada a vapor e a gado

Satisfazem de pronto qualquer pedido.
Azeite, cereais e carvão vegetal á comissão.

Manuel Martins Pimenta

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2$500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 rs. **O Mestre Popular**, de Gonçalves Pereira, (pae). rua de S. Paulo, 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — LISBOA. — **Cuidado com as falsificações.**

SELOS

20:000 diferentes. Legitimidade garantida e sob indicação envio numerosas e lindas coleções aos amadores, com 40 a 60 por cento sobre todos os catalogos. A. Weisz I Adlergasse, 8, Vienna (Austria) compro e troco.

Domingos Lino Gaspar

Armazem e oficina de moveis e estofos, mobilias completas, colchoaria e camas de ferro. Oleados, baguetes e muitos outros artigos.

128, Rua do Principe, 130
Figueira da Foz

ABILIO LAGOAS

Praça do Comercio, 54 e 55—COIMBRA

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da companhia de seguros Comercio e Industria. Comissões e consignações

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Paris, Londres, Nova York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desemba que no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

FARMACIA MONTEIRO

ARAZEDE

Produtos quimicos e farmaceuticos e artigos de industria farmaceutica como: fundas, algalias, borrachas, biberous, etc., etc.

CASA

Arrenda-se uma, a pessoa decente, bem como duas propriedades de semeadura a quem dér garantia.

Quem desejar arrendar dirija-se ao redactor principal deste semanario, em Arazede.

Tipografia da GAZETA DE COIMBRA

Pateo da Inquisição, 27—COIMBRA

Encarrega-se da composição e impressão de jornais, revistas, bilhetes de visita, faturas, memoranduns, livros, rótulos para farmácia, mapas, etc., etc.

VIUVA ISMAEL DA CRUZ & F.º

ARAZEDE

Vende fazendas de lã, algodão, mercearias, miudezas, objectos para funerais, farinhas, ferragens, etc.

TRIPA

Deposito da casa Anjos e C.ª.

João Vieira da Silva Lima — Coimbra

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÉ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73 — FIGUEIRA DA FOZ

...é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo ...apeus e bonets, da ultima moda.

...pelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando ...ez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que ...empre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente

... são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto

... em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a

...os concertos em todas as qualidades de chapeus

...os modelos.

...mendas de toda a parte, bastando ape-...postal.

...HAPELARIA MODERNA

...s de Maio, 73-74 — FIGUEIRA DA FOZ

Café Distinto

Provae e vereis o resultado.

Palace Hôtel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÈE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vaste forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumière électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations:—Luso (3 kimètres) Pampilhosa (10 kilomètres).

Automobiles et Voitures

CESAREO HERNANDEZ

COM

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

INSTRUCÇÃO COMMERCIAL

(Collegio Mondego)

Plano de estudos: — Munir os alumnos de conhecimentos praticos immediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funcções de empregados do commercio, industria e banco, supprimindo-lhes a pratica nas casas commerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenographos, dactylographos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã,

tendo por base a conversação

Cursos diurnos e nocturnos de contabilidade, escripturação mercantil e caligraphia

INSTRUCÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

SEXO FEMININO

1.º e 2.º grau: linguas, sciencias e letras, lavores, musica, desenho, pintura, commercio e economia domestica

P. DA INQUISIÇÃO

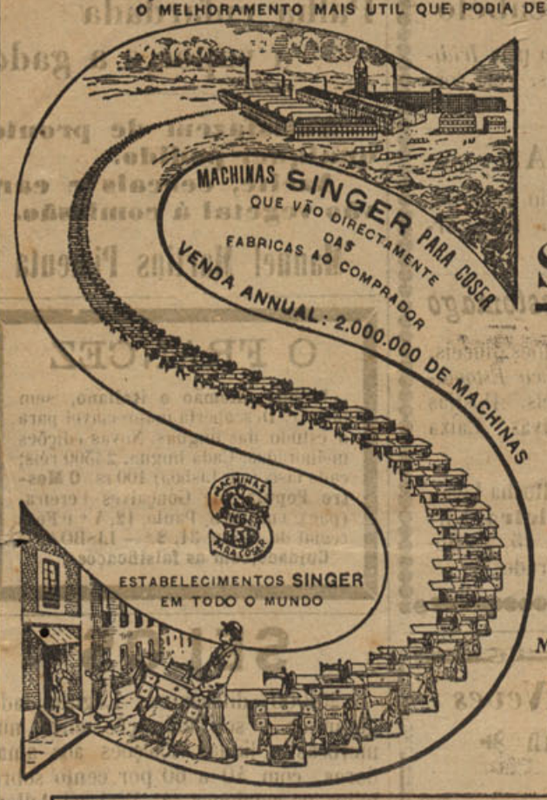
O director, **DIAMANTINO DINIZ FERREIRA**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10 — COIMBRA

Antonio Duarte Mendes

FABRICANTE

DE

Instrumentos de corda

Premiado nas exposições Distrital de Coimbra em 1884, na Industrial de Lisboa em 1888, na Universal de Paris em 1900 com a medalha de prata, e na Industrial e Agricola do concelho da Figueira em 1901 com a medalha d'ouro.

Satisfaz de pronto qualquer encomenda de instrumentos, garantindo a perfeição de seus trabalhos.

65, Rua da Bica — Figueira da Foz

PORTUGAL

Mercearia Flor do Japão

Casa especial de chá e café

Torrefação e moagem a vapor

66 — Rua da Sofia — 70

COIMBRA

O proprietario desta casa recomenda o seu café moido **Distinto** (marca registada).

Este magnifico café, devido á sua combinação, é o mais forte, soboroso e aromatico.

Aceita-se um unico depositario nas principais terras do paiz.

Vende-se em lindas latas acharoadas de 250 gramas por 180 réis e 500 gramas 350 réis.

Pacotes de 250 gramas, 170 réis, 125 gramas, 85 réis, e 100 gramas 70 réis.

Descontos aos revendedores.

O proprietario,

DAVID LEANDRO

CASA FUNERARIA

DE

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

Praça Velha—FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sortido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc.

Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos.

Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

SILVA & FILHO

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — COIMBRA

1.º Ano — ARAZEDE, 3 de Março de 1912 — N.º 2

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 reis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 reis; na 3.ª, 40 reis e na secção respectiva, 30 reis.
Anuncios permanentes contracto especial.
Abatimento de 25 por cento aos srs. assinantes.
Não se restituem os autographos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado

O DEVER

ASSINATURAS

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS. — Ano, 999 reis; semestre, 600 reis; trimestre, 300 reis.
BRAZIL. Ano, 2$000 reis, fortes.
Numero avulso, 30 reis.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — ARAZEDE.
OFICINA DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Tipografia da *Gazeta de Coimbra* — PATEO DA INQUISIÇÃO — COIMBRA.

Director, editor e proprietario — MANUEL DE MELO
Redactor principal — Humberto Beirão

A correspondencia deve ser dirigida ao director deste jornal.

PATRIA E HUMANIDADE

Semanario republicano

Redactores: J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz, Soveral da Rocha e Cruz Gonçalves

Secretario, Augusto Baia — Administrador, Antonio Baia

Ordem e Trabalho

Vamos. Mais um sacrificio. É a lei do eterno agir.

Trabalhar, viver, progredir, iluminar as almas obscurecidas apontando-lhes o caminho da perfetibilidade humana, eis o dever que impele na hóra presente a sociedade culta — a sociedade que sabe sentir e compreendêr que tem olhos na alma e sentimento no coração.

Um grito de revolta da humanidade oprimida que trabalha e que sofre é um passo agigantado para o futuro glorioso e progressivo de uma Patria.

A vida é pesada, triste e dolorosa, e esses gritos de revolta, intimos, são, ao mesmo tempo, muitas vezes, o chôro plangente e a voz lastimosa daquêles para quem a vida não tem alegrias, nem confôrtos, nem suavidades.

Esses gritos são arrancos da alma portugueza sofredôra e ervica, são vozes trovejantes de consciencias que procuram imanciparse, clamôres de quem anceia a Liberdade, protestos de quem reclama uma vida mais ampla e luminosa.

A vida tem espinhos, mas espinhos acerados que ferem profundamente a alma popular, escrava e obscura. O pôvo sofre. Mas, para o pôvo que sofre e que se resigna, que é simples e bom, não ha um gesto de compaixão, nem uma palavra, nem sequer um olhar!

Para quê? Ele é o eterno despresado para quem não ha palavras de confôrto, nem olhares de comiseração. Ele é o pária para quem todos olham com altivez e desdem quando dêle não precisam; é o *pazvobis* a quem estampam a figura no jornal para simples regosijo dos *grandes*.

Das almas que se importam êles?

Ha nações a quem o proletariado merece especial atenção. A Belgica, a Suissa, a Holanda e a Inglaterra, países florescentes, são a prova cabal e iniludivel do que afirmamos e a antitese perfeita de Portugal. Naquelas nações garante-se o trabalho e o pão dos novos, isto é; daqueles que com o seu braço inergico e vigoroso são o esteio da familia pobre. A velhice tem delas uma protecção carinhosa, e a infancia, essa, preparam-na com persistente cuidado e com profundo interesse para a luta pela vida.

E em Portugal? Em Portugal nada se fez outrora e pouca e pouco se tem feito presentemente. Outrora porque a vil ganancia dos govêrnos e a faustuosidade duma côrte de regios usurpadôres em nada mais deixava pensar que não fôsse na grandiosidade e no bem estar proprio. A Patria era esquecida, e o pôvo, a alma da mesma Patria era despresado e escarnecido. Se tentava reagir, manietavam-no; se na plenitude dum direito sagrado clamava estentoriamente pedindo justiça, amordaçavam-no; e se ousava erguer um brado de revolta contra as oligarquias inflamantes que o oprimiam e espesinhavam, encerravam-no no escuro duma prisão aonde não chegava, a mitigar-lhe as agruras da vida, um sorriso da Patria ou uma caricia da familia.

E os govêrnos continuavam na sua marcha imperturbavel e serêna a caminho da vergonha e da ruina. Perisso, pouco se tem podido fazer, presentemente em prol dos proletarios e dos trabalhadoress. Mas, haja esperança.

A Republica é a defensora dos oprimidos, é o simbolo e a incarnação da justiça! Da Republica muito ha a esperar, mas é necessario que todos se unam, que todos os esforços se conjuguem para que éla se torne próspera e proveitosa. O pôvo trabalhador e humilde mais do que ninguem poderá contribuir para o progresso da Patria e da Republica, contribuindo, tambem, por conseguinte para o seu proprio bem-estar. Não é preciso fazêr muito. Basta que êle siga a norma dos povos cultos que querem elevar-se ao conceito mundial. E, para o conseguir, é urgente que ele se deixe de manifestações desordeiras que não elevam uma Patria, mas sim a desprestigiam e rebaixam, tendo sempre em vista que deve sêr cumprido o lêma que a Republica nos impôz e que compete, a todo o cidadão, respeitar: **Ordem e Trabalho.**

HUMBETO BEIRÃO.

Interesses locais

Instrução

Não é Arazêde terra onde se encontrem energias já preparadas para se aplicarem, em dadas circunstancias, a obras em prespectiva, que porventura possam introduzir-se na localidade, com o fim de a engrandecêr e fazêr caminhar. Pelo contrario, Arazêde, a maior freguezia do concêlho de Montemór-o-Velho, é um burgo onde è preciso criar elementos renovadôres e bem equilibrados que, compenetrando-se do verdadeiro sentido da palavra progresso, se empenhem por dar uma parcela do seu esfôrço pera o bom nôme e para a importancia moral da localidade.

Nêste momento havia uma obra de primeira necessidade, de interesse urgente e inadiavel para a freguezia, que com ela muito tinha a lucrar sob todos os pontos de vista: era a construção duma escola para os dois sexos. As casas onde actualmente funcionam as duas escolas de Arazêde são de tal modo impróprias para casas de educação, pela falta absoluta de condições higiénicas e pedagógicas recomendaveis, que só num país ainda divorciado do problêma da instrução, se póde admitir o estado deploravel em que se encontram muitas escolas por êsse país além.

Sem nos prendêrmos com o aspecto acanhado e inestético das duas casas de ensino, com a falta de luz e de ar que em ambas se nota claramente, basta que digamos que, tanto numa como noutra, os alunos vivem apinhados uns sôbre os outros, quando é maior a frequencia, salientando-se este defeito duma fórma mais desagradavel na escola do sexo feminino, onde a maior parte das alunas, no inverno, ficam acocoradas pelo chão, por não terem carteiras ou bancos-mêsas onde se sentem, devido á falta de capacidade da aula, que não comportaria mesmo o mobiliario suficiente; e no verão, tambem pela estreitêza da casa d'aula, e para fugir á temperatura sufocante que nela se desenvolve, vêem-se essas mesmas alunas obrigadas a vir para uma porta de saida que dá para um quintal executar os seus trabalhos escolares!

É isto admissivel? A saúde dos professôres e das crianças corre perigo em escolas desta naturêza, e o bom senso e a lógica mandam remediar estes casos quando êles são de tal gravidade que afectam a consciencia moral de uma população.

Mais vale prevenir que remediar, mas no nosso país ha a fecha antiga de se dar remedio a um organismo no momento em que êle vai entrar em decomposição.

Não se venha ponderar, para o caso conjunto, que não ha dinheiro nos cofres publicos que possa facear as despêsas com a instrução. Esta razão é gratuita, porque, mêsmo por se sabêr que não existe dinheiro para escolas, a junta pa oquial desta freguezia pensou em contrair um emprestimo de dois contos de réis, amortisaveis com o juro das inscrições da paróquia, pelo tempo que fôsse preciso para solvêr a divida. Transmitiu este pensamento aos ilustres administrador do concêlho e governador civil do distrito, e colheu a resposta de que a sua resolução só poderia tornar-se viável, depois de preenchidas grandes formalidades e não podendo a liquidação do emprestimo ir além de 20 anos.

Ora, com o juro de que a junta podia dispôr, era impossivel desobrigar-se do seu compromisso naquêle prazo de tempo, e desta forma, lá vai por água abaixo a bôa intenção da junta, que queria provar duma maneira iniludivel o seu amôr pela instrução e pelo bom nome da sua terra.

Ha ainda a circunstancia agravante do govêrno exigir em questões escolares a intervenção dum engenheiro, que muitas vêzes não entende de escolas, e que só serve para absorvêr alguns contos de reis que o govêrno cai em lhe dar com grave prejuizo para o tesouro.

Sucede desta fórma que uma escola, que poderia importar em um ou dois contos de reis, custa três ou quatro, e nem por isso fica em condições mais satisfatórias para a localidade que com ela é dotada.

Mas o que no meio de tudo isto é para lamentar é que o govêrno ainda hôje faça subsistir êsses processos velhos que dificultam a implantação de qualquer melhoramento a introduzir numa localidade. Diz-se que sem a publicação do código administrativo, não se poderá regular a distribuição dos dinheiros das paroquias para sêrem aplicados livremente a obras de interesse local; mas estão, se isso é condição *sine qua non*, publique-se sem demora o código administrativo para todas as povoações sêrem beneficiadas com melhoramentos.

Por agora, apênas advogamos a causa da instrução em relação a Arazêde. Esta povoação, a mais importante do concêlho, carece duma escola ampla pára os dois sexos. Esta escola pode a junta mandá la construir com dinheiro dos seus rendimentos.

Pois bem; atenda o govêrno a esta circunstancia, lembre-se de que a instrução hôje no nosso país é que faz evolucionar tudo, e resôlva o assunto de maneira a sanar todas as dificuldades e a corresponder aos nossos justos desejos.

Pôsto medico

Acabamos de reclamar em prôl da instrução da fréguezia de Arazêde, que se acha descurada, como se vê, e já outro assunto se ergue de não menor imporiancia a chamar a nossa atenção e a atenção de todos os que se interessam pelos melhoramentos de toda a freguezia: — a criação dum pôsto medico.

Como ficou dito, Arazêde é a fréguezia maior do concêlho, em área e população; e é intoleravel que, numa circunstancia urgente, como repetidas vêzes acontece, os interessados se vejam na dura necessidade de ir a povoações distantes da sêde da fréguezia reclamar socorros dum medico que nem sempre é encontrado em casa, ficando por isso mêsmo mais onerada a bôlsa dos reclamantes.

Ha ainda o caso de ficarem agravados sobremaneira os interesses dos habitantes pobres, que, pela doença dum membro de familia, quantas vêzes têem de contrair emprestimos de dinheiro para com pessoas das suas relações afim de se pouparem ao dissabôr de vêr morrêr de inanição o enfêrmo pobre e miseravel como êles! Doenças ha que tém de sêr tratadas todos os dias por um medico, e é impossivel ás classes pobres terem permanentemente um clinico para debelar essas doenças.

Por tudo isto, e porque é uma necessidade local que de ha muito se vem sentindo em Arazêde, não podêmos deixar de apelar para a actual Comissão Administrativa, convictos de que éla envidará os seus melhores esforços para preenchêr tão grande lacuna, satisfazendo assim ao desejo de todos.

A SEPARAÇÃO

Contrariamente aos votos ardentes dos inimigos da Republica e da Liberdade de consciencia, a lei de Separação da igreja do Estado cumpre-se e executa-se normalmente, sem os conflictos e turbulencias que varios reverendos bispos quizeram provocar, com a ajuda de alguns clerigos aquecidos pelo calôr de beatas ricas e de alguns elementos profanos de rabôna e chapeu de côco. Manifestaram-se em pastorais, em cartas particulares e circulares, tentando aliciar o clero e o pôvo á revolta.

Fizeram tuda o que lhes foi possivel; mas isso tudo esbarrou na força e na severidade da Republica e nos desejos de imancipação democratica existente na alma do povo.

A grande maioria do clero português, por sua parte, compreendeu quais os seus devêres. Compreendeu que a atitude inimiga e rebelde dos bispos obedecia a três impulsos: as constantes injunções do Geral da Companhia de Loiola em cujas mãos está atualmente o Vaticano, desde a morte de Leão XIII; o receio de verem temporalmente diminuida a sua arbitraria e tiranica influencia sobre os padres; e a participação reservada que mantinha quanto ao desejado exito de aventuras restauradôras.

Sabido isto, a grande maioria do clero preferia sêr português e patriota, a servir de joguête a intuitos essencialmente desligados da religião.

De facto, os tempos novos provam que nenhum principio politico ou religiôso se impõe hôje á consciencia dos homens por causa dos seus privilegios.

Pelo contrario, qualquer principio impõe-se e faz-se respeitar e amar, pelo que vale e pelo que significa de justiça, de verdade e de virtude. As ficções acabaram e quem só nelas encontra a sua base de existencia está sujeito a cair no descredito e no ódio dos homens.

Se a religião católica representa efétivamente uma finalidade na moral humana, ela subsistirá por si só, pelo que é, escusando de hipocrezias nem de auxilios do temporal pára cumprir ou realizar o seu fim. Só possue legitimamente dois meios de acção — a virtude e o bom exemplo.

É claro que, se os seus ministros procederem sem a correcção inerente ao sacerdocio, se em vez de paz prégarem guerra, em vez de misericordia e do perdão excitarem á crueldade, a sua religião desacredita-se e arruina-se porque os pricipios ainda que sejam ótimos, precisam de representantes que as exteriorizem em actos e demonstrações.

* * *

Tem se dito e repetido que a lei de Separação não implicava um acto de guerra ao clero, antes procurava exclusivamente pacificar e congregar nos mesmos sentimentos de fraternisação todos os portuguêses. Bom foi que assim o tivessem compreendido, porque se evitaram efeitos graves que por fim só viriam a prejudicar os proprios autôres ou incitadores da provocação. Quem venceria o combate seria infalivelmente a nação, seria a Republica. E é dos livros que, por mais generosos que sejam os vencedores, os vencidos ficam sempre de partido peor depois da... guerra.

Ha tempos lêmos nós um trecho de memorias do marquez de Ferrière, realista *pur sang*, contemporaneo dos episodios da Revolução Francêsa; e diáia que o clero mais qualificado cometera um erro grave, ao pretender detér o movimento revolucionario quanto ás medidas que aboliam os velhos privilégios do primeiro Estado, e que a sua habilidade estaria em transigir e em colaborar mesmo na Revolução, visto não havêr fôrças humanas que pudessem evitá-la, e que, não compreendendo a situação, teve inivitavelmente de sofrêr as perseguições e os ódios populare.

O ensino e o exemplo da historia servem de muito, quando aproveitados, e é possivel que parte do nosso alto clero, que conta alguns espiritos cultos, percebesse que o melhor caminho estaria em deixar-se de pastorais e de provocações á desordem, neutralisando a sua acção dêsde que os seus sentimentos patrioticos não eram bastante intensos, de modo a convencê-lo de que melhor seria cedêr com altruismo do que com egoismo. Quanto ao chamado baixo clero, aos párocos, aos simples padres, quasi todos acatam a lei por dever patriotico e de portuguêses, tendo reconhecido que ela não cuidava de perseguir, mas de equilibrar todos os organismos que vivem dentro do Estado, e tendo ao mesmo tempo ponderado que a atitudo dos bispos era só politica. A lei tem-se cumprido, em suma, na paz e com toda a regularidade. Surgirá mais alguma resistencia?

É possivel. Mas se tal acontecer, é evidente que o govêrno não consentirá que ela se mantenha, nem procurando mantêr-se, deixará de corrigi-la convenientemente.

MARIO SIMÕES DA SILVA

A mulher de Portugal

Docil, intimamente agradavel e gentil, suavemente amorosa, era bem digna de melhor sorte e de maior respeito a mulher de Portugal.

Dôcemente amoravel, bôa educadôra e boa Mãe, ela é quasi sempre a fonte perene onde nós saciamos a sêde ardente da nossa inspiração em horas cantantes de melodiôso extasis.

Ela ensina, incita á luta pela vida, é o exemplo vivo do perdão, da doçura, do amôr.

Em horas amargas da existencia é ela que melhor compreende e mede e pondéra o obismo para o qual, ás vezes, sem dár por isso, o homem caminha a passos largos, precipitadamente, irrefletidamente.

E' analfabeta? E' cérto, quasi não sabe lêr.

Mas o mal já vem de longe, de muito longe, d'ha seculos.

Vae, porem, alto o sol da imancipação humana. E' cada vez mais fundo o sentimentalismo da solidariedade colectiva, e eu vejo já o raiar aurifulgente da idealisada conquista da civilisação da mulher portugueza.

Vem já perto o dia glorioso em que ela deixará de vêr a escrava á mercê de caprichos impertinentes; em que, uma vez compenetrada dos seus sagrados devêres civicos, colectivos e sociaes, enveredará pelo caminho da libertação, de que só falsos preconceitos e teorias falsas a teem trazido arredada.

* * *

Da falta de educação advém sempre os mais nefastos e repugnantes contrasensos.

E a esse mal é que todos, homens e mulheres, devemos obstar.

Saber lêr não é tudo.

E' alguma coisa é certo; é um grande passo caminhado para a logica conquista de melhores dias, para o conseguimento de horas de maior ventura para a aproximação da perfetibilidade e junção de sentimentos e vontades.

Saber lêr não é tudo, mas é já alguma coisa de util, de bom, de imancipador.

Ensine-se a mulher a lêr; leve-se a mulher aos grandes centros a conviver com a sociedade que ela não conhece e julga coisa fantastica; leve-se ás aulas d'ensino superior, prepara-se para envergar uma tôga, para subir á tribuna e falar d'ai ás multidões de modo que ela diga ás mulheres que a escutam a maneira como a felicidade entra n'um lar, e aos homens, como se ama, como se sofre, como se chora e como se ri, mas tambem como as coisas devem olhar-se para, pelo seu prisma verdadeiro, se encararem atravez de lêntes firmes e positivas.

E assim sendo, meus camaradas de luta, meus irmãos no infortunio, a mulher em breve estará onde ha muito devia estar: — no campo dulcificador e fecundo da imancipação humana, do progresso colétivo.

Assim, emquanto nós estranharmos que a mulher passeie só pela rua, vá desacompanhada a casa da visinha, fáça os seus vestidos e as refeições do marido, emquanto nós, homens e mulheres, ainda n'este seculo radiante de progresso, estranharmos que a mulher amamente os seus filhinhos, carne querida da sua carne, fructo d'um momento feliz de caricias e profundos sonhos, a mulher não se imancipará, não se arrancará nunca do acanhado e doentio ambiente em que tem permanecido.

Mas os dias volvem e as horas felizes de sonhos cantantes d'amôr e ternos idilios não voltam mais.

Com eles se vão as esperanças mais fagueiras e ilusorias da nossa vida, cedendo o logar a amargas e cruciantes horas de desdita e pesadêlo.

Os cabelos embranquecem, a péle enche-se de rugas, denunciando tragicas decéções que nos aproximam cada vez mais e mais depressa do coval razo e humilde que á humanidade está reservado, quer o caixão seja feito de ouro, quer ele seja de tábuas velhas, que o tempo implacavel corcomiu desapiedadamente.

* * *

A mulher é muitas vezes a aurora que illumina dôcemente o ceu azul do nosso destino. Comnosco chora e comnosco sofre, comnosco vive e comnosco sonha.

Por isso mesmo é digna de melhor sorte e é digna de maior respeito a mulher de Portugal.

ALMEIDA JUNIOR.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço, ficam para o proximo numero as secções *Charadas* e *Perfis ligeiros*, o folhetim do nosso diretôr e outras noticias e anuncios que tambem não poderam sêr inseridos.

Que os nossos amaveis leitores nos desculpem.

BARÃO DO RIO BRANCO

Surpreendeu-nos dolorosamente a morte do Barão do Rio Branco.

O grande patrióta, que o Brazil acabou ha pouco de perder, era um modêlo de virtudes e um grande exemplo de abnegação. Por isso, todo o mundo o pranteou.

Como intelétual, impunha-se á consideração dos povos cultos; e como diplomata, sabia do seu mistér como poucos. O seu fino tacto politico resalta, pujante, na delimitação do Brazil com o Uraguay, e em muitas outras obras levadas a cabo, sempre com honra para o Brazil. O Barão do Rio Branco éra um dêstes homens que se admiram e que se respeitam. A patria para êle éra o mesmo que a seiva para as plantas. Era a sua mãe espiritual, porque sacrificou o seu ideal politico, dando-lhe o seu esfôrço e a sua inteligencia. Era um verdadeiro patriota; e por isso mesmo, um grande heroi. Não se póde ser heroi, sem se ser um bom patriota. A patria dá-nos alento; o patriotismo inspira-nos coragem. Napoleão, apesar de ambicioso, foi tambem um patriota. Queria alargar a França; queria ser senhor do mundo, mas pela sua ambição desmedida, acabou os seus dias na ilha de Santa Elêna. Comtudo, não deixou de amar a França, conservando sempre por éla um acrisolado amôr. O Barão do Rio Branco soube-se impôr mesmo a toda a Europa, dando-lhe o exemplo do mais acendrado patriotismo. Mas o Brazil, um dia, necessitou do seu esfôrço e do seu saber, e quiz pôr á prova a sua a ma viril e os seu sentimentos de heroi; e Rio Branco, reprimindo toda a dedicação que votava ao imperador, o seu amigo, entregou-se todo ao coração palpitante da Patria, como um filho alucinado ao seio fremente da mãe.

Foi éla que lhe ouviu os primeiros vagidos e lhe acariciava as faces com o seu hálito balsâmico, como uma emanação de mãe extremosa.

E' por isso que devemos colocar a Patria em primeiro plano. A Patria é um pedaço da nossa alma. Quando está em perigo, a nossa alma estremece. Mas Rio Branco fez mais. Amigo intimo do imperador, quando este foi expulso do Brazil, não quiz aderir ao regime republicano, conservando-se assim fiel ao seu amigo. Mas num dado momento a Patria precisa do seu esforço, e ei-lo com a maior satisfação cooperando para o seu desenvolvimento.

Trabalhou com afan para elevar o Brazil ao nivel das nações mais civilisadas, e a Europa olhou assombrada para o patriotismo daquele nobre cidadão. Garacter integro, diplomata de valôr, soube-se impôr pela sua inteligencia á admiração e á estima de todo o mundo.

Pode-se classificar o Barão do Rio Branco com o Thiers Brazileiro. Aquele no Brazil, demonstrou que acima de todas as ideias está o ideal da Patria; êste, na França, atira para longe com todos os preconceitos. abraça a causa republicana e livra a França duma tremenda guerra civil, sendo presidente da Republica. Ambos se sugestionaram pela mesma ideia e ambos se sentiram patriotas. Exemplo do mais alto patriotismo deram ao Mundo estes dois homens, que, repelindo com energia a ideia que os dominava abraçaram a Patria, oferecendo-lhes as suas vidas. Fez mais ainda o Barão do Rio Branco.

Quando redactôr da Nação; pôz a sua pêna e a sua inteligencia ao serviço da libertação dos filhos escravos, conseguindo vêr os seus esforços coroados do melhor exito. A raça prêta e mestiça, sujeita ao açôite e ao azorrague dos seus senhores, pôde vêr a aurora da Liberdade, sendo daí em diante considerados esses escravos como cidadãos livres. Em tudo se revéla a grande alma dêste denodado patriota. A perda do Barão do Rio Branco, não foi porém sentida apenas no Brazil, a sua patria querida, foi tambem sentida em Portugal, onde conta ainda muitos devotados admiradores.

Portugal perdeu em Rio Branco um grande amigo e foi ele quem num amplexo fraternal estreitou o povo português, depois de implantada a Republica.

Foi o Brazil que primeiro reconheceu a Republica Portuguêsa, devido á amisade que o extinto Barão do Rio Branco consagrava ao pôvo português. Por isso o heroico pôvo Portugês, chora o Barão do Rio Branco, e a Republica Portuguêsa se cobriu de crepes ao saber do seu casamento.

E nós, dêste canto humilde de Portugal, enviamos, embora já tarde, o nosso sentido preito de homenagem ao pôvo irmão, ao pôvo brasileiro, que sente como nós a pêrda irreparavel do grande amigo de Portugal, que foi o Barão do Rio Branco.

OS DESERDADOS

A mendicidade é flagrante e resalta d'uma forma entristecedora em todas as nações do mundo ainda as mais cultas e prosperas, se bem que o mendigo seja uma parcela da humanidade, desprotegida é certo, mas merecedora da nossa comiseração e do nosso amôr tanto mais intenso quanto o mendigo é a incarnação viva das sociedades moribundas.

Na America, na França, na Alemanha e na Holanda a estatistica da mendicidade é ainda assim, comparativamente com Portugal, muitissimo menor. E' que nestas nações a vida e o trabalho são encarados d'uma forma mais sublime, pois são tendentes, á imancipação dos espiritos, á marcha evolutiva da humanidade que quer sêr livre e prospera, que procura o Bem e que sonha d'uma maneira intima a aproximação e confraternisação dos povos ainda submersos nas trevas densas do obscurantismo e da superstição.

A humanidade em luta degladia-se com a miseria social que vae avassalando assustadoramente todos os paizes de maior folego nacional. Ha mendicidade que degrada, mas ha mendicidade que comove e purifica, porque na alma dum mendigo, rôto e desprezivel desabrocham muitas vezes como num brejo, florações de luz e de heroismo.

Entristece nos sempre que de nós se abeira um desprotegido da sorte, um martir do infortunio, porque n'ele se espêlha, algumas vezes a imagem sublime do perdão e do amôr.

Muitos repelem-nos. Nós sentiamos-nos bem com a sua presença.

Andrajosos, humilhados, semi-núS, eles vão andando vergados ao pêso da sua humildade e da sua desdita n'uma perigrinação continua atravez d'um ambiente, calido e impregnado de sofrimentos e de imprecações. Mas no meio do seu infortunio teem muitas vezes momentos lucidos de heroismo e de bravura. Quantas vezes os vêmos dissimularem manifestações de oprobrio revestindo todo o seu ár de acanhamento e de apreensão com uma atitude ficticia de coragem e de desafio impulsionados unicamente pela ideia obsecadora que os persegue e que os calcina: — a Fome!

Apesar de tudo devemos repeli-los porque são andrajosos, porque são importunos, porque são emfim uns verdadeiros troglóditas sem lar e sem pão, sem confôrto e sem carinhos, sem o abrigo acariciador d'uma mãe amiga ou o arrimo d'uma sociedade egoista que pretende dominar-nos e que quer a todo o custo triumfar?

Oh! nunca!

Eles são como nós parcelas da humanidade que sofre e necessitam de encontrar almas, muitas almas que so abram generosamente a recolher esses vermes perdidos á mercê impiedosa do Destino. Nem por serem andrajosos e mendigos devem ser repelidos por nós.

E' certo que os ha que não necessitam e que fazem da mendicidade e um mercantilismo que desnobilita.

Outros ha cuja saude e cuja robustez poderiam sêr aproveitados em beneficio d'uma Patria exausta de muitos braços e de muitas energias como se encontra a nossa Patria! Porém, esse mal já vem de longa data e nós não temos a pretenção de a reabilitar d'um momento para o outro.

E' necessario, porém, que opulentos e mendigos, se compenetrem dos seus deveres civicos e que enveredem pelo caminho da Honra e do Devér.

Assim Portugal será orgulhoso e se colocará ao lado das grandes nações do mundo que marcham para a conquista da imancipação social.

Mario Simões da Silva

Por conveniencia de paginação não póde saír em fundo o brilhante e bem ponderado artigo dêste nosso prestimoso e amavel colaborador.

Que êle nos desculpe.

Aberrações da Natureza

São constantes, ainda neste seculo de imancipação e progresso, os crimes repugnantes praticados par selvagens sem alma nem coração, sem pundonôr e sem sombra de critério, que profundamente envergonham a espécie humana, deixando-nos vêr com dolorosa magoa, o atraso do nosso bom pôvo e a sua falta de compreensão dos bons principios de humanidade.

Referimo-nos ao repelente e inqualificavel crime de estúpro praticado em 10 de Janeiro, por Manoel Rosa Pereira de Almeida, de Lorvão, e atúalmente residente em Coimbra, na menor de 10 anos, Maria do Rosario, filha de Tereza de Jesus Monteiro, de Castelo Viegas, entregue agora ao poder judicial.

A Terêza de Jesus, creatura de deshumanos sentimentos, responderá perante a Justiça, por ter sido conivente em outros crimes da natureza do que estupidamente foi vitima esta sua filha.

Que a Justiça seja impiedosa e inclemente para os dois criminosos.

A horrorisar mais o nefasto atentado, está o triste facto de a pobre creança ter recolhido, ha dias, ao hospital, em estado grave e contaminada de doença contagiosa, estado lastimoso em que a deixou o preverso criminoso.

CAFÉ DISTINTO

E' o mais forte e aromatico.

Visitas

Estiveram entre nós, dando-nos o prazêr da sua visita, os nossos presados assinantes e anunciantes, de Coimbra, srs. David Leandro e Manoel Pereira Junior.

Muito obrigados.

Aniversario

Passa amanhã o anivessario natalicio do nosso inteligente colaborador literario, sr. Joaquim Faria Correia Monteiro, a quem por tal motivo nós abraçamos com satisfação.

CASOS DA SEMANA

De viagem

Regressaram do Porto, para onde haviam partido a tratar de negocios particulares, o nosso querido companheiro de lucta, sr. Humberto Beirão e seu cunhado o sr. Julio de Carvalho Neves, os quais abraçamos comovidamente.

No leito

Está gravemente enferma a espôsa do nosso prezado assignaute, sr. Luís Alves da Cruz, deste logar.

Desejamos-lhe prontas melhoras.

Navio a pique

Mais um navio de guerra acaba de desaparecer nas glaucas entranhas do Oceano Atlantico.

É mais uma má nova a registar e uma lacuna a preencher na marinha de guerra portuguesa, já de si bastante diminuta.

Ha mêses foi o *S. Rafael*, agora é o *Faro* que em virtude dum abalroamento nos deixa, para sempre, arrastando consigo para o vortice das ondas o seu capitão e outros marinheiros.

Lastimamos profundamente semelhante desastre, tanto mais quanto nos lembra as despêsas que semelhante falta vai acarretar ao nosso pais.

Greve dos mineiros londrinos

Declararam-se em greve, segundo os jornais inglêses chegados ante-ontem, perto de 900.000 mineiros inglêses.

E' a luta do trabalho contra o capital explorador. E' a fome cruel invadindo o lar dos pobres, dos que passam a vida a trabalhar e a produzir, nunca chegando a ter uma fatia de pão para seu sustento, senão á custa de muitos sacrificios, de muitas canceiras e relações.

Algumas companhias de caminhos de ferro anunciaram já redução de serviços, por falta de combustivel para as suas locomotivas.

O governo inglês, patriota e sabedor, liberal e ponderado, está tratando com carinhosa atenção de resolver o problema como fôr de justiça, não esquecendo o proletariado, a quem, afinal, os Estados devem uma boa soma de suas propriedades.

Que tudo se resolva a bem.

Os ferro-viarios de Portugal

Exemplo de civismo

Classe numerosa e humilde, os ferro-viarios portugnêses são, alem de tudo, patriotas e pacientes.

Com uma resignação evangelica, êles sofrem todas as vicissitudes da vida.

Olhos postos num futuro mais risonho e prospero, eles lá vão andando, moirejando de dia e de noite os meios da sua subsistencia, muitas vezes sem confortos e sem carinhos, outras vezes desgostosos e ralados de tanto labutar sem nada terem.

Era tempo de o publico se interessar pelo bem duma classe tão prestimosa como é a ferro-viaria.

Mereceu éla ha dias a honra de discussão parlamentar, mas pena é que o deputado, que ao lado dos ferros-viarios se pôz, não haja sido por eles levado ao parlamento português, eleito por eles, por eles escolhido para patrocinar junto do govêrno a sua causa justa, que é a causa dos oprimidos, dos honesto labutadores, daqueles cujo pão é ganho á custa dum trabalho insano e mortificador.

O exemplo nobre de civismo e educação intelectiva que eles nos deram por ocasião das recentes *gréves*, hão-de ficar gravadas em létras douro nos anais da vida do prolétariado português, como prova de béla conduta e ótima orientação associativa.

Este semanario ha de, por certo, colocar-se não só ao lado dos ferro-viarios de Portugal, como de todos aqueles que no Trabalho procuram o pão, e na Ordem o bem-estar colétivo.

Um amigo dos ferros-viarios.

Saul da Cunha e Silva

Acaba de sêr vitima dum lamentavel desastre este nasso amigo e inteligente ferro-viario, que no exercicio das suas funções foi colhido por uma máquina na estação de Torre das Vargens, ficando com as duas pernas completamente decepadas.

Lamentamos profundamente tão triste ocorrencia, que consternando dolorosamente os seus, nos encheu de profundo pesar a nós, sens amigos e admiradores.

É, a maior parte das vezes, o tragico futuro dos que moirejam dia e noite nas lides ferro-viarias para proverem á sua sustentação longe da familia querida e do convivio intimo de seus amigos.

Saul da Cunha e Silva é um novo que bem depressa, quando a vida lhe sorria por entre goivos de esperança e auroras prometedoras dum risonho futuro, se vê privado delas, duma fórma cruel e inumana imposta pelas rudêsas dum destino tragico.

A seu bom irmão, o nosso querido amigo, sr. Antonio Cunha e Silva, zeloso chefe de escritório da 3.ª divisão dos Caminhos de Ferro Portuguêses, a quem o facto dolorosamente feriu, e a toda a sua familia, enviamos um estreito e comovido abraço de intimo pezar.

CARTAS DE QIRO

A nossa gentil colaboradora D. Elêna de Castro, responderá, nesta secção a todas as pessôas que lhe fizeram perguntas por meio de carta, dêsde que não demandem resposta muito longa, devendo toda a correspondencia sêr lhe dirigida para a redacção de O *Devér*.

LAURA

Não, minha gentil consulente, não me incomoda absolutamente nada.

V. ex.ª dá-me muito prazer enviando-me sempre as suas cartinhas.

Á sua pergunta é impossivel responder de pronto, pois que pelo nome que me dá não conheço a pessoa a que se refere.

Será bom informar-me melhor.

JULIO

Eu não faço excéções. Estou pronta a responder a tôdos aquêles, que, como V. Ex.ª, se me dirigem, amavel e delicamente.

Conheço a menina a que se refére, já de longa dáta, sem que, todavia, tenha com éla intimas relações. No entanto sei que é bondosa, delicada e bastante instruida. Torná-lo-há feliz por certo. A oferta é a gôsto de V. Ex.ª, todavia é habito oferecêr-se o vestido.

Não me incomóda nada.

POETAS E PROSADORES

AO MÁR!

II

E a terra vem bebêr ao már, soffregamente,
Durante a noite toda, as lendas de outros dias...
— Oiço vozes no már que cantam, vagamente,
Propheticas soando, heroicas agonias!

— Recordar, recordar! — oiço distinctamente —,
— Apparelhae depressa as vélas alvadias!
— O már está calmo agora e espera, docemente,
Podêr beijar de novo as velhas moradias,

Heroicas, navegando armadas em terror!
— Ao már, Almas de luz! Um sonho novo accende
No peito, o nosso antigo e não descrido amor!

— Olha as nuvens no ceu! Vamos luctar, soffrêr
No már! E porque a morte a fama ao nome prende,
Sendo filhos do már, vamos no mar morrêr!

E. F. Gomes Tomé

(Do livro *Feixe de Sonhos*)

A MENDIGA

Encontrei outro dia uma mendiga á beira duma estrada. Estava descalça, esfarrapada, deitada no caminho, a mão estendida num gesto de suplica e os formosos olhos numa sublime expressão de dôr.

Ia a dar-lhe esmola, indiferente, mas de subito parei num movimento de admiração, ao ver a surpreendente belêsa da pobresinha.

Os pés eram pequenos, muito brancos, uns pés de fada que em noites de luar caminha sobre rosas e as não desfolha.

As mãos muito finas, muito rosadas, terminando nuns braços muito bem feitos, que uns trapos esfarrapados deixavam a descoberto.

Nos olhos dum azul celeste, muito meigos, muito dôces, havia aquéla expressão de amôr que tinham os de Madaléna, quando o Cristo pecou; duas lagrimas deslisavam-lhe pelas faces, como ao sôpro da brisa as lagrimas da madrugada deslisam pela rosa.

Os cabelos castanhos caiam-lhe sobre os hombros de neve em ondas pequeninas e indiscretamente, entrando pela blusa rota, iam beijar-lhe o seio de alabastro.

*

Ao longe, no campo, cantava a toutinegra.

E a mendiga chorava.

E ao mesmo tempo entreabria os labios num sorriso triste de dôr e de amargura.

Aquêle sorriso e aquélas lagrimas geraram na minha alma um mundo inteiro de poesia e de amôr.

Dôcemente, como a brisa que cicia entre as pétalas duma flôr, um suspiro lhe perpassou nos labios; e aquêle suspiro arrebatou-me a esmola: — o coração.

Corrêa Monteiro

GRITOS D'ALMA

A humanidade

Os humildes, os filhos da mizeria e do *nada*, aquêles que para agazalhar teem só velhos farrapos sem valôr, são mnitas vêzes desprezados pelos grandes, pelos poderosos da Terra.

Mas a morte, implacavel e cruél, transformadôra impenitente dos séres e dos costumes, não distingue ricos nem pobres no seu caminho desvastadôr.

A vida

A vida não se compreende.

Quanto mais a prescrutamos, quanto mais lutamos procurando embrenharmo-nos seus misterios profundos, tanto mais nella encontramos sempre que sabêr e que estudar.

Nossos pais ensinaram-nos a vivêr.

Mas no caminho rigoroso e desapiedado do tempo encontrámos mil obstáculos com que nem eles decérto contavam, nem nós fomos capazes de vencer, enveredando por caminhos tortuosos.

Tiveram êles a culpa?

Não. E não, porque eles choram comnosco o nosso infortunio, o nosso mau passo andado.

Almeida Junior

Café Distinto

E' o que maior aceitação tem oblido no mercado.

CARTA

Recebemos a seguinte:

Santo Varão, 26. — Sr. Director. — Acaba de me chegar ás mãos o jornal que brilhantemente V. dirige e nele deparo com uma corresdondencia d'esta povoação a qual diz que, no ultimo casamento feito na egreja de que sou humilde párocho, eu afirmara que o casamento civil não tem valor.

Apelando para a lealdade jornalistica de V., rogo-lhe o favor de publicar o desmentido seguinte:

Não é verdade ter feito tal afirmação, como podem dizer todas as pessoas de são criterio e honestidade que a esse casamento assistiram. Eu assumo sempre a responsabilidade dos meus actos profissionaes e não tenho culpa de que as minhas palavras se jam deturpadas ou malsinada a minha intenção.

O que eu disse foi que o registo civil do casamento era um contracto que, amanhã ou depois, pode ou não ser anulado segundo se derem ou não umas certas e determinadas condições exigidas pela lei, ao passo que o casamento catolico, como sacramento que é, era indissoluvel. Foi isto o que disse. E se dizer isto é crime, então sou um criminoso e como tal devo ser punido. Se o sr. correspondente assistisse ao acto, eu estou certo de que não lançaria á publicidade tal noticia, porque é falsa. Foi mal informado.

Como é que eu podia fazer tal afirmação, se o registo civil é o unico válido para os efeitos civis?

Era preciso que tivesse perdido o uso da razão ou que á força quizesse ser martir. Sei bem até onde vão os meus deveres quer de párocho, quer de cidadão, e o actual presidente da comissão Municipal, sr. Albino de Noronha, que é pessoa insuspeita, poderá dizer se é ou não verdade que eu, nas minhas predicas religiosas a que por ventura sua Ex.ª tenha assistido, tenha sempre aconselhado aos meus parochianos o respeite pelas leis do regime vigente e nomeadamente pelas do registo civil. Sabe Deus até quantos esforços tenho envidado para desfazer do espirito popular a má impresão produzida por essas leis. A correspondencia não me assustou, porque tenho a consciencia tranquila e serenamente aguardo a investigação para no tribunal provar aos meus detractores a falsidade da acusação, assim como me será facil provar que as leis da Republica n'esta freguesia teem sido letra morta. Sa ha transgressores das leis, não sou eu, mas aqueles que tinham por obrigação serem seus fieis executores. Por emquanto é o que me compete dizer. Era bem melhor, sr, director, que tratassem de consolidar as actuaes instituições pelo socego e paz dos espiritos do que, por um *trop, de zèle*, crearem-lhe embaraços. Deixem em paz quem da politica nada quer, nem pretende. Sobre o meu grande crime a ninguem pedi, nem peço protecção. Aos tribunaes apenas pedirei justiça.

Pela publicação d'estas linhas se confessa muito grato o que é,

Padre João Gomes Pinto

*

Vêmos com prazer que o sr. padre Gomes Pinto não desmente o nosso presado correspondente, antes, afirma na sua carta que dentro da igreja e em pleno áto nupcial, se ocupou das leis da Republica, com argumentos bem pouco airosos para as novas instituições, que como cidadão e como páraco teria o dever imperativo de defender, porque assim defenderia os seusinteresses e conseguintemente os interesses colétivos dum pôvo que quer imancipar-se.

Tambem o sr padre Pinto afirma que a ninguem pediu protêção, e a nós, é-nos dolo oso ter agora que dizer aos nossos bons leitores, que no poder judicial, junto aos documentos do respétivo processo, se acha uma carta de recomendação de pessoa considerada, dirigida ao sr. regedor de Santo Varão.

De resto a Justiça saberá resolver o assunto com a acostumada imparcialidade e criterio, que tão peculiar é aos intejerrimos magistrados portuguêses prometendo nós não voltar a este assunto, porque as colunas do *Dever*, estando ao lad do pôvo, dos humildes filhos do trabalho, não podem continuar á mercê de coisas desta natureza

O nosso fim é unir, e lamentamos profundamente que tal facto se haja produzido.

Contra o sr. padre João Gomes Pinto, aliaz inteligente e culto, não nos move ninhuma animadversão, porque nós temos por norma o respeito por crenças alheias.

Centro Republicano Democratico de Coimbra

Efectuou se no passado domingo, 25, a eleição para os corpos gerentes deste Centro, que o hão de administrar, tanto financeira como politicamente.

E' mais um famoso baluarte para a defêsa dos verdadeiros principios republicanos, orientação necessaria para elevar a nossa nacionalidade ao nivel que lhe compete.

Os estatutos dêste Centro são baseados nos principios da mais pura democracia. Lá está consignada a obrigação de instruir o povo, ministrando-lhe a educação civica de que tanto carece, em harmonia com as forças do seu cofre.

Eduque-se o povo e êle saberá camprir com os seus deveres de cidadão, emancipando-se da tutéla degradante a que o seu senhor o acorrenta.

Eduque-se o povo, repetimos, esse servo da glebe, tão desprezado, mas que tudo produz com o seu suor; esse bom povo, que é a força viva da nação, e êle tambem saberá mandar, repelindo com o maior desprêso as imposições que não estejam a caracter dum cidadão livre.

E' para esse caminho que a Republica nos conduzirá num futuro mais ou menos proximo e que tão necessario é.

Para o referido Centro foi eleita uma comissão politica composta de 16 membros, para dirigir e organizar a politica do distrito, criando, para esse fim, sub-comissões em todos os concelhos e freguezias, que em breve serão instaláda.

Da comissão politica sabemos nós que fazem parte dois nossos amigos por quem temos a maior consideração.

Bastante prazer temos em registal-o.

Um, o nosso conterraneo, o sr. José Mauricio d'Oliveira, companheiro d'infancia d'alguns de nós, velho republicano que tanto trabalhou para a criação e organisação deste Centro, visto que fez parte da comissão iniciadora, e até ás eleições fazia parte da comissão administrativa, eleito pela assembleia geral; e o outro é o sr. tenente José Maria de Sousa de Napoles, honra do exercito português, proposto deputado ás Contituintes e que conta neste concelho grande numero de admiradores do seu belo caracter, e que jámais esquecerão a maneira correcta, independente e leal como administrou, infelizmente por pouco tempo, o nosso concelho, tendo tambem como dedicado cooperador o nosso bom patricio o sr. Mauricio d'Oliveira, na qualidade de seu secretario.

Foi pena que a candidatura do sr. tenente Napoles não vingasse, porque s. ex.ª, como homem de bem e compreendedor dos seus direitos e deveres, poderia prestar no parlamento otimos serviços á Patria e á Republica.

Ezequiel

CORRESPONDENCIAS

Figueira da Foz, 28 8 912. — Está despertando grande interesse na *élite* figueirense, o lançamento á agua do fugre *Golfinho*, que se realisa no proximo domingo, 3.

— Retirou para Lisboa o sr. João de Quadros, digno tenente da marinha de guerra portuguêsa, que já aqui exerceu por duas vezes, o dificil cargo de capitão do pôrto Oxalá que não seja a ultima ves que aquele sr. que aqui exerça tão espinhosas funções.

Pela maneira como se interessou pelos assuntos do seu cargo, soube conquistar as simpatias do pôvo desta cidade.

Teve uma carinhosa despedida por parte dos seus maiores amigos.

— Segundo diz a *Gazeta da Figueira*, o presidente da Camara dos deputados sr. Aresta Branco, conferenciou com o ministro do Fomento, sr. Estevão de Vasconcelos, ácerca da necessidade de construir o porto desta cidade, cujos estudos já se encontram concluidos, afim do mesmo porto servir todas as linhas internacionais. O sr. Estevão de Vasconcelos, ficou de estudar o assunto.

Será desta vez que se arranja o pôtro e a barra da Figueira, que em tão lamentavel estado se encontram?

Vamos a ver!

— Faleceu ante-ontem nesta cidade a s.ª D. Justina Duarte Coêlho. — *A. d'Oliveira Guerra.*

*

Guimarães, 29. — Ao iniciar as minhas correspondencias para *O Dever*, saúdo o seu corpo redatorial e colaboradores, na pessoa do meu correligionario e amigo, cidadão Manuel de Melo, propondo-me defender os sãos principios da Verdade, da Justiça e do Direito e combatendo com amor e carinho peios interesses do operariado e dos oprimidos, para que cada um seja um cidadão livre, e deixe de ser vitima da ganancia e e peculação da burguezia.

Portanto, preparemo-nos para o internacioualismo e para a evolução da Patria.

— No *Salon Étoile*, ao largo da Republica do Brazil, tem-se exibido lindas sessões animatograficas.

No preterito domingo a emprêsa, Abreu & Menéses, apresentou-nos as fitas *Roza Azul* e *Clow medico* (drama) que agradaram.

A casa regorgitava de gente.

— Ontem, ao declinar da tarde, ao passarmos pela rua 5 de Outubro, como fossemos a ler *O Mundo*, uns discolos sem nome, filiados nas hostes daquêles portuguêses sem Patria que alem-fronteiras querem vender ao estranjeiro este bendito torrão, apodaram-nos de *jacobino* e *carbonario*, o que lhes valeu um bom par de pontapés.

Guimarães, Guimarães, que ainda tens um cérebro pequenino e inculto...

— No passado domingo suicidou-se, atirando-se dum telhado á rua, o comerciante desta cidade Abilio Alfredo da Silva Cunha, de 64 anos de idade, tendo morte instantanea. — *V. B.*

*

Montemor-o-Velho, 27-2-912. — Esta vila, cuja origem se perde na noite dos tempos, foi noutras éras teatro de celebres tradições historicas. Para o atestar bastaria não só a historia, mas seu velho e suntuoso castelo, que apesar de em parte destruido pela acção desvastadora dos tempos e tambem pelo camartelo de barbaros inconscientes, revela ainda bem nitidos, saudosos vestigios da sua primitiva magnificencia.

Foi esta vila berço de verdadeiras notabilidades, que, pela sua prodigiosa actividade e inteligencia souberam honrar a terra que lhes deu a origem.

Dificil, senão impossivel se me afigura traçar aqui, mesmo ligeiramente, os perfis biograficos de todas essas entidades.

Nasceu aqui o celebre poeta Jorge de Montemor, assim como o dr. Joaquim Alves de Sousa e dr. José Galvão.

O glorioso poeta nasceu em 1520, e a sua vida foi uma rêde de perseguições e infelicidades. Teve, como Camões e Dante, a sua dama a quem pedicou algumas das suas poesias, que depois publicou com o nome de Diana, Esta obra foi por tal forma acolhida pela opinião publica desse tempo, que dela fossem extraídas cinco ediçees.

Escreveu ainda outras obras, dentro as quais se destaca *Pyranno e Tysbe*, e morreu em 1561, quando compunha um poema alusivo ao descobrimento da India Oriental.

São dos nossos dias o dr. Joaquim Alves de Sousa e o dr. José Galvão, de saudosa memoria.

O dr. Alves de Sousa, de origem humilde e plebeia, conseguiu formar-se em Direito na Universidade de Coimbra, e por seus altos e reconhecidos dotes inteletuais foi elevado a professor da mesma Universidade. Publicou alguns livros de estudo, destacando-se dentre todos a *Gramatica latina* e um *Tratado de filosofia*.

O dr. José Galvão, esse vulto proeminente, a quem Montemór deve a maior parte dos seus mais belos melhoramentos, morreu, e creio que morreram com ele, a felicidade dum povo e a prosperidade duma vila.

O que tem sido Montemór depois de morto o seu saudoso representante? Um desprotegido enxame de abelhas a quem falta a abelha mestra; um labirinto de intrigas e odios pessoais, que, mantendo-se, serão a origem não só do seu desprestigio, mas do seu possivel aniquilamento.

Homens como o dr. José Galvão ha muito poucos. Esse lutador invencivel, a quem devemos os suntuosos edificios dos Paços do Concêlho e Hospital Novo, sacrificava a sua saude e não raras vezes o seu dinheiro em beneficio da sua terra.

Hoje não acontece assim; sacrificam a vila e seus habitantes em prol de vaidades e ambições pessoais.

— Por falta de maioria, não houve sessão de Camara no penultimo sabado, 24 do coorente.

— Encontra-se nesta vila, acompanhado de sua ex.ma esposa e filha, o nosso estimado amigo Fernando Pena, digno aspirante de finanças em Gavião.

— Já retirou para Coimbra o nosso dedicado amigo Mário Augusto Mata, distinto aluno da Universidade. — *Kene-Muene.*

ANUNCIOS

FABRICA DE BOLACHAS E BISCOITOS
— DA —
ESTRELA
Couraça da Estrela, 1 a 15 — COIMBRA

Esta casa é que melhor fabríca e vende em melhores condições.

O PROPRIETARIO
MANOEL PEREIRA JUNIOR

CASA

Arrenda-se uma, a pessoa decente, bem como duas propriedades de semeadura a quem dér garantia.

Quem desejar arrendar dirija-se ao redactor principal deste semanario, em Arazede.

Telegramas: Abilio Lagôas

ABILIO LAGOAS

TELEFONE, 295

54, Praça do Comercio, 55—COIMBRA

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da companhia de seguros Comercio e Industria. Comissões e consignações

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Paris, Londres, New York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

CERAMICA EXCELSIOR

FUNDADA EM 1903

Lacerda, Figueiredo & C.ª, Limitada

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez

Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, olarias, etc.

Agente no Zambugeiro — JOAQUIM COCA JUNIOR

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÉ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73 — FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal.

Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

Praça 8 de Maio, 73-74 — FIGUEIRA DA FOZ

Fortunato Vaz

CAMARNEIRA = CANTANHEDE

Agente da casa O HERALD & C.ª, de Lisboa, Porto e Pampilhosa, para venda de adubos quimicos e organicos nas regiões da Bairrada, Gandara, Aveiro, Coimbra e Beira Alta

HEROLD · TREVO DE 4 FOLHAS · MARCA REGISTADA

Os adubos de HEROLD, os mais conhecidos e acreditados, devem ser preferidos por todos os lavradores. Tem as marcas registadas, FOICE e TREVO DE 4 FOLHAS.

Para os vinhedos e milharaes aconselhamos além das marcas especiaes, CAL AZOTADA conjuntamente com FOSFATO TOMAZ e KAINITO.

Para as batatas as marcas especiais FOICE HEROLD, e purgueiras dão um resultado magnifico.

Depositos em

Cantanhede — Mogafores — Oliveira do Bairro

Dirigir por postal a

FORTUNATO VAZ

CAMARNEIRA — CANTAHEDE

CESAREO HERNANDEZ

COM

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Tipografia da GAZETA DE COIMBRA

Pateo da Inquisição, 27—COIMBRA

Encarrega-se da composição e impressão de jornais, revistas, bilhetes de visita, fáturas, memoranduns, livros, rótulos para farmácia, mapas, etc., etc.

LOJA DO POVO

Mercearia, ferragens, fazendas brancas e papelaria

Deposito de tabacos e papeis Duc, Lecosmopolite, etc., para cigarros

Fosforos de cera, amorfos, sabão, etc.

Desconto da tabela da companhia dos tabacos e fosforos.

Vendas por junto e a retalho

BERNADO GONÇALVES FERREIRA

Montemór-a-Velho

Manuel d'Oliveira Junior

Rua da Republica 84 a 88

FIGUEIRA DA FOZ

Compra madeiras em todas as dimensões e pinhaes em qualquer parte do paiz.

Encarrega-se de fornecimentos de madeiras para Portugal e estrangeiro.

Tem na Figueira da Foz, depositos de madeiras, em taboas, vigas, travessas, sualhos, etc.

Quem quizer vender madeiras, dirija-se em carta ao escritorio, que receberá em seguida uma uota de preços.

Pagamento, á vista da fazenda

Antonio José Abrantes

Alfaiate e mercador

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta

164, Rua do Principe, 168

FIGUEIRA DA FOZ

Sucursal em Leiria, Praça das Galinhas, sob a firma Abrantes & Genro.

Sortido em fazendas de lã e algodão, nacionais e estrangeiras.

Varinos d'Aveiro, capotes á cavalaria e gabões para homem e creança.

Encarregam-se de qualquer encomenda para fora da terra.

Faz os mercados de Montemor-o-Velho, Guia e Monte Redondo, onde pode ser procurado pelos seus freguezes de fora da Figueira e Leiria.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque êle tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

Domingos Lino Gaspar

Armazem e oficina de moveis e estofos, mobilias completas, colchoaria e camas de ferro. Oleados, baguetes e muitos outros artigos.

128, Rua do Principe, 130

Figueira da Foz

CASA FUNERARIA

DE

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

Praça Velha—FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sortido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc.

Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos.

Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

INSTRUCÇÃO COMMERCIAL

(Collegio Mondego)

Plano de estudos: — Munir os alumnos de conhecimentos praticos immediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funcções de empregados do commercio, industria e banco, supprimindo-lhes a pratica nas casas commerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenographos, dactylographos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e nocturnos de contabilidade, escripturação mercantil e caligraphia

INSTRUCÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

SEXO FEMININO

1.º e 2.º grau: linguas, sciencias e letras, lavores, musica, desenho, pintura, commercio e economia domestica

P. DA INQUISIÇÃO

O director, DIAMANTINO DINIZ FERREIRA

TRIPA

Deposito da casa Anjos e C.ª

João Vieira da Silva Lima — Coimbra

Café Distinto

Provae e vereis o resultado.

SILVA & FILHO

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — COIMBRA

1.º Ano — ARAZEDE, 15 de Março de 1912 — N.º 3

PUBLICAÇÕES

Annuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 reis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 reis; na 3.ª, 40 reis e na secção respectiva, 30 reis.
Annuncios permanentes contracto especial.
Abatimento de 25 por cento aos srs. assinantes.
Não se restituem os autographos.

Annunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado

O DEVER

ASSINATURAS

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS. — Ano, 999 reis; semestre, 600 reis; trimestre, 300 reis.
BRAZIL. Ano, 2$000 reis, fortes.
Numero avulso, 30 reis.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — ARAZEDE
OFICINA DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typographia da *Gazeta de Coimbra* — PATEO DA INQUISIÇÃO — COIMBRA.

Director, editor e proprietario — MANUEL DE MELO
Redactor principal — Humberto Beirão

correspondencia deve ser dirigida ao director deste jornal.

PATRIA E HUMANIDADE

Semanario republicano

Redactores: J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz, Soveral da Rocha e Cruz Gonçalves

Secretario, Augusto Baia — Administrador, Antonio Baia

Familia republicana

No tempo da negregada monarquia, julgavamos nós que apênas a aurora do nôvo ideal despertasse triunfantemente no horisonte do nosso país, nenhum dos homens que propagandisavam a doutrina republicana se dispersaria para enveredar por caminhos opostos áquêles que haviam sido traçados com uma rigidêz e com uma inalteravel linha de ponderação. Não pensávamos sequer que, corridos poucos mêses, devia rebentar dum tronco comum, colossal e a principio indivisivel, vergonteas tão diferentes na essencia, alimentadas por seivas diferentes e de efeitos tão dissemelhantes que não garantem a maxima vitalidade ao tronco virgem, potente e estável, apesar de tudo.

A formação de partidos no prelúdio dum regime que alveja a democratisação do país, foi, além de importuna, inaceitavel no actual momento e na epoca presente. Nós não queriamos a divisão dos homens no começo duma vida politica, que prometia sêr nova nos processos, na orientação, no *modus faciendi* indicado pelos marechais das ideias republicanas e sancionado pela maioria do país que compreendia e acalentava no seu intimo o principio da Igualdade. Desejavamos antes que todos, grandes e pequênos, na posse duma resolução firme e inabalavel, abafasse os seus impulsos apaixonados, recalcasse nos arcanos da alma os seus sentimentos de interesse, de egoísmo ou de vaidade mal contida, e, num pensamento alto, que abrangêsse a felicidade da Patria e o bem-estar de todos os cidadãos, mantivessem as suas virtudes democraticas e as suas convicções republicanas.

A Republica não se fez para que nela se desenvolvêssem e tomassem incremento as mêsmas dissensões, as mêsmas lutas agitadas que surgiram na monarquia e a tornaram aviltante, precipitando-a depois num abismo de lama. A Républica fez-se para expurgar de êrros e de vicios o país contaminado pelos actos da monarquia, e para que todos, na inteira compreensão dos seus direitos e devêres, pudessem comungar das mêsmas vantagens e de iguais regalias, na mais perfeita concordancia com os sentimentos solidários.

Cometêram um êrro todos aquêles que, desorientados pela ambição do podêr e pelo egoísmo das suas qualidades, deram ouvidos aos seráficos argumentos dos que vieram a nós com má intenção, quasi fraternisando com os seus íntuitos famélicos, sem se lembrarem de que lhes davam alento para eles revivêrem no seu espirito a ideia pretenciosa duma provavel restauração monárquica, empregando todos os meios ilícitos e criminosos para o conseguirem, já suscitando desordens, já estimulando gréves, numa preocupação diabólica de criar dificuldades a cada govêrno que hôje ascendia ao podêr e que, por intrigas mesquinhas ou por obstaculos invenciveis, se via obrigado ámanhã a declinar o seu mandato noutro govêrno que lhe sucedia tambem sujeito ás mesmas contrariedades irritantes.

Haja vista o que sucedeu na Espanha em 1873, após a proclamação da republica. Do acolhimento fervorôso feito pelos marechais do nôvo ideal para com os recem-vindos da monarquia usurpadora, da confiança plêna que os homens do partido republicano depositaram nos que dêles se abeiravam com ideias tendenciosas, nasceu a desagregação do partido, que devia sêr uno e indivisivel, estalou a onda dos ódios, das perseguições, das lutas covardes e das ferocidades autoritárias, até ao desmembramento das fôrças organizadas e dos elementos de combate que se propunham defendêr e consolidar um regime nascente, mas que ao cabo de onze mêses baqueou pela traição e pela vingança de homens vendidos á corôa de Afonso XII.

Sirva-nos este grande exemplo de lição, e lembremo-nos de que a solidariedade não deve sêr uma palavra vã.

Acima de tudo está a ideia da Patria, e por ela devemos sacrificar interesses particulares, pessoalismos grosseiros e impositivos, sobrepondo a êles o bemestar de todos os cidadãos, a felicidade de todos os homens.

Da necessidade de colocar os intereses da Patria acima dos interesses pessoais, dá-nos o Brasil um exemplo frisante como o Barão do Rio Branco. Este cidadão ilustre, descendente duma casa de nobres e todos os dias privando com eles, trabalhou com consciencia e com dedicação no tempo do império, apesar de todas ss intrigas e de todas as baixesas que geralmente cercam os homens da côrte; mas tambem não hesitou, proclamando a republica, em pôr ao serviço do seu país toda a sua actividade cômo diplomata e cômo intelectual.

E' que todas as hostilidades, todas as paixões politicas, por mais insaciaveis, têm de diluir-se ao contácto da ideia sublime que polariza todos os nossos sentidos em tôrno da Patria, que nós desejavamos fortalecer e exaltar com a nossa dedicação, com o nosso esfôrço, com o nosso sacrificio.

Lutêmos devotadamente para constituirmos uma só familia, e não para formarmos castas que se degladiem e que se aniquilem.

Sejamos concordes no trabalho titânico de fazer de todos os cidadãos um só corpo de granito; e lancemos para o abismo negro todos os pruridos que possam estimular-nos á soberania ostensiva.

Assim edificaremos consciencias sans, caractéres integros, almas honestas, e construiremos a sociedade que há de trabalhar solidariamente para o grande fim que nos norteia e para o qual vivemos: fazer da Patria um só lar, e de todos os corações uma só alma.

A mulher de Portugal

II

Entristece-nos o seu atraso, o seu manifesto indiferentismo pela instrucção, se compararmos a mulher de Portugal, sofredôra e resignada, com a mulher culta d'alguns paises da Europa.

Assim como o homem se imancipa e instrue, rasgando horisontes no campo fecundo do saber humano, procurando a perfetibilidade e a unificação das raças, a logica conquista do seu engrandecimento social, por meio de associasões, palestras, envestigações e aturados estudos; assim a mulher, tão suscétivel como o homem de regeneração e aperfeiçoamento intelétivo, devia procurar o caminho mais curto e acertado para o seu engrandecimento e para a sua independencia, n'este seculo de luzes e reivindicações, que ridentes e altisonantes, nos iluminam as almas, e nos encaminham para um melhor futuro, em que as lagrimas e os desconfortos muito se não farão sentir.

Mas não. Geralmente a mulher de Portugal, pouco cuida da sua inteligencia. Com dolorosa magoa o constatamos.

O coração feminino, tão adoravel e sensivel, tão cheio de ternos afétos, tão sentimental, bondoso, romantico, tão amplamente aberto para o amôr, como provado está, quasi nunca se põe ao lado de largos empreendimentos.

E é por isso mesmo que ainda vêmos a mulher, social e intelétualmente, muito abaixo do homem, sem motivo que tal justifique.

Ela não aparece nas urnas a votar, não se vê a falar nos comicios, não se vê a legislar nem a dirigir um municipio.

Encontramo-la tão sómente no seu lar, acariciando os seus filhos, educando os seus filhos, dirigindo, e isso nem sempre com bom exito, as economias do marido, que esfalfado do labôr quotidiano, recolhe á noite a casa, muitas vezes cansado de semear ideias nobres, outras vezes com remôrso de ter calcado campos de ignominia, de ter andado por montes pedregosos dinbecilidade e degradação.

A mulher d'hoje não é bem a mulher medieval, é certo; mas se o seu amôr pelo estudo dos grandes problemas fôra mais intenso e ponderado, se a sua esféra d'acção no seio das sociedades fosse mais predominante e acirrada, nós não teriamos razão nenhuma para lastimar o seu atrazo, que, sendo um contrasenso e uma dolorosa verdade, ecôa lá fôra d'uma maneira desagradavel e comovedôra.

Eu bem sei que os govêrnos, já o disse e repito-o agora, têem n'isso uma boa soma de culpas, tal tem sido a maneira pouco airosa como para os interesses da mulher tem lançado as suas vistas.

Ainda não há muito tempo que a mulher se envergonhava de saber lêr, e que alguns paes, com mêdo das bôcas do mundo, das bôcas dos visinhos sempre para o mal escancaradas, não mandavam as filhas á aula.

Chamavam-lhes *fidalgas*, que o sabêr lêr só era bom para escrever cartas aos namorados, um dia quando fossem grandes, quando as saias já não fossem cúrtas.

E daí provém, bem veem, o manifesto atrazo da mulher portugueza, nomeadamente nas vilas e nas aldeias, onde, logo de tenra idade, nós vêmos as pequerruchas vergadas ao pêso de cêstas d'herva, no campo sob um sol abrasador, ou nas fabricas vivendo uma vida d'amarguras, arrastando, quantas e quantas vezes com fôme, uma existencia cruél e miseravel.

A educação da mulher sempre me mereceu especial disvelo. Sempre que dela me posso ocupar, eu, que sou o mais humilde dos humildes batalhadôres em prol do rejuvenescimento d'uma sociedade que bem podia ser menos corrúta, eu não hesito em me pôr ao lado dela, defendendo os seus interesses, velando pela sua emancipação, pelas conquistas e regalias a que tem jús.

Compenetre-se a mulher portuguêsa dos seus direitos e dos seus devêres, estude e engrandêça-se, deixe-se dandar acorrentada a falsos e velhos preconceitos, e a vitória será dela, ainda nos nossos dias, se a morte os não abreviar.

Esta é que é a verdade.

ALMEIDA JUNIOR

A VOZ DOS PROFESSORES

E' o titulo duma secção, cuja publicação hôje iniciamos no nosso jornal.

Estando dentro do programa que traçámos no primeiro número a defêsa de todas as classes oprimidas, que ainda hôje vivem acorrentadas ao pôtro do sofrimento, sujeitas a perseguições, a véxames e a malevolencias de toda a ordem, não é de estranhar que dêmos guarida a essa classe operosa do professorado primário, uma das mais nobres e mais eminentes, pelo valôr e naturêsa do trabalho que produz, pelo papel de destaque que desempenha no meio social, e pela firmêsa e honorabilidade de caráter que a distingue nas grandes colisões governamentais, quando tentam postergá-la de direitos adquiridos, ou alvejá-la nas suas mais caras aspirações, sempre legítimas e insofismaveis, por têrem a ditá-las o princípio invulneravel do Direito.

Tôdos os professôres que se sintam feridos nos seus interesses ou nas suas regalias profissionais, têem, portanto, as colúnas do *Devér* ao seu dispôr, podendo emitir livremente a sua opinião, dêsde que não firam a nota pessoal, sempre chocante e desagradavel em qualquer caso, e dêsde que façam as suas reclamaçõis e considerações subordinadas aos ditames da consciencia.

A secção é iniciada pelo sr. Manuel José Antônio, um dos mais brilhantes ornamentos da classe professoral, e um jornalista de rijo pulso, que os nossos leitôres terão ocasião de apreciar devidamente. Ele é por demais conhecido pelos professôres primários, para que seja necessario apresentá-lo; e por isso, limitamo nos a inserir os seus belos artigos que êle semanalmente nos fôr enviando.

Crêmos que, com a nova secção, prestarêmos um grande serviço ao professorado primário, que aplaudirá o nosso intuito, aliás muito natural, visto têrmo-nos impôsto o devêr sagrado de nos colocarmos ao lado de todos os oprimidos e de todos os desprotegidos da sorte.

Aos nosos assinantes

Pedimos aos nossos assinantes, aos quais falta algum numero do nosso jornal, a finêsa de o reclamarem sem demora. *O Dever* é espedido a todos com regularidade; no entanto, pedimos desculpa dalguma falta involuntaria que tenhamos cometido.

A criminalidade

Ainda que nos peze ter de abordar este assunto com a convicção bem firme e palpavel de que é um assunto de magna importancia para a regeneração dos povos, não podemos deixar de o fazer, convencidos de que semeamos ideias uteis e proveitosas para o espirito ainda inculto das massas populares facilmente sugestionaveis pelos primeiros impulso da razão.

A criminalidade é, dentro da psicologia humana, uma das aberrações mais prejudiciaes ao sêr animal.

O conjunto de factos, que se agregam á volta duma ideia impulsionadora e distrutiva, pode ocasionar muitas vezes a ruina e o desperdicio de lutas inergicas e de fortes estruturas morais que uma vez aproveitadas em prol da educação dum pôvo resignado mas bem organisado como é o pôvo portuguez resultando frutuosas para a marcha evolutivo da humanidade em bom caminho de confraternisação.

Uma das causas mais fundamentais da criminalidade, é ainda hoje o alcoolismo que avançou a passos agigantados no seio das massas sociais, especialmente no seio do proletariado, visto não haver nesta classe o equilibrio mental insuficiente para obstar tanto quanto possivel ao desenvolvimento assustador da ruina dos povos e da desagregação das familias.

Pertence á lei imutavel da biologia das raças o bom e normal funcionamento dos orgãos depauperados e de cuja irregularidade funcional provém a criminalidade de que nos estamos ocupando.

O criminoso é suscétivel de regeneração. Indispensavel se torna, pois, educar as classes pobres e analfabetas, porque da sua educação e da forma como se conduzirem, depende em grande parte a felicidade e bem estar dos lares que nós vêmos com desgosto trocados pela taberna, esse cancro roedor e contaminante da felicidade dum povo e do seu bem estar coletivo.

Quanto maior fôr o grau de instrução, tanto menor será o numero de criminosos, que todos os paises cultos tratam de debelar com carinhoso interesse. E' certo que criminosos ha-de haver sempre. Mas quanto menos criminosos houver, mais um pôvo se dignifica e enaltece.

Combatamos, pois, a criminalidade com todas as veras da nossa alma.

CARTA

Temos em nosso poder uma carta do sr. Padre João Gomes Pinto, páraco de Santo Varão, a que, apezar da delicadeza com que se nos dirige, não pudemos dar publicidade porque no nosso numero a dêmos por terminado o incidente entre ele e o nosso correspondente daquela localidade.

Tambem o nosso correspondente novamente se referia ao caso, e da mesma maneira retiramos a sua comunicação.

A um e a outro pedimos desculpa, mas entendemos que questiuncolas desta natureza não se quadunam com a orientação seguida pelo *Dever*, e de que aliáz nos não arredamos.

« Em nossa casa »

E' a epigrafe de um artigo do nosso inteligente colaborador, sr. Mario Simões da Silva, que por nos ter chegado tarde ás mãos, fica para editorial do proximo numêro.

A voz dos professores

PINCELADAS

I

Só o Manuel de Melo, o há já tanto tempo amigo em espirito, o camarada das lutas a que tenho dado o meu modesto concurso, só êsse distinto professôr e jornalista, com uns certos laivos de poeta, faria com que eu, sobrecarregado de trabalhos de tôda a espécie, com compromissos jornalisticos que, por falta de tempo, nem sempre pósso cumprir, me resolvêsse a prometêr um pequêno artigo semanal para o simpático *Devêr*.

A ideia desta nova secção é excelente. Oxalá todos os jornais da provincia, sem demora, seguissem o exemplo. As questões escolares, nos tempos incertos, quasi calamitósos, que vamos atravessando, dévem sêr colocadas á frente de tôdas as que interéssam os verdadeiros patriotas. Mêsmo já nós, os republicanos, os que tôdas as ocasiões aproveitávamos pára ferir fundo o criminôso regime que em 5 de outubro afogámos num mar de lama, o proclamávamos bem alto nos quasi saudósos tempos da propaganda. Nunca nos cançámos, e com rasão, de increpar a monarquia brigantina pelo desprêso a que votáva a instrução do pôvo — dêste pôvo heroico, capáz em certos momentos de tôdas as loucuras, mas ao mêsmo tempo tam bom, tam sofredôr, tam digno de melhór sorte.

Porque a verdade—incontestável verdade, embora triste—é que a República, em que o magistério primário e os amigos da escola pusêram tôdas as esperanças, não tem, até hôje, mostrado pela instrução o interésse que éla lhe dêve merecêr. Ressuscitou já a velha ária, que a monarquia estafou, *não há dinheiro*—mas ao mêsmo tempo vão aumentando extraordinariamente as despêsas em diversos ministérios. Diz que não há dinheiro pára pagar convenientemente ao misero professôr primário—mas tôdos os dias vêmos aumentos, efectuados ou em projecto, aos outros funcionários públicos. ¿E que me dizem áquêle projecto de aquisição de fortes unidades navais de combate, que nos custarão milhares e milhares de contos de reis?

Vê-se bem que *não há dinheiro*... mas é pára a escola e pára o professôr primário.

PROF. MANUEL JOSÉ ANTÓNIO

O DINHEIRO

Conhecem o dinheiro?

Conhecem, sim, conhecem.

Ele fala a lingua dos mercenarios, dos despotas e dos vis mercadejantes, dos inconscientes e dos incautos.

Com dinheiro compram-se almas, envenenam-se sentimentos nobres e prostituem-se caratéres que muitas vezes desejam manter-se numa integridade absoluta, mas que, fascinados pelo vil metal, se deixam tombar num abismo putrido de perversidades e vilezas.

O dinheiro tudo faz. Com êle se constroem cidades, vilas, aldeias, passeios, e com o dinheiro, se devasta a maior parte da humanidade, porque é e'e que mantem as guerras tremendas, como por exemplo a da Italia com a Turquia, actualmente, na tripolitania.

O dinheiro muitas vezes tambem produz a ruina e até a fome quando ele sae dos cofres poderosos dos opulentos, dos inimigos da humildade, para auxiliarem empreendimentos deshumanos, perversos, vontades de tudo derruirem e aniquilarem.

Se ainda assim esses uzurarios, esses vandalos do capitalismo despendessem uma parte dos seus haveres, dos seus sobejos em prol d'obras uteis e proveitosas, taes como a construção de escolas para educação do povo cuja inteligencia é mister e indispensavel desenvolver em Portugal, ainda era toleravel; mas eles não pensam nisso. A educação do povo é o que menos cuidado lhes merece.

Portugal é pobre, e muito mais depauperado se tornará, se o dinheiro continuar paralisado, nas bolsas recheadas de aqueles que da pobresa nunca experimentaram as agruras.

E é por isso mesmo que a imignação, nestes ultimos tempos se tem desenvolvido duma forma assustadora.

Isto é um mal para o nosso paiz; porque essa imigração representa muitos braços, muitas inergias que se perdem em proveito das nações que se tornam prosperas e ridentes com o produto do seu trabalho esforçado e heroico, que afinal tantas lagrimas e sacrificios lhes custam.

E assim, eu sou um inimigo capital do dinheiro que nada produz em proveito da nossa Patria.

A. D'OLIVEIRA GUERRA

TRAIDORES!

Preparam-se novamente na Espanha, aquêles que não teem um lampêjo sequer na sua alma do santo amôr da Patria.

Preparam-se para invadirem o torrão onde viram, pela primeira vez, a luz do dia e onde balbuciaram as primeiras silabas dum nome que para êles devia ser querido — Mãi.

Mas os traidores que na visinha Espanha sê preparam para cometer um dos crimes mais nojentos, já ha muito que não teem o santo amôr da Patria e o sagrado amôr da familia.

Naquelas almas de lama apagou-se por completo o sentimento nobre da Patria, para só pensarem em reduzir a um montão de destroços aquela que lhes serviu de berço e que os acariciou com seus beijos de mãi estremosa.

A lição dos tempos tem-nos demonstrado que em todas as patrias ha traidores; mas os traidores de Portugal são mais nojentos porque o seu fito é entregar a Patria ao estranjeiro. Mas descansem que a Patria ainda desta vez se não afundará; e se êles cá vierem para a macularem, ela saberá desafrontar-se, atirando com a vil escumalha para traz ou para a morte. A Patria ainda tem quem a defenda e quem saiba morrer por ela.

Os traidôres serão recebidos condignamente, e receberão o castigo das suas proêsas. Portugal ainda tem energias com que póde contar, e tem ainda um exército disciplinado e uma marinha valente, para, ao primeiro combate, esmagar aquêles que, sem um vislumbre de dignidade, tentam contra a integridade da Patria.

FERRO-VIARIOS DE PORTUGAL

Haja união

A grande familia dos ferro-viarios portuguêses, nomeadamente a da Companhia Portuguêsa, vem, nestes ultimos tempos, seguindo uma orientação com a qual discordamos em absoluto.

As manifestas degladiações e desacordos entre o pessoal que faz parte do sindicato e o da comissão de melhoramentos constituida, ha tempos, para estudar e resolver as questões mais palpitantes de interesse vital para toda a classe, entristecem-nos profundamente, porquanto são tratadas com azedume, e não com a calma indispensavel, que a resolução de assuntos tão importantes reclama.

Assim, é-nos doloroso constatar, que entre uma classe onde só a ordem e o bom metodo deviam imperar, se semeiem discordias e mal contidas ganancias, que só servem para indisciplinar e perturbar a marcha evolutiva duma tão prestimosa classe, que, ponderando e medindo bem o seu valor colétivo, muito se poderia engrandecer, se no seu seio reinassem a paz e a concordia, simbolo da maior felicidade.

Queremos em tudo isto dizer, que nos será grato ver, d'ora ávante, que serão postas de parte ambições mesquinhas, para só vermos tratados com amor e carinho aféto, todos os assuntos de cujo bom exito dependam para todos, dirigentes e dirigidos, dias venturosos de felicidade *à flux*.

Sômos antagónicos, por indole e por educação, dos maus principios de solidariedade colétiva, e só desejamos, para a classe de que somos uma humilde parcela, perdido á mercê do Destino, a união sincera e dedicada.

Anciamos, pois, com todas as veras da nossa alma, ver aproximados todos aqueles a quem o despeito afastou para o campo irreflectido das paixões que se não prestam a servir uma causa, antes a envolvem numa penumbra de mal dissimuladas más vontades.

AZUL DO CEU

Ao sr. Director dos correios

Queixam-se-nos alguns dos nossos assinantes, especialmente de Lisboa, de que não têem recebido o nosso jornal, quando é certo éle ser expedido regularmente todos os domingos para as estações destinatarias.

Magôa-nos isto bastante, tanto mais que muitos atribuem a nós esta falta, que só ás estações postais deve atribuir-se. Pedimos ao sr. director dos correios a sua interveução para o caso, de maneira a não tornarem a repetir-se destas irregularidades, que nos acarretam muitos incomodos.

PERFIS LIGEIROS

O seu todo faz-me lembrar uma dessas fadas do pais de Reno.

Estatura mediana e um tudo-nada moreninha, quando éla passa pela estrada num caminhar saltitante e nervôso, os que a vêem ficam estáticos, absórtos, como que présas de tanta graça.

O seu cabêlo castanho-escuro, quando pendente em ondulações de luxuria e gôso, dá-nos a ideia vivida duma escultura gréga ou dum quadro imortal de Rafael de Sanzio.

O seu olhar... ah! o que enderia dêles, dêsse olhar que nos reduz e atrai! Ele é meigo e belo como o olhar compassivo dos amigos, e os seus olhos teem o brilho deslumbrante das estrelas em noite tormentosa. Eles são a aurora despontando entre canticos, arômas e arrebóes; são dois luzeiros da alma que expelem reverbéros de ternura; são todo um poêma de amôr e desdem, de prazer e de grandeza. Quando se volvem para nós e como se uma pilha elétrica estivesse colocada sob os nossos pés.

Dulcificam e magôam, dão vida e matam.

Dão vida e matam, disse eu!... Ah! sim! Quantas vêzes éles são os pregueiros duma bôa-nova, trazendo a um coração quasi morto d'amôr uma esperança fagueira, o arco-iris duma alma!

E quantas, quantas vezes nêsse olhar que prende, não vem o fél duma ironia amarga, o venéno mortifero dum desdem atróz e o sabôr mefitico duma desilnsão!

Mas... de quem fálo? Linda de rosto e de alma, eu que a conheço désde a minha infancia, porque não me atrévo a dizér-lhe o nôme?

Porque, meus bons leitores, se o digo, caem sobre mim as cóleras... do ceu, pois êsse nome não pode ser pronunciado nem venerado por nós, simples mortais.

Que mais direi dela? Apênas que não foi destinada á terra mas sim á corte celestial; que tem sido cantada em diversas produções poéticas, sendo uma delas um acróstico que um poeta lhe ofereceu e que éla ingénuamente me mostrou para que eu visse como éle dizia.

Ei-la que passa.

Leve e vaporosa... e outras coisas que eu não digo, porque receio feril-a na sua modestia arquiangelica.

APÓLO

CASOS DA SEMANA

De viagem

Vimos nesta localidade, de visita a sua sogra, a sr.ª D. Ana Simôis Cruz, o nosso presado amigo e assinante, sr. Elisio Augusto Maria d'Andrade, distinto farmaceutico na Tocha, aquem tivemos o prazer de abraçar.

Tragico desastre

Em Figueira da Foz, onde andava trabalhando por conta da Companhia da Beira Alta, foi na quinta feira, vitima dum desastre, que lhe causou a morte quasi instantania, o nosso patricio e amigo, Manuel dos Santos Mano.

Na remoção de rails da via ferrea, o nosso infeliz patricio, que com seu sogro, o sr. Manuel da Silva Fernandes, transportava ao ombro uma das pesadas vigas de ferro, pegou-lhe desencontradamente, e quando a lançavam ao chão, caiu junto com ela, ficando com o pescoço debaixo. Faleceu poucos minutos depois. Seu sogro ficou ligeiramente ferido.

Lamentamos o tragico acontecimento que enlutando os seus nos consternou profundamente a nós.

A' familia os nossos pesemes.

De viagem

Vimos passar nesta localidade, vindos de Santa Comba Dão, e em direção á sua casa da Figueira da Foz; o nosso presado amigo e assinante, sr. Manuel d'Oliveira Jnuior, acompanhado de sua ex.ª esposa e filha.

Visitas

Deram-nos o praser da sua visita os nossos presados amigos e assinantes, sr. José Maurício d'Oliveira e Manuel Simões Lopes ambos nossos patricios.

Agradecêmos a amabilidade com que nos distinguiram.

Teatro

Sobem hoje á scêna no teatro desta localidade três interessantes comedias, desempenhadas por amadôres. Intitulam-se: *O noivo de Alcanhões, Malditos, léiras e Pátria.* Esta ultima é representada por um grupo infantil, que pela primeira vêz se exibirá no palco arazedense, e que por isso mêsmo deverá despertar grande interesse da parte do publico dêste logar.

O espectaculo começará ás 21 horas.

A gréve dos mineiros

A situação na Inglaterra vai tomando proporções assustadoras. Dizem os jornais inglêses que o movimento tomou um carater politico, receando-se a subversão social. O governo britanico vai proceder energicamente; mas diz-se que com as medidas que vai empregar, pode destruir o funcionamento economico e industrial do pais, levando os trabalhadores dos outros paises a reclamarem tambem aumento de salário.

Opiniões pessimistas dizem que a Inglaterra está em vésperas dum movimento revolucionario, e que em pouco tempo o socialismo dominará no pais. Se a gréve se prolongar, será a origem duma revolução social. Por outro lado, ha optimistas que dizem precisamente o contrario.

Ficarêmos na espectativa; mas é nossa opinião individual que, dada a situação grave que apresenta esta questão, a Inglaterra atravessará uma fase revolativa no seu organismo politico, ou, pelo menos, terá de registar na sua historia grandes acontecimentos.

GRITOS D'ALMA

O PERDÃO

Palavra consoladóra, afavel, ela exprime toda a deliciosa poesia que uma alma sonhadora encerra.

Para os máus é um recurso. Para os bons um lenitivo, uma suave doçura que bráda ao coração dos arrependidos.

E' sempre bem vindo o perdão. Os proprios criminosos, aqueles que da vida só téem a noção do mal, sendo perdoada a sua falta, evitam falta maior.

Morrer n'um carcere, ou ficar sem a cabeça n'uma guilhotina perante a multidão espavorida, é muitas vezes incitar ao ódio.

Muitos desgraçados, cuja existencia na vida terrena poderia ser um dia util á regeneração humana, que ali vão acabar os seus dias, não são algumas vezes inteiramente criminosas.

Perdoados, a expiação da sua culpa, far-lhes-ia voar alto, no dôce ceu do arrependimento, as almas agradecidas.

O perdão é a pétala odorante dum coração amoróso.

Fica contente o que perdôa. Sente-se bem o perdoado. Um cumpriu um dever sagrado de humanidade.

O outro, engrandecendo o seu carater, procurando caminhar firme pela estrada do Dever e da lógica conquista da honra, cumpriu tambem o seu: — o dever dos bons principios que sempre deve inspirar o **PERDÃO.**

OS VELHOS

Costumemo-nos a amar e a respeitar os velhos. Eles são dignos da nossa admiração mais funda, do nosso amôr mais intenso e sentido.

São os velhos luminosas paginas d'historia onde nós podemos recrear o nosso espirito. São a fonte perene e dulçurosa em cuja agua cristalina de verdade e pundonôr, nós podemos saciar a sede ardente da nossa inspuração, em horas anciosas de belos empreendimentos.

Nas suas cans brancas como a neve dos montados em poeticas noites de longinquos outonos, estão muitas vezes soberbas lições de moral, que nós, os novos, os inesperientes, podemos aproveitar como guias dos nossos passos vacilantes e incertôs para um futuro que bem poderá compensar-nos os sacrificios e as canceiras de todos os dias em busca d'horas de repouso e sonhado bem-estar.

Respeitemos, pois, os velhos, almas ingenuas dos tempos idos, luz guiadóra dos nossos espiritos, porque no nosso respeito e no nosso amor pelos velhos, está precisamente o belo exemplo de patriotismo e educação de nossos filhos, dos homens do porvir.

Eu habituei-me a ama-los e a querer-lhe bem.

ALMEIDA JUNIOR

COMISSÃO DISTRICTAL

Sessão de 29 de Fevereiro

Deu parecer favoravel aos projectos de modificações de compromissos de diversas irmandades.

— Ordenou ao respectivo tesouro o pagamento aos herdeiros do falecido secretario aposentado da Camara Municipal de Condeixa, dos vencimentos que lhe ficaram em divida.

— Aprovou, com modificações, o projecto de regulamento para a cobrança e fiscalisação dos impostos indirectos no concelho de Miranda do Corvo.

— Resolveu não conceder a auctorisação pedida pela Camara Municipal de Soure para vender em hasta publica, independentemente do processo das leis de desamortisação, uma superficie de 389m²,70 de terreno publico em Vila Nova d'Anços, junto á estrada distrital n.º 112.

— Tomou mais as resoluções seguintes:

Aprovar a deliberação da Camara Municipal de Cantanhede, relativa á alienação, por meio de remissão, de um fôro imposto em um terreno, no logar da Pena, freguezia de Portunhos;

Denegar aprovação á deliberação da Camara Municipal de Coimbra, relativa á cedencia de terreno publico para alinhamento da reconstrução de uma casa em Alcarraques, e aprovar a deliberação da mesma Camara, referente á cedencia e aquisição de terreno para alinhamento da construção de uma casa, em Larçã;

Denegar aprovação a um projecto de postura sobre mercados e feiras, votado pela camara municipal de Gois, por conter disposições que prejudicavam a liberdade de comercio;

Denegar aprovação a um projecto de postura creando um imposto sobre o sal no concelho de Mira, por ser assunto de que a Camara tem de deliberar ouvido o parecer dos quarenta maiores contribuintes;

Aprovar a deliberação da dita Camara de Mira, referente á cedencia de terreno publico compreendido no alinhamento para reconstrução de uma casa na Rua das Casas, daquela vila; e

Suspender o orçamento ordinario da Camara Municipal de Miranda do Corvo, para o corrente ano, por carecer de informações para a sua aprovação.

POETAS E PROSADORES

O condenado

Há pouco vi-a chorar.

Limpava meigamente as faces húmidas, e quando me olhou surpreendida, fez-se corada e fugiu, pé ante pé, direitinha á alcôva solitária e triste.

Noite alta. No firmamento azul do céu, a lua, muito pálida e muito fria, erguia-se de mansinho por entre estrelas pequeninas e brilhantes.

Os cães uivavam furiosamente lá em baixo, ao fundo silencioso da quintarola que um muro alto circundava.

Muito ao largo o mar troava rugidoramente.

No campanario da aldeiasita deserta o sino badalava a meia noite. Era a hora da meditação, em que as almas, sonhadoras e tristes dos namorados, mais se aproximam das realidades tragicas de maus presentimentos.

Ao lado, perdida entre urzes e azinheiros, uma casita humilde e quasi em ruinas, fazia-nos lembrar com saudades a casita em que nascemos.

E a pobresinha chorava, chorava...

E' que há pouco, entre a muitidão atónita havia partido, na leva dos condenados ao sofrimento atrós, uma parcela enorme da sua alma, que nunca mais teria alegria, nunca mais!

O silvo estridente da locomotiva, que ao longe se ouvia cortando o sepulcral silencio da noite, fez inundar de lagrimas outra vez o seu formoso rôsto.

Eram as lagrimas sentidas da paixão profunda que havia de mata-la em poucos dias.

Tive dó da desgraçada, a quem os sorrisos e as alegrias da vida tão tragicamente haviam traido.

*

Manhã primaveril. Os goivos e os malmequeres entreabriam já as suas mimosas petalas, aquecidas pela rubra luz do sol.

Pude então vêr os seus olhos de fada, muito grandes e muito prêtos, mas cansados de chorar. Tinha a cabeça entre as mãos e dormitava.

O lenço, ensopado em lagrimas de dôr, estava no chão, num canteirito pobre de flores.

E o condenado lá vae na leva dos desgraçados...

ALMEIDA JUNIOR

CARTAS D'OIRO

A nossa gentil colaboradora D. Elêna de Castro, responderá, nesta secção a todas as pessoas que lhe fizerem perguntas por meio de carta, dêsde que não demandem reposta muito longa, devendo toda a correspondencia sêr-lhe dirigida para a redacção de *O Dever*.

MIMI

Não tenha receio. Eu não direi o nome de V. Ex.ª a pessoa alguma. Guardarei segredo porque nada ganho dizendo como V. Ex.ª se chama.

Quando a minha querida consulente se tornar a dirigir a mim poderá mesmo encobrir-se com um pseudomino. Para responder ás minhas amaveis consulentes não é preciso saber-lhes o nome.

Só no proximo numero deste jornal responderei ao restante da sua cartinha, pois que ela chegou tarde e demanda resposta um pouco extensa...

Vá, por agora passa... mas se continua...

FLORA

Porque não? Pois eu poderia deixar de atender uma consulente tão gentil e agradavel? De forma alguma. Mande sempre as suas cartinhas que são verdadeiros perolas literarios.

Relativamente ao vestido, ha quem use, por ser moda, em cima da saia a que alude, um corpinho de guipure, genero Veneza, adornado a viezes de setim branco e veludo prêto, com um fôrro de séda por baixo. E' elegantissimo e dum efeito atraente.

Muito obrigada.

Elêna de Castro.

Fica para o proximo numero a resposta a uma nossa estimada consolente.

CORRESPONDENCIAS

Figueira da Foz, 6. — Na noite de quarta feira passada, chegou inesperadamente a esta cidade, o sr. Tenente-Coronel Silveira, actual Ministro da Guerra, acompanhado dos seus ajudantes. Hospedou-se no Hotel Reis, e quando foi conhecida a sua estada aqui, o sr. Administrador do concelho, e outras entidades, foram cumprimental-o, acompanhados de muito povo e da *filarmonica figueirense*, levantando-se junto de s. ex.ª muitissimos vivas á Republica, ao exercito e ao povo figueirense, secundados com a portugueza, executada pela referida filarmonica.

O sr. Ministro da Guerra, agradeceu de bom grado a inesperada manifestação, levantando um viva á Republica e ao povo figueirense.

Visitou na quinta-feira os quarteis de artilharia 2 e infantaria 28, e assistindo a alguns exercicios dos recrutas, ficou plenamente satisfeito.

Foi muito cumprimentado pelo elemento militar desta cidade.

A's 11 horas partiu para Coimbra em automovel, tendo sido no Hotel vitima dum roubo, cujo larapio lhe levou o relogio douro e a bolça de prata, que continha, ao que consta, 5$000 reis.

O gatuno é desconhecido, e quando estava efectuando o roubo, foi presentido pelo sr. Ministro, mas não poude ser preso por se ter posto em fuga.

Ao que dizem, o sr. Ministro, perseguiu o gatuno até junto das escadas do Hotel, mas não conseguiu agarra-lo.

E' a peior impressão que o sr. Silveira leva da sua visita a esta linda cidade.

— Esteve entre nós, o importante fornecedor de madeira de pinho, sr. Paulo Marques da Costa, d'Arazêde.

— Não chegou a realisar-se no domingo passado, o lançamento á agua, do lugre *Golfinho*, visto que no começo de tão brilhante cerimonia, o navio saltou para fóra da carreira, devido ao terreno não sêr tão firme como se esperava, e encalhou á *ré* ficando em tal posição que estorva o transito da estrada, que liga esta cidade com a Gala.

O muito povo que estava assistindo a este ato, ficou deveras descontente, lastimando o ter de fazerem-se novas despezas para vêr o navio na agua.

A sociedade de pesca *Foz do Mondego*, terá que gastar muito dinheiro, agora, para colocar novamente o navio na carreira.

Maus começos.

— Já tomou posse do cargo de Capitão deste porto, o sr. Cisneiros Faria, tenente da marinha de guerra portuguêza. — *A. d'Oliveira Guerra.*

●

Santo Varão, 7. — E' muito dificil desempenhar, nos tempos que vão correndo, o logar de correspondente de qualquer jornal, numa terra onde a intriga impera, como sucede em Santo Varão.

E' dificil e espinhoso, e tanto mais dificil quanto o *Dever* é um jornal que com nobrêsa e pundonor trilha o caminho réto da Justiça e da Verdade, sempre ao lado do pôvo que quer ser livre e prospero.

Infelizmente o analfabetismo é aqui ainda assustador, e esse mal é que origina muitas vezes desinteligencias entre os seus habitantes, nos quais só paz e harmonia devia reinar, porque da união dos individuos provêm sempre a boa ordem, o interesse comum.

Ha de-nos custar muito, nós bem sabemos, civilizar os nossos patricios divorciados como estão dos bons principios de ordem intelétiva, facto tanto mais triste quanto hoje em dia é já alto o grau de instrução do povo português.

— Sofreu uma melindrosa operação o honesto e honrado cidadão sr. José Joaquim Pereira, cujo pronto restabelecimento desejamos ardentemente.

— Deu á luz uma criança do sexo feminino, a esposa do nosso presado amigo sr. Manuel Rodrigues d'Almeida, zeloso empregado da companhia dos caminhos de ferro portuguêses, na estação de Formoselha.

Muito o felicitamos pelo facto e mais por esposa e filha se encontrarem de saude.

— Pedimos á Camara Municipal que mande remover as terras depositadas nos passeios das *ruas*, que lhes originam um aspêto triste, desagradavel, e com cujo beneficio, honrando esta povoação, honra tambem o seu presidente e vereadores.

Zé da Bernarda.

●

Montemor-o-Velho, 6. — Mais uma desordem acaba de dar-se nesta vila, e segundo me informaram, poderia esta ter sido de grave consequencias para qualquer dos contendores, pois que um se armou de um formão para vencer o seu adversario.

Foi mais uma scena de taberna que poderia ter por interpretes um cadaver para o cemiterio e um preso para a penitenciaria. E' geralmente a taberna esse imundo e replente, a origem da maior parte dos grandes crimes que anualmente se praticam.

Ela preverte o homem arrastando-o desde a reles condição de rufia á mais reles e triste condição de assassino; só ela faz dos homens verdadeiros monstros que a sociedade se vê obrigada a requestrar do seu convivio.

A taberna só é util ao taberneiro, essa creatura que vive á mercê desses aleijados do cérebro que não teem repugnancia de entregar-lhe ás mãos o produto do seu amargurado trabalho e muitas vezes o sustento de seus filhos, e é ele ainda que ao vel-os embriagados, turbulentos e sem dinheiro, lhes péga pela gôla do casaco e os põe na rua para que não encomodem este ou aquele de quem espera ainda os magros vintens, que em breve irão entrar-lhe na gaveta.

Infelismente nesta vila a maior parte tanto da classe operaria como rural, fazem da taberna o seu centro de cavaqueira, o seu chefe, a sua associação de classe, emfim, tudo. Mas, se amanhã perguntassemos a um operario se queria pertencer a uma associação onde se instruisse, educasse e divertisse mediante a quantia semanal de sessenta réis, teriamos como resposta, o seguinte:

Com sessenta réis bebo um litro de vinho e já me divirto e instruo.

Esta é autentica porque fui eu mesmo que a ouvi.

Eu sei que alguns não gostarão do meu arrasoado e dirão que eu estou a prégar no deserto, mas emquanto prégo no deserto, vejo-os caminhar para o banco dos reus, como justamente acontece aos autores da desordem praticada no penultimo domingo, na taberna do cidadão Silvino Ferreira da Silva Carvalho.

— Foi outra vez por falta de maioria não houve sessão da Camara no penultimo sabado, dois do corrente.

— *Kene Muene*

Expediente

Pagaram um ano os cidadãos:

José Teixeira, da Rua de Baixo, Arazêde, e Manuel Carvalho, da Avenida da Liberdade, Lisboa.

ANUNCIOS

Antonio Duarte Mendes

FABRICANTE

DE

Instrumentos de corda

Premiado nas exposições Distrito de Coimbra em 1884, na Industrial de Lisboa em 1888, na Universal de Paris em 1900 com a medalha de prata, e na Industrial e Agricola do concelho da Figueira em 1901 com a medalha d'ouro.

Satisfaz de pronto qualquer encomenda de instrumentos, garantindo a perfeição de seus trabalhos.

65, Rua da Bica — Figueira da Foz

PORT GAL

VIUVA ISMAEL DA CRUZ & F.º

ARAZEDE

Vende fazendas de lã, algodão, mercearias, miudezas, objectos para funerais, farinhas, ferragens, etc.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufactura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40, Rua 11 de Setembro. 42

FIGUEIRA DA FOZ

Folhetim d'O DEVER

M. DE M.

SÊNAS INTIMAS

ANTELOQUIO

As sênas que compõem esta obra, erónicas de verdadeiros herois e verdadeiras heroinas, foram escritas em épocas diferentes. Isso, porém, não altera em coisa alguma o nosso intuito; antes, pelo contrário, prova a firmêza do nosso espirito, a estabilidade do nosso temperamento, quanto ao ponto capital que tentámos destacâr.

A sêna intima, em toda a sua estrutura moral e artistica — se a Arte é admissivel em simples narrações — não serve unicamente para despertar o interesse que provoca o romance de sensação, muitas vezes distituido de moralidade, algumas vezes armado em palco onde bruxoleiam fogos fátuos, que se apagam assim que o pano desce. Serve tambem, e principalmente, para a construção de muitas qualidades, para a demolição de muitos vicios e para a salva-guarda de muitos caratéres que se perdem no tráfico com a Perfidia e com a Dessinceridade.

Virtudes e defeitos quisémos destacar em personagens apropriadas e vulgares na sociedade, algumas apêpas fantásticas para a tráma natural da narração. Mas, se criámos personagens, foi com o intuito, áliás desculpavel, de estabelecêr a continuidade de factos que não pudémos conseguir no decorrêr das sênas, tal como elas foram colhidos.

Respeitadores do crédito alheio, não desvendamos nomes de pessoas ainda existentes, mas tambem não ócultámos os daquelas, para quem já não oferece duvida declará-los

Sem coloridos, singelamente, despretenciosamente, redigimos estes quadros com a bôa intenção de servirem de caminho, de vereda largapara quem desejar a conquista gloriosa da Verdade, do Amôr, e do Direito. Oxalá tivessemos realizado este intuito e pudessemos ter a convicção de que concorreriamos para nortear para a Luz a sociedade corrompida pelo vicio.

Um coração de mulher

Aí pelo ano de 1888, vivia em Coimbra, numa casa da rua do Correio, uma rapariga, que era costureira num *atelier* de modista, que ainda ha pouco tempo se achava instalado numa das ruas mais centrais da cidade baixa. Chamava-se Beatriz [1].

Vivia ela na companhia do pai, que era tipógrapho, e da mãi, que cuidava do governo domestico, e cooperava com uma parcela da sua féria para a manutenção de todos tres.

Beatriz contava talvez naquele ano de 1888 as suas vinte primaveras, e disseram-me que era uma rapariga um tanto formosa, alguma coisa nutrida e de mediana estatura; tinha os cabelos louros, os olhos provocantes e o rosto carminado. Esmerava se no trajar e desvanecia-se toda em ir para o trabalho de saia muito curta e chinelinha aberta para deixar ver um pé pequenino, muito galante, calçado por uma meia preta finissima, só para atrair a atenção das pessoas que passavam. E até o acaso, talvez por lhe conhecer a vaidade, quis que ela um dia escorregasse ao Arco d'Almedina, fazendo com que expusesse á admiração dos transéuntes uma perna até ao joelho!...

Como quasi toda a gente, quando chega aos vinte anos, que, ou constituem a fase da vida mais bela ou a mais mal aventurada que todos atravessam, Beatriz amou e quis o destino que ela pousasse os olhos sobre a matéria dum José Rodrigues.

Conceda o leitor que o advirta de que vai ler uma cêna de amor, para que, se o espirito de V. Ex.ª for indiferente qela materia alheia, não prosiga a leitura desta veracissima historia, que não é para espiritos misóginicos; fazendo-lhe todavia notar que, cênas amorosas, por demais conhecidas que sejam, nunca chegam a entediar, por que são sempre muito variadas as circunstancias que as revestem. E então o amor duma costureira é, em geral, um eterno entretenimento amoroso, que, se algum dia chega a disparar em casamento, só quando sejam volvidos muitos anos é que êle se realisa. Mas note tambem o leitor que não digo isto por experiencia propria; pois nunca andei de amores com costureiras, nem mesmo com... quer que lh'o confesse leitor? nem mesmo pessoa alguma que fosse femea; a não ser uns filtros amatórios que chegam a insinuar-se na nossa alma quando defrontamos com alguma deidade. Deixe-me, porém, reatar o fio da histórta, e queira perdoar o parentesis, que, afinal, era indispensavel.

Ia eu dizendo que Beatriz tinha amado o José Rodrigues ou o José Rodrigues a Beatriz. Quem póde perscrutar o coração humano? Admite-se a hipotese de que a corrente amatória tivesse partido do coração dela.

— Mas seria este o primeiro amor?

Tal foi a minha pergunta dirigida á pessoa que um dia me falou muito de relance nesta impressiva historia e que teve a amabilidade de m'a narrar.

— Isso sim! — me respondeu. — Antes deste já tinha entabolado relações com muitos outros. Ela até tinha gabos de sêr cortejada por quasi todos os caixeiros de Coimbra. Mas com estes foi um simples divertimento. Agora a serio, verdadeiramente a serio, foi com o José Rodrigues.

E, extremamente curioso, inquiri:

— E relativamente a dotes do coração?

Oh! era uma megéra. Abespinhava-se toda com as companheiras quando lhe notavam qualquer acção menos conveniente, era ela que queria ter a preferencia em tudo, e, como era muito vaidosa e muito habil em costura, arrojava-se o direito de contra-mestra. Mas o que a modificou um pouco foi aquê e amor com o Rodrigues. Coitada! tambem não foi muito feliz!

— Ha de um dia contar me essa historia — disse eu.

— Pois sim; quando quizer.

— Então ámanhã, se não ha nisso inconveniente.

— Está dito. E demais ámanhã é domingo, temos tempo de conversar. Vá á tarde ter a minha casa.

No dia seguinte, um dia de dezembro, gélido e pardacento, mas sem indicio de chuva, fui eu pela volta das quatro horas da tarde a casa do amigo que me tinha marcado entrevista. Morava êle na rua dos Sapateiros.

Quando cheguei, bati á porta e uma voz de dentro mandou-me entrar.

Encontrei o meu amigo sentado numa cadeira, ao canto duma janela, com um livro na mão!

— Em quanto não vinha — me disse êle — estava aqui entretido a ler um romance para passar o tempo.

— Não virei incomodá-lo? — ponderei eu.

— Ora essa! não, senhor. Faça favor de se sentar, e vou dar começo á narração.

(Continua).

[1] Pseudónimo.

Telegramas: Abilio Lagôas

ABILIO LAGOAS

TELEFONE, 295

54, Praça do Comercio, 55—COIMBRA

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da companhia de seguros Comercio e Industria. Comissões e consignações

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Paris, Londres, New York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

CERAMICA EXCELSIOR

FUNDADA EM 1903

Lacerda, Figueiredo & C.ª, Limitada

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro — JOAQUIM COCA JUNIOR

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÉ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73 — FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

Praça 8 de Maio, 73-74 — FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

COM

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Domingos Lino Gaspar

Armazem e oficina de moveis e estofos, mobilias completas, colchoaria e camas de ferro. Oleados, baguetes e muitos outros artigos.

128, Rua do Principe, 130

Figueira da Foz

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque êle tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

LOJA DO POVO

Mercearia, ferragens, fazendas brancas e papelaria
Deposito de tabacos e fosforos
Papeis *Duc, Lecosmopolite* e outros, para cigarros
Fosforos de cera e amorfos
Sabão, etc., etc.
Desconto da tabela da companhia

Vendas por junto e a retalho

BERNADO GONÇALVES FERREIRA

Montemór-o-Velho

Manuel d'Oliveira Junior

Rua da Republica, 84 a 88

FIGUEIRA DA FOZ

Compra madeiras em todas as dimensões e pinhaes em qualquer parte do paiz.

Encarrega-se de fornecimentos de madeiras para Portugal e estrangeiro.

Tem na Figueira da Foz, depositos de madeiras, em taboas, vigas, travessas, sualhos, etc.

Quem quizer vender madeiras, dirija-se em carta ao escritorio, que receberá em seguida uma uota de preços.

Pagamento, á vista da fazenda

Antonio José Abrantes

Alfalate e mercador

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta

164, Rua do Principe, 168

FIGUEIRA DA FOZ

Sucursal em Leiria, Praça das Galinhas, sob a firma Abrantes & Genro.

Sortido em fazendas de lã e algodão, nacionais e estrangeiras.

Varinos d'Aveiro, capotes á cavalaria e gabões para homem e creança.

Encarregam-se de qualquer encomenda para fora da terra.

Faz os mercados de Montemor-o-Velho, Guia e Monte Redondo, onde pode ser procurado pelos seus freguezes de fora da Figueira e Leiria.

Portugal Previdente

Companhia de Seguros

Séde em Lisboa

Efectua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efectua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Rua Ferreira Borges, 155 1.º

INSTRUCÇÃO COMMERCIAL

(Collegio Mondego)

Plano de estudos: — Munir os alumnos de conhecimentos praticos immediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funcções de empregados do commercio, industria e banco, supprimindo-lhes a pratica nas casas commerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenographos, dactylographos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã,

tendo por base a conversação

Cursos diurnos e nocturnos de contabilidade, escripturação mercantil e caligraphia

INSTRUCÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

SEXO FEMININO

1.º e 2.º grau: linguas, sciencias e letras, lavores, musica, desenho, pintura, commercio e economia domestica

P. DA INQUISIÇÃO

O director, DIAMANTINO DINIZ FERREIRA

CASA FUNERARIA

DE

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

Praça Velha — FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sortido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc.

Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos.

Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

SILVA & FILHO

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalbinha — COIMBRA

Café Distinto

Provae e vereis o resultado.

Palace Hôtel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÈE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vaste forêt

Maison de premier Ordre, Confor-moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumière électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations:—Luso (3 kimètres) Pampilhosa (10 kilométres).

Automobles et Voitures

Mercearia Flor do Japão

Casa especial de chá e café

Torrefação e moagem a vapor

66 — Rua da Sofia — 70

COIMBRA

O proprietario desta casa recomenda o seu café moido **Distinto** (marca registada).

Este magnifico café, devido á sua combinação, é o mais forte, soboroso e aromatico.

Aceita-se um unico depositario nas principais terras do paiz.

Vende-se em lindas latas acharoadas de 250 gramas por 180 réis e 500 gramas 350 réis.

Pacotes de 250 gramas, 170 réis, 125 gramas, 85 réis, e 100 gramas 70 réis.

Descontos aos revendedores.

1.º Ano — ARAZEDE, 17 de Março de 1912 — N.º 4

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 reis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 reis; na 3.ª, 40 reis e na secção respectiva, 30 reis.
Anuncios permanentes contracto especial.
Abatimento de 25 por cento aos srs. assinantes.
Não se restituem os autographos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado

O DEVER

ASSINATURAS

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS. — Ano, 999 reis; semestre, 600 reis; trimestre, 300 reis.
BRAZIL. Ano, 2$000 reis, fortes.
Numero avulso, 30 reis.

REDÁÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — ARAZEDE
OFICINA DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typographia da *Gazeta de Coimbra* — PATEO DA INQUISIÇÃO — COIMBRA.

Director, editor e proprietario — MANUEL DE MELO
Redactor principal — Humberto Beirão

A correspondencia deve ser dirigida ao director deste jornal.

PATRIA E HUMANIDADE

Semanario republicano

Redactores: J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz, Soveral da Rocha e Cruz Gonçalves

Secretario, Augusto Baia — Administrador, Antonio Baia

Em nossa casa

Ha portuguezes, ainda que poucos, que andam forjando intrigas contra a honra do seu país. Houve-os sempre e não existe país algum onde não germinem o odio e o egoismo. Isto vem de longe. Camões a eles se referira, recordando que, «entre os portuguezes alguns traidores houve algumas vezes.» Houve. Ao mesmo tempo, porem, appareciam homens de boa raça. Uns e outros começaram a distinguir-se no tempo daquele rei D. Sancho, que o papado infalivel e dominador arrancou do trono como heretico e rebelde. Os traidores ajudaram o papa e os bispos e de nada valeram ao sacrilego principe as habilidades de que o rodiaram alguns fieis, indo morrer em Sevilha. Alguns anos depois da morte do poeta, encontrando-se a nação moribunda, abandonando o povo por quasi todos os chefes, morto um rei hediondo que atirara o país para o fanatismo e para a fogueira, a patria pululando de cretinos que sob os gibões de veludo e oiro escondiam a espada para que maior realce tivesse a tocha com que se habituaram a processionar nos autos de fé, ainda portuguezes houve, e um deles foi Febo Moniz, que reagiram contra os corvos e os vendilhões do patrimonio do seu país. Então, nada conseguiram os patriotas. A nação era um imenso forno crematório, donde subia o fumo da carne assada, sobre o qual nuvens de dominicanos e de jesuitas cantavam salmos lugubres. O frade e o jesuita concluiram a sua obra miseravel de abdicação.

Mas, durante os sessenta anos seguidos, a altivez da raça fora-se reforçando e reconquistando o predominio antigo, até que, apunhalados alguns traidores e atirados outros pela janela, se obrigou um Bragança, por meio da força, a simbolisar a independencia que um cardeal real havia levado para a sepultura, entre funerais pomposos. Larga seria a tarefa para, num artigo, se falar dos traidores que entre os portuguezes algumas vezes houve. A chamada historia constitucional da monarquia não está isenta deles, alguns muito bem coroados e que nos reais paços se refestelavam á mesa lauta, paga pelo povo. Desde Fernando de los Rios, para não irmos mais alem, até aquele jornalista alemão que de Londres mostrou estar bem informado acêrca do que se tramava, não só contra a Republica como contra a ordem e a paz internas da nação, muita historia curiosa se faria sobre o assunto, se o momento fosse propicio a ataques, e não, como deve ser, á limitação da simples defesa da causa publica.

*

Mas um dia a historia se fará, registando-se com clareza muitos episodios ainda obscuros e semi-velados. O que se observa, porem, é que no estrangeiro alguns espiritos desconhecedores da nossa situação e da nossa... idade, se entreteem a expôr considerações sobre o que por cá se passa, como se isso fosse da conta dalguns, desde que não estamos dando exemplo de carnificina ou de imoralidade a quem quer que seja. Fez-se a revolução, proclamou-se a Republica e não houve ninguem, em qualquer latitude do orbe terraqueo, que não se admirasse perante a benignidade e a humanidade dum éto, que, se foi violento, unicamente o foi para com um principio politico absurdo, e que, sobre isso, era reu de quantos crimes um povo tem necessidade de possuir. Todavia, não os puniu, limitou-se a destituir quem o representava, como quem aos lombos dum país se acarraçara para descurá-lo, desonrá-lo, infama-lo, cam o socorro eficacissimo dum estado maior de parasitas insaciaveis. Houve greves. Mas as greves são de todos os paises, hoje, e de todas as instituições, e com elas andavam folgando desaforadamente aqueles mesmos parasitas de que acima falamos.

Podiamos dar exemplos de moralidades... Mas a Republica dá exemplo contrario: — busca as falcatruas, as traficancias, as roubalheiras, não só para as castigar, mas para de futuro serem evitadas na administração pública. Na monarquia era tudo isto de avesso: — burlavam-se os direitos individuaes, e quando os cidadãos ousavam protestar, perseguiam-nos a sabre, numa atitude canibalesca; roubavam-se os dinheiros públicos, mas, se o contribuinte recalcitrava, era metido na cadeia, e emquanto lhe davam rancho e *comida de urso*, os arbitrarios detentores do poder abotoavam-se com milhares de contos, para pagamento de viajatas, tratamentos luxuosos e manutenção carnal de cantoras caras. Achavam ótimo — porque tambem comiam do mesmo roubo, e porque nas horas vagas tambem se davam ao desfastio de zurzir o povo pagante.

Foi o diacho. E como foi o diacho, intrigam de mãos dadas, visto já não possuirem o oiro com que á custa do povo sustentavam côrtes magnificas e mantinham amantes de alto coturno nos *cabarets* da lambaria internacional. Perdem o tempo. Percebemos que muitos interesses se perderam com a proclamação da Republica: — as féras que devoravam, os amigos das féras e os amigos dos amigos das ditas féras. Uma real e realissima manada! Mas tinha de ser. De resto, desde que não incomodemos o respeitavel público, quem manda em nossa casa somos nós. Ha traidores? Ha, que eles andam espevitando pelo estranjeiro o morrão das candeias com que querem iluminar a sua desgraça. Trabalhem e aprendam um oficio. E' o que nós fazemos todos, nesta nossa casa portugueza. Nossa, e tão nossa, que já no tempo do Marquez de Pombal eram necessarios quatro homens para levarem um morto. Imagine-se: — alguns milhões, de portuguesinhos valentes, vivos da costa, levados da bréca como nunca estiveram, quantos biliões de traidores seriam precisos para alija-los de sua casa?

MARIO SIMÕES DA SILVA

A mulher de Portugal

III

A educação da mulher portugueza é, n'estes dias de luta titanica que vamos atravessando, um dos problemas mais arduos, mais vastos, que dado nos é compulsar, se o encararmos, sob o ponto de vista psicologico, duma maneira elevada, mas desprendida de refolhos de rétorica, que lhe tirariam todo o positivismo, e, até cêrto ponto, todo o conceito moral que este assunto nos deve merecer, a todos os que pugnamos pelo feminismo em Portugal.

A mulher de Portugal é, por indole e por educação, como a mulher da Irlanda—triste e meditativa, chora por pouco, por pouco se aflige e se mortifica.

A desgraça, o infortunio do lar alheio, comove-a mais e mais profundamente, ás vezes, do que a desdita e a inconsolação do seu proprio lar.

O coração da mulher portugueza, essa viscera humana que fáz brotar da alma dos amantes, luminosos lampejos de luz e de heroismo, de dedicação e afêto, é muitas vezes mal compreendido pelo homem que se imagina superior, mas que, afinal de contas, só na mulher encontra o refugio balsamico d'horas felizes de tranquilidade e bom-humor.

A indolencia da mulher já teve sua epoca.

Mas se, em vez de a toparmos constantemente nos bailes, nos logares onde a aristocracia tudo corrompe e envenena, á vissemos na escola ou no lar domestico, entregue á dificil mas encantadora tarefa de embelezar o coração, de purificar o sentimento encaminhando o para a realidade das coisas e para as grandes conquistas do bem-estar da humanidade, o logar de destaque e de respeito que á mulher portugueza está reservado, muito se não faria esperar.

Assim, pensando a mulher como pensa, sómente nos adornos esteriores do corpo, pondo de lado os do coração e os da alma, ela será sempre bela, muito embora, mas jamais deixará de ser a escrava infortunada para quem a vida não terá suavidades nem doçuras, antes espinhos de desventura e desgraça.

Nas horas tardas da noite, quanto nós atravessamos as ruas da Capital, desertas e silenciosas, cumpungese-nos o coração ao encontrarmos a cada passo a mulher Lisboeta, já alcunhada de *mulher fidalga portugueza*, namoriscando á janela, despreocupadamente, como quem tem certa a felicidade do dia seguinte.

E o que acontece em Lisboa, e que nós agora referimos por sêr a Capital do país, é por consequencia a mais populosa e onde a degradação e o vicio imperam mais, vê-se nas demais terras cujo luxo e cujo gôzo reduz á miseria familia inteiras, que não querem vêr no trabalho a conquista da sua independencia e do seu conforto material.

A mulher, no nosso país, namora ainda por habito, sem se compenetrar de que o homem, no amôr, procura sobretudo a voluptuosidade, e que uma vez saciada a sêde ardente dos seus caprichos, a começa a encarar por um prisma muito diverso daquêle porque a encarou nos primeiros momentos do galanteio, um dia quando a encontrou num baile, virgem do amôr e dos carinhosos sorrisos do homem que a requestou.

Mas a mulher não olha a nada. Quer conquistar um coração, e eis tudo. Ela procura o homem, muitas vezes, como as abelhas procuram a flor em manhãs deliciosas de primavera, sem querer investigar se o homem, quando ajoêlha na sua frente, o fáz sob sentimentos honestos, ou só para implorar-lhe a voluntuosidade que afunda em lâma almas mesquinhas, corações refratarios a sentimentos nobres, a intuitos humanos e alevantados fins.

Porque neste sublime compasso binário dum homem e de uma mulher que se amam, como diz Paulo Mantegazza, aquêle é o elemento eléctropositivo, esta o elemento eléctronegativo. Aqui, a bomdade, a doçura, o abandono de si propria; ali, ao contrário, a força que quer, que conquista e que triunfa.

A mulher portugueza, amoravel e amavel como é, não deve ter pressa em namorar.

Encare primeiro, duma maneira positiva os problemas de ordem social estude e aperfeiçoe-se sob o ponto de vista moral, e pense depois em se casar.

ALMEIDA JUNIOR

INTERESSES LOCAIS

Casas escolares

A magnitude do assunto e o cuidado que nos merecem as coisas de instrução obrigam-nos novamente a vir hoje falar dos estabelecimentos de ensino desta localidade, tão desprezados sempre pelos governos da monarquia, e atualmente pelos da republica.

As escolas em Portugal acham-se, na sua maioria, instaladas, em casas de renda, das quais apenas algumas satisfazem ás principaes condições pedagogicas. Isto é um grande mal no nosso país, e apenas atesta a incuria e o desleixo governamental em questões de intrução. Cria-se uma escola mas não sem pensa em mandar construir a casa onde ela funcione. O que é costume fazer-se, e costume já velho, é atirar com ela para uma casa de renda, se a preocupação de verificar se essa casa possue os capitaes requisitos, para que nela se possa ministrar o verdadeiro ensino. As consequencias que derivam desta inqualificavel leviandade são bem deploraveis, e resaltam todos os dias nas reclamações que o professorado formula pelos jornais. Os governos fazem ouvidos de mercador, e, quando muito, entôam o pindarico ritornelo: — *não ha dinheiro*. E caem no proverbial silencio dos deuses.

Ora nós, pelo facto de não *haver dinheiro*, segundo a loa governamental, é que não toleramos que as crianças — os homens do futuro — sejam prejudicados nos seus direitos educativos e na sua entidade moral, internando-se diariamente em casas destituidas de todas as condições, higienicas e pedagogicas, como são as duas casas de ensino de Arazêde, a que só por ironia se pode chamar *escolas*.

A escola do sexo masculino, á qual melhor ficaria o nome de *pardieiro*, é uma casinha baixa, ao rez do chão e acanhada e sem uma linha de estetica, no interior da qual se cumulam carteiras, bancos e mesa do professor, tudo numa medonha colisão, não havendo em toda a sala uma coxia larga por onde se possa passar livremente.

O mobiliario chega até á porta da rua, sendo preciso fechar esta quando chove torrencionalmente, o que dá em resultado ficar a sala numa penumbra densa. A temperatura interna é extremamente baixa de inverno e sufocante de verão, o que ocasiona defluxos constantes nas pessoas que nela permanecem uma parte do dia. Tem ótimas condições, mas é para desenvolver nas crianças a miopia e para lhes despertar a repulsão por frequenta-la assiduamente.

A do sexo feminino, mais acanhada ainda pelas reduzidas dimensões dos compartimentos internos, não comporta a frequencia escolar e oferece as mesmas condições prejudiciaes que a do sexo masculino.

Os professores fartam-se de reclamar, mas ninguem os atende. A actual junta de paroquia tencionava como dissemos, resolver a questão, contraindo um emprestimo para a construção dum edificio escolar; mas o governo entende que deve opor obstaculos a obras desta natureza, dificultando com praxes monarquicas e com formalidades pechosas o que se podia fazer numa unica penada.

E' necessario que as autoridades competentes olhem com atenção por este magno problema que de ha muito está por resolver. No parlamento deve estar alguem que representa o circulo da Figueira da Foz, a que pertence a freguezia de Arazêde. Pois que esse alguem se resolva a tocar no assunto, advogando uma causa que é debaixo de todos os pontos de vista justa e inalienavel. Bastaria que o governo se resolvesse a reduzir ou anular o numero de formalidades que estas questões costumam exigir com grave prejuizo das populações escolares.

Voltaremos ao assunto.

OS ALTOS PRINCIPIOS

Educação moral e civica

I

A Patria

A Patria é uma palavra sublime, que faz vibrar os corações de entusiasmo e de grande amor cristão, acendrado e santo, dum amor belico e inconfundivel, que nos enche a alma de reflexos d'oiro e de acrisoladas esperanças, e que a torna viril para a defeza heroica daquela que nos aleitou com o balsamo do espirito e nos embalou no berço da Virtude. A Patria é, portanto, a nossa Mãi espiritual e a grande Crêdora dos nossos sentimentos de gratidão e de afêto, da nossa energia, do nosso talento, da nossa continua vigilancia.

Amar a Patria é glorificar-lhe o Passado, engrandecer-lhe radiosamente o Presente, e assegurar-lhe uma grande luminosidade no Futuro.

Para sermos verdadeiramente patriotas devemos esforçar-nos, tanto quanto pudermos, por vitalisar e fazer prosperar o país que nos serviu de leito; devemos contribuir, com a medida de todos os nossos recursos, para o seu desinvolvimento intelectual, comercial, industrial e agricola; devemos grangear-lhe o direito de comunhão na grande familia da Humanidade; devemos abroquelá-lo do respeito dos outros povos, para que o considerem como país amigo e aliado; devemos, emfim, dispôr, em seu favôr, do nosso braço rijo e invencivel, se porventura fôr atacado por alguma nação impacifica e ambiciosa; e, se tanto fôr necessario, devemos até sacrificar a vida, dar a última gôta de sangue por aquela que nos deu a primeira gôta de luz.

Isto é ser patriota, é ser, ao mesmo tempo, heroi e crente.

Defender as leis que regulam a Patria, fomentar os interesses que a manteem e cumprir cabalmente os encargos que ela nos confia, ainda isto é patriotismo e nobreza de carater. Mas essa virtude tão bela que exige coragem, inteligencia, justiça e equidade, e ainda o sacrificio da propria vida, não é sómente o apanagio do homem.

Egas Moniz foi dedicado até ao heroismo; o infante D. Fernando abnegou-se até ao martirio; Luiz de Camões foi crente até á veneração; Marquês de Pombal acrisolou-se até ao exterminio. Mas Filipa de Vilhena palpitava de heroicidade, quando entregou duas espadas aos filhos para pelejarem pela independencia de Portugal, recomendando-lhes que, ou as haviam de traze-

r

A voz dos professores

PINCELADAS

II

Depois, observam-se para ai coisas que, francamente, nunca no tempo da monarquia se observaram. O caso do professor Mendes Cabral é tipico. O inspetor do circulo escolar a que ele pertence processou-o disciplinarmente. O leitor imagina porque? — Se ainda não viu o caso relatado nos jornais, aposto que nem sequer é capaz de se aproximar da verdade. Porque Mendes Cabral fôi processado disciplinarmente pelo seu superiôr hierarquico em virtude de ter cometido êste crime tremendo: atacou uma lei da Republica, dentro das normas traçadas ao jornalista honesto, — a lei da separação do estado das egrejas! O delegado do procurador da Republica não encontrou na prosa do distinto professôr querela. Mas o zeloso inspectôr — que ia jurar têr tanto de republicano, antes de 5 de outubro, como Paiva Couceiro — é que viu as coisas de outro modo.

Quem escreve estas linhas, sendo, como Mendes Cabral, um professôr primario oficial, atacou por diversas vezes a monarquia de frente. Você, Manuel de Melo, sabe-o bem — não é verdade? Foi na *Tribuna do Professôr*, foi na *Educação*, foi na *Civilisação Popular*, foi na *Feãeração* e foi, por ultimo no *Mundo* — no proprio *Mundo!* — e noutros jornais republicanos da provincia. Os seus superiores sabiam-no, porque, com rarissimas excepções, os artigos eram firmados pelo nome do seu autor. Pois nunca nenhum se lembrou de o perseguir. Digo-o bem alto para honra dêlles e honra minha. Nunca nenhum se lembrou sequer de lhe fazer qualquer observação.

Mas o que comigo aconteceu igualmente se deu com outros meus colegas. Inclusivamente com o proprio Mendes Cabral, que já ha muito é republicano, como bem se deprehendia dos brilhantes artigos que no tempo da monarquia escreveu. Não obstante, foi preciso que a Republica se implantasse, para que os professores primarios, ao escrever, tenham de estar a pesar as ideias e as palavras — nunca as autoridades escolares, com aprasimento de alguns republicanos, se lembrem de os processar...

M. J. Antonio

vitoriosos, ou êles não deviam voltar mais. A padeira de Aljubarrôta sentiu bem a Patria, quando expulsou os castelhanos com um vigor másculo e com a fé civica de mulher portuguêsa. E Maria da Fonte vibrou de patriotismo guerreiro, quando ha sessenta e seis anos soltou o brado da revolta no meio das legiões populares do Minho.

E' nestes exemplos frisantes e plenos de civismo que as mulheres portuguêsas de hoje se devem inspirar para os comunicarem a seus filhos, desenvolvendo nêles ao mesmo tempo a inteligencia e a coragem, o amôr da Patria e o ardôr belicôso. Não sejam êles sòmente herois nos campos da batalha ou nas praças públicas; sejam-no tambem na vida civil, pelo trabalho honrado, pela lealdade estremada e pelo respeito sagrado ás leis do país.

Sêr patriota é, antes de mais nada, atestar as epopeias do Passado e abrir uma senda luminosa para o Futuro.

A mulher tambem tem a desempenhar um papel grandiôso para a conservação da independencia e da prosperidade nacional. No momento angustiôso em que a Pátria chega a sêr atacada pelo inimigo, não deve a mulher, digna dêste nôme, hesitar um só momento em cumprir todos os devêres que impendem sôbre ela; e, reprimido toda a ternura maternal que dedica a seus filhos, não deve tão pouco hesitar em os sacrificar pela independencia preclitante da Pátria, que então tem o direito imprescritivel de sêr defendida pela energia do seu braço e pelo vigôr do seu génio.

E cômo deve sêr tocante e dôcemente heroico vêr a mulher empregar tôdos os meios para sêr útil ao seu país, nas horas cruas da batalha acêsa, já cuidando amoravelmente dos feridos, já animando esforçadamente os combatentes; e, no maior afôgo da luta, brandir herculamente uma espada e têr uma morte gloriosa no campo ao lado dos verdadeiros heroes!

A Pátria! Esse rincão belo e acariciador que sente nas suas entranhas a vitalidade intensa dum pôvo e a palpitação heroica duma bandeira! Oh! quem não se sente arroubado ao pronunciar apênas o dolçorôso nôme de Portugal! Quem não guarda bem no coração, cômo um precioso escrínio, o desejo ardente de lhe sêr util e de se lhe votar com toda a alma, para que ela fique sempre coberta de gloria atravez de tôdos os tempos!

Sejamos, pois, patriotas com toda a fé de portuguêses.

Sêr patriota é, alem de tudo o mais, amar a familia e cingir uma auréola de luz na fronte do filho, adormecido no bêrço.

Doente

Está doente e de cama a sr.ª Maria Saldanha, sogra do nosso presado amigo e assinante, sr. José Lucas Caleiras, zeloso agente da Companhia Portugueza, em Pampilhosa, e avô da esposa do nosso camarada de redacção, Almeida Junior.

Desejamos as melhoras da inferma.

AS BULAS

E' do numero 4 do *Alerta*, de Barcelos, e correspondente a 1 de maio de 1905, o belo artigo que a seguir reproduzimos, e que um nosso presado amigo fez favor de nos ceder.

O *Alerta* era uma revista mensal que viu a luz da publicidade nos tempos agitados da politica portuguêsa.

Achamo-lo oportuno na hora presente; e é ele dedicado ao pôvo, a este belo pôvo de Portugal, tão resignado e tão bom, tão patriotico e tão leal amigo da Republica portuguêsa, que ele generosamente soube implantar nesta abençoada patria de flores e céo azul.

Por colaboradores teve o *Alerta*, individualidades queridas, como: Miguel Bombarda, Hiliodoro Salgado, Angelo Jorge, Arnaldo Pereira, etc., aos quais Portugal deve uma boa parte das suas prosperidades politicas e sociais.

«Entre os numerosos absurdos que o Catolicismo impõe como um dogma, um ha que, por ser da atualidade, nos merece a honra de ser o assunto da nossa crónica d'hoje. Vamos referir-nos á rendosa bula, que a Igreja classifica de Santa Cruzada. No longo numero de indulgencias que na mesma bula se descrevem, e onde se manifesta claramente o espirito ambicioso do clero, algumas ha que nos mereciam especial reparo, se não condenassemos no geral a citada bula. Instituida para um fim completamente inutil — pois nada lucra a Humanidade com a existencia de igrejas mais ou menos luxuosas, com muitos ou poucos ornamentos, rica ou pobre de paramentos espalhafatosos, — o autor da bula tentou dar um testemunho do seu imenso poder, não permitindo aos apostolos da sua religião a escolha das eguarias em dias determinados e anunciados oportunamente, em varios reclames, pelo alto e baixo clero. A ideia era duplamente feliz; não só viria contribuir para o aumento de colossais riquêsas que se somem em faustosas devassidões, como patentear uma autoridade que era, noutras eras, a gloria da Igreja. Dar-se-lhe-ia um caracter de humanitaria, dizendo ser para custear as despêsas com os seminarios, que a benevolencia publica permite existirem por esse país.

Num país de fanatismo, onde tudo impera menos a Luz, tudo se admite, tudo se consente; e a bula, sem utilidade humanitaria nenhuma, produziria o resultado desejado, isto é, uma fonte de receita inexhaurivel, onde a ambição clerical encontrasse uma satisfação, onde abundassem recursos monetarios para saciar desejos sensuaes e criminosos. O resultado pratico ultrapassou todas as previsões; dum extremo ao outro do paiz a bula tinha uma venda espantosa, um consumo extraordinario. A ideia teorica foi acolhida com regosijo; a ideia pratica foi saudada brilhantemente, com a entrada de centenas de contos nos cofres do clero. Era mais um absurdo que a Igreja impunha, e que o fanatismo boçal acolhia com verdadeiro jubilo.

Afinal num paiz de doidos tudo é bem aceite. A bula só concede indulgencias a quem a pagar: o miseravel pária que procura na solidão da noite um albergue onde se agasalhar, morrerá vilipendiado porque não tem dinheiro para pagar a indulgencia para os pecados que cometeu.

E' este o absurdo, evidentemente flagrante, da bula da Santa Cruzada: põe a claro a ideia que invadiu o espirito do auctor, indicando o verdadeiro fim para que foi creada:—todo o pecado tem indulgencia desde que se pague a peso de oiro.

A bula não é pois um producto da fé catolica: é uma mercadoria comercial, indispensavel em todos os lares domesticos, mas dispensavel a todos os espiritos sensatos.

Devastam o país terriveis enfermidades e deploraveis miserias: não se criam para suavisar estes males cruzadas bemfazejas, organisadas pelo clero e por ele constituidas; enferma o país dum mal manifesto e incontestavél — a ignorancia do povo: não se organisam para evitar esta calamidade asilo-escolas, onde se ministre a instrução e se dê agasalho ao miseravel.

Em compensação instituem-se bulas cujo produto vae aumentar o fausto e a riqueza, que o clero exhibe com singular egoismo.

E, ironia tristissima, o povo, que concorre poderosamente para a ostentação do culto catolico, abandona vilmente, esquecendo todos os seus deveres humanitarios e naturaes, os desherdados da fortuna, os párias do destino, que a infelicidade colocou na imensa roda da desventura».

FERRO-VIARIOS DE PORTUGAL

E' com satisfação que registamos o benevolo acolhimento que teve o nosso ultimo artigo, sob a ipigrafe *Haja União*, vindo alguns camaradas honrar-nos com a sua assinatura, prestando-nos assim o seu valioso concurso.

Efectivamente, a ideia dominante de todos os espiritos altruistas, é de que uma classe, será tanto mais forte para a luta, quanto maior fôr o esforço irmanado numa suprema e unica aspiração.

Seguindo a orientação deste semanário, nós seremos o mais circunspectos possivel nos nossos escritos, fugindo á rudêsa do ataque que pouco honra quem o verbéra.

Ha de ser com interesse e sem rebuço que havemos de patrocinar a causa dos nossos camaradas, mas dentro da esféra da Ordem e da Justiça, pelo que nutrimos a esperança de vermos atendidas as nossas reclamações, senão sempre, algumas vêzes; senão em tudo, em parte

Seguindo esta ordem de ideias, vamos hoje ocupar-nos, embora sintéticamente, do pessoal da Beira Alta.

Em tése, todos os empregados desta linha estão sobrecarregados com um extraordinario serviço, e mal pagos.

Os seus vencimentos, além de insuficientes, são onerados com descontos que consideravelmente os reduzem. Assim, ordenados que já eram exiguos, ficam em pouco mais que nada, depois de submetidos á prensa das deduções.

O empregado de carteira, mórmente, precisa de andar bem vestido, mas a compra dum fato, ou dum fardamento, desiquilibra-lhe as finanças, porque, como se sabe, a vida está carissima.

Para sustentar a familia, luta com dificuldades, porque a renda da casa impele-o para o adiantamento, embora sem juros.

A caixa de reformas nada aproveita aos empregados antigos; de sorte que, se a fatalidade, por qualquer circunstancia, os inutilisa, têm que estender a mão á caridade publica.

E basta só esta ideia para lhes atrofiar a existencia.

Pedimos, pois, aos poderes superiores desta Companhia. para que olhem para a situação deveras lamentavel do seu pessoal, bem digno de melhor sorte pela sua honestidade, dedicação e zêlo, e pelo manifesto respeito que sempre tributou aos seus superiores hierarquicos.

Aí fica singélamente tracejada a resumida historia dest s humildes obreiros do Caminho de Ferro da Beira Alta, e oxalá que as nossas palavras, que ecôam de boca em boca, formando tétrico conjunto, sejam tomadas na devida consideração por todos os que podem suavisar-lhe a sua situasão aflitiva.

Azul do céo

PERFIS LIGEIROS

III

Meiga e sonhadora. As faces carminadas, e, os labios, rosados como as pétalas dum botão de rosa ao entreabrirem-se em sorrisos, mostram-nos todo um mundo de ventura e goso.

Eles são uma biblia, um evangelho, labios que, ao movimentarem-se, uma boa nova contam.

Quem me dera viver eternamente embriagado no mel daquéles labios tão vermelhos!...

Eu quizera retrata-la, quizera descrever aqui, com palavras retumbantes a esculturabilidade das suas formas graciosas, o magnetismo e misticismo do seu olhar, a belêsa da sua alma, e, do seu todo, a formosura.

Mas... ai de mim! É fragil o meu pulso para mover a pena em tarefa tão dificil. Perfilar a pessoa a que me refiro não é concedido a simples membros da humanidade que como eu não têm esse poder sobrenatural de descrever com palavras altissonantes, com frases divinamente buriladas toda a perfeição duma mulher que só Camões, Tasso, Dante, ou outros de igual estôfo saberiam cantar.

Mulher?!... Ao chamar-lhe este nome acode-me ao pensamento uns versos dum poéta que eu li e que pareciam ser-lhe dedicados porque diziam:

Mulher?! Chamei-t'o eu?! Que semelhança
Has tu com essas que tal nome têm?!...
Tu mulher?! Tu?! Ah! não! Casta cecem!
Viva estréla d'amor e confiança!

E depois:

Tu és um anjo bom: anjo d'esp'rança.
Que vens lembrar-me em sonhos minha mãe
Que vens fazer-me ouvir a vóz do Bem!
Nos arrulhos ideais de pomba mansa!

E o poeta parece ter razão. Ela é bondosa como os anjos e o seu coração não querendo atraiçoar o seu terceiro nome, é cheio de piedade *e amor.*

E que mais direi? Mais nada. Apenas que vai em breve deixar o lar e as pessoas amigas para gosar o noivado que nós lhe desejamos longo e venturoso.

Apólo.

Dr. João de Deus Ramos

Acaba de ser louvado no *Diario do Governo*, pela carinhosa dedicação que tem tributado á causa da instrução das crianças, êste inteligente pedagogista e escritôr publico, a quem o *Dever* cordialmente saúda por mais esta prova de consideração que o governo da Republica acaba de lhe conferir.

De resto, o sr. dr. Silvestre Falcão, Ministro do Interior, honrando o nosso querido amigo, honrou o seu caracter e a farda de ministro.

Dr. Affonso Costa

Está a caminho de Portugal, sua patria amada e que tanto lhe deve, este ilustre parlamentar e homem publico, a quem feliz regresso desejamos.

CORRESPONDENCIAS

Figueira, 14. — Esta bonita cidade, para desenvolvimento do seu comercio e da sua industria, necessita urgentemente do porto arranjado.

A Figueira, como grande exportadora de madeiras, pedra e sal, e importadora de carvão, e como possuidora da maior flotilha de navios bacalhoeiros, pena é que se não possa desenvolver.

Fez-se já uma representação ao governo da Republica, e ficou-se de estudar o assunto; mais tarde foi nomeada uma comissão para o mesmo fim, e até hoje não ha nenhum melhoramento.

Está em reparação a draga desta cidade, para desobstrução d'areias, mas isto não se chama um melhoramento, visto que elas, tirando-se dum lado e pondo-se no outro, ficam na barra da mesma maneira.

O dinheiro que se tem gasto com dragas, se fosse aproveitado para fazer o paredão-cais do lado do sul, beneficiaria o porto, que está ja hoje estariam em condições de dar entrada a naviosde grande lotação.

Em virtude dos estudos do pôrto e barra já se acharem concluidos, qual o motivo de se não começarem as obras?

A resposta será dizer que não ha dinheiro, mas a comissão que foi a Lisboa, prontificou-se a arranjar tudo com os rendimentos do bacalhau e alfandega durante um determinado periodo d'anos, e vencidos os juros deste dinheiro, passava tudo a ficar a cargo do Estado.

Veio a esta cida o sr. dr. Brito Camacho, que achou a barra excelente, mas afinal nada se fez ainda.

Sabe-se perfeitamente que a Republica tem feito grandes despêsas, apesar de ter encontrado os cofres vasios mas com um pouco de sacrificio alguma cousa se conseguiria.

E' triste vêr ancorados nêste pôrto navios 5 e 6 mêses, e ás vezes mais e a continuar assim a meia duzia de navios que aqui, e esses poucos não voltarão cá mais a continuar tudo na mesma.

— O lugre Golfinho anda em *maré de infelicidade*. Tentou-se no sabado lança-lo á agua, e mais uma vêz foram inuteis taes esforços, visto que quando ia já chegando á agua desviou-se um pouco do *rêgo da carreira*, e espetou a ré na areia.

Lá para o dia 18 é que irá definitivamente para a agua.

— O baile realisado no domingo, na Associação Naval 1.º de Maio, oferecido aos socios, decorreu animadissimo, dançando-se até depois das 3 horas da manhã.

Alcunharam de estrela do baile da naval, uma elegante espanholita, a qual é costume sêr sempre preferida para qualquer dança, chegando até os rapazes a disputar a primazia.

D'estas assim havia de haver muitas...

— Esteve entre nós o sr. José Maria d'Andrade, conceituado negociante de cal, em Arazede.

— A gatunagem da Figueira, que se dizia atrazada em roubos audaciosos, tem andado desenfreada, tendo ultimamente tentado assaltar algumas casas, entre elas a da ilustre actriz portugueza, D. Lucilia Simões

Na noite de domingo para segunda feira, houve n'esta cidade uma especie de tiroteiro, não se sabendo a sua proveniencia, atribue-se á matulagem que infesta esta cidade.

Santo Varão, 14. — Atualmente está grassando, com grande intensidade em Lisboa, a *febre tifoide*, resultado, ao que parece, da impureza das aguas, que são fornecidas para consumo á população da capital.

Fôram já adotadas providencias para debelar o mal que ameaça querer alargar a sua esféra de ação, pelo país além. Ah! Não é só na capital que a agua é impura; também na provincia isso acontece, sem que as autoridades sanitarias dos concelhos voltem os seus olhos para este estado de coisas de máxima importancia para a saude publica.

Aqui, nesta povoação, tambem a fonte donde a população se abastece, é o que ha demais *imundo* e improprio para o fim a que é destinada, porque é um verdadeiro *chavascal*. Já teem sido pedidas providencias á Camara Municipal, para que a fonte seja mudada para outro ponto mais limpo e em outras condições higiénicas, não havendo meio de isso se conseguir.

A vereação camarária não se preocupa com estas ninharias.

— Estiveram de visita a suas familias os nossos patricios e amigos Jacinto de Noronha e Fernando d'Albuquerque. — *Zé da Bernarda.*

Aniversario

Passou no dia 9 o 14.º aniversario natalicio da sr.ª D. Gloria d'Oliveira Guerra, gentil filha do nosso presado amigo sr. Manuel d'Oliveira Junior, da Figueira da Foz, e irmã do nosso correspondente naquella cidade.

Parabens.

Café Distinto

Combate todas as marcas que apareçam no mercado.

POETAS E PROSADORES

A' BEIRA MAR

Noite estrelada de abril. Deitado de bruços sobre a areia ainda quente dos raios ardentes do sol, com os cotovelos fincados, a cabeça apoiada nas mãos, a vista perdida ao longe, eu penso... Em frente de mim estende-se o mar imenso, raiado de enormes sombras violáceas, lavrado pelas vagas profundas, cujas cristas, baloiçando-se, aqui e alem embranquecem. A onda avança, cresce, róla, sobe, sacode as suas retorcidas crineiras de escuma, rebenta com fragor e cae esmagada, aniquilada, sobre os recifes, com um formidavel grito de cólera. No céo, apesar de tranquilo, o azul mostra-se entre farrapos de nuvens arrastados pelo vento; as gaivotas voam alto no espaço e os corvos passam, vam passando sempre, em filas interminaveis e negras, dirigindo-se não sei para que banquetes carnivoros. O vento trás até mim o tilintar triste das campainhas, penduradas ao pescoço das vacas, que pastam a rara erva da charneca. O sol já ha muito tinha mergulhado no mar o seu globo de cobre e de todos os lados a agua ensombra-se: dançam scentelhas nas cristas das ondas. E' a hora melancolica em que na pequena aldeia já todos estam em casa, e tudo está deserto, triste, sombrio e solitario como num pequenino cemiterio.

Movo a vista em redor e atraz dum outeirito sobre um fundo de negra verdura, descortino o tecto das primeiras casas, o campanario de pedra e depois o farol luzindo com a sua luz tão vermelha por entre as ondas que batalham com furor. Para além, a vista adivinha prádos indecisos, praias maravilhosas, enseadas argenteas, ribas de um azul suave polvilhadas de nevoas e tão leves como vapores.

E sempre o mar, e sempre o céo, que se confundem, lá ao fim, no misterioso e pungente esbatido das coisas. E é para aqui que todos os dias venho,... quer chova ou faça vento, ulule ou descante o mar, esteja claro ou sombrio o céu, ou para aqui venho e penso, penso horas inteiras no meu presente e nela sempre nela... Não é porque estes espetaculos me enterneçam ou impressionem, não é porque receba desta natureza horrivel e ao mesmo tempo encantadora uma consolação.

A. Argel de Mello

(Continua).

O ACORDE DO VIOLINO

O pobre velho á noite, a sós num quarto escuro,
Abrindo o peito á dôr que o calcinava ainda,
Pega no violino em que tocava Olinda,
A sua linda noiva, o seu amór mais puro...

E na idealisação dum celico futuro,
Regeme o velho infliz com saudade infinda;
E, melodiosamente, a ópera mais linda
O violino geme, agonisante, obscuro!...

Mas eis que o infeliz treme de comoção,
E tira do violino o acorde mais sublime,
Que lhe palpitou o débil coração!

A custo o pobre velho as lagrimas reprime,
Porque vira atravez daquela escuridão
Um vulto de mulher, que o abraça que o redime!...

(Inédito).

* * *

CARTAS D'AMOR

A nossa gentil colaboradora D. Elêna de Castro, responderá, nesta secção a todas as pessoas que lhe fizerem perguntas por meio de carta, dêsde que não demandem reposta muito longa, devendo toda a correspondencia sêr-lhe dirigida para a redacção de *O Dever*.

MARIA LICA

Pergunta-me V. Ex.ª a maneira mais facil de amar sem padecer, *e, com franquêsa, a sua pergunta é de tal fórma restrita que eu não sei bem o que responder-lhe.*

V. Ex.ª não ignora, por certo, que ha diversas fórmas de amar e que não ha menos diversas fórmas de amôr. Umas trazem consigo o sofrimento, outras o regosijo e a ventura. Todo aquêle que ama, tendo como obtectivo apenas um gôso natural, certamente ha-de sofrer, porque essa ideia persegue sem cessar, terrivel, obsecante. Para estes, o amôr é um padecimento longo e torturante, porque não visa a um ideal nobre, alevantado e puro.

Porem, se se ama com sinceridode, se o amor provém do mais recondito dessa viscera a que os anatomicos deram o nome de coração, se êle alveja simplesmente a um fim altruista e verdadeiramente nobre, o sofrimento que dêle possa advir, transforma-se num goso infantil, num prazer indiscritivel.

De resto, minha querida consulente, é um ditado muito antigo: Quem se obriga a amar, obriga-se a padecer. *Quer o amor se manifeste em arroubamentos misticos o de Santa Tereza de Jesus ou Tomás ou Tomás Mories, quer ardendo em patriotismo como o das mulheres da velha Sparta, quer finalmente seja amor puro e santo, como os das mães acalentando ao seio os filhos adorados, ha sempre no amor sofrimento e goso, ventura e desdita, lagrimas e sorrisos.*

E... basta, porque está vai longa.

Elêna de Castro.

Ao Sr. Director Geral dos Correios

Mais uma vez pedimos providencias ao Sr. Directôr Geral dos Correios chamando a atenção de S. Ex.ª para a demora injustificada que o nosso jornal está sofrendo na sua chegada aos destinos.

Tendo dado entrada na estação postal d'Arazede na tarde de domingo, 10 do corrente, muito a tempo de seguir para chegar 2.ª feira á mão dos de um dos nossos camaradas de redacção, para cujo estabelecimento commercial ela deve passar, para bem servir a população, que não pode estar á mercê de caprichos politicos de quem quer que seja.

Mas, como foi no *Mundo* que encontrámos a local, não fugimos á tentação de a inserir no nosso jornal.

Oxalá o sr. Ministro do Fomento não faça demorar o deferimento que á justa petição prometeu aos nossos patricios, que pelo caso se interessam, em Lisboa.

COMISSÃO DISTRICTAL

Sessão de 14 de Março

Presidencia do sr. governador civil, dr. Mendes de Vasconcelos; presentes: o auditor administrativo substituto, sr. dr. Antonio Garrido; os vogais, srs. drs. Lusitano Brites e Abilio Justiça, efectivos, e Saldanha Vieira, substituto, e o agente do ministerio publico, sr. dr. Manuel Massa.

Presidiu o sr. governador civil, e assistiram os mesmos funcionarios da ultima sessão.

Aberta a sessão, lida e aprovada a acta da sessão anterior, a correspondencia recebida teve o devido destino.

— Foram tomadas as resoluções seguintes:

Circular ás Camaras Municipaes que ainda não apresentaram os seus orçamentos para o corrente ano recomendando-lhes que os remetam com toda a brevidade;

Aprovar a deliberação da Camara Municipal de Coimbra relativamente á mudança de um caminho publico que atravessa a propriedade de Francisco Mendes da Silva, proximo a Eiras, denominado quinta da Ribeira;

Autorisar a Camara Municipal da Figueira da Foz, a mandar reconstruir parte de um muro do cimiterio municipal com dispensa da hasta publica.

ANUNCIOS

Antonio Duarte Mendes
FABRICANTE
DE
Instrumentos de corda

Premiado nas exposições Distrital de Coimbra em 1884, na Industrial de Lisboa em 1888, na Universal de Paris em 1900 com a medalha de prata, e na Industrial e Agricola do concelho da Figueira em 1901 com a medalha d'ouro.

Satisfaz de pronto qualquer encomenda de instrumentos, garantindo a perfeição de seus trabalhos.

65, Rua da Bica — Figueira da Foz

Augusto Baía
ARAZÊDE

Mercearia, ferragens, louças, tabacos, vinhos finos, miudezas e muitos outros artigos

TROPA

Deposito da CASA ANJOS & C.ª
João Vieira da Silva Lima — Coimbra

SAPATARIA CONFIANÇA
ZEFERINO COELHO RIBEIRO
(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufactura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40, Rua 11 de Setembro. 42
FIGUEIRA DA FOZ

FARMACIA MONTEIRO
ARAZEDE

Produtos quimicos e farmaceuticos e artigos de industria farmaceutica como: fundas, algalias, borrachas, biberons, etc., etc.

FABRICA DE BOLACHAS E BISCOITOS DA ESTRELA

Curaça da Estrela, 1 a 15 — COIMBRA

Esta casa é que melhor fabríca e vende em melhores condições.

O PROPRIETARIO,
Manuel Pereira Junior

Café Distinto

E' o que maior aceitação tem obtido no mercado.

CASA

Arrenda-se uma, a pessoa decente, bem como duas propriedades de semeadura a quem dér garantia.

Quem desejar arrendar dirija-se ao redactor principal deste semanario, em Arazede.

Antonio Francisco Paes

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica — *Cantanhede*

Endereço telegrafico — ANTONIO PAES

BICICLETES de diversos autôres, desde 25$000 reis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramofones e musicas, em casa de

José M. Figueira — CANTANHEDE

CAFÉ DISTINTO

E' o mais forte e aromatico.

Folhetim d'O DEVER

M. DE M.

SÊNAS INTIMAS

Sentei-me. O meu amigo pousou o livro, e, depois de ter mudado de postura, começou assim:

— O José Rodrigues, que ja conhece de nome, era guarda-livros do Bernardo [1], que teve loja de mercearia na rua Ferreira Borges. Não sei se chegou a conhecer.

— Não cheguei. Inda era muito criança, talvês.

— Pois bem — continuou êle. — No tempo em que se passou a sêna que vou contar, teria o Rodrigues os seus vinte e dois anos. Era um rapaz esbelto, com um certo esmero de educação e habitualmente triste. Embora não transigisse sempre com os amigos, era bemquisto de todos.

Um dia encetou relações com a tal Beatriz de que ontem lhe falei, mas com aquela timidez natural do primeiro amor...

— Ah! esse foi o primeiro amor? não pude deixar de interromper, anceando sempre por ouvir harmonias suaves dum primeiro amor.

[1] Pseudónimo.

— Não posso afirmá-lo, apesar dêle m'o garantir. O que é certo é que, se algum pejo havia a principio da parte dêle, desapareceu para logo, porque ela abriu-lhe as portas do coração numa ternura tal que êle sentiu-se imediatamente á vontade.

Intervistavam-se á noite, quando ela saía da mestra, e pela manhã, antes de cada um ir para o seu mister. Durante o dia ainda se viam uma vez, á hora a que êle passava para ir jantar a casa, que era aqui perto, deixava a costura e ia vê-lo duma varanda que deitava para estes sitios. Trocavam um olhar terno e um sorriso particular, e ela desaparecia.

Decorreram algum tempo estes amores silenciosos de Beatriz, apenas conhecidos das companheiras, masignorados pelos pais dela. Quando estes o souberam, increparam a filha e disseram-lhe que não consentiam que ela falasse com o Rodrigues. Ela, porém, não fez caso, porque sabia que era pecha dos pais proibirem sumariamente as filhas de ter trato com o escolhido do seu coração; e tanto que dai a poucos dias já êle ia acompanhá-la á noite até á porta de casa, e ali ficavam a conversar até á hora a que o pai dela saia da oficina.

A mãi já se tornava indiferente aos amorios da filha; e esta, conhecendo-lhe a mudança, aventurou-se um dia a pedir-lhe consentimento para deixar entrar a casa o Rodrigues aquela hora a fim de conversarem mais livremente, em quanto o pai não chegasse. A mãi contrariou-a a principio com razões que lhe pareceram justas, apresentando-lhe os graves inconvenientes que dai resultariam, se o pai um dia os surpreendesse, dizendo-lhe tambem que aquelas relações não eram mais que um simples passa-tempo, sem lhe garantir talvez um futuro, e que isso, sobre ser um abuso de confiança, podia dar logar a comentarios pouco abonatorios da parte dos visinhos. Beatriz, por sua vez, impugnou a mãi com outros argumentos tendentes a destruir todos os receios que ela parecia ter; e, quanto ao ponto que dizia respeito a garantia de futuro, confessou que já tinha havido promessa de casamento parte dêle, e que tal promessa seria inquebrantavel, visto que ambos sentiam mutuamente uma atração irresistivel. A mãi contraveio ainda, Beatriz insistiu e acabou afinal por vencer.

Nesse dia á noite disse ela ao Rodrigues que tinha ordem da mãi para êle entrar em casa a ocultas do pai, e então que fôsse.

Muito satisfeito ficou êle com a bôa-nova, pois via já entreluzir a aurora que ambicionava; e, logo que foi apresentado á mãi, agradecem-lhe a familiaridade que lhe dispensava, prometendo-lhe ao mesmo tempo respeitar e amar a filha tanto quanto fôsse necessario para a fazer feliz; pois que, sendo aquêle o seu primeiro amor e não se confundindo os seus sentimentos com os do comum dos homens, não poderia nunca obrar contra o que lhe fôsse ditado pela consciencia.

A mãi de Beatriz, vendo a sinceridade com que êle falava, expoz algumas razões e condescendeu de boamente.

Ia o Rodrigues com regularidade a casa da costureira, quando, numa noite de dezembro, depois dos dois terem conversado por alguns momentos, em quanto ela ia trabalhando, notou a Beatriz que o namorado se achava um tanto palido, o olhar amortecido e as palavras menos expressivas. Preguntou-lhe se sentia incomodado.

— Sinto-me indisposto do estomago, respondeu êle.

— Se não fossem já quasi horas de meu pai vir, ia-te fazer uma pinga de chá, lhe disse ela. Mas, continuou em ar de gracejo, o melhor é ires-te já embora, não vás tu morrer agora aqui, e digam depois que fui eu que te matei...

Ele sorriu tristemente e disse:

— Vou-me embora, vou, que já são horas... Olha, amanhã de manhã não esperes por mim, porque tenho de ir mais cedo para o escritório. Ando agora com o serviço do balanço e preciso de aproveitar mais tempo.

Dispunha-se já para sair, quando lhe disse num murmurio:

— Dás-me um beijo?

— Porque me pedes um beijo? — perguntou ela. Nunca me pediste nenhum...

— Ora essa! — respondeu êle. Algum dia havia de pedir-te o primeiro. Foi hoje...

Ela não quis recusar e êle pousou-lhe na fronte um beijo furtivo, porque naquêle instante vinha de dentro a mãi a entrar no aposento onde êles estavam.

Despediu-se o Rodrigues da costureira e da mãi, e saíu.

Aqui o meu amigo interrompeu-se, passou duas vezes a mão pela testa, como para afastar uma ideia triste, e continuou logo:

— Tinha êle descido a rua de Quebra-Costas e o Arco de Almedina, ela a começar a descer a rua do Cego, quando de repente sente faltar-lhe o equilibrio, as pernas começam de vacilar-lhe e êle tenta segurar-se á parede. Neste comenos vinha de baixo o dr. Novais, medico, que vê aquilo. Ia já a aproximar-se dêle, quando o Rodrigues, forcejando por dar uns passos, começa de cambalear cada vez mais, solta um gemido surdo e cai-lhe mesmo á frente.

(Continua).

Telegramas: Abilio Lagôas

ABILIO LAGOAS

TELEFONE, 295

54, Praça do Comercio, 55—COIMBRA

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da companhia de seguros Comercio e Industria. Comissões e consignações

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Paris, Londres, New York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

CERAMICA EXCELSIOR

FUNDADA EM 1903

Lacerda, Figueiredo & C.ª, Limitada

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro — JOAQUIM COCA JUNIOR

CHPELRI MODERN

DE

JOSÉ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73 — FIGUEIA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

Praça 8 de Maio, 73-74 — FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

COM

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

Domingos Lino Gaspar

Armazem e oficina de moveis e estofos, mobilias completas, colchoaria e camas de ferro. Oleados, bagnetes e muitos outros artigos.

128, Rua do Principe, 130

Figueira da Foz

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque êle tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

LOJA DO POVO

Mercearia, ferragens, fazendas brancas e papelaria
Deposito de tabacos e fosforos
Papeis *Duc, Lecosmopolite* e outros, para cigarros
Fosforos de cera e amorfos
Sabão, etc., etc.
Desconto da tabela da companhia

Vendas por junto e a retalho

BERNADO GONÇALVES FERREIRA

Montemór-o-Velho

Manuel d'Oliveira Junior

Rua da Republica, 84 a 88

FIGUEIRA DA FOZ

Compra madeiras em todas as dimensões e pinhaes em qualquer parte do paiz.

Encarrega-se de fornecimentos de madeiras para Portugal e estrangeiro.

Tem na Figueira da Foz, depositos de madeiras, em taboas, vigas, travessas, sualhos, etc.

Quem quizer vender madeiras, dirija-se em carta ao escritorio, que receberá em seguida uma nota de preços.

Pagamento, á vista da fazenda

Antonio José Abrantes

Alfaiate e mercador

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta

164, Rua do Principe, 168

FIGUEIRA DA FOZ

Sucursal em Leiria, Praça das Galinhas, sob a firma Abrantes & Genro.

Sortido em fazendas de lã e algodão, nacionais e estrangeiras.

Varinos d'Aveiro, capotes á cavalaria e gabões para homem e creança.

Encarregam-se de qualquer encomenda para fora da terra.

Faz os mercados de Montemor-o-Velho, Guia e Monte Redondo, onde pode ser procurado pelos seus freguezes de fora da Figueira e Leiria.

Portugal Previdente

Companhia de Seguros

Séde em Lisboa

Efectua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efectua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Rua Ferreira Borges, 155 1.º

INSTRUCÇÃO COMMERCIAL

(Collegio Mondego)

Plano de estudos: — Munir os alumnos de conhecimentos praticos immediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funcções de empregados do commercio, industria e banco, supprimindo-lhes a pratica nas casas commerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenographos, dactylographos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã,
tendo por base a conversação

Cursos diurnos e nocturnos de contabilidade, escripturação mercantil e caligraphia

INSTRUCÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

SEXO FEMININO

1.º e 2.º grau: linguas, sciencias e letras, lavores, musica, desenho, pintura, commercio e economia domestica

P. DA INQUISIÇÃO

O director, DIAMANTINO DINIZ FERREIRA

CASA FUNERARIA

DE

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

Praça Velha — FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sortido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc.

Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos.

Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

SILVA & FILHO

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — COIMBRA

Café Distinto

Provae e vereis o resultado.

Palace Hôtel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÈE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vaste forêt

Maison de premier Ordre, Confor-moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumière électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations:—Luso (3 kimètres) Pampilhosa (10 kilométres).

Automobles et Voitures

Mercearia Flor do Japão

Casa especial de chá e café

Torrefação e moagem a vapor

66 — Rua da Sofia — 70

COIMBRA

O proprietario desta casa recomenda o seu café moido **Distinto** (marca registada).

Este magnifico café, devido á sua combinação, é o mais forte, soboroso e aromatico.

Aceita-se um unico depositario nas principais terras do paiz.

Vende-se em lindas latas acharoadas de 250 gramas por 180 réis e 500 gramas 350 réis.

Pacotes de 250 gramas, 170 réis, 125 gramas, 85 réis, e 100 gramas 70 réis.

Descontos aos revendedores.

1.º Ano — ARAZEDE, 24 de Março de 1912 — N.º 5

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 reis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 reis; na 3.ª, 40 reis e na secção respectiva, 20 reis.
Anuncios permanentes contracto especial.
Abatimento de 25 por cento aos srs. assignantes.
Não se restituem os autographos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado

O DEVER

ASSINATURAS

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS. — Ano, 999 reis; semestre, 600 reis; trimestre, 300 reis.
BRAZIL. Ano, 2$000 reis, fortes.
Numero avulso, 30 reis.

REDÁÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — ARAZEDE
OFICINA DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Tipografia da *Gazeta de Coimbra* — PATEO DA INQUISIÇÃO — COIMBRA.

Director, editor e proprietario — MANUEL DE MELO
Redactor principal — Humberto Beirão

A correspondencia deve ser dirigida ao director deste jornal.

PATRIA E HUMANIDADE

Semanario republicano

Redactores: J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz, Soveral da Rocha e Cruz Gonçalves

Secretario, Augusto Baia — Administrador, Antonio Baia

NEM SÓ DE PÃO VIVE O HOMEM

E' simples esta frase mas encerra em si uma filosofia profunda.

Nem só de pão vive o homem! Se o homem nasce e se desenvolve numa atmosfera de vicio e de depravação, se, ao principiar a conhecer e a admirar tudo quanto o rodeia, desde logo lhe vão começarem tambem a semear no espirito e no cerebro embrionario a ideia do Bem e a adoração pela Luz, ele não vive, vivendo; não sente, sentindo. Vivendo, apenas vegeta; sentindo, não passa dum automato. Sem a luz da consciencia, isto é; sem o pão do espirito, a educação e instrução, o homem mais abundante será o mais faminto, o mais fortunoso será o menos rico. Se o pão material é indispensavel para o revigoramento da inergia fisica, se ele é necessario para a conservação do vida animal; o pão do espirito não é menos indispensavel para nos fortalecer moralmente, para nos tornar aptos para o futuro e para nos ajudar a conhecer e a compreender a vida, como ela deve ser. Somente com o sustento material o homem será sempre um escravo á mercê dos caprichosos e das ambições de quem quer servir-se dele para satisfazer simplesmente vaidades desordenadas e insatisfeitas.

Hoje não é tanto assim, porque o homem por si proprio vae procurando compreender o que o rodeia e conhecendo quem lhe procura fazer bem ou mal. Mas, outr'ora, o povo era, propositadamente, conservado na ignorancia, para a custa da sua cegueira espiritual se praticarem as maiores baixesas e vilipendios. Outr'ora o povo era fanatisado por falsas doutrinas prégadas por falsos apostolos do Cristianismo; outr'ora conservavam-no emudecido e receoso com as ameaças de castigos lançados sobre a humanidade sofredora, por um Deus que, longe de ser todo perdão, bondade e amor era apenas vingativo, raivoso e mau.

Porem, hoje, o homem vae já lançando para bem longe de si todos os preconceitos e superstições.

Ele já não é o que era dantes. Hoje sabe mais ou menos ouvir e compreender a vós da sua consciencia durante imensos anos apunhalada. Hoje ele sabe mais ou menos guiar-se pelo caminho que lhe indica a razão e que é por conseguinte o do positivismo, o que é proveitoso, aquele que o leva a conhecer os homens e as coisas, tal qual como elas são e devem ser.

Hoje, ele já procura emancipar a consciencia, proclamando uma aurora nova, ridente de luz, que iluminará, como estrela aurifulgente a estrada do racionalismo, da realidade, do livre pensamento — A Liberdade!

*

Que importa que ainda haja quem se atreva a ludibriar o povo simples e crente, fazendo-lhe ver as erradas conveniencias duma educação puramente dogmatica?

Que importa que haja quem procure contraminar na sombra, a obra digna e frutuosa, daqueles cujo mister é espalhar Luz, Verdade e Amor nos cerebros incultos da humanidade?

Acaso consegue a borboleta beber ou ofuscar o brilho da luz que a inquieta e provoca?

Indubitavelmente que não. Pois bem; não importa tambem que os inimigos do Belo e de tudo o que é progressivo e util tentem derramar no espirito de todos os que não teem ainda a noção rigida dos seus deveres, ideias retrógradas tendentes a conservar a sociedade menos culta num estado de deploravel embrotecimento, tornando-a um instrumento de odios e vinganças e um inimigo aceso de todos os verdadeiros e elevados principios.

E não importa porque essa mesma sociedade menos culta vae evolutindo rapidamente e em breve alcançará em rapidez a curva ascendente do progresso humano rasgando assim horisontes largos á humanidade que quer guiar-se e inspirar-se nestes principios: Razão, Verdade, Positivismo e Liberdade.

E, ai deles, ai dos que procurarem guiar o homem por um caminho escabroso e mau — o da ignorancia.

Ai deles porque a voz da vingança, clamorosa e forte, soará distante e a maldição será irremessivel, eterna. Sobre eles erguer-se-hão como gritos unisonos, frementes, de revolta e maldição mal contidas, as vozes do povo, desse eterno despresado que vive ainda submerso num mar largo de trevas, envolto na noite tenebrosa do obscurantismo, mercê dos conselhos preversos e das ideias retrógradas inoculadas no seu espirito pelos mercadejantes sem alma, de consciencias humanas.

E então, depois, a hora da justiça será breve e a humanidade redimida livre de preconceitos verá alfim raiar para ela o dia da sua felicidade completa, o dia da sua ampla liberdade.

DIFAMADORES

A cultura microbiana, que por dever de cargo, de posição e de gestos não pôde correr o sacrificio ou satisfazer o gosto de constituir o séquito emigratorio da ex-familia real, ficou, como se sabe, por aí distribuida em nucleos de má lingua ambulante, visto não possuir outras aptidões ou qualidades de vida funcional, exceção feita á decidida bóssa, que sempre manifestou, de roer vorazmente o que nas entranhas do tesouro publico apanhava... á mão. E' escusado resumir, sequer, um simulacro de monografia de taes microbios, tanto eles são conhecidos do povo, que se cansou de lhes sentir os efeitos. Na vigencia do velho regime pastavam sofregamente, pois que esta especie de microbios possue bocas de todos os feitios e tamanhos, desde as que, de certo modo, se assinalam aos bacilus, aos protozuarios, emfim, aos infinitamente pequenos, até ás que se admiram nos maiores animalejos de zoologia prehistorica, ou ante-diluviana, de que se guardam alguns exemplares no Britsh Muséum.

Esta originalissima especie de microbios passou despercebida a Pasteur, mas dela trataram escropulosamente os republicanos e todos os patriotas portuguêses, estudando-a nas suas origens, na sua ação e nos seus resultados, vindo a reconhecer que o unico remedio eficaz destinado a dar cabo de tais vibriões, consistia exclusivamente numa injeção de republica no organismo nacional, por estes corroido e senalisado até á medula. Muitos desses animalejos faleceram, isto é, perderam a casca; outros safaram-se não se sabe para onde, outros fugiram, outros dissimularam-se sob o barrete frigio, outros hibernam em guisa de certos especimens de sangue frio, e outros, organizaram outeiros de cantigas ao desafio, para entretimento dos saloios...

*

Estes cavalheiros, entretidos a comer, a insultarem-se e a guerrearem-se desaforadamente por causa do alimento, como faminta matilha de cães á roda de um osso quasi despido de carne, nem sequer presentiram a revolução republicana iminente. E, logo que rompeu a manhã de 4 de outubro, ouvindo o tiroteio das ruas e dos navíos, eles, de mão na barriga, atónitos, loucos de terror, abjétamente cobardes, refugiaram-se em misteriosos esconderijos, aos elementos militares que supunham ser-lhes afétos deixando a exclusiva solução do conflito. Durante os primeiros dias que se seguiram á revolução, ninguem lhes poz a vista em cima. Subito, tornaram-se aeronobios. Mas, convencidos e depois certificados de que a revolução, ao contrario do que esperavam, porque o mereciam, possuia bons figados, os mais generosos figados que jamais uma revolução mostrou, surgiram com a cabeça nos buracos dos canos, olhando a medo, farejando, sentaram-se depois nas valêtas de venta e orêlha arrebitada, até que, não lhes cheirando já a polvora, deram um pulo para a rua.

Uns, deram ás de Vila Diogo, sem olhar para traz, e andam a monte; mas outros, que só cantavam e comiam, não guardando pé de meia, ficaram.

Encostam-se pelas paredes, escorregam pelas escadas, bacorejam pelos cantos. A sua vida, agora, em que consiste? Dantes consistia em comer, em devorar, esfaqueando-se audazmente nas horas vagas.

Mas agora, como foram expulsos da lauta mêsa monarquica, ocupam a sua atividade a dizer mal da Republica, do governo, dos republicanos e de tudo quanto sob o novo regime consta.

Mas não se deteem por ai.

Faltando-lhes coragem para o dizerem alto, bem publicamente, de modo que se soubesse a quem tomar dirétas contas, murmuram infamias, cochicham invenções tendenciosas e fazem assim correr as mais fantasticas e indignas noticias sobre questões de ordem, sobre perigos economicos imminentes, procurando desacreditar não somente as instituições republicanas, mas o proprio pais, a respeito do qual não se pejam de continuar aquela miseravel propaganda que, ha anos, nos tempos do franquismo onipotente, daqui exportaram para os diversos paises.

Ora em seguida a uma revolução como a de 5 de outubro, as circunstancias atuaes da vida portuguêsa são as mais excelentes que poderiam esperar-se — excelentes sob todos os pontos de vista ou aspétos. Prova-a a paz publica, prova-o a significativo cordealidade de todos os governos perante o nosso pais, prova-o a regularisação financeira que patenteia os serviços da nossa divida e encargos, como se vê da nota publicada nos jornaes.

Houve um certo retraimento em parte das transações comerciaes. Isso, porem, foi de pouca duração, porque todos os indicios mostraram evidente tendencia de melhoria. E se aquele retraimento existiu, foi, como dissémos, só em parte, porque outras transações comerciaes aumentaram.

Não ha motivos, pois, para quaesquer preocupações fundamentadas, — pelo contrario.

O que ha a fazer, é pôr de lado os boatos dos difamadores, desde que não seja possivel chama-los á direta responsabilidade do que propalam, o que revesteria um magnifico serviço prestado ao pais.

Castigá-los, seria o melhor meio de evitar a difamação.

MARIO SIMÕES DA SILVA

A mulher de Portugal

IV

Se bem que a educação seja um dos principaes requisitos para a boa condúta do sexo feminino, ainda assim é com desgosto que eu vejo que, quanto maior é o gráu de instrução da mulher, tanto mais profundamente nefastos são os algarismos da estatistica da sua prostituição, o que deixa descortinar que, nem a educação nem a instrução, são devidamente compreendidas e apreciadas pela mulher de todos os paises, onde a cultura intelétual é já hoje, felizmente, muito lisongeira e agradavel.

Por outro lado a mulher instruida, a chamada *mulher da cidade*, pensa ainda muito nos penteados e na forma de agradar ao homem.

Lembre-se a mulher portuguêsa que os penteados a capricho, os adornos esteriores do corpo, só servem para demonstrar que, como diz Kleucke, é fraca a cohesão fisica e moral da nação a que pertencem.

Ora Portugal é uma nação ridente e prospera. Tem a fé das grandes vitórias e o exemplo glorioso dos grandes batalhadôres, que iluminarão sempre as paginas fulgurantes da nossa historia de lutas e conquistas.

E' a *moda* quem impõe ás mulheres o vestuario. E essa rainha nefasta, a meu vêr tão prejudicial á bolsa como á higiéne, muitas vezes, não admite insensatas observações, para ela sempre insensatas, por mais logicas que sejam e se nos apresentem.

Eu não sou como Balzac.

Não imaginem as leitoras que eu digo mal agora para logo dizer bem. Era assim Balzac. Adorando as mulheres com a ardencia dalma que só as mulheres inspiram, o espirito de Balzac sofria transformações dum momento para o outro.

O meu é firme, pelo menos por emquanto que a razão mo acalenta.

Chamei ás mulheres adoraveis, e quizera que elas adoraveis fossem sempre, pelos seus processos de independente criterio e maneira de se conduzirem pela vida em fóra.

Segundo a conhecida balada dinamarquêsa, as mulheres são faladoras, falam muito e falam sempre.

«Quando as mulheres deixarem de ter uma resposta pronta, faltará a agua nos mares do Norte». Não é tanto assim.

Eu quero a mulher inergica, mas ponderada, consciente dos seus deveres, justa nas suas observações e logica nos seus reparos. Ha transigencias que vexam, e a mulher tem tanto direito á vida como o homem tem direito de apreciar os seus atos.

Ambos são parcelas da humanidade, com funções diferentes, mas muitas vezes com sentimentos eguaes.

«Ao lado de todo o homem ilustre, ha sempre uma mulher amada. O amor é o sol do genio». Assim falou Schiller, o grande feminista de tempos idos, no tempo em que á mulher não era licito reivindicar ainda os seus direitos de independencia e liberdade.

Fazendo minhas as palavras do grande escritor, eu direi que não só é o sol do genio, o amor, mas tambem o ardente fogo do sentimentalismo que arrebata e impulsiona para um mesmo fim almas prezas do mesmo ideal nobre que purifica e regera, e que, sendo quasi sempre a mulher o objeto do amor ardente do homem, ela é, por conseguinte, o astro radioso e belo de onde brotam florações que prendem pela intensidade do magnetismo dulcificador que encerram.

A educação feminina caminha a passos agigantados. Assim a mulher saiba caminhar firme pela estrada consoladora do seu futuro largo e prospero.

Seguindo o exemplo nobre das mulheres de alguns paises da Europa e da America, a mulher portuguêsa fundou já ligas e associações, principia a movimentar-se e a respirar o ar puro dos grandes empreendimentos que inobrecem e imancipam e rasgam horisontes luminosos no campo vasto do colétivismo.

A mulher, tanto no lar como fóra dele, hade deixar de ser um dia o instrumento que o homem ainda dedilha com a facilidade e a sem serimonia com que pega num garfo e numa faca ás horas da refeição.

Porque «vós, mulheres, sois as estrelas da terra; se me deixassem escolher entre o sorriso da minha amada e a corôa dos Césares, eu diria á mulher amada: sorri!»

Foi assim que disse Guerrazzi, e estas locuções, filhas duma grande sinceridade, traduzem todo um mundo de conceitos belos e belas compensações para a mulher que sofre é que chora a sua inferiôridade perante o homem, que dela veio e para ela vive, que ela amamentou e acaricia sempre nas horas de sofrimento, no decorrer da vida.

ALMEIDA JUNIOR

Costódio Mendonça

E' com verdadeiro jubilo que comunicamos aos nossos leitores que em breves dias honrará com a sua muito apreciada colaboração as colunas de *O Dever*, o distinto jornalista da capital, sr. Custódio Mendonça, nome ilustre que tem abrilhantado diferentes diarios e muitos jornaes da provincia.

Vai iniciar no nosso jornal uma secção subordinada ao titulo: — **Sine ira et odio** — *Critica de coisas e loisas.*

Felicitamos os nossos leitores por terem ensejo de apreciar no nosso semanario a prosa brilhante do vigoroso jornalista.

Cartas d'oiro

Em virtude de ter de se ausentar, suspende temporariamente esta secção, a nossa estimada colaboradora D. Elêna de Castro.

EXPEDIENTE

No fim do corrente mês enviaremos aos nossos assinantes o aviso relativo á cobrança do 1.º trimestre.

O recibo de todas as assinaturas será passado no proprio jornal.

A voz dos professores

PINCELADAS

III

Ha dias, ha mesmo já algumas semanas, li num diário da capital uma noticia que me deixou otimamente impressionado. Quasi escondida entre os reclamos da quinta página, ela informava, porém, dum facto altamente digno do registo: o duma camara municipal da Anadia, ter resolvido avisar os pais e encarregados da educação das crianças em idade escolar de que seriam multados, no caso de os não apresentarem á matricula nas escolas do concelho durante o periodo de 20 dias, contados da data do aviso.

Ainda da pequena noticia em questão se depreendia que os resultados haviam sido os mais satisfatórios — pois que já as escolas regorgitavam de crianças ao contrario do que até ai acontecia.

Ora eu não me preocupei, nem me preocupo, em saber se o procedimento da digna vereação seria muito legal, em face dos artigos 47.º da lei de 29 de março pe 1911 e 7.º do respectivo regulamento (primeira parte) de 26 de julho do mesmo ano, que ao caso se referem. Porque o que a ninguem deve restar é duvida de que ele é consentaneo com os sagrados interesses da instrução e consequentemente, do pais.

E, por isso, apressei-me em o assoprar aos ouvidos dos edios do meu conselho, por intermedio duma folha local — não sabendo á data em que escrevo se fui ou não escutado.

O acto da camara da Anadia quasi que chegou a fazer mudar a opinião que formei da descentralisação estabelecida pela Reforma do dr. Antonio José de Almeida, logo em seguida ao seu aparecimento. Comecei a acha-la despropositada, por excessiva, em vista do baixo gráu de cultura da sociedade portuguêsa — grau de cultura de que se resentem na generalidade, as nossas vereações. A do municipio da Anadia, porem, parecia vir desmentir o meu pessimismo, deixando-me perplexo. Numa pequena vila do Douro havia homens que a valer se preocupavam com a instrução do pôvo. Era, pois, natural qus nos restantes concelhos eles aparecessem tambem. Mas...

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO

O TEMPO É DINHEIRO

Mal avisados andam os nossos politicos para que em assuntos sem importancia gastem o tempo que tão precioso seria se o aproveitassem em coisas de que tanto a nossa patria carece. Depois que o antigo partido republicano se dividiu em varias *nuances* politicas, não é de estranhar que se veja um deputado atacando esta ou aquela lei, pela simples razão de não ser apresentada pelo grupo a que pertence. E dai discussões que resultam em banalidades, discursos atacando este ou aquêle, quando é certo que podiam aproveitar o tempo em debates sérios e de utilidade para o pais.

O tempo é dinheiro, e quando se emprega mal, isto é, quando se não saiba aproveitar, mal vai para um pais que precisa de cuidar da sua administração.

Todo o tempo é pouco para que os srs. deputados o gastem em discussões frivolas e que concorrem simplesmente para que o povo lá de fóra faça um juizo muito pouco lisongeiro a nosso respeito.

Portugal precisa de se impôr pela ordem, pelo trabalho e pelo bom senso para com o mundo civilisado. Precisamos de fazer ver á Europa inteira, que está com os olhos sobre nós, que Portugal é um pais que se sabe governar e que aquilo que tem é seu, muito seu e de mais ninguem.

Ora é isto que se não tem feito, mas que se precisa fazer; pois que se nós o não fizermos, póde o estrangeiro dizer, e com razão, que nós somos um povo que se não sabe governar. É isto precisamente que não convem que se diga de nós; por que então corremos o risco de nos perdermos, que é isso mesmo que os nossos inimigos querem a toda a força.

Ha muito que fazer para reedificar o edificio arruinado que a monarquia nos legou; ha medidas de fomento de inteira necessidade, ha o problema da instrução que deve ser resolvido o mais breve possivel, e ha ainda as nossas colonias que precisam de ser olhadas com carinho, porque é nelas que está o futuro de Portugal.

Tratemos a sério a questão e deixemo-nos de questiunculas que só dão resultados negativos, e tratemos com mais amor os nossos interesses que tão descurados têem sido, para dar logar a que se não repitam acusações que nunca se provam e a que se não ofenda a dignidade dos bons cidadãos.

O tempo é dinheiro, e urge que se aproveite para o bem da nossa nacionalidade, deixando-nos de discussões que nada aproveitam e que só concorrem para a nossa desmoralisação e para o nosso desprestigio.

R.

A Confissão

Por ser de flagrante oportunidade na hora presente, noutro logar publicamos verdades profundas sobre a confissão adótada pelo clero portuguès, que transcrevemos, pedindo venia, dum pequeno folheto, que o nosso presado colega da Figueira da Foz, *A Voz da Justiça*, editou e fez circular em 1909, um ano antes da proclamação da Republica Portuguêsa.

Ao nosso camarada figueirense deve o povo da Figueira e circunvisinhanças uma boa parte da sua instrução, e é para o povo tambem que principalmente reproduzimos a *Confissão*.

É bom verificar...

O *Imparcial*, semanario catolico que se publica em Coimbra, na secção — *Aguilhoadas*, no seu n.º 4, *bigodiando* palavras d'*O Mundo*, chama a atenção do sr. ministro da justiça a fim de ser dada uma busca á redação daquêle importante diario, pois que *anda por lá jesuita assolapado* (sic).

Não duvidamos, não.

O colega *Mundo* será bom mandar verificar, olhe que se podia lá ter introduzido algum redactor do *Imparcial*, Isto ha tanta coisa... e aquêles diabos metem-se como o piôlho pela costura...

É bom ver isso, mas á cautela não será mau ir aperrando o *trabuco* olhe que aquilo é uma praga...

Ao sr. diretor dos correios

Estão merecendo aspera critica os serviços do correio. Avultam de tal forma as faltas, são tão irregularmente desempenhados os deveres que a lei ordena e que os interesses de todos reclamam e exigem que as queixas são inumeraveis e os prejuizos flagrantemente entristecedores.

Nós já fizemos no terceiro numero deste semanario uma reclamação ao sr. diretor dos correios, fazendo resaltar o facto de alguns dos nossos assinantes de Lisboa não haverem recebido *O Dever;* mas isto nada valeu, pois que esse facto tem-se repetido mais vezes se muitos dos nossos estimados assinantes se teem queixado de lhes não ter chegado ás mãos.

Hoje mesmo se nos queixaram dois assinantes de Cantanhede e Alhadas de Baixo de não terem recebido os dois ultimos numeros, quando é certo que eles foram expedidos com a cuidadosa atensão que sempre dispensamos ao serviço da expedição do jornal. Outros queixam-se-nos de lhe não termos enviado os primeiros numeros, dando-se o caso dos jornaes remetidos a alguns queixosos, terem dado entrada nesta redação com as notas de *devolvido* ou *recusado*.

Ora isto é simplesmente triste e lamentavel. Se nas diferentes repartições dos correios ha *meninos* que tomam a liberdade de ler jornaes *de borla* devolvendo-os depois, prejudicando assim os proprietarios e assinantes, tornando verdadeiramente escandaloso o exercicio das suas funções que devia ser honesto, é urgente e inadiavel que a vigilancia seja rigorosa e que os castigos que os prevaricadores merecem, sejam aplicados pelos que mandam nessas repartições.

Porque isto assim não tem geito. Semelhantes faltas aumentadas e repetidas continuamente, provocam uma atmosfera de descredito á administração do jornal, e alem do prejuiso para nós, desgostam os assinantes que querem ler em dia determinado os jornaes que pagam e que por conseguinte teem o direito irrefragavel de receber.

E' preciso olhar-se por isto. Parece-nos que na epoca presente devia merecer mais atenção o cumprimento reto dos deveres de todos os empregados do Estado, do que tem merecido até aqui.

FERRO-VIARIOS DE PORTUGAL

COMENTANDO...

O jornal *A Via Ferrea*, de que somos assinante, costuma dar publicidade a certos comunicados que, por sairem fora da orbita dos bons principios da moralidade, nada a nobilitam, antes, pelo contrario, a desacreditam e prejudicam.

A *Via Ferrea* é o orgão dos empregados dos caminhos de ferro, cabendo-lhe, por isso, o dever implacavel de não consentir na publicação d'arrasoados para denegrir caracteres impolutos, que um articulista qualquer ejaculou, como a vibora cujo veneno é preciso extinguir com ferro candente.

E é por isso que hoje escrevemos este artigo.

A *Via Ferrea*, em o seu numero 384 de 17 do corrente, insere um artigo com a epigrafe *Beira Alta* e sub epigrafe *Tudo se faz...*, assinado com o pseudonimo de *Rudimentar*, contra o qual nos insurgimos por constituir uma aleivosa afronta a um nosso camarada.

O *Rudimentar*, que pelo nome não perca, ferindo a nota pessoal, o que denota pobresa de rasões convincentes, trouxe para a téla da sua discussão uma certa individualidade, levantando assim a ponta do veu que encobre más vontades e despeitos mal contidos.

Se o articulista, em termos convenientes, se limitasse a atacar os que prevaricaram, se prevaricação houve efétivamente, os favorecedores, se algum favor se fez, e não os favorecidos, ninguem lho podia estranhar. Estava naturalmente no seu papel. Mas, desde que ele, fugindo da linha, vem estigmatisar um camarada, sem rasão, torna-se antipático.

Pela teoria do articulista, a proteção em Portugal evolou-se para as regiões do infinito... O sub-chefe promovido, — que ainda não tomou posse, — porque pediu a sua conservação na estação onde ainda se encontra e que lhe foi concedido, é por esse facto um caracter baixo, reles, um criminoso até?

Isto é hilariante!

Hoje, qualquer pusilanime se permite o praser de desconsiderar publicamente um homem honrado e se julga habilitado a abusar da confiança que alguem de boa fé lhe confiou.

A *Via Ferrea*, por quem temos a mais justificada e honrosa veneração, deve pôr um dique a tão insólito procedimento, fechando as suas colunas a todos quantos pretendam fazer guerra de exterminio a homens que, alem de o não merecerem, são seus assinantes e seus amigos.

Outro dia coube tambem a vez a um funcionario da Beira, recentemente nomeado fiscal.

Ora eu não encontro razão plausivel para se acusar um homem pelo simples facto de ter subido de classe.

A mudança de situação está na ordem natural das coisas. E o nomeado é rapaz trabalhador e honesto. Sobretudo é classe, e na classe não se toca.

AZUL DO CÉO

Os bispos

Mais um reverendo... bispo tentou erguer o báculo contra a lei da separação. Coube agora a vez ao de Bragança, que teve sorte igual á dos anteriores.

Lembrou-se o reacionario bispo de recomendar a publicação da *celebre* pastoral aos seus famulos, e dai... o trambulhão: o exilio durante dois anos do seu bispado. Que grandes *patriotas* nos saíram estas seraficas creaturas!

Qual seguirá agora os passos ao sr. bispo de Bragança? A fita vai correndo, mas o sr. ministro da justiça lá está para a entravar quando o movimento fôr rapido de mais...

No proximo numero

Haja bom senso, — (editorial).

Pinceladas—Professor Manuel José Antonio.

Anoitecer—Correia Monteiro.

A CONFISSÃO

A confissão não foi instituida por Jesus Cristo nem prégada pelos apostolos.

Foi inventada pelo clero com o fim de se engrandecer, dominando por este meio as consciencias; e ninguem realisou tanto a preceito este designio como a ignobil seita jesuitica. Foi em 1215 que o concilio de Latrão tornou obrigatoria a confissão auricular. Durante doze seculos existiu a religião católica, sem que fosse exigido aos seus sétarios a abdicação de toda a dignidade humana, a total destruição do delicado sentimento do pudor, para patentear os seus mais intimos pensamentos a um homem, não raras vezes manchado com as peiores infamias, carregado com os maiores crimes. Só mil e duzentos anos depois que Cristo prégou a sua religião é que homens perversos e cinicos pensaram em impôr á humanidade a mais absoluta tutela, exigindo-lhe que se rojasse servilmente aos pés dos hipocritas que têem a orgulhosa ousadia de se denominarem —representantes de Deus.

Mentira revoltante! Odiosa afirmação! Nunca o limitado póde representar o Infinito!

A Suprema Bondade não póde ter como representantes os monstros que enchem a Historia com as mais espantosas hecatombes. O sol não póde ordenar ás trevas que o substituam.

Mas a triste e desanimadora verdade é que imensa gente se deixou vilmente enganar, curvando-se reverente ás ordens dos que imaginava, ingenuamente, cheios de boas intenções, e que, afinal, só tinham em vista o interesse proprio.

Não foram os primeiros padres, porque esses eram sinceros e não pensavam em explorar a crença simples das multidões, partidarios da confissão. S. João Crisostomo aconselhava aos homens que confessassem as suas culpas a Deus, mas o *sabio* concilio de Latrão entendeu doutra maneira, achou que devia impôr aos cristãos este imbecil contrasenso: que Deus — a infinita justiça — delegava num homem o poder de perdoar culpas, a faculdade de distribuir á sua vontade o Paraiso e o Inferno, ainda que esse homem fosse um Rodrigo Borgia, o celebre Alexandre VI, o papa envenenador e incestuoso, ou Torquemada, o crudelissimo inquisidor, que prestava culto ao Deus de bondade, arremessando *piedosamente* para a fogueira, milhares de vitimas, entendendo fazer assim uma *evangelica* e *suave* propaganda da sublime doutrina de Jesus. Forjada assim esta nova arma contra a liberdade de consciencia, vergonhosas lutas se travaram, para ver quem melhor conseguiria servir-se dela.

Os meios mais condenaveis foram empregados na luta entre as diversas ordens religiosas para conquistar os logares de confessores dos reis e mais pessoas importantes. Estes cargos asseguravam-lhes uma influencia consideravel de que se serviam para engrandecer a sua ordem e amesquinhar as outras, porque a inveja foi sempre dominante no coração destes *santos* servos do Senhor. Quem mais frequentemente alcançava a vitória nesta guerra infamissima era a *virtuosa* e *habil* Companhia de Jesus; era quasi sempre um jesuita o diretor espiritual dos reis e, por isso, não é sem razão que a responsabilidade dos mais terriveis atentados contra a Humanidade é atribuida aos sombrios filhos de Loiola.

A confissão é uma pratica imoral; os livros que os devassos casuistas escreveram, para uso dos confecsores, nas mais minuciosas particularidades, o inquerito do penitente, é o que ha de mais imundo e nauseante. A imaginação mais repugnante não póde descobrir infamias, como as que estes religiosos livros relatam.

E' tempo de acabar com esse odioso costume, que ainda subsiste, e essa empreza grandiosa e de facilima execução. Chefes de familia! a vós assiste o dever de vos não deixardes iludir por um habito que, impensadamente, julgais inofensivo. E' por essa porta —o confissionario,—que muitas vezes o jesuita consegue introduzir a irreparavel desgraça no vosso lar tão tranquilo. E' servindo-se desse meio, em que geralmente os incautos não pensam, que essa toupeira cavará, pouco a pouco, com infernal habilidade, o edificio que nos parece inatacavel da nossa paz domestica. Tendes uma filha querida, enlevo do vosso coração, alegria da vossa velhice? O infame jesuita a resolverá a abandonar a casa paterna, convencendo-a de que assim trabalhará na salvação dela e vossa. Tendes uma esposa, fiel companheira que escolhestes para comvosco partilhar as alegrias e desventuras da vida?

Cuidado! o asqueroso réptil jesuitico manchal-a-á com a sua baba imunda, dir-lhe-á que pouco importa este mundo e que o essencial é cuidar na sua alma; convencê-la-á de que ela se deve desprender das afeições terrestres e que só deve tratar de cumprir o que Deus lhe ordena, pela boca dêle. E, brevemente, perdereis a sua afeição e até talvez vos torneis para ela um objéto de horror.

E' necessario e inadiavel que todos os homens liberais acordem da indiferença condenavel em que se teem deixado cair.

Deixai-lhes, partido nas garras, um dos mais importantes instrumentos do fanatismo — a **confissão.**

Não mais vos ajoelheis, contritos, aos pés dum homem.

Deus não precisa de intermediarios para vos absolver.

Estradas

E' verdadeiramente lamentavel o estado em que se encontra a estrada distrital que liga esta povoação a Cantanhede.

Ha nela verdadeiros precipicios onde os carros não pódem passar, e se algum infeliz transeunte ignora o seu estado e que por lá passa, é necessario pedir socorro para se livrar de ser tragado por algum atoleiro, e continuar o seu caminho. E' necessario e urgente que o sr. diretor das Obras Publicas mande reparar tais estragos, pois que estão causando enormes prejnizos aos povos destas localidades. Quem quizer ir de Arazede a Cantanhede, não pode transitar, em virtude do estado miseravel e repelente em que tal estrada se encontra.

Pedimos, pois, providencias imediatas para este assunto de magna importancia.

— Tambem chamamos a atenção de quem competir para um montão de pedra britada que se encontra já ha algum tempo em frente da casa do nosso correligionario, desta localidade, sr. Joaquim Ferreira de Figueiredo. Quem ali passa de noite, está sujeito a cair e a magoar-se, como já tem acontecido a muita gente. Convem que a pedra tenha quanto antes a devida aplicação, para que tal obstáculo desapareça do local onde se encontra.

Esperamos sêr em breve atendidos nestas nossas justas reclamações.

Jornaes

Recebemos mais a visita da *Voz da Justiça, Escola Nova, Gazêta de Coimbra, Gazêta da Figueira, Noticias de Cantanhede, Jornal de Cantanhede, União, Reclamo* e *Merceanense*. Agradecemos a gentilêsa destes periodicos com os quaes já estabelecemos permuta. Tambem nos confessamos gratos pelas saudações e boas palavras que nos dirigiu a maior parte destes jornaes, especialmente a *Voz da Justiça* e *Gazêta de Coimbra*, que nos distinguiram com palavras de subida consideração.

Ao *Primeiro de Janeiro* agradecêmos as suas saudações, apesar de não termos recebido a visita deste colega, nem doutros diarios, que, diga-se de passagem, não respeitam o dever de cortezia, permutando com os jornaes de provincia, o que é para lamentar.

Aniversario

Passou no dia 22 o aniversario natalicia do nosso presado amigo e assinante, sr. José Joaquim Coelho d'Almeida, inteligente amanuense da Fiscalisação da Companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Receba o nosso amigo um grande abraço de felicitações.

Original

Devido a um lamentavel extravio nos correios, deixaram de sair no numero passado alguns artigos e noticias importantes, que só neste numero puderam ser publicados.

Tambem devido a um salto tipográfico, saiu truncada uma noticia que démos no passado numero, e que por ter perdido a oportunidade a ela nos não referimos hoje.

Aos nossos leitores pedimos desculpa das faltas involuntarias.

INTERESSES LOCAIS

Casas escolares

II

E' já agora impossivel fazermos silencio sobre este magno assunto. Não ha uma unica pessoa na freguezia de Arazêde que não seja unanime em dizer que as escolas da localidade são péssimas em condições higienicas e pedagogicas. Começam por não acatar o respeito e a consideração dos habitantes locais, em virtude de serem dum tipo mesquinho e inadequado, e acabam por abalar a saude das crianças que as frequentam.

Na escola do sexo feminino — verdadeira gaiola d'aves inquietas — chegam as crianças, na quadra estival, a sucumbir ao calor asfixiante, retirando se para casa depois dum bom par de cheliques! A professora tem reclamado contra este estado anormal e anarquico, e vê-se obrigada todos os anos a limitar a matricula das alunas por a casa não ter a capacidade indispensavel para as conter. Os pais reclamam, ela reclama por sua vez, e tudo fica como d'antes. E a população escolar vai sempre ficando prejudicada; muitas crianças deixam de receber instrução, por não terem logar na escola, e as que a frequentam sofrem as consequencias fatais do acanhamento da casa. Uma coisa degradante!

Mas a moralidade dos governos chega ao ponto de não só não respeitar a saude e os interesses dos outros, mas tambem os seus proprios interesses. E senão veja-se: Quanto paga o Estado pelas duas casas escolares? Quinze mil réis anuais por cada uma. A quem pertence a escola do sexo masculino? Pertence, pela actual lei de separação, ao proprio Estado. Pois ainda hoje o pároco da freguezia está recebendo os 15$000 réis que o governo tem a generosidade de lhe dar. É isto legal? É ilegalissimo. Mas a quem cabe a responsabilidade desta anomalia? Ao governo, que deixa correr as coisas da instrução a trouxe-mouxe, e não ordena, por via das autoridades escolares, uma fiscalisação segura e imparcial a tudo quanto se relacione com o progresso e o bom-nome das escolas primarias.

Os inspectores continuam sendo no nosso país os *mangas d'alpaca*. Não são inspectores senão *in nomine*. Os governos não lhes dão o tempo necessario para êles exercerem a mais honrosa missão que os caracterisa, que é inspecionarem as escolas para inquirirem das suas necessidades, do seu estado de conservação, das suas condições higienicas e pedagogicas, e para remediarem tudo o que possa ter remedio urgente, sem que os professores tenham de estar constantemente formulando reclamações que se perdem nas secretarias, e cujo resultado é negativo e improficuo.

Sr. Ministro do Interior: A população escolar do logar de Arazede eleva-se a mais de 600 individuos de ambos os sexos, e apenas 70 recebem anualmente instrução, por não existir o ensino obrigatorio no nosso país, e porque, se assim fosse, as casas escolares não comportariam a decima parte dos individuos em idade de escolaridade. Isto é vergonhoso e atentatorio da dignidade e dos direitos dos cidadãos. Urge que o governo facilite o mais possivel as formalidades que o sr. governador civil de Coimbra opôs á petição e aos desejos da Junta paroquial de Arazede. A Junta pretende contrair um emprestimo de dois contos de réis para a construção dum amplo edificio escolar para os dois sexos; mas deseja que, para esta obra meritoria e inadiavel, não se lhe ponha entraves dificeis de vencer.

Atenda, sr. Ministro do Interior, á iniciativa da Junta de paroquia desta freguezia, para quanto antes se limpar do centro duma população laboriosa essa mancha negra que macula as faces de todos — as raquiticas casas escolares de Arazede.

Esmola p'rás almas...

As beatinhas *caridosas* de Coimbra, condoendo-se da pouca sorte dos párocos por não aceitarem a pensão, teem andado de porta em porta mendigando donativos para esses malaventurados representantes de Cristo na terra.

Pobres mulheres! A que ponto as levou o seu fanatismo!

Não seria bem melhor que estivessem em suas casas, cuidando da vida domestica, que mais precisará da sua dedicação e da sua vigilancia?

Pobres almas inconscientes!

E não haver quem lhes dê uma ensinadela têza...

CASOS DA SEMANA

Vizita

De vizita á familia do nosso companheiro de luta, Humberto Beirão, estiveram nesta localidade os nossos assinantes de Tentugal, srs. José de Almeida Machado e Francisco Martins da Costa, sua esposa, filhinhos e cunhada.

— Tambem aqui vimos a ex.ma sr.a D. Clara de Carvalho Neves, das Pontes de Cadima.

Pavorosa catastrofe

O Porto foi ha dias teatro dum grande desastre que, enlutando a laboriosa cidade e o país inteiro, causou 11 mortes e muitos feridos.

Foi o caso dum barbeiro pretender verificar o tempo que levaria a arder um pedaço de rastilho que devia fazer explodir uma bomba. Para isso empregou uma bomba vasia mas o fogo comunicou-se logo a outras bombas carregadas fazendo-as explodir imediatamente.

A explosão fez desabar alguns predios o que produziu enorme panico em toda a cidade, como é natural.

Lamentamos devéras que a capital do Norte tenha sido de algum tempo a esta parte o teatro de tantas scenas pungentes.

Teatro

Decorreram animadamente, com belo desempenho e com uma casa regular os dois espeteculos dos dias 10 e 17 do corrente, realizados por amadores, que levaram á scena as humoristicas comedias num ato: *O Noivo de Alcanhões, Malditas Letras* e a comedia infantil — *Patria*, que foi bem interpretada por um grupo de crianças que pela primeira vês, se estreou no palco Arazedente.

O publico ficou otimamente impressionado

Facadas

No domingo ultimo, á noite, á hora do espetaculo foi agredido com duas facadas na região dorsal, Joaquim Fortunato Teixeira, deste logar, indo receber curativo á farmacia Ferrão. O seu estado não é grave.

O agressor, Joaquim Ventura, do Zambujeiro, desta freguesia, foi prêso imediatamente, sendo posto depois em liberdade, em virtude de ter prestado fiança.

Lamentamos tal incidente, tanto mais que estas scenas são ocasionadas simplesmente pela ignorancia e pelo alcoolismo, — males terriveis que deviam ser extirpados da sociedade ainda contaminada pelo vicio.

No leito

Tem estado doente a mãe do nosso prezado amigo, sr. Joaquim Francisco Côca Junior, do Zambujeiro.

Desejamos-lhe prontas melhoras.

João de Deus

O *Diario do Governo* publicou ha dias a seguinte portaria:

Atendendo ao muito que para o brilho das Letras patrias contribuiu o notavel poeta lirico João de Deus, e ainda aos altos serviços que á causa do ensino nacional prestou o mesmo insigne poeta e pedagogista, grande amigo da infancia; atendendo ao que me propoz o conselho escolar do Liceu Central de Faro: Hei por bem decretar que o referido Liceu Central de Faro passe a denominar-se Liceu de João de Deus.

A seu filho e nosso ilustre amigo, sr. dr. João de Deus Ramos, o incançavel propagandista da educação da infancia, enviamos as nossas felicitações mais sinceras.

Congresso pedagogico

Vai realisar-se em Lisboa, durante a semana da Pascoela, o 3.º Congresso pedagógico, em que serão debatidas as questões vitais do ensino publico. O governo ordenou que aos professores da provincia que quisessem assistir ao Congresso fossem concedidas férias dos dias 8 a 13 de abril.

As companhias dos Caminhos de Ferro Portuguêsa e da Beira Alta vão respetivamente conceder aos congressistas a redução de 75 por cento e 50 por cento nos bilhetes de passagem.

A greve dos mineiros

Ainda não está resolvida a greve dos mineiros inglêses. A industria tem sofrido os maiores prejuisos, e nos arsenais e estaleiros deixou de trabalhar-se. Já suspenderam o trabalho perto de dois milhões de operarios. O ministro inglês, sr. Asquith, apresentou já na camara dos comuns um projeto de lei do salario ininimo, que foi aprovado.

As consequencias da greve têm-se repercutido em diversos centros da Europa.

Na Espanha e França têm-se reunido diferentes secções mineiras, discutindo o aumento de salarios. Na Alemanha os operarios mineiros reclamam um salario minimo de 2$5000 réis mensais. Os tumultos têm sido constantes, estando muitas cidades ocupadas militarmente. Na Austria-Hungria tambem os mineiros se declararam em grêve, pedindo um aumento de 20 por cento nos seus salarios.

Nos Estados-Unidos igualmente se fez sentir a grêve, tomando a situação um aspeto ameaçador. O preço do carvão vai aumentando.

Na Inglaterra a falta de carvão forçou as companhias do caminho de ferro a reduzir consideravelmente o serviço dos comboios.

Se esta situação se mantiver por mais algum tempo, que será das classes proletarias?

O rei exilado

Diz um jornal francês que o ex-rei Manuel *botou* carta aos paivantes portuguêses, seus correligionarios, em que se mostrava muito comovido com eles, agradecendo-lhes toda a abnegação que por ele teem demonstrado, e afirmando que tem esperança na restauração da monarquia e plena confiança no povo de Portugal.

Isto parece-nos linguagem de *pierrot*. Do ex-rei não é com certeza, pois que, quem se deu pressa a fugir do sólo patrio, como qualquer garoto a quem se lhe bate o pé, não se atreveria agora a vomitar daquelas sandices para armar á ingenuidade dos incautos.

Outro oficio, que esse já não pega... para cá, pelo menos.

Café Distinto

Provae e vereis o resultado.

Assinaturas

Pagaram já o primeiro trimestre os cidadãos: José Marques Alexandre e Manuel Jorge, do Calhariz de Bemfica; Salvador Reis e José Ferreira Valério do Jardim Zoologico; Joaquim Ferreira Valério, da Palma de Cima; José Marques da Costa e Manuel dos Reis, do Jardim Bensaúde todos de Lisboa.

ANUNCIOS

ANUNCIO

(1.ª publicação)

No dia 7 de Abril proximo, por onze horas da manhã, á porta do tribunal judicial da comarca de Montemór-o-Velho, vai á praça para sêr arrematado pelo maior lanço que fôr oferecido, além do que lhe vai designado o seguinte predio pertencente ao casal inventariado por óbito de Maria Augusta Ferreira, moradora que foi em Ardazubre, freguezia da Lamaroza, comarca de Coimbra, onde corre o respectivo inventario orfanologico e no qual é cabeça de casal José Salgado Moreira, do mesmo logar, a saber;

Cinco aguilhadas de terra no campo e sitio do Cerrado, vão á praça no valôr de cento e vinte mil réis. — 120$000.

Para a arrematação são citadoe quaisquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 14 de Março de 1912. — O escrivão, *Adrião Pereira Forjaz de Sampaio*.

Verifiquei. — *Lemos Viana*.

FARMACIA MONTEIRO

ARAZEDE

Produtos quimicos e farmaceuticos e artigos de industria farmaceutica como: fundas, algalias, borrachas, biberons, etc., etc.

Ação de divorcio

(1.ª publicação)

No Juizo de Direito da Comarca de Montemor-o-Velho, pelo cartorio do terceiro oficio, foi por sentença de 14 do corrente mês de Março, decretado o divorcio entre os conjuges Francisco Marques e mulher Joaquina de Jesus, proprietarios, dos Policanos, freguesia de Arasêde, desta comarca.

Montemor-o-Velho, 21 de Março de 1912. — O escrivão, *José de Paiva Bobela Mota*.

Verifiquei a exátidão. — O Juiz de Direito, *Lemos Viana*.

BICICLETES de diversos autôres, desde 25$000 reis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramofones e musicas, em casa de

José M. Figueira — CANTANHEDE

Folhetim d'O DEVER

M. DE M.

SÊNAS INTIMAS

O dr. Novais inclinou-se para vêr quem era o infeliz e reconheceu o guarda livros do Bernardo. Juntaram-se logo ali varias pessoas que rodearam o medico e o corpo exânime do Rodrigues, que tambem foi reconhecido por algumas delas. Perguntaram ao medico se estava morto. Ele, talvez para não provocar alarme, respondeu que ainda não tinha a certeza, que era preciso verificar melhor; mas, num rapido exame, viu que fôra acometido duma aneurisma. Naquêle momento passava uma carruagem; disse que mandasssem parar, e pediu a duas pessoas que o ajudassem a conduzir o corpo para o interior do veiculo. Ele meteu-se tambem dentro e mandou bater para a rua onde o Rodrigues morava.

Chegado lá, foi recebido aos gritos da mãi, que já do sucedimento, e que, louca de dôr, lhe perguntava o que tinha sido aquilo, suplicando que salvasse o seu querido filho. O medico, para não assistir a uma scena de angustias, declarou logo que já nada podia fazer; mas a mãi, instando e pedindo com rogos e lagrimas que valesse ao filho, levou-o a fazer algumas experiencias medicas, que apenas comprovaram a sua declaração. Depois saiu e foi dar conhecimento do caso á autoridade competente.

No dia seguinte de manhã era o cadaver do Rodrigues conduzido em maca ao necrotério, afim de se proceder á autopsia. Passou á porta de Beatriz, que naquela ocasião tinha chegado á janela e viu passar a maca, mas não lhe provocou um presentimento.

Quando eram horas, foi ela para a mestra, muito bem disposta e ignorando ainda o acontecimento fatal. As companheiras já todas sabiam, porque comunicaram o incidente umas ás outras, e presumiam que a Beatriz tambem já tivesse conhecimento dêle, prometendo todavia entre si não aludir a semelhante assunto, caso ela se não desse por informada.

Quando chegou, encontrou já todas as colegas entregues ao trabalho, mas muito silenciosas. Olharam para ela, viram-lhe o semblante serêno e entreolharam-se os dois.

— Isto hoje está aqui tão calado! estranhou ela vendo que nenhuma falava. Olha aquela de lenço preto! Morreu-te alguem, menina? perguntou, vendo uma prima do Rodrigues que tambem andava na mestra e que tinha levado um lenço prêto, imaginando que Beatriz já sabia do sucedido. A outra respondeu-lhe qualquer coisa para lhe desviar a atenção para outro assunto, e depois cada uma começou a dizer umas palavras banais, certas como estavam de que ela ainda ignorava tudo.

Chegada a hora a que costumava ir ver passar o Rodrigues, levantou-se Beatriz e foi.

Entretanto combinavam as companheiras o melhor meio de lhe levar ao conhecimento a triste noticia, sem que ela se impressionasse demais, mas não sabiam como, nem tinham coragem para lh'o dizer. Por fim, uma mais resoluta, comprometeu se a fazer-lhe a comunicação a sangue frio, alegando que ela talvez o viesse a saber por alguem e depois as acusasse de menos leais.

Tinham já dessidido e esperavam que ela voltasse, quando dai a pouco entra a Beatriz, dirige-se para o logar, senta-se e diz depois com ar de leve despeito:

— Ora o José sempre hoje me quis fazer uma partida... Deixa estar que tem que me ouvir. A não ser que ele esteja doente. Ele ontem á noite estava a queixar-se do estômago, e estava muito pálido...

Uma, que quis aproveitar-se desta declaração para a ir preparando para o terrivel golpe, corroborou a suposição dela, afirmando:

— Está efétivamente doente, está; e disseram-me até que bem mal. Parece que lhe deu uma sincope...

Mas a outra, a mais corajosa, dispôs-se para lhe confessar a verdade, e disse-lhe com um semblante entristecido:

— O' Beatriz, fazes-me uma coisa?

— Que é? perguntou ela já a tremer.

— E' não te afligires com o que te vou dizer; mas... já que o tens de saber... olha, o Rodrigues morreu.

A costureira, ao ouvir tal, levantou-se num repelão, ofegante, e, com os olhos desmedidamente abertos, bradou:

— Não póde ser! não acredito! é impossivel! é impossivel!

E, num desespero louco, remessou-se á porta, dizendo:

— Quero ir saber! estão-me a enganar! dizem-me isso para me afligir!

Todas se levantaram para a conter e procuravam conforta-la com esperanças vans, quando se sentem uns passos na escada. Era o padrinho dêla, o dr. Julio Dálly, muito conhecido aqui e mesmo em Lisboa, porque a vida dêle fazia uma crônica, e que, sabendo do triste lance e dos amôres da afilhada com o Rodrigues, vinha para lhe dár a noticia e anima-la depois em presença das companheiras.

Encontrou-a ao cimo da escada, numa grande agitação, forcejando por se desprender das que a agarravam.

— Então que é isso, rapariga? disse êle, mostrando um aspéto severo. Que has de tu fazer agora? Tem paciencia! Resigna te!

— Então o padrinho tambem me vem dizer que êle morreu?! — retorquiu ela muito assombrada. Oh! mas como é possivel! Eu não acredito! não acredito sem vêr! Quero ir vê-lo! Digam-me onde está! Deixem-me passar! Deixem-me!

E bracejava, empregando todos os esforços por se soltar. O padrinho dizia-lhe que já não valia a pena, que ela nada fazia em ir verificar, porque era verdade, que se incomodava, e pedia-lhe só que tivesse resignação; mas a costureira a nada atendia. Firme no seu proposito, tanto instou e usou de tal relutancia que êle viu-se obrigado a ceder. Como, porém, o estado dela não lhe permitia ir a pé, porque tinha o rosto extremamente livido e estava exausta de forças, mandaram chamar uma carruagem e ela e o padrinho meteram-se dentro e foram ao necroterio.

Pelo caminho não disse uma palavra, ia febricitante e sempre muito enfiada e sem verter uma lagrima.

Quando parou a carruagem apearam-se os dois, e, antes de entrarem a porta do necrotério, perguntou-lhe o padrinho se ela prometia ter coragem para lá entrar e ver o cadaver.

— Prometo, sim, meu padrinho — disse ela, apelando para toda a sua energia.

Foram. O dr. Julio Dálly perguntou a um empregado onde estava o cadaver dum rapaz que a i tinha dado entrada pela manhã. Foi-lhe indicado. Então Beatriz aproximou-se com passo hesitante da pedra onde jazia o corpo do Rodrigues, que se achava coberto com um lençol, e, levantando uma ponta do lado da cabeça, reconheceu o cadaver daquêle a quem ela já tinha talvez dado o coração; e, numa trêmura de voz, que foi quasi um sopro, conseguiu dizer:

— Agora sim, acredito.

E caiu desfalecida nos braços do padrinho, que a amparou. Ele e um empregado do necrotério prestaram logo os socorros necessarios para a reanimar, e dai a instantes recuperou ela os sentidos, pedindo, antes de sair, que cortassem ao cadaver do Rodrigues uma ponta do cabelo e lha désem. Assim fizeram, depois do que foi reconduzida para a carruagem, e então ali prorompeu numa tal ancia de choro, soltando gritos tão lancinantes que, quando chegou a casa, para onde logo se dirigiu, tiveram de a tirar em braços, porque tinha novamente desmaiado.

(Continua.)

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Comercio e Industria

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Praça do Comercio, 54 e 55 — COIMBRA

TELEGRAMAS — Abilio Lagôas
FONE 295

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Paris, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

Mercearia Flôr do Japão

Casa especial de chá e café

Torrefacção e moagem a vapor

Rua da Sofia, 66, 68 e 70 — COIMBRA

O proprietario desta casa recomenda o seu café moido **Distinto** (marca registada).

Este magnifico café, devido á sua combinação, é o mais forte, soboroso e aromatico.

Aceita-se um unico depositario nas principais terras do paiz.

Vende-se em lindas latas acharoadas de 250 gramas por 180 réis e 500 gramas 350 réis.

Pacotes de 250 gramas, 170 réis; 125 gramas, 85 réis; e 100 gramas, 70 réis.

—

Descontos aos revendedores.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10 — COIMBRA

CERAMICA EXCELSIOR

FUNDADA EM 1903

Lacerda, Figueiredo & C.ª, Limitada

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez
Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro — JOAQUIM COCA JUNIOR

CASA FUNERARIA

DE

Leonor Traveira & Irmão

Praça Velha — FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sortido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc.

Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos.

Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Portugal Previdente

Companhia de Seguros

Séde em L'sboa

Efectua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efectua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Rua Ferreira Borges, 155 1.º

Domingos Lino Gaspar

Armazem e oficina de moveis e estofos, mobilias completas, colchoaria e camas de ferro. Oleados, baguetes e muitos outros artigos.

128 — Rua do Principe — 130

Figueira da Foz

Antonio José Abrantes

Alfaiate e mercador

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta

164, Rua do Principe, 168

FIGUEIRA DA FOZ

Sucursal em Leiria, Praça das Galinhas, sob a firma Abrantes & Genro.

Sortido em fazendas de lã e algodão, nacionais e estrangeiras.

Varinos d'Aveiro, capotes á cavalaria e gabões para homem e creança.

Encarregam-se de qualquer encomenda para fora da terra.

Faz os mercados de Montemor-o-Velho, Guia e Monte Redondo, onde pode ser procurado pelos seus freguezes de fora da Figueira e Leiria.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque êle tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

LOJA DO POVO

Mercearia, ferragens, fazendas brancas e papelaria

Deposito de tabacos e fosforos

Papeis *Duc, Lecosmopolite* e outros, para cigarros

Fosforos de cera e amorfos

Sabão, etc., etc.

Desconto da tabela da companhia

Vendas por junto e a retalho

BERNADO GONÇALVES FERREIRA

Montemór-o-Velho

Manuel d'Oliveira Junior

Rua da Republica, 84 a 88

FIGUEIRA DA FOZ

Compra madeiras em todas as dimensões e pinhaes em qualquer parte do paiz.

Encarrega-se de fornecimentos de madeiras para Portugal e estrangeiro.

Tem na Figueira da Foz, depositos de madeiras, em taboas, vigas, travessas, sualhos, etc.

Quem quizer vender madeiras, dirija-se em carta ao escritorio, que receberá em seguida uma nota de preços.

Pagamento, á vista da fazenda

CESAREO HERNANDEZ

COM

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÉ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73 — FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

Praça 8 de Maio, 73-74 — FIGUEIRA DA FOZ

INSTRUCÇÃO COMMERCIAL

(Collegio Mondego)

Plano de estudos: — Munir os alumnos de conhecimentos praticos immediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funcções de empregados do commercio, industria e banco, supprimindo-lhes a pratica nas casas commerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenographos, dactylographos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã,

tendo por base a conversação

Cursos diurnos e nocturnos de contabilidade, escripturação mercantil e caligraphia

INSTRUCÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

SEXO FEMININO

1.º e 2.º grau: linguas, sciencias e letras, lavores, musica, desenho, pintura, commercio e economia domestica

P. DA INQUISIÇÃO

O director, DIAMANTINO DINIZ FERREIRA

SILVA & FILHO

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — COIMBRA

1.º Ano — ARAZEDE, 31 de Março de 1912 — N.º 6

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 reis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 reis; na 3.ª, 40 reis e na secção respectiva, 30 reis.
Anuncios permanentes contracto especial.
Abatimento de 25 por cento aos srs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

O DEVER

ASSINATURAS

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS. — Ano, 999 reis; semestre, 600 reis; trimestre, 300 reis.
BRAZIL. Ano, 2$000 reis, fortes.
Numero avulso, 30 reis.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — ARAZEDE
OFICINA DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Tipografia da *Gazeta de Coimbra* — PATEO DA INQUISIÇÃO — COIMBRA.

Director, editor e proprietario — MANUEL DE MELO
Redactor principal — Humberto Beirão

A correspondencia deve ser dirigida ao director deste jornal.

PATRIA E HUMANIDADE

Semanario republicano

Redactores: J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz, Soveral da Rocha e Cruz Gonçalves

Secretario, Augusto Baia — Administrador, Antonio Baia

HAJA BOM SENSO

Se não nos é licito duvidar do patriotismo dos nossos homens publicos da atualidade, nem por isso nos deve ser vedada a liberdade de apreciação, mormente quando os seus átos, de caráter politico e senso administrativo, se não coadunem com o nosso humilde modo de ver.

Sob o ponto de vista administrativo, ainda assim, felizmente, nada tem que referir a nação. Outro tanto se não pode já dizer, falando-se politicamente.

Ha quem veja com bons olhos a divisão de partidos, e portanto, a desunião de energias e vontades, em bem querer defender dos traiçoeiros ataques esta Patria que nos prende e nos arrebata aos mais tomerarios cometimentos, para levanta-la ao nivel de independencia e prosperidades a que tem jus.

Os que advogam a esfacelação do velho e glorioso partido republicano, e que efétivamente para a sua dispersão concorreram e concorrem, tanto no parlamento como na imprensa, são precisamente aqueles cuja ambição do poder os hade aniquilar em dias mais ou menos proximos.

Todos querem ser chefes, todos querem valer para satisfação de vaidades cujos nefastos fins são sempre a degladiação e o despeito, que vexa e rebaixa, nestes dias de luz e sol patriotico que vamos atravessando.

Todos nós sabemos que a monarquia se perdeu exatamente por se dividir em partidos de mais.

Na monarquia havia partidos para dar e vender, mas partidos que seguiam homens e punham de lado os principios, em detrimento duma Patria que agonisava nas mãos dos que acima de tudo, viam *o quero, posso e mando.*

Por isso eles mesmos, os monarquicos, se encarregaram de levar á morte a sua causa, e, se a Republica lhe não acode tão depressa, á morte levariam a nação portuguêsa, com todos os seus filhos dilétos apertando as mãos na cabeça.

Que o procedimento da monarquia nos sirva de lição, mas de lição proveitosa, para nos guiarmos no futuro e pautarmos a nossa conduta de patriotas conscientes e disciplinados, sob a mesma grandiosa bandeira de paz e de trabalho.

A desagregação de partidos explicava-se, se a Republica estivesse consolidada. Assim não. Ela custou muitos anos de labuta, muitos desgostos, algumas vidas e muitissimas horas de insónia.

E todo esse trabalho insano, todas essas canceiras e sacrificios, se devem recordar com sinceridade, se devem meditar com a religiosa unção dos grandes batalhadores, dos que acima dos homens põem a justa causa do povo, dêste povo que sofre e que produz, para não correrm os o risco de sermos desagradavelmente apontados pelas grandes nações do mundo culto, e principalmente pelas nações da Europa que estão com os olhos póstos em nós, que seguem todos os nossos gestos e todas as particularidades da nossa historia, desde o troar do primeiro canhão que chamou á luta os revolucionarios portuguêses, que não hesitaram um momento em empunhar as suas armas para defender os humildes, para combater em pról duma nação moribunda, quasi perdida nas mãos de déspotas sem sombra de patriotismo.

Não descurêmos as lições da historia, porque elas patenteiam-nos, sobretudo em Portugal, a verdade diáfana dos grandes feitos de heroismo que nos engrandeceram, e não nos deixam olvidar, tambem, as grandes traições que têm procurado perder-nos para sempre.

Haja bom senso, pois, muito bom senso.

As questões de fomento nacional devem ser tratadas com serenidade, e não com o azedume já hoje tão peculiar como improficuo, nas ramificações politicas que estão sendo o apanagio e o fito dalguns homens cujo patriotismo, se nos não é licito pô-lo em duvida, pelos menos não nos deve ser vedada a liberdade de aconselhar e de dizer o que á nossa consciencia de portuguêses melhor se afigurar para o bem comum.

Porque a verdade, a verdade limpida que resalta aos olhos observadores de todos os verdadeiramente portuguêses, é que nós estamos vendo que aqueles que dantes prégavam, inflamados, ás multidões generosas, união e patriotismo, estão hoje exemplificando, em seu proprio prejuizo, o contrario de tudo o que sentiam e praticavam.

E' doloroso ter que constatar a transformação retrógrada de certos espiritos, outr'ora tão sensatos e prespicazes.

Mas é esta a ordem da evolução, e a ela temos que abrigar-nos conformados, esperando os almejados dias de socego e paz, de ordem e entranhado amor colétivo.

Para lá chegarmos é, pois, indispensavel muito **bom senso.**

A mulher de Portugal

V

Outro dia, e é com satisfação que o refiro, ganharam as mulheres amenas o pleito, na questão suscitada sobre se deviam ou não ter voto eleitoral.

Na America ha já, pois, mulheres com direitos adquiridos, eguais aos do homem.

Deve ser lisongeiro, agradavel, belo, o facto de as mulheres se encontrarem nas reuniões eleitorais, conscientes dos seus deveres politicos e patrioticos, decedidas a escolherem, para as cadeiras do poder ou para os seus municipios, as pessoas que ao seu criterio e senso politico melhor se afigurarem.

No nosso país, graças á implantação da Republica, tambem já um voto feminino, cujo direito foi decretado por sentença judicial, em Lisboa, entrou na urna, por ocasião das primeiras eleições eleitoraes da vigencia do novo regime.

Referimo-nos a D. Beatriz Angelo, infelizmente já falecida.

Esta medica distinta, a primeira a exemplificar ás mulheres de Portugal, a maneira como se reivindica e se conquistam direitos que só a indolencia da mulher tem deixado jazer num mar largo de indiferentismo, já não existe no mundo dos vivos.

Mas a historia do feminismo, em Portugal, patenteia clara e iniludivelmente, aos olhos das estudiosas, das mulheres que ainda não sentem na alma mais do que o uzado ram-ram de se tornarem *coquettes* aos olhos cubiçosos dos seus perseguidores, que é mister trabalhar, estudar, batalhar continuamente, para se chegar ao almejado fito, para ao lado do homem se disputar um logar de destaque, a que aliaz tem direito toda a mulher consciente dos seus direitos e dos seus deveres, num país de liberdade, como é o país português.

Se, psicologicamente, a sciencia demonstra que a mulher é diferente do homem, que a sua compleição corporea é tambem manifestamente desigual, ainda assim o que a mesma sciencia não é capaz de constatar, é que a mulher não seja, como o homem, um ser humano, e que ela não tenha as mesmas aptidões e as mesmas faculdades, que tem o sexo masculino.

Algumas forças psiquicas são, contudo, mais fracas na mulher, mas em compensação, nela, são mais fortes outras.

Nem só na mulher mãe se encontram afêtos, ternuras, lagrimas e caridade.

Pode a mulher ser histérica, morrer virgem, e nem por isso o afago, a doçura, o suave amor feminino, nela deixa de transparecer. E' caridosa e amorosa sobre os irmãos, sobre os pobres, sobre os doentes, emfim, em tudo e por tudo, é sintetica a forma psicológica, a forma psiquica da mulher, divergente do homem em pontos profundos, que demandam aturadas investigações e sereno cuidado.

A mulher é medrosa?

E' medrosa por educação, por temperamento. Desde pequena começaram a insuflar-lhe no debil espirito a lembrança de coisas más, de coisas horrorosas, em vez de encoraja-la. E' por isso que a mulher foge e dá um grito ao ver uma simples e inofensiva aranha tecendo na parede o seu formoso e precioso ninho; ao ver um rato assustado correr pela casa fora.

Mas quando se trata de defender um filhinho, de se pôr ao lado do homem, como enfermeira nas grandes batalhas, ou aí empunhando uma espada, a mulher tem rasgos heroicos que a nobilitam, nobilitando a propria historia que nos ensina a ser heroicos tambem.

Eu, um amigo da independencia e da educação da mulher de Portugal, estou inteiramente ao lado de Carmen Sylva, aplaudindo-a quando ela diz: «que só aparentemente é simples o destino da mulher».

Efétivamente a mulher tem muitas vezes o dom de penetrar em tudo que para o homem é escuro, e consegue realisar, com facilidade, as mais delicadas coisas da vida.

E' ela que edifica o ninho domestico, e nisso consiste já tambem o laurel das suas vitorias.

Mas quando a mulher tiver a consciencia dos seus direitos e do seu valor, as sociedades sofrerão, sem duvida, enormes transformações, e o homem deixará, então, de se arrogar o absoluto direito de conquistar só para ele aquilo que é justo que pela mulher se reparta tambem.

Porque, segundo diz Bulwer, se aos homens se pede filosofia, ás mulheres imploramos consolações. Lá virá tempo em que a elas se peça filosofia tambem, visto que elas trocam ainda os galanteios e os vestidos cáros, pela sua emancipação e pela sua educação.

ALMEIDA JUNIOR

SINE ODIO ET IRA

Critica de coisas e loisas

Se não bastasse a epigrafe que filha estes nossos modos de ver, teriamos, em conformidade com estilo, que submeter ao criterio do leitor um farfalhudo artigo-programa, em que se referisse com simplêsa os nossos generosos fins. Mas demais eu estou já daqui a adivinhar a robusta inteligencia dos que me leem e por conseguinte, subtraiu-me airosamente a revelhas etiquêtas que a pragmática dá de conselho em casos como este.

Não obstante, para que os mais ruins de contentar não se rendam a exaustivas preocupações, dirêmos, em duas palavras, o sentimento de corrêção que nos move na fatura dêste aglomerado de parecêres nossos que escrupulizarêmos, como nos é peculiar, porque encerrem sempre a maior verdade. Fustigarêmos, ilacrimavelmente, com o cautério martirisador do escarneo ou com o buril austero da critica, sem desfalecimentos, os hipócritas que ousam emiscuir-se, á sorrelfa, no templo dos que pensam e trabalham com honestidade, e prestaremos devoção a quem quer que consiga marcar, com nobreza de processos, a sua personalidade.

Postas assim estas concisas razões preliminares, vamos ver se prendemos o espirito do leitor á potreia ruidosamente reclamada por um intrujão norte-americano: o hipnótismo.

Antes, contudo, de exercitarmos a censura sobre esta irrisoria bambuchata, convem que esclareçamos que o fazemos, porque sômos scientes de que muitos obliquarios se agarram á *genigera* sciencia de quinquelharia barata como lobacho esfaimado a flácido pescoço de cordeirinho indefezo.

E' bem de ver que não é necessario estar-se de posse de um cérebro de grande acuidade para se concluir, com acêrto, do bem preparado lôgro que armam os autores da chilra mézinha hipnótica. Pois ha aí quem seja tão pouco atilado que não ante-distinga no estendal de coisas mirabolantescas que a enriquecedôra sciencia saloia é um ardil feito aos entendimentos pêcos que se arrimam ao pseudo-hipnotismo como despernado ou coxo á sua muleta de pau?

Abandonêmos estas gratuitas concéções, para de preferencia analisar as atraentes passagens de um anuncio, que aqui temos á nossa vista, dessa *sciencia do tudo consegue, do tudo resolve.*

Ora leiam este bocadinho de falacissima prosa:

> Leitor: já tens reparado como certas pessoas são felizes? como de tudo o que essas pessoas empreendem tiram magnificos resultados financeiros? como adquirem riquêsas, posição social, influencia, sem parecerem esforçar-se? Taes pessoas teem muitos amigos, são muito respeitadas e consideradas, são desejadas nas reuniões mundanas, emfim, sem o pedir, recebem todas homenagens. Sabes porquê? Porque conhecem minuciosamente o segredo do hipnotismo.

E' fantastico que no primeiro quartel do século XX não haja vergonha de se vir explorar o tolo pacovismo do publico com estes estarrecedores fogos de artificio.

E' principio básico entre todos os povos cultos a liberdade do pensamento. E, como assim é, temos de quando em quando que vir á estacada procurar desfazer com paciencia os funestos efeitos provocados no meio pouco lido pelas ôcas patacuadas que os gananciosos sem ponta de rebuço provocam na cabeça fraca e indescriminante dos pobres ludibriados.

Firamos de morte a sciencia da prosperidade, como eles a apelidam. Do minusculo mosaico de arrazoado do reclamo da estupenda sciencia hipnótica, infere-se sem dificuldade que este precioso *segrêdo* não passa de um miserabilissimo e atrevido dolo feito com o chamariz de uma risonha felicidade em um porvir pouco remoto.

Aqueles que ainda condenados por doentios sintomas atávicos, ressentindo-se intensamente da morbidez ancestral — os imbecis, os estupidos — estão depois da leitura do mirifico livrinho absolutamente prontos a concorrerem com galhardia na terrivel luta pela existencia!

E' unico!

E' natural que eles lustrem o engôdo, para mais facil extração.

Mas o peor, o deploravel, é a consequencia egoistica que esses estapafurdios doutrinamentos geram nos broncos a quem êles incutem a esperança de serem portentosas genialidades em todas as emprezas a que lancem ombros.

Darwins, Newtons, Shakespears, Dantes, Miltans, é coisa que não existirá mais. Todos iguais em inteligencia, em talento, em genio: todos Dantes, todos Darwins.

Feliz descoberta que vens obrar na sociedade contemporanea a mais igualitaria de todas as revoluções: a revolução da igualdade perante as manifestações intelectivas! Se assim fôra o sr. Sage, que se inculca por autor da droga, passaria de um deslavado burlão a um benemerito da humanidade.

Mas desconhecerá o sr. Sage que o individuo é, segundo os autorisados trabalhos deterministas de A. Hamon e Priestley, o produto logico das influencias hereditarias e cósmica-? Sabe-o, certamente, mas só para uso seu. E' que o sr. Sage compreende que pessoas de razão lucida não manusearão os *seus trabalhos de tomo* e que apenas os falhos, os invejosos que se cegam com o brilho do talento dos outros lá vão aurir a agua regeneradora que põe no cérebro o que falta, e tira de lá o que abunda.

Um ponto digno de menção é que o alveitar, consoante informes que nos deram, afirma não existirem nem genios nem talentos. E' audacioso que se imitam assim, desnorteando bisbórrias, opiniões irreflexionadas sobre questões deste melindre.

O talento — como lemos algures — «essa disposição da faculdade intelétual de que o homem é adornado e de que usa para bem ordenar as suas palavras e acções para exactidão dos seus raciocinios e fundamento das suas opiniões; e o genio, essa especie de inspiração frequente, mas passageira, que tem por principal atributo o dom de crear, como diz a sua etimologia de *gigno*, crear» — esses dois nobres ornamentos são letra morta, são predicados de pouca monta para o obcecado

bestunto do sr. Sage. Tanta aleivosia de envolta com tamanho egoismo!

Do que não ha que fugir é que o auctor das mesinhas hipnoticas insufla animo na numerosa legião dos desordenados na mioleira que — como muito bem opina o conhecido e distinto escritor Vila-Moura — «forma o exame de inferiores sem rumo, vergados ao pêso das ilusões que os cavalgam».

Pondo fecho, apoiamos sem restrições as acertadas palavras do sr. Vila-Moura.

CUSTODIO MENDONÇA

A voz dos professores

PINCELADAS

IV

Mas eis senão quando, poucos dias decorridos, no mesmo jornal e egualmente quasi escondidas entre os anúncios da quinta página, se me depara outra pequena noticia que atirou para a primeira forma com a minha primitiva opinião. Dizia nem mais nem menos que a camara municipal de Belmonte havia resolvido em sessão pedir ao govêrno a supressão de varias escolas, com o fim de fazer economias!

Fiquei quasi abananado — confésso-o. Cheguei a esfregar os olhos, receando não ver bem. Mas não havia que duvidar. O correspondente do diário expressáva-se com clarêsa Era até talvês algum professor, pela magua que resumbravam as suas palavras.

Chamava ao estranho procedimento um atentado, e informava ainda constar-lhe que as comissões politicas locais protestariam contra ele.

Eu não sei quem são os vereadores que o acaso colocou á testa do municipio beirão. Presumo, no entanto, que se dirão acerrimos defensores das doutrinas democraticas. Mas coitados, não passam daí. Idealiso-os ainda muito ignorantes, mas ao mesmo tempo ferosmente *praticos*. As finanças da camara estão num estado pouco satisfatorio. Talvez o Dente cariado da monarquia nêlas se tivesse ferrado. E, então, seguindo a doutrina ainda não ha muito preconisada pelo chefe de um dos atuais agrupamentos politicos, os homens concebêram em seus cerebros potentes um plano de economias,—que havia de deixar as gentes estarrecidas. As escolas não servem para nada—pensaram êles lá consigo. E, alem disso, nós temos para ai muitas. Ignorancia, quanta mais melhor.

Os que não sabem lêr nem escrever são os que menos repontam, quando, por acaso, fazemos a nossa injustiçasinha. Portanto, mãos á obra. Vamos pedir ao governo que suprima alguns desses inuteis, senão prejudiciais, estabelecimentos. E, assim, conquistaremos jús á admiração dos nossos contemporaneos e á veneração dos vindouros — porque soubemos fazer economias.

As coisas devem ter-se passado pouco mais ou menos desta forma, neste ano de graça de 1912, em pleno seculo das luses. ¡ E o *alto*, o candido *alto*, que tanto amor dedica á instrução, recebeu o pedido dos ilustres edis — e não ordenou a sua imediata demissão! Aposto que nem a lição aproveitará — convencendo-se, finalmente, da inconveniencia de entregar a tal gente a administração e até a fiscalisação do ensino primario...

¿Que reservará o futuro para escóla e para o professor?

PROF. MANUEL JOSÉ ANTÓNIO

NOTAS

Le monde marche

E' bem certo este ditado francês e dia a dia o confirmam os movimentos sociais mais intensos.

Ha dois anos ainda Portugal era uma monarquia. Quasi subitamente se emancipou, libertando-se do jugo brigantino e fez-se uma Republica democratica.

Não tardou que a China lhe seguisse as pisadas. As convulsões politicas e sociais vão-se sucedendo continuamente, e agora é um velho revolucionario italiano, Amilcare Cipriani, que profetisa num artigo da *Humanité* a proxima proclamação da Republica na Italia, quando terminar a guerra de Tripoli.

Para onde caminhamos? Para a evolução e para a revolução.

O futuro se encarregará de atestar estes dados.

Os couceiros cá de dentro

Já não é só lá fóra que êles se mexem; tambem cá ha desses tartufos, apaniguados do Paiva, que por todos os meios tentam sublevar o povo incauto.

Agora coube a vez ao *Jornal de Noticias* e ao *Diario do Porto*, ambos aznes e brancos, o primeiro dos quais grotescamente se lembrou de atirar á publicidade com um artigo transcrito dum jornal hespanhol, que profetisa o cheque da nossa jovem Republica.

Qual foi o resultado disto? O que era de prevêr: o protesto do povo livre e consciente dos seus devêres, que, em assômos de justa indignação, provocou disturbios nas redacções dos referidos jornais para fazerem valer os seus direitos, que são o respeito pelo bom nome e pela boa ordem da Republica.

E' este um correctivo para conspiradores que, embora desagradem é todavia bem sumario quando não ha uma intervenção imediata da parte de quem tinha por devêr intervir.

Uma iniciativa patriotica

A *Escola Nova*, semanario pedagógico que se publica em Lisboa e brilhantemente dirigido pelo sr. dr. João de Barros, vai abrir por estes dias um grande inquérito entre todo o professorado primario do pais, que terá por fim discutir todos os assuntos relativos ao bem-estar da classe, colhendo desse inquerito todas as reclamações que o professorado tenha a fazer, e que serão apresentadas em resumo ao futuro ministro da instrução.

E' necessario que todos os elementos que compõem o corpo do professorado primario respondam conscientemente a todas as perguntas a que o inquerito se referir, para que assim vejam satisfeitas todas as suas legitimas aspirações.

Louvamos a iniciativa do nosso presado colega, que, por certo, calará no animo do governo da Republica, e que ha de ter o bom exito que se espera.

O Vaticano a postos

Derrotado pelas ideias impulsionadoras do progresso humano, pensa agora o papa, uma atitude carnavalesca, em exercitar as suas tropas em fantasmagorias belicas que lhe possam defender a *honra* do convento.

Reconhece que os povos lhe fogem, soltando-lhe uma gargalhada de ironia pungente; mas assim mesmo, numa loucura de coquetico, pretende armar-se para disparar... no vacuo.

Soberbo historião!... De que te servirão as balas se elas não alvejam corações? E' um recurso supremo que define bem a ultra demencia dum espirito ambicioso.

Teófilo Braga

Acaba de ser alvo duma das maiores consagrações nacionais, esta figura de destaque no meio intelétual do mundo culto, lidima gloria da Democracia Portuguêsa que tanto lhe deve e pela qual ele tem lutado com entranhado amor e com o esforço titanico dos grandes herois e dos consagrados lutadores.

Saudando a alta mentalidade que é Teófilo Braga, saudamos a Patria Portuguêsa que conta nele um dos mais fervorosos apostulos do Livre Pensamento.

Cãis humanos... á força

Na penitenciaria de Lisboa vai adotar-se um processo para guardar os presos lá residentes, que é deveras extraordinario.

Trata-se de desenvolver em cãis da Serra da Estrela o instinto do odio a todos os penitenciarios que tentarem evadir-se daquele presidio ou agredir os vigias que rondam a toda a hora.

Desempenham verdadeiramente o papel dos guardas humanos que lá se encontram; mas os novos cãis-guardas poderão ali fazer o que os homens não fazem, que é lançarem os dentes aguçados ás canelas dos varios *Maneisinhos* e *Pés-leves*, que a horas mortas da noite se lembram de dar ás de *Vila-Diogo*... sem pedir licença.

Digno de louvôr

O nosso estimado amigo e assinante, sr. Abel Maria d'Andrade, do Tojeiro, ofereceu ao governo uma escola que de proposito mandou construir naquêle logar, e que é destinada ao sexo masculino. A mobilia para a referida escola foi oferecida por um individuo do mesmo logar, que atualmente rezide no Brazil, e cujo nome ignoramos.

Tambem seu irmão, o sr. José Maria d'Andrade, tenciona oferecer á escola de Gatões, carteiras novas e alguns quadros parietais.

Iniciativas destas muito honram quem as pratica e demonstram o espirito de civismo que entre nós já se vai desenvolvendo progressivamente.

São, pois, dignos de louvôr estes nossos amigos, que pela causa da instrução tanto se interessam, e por cujo motivo os felicitamos.

Jornalismo... comodista

Lemos no n.º 163 d'*A Tribuna*, de Coimbra, um artigo subordinado á epigrafe *O clericalismo*, e assinado pelo sr. Vaz de Carvalho. Pasmámos! E com razão, porque o texto desse artigo é precisamente igual ao trecho duma conferencia brilhante, pronunciada na Casa do Povo de Lausanne, Suissa, pelo grande pensador e democrata dr. Magalhães Lima, e publicada ha pouco no *Livre Pensamento*. O sr. Carvalho arrogou-se, portanto, a paternidade dum artigo que é da autoria exclusiva do sr. dr. Magalhães Lima.

Que belos processos de fazer jornalismo... á custa alheia!

« Homenagem »

Recebemos com este titulo um numero unico dum opusculo, dirigido pelos nossos bons amigos Anibal Cruz e Roque dos Reis, e dedicado á alta individualidade do dr. Teófilo Braga.

Colaborado por diferentes admiradores do ilustre Sábio e grande Democrata, presta um culto fervoroso e merecido á inteligencia e ao caráter do eminente Pensador.

Rétificando

Por êrro de informação, saiu na scena de facadas, de que demos noticia no ultimo numero, o nome de Joaquim Ventura, como autôr da agressão, quando devia ter sido o de José Ventura, filho de José Rodrigues Ventura, do Zambujeiro.

Fica assim feita a rétificação que nos pedem e que é de justiça.

FERRO-VIARIOS DE PORTUGAL

Estes humildes labutadores, a quem os lampejos da sorte raro iluminam o caminho de martirios que atravessam, começam já a ser olhados duma maneira mais humanitária e digna, que não com o mesmo desdem dos tempos ainda não ha muito decorridos.

E efétivamente, nós vemo-los por essas linhas fóra, quer de noite quer de dia, sempre vergados ao pêso duro dum trabalho insano e ingrato, que mal lhes deixa tempo para gosarem um poucochinho das doçuras do lar domestico, junto da familia amiga ou da companheira e dos filhos estremecidos.

Tremendas responsabilidades são as que impendem sobre todos os ferroviarios, sem distinção de categorias, pois são eles que muitas vezes nas suas mãos têm a vida de centenas de pessoas, que despreocupadas e contentes, seguem jornada para longe, a tratar dos afazeres da sua vida.

E é por isso precisamente que nós vemos com imensa simpatia esta prestimosa classe, mas ao mesmo tempo com magua nos pesa vêr que ao seu valôr sob todos os aspétos, não é feita justiça pelas companhias que servem, muitas vezes com uma dedicação profissional que vai até ao sacrificio.

Mas nós temos esperanças que perto vem já o raiar da aurora da sua libertação, e que justiça lhe será feita em dias que nós com anciedade esperamos.

Os ferro-viarios atravessam muitas privações e sofrem muitos desgostos para angariarem uma fatia de pão com que mitiguem a fome!

Os dias de festa são para êles de amargura.

E sofrem tudo com uma resignação evangelica, só propria da sua educação e da sua humildade.

As companhias têm neles excelentes amigos e dedicados cooperadores. Eu sou amigo deles.

CEZAR

Haja patriotismo!

Do nosso prezado colega *A Voz da Justiça*, da Figueira da Foz, transcrevemos o artigo que segue, e que é devido á pêna brilhante do nosso querido camarada de redacção Almeida Junior.

Começam novamente a circular boatos terroristas contra a nossa malaventurada Patria.

E mal-aventurada lhe chamamos com pesar, com magua, porque não cessam os vis processos de vexá-la, de levá-la á perdição.

Trama-se contra ela? Todos nós sabemos que sim.

Mas trama-se duma forma indecorosa, duma maneira tal, que nos não é licito acabar, duma vez por todas, com as conspirações monarquicas.

Cá dentro e lá fóra, os malandrins não desarmam.

Ganharão a vitória, a abalançarem-se a ir por deante, com seus feitos de canibaes?

Tudo nos indica que não, que não ganham, porque não podem ganhar uma causa que foi a sua perdição.

Mas que venham. Seria melhor que viéssem, para não estarem sempre a vir e sempre a ir, porque com essas idas e vindas, gastamos muito dinheiro, se bem que preparamos muita energia e pômos em «chêque» o nosso patriotismo de povo livre e independente.

Que nos ataquem de frente.

Que empunhem as armas, se armas, ainda teem, e que venham até nós. E' assim que se combate. E' assim que se luta.

Na sombra, á falsa fé, qualquer nos pode dar uma punhalada nas costas. Por traz é facil o ataque.

E' precisamente da sombra, ás escuras, que a eles lhes convém disparar. Bem sabem eles que o alvo se erra com facilidade, que a morte não é instantanea, por mais certeira que a pontaria seja.

Mas é isso que a eles, aos traidores sem alma, sem pundonôr e sem patriotismo, convém acima de tudo.

Nem assim, ó meus irmãos de luta, eles lograrão os seus nefastos desejos.

Procuram o ataque lento, para nos causar a morte rapida? Enganar-se-ão redondamente.

A nação portuguêsa, esta patria nossa, muito nossa e de mais ninguem, tem novo o sangue e viva a fé, para não deixar-se ir assim, ao primeiro golpe traiçoeiro, que andem procurando vibrar-lhe.

Haja patriotismo! E' este o brado da nossa alma, neste instante em que é mister a congregação dei deias e a unificação de partidos: a junção de vontades e sentimentos, para que lá fóra, ao menos á falta manifesta d'argumentos logicos e rasoaveis, se não faça valer o inconsciente criterio politico dos homens da nossa terra, que, afinal, a despeito de acusações tôrpes e mal orientados despeitos, teem sabido ser patriotas, acima de tudo, para a boa marcha da evolução da Republica Portuguêsa, que o povo quiz e que o povo quer, que o povo ama e que defenderá até ao ultimo momento da sua vida.

Haja, pois, patriotismo nesta hora em que todo o patriotismo é pouco.

ALMEIDA JUNIOR

CASOS DA SEMANA

Os « Apaches » em França

E' um verdadeiro terror em França o que se tem passado com os temiveis bandidos denominados *apaches*.

Ha dias, na estrada de Chantilly, Paris, seis bandidos que se encontravam escondidos atraz duma casa de guarda de cantoneiros, esperaram um automovel que ali devia passar, e, depois de terem feito sinais como que pedindo socôrro, o automovel parou, e dois deles, precipitando-se sobre o *chaufeur* e ajudante, dispararam sobre eles alguns tiros, matando este e ferindo aquele gravemente. Em seguida, entrando todos no automovel, partiram com toda a rapidez em direção a Paris, onde, em pleno dia, assaltaram uma casa bancaria, roubando 30 mil francos em notas, 15 a 17 mil francos em ouro e 2 mil francos em prata, deixando apenas numa bolsa, uns 2 mil francos que ali se achavam para trocos. Estes roubos foram praticados com uma audacia inaudita, pois que, ao entrarem no banco, o banqueiro que ia a sair, ao vê-los, quiz entrar novamente, julgando que iam para fazer negociações, o que não conseguiu, porque foi detido por um dos gatunos que se postou á porta, assestando-lhe uma pistola e contendo por alguns momentos uma grande multidão que ali se juntou, em quanto dois dos bandidos, lá dentro, assassinavam a tiros o caixa e outro empregado, afim de praticarem o já referido roubo.

Depois destas monstruosidades, entraram novamente no automovel e, disparando sempre tiros, puzeram-se em fuga vertiginosa, sendo perseguidos tambem em automovel pela autoridade, que não conseguiu capturá-los. Pouco depois foi encontrado o automovel dos bandidos, abandonado na estrada.

As autoridades e o banqueiro oferecem cem mil francos a quem conseguir captura-los ou a quem descobrir o local onde se encontrem, perdoando a qualquer dos *apaches* que voluntariamente se apresente a denunciar os seus companheiros.

Visitas

Deram-nos o prasêr da sua visita os nossos ilustres amigos e assinantes, srs. drs. Francisco dos Santos Neto, mui digno notario em Montemor-o-Velho, e Modesto A. Ferreira, conceituado comerciante em Cantanhede.

—De visita a seu irmão, sr. Joaquim Teixeira, nosso presado assinante no Amieiro, veio de Gatões o sr. Manuel Teixeira acompanhado do sr. Alfredo Nunes, tambem nossos assinantes e amigos.

Enlace

Realisou-se na passada quarta-feira o enlace matrimonial da ex.ma sr.a D. Carolina Augusta Rosa, distinta professora oficial em Cadima, com o sr. Antonio Gomes Dias Coelho, habil ajudante de notario em Cantanhede e jornalista mui distinto.

Assistiram ao casamento, entre outras pessoas, os srs. dr. João Pessoa Junior, sub-delegado de saude, Henrique Ferreira Barreto, administrador do concelho e Amadeu Lopes, farmaceutico, todos de Cantanhede.

Aos noivos desejamos-lhes muitas felicidades e uma prolongada lua de mel.

Regresso

De Coimbra, onde tinham ido a tratar de negocios particulares regressaram o nosso estimado assinante sr. Joaquim Simões Lameiro e sua esposa.

—Tambem de Coimbra regressou, acompanhado de suas gentis filhas, o nosso presado assinante sr. Antonio Maria da Silva Eerrão.

Cumprimentamos.

Incendio

Manifestou se ha dias um incendio na casa do nosso presado assinante da Pocariça, sr. Anibal Ribeiro da Fonseca, zeloso recebedor-proposto em Cantanhede.

Houve apenas alguns prejuizos materiais quê lamentamos devéras.

Um medonho ciclone

Buenos-Aires foi ha dias vitima dum terrivel ciclone, que causou enormes prejuisos, matando 8 pessoas e ferido 30, seguindo-se-lhes logo outro que assolou o distrito de Junin, matando umas 10 pessoas e ferindo umas 20.

EXPEDIENTE

No fim do corrente mês enviaremos aos nossos assinantes o aviso relativo á cobrança do 1.º trimestre.

O recibo de todas as assinanturas será passado no proprio jornal.

Gralhas

Muitas teem saido no nosso jornal, motivadas pela precipitação com que é composto na tipografia; mas que os nossos leitores nos revelem os erros cometidos, a que facilmente estão sujeitos todos os periódicos.

POETAS E PROSADORES

Á BEIRA MAR

Continuação do n.º 4

Odeio esta natureza, odeio o mar, odeio a nuvem que passa, o vento que sopra, a ave que esvoaça pelo ar. Odeio tudo o que me cerca, tudo o que vejo e escuto... Venho aqui por habito, impelido pelo instinto que leva os animaes aos sitios conhecidos.

Sobre esta areia cavei o meu covil e para aqui volto sempre. Fazer o quê?... Pensar, pensar continuamente nela, te-la sempre ante os meus olhos fechados pelo prazer duma terna e acariciadora visão!

Que loucura! parece-me vê-la toda envolta num véo branco, muito branco, com os seus negros cabelos ondulados caidos pelos hombros esculturaes, emoldurando-lhe o moreno rosto, e através daquele alvissimo veu eu advinho curvas volutuosas, formas sensuaes dum sensualisimo extranho, que me enebria os sentidos e me entorpece o cerebro!

Dos seus olhos pretos, sonhadores, onde parece existir um mundo de saudade infinda, saem raios de fulgurante luz que me fazem mal, um mal orrivel e ao mesmo tempo me causam um indefinivel bem estar! E os seus olhos negros, muito negros, fitam-se em mim, sempre em mim, desmedidamente abertos cheios de tristeza mensa!

Eu louco, desvairado, quiz agarra-la, aperta-la bem contra o meu peito, mas os braços paralisaram-se e só senti sobre os meus labios ardentes de febre, um beijo longo, apaixonado, no qual ia toda a sua alma, todo o seu ser. Então quiz chama-la, mas não pude; a voz estrangulou-se-me na garganta. Tentei um esforço supremo; estendi os braços, abri os olhos, mas nada vi, nada encontrei, a não ser as ondas mais furiosas, a dura areia mais fria e... tudo se esvaira como um fumo! Apenas o vento, as arvores, o céo, as estrelas e a lua, da amplidão dos céos me diziam baixinho, segredando-me com medo: Maria. Dos meus olhos desprendeu-se uma lagrima furtiva e eu com a cabeça em fogo, enterrando as unhas na garganta, gritei:

— Maria, Maria! como se fosse possivel que Maria me ouvisse atravez do espaço. Os gritos das gaivotas e a voz trovejante das vagas que se quebravam contra os rochedos, só me responderam:

— Maria, Maria num soluçar longiquo.

E a noute desce... As brumas elevam-se rosadas e vaporosas, envolvendo a aldeia, emquanto a lua, caminhando, caminhando sempre, segue a sua rotina através da imensidade do espaço.

A. Argel de Melo

CORRESPONDENCIAS

Figueira da Foz, 27. — Tivemos o prazer de receber a inesperada visita do sr. Joaquim Francisco Coca Junior, importante depositario de telha tipo marselha, e exportador de cal, no Zambujeiro.

Agradecemos.

— O espetaculo realizado no Teatro da Filarmonica Figueirense, pelo grupo dramatico 10 de agosto, em beneficio do grande artista pintor, Ricardo Mesquita, que ha mezes se encontra bastante doente, decorreu animadissimo.

Subiu á scena o drama *Gaspar, o serralheiro,* em 4 átos, e diversos, monologos, desempenhando-se os amadores corretamente dos seus papeis.

— O Senado já aprovou o projéto de lei, autorisando a camara municipal deste concelho a contrair um ou mais emprestimos no valor de 28 contos, para a construção do futuro quartel de infantaria 28.

— Vitimado por terriveis padecimentos, em virtude duma operação a que se sujeitou, faleceu na visinha povoação de Buarcos, o sr. Antonio Queiroz Nogueira, o qual gosava, em geral, de imortais simpatias.

Pezames.

— Alguns alunos mais classificados do curso secundario do sr. Eloi do Amaral, entre os quais se contava algumas alunas, realisaram ha dias um brilhante passeio, acompanhados por aquele sr. pela estrada de Coimbra, em biciclete e trens, seguindo esta imponente caravana por Vale de Murta, onde *luncharam*, e por Vila Verde, donde finalmente regressaram a esta cidade.

— Conforme foi requerido á Camara Municipal dêste concelho, passou a denominar-se Rua 30 de Junho, a antiga Rua de Quebra Costas.

O pedido teve por fim obeder ao gôsto de prestar homenagem ao grande Manuel Fernandes Tomás, que naquela rua nasceu, no dia memoravel de 30 de junho.

Boa ideia.

A. Oliveira Guerra

ANUNCIOS

ANUNCIO

(2.ª publicação)

No dia 7 de Abril proximo, por onze horas da manhã, á porta do tribunal judicial da comarca de Montemór-o-Velho, vai á praça para sêr arrematado pelo maior lanço que fôr oferecido, além do que lhe vai designado o seguinte predio pertencente ao casal inventariado por óbito de Maria Augusta Ferreira, moradora que foi em Ardazubre, freguezia da Lamaroza, comarca de Coimbra, onde corre o respectivo inventario orfanologico e no qual é cabeça de casal José Salgado Moreira, do mesmo logar, a saber;

Cinco aguilhadas de terra no campo e sitio do Cerrado, vão á praça no valôr de cento e vinte mil réis. — 120$000.

Para a arrematação são citados quaisquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 14 de Março de 1912. — O escrivão, *Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.*

Verifiquei. — *Lemos Viana,*

Café Distinto

Provae e vereis o resultado.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÈE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vaste forêt

Maison de premier Ordre, Confor-moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumière électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations — Luso (3 kimêtres) Pam pilhosa (10 kilomêtres).

Automobies et Voitures

Antonio Francisco Paes

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica — *Cantanhede*

Endereço telegrafico — ANTONIO PAES

CAFÉ DISTINTO

E' o mais forte e aromatico.

FORTUNATO VAZ

CAMARNEIRA — CANTANHEDE

Agente da casa O HEROLD & C.ª, de Lisboa, Porto e Pampilhosa para venda de adubos quimicos e organicos nas regiões da Bairrada, Gandara, Aveiro, Coimbra e Beira Alta

Os adubos de HEROLD, os mais conhecidos e acreditados, devem ser preferidos por todos os lavradores. Tem as marcas registadas FOICE e TREVO DE 4 FOLHAS.

Para os vinhedos e milharais aconselhamos além das marcas especiais, CAL AZOTADA conjuntamente com FOSFATO TOMAZ e KAINITO.

Para as batatas as marcas especiais FOICE HEROLD e PURGUEIRAS dão um resultado magnifico.

Depositos em Cantanhede, Mogofores e Oliveira do Bairro.

Dirigir por postal a

FORTUNATO VAZ

CAMARNEIRA : CANTANHEDE

Ação de divorcio

(2.ª publicação)

No Juizo de Direito da Comarca de Montemor-o-Velho, pelo cartorio do terceiro oficio, foi por sentença de 14 do corrente mês de Março, decretado o divorcio entre os conjuges Francisco Marques e mulher Joaquina de Jesus, proprietarios, dos Pelicanos, freguesia de Arasêde, desta comarca.

Montemor-o-Velho, 21 de Março de 1912. — O escrivão, *José de Paiva Bobela Mota.*

Verifiquei a exátidão — O Juiz de Direito, *Lemos Viana.*

Café Distinto

Combate todas as marcas que apareçam no mercado.

FABRICA DE BOLACHAS E BISCOITOS DA ESTRELA

Couraça da Estrela, 1 a 15 — COIMBRA

Esta casa é que melhor fabrica e vende em melhores condições.

O PROPRIETARIO,

Manuel Pereira Junior

TROPA

Deposito da CASA ANJOS & C.ª

João Vieira da Silva Lima — Coimbra

CAFÉ DISTINTO

E' o mais saboroso, devido á sua combinação.

Antonio Duarte Mendes

FABRICANTE

DE

Instrumentos de corda

Premiado nas exposições Distrital de Coimbra em 1884, na Industrial de Lisboa em 1888, na Universal de Paris em 1900 com a medalha de prata, e na Industrial e Agricola do concelho da Figueira em 1901 com a medalha d'ouro.

Satisfaz de pronto qualquer encomenda de instrumentos, garantindo a perfeição de seus trabalhos.

65, Rua da Biça — Figueira da Foz

FARMACIA MONTEIRO

ARAZEDE

Produtos quimicos e farmaceuticos e artigos de industria farmaceutica como: fundas, algalias, borrachas, biberons, etc., etc.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufactura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40, Rua 11 de Setembro. 42

FIGUEIRA DA FOZ

BICICLETES de diversos autôres, desde 25$000 reis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramofones e musicas, em casa de

José M. Figueira — CANTANHEDE

Café Distinto

E' o que maior aceitação tem obtido no mercado.

Solicitador encartado

Joaquim Albino Gabriel e Mello, antigo solicitador encartado nesta comarca, voltou, depois de uma ausencia de 10 annos, noutros serviços publicos a exercer a sua industria.

Encarrega-se de tratar de todos os serviços judiciaes e pendencias de todas as repartições publicas, administração de bens, compra e venda de propriedade e papeis de credito, etc.

Escriptorio — Rua da Sophia, 54, 1.º — COIMBRA.

Folhetim d'O DEVER

M. DE M.

SÊNAS INTIMAS

Nesse dia realisou-se o funeral do Rodrigues, com tal pompa e brilho como não havia memoria em Coimbra, o que prova que era muito considerado e estimado pelas pessoas que o conheciam e, em especial, pelos seus amigos, em o numero dos quais estava eu.

E aqui tem o meu amigo a historia que desejava conhecer e que não levou dôze minutos a contar.

— E ela? — perguntei eu.

— Ela sentiu bastante a morte dêle, como era natural, e até trouxe luto durante algum tempo.

— Mas não tornou a amar?

Esta pergunta pareceu ultra-asnática ao meu amigo, que olhou para mim com ar de comiseração e, num sorriso forçado, me respondeu:

— Permita-me que lhe diga que essa pergunta só podia ser formulada por quem não conhece, ao menos de relance, o coração da mulher. Ha de permitir que lhe pergunte uma coisa: O senhor nunca amou?

— Confesso que não.

— Mas é suscetivel de amar?

— Se eu tiver coração e êle não fôr insensivel, com certêsa que sou.

— E diga-me: tem lido as obras de Camilo?

— Sou um seu devotado admirador.

— E tem se compenetrado dos episódios amorosos?

— Muitissimo.

— Ah! Bem, não desejo saber mais coisa alguma.

— Por que diz isso?

— Pela rasão muito simples de que a Virginia das *Memórias de Guilherme do Amaral* não póde comparar-se com a Cassilda Arcourt da *Mulher fatal;* assim como não se póde estabelecer paralélo entre a Augusta do *Onde está a felicidade?* e a Beatriz, costureira da rua do Correio.

Essas marificas personagens dos romances de Camilo fôram um raro exemplo de virtude e de constancia em amar; observavam religiosamente aquela verdade de Salomão, a respeito do amor, rezada pela bôca de Santo Agostinho; eram mulheres, em cujo coração não havia mais que um logar para um só homem; mulheres que não faziam comercio dos seus sentimentos e da sua formosura; mulheres que adoravam um idolo no santuario da sua alma, e, se ele um dia caisse, inda lhe adoravam as reliquias, sem procurar erguer outro idolo. Mas hoje, meu amigo, onde vai encontrar uma mulher com este natural? Encontrará talvez uma em cada milhão, por esse mundo alem; mas essa inda não é a mulher do comum, nem a de espirito mediocre; essa será a mulher de nobres sentimentos e de espirito mais ou menos elevado, mais ou menos ardente, a mulher — tipo no amor, embora ela pertença ás ultimas camadas sociais.

«Se já tivesse amado e tivesse sofrido o que eu já sofri, havia de convir em que isto é verdade.

«A mulher, na sua generalidade, não ama por um natural impulso do coração, não é um aféto intrinseco e imaculado o que a faz amar; o amor dela, se amor se pode chamar, é material, puramente material, e até mesmo mundano. Ama pelo dinheiro, ama por um titulo, ama por capricho, e ainda muitas vezes ama para matar.

«Na corte, sabe provocar galeria com a sua formosura e com muitas pedrarias, envenena e ás vezes mata; no baile, envenena com um olhar, com um sorriso, com o colo alabastrino e provocante e chega a matar; na janela, envenena com um lanço de olhos, com um gesto lindo e pretencioso e ainda pode matar; nas ruas, sabe requestar com a elegancia do talhe, com as feições graciosas, provoca ciumes e tambem ás vezes mata; ou então, mercadêja com o amor barato, torna-se venal, entra no próstibulo, ali corrompe e sempre mata.

Este é que é infelizmente o carater da mulher na moderna sociedade, com muito raras exceções (1).

Olhe, eu amei muito quando tinha a sua idade, e mesmo depois disso, e nunca encontrei uma mulher das que se pudesse considerar como excéção á regra geral; eram só mulheres da mundanalidade, e de quasi todas as classes, mas que nunca me tinham desviado do caminho do devêr. Quando, porém, o acaso me deparou uma, e de classe áliás distinta, que quis tentar fazê-lo para depois me matar, eu fechei imediatamente as portas do coração ao Amôr e abri-as á Solidão.

E' por isso, meu amigo, que se algum dia amar, ha-de conhecer que é necessario muitas vêses, conforme as circunstancias, rebatêr os impetos da alma para se não cair no abismo; mas tambem se nunca receber duma mulher um olhar terno, que ás vêses se confunde com um olhar pérfido, não deve considerar-se um desventurado, porque não perdeu a suprema felicidade, antes talvez evitasse uma queda fatal.

Isto não é querêr dar-lhe conselhos, bem deve compreender, é simplesmente procurar definir a mulher, pelo lado positivo, a quem ainda não conhece o coração e muito menos o espirito.

Tendo recebido do meu amigo esta lição de psicologia amorosa, cujo conhecimento, afinal, era do meu dominio, embora não fôsse experimental, perguntei-lhe se sabia mais alguma particularidade da vida de Beatriz.

— Ah! é verdade! — disse êle. — O senhor perguntou-me ha pouco se ela não tinha tornado a amar, que era o mesmo que perguntar se não tinha no coração mais escaninho algum onde pudesse albergar outro amôr.

Não se recorda de lhe ter dito ontem que ela se envaidecia até de ser galanteada por quasi todos os caixeiros de Coimbra?

— Recordo-me.

— Pois a uma mulher de tal indole nunca se lhe acaba de encher o coração de amôres. Ela converte-o num armazem onde aloja todas as mercadorias que lhe agradam. Foi precisamente o que aconteceu a Beatriz.

Depois da morte do Rodrigues operou-se nela uma tal transformação fisica que me levou a crêr que tinha sido aquêle o primeiro amôr que mais lhe calára na alma. O estado nutrido que antes apresentava tornou-se num emagrecimento lento; o carmim das faces desapareceu para dar logar á lividez cadaverica: o brilho dos olhos amorteceu-se-lhe de maneira a não deixar transluzir aquela expressão que antes havia nêles; as feições, emfim, alteraram-se duma fórma tal que quem conhecêsse antes da morte do Rodrigues, e a visse depois, não dizia que era a mesma, apesar de ainda lhe restarem uns vestigios da formosura primitiva.

Isto quanto ao fisico. Pelo que toca ao moral, não houve transformação possivel, debaixo do ponto de vista amatório; porque dai a álgum tempo escolhia ela mais um recanto no coração, onde guardava a imagem doutro infeliz que dentro em pouco ia dar tambem á sepultura não sei se de modo eventual, se vitimado por ela.

(Continua).

(1) V. Ex.ª, minha querida leitora, pertence, sem duvida, ao numero das exceções

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Comercio e Industria

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Praça do Comercio, 54 e 55 — COIMBRA

TELEGRAMAS — Abilio Lagôas
FONE 295

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Paris, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

Mercearia Flôr do Japão

Casa especial de chá e café

Torrefacção e moagem a vapor

Rua da Sofia, 66, 68 e 70 — COIMBRA

O proprietario desta casa recomenda o seu café moido **Distinto** (marca registada).

Este magnifico café, devido á sua combinação, é o mais forte, soboroso e aromatico.

Aceita-se um unico depositario nas principais terras do paiz.

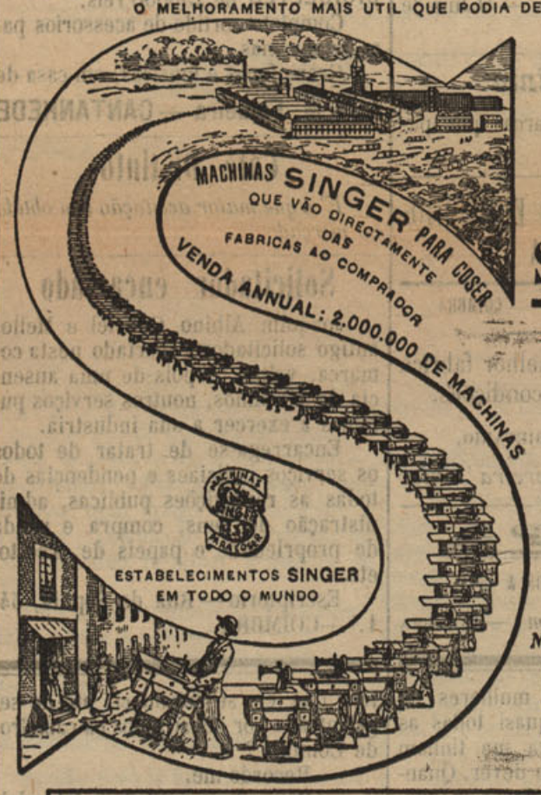
Vende-se em lindas latas acharoadas de 250 gramas por 180 réis e 500 gramas 350 réis.

Pacotes de 250 gramas, 170 réis; 125 gramas, 85 réis; e 100 gramas, 70 réis.

—

Descontos aos revendedores.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10 — COIMBRA

CERAMICA EXCELSIOR

FUNDADA EM 1903

Lacerda, Figueiredo & C.ª, Limitada

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro — JOAQUIM COCA JUNIOR

CASA FUNERARIA

DE

Leonor Traveira & Irmão

Praça Velha — FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sortido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc.

Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos.

Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Portugal Previdente

Companhia de Seguros

Séde em Lisboa

Efectua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efectua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra
Rua Ferreira Borges, 155 1.º

Domingos Lino Gaspar

Armazem e oficina de moveis e estofos, mobilias completas, colchoaria e camas de ferro. Oleados, baguetes e muitos outros artigos.

128 — Rua do Principe — 130

Figueira da Foz

Antonio José Abrantes

Alfaiate e mercador

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta

164, Rua do Principe, 168

FIGUEIRA DA FOZ

Sucursal em Leiria, Praça das Galinhas, sob a firma Abrantes & Genro.

Sortido em fazendas de lã e algodão, nacionais e estrangeiras.

Varinos d'Aveiro, capotes á cavalaria e gabões para homem e creança.

Encarregam-se de qualquer encomenda para fora da terra.

Faz os mercados de Montemor-o-Velho, Gnia e Monte Redondo, onde pode ser procurado pelos seus freguezes de fora da Figueira e Leiria.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque êle tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

LOJA DO POVO

Mercearia, ferragens, fazendas brancas e papelaria
Deposito de tabacos e fosforos
Papeis *Duc*, *Lecosmopolite* e outros, para cigarros
Fosforos de cera e amorfos
Sabão, etc., etc.
Desconto da tabela da companhia

Vendas por junto e a retalho

BERNADO GONÇALVES FERREIRA

Montemór-o-Velho

Manuel d'Oliveira Junior

Rua da Republica, 84 a 88

FIGUEIRA DA FOZ

Compra madeiras em todas as dimensões e pinhaes em qualquer parte do paiz.

Encarrega-se de fornecimentos de madeiras para Portugal e estrangeiro.

Tem na Figueira da Foz, depositos de madeiras, em taboas, vigas, travessas, sualhos, etc.

Quem quizer vender madeiras, dirija-se em carta ao escritorio, que receberá em seguida uma uota de preços.

Pagamento, á vista da fazenda

CESAREO HERNANDEZ

COM

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÉ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73 — FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encommendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

Praça 8 de Maio, 73-74 — FIGUEIRA DA FOZ

INSTRUCÇÃO COMMERCIAL

(Collegio Mondego)

Plano de estudos: — Munir os alumnos de conhecimentos praticos immediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funcções de empregados do commercio, industria e banco, supprimindo-lhes a pratica nas casas commerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenographos, dactylographos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã,

tendo por base a conversação

Cursos diurnos e nocturnos de contabilidade, escripturação mercantil e caligraphia

INSTRUCÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

SEXO FEMININO

1.º e 2.º grau: linguas, sciencias e letras, lavores, musica, desenho, pintura, commercio e economia domestica

P. DA INQUISIÇÃO

O director, DIAMANTINO DINIZ FERREIRA

SILVA & FILHO

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — COIMBRA

1.º Ano — ARAZEDE, 7 de Abril de 1912 — N.º 7

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 reis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 reis; na 3.ª, 40 reis e na secção respectiva, 30 reis.
Annuncios permanentes contracto especial.
Abatimento de 25 por cento aos srs. assinantes.
Não se restituem os autographos.

Annunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

O DEVER

ASSINATURAS

Portugal e Colonias portuguezas. — Ano, 999 reis; semestre, 600 reis; trimestre, 300 reis.
Brazil. Ano, 2$000 reis, fortes.
Numero avulso, 30 reis.

Redacção e administração — ARAZEDE
Officina de composição e impressão — Typographia da *Gazeta de Coimbra* — Pateo da Inquisição — COIMBRA.

Director, editor e proprietario — MANUEL DE MELO
Redactor principal — Humberto Beirão

A correspondencia deve ser dirigida ao director deste jornal.

PATRIA E HUMANIDADE

Semanario republicano

Redactores: J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz, Soveral da Rocha e Cruz Gonçalves

Secretario, Augusto Baia — Administrador, Antonio Baia

Educação popular

É inconcebivel que ainda hoje, depois do triunfo da Republica, tenhamos de assediar este alto problema, um dos primeiros que devem ocupar o pensamento humano e que mais devem ferir a atenção superiôr dos nossos governantes em qualquer conjuntura politica e em qualquer fase historica do movimento nacional.

O nosso povo ainda hoje está por educar, especialmente o povo das aldeias, onde é raro chegarem os reverbéros da luz moral e saudavel dos grandes educadores que, com a sua palavra limpida e serena, com a sua voz forte e dominadora, possam sugestionar e aquecer ao contato do fogo da sua alma esses espiritos amortecidos e inertes que vivem subjugados aos trabalhos rudes dos campos, esperando ver no apertado ambito da sua herdade toda a felicidade e todo o encanto que o Homem é capaz de conseguir neste mundo.

Eles não sonham sequer que, atravez dos fulgores da Natureza imensa, refulgem como diamantes as belezas inestimaveis da instrução, que consegue polir todas as arestas e todas as rudezas de espirito, preparando-o, com o tesouro da educação, para a conquista dum futuro mais risonho, mais belo e mais prometedor.

A educação é tudo; e o nosso povo educado, moral e civicamente, deixará de ser o pária e a vitima espoliada dos capitalistas gananciosos e dos plutocratas sem escrupulo e sem dignidade.

O povo ignora quais são as forças do organismo nacional que podem manter a integridade, a independencia e o prestigio duma patria, desde que ela tenha a orientá-la a honestidade e o bom senso de governos conscientes e trabalhadores. O povo não sabe que o comercio, a industria, a agricultura e a instrução é que são os nervos primarios que sustentam e fortalecem um país, que o tornam prospero e digno de enfileirar ao lado das nações cultas e progressivas.

Ignora o povo que Portugal, sendo como é um pequeno país, em superficie e em população, poderia ser muito grande, imensamente colossal, se tivesse sempre tido bons administradores dos seus interesses e seguros das suas aspirações.

Nada fez a monarquia constitucional durante oitenta anos em beneficio deste pobre país, cuja independencia e estabilidade tanto custaram aos nossos antepassados. Nada fez, porque os reis, vampiros ferozes das forças do povo, abutres truculentos das suas energias, só queriam refastelar-se com as suas camarilhas em banquetes lautos, em bacanais hediondos, em insaciaveis prazeres. Vivendo á custa do povo, queriam-no ignorante e analfabeto para que ele nunca pudesse compreender que era roubado e oprimido, e para que nunca se erguesse a mostrar o seu valor e o seu direito.

Hoje, porém, em plena Republica, tem que ser diferente a orientação seguida até aqui. É necessario que os poderes constituidos, na lucida compreensão das exigencias modernas da epoca, tratem de cuidar, com o verdadeiro zelo e a acrisolada dedicação que merece, da educação do povo humilde e resignado, abrindo-lhe escolas onde ele possa, nos curtos momentos que lhe sobram do seu extenuante labôr, adquirir conhecimentos novos, noções proveitosas, altos ensinamentos que lhe servirão de guia para a melhor execução dos seus trabalhos e para uma bôa correcção da sua conduta. Assim conseguiremos alguma coisa.

O povo, como força primordial e base primaria duma nação, precisa de ser convenientemente instruido e educado para cumprir com todos os deveres que a lei lhe impõe. Ele não deverá ser um automato que se dirija para onde alguem o impelir, nem tão pouco um serventuario passivo que esteja á mercê dos caprichos e das iniquidades daqueles que querem locupletar-se á custa do seu suor.

O povo é a alma colectiva que vibra nas grandes convulsões nacionais e que, sendo educado, póde derrubar tronos e falsas religiões, e póde, alem de tudo, contribuir com o seu esforço supremo e com o seu trabalho titanico, para o engrandecimento e felicidade da Patria, e para a realisação do ideal sublime por que anceiam os grandes espiritos: — a unificação das consciencias.

Eduque-se, portanto, o povo com solicitude e dedicação; procure-se todos os meios de o conseguir, quer em escolas, quer em comicios ou conferencias, encarregando-se, para isso, homens superiores que levem ao seio das massas ignorantes uma parcela da sua inteligencia, e ao intimo de todas as camadas sociais um pedaço da sua alma.

Só assim poderá evolutir a Humanidade.

OS ALTOS PRINCIPIOS

Educação moral e civica

II

A Familia

O homem aprende a amar a Patria na familia, como a criança aprende a amar a familia no berço, cercada pelas caricias do pai, pela ternura da mãi, e pelos afagos dos irmãos, dos avós e dos outros parentes.

E' pelo exemplo que a criança se educa e que gradualmente se lhe fórma o carater, por meio do qual ela ha de buscar a felicidade no futuro, se os seus passos foram desde o começo dirigidos para o Bem, pelo caminho seguro da Verdade iluminada.

Os pais que souberem revestir-se dos sentimentos nobres, que prezarem a honra do seu lar e a inviolabilidade do seu caracter, podem transmitir estas preciosas qualidades a seus filhos, se os preocupar o futuro que um dia terão de dar-lhes, e se desejarem a conservação da dignidade familial, como meio seguro para o conseguimento da estima e da consideração alheias.

Os filhos devem amar os pais, respeitá-los e obedecer-lhes, ser reconhecidos para com eles, ajudá-los nos seus trabalhos, aliviá-los nas suas doenças, velar por eles na sua velhice; mas é preciso que os pais, durante a menoridade dos filhos, os instruam no amôr que fórma os bons corações, no respeito que, em geral, é devido aos nossos semelhantes, na obediencia que se rende a todos os superiores, no reconhecimento a que teem direito todas as pessoas que nos prestam beneficios; é preciso que os instruam no auxilio que devemos conceder a quem dele carece, no alivio que devemos dar ao infeliz que abafa sob a pressão da dôr, e na vigilancia de que deve usar-se para com aqueles que estão confiados á nossa guarda ou ao nosso cuidado.

A mãi cabe o papel importante de educadora e de investigadora dos bons sentimentos do filho. Desde a hora em que ela carinhosamente começa de embalá-lo, até ao momento em que a razão entrou a despertar nele, nunca a mãi deve deixar-lhe com brandura, abstendo-se de proferir imprecações e fazer gestos rudes, que só servirão para perverter o espirito embrionario do filho, que tudo aprende com facilidade.

A criança, de seu natural curiosa e de extraordinaria retentiva, repete, insconscientemente, uma praga que ouve ao pai ou á mãi, ou a outros ascendentes, estuda a energia da praga pronunciada num momento de irritação, ouve-a vezes repetidas, acompanhada de gestos muito desabridos, e habitua-se a proferi-la por qualquer motivo, imitando as maneiras grosseiras que a tornam desafectiva e que fazem dela uma criança *mal educada*.

O caracter da criança começa de formar-se na familia com os exemplos edificantes e os conselhos beneficos de todas as pessoas que a dirigem. É, portanto, na familia que começa a sua educação moral, que depois na escola é aperfeiçoada pelo professor conscienciosó e respeitador das leis morais.

O facto de muitos pais fraquejarem e se deixarem irritar na presença dos filhos, quando eles recebem na escola uma orientação tendente a edificar-lhes o espirito, esse facto é dum pessimo efeito para a criança, que se afasta da linha do dever, e torna contraproducente todo o trabalho de moralisação que o professor tem na sua missão de educador. Dir-se-ia um edificio, ao qual se fôssem demolindo os alicerces lentamente até o arruinar por completo.

Ha crianças de temperamento mais propenso ao mal do que outras, e até as ha que são verdadeiras aberrações, que não cedem facilmente aos conselhos nem aos ensinamentos da familia. Para esses concede a lei autoridade aos pais para que usem de punições convenientes, que as contenham nos seus impetos e as modifiquem, em certo modo, na sua organisação defeituosa e por vezes renitente.

Para temperamentos incorrigiveis ou para faltas gravissimas cometidas pelos filhos, podem os pais mandá-los deter por alguns mêses em casas de correcção, conforme a idade que eles tenham e segundo o grau da sua culpabilidade. Nunca, porém, se deve recorrer a estes extremos sem primeiramente se empregar todos os meios tendentes a modificar-lhe a compleição fogosa, o caracter impulsivo. Corrigir-lhe o espirito buliçoso sem o encarcerar, melhorar-lhe o temperamento ruim sem o inutilisar para a vida social, tal deve ser a orientação tomada pela familia para a educação normal da criança.

Só assim se conseguem descendentes aptos para a propagação da especie e para seguirem essa grande vereda do Bem e do Dever que todos os dias se está apontando á Humanidade, sempre falha de principios.

Harmonia, honra e mutualidade é a triologia que todos os membros da familia devem respeitar para a consecução da felicidade dum Estado, de que a familia é o embrião.

NOTAS

Eclipse do sol

No dia 17 do corrente deverá aparecer um eclipse do sol, visivel em Portugal, vendo-se de preferencia entre Aveiro e Porto.

Não se assustem os espiritos timoratos e supersticiosos que outr' ora viam nestes fenomenos astronomicos prenuncios de desgraças lançadas sobre a humanidade paciente.

O que póde a ingenuidade da alma popular!

Mais um...

Os *santinhos* continuam na sua tarefa em quererem sêr mais fortes de que a Republica, que tem sido benevola de mais para tais criaturas. Mas a experiencia tem-lhes demonstrado que não podem brincar com o fogo, pois o que lhes pode acontecer é queimarem-se.

Coube a vez agora ao Arcebispo de Evora, que foi mimoseado com dois anos de desterro fóra do distrito de Evora e a perda dos beneficios materiais do Estado. Juisinho srs. bispos; vejam-se neste espelho, quando não... é desterro pela certa.

O «Intransigente»

O *Intransigente* deu-lhe para *transigir* com certa imprensa, e não faz senão dar esporada em gente séria e que sabe vêr as coisas de muito alto.

E é assim que se pretende fazer verdadeira democracia? O puritanismo de certos espiritos é ás vezes... despeito e demencia.

Uma Liga

Projéta fundar-se em Lisboa uma Liga que terá por fim reprimir a prostituição infantil e a pronografia. Dela farão parte algumas das nossas individualidades mais em destaque.

E' uma Liga que, se fôr bem apertada, dará bom resultado para a purificação do sangue... da raça.

Os Couceiros

A tropa fandanga que se encontra em Espanha a conspirar contra a Republica, se não está liquidada, pouco tempo lhe falta. Os *valientes* conspiradores que tinham em vista entregar Portugal ao estrangeiro, já não teem da população espanhola as mesmas provas de deferencia com que ha um ano eram distinguidos. E' que o povo hespanhol julgava que os conspiradores portuguêses eram homens que defendiam um principio, e que se não propunham defender simplesmente uma gaméla. Agora que já os conheceram, em vez de simpatia que por êles tinham, votam-lhes odio que já por diversas vezes tem esplodido.

Teem razão os hespanhois em agora os odiarem; mas para isso foi preciso que a tropa conspirateira invertessse o seu papel e pregasse nas terras onde se encontram, calotes a torto e a direito.

Ha dias uns crédores apresentaram-se aos *paivas*, exigindo-lhe o pagamento dumas dividas; pois os crédores foram corridos depois de lhe negarem o *seu* Paiva Couceiro!

Liquidam assim aquêles miseraveis que para o estrangeiro foram traír a sua patria.

O Lampreia tem esperanças

Continua na sua obra vergonhosa o célebre Camêlo Lampreia, que fez o seu quartel genal no Rio de Janeiro. Todos sabem quo Camêlo, que pelo nome não perca, com a implantação da Republica, viu ir pela agua abaixo a mangedoira onde á farta comia; pois o homem tem esperanças em que a monarquia volte e por isso continua pedindo dinheiro aos nossos compatriotas, para a revolução monarquica. Mas segundo lêmos algures, o Lampreia tem nos ultimos tempos tido pouca sorte; e a maquia com que êle contava falhoulhe quasi completamente. Outro oficio, Camêlo, outro oficio, porque esse já não péga. Os nossos compatriotas que ainda não aderiram á Republica, breve o farão porque estão vendo no Camêlo o que eram todos os monarquicos. Outra fita, Camêlo, pois que esta já está gasta e conhecida, e por isso a receita diminuirá...

SINE ODIO ET IRA

Critica de coisas e loisas

Na camara alta, ha dias, versou-se o problêma do jôgo, considerado por muitos como a questão magna que, apenas resolvida, trará consequentemente e sem delongas o desafôgo da angustiosa vida economica de varias localidades.

Nunca afinâmos a nossa opinião com aqueles que pensam por essa forma, porquanto convencemo-nos de que os efeitos não devem apenas ser olhados particularizadamente, antes ao contrario observados em todas as suas multiplas *nuances*. E' por esta rasão que estamos em aberta oposição com quem quer que seja que tenha de si para consigo que com a regulamentação do jôgo começará a regeneração economica do país, como se acaso com paliativos e aguas mornas se chegue á cura do cancro que ramifica os seus tentáculos radiciformes por todo o organismo em que se estabeleceu. Não somos cirurgião, mas

temos conhecimento de uma coisa a que por aí chamam logica, a qual neste lance nos indicaria a imediata excisão da terrivel manifestação patológica.

E o jôgo o que mais é do que enfermidade que produz com frequencia a cegueira a entendimentos de lucidês clara, que se degradam, que se perdem numa indescritivel derrocada moral para afinal se submergirem no tremedal da desonra, da infelicidade, da fome, do crime...

E' de criterio que convenhamos que o Estado tem por primacial atribuição corrigir com a força coercitiva da lei as manifestações doentias do organismo social, que pódem vir, cêdo ou tarde, influenciar ruinosamente nos costumes, na honestidade e caráter dos seus orientados. E' esta incontroversamente a principal função a desempenhar pelos poderes constituidos.

Os vicios, que mais não são que a demonstração de aberrações essenciais do individuo ou da colétividade, reprimem-se, punem-se, circunscrevendo-lhes sempre o campo de ação onde costumam agir. Não ha aí ninguem de bôa-fé ou sã rasão que encare diversamente este assunto.

Sem embargo, ainda ha quem conte esperançadamente com a regulamentação do jôgo. Esses são evidentemente aqueles que teem interesses ligados á batota — os do vicio, os ociosos — e aqueles que anelam consagrar o seu nome com essa turgoteana medida económica de salvação da nacionalidade portugêsa!

Era mais de aplaudir que esses cubiçosos de renome virassem a sua atenção para casos que exigem o estado e reflexão, *verbi gratia*, o do emprêgo dos capitais portuguêses.

Sobre o assunto vamos dizer em ligeiras palavras o que pensamos deste grave problema, que, a nosso ver, tem sido a origem da pouca ou nenhuma expansibilidade da industria e do comercio, preciosas fontes da prosperidade dos povos.

Os modestissimos capitais portuguêses, por via de falta de orientação dos governos da monarquia, teem procurado preferentemente colocação nos fundos publicos. E quando o capitalista não imobilisa as suas reservas em titulos do Estado, neste caso emprega-as com especialidade na compra de predios urbanos.

Desta maneira, gravemente entravadora do incremento da industria e do comercio, se empatam atualmente os capitais portuguêses.

No proposito de que o publico ideie da gravidade do que expozemos, basta que lhe mostremos o colossal aumento do capital da divida interna: em 1852 orçava por 25:000 contos, numeros redondos; em 1908 atingiu a fabulosa cifra de 338:000 contos!

Para casos desta ordem é que a opinião do pais reclama o desvelado cuidado dos seus legisladores.

CUSTODIO MENDONÇA

A voz dos professores

PINCELADAS

V

Os bilhetes de identidade!

Ao tempo que o magisterio primario os anda a solicitar do *alto*, com destino a ter uma redução de 50 por cento nas passagens em caminho de ferro. Mas esse *alto*, o candido *alto*, faz ouvidos de mercador, como a tudo que redunde em beneficio da instrução.

Sabe-se o ordenado miseravel que em Portugal vence um professor de instrução primaria. A ultima reforma, anunciada espalhafatosamente como uma força que levantaria o misero mestre escola do chavarcal da miseria em que a monarquia caprichou conservá-lo, deixou-o quasi na mesma desgraçada situação. Ao professor de 3.ª classe não chegou ela a aumentar um pataco por dia!

Pois bem. Como é que o educador das gerações de amanhã, para quem, por isso, todos os conhecimentos são poucos, ha-de lançar mão dos meios de os adquirir? Livros não os pode comprar — porque 490 réis por dia custam a chegar para um parquissimo alimento quotidiano. Revistas e jornais não lhes pode chegar — porque das duas dusias de vintens que diariamente recebe nada pode economizar, mesmo para uma eventual doença.

E então se o professor primario tem familia... E' um horror! O leitor que tiver coração que reconstitua o drama — que só não comove os nossos estadistas, sempre prontos, aliás, a largar ás mancheias dinheiro aos grandes *tubarões*, especie que nos legou a maldita monarquia.

Ora, se o professor se vê privado, quasi por completo, do aperfeiçoamento que lhe poderiam fornecer os livros e publicações periodicas, como ha de ele empreender viagens de estudo aos grandes centros, onde poderia melhor observar o funcionamento de aperfeiçoados estabelecimentos de ensino?

Se pudesse obter as passagens em caminho de ferro por metade do preço normal, já mais possivel lhe seria empreender essas viagens, de utilidade incontestavel. E isso, sabe-se bem, depende unicamente da boa vontade dos governantes. As companhias nenhuma relutancia teriam em aceder ao pedido que em tal sentido lhes fosse feito — porque não ignoram que com a concessão dos 50 por cento em nada lesariam as suas receitas, em virtude do aumento no numero de passagens duma tal concessão proveniente.

De mais a mais, da facilidade que o governo teria em satisfazer a justissima pretensão do magisterio primario é prova o consideravel abatimento que conseguiu para os professores que assistam ao congresso pedagógico de Lisboa. Nas linhas do estado esse abatimento é de 75 por cento, sendo de 50 por cento nas restantes.

Porque, pois, até agora se têm feito ouvidos de mercador ás reclamações em tal sentido feitas?

Senhores do *alto:* olhem que a Republica, que lhes proporcionou benesses e honrarias, é em grande parte obra do professor primario.

Prof. MANUEL JOSÉ ANTÓNIO

FERRO-VIARIOS DE PORTUGAL

Na linha da Beira Alta têm sido chamados ultimamente a exame alguns funcionarios, para preenchimento das vagas nas diversas categorias existentes.

Foi preciso que a direção dos serviços do movimento fosse confiada a um antigo empregado superior da companhia portuguêsa, para que tal se praticasse.

Poderão muitos discordar dessa ideia, mas o que é fóra de duvida, o que não merece contestação, é que é, sem o parecer, um beneficio prestado a muitos empregados, pelo menos aos zelosos, aos trabalhadores e aos estudiosos, que, a subirem de classe por escala, teriam que estacionar longos anos numa categoria, embora com aptidões e habilitações para a categoria imediata, sómente pelo facto de adiante terem camaradas inabeis, que nunca deviam chegar onde estão, e não poderem ser promovidos sem eles o serem primeiro.

Que nos desculpem alguns queridos camaradas, alguns que não gostarem destas verdades, mas é muito triste fazer-se fraca figura em materia de caminho de ferro, em qualquer serviço que nos seja distribuido. Podemos não ter a pratica precisa para o desempenhar, o que não admira, mas o que não podemos é alegar ignorancia sobre a forma como ele deve ser executado, na parte teórica, visto que os livros, regulamentos, tarifas, etc., estão patentes para os podermos compulsar.

De resto é bem verdade que o Inspector do Movimento, chamando-os a prestarem provas, tem em vista a modernisação dos serviços que dirige, porque, tendo feito largo tirocinio na primeira companhia de caminhos de ferro portuguêses, sabe bem como ha-de andar, não só em beneficio da Companhia, cujos interesses zéla com dedicação, como em prol dos seu empregados, aos quais, como é notorio, tem dispensado atenções. procurando, sem quebra de disciplina, como se tem visto, servir uns e outros em tudo que ao seu alcance está.

Deviamos ao sr. Prazeres estas palavras de justiça, e não queriamos demorá-las por mais tempo.

Está na nossa memoria, ainda viva, a grata lembrança da prova de carinhosa simpatia que lhe dispensaram os seus sobordinados da linha de Cintra, quando êle os deixava para partir, um dia, para terras longinquas d'Africa.

Sendo assim, aos agora chamados a exame ha-de sêr feita justiça, tanto mais que três dêles conhecemos nós como três dos melhores funcionarios da Beira Alta, pelo seu zêlo e dedicação ao trabalho. Um está em Gouveia, dois estão em Pampilhosa.

Que zelosos, afinal, todos são.

CEZAR

Viagens em Portugal

Impressões, factos e comentarios

Á MARGEM DO MONDEGO

Já ha quasi um mês, que, mercê das contingencias da vida, ando a viajar por Portugal. Ora isto, senhores, não me acontece pela vez primeira, não. Quantas vezes, quantas, tenho corrido o pais, não de Monção até ao cabo de S. Vicente, como a toda a gente se ouve dizer, mas desde algumas ridentes terras minhotas, desde as agrestes serranias de Traz-os-Montes a é ás praias explendorosas do Algarve, aquela provincia lá ao fundo — olhem bem o mapa — onde o conspicuo escrevinhador destas linhas, pela primeira vez, sentiu a luz ferir-lhe o olhar — aquela luz que só no Algarve existe, descendo dum profundo azul infinito para espelhar-se no mar calmo, sem fim. E lá cresceu o mencionado cidadão, e cantou, amou, viveu, até que, um dia, a necessidade o obriga a correr terras...

Isto é muito natural. Uns vão do Minho para o Alemtejo, outros do Alemtejo para Traz-os-Montes, e muitos outros, infelizmente, de Portugal para o Brazil. Ainda não ha muitos dias, um burguês qualquer, com estranheza me fazia notar o estupendo facto de virem de Africa pretos para Portugal! E eu não me admirei; admirei-me mas foi da observação do burguês...

Ora bem. Comecei eu por dizer que ha quasi um mês que viajo por Portugal. Hoje, quasi por acaso, encontro-me em Coimbra...

Ando macambuzio, aborrecido; de mal com os homens, o que não é nada; de mal comigo mesmo, o que é peor.

Não sei onde nem como passar o tempo. Os cafés, a esta hora, estão desertos, e, palavra, já ha muito estou farto de coçar o fato pelos bancos dos cafés... E lá pouco se aprende.

Irei correr, como qualquer caixeirinho em dia de descanso semanal, os passeios da Sofia, da Calçada, ou a formosa Avenida? Não acho isso nada poetico, e, muito menos, aristocratico — para os aristocratas, é claro, que eu, como toda a gente sabe, sou da plebe...

Ora, irei encostar-me ali, a qualquer esquina, á porta de qualquer loja de modas, a ver passar as damas, comprazer-me intimamente com os desvios que se obrigarão a fazer, para que as sedas, ou os tecidos que imitem estas, dos seus vestidos, roçando no meu fato, se não encham de poeira.

E, *travadinhas*, que feroz prazer me causam as piruétas que fazem para alcançarem o *elétrico* que não espéra. E' verdade que as *travadinhas* já vão passando de moda, mas isso é em Pariz. E a moda de lá até cá leva seu tempo. Por isso, em Coimbra, as *travadinhas* ainda impéram.

E, que diabo, sempre teem certa graça nas ofensas que fazem á estética...

E' verdade que as damas não sabem o que é isso de *estética*, a não ser a da modista que as veste, quando não é a de qualquer costureirinha, delambida e palida que lhes corta os vestidos pelos figurinos dos catálogos do Grandéla...

Mas, emfim, bem pode ser que os sorrisos delas me distraiam.

Mas não. Sorrisos delas, ilusões quantas vezes desfeitos!

Se entre os dentes belos que mostram, algum não fosse postiço ou não estivesse cariado, se as boqinhas, algumas, quando fechadas, tão rosadas e do tamanho dum beijo, se não distendessem de tal modo que vão duma orelha a outra, então, talvez. Não vou...

Hoje, estou pessimamente impressionado, não estou satisfeito nem comigo mesmo, e eis aqui o mal. O que preciso é de solidão, de encontrar qualquer ponto de terra, onde, em vez da voz humana, oiça antes o escachoar das aguas nas quebradas dos montes longiquos, o brando sussuro dos insectos, os zumbidos distantes, o resfolegar das ervas, as vibrações surdas da brisa nos avoredos espéssos, os trinos alegres da passarada, o esvoaçar de azas, e, por sobre tudo isto, ver o ceu dum azul bem puro, uma luz do sol, radiante, ofuscadora...

Vou, pois, ao Choupal. Quantas vezes lá tenho ido buscar quietação, socêgo aos nervos... As grandes cheias já passaram, o sol está quente. Explendidamente, as talófitas, os musgos, toda a imensidade dos vegetais infimos, á compita, devem brotar do chão humido, nos proprios troncos das fanérogamicas seculares, até sobre as anfratuosidades das pedras. E as flores, tocadas por um sol assim, abrir-se-hão mais a receber seus beijos, como os amantes apaixonados os procuram, sequiosamente, nos labios dos seus idolos.

*

Paz serenissima e bemdita, suave quietação, doce contentamento descem, envolvem, apoderam-se de meu espirito, de meus sentidos inebriados ante tanta luz que se desfaz em mil cambiantes, que busca as sombras e doura a propria podridão, no meio da Natureza despertando, crescendo para a vida armoniosa, forte e livre, a Natureza a propria vida, em afluvios de amor, de poder e de vontade ..

Eis a Vida, a grande Vida!

A agua tudo inundou, sujou, desvastou...

Mas veiu a primavera, e, então, não ha ramo que não reverdeça, não ha semente que não se abra em flor, trino de ave que não seja junto do ninho, orvalho que não se torne em arco-iris, planta mesquinha a que o orvalho não dê vida, frescura, suavidade, trepadeira que não procure depressa a arvore frondosa a que se abraçar. Ha ramos sêcos pelo chão, folhas que a ventania arrancou, troncos que se partiram... Apodrecem, mas a sua podridão rutila, é ainda cantico á vida, incitamento á luta, preito á vitória, homenagem aos fortes!

A Liberdade e o Amor impéram. As raizes revolvem o sólo, cruzam-se, entrelaçam-se, retorcem-se; voejam os insectos negros, vermelhos, azulados, mais altas, as borboletas; as aves, á pressa, constroem os ninhos; procuram outros alimentos, no ar luminoso parecem riscos de aço suas azas abertas; as arvores estremecem, marulham as aguas, a musica gloriosa dos multiplos sons confusos perpassa e embala-nos a alma num oceano de esperanças, e, ao alto, muito ao alto, brandamente, serenissimamente, passam corvos e milhafres; mais em baixo, cortando como flechas as aguas paradas dos lagos, as andorinhas chilream.

E' a vida, sempre poderosa, sempre bela, sempre triunfando da morte, sempre superior á angustia, sempre eterna...

*

A' beira do Mondego, as pernas metidas na agua clara que o sol aquece, muitas mulheres, muitas, novas e velhas, lavam, esfrégam, batem nas pedras, ensaboam, tornam a lavar, e pela relva da margem em declive, estendem a roupa a córar.

Lavam, esfregam, batem, torcem e retorcem, e cantam. Cantam, não uma canção alegre, palpitante de amor e vida, de desejo e de lus como cheia de lus vai a agua que lhes molha as pernas, como alegres são as correntes do rio...

Tanto velhas como moçoilas, não entoam aquelas canções que enobrecem a alma, nem sonhos que voem alto, ilusões que arrastem o espirito, devaneios que consolem, ou a propria tragedia grandiosa da imensa dor que é quintessencia da vida e é universal.

Aquelas gargantas, umas já velhas e cançadas, quantas queimadas pelos vicios, quantas derramadas pelo mal, outras, vibrando ainda puras, cristais quebrados sobre marmores, monótonamente, irritam-nos os nervos entoando umas canções tristes, não daquela tristeza grandiosa que arrebata, arrastadas, soturnas. Já altas vão as suas vozes, e então, como elas vão carpindo maguas que jámais sentiram, despresos que as não feriram porque nem deles foram alvos, dores de amor que nem sentiram. Mas que cantam. Versos que são toda a negação da inergia humana, que deprimem e prevertem o caráter, que amolentam, que bestialisam.

Não lhes basta a sua vida atribulada, a sua amarga vida, que essa nem a sabem cantar...

São «os olhos dela que o não viram», é «o seu cabelo, da cor da morte», é «a tristeza que hade me levar», são todas as quadras pedantes e choramingas, banaes e estupidas que qualquer barbeiro ou estudantinho atirou á rua em noite de bródio, versos, afinal, onde a fêmea é tratada, não como uma das obras mais perfeitas da Natureza, não como a natural companheira do homem, mas como um animal raro, como um bixo estranho, como um objéto que é divindade, e á qual, ao mesmo tempo, pecaminosamente, se sujam as airosas ancas, as linhas bem lançadas.

É o cêrco imoral á fêmea, disfarçado com cordas de latão arcado. É o processo de sedução, composto de baixezas e cobardia posto em prática.

São os *fados*. Então não arranjam outras cantigas mais deprimentes, mais abafadas, mais soturnas, mais vilmente resignadas?

Porque não entôam o *De profundis*, ou não fazem todas como aquele aleijado que ali se extende ao sol e grita para quem passa:

— Meu rico senhor, pe'as alminhas, dai uma esmolinha ao pobre cego...

Era melhor, mais triste, mais comovente, mais torpe... e mais nauseante...

Moças belas ali perdidas, gargantas sãs, olhos inquientos, seios palpitantes, a vossa vida é dura. O amôr para vós é a perdição, a desgraça, a tortura. A Vida é bela, mas a Dôr acompanha-a. Mas cantai, ao menos, cantigas que vos encham a alma de fortaleza e de luz.

Não vos importeis com a lenda que poetas lamechas, homens castrados, teem feito das lavadeiras do Mondégo.

O quadro não chega a ser poetico. É pitoresco e nada mais ..

Fados de taberna, cantigas de arraial onde falta o sol, cantos de amôr onde amôr não existiu jámais, gargantas sêcas na maior parte, corpos avelhentados por onde se curtiam todas as miserias, farrapos ao sol, e, de vez em quando, dentre vós, alguma desgraça, ainda impubere e já perdida, indo até ao Choupal, a ver se encontra algum *senhor* que lhe dê algum vintem a trôco de abjeções. Vós bem o sabeis. E, por infelicidade, encontram quem as aproveite.

É fado, dizem vocês; é fado, é fado...

*

Passam por esta terra multidões de doutôres e as melhores tradições que deixam quasi sempre, são uns versinhos para o *fado*. E desfiam-nos, á noitinha, ás portas dos bordeis, as prostitutas; e as meninas de olheiras castas e faces anemicas, escrevem nos aos derriços; em casa, as engomadeiras e as tristes costureiras esganiçam-se a arrastar a sua musica com *ais* languidos nas *fifias* prolongadas de paixão que existe só nas suas imaginações doentias...

Os *bichos* e os *caloiros*, ainda com todo o *pêlo* que trouxeram da aldeia e mais a *pedantice* que tomaram por conta propria, mandam os livros ao demonio, mas os olhos da visinha não ficam sem um *fadinho*.

Alta noite, emquanto o *gargarejo* não pode ser tomado, é um *fadinho* plangente que sôa sob a janela do ente adorado, preocupado, nessa ocasião, talvez, a caçar as pulgas malditas que tambem sentem os efluvios da primavera...

Em muitos quartos de estudantes, os livros faltam, mas lá está a guitarra, a companheira inseparavel do *fadinho*. E quando chega a miseria, quando começam as corridas ao *Prego*, é a guitarra o ultimo objecto que para lá vae.

O *fadinho*, esse sempre fica,

Nas lojas de barbeiro, o aprendiz de melenas porcamente empomadadas, aprende primeiro o *fadinho* de que a rapar uns queixos duros de freguês, e o mestre, figaro eximio, se já não é, foi um dos melhores cantadores do *fado*...

Nas tabernas ha o tradicional ramo de louro á porta; lá dentro, por cima da pipa, dependurado por um cordão num prego, lá está o inestimavel instrumento. Quem cante o fadinho sempre aparece, tanto como quem beba um copo de vinho...

Mas eu, observando tudo isto, pergunto que depressão corróe o sangue do português, que egoismo danado lhe rói a alma, que vendaval espalhou a aridez nas suas esperanças para que se veja, hoje, sem a energia mascula de outr'ora, sem a veemencia arrogada doutras eras, choramingando desgraças a cada passo, passos funebres, presagiando males, destinos duros, morte, aniquilação?

Pois não é o português o descendente duma raça de herois?

Não é o português o descendente de audazes navegadores que deram a volta ao mundo, cruzando os mares tenebrosos em todos os sentidos e batalhando em todos os pontos da terra?

Pois não é o português o descendente dos que talharam, á ponta de espada, e a poder de pertinácia, uma nacionalidade, atravez de tudo, gloriosa?

Homens que, de todos os pontos do país, vindes a Coimbra, para serdes doutores, deixae de fabricar *fadinhos*. Ensinae ao povo a sua historia, a historia do seu país, a força indomita da raça de que descendemos.

Ele deixará de cantar fados, e viverá para a luta, para a Liberdade, para o Bem, identificado com a Natureza tam bela em que nasceu e em que vive. A mulher deixará os elogios normas da depressão e fará dos filhos, a decisão, a coragem, as áuforas de virtudes que outróra fomos, e com que dominamos o mundo.

Deixai os *fados* e ensinai a amar e amae a Vida, identificados com a verdadeira Vida. Assim seremos fortes ainda e nobres e justos e dominadores...

J. S. Torres Caldinhas.

CASOS DA SEMANA

Roubo

No dia 4 do corrente, por volta das 2 e meia horas, foi praticado um roubo em casa do nosso amigo e administrador deste jornal, Antonio Baia, no valor aproximadamente de 600$000 reis. O ladrão servindo-se duma escada penetrou por uma janela do predio que se achava aberta, no quarto onde dormia aquele nosso amigo e, cautelosamente, conseguiu subtrair uma chave do bolso do avental que estava no mesmo quarto, levando em seguida uma pequena mala onde se encontrava dinheiro em papel e prata, e diferentes objétos de ouro. Depois seguindo pelo interior da casa, desceu por uma escada que conduz á loja de fazendas que o nosso amigo tem no rez do chão do predio e, abrindo a porta da rua, saiu, atirando com a escada para um canto da estrada.

Só depois é que o sr. Antonio Baia e familia acordaram, chamando por socorro.

O povo reuniu, amotinado, e a autoridade, indirétamente, mandou fazer buscas nalgumas casas suspeitas, pois todos diriam, e com rasão, que o roubo só podia ter sido praticado por um individuo que conhecesse bem todos os cantos do predio. O resultado das buscas foi, porem, infrutifero naquela ocasião.

Mais tarde, por volta das 11 e meia, e depois d'algumas pessoas da familia do sr. Antonio Baia, terem seguido para a Mealhada, para onde havia constado ter seguido o larapio, novamente a população se alarmou, porque o sr. José Monteiro Godinho, morador no Casal do Gaio, viera dizer que no quintal da sua casa tinha sido encontrado por uns homens, que lá andavam trabalhando, uma pequena mala arrombada, tendo apenas dentro um cofre pequeno e uma chave de máquina; e que na terra surribada se viam uns rastos de botas de homem. Compareceu logo a autoridade e alguns populares que verificaram e que reconheceram a mala roubada.

Nessa ocasião foram presos Antonio dos Santos Clemente, cortador-marchante, natural de Luso, e sua mulher, sobre os quais recaem graves suspeitas do roubo cometido.

Lamentamos o nosso amigo pela triste ocorrencia de que foi vitima, e esperamos que a autoridade investigue minuciosamente para descobrir o verdadeiro autor da audaciosa proêsa.

No leito

Tem estado doente a ex.ma D. Maria Nararé Beirão, mãe estremosa do nosso querido camarada de luta, Humberto Beirão.

Desejamos-lhe rapidas melhoras.

Lutuosa

Faleceu em Montemór-o-Velho o sr. Joaquim Esteves de Barros, sogro do nosso amigo sr. Abel Brandão. O finado apesar de não ser daquela vila, deixou o seu nome ligado a diversas iniciativas que tendiam para elevar Montemór á categoria das vilas mais adiantadas. Era atualmente membro da comissão administrativa, e muito concorreu para diversos melhoramentos locais.

Ao nosso amigo e sua ex.ma familia a expressão do nosso sentido pesar.

Aniversarios

Completou ontem 19 primaveras ex.ma sr.ª D. Olimpia de Carvalho Neves, irmã da nossa estimada assinante de Pontes de Cadima, sr.ª D. Albertina de Carvalho Neves.

Desejamos que este dia se repita por longos e ridentes anos.

Tambem passou no dia 1 do corrente mês o aniversario natalicio do nosso inteligenie camarada de redáção, Soveral da Rocha, a quem abraçamos; e no dia 4 o da nossa estimada assinante da Povoa de Santa Iria, sr.ª D. Mariana da Conceição Pais da Silva, a quem felicitamos.

De passeio

Sairam para a Golegã os nossos estimados assinantes de Cantanhede, sr. José Luis Maria de Andrade, mui digno secretario da administração, Anibal Lopes, dileto notario, com sua esposa, onde foram passar as festas pascais.

Desejamos-lhes boas vindas.

Visita

Estiveram ha dias entre nós o nosso presado amigo e assinante da Tocha, sr. Elisio d'Andrade, e sua ex.ma esposa, sr.ª D. Maria da Encarnação Simões Cruz, que retiraram para Coimbra.

A Igreja e a Escola

Cada escola que surje é, para a mãe da hipocrisia, mais um dogma que cai, mais uma folha do Evangelho que se esfacela. Qual ave nóturna, cai, prostrada, quando depara com a *Luz*. Assim é a Igreja, inimiga do *Progresso*, defensora de mentiras e superstições. Não lhe convem que a onda do progresso germine ideias novas nos cerebros ignorantes.

A ignorancia — mãe de todos os vicios — é a meta das suas vitorias.

Detesta o movimento liberal que vai arrastando o povo para o caminho da *Verdade*, mostrando-lhe que trilhava, dantes, sob falsas doutrinas, vivendo nas trevas.

Na Escola cinzelam-se os cerebros embrutecidos, ali demonstra-nos a *Sciencia* — verdadeira religião — misterios scientificos considerados, pelos falhos de conhecimentos, como obra dum deus inventado por ela.

A Escola demolidora das suas mentiras, mostra-nos, claramente, sem subterfugios, a estrada da *Razão* e da *Justiça*.

A Escola — mãe da Trindade *Verdade, Justiça* e *Amor*, causa-lhe horror, mêdo, pois derrama seus raios vitalisantes pelo proletariado, quer com a leitura de bons livros, quer com jornais ou conferencias.

A Escola — alma dum povo — é a unica arma que a derrubará, sem sangue haver, nem lutas.

Trabalhemos, unidos todos pela Escola, pois cada uma que surge é mais um dogma que cai, uma folha do Evangelho que se esfacela.

(Do *Alerta*).

Jornais

Recebemos a visita do semanario dos Açôres — *Revista pedagogica*, que nos dirige palavras que muito agradecemos.

A mulher de Portugal

VI

Até nas citações é infeliz a mulher de Portugal, tão naturalmente formosa sob os pontos de vista étnico e estético.

Com magua vemos que os grandes femenistas estranjeiros a esquecem nas suas observações e nos seus estudos, nos seus livros e nas suas conferencias.

Não é só agora que eu noto esse indiferentismo do estranjeiro pela mulher do meu pais.

Em 1905, — tenho isto bem presente, porque foi a data dos meus mais intensos amôres, tempo em que eu, tendo viçosa a alma e vigorôso o coração, me apaixonava verdadeiramente, — em 1905, ia eu dizendo, discutindo com uma senhora ilustrada, inteligente, residente ainda agora na Marinha Grande, eu notificava-lhe que a mulher de Portugal, a despeito da sua bondade e da suavidade do seu espirito, não era lá fóra encarada, debaixo de ponto de vista dos seus interesses coletivos, com simpatia e com fervorosa dedicação.

Com saudade eu recordo neste momento ditosas horas de discussão, então que eu amava e que eu tinha viçosa a alma e vigorôso o coração, e que, por noites de luar claro, caminhava errante e meditativo por montados e pinheirais seivosos.

O estranjeiro vai a Arles, ao Egito, a Cartona, a Albano, á Australia, á Africa, á America, á Asia, ao Cáucaso, ao Japão, percorre a velha Europa de norte a sul, chega ali a Espanha, — e Portugal fica de fóra!

Estuda ele as hotentotes-papuanas, — as mulheres dos pólos, a propria somoieda, votando ao abandono a mulher portuguêsa, como se ela não fôsse tão sentimental e tão bôa, tão púdica e tão juvial como a propria Oriental.

Dentre todos os povos do mundo, é a mulher portuguêsa a mais aperfeiçoada e varonil, gentil e delicada de todas as creaturas do seu sexo.

Se ao espirito critico e calmo das raças germanicas, outro espirito se não aproxima tanto como o espirito desenvolto das mulheres francêsas, cuja nação, por situada no centro da Europa, dá ás suas filhas mais vivacidade latina, mais plasticidade amorosa e ponderada observação, mais educação e mais instrução, ao espirito reflétido da mulher de Portugal nada se compara em ternura, em amôr-proprio, posto que mais inexperiente e menos inveterado em conhecimentos psicologicos mundiais.

Em Portugal abundam as mulheres trigueiras, e a trigueira é, por via de regra, a mais langurosa e a mais apaixonada, a mais constante no amôr.

Da engraçada trigueira já disse o grande pintôr Rochet, num livro que escreveu aos 71 anos, «que a trigueira é mais ardente, mais apaixonada, mais energica, mais resoluta, do que a pálida e a loira. Tem mais amôr, como tem mais ódio, e as suas vinganças são terriveis. A loira é a mulher do lar, da suave amizade, da resignação; e, se a trigueira é melhor amante, a loira é muitas vezes melhor mãi».

Neste ultimo caso está a mulher inglêsa. No primeiro caso está a mulher dêste pais de goivos e rosas-chá, sem deixar contudo de saber ser mãi.

Porque a mulher portuguêsa sabe ser mãi e sabe ser amante, sabe ser bôa companheira e bôa educadôra. Mas não me cansarei de dizer que uma coisa tem ela ainda que revela muito o seu atraso.

Refiro-me á fórma como a mulher muitas vezes prefere os espartilhos a saber fazer um caldo, sem se lembrar de que o espartilho, parecendo aumentar por ela a simpatia e a atenção do homem, é um dos peores flagelos para a sua constituição fisica, uma das mais nefastas coisas com que ela póde adornar o corpo.

Os maiores inimigos da nossa beleza fisica são, como diz Carlos Rochet, os alfaiates e as costureiras, flagelos da humanidade. O vestuario é uma chaga social; é a mentira ás costas do homem e da mulher.

O espartilho, minhas senhoras, sendo uma peça do vosso vestuario, é tambem, segundo Mantegazza, um instrumento de tortura.

Efetivamente contra ele teem protestado os medicos de todos os tempos.

«A mulher espartilhada absorve, em cada aspiração, 15 polegadas cúbicas de ar; sem espartilho, absorve 20.»

Já era tempo de a mulher compreender que certos usos são prejudiciais á sua saude e muitas vezes á sua natural elegancia.

Catarina de Medicis podia, quando no seculo XV introduziu na *moda* as barbas de baleia, ensinar de preferencia ás mulheres como se governa uma casa, como se economisa o salario do marido.

Eu bem sei que estes horrendos costumes não imperam só na mulher de Portugal. Na França e na Espanha vê-se isso muito mais. Mas é para a mulher do meu pais que os meus conselhos vão, porque é ela que eu quero vêr emancipada e conduzida por caminhos de ventura, porque é a mulher portuguêsa que eu mais admiro e amo.

Almeida Junior

Miseraveis

Em que estão dando as grotescas hostes de Couceiro! A tropa imbecil e covarde vai até ao ultimo extremo da depravação e da estupidez, insultando aqueles que lhes estão dando hospitalidade e aguentando os seus coices. Agora procuram na bebedeira incentivo ás suas miseraveis ideias.

Já se não contentam em abusar das lindas *manolas;* vão mais longe, vão até ao ponto de anavalharem a propria policia que acode aos disturbios por eles feitos na pessoa de alguns marinheiros espanhoes.

Ha dias entraram os *valentes* paivantes num alcáçar onde estavam bebendo cerveja alguns tripulantes de navios espanhoes. E sabeis o que fizeram os irrisorios couceiristas? Nada mais do que isto: Encostaram-se á mêsa onde estavam bebendo os tripulantes espanhoes, pegaram nos copos de cerveja, e como se aquilo fosse deles, beberam dum trago o precioso liquido! Houve protestos, mas os paivantes responderam com impropérios e com ameaças, originando um conflito tal que foi necessario intervir a policia, respondendo os renegados portuguêses com a navalha de ponta e mola, cortando as roupas aos policias que se viram obrigados a atacá-los com os sabres para pôr termo ás aventuras quichotescas dos paivantes. Foram presos, mas dai a pouco afiançados por um comerciante de cá, pondo-os a justiça em liberdade.

Desgraçadamente ainda ha entre nós quem proteja esta sucia de desordeiros que em terra estranha, abusando da sua hospitalidade, conspiram contra a Republica Portuguêsa, que tão benevola tem sido para com os *paivantes* cá de dentro. Indubitavelmente a trôpa avançada de Couceiro chegou aos ultimos extremos, pois que a necessidade os obriga a estender a mão á caridade publica, que, compadecendo-se da sua miséria, lhe poisa na mão algum óbulo com que eles possam matar a fome. Liquidam assim, duma maneira vergonhosa, aqueles que tentaram contra a integridade da patria que lhes serviu de berço.

E' assim que acontece áqueles que, sem um vislumbre de pudôr, quizeram aniquilar a sua patria, que só lhe devia inspirar simpatia.

R.

Uma ideia patriotica

O bem redigido quinzenario de Lisboa, *A Humanidade*, no generoso intuito de regenerar o povo português, salvando-o do mal terrivel que tem avassalado a nação portuguêsa — o alcoolismo — vai fundar uma sociedade de temperança, denominada *A Humatária*, que procurará por todos os meios viaveis demolir a causa primária do nosso mal-estar social — o vicio do alcool entre as classes populares.

Aplaudimos a generosa ideia do nosso colega da capital, e ante-vêmos os beneficos resultados que da sua campanha altruista hão de derivar para o país.

A seguir publicamos os fins de *A Humanitária*, e para eles chamamos a atenção dos nossos leitores, aconselhando-os a que se inscrevam como socios de tão bela emprêsa, que a outro alvo não mira que não seja a felicidade de todos os portuguêses.

«1.º — Constituir-se-ha uma Sociedade denominada *A Humanitária*, cujos fins, são:

(a) Promover por todos os meios ao seu alcance uma guerra sem treguas ao uso das bebidas alcoolicas;

(b) Fazer todas as semanas em varios pontos da cidade conferencias publicas sobre os terriveis efeitos do alcool;

(c) Pôr-se em relação com as suas congéneres no estrangeiro e divulgar por meio de publicações os resultados ali obtidos;

(d) Organisar uma bibliotéca com as obras dos homens que teem tratado do alcoolismo e seus efeitos, e fazer os estractos dos trechos mais interessantes para se fazerem distribuir;

(e) Fazer uma estatistica do numers de tabernas que existem no pais;

(f) Exigir do governo a restrição das licenças para as tabernas;

(g) Fazer promulgar uma lei que não permita senão uma taberna dentro duma certa área e sendo essa taberna obrigada a fornecer comida;

(h) Fazer com que o governo aumente os direitos das bebidas alcoolicas;

(i) Fazer com que sejam elevadas as contribuições aos estabelecimentos denominados «alambiques».

2.º — Reunirá para esse fim um grande numero de socios em todas as camadas da sociedade;

A Sociedade será de fim puramente humanitario, não tendo nenhum caracter politico;

Abrirá sucursais em todos os pontos do país, afim de que a sua ação se possa dilatar o mais possivel;

A Humanitária, funcionará na séde do jornal *A Humanidade*, procurando a melhor maneira de fazer com que aquele jornal possa ser o seu orgão de propaganda.

3.º — A quota será de 20 reis semanais, sendo este dinheiro destinado ás despêsas de instalação, expediente e propaganda;

Todos os socios dentro dum determinado praso deverão propôr outro;

Os primeiros socios serão considerados «fundadores», e poderão ser de preferencia escolhidos de entre os atuais assinantes do jornal *A Humanidade*.

4.º — Assim que se tenha obtido um numero superior a 50 socios far-se-ha uma reunião desses individuos, afim de se proceder á eleição dos corpos gerentes e comissão para elaboração dos estatutos.

5.º — A Sociedade dirigir-se-ha á Imprensa para fazer a propaganda das suas ideias, sendo considerados Socios de Honra todos os proprietarios dos jornais que a auxiliarem.

6.º — Todos os homens de ciencia que queiram cooperar nesta obra de regeneração são considerados Socios de Honra.

ANUNCIOS

FARMACIA MONTEIRO

ARAZEDE

Produtos quimicos e farmaceuticos e artigos de industria farmaceutica como: fundas, algalias, borrachas, biberons, etc., etc.

Antonio Duarte Mendes

FABRICANTE

DE

Instrumentos de corda

Premiado nas exposições Distrital de Coimbra em 1884, na Industrial de Lisboa em 1888, na Universal de Paris em 1900 com a medalha de prata, e na Industrial e Agricola do concelho da Figueira em 1901 com a medalha d'ouro.

Satisfaz de pronto qualquer encomenda de instrumentos, garantindo a perfeição de seus trabalhos.

65, Rua da Bica — Figueira da Foz

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufactura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40, Rua 11 de Setembro. 42

FIGUEIRA DA FOZ

TRUPA

Deposito da CASA ANJOS & C.ª

João Vieira da Silva Lima — Coimbra

CAFÉ DISTINTO

E' o mais saboroso, devido á sua combinação.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Comercio e Industria

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Praça do Comercio, 54 e 55 — COIMBRA

TELEGRAMAS — Abilio Lagoas
FONE 295

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Paris, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

Mercearia Flôr do Japão

Casa especial de chá e café

Torrefacção e moagem a vapor

Rua da Sofia, 66, 68 e 70 — COIMBRA

O proprietario desta casa recomenda o seu café moido **Distinto** (marca registada).

Este magnifico café, devido á sua combinação, é o mais forte, soboroso e aromatico.

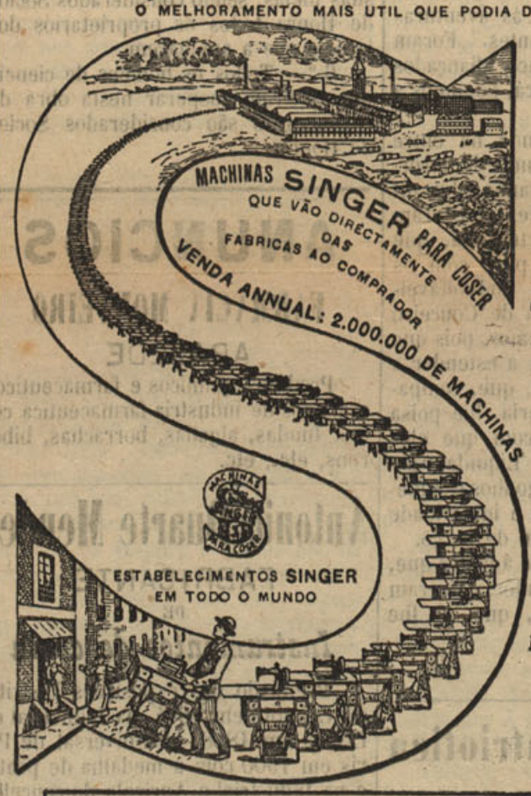
Aceita-se um unico depositario nas principais terras do paiz.

Vende-se em lindas latas acharoadas de 250 gramas por 180 réis e 500 gramas 350 réis.

Pacotes de 250 gramas, 170 réis; 125 gramas, 85 réis; e 100 gramas, 70 réis.

Descontos aos revendedores.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10 — COIMBRA

CERAMICA EXCELSIOR

FUNDADA EM 1903

Lacerda, Figueiredo & C.ª, Limitada

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro — JOAQUIM COCA JUNIOR

CASA FUNERARIA

DE

Leonor Traveira & Irmão

Praça Velha — FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sortido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc.

Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos.

Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Portugal Previdente

Companhia de Seguros

Séde em Lisboa

Efectua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efectua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra
Rua Ferreira Borges, 155 1.º

Domingos Lino Gaspar

Armazem e oficina de moveis e estofos, mobilias completas, colchoaria e camas de ferro. Oleados, baguetes e muitos outros artigos.

128 — Rua do Principe — 130

Figueira da Foz

Antonio José Abrantes

Alfaiate e mercador

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta

164, Rua do Principe, 168

FIGUEIRA DA FOZ

Sucursal em Leiria, Praça das Galinhas, sob a firma Abrantes & Genro.

Sortido em fazendas de lã e algodão, nacionais e estrangeiras.

Varinos d'Aveiro, capotes á cavalaria e gabões para homem e creança.

Encarregam-se de qualquer encommenda para fora da terra.

Faz os mercados de Montemor-o-Velho, Guia e Monte Redondo, onde pode ser procurado pelos seus freguezes de fora da Figueira e Leiria.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque êle tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

LOJA DO POVO

Mercearia, ferragens, fazendas brancas e papelaria
Deposito de tabacos e fosforos
Papeis *Duc, Lecosmopolite* e outros, para cigarros
Fosforos de cera e amorfos
Sabão, etc., etc.
Desconto da tabela da companhia

Vendas por junto e a retalho

BERNADO GONÇALVES FERREIRA
Montemór-o-Velho

Manuel d'Oliveira Junior

Rua da Republica, 84 a 88

FIGUEIRA DA FOZ

Compra madeiras em todas as dimensões e pinhaes em qualquer parte do paiz.

Encarrega-se de fornecimentos de madeiras para Portugal e estrangeiro.

Tem na Figueira da Foz, depositos de madeiras, em taboas, vigas, travessas, sualhos, etc.

Quem quizer vender madeiras, dirija-se em carta ao escritorio, que receberá em seguida uma uota de preços.

Pagamento, á vista da fazenda

CESAREO HERNANDEZ

COM

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÉ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73 — FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encommendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

Praça 8 de Maio, 73-74 — FIGUEIRA DA FOZ

INSTRUCÇÃO COMMERCIAL

(Collegio Mondego)

Plano de estudos: — Munir os alumnos de conhecimentos praticos immediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funcções de empregados do commercio, industria e banco, supprimindo-lhes a pratica nas casas commerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenographos, dactylographos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã,

tendo por base a conversação

Cursos diurnos e nocturnos de contabilidade, escripturação mercantil e caligraphia

INSTRUCÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

SEXO FEMININO

1.º e 2.º grau: linguas, sciencias e letras, lavores, musica, desenho, pintura, commercio e economia domestica

P. DA INQUISIÇÃO

O director, DIAMANTINO DINIZ FERREIRA

SILVA & FILHO

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — COIMBRA

1.° Ano — Arazede, 14 de Abril de 1912 — Numero 8

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 réis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 réis; na 3.ª, 40 réis e na secção respetiva, 30 réis.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado

O DEVER

ASSINATURAS

Portugal e Colonias Portuguezas.— Ano, 999 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis.
Brazil.. — Ano, 2$000 réis, fortes.
Numero avulso, 30 réis.

Redação e Administração—ARAZEDE
Oficina de Composição e Impressão—Tipografia Silva (a vapor)—Largo do Espirito Santo—AVEIRO.

Director, editor e proprietario — MANOEL DE MELO
Redactor principal — Humberto Beirão

A correspondencia deve ser dirigida ao director deste jornal

Patria e Humanidade

SEMANARIO REPUBLICANO

Redactores:—J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz, Soveral da Rocha e Cruz Gonçalves

Secretario, Augusto Baia — Administrador, Antonio Baia

POLICIA RURAL

O Governo Provisorio, pelo ministerio do Interior, decretou uma medida que o país aplaudiu incondicionalmente porque constituia uma segurança pelos interesses materiais de todos, e porque, debaixo dum certo ponto de vista, concorria para a democratização e para o respeito social que devêmos uns aos outros. Esse decreto era o policiamento da propriedade dos cidadãos feito por homens para tal fim selécionados e que reunissem um certo numero de qualidades morais para o cargo melindrôso que teriam de assumir.

Todos adivinham a alta importancia que teria a execução desta medida tão altruista e de uma grande necessidade social. A propriedade individual não estaria á mercê dos gatunos e daquêles que, não sendo gatunos, não têm a menor consideração pelos bens do seu semelhante, utilizando em seu proveito aquilo que só é dos outros. *Os cidadãos podiam dormir* tranquilamente em suas casas, porque confiavam nos guardas que de noite rondavam com solicitude e zêlo tudo quanto era seu. Os roubos diminuiriam a pouco e pouco, porque a medida coercitiva obrigava todos os tarados ao respeito mutuo, evitando a prática das suas façanhas e o comercio infamante dos seus sentimentos ignobeis. Finalmente, os actos imorais que, a coberto das trevas, se exercem desaforadamente pelas vielas escuras com prejuizo para o revigoramento da raça, teriam a sua finalidade na vigilancia austera de homens moralisados e conscientes do valôr e da eficacia da sua missão.

No que, porém, estaria a importancia máxima da policia rural, integralmente e conscientemente desempenhada, seria no impedimento de roubos cometidos não só dentro das herdades, mas dentro das casas de habitação de cada um. Ainda no numero passado noticiámos um facto que, pelas circunstancias que o revestiram, repugna os mais indiferentes e merecia uma atenção especial da justiça concelhia que, diga-se de passagem, não andou bem na maneira como pretendeu apurar o caso, que, sério como era, devia têr um epilogo condigno, e não liquidar em *aguas de bacalhau* como liquidou.

Um cidadão está dormindo descançadamente na sua cama. A horas mortas entra-lhe um larápio pelo quarto dentro, com a precaução familiar dos *apaches*, e palma-lhe todo o produto do seu trabalho aturado e esfalfante, evadindo-se com o triunfo do seu audaciôso cometimento. No dia seguinte é prêso um homem sôbre quem recáem as mais graves responsabilidades do roubo praticado. A justiça simula investigar, hesita no interrogatorio, e no outro dia põe o prêso em liberdade. E o cidadão roubado continua a ficar sem o seu dinheiro. O'timo.

Ora, para evitar que justiças assim abaladas como haverá muitas por êsse país além, se desenvôlvam lamentavelmente no meio social, e principalmente para obstar a que a corrente dos amigos do alheio se propague duma fórma assustadôra em todo o país, é que urge revivêr êsse decreto que a estas horas deve estar metido no pó dos arquivos, e aplicá-lo sem demora para tranquilidade e bôa ordem de todos os cidadãos.

Sabemos que ha da parte do governo a atenuante cançada de *não haver dinheiro* para a execução dessa medida; mas nós, sem lhe respondermos com a agravante de que *tem havido dinheiro* para sustentar altas mangedouras, alvitramos uma pequena *derrama* por todos os cidadãos, que, crêmos, de boa vontade aceitariam esse encargo para ajudar o Estado a pagar aos zeladores da propriedade individual.

Isto era justo e não sofria protestos da parte de ninguem.

A policia rural impõe-se para segurança e tranquilidade de todos, e o atual governo tem de estudar o assunto, que é bem mais proveitoso do que muitos que no parlamento se ventilam sem beneficios morais para o país.

Venha a policia rural.

A estação postal de Arazêde

Ha tempo já que alguem, com ideias tendenciosas, fez com que a baixa política fizesse passar a caixa do correio duma casa comercial, onde oportunamente e convenientemente tinha sido colocada, para uma casa particular, onde em principio esteve, mas onde estava deslocada, por varias razões já hoje do dominio publico.

O povo livre e independente protestou sempre contra tal mudança que veio ferir as suas regalias, e em virtude de queixas justificadas feitas por esse mesmo povo, resolveu o sr. diretor dos correios enviar a esta localidade pessoa da sua confiança para sindicar do ponto mais central onde a estação postal devia ter a sua séde.

O encarregado dessa sindicancia foi o sr. Anibal Lameiras Fernandes. Entrevistado por nós, disse-nos ter colhido já diferentes depoimentos da opinião publica, e que era tenção inabalavel do sr. diretor dos correios afastar qualquer intervenção politica para o saneamento desta questão, visto não haver duvida que só a politica de campanario caprichava em manter em desacordo o espirito do publico. Opinou que a estação postal devia ter a sua séde no ponto mais central da localidade e mais acessivel á frequencia dos innteressados; e esperava que o sr. diretor geral havia de resolver a questão de fórma a não haver no espirito de ninguem o mais leve resentimento, nem a menor sombra de protesto da parte daqueles que desejam ver zelo e moralidade em assuntos administrativos.

Agradecemos ao sr. Anibal Lameiras a gentileza com que nos recebeu, e resta-nos dizer que, pela nossa parte, esperamos tambem do alto criterio do sr. Antonio Maria da Silva as providencias necessarias para que da sindicancia agora feita resulte a tranquilidade e a satisfação para o espirito de todos.

NOTAS

Um livro escandaloso!

Vai sair brevemente, editada por uma livraria de Lisboa, uma obra literaria da autoria do nosso presado colaborador Torres Caldinhas, que vai fazer a sua estreia nas letras patrias com o livro — *A historia das minhas amantes*.

Aguardamos com anciedade o livro do nosso querido amigo, ao qual certamente estará reservado um belo exito.

«A Escola Nova»

Este importante semanario pedagogico já traz em distribuição os impressos relativos ao inquerito sobre o ensino primario. O professorado poderá neles emitir tudo o que o seu bom criterio julgar conveniente para garantia das suas aspirações, e assim colaborará numa obra de reconstrução social e num trabalho de saneamento escolar em que ha muito andam empenhados todos os pedagogistas conscienciosos.

Pela nossa parte, prestaremos todo o auxilio que pudermos para o bom resultado do inquerito.

O espaço conquistado

Dentro em pouco tempo teremos o automovel substituido pelo aeroplano. Será muito bom para aqueles que nada receiam; mas para os timoratos não nos parece. Estes gostam mais de andar a pé ou então montados num burrinho que seja pacifico. Mas teremos o ar conquistado? Não sabemos; o que é certo é que vai agora haver uma grande prova entre Paris e Pekim. Se tiver bom resultado, teremos daqui a pouco a descoberta do Polo Norte, que só com o aeroplano se conseguirá descobrir. Será bom para a ciencia.

Os paivantes em cheque

Para que os nossos leitores avaliem o estado deploravel a que têm chegado os conspiradores de Verin, reproduzimos do *Mundo* a seguinte carta que um delés escreve a um seu antigo amigo de Bragança. Leiam e pasmem:

Caro amigo — Primeiro que tudo desejo-lhe saude em companhia de todos os seus. Pois eu, mal, quasi a mendigar uma esmola; na hora em que vim para aqui melhor tinha sido dar um tiro na cabeça, que ao menos acabava com todas as ilusões; mas quando uma pessoa nasce para ser infeliz nada lhe vale. O que isto é, ainda um dia lhe hei-de descrever se fôr vivo. Eu julgava que havia gente de certa ordem, mas são todos uns pelintras, principalmente os da alta; todos eles são afagos, mas não se importam que a gente tenha fome nem que ande quasi nua. Aqui estão todos desanimados. Se chegasse a vir uma anistia nem uma alma cá ficava. Eu não desejo ir para Portugal, não por grandes compromissos, mas por vergonha. Diga-me se foi entregue de alguma carta minha e se tem estado com meu pai. Se não esteve, vá lá e diga-lhe que de alguma fórma me arranje dinheiro para eu ir para o Rio de Janeiro, porque, senão, o meu ultimo arranco será espetar um tiro na cabeça, que, ao menos, acabo com esta desgraçada vida; peço-lhe o favor de que me escreva e que me mande dizer o que diz o meu pai a este respeito; diga-lhe que se não quer que eu faça uma asneira, de alguma fórma me arranje a poder embarcar; caso não me arranje isso por estes oito ou quinze dias, então que não espere uma boa noticia de mim. Com isto, nada mais; receba um apertado abraço deste seu dedicado e verdadeiro amigo—*Antonio Alfredo Barros*.

Miseraveis! Até que ponto os levou o furor pela Republica Portugueza! Liquidam em mendigos e em suicidas essas creaturas que confiaram na generosidade balofa do Couceiro e do *Pulha d'Aveiro*.

O papa de joelhos

Um nosso amigo do Brazil chama a nossa atenção para a atitude beatifica de Pio X, por ocasião do atentado contra o rei de Italia. O *beatissimo* padre consta que, ao saber do pavoroso lance, esteve meia hora de joelhos e de crucifixo na mão, pedindo a Deus que se não cançasse de ser misericordioso para com o rei... de copas.

O Vaticano a pretender congraçar-se com o Quirinal! Que tal está o da tiara! E' assim com mossas de pau que se leva a vidinha direita.

E eles, os tonsurados, que a sabem toda...

Os reacionarios da Chamusca

Os jornais têm ultimamente aludido a um caso que se deu na Chamusca, caso em que os reacionarios mostraram mais uma vez o seu odio aos republicanos. Os acontecimentos da Chamusca vieram de novo demonstrar que se não deve confiar em tal canalha, porque na primeira ocasião anavalham as instituições e matam sem um vislumbre de piedade aqueles que são republicanos. Não sabemos se os nossos leitores já conhecem o facto, mas nós vamos referi-lo:

Ha dias, os devotos da Chamusca realisaram uma procissão, sem licença da auctoridabe. Tanto bastou para que o povo livre se revoltasse, mas ordeiramente. Os reacionarios é que, não vendo com bons olhos o relativo pacifismo dos bons republicanos, trataram de provocar desordens, desafiando estes com pedradas e com tiros, e assaltando um centro republicano, o que causou enormes disturbios.

As autoridades locais parece que andam perseguindo agora os republicanos, em vez de se atirarem aos *talassas*. Vejam como isto caminha. E a Republica a ter autoridades desta natureza á frente das instituições!

Contra o aperto de mão

Fundou-se em Lisboa uma Liga contra o mau e velho habito do aperto de mão, nos cumprimentos, quando pessoas amigas se encontram.

Esperamos agora ver fundada qualquer dia tambem uma outra Liga contra... os beijos das senhoras, porque, estando em uso enormes chapeus, o habito de beijocar não só é incomodo, como póde originar e propagar graves enfermidades. Não será mau que as senhoras pensem *nisto a serio*.

Egreja roubada

O *Comercio do Porto*, de 6 do corrente, numa correspondencia de Agueda, datada de 5, diz:

A noite passada a gatunagem introduziu-se, por meio de chave falsa, na egreja desta freguezia, roubando cruzes, *caldeiras* e outros objetos de prata, assim como todo o dinheiro existente no cofre do Senhor dos Passos.
As autoridades procuram os gatunos.

Não será o gatuno caldeireiro, e que fosse roubar a caldeirinha da egreja para pôr um remendo no caldeirão em que o Paiva Couceiro manda fazer a assorda aos seus apaniguados?

Ou seria para concertar a panela do padre Matos e do bispo de Beja? Talvez.

Torres Caldinhas

Começou a honrar-nos no numero passado com a sua apreciavel colaboração este distinto jornalista, diretor da *Sentinela*, cuja prosa os nossos leitores terão ocasião de saborear nas colunas do *Dever*.

Torres Caldinhas é um espirito combativo e de livre critica, que procura, atravez dos factos condensados da vida humana, fazer resaltar toda a verdade limpida, todo o brilho das psicologias dos seres, ou toda a hediondez das almas que se debatem numa ascorosidade vil e degradante.

A secção que iniciámos no n.° 7 do *Dever* traduzirá sempre a orientação moderna do espirito avançado do nosso novo e presado colaborador.

A mulher de Portugal

VII

A mulher, como membro da familia, é dêsde remotos seculos a guiadora consciente do homem, dêsde que este nasce até que se emancipa e morre. Poderá no lar não haver pão, não haver abrigo, não haver conforto nem sorrisos da sorte.

A vida passar-se-á, com sacrificio muito embora, mas lá vae decorrendo, umas vezes melhor, outras vezes peor.

Mas o que no lar se não pode dispensar, é uma mulher. De portas a dentro tem ela varios e cumplicados papeis a desempenhar, todos mais ou menos importantes, todos mais ou menos serios e que demandam de serena reflexão.

A educação dos filhos deve merecer-lhe especial cuidado, porque é um facto constatado que as creancinhas se dão mais com as mães do que com os paes.

As mães embalam-nas, beijam-nas, acariciam-nas, com elas brincam constantemente, e se, só depois duma certa idade em diante, a creança começa a sentir pela mãe um poucochinho de respeito, é indubitavel que então por ela começa a sentir tambem o verdadeiro amor de filho, porque é então, como se sabe, que co-

meça tambem a compreender as diversas coisas da vida, e conseguintemente as suas necessidades e as obrigações que, perante a mãe amiga, tem a seu cargo cumprir e desempenhar.

Mesmo depois de grande, o filho aconchega-se mais á mãe do que ao pae.

O convivio da mãe é mais doce, tem mais encantos e mais suavidades, porque foi o seu seio que nos amamentou, foi no seu ventre que nos geramos, e se outras rasões de ordem fisiologica nos não impelissem para a mulher, seria suficientemente bastante o facto dela ser a natural companheira do homem, para viver com ele e com ele sofrer, depois de o ter dado á luz e de o ter ensinado a falar e a viver.

Antigamente a mulher era uma escrava do homem.

Felizmente para ela, esse tempo vae passando, e se em longinquos seculos volvidos exigiam da mulher trabalhos manuaes eguaes aos do homem, que ela trabalhasse tanto como ele, agora é justo que á mulher se peçam trabalhos intelétuaes que a dignifiquem, inaltecendo uma raça e emancipando uma nacionalidade.

Esperamos vêr isso mesmo um dia em Portugal, posto que o analfabetismo da mulher portuguêsa seja ainda assustador em algumas provincias do país, nomeadamente nos distritos de Evora, Guarda e Coimbra, onde, segundo as estatisticas, existem 378:695 mulheres, pouco mais ou menos, não sabendo lêr 346:499!

Não se assustem as leitoras.

Não vale a pena.

De resto a mulher de Portugal sabe bem o que vale e o que, é sob os pontos de vista intelétual e moral, e pena é que, compreendendo-o bem, não faça valer perante o homem os seus direitos e lhe não constate nitidamente o seu valor social.

Atravez dos progressos cientificos, das inovações de todos os generos, das transformações economicas e sociaes e da complexidade duma vida nova e positiva, que se está fazendo sentir em Portugal, era tempo da mulher dêste país começar tambem a fazer valer a sua influencia, fortificada pelo estudo e pelo metodo e esperiencia da vida real.

Porque é fora de duvida que a mulher pode, nos países avançados como o nosso, receber o mesmo grau de instrução que o homem recebe, se puzér de parte a teoria do velho filosofo e ante-feminista Strindberg, que asseverava que a «mulher é incapaz de adquirir um saber completo».

E a prova é que nas Universidades, nas escolas de belas-artes, as mulheres têm firmado a sua inteligencia em varios ramos da atividade e do saber humano, e assim é que, em Portugal, já temos medicas, pintoras, professoras, e se não temos ainda advogadas, não tardará muito que elas surjam dos bancos das escolas para a vida pratica.

Filosofas ha já uma em preparação, que por estes 2 ou 3 anos sairá pronta da Universidade de Coimbra.

Se varias gerações são precisas para se formar uma raça, sob o ponto de vista fisico, não é menos verdade que para o desenvolvimento das qualidades moraes e intelétuaes, varias gerações egualmente são necessarias.

Estude, pois, a mulher.

Reivindique para si o logar que d'ha muito lhe pertence no seio das sociedades, e depois de instruida e educada, ela será melhor mãe e melhor educadora, mais consciente preparadora do coração e do sentimento das gerações vindouras, sem deixar nunca de ser, como lhe pertence de direito, a eterna e carinhosa companheira do homem, a educadora de seus filhos e a diretôra do lar domestico, que ela envolve sempre numa atmosfera balsamica de amôr e sorrisos, num constante bem-estar.

ALMEIDA JUNIOR.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

VI

O estado vai pagar a todos os seus credores—lia-se, ha semanas, nos diarios da capital. Esta noticia, póde afirmar-se, deu um desusado alento á infeliz classe dos professores primarios.

Vem dos tempos negregados da monarquia. Os seus serventuarios, famintos como lôbos pelo inverno, depois de ter roubado por todos os meios e feitios—lançando mão de emprestimos escandalosos, apossando-se dos rendimentos de companhias ricas, falsificando orçamentos, etc.—, atiraram-se aos dinheiros destinados a desenvolver a instrução e a educação do povo. O *fundo* da instrução primaria, que uma lei de 97 criára, foi escandalosamente saqueado. O dinheiro que para ele entrava em tudo era empregado—desde as viajatas caras, aos jantares elegantes. Só para o pessoal ensinante, para satisfazer as necessidades da instrução, ele a mingua de faltava. Foi isto que, com rasão, fez que o professorado lhe começasse a chamar—um *fundo* sem fundo...

Depois, a contabilidade, a celebre repartição a que o infame João Franco entregou todos os poderes para satisfazer ou não os compromissos do erario, começou a trabalhar com uma morosidade revoltante. Primeiro foram as folhas de ordenado dos professores, que ela deu em reter no seu seio impudico até meado do mez seguinte áquele em que esse ordenado era vencido. Como, porém, os clamores que o abuso levantou foram unanimes e fortes, a despotica matrona entendeu por bem encolher as garras —e começou a autorisar o pagamento dos ordenados um pouco mais cedo.

Mas porque sabia que ainda lhe restava com que manifestasse o seu odio á escola e ao professor. As folhas de expediente e limpeza, as que autorizavam o pagamento das despezas feitas com os serviços annuais de ezames, as de rendas de casas das escolas e habitação dos professores, etc., etc.,—lá ficaram a cobrir-se de pó e a manifestar o desprezo da celeberrima contabilidade pelo humilde mas prestantissimo obreiro da instrução.

Os anos decorreram. Numa manhan de outubro — ha quasi dois anos! — foi implantada a republica em Portugal. E o magisterio primario, já na sua quasi totalidade republicano, possuindo no seu seio muitos revolucionarios autenticos, rejubilou com o belo feito. Os jornais da classe, nos primeiros tempos, traziam as colunas abarrotadas de *hosanas* sinceras ao novo regime — convictos de que, devendo ele ser um regime de justiça, ela seria emfim feita ao professor primario...

Mas qual? Os atrasos nos pagamentos continuaram invariaveis—se é que se não agravaram. Chegou-se já mesmo a insinuar que na contabilidade ha funcionarios apostados em propagar entre o professorado o descredito pelo regimen novo, pela manutenção dos calotes monarquicos e criação de outros republicanos.

A noticia, evidentemente de origem oficiosa, que no principio dêstes ligeiros comentarios referimos, veio ainda a tempo de conjurar a tempestade que já se divisa no horisonte. Mas era preciso que á promessa feita correspondesse uma pronta realisação. O pessoal da contabilidade é incompetente ou insuficiente em numero? Substituam-no ou aumentem-no. *Senão... não...*

Prof. Manoel José Antonio.

Perfis ligeiros

IV

Alta, flexivel e elegante. As faces carminadas como um botão de rosa, têm qualquer coisa de sobrenatural, qualquer coisa de extraordinariamente belo, que nos arrasta e nos inebria.

O seu cabelo, castanho-claro, quasi louro, faz semelhal-a a uma filha do paiz onde as mulheres são fadas.

Os olhos... ah! esses não pude ainda vêl-os bem, mas devem ter um brilho estranho, agradavel, divino.

Devem ter o brilho melancolico da rainha da noite, a palida lua, quando a pouco e pouco vai desaparecendo por detraz duma nuvem acinzentada e densa.

Devem ter o encanto, a beleza dum pôr do sol, mansamente, docemente escondendo-se envolto nas brumas do poente.

Quando a vejo, á noitinha, a passear, num passo suave e cadenciado, fico a olhal-a por muito tempo num encantamento d'alma que eu nem sei definir. Mas se ela me fala.. ai que enleio de mim se apodera! Eu que sou nervoso e falador (modestia á parte) fico atrapalhado, gaguejo e... não digo nada.

Todo o meu ser se transforma, e, querendo fital-a, foge-me a luz dos olhos, entonteço e parece-me vêl-a, não como uma mulher, mas como uma virgem, subindo, subindo sempre em triunfal ASCENÇÃO!

Nao creiam que é exagero o que digo. Já um poeta o constatou, dizendo, por certo, dela:

Os lirios, quando passas pela estrada
Dizem:—Como é formosa!
E ao vêl-a, d'invejosa e despeitada
Empalidece a rosa!

E depois:

As aves cumprimentam-na com um hino
Julgando que é a aurora
E ao verem-na seguir o seu destino
Clamam:—Não vás embora.

E isto é incontestavelmente uma verdade em toda a sua nudez, porque ela é formosa entre as formosas, excelsa entre as excelsas.

E basta por agora.

APOLO.

DANAE

Entra pelo fortissimo edificio
Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro.

LUS. C. VIII. EST. XCVII.

Num distinto castélo amplo e forte,
Como nunca tão alto se ergueu,
Por embargo aos decretos da sorte
O rei de Argos a Danae escondeu.

Era a filha uma pomba risonha,
Uma rosa em divino botão;
Outro ideal tão perfeito não sonha
O poeta a que inspira a paixão.

Sempre a Danae inquieta o delirio,
Longo e vivo sofrer causa dó;
Não aspira a fragrancia do lirio,
Sente a mágoa de vida tão só.

Sobre o leito de plumas e rosas,
Aguia altiva que anceia gosar,
Co'a inocencia das Graças ditosas
Fôra o seio macio apôiar.

Logo Danae refléte a belêsa
Que na rosa não 'splende em abril,
E conhece que em chamas acêsa
A sua alma se enleva febril.

Chora a virgem; no rôsto perfeito
Correm per'las de vivo cristal...
Arrancando um gemido do peito,
Breve exprime um lamento fatal:

«Oh! que importa sêr nova e sêr béla?
E que importam dois astros do céo?!
Se os enleios da régia donzéla,
São delitos, infamias de réo!

«De que servem tão longos cabêlos?
P'ra que serve o coral e o marfim!!
Se não ouço os gracejos tão bélos
Dos amantes que morrem por mim.

«O que importa a opulencia do seio?
Do sorriso o que vale o esplendôr?!
Se a constancia no afêto que anceio,
Não consegue um momento de amôr!

«Nunca beijo os heróis nem abraço...»
Mas no entanto por sôbre o dócel
Como abêlhas que giram no espaço
Chuva de oiro se esparge a granel.

Vendo a imagem que tanto a comove,
Não se ignora que Danae sorriu...
Núa aceita os suspiros de Jove...
Foi sublime o que na alma sentiu!

Entra Jove animôso na sala,
Ouve Danae murmurios de fé;
«O oiro é prova de afêto,—assim fala,—
Que Amor firme outra coisa não é!»

Cuida ainda esse arbusto viçôso,
Novos sonhos de encanto dizer...
Mas pressente os efeitos do gôso,
Dorme... excita-a o mais terno prazer!

Logo Danae sentiu vida nova,
Canta alegre o gentil rouxinol:
«Se a palmeira co'a luz se renova,
As princêsas não fogem do sol.»

Sôbre o leito aparece ridente
Na aleluia de rosea manhã;
No seu peito amargura não sente...
Béla e meiga assim volve louçã:

«Se o castélo de bronze arrogante
Dôce virgem de ingenuo pudôr,
Rouba, esconde ao direito do amante,
Nunca a exime á vitoria do Amôr!»

Tentugal.

LUÍS FILIPE MACHADO.

Assinaturas

Pagaram um ano, os cidadãos: João Pereira, de Pampilhosa do Botão; Joaquim Teixeira, José Teixeira e Manoel Teixeira, do Amieiro; Sebastião Rodrigues Louro, do Zambujal; Manoel Gomes de Carvalho, de Cantanhede; Manoel do Espirito Santo, de Coimbra; José Ferreira Jacinto, Joaquim da Cruz Bernardo e Manoel Marques, de Lisboa; Manoel Ferreira Jacinto, de Colares; Alfredo Nunes David e Manoel Teixeira, de Gatões, e Antonio Maria Marques, de Runa.

Pagaram o primeiro semestre, os cidadãos: Julio Salvador, da Tocha; Albino Antonio de Oliveira, de Aljuriça; José Luiz Maria de Andrade, de Cantanhede; Joaquim Marqnes da Costa, de Coimbra, e Henrique Jorge, de Lisboa.

Pagaram o primeiro trimestre, os cidadãos: Manoel Mendes, Manoel Jorge Melanda e José de Barros, de Arazede; Manoel Mauricio de Oliveira e Bernardino Esteves da Silva Carvalho, de Vila Franca; Antonino Ferreira Afonso, de Lemede; Antonio Jorge, Manoel dos Santos Simões, Manoel da Silva Duque, Manoel Jorge, José Maria Marques, José Marques Craveiro, Antonio Maria Jorge Reis, Albino Monteiro Araujo, Manoel Ferreira Valerio, Manoel Cnnha e Manoel Rodrigues, de Lisboa; Joaquim Augusto de Oliveira Neves e Antonio Cardoso Mota Junior, de Montemor-o-Velho; e Bartolomeu Velho, da Figueira.

Agradecemos.

VIAGENS EM PORTUGAL

Impressões, factos e comentarios

EM LISBOA

I

E' já bem de noite. Vamos, lentamente subindo a Avenida. E o meu amigo continuou:

—E' como te digo e conforme obsérvas; não te admires, pois, das conclusões a que chêgo, dessas conclusões terriveis a que chega todo aquele que não esteja obcecado pela ideia de que vive no melhor dos mundos possiveis. E' como te digo. A raça portugueza abastardou-se. Como? Tomando o caminho errado e anti-natural que teem seguido todas as raças filhas da latina. Hoje são as raças do norte que dominam. E nem podia deixar de assim acontecer. E' da *étenologia*, é da *sociologia* ..

Não raparas tu nos tipos que constantemente acotovélas nas ruas—n'essa chusma de pacóvios efeminados—n'essas massas de operarios devastados pela mais negra miséria, desorientados pela ignorancia — n'essas fêmeas que o vicio e a ambição do luxo devoram, que os maus romances estragam, que a sifilis, adquirida ou hereditaria contamina e o espartilho torna asmáticas?

A maior parte de toda essa gente é pobre, miseravel, pelintra; mas exteriorisam o mais que podem, luxos, riquezas que por serem falsas não deixam de ter seu brilho.

O peor é que para satisfazer essa ambição que domina o portuguesinho atual, êle se vê obrigado a descer ainda mais, a descer sempre, a procurar a crápula, a subverter a onra, a curnocópia de todas as virtudes legada por seus maiores.

Mas vemos nós qualquer d'esses portuguesinhos pretender distinguir-se pelo talento verdadeiro, pela ciencia, pelo trabalho, pela honestidade antiga, pela arte, por alguma virtude invulgar? Não. Quasi todos, senão todos, d'esses portuguesinhos, hoje, não fazem mais do que pensar no modo como, tendo dois, hão de fazer acreditar que teem quatro. Para na rua, conseguirem isto, quantas abjéções em casa! Para causarem invéja aos visinhos, quantas privações... Parece que uma onda imensa de cobardia invadiu ha muito a sociedade portugueza. Não ha honra, nem vergonha, nem arrojo. Parece um amontoado de sácristas desbigodados a maior parte dos homens; e, as mulheres, olhares sem brilho, bistres fundos cercando-os, levam o tempo, cuscuvilhando a vida umas das outras, imaginando os meios de arranjarem, ou dinheiro para adquirirem qualquer farrapo da moda, ou, pelo menos, um *namôro*. E apaixonam-se, não á antiga, quando o amor as arrastava para qualquer homem viril e forte. Apaixonam-se por alfenins de cintura delicada, por meninos de sapato tôrto e meia aberta, por esses vadios *civilisados* que todos os dias vemos ahi pelas esquinas e ás portas dos cafés, a dirigirem chalaças infames ás mulheres que passam.

Esses homens são capazes de vestirem ópas em qualquer procissão católica; envergarão, com muito gosto, n'alguma tourada um fato de moço de forcados. D'um áto nobre, d'uma ação decidida, d'uma ideia de que possa advir o bem do proximo são incapazes.

As mulheres intrujam os maridos, estes as mulheres, as filhas os paes, e para êles élas constituem um pesadêlo, emquanto não arranjam um *arrimo*, um—permite-me a expressão—editor responsável... para as filhas, é claro; êles entretanto vão-se lamentando de tambem terem creado obras que tão dificilmente encontram editores. E compreendem a razão, coitados. Pois não fizeram êles tambem uma *edição*?

A que ponto chegamos! Uma costureira já se envergonha de sahir á rua com um *embrulho* na mão—e, êla que vae de chapeu, sabe Deus á custa do que, leva, ás vezes, atraz de si, pobremente vestida, pobrissimamente, uma mulhersinha que parece sua creada, mas que é sua... mãe... E não querem que as raças filhas da latina estejam depauperadas, anémicas, tuberculosas, e que, em tudo e por tudo, seja o saxão raciocinador e forte, o dominador?

Mas não é isso natural? Que é que se ha-de esperar d'uma raça que passa o tempo a divertir-se com *fadinhos* e *salsifrés*? As classes ricas, pouco numerosas, estão degeneradas, mercê de orgulhos, vaidades e preconceitos varios. As classes médias, a burguesia enfatuada, empregando esforços inauditos, querem, seja como, afildar-se. Nem compreendem o tempo em que vivem. O militarismo foi um cancro, é-o ainda, e a burocracia, exploradora, enfática e embofiada, é uma chaga enorme... O povo só quer saber de foguetes, vivório, arraiaes, tabernas e romarias... Já não ha remedio que cure a doença que levará estas raças á morte. Já não ha cautérios, por mais poderosos que sejam, capazes de atalhar a podridão, a gangrena mortal de que enférma a sociedade portugueza.

E somos nós, poetas, musicos, artistas; somos nós, jornalistas, escri-

tores; somos nós, sonhadores impenitentes, que andamos a sacrificar os melhores anos da nossa vida, as melhores ilusões do nosso espirito, os gosos inebriantes que o igoismo individual dá, somos nós que andamos agitando a Ideia, como se fosse uma forte matráca, a vêr se despertamos um povo aferrado a inuteis tradições, a enervadoras velharias. Nós somos culpados... Para que sonharmos grandezas, para que sofrermos e nos debatermos n'esta angustia sem fim que sofremos por não vermos se alevantar uma raça irremediavelmente cahida, pelos seus vicios, pela sua mandrisse, n'um profundo lago de pús e tenebroso de ignorancia.

O melhor é deixar morrer, quietamente, quem tão mal sabe viver. Em compensação virão os povos germanicos, ráças rudes ainda é certo, mas fortes e puras.

Sim, élas já dominam em toda a parte. E' no comercio, é na industria, é na ciencia, é na navegação, e, não tardará muito, que se apossem até das artes. E' que as raças fortes não fazem o que esta faz, não foi corroida por longos séculos de padre-nossos e ladainhas. Trabalham, com pertinácia, conscientemente. A sua rasão ainda os não levou a adotárem os nossos depravantes costumes. Tratam até de cortar os cruzamentos da sua com a nossa raça.

* * *

Estávamos então em plena Rotunda. Das bandas do parque Eduardo VII, a brisa forte soprando fazia-nos levantar as golas dos sobretudos que vestiamos.

Desenhavam as varias avenidas e ruas e largos da cidade na massa densa da noite negra, pontos inúmeros formados pelos fócos de luz eletrica e os bicos incandescentes do gáz.

A cidade imensa dormia o sôno ajitado, convulsivo, cheio de pesadêlos sombrios e tèticos, de extremecimentos como são sempre os sônos das grandes cidades. A voz do meu interlucutor ouvia-se, cada vez mais forte, cada vez mais incisiva, no silencio da noite, apenas interrompido pelos ráros *elétricos* que passavam, vasios já, voltando dos pontos afastados da cidade.

— Foi aqui — continuava êle — e ainda não ha dois anos. Parecia que, finalmente, essa raça acordáva. Mas foi fumo que depressa se esvaíu na mesma apatia, na indiferença de ha tantos séculos. Sim, nós, atualmente, sômos uma raça de enfatuádos, individual e colétivamente; de vaidosos, de ignorantes, de *pobres-doidos*, mas, mais do que tudo, a cobardia impéra...

Quando não temos que fazer, bajulamos o povo—bajulamo-nos a nós mesmos. Enganámo-nos o melhor possivel uns aos outros; intrujamo-nos mutuamente, e ao mundo—eis tudo.

* * *

Explendida de Negação, vibrante de Justiça, a alma d'aquele português, a encarnação perfeita do pessimismo, quiçá a dureza implacavel da Verdade, chorava as desgraças da sua patria. Desespero e magua, amargura e morte...

Ora eu entrára, ainda não havia vinte e quatro horas, em Lisboa, levando comigo um grande bornal bem cheio de ilusões.

Ali mesmo via esvairem-se. Nem algumas folhas das árvores eram levadas tão depressa pelo vento que cada vez mais forte soprava.

Sentia-se bem o ruido dos tristes trabalhos noturnos a que muitos homens se entregam nas cidades, á luz das lanternas, para ganharem os tristes vintens que os sustentarão e á familia, o arquejar dos comboios que passavam para os lados de Campolide, as onomatopeias surdas das vassoiras limpando as ruas, o pio de alguma ave perdida nos arvoredos proximos; lá em baixo, no Tejo, sobre as aguas, os navios, monstros mudos, *holofautando* a terra, prescrutando os horisontes, e na outra Banda, de longe em longe, aglomeramentos de luz denunciando as povoações...

J. S. Torres Caldinhas.

Em Lisboa

Para comemorar o 13.º aniversario natalicio de seu filho Americo, ofereceu no dia 3 do corrente o nosso amigo Arderadio Soares Folkihée um lauto jantar a alguns dos seus numerosos amigos, a que se seguiu animado baile até altas horas da madrugada.

A festa, que decorreu no meio da mais franca cordealidade, deu ensejo para o nosso amigo e sua ex.ma esposa receberem provas inequivocas do quanto são apreciadas as suas belas qualidades de franqueza e fino trato.

CASOS DA SEMANA

Depois de roubar, suicida-se

Deu-se há dias na Carapinheira do Campo um caso que emocionou todos os que dele tiveram conhecimento.

Uma rapariga de 19 anos, cujo nome desconhecemos, entrou em casa duma sua amiga e, como esta não estivesse, perguntou a uma menor, filha da dona da casa, onde tinha a mãe as chaves da gavêta do dinheiro. A pequena indicou-lh'as, e a rapariga, abrindo a gaveta, roubou uns objétos d'ouro e nove mil réis em dinheiro, e desapareceu. Mais tarde, chega a vitima do roubo e, perguntando á filha se alguem tinha entrado em casa, a pequena confessa-lhe tudo. Reconhecendo-se roubada na sua ausencia, a mãe clama por socorro, aparecendo logo a autoridade que procedeu a investigações. Não levaram estas muito tempo, pois que a gatuna veio logo propriamente confessar o roubo, dizendo que o ia buscar. Esperaram, e ela não aparecia. Procuraram-na numa herdade por alguns momentos e, pouco depois, houve alguem que disse ter visto uma rapariga á beira dum pôço, afirmando que ele é que iria pôr termo á sua desgraça. Sondaram o pôço, e déram com a rapariga já morta; e junto dele, mal coberto com a terra, lá estava o ouro e todo o dinheiro.

Todos lamentaram o triste incidente, sendo no dia seguinte feita a autopsia ao cadaver pelo perito respectivo.

Visitas

Deu-nos o prazer da sua amavel visita, o nosso presado amigo e assinante, e prestante cooperador da capital, snr. Arderadio Soares Folkihée, que, depois de alguns dias de permanencia nesta localidade, retirou para Vizeu.

— Tambem nos honraram com a sua visita a ex.ma snr.ª D. Augusta Caleiras d'Almeida, esposa do nosso camarada de redacção, Almeida Junior, a mãe e o irmão dêste nosso colega, o snr. Antonio d'Almeida, bem como o snr. Manoel do Espirito Santo, chefe dos jardineiros municipaes de Coimbra e nosso estimado assinante.

— Vimos aqui, durante as festas pascaes, de visita a suas familias, os nossos amigos e assinantes, snrs. José Simões Cruz, José da Costa Carvalho, José Ferreira Jacinto, Alvaro da Silva Ferrão, Elisio d'Andrade e Julio Salvador.

— Tambem aqui vimos, de visita ao nosso amigo, snr. Joaquim Ferreira de Figueiredo, o nosso presado assinante de Montemor, snr. dr. Armando de Carvalho, e sua ex.ma esposa.

— Vimos tambem nesta localidade o nosso prezado assinante do Porto, Antonio Marques da Costa, que aqui veio de visita a alguns amigos.

Partida

Em goso de licença partiu para Celorico da Beira, acompanhado de sua esposa e filhinho, o nosso presado amigo, snr. José Gomes de Almeida, digno chefe da estação do caminho de ferro desta localidade, onde é geralmente estimado.

Que em breve nos dê o prazer do seu convivio.

Doentes

Em Lisboa tem estado incomodado de saude o nosso prezado amigo e colaboradôr, Custodio Mendonça.

Enviamos-lhe um abraço, e desejamos-lhe pronto restabelecimento.

— Tambem está doente o nosso presado assinante da Pampilhoza, snr. Antonio Diniz Coelho, chefe da transmissão da Beira Alta.

Delivrance

Deu á luz uma interessante criança do sexo masculino a esposa do nosso prezado amigo e distinto colaboradôr, snr. Manuel José Antonio, ilustre professor primario na Serra do Bouro (Caldas da Rainha).

Abraçomo-lo comovidamente, e enviamos-lhe sinceras felicitações.

Quem é o gatuno?

Ainda não está descoberto o gatuno que roubou os 600$000 réis ao nosso amigo Antonio Baia. Todavia, as suspeitas recaem todas sobre Antonio Clemente e sobre um tal Plácido, cunhado deste. Antonio Clemente, que fôra preso, já se encontra em liberdade.

E a autoridade, atendendo á importancia do roubo, não investiga?

Aniversario

Passou na segunda-feira o aniversario natalicio do nosso amigo Saul Rodrigues Baia, filho do secretario deste jornal, snr. Augusto Baia.

Felicitamos.

Regresso

Regressou de Lisboa, onde esteve a convalescer dum ataque de *gripe*, o nosso estimado assinante da Pampilhosa, snr. Humberto Ferreira, inteligente empregado do caminho de ferro da Beira Alta.

Damos-lhe as boas vindas.

CUSTÓDIO MENDONÇA

Não recebemos para este numero o artigo deste nosso distinto colaborador, devido a um lamentavel extravio nos correios.

Ficam assim os nossos leitores privados desta vez de saborearem a prosa brilhante de Custódio Mendonça.

Que nos relevem a falta cometida a nosso pezar.

ORIGINAL

Por abundancia de original, ficam para o proximo n.º, e já compostos, os artigos: *Tomaz da Fonseca* e a *Secção ferro-viaria*.

Desculpem os nossos presados leitores.

Agradecimento

Tereza Fabricia de Barros, Maria José Esteves de Barros, Georgina Esteves de Barros, Etelvina Esteves de Barros, João Bento Esteves de Barros, José Esteves de Barros, Antonio Esteves de Barros, Abel Maria de Melo Brandão e Fernando da Silva Coelho Pessoa, na absoluta impossibilidade de o poder fazer por outra fórma, veem por este meio fazer publico o seu indelevel e profundo reconhecimento em que estão para com todas as pessoas que, por ocasião da morte do seu muito saudoso e chorado espôso, pae, irmão e sogro, Joaquim Antonio Esteves de Barros, falecido no dia 28 de março findo,—os vieram comprimentar e acompanha-los na sua lancinante dôr, e bem assim áquelas que durante os dias de doloroso sofrimento do extinto, procuraram saber noticias do seu estado, oferecendo-lhes os seus serviços pessoaes. Cometeriam ainda uma falta imperdoavel se nêste numero não especialisassem os distintos clinicos, snrs. drs. João Batista Loureiro, desta vila, e Evaristo Duarte Geral, da Figueira da Foz, medicos assistentes do finado, pela extrema solicitude com que lhe prestaram os socorros da sciencia.

Ainda mais agradecem com o mesmo penhor a todos que se dignaram acompanhar o falecido á sua ultima jazida, especialisando nêste ponto a sociedade Montepio Recreio e Instrução e a *Filarmonica 25 de Setembro*, a cuja sociedade musical, a familia do finado, muito fica devendo, pelos esforços que empregou, para, de fórma tão expontanea e penhorante, prestar a sua derradeira homenagem de saudade ao morto querido. E por ultimo, não podem esquecer ainda a imprensa, pelas amaveis referencias que fez ás qualidades do falecido.

A todos, pois, a sua eterna gratidão.

Montemor-o-Velho, 9 d'abril de 1912.

Café distinto

E' o mais saboroso, devido á sua combinação.

5 **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SÊNAS INTIMAS

— Mas essa mulher era perigosa! — disse eu.

— Perigosas são tôdas as que vivem na materialidade — replicou o meu amigo. — Eu a estas assim chamo-lhes *cambiantes*, porque apresentam diferentes modalidades, mais ou mênos permanentes, mais ou mênos impressivas ao seu espirito, e que variam segundo as circunstancias; são as mulheres que amam por uma simples mania, e que só assim pódem vivêr.

— E depois dêsse quem foi? — perguntei eu, agora já convencido de que a costureira só se sustentava de amôres.

— Depois dêste, sei lá quantos fôram! Voltou á antiga, a namorar por divertimento e a chasquear dos conversados na mestra, de mistura com as companheiras.

— Mas então não teve um limite? — perguntei, estranhando já tanto amôr.

— Ah! isso não podia deixar de ter. Um dia travou relações com um caixeiro duma loja de fazendas, e, no meio de motejos e casquinadas, sem consultar o coração, atendendo apenas á idade, que já não recomendava muito, e não sei se ao menoscabo da opinião pública, lá casou, para descanço de quantos mortais ela queria entontecer, praceando-lhes os sentimentos.

— E esqueceria de vêz a alma do Rodrigues?

— Parece que não. Como foi o primeiro e unico amôr mais acendrado que ela teve, disseram-me que todos os anos, no dia do falecimento dele, ela se veste de luto e sai de casa para ir ouvir uma missa a uma igreja proxima, afirmando assim uma saudade do passado que ninguem esperava houvesse naquêle coração de mulher.

— E aqui tem agora a história completa da vida da costureira, que não sei se lhe serviu de alguma utilidade.

Agradeci ao meu amigo a gentilêza da narração, e antes de me despedir, perguntei-lhe se êle consentia que eu a désse a público, ou se nisso haveria algum inconveniente.

— Consinto — me respondeu — e deixa de havêr inconveniente se me promete não desvendar nomes de pessoas que possam acordar suspeitas.

Prometi e parece-me têr cumprido.

1901.

Uma vitima do ouro

I

Havia alguns anos que eu tinha ouvido falar no dr. Julio Dálly e no fatal desenlace da sua vida licenciosa.

Desejava eu encontrar quem me soubesse narrar alguns pormenores a respeito dela, quando se me deparou o amigo que me havia contado a cêna antecedente, e que, não ignorando tambem esta, se dispôs um dia a fazer-me a sua narração, que eu, como fiel cronista, levo por minha vez ao conhecimento dos leitôres.

*

Em outubro de 1859 tinha chegado a Coimbra, vindo de Lisboa, o filho unico do dr. Antonio Sálly, jurisconsulto afamado na cidade do Tejo.

Tendo concluido o curso secundário no liceu da capital, e os preparatorios médicos na escola médico-cirurgica, o jurisconsulto resolvera mandar o filho para a cidade do Mondêgo, afim de cursar o primeiro ano de medicina na Universidade, e seguir assim a carreira hipocrática.

Antes de se despedir do filho, o dr. Dálly tinha-lhe dito:

— Julio, tu vais agora para Coimbra completar os teus estudos. Levas uma carta de recomendação para o meu amigo Antonio Lopes (1), comerciante na rua do Visconde da Luz, que te arranjará uma casa confortavel onde possas habitar assim que lá chêgues, e a quem te poderás dirigir sempre que julgues necessario, sem receio de não sêres alguma vez atendido, porque é um velho amigo de teu pai que sempre o considerou no seu tempo de estudante. Espero que me não queiras dar o desgosto de continuares lá a mesma vida agitada que aqui começaste, afim de não empanares mais o nome duma familia que se prezou de têr sempre por divisa a honra e o dover. Estás no vigor da vida e é preciso que te domines em tudo o que te puder ocasionar a desestima pública. Deves respeitar o teu nome, a tua dignidade e a de teu pai, para no futuro não ficares desprestigiado. Embora sejas rico e independente, não deves ser esbanjador para que a fortuna um dia te não amaldiçôe e a dependencia te não venha manietar as aspirações. Vai, e nunca te esqueças disto.

Julio ouviu, sem replicar, os conselhos paternos, e partiu, anceando por liberdade.

Quando chegou a Coimbra, foi a casa do comerciante, deu-se a conhecêr, entregou-lhe a carta e esperou a resposta.

O snr. Lopes leu em voz baixa e disse depois:

— Eu conheci o senhor seu pai no tempo em que ele aqui andou a estudar. Era meu freguez, e um dos melhores que eu tinha. Depois de formado, foi para Lisboa, lá casou, mas nunca deixou de ser meu freguez; e então ficámos amigos para sempre. Ora é certamente devido a esta amizade que ele aqui me pede que vigie cá pelo snr. Julio e que o sirva naquilo que puder. Quanto a vigiá-lo, nunca eu o farei, porque não desejo tolher a liberdade seja de quem fôr e porque cada um é senhor das suas ações; e além disso, o snr. Julio já está em idade de se saber governar, não precisa de tutores.

(*Continúa*).

(1) Pseudonimo.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

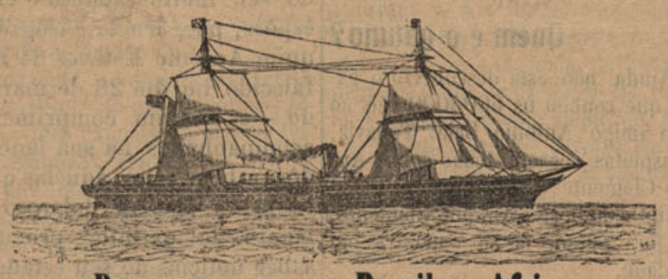
TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.



Passagens para o Brazil e Africa

Justino de Sampaio Alegre, d'Anadia, correspondente de todas as companhias de navegação, vende passagens para todos os portos do Brazil e Africa, a preços comodos; e encarrega-se de preparar todos os documentos para obter os passaportes, para o que está legalmente habilitado.

Abona-se dinheiro para este fim a 6 por cento ao anno.

Pode ser procurado nas feiras de Cantanhede, Palhaça, Mealhada, Oliveira do Bairro, Villarinho, Moita e Pampilhosa.

Fornecem-se passagens gratuitas a familias.

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

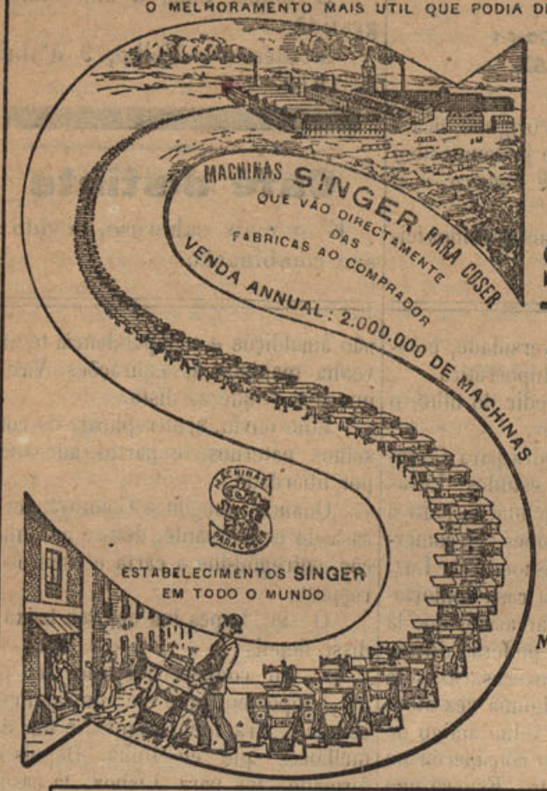
LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro—**Joaquim Coca Junior**

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

FORTUNATO VAZ

CAMARNEIRA—CANTANHEDE

Agente da casa O HEROLD & C.ª de Lisboa, Porto e Pampilhosa para venda de adnbos quimicos e organicos nas regiões da Bairrada, Gandara, Aveiro, Coimbra e Beira Alta

Os adubos de HEROLD, os mais conhecidos e acreditados, devem ser preferidos por todos os lavradores. Tem as marcas registadas FOICE e TREVO DE 4 FOLHAS.

Para os vinhedos e milharais aconselhamos além das marcas especiais, CAL AZOTADA conjuntamente com FOSFATO TOMAZ e KAINITO.

Para as batatas as marcas especiais FOICE HEROLD e PURGUEIRAS dão um resultado magnifico.

Depositos em Cantanhede, Mogofores e Oliveira do Bairro.

Dirigir por postal a
FORTUNATO VAZ
Camarneiaa = Cantanhede

DOMINGOS LINO GASPAR

Armazem e oficina de moveis e estofos, mobilias completas, colchoria e camas de ferro. Oleados, baguetes e muitos outros artigos.

128—Rua do principe—130

Figueira da Foz

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

ALFAIATE E MERCADOR

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta

164, Rua do Principe, 168

FIGUEIRA DA FOZ

Sucursal em Leiria, Praça das Galinhas, sob a firma Abrantes & Genro.

Sortido em fazendas de lã e algodão, nacionaos e estrangeiras.

Varinos d'Aveiro, capotes á cavalaria e gabões para homem e creança.

Encarregam-se de qualquer encomenda para fora da terra.

Faz os mercados de Montemór-o-Velho, Guia a Monte Redondo, onde pode ser procurado pelos seus freguezes de fora da Figueira e Leiria.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

LOJA DO POVO

Mercearia, ferragens, fazendas brancas e papelaria. Deposito de tabacos e fosforos. Papeis *Duc*, *Lecosmopolite* e outros, para cigarros. Fosforos de cera e amorfos. Sabão, etc., etc.

Desconto da tabela da companhia.

Vendas por junto e a retalho

Bernardo Gonçalves Ferreira

Montemór-o-Velho

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã,
tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

1.º Ano — Arazede, 21 de Abril de 1912 — Numero 9

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 réis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 réis; na 3.ª, 40 réis e na secção respetiva, 30 réis.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado

O DEVER

ASSINATURAS

Portugal e Colonias Portuguezas.—Ano, 999 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis.
Brazil.—Ano, 2$000 réis, fortes.
Numero avulso, 30 réis.

Redação e Administração—ARAZEDE
Oficina de Composição e Impressão—Tipografia Silva (a vapor)—Largo do Espirito Santo—AVEIRO.

Director, editor e proprietario — MANUEL DE MELO
Redactor principal — Humberto Beirão

A correspondencia deve ser dirigida ao director deste jornal

Patria e Humanidade

SEMANARIO REPUBLICANO

Redactores:—J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz, Soveral da Rocha e Cruz Gonçalves

Secretario, Augusto Baía — Administrador, Antonio Baía

O 3.º Congresso pedagogico

A experiencia e os curtos anos de pratica tem-nos habituado a ver as questões pedagogicas pelo prisma real por que costumamos encarar as coisas concretas e palpaveis com que todos os dias lidamos, sem nos prendermos com a sua natureza ou com a sua origem, mas simplesmente demandando o fim para que nos servem e os resultados bons ou maus que délas possâmos tirar. Ninguem procura saber, por exemplo, como é feito o dinheiro, donde vem, qual a liga ou a especie que o constitue, quais e quantos empregados se encarregam do seu fabrico, e todos, pelo contrario, conhecem a sua utilidade, tratando de o aplicar da melhor maneira ás diferentes necessidades da vida, que são os seus resultados logicos, as suas consequencias fatais e inalienaveis, as suas finalidades irredutiveis e necessarias. Assim com o congresso pedagogico ultimamente realisado em Lisboa.

A parte sensata e clarividente do país sabe que dum congresso pedagogico, como em geral de todos os congressos, derivam concluzões belas, prometedoras, capazes de por si só refundirem todo o existente e crearem uma situação nova que corresponda ás boas intenções dos que as votaram. Por outro lado, reconhece que, corrido algum tempo sobre as questões que agitaram as diferentes classes ás quais os congressos interessavam, tudo, ou pelo menos uma grande parte do que havia sido discutido com grande calor e convicção, cai num profundo estagnamento, por não existir a base primordial em que devem assentar todas as resoluções e todos os bons intuitos: o dinheiro. E desta fórma, todos os congressos são improficuos, porque não basta firmar com palavras as melhores doutrinas e os melhores preceitos; é preciso efetiva-los, dar-lhes corpo e unidade, traduzi-los em factos que demonstrem aos olhos do país que não sômos um povo de castelos no ar e de fogos de vistas, mas que, ao contrario, sentimos o que dizemos e sobrepomos ás palavras mais dogmaticas as obras mais indestrutiveis.

Nós, que assistimos ao primeiro congresso, ouvimos todas as decisões que nele foram tomadas, recreamo-nos com os discursos estudados de conspicuos bachareis, que mais pareciam jogos malabares num torneio literario, e finalmente, saímos da ultima sessão com a aprioristica certeza de que tudo ou quasi tudo o que tinha merecido honras de discussão ficaria *in albis*, e que ao professorado não adviriam moral e materialmente grandes regalias, por que os governos haviam de seguir a invariavel trajetoria do abandono e do desprezo pelas questões escolares e pelos interesses morais da Patria. Viu se o que sucedeu. Tudo caíu no silencio, todo o calor e todo o brilho manifestado anteriormente desapareceu, e o país e o professorado, aos quais o congresso poderia aproveitar, não usufruiram mais do que iluzões e desalentos.

Realiza-se o segundo congresso, e novamente se repetem as scenas comico-burlescas do primeiro, com vistosas variantes para embalar incautos. Uma chuva de promessas, longas tiradas de oratoria, e nada mais. O professorado encolhe os hombros, e resolve-se a esperar com uma paciencia evangelica.

Houve agora o terceiro congresso e, se bem que as doutrinas demostenicas fossem desta vez em pequena dóze, é indubitavel que houve ainda uma hecatombe de promessas, algumas delas de entontecer, e que novamente se preparou uma atmosfera de interesse e... talvez de iluzões, que hão de acabar por desenganar a todos.

Oxalá nós errassemos nestas hipotezes pessimistas, e tivessemos de confessar que todas as promessas agora formuladas foram traduzidas em factos eloquentes e incontestaveis.

Mas o professorado tem sido sempre tão ludibriado por todos, que nos parece que ainda desta vez ele não verá melhorada a sua situação, nem o país será beneficiado na sua estrutura moral.

E' necessario que acabe para sempre o reino das *palavras* mirabolantes e das *promessas* fantasistas, e que surja, altiva e forte, a arenas dos *factos* palpaveis, que a todos beneficie e que a todos garanta uma situação desafogada, sem o que deixaremos de viver para continuarmos hibernando.

E' por este prisma gelado e duro que vemos as coisas, tal como elas se nos apresentam ao nosso espirito. Entretanto, não desanime o professorado, não desanimem todos aquelles que com ele labutam na sua cruzada, e uns e outros continuem com persistencia, com tenacidade e com altivez, o caminho das revindicações de ha muito trilhado, mas ainda não conquistado.

1.º aniversário da lei de Separação

Como principio de liberdade de consciencia e de emancipação social, não podêmos deixar de dizer hoje algumas palavras ácêrca da lei de Separação, que ontem completou o seu 1.º aniversário, e que veio libertar o país do podêr clerical, a que há tantos anos estava submetido servilmente, como débaixo dum protectorado humilhante e hostil, quasi inquisitorial e draconiano, em que o trôno e o altar, identificados, queriam manter o predominio para esmagar de vez um povo que, já mal podendo respirar, não deixou nunca de ser heroico no sacrificio.

A lei de Separação, que a energia e o valor dum homem estabeleceu em Portugal para dar um golpe no clericalismo absorvedôr e destrutivo e para delimitar campos que se ameaçavam num antagonismo feroz, vem marcar na nossa historia uma época de rejuvenescimento e de glorificação nacional. Os tempos do papado e da inquizição no nosso país ficaram afundados num mar de lama, á voz potente dum homem que é a incarnação mais bela dos sentimentos que vibram na alma popular. Não ha Torquemadas de corôa ou tiara que possam reviver em Portugal os tempos ominosos dum passado de crimes.

O povo sabe-o bem, que muitas vêzes não teria vontade de pagar a *congrua*, dar anualmente a *pensão* e o *folar* ao padre, ou comprar a *bula* pela confissão, e a isso era obrigado pelo vampiro da sua consciencia cega que, se não conseguisse intimidá-lo com a excomunhão, ameaçava-o com a justiça.

O padre era o senhor absoluto do povo; o povo era o seu escravo. Se êle, ás vêzes, tentava erguer a cabeça, o padre punha-lhe em cima a sua pata de ferro e impunha-lhe obediencia. Se lhe perguntavam quem mandava em Portugal, êle respondia altivamente: Rôma. E, escudado sempre no trôno e no sólio pontificio que lhe abriam largas clareiras para êle escabrejar e para difundir as suas nêgras doutrinas, o padre, nas aldeias, fazia-se tirano, ladrão e devasso, ou então, afivelando a mascara da hipocrisia, adoçava a voz, compunha o semblante com um sorriso refalsado, e insinuava-se na alma ingénua do povo para conseguir os seus satanicos fins, que consistiam na conquista de votos para as urnas, dinheiro para a aljibeira, presentes para a barriga e mulheres para fazer filhos. Sobretudo, dinheiro, presentes e mulheres; e acima de tudo, escravisar o povo, obriga-lo a ir á egreja, a ser religioso, a uzar escapularios e breviarios, para agradar ao bispo, ao rei e ao papa.

Servilismo, sujeição, obediencia; agua-benta, hostias, missas e oficios —eis o que houve até 20 de abril de 1911. Desta data gloriosa em diante, todos estes erros, todos estes preconceitos, todas éstas superstições, que envolviam a mente obscurecida do povo, fôram demolidos a tiro de logica, fôram derrubados com as granadas do livre pensamento, que a Lei de Separação consubstanciava em si.

O longo periodo da soberania clerical agonisava com a aurora da emancipação da consciencia. O povo livre respirava. O padre era expulso do cérebro e da alma do povo, onde medrava como escalracho inutil. A separação do Estado da Igreja estava feita duma maneira clara, cabal, iniludivel. Aqui ficariam os carólas, os hipócritas, os morcêgos de jaquêta e de sotaina; além, voando para o ideal, estariam os homens de alma sã e corpo são, sobrepondo a razão ao dogma, numa crescente luminosidade de pensamento.

Foi nêste logar que nos colocámos, e é onde nos sentimos bem.

O povo emancipado prestou hontem homenagem a uma das melhores leis da Republica, como sendo um principio de bem-estar social. O *Dever*, associando-se hoje a essa homenagem de consagração publica, cumpre com um dos preceitos do seu programa, que é o respeito pelos principios altos que podem libertar e dignificar um povo e uma nacionalidade.

NOTAS

Um satiro de Sotaina

Foi ha dias castigado, em Inglaterra, um padre, tio do ex-rei Manuel.

Imaginam os leitores que esse castigo foi motivado por o padre papar... hostias de mais?

Não senhor, não foi.

Foi por gostar de... rapazes.

Que, afinal, os Braganças, todos tinham seus defeitos.

Uns batiam no peito e punham os olhos em *alvo*, direitinhos ao ceu; outros andavam pelas viélas, á caça de mocas perdidas; e outros... é o que se vê. Fazem coisas de fazer .. córar.

Tomáz da Fonsêca

Tomou assento na esquerda da Camara, este ilustre deputado da nação, combatendo d'ora avante junto do Partido Democratico Portuguez.

A imprensa avançada regista o facto com satisfação, porque, manda a verdade que se diga, é na estrema esquerda que Tomáz da Fonsêca está bem.

Amigo do pôvo, ele sabe falar-lhe ao coração, sabe ensina-lo e emancipa-lo, como tantas vezes tem demonstrado.

Ao ilustre democrata, envia o *Dever* um abraço.

Dr. João de Deus Ramos

Vae ser nomeado governador civil da Guarda, este ilustre pedagogista, honra da nação portugueza, diretôr e fundador do Jardim-Escola João de Deus, de Coimbra.

Aceitando o honroso encargo, o nosso querido amigo fará um dos grandes sacrificios da sua vida.

Mas ele é dos poucos que acima dos seus interesses põe os interesses da patria.

Felicitando-o, saudamos o snr. ministro do interior pela acertada escolha para tão elevada missão.

Zaragata no parlamento

Houve ha dias grossa zaragata no parlamento entre o deputado, snr. Santos Moita, e o snr. ministro da justiça.

Não ha meio dêstes snrs. deputados tomarem juizo.

Levam as coisas a brincar, imaginando que a nação se governa com risos e... palavriados.

Tenham juizo, Senhores Moitas.

Renúncia

Renunciou ao mandato de deputado o snr. Egas Moniz.

Quem o elejeu? Foi o povo, que ele não consultou para sair. E' que o ilustre clinico está mais disposto a tratar de urinas do que de leis e dos interesses coletivos de quem o mandou á Camara.

Arrufos...

Tomaz da Fonsêca

Dêste ilustre deputado e nosso presado amigo, recebêmos um opúsculo subordinado ao titulo: *Defendendo a Liberdade e a Familia*, que é um magistral discurso pronunciado na casa do parlamento contra o devasso padre José Fernandes Pimenta, do concêlho de Anadia, que, depois de têr violentado diferentes meninas, deixando-lhes o fruto dos seus instintos bestiaes, se põe em fuga para o Brazil, cômo qualquèr facinora ou cômo um monstro ascorôso.

O discurso do snr. Tomar da Fonsêca, onde vibra ardentemente uma alma de demolidôr conscienciôso dos sarcômas sociaes, é tambem um formidavel libelo arremessado ás faces do clericalismo farçante que procura insidiosamente contraminar a obra colossal da República Portuguêsa.

O clero hipócrita e fundibulário não conseguirá nunca vêr realisados os seus satânicos desejos, porque encontrará sempre de frente lutadôres denodados cômo Tomaz da Fonsêca, que não trepidam ante as arremetidas covardes dos tartufos da igreja. Será á custa dos enormes sacrificios dos apóstolos do Livre Pensamento que êsse inimigo da luz, que na sombra pretende envenenar a sociedade, ha de sêr esmagado tão duramente cômo se esmaga qualquer venenôso reptil.

O opusculo a que nos referimos traz em seguida a resposta do snr. ministro da Justiça ao discurso de Tomaz da Fonsêca, que é a confirmação do espirito arrojado e da consciencia rigida do snr. dr. Antonio Macieira, que é tambem um caudilho da emancipação da nossa sociedade, vexada pelo clericalismo feroz, e um intemerato defensôr da liberdade e da familia portuguêsa que espera devêr-lhe muito mais além do que lhe tem dispensado a sua dedicação de democrata ilustre e de cidadão conspicuo.

Ao nosso bom amigo, Tomaz da Fonsêca, felicita a redação do *Dever* pelo seu belo discurso de regeneração social, agradecendo a gentilêsa da oferta dum exemplar do seu opúsculo.

Anti-alcoolismo

Os perigos do alcoolismo sob o ponto de vista higienico e moral

Este cancro minaz da sociedade —o alcoolismo—que corrompe os organismos mais robustos e perverte os caratéres mais fortes, precisa de ser debelado por todas as fórmas para que se atenue o mais possivel os efeitos perniciosos e deletérios que êle póde causar.

O alcool é um inimigo social que orgina a miseria, que produz a quebra de dignidade, levando á ruina mais completa. A sociedade decadente inebria-se no seu arôma, na sua côr, na sua força transitória, na belêza e no brilho das suas pérolas e

dos seus rubis, adora-o como a um deus mitológico que opera transformações fantásticas, crê, cegamente nas virtudes enganadôras da sua energia, enaltece-o com um fanatismo desvairado, e quasi se ergue e se deita com o pensamento nêle, como se só nêle consistisse tôda a razão da sua existencia.

Mas o alcool, com a sua natureza felina e com o seu ar debochado e frascário, ri satanicamente no cérebro e na alma das suas vitimas que são os seus adoradôres, ironisa todas as bajulações que êles lhe preparam, estimnla-os com prazeres traiçoeiros a que prosigam nas suas devoções inglorias, e por fim, quando os tem fanatisado de todo, leva-os á desunião, á discórdia, á ira e á vileza, precipita-os no crime e na loucura, arremessa-os para o leito da agonia e da dôr, ou então, lança com êles nas enxovias, nos hospitais, nos manicómios, e finalmente no túmulo.

E' um inimigo irreconciliavel daquêle que deseja vivêr na sua companhia e que, sem se lembrar de que é um camarada perigôso, será uma vitima fatal da sua influencia destruidôra.

O pôvo, por isso mesmo que aufere com sacrificio aquilo que ganha, não deve, em face dos prejuizos fisicos e morais que acima deixâmos condensados, malbaratar o seu dinheiro nas tabernas, bebendo em excesso vinho e aguardente ordinária, e outras bebidas alcoolicas que apenas servem para abrir a desarmonia e estabelecer a ruina no lar, na familia, na sociedade.

Ao pôvo humilde que ignora os efeitos terriveis do alcool no organismo individual e social, vamos apresentar algumas noções que ha tempos coligimos, e que reputamos salutares para sua orientação e edificação, bastando apenas que êsse mêsmo pôvo as leia atenciosamente e forceje por se afastar quanto possivel dos perigos que fôrmos apontando e que são ocasionados exclusivamente pelo alcoolismo, que destroi sociedades, que degenera raças e arruina nações.

Lêde e meditai.

Ferro-viarios de Portugal

A falta da minha carta para alguns numeros passados do seu *Dever*, fez talvez pensar que eu abandonára esta secção.

Pois não, senhor; e tanto, que cá me tem. E' que as aguas da Curia, de que tenho feito uso, não me têm dado o resultado terapeutico desejado, tendo, por isso, andado incomodado, mal disposto, a ponto de não me ser possivel escrever. Nem jornais tenho lido, apesar de os comprar. Dada esta desculpa, que os meus leitores me aceitarão, por justificada, deixe-me que eu, antes de mais nada, entre no assunto que me preocupa.

No penultimo numero da *Via Ferria*, veio publicado um quadro do pessoal, que mais convém ás estações da Beira Alta — Figueira, Cantanhede e Pampilhosa, por emquanto.

Tal quadro deixa muito a desejar e nada honra quem o fez, porque, num golpe de vista, dá-nos logo a impressão nitida, clara, de que o seu autor está muito longe de conhecer o serviço das trez estações citadas.

Propõe-se o nosso homem proseguir na tarefa encetada; mas, com franquêza, se não ponderar melhor o que falta, de Luzo a Vilar Formoso, a derrocada será inevitavel e, nesse caso, é caso para se dizer que saberá fazer todos os quadros, menos o do pessoal das estações do caminho de ferro da Beira Alta.

Se, em 51 kilometros, saiu obra tam imperfeita, o que sairá nos restantes, 205!

Aguardamos o resultado, para depois fazermos os devidos comentarios.

Azul do Céu.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

VII

Promessas! Promessas!

De promessas, de boas palavras, anda já ha muito o magisterio primario mais do que farto. No tempo da monarquia, não houve um unico governo que promessas deixasse de fazer ao infeliz mestre-escola. Os politicos na oposição, esses consideravam as promessas, as boas palavras, como uma das vias indispensaveis para escalar o poder. Todos os dias eram entoadas lôas á instrução, á escola, ao professor—mas nunca se passou disso. Os factos, os factos convincentes, nunca apareceram. E a monarquia constitucional, a maldita monarquia brigantina, morreu miseravelmente, com aprazimento de todos quantos pela instrução se interessavam...

Implantou-se a Republica—a querida Republica já dos meus sonhos de adolescente, a concretisação do meu ideal de lutador, o regime por que bastante me sacrifiquei—e o professorado primario rejubilou. Escarnecido a cada passo, ludibriado constantemente, havia nela posto o olhar amortecido, como o nauta prestes a naufragar o dirige ao farol distante, que lhe indica o porto de salvamento. Não mais promessas fementidas, não mais boas palavras encobrindo na sua roupagem ironias pungentes. O governo democratico voltaria, decidido, as suas vistas para a escola, ocupando-se dela em primeiro logar. O professor seria posto, finalmente, ao abrigo da miseria, que implacavelmente lhe roe as energias que na educação do povo deviam de ser consumidas. Edificios escolares amplos, arejados, com luz entrando a jorros por rasgadas janelas, seriam levantados em substituição dos casebres repugnantes em que se abrigava o santuario da instrução. Carteiras envernisadas, espelhentes, graciosas e ageitadas; mapas, pesos, medidas e modelos manuais—guarneceriam esses edificios augustos, laboratorios onde constantemente se preparam os homens do futuro. E isto disseminado por todas as cidades, por todas as vilas, por todas as aldeias, ainda as mais sertanejas...

Que sonho, que belo sonho! Como ele me embalou a alma, como ele alentou durante mezes os meus infelizes companheiros de trabalho!

Publicou-se uma reforma de ensino, que aumentou um pataco nos ordenados dos professores de terceira classe. Não se tem construido um unico edificio escolar que obedeça ás modernas exigencias higienicas e pedagogicas. O material ensinante continua a ser o mesmo... Mas as promessas, as boas palavras, essas continuam a sair da boca dos nossos governantes. Até agora coube a vez ao venerando presidente da Republica. Na sessão inaugural do congresso pedagogico, ele foi em extremo amavel para comnosco. Mas isto de palavras, mas isto de promessas...

Senhores governantes deste paiz de analfabetos: nós, os professores primarios, que, como os senhores mesmo dizem, temos em nossas mãos tremulas o futuro da Patria, queremos factos—e não palavras; exigimos interesse pela instrução — e não promessas, que estamos habituados a nunca ver cumpridas!

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

O DESPEITO

O despeito é um sentimento que vexa e envenena as almas mais bem formadas. Um despeitado atúa sempre com inconsciencia, só procurando em tudo dar largas á bilis que o aflige.

Nunca é com serenidade que ataca e que combate, seja qual fôr o campo de luta em que se encontre.

Na arte como na politica, na literatura como na arte, a alma dum despeitado arde lentamente no fogo da malidicencia, sempre envolta numa atmosfera doentia e vergonhosa, procurando arrastar comsigo outras almas cujo fim, por temperamento e por educação, por norma de proceder, é caminhar a reta estrada do Bem e do Justo, da verdade limpida e pura que consola e nos atrae e nos arrebata para valorosos cometimentos.

A historia de todos os tempos constata-nos intelegivelmente que o despeito prostitue consciencias, com a mesma facilidade e semserimonia com que um mau apunhala um desgraçado que tranquilamente vae seguindo a sua rota, levando na mente a grata lembrança do Bem praticado, muitas vezes em pról de quem só procura feril-o em tudo e por tudo.

Um despeitado é um doido varrido. Quem se der ao trabalho de seguir de perto as evoluções do seu espirito, os zig-zagues do seu sentimento, parará atónito, espavorido, admirando-se de que na humanidade, onde só o amôr e o respeito mutuo deviam imperar, existam estes fenomenos tristes, duma tristeza tão profunda, que nos desentusiasma para a luta pela vida, para a norteada luta do aperfeiçoamento dalmas daninhas, de corações impedernidos para o patriotismo, para a abnegação, para a conquista logica dos logicos principios da emancipação humana.

Voltaire combateu incarniçadamente, combateu sem tréguas homens cujo despeito para sempre os aniquilou, para sempre os perdeu perante a Historia que, como ninguem, com imparcialidade sabe julgar.

E' que dum lado estava a Verdade, a Verdade gloriosa que purifica e inunda as almas de luz.

Do outro lado estava a superstição e a inveja, a mentira escancarada, que envolvia as almas de treva.

Amai a vida tranquila, e amai vos a vós mesmos, ó imbecis sem pudôr, já que o despeito, sarcastico e pedante, não vos deixa amar os outros, não vos deixa dos bons aproximar, vos inibe de com eles conviver lealmente, não vos permitindo, sobretudo, encarál-os de frente com altivez e desassombro, nem olhar o puro azul do ceu que tanto nos inebria e nos ameniza e nos refaz para receber os vossos traiçoeiros doestos de canibaes sem senso.

E Voltaire, na sua luta titanica de desmascarar os mentirosos, afiava cada vez mais a lamina cortante que os fazia constantemente em bocados tão pequeninos que nem a essencia mais tarde se lhe poude aproveitar.

Sem nos podermos comparar com o grande Mestre, nós vemos tambem que o despeito é proprio de sentimentos baixos, de caratéres castrados sem sombra de independencia nem vislumbre educação.

Que a vida está para os semvergonha, para aqueles que da mentira fazem arma de combate...

ALMEIDA JUNIOR.

FALTA DE ESPAÇO

Bem a nosso pezar, não têmos publicado ha mais tempo artigos dalguns nossos colaboradôres que só agora puderam sêr inseridos, ficando ainda alguns de reserva, por continuarmos lutando com falta de espaço.

A POLITICA PORTUGUÊSA

No pequenissimo prazo de 17 mêses, apoz a implantação do regime republicano em Portugal, nós vêmos, com um terrivel sintôma que de forma alguma póde por nós ser recebido com entusiasmo, que a familia republicana está já dividida numa porção de fações ou partidos politicos, a saber:

Partido republicano democratico, atualmente o mais bem organizado, e que tem como **caudilho** o grande parlamentar, dr. Afonso Costa.

União republicana ou **partido republicano evolucionista,** que tem como **chefes** os snrs. **Brito Camacho** e **Antonio José d'Almeida.**

Ha tambem o **partido dos independentes,** o **partido dos historicos,** etc., etc. Todas estas divisões no velho partido republicano português representam uma importante perda para **Portugal,** que atualmente atravessa uma grande e assustadôra crise.

A Republica não se fez para nela se desenvolverem as costumadas ambições da infame monarquia, que lhe ocasionaram a podridão dos seus alicerces.

Reparêmos nos êrros cometidos pelos nossos antepassados, e por eles veremos o caminho que atualmente têmos a seguir.

Achamos que é ainda muito cêdo para divergencias partidarias, que nada resultam em prol da Republica.

Nós não desejamos de forma alguma a divisão dos homens, antes pelo contrario, queriamos que se unissem os grandes e os pequenos, e trabalhassem todos para um unico fim — o de consolidar a **Republica.** No atual momento não ha, nem póde haver monarquicos, e pela mesma razão não pódem existir divergencias nos grandes homens da **Republica.**

Formar partidos, é dividir os homens, e dividi-los é desmembrar, na presente conjuntura, todas as energias, todos os elementos ativos, que afinal ainda não têm a precisa eficácia para combater as doenças de que se acha atacado este organismo nacional. Unam-se os homens, deixem-se de ambições, e dediquem a sua atividade e a sua forte inteligencia em beneficio deste país, que outrora foi grande e incomparavel.

Repetimos: é muito cêdo para divergencias partidarias.

Antonio d'Oliveira Guerra.

GRALHAS

No artigo do nosso presado colaborador, Custodio Mendonça, inserto no n.º 7 deste jornal, sairam as seguintes: «... cancro que ramifica os seus tentaculos...»; «E o jogo o que mais é do que enfermidade...»; «... pódem vir, cedo ou tarde, influenciar...»; «... para casos que exigem o estado e reflexão...»; «Sobre o assunto vamos dizer...»; «... por via de falta de orientação...»; — onde deve ler-se respetivamente:— « .. cancro que logo ramifica os...»; «E o jogo não é mais do que insanavel enfermidade...»; «... pódem vir, cedo ou tarde, a influenciar...»; «... para casos que exigem estudo e reflexão...»; «Sobre este ponto vamos dizer...»; «... por via da falta de...».

Tambem no artigo do nosso distinto colaborador, Torres Caldinhas, saiu: «... os elogios normas da depressão» em vez de: «... as elegías mornas da depressão», além doutras de menos importancia, que os nossos leitores facilmente corrigirão.

Que os nossos amigos nos desculpem os lapsos de revisão.

CASOS DA SEMANA

Visitas

Visitaram-nos nesta redação, o snr. Alfred Prévost, zelôso inspetor dos telégrafos da Beira Alta, e o snr. Joaquim Figueirêdo, dêste logar, ambos nossos estimados assinantes.

Lutuosa

Vitimada por uma congestão, faleceu ha dias uma filhinha do administrador dêste jornal, snr. Antonio Baía, o qual lamentamos por sêr vitima de mais este desgosto.

Tambem se finou em Fornos d'Algôdres, sua terra natal, após prolongado sofrimento, o pai dos nossos amigos, snrs. José, Joaquim, Antonio e Vitorino Martins da Costa, empregados da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira-Alta, em Pampilhosa.

Aos nossos amigos enviamos sentidos pêzames.

Suicídio

Motivado por desgôstos da existencia, enforcou-se na terça-feira passada, nas Faiscas, logar de Arazêde, Miguel Marques da Cruz Gonçalves, irmão do nosso camarada de redação, Cruz Gonçalves.

A este nosso amigo, a expressão do nosso sentido pezar.

Pic-nic

Num sobêrbo pinhal do Bebedouro, desta freguezia, respirando o ar saturado dos pinheiros frondosos, reuniu na quarta-feira o nosso amigo Arderadio Soares Folkihée, alguns dos seus amigos, aos quaes ofereceu um esplendido banquête, que decorreu animadamente.

De passeio

Para assistir ao eclipse do dia 17, partiram daqui neste dia para Aveiro, em biciclete, os nossos amigos Alfredo Ferrão, Humberto Beirão e Antonio Ismael, donde regressaram no dia 19.

Pela justiça

De Montemór vieram aqui na passada quinta-feira o Meretissimo Juiz de Direito, Dr. Delegado do Procurador, Dr. Loureiro, o escrivão, snr. Bobela Mota e o oficial Neto, e da Carapinheira, o Dr. Alfredo Couceiro, para procederem á autopsia ao cadaver de Miguel da Cruz Gonçalves, a qual não chegou a efetuar-se por este ter entrado já em decomposição.

Regresso

Regressou de Celorico da Beira, com sua esposa e filhinho, o nosso presado amigo, snr. José Gomes de Almeida, digno chefe do caminho de ferro desta localidade.

O paquete maior do mundo desaparece nas ondas

Naufragou o vapor *Titanic*, que deslocava 50:000 toneladas e havia custado 2 milhões de libras. Em consequencia de ter batido contra um banco de gêlo da Terra Nova, afundou-se, arrastando comsigo mais de 1:500 vitimas. A catastrofe, que se deu depois das 22 horas, deu logar a scênas horrorosas durante toda a noite. Homens completamente alucinados e mulheres com o rosto banhado em pranto procuravam a todo o custo obter informações dos empregados, que pouco sabiam do sinistro. Calcula-se que o numero de naufragos, compreendendo passageiros e tripulação, seja de 2:200, salvando-se apenas 675.

As perdas em dinheiro são tambem enormes. Além do valor do navio, sabe-se que na carga seguia um milhão de libras esterlinas em diamantes, 120 mil libras em perolas e alguns milhões em moeda. Diz-se que as companhias de seguros nunca sofreram um golpe tão terrivel.

Henri Brisson

A politica francêsa acaba de perder uma das figuras mais integras da moderna democracia. Henri Brisson, que na imprensa e no parlamento deu

Poetas e prozadôres

ANOITECER

Que é o anoitecer?

E' o sol, no ceu, descendo manso e manso para adormecer no mar, lá longe, por detraz do pinheiral; o canto estridente da cigarra que vê fugir a luz, descuidada, a balouçar-se nas hastes dos trigais; um regato serpeando, a descer a colina, por entre macissos de verdura e flôres silvestres, e que, ao beijar a rama dos salgueiros, lhes segreda, em cantos misteriosos, romances inteiros de poesia e de amôr; e depois, a pouco e pouco, o silencio; a sombra que vai descendo sôbre as sarças; um tenue odôr que delas se evola e que a flutuar se espalha pelos campos; a solidão; a lua que começa a nascêr, a mêdo, receosa, por vêr ainda ao longe os ultimos clarões do sol que morre; um fluido estranho que se adivinha no ar, que se sente aproximar-se, infiltrar-se-nos na alma, apoderar-se de nós, prostrar-nos num dôce cançaço, derramar-nos no coração uma tristeza que consola, um desejo louco de apertar nos braços a mulher que amamos, e, devagar, meigamente, irmos unindo nossos lábios aos dela, num beijo longo, imenso, infinito.

*

Sôsinho, sentado numa rocha núa, eu contemplava êste espectáculo sublime da luz que foge diante das trevas.

A meus pés um tapête imenso de verdura, um pinheiral chorando com a briza, as espigas loiras das searas já maduras.

Por sôbre a minha fronte o azul do céu, o ar, a vida, a liberdade, mas a liberdade verdadeira, essa mêsma que tem a aguia, quando em vôos majestosos, se eleva, rainha dos ares, á imensidade do infinito, ou quando em noites de tormenta desafia a tempestade dos cimos alterosos dos granitos seculares.

E eu ouvia, cômo num gemido, o grito colossal, mas longinquo, das ondas que morriam despedaçadas contra a massa informe dos rochêdos da costa. Nos ramos dum salgueiro um rouxinol cantava.

E eu distraído, desfolhava um malmequer: *bem-me-quer, mal-me-quer*... E ao mêsmo tempo passava-me pela mente a dôce recordação de uns olhos azues muito meigos e de uns cabelos castanhos muito belos... *bem-me-quer, mal-me-quer*... O rouxinol calou-se e fugiu, e ao longe, o sol, mergulhando no Oceano, apagou o ultimo raio que ainda brilhava incerto:

Era noite.

Corrêa Monteiro.

sempre provas de grande justiça e austeridade, foi um adversario do clericalismo e um livre-pensador incorrutivel. Era presidente da camara dos deputados e faleceu com 77 anos de idade.

No leito

Está gravemente enfermo o nosso amigo, snr. Francisco d'Almeida, de Vila Franca, a quem desejamos pronto e completo restabelecimento.

— Tambem está doente em Marvão o nosso presado assinante, snr. Ramiro Madalena e Monet.

Desejamos as melhoras do nosso amigo.

Aniversarios

Passou hontem o aniversario natalicio do snr. João da Costa e Melo, pai carinhoso do nosso querido diretor.

— Tambem hoje passa o aniversario natalicio do nosso amigo, snr. José Augusto Marques e Melo, inteligente farmaceutico em S. Pedro d'Alva e irmão do nosso presado director.

A todos felicitamos.

Entre nós

Esteve entre nós o nosso presado amigo, snr. Manuel d'Almeida Junior, Chefe de Brigada da Companhia Internationale des Vagons-Lits e des grands express Européens, retirando já para Lisboa.

Boa viagem.

Correspondencias

Figueira da Foz, 12|4|912

(*Retardada*)

Já tomou posse do cargo de novo administrador dêste concêlho, o snr. Antonio Bernardo, que corretamente exerceu iguaes funções em Montemór-o-Velho.

Folgamos deveras com esta nomeação.

=== Encontra-se na sua casa do Viso, passando as ferias parlamentares, o ilustre deputado por este circulo, snr. dr. Cerqueira da Rocha.

=== Estiveram de visita ao snr. Manoel de Oliveira Junior, o snr. João Moreira, 1.º cabo da guarda fiscal, destacado em S. Pedro de Muél, sua ex.ma esposa e filho.

=== Estão-se preparando para seguir para os bancos da Terra Nova, via Lisboa, os ultimos navios que constituem a flotilha bacalhoeira, desta praça.

Boa viagem.

=== A barra desta cidade, tem tido nestes ultimos dias algum movimento, mas em breve se tornará a encher de areia (açoriar) e esse movimento findará por um mez ou mais.

Oxalá que assim não seja.

A. de Oliveira Guerra.

Montemór-o-Velho, 18.

Consta que o snr. Presidente da Comissão Administrativa, tomou a seu cargo o pelouro desta vila em substituição do seu extinto colega, prometendo continuar os autorisados empreendimentos deste, e alem disso, a proxima construção do Matadouro Municipal.

Não duvidariamos das bôas e louvaveis intenções de sua ex.ª, pois que são dignas de todo o apoio e consideração, se a ultima parte do seu programa se nos não afigurasse sobremaneira impraticavel, levando-nos á convicção de que não passará de mais uma *blague* eleiçoeira.

E a prova é esta:—Como pode acreditar-se a serio nessa tão falada construção, se no orçamento do corrente ano não foi averbado um unico real a favor de tão preciso melhoramento?

Factos desta natureza, suficientemente comprovam que a historia da proxima construção do Matadouro, não passará de um absurdo, a não ser que as verbas do orçamento sejam de composição elastica, o que nos parece impossivel.

Pois não foram sua ex.ª e seus ex.mos colegas que fizeram ou deviam fazer o orçamento?

Creio que isto seria suficiente, para que o snr. presidente da comissão administrativa nos não prometesse tão cedo a suposta construção do suposto Matadouro. Que sua ex.ª dê cumprimento ás obras do seu antecessor, disso não temos a menor duvida, pois que o contrario seria uma ilegalidade impropria do seu belo caráter, e uma afronta aos habitantes desta vila, por quanto nos não é desconhecido no atual orçamento, as verbas destinadas aos melhoramentos a que durante o presente se tem de dar cumprimento; taes como: sessenta mil réis destinados á aquisição de um mostrador para o relogio oficial desta vila, e duzentos mil réis para a expropriação e arruamento do velho cazebre contiguo á casa onde habita o cidadão Fernando Augusto Barbosa, e outros que se nos torna ocioso designar.

Eis, pois, ex.mo vereador deste pelouro, por quem tenho a maxima consideração e respeito, exposta despretenciosamente e com a simples nitidez que me caraterisa, a razão das minhas duvidas.

Kene Muene.

ANNUNCIOS

Editos de 30 dias

(*1.ª publicação*)

NA comarca de Montemór-o Velho e pelo cartório do terceiro oficio correm editos de trinta dias, citando Joaquim d'Oliveira Manco, casado, proprietário, de Vila Franca, freguezia d'Arazêde, desta comarca, e ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para na segunda audiencia dêste juizo, depois de findo o prazo dos editos, vêr acusar a citação na acção ordinária que lhe move e a outros Maria Terêza, solteira, tambem de Vila Franca, e em que pede o pagamento do que lhe fôr liquidado de soldadas, pelo tempo que estêve ao serviço de seu sôgro Manuel d'Oliveira Mauricio, do mêsmo logar, dêsde janeiro de 1887, até 9 de março de 1911, data do seu falecimento. As audiencias nêste juizo fazem-se ás segundas e quintas-feiras no tribunal judicial dos Paços do Concêlho, da Praça da Republica desta vila.

Montemór-o-Velho, 23 de Março de 1912.

O escrivão do processo,

José de Paiva Bobela Mota.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Fabrica de bolachas e biscoitos da Estrela

Couraça da Estrela, 1 a 15

COIMBRA

Esta casa é que melhor fabríca e vende em melhores condições.

O Proprietario,

Manoel Pereira Junior.

TRIPA

DEPOSITO DA CASA ANJOS & C.ª

João Vieira da Silva Lima

COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Conformoderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobies et Voiltures

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

Manoel d'Oliveira Junior

Rua da Republica, 84 a 88

FIGUEIRA DA FOZ

Compra madeiras em todas as dimensões e pinhaes em qualquer parte do paiz.

Encarrega-se de fornecimentos de madeiras para Portugal e estrangeiro.

Tem na Figueira da Foz, depositos de madeiras, em taboas, vigas, travessas, sualhos, etc.

Quem quizer vender madeiras, dirija-se em carta ao escritorio, que receberá em seguida uma nota de preços.

Pagamento, á vista da fazenda.

Venda de Pinhal

Vende-se um de madeira e lenha. Quem pretender comprar dirija-se a seu dono, MANOEL JORGE FERNENDO, do Bebedouro—Arazêde.

7 **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

— Diz muito bem, snr. Lopes— confirmou logo Julio, dando aos hombros. — Isso são caprichos de meu pai.

— Pois serão; mas ainda assim eu aconselho-lhe muita prudencia para lhe não causar desgôsto. Olhe que o senhor seu pai saíu daqui para Lisbôa sem mancha alguma na sua honra, e deixou cá muitas simpatias. Veja se consegue imitar aquele meu grande amigo em tudo, porque ha de ser muito feliz. Agora quanto a servi-lo, perfeitamente, em tudo o que o senhor quizer, a minha casa está ás ordens.

— Muito obrigado, snr. Lopes.

— Não tem que agradecer. Hoje fica cá; e ámanhã, conforme me pede seu pai, eu tratarei de procurar uma casinha como lhe convem. Mas fique certo de que tem sempre aqui um amigo para o servir em tudo o que o senhor quizer.

— Mais uma vez obrigado.

— Eu não digo isto para que me agradeça; mas sim porque gosto de ser franco para com os amigos. Ora então fiquemos entendidos.

Nesse dia ficou Julio em casa do snr. Lopes, e este, no dia seguinte, arrendou-lhe uma casa, trastejou-a e estabeleceu nela o seu novo freguez.

Na primavera da vida, emancipado de todo o jugo paterno, bafejado pelas auras da fortuna, espanejando todos os vôos da liberdade, Julio, longe de pensar em pôr um dique ás suas paixões, fantasiava uma nova existencia em que empregasse todos aqueles meios de acção.

Nos dois primeiros anos contava o moço academico numerosos amigos, dentre os seus condiscipulos, que o concitavam á vida doudejante dos prazeres, afervorando-lhe a indole naturalmente buliçosa, e compelindo-o a malbaratar, como eles, as horas consagradas ao estudo.

A vida academica é isto: noites espumantes de alegria, em desgarrados cantares e ceias lautas e báquicas, a que assistem conturbenais quasi sempre desprovidos dum unico ceitil, mas que, se acertam de dar com um colega de bolsa recheada, tratam de o ilaquear com tais afagos e respeitos que o colega festejado está sempre no seu convivio e é convertido em tesoureiro encarregado de liberalmente cooperar para os opiparos banquetes.

Foi o que sucedeu com Julio Dâly. As mesadas que o pai lhe mandava e que dirigia para o seu correspondente e velho amigo Antonio Lopes, comerciante, eram antes do fim de cada mez esbanjadas completamente, vendo-se aquele muitas vezes obrigado a comprometer a sua bolsa para ocorrer ás despezas extraordinarias do boemio estudante.

Não raro o aconselhava Antonio Lopes a que moderasse as suas despezas e os seus prazeres, a que se afastasse quanto possivel daqueles que o especulavam pelo seu dinheiro, e que cuidasse um pouco mais dos estudos se queria alcançar laureis e dar alegria ao pai.

Respondia-lhe Julio que a vida não consistia só na boa moral, que era novo, que se queria divertir, que o seu temperamento era dado á folia e que estava morto por liberdade para poder gosar a seu bel-prazer.

Voltava o comerciante, dizendo que tambem era amigo da liberdade, mas da liberdade comedida, sem desmandos, que não causasse prejuizo a quem usasse dela; e ele então replicava com um encolher d'hombros e virava costas.

Escrevia Antonio Lopes ao jurisconsulto a contar-lhe o procedimento do filho, os esbanjamentos que por cá fazia com ceias, os pedidos frequentes de dinheiro para despezas inuteis e a indiferença com que ele recebia os seus conselhos. E o causidico dirigia cartas ao filho, cheias de reprimendas, lembrando-lhe o que lhe tinha recomendado antes de sair de Lisboa e ameaçando-o de lhe reduzir as mesadas, com ordem ao seu correspondente de lhe administrar apenas o dinheiro indispensavel para as despezas ordinarias, se persistisse em continuar a vida ociosa que levava.

Julio, não de todo surdo ás vozes paternas, sofreou por algum tempo os impetos do prazer, mas foi para se retemperar para vida mais larga.

As noitadas perdidas em ceias e descantes não o comprometeram todavia demasiado na sua vida academica, porque possuia o valoroso auxilio da inteligencia e do pai, que o patrocinava para com alguns lentes das suas relações. Não lhe foi dificil, portanto, chegar ao quarto ano de medicina, embora sem louros que o recomendassem.

Nesta altura é que Julio não pôde continuar a ser moderado nas acções, porque lhe bacorejava talvez que aos colegas fosse impertinente tão insolita regeneração de costumes. E agora é que verdadeiramente vai começar a novela.

II

Para defronte da casa onde habitava Julio tinha vindo residir uma velhota, em companhia duma rapariga, sua neta, ambas costureiras de roupa branca, colêtes e alças, que parece que era do que viviam.

A rapariga, que orçava talvez pelos vinte anos, apresentava-se decentemente trajada, era de feições belas e distintas, estatura mais que mean, larga de hombros e de quadris, fórmas volumosas e regulares.

Consta que em vida do pai recebera educação mais esmerada, quer em letras, quer em lavores, mas que a necessidade a obrigára a descer.

A velhota não vale a pena descrevê-la, que não é personagem importante da historia.

Julio, quando deu conta da formosa costureira, que costumava ir todas as tardes trabalhar para uma janelita baixa, ficou enamorado das graças dela, e desde então não deixou de ir para a janela do quarto relancear-lhe requebros de olhar e fazer-lhe gestos ameigados.

(*Continúa*).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Rua Ferreira Borges, 155 — 1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro—**Joaquim Coca Junior.**

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

FORTUNATO VAZ

CAMARNEIRA—CANTANHEDE

Agente da casa O HEROLD & C.ª de Lisboa, Porto e Pampilhosa para venda de adnbos quimicos e organicos nas regiões da Bairrada, Gandara, Aveiro, Coimbra e Beira Alta

Os adubos de HEROLD, os mais conhecidos e acreditados, devem ser preferidos por todos os lavradores. Tem as marcas registadas FOICE e TREVO DE 4 FOLHAS.

Para os vinhedos e milharais aconselhamos além das marcas especiais, CAL AZOTADA conjuntamente com FOSFATO TOMAZ e KAINITO.

Para as batatas as marcas especiais FOICE HEROLD e PURGUEIRAS dão um resultado magnifico.

Depositos em Cantanhede, Mogofores e Oliveira do Bairro.

Dirigir por postal a
FORTUNATO VAZ
Camarneira = Cantanhede

DOMINGOS LINO GASPAR

Armazem e oficina de moveis e estofos, mobilias completas, colchoria e camas de ferro. Oleados, baguetes e muitos outros artigos.

128—Rua do principe—130

Figueira da Foz

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

ALFAIATE E MERCADOR

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta

164, Rua do Principe, 168

FIGUEIRA DA FOZ

Sucursal em Leiria, Praça das Galinhas, sob a firma Abrantes & Genro.

Sortido em fazendas de lã e algodão, nacionaos e estrangeiras.

Varinos d'Aveiro, capotes á cavalaria e gabões para homem e creança.

Encarregam-se de qualquer encomenda para fora da terra

Faz os mercados de Montemór-o-Velho, Guia a Monte Redondo, onde pode ser procurado pelos seus freguezes de fora da Figueira e Leiria.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

LOJA DO POVO

Mercearia, ferragens, fazendas brancas e papelaria. Deposito de tabacos e fosforos. Papeis *Duc*, *Lecosmopolite* e outros, para cigarros. Fosforos de cera e amorfos. Sabão, etc., etc.

Desconto da tabela da companhia.

Vendas por junto e a retalho

Bernardo Gonçalves Ferreira

Montemór-o-Velho

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

1.º Ano — Arazêde, 28 de Abril de 1912 — Numero 10

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 réis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 réis; na 3.ª, 40 réis e na secção respetiva, 30 réis.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado

O DEVER

ASSINATURAS

Portugal e Colonias Portuguezas.—Ano, 999 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis.
Brazil.—Ano, 2$000 réis, fortes.
Numero avulso, 30 réis.

Redação e Administração—ARAZEDE
Oficina de Composição e Impressão—Tipografia Silva (a vapor)—Largo do Espirito Santo—AVEIRO.

Director, editor e proprietario — MANUEL DE MELO
Redactor principal — Humberto Beirão

A correspondencia deve ser dirigida ao director deste jornal

Patria e Humanidade

SEMANARIO REPUBLICANO

Redactores: — J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz e Soveral da Rocha

Secretario, Augusto Baia — Administrador, Antonio Baia

Maus republicanos

Se fosse possivel conseguir que todos os republicanos, militantes ou não militantes, lessem ou relessem os instrutivos capitulos que constituem o grandioso drama humano da revolução francêsa, estamos absolutamente certos de que as desuniões que se fomentaram, entre alguns correligionarios, não se teriam sequer manifestado nem defenido.

Esse drama da liberdade nova, raio arrancado á noite densa de um passado de iniquidades, é, todo ele, desde a primeira scêna até ao seu lamentavel epilogo, um perfeito e admiravel ensinamento para os vindouros. E' um catecismo de patriotismo e de politica. As rivalidades entre as figuras primaciaes da Revolução, mais de cem vezes lançaram a liberdade no abismo da invasão estrangeira e nas mãos dos adversarios, e só o patriotismo do povo conseguiu arrancá-la, outras tantas vezes, da derrota iminente e afrontosa.

Essa propria desunião é que foi a causa remota, mas verdadeira, do rio de sangue que correu da guilhotina e dos pateos das prisões. O povo, vendo-se abandonado por uma legião, aliás brilhantissima, de revolucionarios proeminentes em rivalidade com outros companheiros de armas, juntou-se áqueles que sempre se mantiveram a seu lado, incitando-os á pratica de todos os átos de excéção e de violencia, mas sem os quais—hoje se observa—a Revolução teria necessariamente caido sob a conjura dos emigrados realistas, com Bouillé, ou dos traidores despeitados com Dumouriez, ou do invasor, com a Prussia e a Austria.

Se o ponto de vista dos revolucionarios se mantivesse coordenado, homogeneo, numa áção comum de defesa e ataque, com o fim unico e absoluto de consagrar a liberdade, desinteressados de partidarismos e das igrejinhas metafisicas que de alguns deles fizeram, como de Robespierre, espiritos sem amplidão, muito possivel seria que não tivesse havido a necessidade de condenar o rei e a rainha, de executar centenas de suspeitos e réus de realismo, de mistura com algumas centenas de revolucionarios que, sendo-o, ou tendo-o sido, não escrupulisavam em ferir a propria Revolução, entregando-a ao inimigo, desde que ferissem tambem os antigos camaradas do 14 de Julho e do 10 de Agosto.

*

Vencida cem vezes esteve quasi a Revolução, pelas desuniões que lavravam entre as figuras principaes que tinham plantado a arvore da liberdade; mas cem vezes a salvaram, o povo e aqueles que, atravez dos episodios mais tragicos, sempre se conservaram intransigentemente ao lado dos principios fundamentaes da Revolução.

O exemplo de patriotismo, de abnegação, de augusta fé na liberdade, dado pelo povo, é tudo quanto de mais belo e comovente conhecemos em toda a historia! Foi ele que, esfarrapado, sem pão, ameaçado de perigos e crivado de injurias pelas nações estrangeiras, sufocou a revolta formidavel dos *chonaus*, sustentou intacta a linha da fronteira, derrotou exercitos, deu força e autoridade moral aos reorganizadores do novo estado civil e militar, firmando, por fim, vitoriosamente, uma liberdade que se destinou a todos os povos da terra.

O golpe cezarista de Bonaparte fechou a Convenção, mas a liberdade creára raizes na terra, florescêra e frutificára. Como o pólen, ela correra com os ventos atravéz do mundo e fecundára o mundo! E foram ainda a desunião e as rivalidades que, por intermedio de Luis Bonaparte, armaram o futuro tirano, traidor á Revolução e á liberdade.

Quem não leu, que leia; e quem leu, e já está esquecido, que releia aquela Biblia do bom democrata. Ha ali muito que aprender. Vêem-se os desastres sucedidos relacionados claramente aos erros anteriormente cometidos. E' um tratado, pratico e experimental, de filosofia da historia; é o mais fulgurante e luminoso catecismo em que os republicanos portuguêses pódem aprender a maneira de bem realizar a democracia, tornando-a vitoriosa. Ser republicano não está em proclamar que se é republicano;—está em prová-lo, está em demonstrá-lo.

Não basta estar matriculado nos clubs, nem arregimentado nos grupos. O que é necessario, é estar firme e desciplinado sob a bandeira. Dizer-se republicano um cidadão, bradá-lo, clamá-lo, e, na primeira oportunidade, esburacar a bandeira com um chuço, na esperança de atingir o correligionario que não é de seu gosto, é um crime imundo, como a identicos atentados chamou Danton.

Admoestar o correligionario para salvar a bandeira, é justo e necessario; tentar esfarrapa-la para ferir o companheiro na mesma confissão politica, é crime de cuja severa sentença não póde haver recurso.

MARIO SIMÕES DA SILVA.

João de Barros

Têmos o grande prazér de anunciar aos nossos leitôres que brevemente vem honrar as colunas do *Dever* o nôme ilustre e consagrado de João de Barros, o glorióso autôr do *Anteu*, que toda a imprensa portuguêsa tem exaltado justiceiramente cômo um poêma de fôlego e de moderna literatura.

Folgamos em dar esta noticia, que muito nos orgulha e que por certo ha de enchêr de júbilo o espirito dos nossos leitôres, que vão têr ocasião de apreciar a prosa brilhante do ilustre escritôr.

NOTAS

Conselheiros

Lemos num jornal da provincia, que noticiava a recéção feita a um governador civil, que, entre muitas pessoas politicas e não politicas, estava tambem o snr. *conselheiro* fulano, etc.

Ora nós pensávamos que essa *coisa* de conselheiros tinha feito sua época, e que a Republica não precisava de conselhos de... conselheiros monarquicos.

Ou tambem ha conselheiros republicanos?

Estamos já em acreditar que sim, nestes tempos luminosos do *evolucionismo*...

O chapeu alto

Todas as vezes que vemos um chapeu alto, nestes desventurados dias de fome em que nem para chapeus baixos ha *bago*, enchemo-nos de rir.

O leitor admira-se? Não tem que se admirar. Daqui a dois dias até a meiga Republica passeará na rua de chapeu alto e colarinhos até ás orelhas.

Estes cocheiros...

— E o pobre *zé* povo descalço!

Doélos

Por dá cá aquela palha, zaz, um doélo.

Mas o que tem sua graça é que ainda não vimos nenhum doelista ficar, no fim da refrega, a pão e laranjas.

Eles lá têm suas razões.

Se é á pistola, têm o cuidado de disparar para os astros; se é á espada, de bater... no vento.

Outro tanto não aconteceu ha pouco ao meu galo que, por causa da sua... amada, deu cabo da crista ao galo da visinha, que ha meia hora roga pragas.

Estes doelistas de meia tijela são levadas do diabo.

Mas... são coisinhas portuguezas.

Malfeitores

Dois desconhecidos, malvados sem coração, acabam de fazer descarrilar um comboio, na linha de Cherbourg á Barfleur, proximo da estação de Flamands, colocando sobre os *rails* duas grandes pedras.

Felizmente apenas ha que lamentar prejuizos materiaes.

E aí está como a vida dum desgraçado que socegadamente vae seguindo jornada, ás vezes periga, por culpa de malandrins para quem todos os rigores eram poucos.

Massacres em Fez

Na renhida luta travada entre marroquinos e francezes, em Fez, ficaram mortos, alem de muitos civis, 17 oficiaes do exercito francez.

O governo tem proibido informações telegraficas.

Algumas noticias recebidas têm vindo por radiogramas, e mesmo essas, sob a vigilancia da policia.

E eis em que dá a gananciosa cubiça da humanidade.

Mortes, lutas constantes, para fazer... historia.

A estação telegrafica em Fez foi assaltada, e segundo noticias recebidas na redação do *Matin*, importante diario parisiense, foram tambem mortos o correspondente deste jornal e sua esposa.

Seja tudo por amor ao... *evolucionismo*.

Atacados de raiva

Em Faro deu-se ha dias um caso lamentavel, que originou que perto de cem pessoas fossem atacadas de raiva.

Foi o caso dum vitelo ter sido mordido por um cão idrofobo, contraminando este a vaca amamentadora, de cujo leite se abasteceram varias pessoas.

Na terça-feira chegaram a Lisboa, para receber curativo, cêrca de 70 pessoas atacadas da terrivel enfermidade.

...E tanto cão por aí á solta...

Capitão Girão

Acaba de ser alvo duma carinhosa manifestação de simpatia, por parte dos seus soldados, este ilustre oficial do exercito portuguez, comandante duma bateria aquartelada em Figueira da Foz.

Oficiaes dêste quilate moral honram a farda que envergam, honrando a corporação a que pertencem.

Ao nosso presado correligionario, um dos antigos e leaes batalhadores em pról desta patria amada, envia a redacção do *Dever* cordiaes felicitações.

Coisas reais em... leilão

Está sendo vendida em leilão a mobilia da ex-rainha Maria Pia. Coitada da pobre morta, que ainda não era das peiores.

Mas os credores não querem saber de desgraças. O que querem é... dinheiro.

Pobres braganças, ao que eles haviam de chegar.

Rendas escolares

Já chegou ordem para o pagamento das rendas de casas escolares e de habitação para os professores, relativo ao 2.º semestre do ano preterito, dentro do concelho de Montemor-o-Velho.

Estas dividas do Estado são sempre pagas em pequenas dóses para não *arrombar* os cofres publicos, que só não têm dinheiro para pagar aos professores, e são sempre atrazados, para que o Estado não perca nunca a justa denominação de *caloteiro*. Algumas ha que não se pagam, e então é que este epiteto fica a matar...

Mas o que é de causar calafrios é que o Estado, sempre a queixar-se de que *não tem dinheiro*, continua a pagar a renda do *pardieiro* escolar do sexo masculino do logar de Arazêde, que rende anualmente 15$000 réis, e quem está recebendo esta quantia é cá o prior do burgo, que se abotôa com ela... porque o governo cái na tolice de lh'a dar—apesar da lei da Separação.

O snr. Ministro do Interiôr não sabia disto? Pois nós já noutro logar dêste jornal lh'o dissemos, e sentimos bastante que se praticasse tal ilegalidade.

Quantos *quinze mil réis* andarão assim á matroca por esse abençoado pais!...

OS ALTOS PRINCIPIOS

(*)

Educação moral e civica

III

A ESCOLA

A Escola é o templo aberto á glorificação da Humanidade; é o cadinho d'oiro onde se fundem caratéres, e é o berço da luz onde a criança é docemente embalada até entrar no campo vasto e fecundo da vida real, da vida concreta.

Educada convenientemente a criança na familia, até á idade em que as ideias começam de relacionar-se-lhe no cerebro, cumpre aos pais insinuar-lhe no espirito a ideia sublime, a ideia geradora de todo o Bem terreno e de todo o Bem da alma—a ideia da Escola — aliada edificantemente com a ideia-mãe, com a ideia originaria de toda a felicidade do coração—a ideia da Natureza.

Este deverá ser o preludio da epopeia a realisar-se no tablado grandioso da Humanidade.

Em seguida, transposto pelos soldados juvenis o grande portico do templo, trava-se então a peleja, peleja de espiritos, peleja de sombras de muitos intelectos com a luz brilhante dum só camartelo, esforço tocante de pequenos herois, lutando pela conquista dum grande futuro.

E' a Vida.

E em verdade, é uma nobre missão essa de fazer luz em celulas escuras, de tornar fertil, vegetativo, um terreno inculto, safaro e maninho; mas não é menos alta a missão de implantar a Verdade, o Amor, o Bem, a Sinceridade e o Sentimento no pequeno santuario d'almas, que se enaltecem e se virilisam, ao mesmo passo que os grandes principios se vão radicando nelas e as depuram cada vez mais e as glorificam sucessivamente.

E' a formação do caráter.

A quem compete este encargo?

A um só homem?

Não. E', em primeiro logar, a uma pequena sociedade, formada pelo professor e pela familia, e auxiliada pela boa intenção desta e pela larga videncia e consciencia pura daquele.

Em segundo logar, compete á sociedade inteira, já evangelisada, já constituida para educar, já fortificada pelos preceitos da verdadeira Moral e do sagrado Dever.

A familia começa de alicerçar equilibradamente; a Escola constroi pujantemente o edificio, auxiliada pela familia; e a sociedade mantem esse edificio e vela pelo seu bom estado de conservacão, não o deixando deteriorar, não o deixando cair em ruina, exercendo todo o poder de reparação, se porventura acusa um principio de desabamento.

Só assim póde conseguir-se a organisação de caratéres.

Serão uma utopia os meios a empregar?

Utopia será tambem o desiderato que se acalenta.

Um só dos tres factores — Familia, Escola e Sociedade — não póde realisar o fim grandioso a que mira o Evangelho dos crentes.

A Familia é impotente sem a Escola, que aperfeiçoa o individuo, e sem a Sociedade, que geralmente o corrompe.

O papel da Escola é um mito, sem o concurso benefico, sem a obra similar da Familia, e sem a consciencia nitidamente organisadora da Sociedade, que desrespeita o trabalho moral dos primeiros elementos.

A função que á Sociedade caberia desempenhar era, por si só, de alta magnitude e de extraordinaria influencia; mas torna-se irrealisavel, porque não tem a preparação exigida pela boa doutrina, nem segue a directriz firmemente traçada no campo do Dever pelos fervorosos sectarios da Luz e do Bem social.

Como conciliar os tres factores que se colidem, e se entrechocam e nunca se equilibram?

E' este um problema, cuja solução seria radical, se não fosse dificultosa.

O expediente, porém, seria este, apesar de velho: construir sobre a sociedade que existe uma nova sociedade. Mas isto, sobre ser dificil, implicava um defeito que já fizemos notar e que, todavia, tentaremos desfazer.

Iniciando um novo sistema de educação, devia a criança, na idade escolar, receber ordenadamente a cultura intelectual, profissional, civica, moral, fisica e estetica, mas em condições tais e tão vantajosas para a criança e para a sociedade futura, que não pudesse nunca ser destruido todo este jogo de educação.

Essas condições seriam: ou isolar desde já o educando da familia, que em geral, não sabe corrigi-lo e muitas vezes o perverte, e interna-lo na Escola, o que comportaria um grande dispendio e um remedio não de todo eficaz; ou melhor, fazer incidir na familia os mesmos agentes de educação que recebe o aluno, paralelamente, energicamente, de maneira a contemporisar com todos os deveres profissionais que convem a cada um, e que não pódem prescrever-se ou odiar-se.

Esta medida, a mais radical, a mais salvadora, na nossa modesta opinião, devia ser executada por meio de leis coercivas, rigorosas, inalienaveis, mas beneficas, construtivas, essencialmente redentoras.

Fóra disto, não póde conseguir-se o grande ideal da formação dos caratéres.

Esta seria a base, cujo assentamento cumpria aos governos bem intencionados, moralmente educados, desveladamente patriotas. A construção do edificio caberia á Escola, alentadoramente reformada, que daria para gloriosa cupula desse edificio a melhor e a mais bela regeneração social.

Seria a tempestade a produzir a calma.

Seria a guerra a estabelecer generosamente a paz.

Seria a Luz que dá vida a sair dum brejo que trescala.

VIAGENS EM PORTUGAL

Impressões, factos e comentarios

EM LISBOA

II

Fica o meu quarto no ultimo andar d'um predio situado n'um ponto alto da cidade e proximo do rio. Tem a janella ampla, rasgada, por onde entra o ar com emanações iodadas da agua salgada, quando no rio a maré vae cheia, e é um pouco mais limpo do que se respira lá em baixo, na rua, onde mal tem tempo de entrar o sol.

E' a vantagem que, nas grandes cidades, onde as casas e a humanidade se amontoam, teem as trapeiras. Essa e a de se viver um pouco mais acima das torpezas e da lama que enxameiam a rua.

Logo de manhansinha, pela janéla entreaberta, entra o sol, alegre como um triunfo, cantante como uma cascata; e os pregões dos vendilhões e das varinas que passam lá em baixo, nas ruas, umas vezes, melancolicos, outras vezes, sacudidos, estrepitosos, despertam-me.

Mas, hoje, apezar dos pregões, acordei já dia alto. A luz forte do sol não fez com que meus olhos estremunhados se descerrassem—eles que andam tão acostumados aos brumosos dias do inverno do norte.

Acordei, vesti-me depressa, e corro logo á janela a ver o belissimo dia, cheio de luz creadora, que lá fóra está.

Com efeito, é ver. Ao alto, o ceu d'um azul esmaecido, subtil polvilhamento de luz n'uma serenidade que nos arrebata o olhar deslumbrado, o espirito embevecido. Nem a leve penugem branca de pequena nuvem fugitiva, nem o risco negro de refléxos prateados d'uma aza...

A meus pés, então, a cidade, subindo e descendo pelas colinas; estendendo-se pelos planos; amontoando-se, acumulando-se n'alguns vales abrigados, pintoresca nos seus variados aspétos, soberba nos seus monumentos atestando passadas glorias, nas suas torres, que se erguem hieráticas, a recordar tempos idos de devoção e fé; opressôra na sua monumental casaria, branca, azulada, esverdeada, vermelha, azulejada...

E d'essa cidade que se estende a meus pés, que toma proporções fantasticas ao meu olhar, mil rumores indistintos chegam até mim.

Outros, distingo-os bem. E' um *galego* que apregôa, guturalmente, o seu barril d'agua; é a peixeira, que, dolentemente, canta o seu estribilho de sempre; o homem das hortiças regateia ás portas com as freguésas, e, perto, n'uma refinação de assucar, suando, ajitando os tachos onde secam o delicioso sal, assobiam, cantam e chasqueiam.

Os gritos dos cauteleiros atroam o ar e os garotos dos jornaes, anunciam, mais uma vez, *uma carta aberta a um senhor fulano qualquer*, ou distribuem *réclames* bombasticos de teatros, casas de comercio, calicidas varios, remedios para fazer crescer o cabêlo, charlatanices varias, e até de tascas onde ha bom vinho. As campainhas dos *elétricos* que proximo passam, impertinentes retinem a cada instante, e ouve-se o ruido causado pelo atrito dos rodados das viaturas nas ruas calcetadas...

Vozes que discutem, pragas soltas, gente que chama, gargantas que gorjeiam, almas que vibram, e, além, no rio, as *sercias*, roufenhas, dos navios que vão deslisando rio abaixo, que partem ou que lançam ferro, como clamores langorosos, cortam o espaço.

O *tic-tac* d'um relogio no meu quarto, o papagaio d'uma janela proxima parlando constantemente, o sino d'uma torre distante dando as doze horas, uma banda militar que passa, tocando uma marcha guerreira á frente do seu regimento, duas visinhas que, de janela a janela, trocam impressões, emquanto no andar do lado, alguem estende a secar, a roupa caseira.

Um galo, dentro d'uma especie de capoeira, engenhosamente empoleirado n'uma sacada, solta o seu grito estridulo, vitorioso, e um automovel, lá em baixo, passando velózmente, ronca, e deixa após si novêlos de fumo opaco. Numa fabrica não distante, de cujas chaminés altas o fumo sáe negro e com faulhas ainda acesas, por entre o arquejar das maquinas, gargalha-se de vez em quando, e n'um quarto fronteiro ao meu, do outro lado da rua, creancinhas brincam, descuidadamente...

* * *

Dizem os jornaes que, hoje, toda Lisboa, ante um sol assim, ha-de vir para a rua—porque, já ontem, que tambem assim esteve o dia, isso aconteceu.

E' dia de semana, e ontem tambem o foi. E eu extranho imenso em como n'um dia de semana, toda Lisboa pode vir para a rua. Quero ver, pois, toda Lisboa passar pela rua do Ouro, pela rua Augusta, dar a volta ao Chiado, demorar-se nos armazens de modas, ir pelo Rocio, extraviar-se pelas novas avenidas, tão limpas e arejadas, ir namorar pelo Campo Grande, ou extasiar o olhar pelos campos esverdeados de Algés e Dáfundo, no mar sem limites ou, mais proximamente, nos jardins varios da capital—e por isso, vou sahir. Mas o que eu verei, com certeza—penso eu—não será toda Lisboa.

Não. Será, naturalmente, apenas, essa Lisboa que é rica, florescente; que vive nos custosos andares dos novos bairros higienicos, que habita palacios de marmores caros, que vive sem cuidados e cujas tristezas não teem a exacerbá-las ainda mais a amargura da miseria... Essa toda Lisboa será apenas os que se divertem—um bem reduzido numero de felizes e de muitos que o fingem ser—um grande numero de inconscientes, de pretenciosos, uma multidão de preciosas, algumas *flores do mal*, algumas *rainhas do vicio*, muitos olhos que valem soes, pescoços femininos que valem mais do que as cercaduras de brilhantes que os cingem, ombros divinalmente perfeitos, orelhas que a arte mal pode reproduzir, carnes alabastrinas, corpos esculturais, perfeitos, formas sensualissimas, pós d'arroz em nuvens, *batons*, pinturas, espartilhos, e, irradiando na atmosféra quente impressões extranhas, enervadoras que nos arrastam.

Mas onde está então toda Lisboa, ou quasi toda?

Essa não pode gosar, mal tem tempo de reparar se chove ou se faz bom tempo. Essa géme e verga ao peso do trabalho penoso e exagerado.

Vamos á borda do Tejo, aos caes, e lá a vemos, negra, calejada, suja de carvão e de poeiras, a manejar guindastes, a arrastar volumes, a carregal-os e a descarregal-os; a bordo dos navios, descer, subir, puxar, retesar as velas e as amarras; sobre as aguas, suarenta, cheirando mal, a remar, a arrumar as carregações. Entramos nas docas, e lá a encontramos, a limpar, a polir, a arcar, a desaparafusar, a martelar; corremos ás fabricas e oficinas, e vemo-la, tecendo, serrando, fundindo, aparelhando, moldando, cortando, cravejando, limando, compondo, imprimindo, escrevendo, dirijindo.

Nos predios em construção, cimentando, argamassando, burilando, esculturando, esculpindo; nas ruas, ao ar livre, calcetando, abrindo canos de esgôto, regando, varrendo, limpando, conduzindo carros de todas as especies, dirijindo maquinas poderosas onde o vapor ou a elétricidade se acumulam e as engrenagens se complicam. Vemo-la abrindo as ruas, lançando as pontes, fios e cabos, subindo aos ares, arrancando a pedra.

E uma parte, cuja vida é ainda mil vezes mais negra, mais desgraçada, mais miseravel, vagueia, mendiga, aqui pede trabalho e além entra na taberna; rouba, esfaqueia, vive no lupanar, prostitue-se, e por fim vae morar, sombriamente, nas cadeias ou morrer no hospital prenhe de podridões e aborrecimento.

J. S. TORRES CALDINHAS.

Ferro-viarios de Portugal

Varios amigos, decérto camaradas leais e bons ferro-viarios, nos têm escrito, incitando-nos a pugnar em prol dos seus direitos, ainda infelizmente tão cerceados, aconselhando-nos, alvitrando, opinando, etc., com lizongeiras referencias que muito e muito nos penhoram, se bem que nos não envaideçam, por estarmos habituados ás palavras amigas da generosa e prestimosa classe ferro-viaria de Portugal, a que, com orgulho, tambem pertencemos.

Falar dos trabalhadores dos caminhos de ferro é um dever que se nos impõe, porque mais do que nenhuma outra classe, a ferro-viaria é bem digna de melhor sorte, bem digna das atenções daqueles que, podendo minorar-lhe e suavisar-lhe o futuro, parece presistirem em se conservar indiferentes para com os desgraçados que trabalham noite e dia para angariarem meios, de modo a não terem que estender a mão á caridade pública ou a viver dos favores de quem quer que seja.

Nós não somos apologistas da violencia; mas tambem com o nosso modo de ver, se não coaduna o abandodo a que nos votam.

De promessas estamos nós fartos. Se está provado que somos nós que produzimos, que de nós é que as receitas, os lucros para as emprezas, advêm, não se explica, com logica, que as mesmas emprezas, que auferem esses lucros, ponham de parte, quando nos podem fazer bem, os beneficios de que carecemos e a que incontestavelmente nos sentimos com direito.

Se não temos caminhado muito, é verdade que alguma coisa temos andado, e muito mais teriamos conseguido se não fossemos uma classe dispersa, não sómente vivendo separados, longe uns dos outros, senão que tambem afastados em ideias, em opiniões, em modos de ver, cujo facto, por ser uma dolorosa verdade, não nos deixa ensejo de contestação, como não nos tem permitido reivindicar o logar onde ha muito nos deviamos encontrar, unidinhos e desciplinados, porque dessa união e dessa disciplina ninguem mais tinha a lucrar senão nós, humildes escravisados, obscuros labutadores para quem a vida não tem sorrisos nem a sorte afagos amenizadores.

Mas vamos devagarinho...

Cezar.

Um padre desordeiro

Ao snr. Ministro da Justiça

Chamam-nos a atenção para uns factos gravissimos praticados pelo páraco de Reveles, do concelho de Montemor-o-Velho, padre Manuel Tavares Adão, que parece ter já cadastro moral noutras fréguezias donde tem sido escorraçado. Este pastor d'ovêlhas tambem não aceitou a pensão, e foi expulso do patriarcado de Lisboa. E agora anda a indispôr o povo do logar d'Abrunheira com o de Reveles, para vêr se consegue daquéle, com quem anda acasalado, grossa maquia para fins inconfessaveis.

Consta que, assistindo há tempo a um jantar, e tendo aparecido na mêsa uma garrafa de vinho do Porto com o retrato do snr. dr. Afonso Costa no rotulo, o padre Adão pegou numa faca, golpeando a efigie do ilustre democrata, e dizendo dêle o que lhe veio á cabeça. E promete, logo que volte a monarquia—que diz êle sêr para breve—dar cabo do presidente da junta de paróquia da sua fréguezia e de outros individuos que lhe são desafectos.

Estes factos, e outros ainda que lhe são atribuidos, indispôem mal o povo de Reveles, que está indignadissimo com tal padre, qualificado como perturbadôr da ordem pública, e incompativel com o espirito da população que deseja vêr-se livre de tal masmarro.

Ao sr. ministro da Justiça pedimos providencias imediatas, certos de que s. ex.ª, com o seu espirito nobre e justiceiro, as não fará esperar.

Nascimento

Por lapso, deixámos de noticiar o nascimento duma filhinha do nosso prestante amigo, snr. Paulo Marques da Costa, dêste logar, que se realisou ha já algumas semanas. A recemnascida foi rejistada no pôsto civil com o nôme de Maria da Encarnação.

Ao nosso amigo enviamos um abraço, pedindo desculpa de só agora nos referirmos ao feliz incidente.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

VIII

A reforma de 29 de março de 1911 estabelece, como é geralmente sabido, a descentralisação quasi absoluta dos serviços da instrução primaria. O seu autor ou autores, indubitavelmente na melhor das intencões, procuraram assim satisfazer a uma das correntes modernas—que procura interessar o povo pelos assuntos publicos da sua circunscrição e fazer com que ele possa fiscalisar, quasi *de visu*, a aplicação dos dinheiros que lhe levam as contribuições.

Nada mais justo, nada mais consentaneo com os ideais democraticos.

Mas...—Ha sempre um *mas* nestas questões. Mas Portugal deve ter ainda hoje 70 por cento de analfabetos. E, dos restantes 30 por cento, poucos—muito poucos mesmo—saberão mais do que soletrar o seu *Borda-d'agua* e assinar ilegivelmente qualquer escritura de compra ou de venda. Ai é que reside o insuperavel obstaculo que se ha-de opôr a que da aplicação de tal medida se tirem os desejados resultados.

O resto é facil de presumir.—Um tão baixo grau de cultura nos eleitores ha-de, forçosamente, reflectir-se nos eleitos para os cargos administrativos, pelo menos na grande maioria dos concelhos. As camaras hão-de ligar uma atenção muito mediocre aos negocios da instrução—preocupando-se mais com outros assuntos, aparentemente mais gloriosos, e mais capazes de captar os votos aos ignorantes aldeões. Eu já apresentei, neste mesmo logar, o exemplo da camara de Belmonte, que é bastante frisante. Hão-de seguir-lhe muitas as pisadas—ver-se-ha.

Mas isto é prégar no deserto. A descentralisação, excelente em teoria aliás, está decretada — e não tenho ilusões quanto ao seu destino no Parlamento. Sei perfeitamente que ela passará, embora isso possa ser uma calamidade. O que me parece é que o mesmo Parlamento poderia, em parte, minorar-lhe os efeitos nocivos. Era não deixar ficar no codigo administrativo, agora em discussão, ou em qualquer outra lei subsidiaria, disposições que se oponham á eleição dos professores primarios para as vereações municipais. E' um ponto este que de ha tempo a esta parte me preocupa, por o achar duma importancia capital.

Em quasi todos os concelhos, com a união do professorado respectivo, não seria muito dificil conseguir-se a eleição dum colega. E, desta fórma, já as disposições descentralisadoras da lei do ensino primario teriam todas as probabilidades de ser cumpridas integralmente. O interesse da camara pela instrução não afrouxaria tambem, visto haver em seu seio quem constantemente o provocasse.

Incompatibilidades não as vejo no caso. Porque, eliminado, como estou convencido o será, o artigo celebre que se refere aos delegados paroquiais, a acção das camaras sobre a escola fica sendo puramente administrativa e nunca de fiscalisação.

Veremos o que aparece...

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO

Poetas e prozadôres

VISÃO

Vejo seu rosto alegre e tão formoso,
Tenho-o impresso, em relêvo, na retina,
Vejo-lhe ainda a expressão pura e divina
Naquele olhar tão terno e tão bondoso.

Amôr primeiro, quanto me é saudoso!
Que enorme é a saudade que domina,
Como é cruel a dôr que 'inda germina,
Neste peito ferido e doloroso.

Quanto suspiro guardo, quanta dôr,
Quantas lagrimas eu irei carpindo,
Pensando em ti, desventurado amôr.

Invoco essa visão — branca, fugindo,
Sorrindo até morrêr, palida flôr...
Os anjos como tu, vôam sorrindo.

Porto, março de 1912.

Duarte Lopes.

A mulher de Portugal

VIII

No campo como no lar, na oficina como no *atelier*, a mulher portuguêsa é bem uma escrava, que ainda não soube, ou não se deu ao trabalho de saber, quão triste e dúbia é a sua situação, comparativamente com a mulher de outros paizes que se têm na conta de civilisados.

No Alemtejo e no Algarve é que a mulher portuguêsa é mais martirisada com trabalhos manuaes, porque é n'estas provincias, com tristeza o dizemos, que o seu analfabetismo impera mais.

Vemol-a por aí, nos campos, tisnada do sol, feita *burra de carga*, sob carregos inormes, passando uma vida de canceiras e martirios, amamentando os filhinhos ás fugidas, poisando-os a seguir no chão, envoltos em farrapos, ás sombras das arvores, aos abrigos, mais se preocupando com o pobre ganha-pão, do que com a alimentação dos frutosinhos d'horas d'amor e caricias, de momentos felizes de galanteio.

A mulher não compreendeu, ainda, o seu papel na educação da familia, na regeneração dos homens do porvir.

Nem a mulher o compreende, nem os governos com isso se incomodam.

As Ligas, Associações, nucleos, ramificações, etc., comportam só mulheres da *alta*. As pobres camponesas, que se governem.

São os defeitos de sempre!

Não se trata de fomentar a instrução pelas pobres filhas do povo, sempre vergadas ao pezo duro d'um trabalho insano. Ninguem vem até ao campo falar-lhes ao coração, incitalas á inscrição nas Ligas, fazendo-lhe ver o beneficio de se emanciparem.

E' que de cadeira faz-se tudo, não se fazendo nem se praticando coisa nenhuma.

Mas este defeito já vem de longe. Teorias, e de teorias não passamos nunca.

E' a triste verdade!

Eu vejo com espanto, e só se não revoltam os inteiramente insensiveis a coisas de educação, que as mulheres da *grande roda* olham com desdem e com manifesto despreso as pobresinhas que de sardinha e broa nunca passam.

Na aristocracia ha mulheres que simulam a sua humildade, só procurando ser grandes aos olhos ávidos dos seus admiradores, especialmente quando estes são, como elas, uns *paraltas* de fita ao pescoço e chapeu ás tres pancadas, esquecidos da charrua que lhes endureceu as mãos e de que lh'as pode vir a endurecer outra vez.

E o chá a trez mil reis o kilo...

Pode, para muitos, a mulher ser um *bicho daninho*.

Mas nós vemos com desgosto que esses *inimigos* dela a perseguem com olhares provocadores, a requestram com galanteios doidivanas, a pontos de conseguirem seus fins, saciarem a sêde ardente dos seus instintos bestiaes, não mais se preocupando, uma vez triunfantes, com o rastro de ignominia que deixam após si.

E' para isto que a mulher deve olhar, especialmente a negra moirejadora do campo, para quem não ha sorrisos da sorte nem horas felizes de lisongeira esperança.

Que elas meditem n'isto.

Almeida Junior.

Manuel Henrique da Silva

Com dolorosa magua, damos hoje aos nossos leitôres a triste nova do falecimento, em Albergaria dos Dôze, do nosso querido patricio, Manuel Henrique da Silva.

A' redacção do *Dever* só ha dias chegou a tragica noticia, apezar de o nosso saudoso amigo ter falecido a 19 do proximo passado.

Manoel Henrique da Silva, que nós conheciamos desde os bancos da escola, daquela escola póbresita que fica no ádro da igreja, ali em cima, era um dos rapazes com quem, á primeira vista, se simpatisava.

Quem escreve estas linhas foi por largo tempo seu camarada nas lides ferro-viarias, e encontrou sempre nele um excelente companheiro de trabalho, modesto e delicado, leal e amigo.

A tôdos os seus, pezames sentidos.

Requiéscat in pace.

CASOS DA SEMANA

Visitas

Deu-nos o prasêr da sua visita, o nosso querido amigo Manuel d'Almeida Junior, irmão do nosso camarada de redacção Almeida Junior, que aqui veio de visita a sua familia, partindo em seguida para Espanha em serviço da Brigada da Companhia Internatio nale des Vagons-Lits et des grands exprèss Européens, de que é chéfe.

Bôa viagem e venturas.

— Tambem nos deu o prazer da sua visita o nosso presado assinante de Nélas, snr. José Domingues Marques.

Casamentos

Realisou-se no dia 20 do corrente o casamento do nosso assinante desta localidade, Manuel Mendes, com Nazaré Gonçalves Baêta.

Tambem na segunda-feira se realisou o enlace matrimonial do nosso assinante, José Ferreira Jacinto, com Maria Emilia Monteiro, dos Gôrdos, desta freguezia.

Paraninfaram por parte do ultimo noivo, o snr. Joaquim da Cruz Bernardo e sua irmã D. Maria Marques; e, por parte da noiva, o nosso presado amigo Alfrêdo Ferrão e sua espôsa D. Maria Emilia Reis Ferrão.

Aos nubentes desejamos-lhes longas felicidades.

No leito

Está doente na sua casa do Porto, o nosso presado assinante, snr. Constantino Garcia, inteligente *Maitre d'hotel* da companhia dos wagons-leitos.

Desejamos o pronto restabelecimento do nosso amigo, um dos melhores amigos e propagandistas dêste jornal. Que ele em breve nos dê o prazer do seu apreciado convivio.

Convalescente

Ainda convalescente do ataque de reumatismo que por 15 dias o reteve no leito, retomou já o serviço o nosso presado amigo, snr. Ramiro Madaléna e Monet, zeloso funcionario da companhia dos wagons-leitos.

Que o nosso amigo depressa se veja livre da terrivel enfermidade, são os nossos votos mais sinceros.

Em Lisboa

Está em Lisboa, em goso de licença, o nosso presado assinante, snr. Humberto Ferreira, funcionario da Companhia dos Caminhos de ferro da Beira Alta, em Pampilhoza.

Desejamos-lhe feliz regresso.

ANUNCIOS

ÉDITOS DE 30 DIAS

(1.ª publicação)

NO juíso de direito da comarca de Montemor-o-Velho, pelo cartorio do terceiro oficio, no inventario para separação de bens entre conjuges, requerido por Jerónimo da Silva Julião, de Reveles, correm éditos de trinta dias, a contar da ultima publicação dêste anuncio, citando para todos os termos, até final do referido inventário, a conjuge Maria da Conceição Loiva, ausente em parte incerta neste país.

Montemor-o-Velho, 23 de abril de 1912.

Verifiquei a exactidão,

O Juís de Direito,

Lemos Viana.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NA comarca de Montemor-o-Velho, pelo cartorio do primeiro oficio, correm éditos de trinta dias, citando José Bento de Oliveira, casado, proprietario, da vila de Tentugal, e ausente em parte incerta nos Estados-Unidos do Brazil, para na segunda audiencia deste juízo, findo o prazo dos éditos, vêr acusar a citação na acção de divorcio que lhe move sua espôsa D. Maria Emilia de Castro França Martins Alves, da mesma vila, marcar três audiencias para a contestação e vêr seguir até final os termos do processo.

As audiencias dêste juízo fazem-se todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, no tribunal judicial, nos Paços do Concelho, á Praça da Republica, não sendo dias declarados feriados.

Montemor-o-Velho, 26 de março de 1912.

O Escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Lemos Viana.

EDITOS DE 30 DIAS

(1.ª publicação)

NO Juízo de Direito da Comarca de Montemor-o-Velho, e cartorio do escrivão do segundo oficio, Mamede, correm éditos de trinta dias, contados da segunda publicação dêste anuncio no *Diario do Governo*, citando o executado Joaquim da Silva Melo, casado, proprietario, do Moinho da Mata, freguezia e comarca de Montemor-o-Velho, auzente em parte incerta nos Estados-Unidos do Brazil, para no prazo de cinco dias, depois de findo o prazo dos éditos, pagar ao requerente, Joaquim Fernandes Rêpas, casado, proprietario, do Escoural, a quantia de 88$707 réis, custas, sêlos e mais despezas que se liquidarem, proveniente de emprestimo, ou nomear á penhora bens suficientes para tal pagamento, sob pena de se devolver ao exequente o direito da nomeação.

Montemor-o-Velho, 22 de abril de 1912.

O Escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juís de Direito,

Lemos Viana.

Editos de 30 dias

(2.ª *publicação*)

NA comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartório do terceiro oficio correm editos de trinta dias, citando Joaquim d'Oliveira Manco, casado, proprietário, de Vila Franca, freguezia d'Arazêde, desta comarca, e ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para na segunda audiencia dêste juizo, depois de findo o prazo dos editos, vêr acusar a citação na acção ordinária que lhe move e a outros Maria Terêza, solteira, tambem de Vila Franca, e em que pede o pagamento do que lhe fôr liquidado de soldadas, pelo tempo que estêve ao serviço de seu sôgro Manuel d'Oliveira Mauricio, do mêsmo logar, dêsde janeiro de 1887, até 9 de março de 1911, data do seu falecimento. As audiencias nêste juizo fazem-se ás segundas e quintas-feiras no tribunal judicial dos Paços do Concêlho, da Praça da Republica desta vila.

Montemór-o-Velho, 23 de Março de 1912.

O escrivão do processo,

José de Paiva Bobela Mota.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

8 **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

A costureira não se mostrava indiferente á côrte do estudante e até lhe correspondia compúdicos sorrisos e furtivos olhares.

Asim continuaram por algum tempo estes reciprocos enlevos, até que uma noite a avó, chegando de fóra, deu com a neta em amorôso chilreio com o estudante da janelita para a rua.

Exprobou-a acremente, cômo era natural, e preguntou-lhe depois com que intenção lhe falava o estudante, que sabia ser rico, a ela, que nada tinha de seu.

— Com a intenção de casar—respondeu a costureira com firmeza.

— E' isto—replicou a avó.—Raparigas novas não atendem a mais nada. Então tu imaginas, Tereza (1), que um estudante d'aqueles, rico como é, andava aqui a perder tempo comtigo, uma pobre costureira que vive do seu trabalho, com ideias de te tomar por espoza?! Tu não sabes que um estudante, quando fala com uma rapariga da tua condição, é quase sempre com tenção de a perder?! Os exemplos que se estão a dar a cada passo não te bastam para teres juizo?! Não, isso tem paciencia; mas, emquanto eu fôr viva, não quero semelhante espectaculo. Que dirá a vizinhança? Que ando a concorrer para a tua perdição. Bem sabem que um homem daqueles não te quer para casar. Se queres tomar estado, procura um artista, um rapaz da tua medianía, que seja trabalhador e se não envergonhe de te têr por mulher; ou senão, inda tens um tio que tomará conta de ti se eu morrêr, porque eu certamente não viverei muito tempo. Agora, que continues assim, é que eu não consinto. Toma juizo e não tornes a caír noutra.

(1) Pseudonimo.

Tereza não replicou, porque ficou indiferente aos conselhos da avó. Bacorejava-lhe que ela não duraria muito, pois padecia duma lesão crónica, e queria então ser senhora das suas acções.

Continuaram a ocultas os amôres com o estudante, e daí a algumas semanas, antes que a avó tivesse tempo de prevenir o tio, que estava no Porto, empreendia-a a morte, ao mesmo passo que Tereza se lançava nos braços do academico, descendo assim as primeiras escaleiras duma vida precipitosa.

A este tempo recebeu Julio uma carta do pai, comunicando-lhe que havia sido acometido de reumatismo e se manifestára uma tuberculose pulmonar que o obstava n a desobrigar-se cabalmente dos seus deveres de jurisconsulto e lhe faziam prever maior gravidade na doença. Terminava por lhe aconselhar perseverança e brio para a conclusão do curso universitario, e não aludia ao seu viver actual, sinal evidente de que ainda o ignorava ou se tornára menos intransigente para com ele.

O academico rejubilou e lançou-se em mais ardôr ao estudo. A ideia duma completa liberdade e a posse duma fortuna risonha, que talvez não tardasse muito, causavam-lhe momentos de alegria.

No final daquele ano letivo recebia Julio outra carta do pai, cheia de frases mais alvoraçadas, e em que lhe pedia que partisse quanto antes para Lisboa, pois sentindo aproximar-se o terno da vida, desejava despedir-se dele e dar-lhe os ultimos conselhos, se lhe era grato recebe-los.

Julio, que ao tempo havia concluido o quarto ano medico com feliz resultado, preveniu a amante e deu-se pressa em partir para Lisboa, mais com o fim de tomar conta da fortuna que para ouvir os conselhos paternos. Chegado lá, encontra os criados da casa e grande numero de pessôas em redor do leito do pai, que já era cadaver, e apenas assistiu ao saimento do funebre cortejo.

Nesse mesmo dia o testamenteiro informou-o de que o pai o havia instituido seu herdeiro universal, com duzentos contos em moeda e inscrições e cem contos em propriedades. Trezentos contos, por consequencia, era a quanto montava a fortuna de Julio. Isto enlouqueceu-o de jubilo.

Passou naquele ano as ferias em Lisboa, em companhia do barão de Pedrouços, amigo intimo que lá possuia, e foi a bailes, jogos, teatros, fez-se mais devasso e gastou vinte contos!

(*Continúa*).

ABILIO LAGOAS

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Rua Ferreira Borges, 155 — 1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

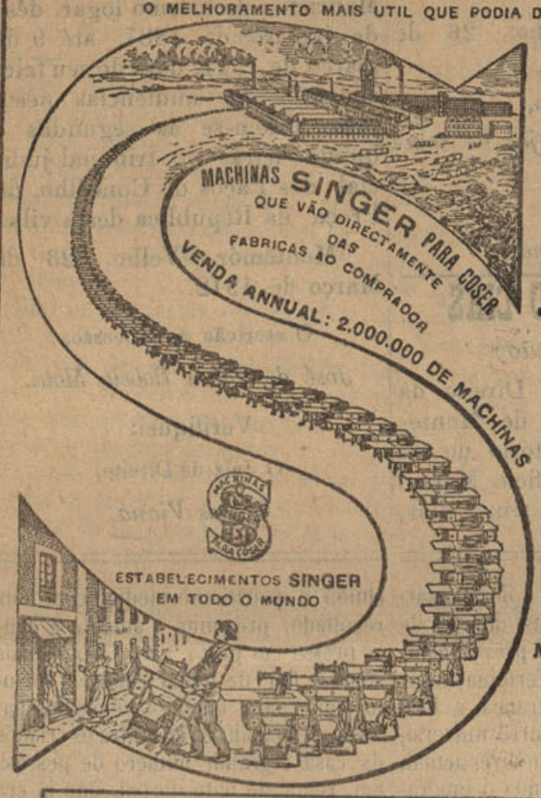
LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro—**Joaquim Coca Junior.**

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

CASA FUNERARIA

— DE —

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA — FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

FORTUNATO VAZ

CAMARNEIRA—CANTANHEDE

Agente da casa O HEROLD & C.ª de Lisboa, Porto e Pampilhosa para venda de adubos quimicos e organicos nas regiões da Bairrada, Gandara, Aveiro, Coimbra e Beira Alta

Os adubos de HEROLD, os mais conhecidos e acreditados, devem ser preferidos por todos os lavradores. Tem as marcas registadas FOICE e TREVO DE 4 FOLHAS.

Para os vinhedos e milharais aconselhamos além das marcas especiais, CAL AZOTADA conjuntamente com FOSFATO TOMAZ e KAINITO.

Para as batatas as marcas especiais FOICE HEROLD e PURGUEIRAS dão um resultado magnifico.

Depositos em Cantanhede, Mogofores e Oliveira do Bairro.

Dirigir por postal a
FORTUNATO VAZ
Camarneira = Cantanhede

DOMINGOS LINO GASPAR

Armazem e oficina de moveis e estofos, mobilias completas, colchoria e camas de ferro. Oleados, baguetes e muitos outros artigos.

128—Rua do principe—130

Figueira da Foz

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

ALFAIATE E MERCADOR

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta

164, Rua do Principe, 168

FIGUEIRA DA FOZ

Sucursal em Leiria, Praça das Galinhas, sob a firma Abrantes & Genro.

Sortido em fazendas de lã e algodão, nacionaos e estrangeiras.

Varinos d'Aveiro, capotes á cavalaria e gabões para homem e creança.

Encarregam-se de qualquer encomenda para fora da terra

Faz os mercados de Montemór-o-Velho, Guia a Monte Redondo, onde pode ser procurado pelos seus freguezes de fora da Figueira e Leiria.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

LOJA DO POVO

Mercearia, ferragens, fazendas brancas e papelaria. Deposito de tabacos e fosforos. Papeis *Duc*, *Lecosmopolite* e outros, para cigarros. Fosforos de cera e amorfos. Sabão, etc., etc.

Desconto da tabela da companhia.

Vendas por junto e a retalho

Bernardo Gonçalves Ferreira

Montemór-o-Velho

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza. ingleza e alemã,
tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

1.º Ano — Arazêde, 5 de Maio de 1912 — Numero 11

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 réis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 réis; na 3.ª, 40 réis e na secção respetiva, 30 réis.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado

O DEVER

ASSINATURAS

Portugal e Colonias Portuguezas.— Ano, 999 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis.
Brazil. — Ano, 2$000 réis, fortes.
Numero avulso, 30 réis.

Redação e Administração—ARAZEDE
Oficina de Composição e Impressão—Tipografia Silva (a vapor)—Largo do Espirito Santo—AVEIRO.

Director, editor e proprietario — MANUEL DE MELO
Redactor principal — Humberto Beirão

A correspondencia deve ser dirigida ao director deste jornal

Patria e Humanidade

SEMANARIO REPUBLICANO

Redactores: — J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz e Soveral da Rocha

Secretario, Augusto Baía — Administrador, Antonio Baía

O 1.º aniversario da lei da Separação

Falou bem alto e claro a forma como a consciencia nacional demonstrou o seu interesse e amor pela generosa lei da Separação que foi de todos os diplomas decretados pelo governo provisorio o que mais concorreu para a dignificação do regime. As solenidades comemorativas do primeiro aniversario da promulgação do historico documento, que se realizaram por todo o paiz no meio de quente entusiasmo, nos mostram de resto que a sua essencia vive na alma de todos os bons portuguêses.

Sem embargo certos espertalhotes com logar marcado nas salas do Congresso e os idiotas que combatem as instituições vigentes, aqui afinando quasi, espalharam com desafôro e frequencia que a marcha da Republica foi e continuaria a ser pouco auspiciosa por estar integralmente em execução a lei de 20 de Abril! São opiniões gratuitas que movem o riso.

O paiz, que tem assistido de bom humor ás colericas arremetidas por parte dos adversarios da lei da Separação contra algumas das suas disposições, concluiu acertadamente que essa lei é aquela que juntamente com a moralidade dentro das secretarias do estado mais contribuirá para o remoçamento da vida da nacionalidade agravada pelos desmandos da gestão monarquica.

A lei da Separação, neutralizando o estado em materia de religiões, praticou um acto de boa justiça. Censuram-no e desvirtuam-no os que queriam fazer vida com a torpe exploração da ignorancia dos fieis á igreja. Não é de admirar o procedimento dêsses, porque sempre os irou á ferocidade tudo quanto se destinava a restringir-lhes o campo dos seus assaltos ás algibeiras dos de fé ingénua. A vileza deles pode aquilatar-se por este ronhento alvitre que apresentaram a Luiz XV, de França: «chegamos ao momento fatal em que os livros perderão a igreja e o estado, Seria justo e sabio que os livros fossem submetidos á nossa inspecção para impedir abusos». Assim zurravam em 1765 os especuladores das amorosas doutrinas de Cristo.

Agora que é conhecida de todo o paiz a eloquencia das manifestações de apreço pela eficacissima medida de emancipação da consciencia nacional e de justissima admiração pelo extraordinario talento do seu autor, retraiam, contritos, as garras os desvairados que esperavam fazer chicana politica com uma lei que resume a vontade da nação.

Custódio Mendonça.

N. da R. — Este artigo devia ter saido no numero passado, conforme o desejo do seu autor, mas, por falta de espaço, vimo-nos obrigados a reserva-lo para este numero, do que lhe pedimos desculpa.

EXPEDIENTE

Nesta data enviamos para o correio os recibos relativos ao 1.º trimestre.

Aos nossos presados assinantes e anunciantes rogamos o favor de liquidarem em seguida, e áqueles que habitarem longe das estações postaes e não possam ir ou mandar lá satisfazer a importancia da sua assinatura, pedimos a fineza de no-la remeterem em estampilhas, vale do correio ou ordem de pagamento.

Aos nossos assinantes do Brazil e Africa, pedimos egual favor, ou que nos indiquem pessoa de sua familia ou amizade a quem nos possamos dirigir para efétuar a cobrança.

Tambem enviamos recibos a algumas pessoas que só ao 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e até 9.º numero devolveram o nosso jornal, apesar de termos declarado no 1.º n.º que consideravamos assinantes todos os que o não devolvessem em seguida.

Todos sabem as despezas que a publicação dum semanario acarreta em terras pequenas como a nossa, e por isso não devem querer o nosso prejuizo.

Pedimos pois o favor de mandarem satisfazer.

NOTAS

Manifestações... manifestações

Manifestações para aqui, *manifestações* para ali, *manifestações* para a direita e *manifestações* para a esquerda, sempre *manifestações*, *manifestações* e mais *manifestações*, e o povo portuguez de *manifestações* já farto.

Acabe-se lá com isso...

E' tempo de nos deixarmos de *manifestações* e de entrarmos positivamente na tão falada e discutida e desejada vida nova, sob pena de continuarmos a ser alcunhados de.. *manifestantes*, e nada mais. Uf!...

Caridade simulada

Por ocasião da festa escolar realisada no domingo passado em Cadima, fôram distribuidos varios premios aos alunos, como é costume fazer-se em festas desta natureza, aliás bastantemente simpaticas.

Estes premios, porem, são sempre dados aos alunos, cujas familias, vivendo em precárias circunstancias, não podem, como certamente seria seu desejo, manda-las á escola bem vestidas e calçadas, em vez de rôtas e despreziveis e com sinais de constantes privações nos rôstositos transparentes. Pois em Cadima, os premios em dinheiro e vestuario foram distribuidos unicamente a filhos de familias abastadas. Assim o entenderam o professor e o paroco da freguezia que desta forma tão *caritativa* aplicaram uma parte do dinheiro que foi oferecido pelo nosso amigo e ilustre democrata, Carvalho Neves. Não é assim que se procede. Os pobres, hoje, devem merecer-nos mais consideração do que os ricos, que geralmente são ambiciosos e maus. Lá porque estes nos ofereçam uns *presentesitos*, não é motivo para esquecermos a compaixão que nos devem inspirar os desprotegidos da sorte.

E é assim que certa gente exerce a caridade. .

Bilhetes de ida e volta

A Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta introduziu agora nas estações de Lemede a Cantanhede e de Arazêde a Lemede, bilhetes de ida e volta.

Foi uma grande ideia que beneficia alguma coisa os povos e com que a propria Companhia tambem aproveita bastante.

Uma coisa, porem, nos causou certa admiração. E' o caso da Companhia ter concedido bilhetes de ida e volta entre as supracitadas estações e não os conceder de Arazêde a Cantanhede diretamente.

E' extraordinario!

Acaso julgará a Companhia auferir maiores interesses não concedendo os bilhetes de ida e volta entre estas duas estações? Puro engano.

A concessão destes bilhetes entre as estações de Arazêde e Cantanhede daria á Companhia da Beira Alta um bom lucro, pois muita gente, que vae áquela vila quase todos os dias, atendendo aos preços relativamente elevados dos bilhetes, em vez de ir de comboio, vae a pé ou a cavalo.

Porque não atende a isto a Companhia, atendendo assim, conseguintemente, aos seus interesses?

Será bom, pois que nada tem a perder com isso e... o sol quando nasce é para toda a humanidade.

O papa condolente

Diz *El Imparcial*, de Madrid, que o papa telegrafou ao presidente dos Estados-Unidos, lamentando a catastrofe do *Titanic*, e dando-lhe os pêzames, *muito especialmente* (o sublinhado é nosso) pela morte do seu ajudante, o comandante Butt, que regressava de Rôma com uma carta autografa do pontifice para Taft.

Note-se que o papa .. tudo não manifestava as suas condolencias especialmente pela horrivel trajédia, em que pereceu mais dum milhar de vitimas; o seu cartão de pêzames foi pela morte do comandante, que era o mensageiro duma carta escrita pelo proprio punho de sua santidade. Que diria a carta? Algum chorrilho de tolices e de jesuitadas. Pois, beatissimo, agora o remedio que tem é fazer outra, ou pedir a S. Pedro que faça reaparecer a primeira.

CONGRESSO REPUBLICANO

Decorreu com entusiasmo o Congresso Republicano que se efétuou em Braga, nos dias 27, 28 e 29 do proximo passado.

Muita coisa se discutiu, muito se alvitrou. Resta ver agora o que se faz.

O povo portuguez, roto e faminto, heroico e destemido, paciente e sofredor, vae-se cansando já de palavriado, porque de palavras tem ele a barriga cheia.

O povo ama os principios, põe acima de tudo o amor da patria, não se importa com homens nem com cantatas, que lhe não matam a fome.

Diz-se por aí á boca cheia, em alta voz, que a Republica está ainda por fazer.

Para se fazer tal afirmação ainda ontem era preciso pôr a mão na bôca, dize-lo baixinho, de amigo para amigo, muito confidencial e secretamente.

Hoje não. Não é preciso percaução nenhuma.

Qual o motivo desta atitude, desta franqueza politica por parte do povo?

Não sabemos nem o procuramos investigar. O que nos importa, por agora, porque é o que deve importar a todo o bom e leal cidadão, é indagar e prescrutar a forma como vão as nossas coisas, os negocios do pais.

Não nos importa que esteja lá Pedro ou Paulo. O que desejamos é Justiça, e a Justiça, segundo o que estamos presenciando, está pelas portas da morte.

Este Congresso teve um fim politico manifesto, como de resto todos os congressos até agora realisados. Mas uma coisa se observou em Braga: o seguimento de homens em detrimento da preciosa união e conglobação de ideias no grande e glorioso partido republicano portuguez, que nós vemos com magua fraccionado, com prejuizos graves para a marcha dos negocios publicos, que acima de odios pessoais, deviam preocupar os bons e leaes democratas, para estes não desmerecerem do conceito em que o povo os tinha, e em quem o povo, confiado e resignado, poz todas as ardentes esperanças do seu futuro de socego, economia e páz.

Só assim podemos passar de palavras, caminhar para a tão anciada e sonhada evolução politica e administrativa, para que ninguem se ria de nós e nem tenha que escarnecer-nos nem importar-se com a nossa vida.

Não é com promessas nem com frases buriladas e flamejantes de oratoria que conseguimos vida nova.

Temos que recorrer e lançar mão doutros mais vantajosos processos, de maneira a não deixarmos em ninguem a menor sombra de duvida da nossa honestidade e da nossa competencia politica, visto que ninguem poderá pôr em duvida o nosso patriotismo e o nosso desejo de acertar e evolutir, tantas mil vezes constatado perante os olhos cubiçosos e maliciosos de quem nos deseja ver na forca e reduzidos a cinzas voando na amplidão imensa do espaço, levados pela brisa agoirenta do infortunio.

Ha muita gente na espétativa.

Convem arrebanhar os indiferentes de cuja lealdade e crédo politico se não possa duvidar, e para lamentar é que ainda hoje, a ano e meio de Republica, nós tenhamos que deparar com esta dolorosa e flagrante verdade: o indiferentismo politico da maior parte.

Ora isto, como tem vindo, não vae bem.

Que do Congresso atguma coisa de luminosamente proveitoso haja ficado...

Almeida Junior.

Ferro-viarios de Portugal

E' hoje que se inaugura, em Lisboa, o Instituto ferro-viario, Associação de educação profissional, moral e literaria, dos filhos dos empregados das diversas linhas ferreas do pais, que de tão util e benemerita instituição, queiram tirar proveitos e ensinamentos.

Numa época em que em instrução tanto se fala, mas que de palavras se não passa, é para louvar tão interessante iniciativa, que de certo preencherá, na historia ferro-viaria de Portugal, uma das suas mais brilhantes e preciosas paginas, cujos beneficos resultados só mais tarde se encontrarão e se medirão pela bitóla da imparcialidade e serena justiça.

O que é deveras para lamentar, é que tão tardiamente se ponha em pratica tão acertada medida, cujos frutos, nesta hora alta de raciocinação, tantos espiritos podiam ter emancipado e conduzido já ao grau dinstrução de que tanto carece, sobre todas as demais familias, a grande familia dos ferro-viarios portuguezes.

Far-se-ha representar o Conselho de Administração da companhia portugueza e o governo, que darão todo o apoio e auxilio ao Instituto, dado o fim para que é creado e o ponto de capital importancia social e colétiva que tem em vista.

E' seu presidente e fundador, o snr. Pedro dos Santos Vitoria, empregado superior da companhia dos caminhos de ferro portuguezes, que ha-de saber dár á prestimosa associação de educação e instrução ferroviaria, o valor proprio dum ardente propagandista que pondo os principios acima de tudo, não se esquece nunca dos humildes filhos do trabalho.

O Dever, pugnando pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento da educação popular, não podia deixar de referir-se á fundação do novo baluarte educativo, que bem define o carácter dos seus pugnadores.

Cezar.

P. S. — Recebemos o seguinte cartão, em que o nosso presado amigo e ex-camarada de luta, snr. Ricardo Lopes dos Santos, se despede dos seus antigos companheiros de trabalho. Lamentando a sua ausencia, o *Dever* associa-se ao seu desgosto.

Eis o cartão:

Camaradas:

Acabo de pedir a minha demissão, e por isso venho despedir-me de todo o pessoal, inclusivé o da linha de Vizeu, agradecendo as provas de estima que sempre me dispensaram durante 31 anos ao serviço na Companhia da Beira Alta.

E' do conhecimento de todos a causa que determinou a minha saída, que julgo não ter sido desairosa para mim.

Creiam, meus queridos amigos, que os levo gravados no coração.

A todos um saudoso abraço de despedida do vosso companheiro de trabalho

Ricardo Lopes dos Santos,
Ex-chefe de Santa Comba.

Cezar.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

IX

Não sei bem a que proposito, tem ultimamente sido lembrado o celebre conceito dum antigo director geral de instrução primaria (e não ministro do reino, como erradamente se dizia ha dias num jornal da classe)—que *o professorado só sabia pedir augmento de ordenado*. Não sei se se dará o caso de lá pelo *alto* haver alguem que á boca pequena perfilhasse tambem agora tal doutrina. O que sei é que um certo professor da capital, que costuma *beber do fino*, já bateu o ponto em dois ou trez artigos seguidos—o que parece significar alguma coisa...

Seja como fôr, ao magisterio primario, á classe dos martires da escola, cumpre não ligar importancia á *bontade*, que tem seu quê de impertinente.

Todos os que de boa fé têm acompanhado os movimentos do professorado; todos os que, com atenção e sem espirito preconcebido, têm lido as suas reclamações, nunca atendidas, —sabem bem que as palavras do antigo director geral são uma falsidade flagrante. E a mesma injustiça—tanto mais censuravel quanto é certo ser consciente—praticará agora quem pretender reviver o estranho conceito.

Mas que fosse assim? Mas que, de facto, o professorado primario só se ocupasse da melhoria da sua situação economica, só uma reclamação constante fizesse aos poderes publicos—que lhe aumentassem o ordenado? Quem haveria lá por cima com autoridade para o censurar, quem ha por ai que com razão tal coisa pudés-se estranhar?

O professor primario em Portugal, a quasi dois anos de regime democratico, ganha ainda 490 reis por dia. E' desta quantia extraordinaria que se ha-de alimentar, vestir e calçar e alimentar, vestir e calçar a mulher e os filhos. Além disso, ainda o estado o obriga a retirar dela para expediente e limpeza da escola, coisa que só tarde e a más horas é paga, quando o é. — Nestas circunstancias infalivelmente com o estomago vasio, sempre a ver o espectro da fome a pairar-lhe sobre a familia, como é que o professor primario, como é que o misero mestre-escola se ha-de dedicar com gosto á sua nobilissima missão, como, numa palavra, ha-de trabalhar com o afan que os interesses da patria exigem? De que valerão os melhoramentos escolares, de que valerão reformas avançadas, — se, para aproveitar aqueles e cumprir estas, ao professor falta o gosto, o entusiasmo e, principalmente, a energia, que o seu depauperado organismo não póde fornecer?

Os que censuram o professorado por ele pedir aumento de ordenado—embora ele sempre acompanhe esse pedido de outros referentes ao melhoramento do ensino — são, por via de regra, os grandes tubarões, que, a troco do trabalho insano de assinar no fim do mez o recibo, auferem quatro e cinco mil reis por dia. Falta-lhes, pois, autoridade para o fazer. E mais nada.

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO

INTERESSES LOCAIS

CASAS ESCOLARES

III

O assunto continua desprotegido pelas estações superiores, apesar do que aqui temos dito, e que parece não merecer consideração da parte de quem superintende em questões escolares. A politica asiatica não deixa pensar nestas coisas que, para os nossos governantes, são de nula importancia, embora muitas vezes se pretenda dizer o contrario com palavras edulcorantes e mais ou menos fantasistas. Mas a verdade, a dura verdade, é que estamos assistindo a um espectaculo funambulesco em materia de instrução, não só aqui como por esse paiz fóra. Exactamente como o que sucedia até 5 de outubo. Isto está sendo um caleidoscopio invariavel.

Ora imaginem que, para o nosso caso, se tem ventilado a questão das escolas desta localidade neste jornal, e que tambem já foi levantada a lebre pela comissão municipal administrativa, e até hoje ninguem tem vindo a terreiro! Ninguem lá do *alto*, é claro.

Sabemos que a camara do concelho oficiou já por tres vezes a uma autoridade escolar para sindicar as duas escolas de Arazêde, e essa autoridade até hoje ainda cá não apareceu. Sabemos tambem que ha em Vila Franca, de Arazêde, uma casa em melhores condições pedagogicas, pelo menos, do que aquela em que actualmente funciona a escola do sexo feminino, e que bem poderia servir para esta ter lá a sua séde. Era para isto que convinha que houvesse inspecção ás escolas daqui, para se remediar o que remedio pudesse ter.

Não carecemos mais de explanar o que são as duas escolas de Arazêde. Elas já foram analisadas em artigos precedentes, e contudo ainda ninguem fez caso do que aqui dissemos.

Apelamos para os sentimentos patrioticos do snr. Inspector da 2.ª circunscrição escolar e do snr. Ministro do Interior, e pedimos a suas ex.as que mandem aqui alguem de bom senso para se aperceber da veracidade dos factos.

Não se admite que na freguezia mais importante do concelho de Montemór-o-Velho haja duas escolas que são um verdadeiro escarneo da civilisação: uma nem para celeiro servia, porque os ratos se encarregariam de destruir os cereais que lá fossem depositados; a outra adaptava-se perfeitamente a uma gaiola onde os grilos, de verão, com o atrito das suas azas, cantariam alegremente uma bela cavatina...

Aqui têm, snrs. Ministro do Interior e Inspector da Circunscrição, o que vêm a ser as escolas de Arazêde.

Mas ainda teremos que esvurmar, infelizmente.

CARTA

Snr. Redactor do *Dever*:

Pela muita consideração que tenho para com v. e corpo de redação do seu jornal, é que venho fazer uma rectificação á correspondencia de Montemór-o-Velho, inserta no n.º 9 do dia 21 de abril corrente, que, por sua informação ou falta de outiva, não relata a expressão da verdade.

Peço, pois, a v. se digne conceder meia duzia de linhas ao que se assina

De v., etc.

Amieiro, 24 de abril de 1912.

Augusto Ferreira d'Andrade.

E' de minha unica responsabilidade o que escrevo, mas, creio que não será repudiado por nenhum dos meus colegas da Comissão Municipal Administrativa dêste concelho, visto ser unicamente a expressão da verdade.

Está no animo do ex.mo snr. Presidente e de todos os actuais membros desta comissão, o não esquecerem a norma e orientação do nosso saudoso e valiosissimo colega, ex.mo snr. Esteves de Barros, e como tal, o snr. Presidente, na sessão de 13 do corrente, propôs que se contraisse um emprestimo duma quantia não superior a 3:000$000 réis para as obras do Novo Matadouro, reconstrução da Escola do sexo masculino e outros quaisquer melhoramentos que no concelho se reconhecessem de inadiavel execução. Não ha, pois, *elasticidade* nas verbas do orçamento. Poderia haver, quanto muito, o que se acha expresso no art. 63.º, § 2.º n.º 4 do Codigo Civil de 1878, pelo qual nos rejêmos, e que peço ao ilustre correspondente que leia, para aqui não estar a transcrever.

Mais diz sua ex.ª que, conhecedor do orçamento, nele está a verba de 60$000 réis para o mostrador do relogio de Montemór-o-Velho. Não viu bem, ou não quiz ver o que lá estava, e que vem a ser 31$000 réis para limpeza, reparações do relogio e nôvo mostrador. Nada mais acrescento para não roubar tempo e espaço, no seu bem redigido e orientado jornal, e, pelo que lhe toma, com esta caturrice se assina, agradecendo,

O vogal da Comissão Municipal,

Augusto Ferreira d'Andrade.

N. da R. — As correspondencias aqui publicadas são da responsabilidade exclusiva dos seus autores, nada tendo com elas o diretor deste jornal. Não obstante, as colunas do *Dever* são sempre franqueadas a todos aqueles que desejam fazer luz sobre qualquer questão, desde que, ferindo a nota pessoal, esta se não torne chocante.

O Pôvo e a República

A seguir reproduzimos, com a devida autorisação, uma carta dum nosso patricio, pela qual, com satisfação o constatamos, se vê que o amôr ás novas instituições, por parte dos humildes filhos do povo, é profundamente prometedor e significativo.

Que os nossos patricios, cá e lá, meditem bem na lição de patriotismo que a aludida carta contem.

Meu amigo:

Estimo que ao receber estas mal notadas linhas esteja de perfeita e feliz saude, em companhia de sua senhora, que a minha é boa, graças á providencia.

Com satisfação eu vejo que n'essa nossa terra, onde só cegos havia, e que mesmo hoje ainda pouca luz ha, se publica um jornal a que deram o nome de *Dever*.

Da minha parte terei muito gosto que esse jornal faça ver ao povo o que é a nossa tanto amada e querida Republica, e o que foi o glorioso 5 de Outubro de 1910, que trouxe uma nova era de emancipação a todos nós, que pela Republica tanto nos sacrificamos, e que para a implantação da liberdade tanto trabalhamos.

Apezar de haverem já decorridos 2 anos depois da nossa heroica batalha, a cegueira do povo continua de maneira a não vermos os traidores que tanto dentro como fóra de Portugal procuram anavalhar-nos.

Mas estou certo que nada farão. Pódem perder as idéas de alguma coisa conseguirem, porque o povo que pegou nas carabinas no dia 4 e 5 d'outubro, está pronto á primeira voz.

Eu estava lá n'essa ocasião.

Hoje, infelizmente, encontro-me longe da nossa amada e querida Republica, mas para a defeza da nossa patria, de longe se faz perto.

Não haja receio.

Com isto nada mais.

Sou, com estima, assinante do *Devev* e cidadão republicano e seu amigo e obrigado.

Brazil, 1910.

Manuel Alves.

Ministerio de Instrução

Vem hoje, vem ámanhã, vem outro dia, e ainda cá não temos o decantado ministerio. Sabem porquê? Porque o governo tem andado, ao que parece, em grandes apuros, para encontrar um homem que reuna as indispensaveis qualidades para ministro de instrução publica!

O' Diogenes, pega na lanterna e vai por esse pais fora procurar o *homem* que agrade a certa gente, que vê enormes dificuldades para dar com ele.

Pois não ha ai um padre Matos qualquer de que os senhores gostem para preencher o logar, e para *pagar* á tripa forra os contositos que ele ha-de render?! Mesmo que não perceba patavina de pedagogia e outras coisas mais, é o mesmo. Quem manda é a côrte celestial de D. Paiva...

Socialismo

Uns momentos d'ocio que uma forte constipação me trouxe, permitem que eu venha ocupar-me hoje dos diferentes e variados pontos da questão socialista, por julgar ser uma das questões de maior importancia vital para a humanidade.

Na constante luta em que andam envolvidos entre si todos os povos cultos, aparecem varios momentos para observar a enormissima quantidade de erros em que flutua a organisação social.

Ora como se torna urgente uma justa transformação basica, é-nos verdadeiramente agradavel aprezentar a opinião d'um sincero propugnador da ideia avançada.

O erro fundamental aparece com alicerces de baluarte. Mas a força humana corrobora as mais extravagantes leis cosmicas.

Se a compreensão fosse apreendida com heroismo pelos mais iconoclastas de humilimas aldeias que se perdem tristemente na escuridão torpe da ignorancia, o socialismo seria hoje um facto de relevo incontestavel.

Mas, infelizmente, o socialismo é apenas conhecido pelos homens de sciencia das eras modernas.

Em virtude de tudo isto, a questão social, presentemente quase posta de lado, precisa de um estudo perfeito, metodico e de uma profunda observação.

Se os bramidos vagos de uma pequenissima imprensa socialista não representam na época atual mais que um éco frouxo dumas longinquas rutilações intelectuais, temos, todavia, muitas obras literarias com elementos bastantemente suficientes para uma compreensão clara do seu verdadeiro fim.

Na França, onde renascem a cada momento polemicas energicas entre homens de alto saber e das quais sempre ha a aproveitar revelações importantes, baseadas nos modernos progressos da vida social, o socialismo constitue um dos mais simpaticos problemas a cuja complexidade os publicistas se teem referido em obras de reconhecido valor.

Entre essas polemicas, a que mais profundamente fez vibrar a alma da fina geração de literatos, foi a travada entre Lamartine e Pelletan.

Le monde marche, concretisa em si um nucleo poderosissimo de bases suficientissimas para a elaboração dum estudo completo sobre a moderna organisação social.

Num estilo ardente e harmonioso, Pelletan chega a subjugar Lamartine, o poeta da prosa, como lhe chamou Castilho, não se limitando somente a escrever em livro scientifico, mas ainda dando-nos um mimo de literatura.

E' essa a duplicidade do seu valor. Mas não são só estes dois notaveis escritores que teem tratado da questão socialista; muitos outros já se ocuparam déla, como por exemplo:

De Roberty *(a sociologia)*, Herbert Spencer *(a sciencia social)*, Bagehot *(leis scientificas do desenvolvimento das nações)*, Draper *(os conflitos da sciencia e da religião)*.

S'tanley e Vogel tambem escreveram muito e afincadamente sobre a mesma questão.

Em Portugal, o grande homem de sciencia, a alta mentalidade que é Teofilo Braga, tambem tem dedicado uma boa parte do seu trabalho ao estudo das diferentes fáses da historia do movimento social.

Assim, vemos quão vasto é o campo para a expansão dos interessados na materia social.

A importancia do socialismo é de tal fórma eminente que varias notabilidades acalentam ainda hoje a esperança de que o socialismo scientifico ha-de predominar em todas as nações cultas.

Ele é o ideal dos programas sociais. Como em todas as agremiações (se assim se pode considerar a individualidade socialista) existem no socialismo variadas opiniões de diferentes intuições doutrinarias e é isso precisamente o que torna fracos os nucleos de combate. Se todos os elementos se inoculassem duma mesma interpretação, a igualdade de opiniões vingaria, sem duvida, o seu percursor ideal.

HUMBERTO BEIRÃO.

Relato da sessão extraordinaria da Comissão Administrativa Municipal de Montemor-o-Velho

(*Retardada*)

Em sessão extraordinaria de 23 de abril, deu o presidente da Comissão Administrativa do Municipio cumprimento ao art. 138.º do atual Código Administrativo, apresentando ao exame da vereação as contas da gerencia municipal do ano de 1911 findo.

Disse que, tendo apresentado em sessão de 9 de março essa mêsma conta, e porque nêsse dia a comissão não pudera tratar dêsse assunto, resolvêra ocupar-se dêle noutra sessão; e cômo até agora o não tenha podido fazêr, por isso, a seu pedido na ultima sessão de 20 do corrente mês, resolvêra reunir hoje extraordinariamente para dele se ocupar.

Seguidamente, apresentou á consideração e exame da Camara a conta da referida gerencia, acompanhada dos documentos que a comprovavam, ausentando-se logo da sala das sessões, depois de ter prestado os devidos esclarecimentos. A Camara, depois de os examinar e verificar, resolveu por unanimidade aprová-los para os efeitos legais, e mandou que depois de expostos ao publico, fossem remetidos com os respetivos documentos á estação superior para seu julgamento. Em seguida, não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a sessão.

Aniversario

Faz ámanhã anos o nosso presado amigo Luiz Belot, dedicado chefe de cosinha da Companhia dos Wagons Leitos.

Receba o nosso amigo, por tal facto, um afetuoso abraço.

Jornaes

Recebêmos a visita dos semanários *A Briosa*, de Coimbra, e *A Escola Transmontana*, de Alfandega da Fé, que se apresentam ambos bem redijidos, e com os quais já estabelecêmos permuta.

— O semanário dos Açores, *Revista Pedagogica*, de que é distinta diretôra a snr.ª D. Maria Evelina de Souza, entrou no 7.º ano da sua existencia, apresentando-se de maior formato e com novas secções.

A' *Revista Pedagogica*, que tão relevantes serviços vem prestando á causa da instrução e do professorado primário, e que com tanta energia sabe lutar pela emancipação social e pelo triunfo do Livre Pensamento, enviamos sinceras e amistosas felicitações.

— Tambem *A Folha*, semanário dos Açores, dirigido pela brilhante escritôra e poetisa, snr.ª D. Alice Moderno, nos deu já a honra da sua amavel visita, dirigindo-nos imerecidas palavras de louvôr, que reconhecidamente agradecêmos.

— Ao *Sul da Beira* egualmente agradecêmos as palavras amigas com que num dos seus ultimos numeros a nós se referiu.

Ganancia clerical

Processos de que usavam certos «pastores d'ovêlhas» no tempo da monarquia para conseguirem os seus fins inconfessaveis

O acaso—esse acaso tão condenado pelos espiritualistas—fez com que viesse parar á nossa redacção um postal, cujo conteúdo demonstra claramente os processos jesuiticos de certos *representantes de Cristo* para conseguirem os seus fins sem se preocuparem com o emprego dos meios.

Vejamos o que diz o postal:

Ill.mo Snr.

Montemor-o-Velho,
1—5—908.

Venho lembrar-lhe a conveniencia de satisfazer ao seu Revd. Páraco o folar de uma galinha ou o seu valôr, que se acha legitimamente constituido. Parece-me que melhor será não continuar com a sua recusa, pois, se a mantiver, terei de usar dos meios que a lei me faculta para o obrigar ao cumprimento daquella sua obrigação.

O Delegado,
(Assinatura)

A assinatura é ilegivel, o que mostra a precaução do autôr do *truc* que, fazendo atribuir ao delegado daquele ano de 1908 o aviso do pagamento do folar, teve o cuidado de pôr uma assinatura hieroglifica.

O postal revela uma ameaça, e essa ameaça é dirigida de Montemor por um suposto delegado a este individuo, cujo nome vem assim no postal, no logar do endereço, e em letra diferente da do verso—e muito nossa conhecida:

Il.mo Snr.
Joaquim Pires
Logar de Vila Franca
Arazede

O snr. Pires, naturalmente, sem atender á diferença da caligrafia nem á assinatura ilegivel do *delegado*, pagou ao *seu revd.º páraco* o folar, e ainda caiu em restituir o postal que lhe pediram, por causa das duvidas. Mas o destino é mais forte do que todas as manhas dos padres e forneceu-nos elemento para lembrar agora ao leitôr ingénuo as palavras que outro dia empregámos num artigo, quando diziamos que o padre, no tempo da monarquía, é que era o soberano em Portugal, e quando não pudesse conseguir os seus fins pelos temores da excomunhão, utilisava-se das ameaças da justiça.

Ponde aqui os olhos, leitôr ingénuo, e vêde o que são os *bonzos* da religião católica.

CASOS DA SEMANA

Rejisto de nascimento

Foi registado na segunda-feira, no pôsto civil desta localidade, um filhinho do nosso amigo e assinante, Bernardino Esteves da Silva Carvalho, recebendo o nome de João.

Felicitamos o nosso amigo.

Lutuosa

Faleceu no dia 27 d'abril passado Maria Jeronima, natural de Arazêde, já octogenaria e vitimada por uma doença crónica.

Enlace

Realisou-se no dia 21 do mez findo o enlace matrimonial do nosso presado amigo Herminio Bernardo Loureiro, conceituado comerciante em Coimbra, com a snr.ª D. Berta da Silva Melo, de Teomil, freguezia da Lageosa e distrito de Vizeu.

Aos nubentes desejamos-lhes muitas felicidades e uma prolongada lua de mél.

Regresso

De Coimbra, tendo já concluido o tempo do serviço militar, regressou o nosso amigo Saul Baia, filho do secretario deste jornal.

Abraçamo-lo cordealmente.

——Tambem regressou do Minho, onde tinha ido de visita a sua familia, o nosso prezado assinante, snr. Bartolomeu Delhot, zeloso revisor dos caminhos de ferro da Baira Alta, e um dos nossos melhores amigos.

Dr. Magalhães Lima

Foi alvo duma carinhosa manifestação de simpatia, na sua passagem por Pampilhosa, em 30 do p. passado, este ilustre democrata, a quem a patria muito deve.

Magalhães Lima regressava a Lisboa.

Doentes

Está doente na sua casa da Pampilhosa o nosso querido amigo João da Silva, inteligente e zeloso empregado da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira e nosso prezado assinante em Mangualde.

Desejamos o pronto restabelecimento do nosso amigo.

——Tambem tem estado doente o nosso prezado assinante, snr. Eduardo Pereira de Carvalho, bilheteiro dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, em Pampilhosa, a quem felicitamos por se encontrar quase restabelecido.

Partida

Depois de alguns dias de visita a sua familia, partiu para Lisboa o nosso prezado assinante snr. João Gomes Monteiro, desta localidade.

ANUNCIOS

Acção de divorcio

(1.ª publicação)

NO juizo de direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do terceiro oficio, foi, por sentença de dezeseis do corrente mez d'abril, que transitou em julgado, transformada em divorcio definitivo a separação de pessoas e bens entre os conjuges Joaquim da Silva Carvalho, de Verride, e Ana Pereira Pinto, atualmente residente em Lisboa.

Montemór-o-Velho, 29 de abril de 1912.

O escrivão do processo,
José de Paiva Bobela Mota.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Agostinho Antunes de Lemos Viana.

ÉDITOS DE 30 DIAS

(2.ª publicação)

NO juíso de direito da comarca de Montemor-o-Velho, pelo cartorio do terceiro oficio, no inventario para separação de bens entre conjuges, requerido por Jerónimo da Silva Julião, de Reveles, correm éditos de trinta dias, a contar da ultima publicação dêste anuncio, citando para todos os termos, até final do referido inventário, a conjuge Maria da Conceição Loiva, ausente em parte incerta neste país.

Montemor-o-Velho, 23 de abril de 1912.

Verifiquei a exactidão.

O Juís de Direito,
Lemos Viana.

O Escrivão,
José de Paiva Bobela Mota.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NA comarca de Montemor-o-Velho, pelo cartorio do primeiro oficio, correm éditos de trinta dias, citando José Bento de Oliveira, casado, proprietario, da vila de Tentugal, e ausente em parte incerta nos Estados-Unidos do Brazil, para na segunda audiencia deste juízo, findo o prazo dos éditos, vêr acusar a citação na acção de divorcio que lhe move sua espôsa D. Maria Emilia de Castro França Martins Alves, da mesma vila, marcar três audiencias para a contestação e vêr seguir até final os termos do processo.

As audiencias dêste juízo fazem-se todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, no tribunal judicial, nos Paços do Concelho, á Praça da Republica, não sendo dias declarados feriados.

Montemor-o-Velho, 26 de março de 1912.

O Escrivão,
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Lemos Viana.

EDITOS DE 30 DIAS

(2.ª publicação)

NO Juízo de Direito da Comarca de Montemor-o-Velho, e cartorio do escrivão do segundo oficio, Mamede, correm éditos de trinta dias, contados da segunda publicação dêste anuncio no *Diario do Governo*, citando o executado Joaquim da Silva Melo, casado, proprietario, do Moinho da Mata, freguezia e comarca de Montemor-o-Velho, auzente em parte incerta nos Estados-Unidos do Brazil, para no prazo de cinco dias, depois de findo o prazo dos éditos, pagar ao requerente, Joaquim Fernandes Répas, casado, proprietario, do Escoural, a quantia de 88$707 réis, custas, sêlos e mais despezas que se liquidarem, proveniente de emprestimo, ou nomear á penhora bens suficientes para tal pagamento, sob pena de se devolver ao exequente o direito da nomeação.

Montemor-o-Velho, 22 de abril de 1912.

O Escrivão,
João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juís de Direito,
Lemos Viana.

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Fabrica de bolachas e biscoitos da Estrela

Couraça da Estrela, 1 a 15

COIMBRA

Esta casa é que melhor fabríca e vende em melhores condições.

O Proprietario,
Manoel Pereira Junior.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Conformoderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobies et Voiltures

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

Manoel d'Oliveira Junior

Rua da Republica, 84 a 88

FIGUEIRA DA FOZ

Compra madeiras em todas as dimensões e pinhaes em qualquer parte do paiz.

Encarrega-se de fornecimentos de madeiras para Portugal e estrangeiro.

Tem na Figueira da Foz, depositos de madeiras, em taboas, vigas, travessas, sualhos, etc.

Quem quizer vender madeiras, dirija-se em carta ao escritorio, que receberá em seguida uma nota de preços.

Pagamento, á vista da fazenda.

FARMACIA MONTEIRO

ARAZEDE

Produtos quimicos e farmaceuticos e artigos de industria farmaceutica como: fundas, algalias, borrachas, biberons, etc.

9 **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

Uma noite em que se realizou u n baile em casa desse amigo, e a que assistia o escol da sociedade lisbonense, foi ele apresentado pelo dito amigo a D. Guterres Antonio Osório Cabral Serafâna, a sua espôsa D. Leocádia Cabral Serafâna e a sua filha D. Amelia Cabral Serafâna, uma familia fidalga que entroncava na casa dos Cabrais, e que era das intimas relações do barão. Estava passando a época balnear na cidade de Ulisses, donde era natural.

A familia pareceu simpatisar com o môço academico, e ele muito mais com a filha, que apenas contava vinte anos, possuia tôdos os dotes de formosura e era da mais distinta graça nas maneiras. Pensou em requestá-la, e no dia seguinte ai vai ele para o Chiado passear defronte da casa onde morava D. Guterres Cabral.

Ou fôsse por um intimo pressentimento ou por um acaso feliz, o certo é que D. Amelia não tardou que não aparecesse a uma janela e deu logo com os olhos na figura gentil do academico. Ele tirou o chapeu com requintada elegancia de meneios, e ela correspondeu com um mover de cabeça e um sorriso, ao mesmo tempo que as faces se lhe tingiam de um leve rubôr. Julio exultou, e nos dias subsequentes continuou fazendo galanteio á dama do Chiado.

D. Guterres notou o galau e tratou de colher informações a seu respeito de individuo que lh'as soubesse dar segura e imparcialmente. Quando o ilustraram ácerca do compartamento moral do estudante, o fidalgo, um homem de brios, e em cujas veias girava o sangue nobre dos Cabrais, avincou a fronte e protestou que tais amôres com a filha não deviam ter consequencias.

Um dia recebeu ele uma carta anonima em que o aconselhavam a vigiar pelas relações de sua filha com um goliardo, homem de baixa estatura moral, com fôros provados de libertino, e a viver maritalmente em Coimbra com uma mulher de baixa estirpe.

Ao vêr confirmadas as instruções que tinha obtido a respeito de Julio, entendeu que devia ter uma seria entrevista com a filha e mandou-a chamar.

Veio a menina á presença do pai, muito comprometida e com o presentimento do fim para que era chamada. D. Guterres, que estava de pé junto da janela do gabinete de leitura, e que acabava de corresponder ao cumprimento de Julio que naquele momento se afastava de sua casa, voltou-se quando a filha entrou, e, com grave aspeito, lhe disse:

—Mandei-te chamar, Amelia, para te preguntar se conheces aquele rapaz com quem naturalmante falavas e que agora mesmo se afastou de ao pé desta casa.

A menina corou e respondeu muito ingenua:

—Conheço-o desde que o barão m'o apresentou na noite do baile.

—Pois eu tambem só o conheço desde então—disse o fidalgo—mas até hoje tenho tido ocasião de o conhecer por dentro e por fóra, como se costuma dizer. Eu sei que tens entabolado relações com aquele rapaz, que parece nobre no aspeto e nas maneiras, mas que está longe de o ser nos sentimentos. Antes de melhor o conhecer por informação, formei um conceito muito favoravel a seu respeito, e não se me dava de te dar a ele por espôsa, se um dia me chegasse a pedir a tua mão; mas o que consegui saber ha poucos dias, e hoje vi confirmado, veio destruir todo esse bom conceito e advertir-me de que não devo admitir na minha familia um homem que nada se recomenda pelo seu carater. Esse homem, desde que saibas que tem um cadastro moral que lhe compromete a honra e a dignidade, segundo informações seguras que colhi, não deve ocupar mais o teu pensamento.

D. Amelia ficou estupefacta, e, com voz tremula, atreveu-se a preguntar:—Então o pai cura por informações o procedimento dum homem que conhece ha poucos dias?

—Não só de informações, mas de provas. Esta carta que aqui vez, com tudo o que diz, não foi decerto escrita insidiosamente, mas com um fundo de verdade. Não se calunia um homem pelo simples prazer de o difamar. Basta que ele um dia se afaste um passo do caminho do dever para o seu nome ficar empanado. Ora tu sabes a nobilissima linhagem de que procede teu pai; sabes que o nome dos teus avoengos nunca até hoje foi enodoado por um dos seus descendentes; não quero, portanto, que um homem de semelhante cotação moral venha a deslustrar uma familia que em todo o tempo se prezou de ter por membros individuos do mais subido quilate e da maior pureza de costumes. E então não consinto mais que mantenhas relações com tal homem. Eu mesmo vou escrever-lhe a preveni-lo de que não torne a rondar esta casa, sôb pena de o mandar tagantear pelos meus criados.

(*Continúa*).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Rua Ferreira Borges, 155 — 1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro—**Joaquim Coca Junior.**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

FORTUNATO VAZ

CAMARNEIRA—CANTANHEDE

Agente da casa O HEROLD & C.ª de Lisboa, Porto e Pampilhosa para venda de adnbos quimicos e organicos nas regiões da Bairrada, Gandara, Aveiro, Coimbra e Beira Alta

Os adubos de HEROLD, os mais conhecidos e acreditados, devem ser preferidos por todos os lavradores. Tem as marcas registadas FOICE e TREVO DE 4 FOLHAS.

Para os vinhedos e milharais aconselhamos além das marcas especiais, CAL AZOTADA conjuntamente com FOSFATO TOMAZ e KAINITO.

Para as batatas as marcas especiais FOICE HEROLD e PURGUEIRAS dão um resultado magnifico.

Depositos em Cantanhede, Mogofores e Oliveira do Bairro.

Dirigir por postal a

FORTUNATO VAZ

Camarneia = Cantanhede

DOMINGOS LINO GASPAR

Armazem e oficina de moveis e estofos, mobilias completas, colchoria e camas de ferro. Oleados, baguetes e muitos outros artigos.

128—Rua do principe—130

Figueira da Foz

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

ALFAIATE E MERCADOR

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta

164, Rua do Principe, 168

FIGUEIRA DA FOZ

Sucursal em Leiria, Praça das Galinhas, sob a firma Abrantes & Genro.

Sortido em fazendas de lã e algodão, nacionaos e estrangeiras.

Varinos d'Aveiro, capotes á cavalaria e gabões para homem e creança.

Encarregam-se de qualquer encomenda para fora da terra.

Fazem mercados de Montemór-o-Velho, Guia a Monte Redondo, onde pode ser procurado pelos seus freguezes de fora da Figueira e Leiria.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

LOJA DO POVO

Mercearia, ferragens, fazendas brancas e papelaria. Deposito de tabacos e fosforos. Papeis *Duc*, *Lecosmopolite* e outros, para cigarros. Fosforos de cera e amorfos. Sabão, etc., etc.

Desconto da tabela da companhia.

Vendas por junto e a retalho

Bernardo Gonçalves Ferreira

Montemór-o-Velho

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

1.° Ano — Arazêde, 12 de Maio de 1912 — Numero 12

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 réis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 réis; na 3.ª, 40 réis e na secção respetiva, 30 réis.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado

O DEVER

ASSINATURAS

Portugal e Colonias Portuguezas.—Ano, 999 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis.
Brazil. — Ano, 2$000 réis, fortes.
Numero avulso, 30 réis.

Redação e Administração—ARAZEDE.
Oficina de Composição e Impressão—Tipografia Silva (a vapor)—Largo do Espirito Santo—AVEIRO.

Director, editor e proprietario — MANUEL DE MELO
Redactor principal — Humberto Beirão

A correspondencia deve ser dirigida ao director deste jornal

Patria e Humanidade

SEMANARIO REPUBLICANO

Redactores: — J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz e Soveral da Rocha

Secretario, Augusto Baia — Administrador, Antonio Baia

A emigração portuguêsa

Continua sem solução o problema da emigração portuguêsa, e a falta de braços em Portugal é cada vez mais sensivel e perigosa.

Mal vai ao governo se não trata de resolver o assunto quanto antes. Mal vai ao governo e mal nos irá a nós, que teremos, em breve, de sofrer-lhe amargamente as consequencias.

O Minho está despovoado, e outro tanto acontece ás duas Beiras, especialmente á nossa provincia, da qual todos os dias estão emigrando familias inteiras.

A imprensa periodica tem-se referido ao caso, toda a gente de senso vê a questão algo prejudicial ao país, mas as providencias adotadas e tendentes a terminar com os clamores que se estão ouvindo já do Norte ao Sul de Portugal, não são nenhumas, e isto não póde continuar assim.

Temos aberto um Parlamento, com ele gastamos rios de dinheiro, e vemos com desgosto que o Parlamento, em vez de ser uma casa util á nação, não passa duma escola de rapazes, diferente apenas em que os petizes levam seu puchão de orelhas, de vez em quando, e os deputados, alguns, merecendo uma vergastada, recebem deferencias e cortezias de seus mestres.

Vamos atravessar uma quadra em que a falta de trabalhadores ha de custar muitos amargos de boca, muitos maus quartos dhora, e a emigração tanto prejudica o pequeno como o grande lavrador. Os que deixam Portugal, na mira de dias mais tranquilos e felizes, fazem-no, quasi sempre, sob condições bem pouco lisongeiras, porque, não sabendo lêr nem tendo preparação alguma, a vida de martirios continuará longe da patria, agravada ainda com a saudade constante dos seus e do redobrado esforço que têm que fazer para angariar o suficiente para não morrer á mingua.

A emigração compreendia-se desde que houvesse falta de trabalho, ou que Portugal não fosse um país prospero ou não tivesse vida propria.

Assim não. Portugal é fertil, tem vida e condições naturaes de progresso e de trabalho, é digno da estima e do esforço de todos os seus filhos.

* * *

Crear fama de bom politico, de bom administrador, ter apenas os olhos pregados na consideração do estrangeiro, não é o suficiente.

E' preciso mais alguma coisa. E' preciso mesmo muito mais. O governo tem de olhar para a falta de braços que se está fazendo sentir no país, porque a falta de braços produtores é a consequente e logica falta de pão, e a fome não tem amigos, não tem sorrisos nem quer festas, não admite festas nem descantes.

Um estomago vazio origina cometimentos inqualificaveis, horrorosos, e o povo quer comer, quer matar a fome, porque com fome e com frio não quer saber de cantigas.

A agricultura está sofrendo enormes prejuizos.

Não ha quem cave uma vinha, não ha quem regue uma horta, não ha quem cuide duma flor!

Os que deixam o paiz vão sacrificar-se, lá longe, e os que por cá ficam exploram o preço do trabalho, de maneira que um misero alqueire de milho, que não devia custar mais de 300 réis, eleva-se ao preço de 6 e 7 tostões, e a um trabalhador, a que não podemos pagar, por falta de lucros, mais de 400 réis, teremos que dar 5 e 6 tostões.

O Brazil já foi Brazil. Lá não se cava o dinhoiro. Noutros tempos, que a civilisação andava ainda pelas portas da morte, e que qualquer moço de fretes arranjava uma fortuna, isso sim, que se poderia *ajuntar um pé de meia*.

Agora não. A luz das letras tem rasgado horisontes tenebrosos e conquistado o grau de aperfeiçoamento a que a humanidade já chegou.

Para se arranjar alguma coisa lá fóra, hoje, é necessario muito trabalho e passar por lá toda a mocidade, muitas privações, sofrimentos sem fim, e ao cabo de tantos sacrificios, muitas vezes, encontrar a morte longe da patria e da familia. E a fortuna, a sonhada e ambicionada fortuna nunca vem.

E' nisto que deviam atentar os emigrantes.

E é isto que os governos deviam impedir com leis sabias e logicas leis.

Tudo que assim não fôr, é mau, é prejudicial para todos, dirigentes e dirigidos.

Mas nós esperamos ver em breve a questão resolvida, a serio, com prudencia e proficiencia.

4 de maio de 1912.

Almeida Junior.

NOTAS

O jôgo

Está regulamentado o jôgo! Agora pode-se jogar á vontade mesmo nas *barbas* da policia. Os snrs. jogadores escusam de ter receio pelo dinheiro que ganham, porque de hoje em diante deixam de ser incomodados pela autoridade.

Regulamentar o jôgo é o mesmo que fazer criminosos e ladrões. Quantos desgraçados de hoje em diante, vendo abertas as portas da batota, deixarão o seu caminho e entrarão naquela casa com o intuito de acudirem a alguma sua necessidade, arriscando o ordenado duma semana! E depois perdem todo o dinheiro com que tinham de alimentar suas familias, com que tinham de pagar aos seus crédores, desesperam-se, alucinam-se e acabam por suicidar-se.

A quem cabe de fufuro a responsabilidade destes suicidios? Aos que tiveram a leviandade de decretar uma medida ruinosa para a sociedade, em vez de pensarem na decretação doutras que se impõem e que até hoje ainda não tiveram solução.

Woodnorton

Foi vendido este grande palacio, que pertencia ao duque de Orléans e para onde se refugiaram o ex-rei de Portugal e sua mãe Maria Amelia, quando despontou a aurora da Liberdade, em 5 de Outubro. D. Manuel decerto anda com azar. Depois que fugiu de Portugal, ao som da metralha, foi-se-lhe embora o seu ultimo reduto — o castelo de Woodnorton, para onde fugiu com sua mãe, a chorar a perda dos adiantamentos! A mocidade *radiosa* dum rei cretino e covarde!...

A aviação

Acaba de sucumbir em Nice mais um conquistador do espaço, o conde Robillard de Casnac. A sua morte foi instantanea. Quando o espaço estiver definitivamente conquistado, quantas vitimas se terão de contar de arrojados aviadores? Mas como não ha ciencia sem martires, a aviação tambem terá o seu necrologio.

Esta coisa de andar pelo ar... Pois na terra dão-se tantas quedas, que fará onde a gente se não póde segurar! Nada. Vamos andando cá por baixo.

Um livro

Deve aparecer de 10 a 15 do corrente o celebre livro do snr. Teixeira de Souza. O ultimo presidente do ministerio da monarquia deve saber como ninguem o que se passava nas Necessidades e de estar ao par de todas as traições que o ex-rei queria pôr em execução. Se o livro versar estes assuntos, deve ser interessante e terá muitos leitores, ávidos de saberem o que se passou quando a monarquia agonisava. Venha, pois, o livro; mas é preciso que diga toda a verdade, que exprima todo o vilipendio e todas as baixezas do regime dos *adiantamentos*.

Segue a roda

Foi preso em Vilar Formoso, vindo de Ciudad Rodrigo, um conspirador de nome Antonio Martins da Rapa. O Rapa era portador de documentos importantissimos, que teve o cuidado de esconder no fôrro do casaco. Atendendo á importancia da prisão, será bom que a Justiça faça justiça, castigando aqueles que querem vender a sua patria ao estrangeiro, sem um vislumbre de dignidade. Todo aquele que atraiçôa a sua patria, é peor ainda que um bandido; e o Rapa, neste caso, póde-se classificar de salteador.

Nada valeu ao Rapa o expediente, escondendo os documentos no fôrro do casaco, porque sempre lhes foram encontrados, o que nos leva a crêr que o Rapa desta vez ficou *rapado*.

Dr. Francisco José de Medeiros

A magistratura portuguêsa acaba de perder um dos seus melhores ornamentos. O dr. Medeiros foi um dos poucos homens que no tempo da monarquia souberam conservar o seu espirito liberal, levando ele o seu patriotismo ao ponto de pedir a sua demissão de ministro da Justiça, por não poder, como queria, dar o castigo ao celebre bispo de Beja. A Republica perdeu no dr. Medeiros um valioso cooperador e um verdadeiro democrata.

Altruismo

O snr. Jean Barès, diretor do jornal *Le Réformiste*, orgão da Sociedade Simplificadora da Ortografia e da Liga dos Livres Pensadores Espiritualistas, é um verdadeiro benemerito da humanidade, pois acaba de enviar ao ilustre filologo Candido de Figueiredo a importante quantia de 4 contos de reis para, com ela, serem editados compendios simplifistas da ortografia nacional, afim de serem distribuidos gratuitamente por todas as escolas do nosso país. Os intuitos do snr. Barès são realmente para louvar, visto que não desenvolve iniciativas apenas dentro da sua patria, mas até dentro das patrias alheias, o que é a melhor confirmação de que as patrias tendem a unificar-se para constituir mais tarde uma só familia. Apareça mais quem dê exemplos como este.

O que é isto?

Uma folha de Lisboa com pouquissimos leitores, que tem feito uma campanha odiosa sem treguas, contra a Republica e contra os seus homens mais prestigiosos, sae-se de lá com aparvoiçados ares de ingenuidade e põe a pergunta: O que é isto!

Não nos imporiamos o trabalho de responder ao papelucho para satisfazer o desejo que mostra em saber o que é isto, se não tivessemos compreensão dos deveres de jornalista que conhece a elevada função social que tem a desempenhar no seio das sociedades modernas:—Orientar com rectidão e com a publicidade.

O articulista, retorcendo criminosamente a verdade insofismada dos factos, confundindo a opinião dos seus escassos leitores com argumentos inaceitaveis, transbordando ruindade da sua alma pequena e vil, cai desbocadamente sobre a obra da Republica e põe fecho á sua perversa quanto parcialissima analise da vida politica republicana com este apreensivo trecho:

> Quando uma sociedade politica chega a uma tal situação, quem póde vêr sem tristeza os dias que passaram, por maus que tenham sido, na sombria apreensão do que hajam de ser os que veem raiando agora e que podem mostrar-se ainda muito mais calamitosos?

Vamos ser concisos na resposta, porque mal empregado é o tempo que se perde em responder a adversarios que sistematicamente têm jogado a navalha da calunia á obra de remodelação que o regime vigente tem feito e quer continuar. Mas para se fazer juizo seguro do sectarismo do articulista, é de bom criterio que se diga que as palavras mais denegridoras são dirigidas de preferencia ao ilustre autor da lei de 20 de abril. Tremem de contentamento os adversarios do dr. Afonso Costa, ao verem que certos desmiolados o pretendem morder com as gratuidades analiticas do seu vasto trabalho de remoçamento da nossa sociedade, trazida ao desmorono pela desregrada monarquia. O dr. Afonso Costa está colocado pelo seu admiravel talento acima daqueles que fazem mensão de lhe trincar as canelas. Sabe-o o paiz inteiro. Basta-se.

O que é isto? Em breves palavras o diremos. E' a Republica, a forma de governo escolhido com entusiasmo por enorme maioria da população portuguêsa. E' a Republica que, embora não tendo ainda feito tudo quanto se esperava, tem já dado solução a graves problemas em que a monarquia, por virtude da sua estrutura intima, não podia tocar sequer. E' a Republica que refará, em porvir proximo, a heroica reputação do nosso nome de outr'ora, que a monarquia em orgias constantes deslustrou bastante. E' a Republica libertando da servidão da igreja fradesca milhares de adeptos, do que resultava a oxigenatação da consciencia nacional. E' a Republica enfim que resgatará esta Patria, tão grandiosa do tragico ruir para o qual conduziram os crimes de lesanação de um regime de malversação dos dinheiros publicos.

Custodio Mendonça.

Aos nossos assinantes

Novamente os prevenimos de que devem reclamar sem demora qualquer numero do nosso jornal que, por ventura, não recebam; de contrario, sujeitar-se-ão a ficar sem ele, porque os exemplares facilmente se esgotam.

Vemos com pesar, que os correios continuam a desempenhar mal a sua missão, conforme se nos queixam muitos assinantes; e, a continuar assim, teremos de adotar medidas mais energicas. E' o que por agora lhes comunicamos.

Interesses locaes do Canêdo

(Pampilhosa do Botão)

Recebemos a carta que segue, a que gostosamente damos publicidade, por se tratar dos interesses colectivos dum povo que vê cerceados os seus interesses, em proveito dum ou dois, que, infelizmente, ainda nestes tempos luminosos de liberdade, presistem em contrariar, em obdiencia a fins politicos inconfessaveis, as legitimas aspirações de quem quer engrandecer-se e civilisar-se.

E' neste caso que está a florescente povoação do Canêdo, cujos interesses alguem quer prejudicar, sem senso nem tato de especie alguma; e como no programa do *Dever* está consignada a defeza do povo trabalhador, do povo que moireja e que produz, não pudemos nós fechar a nossa porta a quem com tanta justiça e tão delicadamente nos procura.

Fazendo votos para que justiça integral seja feita á laboriosa povoação do Canêdo, pômos á disposição daquele povo generoso as nossas modestas colunas.

Eis a carta:

Senhor Redactor do *Dever*:

Permita-nos que no seu bem orientado jornal, que nós vemos ao lado do povo, digamos duas palavras á cerca do já celebre assunto da construção dum ramal, cuja estrada, partindo da Pampilhosa, ligue a povoação do Canêdo.

Ha tempo fizeram as fabricas de Ceramica da Pampilhosa do Botão, um pedido, para que lhes fosse feito um ramal de estrada a ligar com o ramal que bifurca com a estrada n.º 10, de Viadôres a Pampilhosa do Botão, pelo lado poente deste ramal, a ligar com a estrada de Larçã a Pampilhosa.

O povo do Canêdo, sabendo qual era o projeto por onde queriam que o ramal fosse estudado, e estando o Canêdo já entre duas estradas sem que ninhuma por lá passe, desgostou se, por vêr que ainda desta vez o esquecem, projetando a construção duma estrada, que, passando a 400 metros de distancia da povoação, déla se desvia, por caprichos, por teimosias, para satis-

fação de fins politicos que pouco lustram e pouco honram quem os procura seguir em detrimento dum povo que sabe ser ordeiro, que sabe ser honesto, e que sobretudo procura conquistar as regalias a que se julga com direito.

Pois bem. O povo do Canêdo, sabendo que havia quem na sombra tramásse as suas legitimas aspirações, que são a construção do referido ramal a passar pela povoação, procurou o cidadão Joaquim da Cruz, presidente da Camara da Mealhada, pedindo-lhe a patrocinação d'esta causa legitimamente justa e logica, e o snr. Cruz, entrevistado pela comissão de melhoramentos do Canêdo, prometeu fazer tudo quanto poudesse, achando racional o pedido.

E com efeito, chegaram a vir engenheiros, mandando um portador ao Canêdo chamar um homem para os acompanhar no estudo a fazer por lá, pelo Canêdo, trazendo os engenheiros ordem da Direção das Obras Publicas de Aveiro, para respeitarem esta povoação.

Mas uma das fabricas impóz-se, e eis que o estudo não chegou a ser feito como primitivamente se havia combinado e ordenado, pedindo a mesma fabrica contrariadora, com todo o interesse, ao cidadão Joaquim Cruz, para que retirasse o projecto do estudo da estrada a seguir pelo Canêdo, e assim foi feito, doloroso é confessa-lo, fazendo-se depois o estudo de modo a ter o ramal que atravessar matos e pinheiraes, abandonando-se assim tão lastimavelmente uma povoação com direitos adquiridos.

Vendo-se o povo do Canêdo abandonado por causa do capricho duma fabrica, que aliaz não é prejudicada com a construção do ramal pelo Canêdo, e não tendo ninguem que soubesse pedir, foi novamente falar ao snr. Joaquim Cruz, notificando-lhe e fazendo-lhe sentir que estas coisas não podiam continuar assim, e que ele, na sua qualidade de presidente de Camara, tinha por dever olhar o assunto mais a serio, com mais imparcialidade e com mais justiça.

O snr. Cruz mandou então fazer uma representação á Comissão Paroquial da Pampilhosa do Botão, para esta dar o seu parecer, que seguiria as vias competentes, até chegar ás mãos do snr. Ministro do Fomento, negando que alguem houvesse influido junto dele para obstar á construção da estrada pelo Canêdo.

Querem, porem, os leitores saber as peripecias que se deram, os desgostos, os trabalhos, as canceiras que tem tido a povoação do Canêdo para o conseguimento dum tão justo melhoramento, que aliaz é pago á custa dos humildes contribuintes, e que afinal um só homem pretende contrariar para servir quem muito bem lhe apráz?

Leiam as representações que se seguem:

Ao cidadão Presidente da Comissão Paroquial da Freguezia da Pampilhosa.

O povo do logar do Canêdo, vem por este meio pedir á comissão Paroquial de que v. ex.ª é digno presidente, que se oficie ás estações competentes, afim de a estrada projetada junto ás fabricas de ceramica em direção á estrada distrital que segue para a Mealhada, passe pela dita povoação do Canêdo, em direção a Viadôres, até encontrar a estrada n.º 10, para a qual o povo do dito logar facilita as necessarias espropriações.

Para os fins convenientes levamos este ao conhecimento de v. ex.ª, esperando que a digna comissão Paroquial resolva como fôr de justiça.

Canêdo, 30 de Julho de 1911.

(Seguem as assignaturas).

Em resposta, a Comissão Paroquial, enviou o seguinte oficio:

Ao cidadão Presidente da Comissão Municipal Administrativa do Concelho da Mealhada.

Eu, Julio Teixeira Lopes, Presidente da Comissão Paroquial Administrativa da Freguezia da Pampilhosa, levo ao conhecimento de v. ex.ª, para os fins convenientes, de que em sessão do dia 30, da dita Comissão, foi entregue uma representação da povoação do Canêdo, pedindo para que a estrada projetada junto ás fabricas de ceramica, pásse pela dita povoação do Canêdo em diréção a Viadôres.

Sendo eu presidente, e bem como os vogais José Figueiredo e João Ferreira Mano, de opinião que a estrada passe pela dita povoação, visto que é um importante melhoramento para tal povoação. Mas protestando o vogal Luiz Geralberto Teixeira, contra tal plano, por ser mais dispendioso do que seguindo o plano primitivamente deliniado para ela, e por intender que passando ela por o Canêdo, prejudica a maior parte da Bairrada.

O vogal secretario, *João Loureiro*, em face das divergencias expostas, opina para que as instancias competentes mandem estudar a referida estrada, de forma que ela fique o mais de harmonia possivel com os interesses geraes da região que ela tenha de atravessar, não sacrificando o interesse geral com interesses particulares, e não se desprezando mesmo a forma como ela haja de ficar mais perfeita.

Em face disto a comissão da vossa digna Presidencia procederá como fôr de justiça.

Saude e Fraternidade.

Pampelhosa, 30 de Julho de 1911.

O Presidente da Comissão Paroquial,

Julio Teixeira Lopes.

Nesta informação já tivemos um vogal que protestou por ser operario da fabrica que se impõe á construção da estrada pelo Canêdo, e por isso está classificado.

Esta informação foi entregue na Camara da Mealhada por 3 vogaes da Comissão. O presidente cidadão Joaquim da Cruz, pediu-nos para voltarmos á sessão seguinte para então dar o seu informe, que queria combinar com todas as fabricas para ver se entre elas arranjava a importancia de 700$000 réis, para fazer em seu logar um ramal para o Canêdo, e para entrarem com o dinheiro em deposito, e caso não depositassem a importancia, que ficava do nosso lado para nos ajudar.

Voltámos á sessão seguinte, e como não houvesse sessão por falta de maioria de vogais, falámos-lhe na secretaria da camara, perguntando-lhe o que tinha resolvido.

Disse-nos então que as fabricas não punham o dinheiro em deposito, e nós pedimos-lhe a nossa representação com o seu bom ou mau informe. O snr. Cruz respondeu-nos que por enquanto não estava resolvido a informar, mas respondeu-nôs de uma forma tão desagradavel, que logo nos deixou ver que não era o mesmo homem, vendo nós que ele estava tão fanatisado pela fabrica pela qual se empenhava, que resolvemos fazer nova representação diretamente ao Ministro do Fomento, da forma seguinte:

Ex.mo Snr. Ministro do Fomento.

Os abaixo assignados, moradores das povoações do Canêdo e Entroncamento da Pampilhosa, constando-lhe tratar-se agora de satisfazer á solicitação, já ha anos feita, por uma firma industrial para a construção de um ramal de ligação da parte ocidental desta povoação, onde demora a fabrica de ceramica desta firma, com a estrada distrital n.º 10, e tendo conhecimento, de que, pelo traçado já estudado a estrada deste ramal, embora passe apenas a uns quatrocentos metros daquela povoação, que estando em constante comonicação com esta do Entroncamento, todavia não tem estrada alguma a servil-a, nada lhe aproveitaria; e que no entanto poderia por ela ser servida, se em vez de se seguir o traçado do projeto, se fizesse nesta um pequeno desvio, para o lado do poente na sua diretriz, afim de a estrada passar pela dita povoação do Canêdo; do que resultaria, álem de tal beneficio redondar tambem em proveito da sua população, ainda o não pequeno interesse para a Fazenda Nacional, do baratiamento do seu custo; pois que os abaixo asssignados, proprietarios dos predios, que naturalmente seriam atravessados se se adotasse esta variante naquele projeto, cederiam gratuitamente ao Estado todos os terrenos que nas proximidades das linhas das suas respetivas extremas, fossem, nesta zôna, necessarias para a construção da estrada naquele desvio.

Confiados em que ao muito esclarecido e reto espirito de v. ex.ª, haja por bem ordenar, que se suste qualquer execução daquele projetado ramal emquanto não for estudado e adotada esta reclamada variante no seu traçado.

Saude e Fraternidade.

(Seguem as assignaturas).

Esta representação foi entregue em Lisboa, na Camara dos Deputados, ao cidadão dr. Francisco Cruz, pelo snr. Manoel Cristina Branço, natural do Canêdo e residente na capital, em 27 de março do ano corrente, para o snr. Cruz entregar ao snr. Ministro do Fomento.

O snr. Cruz prometeu fazer justiça, acrescentando que não via prejuizo algum para a fabrica Lacerda & Figueiredo, indo a estrada pelo Canêdo, comprometendo-se ao mesmo tempo, perante esta povoação, a fazer chegar a referida representação ao ministerio respétivo, e nós vemos com desgosto que o snr. dr. Cruz se limitou tão sómente a fazer simples conferencias, conforme noticiou o *Mundo* de 28 do mesmo mez.

Seu mano Joaquim, o que é mais lamentavel ainda, ao vêr a referida noticia, escreveu-lhe dizendo-lhe que ele advogava uma causa que não era justa, e que haveria descontentamentos se a estrada fosse construida pelo Canêdo. Bem entendido que o snr. dr. Cruz se arrependeu logo d'alguma coisa que havia feito em beneficio da povoação referida, assim como parece ter posto de parte a representação que lhe fora enviada.

Todos os dias se estão entregando representações nos diferentes Ministerios Publicos, de diversos pontos do pais.

Umas têm solução, outras não. Mas todas são atendidas.

Só a pobre povoação do Canêdo, que só se vê em ocasiões eleitorais e de pagamento de contribuições, é posta no olvido, parece que propositadamente.

Se o snr. dr. Cruz não queria proteger o Canêdo, não recebesse a representação, e recebendo-a, tinha o dever moral de lhe dar o devido andamento.

Descontentamento reina por tratarem de desviar do Canêdo um melhoramento a que tem direito, e não pelo motivo que o mano Joaquim lhe indica.

Tudo isto são joguinhos cuja luz se fará oportunamente, dôa a quem doer, custe a quem custar.

Não se prejudica impunemente uma povoação que quer engrandecer-se legitimamente. Mas nós veremos como as coisas são.

Entretanto ao snr. Ministro do Fomento pedimos providencias, e que mande sindicar a questão, visto que as representações dum povo parece que não passam do bolso de quem se compromete a faze-las chegar aos seus destinos.

Desculpe, snr. Redator, o espaço que lhe tomamos, e creia na consideração dos que são,

De V., etc.

Canêdo, 9 de maio de 1912.

A Comissão,

Manoel Dias Agante
José Francisco Lindo
Manoel Reis da Costa Santos
Abel da Costa Loureiro
Alipio Rodrigues
José Augusto Dias Agante.

Ferro-viarios de Portugal

E' sempre mau, é sempre imoral o ataque pela sombra. Atacar anonimamente um individuo, sem tomar a responsabilidade do acto que se pratica, dá sempre uma nota chocantemente desagradavel.

Anonimo quer dizer perverso, tolo, imbecil, traiçoeiro.

Ora nós vemos com desgosto que hoje em dia é o anonimato a arma que mais se tem á mão para deprimir este ou aquele, para despejar sobre qualquer uma pázada de bilis, de pus, de raiva mal contida.

Queremos referir-nos a um panfleto que clandestinamente foi publicado e distribuido ao pessoal ferroviario da Companhia portuguêsa.

Estes papeis anonimos, dizendo mal de tudo, dão uma nota tristemente destoante em desabono de uma classe.

Nós não nos insurgimos porque se façam acusações a este ou áquele, quando essas acusações sejam justas, logicas e oportunas, tomando-se a responsabilidade delas, firmando-as.

Assim não. Somos contra o anonimato, cujo processo afinal a classe deve repudiar.

Porque o publico e a classe, vendo circular um papel sem assinatura, tanto o pode julgar escrito por um ladrão ou um canalha, como por um homem de bem.

De resto uma corporação que tem comissões de melhoramentos, sindicatos, associações e nucleos de defeza dos interesses da classe, como por aí se propala, não carece de panfletos anonimos, que, longe de defende-la, deprime e vexa a sua nobreza e a sua conduta aliáz honesta e irrepreensivel.

As comissões de melhoramentos, sindicatos e associações deviam ser as primeiras a lavrarem o seu protesto por procedimento tão incorreto.

Mas não. Sabem da circulação, ás escondidas, de papeis sem responsavel, e ficam-se de braços cruzados, como quem gosta de processos desta natureza.

O anavalhar na sombra é proprio de almas pequenas.

Que apareçam os defensores, se os ha, mas de cara descoberta. A classe quer conhecel-os.

Cezar.

Publicações

Recebemos os n.os 8, 9, 10 e 11 da *Revista Infantil*, publicação quinzel destinada á educação das crianças, e que é propriedade do nosso colega da capital *A Humanidade*.

Inserem esplendidas gravuras e burilados trechos de literatura em prosa e verso, que são verdadeiros mimos para o espirito exigente das crianças. Marcelino Mesquita, Julio Dantas, Brito Aranha e Afonso Lopes Vieira, são os autôres preferidos para levarem altos insinamentos ao seio da infancia portugueza, e para despertarem sentimentos belos e maravilhosos nos corações juvenis.

A *Revista Infantil* é deste modo uma publicação util, que vem auxiliar poderosamente a educação e a libertação das crianças, que nela encontrarão solidos preceitos e valiosos conhecimentos.

Agradecemos os numeros que nos foram oferecidos.

ANTI-ALCOOLISMO

Os perigos do alcoolismo sob o ponto de vista higienico e moral

Começamos hoje a apresentar aos nossos leitores algumas noções ácerca dos perigos que oferece esse terrivel inimigo da sociedade, que dia a dia a vai precipitando num abismo tenebroso, do qual só poderá salval-a uma constante e persistente propaganda educativa, apresentada em factos que demonstrem a todos aqueles que se deixam seduzir pelo vicio do alcool, o erro da sua inclinação, tanto mais perniciosa quanto mais degradante para um povo que quer atestar o seu brio civilisador e a sua dignidade e pureza de civismo.

Comecemos por dizer em que consiste esse cancro corrosivo, como se fabrica e como se adultura no comercio, até entrarmos propriamente nos perigos fisiologicos que ele ocasiona e nos terriveis efeitos sociaes que produz.

Sómente pedimos aos leitores que atentem no que passamos a expor.

I

O que é o alcool

O alcool é um licor que se extrai por distilação dos liquidos assucarados capazes de fermentar.

O espirito de vinho denomina-se *aguardente* ou *cognac;* o espirito de bagaço constitue a *aguardente* de *bagaço;* do sumo das cerejas se obtem o *kirsch;* do residuo das canas de assucar se extrai o *rhum*. A industria fabrica ainda alcool com melaços de *beterrabas, batatas, cereais*, etc., sendo este o mais perigoso.

Se se agarrar um porco da India e se se lhe injetar nos tecidos uma pequena quantidade de espirito de vinho, o animal, passado um momento, apresenta uns sintômas de embriaguez; mas, se se lhe injetar a mesma quantidade de alcool industrial, morrerá logo depois duma crise epilética.

Realmente, aquilo a que chamamos *alcool* é uma composição variavel de *muitos* alcooes quimicos de propriedades diferentes. O menos prejudicial é o alcool etilico, que predomina no espirito de vinho. O mais perigoso é o alcool amilico, que constitue a maior parte dos alcooes industriais. Para matar um cão é necessario quantro vezes mais de alcool etilico do que de alcool amilico.

Erratas

Por lapso saiu, na data da carta enviáda do Brazil pelo nosso patricio Manuel Alves, e publicada no ultimo n.º do *Dever*, «Abril de 1910», em vez de «Abril de 1912».

Tambem na nota referente ao Ministerio de Instrução pública saiu em italico, «*pagar*» em vez de *papar*.

Que os nossos leitores nos desculpem as involuntarias faltas.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

X

Chega a ser interessante!

De tempos a tempos, baixam lá do *alto* vozes que incitam o professorado primario, á união, á mais estreita união—porque, dizem elas, só por esse meio poderá conseguir satisfação ás suas justas reclamações. Os professores ouvem essas vozes amigas, com uma lagrima de reconhecimento brincando ao canto do olho—e ficam sem saber a que atribuir os conselhos dos senhores *conselheiros*.

Efectivamente, o caso é bicudo e complicado. Aqueles mesmos em cujo poder está satisfazer as aspirações do magisterio primario, manifestadas de ha bastantes anos a esta parte pelas mais variadas maneiras,—serem os proprios a pedir guerra, que outra coisa não poderiam esperar duma associação forte do professorado!

Eles lá sabem porque o fazem e para que o fazem. E mesmo eu, sem que ninguem mo dissesse, julgo conhecer o motivo ou motivos de tanto interesse.

Sabe-se bem lá por cima, como ninguem o ignora cá por baixo, que a união, a verdadeira união da classe de famintos que são os professores primarios, é um problema de muito dificil e morosa solução. Nós temo-nos encarregado de o provar desastradamente, com quantas tentativas temos ensaiado. Desde o morto directorio aos novos sindicatos, em tudo temos mostrado que o espirito associativo não é o nosso forte. Acima dos interesses colectivos, colocamos as nossas ambições de mando, os nossos despeitos, as nossas ideias politicas e religiosas. As minorias nem á mão de deus padre se querem submeter ás maiorias—e dai grupos, facções, egrejinhas. Reflexo, afinal, do nosso meio dirigente.

O directorio, que em Coimbra teve umas sessões menos más, deu com os burrinhos na agua por causa de três ou quatro dos seus membros se submeterem ao jesuitismo, apesar de não ignorarem que a maioria da classe que representavam era liberal. Foi esta a razão principal—digo-o bem alto, sem receio de desmentido, eu que ao directorio pertenci e que me orgulho de lhe ter atirado as primeiras machadadas, quando percebi o perigo que adviria para a Ideia Nova do provavel contagio das retrogadas doutrinas dos tais três ou quatro, que a classe irreflectidamente havia colocado em logar preponderante. Agora são os sindicatos—nem já os sei contar, no meio de tanta baralha—a que não auguro muito melhor destino.

E então os senhores do *alto* riem-se á sucapa—e insinuam que nos não atendem porque não sômos unidos. E então os senhores *conselheiros* lá de cima incitam-nos á união—porque bem vêem quanto ela é dificil.

Ah! que se o professorado tivesse juiso!...

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Uma igreja... praça de touros... e um padre... toureiro

—=(*)=—

Na pitoresca povoação de Santo Antonio das Areias, que dista 4 kilometros da estação do caminho de ferro de Marvão, realisou-se, no dia 25 de abril, a habitual romaria a S. Marcos, *santo* no qual a maior parte dos habitantes daquela povoação e circunvisinhanças, tinha uma fé espantosa, acreditando que fazia milagres, etc.

E assim era, com efeito, pois que as ofertas ao *santo* chegaram a ser, noutros tempos, de tal modo importantes, que muita gente lhe levava, algumas vezes, não só o produto humilde das tristes economias, senão que tambem os seus unicos haveres, que em muitos não passava d'uma junta de bois.

A questão estava apenas em que o *santo* livrasse do serviço militar os *Zés*, os *Maneis* ou os *Jaquims*, filhos dos crentes nos seus milagres. Por me contarem estas coisas que despertam a hilaridade, eu não pude fugir á tentação de ir ver a *carinha* do *santo*, que, sendo assim tão milagroso e tendo recebido tantos bois e tantas vacas, devia, sem duvida, estar podre de rico, possuindo alguma *gananderia* capaz de competir com o Palha Blanco.

Assim não aconteceu, pois o pobresito do S. Marcos lá está ao canto d'uma capela, um edificio já velho e nada luxuoso, como o poderia ser, se o produto das ofertas tivesse sido, realmente, empregado em seu beneficio ou em beneficio da sua *casa*.

Mas eu achei graça a tudo aquilo, muita graça e ri-me do *santo*, quando se me deparou, a seus pés, um touro de barro, que me fez lembrar o S. Miguel que está na capelita da minha aldeia, e que tem, tambem aos pés, uma figura do *diabo*, *esgatanhando-lhe* as pernas, que estão *ensanguentadas* de... tinta.

O que mais prendeu a minha curiosidade, porém, foi um touro de carne e osso, que antes da missa entrou na capela do S. Marcos.

Cá fora, no adro, uma chuva miudinha veio importunar os forasteiros, dentre os quaes duas hespanholas, que por sinal eram bem boas, gentis e palradeiras, e com quem eu animadamente falava.

Entramos agora na capela, e lá continuámos a palrar, rindo por isto e por aquilo, rindo de tudo, porque nem por estarmos ao pé do *santo*, deixámos de rir e de falar em coisas que mais lembram na juventude.

Sente-se uma inorme barulheira. E' o touro, o touro natural, que, impelido por inorme massa de povo, entra na igreja, aos encontrões, á força, levando á frente um padre, de *pincel* na mão, deitando-lhe *agua benta* na cabeça, o que mais me fez lembrar um toureiro na praça do Campo Pequeno, do que um áto religioso para engodo dos pobres crentes.

Assim, á força, conseguiram que o pobre animal fosse até ao altar, á presença do *S. Marcos*, continuando o padre a burrifar-lhe a tromba e a convencer simultaneamente os papalvos de que a entrada ali do boi fôra milagre do *santo*.

Que barbaridad!!!

Ao diabo não lembrava esta.

Mas o mais curioso é que nos anos anteriores, os bois que pelo mesmo processo ali entravam, eram oferecidos ao *santo*, em troca dos *milagres* que... não fazia.

Este ano, como está em vigor o decreto promulgado pelo ministro da guerra do governo provisorio, creando o serviço militar obrigatorio, o *santo* perdeu todo o seu prestigio, visto que a sua especialidade era livrar rapazes das fileiras do exercito, que tão preciso é para a defeza da integridade nacional. Que grande patriota!...

Certamente não procurava fazer desses *milagres*, se nas veias lhe girasse sangue retintamente portuguez. Mas não. Ele é italiano, nasceu na cidade dos pápas, em Roma, não me recordo a quantos de que mez nem de que ano, mas já deve ser velhinho.

Pobre S. Marcos! Em Portugal estão acabados os teus dias.

E a prova disso tivestel-a tu em abril. Para teres a visita dum boi no dia da tua festa, foi preciso pedil-o emprestado ao lavrador.

E o lavrador emprestou-to, tão somente, porque, tendo ido ao teu arraial em carros guarnecidos de flores e de verdura, levou comsigo as suas filhas, que tiveram boa ocasião de, em vez de te olharem, trocarem meigos olhares com os seus amados. Ofertas já não houve.

Todas te deixaram para ir gosar na frente da tua *casa*, dançando e cantarolando, tocando e falando de amôr. Tudo isto tu devias ter visto do alto do teu andor, quando saiste em procissão.

Os que comtigo têm explorado os papalvos, que tratem doutro oficio. E tu raspa-te para a terra que te foi berço.

E' um conselho d'amigo.

Lisboa, Maio de 1912.

M. d'Almeida Junior.

CASOS DA SEMANA

Suicidio

Suicidou-se no dia 6 do corrente, no Vizo, freguesia de Liceia, Joaquim Batata, em consequencia de ter sido citado para no proximo dia 17 comparecer no tribunal judicial, afim de responder, em audiencia de juri, como um dos perturbadores da ordem que quizeram opôr-se ao arrolamento dos bens paroquiais de Liceia, e que projetaram usar de meios violentos contra as autoridades de Montemór, quando estas deram cumprimento á sua missão.

Os reacionarios que influiram no animo do Batata para que ele aderisse ao grupo dos desordeiros, deviam agora sofrer a penalidade a que aquele soube poupar-se.

Atropelamento

Maricato e um seu companheiro, andando domingo passado em exercicios de bicicleta, atropelaram numa corrida mais veloz, duas mulheres que estavam conversando na estrada, caindo uma de costas e maguando a cabeça, e a outra de lado, fazendo um ferimento na região occipital. Uma das mulheres está em estado grave, receando-se pela sua vida. Segundo consta, até hoje ainda pouco uzo fez da fala, conservando-se num estado de torpôr. Esta é a mulher do snr. Joaquim Frade, do logar da Mata.

A desventurada teve que ficar em casa de seu cunhado José das Faiscas, por não se encontrar em estado de ser conduzida para sua casa.

Visita

De visita a sua familia encontra-se na Pampilhosa o nosso presado amigo snr. Joaquim Ferreira Pires, zeloso empregado da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, e filho do nosso bom amigo snr. José Martins Ferreira Pires.

Folgamos em o ter cumprimentado.

Tenente Paixão

Devido ao zelo e patriotismo deste nosso presado amigo, comandante do posto da guarda fiscal em Vilar Formoso, foi ali preso um conspirador que trazia em seu poder documentos comprometedores.

O nosso presado assinante, a quem a patria muito deve pela sua atividade e dedicação, prendendo o conspirador, prestou mais uma vez o seu valioso concurso á Republica portuguêsa.

Felicitamo-lo.

Arrematação judicial

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, e pelo cartorio do escrivão do 2.º oficio, Mamede, se hão de arrematar em hasta publica, á porta do tribunal judicial, no dia 2 de junho proximo, pelas 11 horas e pelo maior lanço oferecido sobre o valor em que vão á praça, por deliberação do respectivo conselho de familia e para pagamento de dividas do casal da requerente Maria Eufrosina de Jesus, cujo marido, José Gomes da Costa, se acha ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, os seguintes bens pertencentes ao referido casal:

1.º—Uma terra que mede 3240,m2 no sitio da Chã, freguezia do Seixo, que vai á praça em 100$000 réis.

2.º—Uma terra que mede 1620,m2 no sitio do Vale Saramago, freguezia do Seixo, que vai á praça em 30$000 réis.

3.º—Uma sorte de terra no sitio dos Carapêtos, freguezia do Seixo, que vai á praça em réis 30$000.

4.º—Uma sorte de terra com laranjeiras, no sitio dos Carapêtos, freguezia do Seixo, que vai á praça em 60$000 réis.

5.º—Um pinhal no sitio dos Raposeiros, freguezia de Arazêde, que vai á praça em 6$000 réis.

6.º—Uma sorte de pinhal no sitio dos Raposeiros, freguezia de Arazêde, que vai á praça em réis 6$000.

7.º—Uma sorte de pinhal no sitio do Cabeço do Horeano, freguezia do Seixo, que vai á praça em 8$000 reis.

8.º—Uma sorte de pinhal no sitio do Vale Sobreiro, freguezia do Seixo, que vai á praça em 8$000 réis.

9.º—Uma sorte de pinhal no sitio do Vale Saramago, freguezia do Seixo, que vai á praça em 8$000 réis.

10.º—Uma sorte de pinhal na Azenha Derrubada, freguezia de Arazêde, que vai á praça em 9$000 réis.

11.º—Uma sorte de pinhal no sitio dos Carapêtos, freguezia do Seixo, que vai á praça em 9$000 réis.

12.º—Uma terra que mede 1620m2, no sitio do Vale Saramago, freguezia do Seixo, que vai á praça em 60$000 réis.

13.º—Um assentamento composto de casas, pateo, currais, eira de cal e terra lavradia, no sitio dos Carapêtos, freguezia do Seixo, que vai á praça em réis 100$000.

Pelo presente são citados para a praça quaisquer crédores incertos.

Montemór-o-Velho, 8 de maio de 1912.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Declaração

Eu, abaixo assinado, tendo liquidado todos os meus negocios que tinha em Pontes de Cadima em virtude de ter de me retirar para Quelimane, Africa Oriental, agradeço o bom acolhimento que sempre me dispensaram todas as casas comerciais com quem tive transacções, tanto no Porto como em Lisboa, Figueira, Cantanhêde, etc., avisando—se bem que nada dêva—todos aquêles que se julgarem meus crédores a apresentarem suas contas até ao dia 24 do corrente mês para sêrem conferidas e pagas.

Arazêde, 7 de abril de 1912.

Julio de Carvalho Neves.

Anuncio

—=—

A Comissão Administrativa do Municipio de Montemór-o-Velho

Faz publico

Que no proximo futuro dia 22 do corrente mês, por 11 horas, se ha-de proceder á vistoria do terreno composto de 11 courelas no local-bairro da Enxida, de Verride, requerido em aforamento por Eugenio Simões Marques, da mesma vila. Para cumprimento do art. 2.º das Instruções do Governo Civil de Coimbra de 11 de junho de 1866 se faz o presente anuncio, para efeito do respétivo processo devidamente instaurado.

Montemór-o-Velho, 4 de maio de 1912.

O Presidente da Comissão,

Albino de Noronha.

O Secretario,

Antonio Peixoto da Silva.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do terceiro oficio, no inventario orfanologico a que se procede por obito de Maria Joaquina Ferreira Rodrigues de Figueiredo, d'Arazêde, e ficando como cabeça de casal seu filho Antonio Maria Ferreira Monteiro, do mesmo logar, correm editos de trinta dias, a contar da ultima publicação d'este anuncio, citando para todos os termos até final do mesmo inventario os herdeiros Maria da Piedade Ferreira de Quadros e marido Alfredo Roque de Quadros, ausente em parte incerta.

Montemór-o-Velho, 8 de maio de 1912.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

O escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

---

10 **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

—Meu pai, o que v. ex.ª me pede é impossivel—disse D. Amelia com as lagrimas nos olhos.

—Como assim!—bramau o fidalgo.

—Eu amo esse homem, e não posso sacrificar este amor—disse ela, prorompendo em soluços.

—O' infeliz!—exclamou D. Guterres, branco de raiva.—Então depois de tudo isto, ainda pensas em unir o teu destino ao dum homem dissoluto, cuja honra corre parêlhas com a do primeiro galego de esquina?! O teu caráter de mulher fidalga não vence esse amor nefando que se te entranhou no coração já maculado?

—Não vence, meu pai.

—Pois ha de vencer. Oh! nunca! Não é minha filha que me ha de conspurcar os meus brios de fidalgo ilustre; eu o protesto. E' preciso então que mandes preparar as tuas málas para entrares num convento.

—Faça-se a sua vontade, meu pai.

E retirou-se.

D. Amelia recolheu-se ao quarto, chorou, abafou a dôr, concentrou-se e ponderou até tarde.

Nesse mesmo dia á noite foi ela quem pediu para falar ao pai. D. Guterres recebeu-a e preguntou-lhe ao que vinha.

—Meu pai—disse ela muito serena e risonha—venho pedir-lhe que desista do seu proposito.

—Qual proposito!—perguntou o fidalgo, carregando o sobrecenho, e estranhando ao mesmo tempo o ar da filha.

—O de me internar num convento—respondeu ela.

—Então?

—Reflecti muito no que me disse, e entendi que devia cumprir o seu desejo: fazer por esquecer esse homem e conservar a paz deste solar.

—Tu falas serio?!—perguntou D. Guterres, entre duvidoso e satisfeito.

—Falo serio, meu pai.

—E prometes?

—Prometo—respondeu D. Amelia com energia.

—Ora dá cá um abraço! Assim é que é ter zelo da honra. Bem me parecia que não havias de dar-me desgosto. Mas vejam como é o coração das mulheres: voluvel como o tempo! Antes assim.

«Eu lá escrevi ao homem, e o que lhe disse ha de ferir-lhe o intimo da consciencia, se ainda a tiver, para não mais aparecer por ai. Verêmos então se cumpres, minha filha; e nunca te hás de arrepender se seguires sempre os conselhos de teu pai.

D. Guterres, não obstante a promessa da filha, redobrou de vigilancia, mas não teve que a exercer por muito tempo, porque daí a quatro mezes D. Amelia Maria Osorio Cabral Serafana era esposa de D. Antão Noronha Courado Pereira de Belmonte, antigo fidalgo da côrte e ex-veador da rainha, homem já quarentenario e que havia ligado a sua casa á dos Cabrais, com plena aprovação de D. Guterres.

Brios da fidalguia!

III

Julio Dally ficou despeitorado ao receber a carta do fidalgo, em que lhe fazia exprobações por se haver desviado da vereda da honra e por concorrer talvez para perturbar a paz dum lar imaculado; que será bem menos vilão se tivesse ocultado duma familia, que aparentemente o apreciou, o seu desdoiro para a sociedade; que esperava que ele, cavando no fundo da consciencia, encontra-se um resto de brio para não mais defrontar com a sua casa, e que era preciso que não ignorasse que o solar dos Cabrais era bastantemente nobre para não admitir no seu seio individuos de reputação duvidosa.

Isto calou-lhe fundo, e ele, receoso que o descredito começasse a lavrar em Lisboa, onde o seu nome era pouco conhecido, resolveu sacrificar a dama solarenga aos ultimos formilhamentos da honra, e, dias antes de terminarem as ferias, partiu para Coimbra.

Quando reabriram as aulas, matricolou-se no quinto ano medico, e durante esse ano deu cada vez mais largas do seu procedimento rigolboche, e era ilaqueado dos seus condiscipulos, que se constituiam harpias da sua bolsa, agora mais bem provida, e que se não cansavam de chamar altruismo ao que não passava de prodigalidade.

Concluida a formatura, Julio estava desfalcado em noventa contos e tinha dez emprestados a quantos tafues se lembravam de fazer ostentação á sombra de quem tão liberalmente os servia. Da herança paterna restavam-lhe portanto duzentos contos.

(*Continúa*).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Rua Ferreira Borges, 155 — 1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro—**Joaquim Coca Junior.**

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

FORTUNATO VAZ

CAMARNEIRA-CANTANHEDE

Agente da casa O HEROLD & C.ª de Lisboa, Porto e Pampilhosa para venda de adnbos quimicos e organicos nas regiões da Bairrada, Gandara, Aveiro, Coimbra e Beira Alta

Os adubos de HEROLD, os mais conhecidos e acreditados, devem ser preferidos por todos os lavradores. Tem as marcas registadas FOICE e TREVO DE 4 FOLHAS.

Para os vinhedos e milharais aconselhamos além das marcas especiais, CAL AZOTADA conjuntamente com FOSFATO TOMAZ e KAINITO.

Para as batatas as marcas especiais FOICE HEROLD e PURGUEIRAS dão um resultado magnifico.

Depositos em Cantanhede, Mogofores e Oliveira do Bairro.

Dirigir por postal a
FORTUNATO VAZ
Camarneia = Cantanhede

DOMINGOS LINO GASPAR

Armazem e oficina de moveis e estofos, mobilias completas, colchoria e camas de ferro. Oleades, baguetes e muitos outros artigos.

128—Rua do principe—130

Figueira da Foz

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

ALFAIATE E MERCADOR

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta

164, Rua do Principe, 168

FIGUEIRA DA FOZ

Sucursal em Leiria, Praça das Galinhas, sob a firma Abrantes & Genro.

Sortido em fazendas de lã e algodão, nacionaos e estrangeiras.

Varinos d'Aveiro, capotes á cavalaria e gabões para homem e creança.

Encarregam-se de qualquer encomenda para fora da terra.

Faz os mercados de Montemór-o-Velho, Guia a Monte Redondo, onde pode ser procurado pelos seus freguezes de fora da Figueira e Leiria.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

LOJA DO POVO

Mercearia, ferragens, fazendas brancas e papelaria. Deposito de tabacos e fosforos. Papeis *Duc*, *Lecosmopolite* e outros, para cigarros. Fosforos de cera e amorfos. Sabão, etc., etc.

Desconto da tabela da companhia.

Vendas por junto e a retalho

Bernardo Gonçalves Ferreira

Montemór-o-Velho

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes: formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã,
tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 19 de Maio de 1912 — Numero 13

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 réis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 réis; na 3.ª, 40 réis e na secção respetiva, 30 réis.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado

O DEVER

ASSINATURAS

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS.— Ano, 999 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis.
BRAZIL.. — Ano, 2$000 réis, fortes.
Numero avulso, 30 réis.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—ARAZEDE
OFICINA DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO—Tipografia Silva (a vapor)—Largo do Espirito Santo—AVEIRO.

Director, editor e proprietario — MANUEL DE MELO
Redactor principal — Humberto Beirão

A correspondencia deve ser dirigida ao director deste jornal

Patria e Humanidade

SEMANARIO REPUBLICANO

Redactores: — J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz e Soveral da Rocha

Secretario, Augusto Baia — Administrador, Antonio Baia

A prostituição da mulher

Se descêrmos á análise meticulosa dos factos que dia a dia se desenrolam no tablado da vida social, colhêmos, no campo do feminismo, um feixe de argumentos que nos mostram cômo a nossa sociedade póde decaír por falta duma norma superior de orientação da parte dos elementos que a compõem. A mulher, em todos os meios e em todas as idades, desempenhou sempre um papel preponderante na existencia dos povos, imprimindo em todas as evoluções traços profundos da sua influencia magnética, da sua inspiração inapagada e do seu temperamento variavel. Marca na historia relêvos de patriotismo, cômo Joána d'Arc e Carlota Corday; realça de coragem e de altivêz desmedida, cômo Cleópatra e Ana Stuart; ou então, abre clareiras de luz no cerebro dos grandes génios, cômo Natércia ou Beatriz, imortalisando com os seus dons paginas brilhantes, ou ajudando com o seu ardôr natural a erguêr baluartes de gloria. Por vêzes, surge-nos cruel e de intuitos destrutivos, cômo Catarina de Médicis; mas logo o seu fino táto consegue diluir em obras de mérito todas as máculas caídas do seu génio caprichôso.

A mulher, cômo se vê, tem, pois, um grande ascendente moral no destino dos povos. Não é, porém, a mulher histórica que nêste momento querêmos considerar, mas a mulher social, a mulher que no lar póde desempenhar o papel de educadôra, ou póde arrastar para o abismo, numa lufada de abjecção e de vilipendio, uma familia que poderia marcar o traço de união entre muitas familias já equilibradamente constituidas e conscientemente formadas para o núcleo da acção colectiva a que a Humanidade aspira.

Em todos os campos a mulher carece de protecção e de amparo, para se mantêr na linha nobre e elevada da independencia e da honestidade; mas onde ela mais carece de vigilancia e de cuidados é no tráfico da vida, no agenciamento dos meios de subsistencia de que se socorre para vivêr, para arrastar os pezados grilhões duma existencia incómoda. Para isso, é necessario descêr ás ultimas camadas sociaes, e nelas procurar a mulher andrajosa, clorótica, de faces esverdeadas, e membros esqueléticos, mirrados pela fome e pela miséria—a mulher mendiga. Não é preciso muito para a encontrar.

Ali vai passando uma de aspéto fúnebre, cadavérica, os olhos sem luz, os lábios sem vida, transida de inanição e com o passo oscilante, arrastando descuidadamente uma loira criança de dez anos, livida e com bistre nas palpebras, mas com traços firmes de belêza que se esvai pelo desconfôrto. Que faz essa criança, percorrendo estradas longas, aldeias ignoradas e terras longinquas? Anda mendigando a esmola triste e sem amôr, a esmola talvêz do opróbrio e da desonra que um dia lhe ha-de poluir o coração virgem e perfumádo.

Sim, porque essa criança, mais tarde por uma fatal circumstancia da sorte, por uma cruel fôrça do destino que a coloca numa situação angustiosa e aflitiva, que a fome de pão póde criar-lhe, essa criança está em risco de um dia caír nas garras do primeiro adventicio que, a trôco dalgumas moédas, consiga conspurcar-lhe a alma sem mancha e sem revolta. E assim, de escaleira em escaleira, arrastada sempre pela fome, perseguida constantemente pela miséria, que a anemisa, que a corróe, que a dilacera, essa criança vai passando dum para outro libertino, cresce, desenvolve-se, vegeta, e é sempre a vítima da desgraça, que a sobrecarrega com filhos que ela não póde sustentar, que ella não póde tornar vigorosos e que assim, mau grado seu, contribuiu para o definhamento da raça, já de si tão pobre de sangue e tão carecida de qualidades étnicas.

A mulher mendiga não se prostitue porque quer, mas porque a necessidade a isso a impele; e é precisamente essa que é necessario salvar, afastando-a das ruas, onde o vicio impera, e internando-a em asilos e escolas onde possa haver uma atmosfera de paz, de bem-estar saudavel, e onde os agentes duma educação integral, disciplinada e energica possam aproveitar, em prol da sociedade, esses entes que vemos pelas estradas, pelos caminhos e vielas, entregues ao comercio degradante da esmola, ao tráfico repelente do vicio.

Salvemos a mulher mendiga, a mulher humilde, a mulher da rua, e lembremo-nos de que uma sociedade tanto mais se degrada e se aniquila quanto mais mendigos e analfabetos contiver no seu seio.

Que a Republica volva a sua atenção para este assunto de magna importancia e de magno interesse social.

NOTAS

Um padre usurpador

Como quasi toda a gente sabe, antes da proclamação da Republica, todas ou quasi todas as juntas de paroquia eram prezididas pelo páraco da freguezia que, movendo os restantes membros da comissão a seu talante, aplicava os dinheiros em beneficio do que simplesmente lhe era agradavel.

Pois alguns destes *santinhos*, para mais aliviarem os cofres da junta, usurpavam, com os olhos no futuro, todo ou quasi todo o dinheiro que os ditos cofres continham.

Um caso destes deu-se em Cadima, quando da proclamação da Republica. Era presidente da junta o reverendo José Pedro de Mélo Coutinho, páraco daquéla freguezia; e, por um forte podêr intuitivo ou talvês por *obra e graça do divino espirito santo*, soube que, se a lei de separação viesse — porque êles não contavam com éla — lhe cortariam todas as verbas que a junta lançasse em orçamento para o culto.

Em vista disto o reverendo José Pedro de Mélo Coutinho achou por bem usurpar do cofre da junta, em detri nento do Estado, a quantia de 45$000 réis que aplicará, diz êle, em obras da egreja, *quando um dia isto mudar*. Pelo que se vê, o rev. páraco ainda espera que *isto* mude para podêr empregar os 45$000 réis que ilicitamente conserva em seu podêr. A's autoridades compete, pois, investigar minuciosamente sôbre este facto. O dinheiro pertence ao Estado; e, arranca-lo dos cofres sem consentimento das autoridades superiores é um roubo declarado. O padre José Pedro tem 45$000 réis que pertencem á junta de paroquia, porque êle mêsmo o declarou, e, por consequencia, urge que as autoridades o obriguem a apresentar aquéla quantia, dando-lhe o castigo severo que merecem taes usurpadores.

Isto para bem da Republica.

A mulher-soldado

M. Finot, sociólogo ilustre, afirma que a mulher póde servir nas fileiras

Interpolados nas colunas dos jornais, nacionais e estrangeiros, vêem-se constantemente, cheios de fé e de justiça, longos artigos defendendo com *élan* as razoaveis aspirações do feminismo. E nós, homens de sentimento e coração, que seguimos a par e passo as reivindicações dos oprimidos, não podêmos ocultar o prazimento que experimentamos ao vêr que êles têm em geral por sua banda o apôio dos mais ilustres pensadôres que ousadamente tomaram a defensão dos seus designios. A condição social da mulher nas sociedades contemporaneas é ainda por tal fórma iniqua que merece bem a cruzada bemfaseja que em pró da sua emancipação se tem empreendido em todos os cantos da terra.

Ha poucos dias, por acaso, tivemos ocasião de lêr no *Excelsior*, jornal de Paris, de informação variada, um artigo em que o eminente sociólogo, M. Finot, afirma que a mulher póde desempenhar o serviço militar. Não se assustem as feministas de virem um dia a saber o pêso de uma mochila, ou a conhecer a fadiga de uma marcha forçada. Não é caso para isso.

O que expõe o snr. Finot basta para que se avalie acertadamente da aptidão moral e fisiologica da mulher para as mais ásperas ocupações da atividade humana.

Fale, pois, o snr. Finot: «A história está prenhe de exemplos que provam cômo a mulher póde combater ao lado dos seus esposos e dos seus irmãos. Sem lembrar os iberos nem as tribus ribeirinhas do Amazônas, pódem citar-se os exercitos femininos de Dahomey e da Abissinia. As amazônas, que são notaveis pela sua ferocidade e pela sua fôrça muscular, submetem-se em raparigas a um regime militar severo, que as habitua a sofrer pacientemente a sêde, a fome e outras privações. No acêso dos combates, costumam elas, garbosas, escarnecer dos pusilanimes, dizendo: «Bem se vê que és homem!»

E' escusado ir tão longe. As condêssas de Montfort, como dizia Voltaire, montavam a cavalo com mais mestria que qualquer dos nossos marialvas de agora. M.elle Charce que, pelos fins do seculo XVII, se pôs á frente das comunas de Dauphiné, combateu vitoriosamente os Vaudois. M.elle Tremoy, era mais conhecida por cavaleiro Baltazar, etc...

Mas foi sobretudo no tempo da Revolução que um extraordinario ardor belicoso se apoderou das mulheres. Olympe de Gonjes, Theroigne de Mericourt, Pauline Léon prégaram em público a necessidade de se formarem exercitos cômo os das amazônas. Organizaram-se então legiões femininas e as damas de Versailes, formadas em companhias, dirigiram-se á Assembleia Nacional, onde declararam que fariam cair os tiranos «sob o ferro das suas catanas». Por ocasião da ultima insurreição polaca, em 1863, as mulheres da melhor sociedade, difarçadas em homens, tomaram parte nos combates.

Fica assim provado que a mulher póde *à merveille* suportar as fadigas da guerra. A mulher poderia, portanto, contribuir, da mêsma fórma que o homem, para a defêza da pátria, se outros devêres não mênos imperiosos e importantes a não forçassem ao desempenho do seu papel de mãe e diretôra do *ménage*.

Eis porque é anti-scientifico e injusto dizer que a mulher é incapaz do serviço militar e que, por tal, deve renunciar a honra de governar o seu paiz».

CUSTODIO MENDONÇA.

Humberto Beirão

Vai brevemente partir para a Africa este nosso camarada de luta, por cujo motivo pediu já a exoneração de amanuense da administração de Cantanhede, cargo que desempenhou sempre com grande zêlo e distinção.

A SINCERIDADE E A VIDA

Houve já quem definisse o homem um ser que simula e dissimula, assim uma especie de felino que para melhor surpreender a ingenuidade ou a lorpice alheia, umas vezes finge ter o que não tem, e outras esconde de tal modo o que realmente possue, que não é facil desvendar-lh'o.

A' parte uma pontinha de exagero, tal definição é bastante rigorosa.

A mentira sempre desempenhou uma alta missão social, havendo muita gente que a ela deve os seus principais sucessos. Este cultiva-a como uma arte, aquele como uma necessidade, mas ambos com o reservado proposito de valorisarem as suas ações e gestos, dando-lhes uma cotação acima do seu mérito real.

Hobbes disse que o homem era lôbo para o seu similhante o *homo homini lupus*. Em tempos velhos, assim foi. Atualmente, não! Esta pratica de violencia e crueldade não se coaduna com as hipocrisias, as manhas e as finuras dos povos modernos.

O principio de sabedoria em voga é o seguinte: afaga o teu amigo para melhor o enganares. D'aqui a extraordinaria abundancia de mesuras e cordealidade que empregam os patifes, quando pretendem lograr uma creatura inesperta. Nada de ameaças ou processos rudes: palavrinhas dôces, cantiguinhas sedutoras valem mais para sugar palermas que todo o romantico aparato dos assaltos por noite negra. Com vinagre não se apanham moscas!...

O proximo, sendo tratado carinhosamente, rende-se com prazer á cupidez ardilosa e calculada dos que lhe procuram os pontos fracos, as manias ou desvarios que mais se prestam á comedia dos enganos.

A luta pela vida vai-se tornando desta sorte uma obra de engenho e de esperteza em que só vencerão os que com maior pericia souberem produzir em torno de si uma atmosfera falsa e fementida, bem adequada para atrair as libélolas crédulas e tôlas. Aquilo que outr'ora se resolvia por vias de facto—o murro bem assente na teimosa fronte do adversario—decide-se agora sem estrondo nem estrago, pelos recursos inexgotaveis da sugestão, levando os fracos ou os timidos a deixar-se *tratar* pela terapeutica habilidosa dos intrujões.

Os valentes, como a valentia perdeu o seu antigo preço, exibem-se nos circos, documentando com as suas musculaturas poderosas o que foi a historia dos remotissimos periodos em que a bravura dava a lei. Em compensação, a fauna loquaz e pitoresca dos lampaneiros e dos ludibriadores impõe-se com o rigor de um facto.

Como em todas as decadencias triunfa a subtileza, o preciosismo, a rétorica e o talento de enredar e cativar.

Surge um pimpão com rompantes de animal bravio e grande copia de argumentos nos pulsos rijos como o aço... De que lhe vale isso? Qualquer fabricador de ilusões e miragens faz-lhe-á o mesmo que Dálila fez a Samsão—perderá o segredo da sua força. Dentro de pouco, acha-se envolvido, numa rede de mentiras deliciosas que o adormecerão, até que tenha sangue para fornecer á vilanagem famélica.

Quem nas nossas sociedades, ainda articula a linguagem pura da sinceridade? Pouca gente, quando muito os que isolados ou reduzidos ao tratado de raros amigos não se mostram aptos para atraiçoarem a sua consciencia, embaraçando-lhe as justas reações. Ou então meia duzia de modestos doutrinarios dominados pela paixão ardente de refundir a humanidade, a partir dos alicerces.

Ninguem sente praser em se revelar tal qual é, apresentando-se aos olhos dos mais na simples realidade da sua pessoa, desnublada de metáforas ilusorias e de mantos de encobrir.

Que assombrosa série de falsificações de caráter! Que mórbida tendencia para aparantar coisas que se não têm! Já não é sómente o *snob*, velho basbaque que, perante uma classe selecionada, uma personagem em destaque, uma moda aclamada ou uma devoção mui seguida, se curva humilhado, sentindo-se feliz por colaborar cegamente em cultos de distinção, inacessiveis ao vulgo... Ha mais, muito mais especies de seres humanos que consomem os seus dias enfarruscando o carão, afim de serem vistos e admirados não sob o seu aspéto verdadeiro, mas sob a luz artificiosa de embustes a que recorrem, no fito ganancioso de darem idéa do que não são.

E, todavia, não existe veneno mais perigoso que este desamor insano que votamos ás manifestações ve-

ras e exatas do nosso dominio intimo!...

Quem não tem respeito por si proprio, pelas determinações da sua personalidade, nunca poderá ser um tipo social digno de qualquer credito.

Na expansão sincera das almas, na revelação espontanea dos movimentos mais fundos da sensibilidade, é que se conhece iniludivelmente o valor e a nobreza dos homens — sobretudo daqueles que põem no problema da existencia a fé e a coragem imperturbavel de um acto heroico, de uma dedicação sublime.

Todos os que possuem abundante energia interior—sentimentos de simpatia e franca cordealidade, crenças seguras no esfôrço humano, a paixão da luta pela verdade e pela beleza, o amor irrefrangivel das virtudes patrioticas—não receiam desmerecer-se, apresentando-se sem uma ficção, na mudez magnifica da sua conduta clara como o sol.

Quem se poderá envergonhar de, no convivio social, traduzir toda a forte imagem da sua alma? Certamente os vazios de vitalidade, gente sem fogo nem ardor belico para tentar e vencer os enigmas e crises que as nossas atividades despertam nos seus recontros com os factos e os acontecimentos.

A sinceridade é um fruto natural do orgulho de existir, e este orgulho unicamente o experimentam, na plenitude da sua essencia ótimista e dominadora, os peitos rijos como as rochas, capazes de acalmar a desordem e a tortura do sofrimento.

A mentira — os varios meios de iludir as vozes e gritos do coração— encontra culto em reles sugeitos, os quais, como não pódem viver plenamente com o seu acanhado patrimonio moral, realisando assim a sintese de racionalidade que significa a palavra homem, se fabricam fisionomias de momento, tapando a sua miseria espiritual com habilidades, feitiços e sofismas, o que lhes dá uma sombra de vida fiticia.

As vontades robustas dominam por si diretamente, confessando-se prontas a garantir as suas vitorias com novos testemunhos da sua ação fecunda, não temem vexames nem confrontos, porque o esfôrço constante é a sua escola de perfeição.

MARIO SIMÕES DA SILVA.

Interesses locaes do Canêdo

Sômos informados que o cidadão Joaquim da Cruz propala que o artigo sob esta mesma epigrafe, publicado no anterior numero do *Devêr*, è da lavra do nosso camarada Almeida Junior.

Convidâmos o snr. Cruz a provar, por qualquer via, que não é caluniósa a sua asserção, sob pena de lhe provarmos, a *ele*, que nêste pais ainda não foi revogada a lei que púne os caluniadores.

A estação postal de Arazêde

Os jornais diários trouxeram-nos a noticia de têr sido já exonerado da estação postal desta localidade Antonio Maria Ferreira Monteiro, sem todavia nos darem o informe da nomeação oficial do novo encarregado. Não obstante, o snr. Monteiro fez passar a caixa e livros de escrituração para a loja comercial do snr. Augusto Baia, onde a estação postal tem a sua séde desde domingo passado.

Louvamos os snrs. Ministros do Fomento e Diretôr Geral dos Correio, por terem feito a justiça de arrancar duma casa particular uma repartição que só uma casa publica deve residir. Não adivinhamos, porem a intenção de suas ex.as, não se apressando a fazer a nova nomeação.

Aguardaremos.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XI

O calote continua a campear, inexoravel, sobre o misero magisterio primario. Não ha maneira de fazer com que a contabilidade, a já celeberrima repartição, ponha os seus serviços em dia—nem que o estado, o estado padrasto, a obrigue, como era seu dever, a olhar com mais atenção para os interesses do mestre-escola. Palavras, palavras e só palavras—é o que sempre se ouve, logo que alguem consegue fazer soar alto o seu protesto contra tam infame procedimento. Mas factos, os factos consoladores, que algumas lagrimas viriam enxugar, esses não aparecem, nem sequer se esboçam. A promessa ha tempos feita numa nota evidentemente oficiosa foi falar, como todas têm sido até aqui. E, no entanto, estamos em plena Republica, em pretenso regime democratico, ha perto de dois anos...

O professor Gil de Oliveira Mendonça, num artigo ha dias publicado na *Federação Escolar*, apresentava á apreciação da classe um alvitre curioso, que, pôsto em pratica por tôdos, decerto daria os resultados desejados. Se a união da classe não fôsse ainda uma utopia doirada, a sua simples apresentação bastaria, estou certo, para que o snr. ministro do interior deixasse de defender os madraços da contabilidade e se resolvesse a promover o pagamento dos creditos aos professores primarios. Eis esse alvitre:

«Nós podiamos reajir, deviamos protestar contra tais calotes e por uma maneira bem simples e de resultado seguro. Bastáva que todos oficiassemos aos inspectores nestes termos: —*Não existindo lei alguma que me obrigue, nem permitindo os meus parcos vencimentos que eu continue a adiantar mais dinheiro para expediente e limpesa da minha escola, venho por este meio comunicar a v. que, a partir desta data, não emprestarei da minha algibeira mais um centavo ao estado para aquelas despesas, emquanto não receber as importancias que o mesmo estado me deve*».

Que tal? Haverá por aí algum colega que queira experimentar? Para grandes males grandes remedios— como muito bem lembrava o autor do alvitre.

Porque, efectivamente, não ha nenhuma disposição legal que nos obrigue a ser credores do estado. Expediente e limpesa, importancias dispendidas com serviços de exames, diferença de ordenados, etc.—tudo isso ele tem obrigação de nos pagar a tempo e horas. O contrario é de qualquer vulgar caloteiro.

Mas, afinal, parece que os homens da Republica, como outrora os da Monarquia, não se incomodam nada com o afrontoso epiteto...

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

CUIDADO...

O país está vendo com desgosto que não cessam as lutas politicas, lutas aliaz improficuas e pouco airosas nestes tempos de patriotismo e *evolucionismo* que vamos atravessando.

Intrigas e mais intrigas, e não se vê outra coisa.

Uns querem e outros querem, todos querem, e isto assim não póde ser.

A monarquia deixou-nos depenados, pos-nos a pão e laranjas, quasi a mendigar, e dolorôso é que os politicos, sabendo isto e muito mais, não enveredem pela estrada logica do dever.

Aqueles que a multidão seguia entusiasmada, aquela multidão nobre e justiceira, que sabe ter nobreza e fazer justiça, são precisamente os que hoje, depois de tanto sacrificio e da perda de tantas vidas, parecem apostados em querer agravar a chaga já de longe aberta da politiquice portuguêsa.

Tragicos destinos estarão reservados a esta nação, se um braço protétor e carinhoso, fortemente apoiado no bom senso e inergicamente firme e decisivo na boa lógica, não tomar, quanto antes, o freio forte dos destinos desta patria, freio que, pela falta dinergia com que tem vindo a ser tomado, não faz mal ninhum a ninguem, por falta dum pulso vigoroso e duma vontade inquebrantavel de bem servir um povo sedento de justiça e de bem querer caminhar na vanguarda do progresso, com socego, com ordem, com paz e com irrepreensivel condúta politica e patriotica.

Fala-se em golpes de Estado, como se estivessemos em pleno regime caduco. Mas, senhores politicos profissionaes, o que é *isso* de golpes de Estado?

Ameaças, rancôres mal contidos e mal reprimidos despeitos?

Párem lá com isso.

A Republica fez-se para todos os portuguêses amantes da sua patria. Dos inimigos dela não vale a pena falar, porque, sendo homens sem caracter, sem senso politico, não os podemos considerar portuguêses.

Cá dentro ou lá fóra, serão sempre vilissimos traidores, sujos traficantes que o país olha enojado.

Diz-se que as coisas não caminham bem. E' verdade, não caminham bem. Não caminham mal de todo, mas poderiam marchar melhor, se os senhores politicos olhassem a Republica com olhos de vêr, com desinteresse, com carinhosa afeição.

Ha excéções? Ha, mas raras, infelizmente.

E essas excéções conhecem-se bem. Não é dificil aponta-las a dedo.

Bastará olhar os rotulos das agremiações. O que è duro é que os monarquicos, que tinham encolhido os hombros e escondido a cara, se arroguem já o direito de fazer disto coisa deles, deles que nunca fizeram mais do que arruinar-nos, levar-nos ao estado deploravel a que chegamos quando a Republica se implantou.

Fazem disto coisa deles, passeiam arrogantes, altivos, vaidosos.

Mas o que é mais duro, mais lamentavel ainda, é que a Republica olhe tudo isto impassivelmente, com indiferença.

Não è bom dormir a sono solto nos loireiros da gloria.

Cuidado...

Almeida Junior.

Liga Republicana das mulheres portuguêsas

A Liga Republicana das mulheres portuguêsas fez distribuir, por intermedio das suas associadas e correspondentes das provincias, listas angariando assinaturas para uma representação ao Parlamento, com o fim generoso de proíbir o uso das bebidas alcoolicas e o tabaco, aos menores.

Louvamos a iniciativa, mas temos pena que nessa representação se não achem incluidos os adultos, que desgraçadamente passam os dias na taberna, nesse antro contraminador da sociedade e da familia, que corrompe consciencias e prostitue almas, levando por fim á perdição, á degradação mais infima e intristecedora.

Entretanto imensamente nos satisfaz o facto de a mulher portuguêsa, de quem somos admirador e de quem tanto temos falado nêste semanario, se propôr mais uma vez o dificil mas encantador sacrificio de regenerar a mocidade, os homens do futuro, dando-nos ensejo para nos não arrependermos de estarmos a seu lado combatendo e pugnando em pról dos seus interesses.

E' correspondente da Liga nesta localidade, a gentil e inteligente menina Olivia de Miranda, em cuja habitação podem ser assinadas listas de representação.

A proposito da «caridade simulada»

Da Comissão de beneficencia escolar de Cadima, recebemos o que segue:

Contestação

No n.º 11 do seu jornal de 5 do corrente, na secção de noticias, vem publicada a seguinte, com a epigrafe—*Caridade Simulada*, na qual o seu autor, a proposito da festa escolar realisada nésta freguesia, no dia 28 de Abril, á qual seguramente não assistiu, faz afirmações peregrinas como estas:

Os premios são sempre dados aos alunos cujas familias vivendo em precarias circunstancias etc, isto é, só a alunos pobres. Ainda esta: *Os pobres hoje devem merecer-nos mais consideração do que os ricos, que geralmente são ambiciosos e maus!!!* E' realmente peregrina! E a par de afirmações destas, faz tambem insinuações inteiramente caluniosas, cujo fim bem se percebe e em que o seu autor revéla uma ignorancia absoluta sobre o assunto que trata, dizendo, por exemplo, que *os premios foram distribuidos unicamente a filhos de familias abastadas e que os oferecidos pelo Snr. Carvalho Neves foram agora distribuidos*, quando é certo que só o serão em ocasião oportuna e conforme a vontade daquêle benemerito Cavalheiro. Confunde ainda premios com esmolas. Os premios são dados a pobres ou a ricos que satisfaçam ás condições impostas pelos seus instituidôres. As esmolas são dadas aos alunos pobres, julgados como taes pela Comissão *e não pelo páraco e pelo professor.*

Esta é que é a verdade e emprezamos o noticiarista a provar o contrario. Haveria ainda nas escolas mais alguns alunos que necessitassem de ser socorridos? Certamente. Mas esta Comissão procura fazêlo aos mais necessitados.

Não apresentariamos esta contestação, se se tratasse apenas de desagravar os membros da Comissão néla atingidos por aquéla noticia, pois que a êles, bem como a todos os membros, basta-lhes a consciencia de terem procurado, até agora, cumprir o seu mandato. Mas como taes afirmações se podem refletir desfavoravelmente no espirito dos benemeritos que a tem socorrido e em prejuiso da instrução désta freguesia, não deixará esta Comissão de apresentar o seu protesto sem receio de que os seus atos possam ser alcunhados de menos honestos.

Cadima, 14 de Maio de 1912.

José Pedro de Mello Coutinho
Antonio José d'Almeida
Antonio Francisco das Neves
Joaquim Marques Murta.

Falou com enfase, com pose caracteristica, o autôr da contestacão.

Nós podiamos se quisessemos deixar de publicar o arrasoado que aí fica só proprio de fundibularios sem sciencia nem consciencia; mas como não queremos deixar sem resposta uma argumentação tão insolita, vamo-nos dar á paciencia de fazer lús sobre a questão.

Começam os autores do aransél por dizer ou melhor afirmar que nós *seguramente* não assistimos á festa escolar realisada em Cadima.

Não sabemos quais as provas que os nossos contendores possam ter para garantir com segurança a nossa inassistencia á aludida festa. Mas isto não tem valor.

Vamos aos pontos capitais. Os autores da contestação acham *peregrinas* as nossas afirmações que eles reproduzem em italico.

Nós, embora o não tivessemos declarado, somos contra os premios escolares que despertam simplesmente nos alunos premiados, sentimentos instintivos de vaidade e orgulho, intoleraveis em espiritos infantis que primeiro que tudo devem assegurar uma personalidade integra, uniforme e rigida que só o trabalho consciente e bem orientado pode garantir.

Não sejamos nós que o digamos mas sim doutos pedagogistas modernos dentre os quaes podemos destacar M. Sluys distinto diretor da Liga do ensino Belga.

A nossa opinião é que distribuindo-se premios, todos os alunos os recebessem, uns pela aplicação, outros pelo comportamento e os restantes para estimulo e encitamento a exemplo do que se faz na Belgica. Isto será uma opinião pessoal mas não é despicienda, visto que muito boa gente a perfilha. Talvês os sinatarios da contestação ignorassem isto, estes processos modernos da formação do carater, da orientação para um estado social onde não hajam mais despotismos e injustiças. E' muito provavel; mas nós apesar de ignorantes, no dizer dos conspicuos sinatarios, não deixaremos de manter a nossa opinião e no caso conjunto sabemos que alunos houve que tiveram de pedir roupas emprestadas afim de poderem comparecer decentemente á festa escolar, e estamos em crer que alguns dêstes alunos não seriam menos dignos de ser premiados, embora proporcionalmente, do que outros que liberalmente o fôram por boa frequencia e por menos faltas dadas á escola...

Não admira. Os alunos pobres a quem as familias desviam quase quotidianamente para os trabalhos dos campos, esses, coitados, como poderão frequentar regularmente a escola, como poderão mesmo aplicar-se? Mas... cada qual entende as coisas como lhe apráz.

Nós entendemo-las assim, sem deixarmos de estar no campo firme da logica e da razão. Premiar os que trabalham, se assim o querem, admitamos, mas sem fasêr exceções, sem magoar as consciencias, sem provocar odios e revoltas em espiritos embrionarios. Nós queremos a igualdade, queremos a afinidade dos seres, sem que entre eles haja a vaidade ridicula, o desprezo e a indiferença que possam perverter o carater e comprometer a honorabilidade pessoal. E a tudo isto pode dar origem o premio escolar, quando não é generalisado.

Expedidas estas razões, temos feito o comentario á primeira parte da contestação que feriu a nossa retina. Como, porem, nos não sobra o espaço nem o tempo para nos alongarmos em mais argumentos, reservamos para o proximo numero a continuação da analise ao *peregrino* documento, visto que os seus autores nos *emprezam* a provar o contrario das suas afirmações.

ANTI-ALCOOLISMO

Os perigos do alcoolismo sob o ponto de vista higienico e moral

II

Distilação e retificação

A distilação é uma operação que consiste em separar, por meio do calôr e sob a forma de vapores, todo o alcool que se encontra nos liquidos assucarados capazes de fermentar. Os vapores do alcool são recebidos num recipiente resfriado, onde passam ao estado liquido. Ora o alcool etilico, o menos prejudicial, liberta-se no estado de vapor a uma temperatura de cerca de 78.°, ao passo que os outros alcooes, os mais perigosos, só se vaporisam a uma temperatura que varia, segundo a sua natureza, de 97.° a 130.°. Esta elevação de temperatura de vaporisação é que lhes deu o nome de *alcooes superiores*, permitindo separa-los do alcool etilico por uma serie de distilações a 78.°, e ficando este liberto.

O conjunto destas distilações constitue o que se chama *retificação* do alcool. E' uma operação dispendiosa, aumenta o custo de fabricação das bebidas distiladas, e por isso os industriais a não utilisam. Apenas tratam de produzir alcooes baratos, isto é, alcooes mal distilados, que não resultam do vinho.

Um litro de bôa aguardente de vinho deveria custar ai uns 220 ou 240 réis. Ora, entre nós, vende-se geralmente aguardente a seis e sete vintens o litro! Imaginais que os vendedores a retalho vendem com prejuizo seu? Puro engano. Por isso, se beberdes aguardente, tendes todas as probabilidades de ficardes envenenado com uma extrema rapidez pelo alcool amilico e seus congeneres.

(Continua).

Rectificando

A proposito da local publicada no n.º anterior sobre um caso de suicidio, recebemos uma carta do snr. dr. Armando de Carvalho, de Montemór-o-Velho, e que a seguir publicamos, na qual nos pede a rectificação a uma passagem da mesma local:

Snr. Diretor do *Dever*:

Em uma local do ultimo numero do seu acreditado jornal, diz-se que Joaquim Jórge Batata, de Liceia, se suicidou por ter sido citado para responder no Tribunal desta comarca como implicado nos tumultos havidos em Liceia, ha mezes. Não sei os motivos que influiram no animo do infeliz Batata e que o levaram ao seu desesperado acto, mas na minha qualidade de seu advogado, venho declarar a v. que aquele suicidio não foi nem podia ser motivado pela causa apontada na referida local, muito embora podesse ter qualquer influencia no fraco espirito do Batata o desgosto de se ver envolvido num processo daquela natureza.

E' certo ter a Relação do Porto confirmado o despacho de pronuncia proferido no Juizo de Direito desta comarca, mas é certo tambem não ser provavel ter já disso conhecimento o Batata no dia do seu suicidio (dia 6) sendo a data do acordão de 4, mas quando mesmo dele já fosse conhecido não ignorava que era levado recurso para o Supremo Tribunal de Justiça, como de facto foi.

E, assim, já vê v. ser impossivel ter ele ou qualquer dos outros pronunciados sido citado para julgamento que... ainda não se sabe se se efetuará!

Por este motivo, e como advogado duma grande parte dos acusados, venho rogar a v. a rectificação daquela noticia, visto que ela a todos eles alarmou, como era natural.

Por esta fineza muito grato se confessa o

De v.

Montemór-o-Velho, 14—5—912.

Armando de Carvalho.

Erratas

No n.º 12 deste jornal, em artigo do nosso presado colaboradôr, Custodio Mendonça, saíram as seguintes: «Onde se lê: orientar com rétidão e com a publicidade; do que resultava a oxigenatação da consciencia nacional; para o qual conduziram os crimes... deve lêr-se respétivamente: orientar com rétidão e com verdade a publicidade; do que resultará a oxigenação da consciencia nacional; para o qual a conduziram os crimes...»

Que mais uma vez nos desculpe o nosso colaboradôr.

CASOS DA SEMANA

Barbaridade cobarde

Na noite do dia 11 ultimo, no logar do Amieiro, desta freguezia, entraram na oficina de ferreiro do snr. Manuel Teixeira uns cobardes malfeitores e entenderam por *bem* cortar-lhe o fole e levar-lhe a bigorna, objetos estes que tinha para uso de seu oficio.

O snr. Teixeira foi-se queixar ás autoridades competentes, mas até hoje nada se descobriu, a não ser a bigorna de falta e o fole esfaqueado. Tratou-se de investigar o facto e é provavel que se encontre a bigorna, porque o gatuno com certeza não foi capaz de a digerir. Esperamos o resultado das investigações para vermos quem cometeu tão grande barbaridade.

De passeio

Esteve entre nós, no dia 12 do corrente, o nosso amigo e cooperador do *Dever*, snr. Manuel d'Oliveira Junior, da Figueira da Foz, acompanhado de sua gentil filha D. Gloria d'Oliveira e de seu filho Levi.

—— Vimos tambem aqui o nosso presado assinante e anunciante, snr. Antonio José Abrantes, da mesma cidade, e o nosso patricio e assinante, snr. Joaquim do Espirito Santo, atualmente residente em Villa Nova da Barca, Verride.

Aniversarios

Passou no dia 14 do corrente o aniversario natalicio do nosso estimado correspondente da Figueira da Foz, snr. Antonio d'Oliveira Guerra. Desejamos que este dia se repita por largos anos.

—— Passou tambem no dia 18 o aniversario natalicio do nosso querido amigo e assinante do *Dever*, snr. José Pedro dos Santos, mui digno subchefe do deposito de maquinas no Entroncamento.

Felicitamol-o, fazendo votos para que passe muitos aniversarios.

—— Faz hoje anos o nosso presado assinante da Pampilhosa, snr. Alipio Geraldo Lopes, por cujo motivo cordealmente o felicitamos.

Original

Continuamos lutando com falta de espaço, ficando por este motivo reservados muitos artigos e noticias para o proximo numero, do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Falecimento

Faleceu no dia 11 do corrente, na Carapinheira do Campo, a snr.ª D. Candida Ferrão, tia dos nossos queridos amigos Alfredo Gomes Ferrão e Julio Ferrão, ambos farmaceuticos em Arazêde e Carapinheira, respetivamente.

Aos nossos amigos e suas ex.as familias, enviamos-lhes a expressão mais sincera do nosso pezar.

Correspondencias

Montemor-o-Velho, 8-5-912

Era já tenção minha, pois que é esse o meu dever, retificar o simples engano a que alude o ex.mo snr. Augusto Ferreira de Andrade na sua carta de 24 de abril inserta no n.º 11 deste jornal.

Sua ex.ª não veio aqui para dizer que eu tinha mentido, ou estava mal informado!

Sua ex.ª não tinha mesmo o direito de o fazer, pois que a minha carta não foi dirigida á sua ilustre pessoa, mas sim ao ex.mo Presidente da Comissão Administrativa, a quem delicadamente me referi.

Pela fórma como a carta de sua ex.ª vem escrita, não é dificil descortinar o firme proposito das suas intenções. Sua ex.ª quiz caturrar; e para isso disse coisas, e citou codigos e artigos.

Por isso, desde já lhe declaro não estar agora disposto a aturar caturras, e esperar que o tempo confirme a razão das minhas duvidas.

—— Os excurcionistas de Coimbra, acompanhados do orfeon de Condeixa, tiveram em Montemór uma recéção digna do povo desta encantadora terra. Não era de esperar menos desta gente que arranca dos campos a alegria comunicativa com que honrou os seus visitantes. A manifestação chegou ás raias do delirio, e ficará gravada no coração do povo de Coimbra e no de Montemór.

Quando os escurcionistas desembarcaram, foram alvos de uma grande manifestação de simpatia, correspondendo estes com igual manifestação muito ardente e cheia de entusiasmo. Organisou-se depois um cortejo até aos Paços Municipais onde os escurcionistas foram recebidos pelo presidente snr. Albino de Noronha e mais vereadores. Usou da palavra o snr. Augusto de Andrade dando as bôas vindas ao povo de Coimbra e referindo-se em termos honrosos á iniciativa do Sport Grupo Conimbricense, elogiando as viagens como meio util para apronder a conhecer os povos.

Respondeu o snr. Ezequiel Correia que historiou a vila de Montemór, citando os seus poetas e os seus guerreiros, fazendo a apologia de todos eles numa fraze quente e vibrante de entusiasmo. Houve depois uma *matinée* no teatro, que correu animadamente, falando ainda diversos oradores que foram muito aplaudidos.

Esta encantadora festa, cheia de alegria e animação decorreu sempre no maior delirio não havendo a mais pequena nota discordante a enpanar-lhe o brilho.

——

RETIFICAÇÃO. — Na minha carta inserta no n.º 9 deste jornal deverá ler-se 31$000 réis para a aquisição do mostrador do relogio oficial e não 60$000 réis, como erradamente escrevi.

Kene Muene.

ANUNCIOS

Anuncio

A Comissão Administrativa do Municipio de Montemór-o-Velho faz publico que no proximo dia 3 do mês de junho futuro se ha-de proceder á vistoria do terreno baldio no Outeiro do Rio de Verride, requerido por aforamento por Manuel Rodrigues Rôlo, negociante da villa de Verride, cujo processo corre seus devidos termos perante a Camara Municipal. Para cumprimento da lei se torna publico aquele acto do processo.

Montemór-o-Velho e Secretaria da Camara Municipal, 11 de maio de 1912.

O Vice-presidente em exercicio,

Augusto Ferreira d'Andrade.

O Secretario,

Antonio Peixoto da Silva.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NO Juizo de direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do terceiro oficio, no inventario orfanologico a que se procede por obito de Maria Joaquina Ferreira Rodrigues de Figueiredo, d'Arazêde, e ficando como cabeça de casal seu filho Antonio Maria Ferreira Monteiro, do mesmo logar, correm editos de trinta dias, a contar da ultima publicação d'este anuncio, citando para todos os termos até final do mesmo inventario os herdeiros Maria da Piedade Ferreira de Quadros e marido Alfredo Roque de Quadros, ausente em parte incerta.

Montemór-o-Velho, 8 de maio de 1912.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

O escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Arrematação judicial

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, e pelo cartorio do escrivão do 2.º oficio, Mamede, se hão de arrematar em hasta publica, á porta do tribunal judicial, no dia 2 de junho proximo, pelas 11 horas e pelo maior lanço oferecido sobre o valor em que vão á praça, por deliberação do respectivo conselho de familia e para pagamento de dividas do casal da requerente Maria Eufrosina de Jesus, cujo marido, José Gomes da Costa, se acha ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, os seguintes bens pertencentes ao referido casal:

1.º—Uma terra que mede 3240,m2 no sitio da Chã, freguezia do Seixo, que vai á praça em 100$000 réis.

2.º—Uma terra que mede 1620,m2 no sitio do Vale Saramago, freguezia do Seixo, que vai á praça em 30$000 réis.

3.º—Uma sorte de terra no sitio dos Carapêtos, freguezia do Seixo, que vai á praça em réis 30$000.

4.º—Uma sorte de terra com laranjeiras, no sitio dos Carapêtos, freguezia do Seixo, que vai á praça em 60$000 réis.

5.º—Um pinhal no sitio dos Raposeiros, freguezia de Arazêde, que vai á praça em 6$000 réis.

6.º—Uma sorte de pinhal no sitio dos Raposeiros, freguezia de Arazêde, que vai á praça em réis 6$000.

7.º—Uma sorte de pinhal no sitio do Cabeço do Homem, freguezia do Seixo, que vai á praça em 8$000 reis.

8.º—Uma sorte de pinhal no sitio do Vale Sobreiro, freguezia do Seixo, que vai á praça em 8$000 réis.

9.º—Uma sorte de pinhal no sitio do Vale Saramago, freguezia do Seixo, que vai á praça em 8$000 réis.

10.º—Uma sorte de pinhal na Azenha Derrubada, freguezia de Arazêde, que vai á praça em 9$000 réis.

11.º—Uma sorte de pinhal no sitio dos Carapêtos, freguezia do Seixo, que vai á praça em 9$000 réis.

12.º—Uma terra que mede 1620m2, no sitio do Vale Saramago, freguezia do Seixo, que vai á praça em 60$000 réis.

13.º—Um assentamento composto de casas, pateo, currais, eira de cal e terra lavradia, no sitio dos Carapêtos, freguezia do Seixo, que vai á praça em réis 100$000.

Pelo presente são citados para a praça quaisquer crédores incertos.

Montemór-o-Velho, 8 de maio de 1912.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

TRIPA

DEPOSITO DA CASA ANJOS & C.ª

João Vieira da Silva Lima

COIMBRA

JOSE MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

(11) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

Mas o sôpro virente da felicidade continuava ainda a favorece-lo.

Quando o barão de Pedrouços soube pelos jornais da capital que Julio estava já bacharel formado em medicina, mandou-lhe congratulações e comunicou-lhe ao mesmo tempo o casamento de D. Amelia Cabral com D. Antão de Belmonte. Dizia-lhe que o esperava em Lisboa com um baile esplendoroso, para o qual já estavam convidados os cavalheiros mais em evidencia e as damas alfacinhas mais formosas, e a que assistia tambem uma familia madeirense, de que um dos membros era uma donzela, linda como as estrelas, e que ele presumia ser a rainha do baile. Julio, ao saber do casamento da fidalga, não pôde contrair um ritusnervoso e instintivamente dizia:

«O que são as mulheres! E eu que amava aquela mais ainda pelo dinheiro que pela formosura! Deixá-lo. Sem casar rico não hei de eu ficar.»

E partiu para Lisboa daí a dois dias.

Na noite do baile realizado pelo barão de Pedrouços, e quando os convidados se achavam já reunidos, formando um matiz com as côres negras das casacas dos cavalheiros e os suntuosos vestidos roçagantes das damas, Julio, que fôra dos primeiros a entrar, dirige-se ao barão e pergunta-lhe quem era a rainha do baile.

— Vem daí—disse o barão.

E imediatamente travou-lhe do braço e conduziu-o até junto dum individuo de farto tecido adipôso e de muitos aneis nos dedos, que tinha dum lado uma matrôna, não menos provida de carnes e de belos traços fisionomicos, e do outro uma donzela de peregrina beleza, de vinte primaveras, se tanto, e a quem o apresentante disse:

— O meu amigo dr. Julio Dálly que eu tenho a honra de apresentar á ex.ma snr.ª D. Carmina Augusta Gonçalves (1), sobrinha do ilustre proprietario da ilha da Madeira, snr. Antonio Duarte Gonçalves (1) e da ex.ma snr.ª D. Felismina Duarte Gonçalves (1).

Depois do que se retirou apressado, deixando Julio muito sorridente a entabolar, com a sua galhardia e ares palacianos, uma animada conversação com a familia madeirense.

Fizeram mutuamente preguntas que são muito vulgares entre pessôas que se comunicam pela primeira vêz: donde eram, a quem pertenciam, em que se ocupavam, o que tencionavam fazer, esta extrema curiosidade ou este meter-se em vida alheia que é apanagio de mulheres... e de não poucos homens tambem.

Julio, pela sua parte, elevou-se mais do que lhe permitiam os duzentos contos e as propriedades, para não desmerecer aos olhos de D. Carmina e do tio Antonio. Este simpatisou com garrulice do doutor e muito mais com os seus haveres, iriados de tantos contos, convidou-o *amavelmente* a dançar com a sobrinha, a que Julio gostosamente acedeu, e no fim do baile ofereceu-lhe *amavelmente* a sua casa na rua do Carmo, dizendo-lhe que a honrava muito com a sua *amavel* presença.

Julio já nem cabia em si com tanta *amabilidade* e quase não queria crêr em tanta ventura. Agradeceu penhoradissimo o oferecimento simpatico que lhe acabava de ser feito, e que teria na maior consideração as palavras obsequiosas de sua ex.ª.

O seu fito para mulher rica estava feito: era para a dama da rua do Carmo. Foi, pois, galantea-la com a plena certeza de ser correspondido e sem superiores embaraços; mas o galanteio ao ar livre pouco tempo durou, porque daí a quinze dias o galau, agora sem embargo doutra carta anonima que o denunciasse como tunante—se é que, em igualdade de circunstancias, se pudesse aferir o pundonôr de Antonio Gonçalves pelo de D. Guterres Cabral—daí a quinze dias, dizia eu, o galau estava em casa do proprietario madeirense, sentado á mesa de jantar, ao lado de D. Carmina Gonçalves, em convivio intimo e em amêna loquela, e, corridos tres meses, era marido da formosa ilhôa á face da igreja, usufruindo maiores bens e um estádio mais afortunado da existencia.

Candidos e prazenteiros sorrisos da sorte!

(*Continúa*).

(1) Pseudónimos.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Rua Ferreira Borges, 155 — 1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro—**Joaquim Coca Junior.**

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

FORTUNATO VAZ

CAMARNEIRA—CANTANHEDE

Agente da casa O HEROLD & C.ª de Lisboa, Porto e Pampilhosa para venda de adnbos quimicos e organicos nas regiões da Bairrada, Gandara, Aveiro, Coimbra e Beira Alta

Os adubos de HEROLD, os mais conhecidos e acreditados, devem ser preferidos por todos os lavradores. Tem as marcas registadas FOICE e TREVO DE 4 FOLHAS.

Para os vinhedos e milharais aconselhamos além das marcas especiais, CAL AZOTADA conjuntamente com FOSFATO TOMAZ e KAINITO.

Para as batatas as marcas especiais FOICE HEROLD e PURGUEIRAS dão um resultado magnifico.

Depositos em Cantanhede, Mogofores e Oliveira do Bairro.

Dirigir por postal a
FORTUNATO VAZ
Camarneia = Cantanhede

DOMINGOS LINO GASPAR

Armazem e oficina de moveis e estofos, mobilias completas, colchoria e camas de ferro. Oleades, baguetes e muitos outros artigos.

128—Rua do principe—130

Figueira da Foz

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

ALFAIATE E MERCADOR

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta

164, Rua do Principe, 168

FIGUEIRA DA FOZ

Sucursal em Leiria, Praça das Galinhas, sob a firma Abrantes & Genro.

Sortido em fazendas de lã e algodão, nacionaos e estrangeiras.

Varinos d'Aveiro, capotes á cavalaria e gabões para homem e creança.

Encarregam-se de qualquer encomenda para fora da terra.

Faz os mercados de Montemór-o-Velho, Guia a Monte Redondo, onde pode ser procurado pelos seus freguezes de fora da Figueira e Leiria.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

LOJA DO POVO

Mercearia, ferragens, fazendas brancas e papelaria. Deposito de tabacos e fosforos. Papeis *Duc*, *Lecosmopolite* e outros, para cigarros. Fosforos de cera e amorfos. Sabão, etc., etc.

Desconto da tabela da companhia.

Vendas por junto e a retalho

Bernardo Gonçalves Ferreira

Montemór-o-Velho

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino — 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 26 de Maio de 1912 — Numero 14

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 réis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 réis; na 3.ª, 40 réis e na secção respetiva, 30 réis.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado

O DEVER

ASSINATURAS

Portugal e Colonias Portuguezas.— Ano, 999 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis.
Brazil. — Ano, 2$000 réis, fortes.
Numero avulso, 30 réis.

Redação e Administração—ARAZEDE
Oficina de Composição e Impressão—Tipografia Silva (a vapor)—Largo do Espirito Santo—AVEIRO.

Director, editor e proprietario — MANUEL DE MELO
Redactor principal — Humberto Beirão

A correspondencia deve ser dirigida ao director deste jornal

Patria e Humanidade

SEMANARIO REPUBLICANO

Redactores: — J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz e Soveral da Rocha

Secretario, Augusto Baia — Administrador, Antonio Baia

Isto é intoleravel!

Nós sentimos esgotar-se a paciencia ao vêr que continuamos assistindo ao triste espectáculo das danças politicas da monarquia, das quais não derivam para o país frutos alguns que possam beneficiá-lo moral e materialmente, visto as classes continuarem desprotegidas dos poderes publicos, apesar das inumeras reclamações que dia a dia se fazem na imprensa, e apesar dos factos que soberamente atestam a miseria e a angustia dessas classes, que só clamam por justiça e ás quais se responde com o proverbial silencio ou com palavras suasorias, que são quasi sempre o bordão a que se encostam os nossos politicos mirabolantes.

Nós vêmos com assombro que o parlamento republicano é a reprodução fiel do parlamento monarquico, com as suas parolagens demostenicas, com as suas literatices de efeito, com a mesma preocupação exibicionista que caraterisava os homens do antigo rejime, e ainda com a agravante de reincidir nos mesmos erros, nas mesmas promessas falazes, na mesma vacuidade de fórmulas que desmoralisaram a monarquia e que, por fim, a subverteram.

A Republica sonhada pelo povo, e para cujo triumfo ele concorreu com o sacrificio do seu sangue, não é a Republica que para ai se vê, governada por oligarquias que apenas servem para comprovar a dignidade nacional e para entravar a solução dos problemas sociais que de há muito se discutem e de outros que se acham paralizados, á mercê dos caprichos daqueles que se lembrem de os abafar ou de os relegar para uma época tardia e inoportuna.

Têm-se cometido verdadeiras calamidades politicas, após a desagregação do partido republicano. Os grupos politicos que então se formaram não têm procurado efectivar a maioria dos planos anteriormente delineados; o que têm feito é degladiar-se mutuamente, malbaratando o tempo e o dinheiro em farçadas risiveis.

O país trabalhador está a pagar cem mil réis mensais aos seus representantes para estes passarem algumas horas em estereis discussões, improficuas para os problemas da instrução, da agricultura, do comercio e industria, tanto no interior como no exterior, e não protesta contra o sistema ruinôso que vão adoptando os nossos estadistas na administração nacional, perfeito decalque da administração monarquica, que só alvejava o bem-estar dos grandes em prejuizo dos pequenos, e sobrepunha os interesses pessoais aos mais sagrados e inalienaveis interesses colectivos.

Custa-nos ter que dizer tudo isto, mas é que a verdade impõe-nos o dever de bradar bem alto que a Republica no nosso país ainda não é aquela que em 5 d'outubro foi proclamada por entre as auras populares e os silvos da metralha, porque essa foi em breve adulterada pela sêde insaciavel dos despeitados e dos ambiciosos que, á sombra dos principios, trataram de absorver os dinheiros do tesouro em detrimento das classes proletárias, dessas mesmas que no tempo da propaganda lhes mereceram as mais carinhosas referencias e as mais desveladas atenções.

A Republica igualitária, essa que sabe nivelar todas as classes, cuidando de salvaguardar os interesses das que mais produzem, é que ainda está por fazer; e é essa que nós queremos, porque nela não cabe a tolerancia nem a fraqueza de loucamente perdoar a conspiradôres, que são criminosos confessos, de isentar do serviço do exercito mancebos válidos que poderiam prestar serviços á sua patria, nem tão pouco admite que se remunerem superabundantemente funcionarios que desempenham no meio social um papel secundário e que, sobretudo, pouco ou nada fazem. E é isto que infelizmente se está dando no atual rejime. Quem são os culpados desta desorientação? Os governos? Os grupos obstrucionistas? Seja quem fôr. Manifeste-se o país contra este estado de coisas, verdadeiramente anormal, e os responsaveis que sejam punidos.

Na presente conjuntura cabe ao parlamento interessar-se deveras pela discussão de muitas leis que possam beneficiar as diferentes classes, fazendo-as depois executar integralmente e sem demora. Trabalhem senadôres e deputados com sciencia e critério, mas desprendidos de pretenções e de negalomanias, e assim formularão o mais enérgico protesto contra a campanha anti-parlamentar levantada por aqueles que, fartos de esperar, vêem caminhar tudo num pendôr intraduzivel.

Assim é que não podêmos sustentar-nos, porque comprometêmos a dignidade da Republica sonhada pelo povo antes de 5 de outubro. E o povo soberano que neste dia manejou as armas para demolir uma monarquia aborvente, póde ainda, se não houver juizo, maneja-las para apear uma Republica que tem muito de aristocrática.

NOTAS

O Kaiser

O Imperador da Alemanha não está por certo em maré de sorte.

Ha tempos, por umas declarações, teve o Imperador de sofrer asperas reprimendas. Agora acaba de lançar á Alsácia Lorena, ameaças imprevistas. A opinião, em vista da atitude do Kaiser, ataca-o fortemente, censurando as suas palavras, mostrando assim duma maneira categorica a sua má vontade pelo Imperador.

Isto de reis e imperadores já vai perdendo de móda; hoje a *dernière mode* é a Republica para onde todos os póvos caminham.

Praças licenceadas

A titulo de prevenção para as praças licenceadas, publicamos o seguinte para que todos saibam os deveres que teem a cumprir:

Pelo ministerio da guerra acaba de ser distribuido por todo o país, com profusão, um prospeto, onde se resumem as instruções que devem ser observadas pelas praças licenceadas. As praças continuam pertendo aos regimentos em que serviram emquanto não pedirem passagem a outro corpo. Quando nas localidades para onde forem residir não houver regimento, apresentar-se-hão ao respetivo administrador do concelho. Quando mudem de localidade ou distrito terão de requerer autorização das respetivas autoridades. Devem conservar o fardamento em bom estado, sendo presos se fizerem uso dele dois dias depois de licenceados. Todos serão chamados cada ano para fazerem duas semanas de serviço, sendo considerados desertores e como tal punidos, se não se apresentarem logo que sejam chamados para qualquer fim. Não devem, especialmente, esquecer-se nunca de que são militares na situação de *licença* e sujeitos por isso aos respetivos regulamentos.

A contra-revolução

Os traidores que estão na Galiza adiaram mais uma vez a sua entrada em Portugal. Fortes patêtas! Como se eles pudessem facilmente entrar em terras portuguêsas e proclamar a monarquia que nos arruinou! Entrem, traidores, entrem, que aqui na patria que trairam receberão o castigo que merecem. A patria não é dos traidores, mas sim daqueles que são patriotas e que a defenderão até ao ultimo sacrificio. Teria graça que os caloteiros que estão na Galiza, por consentimento do governo espanhol, conquistassem uma patria que trairam! Entrem, e depois verão o resultado.

A mulher e o trabalho

Não ha mulher que não tenha conhecido, mais ou menos fugitivas, mais ou menos traiçoeiras, mais ou menos perigosas, essas horas más chamadas tentações.

A salvaguarda para essas horas é o trabalho.

Ha maus espiritos, espiritos a quem o trabalho não agrada, de quem a ociosidade é mãe; e, esses, são os mais acessiveis ás tentações.

Quando a mulher fôr uma personalidade robusta e consciente, quando ela fôr inacessivel ás quiméras da sentimentalidade, quando ela estiver solidamente, despretenciosamente instruida, tendo todas as noções praticas necessarias para subordinar o seu destino ás leis do bom senso e da razão, ao alcance de todos os descobrimentos e conquistas do seu tempo, prônta para perdoar o mal mas não para transigir com ele, sacrificando-se aos seus afétos, mas sacrificando-se principalmente aos seus deveres, tendo acima de todas as religiões que possa professar, a religião do Bem, da Verdade, da Justiça e do Direito, quando este ideal tiver tomado uma forma concreta, palpavel, tangivel até para os mais humildes e para os mais ignorantes, a familia estará salva porque terá por esteio a Moralidade, a Virtude a abnegação e o trabalho honesto.

Quando assim fôr constituido o lar, não haverá as incertesas, as duvidas, as vacilações e os desalentos; o seu ambiente não será impregnado de ambições insalubres, inflamado de invejas mesquinhas, corroido de tricas miseraveis.

Nas mãos da mulher está, pois, a tranquilidade e o socêgo, a ventura e a honestidade do lar, porque ela deve sêr a preserverança inalteravel, a bondade suprema e inexgotavel, a inteligencia iluminada pela dôce luz que irradia do coração, e pelo bem estar que o trabalho proporciona.

Humberto Beirão.

A arte moderna contra a arte antiga

E' o snobismo que leva os compradôres a procurarem os objetos antigos

Um dos ultimos numeros do importante jornal parisiense, o *Excelsior*, inseriu nas suas colunas opiniões de homens com nomes distintos nas artes e nas letras sobre a preferencia imbecil que é costume dar-se aos produtos da arte antiga, em manifesto detrimento da expansão da arte moderna. E' interessante revelar ao publico o resultado dessas *interviews* que, pela fôrça da sua logica, vão certamente fazer impressão profunda aos revolvedores de *bric-à-brac*. As somas por que se vendem revelhos objetos, de uso e voga em épocas idas, chegam por vezes a atingir preços incriveis. E' a classica lei economica da oferta e da procura que justifica essa assombrosa elevação. A mercadoria rareia, a procura aumenta—e portanto o seu preço sobe. Axiomatico.

Não merece reparo que os antiquarios esbanjem ridiculamente os seus dinheiros, o que, entretanto, exige a nossa atenção são os males que eles causam ao desenvolvimento da arte moderna. Principalmente por este lado têm propriedade as razões apresentadas pelos entrevistados do *Excelsior*.

Ouçam-nos.

M. Adolphe Brisson
Diretor dos «Anais politicos e literarios»

Deve reagir-se contra este frenezim, contra este fanatismo pelo antigo que faz subir a preços exorbitantes objetos, cuja belêsa e autenticidade são muitas vêses duvidosas.

Os grandes senhores do passado não compravam antiguidades. Encomendavam aos artistas do seu tempo obras do seu tempo. Porque não fazem o mesmo os grandes senhores de hoje, isto é, as pessoas de dinheiro?

Diz-se que a arte moderna não existe. E' muito arrojar. Hoje aprecia-se as obras artisticas do tempo de Luiz XVIII e Luiz Filipe, como ámanhã se apreciarão as de hoje. Estou convencido de que a arte moderna inglêsa, depurada pelo gôsto francês, deixará obras notaveis.

M. Léon Bailby
Diretor do «Intransigente»

E' preciso ser-se do seu tempo, é preciso encorajar os artistas contemporaneos, e ajuda-los a criar um estilo. Portanto, por coerencia, devemos encerrar as nossas portas a moveis inspirados em velhos estilos.

Custodio Mendonça.

UM PADRE USURPADOR

Snr. Redactor.

No n.º 13 do jornal *O Dever* de 13 de maio passado, jornal que com muita proficiencia redige, vem publicada uma local sob a epigrafe que acima me serve de titulo que por conter afirmações menos verdadeiras, m'obrigam, não para defender o carater nela visado—porque o seu proceder está acima de toda a suspeita—mas sim unica e exclusivamente a vir esclarecer a verdade.

Fui tesoureiro da junta de paroquia desta freguesia durante cinco anos; era-o ainda quando da proclamação da republica, e por isso julgo-me autorisado, com toda a razão, a dar um formal desmentido ás afirmações categoricas exaradas nessa local, quando se diz que o revd.º José Pedro usurpou do cofre da junta 45$000 réis.

Ora isto com franquesa, se não obedece a moda, hoje em voga, dizer todo o mal possivel dos padres, pela certa tem o seu qualquer coisa de mesquinha vingança.

Como padre, pode muito bem não ter feito uma boa apologia das leis da republica, isto compreende-se e mesmo o creio, mas como presidente da junta só nos tem merecido louvores pela acertada aplicação dos dinheiros paroquiaes.

Portanto afirmo e juro pela minha honra, senhor redactor, que o que se constata na aludida local deve, na parte que me refiro, muito á verdade.

Da tesouraria da junta a meu cargo nunca, juro, se retirou um ceitil a mais do que o consignado no orçamento devidamente aprovado pela autoridade superior, e convido, sem receio de desmentido, quem informou que prove o contrario.

Nada, a Deus o que é de Deus, e a Cesar o que é de Cesar, a verdade deve sempre imperar sobre tudo.

Que o revd.º tenha em seu poder os 45$000 réis para aplicar quando isto mudar, e que tenha umas esperanças de voltar breve os tempos idos, isso não contesto eu, mas o que afirmo é, que sejam eles de Pedro ou Paulo, Sancho ou Martinho, da junta é que nunca, isto é, que fossem retirados da tesouraria depois d'entrados, isso afirmo eu que não e provo se necessario fôr.

Nada ha de afinidade pessoal ou politica que me môva a vir em abôno do visado, nada absolutamente nada, só unica e simplesmente o que me arrasta a pedir-lhe a insersão destas linhas no seu jornal é a sêde de verdade, qualidade inseparavel do meu carater que a todo custo manterei.

Por isso espero dever-lhe a fineza da publicação desta, enviando-me a conta, que devo pagar por tal se assim o entender.

De V., etc.

Pontes de Cadima, 22 maio 1912.

José de Almeida.

Se não fosse a consideração que nos merece o snr. Almeida, não fariamos absolutamente nenhum comentario á carta que ahi fica em defensão do reverendo José Pedro de Melo Coutinho. Todavia vamos em poucas palavras comentaria-la para que no espirito dos leitores não paire sequer a ideia de que tentámos caluniar ou não dizer a verdade.

Principiemos, porem, por dizer que não nos move nenhuma animadversão contra o snr. Padre José Pedro. Se a nota—Um padre usurpador—tivesse sido objecto apenas de meras informações, o autor da referida nota, ver-se-ia obrigado a curvar-se ante as declarações do snr. Almeida. Mas não.

O que ficou relatado no n.º 13 de *O Dever* é fundado em proprias declarações do snr. Padre José Pedro, feitas em presença de quem escreve estas linhas e ainda de mais alguem.

O snr. Padre José Pedro de Melo Coutinho no primeiro sabado de maio, conversando com dois amigos e depois de se ter referido ao Afonso Costa e Antonio Macieira, disse que *tinha em seu poder 45$000 réis, QUE OS NÃO DEU Á JUNTA quando da proclamação da Republica e que só os aplicará quando um dia isto mudar*. Isto é a pura verdade.

Diz agora o snr. Almeida que não contesta que o reverendo tenha em seu poder os 45$000 réis para aplicar *quando isto mudar* e que poderão ser de Pedro ou Paulo, Sancho ou Martinho, mas que da junta não. Ora muito bem.

E' este o ponto principal e que me merece reparo.

O snr. Almeida certamente não ignora que a Republica não subsidia culto algum, mas que tambem não proibe que, particularmente, sem ferir os cofres da junta, o povo ou o páraco beneficie o mesmo culto. Admitamos, agora, que o reverendo José Pedro tem em seu poder 45$000 réis provenientes duma subscrição aberta

entre os paroquianos para melhoramentos da igreja.

Se assim fosse que necessidade teria o reverendo José Pedro de entregar a quantia angariada, á junta de paroquia? Absolutamente nenhuma e nem mesmo devia ser.

O dinheiro da junta pertence ao Estado e o da subscrição nada tinha que vêr com ele. Para ser aplicado, não necessitava de orçamento aprovado superiormente, nem havia necessidade alguma de se esperar pela mudança *disto;* e, para ser guardado, não precisava dar entrada nos cofres da junta.

Esta é que é a verdadeira logica.

Mas o snr. Padre José Pedro disse que tinha aquela quantia em seu poder e *QUE A NÃO DEU Á JUNTA* quando da proclamação da Republica. Ora *se a não deu* é porque tinha tenção de a dar e, nesse caso, os 45$000 réis pertencem á junta e, por consequencia, como diz o snr. Almeida, a Cesar o que é de Cesar.

E basta de comentarios.

Aniversario jornalistico

Entrou no 11.º ano da sua publicação o nosso prezado colega da Figueira da Foz, *A Voz da Justiça*, que desde sempre tem sabido manter-se numa atitude nobre e digna, orientando-se pelo verdadeiro espirito democratico que póde conduzir á conquista da felicidade nacional.

Coerente com os principios, tem lutado dentro do partido republicano ao lado dos caudilhos da emancipação do pensamento, e hoje, com o triunfo da Republica, tem seguido a politica que melhor póde aproveitar ao país e ao bom nome das instituições.

Felicitamo-lo cordealmente.

Amôr da Patria

Eu ponho-me a pensar, ás vezes, que a vida é uma tragédia, uma comedia composta de mil e um atos diversos, e não posso encarar *isto* a sério.

Vejo as coisas com desdem; os homens afiguram-se-me a maldade da vida.

Do mal, as ambições, as ladroeiras, malerenças, é o fruto de todos os dias.

A humanidade odeia-se mutuamente. Para que?

Para nada, simplesmente por prazer de odio.

A mocidade vae fugindo, fugindo, fugindo!...

E o vigor da vida, a pujança da vida desaparece lentamente, devagarinho, mas desaparece.

Olha a gente a mulher amada, a familia amada, os cabelos loiros e encaracolados dos filhitos, e fica-se a gente extasiado, adormecido, indolente e saudoso, dolhos fechados, remirando em consciencia, o passado de venturas que mais não volta.

Ha momentos em que a nossa alma passa de repente pelo gôso inebriante de venturosas horas que lá vão.

Ver as coisas pela lente firme por onde elas devem ser vistas? Não. Não vale a pena. Quem pensar conseguir isso, mata-se. Se não morre logo, poucos dias tem de vida.

Os revoltosos, os que ambicionam o desmoronamento desta sociedade corrúta que nos ganguerena os intuitos, têm alma, sentem, amam choram, odeiam e riem.

Pode ter sido uma loira, uma palida, uma trigueira ou a morte dum filhinho a causa da revolta da sua alma. Mas nem por isso a sua ira, a sua ambição de reconstruir deixa de ser tão intensa, tão logica, tão impreganada de fulgurações de altruismo e impetos de caminhar de encontro ao despotismo e ao malandrismo da vida.

* * *

O amôr sacrosanto da Patria, a firme convicção da sua nobreza, a alta consideração por ela, são, sempre, para os homens dalma, motivo de sobejo para revolta.

Ouvir amesquinhar o torrão querido que nos foi berço, ver atraiçoar esta terra amada de herois e de oderantes violetas, é sentir punhaladas no coração.

É é por isso que eu, ás vezes, me ponho a pensar que a vida é uma tragédia, incompreensivel, e que a humanidade, degladiando-se, nada mais faz do que dar largas á má constituição psicologica de que inferma e, quantas vezes, á falta de educação civica e compreensão de deveres concernentes ao seu sistema de labuta.

Porque eu sou dos que sonho a transformação de tudo isto ..

15 de maio 1912.

ALMEIDA JUNIOR

Ferro-viarios de Portugal

Parece que o governo, segundo o que noticiam os jornaes diarios, vae tomar conta da organisação da Caixa de Reformas e pensões, fundindo n'uma só todas as caixas de todos os caminhos de ferro portuguêses.

Sendo assim, como cremos que será, ficará preenchida uma das grandes lacunas que vem sendo, de ha tempos a esta parte, a principal preocupação dos pobres trabalhadores ferro-viarios.

Com essa fusão todos teem a lucrar, velhos e novos, antigos e modernos servidores das companhias de caminhos de ferro, e o Estado, por seu lado, em nada se prejudica, visto como a receita para fazer face ás despezas, terá que sair do bolso dos trabalhadores, e todos, os que enciamos um futuro mais ou menos tranquilo, como é justo no fim de tantos anos de mortificações, da melhor boa vontade nos prestaremos a contribuir com mais alguma coisa, mas as companhias, comtudo, não devem deixar tambem de auxiliar os seus empregados tanto quanto lhes fôr possivel.

Ha companhias cuja Caixa de Reformas é uma irrisão, senão uma afronta clara ao seu pessoal, com um regulamento cheio de falsas portas e de sofismas para engôdo de papalvos inesperientes.

E é precisamente para que termine esse estado de coisas, que não obdece a ninhum principio de humanidade, que urge que o governo tome conta do assunto.

Assim ficará resolvido o grande problema e terminarão os clamores que com desgosto estamos ouvindo por essas linhas fóra.

BERNARDINO.

Promoções

Foram promovidos á classe imediata e colocados na estação de Santa Comba e Nelas, respetivamente, os nossos presados assinantes, factores de 3.ª classe, snrs. João Correia de Figueiredo e Jacinto dos Santos Junior.

Recebam os nossos presados amigos, por tal motivo, um grande abraço de felicitações.

A PROPOSITO DA "CARIDADE SIMULADA,,

Vamos hoje concluir a resposta á contestação da comissão de Cadima, aqui publicada no numero anterior.

«Os pobres hoje devem merecernos mais consideração do que os ricos, que geralmente são ambiciosos e máus»—escrevemos nós. Sem duvida. Nós, falando duma maneira geral, quizemos significar que só o povo hoje—como aliás em todo o tempo—nos merece mais respeito, mais carinho, do que os plutocratas quasi sempre sem alma, sem sentimentalidade, inata nos verdadeiros sêres humanos que aspiram á nivelação dos estados sociaes, sem o que não poderá haver um estadio perfeito de harmonia e de felicidade relativa. Nós, desejando a igualdade, não queremos que se releguem para ultimo logar os humildes filhos do povo, que podem ser elementos tão uteis no meio social como aqueles que tiveram a ventura de nascer debaixo duma abobada de luz.

Na escola é que está o ponto de apoio em que têm de assentar os alicerces da sociedade futura. Da escola, portanto, é que têm de brotar os bons ensinamentos e os actos magnanimos para a formação dos melhores caratéres. Eis o que nos parece que se não fez em toda a linha na festa escolar de Cadima, ocasião mais que oportuna para se pôrem á verdadeira luz todos os sentimentos humanitários da comissão. Não será só em Cadima que assim se procede, estamos certos, mas noutras escolas ainda, o que não se compadece com as normas modernas do verdadeiro humanitarismo.

Dizêm a seguir os signatarios da contestação «que nós fizemos insinuações inteiramente caluniosas, cujo fim bem se percebe...» E' uma asserção gratuita. Quem nos conhece e nos tem acompanhado na nossa curta carreira jornalistica, sabe que nunca levantámos uma calúnia a quem quer que fosse, pelo simples prazer de desprestigiar este ou aquele, porque a nossa missão foi sempre a de apontar a verdade, combatendo o erro e a injustiça. Eis o nosso fim.

De resto, para o nosso caso, informações recentes dizem-nos que alunos houve na escola de Cadima que fôram premiados e que preteriram outros mais distintos que o não fôram. Poderiamos citar os nomes de todos esses alunos, mas abstêmo-nos de o fazer para não dar ao caso um vulto que não merece.

Mais adiante dizem os nossos combatentes que confundimos prémios com esmolas. Eles é que conscientemente confundiram o sentido das nossas afirmações, tomando-as pelo lado que mais viavel lhes pareceu para armarem em arrogantes Plutarcos.

E deixêmos o resto do aranzel que briga com a consciencia, nem sempre recta, dos comissionados, como se póde vêr por este facto, ocorrido o ano passado, tambem por ocasião duma distribuição de prêmios.

O páraco da freguezia instituiu um prémio á aluna que menos faltas désse á escola. Houve uma aluna, chamada Carminda, filha do snr. Manuel Regra, que deu uma falta durante o ano; e houve outra, de nome Gracinda, filha de Ascenção de Jesus, que não deu falta alguma, sendo ambas da Quintã.

Pois, apesar de se tratar dum prémio de frequencia, a primeira é que foi premiada e não a segunda, como mandava a justiça.

E ponto final, que o tempo é-nos preciôso demais para tratarmos de banalidades como esta que tão intempestivamente veio á têla da discussão. Justiça e equidade são duas coisas que nos modernos tempos andam pelas portas da morte.

Passeio ao Bussaco

As alunas da Escola Normal de Lisboa, que na passada sexta-feira realisaram em S. Carlos um deslumbrante sarau, com o seu orfeon de 300 figuras, tencionam, no dia 1 de junho, visitar em Coimbra o magnifico jardim-Escola João de Deus, seguindo no dia 2 para o Bussaco, onde oferecem um *pic-nic* a todos os professores, inspetores e presidentes das camaras municipaes da região.

Esta bela festa constituirá a preciosa confraternisação entre educandos e educadores.

As alunas serão acompanhadas pelos professores da Escola, dirigida pelo deputado Thomaz da Fonseca, o primoroso escritor e grande amigo do povo, a quem tem consagrado toda a sua vida de estudos.

A esta festa assistirão, por certo, a maior parte dos professores do distrito de Coimbra e todas as pessoas a quem a instrução merece especial disvelo.

TRANSCRIÇÃO

A Briosa, jornal academico de Coimbra, transcreveu no seu n.º 13 a nota aqui publicada sôbre o ministerio de instrução.

Agradecemos.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XII

Vejam isto.

Um destes dias, publicavam alguns jornais diarios da capital uma nota sibilina, que se referia á classificação dos professores primarios para o efeito do ingresso nas diferentes classes em que a ultima Reforma, contra a opinião de muitos, ainda os conservou divididos. Parece, no entanto, depreender-se dos seus dizeres, talvez muito pensados antes de escritos, que o pagamento, a todos os promovidos, da diferença de ordenado a partir de 1 de março do ano passado, conforme a lei garante, está já a assustar os nossos homens do governo. Se todas as vagas forem preenchidas, o pagamento do que ao professorado se fica devendo sobe a algumas dezenas de contos—é pouco mais ou menos assim que se diz na prosa oficiosa.

E' estraordinario— embora por mim já ha mezes previsto! Em se tratando do professor primario, já o dinheiro é regateado como numa praça de peixe!

O decreto de 29 de março de 1911, assinado por todos os membros do governo provisorio, diz muito claramente no seu artigo 167.º:—«Aos professores primarios a quem, pela fixação dos quadros a que se refére a tabela anexa ao presente decreto, couber o direito de promoção de classe ser-lhes-á o mesmo garantido a partir de 1 de março corrente, embora dependente da publicação da lista oficial a que se refere o § 1.º do artigo 91.º.» Pelos artigos 85.º, 86.º, 87.º e 88.º do mesmo decreto vê-se, sem duvida possivel, que *todos* os professores existentes á data da publicação da lei hão-de, por escala, dar ingresso em qualquer das tres classes. Assim, á primeira ficarão pertencendo os que como tal já estavam classificados e os da 2.ª suficientes para completar o numero de 2.500, A' segunda, os que já essa classificação tinham e os da 3.ª precisos para igualmente prefazer o numero de 2.500. Finalmente, á terceira, todos os restantes, mesmo que fossem interinos ou ajudantes.

A que vem, pois, agora a nota da comissão encarregada da classificação do professorado para o efeito da fixação dos quadros? Acaso ela ignora que todas as vagas hão-de ser preenchidas, porque a lei assim o ordena, e que a diferença de ordenado aos promovidos, a contar de 1 de março do ano passado, tem de ser paga a quem de direito, porque a Reforma assim o garante? Que importa que essa diferença seja já representada por dezenas ou mesmo centenas de contos de réis?

Ah! colegas, colegas, se nós fossemos unidos!...

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Comissão Paroquial Republicana de Arazêde

O snr. Jeronimo de Carvalho, em artigo inserto na *União* com o titulo *Melhoramentos Locais*, faz uma afirmação que não é verdadeira. Não queremos com isto dizer que o snr. Carvalho, ao fazer tal afirmação, quizesse melindrar a coletividade néla visada. Diz o snr. Jeronimo de Carvalho *que anteriormente á proclamação da Republica não existiam quaisquer comissões republicanas no concelho.*

Não é assim. Em Arazêde ha uma comissão Republicana desde 26 de janeiro de 1908. O snr. Carvalho, mal informado por certo, fez esta asserção ignorando que a Comissão Paroquial Republicana de Arazêde foi organisada no maior perigo da ditadura franquista, quando aqueles que se declaravam publicamente republicanos eram perseguidos em toda a linha e em todos os campos. Os republicanos de Arazêde sofreram por vezes perseguições acintosas, sendo alcunhados com epitetos menos corrétos e com frases duma ironia atroz; mas eles, com o seu amor pela Republica, nunca desfaleceram e caminharam sempre alheios a todas as chufas, a todas as ironias, fazendo sempre a propaganda dos seus principios com mais ardor e com mais entusiasmo. Tivemos lutas politicas que ainda hoje são recordadas com saudade! Da primeira comissão republicana que aqui se organisou era presidente o nosso saudoso amigo, Antonio Ferreira de Figueiredo, e por falecimento deste, houve uma eleição para ser nomeado novo presidente, cujo cargo recaiu no atual membro da Comissão Municipal Administrativa de Montemôr, Joaquim Ferreira de Figueiredo.

Por aqui se vê que ao tempo da proclamação da Republica, a unica comissão republicana que havia no concelho era a Comissão Paroquial Republicana de Arazêde. O snr. Jeronimo de Carvalho não conhecia estas particularidades, e eis o motivo porque a sua pena deixou passar este lamentavel engano. Mas nós que sempre pugnámos pela verdade, vamos contar ao snr. Carvalho as lutas que temos tido depois da proclamação da Republica. Estamos daqui a vêr o snr. Carvalho revoltado, dizendo de si para si como se pudéram fazer tantas injustiças a quem tanto lutou pela Republica e a quem por ella tantos sacrificios fez!

Os republicanos de Arazêde depois da proclamação da Republica teem sido mais perseguidos ainda do que no tempo da monarquia. Algum republicano era competente para exercer um cargo publico? Isso sim! Esse cargo publico dava-se a um outro qualquer, menos a um republicano de Arazêde. Os republicanos de Arazêde tinham os seus direitos adquiridos. Era preciso esmaga-los para não fazerem sombra aos monarquicos aderentes. Foi nesta ocasião que se começou a fazer politica de *atração*, de maneira que os republicanos de Arazêde chegaram até a ser injuriados pelo snr. Angelo da Fonseca, por quem no tempo da monarquia votaram como deputado propôsto pelo Partido Republicano Portuguez!

Quem escreve estas linhas sustentou uma campanha nessa ocasião, defendendo os republicanos de Arazêde e pondo a nú os aderentes que se arvoraram em republicanos *antigos*. Essa campanha sustentada por nós no *Mundo* veio-nos ainda aumentar as perseguições. Daí em diante eramos até apontados a dedo como um elemento nulo...

Já vê o snr. Jeronimo de Carvalho que quando se proclamou a Republica, existia em Arazêde uma Comissão Paroquial Republicana, que ainda hoje existe reconhecida legalmente pelo Diretório com quem está em comunicação direta. A nós cabe-nos a honra de sermos o republicano de Arazêde que foi e é ainda o mais perseguido; mas têmos a esperança de que a Justiça ainda um dia ha de ser um facto em Portugal.

Soveral da Rocha.

Publicações

Recebemos os n.ºs 9 a 16 do *Jornal da Criança*, revista quinzenal para a infancia que se publica em Angra do Heroismo, e de que é diretor o ilustre professor primario, snr. Inacio Cardoso Valadão.

E' no genero uma das melhores revistas que conhecemos, porque abrange todos os conhecimentos uteis a crianças, tornando-se uma verdadeira enciclopédia infantil.

Recomendamos o interessante *Jornal* aos chefes de familia que desejem educar integralmente seus filhos.

Agradecemos os exemplares que nos fôram enviados, e vamos estabelecer gostosamente a permuta.

Quadro dos professores primarios

Refere-se hoje o nosso distinto colaborador da *Voz dos Professores* á organisação dos quadros do professorado primario, em frase incisiva e cheia de verdade, que pôe em evidencia os intuitos inconfessaveis do governo, retardando a promoção de muitos professores que a isso tinham direito pela nova lei

Sabemos que o Senado excluiu da lei Antonio-José esse lamentavel artigo que obrigava a marcar passo muitos martires do ensino, especialmente os que se encontrassem em 3.ª classe; mas estamos em crer que, regulando os casos de promoções pela lei anterior, nem assim os professores verão melhorada a sua situação, porque infelizmente continuará a haver o mesmo desprendimento da parte do governo pelos interesses do professorado.

490 réis por dia a um professor de 3.ª classe é coisa que não causa engulhos aos magnates da Republica, que no tempo da propaganda pareciam colocar-se ao lado das classes oprimidas.

Mas veremos como a roda vai correndo, e depois diremos algo sobre o caso.

FERIADO

A comissão administrativa de Montemór-o-Velho, usando da prerogativa que lhe confere o art. 2.º do Decreto de 12 d'outubro de 1910, escolheu para dia feriado no concelho o dia 28 do corrente, querendo assim comemorar o primeiro acto eleitoral politico da Republica Portuguêsa.

Comissão Administrativa do Municipio de Montemór-o-Velho

Extráto da sessão de 11—5—1912

Presentes: — Todos os membros da Comissão.

Expediente

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, tomou conhecimento do expediente, entre o qual se encontram oficios do Grupo Orfeonico de Condeixa e respétiva Camara Municipal, patenteando o seu reconhecimento pelo modo carinhoso e franco como foi recebido pelos habitantes desta vila aquele orfeon, e tambem um oficio do Grupo Sport de Coimbra a fazer igual agradecimento aos mesmos montemorenses e por igual motivo.

Deliberou se agradecer as frases amaveis que dirigem á Comissão, como representante do concelho.

— O ex.mo Governador Civil deu conhecimento de que o dia 28 do corrente mez, pela Comissão escolhido para feriado do concelho, obriga todas as repartições e funcionarios publicos a trabalhar, o que se fez, novamente, publico por oficios dirigidos a todos os mesmos funcionarios.

— Foram presentes requerimentos, que tiveram os despachos necessarios.

— Autorisou e mandou pagar varias despezas e foi presente o balancete semanal.

Posto medico

Resolveu solicitar novamente do ex.mo Governador Civil que seja autorisado o provimento do partido medico de Verride, e para esse fim aberto o concurso.

— Foi apresentada pela presidencia a proposta-relatorio para ser desdobrado o partido medico de Carapinheira em dois, criando-se, com as freguezias de Seixo-Liceia e Arazêde, um partido com séde em Arazêde ou Amieiro, proposta que foi aprovada por maioria, pois que o digno vogal Machado, declarando não se opôr á criação do partido medico de Arazêde, entende que tambem Tentugal deve ser atendida com igual beneficio, tanto mais que já teve ali medico.

O vogal Andrade propoz, e foi aprovado, que Amieiro-Arazêde, Casal do Gaio e Vila Franca, sejam considerados como séde do novo partido, para o efeito de nos seus honorarios não ser contado caminho ao facultativo que fôr nomeado.

Posto civil

Resolveu ceder um gabinete ao oficial do Registo Civil, contiguo á repartição, casa de que está de posse a Direcção do correio e telegrafo do concelho.

Voto de louvor

Resolveu-se exarar um voto de louvor ao povo de Montemór pela fórma bizarra, afavel e carinhosa como recebeu os excursionistas de Coimbra e Condeixa no dia 5 do corrente mez, depois do que foi encerrada a sessão.

ANTI-ALCOOLISMO

Os perigos do alcoolismo sob o ponto de vista higienico e moral

III

Falsificação das bebidas fermentadas

As bebidas fermentadas contem o alcool menos prejudicial e, em geral, em pequena quantidade. O vinho, a cidra, o vinho de peras, a cerveja, *que não sofreram falsificação*, são portanto bebidas salutiferas, *quando se não abusadelas*. Infelizmente para a saude publica, são numerosas e frequentes as falsificações.

O vinho natural falsifica-se de duas maneiras: ou deitando-lhe agua para aumentar a quantidade e tambem para evitar dispendio, ou juntando-lhe alcool para aumentar a fortaleza. Este alcool é do mais barato e de mais ruim qualidade, proveniente das beterrabas ou de cereais avariados. E' assim que o vinho se torna perigoso e que incautamente se faz uso dele.

A cerveja falsifica-se, substituindo o lupulo por genciana ou buxo, algumas vezes por coloquintida ou noz vómica, substancias que, em alta dose, são bastante toxicas. Ainda se falsifica a cerveja, como se falsifica a cidra e o vinho de peras, pela adição de alcool barato que a torna menos refrigerante, e que, por consequencia, provoca a sua bebida em maior quantidade.

Não abuseis portanto das bebidas, ainda mesmo quando puras; pois que podem ter sido falsificadas ocultamente. A agua, que é a unica bebida dos animais, fortalece e sanifica; deveis preferi-la a qualquer outra.

Espanha e Portugal

O nosso presado e bem redigido colega lisbonense, *España Democratica*, no seu numero 14, insere uma carta do eminente professor e sociologo catalão, D. Ribera y Rovira.

O grande amigo de Portugal que è Rovira, tem para o nosso pais palavras de justiça e de sincera afeição.

Da sua carinhosa carta traduzimos, com a devida vénia, esta sublime e eloquente passagem:

Que belas palavras as da *España Democratica*!

Assim se faz patria! Mas ha que combater tantos inimigos e desareigar tantas maldades!

Tambem eu estou enamorado do grande ideal e a ele consagro a minha vida.

Em 10 anos de luta tenho sentido muitas amarguras e presenceado muitas cobardias.

Cheguei-me até a convencer de que a nossa miseria fisica é filha da nossa miseria moral, da nossa carencia de ideais.

Eu amo o povo português, porque na sua triste desventura de deserdado, conserva comtudo ainda a chama ardente do seu são patriotismo.

A *España Democratica* tem uma grande missão diante de si: restituir aos espanhoes daí a sua perdida fé, a sua oculta consciencia, o sentido fraternal da sua vida, para que a sua acção constitua a alma impulsora do mais nobre dos ideais regeneradores das patrias peninsulares.

Irmanar, fraternisar!

Em Espanha e em Portugal os bastardos interesses catolico-monarquicos, com o seu feroz uniformismo no Estado, e com o seu mesquinho instinto de ambicioso imperialismo politico, tem desviado do caminho da luz a grande missão civilisadora iberica que devia reintegrar-nos na Humanidade.

O estreito ideal patriotico á madrilêna, tem-se imposto aqui, sobre a ancia nobilissima da fraternidade iberica: e em Portugal, o mêdo *bragantino* tem conservado estupidamente o rancoroso antagonismo luzo-espanhol.

Assim se exprime um dos melhores amigos desta patria de bondosos herois.

Meditem os nossos leitores, porque, nestes dias de traição conspiratoria contra nós, protegida pelo governo da nação visinha, as palavras do ilustre homem de letras têm especial oportunidade.

Espanha está sendo o maior fator de desarmonia para Portugal, e os protestos estão-se ouvindo já por toda a Europa, por todas as nações nossas amigas.

Era tempo de se acabar com a farçante e nojenta comedia.

Jornalismo de... tesoura

E' comodo este processo de fazer jornalismo. Corta aqui corta acolá, copia dali copia dalém, assim se vae mantendo certo jornalsito da provincia.

Ora nós não nos referiamos ao caso, porque com esse periodico não permutamos nem queremos permutar, se um nosso dedicado amigo nos não chama a nossa atenção para a forma como o *Dever* vem tambem sendo vitima desses cortes e desses recortes, especialmente no que diz respeito a noticiario.

Por agora, lamentando o facto de sermos copiados, cortados e recortados, agradecemos ao nosso amigo a gentileza do envio da tal folha, e aqui declaramos que tomaremos inergicas medidas, a continuar a imoralidade, que é um abuso flagrante e pouco airoso para quem taes actos pratica.

Fica assim feito o aviso, para que não torne a acontecer como aconteceu á noticia referente á passagem de Magalhães Lima por Pampilhosa.

CASOS DA SEMANA

CAPTURA

Foram capturados para averiguações relativamente ao caso do ferrador do Amieiro que aqui narrámos no numero anterior, os snrs. José Maria Carvalho, do Casal do Gaio, e seu cunhado Antonio Ferreira Valerio, da Mata. Consta-nos que na quinta-feira tambem foram chamados a Montemór as mulheres dos referidos cidadãos para melhor se averiguar o caso.

Aniversario

Fez 26 anos no dia 25 do corrente o nosso presado assinante snr. Antonio da Silva Barreto, do Casal do Gaio.

Que se repita por muitos anos.

ANUNCIOS

Antonio Duarte Mendes
FABRICANTE
DE
INSTRUMENTOS DE CORDA

Premiado nas exposições Distrital de Coimbra em 1884, na Industrial de Lisboa em 1888, na Universal de Paris em 1900 com a medalha de prata, e na Industrial e Agricola do concelho da Figueira em 1901 com a medalha d'ouro.

Satisfaz de pronto qualquer encomenda de instrumentos, garantindo a perfeição de seus trabalhos.

65, Rua da Bica—Figueira da Foz
PORTUGAL

SAPATARIA CONFIANÇA
ZEFERINO COELHO RIBEIRO
(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42
FIGUEIRA DA FOZ

Palace Hotel, Bussaco
(PORTUGAL)
OUVERT TOUTE L'ANNÉE
PAUL BERGAMIN
Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Conformoderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).
Automobies et Voiltures

Fabrica de bolachas e biscoitos da Estrela
Couraça da Estrela, 1 a 15
COIMBRA

Esta casa é que melhor fabrica e vende em melhores condições.

O Proprietario,
Manoel Pereira Junior.

Manoel d'Oliveira Junior
Rua da Republica, 84 a 88
FIGUEIRA DA FOZ

Compra madeiras em todas as dimensões e pinhaes em qualquer parte do paiz.

Encarrega-se de fornecimentos de madeiras para Portugal e estrangeiro.

Tem na Figueira da Foz, depositos de madeiras, em taboas, vigas, travessas, sualhos, etc.

Quem quizer vender madeiras, dirija-se em carta ao escritorio, que receberá em seguida uma nota de preços.

Pagamento, á vista da fazenda.

FARMACIA MONTEIRO
ARAZEDE

Produtos quimicos e farmaceuticos e artigos de industria farmaceutica como: fundas, algalias, borrachas. biberons, etc.

TRIPA
DEPOSITO DA CASA ANJOS & C.ª
João Vieira da Silva Lima
COIMBRA

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

(12) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

IV

E Tereza?

Tereza, quando lhe disseram que Julio tinha casado em Lisboa com uma senhora muito rica da ilha da Madeira, caiu das nuvens. Foi como se um raio lhe caisse aos pés (como costumam dizer os escribas de romances baratos). A principio não quis acreditar, mas, quando adquiriu a certeza, tão estomagada ficou que protestou fazer separação da sua pessôa dentro do mais curto prazo possivel, sem aviso previo, ao traidôr, do intento que ia realizar. Picada do orgulho de primeira mulher preferida, não queria mais coabitar com um homem que tivera o desplante de a atraiçoar até áquele ponto. O expediente que devia tomar sabia-o ela.

Tinha-lhe constado que em Semide, freguezia do distrito de Coimbra, havia uma senhora, viuva, que tinha duas meninas na infancia para educar e que precisava duma precetôra para lhes ensinar primeiras letras e trabalhos manuais.

O que se lhe deparava não podia ser melhor adequado ás suas aptidões, tinha, como já dissemos, recebido uma educação esmerada, e, por consequencia, estava nas condições exigidas. Mandou oferecer-se com informações abonatorias, felizmente alcançadas, e dentro em breve recebia comunicação de partir incontinente. Riu triunfantemente da bôa-nova, e então mais se lhe ateou o desejo de se separar daquele homem sem lhe mandar sequer um adeus, um aviso, sem ter um leve remorso...

— E p'ra quê? — interrogava-se ela. — Remorso devia ele ter, não era eu.

E, depois de haver enfardelado açodadamente tudo o que lhe pertencia, Tereza foi despedir-se d'algumas amigas que lhe conheciam mais ou menos o vivêr, e que, como ela, menoscabavam o procedimento de Julio, foi entregar a chave da casa a pessoa de confiança para esta, por seu turno, a remeter ao inquilino responsavel, e, sem mais demora, partiu para Semide, anceando por vida nova.

Quando chegou, foi recebida pela dona da casa, uma senhora de sublimadas virtudes e de superior educação, que lhe confiou a direção manual, intelectual e moral, e não sei se tambem espiritual, de duas meninas de cinco a seis anos que, no dizer dum amigo da casa, poéta de vilancêtes,

> par'ciam duas estrelas,
> lançadas do firmamento
> por dois sublimes arcanjos.

Tereza rejubilou. Sentia-se escarranchada nas azas do demonio, que a protegia, e que lhe desvanecera a nodoa da reputação para a alcandorar ao grave e delicado mister de educadora de meninas.

O' moralidade, onde te vais esconder!

V

Julio, quando soube da resolução da amante, que imaginam que fez? Pensar em vingar-se? Não estava no seu temperamento. Fez simplesmente isto: encolheu os hombros e disse filosoficamente: «Mulheres ha muitas.»

Mas, por mais insensivel que fôsse a sua psicologia, não deixaria ele de perturbar-se, pelo menos, se não tivesse a deslumbra-lo o olhar terno de D. Carmina, e, mais que o olhar, as interminaveis fiadas de contos que ela possuia, e que jorravam mais luz do que todos os dinheiros e preciosidades dos Cabrais.

Que lhe importava a outra? que não fosse tôla, que se deixasse estar; se foi por orgulho e dignidade, isso já não era para ela; mulher que desce a refocilar-se com o primeiro que lhe aparece, não tem direito a ostentar fumos de brio e de reputação.

Mas ele já tinha planos formados; era preciso executa-los. Ficava a residir em Lisboa, no centro da nobreza e da esturdia, abria todas as portas da prodigalidade e da devassidão, tomaria uma ou mais amantes, porque agora estava um Creso, estregava-se, emfim, á ribaldaria, se para tanto lhe pedisse o temperamento folgazão.

Consultou a esposa sobre o fixar a residencia em Lisboa, e ela da melhor mente condescendeu.

(*Continúa*).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Rua Ferreira Borges, 155 — 1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

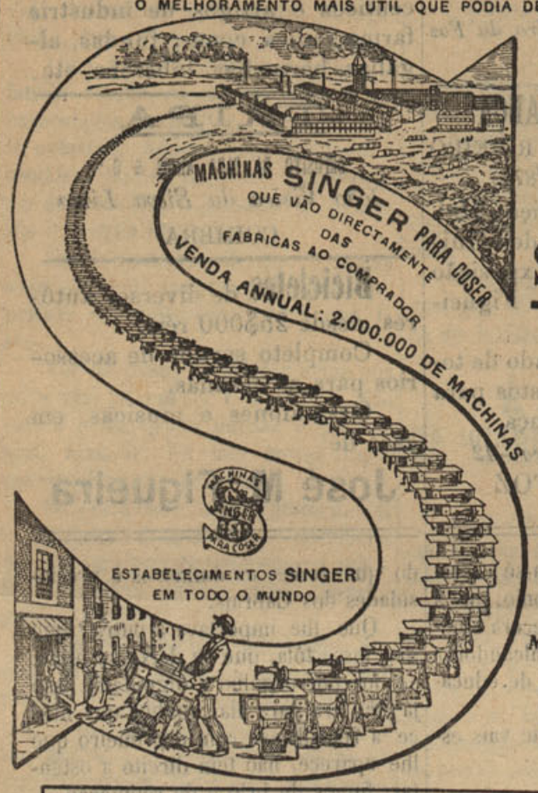
LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro—**Joaquim Coca Junior.**

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

FORTUNATO VAZ

CAMARNEIRA-CANTANHEDE

Agente da casa O HEROLD & C.ª de Lisboa, Porto e Pampilhosa para venda de adubos quimicos e organicos nas regiões da Bairrada, Gandara, Aveiro, Coimbra e Beira Alta

Os adubos de HEROLD, os mais conhecidos e acreditados, devem ser preferidos por todos os lavradores. Tem as marcas registadas FOICE e TREVO DE 4 FOLHAS.

Para os vinhedos e milharais aconselhamos além das marcas especiais, CAL AZOTADA conjuntamente com FOSFATO TOMAZ e KAINITO.

Para as batatas as marcas especiais FOICE HEROLD e PURGUEIRAS dão um resultado magnifico.

Depositos em Cantanhede, Mogofores e Oliveira do Bairro.

Dirigir por postal a
FORTUNATO VAZ
Camarneia = Cantanhede

DOMINGOS LINO GASPAR

Armazem e oficina de moveis e estofos, mobilias completas, colchoria e camas de ferro. Oleados, baguetes e muitos outros artigos.

128—Rua do principe—130
Figueira da Foz

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218
FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas
ABRANTES & GENRO
Leiria

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

LOJA DO POVO

Mercearia, ferragens, fazendas brancas e papelaria. Deposito de tabacos e fosforos. Papeis *Duc*, *Lecosmopolite* e outros, para cigarros. Fosforos de cera e amorfos. Sabão, etc., etc.

Desconto da tabela da companhia.

Vendas por junto e a retalho

Bernardo Gonçalves Ferreira
Montemór-o-Velho

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO
(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encommenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã,
tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 2 de Junho de 1912 — Numero 15

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 réis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 réis; na 3.ª, 40 réis e na secção respetiva, 30 réis.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado

O DEVER

ASSINATURAS

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS.—Ano, 999 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis.
BRAZIL.—Ano, 2$000 réis, fortes.
Numero avulso, 30 réis.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—ARAZEDE
OFICINA DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO—Tipografia Silva (a vapor)—Largo do Espirito Santo—AVEIRO

Director, editor e proprietario — MANUEL DE MELO

A correspondencia deve ser dirigida ao director deste jornal

Patria e Humanidade

SEMANARIO REPUBLICANO

Redactores: — J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz e Soveral da Rocha

Secretario, Augusto Baia — Administrador, Antonio Baia

A alma popular

—=(*)=—

A alma popular, é, ás vezes, flamejante e heroica, indómita e bela, sonhadora e sentimental.

A alma popular, é, ás vezes, capaz dos mais altos cometimentos de bravura e heroicidade.

Nas grandes revoluções sociais, a alma grandiosa e pujante do povo tem sabido vibrar e dar aos acontecimentos revolucionarios o seu verdadeiro e lidimo e genuino significado de patriotismo e valentia, damôr e de nobrêsa.

Vencido ou vencedor, o povo das baixas camadas sociais, os nús e os descalços, os rotos e os famintos que passam além de enxada a tiracolo, mas com o auxilio dos quais os grandes, fazendo deles velhos carneiros sem valor, olhando-os ás vezes com desdem, empreendem, entretanto, as suas conquistas e ganham as suas vitorias, porque é o esforço do povo que os condecóra e que os eleva aos altos postos sociais a que ascendem, muitas vezes sem valor e sem prestigio, o povo, vencido ou vencedor, é sempre o mesmo generoso povo para quem a vida não tem suavidades nem confortos, não tem risos, só tem amarguras e amargas decepções.

A alma popular incendeia tronos, arrasa igrejas, navega mares revoltos; tem assassinado quem a tem querido assassinar e sufocar a ela. Ela é a seiva oxegenada do progresso, é a guerra, é a paz.

Onde o brilho esplendorôso da alma do povo se não fizer sentir, nem o sol ilumina a terra, nem a vida é vida.

O povo ama e sofre. Mas sabe sofrer e sabe amar. Ama com independencia e com intranhado afêto, sofre com paciencia e com resignação, altivamente, sem transigencias que vexem e que rebaixem.

Ora é acometido de impetos de bravura destruidora, como nas grandes lutas populares que nos indica a historia, ora é sentimentalmente suave como o azul ladrilho dos ceus orientais e o candido e angelico sorriso das manhãs primaveris, ora, cantando como um poeta enamorado, saúda e relembra, abençôa e abraça comovidamente os grandes feitos que engrandecem e que dignificam.

Nós vemol-o por aí, nas ruas, vibrante de entusiasmo, aclamando com delirio qualquer principio nobre ou qualquer homem que encarne esse principio alto e humanitario.

E, então, ninguem se meta com ele. E' a hora da Justiça, é o momento em que a sua alma, magnanima e magestosa vôa, vôa, desfazendo-se em madrigais sentidos de justa compensação.

E' assim o povo da minha aldeia, de todas as aldeias, de todas as vilas e de todas as cidades. E' assim, sobretudo, o grande povo do meu país, dêste país que as laranjeiras perfumam, que as giestas emolduram, que as violetas enfeitam, que os poetas engrandecem e que a Republica, a Republica que o povo fez, devia tornar feliz, prospero, amado, risonho e belo como bela e risonha e encantadora é a sua magnifica paisagem.

Porque a alma do povo, a minha propria alma e a alma da minha patria esperava uma Republica mais libertária, mais egualitaria, mais humana, mais equitativa e menos fanatica no seguimento de homens ambiciosos e imodestos, e, esperando, sonhando, idealisando tudo isto mais perfeito, a alma do povo, a minha propria alma e a alma da minha patria assiste, atónita, espantada, surpreendida, a lutas de degladiação e a desumanas lutas, nas quais, se o patriotismo impéra, a leviandade contramina e arruina, ganguerena e destroe, prejudica e perverte, atrofia e amesquinha altos principios e principios sãos, belas condutas e vigorosas inergias.

Lançae, ó homens da Republica, as vossas vistas para a plébe, para o povo que vos guindou, e que, afinal, vae tendo por premio a mizeria de sempre, o sofrimento de sempre, o que, já agora, será a eterna sorte dos pobres trabalhadores, de todos os párias da humanidade para quem o sol do bem-estar não tem raios dardejantes de conforto e luz.

Póde Hervé fazer a apologia da inferioridade das raças, póde mirar e remirar a sua opolencia olhando indiferentemente o povo que produz. Nós, entretanto, amamol-o com religiosa unção, e lamentamos a sorte dos proprios negros que vivem na região pantanosa do Nilo, ou que vejetam nas infindaveis florestas dos desertos sertões africanos.

Pretos e brancos são humanidade.

E, como os brancos, os pretos humildes do povo têm rasgos de altruismo e cometimentos de bravura. São povo.

Sendo assim, eu amo o povo das ruas, os rotos, os mizeraveis, os que os grandes abominam e despresam, porque, tendo vindo do seio generoso do povo, no seu seio acariciador me sinto bem.

E vós, maldosos filosofos e falsos poetas, que em ódes ironicas cantaes vossos feitos e dais largas á vossa refinada patifaria de falsos bajuladores, vinde cá.

Aproximae-vos de nós, apertae nossas grossas e calosas mãos, porque é delas que sae o produto que causa a vossa ociocidade e a vossa malidicencia.

Sim, vinde cá...

ALMEIDA JUNIOR.

NOTAS

Uma fosquia

O n.º 14 da *Alvorada* insere uma carta do tenente Carmo, um dos revolucionarios da Rotunda, em que este oficial cai a fundo sobre o snr. Machado Santos com provas que ressaltam esmagadoramente das suas palavras formais, incisivas e firmes. Entre varios argumentos apresentados pelo tenente Carmo para impugnar a heroicidade atribuida a Machado Santos na ocasião do movimento, ha este que atrôa como uma granada:

...na Rotunda existiam 3 oficiais em 4 de outubro das 8 para as 9 horas da noite: Um tenente de infanteria (*por decreto*) um alferes de artilharia (*por decreto,*) um comissário naval com a graduação de guarda-marinha (*por nomeação.*) E durante o maior combate a quem se deve a victoria das nossas armas? Apenas a 2. Ao tenente e ao alferes.

Isto prova que Machado Santos não foi propriamente um heroi, como pretendem muitos, e sobretudo como pretenderam os que levianamente o promoveram a *capitão de mar e guerra* e ainda com uma pensão de *3 contos de réis*, havendo verdadeiros chefes da Rotunda, que se encontram numa situação pouco invejavel, mendigando um deles um modesto emprego publico. Isto é injusto.

Mas o tenente Carmo promete na sua carta apresentar provas concretas.

Aguardaremos.

Incendio num cinematografo

Em Vilar-Rial, na Espanha, deu-se um violento incendio num cinematógrafo, perecendo 61 espétadores. Deu origem a este grande desastre, o incendio duma fita, comunicando-se o fogo á *cabine* onde o aparelho trabalhava. O povo que assistia ao espetaculo, ao observar o fôgo, correu em direção á porta de saida; mas como o povo era muito, não conseguiu senão atropelamentos, tornando-se impossivel a fuga. Depois, o povo dirigiu-se para outra porta que infelizmente estava fechada. Como a porta não pudesse sêr aberta amontuou-se ali a multidão, até que as chamas a envolveram, morrendo uns carbonisados, outros asfixiados e alguns esmagados pelo povo que se comprimia na ancia de se poder salvar. Ficaram feridas 82 pessôas, estando algumas em estado grave.

Os paivantes

Deram em bandidos os inimigos da Republica Portugueza. Agora já não mendigam; atacam o povo da Galiza a tiro. Estas proêsas deram-se nos arredores de Miño, onde ficaram alguns homens feridos e um môrto.

Estamos a vêr que daqui a pouco os *paivantes* portuguezes conquistam a Espanha, destronam Afonso XIII e colocam no trôno *Da Manolo.* Era bem feito!

As grandes grêves

E' verdadeiramente assustador o movimento grévista na capital da Hungria. Os operarios reclamam o sufragio universal, prometido pelo governo ha 10 anos. O movimento parece mais revolucionario que grévista. No entanto, os grévistas assaltam *tramways* e levantam barricadas. Ha colisões com a policia, disparando esta os revolveres; os operarios atacam-na á pedrada. Caem feridos gravemente muitos operarios e alguns policias. Nas ruas de Budapesth travam-se renhidos combates com a policia; a cavalaria acode. Alguns soldados caem gravemente feridos e os cavalos onde vinham montados, fogem. Na maior fáse das refregas, os operarios dão vivas á revolução. Budapesth parece estar em ruinas, tal é o estrago feito pelos grévistas.

Todas estas desgraças são da responsabilidade dos governos que teem enganado sempre com promessas falsas os pobres trabalhadores. Mas o povo vai caindo varado, com as balas da força armada! E' assim que os governos monarquicos fazem justiça.

O povo de Lisboa

Insurgiu-se novamente e com razão contra aqueles que querem desprestigiar a Republica. De ha muito que se vinha impondo um protesto energico, pois que os juizes e jurados *talassas*, iam pondo na rua todos aqueles que eram inimigos das instituições, e que pegaram em armas para as derrubar. Ha traidores que tentaram contra a integridade da patria? Castiguem-se. Não aconteceu assim. Por isso, o povo de Lisboa num movimento de justo protesto, fez vêr aos juizes que ainda é o mesmo povo que derrubou a dinastia dos Braganças e que está pronto novamente a defender a Republica. O gesto do povo de Lisboa, foi admiravel neste momento! A Republica pode contar com ele em todos os momentos: é que ele tem o civismo preciso para compreender que da queda da Republica, resultaria a nossa desgraça.

A'vante, povo de Lisboa!

Dr. Afonso Costa

Foi indescritivel o entusiasmo com que decorreram as festas em Coimbra por ocasião da curta permanencia naquela cidade do grande democrata, que soube honrar mais uma vez o povo conimbricense com a sua palavra quente e sincera, dignificando no mais alto grau a obra da Republica que, em ultima análise se sintetisa em Afonso Costa. O povo de Coimbra soube corresponder heroicamente ao caráter integro, ao talento superior, á envergadura de aço do grande estadista, acolhendo-o no seu seio da maneira mais fidalga, mais distinta e mais democratica. A Democracia Portugueza, honrada naquele momento na pessoa do dr. Afonso Costa pelas personalidades mais em evidencia no partido republicano, radicou-se mais, se é possivel, na alma dos bons portuguêses que assistiram á grandiosa manifestação e que receberam provas inequivocas de quanto o valente tribuno é capaz para consolidar e fazer prosperar a Republica em Portugal, sem medo aos adversarios que procuram contraminar á ação construtiva dos verdadeiros republicanos.

A CULTURA PEDAGOGICA

A obra pedagogica de Spencer, intitulada «Educação fisica e moral», tem necessidade de ser remodelada

A imprensa portuguêsa, pondo de remissa a sua alta missão civilisadora, transcreve apenas do estrangeiro factos que excitem fundo a sentimentalidade doentia do publico. Assim vemos dia a dia, estampadas nas colunas dos jornais, em periodos farfalhudos e bem roupados, a noticia de um assassinio com as suas peripecias desmoralisadoras, ou a noticia de um adulterio em minucia dissolvente.

E' triste, mas é assim.

Chega-se a presumir que além raias de Portugal não se passa nada que mereça publicidade, exceto os crimes repugnantes, comunicados ao publico em parangona cheia. Tal presunção é falsa. Têm hoje os nossos leitores ocasião de apreciar o extrato, que segue abaixo, de uma relevante e edificadora conferencia feita pelo ilustre catedratico hespanhol, snr. Verdes Montenegro.

Fala o snr. Verdes Montenegro

E' preciso curar da saude do corpo

A obra pedagogica de Spencer, *Educação fisica e moral*, a despeito de ser uma produção admiravel, mostra-se de tal sorte deficiente que é necessario rétificar algumas das ideias expostas pelo celebre pensador inglês. As necessidades da vida variam, e, por conseguinte, é urgico averiguar as necessidades da actualidade. E' preciso que atendamos, em primeiro logar, á conservação da vida. A escola antiga, preocupando-se sómente da saude da alma, abandonou por completo a saude do corpo, que é fundamental. Ha uma ignorancia crassa relativamente ao nosso organismo e ao seu funcionamento, devendo por isso mesmo ensinar-se nas escolas estes conhecimentos, que até ao presente têm sido criminosamente postos de parte. Como se abala a saude; causas fundamentais que influem na perturbação da saude; como os elementos que nos cercam atuam sobre as nossas enfermidades; influencia do ar, da agua, do sol, dos microorganismos; como os organismos fortes e sãos resistem ás enfermidades, emquanto que os debeis sucumbem; tudo isto se deve ensinar ás crianças nas escolas.

Os cristãos não se lavam por odio aos arabes

Devemos lavar-nos frequentemente, visto que o contrario será incorrer no habito dos cristãos que—por odio aos arabes que ocuparam a peninsula hespanica, que costumavam lavar-se amiudadas vezes—faziam precisamente o contrario. Deve-se tambem acabar com o dogma cristão que ensina que nos devemos sujeitar pacientemente á inanição, á fome. Neste ponto o estomago não admite filosofias, porquanto o *apetite* é sinal inequivoco da necessidade que ha em satisfaze-lo.

O selvagem adorna-se, mau grado não se preocupa mais com o adorno que com o necessario. Preferir o adorno ao necessario é um habito de todos, mas é preciso *à outrance* provar a sua inconveniencia.

O mestre não deve esquecer que a escola é uma preparação para a vida.

Na familia, na escola e na sociedade é mister que se mostre a ideia filantropica da paz. Ao mestre cumpre mostrar aos seus discipulos todo o horror e selvageria das lutas entre os povos. A historia ensina em certas passagens como se degola, como se luta, como se mata. Nessas passagens deve incidir invariavelmente a critica acre do mestre, porque elas desenvolvem a paixão da guerra, da luta, da discordia.

Nem so é patriotismo a ação heroica das armas

E' conveniente mostrar e demonstrar que nem só é patriotismo o feito heroico das armas. Os expedicionarios explorando os pólos, os medicos debelando epidemias, o sabio investigando, os legisladores promulgando leis sabias, são tambem patriotas, cujos trabalhos em beneficio da humanidade se devem pôr bem de relevo ante a debil inteligencia das crianças. O mestre deve aproveitar quantas ocasiões se lhe proporcionem para lhes falar dos benemeritos que trabalharam em prol da familia humana. Dê-se ás

crianças a noção da divisão do trabalho, da fórma como tudo se concatêna, de modo que êstes pontos capitais lhe façam antevêr a realidade dos factos. A criança deve desenvolver-se num ambiente de justiça, devendo por isso mêsmo os pais e os mestres usarem sempre para com ela de espirito justiceiro. A criança creada num meio de injustiça submete-se dócilmente; se contrariamente vivêr num ambiente de justiça e equidade, não se submete com igual facilidade á injustiça, do que derivará a rebeldia—que é a mais bela afirmação da justiça.

CUSTODIO MENDONÇA.

CORRIGENDA—No artigo do numero passado saiu uma inversão de palavras na seguinte frase: «As *sómas* por que se vendem revelhos objetos de uso e voga em épocas idas, chegando por vezes a atingir *preços* incriveis», onde deveria lêr-se: «Os *preços*..., chegando por vezes a atingir *sómas* incriveis».

Os amigos

Razão de sobra teve Helesponto para dizer: «Não ha palavra tão santa e ao mesmo tempo tão profanada como a palavra—amigo».

Efetivamente, que ha de mais consolador, mais fraternal e mais humano do que a dedicação dum amigo, a solidariedade dum companheiro que um dia garantiu auxiliar-nos sempre, ora com as suas palavras de animo nos momentos angustiozos da vida, ora com o seu auxilio material quando ele nos escasseia...

Amigo!... E' uma palavra que fala ao coração. Sintetiza o amôr na sua mais lata significação. E, comtudo, a amizade foi tambem vitima da inconsciencia humana produzida pelo desconhecimento dos homens por tudo o que significa o Bem. E' dificil encontrar um amigo que sinceramente saiba cumprir o papel que lhe compete ante a nossa dedicação.

Mas... para compensar os desleais, existem, felizmente, alguns que sabem interpretar o seu dever. São poucos? Embora. Conservemo-los, amemo-los, respeitemo-los, porque eles são necessarios á nossa vida como alimento espiritual. E não tenhamos pressa em procurar novos amigos, emquanto pudérmos contar com um que verdadeiramente nos estime. Esse já nos compreende, nos estima, nos auxilia, se sente feliz com a nossa dedicação. Os outros... teem ainda de se adaptar a esses sentimentos e talvez que o não consigam. E' dificil lêr na alma humana e só um sincero, isto é, um caráter disciplinado pelos bons exémplos morais, póde ter esse condão que o tornará feliz, fazendo igualmente venturôzo aquele a quem conquistar a amizade.

J. Fontana da Silveira.

O JORNAL

E' utilissimo o jornal!

Pela falta de livros impressos e acessiveis a todos, pela falta do jornal—alavanca do progresso, o mundo antigo jazia envolto em densissimas trevas, quando pelo ano de 1400 descobriu ou colaborou mais poderosamente para a descoberta da imprensa, o grande, o imortal Guttemberg!

Que efusão de luzes se viu daí em deante no mundo! Quanta facilidade em comunicar pensamentos! Quanta diferença!

O livro é poderoso agente da civilisação; porém, por ser volumoso, ou bastante caro, ou cientifico de mais para as inteligencias rudes, torna-se um tanto inacessivel. Não é assim o jornal, que, por ser um armazem de generos e artigos diversos, tem alimento para todos os paladares; por ser de mais facil impressão e ocupar menos utensilios, é mais barato; por ser pouco extenso, póde ser lido pelos mais impacientes e menos versados nas lutas da inteligencia.

E', pois, util, de uma utilidade que nem todos ou muito poucos alcançam, o jornal, o arauto da civilisação.

Para o agricultor é necessario; para o comerciante, indispensavel; para o politico, urgente.

Quem negará, quem poderá negar a utilidade do jornal?

Se é tão util, se é de tanto alcance, se é indispensavel, porque é que todos não o procuram avidamente?

— «Porque não tenho meios para assinar um jornal», diz um.

— «Porque não reconheço a necessidade dele», diz outro.

—«Porque não tenho tempo de o ler», diz ainda outro.

Serão verdadeiras essas respostas?

Vejamos. Ao primeiro, eu respondo: Não tens meio para assinar um jornal, mas tem-los para a pinga, para a pandega, para os pôres fóra; é esfarrapada a tua resposta. Gastas muito mais num ano em coisas futeis e desnecessarias do que gastarias, assinando um jornal.

Ao segundo responde: «Peor cego é aquele que não quer vêr» diz um adágio teu conhecido. O homem não deve dizer—sou bruto, quero sê-lo eternamente. Não reconheces a utilidade do jornal, justamente porque o não lês.

Ao terceiro respondo: Que resposta! Tens tempo para passeares, tens tempo para dizeres bobagens de todos os tamanhos e de todos os quilates, e não tens tempo para lêres um jornal! E's ingénuo!

Se os jornais penetrassem por toda a parte, haveria mais luz em todas as camadas sociais.

A verdadeira causa, então, porque muitos não assinam nem lêm jornais, não é nenhuma das acima ditas: é a ignorancia supina que reina infelizmente, em Portugal.

Quando verêmos o operario, o lavrador, o mercenario lendo, ao cair da tarde, após um dia de fatigante trabalho, o seu jornal, o farol da pobreza?

Demais, quanto mais se multiplicarem os leitores, menos caros se tornarão eles.

Horto de Godovi.

(De *A Humanidade*).

Estrada do Canêdo

Recebemos a seguinte carta, a que por falta de espaço não temos dado publicidade, facto que, de certo, o seu signatario, que nos merece muita consideração, levará em conta, e nos desculpará.

Snr. Diretor do *Dever*.

O direito de defeza é um direito sagrado que nem aos mais perversos criminosos, deve ser negado. Em nome desse direito, permita-me que no seu conceituado jornal, venha fazer umas ligeiras apreciações sobre um artigo nele inserido a proposito duma estrada pelo Canêdo e em que eu sou visado.

Disseram os ilustres defensores dos interesses do Canêdo a proposito duma representação que dirigiram á Comissão Paroquial da freguezia de Pampilhosa, de que sou humilde vogal, que eu protestei contra a pretensão que eles patrocinavam «por ser operario da fabrica que se impõe á construção da estrada pelo Canêdo e por isso estava classificado». Ponhamos de parte as mil asneiras de carater literario em que abunda o referido artigo, pois que eu tambem não sou literato mas comtudo não deixo de frisar uma que está no trecho transcripto, em que disem que a fabrica se *impõe* quando evidentemente, quêriam dizer *opõe*. Mas aquele pequeno periodo em que eu sou alvejado, é uma infamia, e exprime uma torpe insinuação, que nada abona a nobreza de carater dos signatarios do referido artigo, pois que eu desafio-os em qualquer campo, a que apresentem uma unica prova concreta, positiva, de que os proprietarios da fabrica em que sou empregado, me houvessem sugerido ou pedido, diréta ou indirétamente para me opôr na Comissão Paroquial aos desejos do povo do Canêdo, pois posso afirmar, alto e bom som, que nunca me disseram a mais pequena coisa que tivesse o intuito de restringir a minha liberdade de votar nesta questão. Nessa fabrica, nada mais faço que cumprir com os meus deveres profissionaes; fóra déla, no exercicio dos meus direitos e deveres civicos, nunca admiti nem admito imposições de ninguem, guiando-me com a mais absoluta independencia pelos ditames da minha consciencia e do meu raciocinio; quem me conhece, bem sabe que sou pouco maleavel e não possuo elasticidade de forma a dobrar-me á vontade seja de quem fôr, pois que não tolero que me escravisem, nem suporto tiranias; acima de tudo ponho a minha dignidade civica e a integridade do meu caráter.

Ora a Comissão do Canêdo tem um singular modo de raciocinar. Por eu ter feito oposição a que a estrada siga pelo Canêdo, logo concluiram que havia sido a fabrica *Excelsior* que a isso me tinha levado, por lá trabalhar. As pessôas que lerem isso, se se forem a guiar por tal logica, se se orientarem por semelhante criterio, são forçadas a deduzirem que dois ilustres membros da Comissão Paroquial, se tanto se esforçaram para serem agradaveis ao Canêdo, vivendo em outras duas fabricas que aqui existem, a isso foram impelidos por essas fabricas visto elas ficarem altamente beneficiadas, sendo a estrada feita como o Canêdo deseja. Isto é a Comissão do Canêdo que o diz, com a sua maneira de argumentar, e não eu que vá fazer tal conceito desses dois cidadãos meus dignos colegas na Comissão Paroquial, os quaes eu tenho na devida consideração.

Ora a Comissão do Canêdo é a primeira a confessar que a fabrica *Excelsior* não é prejudicada com a referida estrada; porque é então que dizem que tal fabrica se opõe ao progresso do Canêdo, influiu sobre mim para contrariar essa povoação e chegou a sugestionar os snrs. Cruzes (como se fossem homens que se vendessem ou deixassem subornar) cidadãos duma inteireza de carater que ninguem ousará contestar, quando é certo que a fabrica dava terrenos por onde essa estrada devia passar segundo o plano primitivo e ofereceu uma importante quantia para auxiliar a construção dessa estrada com um ramal para o Canêdo, estrada que iria melhorar o transito das tres fabricas de Ceramica, fabricas estas de muito maior importancia para o Estado que todo o logar do Canêdo. Isto é fatidico; desde que apareça alguem que não concorde com a Comissão do Canêdo, é por que se vendeu á fabrica *Excelsior*. Mas eu vou expôr a razão do meu voto. Entendo que uma estrada deve fazer-se atendendo, não só ao lado economico, ás vantagens da região que atravessa, mas tambem á perfeição com que deve ficar.

O plano primitivo da estrada, era ela passar junto das tres fabricas de Ceramica, até ir encontrar-se a uma pequena distancia, com a bifurcação das estradas que vão para a Mealhada e Travasso; ficava uma estrada perfeita, em reta, que servia egualmente as tres fabricas, porque passava ao pé delas todas tres sem grandes aterros e desaterros e muitissimo economica.

Eu era e sou de opinião que se seguisse este plano, tirando-se um ramal para o Canêdo, ramal que mais tarde se podia prolongar até á estrada distrital que passa pelo Carqueijo. Ao passo que fazendo-se a estrada como a Comissão do Canêdo quer, diréta por este logar, fica uma estrada imperfeitissima, cheia de curvas e aterros, altamente dispendiosos, muitissimo mais cara e imperfeita que pelo traçado primitivo adicionando o ramal para o Canêdo. Eis a razão do meu voto. Tenho pena snr. Diretor de não ter habilitações suficientes para aqui traçar os dois planos de estrada para se avaliar a diferença duma para a outra. Mas se a Comissão do Canêdo fôr capaz de demonstrar que o seu projeto é mais economico, mais perfeito, mais belo (se é que a uma estrada tambem se pode aplicar a beleza, a estética) que o projeto primitivo passando junto das tres fabricas com um ramal para o Canêdo, eu, com a maior sinceridade serei o primeiro a apoiar os esforços dessa Comissão.

Pela publicação destas desataviadas expressões, se confessa muito reconhecido o que é,

Luiz Gualberto Teixeira.

Pampilhosa do Botão.

Vem a proposito acentuar mais uma vez, que esta questão, ao contrario do que em principio se afirmava, é completamente estranha a esta redação, que de resto lhe abriu as portas, por se tratar da defeza de interesses populares, e estar essa defeza, portanto, na indole deste jornal. E' assim mesmo.

ANTI-ALCOOLISMO

Os perigos do alcoolismo sob o ponto de vista higienico e moral

IV

O motivo porque se bebe

Portugal oferece atualmente o triste espetaculo dum povo que caminha a passos largos para a decadencia, em virtude de se entregar ao alcool...

Bebe-se porque outros bebem; bebe-se quando a gente se encontra e quando se despede; bebe-se quando se está com fome para diminuir a vontade de comer; e quando se está satisfeito para excitar o apetite. Bebe se para aquecer quando está frio, e para refrescar quando está calor. Bebe-se porque se está triste, e bebe-se porque se está alegre. Bebe-se quando ha um batisado, e bebe-se quando ha um enterro.

Bebe-se, por consequencia, a pretexto de tudo. O pretexto não vale nada; a verdadeira causa é a paixão por beber.

De tudo isto resulta uma atração que em breve poucas pessoas terão a energia necessaria para a evitar. Esta atração é duplicada: a primeira é a do exemplo, que arrasta principalmente os fracos, os novos, os aprendizes e as crianças.

Citam-se casos injustos de precoce intemperança: ha crianças que chegam á escola embriagadas; nas cidades fabris ha aprendizes que entram nas tabernas de cachimbo na bôca e mandam vir vinho.

A outra atração é a do proprio liquido. Oculta não sei que magico poder que é quasi impossivel destruir. Começa-se por um copito e diz-se firmemente: não hei-de beber mais do que isto. Mas continua-se a beber segundo, terceiro e assim seguidamente, até que deixam de ter conta os copitos que se bebem. Desta maneira, é impossivel a gente conter-se nos limites da moderação.

Continua.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XIII

A comissão de instrução pública do Senado, de que é relator o meu querido amigo Silva Barreto, apresentou já o seu parecer sobre a Reforma de 29 de março do ano passado. Nele são á lei do Governo Provisorio propostas várias emendas, que em alguns pontos fundamentalmente a modificam. Por exemplo, no que se refere á obrigatoriedade de ensino e á abolição de exames.

Pelo que respeita a ordenados, o parecer da comissão, que é assinado, além do relator, tambem pelos snrs. drs. Ladislau Piçarra e Sousa Junior, —estabelece um aumento de 60$000 réis a todas as classes e acaba com os quadros, restabelecendo as promoções de seis em seis anos de bom e efectivo serviço. Portanto, pretende 240$000 réis para a 3.ª classe, 300$000 réis para a 2.ª e para a 1.ª 360$000 réis.

Ora isto—que já não é máu—parece muito bem á primeira vista. Mas o que é facto é que envolve uma injustiça flagrante—como nada equitativo era o aumento da Reforma. Se este era de 72$000 réis para a antiga classe dos professores ajudantes, de 65$000 réis para a 1.ª classe, de 45$000 réis para a 2.ª e apenas de 15$000 réis para a 3.ª,—o do parecer da comissão mantém da mesma fórma a desegualdade revoltante, que tantos protestos justamente tem levantado. A ser aprovado, fica-se sabendo que a Republica teima em despresar precisamente aqueles membros da classe que mais serviços lhe prestáram no tempo da propaganda, pois ninguem ignora que era entre os mais novos que se encontravam muitos republicanos decididos—sem que com isto queira dizer que eles se não encontrassem tambem entre os velhos.

O aumento fica, pois, sendo de 132$000 réis para os antigos professores ajudantes, de 125$000 réis para os da 1.ª classe, de 105$000 réis para os da 2.ª e de 75$000 réis para os da 3.ª. A diferença entre a désta e a das outras é respectivamente de 30$000 réis, 50$000 réis e 57$000 réis—o que é consideravel para funcionários pobres como são os professores primários.

Isso de nenhuma fórma queremos dizer que seja excessivo o ordenado de 360$00 réis dado á 1.ª classe. Não, senhores. Não é. Em meu entender devia até ser aquele o ordenado de todo o professorado, desde que obtivesse o provimento definitivo. As classes deviam acabar —porque, para estimulo, lá estão os logares das escolas primárias superiores, das escolas normais e da inspecção, a que todos os professores podem aspirar. Mas visto que lá por cima ainda se teima em mantê-las, arranjem-se as coisas de modo que o aumento seja equitativo. Não façam duns moiros e outros cristãos, que isso desgosta, e os descontentes não fazem bem á Republica.

Amigo Silva Barreto: que diabo! estas coisas merecem alguma atenção! E você bem sabe quanto eu desejaria vê-lo, fruindo de todo o magistério primário uma estima tam grande como a minha...

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Snr. Redactor do Dever:

Como o jornal de V. se coloca tão francamente ao lado da classe desprotegida dos professores primarios, permita que lhe venha expôr a situação angustiada em que me encontro.

Sou professora oficial ha nove anos, e ainda não fui provida á 2.ª classe, apesar de em tempo competente ter requerido a promoção e de ter bom e efectivo serviço. Sou mãe de 6 filhos, tendo meu marido doente ha perto de 5 mezes. Estou a sustentar nove pessoas de familia, apenas com o ordenado de 3.ª classe, que é, como V. sabe, de 14$700 réis. Ha seis mezes que não recebo expediente, nem tenho recebido renda de casa ha um ano. As minhas reclamações têm sido constantes e ninguem me houve. Veja V., snr. redactor, se, por intermedio do seu jornal, a minha situação póde modificar-se, pois não é com um ordenado de 3.ª classe que se sustenta uma casa de familia.

Agradecendo toda a sua bôa intervenção, sou

De V., etc.

Uma professora.

Não estranhamos estas queixas angustiosas, porque hoje quasi todos os jornaes trazem destes sudarios relativos ao professorado primario.

O que deveras lamentamos e nos faz admirar é como o governo da Republica tem coragem para admittir ainda hoje em Portugal destas anomalias que atestam vergonhosamente a imoralidade da contabilidade publica e dos nossos dirigentes, em materia de instrução. O procedimento dos governos, debaixo deste ponto de vista, é inqualificavel. A Republica de nada serviu para a instrução.

A lei do snr. Antonio José de Almeida apenas deu 36 RÉIS POR DIA aos professores primarios de 3.ª classe, pedindo desculpa de não poder dar mais *por falta de dinheiro*; MAS SOUBE DAR 900$000 RÉIS AOS SECRETARIOS DAS INSPEÇÕES, havendo outros ministerios que presentearam com boas postas determinados funcionarios, MIMOSEANDO UM DELES ATÉ COM UMA PENSÃO ANNUAL DE 3:000$000 RÉIS UM CAPITÃO DE MAR E GUERRA !!!

Para estes, bolsa larga; para os pioneiros da civilisação, 36 RÉIS POR DIA, QUE NEM CHEGAM PARA UMA BROA.

E' degradante.

Jornalismo de... tesoura

Continuamos a ser plagiados. O nosso noticiario é-nos descaradamente uzurpado por um jornalsito que quer forçosamente viver e arranjar assinantes á custa dêstes processos.

Agora coube a vez á noticia dos aniversarios dos nossos estimados assinantes, snrs. José Pedro dos Santos e Alipio Geraldo Lopes.

Continuem, que vão bem... *migueis.*

Partido medico

Já de ha muito que nesta freguezia se fazia sentir a falta de um partido medico. E' um melhoramento importante, e oxalá que a Camara de Montemór que tentou tal beneficio para o povo desta freguezia, leve a efeito tal empreendimento, ao lado do qual colocamos incondicionalmente o nosso apoio. Nós que estamos sempre ao lado da justiça, não podemos deixar de dizer que o desdobramento do partido medico da Carapinheira em beneficio desta freguezia, foi devido ao atual presidente da Camara, snr. Albino de Noronha.

Ha, todavia, um ponto que nos parece não estar definitivamente ave-

riguado: é a séde do partido. No nosso entender, o medico deve ter a sua residencia na séde da freguezia e não em qualquer logar limitrofe; e se a fôrça das circunstancias fizer com que a séde da freguezia fique desprezada, sabemos que haverá protestos por parte dos seus habitantes, e nós não esconderemos o nosso. Cabe á Camara resolver tão melindroso assunto, da maneira mais logica e justiceira. Não ha duvida que criando-se um partido medico em Arazêde, com a sua séde em qualquer logar da freguezia, é, alem de ilogico, contraproducente. E num caso destes deve haver muito criterio e ponderação.

Aguardemos o resultado.

Humberto Beirão

A bordo do vapor *Beira*, partiu ontem em direcção a Quelimnne (Africa Oriental), em busca dum risonho futuro, este nosso querido amigo que, desde a fundação deste jornal, trabalhou a nosso lado, unido pelo mesmo pensamento que nos norteia e guiado pelos mesmos idiais, que perfilhamos.

Humberto Beirão deixa entre nós uma grande lacuna dificil de prehencher. Espirito combativo, escalpelava as questões menos graves que acusassem falencia de principios da parte daqueles que pretendiam prostituil-os. Inteligente e heroico, colocava ao serviço desta redacção todas as forças vivas do seu inteleto e todos os sentimentos nobres da sua alma. Foi e será sempre um lutador convito, que póde prestar grandes serviços ao seu paiz, ajudado pela fortuna que, nas paragens africanas, o não abandonará para premio da sua audacia e para jubilo nosso.

Com este numero, deixa de fazer parte activa da redacção o nosso bom amigo que, embora longe de nós, promete continuar a colaborar nas colunas do *Dever*, dando-nos assim trechos da sua bela prosa em impressões que vae colher em terras de além-mar.

Ao nosso querido camarada, que hoje sentidamente se despede de nós, o nosso preito de saudade, acompanhado de ridentes venturas.

Transferencias

Foram transferidos de Figueira e Nelas, respétivamente, e colocados em Pampilhosa, os nossos presados amigos, snrs. Joaquim Machado Martinho e Joaquim do Amaral, empregados da Companhia da Beira Alta.

Ferro-viarios de Portugal

Estão em greve, á hora a que escrevemos, alguns milhares de ferro-viarios andaluzes, em Espanha.

Lá como cá, para movimentos desta natureza, é necessaria muita inergia, muita prudencia, muito tato e, sobretudo, muita união.

Em Lisboa tambem estão em greve os 1800 empregados da Companhia Carris de Ferro, que tem, em todas as suas estações e escritorios asteada a bandeira ingleza.

Não aplaudimos essa atitude, visto como o pessoal, tanto da Companhia Carris como de todas as companhias ferro-viarias de Portugal, tem dado sobejas provas de cordura, benevolencia e educação coletiva, sem ter sido mistér o asteamento de simbolos para imprimir respeito e pôr a salvo o capital explorador contra o trabalho humilde.

Em Portugal fez-se uma greve que pela sua boa ordem e união, ponderação e cordura, hade ficar gravada com letras doiro nos anais da historia de todas as greves até hoje efetuadas em Portugal.

Ora é nestas ocasiões que as caixas de auxilios mutuos e socorros imediatos mais se fazem encarecer, e todas as que neste sentido e para este fim se instituirem, são sempre bem instituidas e bem creadas.

Os ferro-viarios de todas as linhas do país precisam de unir-se. Só unidos, disciplinados, bem encaminhados, poderão agir com acerto e com probabilidades dexito.

Para isso, necessario se torna a fundação duma tribuna jornalistica, onde todos levem as suas reclamações e clamem bem alto pela justiça que lhes assiste.

Tem um orgão oficioso, mas esse, devido á situação dos seus dirigentes dentro das companhias, pouco tem podido fazer, apezar da boa vontade de acertar e ir por diante, atravez de mil desgostos, e contrariedades sem fim, que nós conhecemos que eles têm atravessado e quasi vencido.

Mas não é assim, ainda que cause arrelia o dizermo-lo, que se consegue alguma coisa.

Para se conseguir alguma coisa de util, sob o ponto de vista de reclamações e de jornaes, seria preciso que essas reclamações fôssem levadas aos *comités* das companhias por delegados estranhos á classe e independentes das emprezas, e o jornal ou jornaes dirigidos egualmente por individuos que nada tivessem nos caminhos de ferro.

E' neste sentido que uma comissão de dedicados amigos nossos vae começar a trabalhar, brevemente, se o acolhimento fôr, como não póde deixar de ser, lisongeiro e auxiliador.

Não é para fazer greves que a comissão vae gastar o seu tempo, porque por demais sabemos nós que não é com violencias, neste momento grave da historia portugueza, que se consegue alguma coisa, antes, o que é bem lamentavel, se faz com greves e *paredes* mal a esta nação cujo regime tanto carece de consolidar-se.

Haja união, mas haja tambem patriotismo.

Belmiro.

«A Via Ferrea»

Entrou no 10.º ano dexistencia este nosso presado camarada, orgão dos empregados ferro-viarios portuguêses, em prol dos quaes tem combatido com inergia e dedicação.

A *Via Ferrea* tem atravessado grandes desgostos e contrariedades, que só um lutador, com a inergia jornalistica e a vontade inquebrantavel do seu inteligente fundador, poderia ter vencido, a despeito de tudo.

E' por este motivo, que é afinal um nobre exemplo de coragem, que, felicitando o seu atual corpo dirigente e redatorial, *O Dever* não se esquece tambem de abraçar Pinto Saraiva.

Despedida

Meus amigos e companheiros de lucta:

E' com o coração em lagrimas que me despeço de vós.

Eu não podia julgar jamais que tal despedida, viesse tão profundamente cavar em minh'alma, ferindo-me a nota mais recondita da sentimentalidade.

Eu, que era tão forte, que julgava não haver possiveis saudades que me atingissem, sinto-me neste momento horrivelmente enfraquecido por elas. Não admira. A distancia longinqua que d'ora ávante nos vai separar, se bem que não obste a que a nossa fraternal amisade seja constante, vai todavia roubar-me o convivio intimo de amigos queridos que... quem sabe se tornarei a ver.

E' porisso que eu sinto assetear-me agora, bem duramente a angustia nostalgica que assalta sem dó os que vão deixar a patria e o lar amado, onde os prendem as mais queridas e puras amisades. Mas... é forçoso partir.

Despeço-me, pois, de vós com um sincero e espiritual abraço de verdadeira amisade e boa camaradagem.

Mandem sempre, para o que vos fôr util, em Quelimane—Africa Oriental—o vosso amigo e ex-companheiro.

Humberto Beirão.

CASOS DA SEMANA

VIAGEM DE ESTUDO

Em viagem de estudo partiram para a Alemanha e Belgica os nossos presados amigos, snrs. Francisco Bastos Mourão e Julio Teixeira Lopes, proprietarios duma das importantes fabricas de Ceramica da Pampilhosa do Botão.

Feliz regresso.

PARTIDA

Retirou para Belmonte (Brazil) o nosso presado amigo e assinante snr. Manuel Maria d'Andrade, da Tocha, acompanhado de sua sobrinha, D. Ermelinda d'Oliveira Andrade, do marido desta snr. Antonio Ferreira da Silva Carvalho e de D. Maria d'Oliveira Andrade, estremosa mãe da snr.ª D. Ermelinda. A todos dezejamos bôa viagem e muitas felicidades.

—Tambem para Quelimane (Africa Oriental) partiram hontem de Lisboa, a bôrdo do vapôr *Beira*, as snr.as D. Maria da Nazaré Beirão, sua filha, D. Maria Beirão Neves, seu genro, Julio de Carvalho Neves e seu filho e nosso particular amigo Humberto Beirão.

A tôdos dezejamos feliz viagem.

VIZITAS

Visitaram-nos nesta redação os nossos bons amigos Antonio Sêco da Silva, Gomes d'Almeida chefe da estação do caminho de ferro e Alfredo de Quadros que ha dias regressou de S. Paulo para tratar de negocios particulares. A este nosso amigo um abraço de bôas vindas. Agradecemos.

Editos de 30 dias

(*1.ª publicação*)

NO Juizo de Direito da Comarca de Coimbra, cartorio do quarto oficio e nos autos de investigação de paternidade ilegitima em que é autôra Rita da Conceição, solteira, maior, de Barcouço, comarca de Anadia, como representante de seu filho menor Samuel Coêlho, e Reus: Maria da Cruz Picanço e marido, Manuel d'Oliveira Carromeu, proprietarios, dos Pelicanos; Joaquina da Cruz Picanço, viuva de Manuel Pecegueiro; Ana da Cruz Picanço e marido, Manuel Carromeu, êstes do Tojeiro; José da Cruz Picanço, viuvo, das Arroteias; José Carvalho e mulher, Joaquina Ribeiro, de Barcouço; e Carolina Carvalho e marido José Maria Cerdeira, do Rio Côvo, por se julgarem pretensos herdeiros do Padre Manuel da Cruz Picanço, moradôr que foi no Botão, comarca de Coimbra, e dos mêsmos autos correm éditos de trinta dias, a contar da segunda publicação do competente anuncio, citando os reus Manuel de Oliveira Carromeu, ausente em parte incerta no Brazil e José Carvalho, ausente em parte incerta pâra comparecêrem na segunda audiencia daquêle Juízo, depois de findo o prazo dos éditos, seguindo-se os mais têrmos. As audiencias daquêle juízo têm logar no tribunal judicial daquela cidade, ás segundas e quintas-feiras, na forma da lei.

Montemór-o-Velho, 25 de maio de 1912.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito.

Agostinho Antunes de Lemos Viana.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

Arrematação judicial

(*1.ª publicação*)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, e pelo cartorio do 2.º oficio — Mamede — se ha-de arrematar em hasta publica e pelo maior lanço oferecido sobre o valor da avaliação, a seguinte propriedade penhorada aos executados Francisco de Freitas e mulher Joaquina Marques, de Alfarelos, na execução que lhes move Sebastião Duarte, do mesmo logar, no dia 23 de junho proximo, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial:

Metade de uma terra de semeadura, casas de habitação, curraes e eira, no sitio da Chapinheira, freguezia de Alfarelos, avaliada em 55$000 réis.

Pelo presente são citados para a praça quaesquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 27 de maio de 1912.

O Escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Venda de engenho de ferro para irrigação

Vende-se um engenho para grande irrigação, todo de ferro e com duas ordens de alcatruzes correspondentes a duas grandes rodas. E' proprio para pôço.

Póde ser visto em casa de Henrique Ferreira da Silva Carvalho, serralheiro, de Montemor-o-Velho, o qual póde tratar da sua venda.

O Proprietario,

Antonio Peixoto da Silva.

Guarda de propriedades

Manoel das Neves Boia péde a todas as pessoas da freguezia de Arazêde, que queiram ter um guarda nos seus predios, se lhe dirijam para tal fim.

Fabrica de bolachas e biscoitos da Estrela

Couraça da Estrela, 1 a 15

COIMBRA

Esta casa é que melhor fabríca e vende em melhores condições.

O Proprietario,

Manoel Pereira Junior.

(13) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

IV

Que gostava do vivêr da cidade, do bulicio e dos prazêres que lhe oferecia aquêle centro, que se dava muito bem, que ficava, se a êle lhe aprazía.

E ficaram durante dois anos. Mas no discorrêr dêste tempo o filho do malogrado juriperito atirava ás rebatinhas os contos pelos imensos portais da dissipação e da libertinagem. O jôgo, os teatros, os cafés, as amantes, os bailes, o estadear-se em carruagem pelas praças públicas, de companhia, ora com a espôsa, ora com rameiras, eram outras tantas voragens que se abriam para engulir aquêle ouro tão mal herdado.

Foi então que D. Carmina, que até ali parecia trazêr os olhos vendados, começou a entrar na realidade e a sondar o intimo do marido até que lhe tocou no pús da consciencia e têve nôjo. A mulher do pródigo enganára-se. Amára em tempo um homem pobre, más honrado, que morria de amôres por ela e que se suicidou, quando soube que o tio de Carmina lhe não dava a sobrinha por espôsa; e ela fôra unir o seu destino ao dum homem rico, mas de infima estatura moral, e que, ao contrário, a havia de suicidar lentamente, o que era um verdadeiro suplicio.

Começou de feito a emagrecêr, a sentir-se fraca, a comêr pouco. O marido, que apezar de tudo, não deixava de dispensar-lhe desvélos e carinhos, alvitrou uma digressão á ilha da Madeira, a que ela condescendeu. Que lhe faria bem o clima do Funchal, que talvêz fôssem saudades da familia que ela iria apagar, passando lá uma temporada. E ela — que sim, que ia, porque era uma cidade de que ela muito gostava.

E fôram.

Carmina, assim que chegou e que se encontrou a sós com a tia, remessou-se aos braços dela, afogada por soluços, e a espaços conseguia dizêr que era muito infeliz, que se enganára, porque dera com um marido perdulário e boémio, que lhe havia de cavar a sepultura, que o culpado tinha sido o tio, que a não deixára casar com um homem pobre, mas que a havia de honrar e felicitar. E a tia, perante esta explozão de queixumes, que não esperava, prometeu entendêr-se com o espôso dissoluto e ensinar-lhe os devêres conjugais, se ainda não tivera tempo de os aprendêr num catecismo barato; mas D. Carmina atalhou:

— Não diga, tia, não diga nada, não é preciso.

— Não é preciso, porquê?! — interrogou D. Felismina, boquiaberta.

— Porque o vai molestar, e isso fa-lo peor. Eu conhêço-lhe o temperamento; não se regenéra á primeira advertencia.

— Então que esperas fazêr?

— Espero que êle por si venha ao caminho do devêr, vendo-me doente e aflita.

— E se não vier?

— Se não vier... — disse D. Carmina, apiedando o olhar — se não vier... morrerei resignadamente, já que não tive fôrça para o salvar.

A tia quiz contravir, mas ela, com um gesto, pôs têrmo á confidencia e retirou-se.

D. Felismina lamentou a sobrinha, mas resolveu não dizêr nada a Julio para evitar maiores dissabôres.

Passaram-se mêzes; e, no entretanto, D. Carmina, agora mais restabelecida, e receando que o marido até estivesse contrafeito, propôs o regresso para Lisboa que foi aceito sem hesitação.

O vivêr na capital continuou, cômo não podia deixar de sêr, imodificavel. Exigia-o um temperamento largo e rebelde, cômo era o de Julio, e provocava-o um meio pululante de prazêres e de gálas, cômo era a *cidade de granito*.

A herança paterna estava quási dilapidada. Apênas havia uma propriedade rústica, de que Julio recebia o rendimento, mas que era insuficiente para o estalão a que ele estava habituado. A espôsa já lhe sacrificava os próprios havêres; e ele, cômo o tonél das Danaides, não se satisfazia, porque era insaciável.

O tempo ia assim decorrendo, nêste ascorôso tremedal, nêste louco despenhar-se para o abismo, até que, volvidos dois anos, a espôsa do perdulário, cada vêz mais desgostosa com procedêr tão ruinôso, recaiu mais gravemente, acometida duma crise hemoptísica, e em breve se lhe declara uma tuberculose pulmonar, na sua fase mais aterradôra.

(*Continúa*).

ABILIO LAGOAS

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Rua Ferreira Borges, 155 — 1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro—**Joaquim Coca Junior.**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

FORTUNATO VAZ

CAMARNEIRA—CANTANHEDE

Agente da casa O HEROLD & C.ª de Lisboa, Porto e Pampilhosa para venda de adnbos quimicos e organicos nas regiões da Bairrada, Gandara, Aveiro, Coimbra e Beira Alta

Os adubos de HEROLD, os mais conhecidos e acreditados, devem ser preferidos por todos os lavradores. Tem as marcas registadas FOICE e TREVO DE 4 FOLHAS.

Para os vinhedos e milharais aconselhamos além das marcas especiais, CAL AZOTADA conjuntamente com FOSFATO TOMAZ e KAINITO.

Para as batatas as marcas especiais FOICE HEROLD e PURGUEIRAS dão um resultado magnifico.

Depositos em Cantanhede, Mogofores e Oliveira do Bairro.

Dirigir por postal a

FORTUNATO VAZ

Camarneia = Cantanhede

DOMINGOS LINO GASPAR

Armazem e oficina de moveis e estofos, mobilias completas, colchoria e camas de ferro. Oleados, baguetes e muitos outros artigos.

128—Rua do principe—130

Figueira da Foz

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

Leiria

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

Ano 1.º | Arazêde, 9 de Junho de 1912 | Numero 16

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 réis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 réis; na 3.ª, 40 réis e na secção respetiva, 30 réis.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado

O DEVER

ASSINATURAS

Portugal e Colonias Portuguezas.—Ano, 999 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis.
Brazil.—Ano, 2$000 réis, fortes.
Numero avulso, 30 réis.

Redação e Administração—ARAZEDE
Oficina de Composição e Impressão—Tipografia Silva (a vapor)—Largo do Espirito Santo—AVEIRO.

Director, editor e proprietario — MANUEL DE MELO

A correspondencia deve ser dirigida ao director deste jornal

Patria e Humanidade

SEMANARIO REPUBLICANO

Redactores: — J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz e Soveral da Rocha

Secretario, Augusto Baia — Administrador, Antonio Baia

INCONCEBIVEL

Não podêmos concebêr a ideia de que os républicanos, que tanto concorrêram para a implantação da República, se andem agora constantemente a injuriar e a caluniar. Não é lógico que aquêles que no tempo da monarquia faziam arrebatar as multidões com o seu vérbo inflamádo, com a sua palavra fluente e persuasiva, digam agóra o diábo dos seus companheiros de então, embrenhando-se na vida particular e descurando a alta politica, a politica de principios, que verdadeiramente dignifica a pátria portuguêsa e que havia de sêr a única que devia preocupar o pensamento dos bons estadistas.

Nós, que vêmos o perigo a que a República está sujeita, devido simplesmente ao divórcio e desvario dos seus homens mais eminentes, nós, que temos assistido por aqui a muitas scênas de monárquicos que se riem da linguágem verrinósa de certas gazêtas, entendêmos que ha discussões que não honram quem as levanta nem tão pouco quem as sustenta. A origem dêste desacôrdo de opiniões e dêste choque de ideias só póde atribuir-se á scisão do partido républicano.

A República, por emquanto, não precisáva de partidos; do que precisáva éra do esfôrço de tôdos os bons républicanos, da sua energia e do seu talento.

Os partidos, por emquanto, não beneficiavam o país, que mais lucrado ficaria com a atenção superiôr pelos grandes problêmas de fomento colonial, pois que é na Africa que Portugal tem o seu futuro. Deixem-se de polémicas injuriosas, deixem-se de atáques pessoais que deprimem e que aviltam, e lancem-se de alma e coração na defêza da República e no engrandecimento da pátria!

A vida da pátria está acima de tudo. Façâmos de Portugal uma nação culta, desenvolvendo a sua industria, a sua agricultura e, sobretudo, desenvolvendo a instrução, fator principal para fazêr bons democrátas, mas orientada por bons professôres que saibam ensinar e que saibam educar. Façâmos um parlamento modelár onde se discutam leis que nos levantem aos olhos do mundo civilisádo, que nos dignifique e nos redima dos antigos processos da monarquia. Evitem-se questiunculas banais para que nos não olhem com desconfiança e para que não julguem que sômos um pôvo que não sabe conduzir-se na linha da evolução social. E assim, podemos contar com uma pátria nóva, rejuvenescida e admirada por todas as nações do mundo culto.

* * *

As divergencias politicas não se justificam nêste momento em que os traidores se preparam a cada instante para nos pôr em sobresalto, servindo-se dos expedientes mais ignobeis para tentarem anavalhar-nos. Nêste momento tôdos os bons républicanos devem estár unidos para a defêza da República, que é o mêsmo que a defêza da Familia. Sejâmos francos. A politica orientada pelo Partido Républicano, devia sêr acatáda por todos aquêles que amam verdadeiramente a República.

O país inteiro reclama prudencia e moderação, e não se impórta que este ou aquêle governe; o que quer e o que exige de todos é que governem bem. Nas lutas constantes em que andam empenhados aquêles que fizeram época no tempo da monarquia, deixando-se agora arrastar pelo ódio e pelo despeito, sem se lembrarem de que essas lutas fazem eco lá fóra e nos prejudicam, o pôvo tem-se conservado ordeiro, intervindo só nos cásos extrêmos, e apesár de tudo, confiádo no bom critério e na rigidêz de caráter dalguns homens que podiam, com o seu esfôrço, levantar o país ao nivel superiôr das grandes nações.

Vamos. E' necessário salvar este torrão que os nossos avós nos legáram, unindo-se tôdos, trabalhando tôdos para o mésmo fim com amôr, com dedicação, com sacrificio. Se assim o não fizerem, de nada valeu a mudança de fórma de regime, nem o trabalho e o sacrificio que fizémos para implantar a República. E' necessário que nêste momento deixem as lutas e as rivalidades, e ólhem com os olhos da alma para esta pátria que cairá no aniquilamento, se não pensarem em ampará-la com o fervôr recondito de portuguêses e com a audácia firme de herois do trabalho.

A grande familia républicana que preparou a revolução e proclamou a República, ainda não tem a sua missão terminada. Tem agora muito mais a fazer: — consolidar a República, unindo-se na aspiração do mêsmo ideal, que é a defêza e o florescimento crescente da pátria.

Soveral da Rocha.

NOTAS

Será verdade?

Parece que desta vez o governo espanhol se dignou fazer justiça. E' o caso de mandar internar os emigrados portuguêses para o centro da Galiza, evitando que a sua presença na fronteira possa dar logar a quaesquer incidentes com Portugal.

Não sabemos se o caso é verdadeiro; o que nos parece é que o governo espanhol, mandando internar os imigrados portuguêses, não o fez com o sentido de evitar *incidentes* com Portugal, mas sim para que os degenerados não continuem a maltratar o povo espanhol.

Ha males que vêem por bens.

Multiplicai sempre

Em França foi apresentado ao parlamento um projeto de lei destinado a combater a crise da despopulação, criando-se um premio de 500 francos ás mães, por cada nascimento a partir do quarto. A receita para estes premios provirá dum impôsto especial lançado a todos os solteirões e chefes de familia que não tenham mais que um filho.

Ora vejam lá! Na França luta-se com falta de gente, e aqui em Portugal ha cada vez mais. Aqui está um assunto que o ministro dos estrangeiros devia tratar, e que talvez desse resultado. Havia muito menino bonito que gostaria duma lei desta natureza. Se lhes parece!...

Um comboio

Na quarta-feira, pelas 23 horas passou nesta estação um comboio em grande velocidade que nos dizem ter ido com destino á fronteira. Conduzia o referido comboio, segundo nos informaram, artilharia da Figueira da Foz. Nós, ao certo, de nada sabemos; mas dando-se o caso da artilharia se destinar á fronteira, é provavel que os *paivantes* dessem nova arremetida. Confiamos plenamente no nosso exercito e no patriotismo dos seus soldados para bem defenderem a Patria e a Republica.

Dois navios

Apareceram no Porto dois navios que despertaram desconfiança aos republicanos portuenses. Segundo consta, os navios, parece que trazem armamento para os paivantes cá de dentro. Os nossos correligionarios, num instante, cercaram os dois navios, exercendo sobre eles uma rigorosa vigilancia.

Por mais que os paivantes se cancem, não conseguem iludir a vigilancia dos bons republicanos que estão prontos a fazer todos os sacrificios para a defeza da Republica. Os navios traziam carvão para a fabrica do gáz, e parece que se fizeram ao largo, logo que desconfiaram que desconfiavam deles.

Iriam descarregar o armamento noutro porto?

Luís de Camões

Vai ser inaugurada em Paris, no dia 13 a estátua de Camões, nos jardins do Trocadero.

A capital da França, vai por este meio, fazer a consagração do vulto mais importante de toda a poesia épica.

Oxalá que a estátua do principe dos poetas em Paris seja melhor do que aquela que se exibe no Rocio, em Lisboa, pois que mais parece a estátua dum toureiro do que a dum poeta que assombrou o mundo com os seus *Luziadas*.

Politica alta

Não concordamos que nêste momento se houvessse levantado no Congresso da Republica a questão politica. Portugal não póde estar sujeito á caturrice de meia duzia de homens que põem acima do interesse da Patria, o seu proprio interesse. Não é admissivel, nem é logico que continuem com a mesma farça alguns politicos que querem ter o eleitorado do país na mão. Não pode ser e é preciso tomar outro rumo. A Patria precisa que a defendam dos traidores e que a salvem do lodaçal em que a monarquia a deixou mergulhada. E' disto que certos politicos se devem lembrar.

Aos assinantes

Pede-se aos que até hôje não mandaram satisfazêr a importancia do 1.º trimestre, e que fôram avisados pelo correio, a finêza de o fazêrem o mais breve possivel, afim de não sofrêrem interrução na remessa do jornal.

Mais um governo em terra

Está feita a vontade de certos tartufos da politica portuguêsa.

O governo demetiu-se, coletivamente, mas não abandonará os seus trabalhos sem que outro o vá substituir nas cadeiras do poder.

E aí está como marcham, em Portugal, sob o ponto de vista politico as nossas coisas.

Não ha o menor escrupulo no ataque. Este ministerio foi derrubado por questões meramente pessoais, o que, na verdade, é bem para lamentar, na presente conjuntura, quando todos sabem que os inimigos da Republica aproveitam todos os pretextos, todos os pequeninos *nadas* para dar largas ao odio canibalesco que envolve os seus malevolos espiritos contra o poder constituido em Portugal.

Por este andar, será daqui a pouco impossivel, num país pequeno como o nosso, encontrar homens publicos capazes de tomarem conta da governação.

Estamos a 20 mezes de Republica, e quasi já não temos homens em evidencia e com competencia, a dentro do partido, para tomarem conta duma pasta.

Ou temos, o que é provavel e é viavel, de recorrer aos que já foram ministros e das cadeiras do poder escorraçados sob qualquer futilidade—porque só futilidades temos visto nestas questões melindrosas—ou de chamar os retintamente monarquicos, que de resto se rirão agora de tudo isto, lembrando-se, naturalmente, do que na monarquia se passava, e estranhando que as mesmas cenas na Republica se estejam dando, com grave prejuizo para o país, que é afinal quem amarga sempre as favas.

Fazemos votos para que a crise se resolva com brevidade, e que o problema politico seja de vez competentemente resolvido.

O país não se importa com Afonsistas nem com Almeidistas ou Camachistas. O que quer é a tranquilidade e a honestidade, o pundonor, o bom senso, o são criterio.

Ou bem que fazemos politica a valer, sob o ponto de vista administrativo, ou bem que seguimos homens em detrimento dos principios.

Acabe-se de vez com degladiações tôrpes e mesquinhas e inoportunas ambições de mando.

Ou isto, ou nada.

Como tem vindo é que não pode continuar.

Dê lá para onde der, cause as arrelias que causar.

A nação está farta de cantilênas. Delas ficou saciada noutros tempos, e o que lhe prometeram na oposição, hão-de cumpri-lo.

Vejam lá como se arranjam.

Venha o governo, mas um governo criterioso que ponha acima de tudo os sagrados interesses do povo.

Lutas politicas

—=(*)=—

As lutas politicas não nos surpreendem nem nos espantam, quer elas se ventilem dentro, quer fóra do Parlamento.

O que nos surpreende e o que nos intristece, é a maneira como esses politicos se conduzem, sem respeito nenhum pelos principios nem pela boa causa do povo que os elegeu.

Lá fóra as discussões vão até ao ponto de os parlamentares se socarem, de racharem carteiras a murro, de partirem tinteiros e de fazerem andar tudo pelos ares, mas, dentro duma mesma ordem de ideias e sob a mesma bandeira de interesse nacional, não fogem da boa linha, não se desconcertam, não se ficam odiando pessoalmente, de modo a passar de discussão, num legitimo direito de representantes do povo, ao odio e á degladiação torpe e mesquinha, como está acontecendo neste país de 19 mezes de Republica.

Os nossos parlamentares parecem creanças que, ameaçando-se umas ás outras, pela mais pequena coisa, esperam depois oportunidade de se arremessarem pedras, mas de longe, quando julguem que estão em sitio onde nada, nem as pedras nem as mãos do adversario lhes possam tocar.

Assim são alguns deputados da nação portuguêsa.

Ora dormem na Camara, a sono solto, ora se esgatanham, ficando-se odiando profundamente.

Poderá haver quem diga que nós, falando assim, combatemos o parlamentarismo. Mas não. Nós não combatemos o parlamentarismo, coisa necessaria num país como o nosso, onde tudo tem andado desorganisado. O que combatemos, o que não podemos levar á nossa paciencia, é o estarmos a pagar caro cavaqueiras hestereis, por vezes até apagadas e inuteis cavaqueiras.

Bem podem enveredar por outro caminho os gravatinhas que de parlamento nada conhecendo, nem dos negocios do país procurando conhecer, estão na Camara perturbando quem quer trabalhar, quem tem desejos de acertar, de alguma coisa fazer em proveito dêste povo resignado e patriota.

Lutando se consegue alguma coisa, mas não lutando assim, aereamente, levianamente, de maneira a causarem verdadeiros sobresaltos e justas indignações.

E' necessario que os parlamentares se convençam de que estamos em Portugal.

Felizmente para todos, é passado quasi metade do tempo do seu mandato. Para as novas eleições, a coisa terá que ser mais falada e mais ponderada, e então tudo entrará nos eixos. Porque a verdade é que nas passadas eleições nenhum criterio presidiu á escolha dos pais da patria, pais, alguns, que ainda andam de gatinhas, que ainda mal sabem pronunciar e definir o doce nome de... patria...

E' que o Diretorio que arranjou esta fornada, não tornará a arranjar outra.

A terra lhe seja leve.

Almeida Junior.

Uma ilegalidade

Aviso aos Contribuintes

Certos escrivães de Fazenda teem cometido o abuso de cobrarem 200 réis pela mudança de predios. Ora isto é inadmissivel e ilogico por sêr contra ao que a lei determina.

O artigo 153.º do Regulamento de 10 de agosto de 1903, é bem claro e diz assim:

Artigo 153.º—Os escrivães de fazenda ficam obrigados a averbar EX-OFICIO nas matrizes, em nome dos novos possuidores, os prédios que se transmitirem e dos quais se tenha liquidado na repartição de fazenda a seu cargo a competente contribuição de registo a titulo oneroso ou a titulo gratuito.

Nós, que estamos ao lado do pôvo, fazemos-lhe este aviso para que se previnam contra tal ilegalidade, pois que muitos ignoram que não são obrigados a pagar a mudança dum predio na matriz e que os escrivães de fazenda nada lhe devem cobrar por semelhante serviço.

Atenda o pôvo a isto, e não se deixe ludibriar por aquêles que procuram explorá-lo.

A mudança do prédio do nôme do vendedôr para o do compradôr é feita gratuitamente, nada tendo a pagar por isso o contribuinte.

Fica feita a prevenção. Acautelem-se.

Verdades amargas

REFORMA DE INSTRUÇÃO PRIMARIA

Na 5.ª coluna da 2.ª pagina publicou o *Dever* de 2 do corrente, uma carta duma professora, cuja doutrina deve ter causado assombro a todos que se interessam profundamente pela instrução, e até uma forte e justificada indignação a quem conhece as causas que determinaram o abandono a que ainda continua votado o problema mais importante para a transformação duma sociedade como é a portuguêsa, que, vergonha é dizel-o, conta uma percentagem de analfabetos muitissimo superior á de qualquer outra nação do mundo culto.

Vergonha, disse eu.

Sim, vergonha, mas vergonha tão sómente para aqueles que a possuem, e esses, para maior infelicidade da classe do professorado, apenas tiveram uma ligeira passagem pela Direção Geral da instrução primária, abandonando os seus logares, por verem amesquinhada a sua obra:—a verdadeira reforma da instrução primária, que decerto viria satisfazer plenamente á classe professoral.

Mas no alto andava-se forjando uma lei, na qual eles, os autores da reforma, não quizeram ser coniventes, porque, apesar de em parte ser plagiada, era uma obra que só traria descontentamento a uma classe humilde e trabalhadora, que, para bem da Patria e honra da Republica, devia ser atendida e melhor olhada para estar contente, o que não se consegue com *36 réis* de aumento, e ainda por cima *calote*.

Quem escreve estas linhas tem razão de sobra para afirmar que a instrução primária, base fundamental da civilisação, continua em Portugal votada ao abandono pelos nossos dirigentes, tal qual como no tempo da defunta monarquia.

Não sou daqueles a quem falta a esperança, e, por isso, espero ver, porque decerto não virá longe, o dia em que esteja concluida a cóva para enterrar toda essa quantidade de decretos que nunca deviam ter sido dados á luz da publicidade.

Ninguem tenha duvidas a este respeito. Eu falo com mais esperança depois que assisti á conferencia feita pelo grande pedagogista dr. João de Barros, no Teatro da Republica, em Lisboa, em março do corrente ano. Ali declarou o ilustre conferente, em presença do snr. presidente da Republica, que lamentava profundamente que, no orçamento apresentado pelo ministerio do interior, figurasse, para instrução primária, a mesma verba que havia no tempo da monarquia, demonstrando clara e nitidamente os inconvenientes que dêste lamentavel facto podiam advir, mas que esperava que, no proximo orçamento, essa verba fosse aumentada.

Perfeitamente d'acordo.

Havendo a verdadeira vontade de deminuir o numero de analfabetos em Portugal, aos governos não será dificil angariarem aumento para essa verba, visto que existem tantos funcionarios que nada fazem ao Estado e outros que, não necessitando do seu auxilio, lhe estão arrancando dos depauperados cofres, avultadissimas somas, havendo ainda outros, que pelo pouco que fazem, lhes é abonado mais do que eles merecem e até mesmo mais do que eles precisam. Aproveitem em beneficio do Estado e dos seus mais indispençaveis servidores as fabulosas somas gastas inutilmente, e verão como tudo isto progride, porque o povo portuguez é trabalhador e honesto, e carece de ilustrar-se, de aprender a ler.

O que fez a professora a que aludo no começo dêste artigo, era o que deviam fazer todos os lezados funcionarios do Estado, porque estou bem certo de que ha-de haver muitos em egualdade de circustancias.

Não o fazem com receio de desagradar? Não tenham medo de reclamar o que fôr justo, sobre tudo quando se trate de reclamar o produto do vosso trabalho, porque a todos assiste o direito de vir a publico expor as suas justas reclamações, quando por outro meio não consigam ser atendidos. E se os alvejados manifestarem, ainda que ligeiramente, o seu rancor ou tendencias para perseguição, provam incontestavelmente que são uns criminosos e não cumprem com os seus deveres, e para eles então devemos ser implacaveis, correndo-os a chicote, derrubando-lhe o penacho que lhes ornamentar a *cartola* de palmo e meio.

Lisboa, junho de 1912.

M. d'Almeida Junior.

Luís de Camões e os "Lusíadas,,

(1579-1912)

Faz ámanhã 333 anos que desceu ao tumulo o principe dos poetas portuguêses, Luis de Camões, a maior gloria de todos os tempos, de que nós, portuguêses, muito nos orgulhamos.

Atravez de tôdas as idades, o nome de Camões ha-de soar como filão precioso aos nossos ouvidos, para atestar a grandeza do seu genio prodigioso e o vigor do seu talento colossal. A humanidade inteira venera-o como a um patriarca lendario, e a patria portuguêsa curva-se perante a grandiosidade e o brilho da sua figura simbolica.

Camões e a Patria são palavras sinónimas. Os *Lusíadas* são o poêma da Vida, o tesouro das nossas glorias, a biblia do nosso povo. Por isso, Portugal ámanhã se prostra reverente ante a memoria do Grande Poeta e do Heroi Sublime.

Luís de Camões nasceu em Lisboa em 1517 e morreu em 1579, quasi na miseria e esquecido de todos. E' o autôr dos *Lusíadas*. Depois de ter combatido em Marrocos, onde perdeu o olho direito, o poeta português embarcou para a India. Durante esta viagem, que foi uma longa série de infortunios, compôs ele o seu poema. Arremessado por uma tempestade para as costas de Cambodja, conseguiu salvar-se a nado, não largando da mão o seu precioso manuscrito.

O assunto dos *Lusíadas* é a descoberta da India por Vasco da Gama. No principio do poema a frota portuguêsa costeia a parte oriental da Africa; chega a Melinde; Vasco da Gama, bem recebido pelo rei do país, conta a este a historia de Portugal e diz-lhe como, apesar do gigante *Adamastor*, pode dobrar o cabo das Tormentas (cabo da Bôa-Esperança); depois Gama faz-se de vela para a India, onde chega, depois de estar em risco de perecer nas ondas. Após a aliança feita com o Çamorim de Calicut, Gama e os seus companheiros voltam para a Europa. No regresso, chegam a uma ilha que Venus fez saír do seio das aguas para os receber; e em seguida, entram os portuguêses em Lisboa sem mais obstaculos.

Os *Lusíadas* compõem-se de dez cantos. Este poema, dum estilo limpido, cheio de altos pensamentos, duma poesia ora energica, ora encantadôra, e sempre repassada de harmonia, peca pelo maravilhoso excessivo que o autôr lhe introduziu. Ha quem lhe censure a combinação incoerente do politeismo com o cristianismo. De resto, é um poêma que se impõe a toda a humanidade, que o lê cheia de respeito e admiração.

Dr. João de Barros

Têm estado muito doentes a esposa, filhinha e madrasta dêste nosso amigo, tendo esta ultima sofrido uma melindrosa operação, pelo que já vae em via de restabelecimento, assim como as outras infermas.

Folgando muito com as melhoras dos ilustres doentes, fazemos ardentes e sinceros votos pelo seu rapido e completo restabelecimento.

Ferro-viarios de Portugal

Correram boatos tétricos e alarmantes com respeito á gréve ferroviaria, que muita gente desejaria vêr em pratica, mas que nós, patriotas e ponderados como sempre, não levámos a efeito.

Na presente ocasião nada mais poderiamos dispensar aos empregados dos carris de ferro de Lisboa, além do nosso apoio moral.

As gréves, para que aliás o nosso pôvo ainda não está devidamente educado e preparado, só fazem mal aos podêres constituidos da nação portuguêsa, que, necessitando do auxilio material e moral de todos os portuguêses, não poderiam de fórma alguma sustentar-se com gréves e desacordos entre as classes trabalhadoras.

Aqui temos aconselhado prudencia, e aqui a continuarêmos a aconselhar aos nossos camaradas de luta.

A Republica carece do nosso auxilio, e nós, que alguma coisa fizemos para que ela fôsse, como é, um facto em Portugal, de maneira nenhuma devemos deixar de auxiliá-la em tudo que estiver nas nossas fôrças colétivas.

Os ferro-viarios de Portugal deram sempre um nobre exemplo de civismo e colétivismo, e crêmos que jámais desmerecerão do justo conceito em que o país os tem.

Lutando sempre, deverá sêr o nosso lêma, mas saber lutar e arcar com as responsabilidades que das nossas lutas advenham.

E' assim que todos, num só esforço e unidos debaixo da mesma bandeira, e tendo em vista o mesmo generoso fim, devemos caminhar sempre, ir sempre andando estrada de martirios e conscientes lutas em fóra.

E a vitoria ha de ser ganha. E sobre nós cairão as simpatias de todo o mundo proletário, de todo o mundo associativo.

Haja coragem.

BELMIRO.

CÃES

Andam para aí certos animalejos que, não tendo um ôsso esburgado para roer, pretendem lançar-se ás canelas de jente honesta, no intuito de lhes ferrar uma dentada traiçoeira. Mas não conseguem.

Comnôsco deu-se agora um caso dêstes com um pateta que em Cantanhêde dá pelo nome de Dias Coêlho. Este escriba, querendo metêr o nariz onde não era chamado, refere-se numa folha local, e em proza bordalenga, ao caso de Cadima que aqui publicámos e, armando em *factotum*, pretende destruir o que dissémos sobre o assunto, avocando para si e para o seus a verdade e imputando para nós a calúnia. São processos cómodos, de que só se servem rafeiros lazarentos.

Se nós quiséssemos ligar importancia ao escriba, provavamos-lhe com testemunhas de Cadima o que sobre o premio de frequencia afirmámos; mas não queremos gastar tempo, que nos é tão precióso, com patetas de tal jaês. Sómente lhe diremos que a rafeiros que arreganham as fauces para nos atacarem, nem sequer lhes damos com o bico da bota para lhes partir os dentes pôdres. Estamos muito acima do lodaçal onde costumam ladrar.

E eis tudo.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XIV

O parecer da comissão de instrução do Senado acaba com os quadros, como notei já no ultimo artigo. Bem está. O magisterio não ficará, decerto descontente com isso. Antes pelo contrario. Com o numero limitado de professores que, por eles, pertenceria ás duas ultimas classes, muitos da terceira estavam arriscados a nunca ser promovidos. E depois a reforma, quando viesse, seria uma ridicularia —como radicularia é o ordenado de categoria e exercicio.

Mas o caso apresenta-se um pouco intrincado, embora a ilustre comissão talvez o não percebesse ainda. Ha já direitos adquiridos, que é preciso respeitar. A lei de 29 de março de 1911 só foi suspensa na parte administrativa—embora por desleixo do *alto*, por falta de regulamentação, ela o tenha parecido na sua quasi totalidade.

E' indiscutivel, é insofismavel.

Ora sendo assim, os mais elementares principios de direito, ao alcance mesmo de quem nunca frequentou a universidade, indicam o seguinte: o restabelecimento da antiga prática de promoções de seis em seis anos de bom e efetivo serviço só póde ter logar depois de transitoriamente organisados os quadros. Percebe-se facilmente a razão disto. Um numero relativamente elevado de professores da 2.ª e da 3.ª classe—principalmente desta—iam passar ás imediatamente superiores, pelas disposições da Reforma, que tal como está é lei do país. O pagamento da diferença de ordenados que por essa promoção lhes pertencesse garantia-o o artigo 167.º a partir de 1 de março do ano passado. Portanto, até hoje, o estado deve já dessa diferença pelo menos 70$000 réis a cada professor da 3.ª classe que á 2.ª passásse pela fixação dos quadros e a mesma importancia aos que da 2.ª classe transitassem para a 1.ª. E sete desênas de mil réis. para um professor primario, são alguma coisa...

Mais ainda. Calcula-se que todos os professores da 3.ª classe com, pelo menos, quatro anos de bom serviço teriam, pela fixação dos quadros, ingresso na 2.ª classe. Outro direito adquirido, de que o magistério primário se não deve deixar esbulhar sem protesto. Pela parte que me diz respeito, aqui o deixo já exarado.

Resumindo, temos, portanto: á face do direito e com o fundamento nas disposições da Reforma de 29 de março de 1911—que é uma lei do país,—a fixação dos quadros tem de fazer-se para os efeitos dos artigos 86.º, 87.º e 167.º da referida lei. Só depois se poderá pôr em prática a emenda correlativa da comissão senatorial, no caso de ser aprovada, como seria para desejar. O contrario será uma verdadeira postergação de direitos.

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Publicações

Da casa editôra Figueirinhas recebemos dois opúsculos, *O Trabalho sem Deus* e *A Existencia de Deus*, ambos de José Agostinho. O autôr pretende demonstrar, com várias obras que anda escrevendo nêste sentido, que *sem Deus nada se consegue*. Deus em tudo ha de metêr o nariz: na Escola, no Trabalho, na Familia, no Estado, em todos os esconderijos e em todas as pocilgas. Quando desejarmos obter a coisa mais dificil, metêmos Deus num bôlso e vamos conquistá-la. Deus torna-se assim um objéto portátil, por meio do qual o lavradôr obtem todas as suas sementeiras, sem ter que andar curvado sôbre a enxada e o arado, com o suor a correr-lhe em bagas; o artista obtem a obra mais perfeita, sem ter que esfalfar a paciencia para a produzir; o escritôr sente as ideias derivarem-lhe do cerebro, sem passar locubrações nem ter o trabalho de pensar, e assim sucessivamente. Já vêm que é uma pechincha. E não é caro. Cada livro de José Agostinho, com a essencia de Deus, custa apenas meio tostão ou um tostão, conforme a qualidade da essencia. Sempre é mais barato do que um frasco de essencia de violetas, e tem o poder magico que este não possue. Quem se tenta?

Estrada do Canêdo

O snr. Joaquim Cruz dá, no n.º 36 da *Madrugada*, que mão amiga nos enviou, um conselho *ao dignissimo redátor* do nosso jornal.

Ora como os nossos redátores são trez, como se vê no proprio jornal, pedimos ao snr. Cruz a fineza de nos indicar, por qualquer via, para qual dos nossos camaradas é o seu *conselho*, a fim de lhe ser dada a devida resposta, se o aconselhado assim o entender e o caso merecer resposta.

Poetas e Prosadôres

A' mocidade

A rosa, que é tão linda, oh! orvalhada,
—á luz d'aurora, pura, virginal,—
scintila, brilha então... como aureolada
dum fino diadema de cristal!...

Tambem—flôr bela do jardim da Vida—
se puras lagrimas de dôr sentida
aljôfram tua face de setim...
como a orvalhada rosa purpurina,
oh! de ti irradia luz divina,
—enlêvo, encanto, amôr,—Beleza emfim!...

Grande poder o teu, ó mocidade!
—formosa, sempre bela, até na dôr!
Se a vida se fixasse em tal idade,
seria o céu na terra,—eden d'amôr!

Mas ai! a primavera breve passa
co'o perfume das rosas... a murchar:
e a mocidade, que lhe segue a traça,
co'as rosas finda e os cantos ao luar!...

O' mocidade!—ó luz, ó sol da Vida!—
artista da Beleza, alma do Amôr...
—ai! não poder ainda—ao fim da lida—
aquecer a alma triste ao teu calôr!...

Montemór-o-Velho, 1912.

J. Neves.

Passados anos

Entre as missivas dum amôr d'outr'ora
Encontrei uma flôr emurchecida,
E então lembrou-me uma ilusão perdida:
Esse sol que se pôs, rompendo a aurora.

Uma saudade atroz que inda devora
Este coração onde uma ferida
Sangrenta, tão profunda e tão sentida
E que após tantos anos, tanto chóra,

Redobrou com o frio odôr qu'exala!
Lembrou-me d'afastal-a com horror
Fazer-me indiferente, até,—queimal-a!

Mas é que ao contemplar a mis'ra flôr
Não pude retrair-me de beijal-a!
Oh! A triste lembrança dum amôr!...

Porto.—Março, 912.

Duarte Lopes.

CASOS DA SEMANA

Aniversario

Completou no dia 6 do corrente 20 ridentes primaveras, a ex.ma snr.ª D. Emilia da Silva Ferrão, gentil filha do importante proprietario desta localidade, e nosso estimado assinante, snr. Antonio Maria da Silva Ferrão.

Felicitamos.

Ainda o caso do fole

Foram chamados á administração do concelho de Montemór-o-Velho mais outros individos, além dos que aqui citamos, para a investigação do autor do crime de dano na oficina do ferreiro Manoel Teixeira, do Amieiro.

Como nada se apurasse contra os capturados, foram todos postos em liberdade, sem que até hoje se descobrisse o autôr da proêza.

De passeio

No dia 7 partiu para Vila Chã (Beira), acompanhado de suas gentis filhas, o snr. Antonio Maria da Silva Ferrão, onde foi fazer vizita ás suas propriedades e onde tenciona demorar-se alguns dias.

Desejamos-lhes feliz regresso.

Falecimento

Faleceu na sexta-feira, por onze horas, Ana de Jesus, mulher de Joaquim Jorge Gaiteiro, deste logar, e mãe do nosso presado assinante, Antonio Jorge, residente em Lisboa.

A este nosso amigo os nossos sentidos pezames.

Arrematação judicial

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão do 2.º oficio, se hão de arrematar pelo maior lanço oferecido sobre o valor da avaliação, no dia 23 do corrente, por 11 horas, á porta do Tribunal desta comarca, os seguintes bens penhorados na execução hipotecaria que a Confraria do Santissimo Sacramento da freguezia de Verride, move contra Maria Rosa Santiago, viuva, proprietaria, do mesmo logar:

1.º—Uma casa e pateo, situadas em Verride, avaliadas em 200$000.

2.º—Três aguilhadas ou 1620.m2 de terra de semeadura e vinha, no sitio do Lameiro, freguezia de Verride, avaliadas em 100$000 réis.

Pelo presente são citados para a praça quaesquer crédores incertos.

Montemór-o-Velho, 1 de junho de 1912.

O Escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

TRIPA

DEPOSITO DA CASA ANJOS & C.ª

João Vieira da Silva Lima

COIMBRA

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito da Comarca de Montemór-o-Velho, pelo cartorio do terceiro oficio, e na execução por custas e sêlos que o Ministerio Público move contra Maria da Conceição Laiva, moradora que foi em Tentugal e actualmente ausente em parte incerta, correm éditos de trinta dias a contar da ultima publicação do respetivo anuncio, citando a referida executada, para no prazo de dez dias, findo que seja o prazo dos éditos, pagar a quantia execuenda de 16$995 réis, ou nomear á penhora bens suficientes para seu pagamento e das custas acrescidas com esta execução, sob pena de se devolver no exequente o direito dessa nomeação.

Montemór-o-Velho, 4 de junho de 1912.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Arrematação judicial

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, e pelo cartorio do 2.º oficio — Mamede — se ha-de arrematar em hasta publica e pelo maior lanço oferecido sobre o valor da avaliação, a seguinte propriedade penhorada aos executados Francisco de Freitas e mulher Joaquina Marques, de Alfarelos, na execução que lhes move Sebastião Duarte, do mesmo logar, no dia 23 de junho proximo, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial:

Metade de uma terra de semeadura, casas de habitação, curraes e eira, no sitio da Chapinheira, freguezia de Alfarelos, avaliada em 55$000 réis.

Pelo presente são citados para a praça quaesquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 27 de maio de 1912.

O Escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

CONCURSO

Perante a Camara Municipal do concelho de Montemór-o-Velho, devidamente autorisada, acha-se aberto concurso documental pelo prazo de 30 dias contados do presente anuncio no *Diario do Governo*, para provimento do partido medico de Verride, com o ordenado anual de 360$000 réis, e pulso sugeito á tabéla camararia.

Os concorrentes deverão instruir seus requerimentos pela fórma prescrita no decreto de 24 de dezembro de 1892.

Montemór-o-Velho e Secretaria da Camara Municipal, 3 de junho de 1912.

O Presidente da Comissão Administrativa,

Albino de Noronha.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio, no inventario orfanologico a que se procede por obito de José Joaquim Pedrosa, da Abrunheira e no qual ficou como cabeça de casal Antonio Martinho, viuvo, do mesmo logar, correm éditos de trinta dias a contar da ultima publicação deste anuncio, citando para todos os termos até final do mesmo inventario os herdeiros Antonio Maria Pedrosa e Augusto Pedrosa, casados, ausentes em parte incerta no Brazil e Conceição Martinho e Virginia Martinho, solteiras, ausentes em parte incerta neste país.

Montemór-o-Velho, 4 de junho de 1912.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota

Fabrica de bolachas e biscoitos da Estrela

Couraça da Estrela, 1 a 15

COIMBRA

Esta casa é que melhor fabríca e vende em melhores condições.

O Proprietario,

Manoel Pereira Junior.

FALENCIA

(1.ª publicação)

Tribunal do Comercio de Montemór-o-Velho

POR sentença do tribunal do comercio d'esta comarca, de 29 do corrente mez, foi declarado em estado de penhora, o comerciante José Dias d'Abreu, solteiro, maior, morador em Tentugal, sendo nomeado administrador da massa Bernardo Gonçalves Ferreira, casado, comerciante, desta vila.

Para a intimação dos creditos, foi fixado o prazo de sessenta dias.

Pelo presente são citados todos os credores incertos ou desconhecidos da dita massa falida.

Montemór-o-Velho, 30 de maio de 1912.

O Escrivão,

Adrião Pereira Forjás de Sampaio.

Verifiquei:

Lemos Viana.

EDITOS DE 30 DIAS

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio, no inventario a que se procede por obito de Francisco Matado, do Zambujeiro, e no qual é cabeça de casal a viuva Luiza de Jesus, do mesmo logar, correm éditos de trinta dias a contar da ultima publicação dêste anuncio, citando para todos os termos até final do mesmo inventario o herdeiro José Matado, casado, ausente em parte incerta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 6 de junho de 1912.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

O escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

EDITOS DE 30 DIAS

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito da Comarca de Coimbra, cartorio do quarto oficio e nos autos de investigação de paternidade ilegitima em que é autôra Rita da Conceição, solteira, maior, de Barcouço, comarca de Anadia, como representante de seu filho menor Samuel Coêlho, e Reus: Maria da Cruz Picanço e marido, Manuel d'Oliveira Carromeu, proprietarios, dos Pelicanos; Joaquina da Cruz Picanço, viuva de Manuel Pecegueiro; Ana da Cruz Picanço e marido, Manuel Carromeu, êstes do Tojeiro; José da Cruz Picanço, viuvo, das Arroteias; José Carvalho e mulher, Joaquina Ribeiro, de Barcouço; e Carolina Carvalho e marido José Maria Cerdeira, do Rio Côvo, por se julgarem pretensos herdeiros do Padre Manuel da Cruz Picanço, moradôr que foi no Botão, comarca de Coimbra, e dos mêsmos autos correm éditos de trinta dias, a contar da segunda publicação do competente anuncio, citando os reus Manuel de Oliveira Carromeu, ausente em parte incerta no Brazil e José Carvalho, ausente em parte incerta pára comparecêrem na segunda audiencia daquêle Juízo, depois de findo o prazo dos éditos, seguindo-se os mais têrmos. As audiencias daquêle juízo têm logar no tribunal judicial daquela cidade, ás segundas e quintas-feiras, na forma da lei.

Montemór-o-Velho, 25 de maio de 1912.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito.

Agostinho Antunes de Lemos Viana.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Manoel d'Oliveira Junior

Rua da Republica, 84 a 88

FIGUEIRA DA FOZ

Compra madeiras em todas as dimensões e pinhaes em qualquer parte do paiz.

Encarrega-se de fornecimentos de madeiras para Portugal e estrangeiro.

Tem na Figueira da Foz, depositos de madeiras, em taboas, vigas, travessas, sualhos, etc.

Quem quizer vender madeiras, dirija-se em carta ao escritorio, que receberá em seguida uma nota de preços.

Pagamento, á vista da fazenda.

(14) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

Julio assustou-se, porque amava a espôsa. Quis salva-la para se salvar; mas não pôde. A sorte escapou-lhe, fazendo-lhe um esgar, e D. Carmina morria esqueletica dentro de poucos dias, com um ar de resignação a espelhar-se-lhe no semblante.

O homem pendido, como ultimo preito de homenagem á sua vitima, mandou-lhe embalsamar o cadaver e enviou-o para a Madeira, afim de ser depositado no jazigo de familia.

Os tios de D. Carmina, compungidos com tal desenlace e assacando a responsabilidade ao marido dissoluto, apoderaram-se dos haveres que a sobrinha tinha em Lisboa e cortaram relações com Julio.

Este não teve por que apelar e conformou-se; mas estranhando a atmosféra que o envolvia, olhou em roda e achou-se no meio do abismo. Estava reduzido a isto: ao rendimento duma propriedade rustica que devia chegar para sustento, representação e pompear desaforadamente. Era impossivel.

Esvoaçou-lhe então pelo espirito a ideia de Tereza. Eram já dobados seis anos sem que lhe chegasse uma nova daquela que tão traiçoeiramente adandonára. Tinha agora remorsos do que fizera e desejava reparar o mal. Havia, além disso, uma como necessidade de se expandir, de se comunicar com uma pessôa que lhe compreendesse os reveres e que o lastimasse. Não tinha um filho, embora o desejasse, a quem pudesse confesar os seus lances de infortunio. Acaso até nisto se amerciou dele, para que não houvesse mais um inocente, vitima do seu mau fado.

Forçado pelas circunstancias a viver agora menos faustuosamente, não frequentava bailes, nem teatros; mas inda tinha o sestro do jogo e alcoolisava-se mais frequentes vezes para apagar ideias que o horrorisam. Saia recatado, e quase sempre á noite, para não dar nas vistas. Pejava-se de aparecer em publico para não dar ansa a criticas humilhantes.

Uma noite em que passeava desenidadamente numa rua de menos transito, sentiu atraz de si uns passos apressados e uma mão pousar-lhe sobre o ombro. Voltou-se e viu um individuo que orçava pelos quarenta anos, em companhia de duas meninas da mesma altura que não mostravam contar mais de dez ou onze anos. Não conheceu. O outro preguntou:

— Não é o dr. Julio Dálly?

— Sou eu, com efeito, mas não tenho a honra de conhecer...

— Ora nem tu conheceste melhor o teu amigo doutro tempo, Magalhães Sepulveda, condiscipulo na escola medica...

— Oh! *Pindaro ulisseico!*—exclamou Julio numa explosão.

E abraçaram-se comovidos.

Tinha afinal reconhecido um amigo doutras eras, de quem ha muito não tinha noticia, e que agora tão inopinadamente lhe aparecera. Para o leitor tambem não lhe é de todo estranha esta personagem, se bem que lhe não tivesse sido ainda, apresentada devidamente, por inoportunidade. E' o poeta de vilancetes, a que atraz aludimos muito de relance. Tinha sido condiscipulo de Julio em preparatorios; e, porque então revelava uma veia poetica muito pronunciada, os colegas puseram-lhe o nome arcádico de *Pindaro ulisseico*. Formou-se depois em medicina pela escola medica de Lisboa, e foi fixar residencia em Semide, onde abriu consultorio. Era muito considerado por todos os clientes, e, em especial, por uma familia, em cujo convivio intimo era recebido com aféto.

Magalhães Sepulveda era dotado de estremada bondade, e, durante a sua vida escolar, socorreu algumas vezes estudantes pobres, que se lhe dirigiam, confiados no seu espirito altruista. Não era rico; mas era economico e vivia desafogadamente.

Julio, conhecedor dos elevados sentimentos do seu colega, que ele agora sabia apreciar, dadas as circunstancias em que se encontrava, viu nele um amigo com quem podia ter um desabafo, de que a sua alma corrompida estava necessitando, e contou-lhe então os transes da viuvez, contritamente, desesperadamente, malsinando o seu destino. Magalhães Sepulveda ouviu-o compungido, deu-lhe conselhos, referiu uma parte da sua vida, cheia de exemplos frisantes, bons para serem imitados, e concluiu:

— Felizmente até hoje não tenho tido desgostos que me obriguem a maldizer o dia em que nasci; não posso acusar o destino, porque me não tem infelicitado; vivo satisfeito, sou por todo estimado, não tenho familia a quem estremeça, mas, em compensação, tenho estas duas estrelas que me acompanham sempre nas minhas pequenas digressões ou nos meus passeios, e que me entusiasmam quando ás vezes me sinto aborrecido.

(*Continúa*).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
TELEFONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais. maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Rua Ferreira Borges, 155 — 1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

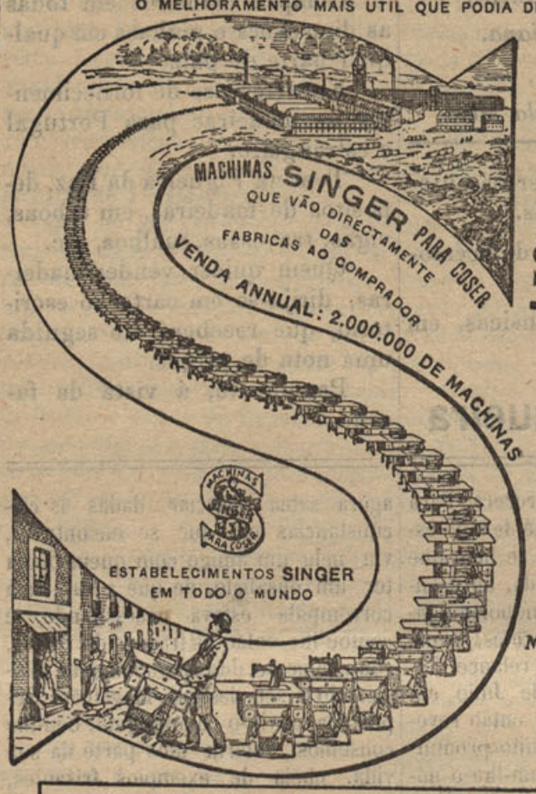
LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro—**Joaquim Coca Junior.**

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

FORTUNATO VAZ

CAMARNEIRA-CANTANHEDE

Agente da casa O HEROLD & C.ª de Lisboa, Porto e Pampilhosa para venda de adnbos quimicos e organicos nas regiões da Bairrada, Gandara, Aveiro, Coimbra e Beira Alta

Os adubos de HEROLD, os mais conhecidos e acreditados, devem ser preferidos por todos os lavradores. Tem as marcas registadas FOICE e TREVO DE 4 FOLHAS.

Para os vinhedos e milharais aconselhamos além das marcas especiais, CAL AZOTADA conjuntamente com FOSFATO TOMAZ e KAINITO.

Para as batatas as marcas especiais FOICE HEROLD e PURGUEIRAS dão um resultado magnifico.

Depositos em Cantanhede, Mogofores e Oliveira do Bairro.

Dirigir por postal a
FORTUNATO VAZ
Camarneia = Cantanhede

DOMINGOS LINO GASPAR

Armazem e oficina de moveis e estofos, mobilias completas, colchoria e camas de ferro. Oleados, baguetes e muitos outros artigos.

128—Rua do principe—130
Figueira da Foz

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218
FIGUEIRA DA FOZ
ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas
ABRANTES & GENRO
Leiria

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO
(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42
FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO
(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.º

Arazêde, 16 de Junho de 1912

Numero 17

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 réis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 réis; na 3.ª, 40 réis e na secção respetiva, 30 réis.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado

O DEVER

ASSINATURAS

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS.—Ano, 999 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis.
BRAZIL. — Ano, 2$000 réis, fortes.
Numero avulso, 30 réis.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—ARAZEDE
OFICINA DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO—Tipografia Silva (a vapor)—Largo do Espirito Santo—AVEIRO.

Director, editor e proprietario — MANUEL DE MELO

A correspondencia deve ser dirigida ao director deste jornal

Patria e Humanidade

SEMANARIO REPUBLICANO

Redactores: — J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz e Soveral da Rocha

Secretario, Augusto Baia — Administrador, Antonio Baia

A crise e os detractores da Republica

As gazetas monarquicas têm explorado, como lhes apraz, sem lógica e com refalsada má fé, os ultimos acontecimentos politicos. Estão dentro do seu papel. Mas o que é de admirar é que os despeitados censôres da obra republicana e dos homens que atinadamente os puzeram á margem não se compenetrem de que os seus arrazoados provocam nôjo a tôda a gente limpa e honesta. Pensam acaso que já se obliterou da memoria do povo o conhecimento das malversações dos dinheiros públicos e das orgias da côrte.

Ou hipócritas ou cretinoides!

As scênas de roubalheiras que fizeram ruidôso sucesso nos derradeiros anos da monarquia vivem ainda no espirito do público. Vivem e viverão.

E' portanto ridicula a campanha com que as gazêtas, porta-vozes de um regime de fraude e de subôrno, pretendem simultâneamente desdourar a obra feita pela Rèpública e denegrir o nôme de alguns estadistas que presidem com criterio aos destinos da nação. Estes inimigos das instituições, de crónica bem conhecida, tem empregado as horas de lazer em rebusca de motivos e motivêlhos para bordar sôbre eles considerações malévolas, atinentes a desnortear a opinião pública. Felizmente que o país não lhe dá ouvidos, como sôe dizer-se, porquanto êle sabe que os seus iracundiosos dizêres têm origem na subalternidade em que a Rèpública os colocou.

Ha monarquicos sérios e limpos — dissémo-lo e dizêmo-lo. Não consonam êles por certo com o clamôr que de tudo e por tudo levanta a gazêta monarquica que em Lisbôa tem séde na rua Garrett. Ao contrário, pondo patriótica e louvavelmente o amôr da Patria acima de miseras conveniencias pessoais, êles estão em benévola espectação, aplaudindo as reformas efetuadas pelas novas instituições. Estes merecem-nos, cômo de resto o deven. merecer a todos os republicanos, o mais profundo respeito. Os outros, os da *cotterie* do *Dia*, têm de nós o mais absoluto desprêso, por isso que o seu criminôso procedimento mostra bem a sua falta de culto pela heroica terra que lhes foi bêrço. Estes desmiolados podem com tôda a propriedade incluir-se nas categorias seguintes:—inconscientes ou traidôres. Os primeiros sofrem-se, os segundos repugnam.

A solução da crise tem de ser satisfeita de completa harmonia com as respeitabilissimas aspirações do povo rèpúblicano, que tem esperança que o ministério nascente faça politica de repressão dos agentes perturbadôres da vida do país, que por tôdos os processos querem tolher a marcha regular da Rèpública.

Os jornais têm trazido nas suas colunas diversas listas de ministeriaveis, compostas por nômes de individualidades em eminencia no nosso mundo politico. São hipoteses que nada valem.

Têm até apresentado, cômo possiveis, constituições de ministérios que não podiam ter nunca longa vida, nem ser recebidos de agrado pelo país. Chegou-se inclusivé a lançar o balão de que ia ressuscitár o celebérrimo *blóco*. A opinião tem manifestado claramente que semelhante solução da crise não podia viver com a nação, mas contra a nação. Foi esta infeliz previsão aquela que mais rumôres adversos produziu nos meios genuinamente, sinceramente rèpúblicanos.

O pôvo quer, como o parlamento o reconheceu, que cada vez se faça uma defeza eficaz e mais energica da Republica.

O nôvo govêrno tem que ser, por isso, um governo de energia e de iniciativa, para que tenha inteira confiança da nação.

CUSTODIO MENDONÇA.

Coisas da vida

Averiguou-se que quando havia iluminações em dias de gala, durante a vigencia da monarquia, se gastava em velas de stearina, só num dos ministerios, a quantia de 120$000 réis, e agora, numa festividade nacional, se gastou com as mesmas velas, no mesmo ministerio, a sexta parte dessa quantia, ou sejam 20$000 réis.

Evidentemente, cem mil réis, que tal é a diferença entre a despeza atual e a despeza passada, eram gastos noutro genero de iluminação, ou pelo menos em velas que não ardiam nesse ministerio.

E' possivel que o publico leve a mal esta circunstancia, mas eu creio que, com um pouco de boa vontade, veremos nela um desejo meritório da monarquia, que não teve tantos que possa ser despojada da possibilidade da existencia dum só.

A monarquia bastas vezes foi increpada de ser partidaria das trevas, nas quaes se dizia que ela se movia á vontade, como os morcegos. Se se provar que pelo menos nos dias de gala não se limitava a iluminar os ministerios com velas de stearina, mas ainda distribuia por particulares—licita ou ilicitamente, é neste caso secundario—uma boa porção dessas velas de stearina para fazer a luz, quem sabe em que antros! não me parece que, ao menos nessas ocasiões, se lhe podesse negar o titulo dum regime luminoso.

A ignorancia é uma escuridão, a imoralidade é uma treva, o absurdo é um abismo de sombras. Nunca o regime monarquico, composto de tantos negrumes, poderia almejar esse titulo de luminoso se não tivesse recorrido a um pequeno Panamá de velas de stearina que ao menos lhe facultassem durante breves horas, a ela e aos aventureiros seus cumplices, o goso dalguns clarões bruxuleantes que iluminassem, em bruscas abertas, os seus perfis, embora sinistros; os seus aspetos, embora repugnantes.

Coitada da monarquia! Digam agora, se são capazes, que ela era inimiga da luz!

MARIO SIMÕES DA SILVA

A cremação de cadaveres

A benemerita *Associação do Registo Civil* que tem sido infatigavel na propaganda dos bons principios que podem emancipar a consciencia humana, entrando constantemente na luta aberta contra o fanatismo e o preconceito, como cancros minazes que têm pervertido a nossa sociedade, vai agora lançar-se numa campanha intensa a favor da cremação, a exemplo do que têm feito já algumas nações avançadas, com felizes resultados por parte dos seus propagandistas.

Muitos dos nossos leitores ignoram o que seja a *cremação*, que nêste momento preocupa a atenção dos livres-pensadores; e a esses vamos explicar em breves palavras as suas causas fundamentais e os seus salutares efeitos.

A cremação, que é a destruição dos cadaveres por meio do fogo em fornos adequados, tem a sua origem nos povos da antiguidade que a adotavam como sistema funerario digno de respeito e a consideravam como o simbolo da imortalidade da alma. Dôze seculos antes da era de Cristo já na Grécia se praticava a incineração dos cadaveres. Muitos povos da Europa e da Azia faziam da cremação um verdadeiro culto, realizando-a muitas vezes com grande faustuosidade. E é de notar que, antes da adoção deste sistema, usavam, como nós ainda hoje usamos, o principio da inumação, do simples enterramento, que depois deu logar á incineração, generalisando-se este processo por diferentes povos que o acolheram sem protesto, porque certamente se basearam num raciocinio logico que demonstraremos.

Quando outras razões não houvesse a justificarem as vantagens da cremação, bastaria sabermos que existem actualmente 85 fornos crematorios na Europa e 133 em todo o mundo, e que os países avançados, como a Inglaterra, a França, a Suissa e a Italia, se servem hoje deste meio de destruir os cadaveres, para nós, sem relutancia, o aceitarmos como principio de aperfeiçoamento social. Mas ha outras causas que se impõem e que para nós têm grande importancia. A higiene e a economia são dois fatôres primaciais da felicidade dum povo, e isto consegue-se por meio da incineração, que não ofende o sentimento nem a religião de cada um.

INTERESSES LOCAIS

O Estado apunhalando a Instrução

Arazêde não tem escolas, tem pardieiros—A do sexo feminino é um cúmulo; a do masculino é um flagrante escandalo—Urge construir um edificio escolar para os dois sexos—Donde ha-de sair o dinheiro para este melhoramento? Do cofre da junta de paroquia

O Alto não nos atende, não dá sequer um expediene ás nossas justas reclamações, porque ainda se não resolveu a pensar devéras em coisas de instrução. Neste ponto está copiando o procedimento da monarquia, revelando o mais absoluto desprezo pela Escola e pelo professorado. O Alto é, portanto, destituido do mais elementar bom-senso. Em vez de minorar muitos males, não faz mais que agravá-los. Quando devia estudar o meio de pôr no são o corpo enfermo da Contabilidade Pública, exonerando empregados menos zelosos ou nomeando pessoal suficiente para desempenhar com regularidade todos os trabalhos, fica-se num passivismo que revolta, desprezando a causa primacial do país e deixando apodrecer um organismo já deteriorado.

A Direcção Geral não vela por estes assuntos, porque em primeiro logar trata de politica; e o Alto torna-se irritante, porque na politica e só na politica faz consistir todos os seus cuidados. Elimine-se, portanto, o Alto da Constituição do país, visto que nada faz e tudo desorienta.

Arazêde possue duas casas escolares, uma para cada sexo, que estão bem longe de merecer o nome de *escolas*, porque outra coisa não são mais que *pardieiros* vis, onde todos os dias se pratica o crime de enclausurar um punhado de crianças que, no intuito de irem buscar luz e higiene, só lá vão colher opressão e enfermidade.

A escola do sexo feminino é uma *gaiola*, onde mal cabe uma duzia de crianças, é uma cela reduzida, sem cubagem, sem ar, sem as necessarias condições que a pedagogia exige, vendo-se a professora na dura necessidade de recusar a frequencia a muitas candidatas que aparecem á matricula, o que é o mesmo que dar um golpe na instrução local, que se sente prejudicada, já pela indiferença das familias, já pelo desleixo do Estado criminoso.

A escola do sexo masculino pouco mais é que um *corredôr*, onde mal se pode transitar, e onde, em tempo invernoso, a chuva e o vento açôitam impiedosamente os alunos que enfermisam e que se estiolam numa casa mal iluminada e insalubre.

Chega a ser um cumulo e um escandalo! Isto verdadeiramente só pode remediar-se com a construção dum edificio escolar para os dois sexos, que satisfaça ás exigencias da pedagogia moderna.

Mas naturalmente acode agora a pergunta: Donde ha-de vir o dinheiro para satisfazer a esse melhoramento? A resposta é facil.

Sabemos que a junta possue no seu cofre cêrca de sete contos em dinheiro e inscrições. Este valor não será real, mas é aproximado. Ora o Estado, caloteiro, covarde e inutil, o Estado-sacripanta e o Estado-tubarão, podia—se quisesse—ordenar a conversão dessas inscrições em moeda, até á quantia de 4 contos, pelo menos, e com este dinheiro mandar construir *uma verdadeira escola* para os dois sexos, chamando para esta obra gente competente e que com ela não explorasse, como é costume.

Ninguem estranhe de querermos dar remedio ao mal de que enferma Arazêde, aplicando os dinheiros da junta de paroquia; porque desde que este dinheiro em nada se tem empregado para beneficio da freguezia, de que serve guarda-lo, fechado num cofre, a dormir o sôno eterno? *Barco parado não faz viagem*—é este um rifão que vem a proposito; e o dinheiro da junta, conservando-se sempre aferrolhado, não dá garantias á localidade nem ao país. E' por isso que aconselhamos os governos bem intencionados a ordenarem a aplicação duma parte do dinheiro da junta para a instrução da freguezia, que ficaria altamente beneficiada com a construção duma boa escola bi-sexnal.

Eis um melhoramento que se impõe e que o povo da localidade certamente aplaudirá. Nunca é de mais gastar dinheiro em prol da instrução, e bem vai quando ha donde ele se tire, como no caso presente.

O governo não atende a isto? Fará ouvidos de mercador ás nossas imperiosas reclamações? Estamos em crer que sim; mas nós é que não deixaremos de estar na brecha, até justiça nos ser feita.

E por hoje basta.

NOTAS

Eleições municipais

Não concordamos em que as eleições municipais se realisem já. No nosso entender, estas eleições, ainda se não deviam realisar, pois que estamos sujeitos a vêr quasi todos os municipios entregue nas mãos dos monarquicos. Se muitas comissões administrativas foram entregues a bons e leais republicanos, muitas ha tambem que foram entregues a *bons* e *leais* talassas. As eleições devem ser feitas depois que o governo tenha a certeza de que a administração dos municipios não caia nas mãos de *certos* monarquicos.

Depois disto façam-se as eleições.

Inglaterra

Dentro em poco a Inglaterra será a maior potencia maritima de todo o mundo! Assim o afirma o ministro da guerra, discursando em um jantar. Não será sómente a primeira potencia maritima de todo o mundo; será tambem a primeira potencia militar.

Depois das tentativas de pacificação, feitas entre a Alemanha e a Inglaterra, não nos admira que esta se trate de armar para assim ter as melhores relações com aquela. Afinal de contas as diversas conferencias da Haia sempre conseguiram fazer a paz universal... armada.

Uma vergonha

Alguns leitores amigos escrevem-nos, lamentando o caso da carta da professora aqui publicada na secção respetiva.

Não estranhem. Ainda os leitores não sabem da missa a metade. Aquilo lá pela Direção Geral e pela Contabilidade Publica está a pedir vassoura de rêde. Ha muitos párias do ensino que estão em iguais e peores condições!! Mas é que nós temos tido governos de... cretinos, que não fazem senão politicar, como os seus *colegas* da monarquia. Daí, o lamuriarem-se com razão muitos professores primarios.

Isto de instrução, leitores, é uma coisa que não tem nome. Não estranhem, não estranhem.

Tão doloroso é para nós sabermos que um membro de familia é sepultado debaixo da terra, onde os vermes, sedentos de matéria, vão putrefazendo e corroendo lentamente os seus despojos mortais, como pôrmos no nosso cerebro a ideia de ser introduzido num forno crematorio, onde as chamas muito rapidamente devoram as ruinas dum corpo sêm vida, inanimado, e que, portanto, nada sente que o possa molestar. Pelo contrario, deve ferir bem mais a nossa sentimentalidade ao lembrarmo-nos de que, volvidos alguns anos, os restos mortais duma pessoa que nos é querida são rudemente transportados para a vala comum pela enxada impiedosa do coveiro, do que vermos as cinzas purificadas do ente amado serem escondidas no sarcófago fertilisante da terra-mãe.

A' primeira ideia faz-nos isto crispações, como afinal tudo aquilo a que não estamos habituados; mas quem, serenamente e friamente, meditar na maneira como se pode realizar uma incineração e nos efeitos que dela derivam, ha-de concordar, por mais rotineiro, que a cremação é preferivel ao enterramento.

Sob o ponto de vista da religião, tambem não é lesada a crença de quem quer que seja, porque o padre tanto pode abençoar o cadaver do alto duma sepultura como em frente dum forno crematorio.

Por consequencia, em face do que fica exposto, não devemos nós—que infelizmente temos sempre em tudo caminhado na retaguarda da civilisação—ficar alheios a um principio que já foi perfilhado pelas nações cultas da Europa, da Azia e mesmo da Australia.

Os efeitos que resultam do processo da incineração não podem ser mais flagrantes. O enterramento, imposto pelos padres do cristianismo, para servir aos seus vis interesses, é prejudicial á saude publica, porque os miasmas que, atravez da superficie da terra, se exalam da materia em decomposição, entram nos organismos vivos que residem perto deles e infecionam-os, produzindo molestias muitas vezes incuraveis. E' um perfeito *envenenamento dos vivos pelos mortos*. Eis a razão porque é perigoso viver perto dos cemiterios.

Com a incineração dá-se precisamente o contrario. A saude pública é altamente beneficiada, porque deixa de haver a formação de materias organicas putrefactas, e portanto não ha perigo de envenenamento.

Pelo lado economico, tambem a cremação ganha terreno. Está provado que a cremação é muito mais barata do que a inumação. O sabio dr. Mal de Cristoforis diz que para cada cadaver inumado se faz uma despesa aproximada de 18 francos e 63 centimos (cêrca de 3$800 réis), ao passo que para os incinerados se gasta apenas 8 francos (1$600 réis). Isto é importante. Alem disto, o transporte dos despojos mortais é muito mais facil pela incineração do que pelo enterramento, e não estão sujeitos á profanação que pode dar-se com os que são enterrados nos cemiterios.

E agora se demonstra que talvez fossem estas razões que imperassem no animo dos antigos para preferirem a cremação á inumação, no que pensavam muito melhor do que nós hoje pensamos.

Cremos que ficam aí nos curtos limites dum artigo dados snficientes para que o povo reconheça as vantagens da cremação dos cadaveres, embora á primeira vista isso lhe repugne á sua razão pouco esclarecida; mas a nós cumpre-nos acompanhar o progresso e os processos modernos que melhor possam satisfazer á nossa vida social, sem nos preocuparmos com o lado ideal da questão.

A Associação do Registo Civil, que vem lutando pelo triunfo de mais este desiderato dentro do nosso país, publicou uma conferencia do grande pensador, dr. Magalhães Lima, que distribuiu por diferentes coletividades e pela imprensa, e tem apelado para os municipios afim de adquirirem fornos crematorios nos seus concelhos.

Devemos prevenir o povo de que a medida, a ser efectuada, é facultativa e não obrigatoria, como poderia supôr-se.

Pela nossa parte, apoiamos a iniciativa da prestimosa Associação e agradecemos o exemplar da conferencia que nos enviou.

DIA PATRIOTICO

Que ha-de dizer-se de Camões, que não esteja dito já tanta vez e ha tanto tempo?

O poeta maximo de Portugal cantou as façanhas, os orgulhos, as glorias, os heroismos do povo. Como nenhum outro, Camões materialisou em estrofes soberbas, de uma riquesa lexicografica surpreendente e de uma harmonia e ritmo ainda não assemelhados, toda a brilhante epopeia nacional, com os seus arremessos individuais, isolados, em que o brio português clamava tão alto como nos campos de batalha, entre os gritos do inimigo, no rasgar dos arnezes e no brilhar tragico das lançadas. Depois, como bom português, não esqueceu o amor, a lealdade eterna das almas, o fervor chamejante e alucinado dos corações ardentes. Amou perdidamente, pelo amor se bateu e sofreu, como já antes e tambem depois disso, como soldado se bateu atravez do mundo, heroicamente. Pela patria batalhou, e por ella ficára cego. Falar de Camões, seria quasi escusado, tanto o seu nome vive na consciencia dos portuguêses. Nem todos o conhecem, isto é, nem todos possuem uma ideia, uma noção do que fôra o poeta. Não falta, mesmo, quem ignore ter sido elle um grande poeta.

Mas crêmos não existir ninguem em Portugal que lhe desconheça o nome. E' ir ás provincias, correr as aldeias, subir ás serras. O mais bisonho e rude camponês, o pastor mais alheiado das coisas que se passam nos vales onde deslisam ou fremem os ribeiros, não ignora o nome de Camões. Quem foi, o que foi, é vivo, é morto? Não o sabem! Mas sabem que um português chamado Camões existiu, ou, talvez, existe ainda... De uma vez, lá para as bandas de Entre Douro e Minho, ao filho do rendeiro de uma herdade, rapaz simples, sem nenhuma especie de letras, porque nem lêr sabia, ingenuo como as papoilas e na sua inconsciencia feliz como as estrigas loiras do campo, que ele andava mondando, ouvimos nós, em ar de troça sem maldade, chamar Camões a um velhote que passava.

Porque lhe chamaria Camões? Ele explicou que era cego como o Camões. Mas quem era o Camões? —indigamos. Resposta:—«O Camões deve ser um sujeito muito conhecido lá de Lisboa». E' isto a tradição do poeta. Ahi está porque elle não... morreu ainda. Não o conhecem, mas julgam que ele eziste. Ha, sobretudo, inabalavel, a ideia de que *é* alguem, de que é ainda alguem.

* * *

Nós dissemos acima que escusado será falar de Camões, porque não é num artigo rapido e sintetico de jornal, que pretendemos levar aos campos e ás serras, illuminada, definida e flagrante a figura lendaria do poeta e do patriota. Ha tempo lembramos a conveniencia urgentissima de escritores de talento e de patriotismo iniciarem uma crusada de incalculaveis resultados para o desenvolvimento do sentimento patrio e nacional do povo, mediante a publicação periodica, serrada da historia portuguêsa, escrita com singelêsa e elegancia natural, sem refolhamentos nem amargôres de estilo, e onde os factos iniciaes da raça, até hoje, com as suas figuras mais vivas, se fossem desenrolando como em quadros e *frescos* palpitantes, a todos percetiveis. Essa obra—a que por *inclinação*, nos dedicariamos, se nos não faltassem engenho e arte, e... tempo, tal a visão ampla e frutidora que lhe escortinamos—seria de um alcance incalculavel para a patriotisação e civismo da raça. Mas desde que num artigo se não pode apresentar Camões atravez de toda a luminosissima memoria que deixou a sua alta e excecional personalidade, frisemos ao menos que a festa de hoje, oferecida ás recordações e ás saudades do maior poeta que levou a patria aos intimos da mentalidade e da historia de todo o mundo, assinala-se hoje por uma necessidade popular, numa especie de valvula para os contentamentos e para as gratidões que no peito dos cidadãos vivem dedicados á Republica. O poeta incarna, pela sua obra, pela sua vida, e até pelo despreso com que o trataram principes e cortesãos, as aspirações da patria, do povo e os vigores da nacionalidade. O nome de Camões é uma aurora que nos ilumina os horisontes livres para onde seguimos, como foi sempre uma luz, uma especie de farol do qual nunca desfitámos os olhos, na tenebrosa e atormentada noite de que saimos na madrugada revolucionaria!

Coimbra, 10—6—912.

MARIO SIMÕES DA SILVA

MAIS UM

José Agostinho lançou á publicidade mais um fasciculo—*A familia sem Deus*. E', como os antecessôres, uma catequése a todos aqueles que não se importam com Deus nem com o Diabo.

O escritôr deista diz que sem Deus a familia cairá na ruína, na miséria, etc. Pois ainda não ha muito que a um ateu cá dos sitios sairam duzentos mil réis numa cautela de seis vintens, e lá por casa a harmonia e a paz correm como num paraizo, e tem filhos alegres e rechonchudos como pimpões robustos. E anda ha muito já de mal com o tal Deus *bom* e *misericordióso*... Ora, cêbo!

Ainda a questão do Canêdo

Snr. Redator d'«O Dever».

Permita-nos v. que mais uma vez lhe tomemos um pouco de espaço no seu jornal para tratar da já celebre questão da estrada do *Canêdo*, visto que o seu jornal tão francamente se tem colocado ao lado das reclamações justas do povo.

Certo jornal vem, com manifesta infelicidade, debicar na comissão do Canêdo, sinataria da primeira carta inserida no *Dever*, e nós vêmos com desgosto que o snr. Joaquim da Cruz, se serviu de palavras algo grosseiras, improprias, portanto, dum homem que se diz de bem.

O snr. Cruz admirou-se de encontrar nomes serios e honrados, e que não esperava deles o virem reclamar na imprensa, etc., etc., um melhoramento a todos os titulos importante para a povoação que representam. Mas não tinha que se admirar. Ao snr. Cruz não foram pedir um emprego, nem coisa que não fosse justa, e a prova está na ultima representação que foi honrada com muitas assinaturas, incluindo o povo da Pampilhosa e os melhores industriais do Entroncamento. O snr. Cruz só poderá ter mais do que a Comissão, dinheiro; honra, não. Foi efetivamente o snr. Cruz quem agora pensou no melhoramento, mas o certo é que o projeto da estrada já de ha muito estava estudado convenientemente, a pedido das fabricas, tendo-nos sido feito varios oferecimentos sobre o assunto, isto é, que seriamos beneficiados. Tendo porem tido conhecimento de que quem dirigia o trabalho da estrada era o snr. Cruz, dirijimo-nos a este cidadão esperançados de que o novo regime, visto ele dizer-se *republicano*, seria mais equitativo para o povo que trabalha.

O Snr. Cruz disse-nos na Camara da Mealhada, alto e bom som, que as fabricas pagavam mais industria num ano do que o povo do Canêdo em 10 ou 20.

Ora isto não é republicanismo; porque se no Canêdo houvesse um industrial só que fôsse, tudo seria feito, não é verdade? Falso conceito! .. Isso demonstra que só se procuram regalias para os ricos. Os pobres, os humildes trabalhadores, que se governem.

Diz mais o snr. Cruz que chegou a ir estudar, com os condutores, o custo da estrada pelo Canêdo. No seu parecer e no dos que o acompanharam, custaria ella 4 ou 5 contos a mais.

Foi pena que não dissesem 10 ou 12. Era apenas uma questão de cifras.

Qual era então o prejuizo que cauzava o seguimento da estrada pelo Canêdo? Ainda não vimos isso.

Se este assunto fôr bem estudado e bem ponderado, convencemo-nos de que sendo feita justiça á laburiosa povoação do Canêdo, o beneficio recairá sobre uns e outros.

Se a estrada fôr construida por onde deseja o snr. Cruz e a sua *gente*, os proprietarios dos terrenos por onde ela passar, descontentes, irão exijir do governo todo o dinheiro que a lei lhes facultar.

Ha pois que atender ao valor dos terrenos dum e doutro lado, visto que os proprietarios do Canêdo estão dispostos a dispensar gratuitamente os terrenos que lhes pertencerem para a construção da estrada por ali.

Alem disso, não atendamos sómente ao lado economico; tenhamos tambem em vista a parte benefica para um povo. E a isto é que nós desejamos que se atenda.

O snr. Cruz bem sabe que não sómente se beneficiava o Canêdo, mas sim tambem as povoações de Cazal Comba, Vimieira, Lendioza, Silvã, Mála e Carquejo, bem como todo o transito do lado de Coimbra pela estrada n.º 10 que se destina a Pampilhosa.

Todos quantos virem esta questão pelo seu verdadeiro aspéto, são abrigados a convencerem-se de que isto assim é.

Ha mais ainda: O pessoal das fabricas é na maior parte das povoações acima mencionadas, e no inverno esses operarios têm dificuldades em virem para o trabalho em consequencia do atual mau estado dos caminhos que obrigam alguns a perder quartos de dia, ou, o que pode ser mais prejudicial, a transitarem pelo caminho de ferro a pé.

O snr. Cruz e a sua *gente*, sabe tudo isto, e tambem sabe que a estrada cuja construção defende, vai bifurcar num ponto já beneficiado com outras estradas.

* * *

Tambem o snr. Gualberto Teixeira veio a público, defender, não a questão que se está debatendo, mas a sua pessôa, notando erros gramaticais, sem se lembrar de que se limitou a copiar, e mal, o que lhe escreveram ou ditáram.

O seu zêlo por questões paroquiais é tal, que desde que o conhecemos membro da junta, só nos lembra telo visto lá trez ou quatro vezes: uma foi para passar um atestado, a outra para protestar contra os direitos da povoação do Canêdo, e as outras não sabemos para quê.

* * *

O snr. Cruz deve lembrar-se, do que disse em sessão da Camara da Mealhada, quando lhe foi entregue o oficio enviado pela comissão paroquial.

Deve recordar-se, por exemplo, de que nos prometeu 700$000 réis para a construção dum ramal, e de nos dizer que aquele dinheiro devia ser depositado na tesouraria da junta desta freguezia no prazo de 8 dias, senão que ficava a nosso lado. Não foi, pois, a Comissão que lho exigiu. Quem *mente*, então? Recorda-se tambem de nos dizer que se devia primeiro defender a industria do que os proprietarios que pagam *meia duzia de vintens*?

Ou o snr. Cruz não fosse industrial. E chama-se a isto democracia!

Nós não queremos entretanto que a nossa defeza se compare com a sua, que encobre, em detrimento da verdade, e com palavras improprias da sua posição, as causas determinantes dêste assunto e a boa logica que dele todos seriam obrigados a tirar.

Fique-se, pois, o snr. Cruz em paz com a sua obra e com a sua *influencia*, que nós nos ficaremos com a nossa humildade, mas sempre dispostos a não tolerar-lhe ninhuma especie de grosseria.

Na Comissão do Canêdo ha, como sabe, dois membros, os maiores contribuintes da povoação, com setenta e tantos janeiros, facto suficiente para merecer o respeito do snr. Cruz.

Defenda se, muito embora, mas nunca ponha em duvida a dignidade de quem pelo seu passado honesto, tem direito ao seu respeito.

Manuel Dias Agante
José Francisco Lindo
Manuel Reis da Costa Santos
Abel da Costa Loureiro
Alipio Rodrigues
José Augusto Agante.

N. da R. — Recebemos mais a carta que aí fica, e que a titulo excécional publicamos, por nos parecer que a questão já é por demais conhecida e que todos sabem tambem já de que lado está a razão. Prevenimos, pois, uns e outros, de que não nos prestaremos mais a dar publicidade a qualquer comunicado referente a este assunto.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XV

A Republica e a Instrução — O desleixo dos nossos governos — As «sanguesugas» da monarquia e os «tubarões» da Republica — Uma situação que revolta

A carta de *Uma professora*, publicada aqui no penultimo numéro, é sugestiva. Presta-se a considerações de varia ordem, todas elas de molde a deixar mal-feridos os que mandam.

E' de mais! No tempo da monarquia, os tribunos republicanos não proferiam discurso em que a instrução não viesse á baila. O nefasto regime dos Braganças nada fazia neste ramo dos negocios publicos. A luz aurifulgente do alfabeto assustava-o como se fosse coruja. O professorado recebia uma miseria, para que os grandes senhores á vontade e á larga se pudessem banquetear á mesa do orçamento. Tudo isto e mais ainda nós ouviamos, ainda ha dois anos, da bóca desses homens estremecidos pelo povo e que hoje se encontram em situações preponderantes da publica governação. Tudo isto, retinindo ao ouvido do misero mestre-escola como musica celestial, o fez transbordar de jubilo quando se deu esse belo e grande acontecimento historico que foi o 5 de outubro. A esperança de que emfim lhe ia ser feita justiça, de que emfim a sua situação angustiosa ia ser modificada, como modificadas radicalmente iam ser as condições da escola,—em breve se evolou como fumo. A Republica, melhor os homens da Republica em breve enveredaram pela estrada dos monarquicos trilhada, sem consideração de nenhuma especie pelas promessas anteriormente feitas. Em vez das grandes sanguesugas monarquicas, inventaram os *tubarões*—para que o dinheiro do tesouro continuasse a dar alegria e bastos prazeres a alguns apenas.

E o professor primario, o misero mestre-escola, continuou a rilhar o pão amargo da sua desventura, mais curvado do que dantes com esta nova desilusão e sem ter agora para onde se voltar com novo gesto de esperança.

E' terrivel! E' mortificante!

Uma professora está ainda na 3.ª classe, apesar de ter já nove anos de serviço. Porquê? Porque lá pelo *alto* se têm despresado as disposições da Reforma de 29 de março do ano passado. Porque a organisação dos quadros se não tem feito, não sei bem porquê nem com que intuitos. Porque, emfim, o desleixo pelas coisas da instrução é geral lá por cima—tal qual, se não peor ainda, como no tempo da monarquia.

Estando na 3.ª classe, *Uma professora* ganha a *enorme* mensalidade de 14$700 réis, com que tem de alimentar nove pessoas de familia. Que tal, senhores *tubarões*? Que tal, senhores governantes? Com 50 réis por dia alimenta-se bem uma pessoa, mesmo que seja uma criança—não acham? Com 50 réis por dia pode ainda, alem do alimento, comprar-se vestido e calçado—não é verdade?

E, depois, ainda ha mais.—Desses 14$700 réis ainda *Uma professora* tem tirado o suficiente para expediente e limpeza da sua escola, sem que, ha seis meses (neste ponto ha quem tenha mais razão de queixa), o estado lhe tenha abonado um unico real.

Isto assim não pode ser! Isto revolta! Mal irá a Republica, se os seus homens não mudam de caminho...

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço ficam para o proximo n.º varios artigos, a secção ferro-viaria, a correspondencia da Figueira da Foz e alguns anuncios.

Desculpem os nossos leitores.

CASOS DA SEMANA

Madame Prévost

Faleceu a semana passada, na Figueira da Foz, a esposa do nosso amigo Alfred Prévost. Nós que ignoravamos tal acontecimento, não demos conhecimento dele aos nossos leitores. Alfredo Prévost perdeu a companheira que tanto estimava, pois que ela era um modelo de virtudes, mãe extremosa e esposa dedicada.

Ao nosso amigo a expressão do nosso sentido pezar.

Sindicancia

Está a proceder á sindicancia da repartição de Finanças de Cantanhede o snr. José Maria Lino Ferraz Bravo, acompanhado do seu secreta-

rio. Esta sindicancia, que de ha muito foi requerida pelo snr. Julio dos Santos Timoteo, da Tocha, impõe-se pela força das circunstancias, tendo o sindicante feito constar que todos os que desejarem reclamar por se acharem lesados, o façam até ao dia 18. E' uma medida justa e louvavel.

Nomeações e Promoções

Foi nomeado factor de 3.ª classe da Companhia da Beira Alta, e colocado em Pampilhosa, o nosso estimado amigo snr. Alfredo Crabral, por cujo motivo o abraçamos cordealmente.

—— Tambem foi nomeado praticante com vencimento e colocado em Vilar Formoso, o nosso presado amigo snr. Antonio Chaves.

—— Foi promovido á classe imediata para Pampilhosa, o nosso presado assinante snr. Joaquim Machado Martinho, factor de 3.ª classe da Companhia da Beira Alta.

Felicitamos.

Doente

Está doente o nosso presado assinante da Pampilhosa, snr. Joaquim Martins da Costa, factor de 2.ª classe da Companhia da Beira Alta.

Desejamos as melhoras do nosso amigo.

Editos de 30 dias

(2.ª *publicação*)

NO Juizo de Direito da Comarca de Montemór-o-Velho, pelo cartorio do terceiro oficio, e na execução por custas e sêlos que o Ministerio Público move contra Maria da Conceição Laiva, moradora que foi em Tentugal e actualmente ausente em parte incerta, correm éditos de trinta dias a contar da ultima publicação do respetivo anuncio, citando a referida executada, para no prazo de dez dias, findo que seja o prazo dos éditos, pagar a quantia executada de 16$995 réis, ou nomear á penhora bens suficientes para seu pagamento e das custas acrescidas com esta execução, sob pena de se devolver no exequente o direito dessa nomeação.

Montemór-o-Velho, 4 de junho de 1912.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Arrematação judicial

(2.ª *publicação*)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão do 2.º oficio, se hão de arrematar pelo maior lanço oferecido sobre o valor da avaliação, no dia 23 do corrente, por 11 horas, á porta do Tribunal desta comarca, os seguintes bens penhorados na execução hipotecaria que a Confraria do Santissimo Sacramento da freguezia de Verride, move contra Maria Rosa Santiago, viuva, proprietaria, do mesmo logar:

1.º—Uma casa e pateo, situadas em Verride, avaliadas em 200$000.

2.º—Três aguilhadas ou 1620.m2 de terra de semeadura e vinha, no sitio do Lameiro, freguezia de Verride, avaliadas em 100$000 réis.

Pelo presente são citados para a praça quaesquer crédores incertos.

Montemór-o-Velho, 1 de junho de 1912.

O Escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

EDITOS DE 30 DIAS

(2.ª *publicação*)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio, no inventario a que se procede por obito de Francisco Matado, do Zambujeiro, e no qual é cabeça de casal a viuvá Luiza de Jesus, do mesmo logar, correm éditos de trinta dias a contar da ultima publicação dêste anuncio, citando para todos os termos até final do mesmo inventario o herdeiro José Matado, casado, ausente em parte incerta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 6 de junho de 1912.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

O escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Editos de 30 dias

(2.ª *publicação*)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio, no inventario orfanologico a que se procede por obito de José Joaquim Pedrosa, da Abrunheira e no qual ficou como cabeça de casal Antonio Martinho, viuvo, do mesmo logar, correm éditos de trinta dias a contar da ultima publicação deste anuncio, citando para todos os termos até final do mesmo inventario os herdeiros Antonio Maria Pedrosa e Augusto Pedrosa, casados, ausentes em parte incerta no Brazil e Conceição Martinho e Virginia Martinho, solteiras, ausentes em parte incerta neste país.

Montemór-o-Velho, 4 de junho de 1912.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota

FALENCIA

(2.ª *publicação*)

Tribunal do Comercio de Montemór-o-Velho

POR sentença do tribunal do comercio d'esta comarca, de 29 do corrente mez, foi declarado em estado de quebra, o comerciante José Dias d'Abreu, solteiro, maior, morador em Tentugal, sendo nomeado administrador da massa Bernardo Gonçalves Ferreira, casado, comerciante, desta vila.

Para a reclamação dos creditos, foi fixado o prazo de sessenta dias.

Pelo presente são citados todos os credores incertos ou desconhecidos da dita massa falida.

Montemór-o-Velho, 30 de maio de 1912.

O Escrivão,

Adrião Pereira Forjás de Sampaio.

Verifiquei:

Lemos Viana.

Editos de 30 dias

(1.ª *publicação*)

NO Juizo de direito da comarca de Montemór-o-Velho, e cortório do escrivão Sampaio, no inventário orfanológico por obito de Joaquim Simões Pessoa e mulher, Terêza Quinteira, moradôres que foram no casal das Helênas, freguezia da Carapinheira, correm éditos de 30 dias, contados da segunda publicação do anuncio no *Diario do Governo*, citando para todos os termos até final do mesmo inventário, a herdeira Maria Simões e marido Joaquim Gonçalves Cruz, ausentes em parte incerta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 5 de junho de 1912.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

EDITAL

A Comissão Administrativa do Municipio de Montemór-o-Velho faz público:

Que no processo de aforamento das 11 glebas de terreno baldio na Enxida de Verride, esse aforamento vai ser apregoado á porta dos paços do concelho por vinte dias consecutivos; que durante esse prazo o processo póde ser examinado na secretaría da Camara e que pódem ser oferecidos quaisquer lanços superiores ao da avaliação, que é de 20 réis por metro quadrado e o seu fôro 2$540 réis, e que esses lanços hão de ser garantidos com fiador idóneo para serem tomados em consideração na arrematação que terá logar á porta da sala das sessões da Camara Municipal no futuro dia 22 de junho por 12 horas. Para cumprimecto das Instruções de 11 de junho de 1866 se torna este público e publicado em um dos periodicos do concelho. E eu, Antonio Peixoto da Silva, secretario da Camara, o escrivi e assino.

Montemor-o-Velho e secretaría da Camara Municipal, 30 de Maio de 1912.

Albino de Noronha.

Editos de 30 dias

(1.ª *publicação*)

NO Juizo de Direito da Comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do 2.º oficio, correm éditos de 30 dias, contados da segunda publicação dêste anuncio no *Diario do Governo*, citando o interessado José Aires, casado, dos Montes de Cima, freguezia de Pereira, desta comarca, auzente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para todos os termos até final do inventario orfanologico a que nêste juizo se procede por obito de seu sôgro João Pereira Zambujo, morador que foi nos Montes de Cima, freguezia de Pereira, desta comarca, e em que é inventariante, Tereza Ferreira dos Santos, do mesmo logar.

Montemór-o-Velho, 1 de junho de 1912.

O Escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Antonio Duarte Mendes

FABRICANTE

DE

INSTRUMENTOS DE CORDA

Premiado nas exposições Distrital de Coimbra em 1884, na Industrial de Lisboa em 1888, na Universal de Paris em 1900 com a medalha de prata, e na Industrial e Agricola do concelho da Figueira em 1901 com a medalha d'ouro.

Satisfaz de pronto qualquer encomenda de instrumentos, garantindo a perfeição de seus trabalhos.

65, Rua da Bica—Figueira da Foz

PORTUGAL

TRIPA

DEPOSITO DA CASA ANJOS & C.ª

João Vieira da Silva Lima

COIMBRA

(15) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

— E quem são estas meninas? —perguntou Julio, que até ali parecia não ter dado conta das duas pucelas.

— São filhas duma excelente senhora, viuva, que reside em Semide, e têm sido educadas ha seis anos por uma precéptôra que veio de Coimbra e com quem se dão muito bem. Como agora é epoca de vilegiatura, em vim com elas até aqui, para lhes mostrar Lisboa, mas retiro dentro de poucos dias. Amanhan quero eu que vás jantar comigo ao Hotel Peninsular, onde estou hospedado, para conversarmos mais largamente e para te distraires um pouco.

— Irei—disse Julio.

Despediram-se.

Julio recolheu a casa, e nessa noite não pôde dormir, a pensar na felicidade daquele homem, a quem a sorte cobria de sorrisos, e a compará-la com o seu infortunio, cada vez mais entenebrecido de dia para dia. Assaltava-o depois a ideia de ser Tereza a precéptôra das duas meninas, a julgar pelas palavras de Sepulveda a tal respeito. Talvez fosse uma loucura afagar esta ideia; mas, não sabia porquê, tinha um presentimento. Havia de adquirir a certeza.

No dia seguinte, á hora préviamente marcada, Julio foi jantar com o seu amigo, e, durante a refeição, conversaram sobre diferentes assuntos da vida prática, que não merecem registo na narrativa. No fim, o dr. Sepulveda propôs um passeio que foi aprovado como meio desopilatorio. Julio achou favoravel a ideia para conseguir o que desejava, porque de quem ele contava saber o que pretendia era duma das meninas que acompanhavam o seu amigo. Dêste propriamente não, para não acordar suspeitas.

Foi assim que, quando achou o momento mais propicio, se aproximou da menina que mais prudente lhe parecia e travou com ela o seguinte diálogo:

— Então a menina gosta de Lisboa?

— Gosto, é muito bonita.

— Mas deve gostar mais da sua terra; donde é a menina?

— Sou de Semide.

— Então deve gostar mais de lá estar.

— Gosto de lá estar, mas Lisboa é mais bonita; nunca tinha visto uma cidade assim. Lá em Semide ha muito menos gente do que aqui.

— Mas tambem a menina está em companhia da sua mamã e da sua mana...

— E da minha professôra—acrescentou a pequêna.

— Então quem é a sua professôra?—perguntou Julio alvoroçado.

— E' uma senhôra que veio de Coimbra ha seis anos e que tem sempre estado em nossa casa.

— E como se chama ela?

— Terêza Roza da Conceição.

Julio fez um movimento quando ouviu pronunciar este nome; e a pequena perguntou:

— Conhece-a?

— Não... não conhêço—respondeu ele com mal fingida serenidade.

Não carecia de mais informações. Tinha a certeza de que era ela que estava em Semide; era preciso procedêr.

Ao tempo acercou-se dêle o dr. Sepulveda para encetar conversa; mas ele mal o atendia; estava preócupado, o que queria era vêr-se só.

Quando a noite já vinha desdobrando, pretextou, para se retirar, uma comissão urgente de que estava incumbido e da qual desejava desobrigar-se, e, pedindo desculpa ao seu amigo de não estar com ele mais tempo, como era seu desejo, despediu-se dêle e das duas meninas, prometendo todavia tornar a vê-los antes de se retirarem de Lisboa.

Em seguida dirigiu-se para casa e, apenas chegou, tratou logo de escrever a um amigo particular que tinha em Coimbra, perguntando-lhe se tinha alguem de confiança em Semide, de quem pudesse sabêr o que havia de positivo ácêrca da fixação de Terêza naquela localidade. O amigo respondeu o seguinte: Que ha seis anos saira de Coimbra Terêza Roza da Conceição, amante de Julio Dally, e que fôra instalar-se numa casa nobre de Semide, como precétora de duas meninas, filhas duma senhôra que enviuvára ha oito anos. Que nada mais sabia a seu respeito, senão que era muito estimada pela mesma senhôra e pelas duas educandas, e que vivia muito satisfeita.

Julio, vendo mais que confirmado o que ele já podia ter dado como certo, apressou-se a escrevêr uma carta para Terêza, em que lhe confessava a imensa satisfação que tinha tido por a encontrar de novo, depois de têr procedido a indagações a seu respeito, quando ficou viuvo. Pedia-lhe perdão do êrro que cometêra em a abandonar tão infamemente para casar com uma mulher que talvez nunca lhe tivesse dado tão grandes provas de amôr como ela lhe dera, quando vivia com ele. Que já tinha recebido o castigo da Providencia e que ambicionava agora dias de paz, que só ela lh'os poderia dar com aquela imensa dedicação e bondade que eram seu apanágio; e então que tornasse a juntar-se com ele, não para viver maritalmente, porque os anos de sofrimento lhe tinham ensinado a corrigir o procedimento irregular, *mas para se unir pelo sacratissimo laço conjugal, que é sempre indissoluvel para dois corações que se amam*... Que aguardava confiadamente o seu perdão, e que não fosse inexorável áquela suplica, se não quizesse sacrificar uma vitima. Que a esperava em Coimbra, na mesma casa que em tempo lhes servira de ninho amorôso.

Escreveu depois uma carta adereçada ao amigo de Coimbra, pedindo-lhe que fizesse chegar ás mãos de Terêza a missiva inclusa, pois nisso muito o obsequiava. Que, sendo negocio de gravidade, inutil seria recomendar-lhe sigilo.

Três dias depois foi despedir-se do dr. Sepulveda, conforme prometêra, e partiu para Coimbra a esperar uma resposta de Terêza, visto como tinha a convicção de que ela não ficaria indiferente á sua suplica.

(*Continúa*).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

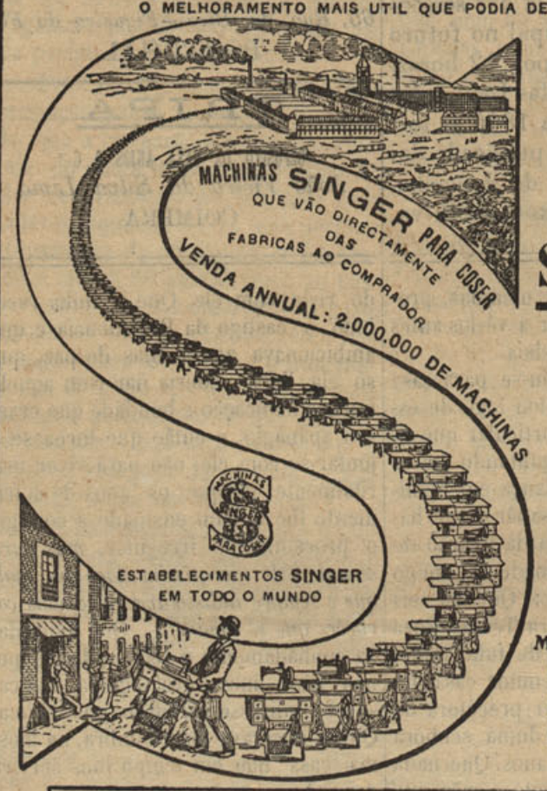
LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

FORTUNATO VAZ

CAMARNEIRA-CANTANHEDE

Agente da casa O HEROLD & C.ª de Lisboa, Porto e Pampilhosa para venda de adubos quimicos e organicos nas regiões da Bairrada, Gandara, Aveiro, Coimbra e Beira Alta

Os adubos de HEROLD, os mais conhecidos e acreditados, devem ser preferidos por todos os lavradores. Tem as marcas registadas FOICE e TREVO DE 4 FOLHAS.

Para os vinhedos e milharais aconselhamos além das marcas especiais, CAL AZOTADA conjuntamente com FOSFATO TOMAZ e KAINITO.

Para as batatas as marcas especiais FOICE HEROLD e PURGUEIRAS dão um resultado magnifico.

Depositos em Cantanhede, Mogofores e Oliveira do Bairro.

Dirigir por postal a
FORTUNATO VAZ
Camarneia = Cantanhede

DOMINGOS LINO GASPAR

Armazem e oficina de moveis e estofos, mobilias completas, colchoria e camas de ferro. Oleados, baguetes e muitos outros artigos.

128—Rua do principe—130
Figueira da Foz

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218
FIGUEIRA DA FOZ
ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas
ABRANTES & GENRO
Leiria

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO
(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42
FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO
(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

Ano 1.° | Arazêde, 23 de Junho de 1912 | Numero 18

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 réis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 réis; na secção respetiva, 40 réis; repetições na mesma secção, 20 réis.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado

O DEVER

ASSINATURAS

Portugal e Colonias Portuguezas.— Ano, 999 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis.
Brazil.. — Ano, 2$000 réis, fortes.
Numero avulso, 30 réis.

Redação e Administração—ARAZEDE
Oficina de Composição e Impressão—Tipografia Silva (a vapor)—Largo do Espirito Santo—AVEIRO.

Directôr, editôr e proprietario — MANUEL DE MELO

A correspondencia deve ser dirigida ao directôr dêste jornal

Pátria e Humanidade

SEMANARIO REPUBLICANO

Redactores: — J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz e Soveral da Rocha

Secretario, Augusto Baia — Administrador, Antonio Baia

Administração municipal

Agora que se está debatendo a questão administrativa municipal, será bom que esse problema fique resolvido duma vez e convenientemente, de maneira que não continue a ser, como até aqui, a vergonha das vergonhas para um pôvo sedento de justiça e ávido de liberdade de ação.

O caciquismo, o maior mal do povo português até hoje conhecido, tem que levar uma foiçada de morte.

Emquanto o caciquismo imperar, emquanto o caciquismo estender as garras contraminando os bons principios, prejudicando, com sua ação nefasta, a boa ordem administrativa e politica na quasi totalidade das terreolas da provincia, sem mesmo falar nas grandes terras nem nas cidades, tudo nêste país será prejudicado, e a evolução será lenta, difícil e defeituosa.

Os presidentes das Camaras Municipais, homens inábeis e analfabetos alguns, que atualmente dirigem importantes municipios por méra nomeação governativa, é que não pódem continuar na chefia de tão importante missão, sem correrm os o grave risco de termos, em vez de zeloza e honesta administração, como seria para desejar, sômente processos politiqueiros para servir ambições mesquinhas em beneficio de compadres e afilhados.

Que, de resto, é isto que mais se está presenciando neste desgraçado pais d'empenhoca, que, se não tratar de enveredar por caminho mais justiceiro e adequado ao bom senso, perto irá parar para gaudio dos seus inimigos, de todos os que desejam vê-lo perdido, afundado num mar de ignominia e infelicidade.

Nós conhecemos presidentes de Camaras Municipais cuja nomeação é uma verdadeira vergonha, é uma profunda afronta aos bons principios de democracia, não só sob o ponto de vista intelétual, como sob o ponto de vista da sua competencia administrativa ou politica, individuos que de politica nunca nada souberam e nem de administração *toscaram* nada, e, todavia, lá estão á testa dos negocios do pobre contribuinte, que, se em alguma coisa tem pecado nalgumas partes, tem sido sómente por não ter corrido com esses pseudo presidentes, por os não ter chicoteado arrancando-lhes as orelhas, levando-os á mestra para aprenderem, ao menos, a fazer, sem falta de letras, os seus nomes.

Noutras partes, o que é mais grave ainda, o que é ainda mais vergonhoso, se é possivel, esses presidentes não pertencem, por terem nascido e vegetado longe deles, aos concelhos cujas Camaras Municipais dirigem.

E assim, facil é descortiná-lo, por esses concelhos não pódem interessar-se a valer, não pódem trabalhar, tendo em vista o engrandecimento do pôvo dessa area municipal, porque, bem vêem,o amôr duma mãe adótiva, jámais será tão intenso, tão humano, tão desinteressado e tão leal, ao ente que o acaso levou a continuar a vida sob sua direção, como o puro amôr duma mãe legitima cujo filho haja sido gerado no seu ventre.

Assim os homens que o acaso, ás vezes bem nefasto e prejudicial acaso, colocou á frente dos destinos dum pôvo e dum municipio que só de nôme e geográficamente, ás vezes, conheciam.

São êsses êrros que é preciso reparar. Reclama-o o país, reclamam-no todos os homens que da politica nada querem e politicos nunca foram.

Depois, como todos sabem, os atuais presidentes camarários não fôram escolhidos pelo pôvo que representam. O pôvo, que é sempre quem tudo paga e quem tudo sofre, não foi ouvido nem achado para a escôlha dos seus representantes municipais.

Urge que este estado de coisas tenha fim. Venham as eleições, mas eleições honestas, patrióticas, das quais ressalte a politica, muito embora, mas politica genuina, a verdadeira politica que é necessaria em casos tais.

Poucos hão de ser os municipios em Portugal, ou talvez nenhum, que não tenham homens capazes, sob todos os aspétos, para gerirem e administrarem os negócios do seu concêlho.

Além disso, o pôvo que os eleja. Depois, se mal acertou, a culpa é dêle, e só dêle, não tem a quem se tornar.

Mas para isso é preciso que a escôlha seja feita com criterio, ponderação e cuidado, e nunca deixar-se o pôvo influir por *trucs* politiqueiros, verdadeiros jogos para armar aos papalvos e aos inexperientes. E tôdos sabem que gente daquela laia abunda por êsse país fóra.

Imparcialidade, honestidade, é o que é preciso para a escôlha do presidente do municipio, porque é no municipio que o pôvo tem, se o souber ter, o seu maior baluarte de fôrça, o seu mais alto grau de independencia colétiva.

Fóra o caciquismo, já que de caciques está o país cheio.

Almeida Junior.

A VOZ DO PUBLICO

Factos gravissimos—Uma escola em ruinas — A negligencia dum professor.

Snr. Director:

Em artigo publicado no Dever, *de 16 do corrente, queixu-se v. da falta de edificios para as escolas primarias dessa localidade. Ora, nessa localidade faltam-lhes apenas os edificios; mas outras ha a que, a par dos edificios, faltam tambem professores que sejam capazes de ministrar um ensino liberal e são.*

Isto acontece em Liceia, terra onde nasci, e por isso hei-de trabalhar para que lá chegue a instrução como tem chegado a outras localidades.

O edificio escolar de Liceia está em ruinas, ameaçando dia a dia a vida das crianças que lá vão para buscar a luz e o saber; mas que de lá saiem sem tudo isso, devido á negligencia do professor.

V. com certeza não conhece o edificio nem talvez a freguezia.

O edificio é desprovido de quase tôdo o material escolar, possuindo apenas um quadro negro muito velho, algumas carteiras a cairem de pódres, a mêsa do professor, talvez alguma cadeira, não sei se tambem quadros parietais ou mapas, mas se houver, devem ser muito velhos e talvez todos rôtos.

A casa tem a forma retangular; o tecto noutros tempos foi estucado, mas devido ás chuvas e ao estado do telhado, o estuque caíu e o telhado ameaça desabar; portas e janelas estão todas pódres; emfim, uma miseria!

Vamos agora tratar do professor:

O professor é um rico proprietario, morador em Sant'Ana, isto é, a cinco quilometros da escola a onde vai alguns dias na semana abrir a escola. Digo que vai alguns dias na semana abrir a escola, porque grande numero de aulas não são dadas por ele, mas sim, ora por uma filha, ora por outra pessoa qualquer a quem ele de vespera tenha pedido. Ha anos, até lá foi dar aulas o pai, que mal sabia fazer o proprio nome; actualmente, segundo me contaram, manda um filho, que é seu aluno, com a chave, e o rapaz, depois de ter aberto a escola e lá estar com os companheiros algum tempo, fecha a porta e vai-se a caminho de Sant'Ana. Outros dias não apparece lá vem o professor nem o filho; mas no fim do mês vai a Montemór receber o ordenado por inteiro.

Sendo professor desta escola ha cêrca de 20 anos, apenas levou a exame seis ou sete alunos, sendo só um a 2.° grau.

Não conheço o numero das crianças recenseadas; mas creio que não será inferior a cincoenta, de qualquer dos sexos. Portanto, creio que devia haver uma escola para cada sexo, ou então uma escola mista; e, contudo, apenas ha a do sexo masculino. O numero de analfabetos é grande, e isto admite-se sem demonstração, pois, para evidencia, ha a citar o motim de agosto do ano passado, porque, se o pôvo fosse instruido convenientemente, nada teria acontecido.

Por hoje, não me alongo mais. São gravissimos os factos que aqui apresento; mas deles tomo absoluta responsabilidade e creio que hei-de apresentar daqui a algum tempo mais alguns para concluir esta minha carta. No entretanto, o professor continuará a receber o seu ordenado de professor de 1.ª classe, emquanto que ha outros que melhor o merecem e ainda o recebem de 3.ª, e tudo por causa de quê? Por causa da maldita politica.

Agradecendo a publicação destas linhas, sou

De v., etc.

Coimbra, 17—VI—12.

Julio Cezar de Matos.

O nosso jornal

Temos o prazer de pudêr anunciar aos nossos presados leitores e estimados assinantes e anunciantes, que a partir da primeira semana de julho proximo, o nosso jornal será melhorado com algumas modificações tipográficas, aumento de composição, etc.

Correspondemos assim ao benévolo e grato acolhimento que o público nos tem dispensado.

Fontana da Silveira

Este distinto jornalista, diretôr da *Revista Infantil* e do brilhante quinzenario *A Humanidade*, de Lisboa, que ha pouco abriu a saudavel campanha contra o Alcoolismo, tem-nos honrado com a sua apreciavel colaboração, espontaneamente enviada a este jornal, o que prova o bom conceito que este lhe merece, e o quanto o snr. Fontana apostoliza as suas belas doutrinas que deseja disseminar pelo povo humilde e obscuro.

Ao eximio jornalista aqui deixamos exarado o nosso publico reconhecimento.

CARTA DE LISBOA

Lisboa, 18.

Pela Republica

Inaugurou-se no domingo, 16 do corrente, a nova séde do Grupo Musical Republicano de Agualva-Cacem, concelho de Cintra, com uma assistencia numerosa, sendo conferente o simpatico tenente da nossa armada, snr. Carvalho Araujo.

O valioso oficial e distinto propagandista da Republica, era esperado na gare da estação do Cacem pelo grupo musical, bem como pela sua direção e varios influentes do grande partido Republicano Português, vendo-se entre eles o grande revolucionario José das Neves Fonseca, amanuense da inspeção da 1.ª secção dos Caminhos de Ferro Portuguêses.

Foram recebidos com palmas e vivas á Republica, e, depois dos cumprimentos do estilo, o distinto oficial, tomou logar num trem e, seguido doutros trens, formou-se um cortejo e todos seguiram a caminho para Agualva, cuja população se encontrava cheia de entusiasmo e alegria, ouvindo-se entusiasticos vivas á Patria e á Republica.

Chegados á séde do grupo que se achava lindamente decorada, ouvem-se de novo os vivas á Patria, á Republica, á Marinha e ao eminente estadista dr. Affonso Costa e ainda á lei da separação.

Entramos na sala e ficamos contentes ao depararmos com uma seléção distinta de senhoras que dava uma nota alegre á festa que ia ter principio.

Abre a sessão ás 16 horas, presidindo o cidadão republicano snr. José Guimarães, secretariado pelos snrs. José das Neves Fonseca e Eduardo Veloso, ferro-viarios. Concedida a palavra ao snr. Tenente Carvalho Araujo, faz uma bela alocução de propaganda republicana, demonstrando com alma e patriotismo o que é a Republica e quanto é preciso trabalhar para se fazer uma patria nova.

Diz que é preciso sermos unidos e disciplinados e cada um dar á Republica o concurso leal das nossas forças e muito especialmente combater o clericalismo que nesta linda terra Portuguêsa é a causa do desprestigio da Republica.

Falou ainda com brilhantismo na instrução e na lei da separação, a mais bela para a emancipação dum povo que esteve oprimido durante tantos anos.

O snr. Tenente Araujo, foi delirantemente ovacionado ao terminar o seu discurso, sendo por muitas vezes interrompido durante a sua bela oração com palmas e vivas á Republica.

A' noite houve baile que decorreu cheio de entusiasmo e alegria.

A direção do grupo, ofereceu um bem servido copo d'agua.

Viva a Republica Portuguêsa.

A. F. A.

Ferro-viarios de Portugal

Recebemos, dum distinto ferro-viario que vê as coisas pelo seu prisma verdadeiro, a carta que com satisfação a seguir publicamos.

Contem ela uma bela lição de moral colectiva, que por todos os nossos camaradas deve ser lida e ponderada.

Ei-la:

Meu querido amigo:

O teu *Dever* tem-se interessado, pelo que eu tenho visto e apreciado desde o 1.° numero, pela classe ferro-viaria de Portugal. Outro tanto, talvez, não tenha acontecido,por parte da classe, pelo teu *Dever*.

E' sempre assim. Mas nós, afinal, acostumados a vermos amar só os ingratos, não estranhariamos mais essa falta da classe, se realmente ela não correspondesse, com egual afecto e simpatia, á simpatia e á dedicação que o teu semario lhe tem tributado duma maneira desinteressada e imparcial, o teu jornal que, como é sabido, é completamente alheio á ingrenagem ferro-viaria portuguêsa.

Deixemos, porem, essa particularidade do meu assunto, e entremos propriamente no ponto capital que eu desejo versar aqui.

Belmiro, em varios artigos inseridos nesta secção, tem demonstrado a utilidade da união da classe, sob todos os aspétos. *Belmiro* tem razão.

No seu criterio está a logica, a logica profunda que a experiencia da vida nos indica, nos aconselha.

Mas a união, bem vez, com a falta de educação civica e colectiva, numa das mais importantes e prestimosas classes do país, é impossivel, pelo menos a união que tanto seria para desejar e que tanto nos dignificaria perante todas as outras classes do mundo proletario.

Por isso, dize ao *Belmiro* que, primeiro, envide os seus esforços para que todos os ferro-viarios se eduquem tanto quanto possivel, e para isso bastarão palestras e conferencias, frequencia assidua de associações de classe. Depois, quando todos tiverem a nitida compreensão dos seus direitos e dos seus deveres colectivos, ensinar-lhes-hemos a pezar bem quantas vantagens da união podem advir para a logica conquista das revindicações em prol das quais vimos batalhando desde longa data.

Claro que, tu compreende-lo bem, eu não sou contra nem venho aqui prégar a desunião, nem dizer que nos não unamos desde já tanto quanto nos seja possivel. Tu bem vez que o que eu quero dizer é que se não acabe, em doutrina, por onde se devia principiar, para o bom e seguro exito da nossa obra. Doutrinemos sempre.

Desculpa a massada e recebe, entretanto, um abraço estreito

do teu

Augusto.

Tens razão, meu amigo. Eu vou dizer ao *Belmiro* o teu recado, ou, antes, o *Dever* lh'o levará. Ele dirá da sua justiça. *Belmiro* é inteligente, ponderado, tem longa experiencia da vida pratica.

Os seus cabelos brancos são suficiente testemunho do que deixo dito. Espero que não desampararás estas colunas, sempre que possas nelas dizer qualquer coisa. Ha muito que não sabia noticias tuas, e esta tua carta, que eu publiquei sem teu consentimento, facto que tu desculparás, deixou-me deveras agradavelmente surpreendido.

Conta comtigo o teu amigo velho,

Almeida Junior.

Casamento civil

Casou-se no dia 15 civilmente o nosso assinante, snr. José Augusto Mauricio d'Oliveira, com a snr.ª Maria de Nazaré, filha do snr. Manuel Caetano Louro, tôdos de Vila Franca.

Desejamos longas prosperidades.

Mortos que vivem

—=—

A' simples inspecção pódem parecêr paradoxais as palavras que servem de epígrafe a esta nova secção, em nossa opinião grandemente instrutiva, por isso que leva ao público ledôr suficientes esclarecimentos ácêrca de individualidades que lograram, pelos seus talentos multiformes, crear reputação perduravel atravez do tempo e do espaço.

Comprova o nosso conceito de que não são paradoxais as palavras que encimam estas nossas considerações o livro maravilhosamente esculpido, Los muertos mandan, *do scintilante prosadôr, do prestigiôso homem de létras da nação visinha Blasco Ibañez. Prova-se á evidencia nésse belo livro de tão atraente leitura esta verdade real:—os mortos mandam.*

E porque não faziamos tenção, ao dar á estampa éste nosso parecêr, de tratar o têma, mimosamente, proficientemente desenvolvido pelo notável escritôr hespanhol, abstémo-nos consequentemente de apresentar argumentos conducentes á sua demonstração.

Em sínteze será pois esta nova secção o relicário enriquecido com o nóme de vários mortais que conseguiram imortalizar-se.

* * *

Casualmente veio-nos têr ás mãos uma revista francêsa que trazia inserto um interessante artigo bio-bibliográfico de Tolstoï, cuja pobre tradução damos de seguida:

Leon Nicolaïevitch Tolstoï

Nasceu em Iasmaïa-Poliana a 9 de sctembro de 1828. Morreu, com 82 anos, a 20 de novembro de 1910, em Astopovo. Os seus ultimos dias, cômo a sua longa vida, prendêram a atenção de todo o mundo. Na noite de 10 de novembro abandonou a sua casa e a sua familia, acompanhado pelo Dr. Makovetsky; e, sem dizêr para onde ia, refugiou-se no convento de Charmadine. Em 14 do mêsmo mês adoeceu repentinamente em Astopovo, sendo aí tratado com verdadeira solicitude pelo chefe da estação dos caminhos de ferro, a cuja casa havia sido transportado.

Pela primeira vêz, dois dias depois de têr sido acometido pela doença, a noticia da sua morte fêz eco, mas logo foi desmentida. Em 18 de novembro o metropolita Antoine dirigiu-lhe um despacho convidando-o a conciliar-se com a igreja ortodoxa. Em 20 de novembro, ás seis horas e um quarto, sucumbiu aos estragos de uma inflamação pulmonar.

Boatos desencontrados circularam sôbre a fuga do grande escritôr. Falou-se de dissentimentos com a sua familia, provenientes de questões de interesse. Tolstoï tinha-se recentemente recusado a aceitar o prémio Nobel. Manifestou a ideia de legar ao pôvo russo o direito de propriedade literária de tôdas as suas obras, em prejuizo de seus filhos, que viriam a herdar uma pequêna fortuna, por via da negligencia sistematica com que êle cuidava dos seus interesses materiais. Dizia-se ainda que êle, sofrendo dêsde ha muitos anos por não podêr harmonizar o seu modo de vivêr com os seus principios, porque era obrigado a vivêr em um luxo que odiava, deixou a familia para ir morrêr na solidão, á maneira dos russos dos antigos tempos. Corria tambem que êle tinha mostrado desejos de vivêr em comunidade com os donkhobortsys, sectários russos cujas ideias se aproximavam muito das suas, e aos quais já tinha feito doação dos seus direitos de autôr da *Ressureição*. Emfim, atribuia-se a fuga do venerando ancião á influencia exercida sôbre êle pelos seus discipulos fanáticos, como V. G. Tchertkov. A condêssa de Tolstoï, suspeitando que o marido a ia breve abandonar, por duas vêzes tentou suicidar-se.

Os restos mortais de Tolstoï fôram levados para Iasmaïa-Poliana. O santo sinodo negou-se a prestar-lhe as cerimonias religiosas: excomungado em 24 de fevereiro de 1901, não se reconciliou mais com a igreja.

(Continua).

CUSTÓDIO MENDONÇA.

Publicações

—=—

Do snr. Ulisses Machado, distinto professor da capital, recebemos o seu *Primeiro livro de leitura* para as escolas primarias, que é um primôr no genero, e que se recomenda pelos trechos morais e educativos que encerra e pela profusão de gravuras que o ilustram. O excelente livro para a 1.ª classe, modernisado com a ortografia oficial, é de grande vantagem para a educação das crianças, que terão nele um guia admiravel da sua conduta, e para os professores primarios, que encontrarão assuntos praticos para ministrarem um ensino solido e racional.

Ao seu ilustre autôr agradecemos a oferta dum exemplar e a generosidade da dedicatoria.

Pela Patria
E
Pela Republica

Temos finalmente governo, mas governo presidido por um homem de talento e de valor.

O povo, sempre redento de justiça, espera que ele agora realise o que d'ha muito impacientemente vem esperando e reclamando.

O governo tem diante de si um problema vasto, tem muito que fazer, mas, o mais urgente, é a promulgação de leis que garantam á defeza da Republica que tanto nos custou a implantar.

Nada de benevolencias para conspiradores, nem para *talassas* ou reacionarios.

O clericalismo continua a caminhar emparceirado com os traidores á Patria, inventando as mais desaforadas calúnias contra a querida Republica. E' preciso que uns e outros se convençam, entretanto, de que o povo republicano não está disposto a tolerar malandrins e que, por isso, se continuarem com as campanhas de difamação contra o poder constituido em Portugal, receberão o premio que merecem os que vendem a consciencia a troco dumas *pezêtas* e dum cópo descarchado:

Os miseraveis que se acoitam em terras da Galiza, não merecem senão o nosso profundo desprezo.

Os traidores que estão cá dentro, esses é que é preciso apanha-los e inclausura-los para sempre. Estes mizeraveis estão de mãos dados com o clericalismo, e, contando com a nossa demasiada benevolencia, não exitam nem trepidam em procurar o meio da calúnia e da infamia, para aterrorisar os espiritos timoratos.

Quem defendeis, miseraveis imbecis?

Quem defendeis, ordinarios saltimbancos?

A Companhia de Jesus?

O reisête que fugiu como um poltrão, pela praia da Ericeira?

Se tendes força, miseraveis, porque vos escondeis na sombra suja?

Aparecei com a vossa força em defeza dêsse reisête de papelão e defrontai-vos com o pôvo e por consequencia com a Republica.

O idéal que defendeis é sujo e nojento; jamais tornareis a ver, nesta terra portuguêsa, o rebento do chefe da quadrilha da falpêrra de manto e corôa.

Convencei-vos que esse reisête, que fugiu com as ceroulas na mão no dia 5 de Outubro, e que anda embebedando-se nos cafés de Paris com bailarinas, não mais virá a esta terra, e que a pútrida monarquia baqueou para sempre.

O povo português, que durante tantos anos suportou o pezo dos Braganças, não quer mais ser governado por agentes que deram provas de tirocinio na escola da Calábria e na Serra Morêna.

A' grande familia republicana cumpre o dever destár vigilante e atenta contra a traição que possa dar-se em momentos de despreocupação nacional.

Os ferro-viarios de Portugal, leais amigos da Republica, devem exercer vigilancia, tão aturada quanto energica, para a boa defeza das instituições. E' isto que eu tenho pedido e aconselhado em varios artigos, no jornal *A Via Ferrea*.

Tenham em vista a apreensão de revólveres na estação de Alfarelos, e de cujo facto a grande imprensa já se ocupou.

Como este, teem sucedido muitos outros casos, provenientes, sem duvida, da falta de patriotismo.

Admitindo mesmo que se tratasse dalgum negocio, não deixaria ainda assim, de ser classificado de falso patriota o que quizesse realisa-lo num momento tão grave como o que atravessamos, porque ele só podia servir os traidores á Patria.

Portuguêses leais e amigos da Republica: estae vigilantes e prosegui na defeza das instituições.

Olhae para o honrado procedimento do Governo Belga na apreensão darmamento e do vapor *Vos*, em Bruges.

Alves da Veiga, o querido ministro na Belgica, merece o aplauso dos portuguêses amigos da sua terra, e aquele governo, a nossa leal amizade pela sua honrada atitude.

Snr. Canalejas!

Ponha os olhos nesta lição de djreito internacional.

Snr. Ministro do Interior e da Justiça!!

Se é conhecido de V. Ex.as o paradeiro dos difamadôres da Republica que campeiam em Portugal, nada de comiserações para eles. Façam respeitar as leis e o poder constituindo, para nosso socego, para que a paz impere entre todos os portuguêses sedentes de progresso.

Viva a Republica!

Lisbôa, junho.

A. F. A.

EXCURSÃO DE RECREIO

—=—

Domingo passado vieram de Coimbra, de vizita a esta povoação, os snrs. Porfirio Hipolito, distinto redatôr da *Briosa*, João Augusto Macedo, promotôr da excursão, Manuel Fernandes d'Oliveira, Joaquim Marques, João da Costa Rodrigues e os nossos prezados assinantes José da Costa Carvalho e José Simões Cruz. Os excursionistas vieram vizitar-nos a esta redação, indo mais tarde jantar tôdos a casa da familia do nosso assinante Simões Cruz, zelôso empregado da Casa Lisbonense de Coimbra, depois do que partiram de trem para esta cidade.

A todos agradecemos a honra com que nos distinguiram.

Reflexões

A propaganda dos bons principios encontra sempre benevolo acolhimento nos corações generosos.

— Devemos ser piedosos e tolerantes, mas sempre de forma que ante os outros não abdiquémos da nossa propria individualidade.

— Ha beijos que infamam e beijos que dignificam: os primeiros são o produto da hipocrisia, os segundos o do Amôr.

— E' no lar domestico que se forma o homem. Urge, pois, torna-lo bom para que o homem tambem o seja.

— O exemplo dos bons fortifica, assim como o dos maus perverte.

— Educar a infancia é preparar o futuro.

— A Verdade pode ter duas definições: a Sinceridade de nossas crenças e o dezejo de não escravisarmos a consciencia com a mentira ou o embuste, e o livre exame a todos os factos da vida humana, evolucionando consoante os conhecimentos adquiridos, esforçando-nos por adquirir a realidade da aspiração concebida.

J. FONTANA DA SILVEIRA.

Regressos

———

Regressaram do estrangeiro onde, como o *Dever* noticiou, haviam ido em missão de estudo, os nossos respeitaveis e prestimosos amigos snrs. Francisco Bastos Mourão e Julio Teixeira Lopes, proprietarios duma das importantes fabricas de ceramica do Entroncamento da Pampilhosa. Boas vindas.

—— Regressou de Lisboa, onde tinha ido tratar de negocios particulares, o nosso prezado assinante da Pampilhosa, snr. Joaquim Mendes Paulo, empregado da revisão de material da Companhia Portuguêsa.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XVI

O codigo eleitoral — O professorado primario com direitos postergados — Vantagens que adviriam para a instrução se os professores fizessem parte das vereações municipais — Elimine-se na discussão do projéto a odiosa excéção que acarretará prejuizos para o ensino

Como naturalmente os leitores não ignoram, apareceu já a público o projéto do codigo eleitoral, de cuja elaboração havia sido encarregada uma comissão composta dos ilustres parlamentares Anselmo Xavier, Martins Cardôso, Machado de Serpa, Ladislau Piçarra e Feio Terenas, sendo este ultimo o relatôr.

Contra o que sèria de esperar, tanto mais que o snr. Piçarra é incontestavelmente um amigo dedicado do magisterio, na lista dos que o projéto considera inelegiveis para as vereações municipais lá vêm os professores primarios—que, no entanto, poderão fazer parte das juntas de paroquia e até do parlamento. Presumo o que levaria os snrs. senadores referidos a privar o professor primario dum direito que a outros menos competentes é garantido. Como ás camaras municipais, irrefletidamente — o futuro o dirá—, fôram entregues as nomeações, suspensões, transferencias e até as demissões dos membros da nossa classe, entenderam eles que seria pouco regular que os professores tivessem interferencia diréta em casos desses que por ventura se viessem a dar. Mas, seguindo essa teoria, a que em tôdo o caso não deixo de achar um certo fundo moral, tambem nenhum militar deveria ser elevado a ministro da guerra, nenhum marinheiro a ministro da marinha, nenhum juiz a ministro da justiça, etc.

Se os professores pudessem ter entrada no seio das vereações municipais, seriam raros os concelhos em que delas não fizesse parte pelo menos um deles. E as vantagens que daí adviriam para a instrução seriam enormes. Não se daria o caso, que havemos de ver muito repetido, de não se encontrar á frente do municipio um unico edil que alguma coisa perceba dos assuntos escolares. Deles se ocuparia, dirigi-las-ia quem para tal tinha competencia.

Contra o professor que desempenhasse as funções de vereador suscitava-se qualquer questão que exigisse providencias da camara? O professor-vereador abandonava imediatamente, por vontade ou por deliberação dos seus colegas na vereação, a sua cadeira municipal—e essa questão seguia os seus tramites regulares. Nada mais simples.

Oxalá que, quando da discussão do projeto a que vimos fazendo referencia, alguem se lembrasse de ponderar estas coisas, levando o parlamento a reprovar aquela passagem, prejudicial para o ensino e sem vantagens para os serviços municipais.

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

NOTAS CRITICAS

Ha dias, numa das suas habituais râfles, *a policia de Lisboa arrebatou para os negros antros dos seus calabouços um rapazito de dez anos, que, num dado momento, espancando a sombra tragica das incertezas da vida, desprendeu de subito uma voz purissima, entoando na vaga melodia do fado, as melancolicas saudades dum coração que ainda não viveu e já sofre.*

Parou a algazarra das obscenidades e dos insultos trocados, como estilhaços de amargura e colera, entre a população abjecta que se amontôa no vasadouro policial; a turba dos serventuarios da ordem, orgulhosa da insensibilidade granitica do coração e da não menor granitica rudeza do inteleto, abeirou-se do carcere nauseabundo, e durante um largo espaço de tempo a voz do pequeno vagabundo fez perpassar em todo o ambito poluido de tal antro um perfume de idealidade, purificado no canto e divinisado na harmonia.

Lembram-se daquele boémio que Jean Lorrain descreveu, desgrenhado, de guitarra em punho, lançando aos ares, em gritos de agonia e praser, os seus canticos de paixão, coados pelos ferros duma masmorra? Dir-se-ia que como esse boémio, que era afinal de contas o proprio Amor, o rapazito apanhado nas redes policiais zombava das grades do calabouço em que uma sociedade cruel o enjaulára, subjugando, como um domador, com a abrasada harmonia do seu espirito, a matilha feroz que imaginara prender um criminoso, e engaiolara uma ave.

O infantil cantor triunfou. Não foi possivel continuar mantendo encarcerado esse livre rouxinol das ruas que a si proprio se salvára, encontrando na magia do seu canto a chave da liberdade. Mas, segundo li, pretendeu-se ainda transferi-lo da prisão, metendo-o numa dessas penitenciarias para uso da infancia a que se dá o nome de oficinas de S. José. Mas entoemos hossanas á Providencia dos vagabundos, mais cheios de sol na alma do que de pão no estomago! O rapasito fugiu, a voz sonora recuperou a ilimitação dos espaços, e a Rua, como uma boa mãe, acolheu de novo no seu seio o filho perdido como a floresta se alegra quando volta a habitar as suas ramarias densas o passarito implume que já julgava perdido para ela.

Não se fez ainda a bala que hade fulminar este Gavroche musical e aventureiro. Reconquistou-o a liberdade, o que o mesmo é dizer que se efetuou uma justa e natural restituição. Creanças, como esse pequeno evadido, não têm outro destino que não seja a boémia, ou a morte. Menor crime seria elimina-lo do que transforma-lo. Aniquilar uma existencia é menos barbaro do que deformar um espirito.

Que viva e cante, á mercê do deus Acaso, o pequeno cantor das ruas! Que seja, como uma folha que o vento impele, ou como um som que atravessa os ares, aquilo a que Catulle Mendés chama o itenerario das brisas. Onde chegar ha-de florir e cantar, e tendo-o feito, cumprirá a sua missão na terra, porque a mocidade tem o privilegio de, florescendo, embalsamar a vida, e, cantando, resgatar a dôr.

Estás nas mãos do destino, creança, bem milhor entregue do que ás garras da policia. Quaesquer que sejam os tremedais em que possas caír, terás sempre azas com que subas acima dêles, emquanto a misteriosa poesia que te banha a alma continuar a insuflarte na garganta a harmonia dum canto e a acender-te no olhar um clarão de esperança.

MARIO SIMÕES DA SILVA.

CARVALHO NEVES

Já ha alguns dias que se encontra em Lisboa, chegado do Brazil, este brilhante democrata que, no Rio de Janeiro, tem propagandizado os bons principios republicanos de que tem sido incansavel para a defeza e para a consolidação da Republica.

Ao insigne democrata apresentamos as nossas amistosas saudações.

Transferencias

—=—

Foi transferido para Alfarelos o nosso prezado amigo, Joaquim Ferreira Pires, factôr dos caminhos de ferro portuguêses, e filho do nosso prezado assinante da Pampilhosa, snr. José Martins Ferreira Pires.

—— Tambem foram transferidos de Pampilhosa para a Figueira e desta para aquela estação, respetivamente os nossos presados amigos Joaquim do Amaral e Alvaro Augusto Dias, factores de 1.ª classe da Beira Alta.

Comissão Administrativa de Montemór-o-Velho

Extráto da sessão de 15 de junho de 1912

Presentes—Albino de Noronha, presidente; Joaquim Cantante, Joaquim Figueirêdo, Antonio Bátista, José d'Almeida e Almeida Machado, vogais.

EXPEDIENTE

Lida e aprovada a acta da sessão anteriôr, a Comissão ocupou-se do expediente, apreciando de preferencia um oficio-circular do Govêrno Civil, consultando a Comissão sôbre se deseja que os exâmes de instrução primária do 2.º grau sejam realizados na séde do concêlho, devendo, no caso afirmativo, responsabilisar-se pelo pagamento do excesso da despêsa.

A Comissão, apesar de reconhecêr a conveniencia de aquêles exâmes se efétuarem dentro da séde, resolveu pôr de parte essa medida, por não se achar habilitada á despêsa a ela inerente, em virtude de não ter verba orçamental nem tempo pâra a elaboração e aprovação dum orçamento suplementar pâra êsse fim.

ALINHAMENTOS E LICENÇAS

Fôram mandados a informar vários requerimentos pâra alinhamentos, e concedidas várias licenças pâra depósito de materiais, mediante as respétivas taxas de ocupação.

ATESTADOS

Fôram passados alguns atestados de pobrêsa e pâra subsidio de latação.

POSTO CIVIL

Resolveu procedêr ás obras na repartição do registo civil, abrindo uma comunicação desta pâra o gabinête que a Câmara cedeu á mêsma repartição, e que era ocupado pela repartição do correio e telégrafo, obras pâra as quais foi apresentado o respétivo orçamento.

POSTO MÉDICO

Tendo verificado que no *Diário do Govêrno*, n.º 136, de 12 do corrente mês, veio rétificado o êrro do anuncio do partido médico de Verride, e publicado no referido *Diário do Govêrno*, no seu n.º 134, de 8 do mêsmo mês, resolveu a Comissão que o prazo de 30 dias pâra o concurso fôsse contado da data da referida rétificação, isto é, de 12 do mês corrente, cômo é de lei.

BALANCÊTE E DESPEZAS

Foi presente o balancête semanal, liquidando-se várias despêsas efétuadas e autorisadas, depois do que fôi encerrada a sessão.

DE PASSEIO

Vimos aqui domingo passado, acompanhado de suas sobrinhas, o nosso prezado assinante, snr. Joaquim da Silva Carvalho, de Sant'Ana.

CORRESPONDENCIAS

Figueira da Foz, 10—6—912.

(Retardada)

Teremos desta vez a tão falada incursão dos paivantes e couceiristas?... Ainda não... adia-se novamente. Com estas incertas arremetidas daqueles que lançaram no lôdo a nação portuguêsa, vai a Republica desembolçando dinheiro a montes, para condução de tropas. Ainda na passada quarta-feira, ás 22 horas, daqui sairam, com destino a Bragança, umas 30 praças d'artilharia 2, com sargentos, os quais conduziam alem de 2 bôcas de fogo, e respetivas munições, as competentes *mulas*. Tudo isto custa dinheiro, mas um dia em que tão celebres conspiradores sejam presos, os competentes tribunais, encarregam-se de os absolver como teem feito a muitos outros. Neste caso, mais valia, se eles tentassem entrar, mata-los, ou então recebe-los com as devidas honras, e deixa-los em paz.

Das duas, uma, para evitar mais incomodos.

——Já se acha desaçoriando a doca do porto desta cidade, a draga *Figueira*, que esteve em concertos alguns anos. Vai tirando muitos barcos de areia, ao que dizem *os tecnicos*, sem resultado, visto ela tirar-se duma margem e ir lançar-se noutra. Sendo assim, mais valia ela estar parada, pois que evitava que a Republica dispendesse mais dinheiro. Tambem é voz corrente que a mesma draga daqui a mais preciza outra vez de fundo novo. Então o fundo novo que levou, já está em tão mau estado?... A serem falsos estes correntes boatos, vejo que o povo da Figueira é dificil de contentar.

A nosso vêr, *o desaçoriamento do porto e barra desta cidade, só devia ser feito, depois de construido o paredão cais do lado sul.* Sem este serviço feito, irem-se extrair areias daqui, para as pôr acolá, é trabalhar no deserto. O que tambem se diz com grande insistencia é que isto são obras do Estado, e que as obras do Estado já todos sabem o que são. Não guiem o *barco* em condições, e verão o rumo que ele leva.

——Faleceu no passado dia 8, nesta cidade o snr. dr. Joaquim Lopes d'Oliveira, distintissimo advogado, que tambem exerceu com a maxima correção o cargo de notário.

O funeral foi concorridissimo. Pezames á familia enlutada.

A. d'Oliveira Guerra.

ULTIMA HORA

Chegam-nos telegramas e boatos alarmantes referentes á situação da gréve dos eletricos de Lisbôa.

O governo, ordenando a saida de alguns carros, originou tumultos que, segundo noticias agora recebidas, causaram uma morte e varios feridos, tiroteio, explosão de bombas, desordens, e não sabemos que mais que dessa atitude contra a gréve possa advir.

Fazemos sinceros votos para que o conflito se não prolongue, para bem dêste pobre país.

Parece que os ferro-viarios votaram hontem de madrugada uma moção de apoio aos grévistas.

São estas as informações que, á hora de fecharmos o nosso jornal, podemos dar aos nôssos presados leitores.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

(*2.ª publicação*)

NO Juizo de Direito da Comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do 2.º oficio, correm éditos de 30 dias, contados da segunda publicação dêste anuncio no *Diario do Governo*, citando o interessado José Aires, casado, dos Montes de Cima, freguezia de Pereira, desta comarca, auzente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para todos os termos até final do inventario orfanologico a que nêste juizo se procede por obito de seu sôgro João Pereira Zambujo, morador que foi nos Montes de Cima, freguezia de Pereira, desta comarca, e em que é inventariante, Tereza Ferreira dos Santos, do mesmo logar.

Montemór-o-Velho, 1 de junho de 1912.

O Escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Editos de 30 dias

(*2.ª publicação*)

NO Juizo de direito da comarca de Montemór-o-Velho, e cortório do escrivão Sampaio, no inventário orfanológico por obito de Joaquim Simões Pessoa e mulher, Terêza Quinteira, moradôres que foram no casal das Helênas, freguezia da Carapinheira, correm éditos de 30 dias, contados da segunda publicação do anuncio no *Diario do Governo*, citando para todos os termos até final do mesmo inventário, a herdeira Maria Simões e marido Joaquim Gonçalves Cruz, ausentes em parte incerta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 5 de junho de 1912.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

ANUNCIO

A Comissão Administrativa Municipal do Concêlho de Montemór-o Velho, faz público que no proximo futuro dia 13 do mês de julho será arrematado em hasta pública o aforamento do terrêno baldio com uma casa velha, no sitio da Enxida de Verride, requerido por aforamento por Francisco da Costa Rebêlo, dessa mêsma vila, e residente nesta vila de Montemór-o-Velho. Pâra os efeitos legais se fez o presente, que vai assinado pelo Presidente da Comissão.

Montemór-o-Velho e Secretaría da Câmara Municipal, 17 de junho de 1912.

O Presidente da Comissão,

Albino de Noronha.

Arrematação judicial

(*1.ª publicação*)

NO dia 14 de julho próximo, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial desta comarca, vai á praça para pagamento de dividas, e para ser arrematado pelo maior lanço que fôr oferecido, além do que lhe vai designado, que é o da sua avaliação, o seguinte prédio pertencente ao casal inventariado por óbito de Manuel d'Oliveira, morador que foi em Gatões, a saber:— A quarta parte de uma terra lavradia que toda mede 4:320m² (ou oito aguilhadas) no sitio da Cruz, limite de Gatões, vai á praça em cincoenta mil réis—50$000 réis.

São citados para a arrematação quaisquer credores incertos.

A contribuição do registo respétivo é paga por inteiro á custa do arrematante.

Montemór-o-Velho, 18 de junho de 1912.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:

Lemos Viana.

Editos de 30 dias

(*1.ª publicação*)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, e pelo cartorio do escrivão do 2.º oficio, correm éditos de 30 dias contados da segunda publicação dêste anuncio no *Diario do Governo*, citando o interessado Joaquiam Gonçalves Nora, viuvo, das Quintas, freguezia das Means, d'esta comarca, auzente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para todos os termos até final do inventario orfanológico a que nêste juizo se procede por óbito de sua mulher Ana dos Reis Nora, moradora que foi no mesmo logar das Quintas, e em que é inventariante Maria dos Reis, do referido logar.

Montemór-o-Velho, 27 de junho de 1912.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Arrematação judicial

(*1.ª publicação*)

NO dia 30 do corrente mês, por onze horas, á porta do tribunal judicial em Montemór-o-Velho, vai á praça para ser arrematado pelo maior preço além do abaixo designado o seguinte prédio penhorado na execução hipotecária que em Coimbra move Dôna Maria Albertina de Quadros, solteira, da mêsma cidade, contra José Lopes Azêdo, Manoel Lopes Azêdo, solteiros, residentes em Lisbôa, Joaquim Lopes Azêdo, solteiro, da Carapinheira, Maria Lopes Azêdo e Fernando Lopes Azêdo, solteiros, menores, de Lisbôa, e representados por seu pai Antonio Lopes Azêdo, tambem residente em Lisbôa, a sabêr:

Um prédio que se compõe de casas de habitação, currais, terra de semeadura alta e baixa com árvores de fruto e vinha, eira e alpendre, no logar de Lavariz, foreiro dos herdeiros do Doutôr Joaquim Inácio Roxânes, de Coimbra, em 980,21 de milho, uma galinha e um galo anualmente, com excéção de uma leira de terra que é alodial, prédio que é dividido pela estrada distrital e por duas leiras de terra, uma das quais já em tempo pertenceu ao mêsmo prédio; vai á praça em *quatrocentos setenta e nove mil setecentos e sessenta réis*..... 479$760.

São citados pâra a arrematação quaisquer crédôres incertos.

Montemór-o-Velho, 4 de junho de 1912.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:

Lemos Viana.

---

(16) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

VI

Quando Terêza Rosa deu entrada na casa nobre de Semide, foi recebida, como já dissémos de passagem, por uma senhora, que não mostrava contar mais de quarenta anos de idade, toda vestida de prêto, e que lhe dispensou a maior afabilidade, vendo nela já a precetôra de suas filhinhas, duas crianças muito galantes que a Natureza lhe déra por mimo, e considerando-a como uma amiga da casa que ha muito ali não tivesse vindo.

A precetôra, cativada pelas maneiras agradaveis que a viuva tinha para com ela, sentiu-se tão feliz e tanto á vontade que dai a algum tempo não se abstêve de lhe contar os mais insignificantes pormenores da sua existencia, desde a época em que trabalhava com a mãi em colêtes e alças até ao momento em que fôra abandonada por Julio. A viuva lamentou-a amargamente e cada vez a estima mais.

No transcorrer de seis anos renasceu, tomou vulto e incrustou-se no espirito de Terêza Rosa a imagem de Julio Dálly. O coração tem dêstes misterios. E depois «a saudade é uma paixão que mata», e Terêza tinha saudade de Julio. Amava-o ainda, apesar da sua traição, do seu desprezo, da sua extrema tibieza.

Quando um dia de manhã lhe fôram entregar uma carta e ela a abriu e viu de quem era, quasi chegou a perder os sentidos, tal foi a impressão que abruptamente a salteou.

Era a carta de Julio que acabava de receber.

Passada a primeira sensação, lêu a carta, meditou, travou-se a luta entre o Amôr e a Rasão, e, por fim, lembrando-se de que não poderia decidir por si propria, foi confidencialmente comunicar este caso inesperado á mãi das suas educandas e aconselhar-se com ela sobre o que devia fazer.

A viuva ficou tambem muito admirada do imprevisto acontecimento, e depois disse que a opinião dela era que Tereza aceitasse a proposta que Julio lhe fazia para assim salvaguardar a sua honra; que aquela carta era uma reparação do atentado que o seu sedutôr tinha cometido, e então que não era desaire para ela tornar a unir-se com o homem com quem primeiro vivera, visto como a união agora visava a outro fim mais serio e mais sagrado. Que a educação que ainda restava dar a suas filhas seria talvez completada num colegio da capital para onde ela iria fixar residencia temporaria; que era grande pezar que sentia ter de se separar duma amiga tão dedicada, mas que a honra não podia ceder o passo á dedicação.

Tereza ouviu, sem uma adversativa, estas palavras sensatas da viuva, antegostou a repetição duma fase retrospetiva, e, dias depois, despediu-se, com sentidos protestos de gratidão, das duas meninas que educara e da mãi estremosa, e partiu para Coimbra, onde encontrou Julio que a esperava.

*

Este recebeu-a com muitos extremos de meiguice, com muitas pavras de perdão e muitos protestos de amor, a que a amante correspondia, a principio, com ditos exprobatorios da ação mais que indigna que ele tinha praticado, e por ultimo, com palavras edulcarantes que amaciavam os resaibos das insinuações.

E, sem alardes de abundancia, sem pruridos de luxo, medianamente, o maximo que podia permitir o rendimento duma propriedade, foram vivendo os dois amantes durante alguns dias, com a reiteração das promessas de casamento por parte de Julio, mas reiteração suasoria, como era de supôr, simplesmente acobertada com a necessidade de primeiramente regularizar uns negocios.

Um dia, que não estava muito longinquo, quase logo depois da rejunção dos dois amantes, a Sorte, essa nume de manto verde-negro e de olhar agri-doce, quis reconciliar-se com Julio, trazendo-lhe um cheque de dezoito contos! Era uma herança duns parentes remotos que ele tinha no estrangeiro e dos quais nem sequer se lembrava. Não tinha, por consequencia, a perspetiva ao menos desta fortuna; e então rejubilou intensamente, porque tinha saido do abismo.

Tratou quanto antes de ir receber os dezoito contos, comprou uma casa na rua do Correio, trastejou-a, instituiu a amante proprietaria do prédio, alucinadamente restabelece o luxo no seu viver, e dai a algum tempo parte para Lisboa afim de vender a unica propriedade que lá possuia.

Refulgindo novamente, ainda que com menos brilho, as aureas luminações duma herança, quis ir vizitar o seu amigo barão de Pedrouços.

Este ficou muito satisfeito de o ver e comunicou-lhe logo este grão acontecimento:

—Então já sabes? A fidalga do Chiado está viuva, como tu, e o pai morreu duma congestão o ano passado.

Julio ficou vivamente surpreendido quando tal ouviu, e da surpreza passou ao pasmo absoluto. A comunicação que acabava de lhe ser feita era mais que oportuna, era providencial. Pelo cerebro já escaudecido perpassou-lhe uma ideia fixa, obcecadora, indestrutivel: o possivel casamento com D. Amelia Cabral Serafana; mas um casamento de conveniencia, entenda-se, e não de inclinação. Em todo o caso, a sorte ainda o não tinha aberto de suas mãos. E, sem mais demora, escreve a Tereza, dizendo apenas que resolve demorar-se alguns dias em Lisboa para concluir umas transações que tem por decidir; que não tenha cuidado, porque todos os dias lhe escreverá.

(*Continúa*).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

MILHARAES ENFEZADOS

— EM —

Terras de rega

Deitando aos **milharaes** em terra de rega o **Nitrato Melhorado** com **Potassa** em **Cobertura,** marca **NMP 104** chega-se a ter colheitas de **milho** produzindo o dobro e ainda mais.

Assim como o homem precisa para viver, legumes, carne, pão, vinho, frutos, etc., as **plantas** precisam de **Azote, Acido Fosforico** e **Potassa,** e tambem de frescura no terreno para resistirem aos calores, concluindo se por isso que faltando uma destas cousas, as plantas morrem ou ficam bastante enfezadas por falta de alimento.

Quazi sempre o aspeto amarelado do **milho,** é devido á deficiente adubação de **Azote e Potassa** quando no terreno ha frescura, ou agua para regar.

Ora, se ao homem derem a beber agua, quando ele precisa de pão, o estomago torna-se debil e daí a doença e o aspeto doentio. E' o mesmo que regar o milharal, tendo ele falta de **Azote e Potassa.**

Dêmos ao homem para viver o vinho, e o pão, mas dêmos tambem ao **milho,** para **muito produzir,** o **Azote e Potassa,** por meio do **Nitrato Melhorado com Potassa,** marca **NMP 104,** na razão de 15 gramas por metro quadrado, aplicado por onde a agua passar quando se rega, mas deve ser quando o **milho** estiver já arrendado, e antes de lançar a bandeira.

Com este magnifico adubo, o **milho** tornar-se-ha rapidamente de uma côr verde, muito escura, dando muitas e grandissimas espigas, com os grãos todos muito cheios, parecendo um completo milagre!!!

Lavradores!... experimentae com um saco de **Nitrato Melhorado com Potassa** no vosso predio de **Milho,** ainda este ano e vereis a felicidade que vos proporciona os adubos da casa **Herold,** marca **Foice e Trevo de 4 Folhas.**

Dirigir por postal ao Agente **Fortunato Vaz,** morador em **Camarneira—Cantanhede,** que rapidamente manda despachar do armazem mais qroximo, Lisboa, Porto ou Pampilhosa do Botão, ou entrega nos seus depositos de Oliveira do Bairro, Mogofores ou Cantanhede.

Dão-se esclarecimentos mais detalhados, verbalmente ou por escripto, a quem os desejar.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO
Leiria

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fázer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.º

Arazêde, 30 de Junho de 1912

Numero 19

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 réis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 réis; na secção respetiva, 40 réis; repetições na mesma secção, 20 réis.
Anuncios permanentes contrato especial.
Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.
Não se restituem os autografos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado

O DEVER

ASSINATURAS

Portugal e Colonias Portuguezas.—Ano, 999 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis.
Brazil.—Ano, 2$000 réis, fortes.
Numero avulso, 30 réis.

Redação e Administração—ARAZEDE
Oficina de Composição e Impressão—Tipografia Silva (a vapor)—Largo do Espirito Santo—AVEIRO.

Director, editôr e proprietario — MANUEL DE MELO

A correspondencia deve ser dirigida ao directôr dêste jornal

Pátria e Humanidade

SEMANARIO REPUBLICANO

Redactores: J. d'Almeida Junior, Antonio Ismael da Cruz e Soveral da Rocha

Secretario, Augusto Baia — Administrador, Antonio Baia

O nôvo ministério

Têm vários jornais andado esperançados com a formação do nôvo gabinête, da presidencia do snr. Duarte Leite, enchendo as suas colunas com palavras ótimistas, cômo se se pudesse já garantir que dêle derivará um conjunto de felizes resultados pára o país e pâra a República que ainda não possuem uma base segura de prosperidade e de florescimento. Nós não afinamos pelo côro de esperanças dêsses periódicos que obedecem á impressão de momento, cômo não nos deixâmos seduzir pelo ambiente de promessas em que costumam envolvêr-nos aquêles que, embriagados pela ambição do mando, empenham a sua honra perante o país pâra a execução *insofismável* de tais ou tais medidas, das quais há de resultar o progresso nacional...

Entrincheirados dentro do campo palpável dos factos, só nos factos confiando cômo origem de realidades, não nos detêmos a burilar frases de cortesia nem de incitamento a um govêrno que, compôsto de elementos heterogéneos cômo o antecessôr, usou, cômo êste, cômo tôdos os que se lhe hão de seguir, talvéz de processos de deslumbrante efeito, cuja realização ou impraticabilidade só a eloquencia dos factos poderá demonstrar.

De nada nos serve sabêr que o ministro desta ou daquela pasta se propõe fazêr, pelo seu ministério, qualquer beneficio ao país, se êle não executar tão depressa quanto possível a medida que há de dar ao país êsse beneficio, colocando-o no logar de destaque a que êle tem direito, pela sua história, pelas suas tradições, pela sua civilisação. Querêmos obras e não palavras—já o dissémos e repetimos. Por tôdos os ministérios há muita coisa útil a fazêr, ponto é que haja energia e bôa-vontade para levar a cabo a obra de reconstrução já encetada. Não basta fazêr leis, é preciso tambem sabê-las executar. E fazêr leis sem atendêr ás condições do meio para que se legisla e ás condições do tesouro ainda mal provido, é dum cálculo erróneo e duma lamentavel falta de bom-senso. De fogos fátuos e de pirotecnía estamos nós fartos.

Há leis que se fazem pâra se não cumprirem. Nêste caso está a lei de instrução do ministro do interior do govêrno provisório. A'parte muitos dislates e muito contra-senso que a eivavam, havía coisas úteis que eram indispensaveis no nosso meio, mas que não se puseram em prática *por falta de dinheiro*, por falta de inergia e tambem por culpa dos que cêdo começaram a desvirtuar a instrução com a influencia nefasta da política.

Não vem agora pâra aqui analisar o que por certos ministérios se fês quanto ao desvio dos dinheiros públicos pâra certos tubarões que viram azulejar a sua situação, em prejuízo de funcionários que muito trabalham e pouco ganham, em prejuízo mêsmo do país que carece de melhoramentos que lhe são negados, por não têr havido a linha de ponderação que era mister n'uma fase que se pretendia que fôsse de economia. Sómente dizêmos que estão pâra ai algumas classes a deplorar-se ainda, a reclamar em vão, por não encontrarem quem lhes minore o estado aflitivo em que se vêm, apesar de têrmos uma República com roupagens democráticas e igualitárias, mas com sentimentos bem diferentes dos que a principio parecia manifestar.

Esta é que é a verdade, e nós não podêmos anuviar a limpidêz cristalina dos factos que ressaltam inteiriçamente claros, austeros e rigidos. Por isso, dizêmos que não vamos no rebanho de Panurgo, cômo aquêles que, ótimistas por temperamento, apregôam medidas sensatas dum govêrno que acaba de sobraçar os encargos que o seu antecessôr alijou. Da sua bôa ou má administração terá que dar provas no momento crítico que atravessamos, e só então podêmos definir situações que agora se nos mostram duvidosas.

Govêrno de energia, govêrno de ordem e de trabalho era do que necessitava o país pâra seu salvatório e pâra sua regeneração; mas isso é que ainda pâra nós é problemático, tão habituados estamos a vêr insolúveis muitas questões que se debatem por mero acaso, e não com o propósito firme de as tornar realizaveis, embora á custa de tôdos os obstáculos, de tôdos os obstrucionismos que certos amoucos de falsas doutrinas tentam opôr para aniquilar iniciativas e entravar o progresso.

O govêrno do snr. Duarte Leite será bom? será mau na atual conjuntura? Os factos se encarregarão de o demonstrar, e só depois podêmos emitir imparcialmente e justiceiramente a nossa modesta opinião.

NOTAS

Eleições municipais

O *Mundo* abriu um inquérito entre os municipios de tôdo o país, convidando os presidentes das camaras a depôr sôbre a conveniencia ou desconveniencia de se organisarem as eleições no momento atual. Os depoimentos têm sido geralmente a favor da segunda hipótese, porque tôdos concordam em que o caciquismo, cômo uma das chagas sociais, tem escravisado o nosso pôvo, pervertendo-lhe a consciencia e deformando-lhe o caráter. Elimine-se primeiro o cacique, libertando o pôvo da sua ação dissolvente, e depois façam-se as eleições sob o influxo dum ambiente democratico mais puro e mais saudavel. Fôi e é ainda esta a nossa opinião. E a Camara de Montemór-o-Velho, quando dá o seu parecer?

Um congresso républicano internacional

Parece uma utopía e é ponto decidido. A China fôi que levantou a ideia, porque tem o maior interesse em estabelecer o inter-cambio civilisadôr com as nações mais florescentes de tôdo o mundo, especialmente da Europa e America. A China, républica nascente, quer progredir, engrandecer-se, modernisar-se, e para isso resolve celebrar em Paris um congresso internacional a 4 de julho de 1913, organizando festejos que durarão até 14 do mesmo mês, data da festa nacional francêsa. Portugal receberá convite para se fazer representar nêsse congresso, o que demonstra o aprêço em que os seus organizadôres têm o nosso país, que se tem evidenciado em tôdas as lutas políticas. Oxalá que desta bela iniciativa resulte para tôdos os países alguma coisa de belo e de grandiôso.

Gréves

Portugal está sendo o país das gréves, tão identificado se vai tornando com êste mal social, que parece incurável. As gréves dos elétricos, dos corticeiros e dos tanoeiros, o prenuncio da gréve dos ferro-viarios, todas suscitadas nêste momento pelas circunstancias dificeis da vida moderna, finalizaram, sem que, todavia, não houvesse a lamentar muitas tristes consequencias, resultantes de causas diversas. Bom será que as companhias e os operarios, conhecedôres da situação, se entendam sempre da melhor maneira, resolvendo tôdas as dificuldades, afim de não levantarem obstáculos á marcha regular da Républica.

Um poeta mistico

O *Dia*, num diálogo com o poéta Gômes Leal, investigando da ultima fase do seu espirito, da sua crença religiosa, colheu esta resposta característica:

> Cada vez a sinto mais firme, a minha fé cristã. Foi um acto consciente, sentido, uma satisfação das aspirações da minha alma. Hôje, decorridos já tantos mêses depois do meu gesto, que tanto impressionou os meus antigos companheiros, sinto que a minha crença religiosa está ainda mais forte, mais radicada na minha maneira de ser. Sou um crente e espero continuar a conservar na minha alma, cada vêz com mais firmeza, a grande aspiração religiosa que me domina.

E foi êste *ateu* o autôr do *Anti-Cristo!* Bem se vê que tambem é dos que costumam trazêr Deus na algibeira...

Mortos que vivem

LEON TOLSLOI

Continuamos a submeter á apreciação dos leitores de «O Dever» o seguimento da noticia bio-bibliográfica de Leon Tolstoï, essa figura grandiosa de doutrinador relevante, que foi alvo de desencontrados comentários por parte do elemento pensante de todo o mundo.

Na obra de Tolstoï é preciso distinguir a parte do romancista da parte do chefe de seita. Igualmente se pode dividir a sua vida em dois periodos: antes e depois de 1879; mas com a condição de se não esquecer que estavam em germe no primeiro todas as ideias que se tornaram preponderantes no segundo.

Eis as principais datas da sua longa vida. Nasceu no meio aristocrático, e ainda era muito novo quando lhe faltaram os carinhos dos pais. Leon Nicolaievitch começou em 1843 os estudos na universidade de Kazan. Dos dezenove anos em diante, perdida toda a fé religiosa, levou uma vida de revoltado insofrido. Em 1847 tentou entregar-se á vida rústica, mas pouco depois começou a aborrecê-la. Em 1851 foi para o Caucaso viver, livre e independente, conforme com a naturêza. Em 1852 apareceu a sua primeira obra *A Infancia*. Chefe da divisão de Sebastopol tornou-se notavel pela sua bravura durante o cêrco áquela cidade em 1854 e mais tarde no combate de Tchernaïa. As suas recordações de *Sebastopol* são de uma realidade admiravel. Regressando a Iasnaïa, ai fundou uma escola modelo. As viagens que fez pela Europa, que atravessou de lado a lado, ocuparam os anos seguintes da sua vida.

A mais bela parte da sua carreira literária começou em 1862, data do seu casamento com Sofia de Berce, dezasseis anos mais nova do que ele, de quem teve treze filhos. Então fixou definitivamente residencia em em Iasnaïa-Poliana.

As suas obras primas foram publicadas pela ordem cronológica seguinte: *A Guerra e a Paz* (1864-1869); *Ana Karenine* (1873-1876). Aos cincoenta anos sofreu uma grave crise moral, que nos confessa em *A minha confissão* (1879-1882).

Decidiu abraçar as doutrinas do Evangelho e procurou mostrar o caminho por que a humanidade deve seguir para conseguir a felicidade. Rompe com o mundo e faz-se vegetariano; veste blusa de moujik e trabalha ao lado dos seus serviçais. Em *A minha religião* ou em *O Comentário sobre o Evangelho*, consigna o seu testamento moral. Produziu obras de consideravel interesse literário: *A morte d'Ivan Ilitch* (1884-1886); *O Poder das Trevas*, terrivel e sombrio drama (1895); *A Sonata de Kreutzer* (1890); *Ressurreição* (1891). Ao mesmo tempo escreveu contos para o povo, tratados pedagógicos, dissertações morais e sociólogicas.

Tolstoï ressentiu-se fortemente da influencia de Jean Jacques Rousseau. Como Jean Jacques, preconisou o regresso á vida dos campos. A felicidade, dizia, consiste no abandono das cidades e no trabalho manual. Do Evangelho colheu sobretudo uma moral, que se pode resumir nestes simples preceitos: *ninguem se deve encolerisar, ninguem deve cometer o adultério, ninguem deve defender-se pela violencia, ninguem deve contribuir para a guerra.*

O seu ideal tem muitos pontos de semelhança com as doutrinas seguidas pelos doukhobortsys (ou lutadôres de espirito).

Convem acentuar que o nihilismo mistico, que é a essencia do tolstoïsmo, se aproxima mais do nirvana do que qualquer outro dogma cristão. Tolstoi não admitia de resto a imortalidade individual e inclinava-se para uma espécie de panteïsmo. Dos seus principios tirava consequencias práticas absolutamente anárquicas e destrutivas de toda a ordem de autoridade religiosa, politica e social. Criticou energicamente a igreja tal como está organizada.

Uma sociedade, segundo a sua opinião, pôde viver sobre estes dois principios: *amai-vôs uns aos outros* e «não resistis ao mal com a violencia». Não admitia a guerra, os exercitos, o direito de punir, os tribunaes.

Pedia a divisão das terras por todos os cidadãos. Como Rousseau, cria na bondade humana.

As suas doutrinas, com a autoridade, que lhes dava o seu nome de escritôr ilustre, fôram adoptadas por muitas pessoas, que, no entanto, não concordavam com o seu ideal ascético.

Por ocasião dos ultimos acontecimentos que agitaram a Russia, Tolstoi perdeu alguma coisa, se bem que pouco, do seu grande prestigio. Em 24 de fevereiro de 1901 foi excomungado pelo santo sinodo. A opinião nacional ao tempo da guerra russo-japonêza censurou com asperêza as ideias pacifistas do respeitabilissimo evangelisador.

Custódio Mendonça.

Dr. Bernardino Machado

Seguiu no dia 25 para o Brazil a desempenhar o elevado cargo de ministro da República Portuguêsa naquêle florescente país, o grande democrata e estadista, dr. Bernardino Machado.

Os seus amigos—e até inimigos—que o escolheram para aquela espinhosa missão, reconheceram nêle palavras de inteligencia e de caráter invulgares em homens públicos, e ninguem melhor do que êle poderá, ensinar dos nossos irmãos d'além-mar o que é a nossa jovem Republica e o que são as verdadeiras doutrinas democráticas.

Sua ex.ª têve uma alta manifestação de homenagem na ocasião do embarque, o que demonstra o apôio seguro que tem na opinião publica. Desejamos-lhe uma feliz viagem.

O amôr á sciencia

(De Ch. Lemaire)

Não existe nenhuma paixão que seja, em principio, menos pessoal que a inspirada pelo amôr á sciencia; nenhuma igualmente inspira mais sacrificios e abnegação. E' o mais nobre instinto do homem. Ainda que a maior parte dos sabios não sintam as ilusões e esperanças duma vida eterna, sentimentos que teem produzido tantos fanáticos e tantos sacrificios interessados, o amôr á sciencia não deixa de inspirar as abnegações mais sublimes e crêmos que maiores nos mais incrédulos. Nunca o verdadeiro sábio se receou de temôres e perigos, não obstante saber que as descobertas nenhum beneficio pessoal lhe trazem! Quão numerozos são os mártires da sciencia! E, comtudo, não é aos sábios a quem a humanidade enganada e ignorante consagra o culto do reconhecimento e mérito; por sua parte, os homens apaixonados pela sciencia dão-se por muito satisfeitos não sendo perseguidos quando, obecedendo ao devêr abnegado do seu amôr, sentem a obrigação moral de revelar a verdade ante o êrro consagrado pela hipocrisia e pelo egoismo, que ainda não cessaram de reinar no mundo.

Trad. de J. Fontana Silveira.

DOENTES

Está melhor do ataque de *gripe* que o reteve no leito por alguns dias, o nosso presado amigo e assinante, snr. Diamantino Diniz Ferreira, inteligente diretor do Colegio Mondego, de Coimbra, a quem, pela sua dedicação, a instrução em Portugal muito deve.

Folgamos.

=== Tem estado doente e de cama, achando-se felizmente já em via de restabelecimento, o nosso prezado assinante de Mangualde, snr. João da Silva, que está em tratamento na sua casa da Pampilhoza.

=== Tambem tem estado doente a ex.ma esposa do snr. Hipolito da Silva, zeloso sub-Inspector do Movimento da Companhia da Beira Alta e mãe dos nossos presados assinantes, snrs. Hipolito da Silva Junior e João da Silva, da Pampilhoza.

Desejamos as melhoras dos ilustres enfermos.

Aos assinantes

Pela ultima vez avisamos todos aqueles que ainda não pagaram o 1.º trimestre, de que vamos suspender-lhes a remessa do «Dever», se, dentro do prazo de quinze dias, a contar do presente numero, não mandarem satisfazer a respetiva importancia.

Fazemos grandes despesas e enormes sacrificios para sustentar este jornal, e não podemos, por isso, esperar indefinidamente pela liquidação de quantias em debito. Fica mais esta vez avisado quem não tenha ainda correspondido á nossa grande tolerancia, afim de não estranhar depois a suspensão brusca do nosso jornal.

A revolução

Ha quem diga, e mesmo eu já o tenho ouvido dizer a muita jente boa, que a revolução em Portugal está ainda por fazer.

E com efeito assim é.

A revolução está por fazer, e emquanto ela se não fizer, as coisas não entrarão nos seus eixos.

O proletariado nacional, com a solução do conflito da greve dos empregados da Companhia Carris, de Lisboa, apanhou uma lição mestra para futuros movimentos. E não foi sómente o proletariado: foram todas as classes do país.

Bombas, tiros de pistola, pedradas, tudo ali houve, menos... tranquila reflexão.

E com tão pouca coisa, com quasi nada, o país esteve alarmado por largos dias. Os boatos corriam velozmente, de cada vez mais tétricos e perigosos, de cada vez mais assustadores e aterradores.

E, afinal, viu-se o que se viu: muita parra e pouca uva.

E' que nós, pouco acostumados a conflitos sociais, a conflitos de certa natureza, trememos ao primeiro estampido que perto de nós se faça ouvir.

Uma coisa nos consola, porem, e vem a ser que as nossas revoluções têm tido sempre, ao contrario das revoluções negras do Haiti, um objetivo.

Se nem sempre esse objetivo tem sido alcançado, nem por isso as revoluções têm deixado de frutificar e de emancipar a sociedade portuguêsa preparando-a e educando a para as maiores lutas em prol do seu ideal.

Desde 1820 até aos nossos dias, o sangue que tem corrido, como que tem purificado e nutrido a alma popular portuguêsa, sempre capaz dos mais altos rasgos de heroismo e patriotismo.

Sim; a revolução está por fazer. E quando ela estalar, quando a revolução chegar aos campos afastados das grandes cidades de Portugal, iniciar-se-á então uma nova era de regeneração, que é do que nós carecemos, sobretudo, para caminharmos na vanguarda do progresso, para por ninguem sermos apontados ou excluidos, todas as vezes que se trate de fomentar a instrução e popularisar os povos no seio das demais nações do mundo culto.

O país português tem tendencias revolucionarias, e felizmente que tem sabido aproveitar essas suas faculdades de combate.

Oxalá que não desmereça jamais do conceito em que está tido, e que a revolução, a verdadeira, a genuina revolução, se não faça esperar muito, para bem de todos os que, além do nome de portuguêses, mais alguma coisa querem ter.

ALMEIDA JUNIOR.

Desastre

Mais um pobre trabalhador ferroviario acaba de ser vitima do seu ingrato mistér.

Sebastião Marques Lopes, factor da Companhia da Beira Alta, e natural de Canas de Senhorim, indo, no domingo passado, em serviço de revisão no comboio n.º 3 daquela linha, teve a infelicidade de, ao passar na ponte de Mortagua, caír á linha, cujo desastre lhe causou morte instantania.

Dali foi removido para a vila de Mortagua, onde o funeral teve logar a espensas da Companhia, que foi representada pelo fiscal da Exploração e nosso presado amigo, snr. Celestino Esteves Corrêa.

Cativantes fôram as provas inequivocas de dedicada afeição do belo povo daquela vila e respétivas autoridades, que, auxiliando a realisação do préstito funebre do desditôso rapaz, prestando ao funeral o seu concurso desinteressado, mostraram mais uma vez que a classe ferro-viaria lhes não é desaféta, e que o público, sempre que póde, lhe demonstra a sua leal amisade e lhe dispensa o seu importante valimento.

Sebastião Lopes tinha 21 anos. Génio folgazão, ás vêzes um pouco desiquilibrado, era no fundo um bêlo camarada, leal, amigo, humilde e submisso.

Ainda não ha muitos mezes que ali, em Pampilhoza, desastradamente tambem faleceu um seu companheiro de trabalho, de nome Tardio, e com o qual houvera tido uma questão pessoal que passou a vias de facto.

Lopes, o pobre morto dagora, não estava em Pampilhoza quando Tardio morreu.

Mas logo que chegou, foi o primeiro a lamentar sentidamente a morte do seu infortunado *inimigo*.

Afinal lá estão ambos, como que a perdoarem-se mutuamente os seus agravos. E' o Destino, ás vêzes trágico Destino é êle. Ambos na flôr da vida, na pujança da vida, desapareceram do mundo dos vivos, que não é mais do que um mundo de ingratidões crueis.

Ferro-viarios de Portugal

E' com satisfação que eu constato que de dia para dia esta secção vae inspirando de cada vez mais interesse aos nossos camaradas ferroviarios.

Augusto, um camarada ponderado, um belo combatente em pról da minha causa, mas que eu aliáz não tenho o gosto de conhecêr, veio, no passado n.º do *Dever*, aconselhar-me, como que indicar-me o caminho da lógica, o melhor caminho a trilhar para o conseguimento da realisação do ideal pelo qual ambos combatemos.

Agradeço-lhe as palavras amigas com que a mim se dirigiu, e, estando eu sempre de acôrdo com tudo que denote avanço colétivo, não podia, de maneira ninhuma, deixar de estar agora de acordo tambem com o Augusto.

A classe ferro-viaria de Portugal, nomeadamente os camaradas da Beira Alta, compreendem muito bem a triste situação em que se encontram, mas tambem compreendem o seu valimento sob o ponto de vista colétivo.

O tempo dos despotismos já fêz sua época, e quem trabalha, quem sofre, quem produz necessita de condigna remuneração.

Eu bem sei que é um êrro doutrinar muito, emquanto uma classe não estiver devidamente preparada para evolucionar. Mas o que eu tive sempre em vista, foi acompanhar os conselhos de união com os conselhos de regeneração. E é isto o que o Augusto não pode ter deixado ainda de vêr em mim, se tem acompanhado de perto os meus escritos.

Uma classe como a nossa, presado amigo, tem que fazer carreira. Tem que se emancipar, e emancipar-se-á, esteja certo disso.

Ha dez anos que, no nosso seio, tudo parece mudado, tudo parece transformado. Mais alguns anos volvidos, e teremos chegado á almejada *méta*.

A coragem é o sentimento dos fortes, e coragem ainda nos não faltou. Que o Augusto tenha coragem tambem.

Belmiro.

NOTAS CRITICAS

Na conferencia que realisou na Universidade de Oxford, e de que os jornaes publicaram um largo extrato telegrafico, o snr. Roosevelt terminou, definindo o dever internacional das grandes potencias. Qual é esse dever? Respondem as suas palavras:

No atual estado de coisas, o maior dever dos povos mais adeantados e mais livres consiste em impedir que qualquer barbarismo ou despotismo possa deter o progresso do mundo.

Não se póde chamar ao snr. Roosevelt um poeta, na delicada acêção dêste termo, e todavia as suas palavras, ditas com a firme clareza dos verdadeiros homens de Estado, correspondem ao que até agora tem sido considerado por muitos espiritos, que se consideram praticos, como um quimerico sonho de poetas. Essa intervenção dos povos livres nos destinos das nações escravas, e por isso mesmo improgressivas, constituindo um intoleravel trambôlho que dificulta a marcha da humanidade consciente e emancipada para um futuro radioso, ha muito a reclamam as almas entusiastas, os pensadores generosos, os filosofos previdentes. Tem-se reclamado com nobres cantos, com magnificos gestos, com aflitivos apelos. E por não se atender a esses gestos, nem a essas vozes, — vergonhosas manchas teem laivado as paginas gloriosas das maiores nações do mundo. A sua propria fôrça é o seu estigma. Bastaria um movimento, da sua parte, para evitar as selvagerias do despotismo. A sua imobilidade, a sua indiferença tem refletido um egoismo monstruoso. Para só citar um exemplo, basta o da Polonia trucidada, desmembrada, para eternamente enodoar a historia das grandes nações.

Necessário é que novos tempos tenham raiado para se ouvir da bôca dum homem como Roosevelt, representante duma raça que não é dada a esterejs sentimentalismos, a proclamação duma atitude que ha-de influir na marcha do mundo. Sim! E' necessario que a torrente das lagrimas e a lava das indignações tenham sucessivamente debastado e abrazado o coração humano para que já o não vejamos empedernido nesses egoismos crueis. Chegou emfim a hora do messianismo dos póvos? Chegou emfim a hora de vêrmos, de toda a parte, as legiões do Direito varrerem, na sua frente, as hordas do despotismo que deshonram a terra? Roosevelt parece ter a visão dêste grande movimento dos póvos emancipados, correndo em auxilio dos póvos oprimidos. A opinião mundial resgatou-se já das suas glaciaes indiferenças com a sua atitude na questão Dreyfus e com a sua atitude na questão Ferrer. Esses dois grandes movimentos das almas marcam uma aurora na historia da humanidade. Uma admiravel, onipotente fôrça moral nelas se manifestou, e foi bastante para triunfar. Se á sua fôrça moral se junta a fôrça material dos póvos, emfim solidarisados em todo o ambito da terra para varrerem os espantalhos do Passado, — o mundo vae entrar numa era sublime.

As palavras de Roosevelt irradiam como um sol entre as estrelas que constelam a bandeira do seu país. Dessa grande democracia vem o grito sonoro duma humanidade nova. E' a Fôrça abraçada ao Direito,— e dêsse entendimento sagrado brota uma promessa divina!

MÁRIO SIMÕES DA SILVA.

ALVARO FERRÃO

Obteve passagem de media para o 7.º ano do liceu, este nosso prezado amigo e assinante, a quem cumprimentamos e a sua ex.ma familia.

"O BUSSACO„

Este nosso colega reencetou com êste titulo a sua publicação na Mealhada, deixando de usar o de *Bairrada Ilustrada* que usou por algum tempo. Na sua nova fase apresenta-se bem redigido, seguindo a politica evolucionista que antes já adoptava.

Felicitamo-lo.

ANIVERSARIO

Passou na quinta-feira o aniversario natalicio do nosso presado e velho amigo, snr. Joaquim Canêlas de Castro, zeloso amanuense do serviço do movimento da Companhia da Beira Alta, e antigo correspondente de vários jornaes espanhões, a cuja criteriósa propaganda a Figueira muito deve.

Receba o nosso amigo, por este facto, um grande abraço de congratulação.

Fogueiras de S. João

Têm decorrido por aqui com pouca animação, devido ao desinteresse que os rapazes tomaram por estas diversões. Apênas houve dois pavilhões: um de rancho infantil, e outro de tricanas.

Hôje, que é o último dia para as guapas môças se divertirem, devia havêr mais entusiasmo para recrear aquêles que se limitam a vêr folgar os outros.

TRANSFERENCIA

Foi colocado em Pampilhoza como factor de 1.ª classe, o snr. Frederico Bazilio, antigo empregado da Companhia da Beira Alta.

E' a segunda vêz que Bazilio faz serviço na Pampilhoza, e convem dizer que, á sua reconhecida modestia, alía este funcionario uma grande inteligencia.

Folgâmos em o vêr entre nós.

NOVA RELOJOARIA

Acaba de instalar a sua oficina de relojoaria uma casa para tal fim destinada, o nosso amigo Saúl Baía, filho do secretario dêste jornal. Saúl Baia, que é um artista habil, encarrega-se de tôdos os concertos inerentes á sua arte, por preços muito módicos.

Ao nosso amigo felicitamos pelas suas novas instalações.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XVII

Um caso esporádico — Um professôr conscienciôso que dá lições de pedagogia a um inspetôr ignorante — Este, em compensação, levanta-lhe um processo disciplinar — Uma lição que há-de saír cara a êste escalracho do inspetorado

Agora coube a vez ao presado camarada José Sebastião de Avila Junior, professor oficial na Feteira, circulo escolar de Angra do Heroismo. O fiasco em que veio a dar o caso do Mendes Cabral, que em tempo competente aqui tratámos tambem, não serviu ao inspetôr Mendonça de exemplo. Pois a lição que isso lhe vai custar, já magistralmente esboçada na defêsa do distinto professor, que a *Revista Pedagogica* publicou, ha-de ser tremenda.

Mas historiêmos, resumidamente, o caso.

O inspetôr Mendonça, antigo professor nas freguezias de Raminho e de Santa Lusia, concelho de Angra, foi um dos felises cotemplados na fornada que o govêrno provisorio da Republica, bem pouco acertadamente, preparou há perto de um ano. Por quaisquer motivos—alheios, em todo o caso ao serviço oficial, pois que o professor Avila Junior ainda não ha muito mereceu um louvôr no *Diario do Governo*—embirrou com o professor da Feteira, o qual, sendo um homem de valôr, não tem nem podia ter feitio para sofrer humilhações e vexames. Numa inspeção que, em 6 de março do ano corrente, o referido inspetôr lhe fez á escola, averiguou Avila Junior que ele desconhecia os mais rudimentares principios de pedagogia elementar—pois que, á mistura com disparates de ordem vária, como o de pretender que para classificar os anormais pedagogicos era precisa a presença do *medico sanitario* (!), afirmou serem uma e a mesma coisa os metodos e os modos de ensino, insistindo destemperadamente na pretensão de conhecer se na escola se empregava o *método individual* ou o *método simultaneo!*

Isto, junto a outras coisas de somenos importancia, com que o inspetôr Mendonça mostrou a sua má vontade ao Avila Junior, fez com que este, que é um jornalista de pulso, um combatente arrojado, afirmasse num jornal açoriano que o seu superior não tinha competencia para dirigir uma escola, quanto mais para dirigir professores; que ele não sabia ser professor, mas que estava encarregado de orientar professores competentissimos; finalmente, que o nucleo de professores que no circulo de Angra mais tem trabalhado estava sendo ferozmente perseguido pelo inspetôr.

Que tinha o Mendonça a fazer, no caso de ter a consciencia de que tais acusações eram infundadas? Naturalmente, pedir uma sindicancia aos seus actos e chamar o Avila Junior aos tribunais pelo crime de abuso de liberdade de imprensa. Porque este falou como jornalista, e nunca como professor. Nesta qualidade respeitou ele sempre o principio de autoridade representado pelo Mendonça—tanto que o tratou com a maior urbanidade quando ele lhe foi inspecionar a escola e na correspondencia oficial tem usado sempre da maxima correção.

Pois não aconteceu assim. O feroz inspetôr, decerto por saber que no tribunal se provariam as acusações feitas e apareceriam talvez outras novas, processou o professor Avila Junior, mas disciplinarmente! E continuou, muito ancho, no seu logar...

Como já frisei acima, a lição que lhe vai ser dada anuncia-se tremenda. Nem de outra forma pode acontecer, pois que a pena de jornalista que muitos professores manejam não pode estar á disposição do rancôr das autoridades escolares.

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Reclamações

Snr. Director do *Dever:*

Não posso deixar de vir para publico protestar contra a falta de consideração e de respeito que os altos poderes têm para com os pobres professores que, trabalhando conscientemente pelo ressurgimento duma patria tão mal correspondidos vêm sempre os seus esforços da parte de quem tinha por dever estimula-los com a justiça e o bom-senso.

Sou professor ha dôse anos numa pobre aldeia de Portugal, onde tenho exercido como posso a minha alta missão, e contudo, só durante dois anos recebi renda de casa, não recebendo expediente ha perto de cinco anos. Nunca me foi fornecido um unico impresso nem material de ensino, apesar de todos os anos o reclamar ao inspetôr. Este tambem não tem diligenciado por satisfazer as minhas reclamações, o que da em resultado estar a dar aula numa casa a caír de pódre e onde a chuva caí como na rua. Tenho uma frequencia de 50 crianças, algumas das quais se têm de sentar no chão, por não ter mais bancos para lhes dar. Daqui a pouco, vejo-me obrigado a mete-las pela cozinha dentro, que pega com a casa da aula, visto a frequencia ir aumentando. Estou nesta desgraçada situação, snr. directôr, e não sei já para quem apelar. A Republica não tem atendido aos pobres professores, que tanto se fartam de pedir; e eu estou a descrêr da Republica, como descri da monarquia.

Pela publicação destas linhas, snr. directôr, se confessa muito grato o

De V., etc.,

UM HUMILDE PROFESSOR.

Estes brados flagelam-nos como espadas afiadas; aos senhores do Alto nem sequer lhes provoca um abalo. São como estatuas geladas, que se imobilisam a tôdas as imprecações. São como cinicos que ainda se arreganham, se lhes escarram na cara. E' isto Republica? Não; isto cheira a monarquia bolorenta.

REGRESSOS

Regressou da Suissa, seu país natal, acompanhado de sua ex.ma esposa, o nosso presado anunciante da Pampilhosa, Mr. Paulo Bergamin, proprietario do Grande Hotel do Bussaco, do Chalet Suisso e do *restaurant* da Pampilhoza.

Bergamin é um grande amigo de Portugal, e as classes desprotegidas desta região devem-lhe muito.

Folgamos de vê-lo de novo entre nós.

== Tambem regressou da sua casa de Fornos de Algôdres, restabelecido da doença que o acometeu, o nosso presado assinante da Pampilhosa, snr. Joaquim Martins da Costa.

Este nosso amigo acha-se em Mortagua, onde temporariamente desempenhará o seu mistér de empregado na Companhia da Beira.

FALECIMENTO

Por lapso, não démos no número passado a noticia do falecimento de Manuel da Silva Tinôco, mais conhecido por Manuel Barrêto, do Morteiro, que sucumbiu á cruel tuberculose que ha algum tempo o vinha minando.

Sentimos a sua morte.

NASCIMENTO

Deu á luz uma robusta criança do sexo masculino, a esposa do nosso presado assinante, snr. Joaquim Mendes Paulo, empregado do caminho de ferro em Pampilhoza.

Parabens.

MAIS UMA EXCURSÃO

O Grémio Velocipédico de Cantanhêde realisou domingo passado uma excursão recreativa, em que só tomaram parte os sócios do mêsmo Grémio. O itinarário seguido foi de Cantanhêde a esta povoação, indo depois por Tentugal, S. Marcos, de visita ao convento, até a Quinta do Rol, onde se efectuou um jantar festivo.

Falta de espaço

Por falta de espaço ficam para o proximo n.º varios artigos, de entre eles o *Pela Patria e pela Republica*, do nosso presado colaborador A. F. A., de Lisboa. Tambem fômos obrigados a retirar o anuncio do nosso presado amigo, snr. Antonio José Abrantes, da Figueira. Desculpem os nossos leitores.

Mercado de Cantanhede

Preço dos generos em 20 de junho

Milho Branco	480
» Amarelo	500
Trigo Mouro	680
» Tremez	620
» Mourisco	620
Cevada	360
Arroz	1$150
Feijão Môcho	980
» Branco	680
» Amarelo	820
» Rajado	520
» Frade	500
» Carraço	600
» Brazileiro	820
» Canario	660
Ervilha	600
Tremôço	540
Grão de Bico	620
Chicharo	340
Azeite	3$000
Vinho tinto	800
» Branco	850
Vinagre	400
Geropiga	1$200
Aguardente	3$000
Batata	320
Lã	3$400
Sal	100

UM DIA FELIZ

Chegou de Lisboa no dia 23 o nosso assinante, snr. Manuel dos Ramos, dando sua mulher á luz no mêsmo dia uma robusta criança do sexo feminino. Felicitamos.

CORRESPONDENCIA

Figueira da Foz, 26.

Segundo comunicação telegráfica, sabe-se têr naufragado nos bancos da Terra Nova, onde se empregava na pesca do bacalhau, o *hiate Figueira*, pertencente á *Empreza Foz do Mondego*, desta praça.

A tripulação, felizmente, foi toda salva.

—— Com grande concorrencia de romeiros, passaram as anunciadas festas do S. João, nesta cidade, as quais se compõem especialmente do celebre *banho santo*, pois que os ranchos que outrora se exibiam, desapareceram este ano do programa dos festejos.

O que deveras agradou, foram os concertos efetuados nas noites de 23 e 24, pela banda do regimento d'Infanteria n.º 14, e filarmanica *10 de agosto*. Por este andar, as festas que anualmente se costumavam realisar em honra do santo casamenteiro, desaparecerão por completo dos habitos populares.

Paciencia, que a monarquia tambem desapareceu de Portugal.

—— Espera-se que a época balnear seja este ano muito concorrida, em virtude da grande procura de casas, que já se acham quasi todas arrendadas.

No passado domingo, abriu o Café Espanhol, e muito breve abrirão outros estabelecimentos de recreio. Ao que dizem, o *Casino Mondego* tambem abrirá este ano, dando sessões animatograficas e variedades. Na praia, de dia para dia, se vão armando mais barracas, o que nos leva a crêr que a concorrencia será grande.

Oxalá que assim seja.

—— Nos dias 1 e 2 de julho p. futuro vem a esta cidade a Companhia Portuguêsa de Operêta, dar duas récitas, com as aplaudidas péças: *Casta Suzana e Amores de Principe*. Já estão quasi passados todos os logares.

—— O movimento maritimo deste porto, tem sido muito deminuto nas ultimas semanas.

A. d'Oliveira Guerra.

ANUNCIOS

JOSE MARQUES
CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL
Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Editos de 30 dias

(*1.ª publicação*)

NO Juizo de Direito da Comarca de Montemór-o-Velho, e cartório do escrivão abaixo assinado, na acção requerida por Joaquim Maria Monteiro de Campos, casado, do logar dos Carapêtos, freguezia do Seixo, em que ele pede a entrega dos bens que dêvam pertencer-lhe de seu pai João Monteiro de Campos, ausente ha mais de vinte e tres anos nos Estados-Unidos do Brazil, sem dêle havêr noticias, e casado com Ana Gômes Lavradora, do logar de Vale Canosa, d'esta comarca, correm éditos de trinta dias e de seis mêzes a contar da segunda publicação do anuncio no *Diario do Governo*, citando respectivamente os interessados incertos e o dito ausente para na segunda audiencia do mesmo juizo, depois de findo o praso dos éditos, vêrem acusar-se-lhes esta citação e marcar-se-lhes três audiencias para a contestação.

As audiencias d'este juizo fazem-se todas as segundas e quintas-feiras, por dez horas da manhã, no tribunal judicial em Montemór-o-Velho, sito á Praça da Republica, não sendo declarados feriados.

Montemór-o-Velho, oito de junho de 1912.

O escrivão,
Adrião Pereira Forjar de Sampaio.

Veriquei:
O Juiz de Direito,
Lemos Viana.

Fabrica de bolachas e biscoitos da Estrela
Couraça da Estrela, 1 a 15
COIMBRA

Esta casa é que melhor fabríca e vende em melhores condições.

O Proprietario,
Manoel Pereira Junior.

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira
CANTANHEDE

Editos de 30 dias

(*2.ª publicação*)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, e pelo cartorio do escrivão do 2.º oficio, correm éditos de 30 dias contados da segunda publicação dêste anuncio no *Diario do Governo*, citando o interessado Joaquiam Gonçalves Nora, viuvo, das Quintas, freguezia das Means, d'esta comarca, auzente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para todos os termos até final do inventario orfanológico a que nêste juizo se procede por óbito de sua mulher Ana dos Reis Nora, moradora que foi no mesmo logar das Quintas, e em que é inventariante Maria dos Reis, do referido logar.

Montemór-o-Velho, 27 de junho de 1912.

O escrivão,
João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de Direito,
Lemos Viana.

Arrematação judicial

(*2.ª publicação*)

NO dia 30 do corrente mês, por onze horas, á porta do tribunal judicial em Montemór-o-Velho, vai á praça para ser arrematado pelo maior preço além do abaixo designado o seguinte prédio penhorado na execução hipotecária que em Coimbra move Dôna Maria Albertina de Quadros, solteira, da mêsma cidade, contra José Lopes Azêdo, Manoel Lopes Azêdo, solteiros, residentes em Lisbôa, Joaquim Lopes Azêdo, solteiro, da Carapinheira, Maria Lopes Azêdo e Fernando Lopes Azêdo, solteiros, menores, de Lisbôa, e representados por seu pai Antonio Lopes Azêdo, tambem residente em Lisbôa, a sabêr:

Um prédio que se compõe de casas de habitação, currais, terra de semeadura alta e baixa com árvores de fruto e vinha, eira e alpendre, no logar de Lavariz, foreiro dos herdeiros do Doutôr Joaquim Inácio Roxânes, de Coimbra, em 980¹,21 de milho, uma galinha e um galo anualmente, com excéção de uma leira de terra que é alodial, prédio que é dividido pela estrada distrital e por duas leiras de terra, uma das quais já em tempo pertenceu ao mêsmo prédio; vai á praça em *quatrocentos setenta e nove mil setecentos e sessenta réis*..... 479$760.

São citados pâra a arrematação quaisquer crédôres incertos.

Montemór-o-Velho, 4 de junho de 1912.

O escrivão,
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:
Lemos Viana.

Arrematação judicial

(*2.ª publicação*)

NO dia 14 de julho próximo, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial desta comarca, vai á praça para pagamento de dividas, e para ser arrematado pelo maior lanço que fôr oferecido, além do que lhe vai designado, que é o da sua avaliação, o seguinte prédio pertencente ao casal inventariado por óbito de Manuel d'Oliveira, morador que foi em Gatões, a saber:— A quarta parte de uma terra lavradia que toda mede 4:320m² (ou oito aguilhadas) no sitio da Cruz, limite de Gatões, vai á praça em cincoenta mil réis—50$000 réis.

São citados para a arrematação quaisquer credores incertos.

A contribuição do registo respétivo é paga por inteiro á custa do arrematante.

Montemór-o-Velho, 18 de junho de 1912.

O escrivão,
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:
Lemos Viana.

Palace Hotel, Bussaco
(PORTUGAL)
OUVERT TOUTE L'ANNÉE
PAUL BERGAMIN
Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).
Automobiles et Voitures

(17) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

Cumpridas assim estas formalidades, aliás imprescindiveis em casos analogos, Julio foi nêsse dia e nos dias subsequentes fazer novamente de galã no Chiado, em frente da casa onde ainda residia a fidalga. Viu-a, e notou que lhe não era desafêto. Era, pois, amôr que nutria por ele.

Abro aqui um brevissimo parentesis para, sobre este assunto, repetir as palavras dum grande escritor, tão veneravel como imortal: «Uns corações—disse ele—têm melhor carnadura que outros. Ha deles que cicatrisam depressa golpes fundos. Outros, escoriados á superficie, ulceram mortalmente; e, se escapam, a lesão para toda a vida é certa.»

Ora o de D. Amelia Cabral era certamente dos ultimos. A imagem de Julio Dally roçou-lhe um dia pelo coração, mas mossegou-o bastante para ficar lesado indefinidamente. E' como se explica esta nova inclinação, dobados seis anos, para um homem que primeiro ocupou logar no coração virgem duma mulher.

Estes galanteios foram assim correndo por alguns dias, até que uma tarde Julio aventurou-se a ir ao solar dos Cabrais pedir a D. Leocadia a mão de sua gentil filha.

Apresentou-se grave e contrito, como convinha a um homem já passante dos quarenta, viuvo, sofredor dum desgosto cruel, bastantemente escarmentado para não mais enveredar por invios caminhos; e deu provas de bondade, de lhaneza de carater, de respeitador do sagrado liame conjugal.

D. Leocadia, mais que convencida, e menos escrupulosa em pontos de honra que o seu defunto marido, não hesitou em dar a sua anuencia, que a filha, sempre obediente, acatou com palpitante jubilo.

E dias depois celebrava-se com toda a pompa e brilho, numa igreja da capital, o casamento de Julio com a fidalga do Chiado. A lua de mel fôram passa-la a Coimbra para a casa da rua do Correio, ainda não habitada, e a instalação definitiva foi fixada em Celas, já nas abas da cidade, num predio principesco ali comprado.

VII

Tereza, ao saber da raincidencia do amante, ficou vivamente chofrada; e, quando o defrontou, teve para ele ritus sinistros e zombeteiros, porque o caso já passava a ser burlesco. Julio revelava-se verdadeiramente cénico como Bandelaire, e escarnecia a virtude como Byron; mas ele não atendia a estas imperfeições morais. O que fez naquele momento de invétivas foi usar do seu já proverbial desplante e aplacar, com razões mais ou menos convincentes, o espirito de Tereza, que se deixou dominar e se conformou com as circunstancias, já que era destino seu.

Mas o que se pode opôr ao destino é a natureza fragil que, em regra, caraterisa a mulher. Nem sempre o fino tato de que ela dispõe a evita de cair num abismo, quando esse abismo tem a cobri-lo um encanastrado de rosas que inebriam com o seu arôma.

Foi o que sucedeu com Tereza. Mas agora não tinha porque apelar; via-se obrigada a render-se.

•

Julio, como um verdadeiro sibarita, levava uma vida despreocupada e volutuosa.

Comprára um cavalo de sela, um cavalo arabe, para andar passeando pelas ruas da cidade, envaidando-se em lhe tocar de quando em vez com os acicates para o fazer atirar galões, numa atitude galharda, dengosa, para dar nas vistas.

Nestas e noutras galas, e em viagens repetidas a Lisboa, se iam desbaratando os dezoito contos, décuplicados com os contos da esposa. Mas a felicidade nem sempre é eterna; e a espada de Damocles ia estar iminente sobre a sua cabeça. O Destino queria consumar a vida dum perdido, asseteando-o com os golpes da adversidade; queria despenhar no inferno quem não soubera viver no paraizo.

Como dissemos atraz, Julio desejava muito ter um filho; mas a sorte sempre lhe recusou esse mimo, talvez para lhe não tornar perfeita a felicidade, visto que felicidade perfeita não existe.

Um dia, porem, o acaso quis zombar dele, fazendo com que uma mãi desnaturada fôsse expôr uma criancinha, dentro duma condeça, á porta da sua casa em Celas. A criada, uma serviçal já idosa, quando pela manhã vai a abrir a porta e dá com o recemnascido a vagir desesperadamente, ficou muito admirada, e, tomando a condeça, foi mostra-la aos amos.

Julio, louco de alegria, cobriu de beijos o inocente, que era um menino muito galante, e imaginando que a Sorte se apiedara dele, mandou-o para uma ama, que cuidou desveladamente do anjinho. Ao fim dum ano a criança estava deveras formosa, e Julio estremecia-a como se fosse do seu sangue; mas um dia o pequenino quando já começava a acordar no seu espirito a ideia das coisas, foi acometido duma doença rebelde que o vitimou.

(*Continúa*).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

MILHARAES ENFEZADOS

— EM —

Terras de rega

Deitando aos **milharaes** em terra de rega o **Nitrato Melhorado** com **Potassa** em **Cobertura,** marca **NMP 104** chega-se a ter colheitas de **milho** produzindo o dobro e ainda mais.

Assim como o homem precisa para viver, legumes, carne, pão, vinho, frutos, etc., as **plantas** precisam de **Azote, Acido Fosforico** e **Potassa,** e tambem de frescura no terreno para resistirem aos calores, concluindo se por isso que faltando uma destas cousas, as plantas morrem ou ficam bastante enfezadas por falta de alimento.

Quazi sempre o aspeto amarelado do **milho,** é devido á deficiente adubação de **Azote e Potassa** quando no terreno ha frescura, ou agua para regar.

Ora, se ao homem derem a beber agua, quando ele precisa de pão, o estomago torna-se debil e daí a doença e o aspeto doentio. E' o mesmo que regar o milharal, tendo ele falta de **Azote e Potassa.**

Dêmos ao homem para viver o vinho, e o pão, mas dêmos tambem ao **milho,** para **muito produzir,** o **Azote e Potassa,** por meio do **Nitrato Melhorado com Potassa,** marca **NMP 104,** na razão de 15 gramas por metro quadrado, aplicado por onde a agua passar quando se rega, mas deve ser quando o **milho** estiver já arrendado, e antes de lançar a bandeira.

Com este magnifico adubo, o **milho** tornar-se-ha rapidamente de uma côr verde, muito escura, dando muitas e grandissimas espigas, com os grãos todos muito cheios, parecendo um completo milagre!!!

Lavradores!... experimentae com um saco de **Nitrato Melhorado com Potassa** no vosso predio de **Milho,** ainda este ano e vereis a felicidade que vos proporciona os adubos da casa **Herold,** marca **Foice e Trevo de 4 Folhas.**

Dirigir por postal ao Agente **Fortunato Vaz,** morador em **Camarneira—Cantanhede,** que rapidamente manda despachar do armazem mais proximo, Lisboa, Porto ou Pampilhosa do Botão, ou entrega nos seus depositos de Oliveira do Bairro, Mogofores ou Cantanhede.

Dão-se esclarecimentos mais detalhados, verbalmente ou por escripto, a quem os desejar.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

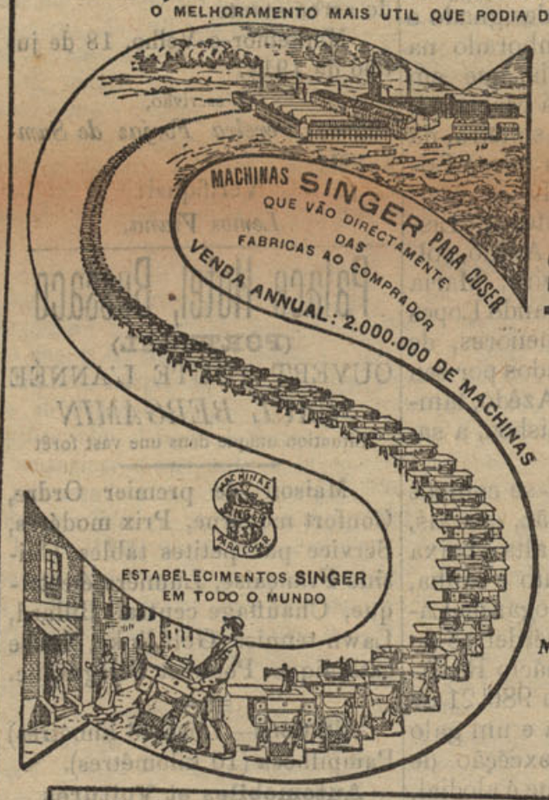
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 7 de Julho de 1912 — N.º 20

O DEVER

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Semanário Republicâno

Pátria e Humanidade

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRÚZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Defêza da República

Não é com leis barbaras, com violentas leis que o país se emancipa. Não é com leis barbaras que se ilustra um pôvo.

O pôvo carece mais de instrução, de palavras amigas de incitamento, do que de medidas inergicas que o podem revoltar, depois do terem enojado.

A imprensa tem-se ocupado da promulgação das ultimas leis que o parlamento, o parlamento português, cheirando a D. João III, deu á luz nos ultimos dias, em parto facil, em parto de momento e sem grandes dôres de reflexão nem grande dispendio de senso.

Se as leis fossem aplicadas, em Portugal, consoante o seu espirito, a intensão que o legisladôr teve em vista, bem estava.

Mas infelizmente, no nosso meio acanhado, nêste ambiente doentio em que vivêmos, as leis são aplicadas, a maior parte das vezes, não se encarando com minudencia o espirito e as intenções com que foram elaboradas, mas conforme o modo de as interpretar, e essas interpretações, variando o temperamento e o grau de cultura intelétual de individuo para individuo, decididamente têm que ser desiguais, e algumas vêzes, — quem sabe — erróneas interpretações, que podem prejudicar a República, que, afinal, tinham em vista defender.

Está ainda na memória de toda a gente que nêste país se interessa por coisas públicas, as peripécias que se deram com a negregada lei de 13 de fevereiro, que causou rios de lagrimas, páginas sentidas de saudade aos pobres exilados que, por amor da Patria, lá longe, em terras inóspitas de Africa, lhe sentiram os rancorosos efeitos, e seria bom que, estando, ou devendo estar, isso na memória d'alguns homens da República, eles ponderassem melhor, agora, ao confecionarem, eles mesmos, as leis que ai ficam e que, se a alguem podem aproveitar, é aos conspiradores, aos inimigos do poder constituido em Portugal, que são os que ficam sempre com o maior quinhão de efeitos e resultados de coisas desta natureza, porque, com o descontentamento do pôvo, é sempre a sua causa que mais lucra. E os legisladores das novas leis de excêção bem sabem isso.

Justificando o seu êrro, alguns homens da comissão elaboradôra de leis em defeza do regime, vieram a público explicar a razão que os levou a sancionarem os respétivos pareceres, os respétivos relatórios que precederam a modificação á lei de imprensa, etc., procurando fazer vêr que as modificações não têm em vista a inergia desmedida, a desmedida violencia.

Será assim, mas a verdade, a dura verdade é que, como já dissémos, o parlamento podia, se tivesse ele que as aplicar, dar-lhe juridica interpretação, diferente da que lhe irão dar os juizes que nelas se tenham que bazear para aplicar as pênas, e assim as conclusões não poderão nunca ser cabais e satisfatórias, como é lógico deduzir, e como já o deduziu o maior jurisconsulto da nossa terra, depois do 31 de janeiro, o grande Lopo Váz, cuja lei contra a imprensa, por um inofensivo artigo de gazeta, atirou com João Chagas para fóra da sua patria, para longe dos seus amigos!

E Lopo deduziu porque, depois dêsse facto tremendo, a que deu causa a má interpretação do Conselho de Guerra de Leixões, veio a público, revoltado, indignado, aterrado, surpreendido, explicar a sua obra, como que ensinar a aplica-la.

Mas quem sofria que sofresse. Longe ou perto da familia, dentro ou fóra da sua patria, que continuasse a chorar, que continuasse a gemêr. Agora, que os tempos são outros, ha que distinguir.

Quanto mais se amordaçar, quanto mais se procurar abafar um protesto, destruir uma idéia, tanto mais longe esse protesto bradará, tanto mais profunda e frutificadôra essa idéia resultará.

A sociedade portuguêsa, liberta á custa de tanto sangue e de tanto sacrificio, sente-se bem combatendo, mas não se pode sentir bem sendo combatida, e demais a mais combatida e sufocada com medidas inergicas por aqueles precisamente em pról dos quais combateu e se sacrificou.

E esses sacrificios ê esses combates não vão ha muito tempo, para que se possam com facilidade olvidar.

Defenda-se a República, mas saiba-se defender sem cauzar grandes prejuisos á nação, que, farta de lutas, anceia por uma era de páz e de socêgo, por uma era de trabalho produtor, de economia e moralidade.

Não é bom caminhar muito em pouco tempo. E' melhor ir devagar, porque devagar se vae ao longe. E' esta a ordem natural da evolução das coisas, e deve ser esta, tambem, a ordem natural da evolução da República portuguêsa.

As violencias fazem mau cabêlo, e o pôvo já não vae á violencia.

Cuidado...

ALMEIDA JUNIOR.

NOTAS CRITICAS

Ninguem nos dá maiores desilusões do que os poetas. Será porventura justo, visto que eles proprios se vêem a toda a hora desiludidos das suas quimeras. Mas, por seu turno, infligem egual suplicio ao público crédulo que embevecidamente escuta os acordes das suas liras.

Vem isto a proposito de Heine, o nossso querido Heine do Intermezzo. *Já se viu porventura maior delicadeza de afectos? Onde é que o amor desferiu mais docemente uma fina corda de prata, enflorada de lirios? Lêr Heine, nesses cantos despidos de ironia, é entrever uma alma gentil, feminina quasi, que só encontra na graça e na fragilidade o encanto das suas emoções, e nas lagrimas derramadas o balsamo das paixões extinctas.*

Quem dirá que é este o mesmo Heine que Adolpho Brisson, numa pagina das suas crónicas, desenha segundo as revelações de um intimo do poeta? Esse Heine é um rapaz boémio que se liga a uma luveira, completamente inculta, e que só se lhe rendera diante de algumas centenas de francos, espalhados na sua frente. Viviam horrivelmente. Ela era grosseira, ele impaciente, e de tal forma a existencia corria que Heine, o dôce Heine do Intermezzo, *marcára todas as segundas-feiras para uma tareia hebdomadaria em que se liquidavam os agravos da semana.*

Entretanto, que soceguem as almas virtuosas. Heine casou com ela — e a explicação do facto estará na definição que ele fazia a um grupo de escritores seus amigos, entre os quaes se encontrára Balzac.

— A vida é o contraste e ninguem o representa melhor do que o homem e a mulher. Duas dissonancias produzem uma harmonia.

A harmonia deveria ser a da pancadaria aplicada semanalmente a Matilde...

Ah! meus amigos! Ninguem seria mais encantador do que os poetas, se nos limitassemos a lêr os seus cantos e não investigassemos a sua vida. Assim, confesso-lhes, nunca mais lerei o Intermezzo *sem que ao trilo dos rouxinoes que o povoam se junte o ruido das sovas entre as quais foi engendrado.*

MARIO SIMÕES DA SILVA.

Ulisses Machado

Começa hôje a honrar as colunas dêste jornal, na secção *Voz dos Professôres*, êste distinto ornamento na classe do professorado primário, que em Lisbôa desempenha a sua missão com proficiencia e elevado critério. Jornalista brilhante, cômo professôr modelar, os seus artigos impõem-se pelo brilho das ideias que os caraterizo, cômo as suas obras didáticas se recomendam pela nitidêz e clarêza dos ensinamentos e dos preceitos práticos que as tornam preferiveis a outras do mêsmo género.

Apresentando-o hôje aos nossos leitôres, especialmente aos professôres primários que nos lêem, entendêmos prestar-lhes um bom serviço, porque a prosa sádia de Ulisses Machado, aliada aos artigos palpitantes de Manuel José António, dois professôres ilustres e dois jornalistas pedagógicos, ha de informar os professôres primários a respeito de tôdas as questões debatidas no campo da instrução do nosso país.

Assim irêmos correspondendo ao favôr que muitos professôres nos têm dispensado, assinando o nosso jornal.

Mortos que vivem

Leon Tolstoï

Pômos fim ás informações assaz detalhadas que démos aos nossos prezados leitôres ácêrca da vida acidentada e da obra imorredoira de Leon Tolstoï, mercê de pormenores colhidos na revista francêsa a que já aludimos, com êste artigo, quiçá tanto ou mais interessante do que os precedentes.

Os revolucionários sofrêram uma enorme decêção ao vêr que Tolstoï, longe de enfileirar no seu partido, o considerava tão prejudicial cômo os govêrnos tradicionais: não é preciso vencêr o mal pelo mal. Tolstoï não acreditava na eficácia das revoluções violentas, e punha ao contrário tôda a sua esperança na regeneração moral dos indivíduos. Partidário do mais simples comunismo, atacava o socialismo ocidental.

Nas suas obras consagradas, *O que é a arte?* e *Shakespeare e o drama*, Tolstoi, que deve incontestavelmente a sua glória aos seus mêritos literários, negou o valôr de tôdas as obras que dêsde séculos a intelectualidade admira e cita. E' então que fala das obras «grosseiras e selvagens e muitas vêzes insensatas dos antigos grêgos Sofocle, Eurípedes, Esquilo e Aristôfane, ou dos modernos Dante, Tasso, Milton, Shakespeare»!

As ideias de Tolstoï, cômo sociólogo e moralista, que na prática são origem de grandes males, são desprovidas de tôdo o interesse filosófico. O romancista histórico russo, Melchior de Vogüé, disse: «Procurar-se-ha em vão uma ideia original nas revelações que nos faz o apóstolo de Toula. Na obra de Tolstoï encontram-se apênas os ténues traços do racionalismo no tocante á religião, do comunismo no referente á sociologia, o velho sonho do milênio, a tradição da meia idade. Feliz Russia, onde as quiméras são por enquanto tão ingénuas!...»

Romancista que pôde gloriosamente formar a par dos maiores, Tolstoï tinha na velhice desprêzo absoluto pela sua obra literária. Flaubert, lendo uma passagem de um romance de Tolstoï (a morte do conde Bezoukhov, em *A Guerra e a Paz*), exclamou: «Isto é de Shakespeare; é de Shakespeare, com certêza!»

Tolstoi foi um pintôr de consciencia extraordinária e um psicólogo de excecional penetração. Com a mêsma nitidêz, o mêsmo vigôr, a mêsma meticulosa análize, descreve o mundo exteriôr e interiôr da alma. Realista completo e sem *parti pris* na descrição dos meios, é de inexcedivel precisão na evocação dos costumes do passado, na observação da vida mundâna e na descrição da naturêza. Soube analizar, decompôr cômo ninguem os estados mais secretos da alma russa contemporânea. Ele mêsmo a reprezentou nos seus romances em que figura cômo personagem. No Oleonine d'*Os Cossacos*, no Pierre Bezoukhov d'*A Guerra e a Paz*, no Levine d'*Ana Karenine* patenteia-se o fatalismo, o nihilismo, «a indiferença mistica» (Vogüé), caraterísticas da alma russa contemporânea.

Em *Os Cossacos*, uma das obras primas de Tolstoi, põe-se em confronto, cômo impenetraveis, a alma dos povos civilizados com a alma dos povos primitivos, em que se observa bem a naturêza com admiravel grandêza panteista.

Mas as suas duas obras essenciais são, sem dúvida, *A Guerra e a Paz* e *Ana Karenine*. *A Guerra e a Paz* é um quadro prodigiôso da sociedade russa durante as guerras do império, cêrca de 1804, obra imensa, vasta, que lembra *Os miseraveis* de Vitor Hugo. Tolstoi emprega o método de Stendal: descreve as grandes coisas pelo detalhe. E' por isso mêsmo que as suas descrições de batalhas são feitas por personagens que só se movimentam no espaço onde se encontram. Procede de identica fórma quando põe a nú as intrigas da côrte. Com esta minúcia consegue dar uma impressão viva a tudo em que iaz incidir os seus olhares.

Ana Karenine é um estudo da sociedade russa contemporânea. Nêle Tolstoi relata os amôres adúlteros do conde Vrousky com Ana, esposa do ministro de estado Karenine. A aná-

INTERESSES LOCAIS

A Instrução caíndo no abismo

O Estado desinteressa-se pelas escolas ruraes. —Arazêde, sem escolas convenientes não póde progredir. —O nosso alvitre para a construção de escolas tem o apoio de elementos da junta e da comissão admistrativa.

No nosso penultimo numero increpámos aqui justiceiramente as instancias superiores, por descurarem por completo os problemas relativos á instrução do país, mostrando-se indiferentes ás reclamações imperiosas das populações rurais que desejam nivelar o seu estado social com o dos grandes centros, que caminham baseados na instrução que desenvolvem e que valorisam com o alento de bôas inciativas e com a proteção de verdadeiras energias.

Os governos e as autoridades escolares a quem nos têmos dirigido não têm escutado os nossos brados, resolvendo a grave situação em que Arazêde se encontra da maneira mais viavel e mais sumária, para evitar conflitos de ordem moral que muito nos penalisaria se se déssem. Não obstante, nós forcejarêmos por continuar pacientemente reclamando dos poderes superiores aquilo a que mais tem direito uma população trabalhadora — a instrução, obstando sempre a qualquer anormalidade que possa ocorrer na vida local.

Arazêde não dispõe de energias proprias, já o dissémos, é necessario criá-las; não dispõe tão pouco de elementos de iniciativa que, colectivamente, possam organisar uma obra civilisadora. Desta fórma, é mistér a intervenção do Estado para, dentro das forças de que pôde dispor, concretizar em factos as nossas palavras reclamativas.

Como podem os professores verdadeiramente educar, se não têm casas proprias para ministrar um ensino cabal e proficuo? Como podem acolher toda a população escolar, se as casas existentes, verdadeiros *galinheiros* sem ar, sem luz e sem conforto, não possuem condições de capacidade para conter todos os alunos? Estamos fartos de dizer isto; mas é que, em se falando de instrução, os nossos governos fazem ouvidos de mercador, não dando expediente ás questões mais comezinhas. E' pecha dos nossos governos, está na idiosincrácia dos nossos politicos, e já agora temos que nos resignar.

O que podemos garantir é que sem escolas nunca Arazêde poderá progredir, porque não ha onde se faça uma educação integral ao povo e aos filhos do povo, não ha onde se convide este a vir escutar as prelecções e os ensinamentos dos que têm por missão evangelisar e construir, e assim, longe de se formar uma povoação que possa interessar-se no movimento evolucionador da nossa sociedade, nunca passará dum burgo de temperamentos morbidos, estanhos a todo o verdadeiro progresso e a toda a verdadeira luz.

O alvitre que outro dia aqui apresentámos para a facil construção de novas escolas nesta localidade, mereceu de alguns elementos da junta de paroquia e da comissão administrativa o apoio mais decidido e mais sincero, crendo nós que os outros elementos se não mostrarão desafetos á nossa simpatica ideia, pois que ela reveste um principio de comunismo muito da nossa feição, não lezando nenhuma entidade nem nenhum direito adquirido.

Esperamos só que o governo, perfilhando o nosso alvitre, á falta doutro mais viavel, dê imediata execução ás nossas instantes reclamações.

lize do caráter de Ana Karenine, da origem e do progresso do amôr no seu coração, dos remorsos da sua paixão criminosa que mais contribuiram para o seu suicídio, são da mais profunda e mais emocionante psicologia. E' por motivo das suas creações literárias dêste género, de uma singular originalidade, que Leon Tolstoi merece sêr colocado entre os grandes nômes da literatura universal.

CUSTÓDIO MENDONÇA.

CORRIGENDA—No artigo do número passado saiu o seguinte êrro gramatical: onde se lê: não *resistis* ao mal com a violencia, deve lêr-se: não *resisti* ao mal, etc.

Jornais

Dentre os numerosos jornais que ultimamente têmos recebido, deram-nos a honra da sua permuta *O Combate*, da Guarda, e *A Liberdade*, de Aveiro. São dois jornais de provincia que, por tudo, se impõem ao público.

O Combate, dirigido por José Augusto de Castro, o delicado artista do pensamento, autôr dos *Rebeldes* e de tantas obras sociais, é um jornal sensato, de critica austera, de bôa orientarão, radical nos seus principios e progressivo nos seus ideais de luta intransigente, o que demonstra a sólida estrutura do seu directôr, que é um espirito tenaz e combativo; *A Liberdade*, o único jornal de provincia que se publica semanalmente de seis páginas, tem á frente o ilustre deputado, snr. Alberto Souto, democrata sincero e trabalhadôr, que sabe lutar pelos interesses do seu círculo, e que, cômo jornalista, sabe imprimir ao seu brilhante periódico o cunho carateristico dos jornais modernos, com uma larga informação, com assuntos variados, e com o são critério dos jornais que se prezam.

Ao *Combate* e á *Liberdade* aqui deixamos os nossos agradecimentos.

CARTA DE LISBOA

JULHO, 2.

Partiu hoje para o estrangeiro, acompanhado de sua ex.ma esposa, o snr. dr. Antonio Macieira, ex-ministro da justiça.

Tomaram logar no *Sud-express*, tendo despedida muito afectuosa, vendo-se na gare do Rocio muitos amigos, deputados, senadores, etc.

O dr. Antonio Macieira é um belo caráter, e a provál-o está a homenagem que os seus amigos e admiradôres lhe tributaram no domingo proximo passado no Teatro da Republica.

Uma comissão de amigos intimos promoveram uma subscrição para compra e oferta de uma caneta de ouro, acto que teve logar no dia e local acima indicados, seguido de uma sessão solene presidida pelo eminente estadista, snr. dr. Afonso Costa.

O vasto Teatro estava repleto, não faltando em grande numero o concurso de gentis senhoras, que deram maior realce á festa, que decorreu sempre com a maior alegria e entusiasmo.

Bem mereceu esta prova de amizade o dr. Antonio Macieira, o continuador da grande obra de Afonso Costa, autor da lei da Separação.

O ex-ministro da justiça soube cumprir sempre o seu espinhoso cargo sem se afastar da lei, não exitando nunca em a fazer cumprir, como o provou com o castigo aos bispos que, por méro rancor á mesma lei, quizeram desrespeitá-la.

Falaram na sessão solene varios oradores, que em palavras claras e sinceras enalteceram as qualidades do dr. Macieira.

Quem, como nós, assistiu a tão simpatica festa, sentiu pulsar o coração de alegria ao ouvir os oradores e em especial o snr. dr. Afonso Costa com a sua palavra cheia de amor e patriotismo.

A alegria e o entusiasmo transpareciam em todos os rostos, chegando por vezes a atingir as raias do delirio.

Foi merecida a demonstração de afecto que com lealdade prestaram os distintos oradores que falaram do dr. Macieira e da sua gloriosa obra.

A. F. A.

Exâmes do 1.º grau

Devem realisar-se ámanhã no Amieiro os dos alunos e alunas desta fréguezia.

A legação no Vaticâno

O NOSSO PROTESTO

Numa das últimas sessões do Senado fôi aprovada, por uma maioria composta de 23 senadôres, a manutenção da legação portuguêsa junto do Vaticâno. Não sabêmos bem a que rasões obedecêram êsses parlamentares pâra votarem uma tal medida que, além de acarretar enormes despêsas ao pais, constitue uma afronta aos sagrados princípios da liberdade do pensamento, que não póde vêr tolhida a sua acção, nem consente que seja conspurcada a sua obra pela mais pequêna afinidade com a Cúria Romána.

A supressão da legação, votada por 15 senadôres, não importaria pâra Portugal agitações politicas suscitadas pelas outras nações, nem mêsmo perturbações internas, porque subsiste o direito internacional, em primeiro logar, e em segundo logar, mantem-se vivo o espirito democratico e libertador da maioria dos cidadãos portuguêses, o que é garantia segura da independencia e liberdade d'acção concedida ao parlamento sobre o destino a dar á legação ridicula junto do papa.

Não há, portanto, motivo nenhum que justifique a existencia de tal embaixada.

Todos sabem que os principaes cabeças de motim de tantas pertui bações que tem havido no pais são sempre os eclesiásticos, descontentes com a lei da Separação, porque lhes cerceou muitos abusos; todos sabem que a Cúria em todos os tempos e em todas as idades tem procurado esmagar a supremacia do podêr civil, desejando reduzir á servidão os Estados que tentam meios de libertar-se do jugo inquisitorial do papapado de Rôma; finalmente, ninguem ignora que o papa, como jesuita-mór de todo mundo, só permitiria uma legação portuguêsa junto do Vaticâno, com a condição dos bispos que fôram castigados regressarem ás suas respectivas dioceses e de sêr feita uma revisão á lei de Separação, além doutras condições impostas pelo *santo* padre.

Isto é sintomático, e tanto bastava para nos advertir que o papa, nesta questão, anda com pés de lã, e que, pela sua parte, não dará motivo —nem êle, nem talvêz os clericaes— *a que um dia possa havêr rotura nas nossas relações contra o Vaticâno*, conforme ponderou um vulto politico de grande representação no país. O papa é manhôso, como todos os da sua grei, e o intuito dêle percebe-se fácilmente.

Ora, é por isto que o *Livre Pensamento*, órgam brilhante da Associação do Registo Civil, anda protestando energicamente *contra qualquer transigencia da República Portuguêsa perante a Cúria Romána*, empregando todos os meios ao seu alcance para que o parlamento aprove a supressão da embaixada que nenhuma rasão tem no atual momento para existir.

Nós, utilisando o nosso pequêno reforço, colocamo-nos incondicionalmente ao lado do *Livre Pensamento*, formulando aqui dêsde já o nosso mais enérgico protesto.

ANTI-ALCOOLISMO

Os perigos do alcoolismo sob o ponto de vista higienico e moral

V

Os aperitivos

Designa-se pelo nôme de *aperitivos* certos licôres amargos que se bebem antes das refeições, no estado de purêza, ou misturados com água. Entram na sua composição alcooes industriais e diversas substancias aromáticas. Os aperitivos mais conhecidos são o absinto, o vermut, o biter, emfim, um grande número de licôres amargos, que se vendem com o nôme dos seus fabricantes. Para dar a certos dêstes licôres uma aparencia benéfica, junta-se-lhes algumas vêzes uma substancia medicinal, cômo por exemplo a quina.

Realmente, os licôres chamados aperitivos, não só não têm utilidade, mas são, pelo contrário, de tôdas as bebidas, *as mais prejudiciais* á saúde. Com efeito, ingeridas em jejum, penetram rápidamente na circulação.

Por outro lado, a sua composição torna-as particularmente perigosas: para cem litros de licôres aperitivos, a proporção de aguardente varia de 43 a 94 litros, e esta aguardente é preparada com alcool barato, cujo sabôr é dissimulado pela mistura de substancias amargas.

Estas substancias são verdadeiros venênos, cuja acção está hôje perfeitamente determinada. Assim, para dar á aguardente o sabôr do vermut, junta-se-lhe aldeíde salicílico, bastando apênas meio centimetro cubico pâra causar um acesso de epilepsía a um cão.

Relativamente ao licôr de absinto, obtem-se aromatizando o alcool com a essencia de absinto. Ora, se se tomarem duas redômas que contenham alguns peixes e se se deitar numa seis gôtas de essencia de absinto, os peixes das duas redômas em breve morrerão, mas a morte será mais *rápida* na redôma onde se tiver deitado a essencia de absinto.

O homem que se entrega habitualmente ao absinto é acometido de vertigens: tudo gira em redor dêle; e, além de sêr perseguido por alucinações e de sêr atacado de epilepsía, sofre dôres, com prurido nas articulações e ao longo dos nêrvos, que de nôite ainda são mais violentas. Torna-se brutal, feroz, e, no seu delírio, comete muitas vêzes crimes.

«Tomar aperitivos antes da comida, disse o célebre médico Trousseau, é abrir o estômago com uma chave falsa.»

E realmente, os licôres chamados *aperitivos* tiram o apetite em vêz de o excitar.

TRANSFERENCIAS

Foi colocado em Santa Comba Dão o nosso presado amigo Manuel Guimarães, factor de 1.ª classe da Beira Alta.

Só agora tivémos conhecimento do facto, apezar dele se ter dado há já quasi um mez.

Manuel Guimarães é um nôvo que dá esperanças pelo seu zêlo como funcionario e pela sua inteligencia.

Ainda que tardiamente, aqui lhe deixamos o nosso abraço amigo.

— Para Mangualde foi transferido o nosso presado assinante de Pampilhosa, snr. Joaquim Martins da Costa, e para Pampilhosa o tambem nosso presado assinante, snr. João da Silva, ambos factores de 2.ª classe da Beira Alta.

— Passou para Santa Comba, o nosso presado assignante snr. Bernardo Bastos, zeloso chefe de 1.ª classe da mesma Companhia.

O DEVER

ASSINATURAS

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS

Ano, 999 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis.

BRAZIL

Ano, 2$000 réis, fortes.

Numero avulso, 30 réis.

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 réis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 réis; na secção respetiva, 40 réis; repetições na mesma secção, 20 réis.

Anuncios permanentes contrato especial.

Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.

Não se restituem os autografos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Aniversário jornalístico

Entrou no 2.º ano da sua publicação o nosso estimado colega, *Gazêta de Coimbra*, que tem defendido sempre com amôr e dedicação os interesses da sua terra, devotando-se por ela exclusivamente durante tôda a sua missão, sem se preocupar com lutas partidárias, quasi sempre inglórias e irritantes.

Ao nosso colega, que tem sabido conquistar na imprensa um logar de destaque, os nossos afectuosos cumprimentos.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XVIII

Mais um processo disciplinar—Ha traidôres no magistério primário e inspectôres que são verdadeiros cumplices —Isto vai sendo uma «razzia»...—Urge cpôr-lhe uma energía de ferro—Um bélo exemplo a seguir—Acautélem-se os traidôres...

Um outro caso do género do que fustiguei no último número, cômo pude ou soube, é o que se está desenrolando em Pinhel, com o colêga José António Valentim.

Conhecem-no, não é verdade? O Valentim tem sido um paladino intemerato dos interesses da escola e do professorado. E', além disso, um profissional de grande mérito—tendo até já desempenhado distintamente o cargo de inspectôr interino do seu circulo, parece-me que por mais de uma vêz. Pois está tambem processado disciplinarmente! Porquê não o sei ao certo, por ainda me não têrem chegado ãs mãos informações que ha dias pedi. O que já é do dominio público é que no procésso que lhe movêram ha infâmias, acusações tam graves e ao mêsmo tempo tam insubsistentes, que parece impossivel têrem partido de colegas — e de colegas, de mais a mais, que em tempo fôram beneficiados pelo que agora acusam, sem o minimo respeito pela verdade e pelos mais elementares devêres de camaradagem. Depois, o inspectôr parece têr tambem o máximo prazêr em se pôr ao lado dos acusadôres. E é desta fórma que têmos uma reedição aproximada dos casos A'vila Júnior e Mendes Cabral e Lopes do Amaral. O que por aí se passa vai tendo semelhanças com uma *razzia*...

Pois os ventos não vão muito favoráveis aos perseguidôres. Nem de outra fórma podia acontecêr, sôb pêna de dentro em pouco sêrem inutilisados os membros mais prestantes do professorado primário. A êste compête, seguindo o exemplo dos colegas de Gouveia, unir-se e levantar-se em frente dos maus companheiros, dos maus inspectôres — pára os marcar indelevelmente com um ferrête adequado.

Os colegas de Gouveia! Que bélo exemplo de camaradagem êles não acabam de dar, homenageando publicamente o Mendes Cabral e o Lopes do Amaral, que estiveram prestes a sêr vitimas dos zêlos insólitos de um inspectôr, que ao que parece politicos pouco escrupulosos manejam a seu talante! Em que situação êles não puséram êstes e aquêle com a manifestação carinhosa aos dois professôres, que, embora fôssem antigos republicanos, chegáram a ser processados disciplinarmente—um por têr escrito um artigo em que discordáva duma lei da República e o outro por têr publicado êsse artigo no jornal de que é editôr!

Pônham aqui os olhos os inimigos do magistério. Pônham aqui os olhos... e acautélem-se...

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Inspecção escolar

Apesar da despêsa que anualmente se tem feito com a fiscalização do ensino, bem poucos teem sido os resultados colhidos, não por falta de competencia da maioria dos respectivos funcionários, mas pela fórma por que estão organizados os serviços, que os reduzem, por assim dizêr, a uns simples burocratas.

Ainda mêsmo com o último aumento de 35 inspectôres, as coisas, há um ano para cá, vão caminhando, cômo antigamente, embora do regulamento da fiscalização do ensino houvesse tanto a esperar e isto porque aquele continua suspenso, visto termos quasi tôdo em vigôr o regulamento de 19 de setembro de 1902.

Já várias vêzes o têmos dito, o antigo número de sub-inspectôres, e talvez mêsmo o atual são ainda insuficientes para o que seria preciso, se a inspecção fôsse a valêr.

Não é pelo número de escolas que se deve calcular o número de inspetôres, porque, se há uns que poderiam prestar bons serviços nas escolas a seu cargo, outros, pela grande área por que elas estão disseminadas bem pouco podem fazer.

O que nós queriamos era que inspectôr e professor se entendêssem bem e vivêssem na melhor harmonia, sem que se désse ao mundo o espectaculo que ultimamente em várias partes se está dando, a ponto de se tornarem precisas sindicâncias.

E queriamos essa harmonia, porque só nela haveria confiança para o levantamento da instrução.

Fala-se já em que na nova lei se vai acabar, e naturalmente com razão, com os exames primários tais quais teem sido feitos há anos.

Nêste caso que sucederá, se se deixar só ao arbitrio dos mênos escrupulosos a concessão do preciso documento de habilitação aos alunos das escolas oficiais? Outro galo cantará, se o inspectôr, interessando-se tambem pela escola, visitando-a a miúde, conhecendo bem os alunos e colaborando de acôrdo com o professôr, procure elevar o nível da escola primária, remôva tudo quanto obste á bôa fréquencia, consiga que o ensino se torne o mais prático possivel e obtenha para cada escola o necessario material escolar e didático em conformidade com as exigências modernas.

Se não se conseguir levar isto a efeito, a função do inspectôr é totalmente inútil e mal empregada despêsa a que com êle tenha de fazer-se.

ULISSES MACHADO.

Transcrição

A *Educação Nacional*, do Pôrto, transcreveu no seu último número uma passagem do artigo *Pinceladas*, do nosso distinto colaboradôr, Manuel José António, inserto no n.º 17 do *Devêr*. Agradecêmos.

Pela Patria E Pela Republica

II

Eles continuam na faina da difamação contra a Republica.

O P. (H. C.), que por alguns anos empestou a bela terra de Aveiro, cuspiu mais um manifesto contra as instituições e os seus homens em destaque.

Para que serve tudo isso, homem armado? O povo conhece bem os teus processos, e assim não será facil conseguir convencel-o. Os teus ataques só definem os malfeitores contra a Patria que lhes serviu de berço.

Refiro-me áquele barqueiro que, perto da Galiza, conduzia, num barco, uma porção de impressos, sem duvida para entregar a qualquer patife encarregado de fazer a sua distribuição.

Que as autoridades competentes averiguem e cumpram o seu devêr, castigando sem piedade o barqueiro e o malandrim a quem eram destinados.

Nada de benevolencias para gente desta laia.

E' preciso fazer respeitar a Republica e castigar quem quer que seja que contra ela atente.

Os leitores já sabem, pela leitura do *Mundo*, que o celebre Alvaro Pinheiro Chagas esteve ali em Badajoz.

Por méra curiosidade indaguei dum amigo o que teria vindo fazer á fronteira aquele traidôr, e apurei que o farçante veio contratar bailarinas da mais infima especie para um café-can-

tante que *D. Manolo* vae montar na Galiza, de sociedade com o Pulha e D. Paivão.

Bate cêrto.

Quando o calôr atrofia e a consciencia péza, é mister comer para alivio e resistir ao crime. E é o que eles fazem, os miseraveis degenerados, já que mais lhes não deixam praticar.

Nós não podemos continuar a ser benevolentes. E' urgente a promulgação de medidas inergicas tendentes a fazer respeitar o poder constituido pela vontade soberana do povo português. E é isso, felizmente, o que o novo ministerio vae pondo em pratica, confirmando assim o meu vaticinio exposto no penultimo numero dêste semanário.

Tornava-se indispensavel cortar a mão nêgra que da sombra estava manobrando, jesuiticamente, ainda nos recentes conflitos sociaes já solucionados.

E' que os republicanos estão vigilantes, não dormem, e, sob a égide da Republica, não deixarão capitular a traição que os nossos inimigos tentam pôr em prática por ordem do jesuitismo expulso de Portugal na gloriosa manhã de 5 de outubro.

E os ferro-viarios, de justiça é regista-lo aqui, portaram-se, ultimamente, como bons patriotas que são, não querendo engrossar com o seu apoio as lutas nêste momento tão prejudiciais á nação.

Foi um gésto nobilitador, e que valorisa grandiosamente uma classe que afinal tanto ajudou a fazêr a Republica, com risco da propria vida que não exitaram em oferecer no momento soléne da Revolução.

Assim devem fazer todas as colétividades e todos os cidadãos, que desejam vêr emancipada a sua pátria e regenerada a sua raça.

Lisboa, junho de 1912.

A. F. A.

"A Escola Nova"

Suspendeu temporáriamente a sua publicação esta revista do professorado primário, de que era directôr o nosso ilustre amigo e distinto escritôr, dr. João de Barros.

Ferro-viarios de Portugal

A Associação Comercial de Lisboa aprovou uma moção, congratulando-se pela atitude dos ferro-viarios em face da recente gréve dos elétricos, classificando esse procedimendo de benéfico para os interesses do País e especialmente para os do comercio.

Sendo eu ferro-viario, devo confessar que me sinto feliz por vêr que a minha classe merece o conceito do pôvo e a consideração duma associação tão prestimosa quanto importante, pelo seu procedimento patriotico, apezar de a quererem arrastar elementos a ela extranhos.

Camaradas e amigos, sem distinção de categorias: a nossa classe é grande e disciplinada, e, por isso, nada de anomalias. Defendamos sempre a República.

Os sindicalistas dizem no seu *papel* que os ferro-viarios procederam como traidores. Como traidores á sua Patria, procederiamos nós se tivessemos aderido aos seus intuitos e manejos; mas, felizmente, não viram consumados os seus fins. A grande familia ferro-viaria não precisa do apoio de outras classes quando por uma causa justa tenha que defender-se e lutar. Conscia dos seus deveres, a nossa classe saberá caminhar e não esquecerá que é um baluarte importante para os interesses da sua Patria, ainda que em momentos dificeis tenha que parar para não prejudicar a vida normal duma nação que precisa caminhar e progredir.

Nada, pois, de politica, e apenas os nossos interesses e especialmente os da Patria devemos ter em vista.

O publico já comenta que se tentou por todos os meios, a titulo de solidariedade, envolver a classe ferro-viaria na greve geral, e que se tentou, ainda, arrastar outras classes a aderir á greve injustificada dos elétricos, que, a efétuar-se, não seria um protesto, mas uma verdadeira revolução no país, que nos conduziria á dezordem geral e não sei a que mais nos poderia ainda conduzir.

A classe ferro-viaria, com raras excéções de alguns obcecados, soube manter-se ordeira, e, não anuindo a incitamentos malevolos, pensou mais no bem da patria, que redunda no seu proprio bem, e salvou o pais, talvez, duma tremenda catástrofe.

Bem merecido foi o louvor que a Assembleia Geral dos acionistas da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses votou em sessãe de 29 de junho p. p. relativamente ao procedimento honroso dos seus empregados. A classe dos empregados dos Caminhos de Ferro é um valioso elemento de ordem e de páz e por consequencia do progresso.

Vivam os empregados dos Caminhos de Ferro!

Viva a Republica Portuguêsa!

Lisboa, julho. *A. F. A.*

Publicações

José Agostinho não abandona as suas doutrinas teistas. Agora publicou *O Estado sem Deus* e *A existencia de Deus* (2.º opusculo). E' uma campanha inglória que, longe de o imortalizar, mais lhe há-de cavar o abismo de descrédito que lhe abriram os seus adversários. E contudo, José Agostinho é um talento e uma cerebração; mas deu-lhe pâra sêr um dos muitos defensôres das doutrinas clericais. Deus, éssa coisa abstráta e ridícula dos carolas, é o seu *deus*. Resta perguntar a José Agostinho—que, aliás, não gosta de utopías—cômo conseguirá ele demonstrar-nos a existencia prática, concreta, dêsse tal Deus *de via larga*.

CONSORCIO

Está para breve o consorcio do nosso presado assinante, snr. Antonio Botelho de Matos, um dos mais distintos ferro-viarios da Companhia Portuguêsa.

DOENTE

Retirou doente para Caldas da Rainha, onde passará uma temporada, o nosso presado amigo e assinante, snr. Manuel Mendes Barreto, factor da Beira Alta.

Desejamos as melhoras do nosso amigo.

De passagem

Vimos aqui o nosso estimado assinante e anunciante, snr. Manuel Pereira Junior, conceituado fabricante de bolacha da Couraça da Estrêla, em Coimbra.

CORRESPONDENCIAS

Gatões, 4—7—1912.

Ha grande descontentamento nos lavradores, devido ao tempo não lhes correr como desejavam, porque, esperando um bom ano agricola, não lhes sucede assim. Algumas searas encontram-se num estado lastimoso.

—— Completou 8 primaveras no dia 2 do corrente, o menino Antonio Teixeira, filho do nosso estimado amigo, snr. Manuel Teixeira, de Gatões. Que se repitam muitos anos é o que lhe desejamos.

—— De vizita a seu neto, em Coimbra, seguiu o nosso amigo, snr. José Maria d'Andrade.

—— De viagem pâra Montemor, passaram aqui os snrs. Almeida Junior, e Antonio Ismael da Cruz, dignos redatôres dêste jornal. Que fizessem feliz viagem é o que lhes desejamos.

—— Realizou-se ontem o mercado mensal na visinha povoação da Ferreira-a-Nova, fazendo-se poucas transações.

Até breve.

Letnemip.

Figueira da Fóz, 3

O vento norte, sopra fortemente, ameaçando pôr em terra todo o mundo. O milho, videiras e demais culturas agricolas, estão já num estado lastimoso.

Os crentes, se acreditam que há Deus, que o chamem nestas aflições, para vêr se ele lhes vale.

—— Na proxima sexta-feira, completa 70 anos de existencia a sociedade *Filarmonica Figueirense*.

Já é!!!...

Para solênisar êste grandioso aniversario, haverá *alvorada* e baile para os socios e familias, no domingo, 7 do corrente.

—— Vão dentro em breve, começar os exames de instrução primária de 1.º grau, e seguidamente os de 2.º.

—— O *Curso de Instrução Secundaria*, de que é diretôr o eximio professôr, snr. Eloi do Amaral, tem a sua nova instalação na Rua da República.

—— Faleceu nesta cidade, a snr.ª D. Alice de Figueiredo Costa, gentil filha do snr. João da Silva e Costa, antigo e conceituado banqueiro desta praça. O seu funeral, realisado na segunda-feira, demonstrou bem quanto era querida e estimada por todos que lhe conheciam as suas belas qualidades de caráter. A seus pais, feridos por tão atróz como inesperado golpe, apresentamos os nossos sinceros pêsames.

—— Faleceu tambem o snr. José Gomes Rodrigues, conhecido negociante nesta cidade. Pêsames á familia enlutada.

—— Os espétaculos realisados ante-ontem e ontem, com as aplaudidas peças *Amores de Principe* e *Casta Suzana*, agradaram muitissimo, colhendo fartos aplausos, os principais interpretes da hilariante *Casta Suzana*. O teatro encheu-se nas duas noites, por completo, motivo porque felicitâmos o empresario, snr. Carlos Idães.

—— Finalmente chegou a esta cidade a banda do regimento de infanteria 28, aqui aquartelado pela ultima reorganisação do exercito.

A referida banda chegou hoje, pelas 4 e 30, e além de alguns oficiais e pôvo, foram tambem esperala á estação, as filarmonicas *Figueirense e 10 d'Agosto*. No trajéto, tocaram as três bandas por turnos.

—— O movimento maritimo dêste porto, continua a sêr muito deminuto.

—— A draga *Figueira*, já não funciona, por se ter exgotado a verba, ao que consta.

Parabens, porque ela tambem precisa de descanço.

A. d'Oliveira Guerra.

Ultima hora

O *Mundo* d'ontem insere a resposta do snr. Albino de Noronha, presidente da Camara de Montemór-o-Velho.

Nós previmos, dado o estado de feudalismo imperante nêste concelho, o parecer do snr. Noronha.

Não, não póde ser. As eleições não devem realisar-se ainda, para que triunfe a democracia que o pais anciosamente reclama.

No proximo n.º daremos a nossa opinião detalhada, visto o adiantado da hora e o facto de ir entrar na maquina o nosso jornal.

ANUNCIOS

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

Editos de 30 dias

(*2.ª publicação*)

NO Juizo de Direito da Comarca de Montemór-o-Velho, e cartório do escrivão abaixo assinado, na acção requerida por Joaquim Maria Monteiro de Campos, casado, do logar dos Carapêtos, freguezia do Seixo, em que ele pede a entrega dos bens que dêvam pertencer-lhe de seu pai João Monteiro de Campos, ausente ha mais de vinte e tres anos nos Estados-Unidos do Brazil, sem dêle havêr noticias, e casado com Ana Gômes Lavradora, do logar de Vale Canosa, d'esta comarca, correm éditos de trinta dias e de seis mêzes a contar da segunda publicação do anuncio no *Diario do Governo*, citando respectivamente os interessados incertos e o dito ausente para na segunda audiencia do mesmo juizo, depois de findo o praso dos éditos, vêrem acusar-se-lhes esta citação e marcar-se-lhes três audiencias para a contestação.

As audiencias d'este juizo fazem-se todas as segundas e quintas-feiras, por dez horas da manhã, no tribunal judicial em Montemór-o-Velho, sito á Praça da Republica, não sendo declarados feriados.

Montemór-o-Velho, oito de junho de 1912.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjar de Sampaio.

Veriquei:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Fabrica de bolachas e biscoitos da Estrela

Couraça da Estrela, 1 a 15

COIMBRA

Esta casa é que melhor fabríca e vende em melhores condições.

O Proprietario,

Manoel Pereira Junior.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

(18) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

O infortunio esporeou o pericardio de Julio e ele aparou o golpe.

Algum tempo depois viu morrer um *terra-nova* que possuia e de que muito gostava, e têve novo desgosto.

Julio andava descoroçoado; mas ainda não tinha recebido o golpe fatal, o golpe que aniquila, o tiro de misericordia.

Um dia, D. Amelia Cabral, ou fosse por andar ralada de dissabôres, devido ao procedimento do marido, ou porque tivesse de sêr tambem uma origem de tortura para àquele coração gangrenado, adoéce gravemente e morre dentro em breve.

Fôi então o completamento da ruina. O infeliz entrou a desalentar-se e a perder o gosto pelos prazeres. Já não pompeava galhardias a cavalo, nem frequentava teatros, nem cafés, nem os grandes centros. Veio com a velha criada viver para a companhia de Tereza, que o começou a olhar de má sombra e a querer arrogar-se direitos de superioridade, e estimulou os vicios que antes adquirira, já afogando no alcool os pensamentos negros que o obcecavam, já malbaratando no jogo o dinheiro que precisava de economisar.

Não havia remedio possivel para tal temperamento. Era já uma chaga esportejada dificilima de guarecer-se.

A amante não o podia suportar; odiava-o até. Via-o entrar em casa embriagado e com as algibeiras vazias; e via-o saír alucinadamente, sem aquele esmero no trajar, sem aquela bizarria e corrêção que o distinguiam.

Correu tempo assim; e, no entretanto, Julio continuava esbanjando á porfia, e o espirito maligno assediava-o a cada momento até que acabou por arremessa-lo de novo ao meio do abismo. Então a amante não pôde resistir mais.

Uma noite em que ele tardava a recolher a casa, deu ordem á criada para trancar as portas da rua, mandou-a deitar, e ela fechou-se no quarto e esperou. Dai a instantes ouve na porta umas pancadas sêcas, ritmadas, e o regougo duma voz avinhada. Abriu a janela e bradou para baixo:

— Vai-te, imundo, resolvo por-te na rua como se faz a um cão para vêr se levas melhor rumo, já que não tens querido emendar-te pelos conselhos que te dou. E visto que não tens cedido ás minhas suplicas, tambem eu não dêvo ceder mais ás tuas estroinices e aos teus desperdicios. Governa-te com o que tiveres ainda, que eu já não estou para aturar devassos e traidores. E fechou a janela.

Lá fóra o alcoólico praguejava e batia estouvadamente á porta. A vizinhança começava de alvoroçar-se. Ouvia-se já um abrir de janelas, e vinham vultos assomando na escuridão, quando êle então, considerando no espétaculo gratuito que estava dando, se resolveu a afastar-se, resmoneando ainda, e se dirigiu a caminho de Celas.

Devia de sêr deprimente. Descêr o homem da sua dignidade á rasa dos Esponcedas e confundir-se com êles, é já de si humilhante; mas sêr expulso, como qualqner rafeiro vil, por uma mulher que lhe cospe no rosto os defeitos que o polúem, quando essa mulher conseguiu elevar-se pelo braço do homem, é esmagador. Mas ha peitos capazes de tragar todas as afrontas, quer elas sejam soltadas por lábios honestos, quer vomitadas por bocas ascorosas.

O que Julio fez depois, vendo-se sem recursos, foi o que qualquer homem faria em circunstancias análogas: lançar mão dos únicos havêres que ainda lhe restassem. Vendeu, pois, o cavalo e os moveis dispensaveis que tinha em Celas, hipotecou o prédio e arrendou em Coimbra uma casa modesta onde vivia. A criada de Terêza, mulher sexagenária que começou a servir Julio, quando êste se matrimoniou pela segunda vêz, despediu-se da ama, daquêle coração duro, no dizer dela, e foi fazer companhia ao seu *querido amo*, cuja sorte lamentava.

(Continúa).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

MILHARAES ENFEZADOS

— EM —

Terras de rega

Deitando aos **milharaes** em terra de rega o **Nitrato Melhorado** com **Potassa** em **Cobertura,** marca **NMP 104** chega-se a ter colheitas de **milho** produzindo o dobro e ainda mais.

Assim como o homem precisa para viver, legumes, carne, pão, vinho, frutos, etc., as **plantas** precisam de **Azote, Acido Fosforico** e **Potassa,** e tambem de frescura no terreno para resistirem aos calores, concluindo se por isso que faltando uma destas cousas, as plantas morrem ou ficam bastante enfezadas por falta de alimento.

Quazi sempre o aspeto amarelado do **milho,** é devido á deficiente adubação de **Azote e Potassa** quando no terreno ha frescura, ou agua para regar.

Ora, se ao homem derem a beber agua, quando ele precisa de pão, o estomago torna-se debil e daí a doença e o aspeto doentio. E' o mesmo que regar o milharal, tendo ele falta de **Azote e Potassa.**

Dêmos ao homem para viver o vinho, e o pão, mas dêmos tambem ao **milho,** para **muito produzir,** o **Azote e Potassa,** por meio do **Nitrato Melhorado com Potassa,** marca **NMP 104,** na razão de 15 gramas por metro quadrado, aplicado por onde a agua passar quando se rega, mas deve ser quando o **milho** estiver já arrendado, e antes de lançar a bandeira.

Com este magnifico adubo, o **milho** tornar-se-ha rapidamente de uma côr verde, muito escura, dando muitas e grandissimas espigas, com os grãos todos muito cheios, parecendo um completo milagre!!!

Lavradores!... experimentae com um saco de **Nitrato Melhorado com Potassa** no vosso predio de **Milho,** ainda este ano e vereis a felicidade que vos proporciona os adubos da casa **Herold,** marca **Foice e Trevo de 4 Folhas.**

Dirigir por postal ao Agente **Fortunato Vaz,** morador em **Camarneira—Cantanhede,** que rapidamente manda despachar do armazem mais proximo, Lisboa, Porto ou Pampilhosa do Botão, ou entrega nos seus depositos de Oliveira do Bairro, Mogofores ou Cantanhede.

Dão-se esclarecimentos mais detalhados, verbalmente ou por escripto, a quem os desejar.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

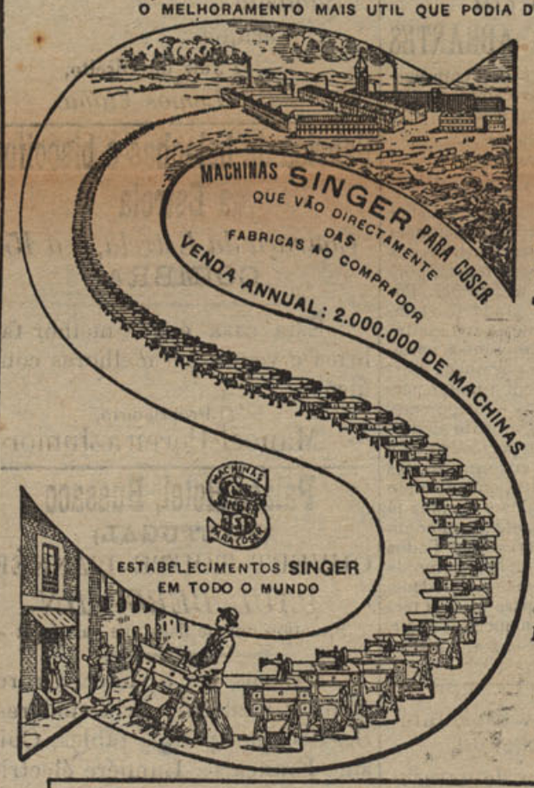
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã,
tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40--Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 14 de Julho de 1912 — N.º 21

O DEVÊR

Semanário Republicâno

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRÚZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

A politica do Concelho

NECESSIDADE DE DEMOCRATISAÇÃO

D'ha muitos anos a esta parte que a politica do concelho de Montemór-o-Velho, como de resto a politica de quasi todos os concelhos do país, está carecendo escalpelisação a valer.

A cacicagem impéra infamantemente, e, como no tempo da monarquia, procura estender as garras contraminando qualquer bom intuito que anime os republicanos.

E' necessario estremar bem os campos. Emquanto a Comissão Administrativa de Montemór-o-Velho não fôr representada pela vontade soberana do povo, nunca este se libertará do júgo opressor em que tem vegetado com grave risco para a emancipação da sua consciencia.

As eleições realizadas nêste momento seriam funestas ao proprio povo que as patrocinasse com o seu voto irrefletido.

E' preciso muita prudencia! Urge libertar o concelho de Montemór-o-Velho!

Eleições Municipais

O snr. Albino de Noronha, na sua resposta ao inquerito do *Mundo*, acha que as eleições municipais devem realisar-se quanto antes, não vê nisso perigo algum para a Republica, etc. Esta é a sua opinião pessoal, como acentuou, depois de quasi querer definir a opinião dos seus apaniguados politicos.

Ora nós não vinhamos tratar dêste assunto, se não descortinassemos, na resposta do snr. Noronha, pessoa aliás muito estimavel, um cérto ár de caciquismo imperante, e se, sobretudo, se não tratasse dos interesses do nosso concelho.

Melhor do que nós, o snr. presidente do municipio de Montemór-o-Velho, conhece o estado politico do pôvo a cujos destinos preside, porque, em missão de *propaganda* e de organisação partidaria, teve oportunidade de descortinar, de perto, o republicanismo do povo; mas nós estamos em dizer que o snr. presidente do municipio se iludiu, apezar de tudo, quando supôz que o pôvo, deixando-se embalar por palavras prometedoras, lhe manifestou o seu *evolucionismo* latente, a sua *queda* para o seguimento de homens em deterimento dos principios.

O snr. Noronha, que nós sabemos inteligente e bem intencionado, tem para nós, contudo, um defeito; e sejamos francos em confessal-o, porque ele não levará a mal a nossa atitude.

Queremos dizer que, em logar de fazer politica de atração, é pena que o snr. Noronha não enverede pelo caminho da logica, que ele póde seguir se quizer, deixando o pessoalismo que já fez sua época, para acudir ao positivismo que nêste concelho enfeudado tão preciso era e que tende agora a evolutir.

O concelho de Montemór, o maior do distrito de Coimbra, não está républicanisado. Raizes fundas de monarquismo o contraminam ainda, e nós antevemos, para os póvos circunvisinhos, uma era de libertação e progresso.

E para essa libertação muito podia concorrer, se quizesse, o snr. presidente da Camara.

E como o nosso concelho não está democratisado, não convêm de nenhum modo, ainda, as eleições.

Se elas se efectuarem, será para nós todos um tremendo desastre. Porque, sejamos francos, pondo de parte preconceitos várrios, nós, os democratas, os que desejam a tranquilidade e a páz pública, os que por amor das novas instituições trabalhámos em todos os campos e sob todos os pontos de vista, teriamos oportunidade de vêr os caciques, chamemos-lhe assim, de posse da vitória, continuando nós na mesma gritaria, que até hoje se tem ouvido por toda a parte, a ponto de vermos os que erraram, arrependidos, apertando as mãos na cabeça.

Ao snr. Noronha convém as eleições, mas não convém ao país. E tendo nós analisado todas as respostas dirigidas ao diario a que mais acima nos reportamos, consolador é constatar que a maior parte está de nosso lado, tem a nossa opinião.

Montemór-o-Velho está, como muitos outros concelhos do país, nas mãos de velhos monarquicos, não só sob o ponto de vista politico, o que já é muito, mas tambem sob o ponto de vista do funcionalismo, que é, sem tirar nem pôr, o mesmo que em tempos idos, sem discurtimos, nêste momento, o gráu de patriotismo que envolve as suas almas, que impéra nos seus intuitos.

E é por isso que o snr. Noronha quer as eleições? Evidentemente é o que nós dercortinamos.

Mas não tenha pressa.

As eleições virão, a seu tempo, quando, em vêz de causarem mal, tragam ao país a libertação e a independencia politica de que tanto carece e que ha tanto tempo vem insistentemente reclamando.

A maior parte dos districtos, dos concelhos, está ainda nas mãos predominantes de velhos patrões eleiçoeiros. E é esse estado de coisas que é mistér terminar, para que as eleições municipais, longe de serem uma farça prejudicial á Republica, traduzam, ao contrário, a soberana e inviolavel vontade da nação portuguêsa. E essa vontade, como o snr. Albino de Noronha sabe, é facil de transparecer. Bastará o alheiamento caciquista, nas eleições, para que a vontade do povo se manifeste nas urnas.

E' assim mesmo

NOTAS

Rodrigo Soriano

São coisas que não esquecem as que acaba de fazer este deputado espanhol, em favor de Portugal. Soriano veio propositadamente á fronteira para examinar o que os conspiradores portuguêses faziam com consentimento do snr. Canalejas. Soriano viu por seus proprios olhos que as autoridades espanholas faziam causa comum com os conspiradores, facilitando-lhes até a fuga em automoveis carregados de armamento para os *paivantes*.

E' assim que a Espanha respeita o direito internacional. Soriano, ao que consta, pedirá no parlamento contas severas ao govêrno da nação visinha.

Para que todos saibam

O govêrno espanhol, por mais que nos queira iludir, não conseguirá convencer-nos de que não deu guarida aos traidores portuguêses, e de que os não auxiliou em todas as manobras, sabendo inclusivamente quando tentavam a nova incursão. Não resta duvida alguma que o *radical*, snr. Canalejas, soube respeitar o direito internacional e *expulsou* os couceiristas do territorio espanhol.

Consola-nos, porém, de que o povo espanhol não concordava com os manejos do govêrno e que reprovava tudo o que ele fazia.

Esteja o snr. Canalejas descançado, que tudo o que tem feito nunca esquecerá aos portuguêses.

Um sacrificio paga-se com outro sacrificio. Descance, pois.

Para a historia!...

O *Dia*, comentando o que os jornais têm dito contra os conspiradores, escreve:

> Nada custa fazer justiça a adversarios, principalmente quando eles expõem e sacrificam a vida á defesa dos seus principios e da sua bandeira. Insultar os vencidos, cuspir sobre as sepulturas dos mortos, atirar do alto duma redáção com o epiteto de cobardes sobre os que se batem até aos ultimos extremos — de que serve e quem nobilita?

Basta isto para definir o *Dia*. Mas dá certo. Fica *para a historia*...

O pápa

Alguns jornais, dando conta da saude do *santo* padre, desmentem, alarmados mas contentes, que por agora não ha mal que lhe chegue. Antes chegasse, não para gaudio nosso, que não desejamos mal a ninguem, mas para ele nos dar depois noticias lá do sitio, quando fechasse o olho.

Porque a questão é que de *pápas* estamos nós fartos, *pápas* quentes e *pápas* frias, e afinal sempre *papádos*.

Já agora...

CARTA DE LISBOA

JULHO, 10.

Os leitores do *Dever* conhecem, pelos jornaes diarios, a liquidação dos traidores á Patria.

A horda dêsse miseravel Couceiro tem sido repelida com toda a energia pelos soldados do nosso querido exercito e pelos intemeratos civis amigos da Republica.

O entusiasmo com que o belo povo de Lisboa, ávido de noticias, lê os *placards* dos jornais, e os comentarios que faz, causam a maior alegria. De todas as bocas sáem palavras amigas de incitamento em defeza da Republica.

O povo de Lisboa sente ainda a alma a regorgitar de esperança. Lembra-se com fervor dos dias de luta volvidos, vê deante de si o exercito portuguez unido e fiel em torno do regimen que ajudou a implantar.

A carbonária, que se encontra em pé de guerra para operar á primeira voz, não sente fadiga; e é tal a sua coragem e dedicação, que esquece tudo para só vêr a defeza das instituições. Muitos conheço eu que, pertencendo áquela agremiação de defeza da Republica, não perdem um só momento para vêr quando passa o cortejo de *Beatriz casa ámanhã* para se encorporarem nele saciando o desejo de vingar a Patria dos ultrages que as canastras e os malandrins lhe têm tramado. A vigilancia é constante e aturada.

Descrever o que tem sido a derrota dos miseraveis, seria reproduzir o que já é conhecido pelos jornais diarios, e, por isso, desnecessario se torna massar os prezados leitores dêste jornal.

=== Quando o regimento de infanteria 5 se dirigia para o norte e passava junto do Teatro Apólo, foi alvo duma grandiosa manifestação de homenagem á sua bravura.

O povo, que enchia a vasta rua da Palma, aclamava delirantemente a Republica e o exercito, ao mesmo tempo que egual manifestação era feita pelas pessoas que no Teatro assistiam ao espétaculo da revista *Preto no Branco* e que vieram para as janelas e para a rua assistir ao desfilar das tropas, que se faziam acompanhar da respétiva banda. Durante o trajeto foi um delirio, e, na estação do Rocio, atingiu o maior dos entusiasmos.

Mais de 20:000 pessoas enchiam as gares e linhas, e até nos tejadilhos dos veículos que ali estacionavam se via grande n.º de pessoas.

Não podêmos aqui, numa simples noticia ligeiramente traçada, descrever o que presenciámos.

Aos soldados, oficiaes e musicos, ouvimos sempre aclamações á Patria e á Republica.

=== Ontem, ás 21 horas, partiu da Praça dos Restauradores um enorme cortejo que foi manifestar ao govêrno o seu apoio. O que se passou em frente do ministerio foi tocante e significativo.

Mais de 30:000 pessoas saudavam o govêrno na pessoa do eminente homem publico que se chama Duarte Leite, e os vivas á Republica e á Patria não cessavam um momento.

Traidores! Quereis melhor prova da vossa covardia e impotencia?

A. F. A.

Tomada da Bastilha

Faz hôje 123 anos que o pôvo de Paris, num esfôrço heroico, tomou esta prisão do Estado, proclamando a República pela primeira vêz daí a três anos. A tomada da Bastilha a 14 de julho de 1789 deu origem a que a França considerasse o dia de hôje cômo de festa nacional. E' que a Bastilha era o simbolo do absolutismo, e a França, hôje definitivamente républicana, liberta dos Bourbons e dos Bonapartes, celebra com regozijo uma data em que alvoreceu o crepúsculo da liberdade.

NOTICIAS DO BRAZIL

Desordens e agressões — Facadas, tiros e mortes

Dizem-nos de S. Paulo que, quando ha dois mêses daqui fôram uns emigrantes, alguns individuos naturais dêstes sitios, e já lá residentes, fôram esperá-los á estação da Luz de S. Paulo. Quando tôdos se retiravam da estação, no meio do maior entusiasmo, travaram-se de razões com uns italianos que lhes tinham dirigido umas palavras de desafio. Deu-se logo um grande conflito entre tôdos, havendo agressões de parte a parte com tiros, facadas e pauladas.

Dos italianos houve 2 mortos e 8 feridos; e dos portuguêses ha a registar a morte do nosso assinante José Monteiro Crêspo Justo, mais conhecido por José Justo, de Vila Franca, que expirou a 15 do mês passado, e a de José da Silva Fernando, tambem de Vila Franca, que, até á data em que nos escrevem (18 de junho), estava a exalar o ultimo suspiro. Dizem-nos que êste ultimo combateu na Rotunda por ocasião das jornadas de 4 e 5 d'Outubro. Houve ainda muitos

portuguêses feridos, dentre os quais se cita José Petrus, dêste logar.

Tôdos aquêles, porém, que fôram agredidos, devem, pelas noticias que nos dão, estar restabelecidos até agora. Houve tambem algumas prisões, devendo comtudo, os capturados têr sido já postos em liberdade com a fiança de 250$000 reis.

Tôdos ou parte dos cidadãos portuguêses estavam filiados num centro democratico, que muito lhes valeu nas tristes consequencias do conflito.

Não podêmos dar aos nossos leitôres mais pormenores sôbre os deploraveis incidentes, porque não são completas as noticias que de S. Paulo nos comunicaram.

Sentimos dolorosamente o facto, tanto mais tendo-se dado com patricios nossos que, longe da Patria, sofrêram êstes dissabôres.

Semana histórica

E' lutando, combatendo, batalhando, morrendo, que a humanidade se ha-de resgatar e libertar. Mas ha lutas que, pelas circunstancias que as revestem, envergonham e rebaixam.

E' essa vergonha que envolve nêste momento a luta traiçoeira dos inimigos da Patria.

Lá fóra, em terras desleais, eles têm preparado o combate que ha dias se vem travando.

E assim, tão inimigos são uns como são outros.

Soubessem eles, os rancorosos e perversos inimigos, lutar frente a frente comnosco, e a questão estaria, a estas horas, já liquidada.

Mas não. Canibalescamente, sem tato, sem ordem, sem objetivo seguro e digno, o seu fim tem sido e será desnortear, arreliar, perverter.

Entretanto uma coisa nos consola, um facto significativo tem enchido o país de justificada satisfação. E' o patriotismo do povo, a coragem do exercito mais uma vez posta favoravelmente á prova.

Os pormenores dos combates do Minho correm velozmente de boca em boca. E é tal a anciedade com que se procuram noticias, é tal a brevidade com que circulam as novas favoraveis á nação portuguêsa, que quasi não precisariamos de jornais para nos informarem, porque, como se tem visto, quando os jornais nos chegam ás mãos, já o que eles dizem é do dominio publico.

Vamos a vêr se a lição será mestra, proveitosa e oportuna, para que mais uma vez a historia de Portugal seja engalanada com letras de oiro para engrandecimento do povo que luta e que sabe lutar e sofrer. Haja esperanças...

ALMEIDA JUNIOR.

OS ALTOS PRINCIPIOS

Educação moral e civica

IV

A SOCIEDADE

Os individuos, nas suas relações profissionais entre si, e nas suas relações dirétas ou indirétas pâra com o Estado, mirando tôdos ao alvo suprêmo da felicidade do país que necessita do seu apôio, constituem a *sociedade*, que tem por base a consciencia colectiva.

Uma sociedade será tanto melhor constituida quanto mais educada e quanto mais consciente.

Admitir a Sociedade sem a Consciencia é tão absurdo cômo admitir a Humanidade sem a Escola, cômo admitir a sombra sem o objéto.

A Sociedade, para sêr integra, para sêr justa, tem de adotar ainda a ordem em todos os seus átos, em tôdos os seus planos, porque tem de preenchêr o fim moral que a equilibra no campo do Direito.

Educar deve sêr a missão de tôdos. Ora um espirito embrionário nunca póde sêr um bom educadôr no futuro, se na sociedade não encontrar sólidos alicerces, onde êle se possa edificar tipicamente.

Para isso, bastava que alguns dos seus membros, dotados duma organização especial e duma vontade superiôr, pensassem em nortear para o caminho do Devêr tôdos os que dêle andam transviados, e que não cuidam em enveredar por onde possa conduzir ao bem público, ao bem social, ao bem colectivo.

Amitida a desigualdade dos temperamentos e das condições, que não póde sêr evitada, porque tem de sêr um estimulo—mas um estimulo que deve servir mais á felicidade geral do que á preocupação egoista—admitida essa desigualdade, pelo mênos nos tempos que decorrem, melhor poderá conseguir-se o progresso moral, material e fisico da sociedade, porque mais carecido é êsse progresso pelo trabalho que origina a força e a grandêza das nações.

No país onde mais conscientemente se trabalha é tambem onde mais verdadeiramente se educa.

Tôdo o trabalho educativo, parcial no começo, vai-se alargando mais e mais, á medida que as camadas inferiôres da sociedade se vão elevando na escála crescente do progresso que tende a generalisar-se.

O fruto de todo o trabalho multiplicado será depois o bem de toda a sociedade construida, será a felicidade colectiva de todos os seus membros já educados.

O facto, por exemplo, da existencia das diversões mundanas, tão sistematisadas em tôdos os meios sociais, póde sêr um grande factôr de progresso moral, mas tambem póde sêr uma origem de crescente degradação.

Os bailes, os jogos e os teatros são os elementos mais geralmente empregados no convivio social, tendo cômo ponto de vista a recreação do espirito, estrême do alvo educativo e estético, a que tais elementos deviam principalmente mirar.

Quem conduz uma criança a uma destas atmosféras de prazêr, fa-lo na ideia de lhe desenvolvêr o espirito mais ou mênos enervante, o temperamento mais ou mênos linfático, sem se preocupar com a calidêz, ás vêzes demasiada, da temperatura, que póde contaminar os sentimentos afectivos da criança.

Ora êste sistêma é, nêste caso, contraproducente e concorre muitas vêzes para estabelecer um principio de degenerescencia, uma base de desorganização, que dificil será mais tarde remediar.

A quem cumpre evitar êste desequilibrio social, que no futuro importaria talvez uma trabalhosa demolição? A' Mulher.

E' ela que deve velar por que seu filho não frequente bailes, onde possa havêr elementos de desmoralização, nocivos para o espirito infantil, que tudo facilmente apreende, porque tudo o impulsiona. Alem de quê, os bailes são um prazêr de luxo, que, por não preenchêrem cabalmente o fim a que deviam visar—o desenvolvimento fisico—ficariam melhor substituidos pela ginástica, que regula todas as funções sem as perturbar ou contrariar nos seus movimentos.

O baile é um capricho, um egoismo, quando, geralmente, não é um meio de perdição e de prejuízo economico. Essencialmente material, cômo poderá verdadeiramente educar?

Mas têmos o jôgo e o teatro que, bem compreendidos, são ótimos factôres de educação: o primeiro, cômo elemento de cálculo, cômo exercicio de memória, aplicado sob uma fórma agradavel pâra o espirito; o segundo, cômo meio de cultura estética, belamente impressiva, de molde a corrigir um temperamento rebelde ou a preparar um caráter íntegro, pelo lado afectivo.

O abuso, porem, destas diversões acasiona a ruína da melhor organização, precipitando-a no abismo onde se debatem muitos infelizes, vitimas de quem não soube contê-los nos seus excessos, dominando-os e dirijindo-os dentro do Direito, no campo da Honra, no vasto ambito da Moral.

Sobre a Mulher impende o imprescritivel devêr de formar a sociedade, visto que é ela quem primeiro e mais dirétamente desempenha o papel de educadôra.

Sendo o Homem que mais verdadeiramente gera o vício, e gerando-se êle dentro do seio da Mulher, porque não há de esta velar sempre pelo bom estado de conservação do fruto que produziu?

A Mulher consciente e perfeitamente educada póde, se quizer, lançar a semente da Verdade e do Bem, tanto na Familia, cômo na Escola, cômo na Sociedade, emfim.

Póde e deve contribuir pâra a felicidade das nações, pâra o progresso crescente dos povos, pâra a necessária e perfeita harmonia social.

A base a estabelecêr para a reorganização da sociedade é a reforma dos costumes pela implantação de virtudes elevadas e fortificadôras, energica e sábiamente estabelecidas, pâra sêrem mais facilmente assimiladas.

Por espirito de imitação, os homens vão-se educando, as novas ideias vão-se canalizando sucessivamente, e o nôvo edificio social ficará duma vêz construido.

E' o caminho pâra a perfectibilidade.

CARVALHO NEVES

Passou aqui domingo passado, em automovel, em direção a Coimbra e Lisboa, onde se encontra, êste distinto democrata, que andava pelo concêlho dispondo tôdos os bons républicanos pâra estarem de prevenção a qualquer manifestação monárquica, e a prestarem o seu auxilio, caso fôsse reclamado.

Ferro-viarios de Portugal

E' sempre a mesma farça.

Nós estamos cansados já de tanta promessa e de ouvir tanta cantata. O *Sindicato*, tal como está organisado, com homens ambiciosos e faciosos, permitam-nos o desabafo, nada poderá fazer, nada poderá conseguir de proveitoso para a classe.

Os ferro-viarios, a quem tantas promessas têem sido feitas sob mil e um pretextos, nada mais têm lubrigado do que invejas e degladiações, cantilinárias infrutiferas, quer na imprensa periodica quer fora dela, todos tendo o mesmo objectivo improfiquo, todos obdecendo á mesma tatica.

O *Devêr* não é, nunca teve pretenções a ser orgam da classe. Mas o que não pode, sob pena de atraiçoar a sua conduta e a sua linha de doutrinação, assistir, de braços cruzados, ao espétaculo deprimente que se está desenrolando, sem lavrar, em nome dos ferro-viarios seus assinantes, o mais inergico e decisivo protesto.

Umas vezes ha dinheiro, outras vezes está o cofre depenado.

Quem escreve estas linhas vae pedir, dentro de breves dias, a sua demissão de socio, visto que, como tal, nunca foi ouvido nem consultado sobre qualquer resolução ou atitude tomada, até hoje, a despeito de várias atitudes e resoluções em nome dos associados, postas em pratica.

Não é assim. Estamos longe? Nesse caso o Sindicato e outras coisas que para ai existem com nome de agremiações ferro-viarias, servem só para os que lhes moram á porta, para os que podem escutar-lhe de perto todos os disparates, todas as gritarias.

Falamos com desassombro, porque, como socio, temos o direito de falar e de ser ouvidos. Ou o Sindicato não é mais do que... para *eles?*

BELMIRO.

VISITAS

Deram-nos o prazêr da sua visita os nossos estimados amigos e assinantes, snrs. Antonio Borges de Matos Tavares, Elisio d'Andrade, Augusto d'Andrade, Paulo Marques da Costa e Manuel Maria Simões, bem cômo o snr. Alexandre Alves de Moura, distinto professôr em Murtêde, que aqui veio cômo delegado do inspectôr aos exâmes do 1.º grau, que se realizaram no Amieiro. A tôdos agradecêmos a sua gentilêza.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XIX

De armas ensarilhadas — Conspiradôres lá de fóra e cá de dentro—Uma declaração formal—Fé republicana—A inanição da Escola Primária e a invulnerabilidade do ideal democrático—Abnegação

Ensarilhêmos armas como defensôr dos legitimos interesses do magistério primário. Façâmos uma paragem no combate que têmos vindo ferindo—porque na fronteira um bando de traidôres, a coberto da bandeira duma nação para nós pouco cavalheiresca, porque cá dentro um punhado de filhos degenerados désta Pátria que amamos tanto como aos entes mais queridos — conspiram, mais ferozmente do que nunca, contra as instituições que, com aplauso geral, fôram implantadas em Portugal ha perto de dois anos.

Que o fiquem sabendo tôdos, que o fiquem sabendo principalmente os que, com transparente júbilo, transcrévem trechos da nossa mal alinhavada prosa: nunca, sêja em que circunstâncias fôr, os traidôres, os mal intencionados, finalmente os ignorantes ingénuos que se deixam arrastar pelas palavras perfidas de aventureiros sem escrupulos e sem juizo—nunca esses inimigos da República, que o mesmo é que dizer da Pátria, visto que presentemente aquéla é o único penhôr da independência désta, merecerão a nossa simpatia e muito menos o nosso apôio, mesmo tácito.

Sômos hôje republicano com o mesmo fervôr com que o eramos já aos quinze ou dezeseis anos—quando ser-se republicano era um crime quasi infamante no meio mesquinho em que viviamos. Sômos hôje republicano com o mesmo entusiasmo com que, ha quatro anos, conspirámos, na medida das nossas fôrças, contra o negregado regime dos Braganças, que finalmente se veio a afundar em lama nos principios de outubro de 1910. Sômos o mesmo que, até em jornais da classe, defendia abertamente, nos calamitósos tempos monarquicos, a fórma republicana—como a mais racional, como a mais perfeita, como, finalmento, a única que nos póde ainda elevar ao menos a um arremedo do que em tempos fômos.

Simplesmente, com o desassombro que julgamos ser-nos peculiar, entendêmos que, para isso, deve haver nos homens que á frente dos destinos do paiz estão — melhor orientação, mais cuidado, mais juizo emfim. Em beneficio da escola, em beneficio do professôr primário, nada ou quasi nada até agora se tem feito. E é isso que por vezes nos tem levado a dirigir aos novos governantes frases duras, comquanto justas. Mas na República, nessa fórma de govêrno que ha oito ou nove anos nos cativou — nem tocar-lhe. Ela não é, como a monarquia era, culpada dos êrros dos homens.

Nem tocar-lhe— repito! Pela sua conservação estâmos dispôsto a verter o próprio sangue — o sangue dum chefe de familia em que se contam duas crianças encantadôras como anjos, que êle sustem com os seus modestos proventos de professôr primário.

Para trás, nunca—oiçam-no bem tôdos!

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Os traidôres

Pelo que os jornais diários têm ultimamente narrado sobre a deploravel incursão das ridiculas hostes couceiristas, poderão os nossos leitores avaliar quanto de miseraveis e de canalhas são aquêles renegados que, sem valôr e sem coragem para darem um assalto firme sôbre terras portuguêsas, são tambem impotentes para restaurar uma monarquia esfarrapada que êles mesmo não conseguiriam remendar, por mais serziduras que dêssem e por mais esforços que tentassem para a manter de pé.

Os miseraveis não teriam a veleidade de atacar o nosso país, se não contassem com o apôio de muitos monarquicos que ainda cá dentro se nutrem á custa dos bons républicanos que os consentem a seu lado, para vergonha nossa e desdouro da nação. Tão pouco mostrariam uma energia fictícia, batendo o pé de fronteiras a dentro, se não confiassem no agasalho da traidora Espanha que sempre os acolhe quando daqui os escorraçam.

A protecção dum lado e o auxilio do outro têm feito com que êsses scelerados sem consciencia e sem dignidade, possam alimentar esperanças para prejudicar o país financeiramente, pondo-se em sobresalto á mais pequena tentativa de incursão.

O governo de Canalejas protege descaradamente os conspiradores; Canalejas arremessa-nos um insulto que nós lhe não merecemos. Mancomunado com os degenerados que lá por fóra andam anavalhando o nosso país, Canalejas, para servir o cobardola que a 5 de Outubro embarcou na Ericeira, esmaga os mais elementares principios do direito internaoional e tem o desafôro de consentir nas raias do seu país uma cáfila de ladrões e de bandidos assalariados para desvirtuarem e embaraçarem toda a obra de progresso moral e material que urge implantar entre nós.

Mas não importa. Portugal tem muitos cidadãos disciplinados e patriotas que estão dispostos a sacrificar a vida para manter a integridade da sua Patria. Eles saberão precaver-se contra a arremetidas da tropa fandanga que de largo pretende ferir em vão a honra da Républica; e assim, de ataque em ataque, acabarão por aniquilar de vez os cobardes sevandijas que procuram malsinar as bôas intenções dos que só pelo trabalho consciente e digno querem honrar o seu país.

A farçada há de acabar; as desilusões hão de vir a muitos *paivantes* que cá dentro polulam como escalrachos daninhos, e depois se confirmará mais uma vez a vitória da República, e a sua razão de sêr, como primeiro passo para a conquista do Ideal.

Os traidôres ficarão marcados com um ferrête de ignominia e arrastarão para sempre a grilhêta da desonra; e Portugal terá que seguir invariavelmente a directriz da perfectibilidade humana que a si mesmo se impôs dêsde 5 de Outubro, em que pése a tôdos os tarados de todas as categorias e de todos os sentimentos.

Convem sempre frizar.

CAFÉ DISTINTO. Vêr anuncio respétivo.

FALECIMENTOS

Faleceu na terça-feira um filhinho do nosso patricio e amigo, snr. Francisco Alves Morteiro, de Vila Franca.

Sentidos pêzames.

—— Tambem faleceu no dia 11, em Nelas, o antigo condutor da Beira Alta, Manuel Marques, que sucumbiu aos estragos duma terrivel enfermidade que ha muito o vinha minando.

O seu funeral, que teve logar na sexta-feira, foi muito concorrido, e nêle tomaram parte muitos camaradas seus, de quasi todas as estações.

De Pampilhosa foram, além doutros, o Sub-Inspétor snr. Hipolito da Silva e o fator de 1.ª classe José Martins da Costa.

Pêzames aos seus.

—— Faleceu tambem no Entroncamento o pai do nosso presado assinante e querido amigo, snr. José Pedro dos Santos.

Sentimos o desgosto do nosso amigo.

IMPRESSÕES DE VIAGEM

O prometido é devido, diz um dictado já de longa era, e eu, meus amigos, quero cumprir hoje o que vos prometi dias antes da minha partida a caminho d'Africa e que é, nada mais, nada menos que enviar-vos, de quando em vês, para o nosso querido *Devé,r* as minhas impressões de viagem. Elas aí vão, sem estilo nem jatancias, despretenciosamente narradas.

Escrevo-vos sobre o joêlho, no tombadilho do *Beira*, monstro silencioso que vae caminhando dose milhas por hora, em luta constante com o grande oceano que, em convulsões titanicas, procura entravar-lhe a marcha formidavel.

Não sei como principiar a contar-vos as impressões que tenho sentido, tantas elas são! Em Lisboa, ao embarcar, foram elas tão dolorosas, quão dolorosas podem ser as impressões que nos causam as despedidas.

Eram onse horas e meia quando entramos no navio, fundeado em Santa Apolonia. Uma multidão de duas mil pessoas, se não mais, assistia, falando, agitando-se, abraçando pessoas de familia e amigos que iam partir, ao movimento constante da tripulação. Um silvo da máquina, rouco como o estertor de milhares de gargantas oprimidas, pôz em marcha o navio que singrou suavemente, docemente sobre as aguas, a principio verde-escuras.

Os lenços brancos adejaram no ar como asas refluantes de pombas, voejando no espaço. O navio afastou-se; e, então, os nossos olhos, os olhos dos passageiros, ainda marejados de lagrimas de saudade, percorreram ávidamente a grande imensidade das aguas.

Era verdadeiramente comovedor, meus amigos. Duzentos e tantos habitantes d'esta casa fluctuante, debruçados sôbre a amurada, olhavam absortos, lá ao longe o horisonte, ruborisado pelo sol poente, como a procurarem qualquer coisa que os nossos olhos já não podiam vêr. Ah! meus amigos, o mar é a maior manifestação do infinito. Nêle vemos tudo sem vermos nada mais que agua, muita agua, montanhas d'agua!

Foram quatro horas de meditação profunda, mas quatro horas em que se recordou, bem vivamente, todo o nosso passado, todas as ilusões da nossa vida e todos os momentos passados de ventura. Depois veio o enjouo, o terrivel enjouo. Ah! isto é horrivel para quem tem a infelicidade de enjoar.

O nosso estomago revolta-se em lutas indómitas contra a nossa propria vontade, e, por mais resistente que se seja, as tonturas obrigam-nos a recolher ao camarote, pelo menos dia e meio. Foi o que me sucedeu.

Porém, chegou a Madeira. O mar verde-escuro e revoltoso tornou-se, como por encanto, azul loiro, e a superficie das suas aguas suave e tranquila como as aguas duma lagôa.

Do *Beira* passamos a uns pequenos barcos, movidos a gasolina, que nos levaram a terra. A Madeira é lindissima e tantas coisas belas encerra em si, que eu nem sei como descrever-vo-las. Logo á entrada da Madeira ha uma ruasinha arvorisada que dá a ideia dum trecho do Bussaco. As arvores frondosas e copadas, ligadas no alto como num amplexo de mutuo auxilio, formam uma especie de docel, produzindo uma sombra fresca, agradabilissima nestes dias de calor intenso. Ao cimo dessa rua que, já me esquecia dizer-vos, é como todas as da Madeira, calcetada de pedra escura, semelhando ferro, ha um café restaurante denominado *Golden Gate*, muito bem montado e muito concorrido, mas que, apesar do seu luxo, não se compara mesmo com os cafés de Coimbra e Figueira. No *Golden Gate* relacioneime com dois amigos.

Falamos largamente sobre politica, sobre instrução, sobre jornalismo; falei no *Devêr* e no Manuel de Mélo, que um dos meus amigos, Rogerio do Vále, já tradicionalmente conhecia. Falamos, finalmente, na Republica na Madeira. Mas quando principiei, Fernando Costa pôs um dedo no naris, como a indicar-me silencio. Estranhei o caso e depois de olhar para todos os lados, perguntei:

— Que percauções são essas? Proíbem-nos acaso de falarmos aqui em politica republicana? Quase, meu amigo, quase, retorquiu êle. Aqui ha apenas monarquia e desgraçado daquêle que ousa claramente manifestar-se republicano. Todavia os monarquicos na Madeira hão-de ter muito breve o seu ocaso, mas é necessario moderação com eles e cuidado, muito cuidado. Nós sômos aqui cento e tanto, mas ai de nós se eles desconfiassem a valer que teem entre si maçons e carbonarios que os espiam a cada momento. De republica, nesta terra, ha apenas, por enquanto, a bandeira verde e encarnada. Iam-se aproximando alguns *mirones* e Costa diz-me:

Basta, meu amigo. Nós queremos simplesmente o triunfo da nossa causa que tem em mira o ressurgimento da nossa Patria amada, o progresso crescente do nosso Portugal outrora grandioso. Trabalhemos todos. Esforcemo-nos por dar a esta pobre Patria o brilho deslumbrante que outrora teve. Porem, para que os nossos esforços sejam coroados duma aureola de luz redentora, é necessario que sejamos cautelosos e unidos, que sejamos serenos e abnegados.

Um apito estridulo resoou nos ares. Vá meu amigo, dizem me Costa e Vale, erguendo-se ao mesmo tempo. O *Beira* chama-o. Muito breve o iremos visitar, talvez. Ligam-nos laços da maior amisade fraternal, apesar de nos vermos hoje a primeira vêz. Disponha de nós. Abraçámo-nos fervorosamente e, enquanto os meus amigos me diziam adeus de longe, eu ia pensando naqueles dois rapazes, verdadeiras almas de eleição, a incarnação quintessenciada do patriotismo.

As impressões que tinha a contar-vos são mais, muito mais, mas hoje fico por aqui.

Abraça-vos em espirito o todo vosso

Canarias, 7—6—912.

HUMBERTO BEIRÃO.

Exâmes

Fizeram exâme do 1.º grau os alunos Vitorino Estêves da Silva Carvalho e Manuel dos Santos Cruz, da escola do sexo masculino desta povoação, e as alunas Isaura Ferrão Tavares e Maria Carmina Ferreira, da do sexo feminino, ficando tôdos distintos. Felicitamos as familias dos alunos.

— — Tambem fez exâme de quimica e fisica, na Escola Industrial de Coimbra, obtendo a classificação de distinto, o filho mais novo do nosso presado amigo, snr. José Martins Ferreira Pires, da Pampilhosa.

Felicitamos o novel estudante e damos os parabens a seus paes.

Pela Patria
E
Pela Republica

III

As agencias de boatos continuam na sua faina perversa, inventando as maiores infamias contra a Republica, fazendo circular no estrangeiro, nos jornais da sua grei, o rancor com que pretendem anavalhar o regime que lhes é adverso.

Quando em Lisboa, por exemplo, um patife qualquer recebe esportula para fazer explodir uma bomba, ou petardo inofensivo, e que este facto, como é de supor, dá logar a comentarios, os negregados agentes de boatos mandam imediatamente dizer lá para fóra que na capital rebentaram centenares de bombas, que causaram milhares de mortes, que a força armada interveio dando-se conflitos sangrentos, extraordinaria alteração de ordem publica, que o povo morreu quasi todo, que muitos soldados e oficiais morreram, etc., etc., e tudo isto sem escrupulo, sem rebuço de qualidade alguma, sem sombra de dignidade.

E' preciso fazer cessar este descarado desaforo de boatos, e ao governo compete, para honra de nós todos, tomar contra esse estado de coisas as mais urgentes e inergicas medidas. Exige-o a salvação da Republica e a honra da nação.

Da paz externa tambem depende, em grande parte, a prosperidade nacional.

São muito mais perigosos e nefastos os tartufos que cá dentro, aí pelas esquinas, á sombra, conspiram contra o poder constituido, do que aqueles que, lá longe, em terras aparentemente amigas, esfregam as mãos de contentes e espreitam a primeira oportunidade de virem por aí abaixo, aos saltos, juntarem-se miseravelmente aos traidores que nos amordaçam e nos querem vêr na ruina.

Que a Republica seja inexoravel para quem, sem escrupulos nem vislumbre de sentimento patriotico, a tem procurado perder e desonrar.

Nada de transigencias.

Lisboa, julho.

A. F. A.

Ecos da conspiração

Está em perigo de vida no hospital civil de Chaves, entre outros, o conspirador Julio Ornelas de Vasconcelos, filho do visconde de Ponte da Barca, casado, de 31 anos, natural da Abrunheira, do concelho de Montemór-o-Velho.

=== O nosso estimado assinante, Bartolomeu Dêlho, revisor dos caminhos de ferro da Beira Alta, promoveu em Vilar Formoso uma grandiosa manifestação, pela vitória das nossas tropas sobre as hostes conceiristas. Os manifestantes, em grande numero, organizaram um cortejo, que percorreu as ruas da vila, queimando muitos foguetes e soltando vivas á Republica e ao dr. Afonso Costa. O snr. Dêlho falou em seguida ao povo, sendo muito aplaudido.

=== Na Guarda, a saida para a fronteira das fôrças de infantaria 12 e 34 foi feita por entre aclamações do povo, associando-se as mulheres ás manifestações de entusiasmo. Uma delas dizia que deviam distribuir armas ás mulheres para que elas pudessem acompanhar os soldados, dizendo outras que devia ser permitido partir para servirem os soldados.

Ainda ha felizmente no nosso pais algumas Marias da Fonte.

Mercado de Cantanhede

Preço dos generos em 6 do julho

Milho Branco	550
» Amarelo	520
Trigo Mouro	800
» Tremez	700
» Mourisco	700
Centeio	1$500
Cevada	700
Aveia	650
Arroz	1$200
Feijão Môcho	900
» Branco	700
» Amarelo	840
» Rajado	600
» Frade	520
» Carraço	550
» Brazileiro	800
» Canario	740
Tremôço	540
Grão de Bico	700
Chicharo	380
Azeite	3$000
Vinho tinto	900
» Branco	900
Vinagre	400
Geropiga	1$700
Aguardente	3$000
Batata	280
Lã	3$400
Sal	100

Nomeação

Só agora tivemos conhecimento de que o nosso presado amigo, snr. Celestino Corrêa Esteves, foi nomeado chefe da estação de Mangualde, motivo porque não démos ainda tão consoladora noticia.

Celestino Esteves é um dos funcionarios da Beira Alta que se tem imposto pelo seu zêlo e pela sua dedicação ao trabalho.

Felicitamo-lo.

REGRESSO

Regressou de Madrid, acompanhado de seus estremosos pais, o nosso presado amigo, snr. José Rodrigues, chefe do restaurant da Companhia dos Vagons Lits.

Saudamos cordialmente o nosso amigo.

Falta de espaço

Por falta de espaço ficaram de fóra alguns artigos e o folhetim já composto.

CORRESPONDENCIAS

Figueira da Foz, 10.

Os bandidos que em terras estrangeiras teem conspirado contra a sua pátria, sob o comando dos indesculpaveis traidores Couceiro, Camacho, Sepulveda e João d'Almeida, e a sôldo da maldita seita jesuitica, com protecção do embusteiro Canalejas e do seu govêrno, acabam de sêr completa e gloriosamente derrotados pelas tropas fieis ao regime republicano, implantado neste malfadado país desde a gloriosa manhã de 5 d'outubro. A alegria, e contentamento são tamanhos, que de todos os lados irrompem os vivas á República, ao Exército, á Patria Livre, etc.

O povo figueirense, querendo mais uma vêz mostrar a sua democratisação, promoveu ontem, com a banda de infanteria 28 á frente, uma grandiosa manifestação, que foi saudar os quarteis da Guarda Fiscal, de infanteria n.º 28 e artilharia n.º 2.

Falaram neste ultimo quartel, o brioso comandante, snr. tenente-coronel Almeida, e o dig.mo administrador do concêlho, snr. Antonio Bernardo, e de tal maneira as suas palavras penetraram no pôvo assistente, que os vivas eram lançados de todos os lados, imediatamente secundados pela *Portuguêsa*.

A solidariedade entre o pôvo e o exército é tão profunda, que os jesuitas e famigerados conspiradores bem pódem calar-se, se não quisérem comêr mais. Tornem outra vêz com as arremetidas, e verão o castigo; mas ele foi tão geral desta vêz, que a traição de conspirar não lembrará por muito tempo, e oxalá que assim sêja, para evitar mais incómodos, e para vêr se este país entra no progresso e no socêgo, tão ambicionado pelos bons portuguêses.

Para que não fique no esquecimento, é bom lembrar que um popular, ontem á noite, quando a banda de infanteria n.º 28, executava com a máxima correção a *Portuguêsa*, no largo Dr. Nunes, se lembrou de enxovalhar o pôvo figueirense democrático, não tirando da cabeça o boné, e sendo advertido por tal procedimento, ainda o enterrou mais pela cabeça abaixo, o que lhe valeu uma carga de sôco, dada com gôsto polos mais exaltados.

Elas é que ensinam... e deixem-se de lérias...

— — A gatunagem tem andado desenfreada nestes ultimos dias, a ponto de em pleno dia assaltarem na estrada de Mira um pobre individuo de Táboa, a quem subtraíram 75$000 réis. Por este motivo, foram expulsos desta cidade 2 espanhoes, cômo supostos autores deste e doutros roubos.

A policia é que é muito pouca, para vêr tudo. Quando darão providencias pâra que venham mais policias? Nunca... paciencia...

— — O estado da barra desta cidade é tão tentador, que ainda há dias encalhou nela o hiate *Gloria*, propriedade do snr. Manoel de Oliveira Junior, e lá está, até que as águas se resolvam a levantá-lo daquele *abismo*. Nós bem vêmos que para acudir aos conspiradôres não se póde acudir á barra da Figueira...

A. d'Oliveira Guerra.

Gatões, 11.

Roubo—Os gatunos entraram mais uma vez em casa do snr. José Maria d'Andrade, roubando-lhe uma corrente d'ouro e um relogio,do quarto onde estava dormindo.

Os gatunos entraram por uma janela do celeiro, servindo-se duma faca e uma escada e indo depois abrir uma das portas de saída. A escada foi levada depois para um predio pertencente ao snr. José Rainho de Matos, onde foi encontrada.

Como não encontraram no quarto do snr. Andrade o que desejavam, tentaram penetrar no quarto de seu genro, o snr. Teixeira, o que não conseguiram devido aos socorros da menina filha do snr. Teixeira que, acordando os pais, estes não puderam já evitar a proeza.

Até á data ainda nada se obteve na descoberta.

Os gatunos são *mestres* no oficio, pois que, com este, são 4 roubos de que o snr. Andrade é vitima.

Seria bom que as autoridades procurassem descobrir os meliantes, aplicando-lhes o devido corrétivo.

— — Fêz exame de 1.º grau, ficando aprovado, o menino Antonio, filho do nosso amigo snr. Manuel Teixeira, de Gatões. Parabens.

— — Para Coimbra seguiu há dias a menina Alzira, filha do nosso estimado amigo snr. Francisco Nunes Junior, de Gatões, e da snr.ª D. Lia Ramos, dig.ma professora oficial desta localidade.

— — Para a romaría da Senhora da Tocha segue um cirio da vizinha povoação do Seixo de Gatões. Segundo consta, concorrerão a ela muitos romeiros desta e doutras povoações circumvisinhas.

— — Realisar-se-á, no dia 21, no Seixo, uma romaría a que assistirá a filarmonica de Liceia.

— — Para observarem um alinhamento na Moitabaqueira, (Arazêde) passaram aqui os snrs. Albino de Noronha, presidente e mais vogaes da Camara de Montemór.

— — O mercado mensal no dia 8 correu muito animado, fazendo-se algumas transações.

Letnemip.

Ultima hora

Informações da ultima hora dizem-nos ter sido descoberto mais um «complot» em Belas, proximo de Lisboa, composto de mais de 60 fidalgos portuguêses, os quais foram, com todo o seu armamento, levados para Lisboa.

Inglaterra e França acabam de enviar á Espanha uma nota verberando inergicamente o seu incorreto procedimento para com Portugal. Não ha-de ficar só por aqui.

Corrêram ontem boatos de que se suicidára o dr. Mário Monteiro, director da «Alvorada». A noticia, porém, carece de fundamento.

ANUNCIOS

(Antiga Casa Novais)
MONTEMÓR-O-VELHO

Mercearia, Tabacos e Fazendas Brancas
— DE —
JOÃO ANTONIO RODRIGUES
(Successores)

Esta casa é, onde se encontra o o mais completo sortido em artigos de 1.ª qualidade.

Deposito de farinhas, cimento, vidraça, telha de vidro e velas de cêra, etc...

Vendas por preços de Lisboa e Porto.

Unicos depositarios do **Café Distinto**, em latas de 500 e 250 gramas, e em pacotes de 250, 125 e 100 gramas.

Este café, devido á sua combinação, é o mais forte, saborôso e aromatico, e é o mais economico, empregando-se menos um terço, dêste café do que de qualquer outro, para dar o resultado desejado.

Este magnifico café combate todas as marcas que apareçam no mercado.

Provai e vereis o resultado!...

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira
CANTANHEDE

Alfaiataria Figueirense
214, Rua da Republica, 218
FIGUEIRA DA FOZ
ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas
ABRANTES & GENRO
LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

JOSE MARQUES
CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL
Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

MILHARAES ENFEZADOS

— EM —

Terras de rega

Deitando aos **milharaes** em terra de rega o **Nitrato Melhorado** com **Potassa** em **Cobertura,** marca **NMP 104** chega-se a ter colheitas de **milho** produzindo o dobro e ainda mais.

Assim como o homem precisa para viver, legumes, carne, pão, vinho, frutos, etc., as **plantas** precisam de **Azote, Acido Fosforico** e **Potassa,** e tambem de frescura no terreno para resistirem aos calores, concluindo se por isso que faltando uma destas cousas, as plantas morrem ou ficam bastante enfezadas por falta de alimento.

Quazi sempre o aspeto amarelado do **milho,** é devido á deficiente adubação de **Azote e Potassa** quando no terreno ha frescura, ou agua para regar.

Ora, se ao homem derem a beber agua, quando ele precisa de pão, o estomago torna-se debil e daí a doença e o aspeto doentio. E' o mesmo que regar o milharal, tendo ele falta de **Azote e Potassa.**

Dêmos ao homem para viver o vinho, e o pão, mas dêmos tambem ao **milho,** para **muito produzir,** o **Azote e Potassa,** por meio do **Nitrato Melhorado com Potassa,** marca **NMP 104,** na razão de 15 gramas por metro quadrado, aplicado por onde a agua passar quando se rega, mas deve ser quando o **milho** estiver já arrendado, e antes de lançar a bandeira.

Com este magnifico adubo, o **milho** tornar-se-ha rapidamente de uma côr verde, muito escura, dando muitas e grandissimas espigas, com os grãos todos muito cheios, parecendo um completo milagre!!!

Lavradores!... experimentae com um saco de **Nitrato Melhorado com Potassa** no vosso predio de **Milho,** ainda este ano e vereis a felicidade que vos proporciona os adubos da casa **Herold,** marca **Foice e Trevo de 4 Folhas.**

Dirigir por postal ao Agente **Fortunato Vaz,** morador em **Camarneira—Cantanhede,** que rapidamente manda despachar do armazem mais proximo, Lisboa, Porto ou Pampilhosa do Botão, ou entrega nos seus depositos de Oliveira do Bairro, Mogofores ou Cantanhede.

Dão-se esclarecimentos mais detalhados, verbalmente ou por escripto, a quem os desejar.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino — 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40--Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 21 de Julho de 1912 — N.º 22

O DEVÊR

Semanário Republicâno

Pátria e Humanidade

Directôr — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRÚZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Câmaras municipais

Outro dia, ao tratar-se aqui de defêza da República, acentuou-se a necessidade da instrução para tornar praticável essa obra patriótica, empregando-se a prudencia, a moderação e o trabalho, para que cada um possa cumprir com o seu devêr de cidadão, visto que acima de tudo está a dignificação da Pátria e do regime que a muitos apraz vituperar.

Os elementos de combate pâra o trabalho de saneamento nacional que urge empreendêr não estão apênas em cada individuo de per si, por muito bôa vontade que tenha de democratisar e purificar as consciencias, mas colectivamente nos córpos administrativos, tanto das fréguezias cômo dos concêlhos, que influem no destino das populações ainda não completamente libertas de ideias retrógradas, e que podem torná-las prosperas ou infelicitá-las, segundo o bom ou mau critério dos seus dirigentes. Nêstes, portanto, divisa-se uma origem da bôa ou má Democracia dos povos, o que é de valôr nas considerações que vamos fazêr.

Sabe-se os efeitos perniciosos que resultavam — e ainda resultam — de certos arautos sem pundonôr andarem em época de eleições esmolando ás portas dos seus apaniguados o voto inconsciente que deveria fazer peso na balança dêste ou daquêle partido, e a cujo acto se chama em linguagem política — *fazêr caciquismo.* As pressões, muitas vêzes odiosas, que êsses homens sem probidade exerciam na consciencia serêna dos humildes, iam pervertendo a maioria dos cidadãos portuguêses que, imaginando vêr politica san e honesta nos processos deprimentes de que se serviam tais arlequins pâra conquistar o *penacho*, ajudavam a cavar o abismo de desmoralização em que se ia afundando a nossa nacionalidade.

Sabe-se quantos prejuízos morais resultavam pâra o país da politica de campanário que desenfreadamente se ostentava pelos concêlhos, sob o patrocínio das câmaras municipais, nem sempre honestas e raríssimas vêzes democráticas. Os povos sofriam com isso, porque o mal era geral, e quando não adivinhavam donde derivava a causa da situação crítica que surgia de momento, tambem se não davam por convencidos, se havia quem soberanamente lhes abria os olhos, mostrando os inconvenientes do caciquismo. Mas o hábito havia criado uma segunda naturêza no temperamento de cada um. O costume de tôdos os anos êste e aquêle dar o seu voto, isto é, vendêr a sua consciencia, a trôco dos caciques-móres lhe livrarem um filho da vida militar ou de o protejêrem em qualquer questão judicial, muitas vêzes indefensável, fêz criar um ambiente de desmedido respeito á volta dêsses régulos politicos, da parte daquêles que se habituram a turibulá-los por amôr... á barriga.

Esta é que é a dura verdade.

* * *

Agora, apliquêmos a questão ao nosso caso. Que têm feito as câmaras municipais de Montemor-o-Velho, dêsde que se reconheceu a necessidade urgente de dignificar o país e de educar o pôvo, por meio duma bôa democratização apostolizada por homens convictos e sinceros? Pouco mais que *cacicar*. Isto é incontestavel, por mais que dôa á consciencia de cada um. O nosso país era caraterizado pela bôca dos mais severos cômo sendo o país do caciquismo. O concêlho de Montemor tem sido um dos muitos concêlhos onde esta chaga postilente mais se tem profundado com grave prejuiso pâra os munícipes. Não póde sêr. A época do sobado acabou, e é preciso agora que cada um, pensando mais no interesse colectivo do que no interesse pessoal, saiba tambem cumprir com o seu devêr patriótico, abandonando o campo da politica baixa em proveito do saneamento geral.

Um dos melhores sustentáculos das ambições partidárias de cada chefe político eram as eleições. Aqui arrebanhavam-se muitos votos, êsses votos conquistavam popularidade e, se fôsse possível, alcandoravam a uma candidatura. Bastava um pequêno logar de destaque que provocasse o contáto dos trunfos politicos. Os logares de confiança não era dificil conquistá-los; o que era dificil era honrá-los. Mas quem possuía esta virtude? Crêmos que ninguem. A faixa absorvente da política venal dominava tôdos, administradôres e administrados, que urgia pôr um dique. Onde encontrar êsse dique? Na República. Este regime, que há de impôr-se pela moralidade inerente ao seu principio e á sua razão de sêr, é que tem de polir tôdas as arestas salientes que se levantam no concêlho de Montemor-o-Velho.

As primeiras eleições da República fôram o decalque mais perfeito das eleições monárquicas. O caciquismo imperou e frutificou. Ora é êsse caciquismo que é preciso demolir a tôdo o custo. E, pâra que não tenhamos de fazêr uma escalpelização profunda que muito custaria a suportar áquêles que só no caciquismo vegetam, é que convem retardar as eleições, afim de tambem se ir depurando o ambiente do concêlho, mostrando ao pôvo a superioridade da sua consciencia sôbre a honra abalada dos caciques. Isto dizêmo-lo sinceramente, dispostos a tôdos os sacrificios pâra ajudarmos a conquistar ao nosso país o grau de moralidade e de valôr cívico a que êle tem direito.

NOTAS

Os padres

Têm-se feito várias prisões de tonsurados que estão envolvidos na conspirata monárquica, pâra agradar a D. Manolo. E' uma corja que, sem moralidade e sem patriotismo, precisava de sêr esmagada. Sabe-se as proêzas que êles fizeram em Chaves e Cabeceiras, levantando as linhas férreas e erguendo montões de pedras e de troncos de árvores no meio das estradas. Pâra êstes masmarros poderá havêr amnistia? Não; pâra taes canalhas devia havêr uma caldeira de Pêro Coêlho.

O «Diário Universal»

Este órgam *del señor* Canalejas lem, a propósito da incursão, publicado artigos referentes a Portugal cheios de disparates e de sandices, a ponto de nos ameaçar, se os jornais portuguêses continuarem a bradar em voz alta contra a Espanha dos traidôres. Portugal não teme ameaças mesquinhas, e principalmente de quem tem cumplicidade em crimes de alta traição. Faça *el señor* Canalejas as ameaças que quizer, que Portugal apara-lhe tôdos os botes, e ainda talvêz lhe faça uma tosquia...

Um professôr de sotaina

Lêmos no *Século* a seguinte notícia:

MELGAÇO, 16. — Foi hôje detido e segue ámanhã pâra o govêrno militar de Viana do Castelo o padre João Nepomuceno Vaz, professôr oficial da escola de Fiães, por têr obrigado os alunos a rezar ao Altissimo «para que ajudasse os rebeldes couceiristas a vencer as tropas fieis ao regime».

Lê-se e não se acredita. E é um talassa dêstes que se escolhe pâra educar crianças, pâra formar caratéres!! Um padre, professôr primário, desempenhando uma missão que devia sêr tôda de civismo e de moralidade, a inocular no espirito infantil ideias reacionárias, que simplesmente as pervertem e aniquilam!

Que devia fazêr o snr. ministro do interiôr, em face desta notícia? Procedêr a investigações e, se o caso se provasse contra o refinadissimo padreca, escorraçá-lo do pórtico da Escola Primária, que não póde dar abrio snr. Duarte Leite deve fazêr sem demora.

E' necessario ir fazendo limpêza em tôdos os campos e e em tôdas as classes.

«O Dia»

Suspendeu a sua publicação êste diário da capital. *O Dia* não podia fazêr coisa melhor nem mais acertada. A doutrina que *O Dia* propagava pelo paiz para os diversos *talassas* se recrearem, tornava-se um perigo pâra a Republica e uma afronta aos republicanos.

Cheirava a monarquia a 30 leguas de distancia!

Emigrou; bom era que não voltasse, porque de despeitados estâmos nós fártos.

O D. João

Afinal de contas, D. João d'Almeida, o oficial austriaco, que renegou a sua pátria, trazia uns manifestos pâra distribuir pelos transmontanos e minhôtos, convidando-os a seguirem Paiva Couceiro pâra proclamarem a monarquia. O que êle não sabia decerto, era que a maioria do pôvo português estava de alma e coração pela Republica; e por isso, não seguiram o Paiva, mas sim a sua Pátria. Couceiro e D. João devem têr sofrido a estas horas uma tremenda desilusão! E' pâra que não fôssem ásnos.

Protestos

Não são só os portuguêses que protestam contra a deslealdade da Espanha; são tambem os próprios espanhóis. Em Lisbôa vai havêr uma manifestação de protesto levada a efeito pela colonia espanhola, censurando o procedimento do snr. Canalejas, em face do direito internacional. Quando um govêrno duma nação dá guarida a traidôres que querem fomentar a guerra civil numa nação sua visinha e amiga, êsse govêrno ou está demente, ou odeia os seus visinhos e amigos. E' o que talvêz aconteça com o govêrno espanhol: odiar a Republica Portuguêsa.

Que triste sina a do snr. Canalejas!

14 de Julho

Comemorou-se em Lisbôa, com bastante brilhantismo, o aniversario da tomada da Bastilha.

A França comemora aquêle dia, por sêr o da libertação do pôvo francês e por sêr tambem o percursor da sua Republica. A tomada da Bastilha foi a desopressão do pôvo e o esfacelamento do trôno de Luiz XVI, que mais tarde devia sêr enforcado, como punição para os seus tremendos crimes, que assombraram a França inteira.

Os padres e a Republica

Para que se veja que a Republica não tira as crenças a quem as tem, recortamos do nósso presado colega, *O Mundo*, o seguinte:

No Centro Republicano de Santos reuniram hontem os padres pensionistas, resolvendo dirigir aos snrs. presidente da Republica e ministro da justiça telegramas do teor seguinte:

«Os padres pensionistas de Lisboa, reunidos hoje no Centro Republicano de Santos, em seu nome e interpretando o sentir dos pensionistas do país, congratulam-se pela vitoria das instituições, prestando todo o apoio ao govêrno. — Pelos pensionistas, padre *Caldeira*, prior do Beato.»

Ponham aqui os olhos as *santas* criaturas que para aí dizem que a Republica é incompativel com a religião.

Dinheiro prejudicial

O conspiradôr João Soares, excapitão da extinta Guarda Municipal de Lisboa, diz que *em Portugal não se restabeleceu a monarquia por excesso de dinheiro*, pois que êste trouxe muitos conspiradôres que atraiçoaram o movimento couceirista...

Que pobrêza de ideias! Com que então foi por haver muito dinheiro que o movimento fracassou! Traidôres e hipocritas é que êles são.

Beatas

Somos informados que, proximo de Cantanhede, numa quintarola de uma conhecida *canastra*, se reunem várias *talassas*, fazendo rezas em ação de graças pela vitoria de Paiva *Carneiro*.

Quem as prendesse tôdas com um *rosario* de... *sacristas*.

Reacionarismo no ensino

Informa-nos um nosso presado correligionario da Camarneira de que no dia 13, quando lá se efetuaram os exames do 1.º grau, a que presidiu um padre ali de ao pé de Coimbra, houve más vontades contra os examinandos, pelo facto simples mas logico de alguem colocar na fachada do edificio escolar a bandeira nacional republicana.

Estes marmanjos continuam a mimosear as instituições com más vontades e más caras.

Pena foi que, em vez de colocarem a bandeira na casa da escola, a não enrolassem na cabeça do *santo* padre.

INTERESSES LOCAIS

Arazêde precisa duma estação telégrafo-postal

Reclamação que se justifica — Uma fréguezia com cêrca de 5:500 habitantes tem direito a êste melhoramento — As condições mesológicas de Arazêde são uma garantia segura pâra a criação da estação telégrafo-postal

Ha algum tempo já que tinhamos pensado em levantar esta questão, apesar de adivinharmos os obstáculos que poderiam opôr nos os espiritos mais pessimistas e que pouco confiam no progresso das populações que têm vivido num estado mórbido e de relativa inércia pâra os bons empreendimentos. A questão, porém, não envolve em si um problêma de dificil solução, e até nos parece que são faceis de removêr todas as dificuldades que alguem tente apresentar.

Primeiro que tudo precisamos de sabêr se Arazêde tem direito a êste melhoramento. Pela sua tradição histórica, porque é a fréguezia mais importante do concêlho de Montemór-o-Velho, pois conta cêrca de 5:500 habitantes, e porque é, das fréguezias do concêlho, a mais populosa e a que abrange uma área maior, é incontestável êsse direito, garantido até pela opinião pública mais sensata e mênos adversa da evolução das coisas. Pelo lado material e social, colhe ainda terresse local, vinha ainda a beneficiar as condições do serviço geral dos correios.

O comercio e a industria que lenta, mas progressivamente, se vão desenvolvendo na localidade, determinam por si só a criação duma estação de mais ampla latitude, que desempenhe todos os serviços que uma estação simplesmente postal não póde desempenhar. As condições do meio exigem que, além do serviço de telegramas, haja na localidade serviço de valôres declarados, encomendas postais, cobranças de titulos e vales, emfim, uma estação da tabela de *TPa*, e que poderia sêr de 2.ª classe.

O movimento local vai crescendo de ano pâra ano, e a população laboriosa vê-se em grandes dificuldades pâra satisfazêr plênamente os seus compromissos, que mais se agravam por não podêrem executar-se integralmente dentro da fréguezia e têrem de sêr externados pâra Montemór-o-Velho, unica estação do concêlho que desempenha todos os serviços dos correios, e que dista desta povoação 15 quilometros.

E' preciso facilitar ás populações os meios de se comunicarem e de executarem entre si as operações da vida activa que, só com êsses meios, póde sêr mais produtôra e benéfica. O contrário é retrogradar.

Pâra tornar mênos dispendióso o trabalho de assentamento de postes telegráficos, poderia estabelecêr-se li[illegible] metros.

Esperamos que o snr. director geral dos correios, interpretando pelo lado mais lógico esta nossa reclamação, dê as precisas instruções pâra a efectivar o mais breve possivel, tanto mais havendo outras localidades de categoria inferiôr a Arazêde, como, por exemplo, S. Pêdro d'Alva, que já se acham beneficiadas com uma estação telégrafo-postal.

Voltarêmos ao assunto.

CARTA DE LISBOA

JULHO, 17.

E' dificil descrever a alegria que o belo pôvo de Lisboa sente sob o nervosismo do triunfo recentemente alcançado pelas tropas do nosso exercito.

A satisfação embriaga-nos.

Parece ouvirem-se ainda, nitidos e rugidores, os tiros das carabinas, o troar glorioso dos canhões.

A grandiósa vitória alcançada, veio provar mais uma vez que os nossos soldados e o nosso pôvo estão intimamente com a Republica e são dignos patriotas.

Esta lição aos miseraveis que roubaram e emporcalharam a Patria, impunha-se para estremar campos, para pôr em *cheque* o valor moral e civico dos seus dilétos filhos, daqueles que, acima de tudo, põem os interesses do país.

E' conhecido de todos o procedimento do governo espanhol, os seus manejos pouco sérios.

O que não podia era, sob nenhum pretexto, continuar por mais tempo essa situação duvidosa.

Era preciso definir atitudes.

O governo português já tem a certêza de que a seu lado tem o país inteiro.

Necessario se torna, pois, que os outros póvos se acostumem a pagar-nos com lealdade e dedicação a nossa dedicação, o nosso respeito, a nossa lealdade aos outros póvos, dispensada em todos os tempos da nossa história.

——A tourada, realisada no dia 14, no Campo Pequeno, pouco agradou, e a medônha ventania muito contribuiu para uma *lide* pouco regular.

Assistiram á corrida os ex.^{mos} snrs. Presidente da Republica e ministro da França, que fôram muito aclamados pelos assistentes, dada a circumstancia agradavel do snr. dr. Manuel de Arriaga ser a encarnação viva da legitima e pura democracia.

A certa altura da corrida houve um ligeiro incidente entre dois bandarilheiros, mas sem consequencias de maior.

——Na estação de Santa Apolonia, no dia 15 do corrente, foi vitima dum desastre o carregador suplementar Manuel Jeronimo.

O pobre homem, que andava fazendo manobras com vagons, foi apanhado de surprêza por uma maquina que se dirigia a tomar um comboio, tendo o infeliz sido apanhado entre o vagon e a maquina, ficando gravemente ferido e falecendo poucos minutos depois de ter dado entrada no Hospital de S. José, para onde fôra conduzido em maca.

——No domingo passado foi recebido em Lisboa um telegrama do administrador do concelho de Torres Vedras, pedindo tropa, para sufocar a rebelião já conhecida dos leitores pelas noticias da imprensa diaria.

Uma força de 120 praças pôz termo á zaragata com a costumada dedicação pela Republica.

A. F. A.

Em vilegiatura

Está entre nós, em gôzo de férias, o nosso prezado assinante, Manoel Carvalho, inteligente aluno da escola primária, n.º 37, de Lisboa. Abraçâmo-lo.

Uma reclamação justa

Ao snr. directôr dos correios

Pedem-nos que lembrêmos a vantagem de sêr estabelecida mais uma mala do correio pâra serviço desta fréguezia, ao comboio que da Figueira aqui chêga ás 16,10, e que podia trazer correspondencia da linha de oeste. E' na verdade mais uma medida de conveniencia pâra a grande população desta fréguezia, tanto mais que as outras povoações vizinhas já se acham lucradas com mais essa mala, sendo apênas Arazêde a unica povoação que ainda não recebe tal beneficio.

Esperamos que o snr. director dos correios, atendendo a esta reclamação justa debaixo de todos os pontos de vista, dê as necessárias providencias pâra sem demora se estabelecêr êste melhoramento nesta localidade que muito aproveitará aos seus habitantes.

CASAMENTO

Realisou-se na quarta-feira o consorcio de Carlos dos Santos Reis, filho do proprietario, snr. Manoel dos Santos Reis, d'esta localidade, com Luiza Marques, filha de José Fernandes Morgado, tambem dêste logar. Felicitamos.

Soceguem os traidôres

A esta hora estariam cheios os navios de guerra e iriam já a caminho de Timor, sem julgamento, os prisioneiros politicos, depois de terem sido, a maior parte deles, varados com balas de canhão, se a monarquia ganhasse a sua causa.

Assim, não. E não, porque a Republica, generosa e impelida por nobres sentimentos de humanidade, em tudo se distingue do caduco regime.

Novos tempos, novos costumes.

E com efeito assim deve ser, porque a Historia, implacavel e imparcial, tem que iluminar o futuro com lampejos de justiça e raios dardejantes de progresso.

Os presos politicos, os rebeldes sedentos de sangue e de desordem esperam, numa patria que já não é deles, por que eles a enlamiaram e atraiçoaram, o julgamento que, serenamente e justiceiramente, em cumprimento das novas leis da Republica, vae começar em Braga, Coimbra e Lisboa.

E que os presos politicos não são tantos como deviam ser, todo o país o reconhece, e os proprios conspiradores o constatam.

Muitos por cá ficarão a rirem-se das suas façanhas, por aí á solta, abocanhando tudo e todos que não sejam gadora, e nós, com a pena ultima a denegrir, a manchar o Codigo de Justiça Militar, iriamos ser passados, um por um, pela ponta assassina das baionetas, á maneira de Inquisição.

Mas a Republica precisa de fazer assim: Exemplificar ao mundo que, mesmo anavalhada e ofendida no que tem de mais querido e de mais intimo, sabe perdoar, sabe ser benevolente e paciente. E' o mais nobre exemplo de civismo que pudemos dar a quem, de longe e traiçoeiramente, nos espreita todos os passos, nos segue de perto pela sombra sempre de garras escancaradas prontas para amordaçar e envenenar o nosso sublime esforço, o nosso justificado egoismo de independencia.

Sim; vão ser julgados os tridores que, de armas na mão e bilis na alma, foram apanhados a ensanguentar o solo português, desvairados e famintos como cães lazarentos que não houvessem comido durante semanas. E para eles a Republica, tendo que ser rigorosa, irá provar ainda assim que tem alma e que sabe amar e sofrer, que sabe perdoar.

Não se assustem os inimigos da Patria, aqueles que, tendo sido gerados no seu ventre e crescido á sombra das suas arvores e sob o seu sol esplendoroso e fecundador, não hesitaram em procurar assassina-la covardemente.

A Republica, tendo necessidade de ser inexoravel nêste momento, e tendo motivos de sobejo para atirar com todos os traidores para o fundo do mar, lá longe, ha-de saber mais uma vez cumprir com o seu dever e dirigir olhares misericordiosos para aqueles que a todo o momento a ferem com ferózes olhares.

Soceguem os traidôres...

ALMEIDA JUNIOR.

EXAME FINAL

Concluiu em Coimbra o curso da escola normal primária, o nosso presado assinante, snr. Jorge Fernandes da Cruz Vieira, filho do snr. Serafim da Cruz Vieira, de Gatões. Felicitamol-o cordealmente, bem cômo a seu pai.

CACICANDO

O nosso presado colega *Vóz da Justiça*, no seu n.º 1006 de 16 do corrente insére o seguinte:

José de Napoles cacicando

SOURE, 12.

No dia 9 do corrente teve logar n'esta vila uma reunião politica promovida pelo antigo cacique monarquico José de Napoles, da Granja, afim de se organisar o partido evolucionista d'este concelho, de que s. ex.ª se arvorou em chefe. Esta reunião, que estava convocada para se realisar no salão dos Paços do Concelho, sem que d'isso tivesse conhecimento a *comissão municipal*, foi, no proprio dia, transferida para casa do farmaceutico José Malva, onde se reuniram quinze cidadãos, que acederam aos convites, profusamente espalhados por todo o concelho.

Dentre esses quinze cidadãos destaremos dois que são: o snr. dr. Afonso Mota, que, no proprio dia e depois da reunião, declarou publicamente que é «unionista»; e o snr. Adelino Pereira da Costa, que tendo evolucionado do antigo partido regenerador para o progressista e d'este para o franquista, com o qual foi administrador do concelho, nunca se filiou nem aderiu á Republica.

A reunião durou algumas horas e do que nela se resolveu guarda-se segredo, apesar de que, talvez na proxima correspondencia, possamos levantar um bocadinho do véo.

Depois da reunião, o dono da casa ofereceu um copo d'agua, em que foi servido um bom leitão regado com o belo fernampues do Bêco, de velha data, havendo para o *toast* uns pasteis de Tentugal enviados pelo ex-rei Manuel.

Zete.

E' isto que os leitores veem. Não passamos desta refinada pouca vergonha.

A dois anos de Republica ainda se projétam reuniões nos Paços do Concelho, sem autorisação da respectiva comissão municipal.

José de Napoles é aquele cacique que impéra tambem no concelho de Montemór-o-Velho. E' ele quem tudo *lomanda*, mas nós estamos convencidos que, tanto ele como outros que procedem de egual maneira, teem os seus dias contados.

E' fantastico que, nos tempos que vamos atravessando, a politica monarquica a tantas aventuras se abalance ainda, sem ninhum respeito pelos principios nem amor ninhum á logica.

O que se fêz em Soure tem-se feito cá, mas nós, dispóstos a moralizar costumes e a escalpelizar nocivas atitudes, estaremos de atalaia, e, quanto mais não possamos fazer, visto que *isto* é ainda tudo *deles*, lavraremos o nosso protesto inergico e havemos de fazer, ao menos, com que os nossos brados cheguem onde devem chegar, para que se não alegue ignorancia.

Estes politicos endinheirados, porque sem dinheiro nada valiam, que campeiam por aí caçando sorrisos e adéptos, hão-de enganar-se redondamente.

Que nos digam, primeiro, os seus merecimentos sob o ponto de vista intelétual; que nos apontem, acima de tudo, os seus serviços á Patria, e nós concordaremos em que os melhores logares, os logares de destaque e de preponderancia de que gozam a dentro do concelho são justos, e que alija-los deles seria flagrante injustiça.

Mas não. O que nos poderão apontar serão traições á Republica.

Nada mais.

FESTA DA TOCHA

Realisou-se como nos mais anos a tradicional festa da Tocha, havendo corridas de gericos, de pótes e o divertido mastro de *cocagn*, não conseguindo nenhum dos concorrentes conquistar o prémio. Organisou-se tambem um passeio á lagôa de Fonte Quente, sendo muito concorrido. Os ranchos foram acompanhados por alguns musicos de Cantanhede.

Em casa do snr. Julio Diniz dançou-se animadamente durante 3 dias, sendo concorrido por muitas senhoras.

Portugal e Espanha

Tem sido muito comentada a nota diplomatica do nosso governo ao governo espanhol, referentemente aos ultimos conflítos da fronteira e cuja vitória coube, como é notório, ás tropas fieis á Republica.

A ela se referiu o *Devêr* em *placard* luminôso afixado oportunamente na redacção.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XX

Conspiradôres no magistério primário — Atitude incompreensível! — O professôr deve têr clarêza de visão — A obra da República, no campo da instrução, é entravada pelos monárquicos — Purifique-se o ambiente da Escola — A República é a nossa garantia

E' lastimável!

Na ultima conspiração monarquico-jesuitica, que começou a ser liquidada em Valença e em Chaves e está prestes a ter o seu desfêcho condigno nos tribunais militares, acham-se envolvidos alguns professôres primários e até um inspectôr escolar. Conheciamos bem êste e quase tôdos aquêles. São criaturas sem escrupulos, capáses de tudo para conseguir satisfação ás suas ambições desmedidas. Fôi bom que êles se desmascarássem—uns para deixárem de intrigar os colégas, no que eram eximios, e o outro para deixar de prejudicar, á sucapa, os professôres em que conhecia ideias liberais.

Mas isto é lastimável!

Que os padres conspirem, êles que estão, na sua quase totalidade, enfeudados á negra seita de Loiola, —a ninguem dêve admirar. Vivendo da impostura, natural é que não vêjam de bôa sombra que o nôvo regime ilumine com o clarão da Ideia Nova os cérebros dos ingénuos aldeões —que ainda ha pouco abandonávam o tratamento das suas searas para assistir aos átos religiosos e tiravam á bôca dos filhos famintos algum pão que iam levar ao sacerdote hipócrita, na esperança dum apertado logar no paraíso dos católicos. Que a nobrêsa conspire, éla que estáva habituada ás caras alcatifas dos paços riais,—não dêve sêr motivo de admiração. Os fidalgos e fidalgotes, autênticos ou *bera*, fasalmente se haviam de sentir asfixiar pelo sôpro democrático que dêsde outubro de 1910 tem atravessado Portugal.—Mas que conspirem professôres é incompreensivel!

O professôr dêve ser suficientemente ilustrado, pâra percebêr que a fôrma républicana é muito superiôr á fôrma monárquica. Deve *vêr* o suficiente, pâra percebêr que um esbôço sequér do triunfo da bolorenta causa monárquica levaria á pêrda da independencia nacional. Dêve ser suficientemente arguto, para se não deixar embair pelas instigações e consêlhos dos agentes pérfidos do monarquismo indígena.

A República não tem dado, no campo da instrução, o que déla se esperáva? Não ha dúvida. Nêste e em outros logares têmos verberado o facto, nós que sempre fômos e serêmos républicano. Mas a, aliás impossivel, volta da monarquia não poderia nunca sêr a solução. Os homens da República é que têm de enveredar por melhor caminho. E mêsmo, já que estámos em maré de absoluta franquêsa, digâmos tudo:—os govêrnos do nôvo regime nem sempre têm produzido obra util por lhes sêrem poucos o tempo e os meios para contrariar os antipatrioticos movimentos dos monárquicos. E' ainda a sombra da monarquia—dessa monarquia pútrida que os revolucionários de outubro enterráram—que, em grande parte, tem feito com que as nossas justas reclamações deixem de sêr atendidas. E' um facto incontroverso.

Colegas! Sejâmos dignos da missão que no atual momento nos incumbe! Que nas nossas fileiras de agentes do progresso, de renovadôres do espirito duma nação que outr'ora fôi grande, não haja mais defecções! Sejâmos tôdos pela República, que mais tarde ou mais cêdo nos ha-de fazer justiça! Para trás nem um passo!

E' assim que nos havêmos de impôr...

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Provimento de escolas

Estão a realizar-se numas escolas de ensino normal e noutras estão já realizados os exâmes finais dos alunos do terceiro ano que, aprovados, recebem o seu diplôma de habilitação para o magistério.

Quem todos os anos lê no *Diário do Govêrno* o movimento das escolas de ensino normal, fica, na verdade, pasmado das altas classificações (muitas vêzes o máximo, 20 valôres) que muitos alunos obteem, quando freqüentemente se ouve que é muito diminuta a habilitação com que se entra para as escolas normais, e muito grande a dificuldade em se satisfazêr ao que exigem os respectivos programas.

¿E porque é então agora essa generosidade de classificações na maioria das escolas, quando antigamente, para se alcançar a nota de *bom* (7 ou 15 valôres), era preciso um trabalho insano?

E', nem mais nem mênos, para que, em harmonia com a lei, o que tenha maior classificação seja o preferido no concurso para provimento de qualquer cadeira.

Assim as escolas normais estão presentemente prejudicando, sem dó nem consciência, tôdos aquêles que noutros tempos as freqüentaram e pâra quem não fôram tão generosos, apezar de têrem iguais ou melhores habilitações.

Dêste modo, e pâra corrigir esta generosidade, pretendiamos nós, e já várias vêzes o temos manifestado, que o provimento não fôsse simplesmente pela classificação, e, demais a mais, já concedida com segundas vistas.

E' certo que ás vêzes um aluno das escolas normais, ou pela sôma de conhecimentos que levava ao matricular-se, ou pela sua inteligência, merece uma nota elevada e portanto a sua preferência não seria tão injusta, embora lhe faltasse a prática, mas dai a terem preferência os que *mais valôres* apresentem é no que não podêmos concordar, para se sêr nomeado.

A experiência têmo-la tido pelos colegas novos que teem feito serviço na nossa escola, ás vêzes com altas classificações, e que de fórma alguma se pódem comparar com outros que, inferiôres na classificação, são muito superiôres no serviço.

Nêste sentido propômos nós que nos concursos se dê primeiro preferência aos que teem a garanti-los as bôas notas de serviço das inspecções e, no entanto, pâra não descontentar os mais classificados e os mais antigos, se nomeie um daquêles e um dêstes por cada dez dos outros já com a devida prática.

Seria isso melhôr do que o sistêma actual.

ULISSES MACHADO.

Ernesto Navarro

O *Mundo* de 16 dá-nos a consoladôra noticia da filiação no Centro Democratico dêste distinto engenheiro da Direção Geral dos Caminhos de Ferro Ultramarinos.

Muito prazer sentimos em registrar tal facto nas colunas do *Dever*, pois que os sentimentos politicos do snr. engenheiro Navarro d'ha muito que se vinham manifestando em prol da Republica que muito de sua ex.ª tem a esperar.

Felicitando-o, felicitamos a democracia portuguêsa por tão valiosa adesão.

JORNAIS

Deu-nos a honra da sua permuta a *Federação Escolar*, do Pôrto. Orgam do professorado primário, dirigido pelo ilustre professôr Francisco José Cardôso, que lhe sabe imprimir tôdo o vigôr do seu talento e tôdo o brilhantismo dos jornais pedagógicos modernos, a *Federação* tem hôje a mêsma linha rígida que mantêve sempre durante as primeiras fazes.

Agradecendo a permuta, agradecêmos as palavras de indizivel generosidade com que se refere ao nosso directôr.

Arrematação judicial

(1.ª publicação)

Nos dias 4 e 11 de agôsto próximo, ás 11 horas do dia, á porta do tribunal judicial da comarca, nos Paços do Concêlho, nesta vila de Montemór-o-Velho, na execução que Manuel José da Costa Braga, de Coimbra, move ao Bacharel Francisco Fausto Guedes Gavicho, de Tentúgal, e sua mãe D. Josefina Guedes Gavicho, se hão-de vendêr a quem mais oferêça sôbre a avaliação, os seguintes bens:

No dia 4 de Agôsto

1—O usufruto vitalicio de umas casas de habitação, casas anexas, quintais, pomares e terra lavradia, ligadas por um arco sôbre a estrada de Vizeu, em Tentugal, avaliado em . . . . . 544$200

2—O usufruto vitalicio do dominio util a uma terra lavradia que mede 12960m² (24 aguilhadas), em Cimo de Vila de Tentugal, foreiro em 600 réis anuais e um frango a D. Maria Emilia de Castro França, de Tentugal, em . . . . . 213$160

3—O usufruto vitalicio de uma pequena casa para arrecadação de palha, no Cimo de Vila, em Tentugal, em . . . . . 24$000

4—O usufruto vitalicio de uma pequena casa, denominada celeiro pequeno, no Cimo de Vila, em Tentugal, em . . . . . 24$000

5—Uma casa de celeiro, adega e quintal, na rua de Cimo de Vila, em Tentugal, avaliada em . . . . . 250$000

6—O usufruto vitalicio de uma casa de celeiro, na rua de Cimo de Vila, em Tentugal, avaliado em . . . . . 20$000

A propriedade dos usufrutos mencionados pertence a Jorge Guedes Gavicho.

7—Uma pequena casa de arrecadação de lenha e quintal, na rua de Cimo de Vila, em Tentugal, em . . . . . 40$000

8—Uma terra de semeadura com oliveiras e mais arvores, denominada o Chão Pequeno, em Cimo de Vila . . . . . 800$000

9—Uma terra lavradia com oliveiras e uma nogueira, no sitio do Poveral, em . . . . . 350$000

10—O dominio util de uma ribeira, terra alta, moinho e olival, pinhal e arvores de fruto, na Senhora da Piedade, foreiro em 200 réis e um frango ao Convento do Carmo (Fazenda Publica), em . 1:393$160

11—O dominio util de um predio de ribeiras, moinhos com aguas proprias, terra alta e pinhal, na Fonte Velha, em Mancelete, foreiro do Duque do Cadaval em 36l,29 de milho, 36l,57 de trigo e um frango, em . . . . . 1:950$320

12—Um pinhal com terra de semeadura e duas oliveiras, em Monte-Sol, em . . . . . 36$000

13—Um pinhal e terra de semeadura com oliveiras, no sitio do Monte-Sol, em . . . . . 260$000

14—Uma terra de semeadura com um pinhal pequeno, em Além do Mourão, atravessado pela estrada de Coimbra á Figueira, em . . . . . 1:800$000

16—Uma terra lavradia de 3240m² (6 aguilhadas), no sitio da Paiôrra, em . . . . . 60$000

17—Uma terra lavradia de 2160m² (4 aguilhadas), no Sabugo, em . . . . . 40$000

18—Uma terra lavradia, 3780m² (7 aguilhadas), em Porto de Carros, em . . . . . 100$000

19—Uma terra lavradia, 2160m² (4 aguilhadas), no Marquinho, em . . . . . 48$000

20—Uma terra lavradia, 2700m² (5 aguilhadas), no Rêgo das Dúvidas, em . . . . . 80$000

21—Uma terra lavradia, 1620m² (3 aguilhadas), no Campo na Lila ou Grilo, em . . . . . 36$000

22—Uma terra lavradia, 3780m² (7 aguilhadas), no Rêgo do Meio, em . . . . . 80$000

23—Uma terra lavradia, 3780m² (7 aguilhadas), no Rêgo do Meio, em . . . . . 80$000

24—Uma terra lavradia, 5400m² (10 aguilhadas), no Rêgo do Meio ou Dúvidas, em . . . . . 120$000

25—Uma terra lavradia, 2700m² (5 aguilhadas), no Canto, em 60$000

26—Uma terra lavradia, 2700m² (5 aguilhadas), no Canto, em 60$000

27—Uma terra lavradia, 3780m² (7 aguilhadas), na Carreira da Algiva, em. . . . . 84$000

28—Uma terra lavradia, 3780m² (7 aguilhadas), na Vala Real, em . . . . . 80$000

29—Uma terra lavradia, 11080m² (22 aguilhadas), no Campo e Lôba Farta, em . . . . . 440$000

30—Uma terra lavradia, 1080m² (2 aguilhadas), no Campo na Lôba Farta, em . . . . . 32$000

31—Uma terra lavradia, 2700m² (5 aguilhadas), no Campo na Lôba Farta, em . . . . . 112$000

32—Uma terra lavradia, 3780m² (7 aguilhadas), no Arrabil, em 28$000

33—Uma terra lavradia, 3780m² (7 aguilhadas), na Malveira, em . . . . . 160$000

34—Uma terra lavradia, 1620m² (3 aguilhadas), na Bela ou Pipa, em . . . . . 24$000

35—Uma terra lavradia, 6480m² (12 aguilhadas), na Bela ou Pipa, em . . . . . 200$000

36—Uma terra lavradia, 2160m² (4 aguilhadas), na Penhorada, em. . . . . 36$000

37—Uma terra lavradia, 2160m² (4 aguilhadas), na Penhorada, em . . . . . 48$000

38—Uma terra lavradia, 2700m² (5 aguilhadas), na Penhorada, em. . . . . 10$000

39—Uma terra lavradia, 2700m² (5 aguilhadas), na Penhorada, em . . . . . 120$000

40—Uma terra lavradia, 2160m² (4 aguilhadas), na Penhorada, em . . . . . 96$000

41—Uma terra lavradia, 3240m² (6 aguilhadas), na Seiça ou Ponte Nova, em . . . . . 40$000

42—Uma terra lavradia, 1080m² (2 aguilhadas), no Bento Arrais, em . . . . . 16$000

43—Uma terra lavradia, 15120m² (28 aguilhadas), nas Cabeceiras, em . . . . . 672$000

44—Uma terra lavradia, 1620m² (3 aguilhadas), na Cabreira, em 32$000

45—Uma terra lavradia, 2700m² (5 aguilhadas), no Cerrado, em 40$000

46—Uma terra lavradia, 3240m² (6 aguilhadas), no Cerrado do Salto da Cruz . . . . . 48$000

47—Uma terra lavradia, 2160m² (4 aguilhadas), no Cerrado da Cova dos Coelhos . . . . . 32$000

48—Uma terra lavradia, 3240m² (6 aguilhadas), no Campo e sitio da Cal . . . . . 80$000

49—Uma terra lavradia, 2450m² (4 1|2 aguilhadas), na Cana do Meio . . . . . 72$000

50—Uma terra lavradia, 3240m² (6 aguilhadas), na Cana do Meio. . . . . 96$000

52—Uma terra lavradia, 1330m² (2 1|2 aguilhadas),no Tanoeiro 40$000

53—Uma terra lavradia, 9720m² (18 aguilhadas), no Rolim ou Rolissa . . . . . 360$000

54—Uma terra lavradia, 1080m² (2 aguilhadas), na Passeira . 16$000

55—Uma terra lavradia, 2166m² (4 aguilhadas), na Cebôla ou Lomba. . . . . 60$000

56—Uma terra lavradia, 2160m² (4 aguilhadas), na Aldonça ou Barbisqueira . . . . . 64$000

57—Uma terra lavradia, 3240m² (6 aguilhadas), na Barbisqueira 96$000

58—Uma terra lavradia, 1080m² (2 aguilhadas), na Aldonça ou Mendonça . . . . . 32$000

59—Uma terra lavradia, 1890m² (3 1|2 aguilhadas), na Aldonça ou Mendonça . . . . . 56$000

60—Uma terra lavradia, 1080m² (2 aguilhadas), na Aldonça ou Mendonça . . . . . 32$000

61—Uma terra lavradia, 540m² (1 aguilhada), na Remoila. . 4$000

62—Mma terra lavradia, 1620m² (3 aguilhadas), na Remoila . 80$000

63—Uma terra lavradia, 1080m² (2 aguilhadas), na Volta do Amieiro . . . . . 32$000

64—Uma terra lavradia, 3780m² (7 aguilhadas), na Volta do Amieiro . . . . . 112$000

65—Uma terra lavradia, 7290m² (13 1|2 aguilhadas), na Alampada . . . . . 304$000

66—Uma terra lavradia, 3240m² (6 aguilhadas), no Alvarejo ou Alampada . . . . . 96$000

67—Uma terra lavradia, 2970m². (5 1|2 aguilhadas), na Carreira do Amial do Alvarejo . . . . . 80$000

68—Uma terra lavradia, 6750m² (12 1|2 aguilhadas), no Cabaço 96$000

69—Uma terra lavradia, 4860m² (9 aguilhadas), na Molina ou Murteira . . . . . 160$000

70—Uma terra lavradia, 3240m² (6 aguilhadas), na Malhoa . 40$000

71—Uma terra lavradia, 3240m² (6 aguilhadas), nas Cabeceiras 72$000

72—Uma terra lavradia, 1890m² (3 1|2 aguilhadas), na Rapoza 28$000

73—Uma terra lavradia, 1620m² (3 aguilhadas), na Corrente do Cacau . . . . . 24$000

74—Uma terra lavradia, 4320m² (8 aguilhadas), na Algença . 240$000

75—Uma terra lavradia, 1890m² (3 1|2 aguilhadas), na Algença 96$000

76—Uma terra lavradia, 2160m² (4 aguilhadas), na Algença . 120$000

77—Uma terra lavradia, 6480m² (12 aguilhadas), na Algença. 240$000

78—Uma terra lavradia, 19980m² (37 aguilhadas), nas Pitanças 1:440$000

79—Uma terra lavradia, 2160m² (4 aguilhadas), nas Pitanças. 128$000

80—Uma terra lavradia, 1080m² (3 aguilhadas), no Padrão . 48$000

81—Uma terra lsvradia, 5400m² (10 aguilhadas), em Entre Valas . . . . . 360$000

82—Uma terra lavradia, 3240m² (6 aguilhadas), em Entre Valas . . . . . 48$000

83—Uma terra lavradia, 4860m² (9 aguilnadas), nas Cancelas ou Treixedo. . . . . 48$000

No dia 11 de Agosto

A's rendas vincendas no corrente ano, dos mencionados bens que são, relativamente ás verbas referidas nos números indicados, a quarta parte do preço liquidado que vão á praça nos valores que seguem abaixo mencionados e pela fórma seguinte:

1—Das casas de habitação e anexas, 2467l,84, (168 alqueires de milho) . . . . . 65$268

2—O usufruto de uma terra em Cimo de Vila, 1053l,36, (72 alqueires de milho) . . . . . 27$972

8—Duma terra de semeadura com oliveiras, do Chão pequeno, 1009l,47, (69 alqueires de milho). . . . . 26$805

9—Duma terra lavradia com oliveiras, no Poveral, 351l,72, (24 alqueires de milho) . . . . . 9$324

10—Duma ribeira na Senhora da Piedade, 1097l,25, (75 alqueires de milho) . . . . . 29$113

11—De um predio na Ribeira dos Moinhos, 936l,32, (64 alqueires. . . . . 24$864

12—De um pinhal e terra em Monte Sol, 14',63, (1 alqueire de milho)	387
13—De um pinhal e terra com oliveiras, em Monte Sol, 146',30, (10 alqueires de milho)	3$870
14—De uma terra e pinhal em Alem do Mourão, 3485'05, (235 alqueires de milho)	91$296
16—De uma terra na Paiôrra, 219',45. (15 alqueires de milho	5$826
17—De uma terra no Sabrigo, 146',30, (10 alqueires de milho	3$885
18—De uma terra lavradia em Porto de Carros, 365',75 (25 alqueires de milho)	9$711
19—De uma terra lavradia no Marquinho, 175',23 (12 alqueires de milho)	4$662
20—De uma terra lavradia no Rego das Duvidas, 307'23, (23 alqueires de milho)	8$157
21—De uma terra lavradia na Lila ou Grilo, 131'67, (9 alqueires de milho)	3$495
22—De uma terra lavradia no Rego do Meio, 292'60, (20 alqueires de milho)	7$770
23—De uma terra lavradia no Rego do Meio, 292'60, (20 alqueires de milho)	7$770
24—De uma terra lavradia no Rego do Meio ou das Duvidas, 438',90, (30 alqueires de milho)	11$655
25—De uma terra lavradia, no Canto, 219',45 (15 alqueires de milho	5$826
26—De uma terra lavradia, no Canto, 219',45 (15 alqueires de milho)	5$826
27—De uma terra lavradia, na Carreira d'Algiva, 307'.23 (21 alqueires de milho)	8$157
28—De uma terra lavradia, na Carreira d'Algiva, 292',60 (20 alqueires de milho)	7$770
29—De uma terra lavradia, na Lôba Farta, 804',63 (55 alqueires de milho)	21$366
30—De uma terra lavradia, na Lôba Farta, 58'.52 (4 alqueires de milho)	1$554
31—De uma terra lavradia, na Lôba Farta, 204',82 (14 alqueires de milho)	5$439
32—De uma terra no Arrabil, 102',41 (7 alqueires de milho)	2$718
33—De uma terra na Malveira, 296',60 (20 alqueires de milho)	7$770
34—De uma terra lavradia, na Bela ou Pipa, 87',78 (7 alqueires de milho)	2$331
35—De uma terra lavradia, na Bela ou Pipa, 365',75 (25 alqueires de milho)	9$711
36—De uma terra lavradia, na Penhorada, 131,'67 (9 alqueires de milho)	3$495
37—De uma terra lavradia, na Penhorada, 263',34 (18 alqueires de milho)	6$993
38—De uma terra lavradia, 36'575 (2 1[2 alqueires de milho), na Penhorada	969
39—De uma terra lavradia, 219',43 (15 alqueires de milho), na Penhorada	5$826
40—De uma terra lavradia, na Penhorada, 175',54, (12 alqueires)	4$662
41—De uma terra lavradia, na Seiça ou Ponte Nova, 146' 30 (10 alqueires de milho)	3$885
42—De uma terra lavradia, no Bento Arraes, 58',52, (4 alqueires de milho)	1$554
43—De uma terra lavradia, na Cabeceira, 1228',92, (84 alqueires de milho)	32$634
44—De uma terra lavradia, na Cabreira, 58',52, (4 alqueires de milho)	1$554
45—De uma terra lavradia, no Serrado, 73',15, (5 alqueires de milho)	1$941
46—De uma terra lavradia, no Serrado, 87',78, (6 alqueires de milho)	2$331
47—De uma terra no Serrado da Cova dos Coelhos, 58',52 (4 alqueires de milho	1$554
48—De uma terra lavradia, na Cal, 58',52, (4 alqueires de milho)	1$554
49—De um terra lavradia, na Cana do Meio, 131',67, (9 alqueires de milho)	3$315
50—De uma terra lavradia, na Cana do Meio, 175',56, (12 alqueires de milho)	4$662
52—De uma terra lavradia, no Tanoeiro, 73',15 (5 alqueires de milho)	1$941
53—De uma terra lavradia, na Rolina ou Roliça, 658',55, (45 alqueires de milho)	17$481
54—De uma terra lavradia, na Posseira, 29',26, (2 alqueires de milho)	777
55—De uma terra lavradia, na Lomba da Cebola, 87',78 (6 alqueires de milho)	2$331
56—De uma terra lavradia, na Aldonça, 117',56, (8 alqueires de milho)	3$108
57—De uma terra lavradia, na Barbisqueira, 175',56. (12 alqueires de milho)	4$662
58—De uma terra lavradia, na Aldonça, 58',52, (4 alqueires de milho)	1$554
59—De uma terra lavradia, na Aldonça, 102',41, (7 alqueires de milho)	2$718
60—De uma terra lavradia, na Aldonça, 58',52, (4 alqueires de milho)	1$554
61—De uma terra lavradia, na Remoela, 14',63, (1 alqueire de milho)	387
62—De uma terra lavradia, na Remoela, 146',30, (10 alqueires de milho)	3$885
63—De uma terra lavradia, na Volta do Amieiro, 58',52, (4 alqueires de milho)	1$554
64—De uma terra lavradia, na Volta do Amieiro, 204',82, (14 alqueires de milho)	5$439
62—De uma terra lavradia, na Alampada, 555'94, (38 alqueires de milho)	14$763
66--De uma terra lavradia, no Alvarejo ou Alampada, 204',82 (14 alqueires de milho)	5$439
67—De uma terra lavradia, na Carreira do Amial, 175',55, (12 alqueires de milho)	4$602
68—De uma terra lavradia, na Malhôa, ou Murteira, 351',12 (24 alqueires de milho	9$324
69—De uma terra lavradia, na Malhôa ou Murteira, 292',60 (20 alqueires de milho)	7$770
70—De uma terra lavradia, na Malhôa, 175',56 (12 alqueires de milho.	4$662
71—De uma terra lavradia, nas Cabeceiras, 263',34 (18 alqueires de milho)	6$993
72—De uma terra lavradia, na Rapôza, 102',41 (7 alqueires de milho)	2$718
73—De uma terra lavradia, na Corrente do Cacau, 87',78 (6 alqueires de milho)	2$331
74—De uma terra lavradia, na Algeriça, 438',90 (30 alqueires de milho)	11$655
75—De uma terra lavradia, na Algeriça, 175',56 (12 alqueires de milho).	4$662
76—De uma terra lavradia, na Algeriça, 117',4 (8 alqueires de milho).	3$108
77—De uma terra lavradia, na Algeriça, 438'90 (30 alqueires de milho)	11$655
78—De uma terra lavradia, nas Pitanças, 2194',50 (150 alqueires de milho)	58$275
79—De uma terra lavradia, nas Pitanças, 234',8 (16 alqueires de milho	6$216
80—De uma terra lavradia, no Padrão, 102,'41 (7 alqueires de milho)	2$718
81—De uma terra lavradia, em Entre Valas, 658',35 (45 alqueires de milho)	17$481
82—De uma terra lavradia, em Treixedo, 175',56 (12 alqueires de milho)	4$662
83—De uma terra lavradia, nas Cancelas, 175',56 (12 alqueires de milho)	4$662

Dos bens e vendas é depositario o arrendatario José Maria Afonso, casado, proprietario, de Tentugal.

Pelo presente são citados para a arrematação quaesquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 10 de julho de 1912 e dôze.

O escrivão do processo,

José de Paiva Bobela Mota.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

(Antiga Casa Novais)

MONTEMÓR-O-VELHO

Mercearia, Tabacos e Fazendas Brancas

— DE —

JOÃO ANTONIO RODRIGUES

(Successores)

Esta casa é, onde se encontra o o mais completo sortido em artigos de 1.ª qualidade.

Deposito de farinhas, cimento, vidraça, telha de vidro e velas de cêra, etc...

Vendas por preços de Lisboa e Porto.

Unicos depositarios do **Café Distinto,** em latas de 500 e 250 gramas, e em pacotes de 250, 125 e 100 gramas.

Este café, devido á sua combinação, é o mais forte, saborôso e aromatico, e é o mais economico, empregando-se menos um terço, dêste café do que de qualquer outro, para dar o resultado desejado.

Este magnifico café combate todas as marcas que apareçam no mercado.

Provai e vereis o resultado!...

Fabrica de bolachas e biscoitos da Estrela

Couraça da Estrela, 1 a 15

COIMBRA

Esta casa é que melhor fabríca e vende em melhores condições.

O Proprietario,

Manoel Pereira Junior.

JOSE MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

O DEVER

ASSINATURAS

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS

Ano, 999 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis.

BRAZIL

Ano, 2$000 réis, fortes.

Numero avulso, 30 réis.

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 réis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 réis; na secção respetiva, 40 réis; repetições na mesma secção, 20 réis.

Anuncios permanentes contrato especial.

Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.

Não se restituem os autografos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Ferro-viarios de Portugal

A *Via Ferrea*, importante e vigoroso orgão da classe ferro-viaria de Portugal, o unico periodico que até hoje se tem sabido manter numa linha de intransigente conduta muito para apreciar e louvar nestes tempos de egoismo e malandrismo que vamos atravessando, transcreveu, na integra, no seu n.º 398, o nosso ultimo artigo sobre ferro-viarios portuguêses.

A *Via Ferrea* quiz, aplaudindo o nosso modo de ver, prestar-nos essa homenagem imerecida.

E' que a verdade, seja ela dita em que linguagem fôr, cala sempre fundo no animo dos que, como nós, trabalhando para o engrandecimento moral e colóctivo da classe a que pertencemos, anciâmos para ela, sinceramente, o raiar luminoso duma aurora de libertação e progresso, de independencia e regeneração.

E essa libertação, esse progresso, essa independencia e essa regeneração de que a classe tanto carece, jamais se alcançarão emquanto não enveredarmos todos, dirigentes e dirigidos, mas primeiramente aqueles, por caminho opôsto do que até hoje temos trilhado, falta agravada ainda pela má conduta e mesquinhas ambições duma grande parte de camaradas de todas as linhas que, em detrimento do bem geral, teem sómente procurado engrandecer-se, elevar-se a si, a ponto de esquecerem, depois, os que de degráu inconscientemente e iludidamente lhes serviram.

Parece paradoxal?

E' simplesmente irrisório!

Sindicato, União, Associação, é tudo a mesma coisa, todos têm o mesmo fito. Podemos dize-lo afoitamente, e se quizerem, provaremos a nossa afirmativa.

Os que lá estão tratam de arranjar-se, os que estão de fóra espreitam cubiçosamente a melhor oportunidade de entrarem para se arranjar tambem.

Parecem os politicos da monarquia:

Invejas, mal-crenças, degladiações tôrpes e tôrpes ambições de popularidade. Estamos, infelizmente, reduzidos a *isto*, e *disto* vemos modos de não passar.

Ha mais de 20 anos que se vem prégando moralidade e união, e estamos em dizer que mal empregado tempo tem sido aquele que com tal assunto se tem dispendido.

E senão vejamos os beneficios que as associações, Sindicatos e Uniões têm prestado á classe, quer sob o ponto de vista moral e educativo, quer sob o ponto de vista material e colétivo.

Ha quem possa desmentir-nos?

Que venham até nós. O *Devér*, e a sua redáção não irá decerto contra isso, ainda mesmo que tenha de ampliar-se, dará guarida nem que seja á classe inteira, a avaliar pela maneira como tem estado ao lado dos ferro-viarios.

Mas não. Não tememos desmentidos. Conhecemos bem, e de perto, os ferro-viarios de Portugal. Sabemos que, a despeito do seu valor colectivo, esse inorme predicado não tem sabido ser aproveitado por ninguem, nem mesmo pela classe que, benevolente e insperiente, se tem deixado iludir por meia duzia de tartufos que só se têem sabido servir a si.

A história se fará...

BELMIRO.

"O MUNDO„

Deu-nos a honra da sua permuta êste valorôso baluarte da causa republicana que, durante tôda a sua existencia, tem sabido mantêr-se numa atitude austéra, inconfundivel, lutando destemidamente pela vitória da Republica e pela emancipação da consciencia do póvo. Demolidôr tenaz do clericalismo feroz e dos minazes preconceitos sociais, o *Mundo* ocupa o primeiro plano no jornalismo português e é um dos de mais destaque no jornalismo mundial.

Agradecendo a gentilêza da permuta, fazêmos votos pelas prosperidades do nosso ilustre colega.

FALECIMENTO

Vitimado por um tifo, faleceu domingo passado Terêsa Luiza, mais conhecida por Terêsa do Correio, avó do nosso assinante, João Monteiro da Costa. O funeral realisou-se na segunda-feira, sendo bastante concorrido. A finada era estimada por todos, atentas as suas virtudes.

A' familia enlutada os nossos sentidos pêsames.

EXAME

Fez exame de instrução primária, 1.º grau, obtendo a classificação de *ótimo*, em Figueira da Foz, a filhinha mais velha do nosso presado assinante, snr. João Rodrigues Pereira Lapa, zelôso revisôr da Companhia da Beira Alta, a quem por tal agradavel facto felicitamos.

OPERAÇÃO

Sofreu ha dias, em Lisboa, numa casa de saude, uma melindrosa operação, o nosso presado amigo, snr. Feliciano Rocha, da Pampilhosa, que felizmente se encontra livre de perigo.

Folgamos com tão consoladora noticia e desejamos o completo restabelecimento do nosso amigo.

ANO LECTIVO

O *Diário do Govêrno* publicou um decreto, declarando que o ano lectivo nas escolas primárias termine em 31 do mês corrente, e que os exâmes do 2.º grau se executem até 15 de agôsto, podendo presidir aos júris os professôres do ensino normal.

CORRESPONDENCIAS

Figueira da Foz, 17.

Têm causado vivo entusiasmo no povo figueirense as noticias vindas nos jornais sobre a completa derrota e debandada da hoste conceirista.

—— No passado sabado, á noite, o vendedor ambulante galego, José Romero, quando estava na adega da casa de pasto do snr. José Ribeiro Pires, feriu com um tiro de pistola automatica o caixeiro do referido estabelecimento, Manuel Ferreira.

O desditoso rapaz, que era do concelho de Pombal, faleceu no hospital desta cidade, no domingo, sendo sepultado na segunda-feira.

O referido galego, aproveitando a confusão de tão estranho caso, evadiu-se, não tornando mais a aparecer.

Ignora-se se houve crime ou desastre.

—— Pelo telegrafo, soube-se aqui a dolorosa noticia do falecimento, por insolação, em Stokolmo (Suecia), do campeão da maratona portuguêsa, snr. Francisco Lazaro. Por este facto acha-se deveras penalisado o meio sportivo português, porque contavam que Lazaro ficasse vitorioso na grande capital sueca.

O *Ginasio Club Figueirense*, em sinal de sentimento, conserva a sua bandeira a meia haste.

—— Já se acha novamente funcionando a draga *Figueira;* no emtanto, o movimento maritimo desta semana não tem sido demasiado.

Oliveira Guerra.

Gatões, 18.

A noticia da derrota dos mizeraveis traidores á patria e á Republica, foi aqui recebida com grande entusiasmo dos republicanos. Os talassas daqui andam com cara de poucos amigos. Desgraçádos, que não sabem aonde têm o nariz! Hão-de ser sempre talassas.

—— No dia 16 foi cáturado o páraco Manuel Lopes Vicente, da vizinha povoação da Ferreira-a-Nova, como suspeito de conspiradôr, sendo feita busca á caza da sua residencia, onde foram encontradas uma pistola automática e algumas cartas comprometedoras.

Em seguida seguiram para a Quinta de Foja, procedendo-se tambem a uma busca rigorosa ao escritorio do secretario da Quinta, cunhado do páraco cáturado, sendo ali encontrada tambem igual arma. O páraco seguiu para a Figueira da Foz, e, segundo consta, em seguida para Coimbra.

Até esta data nada mais se apurou.

Não haverá um meio de cortar este mal pela raiz, acabando com estes miseraveis traidores?

A'vante sempre, gloriosos e valentes soldados! Pela patria e pela Republica!

Viva a patria! Viva a Republica! Viva o exercito!

—— De Coimbra regressaram a snr.ª D. Lia Ramos, dig.ma professora oficial desta localidade e a menina Alsira, filha do nosso amigo snr. Francisco Nunes Junior.

Até á semana.

Letnemip.

N. da R. — Por lapso saíu no ultimo n.º que a menina Alzira era filha da snr.ª D. Lia Ramos. Que esta distinta professora desculpe a falta do nosso revisor.

Ultima hora

Paiva Couceiro quebra a sua espada, no dizer de «Le Journal».

Paris, 19 de julho.

Le Journal desta manhã publica um telegrama de Saint Jean de Luz, dizendo que numa carta dirigida a uma pessoa notavel portuguêsa, Paiva Couceiro explica a sua amargura e a sua desilusão no vêr populações como a de Chaves não responderem ao movimento monarquista quando aliás a sua adesão lhe fôra formalmente prometida.

Paiva Couceiro acrescenta na carta, (diz o telegrama para *Le Journal*) que licenceou os seus partidarios e quebrou a sua espada, e que irá brevemente a Londres dar conta a D. Manuel e a D. Miguel de Bragança dos ultimos acontecimentos.

(*Havas.*)

Morte de Ornelas Vasconcelos

VIDAGO, 19.—Morreu hoje de manhã em Chaves o conspirador extenente Julio Ornelas Vasconcelos, ferido no combate do dia 8.

N. da R.—O conspirador Ornelas é, como o *Dever* noticiou no seu ultimo n.º, filho do Visconde da Ponte da Barca, casado, de 31 anos e natural da Abrunheira, do concêlho de Montemór-o-Velho.

ANUNCIOS

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes da Beira Alta

FESTAS DE S. THOMÉ

NA

FEREIRRA

(Estação de Montemor)

E

Passeio á pitoresca Mata da Foja

No dia 25 de julho de 1912

Bilhetes de ida e volta a preços muitissimo reduzidos, válidos para ida nos dias 24 e 25 e volta nos dias 25 e 26, por todos os comboios.

Comboios especiaes no dia 25.

Preços dos bilhetes com o imposto do sêlo incluido: — De Figueira, 2.ª classe, 220 réis, 3.ª classe, 150 réis. — Maiorca e Brenha, 150 e 80. — Alhadas, 100 e 60.—Arazede, 150 e 80. — Limede-Cadima, 320 e 150. — Cantanhede, 370 e 220. — Murtede, 520 e 320. — Pampilhosa, 620 e 420 réis.

Horario dos comboios especiaes e ordinarios entre a Figueira e Montemór:

IDA

		Comb. especial	Comboios ordinarios		
		M	M	T	T
Figueira...	Partida	6,00	8,10	15,15	20,30
Maiorca...	»	6,16	8,23	15,30	20,45
Brenha....	»	6,23	8,27	15,35	20,50
Alhadas...	»	6,31	8,33	15,42	20,57
Montemór.	Cheg.	6,38	8,40	15,50	21,05

VOLTA

		Comboios ordinarios			Comb. especial
		M	M	T	T
Montemór.	Partida	6,50	11,47	18,46	19,36
Alhadas...	Cheg	6,59	11,55	18,54	19,44
Brenha....	»	7,07	12,03	19,01	19,55
Maiorca...	»	7,12	12,08	19,05	20,03
Figueira...	»	7,26	12,22	19,17	20,20

Vidé as condições do respétivo cartaz afixado nas estações e logares do costume.

Lisboa, 6 de Julho de 1912.

O Administrador Delegado da Companhia,
Luiz Ferreira da Silva Viana.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes da Beira Alta

GRANDIOSOS FESTEJOS

EM

CANTANHEDE

Abrilhantados pela filarmonica «Figueirense», nos dias 24, 25 e 26 de julho de 1912

DIA 24.—Recéção da filarmonica com marche aux-flambeaux (ás 21,45). Vistosas iluminações á moda do Minho. Fogo d'artificio do habil pirotécnico de Viana do Castelo, José de Castro. Concerto pela distinta banda da Figueira.

DIA 25. — Tradicional «Piquêta» a 400 pessoas, cortejo e concurso de carros e cavalos enfeitados, disputando dois premios, e concerto pela mesma banda.

DIA 26. — Exercicio de Bombeiros Voluntarios—Kermesse—Corridas de bicicletes, de sacos e de cantaros.

Bilhetes de ida e volta a preços muito reduzidos

Válidos para IDA nos dias 24, 25 e 26—VOLTA nos dias 25, 26 e 27.

Preço dos bilhetes com o imposto do sello incluido — De Figueira, 2.ª classe, 580 réis; 3.ª classe, 420 réis; Maiorca e Brenha, 470 e 340; Alhadas, 400 e 290; Montemór, 330 e 250; Arazêde, 160 e 120; Limede-Cadima, 120 e 80; Murtede, 120 e 80; Pampilhosa, 260 e 170 reis.

Vidé as condições do respétivo cartaz afixado nas estações e logares do costume.

Lisboa, 15 de julho de 1912.

O Administrador Delegado da Companhia,
Luiz Ferreira da Silva Viana.

EDITAL

José Luiz Ferreira Galvão, Provedor do Hospital de Nossa Senhora de Campos e Mizericordia, de Montemór-o-Velho

FAZ saber que no dia 4 do proximo mez de agosto, por 12 horas do dia, na caza do Cabido do Velho Hospital, será posto em praça pública, o fornecimento de varios generos de consumo para o mesmo Hospital, e durante o ano economico de 1912-1913 corrente, tais cômo assúcar, chá, café, arrôz, bacalhau, macarrão, carnes de vaca e pôrco, pão e brôa, por 15 kilos ou fracção; bem cômo leite, vinho, vinagre, azeite e petroleo, com o prêço designado por litro.

Tambem irá a lavagem da roupa á praça, no mêsmo indicado dia.

As condições estarão patentes no acto da praça, reservando a Mêza o direito de não fazer a entrega, se os prêços lhe parecerem excessivos.

E para que chegue ao conhecimento de todos, se passou o presente e outros, que serão afixados no logar do costume.

Montemór-o-Velho, 13 de julho de 1912.

O Provedor,
José Luiz Ferreira Galvão.

(19) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

Dobaram-se alguns anos. O crédito de Julio começava a denegrir-se em Coimbra, onde era conhecido pelos seus costumes sibariticos. Era o Lovelace da época. O infeliz, em vêz de forcejar por subir, mais se despenhava. O demonio encavalgava-se nêle e afundava-o no abismo onde o lançára.

Quando os recursos que tinha alcançado estavam prestes a exaurir-se, lembrou-se de ir ter com o amigo de velhos anos, Antonio Lopes, unico que ainda lhe dispensava consideração, e pedir-lhe a sua intervenção num contrato sumario que tinha feito para a venda em hasta publica da casa da rua do Correio. Que o favor que esperava dever-lhe era que ele fosse apresentar o documento timbrado a Tereza Rosa e rogar o seu consentimento para a formação do contrato, que, para interessar a ambas as partes, devia de ser de titulo oneroso. Antonio Lopes, depois de algumas objécções, resolveu-se a ir; mas Tereza Rosa, ao saber de que se tratava, responde bruscamente ao advogado do seu ex-amante, recusa-se a anuir ao que lhe propõem e o contrato fica nulo.

Julio ficou então mais completamente arruinado. Não consta que tivesse feito noutro tempo uso da clinica, porque o ceu, que sempre mais ou menos lhe azulejou e dourou a vida, não o obrigava a trabalhar; agora, já sexagenario, já no pendor da existencia, e quando a reputação já estava perdida, seria um contra-senso pensar em tal.

Antonio Lopes ofereceu-lhe esteio em sua casa, mediante certas condições facilmente realisaveis; mas a consciencia postemada do libertino segredou-lhe que não aceitasse, que era uma vergonha. Julio recusou o oferecimento e declarou que resolvia ir para Lisboa; que era um oprobio viver numa cidade onde já era apontado a dedo por todos; que naquele meio mais populoso era menos conhecido, e portanto menos notado.

E no dia seguinte, despedindo-se do snr. Lopes, a quem diz que não mais voltaria a Coimbra, partiu com a serviçal para Lisboa, levando comsigo os poucos moveis que possuia.

Chegado lá, arrendou uma casita ao rez-do-chão e instalou-se nela com a criada.

Os dias passavam-se num desfalecimento rapido daquele corpo quasi inerte. A dipsomania que ultimamente o acometera inda mais o arruinava.

A criada, quando viu os meios a faltarem, pensou em ir ter com a mãi de D. Amelia, sogra de Julio, contar-lhe a situação do genro e pedir-lhe auxilio. Foi, a ocultas do amo, e a fidalga prometeu protegê-lo. Todos os mezes a criada ia receber uma pensão com que proviam á subsistencia de ambos, sem que Julio soubesse quem o favorecïa; mas essa protécção um dia faltou, porque a fidalga morreu, e a serva viu-se obrigada a desvendar ao amo o segredo e a manifestar a crise.

O dipsomano ouviu a comunicação com um espasmo de susto nos olhos, e, por fim, soltou uma casquinada sêca e rouca. O alcool trouxera-lhe os sintomas da loucura. A criada tremeu de pavor; e ele, naquela situação desesperada, angustiosa, sofria como um réprobo.

Soavam-lhe agora aos ouvido lôbregamente, desapiedadamente, aquelas palavras do pai, quando ele foi estudar para Coimbra: «Deves respeitar o teu nome, a tua dignidade e a de teu pai, para no futuro não ficares desprestigiado. Embora sejas rico e independente, não deves ser esbanjador, para que a fortuna um dia te não amaldiçôe e a dependencia te não venha maniatar as aspirações. Vai, e nunca te esqueças disto.»

E ele esqueceu e o facto consumou-se.

(*Continua*).

ABILIO LAGOAS

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sêde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

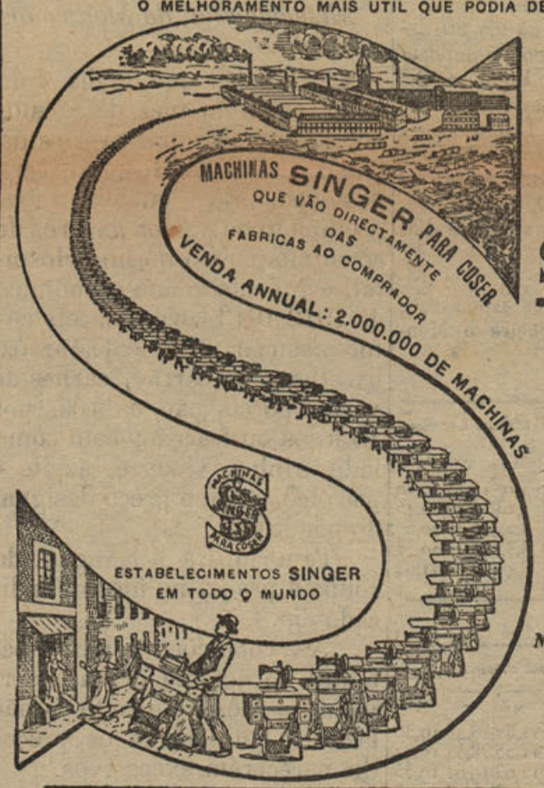
Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

MILHARAES ENFEZADOS

— EM —

Terras de rega

Deitando aos **milharaes** em terra de rega o **Nitrato Melhorado** com **Potassa** em **Cobertura,** marca **NMP 104** chega-se a ter colheitas de **milho** produzindo o dobro e ainda mais.

Assim como o homem precisa para viver, legumes, carne, pão, vinho, frutos, etc., as **plantas** precisam de **Azote, Acido Fosforico** e **Potassa,** e tambem de frescura no terreno para resistirem aos calores, concluindo se por isso que faltando uma destas cousas, as plantas morrem ou ficam bastante enfezadas por falta de alimento.

Quazi sempre o aspeto amarelado do **milho,** é devido á deficiente adubação de **Azote e Potassa** quando no terreno ha frescura, ou agua para regar.

Ora, se ao homem derem a beber agua, quando ele precisa de pão, o estomago torna-se debil e dai a doença e o aspeto doentio. E' o mesmo que regar o milharal, tendo ele falta de **Azote e Potassa.**

Dêmos ao homem para viver o vinho, e o pão, mas dêmos tambem ao **milho,** para **muito produzir,** o **Azote e Potassa,** por meio do **Nitrato Melhorado com Potassa,** marca **NMP 104,** na razão de 15 gramas por metro quadrado, aplicado por onde a agua passar quando se rega, mas deve ser quando o **milho** estiver já arrendado, e antes de lançar a bandeira.

Com este magnifico adubo, o **milho** tornar-se-ha rapidamente de uma côr verde, muito escura, dando muitas e grandissimas espigas, com os grãos todos muito cheios, parecendo um completo milagre!!!

Lavradores!... experimentae com um saco de **Nitrato Melhorado com Potassa** no vosso predio de **Milho,** ainda este ano e vereis a felicidade que vos proporciona os adubos da casa **Herold,** marca **Foice e Trevo de 4 Folhas.**

Dirigir por postal ao Agente **Fortunato Vaz,** morador em **Camarneira—Cantanhede,** que rapidamente manda despachar do armazem mais proximo, Lisboa, Porto ou Pampilhosa do Botão, ou entrega nos seus depositos de Oliveira do Bairro, Mogofores ou Cantanhede.

Dão-se esclarecimentos mais detalhados, verbalmente ou por escripto, a quem os desejar.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40--Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 28 de Julho de 1912 — N.º 23

O DEVÊR

Semanário Republicâno

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Um melhoramento necessário

Ao snr. ministro do Fomento

Arazêde, com uma estação telégrafo-postal, tornar-se-ia uma fonte de receita para o Estado e uma origem de progresso para os seus habitantes

Quando no número passado abordámos êste assunto, não supunhamos que iriamos captar a opinião sensata de muitas pessôas que se nos têm dirigido, pessoalmente e por escrito, louvando a nossa iniciativa e aplaudindo tôdos os bons esforços que pudermos envidar em prol duma ideia de resultados tão práticos e tão producentes e com a qual muito lucraria esta povoação.

Já fizemos vêr o direito que assistia a Arazêde em possuir uma estação telégrafo-postal, a exemplo de outras povoações similares e até de inferiôr categoria, assim cômo mostrámos as vantagens que daí resultariam para tôdos, ainda mêsmo para aquêles que não têm os seus interesses afectos a esta fréguezia. Que a criação duma estação telegráfica aqui em Arazêde produziria altos benefícios não só pára os seus habitantes, mas tambem pára o Estado, isso não resta dúvida. Basta dizêr-se que dêde que aqui encetámos a publicação dêste jornal, o serviço do correio aumentou extraordináriamente e grande número de pessôas nos têm deixado de enviar telegramas directos, por não existir aqui a respectiva estação recétôra que tal serviço devia desempenhar.

Mas não sejamos só nós a depôr. Os proprios industriaes e comerciantes de Arazêde têm sentido essa falta, vendo as suas negociações muitas vêzes em atrazo ou não podendo sanar certos obstáculos que surgem de momento, por não dispôrem da via rápida que facilmente remove as maiores dificuldades. Muitos serviços se complicam e muitos interesses se sentem prejudicados, por falta dum simples fio telegráfico que pouparia muitos sacrificios e que ajudaria a embolsar algum dinheiro.

Terras ha, cômo S. Pêdro d'Alva, que muito bem conhecêmos e com a qual outro dia exemplificámos, que não têm a vida activa de Arazêde nem possuem as artérias de comunicação que lhe imprimem movimento e progresso, e contudo acham-se melhoradas com uma estação telegráfica, quando antes disso não tinham mais que uma simples estação postal. Não é pois, de admirar que Arazêde, tendo uma estação para serviço de *correspondencia* e para serviço de *encomendas*, possa aspirar a uma estação telegráfica, com os serviços anexos duma estação de 2.ª classe.

Uma povoação que, como Arazêde, tem uma estação de caminho de ferro, movimentada diáriamente pela exportação de cal e madeira, industrias que em larga escala se desenvolvem na região; uma povoação onde se fazem importantes transacções comerciais, e onde mensalmente se realiza uma feira composta de todos os generos necessários á vida local; uma povoação que tem sido nos últimos tempos frequentada por turistas que aqui vêm reparar a saúde abalada com o ar oxigenado dos pinhais frondentes, ou que simplesmente vêm de passeio exercêr os *sports* ciclista e venatório; uma povoação assim com êstes elementos de vida, com estas admiraveis condições de progresso e com outras que de futuro possam vir a criar-se, é bem digna do melhoramento que para ela reclamámos, pois que, além de podêr melhorar essas condições, traz a vantagem de podêr aumentar a receita do Estado com a expedição de telegramas, vales, lêtras, etc., serviço êste que se iria acentuando ao passo que a evolução se fôsse operando na localidade.

Compreende-se que é duma dificuldade, duma despêsa e dum transtôrno enorme têr de percorrêr, em qualquer meio de transporte, a distancia de 15 quilómetros bem puxados, para ir á séde do concêlho de Montemór executar quaisquer operações do serviço de correios, operações muitas vêzes urgentes e nem sempre faceis de resolvêr com a rapidêz desejada, pela impossibilidade de se podêr quasi um dia a percorrêr caminho longo que, só por si, absorve uma grande parte do tempo destinado aos negócios a tratar.

A criação da estação telégrafo-postal aqui trazia ainda a vantagem de facilitar os serviços do correio na estação de Montemór, que lá se acumulam e se complicam extraordinariamente, e que seriam mais harmonicamente executados, se ficassem distribuidos pela nova estação.

Adivinhamos as vantagens de tôda a ordem, tanto morais cômo económicas, que derivariam dêste melhoramento simpático, e para êle chamâmos a atenção do snr. ministro do fomento, confiados em que s. ex.ª, com o talento que o caraterisa e com a actividade que lhe é peculiar, atenderá a esta questão de interesse local e promoverá tôdos os meios, de harmonia com o snr. directôr geral dos correios e telégrafos, para pôr em prática a nossa ideia, que é tambem uma reclamação justa e necessária em defêza dos interesses do pôvo dêsta fréguezia.

UMA VÍTIMA DA REACÇÃO

A memória de Sára de Matos, dessa formosa criança de 14 primaveras que ha 21 anos foi vilmente assassinada no convento das Trinas pelas freiras dêste coio jesuitico, têve outro dia em Lisboa uma consagração alta por parte da Associação do Registo Civil, que quís prestar a essa vítima do reaccionarismo feroz o seu preito de homenagem sentido e veemente, para recordar ao pôvo quanto de prejudicial e de afrontôso é para a Humanidade a existencia de conventos e de coios religiosos, onde se perpetram os crimes mais infamantes e onde se encobrem com revoltantes assassinios as torpêsas praticadas á sombra da religião cristã.

Sára de Matos, envenenada no convento das Trinas do Mocambo com sal d'azêdas, ministrado pela irmã Colecta, foi vitima do crime de estupro que um repelente jesuita lhe perpetrou tigrinamente.

O coio pretendeu encobrir o crime com o assassínio da desditosa criança, mas o triste facto, debatido nos tribunais e verberado pelos caudilhos republicanos, pertence hôje á história dos crimes da Igreja e é relembrado com assômos de revolta e com protestos indignados contra a seita nêgra, que durante muitos anos avassalou Portugal, agora liberto dos corvos de Rôma pela lei de 20 de abril de 1911.

Que o pôvo se deixe inspirar por estas palavras, e que medite bem nos terríveis efeitos da reacção, que tem cômo chefes o papa e os bispos, e cômo satélites os padres e os jesuitas de casaca.

UMA VALIOSA ADESÃO

Diz o *Mundo* que o snr. dr. João Bátista Loureiro fêz comunicar ao Directório a sua adesão ao Partido Républicano Português.

O snr. dr. João Loureiro goza de grande prestigio no concêlho de Montemór-o-Velho, e tem faculdades de inteligencia e de trabalho para prestar bons serviços ao seu país, honrando o seu nôme e o nôme da Patria. Felicitâmo-lo por isso.

CARTA DE LISBOA

JULHO, 25.

A manifestação que o pôvo de Lisbôa fêz no domingo, 21 do corrente, ao valoroso deputado republicano espanhol, Rodrigo Soriano, foi bela e grandiosa, imponente e comovedôra.

O grande amigo da Republica portuguêsa foi aclamado entusiasticamente. Uma verdadeira apoteóse.

Rodrigo Soriano teve ocasião de vêr quanto é querido do pôvo português.

Muito antes da chegada do comboio em que veio o ilustre viajante, 14,31, já as *gares* da estação do Rocio se encontravam repletas de pôvo, todos querendo sêr os primeiros a vêr a simpatica figura de Soriano.

Ouve-se o silvo da locomotiva e logo que o comboio aparece saindo do túnel, dezenas de milhares de pessôas soltam vivas á Republica, a Rodrigo Soriano e á Espanha e tudo se movimenta numa alegria constante que é dificil de descrever.

O comboio avança lentamente e, chegado á *gare*, o entusiasmo atinge o delirio, repetindo-se então as aclamações seguidas de palmas que não cessam durante alguns minutos.

O que presenciámos é grandiosamente enternecedôr.

A' hora da corrida de touros na praça do Campo Pequeno, aparece Soriano, e as manifestações repetem-se com o mesmo entusiasmo, vendo-se tôdo o pôvo de pé, em sinal de respeito pelo homem que tanto tem trabalhado em favôr de Portugal.

A corrida esteve bôa e animada e o beneficiado, estimado bandarilheiro Jorge Cadete, foi muito ovacionado.

Quasi todos os artistas ofereceram sortes a Soriano que agradecia comovido.

=== No dia 20 foi encontrado, ao quilometro 21,150 da linha de Cintra, um homem morto. Supõe-se que tenha sido colhido por qualquer comboio.

Depois da comparencia das autoridades, foi o cadáver removido, pelas 18,5, para o cemiterio de Rio de Mouro. Não foi reconhecido.

=== Faleceu no Hospital de S. José, no dia 20 do corrente, o aguilheiro de Pedrouços, Manuel do Nascimento, que ali deu entrada no dia 5, vitima de desastre quando em manobras naquela estação, foi colhido por um vagon.

Deixa viuva e um filho na maior desgraça.

O funeral foi feito á custa da Companhia. Era um pobre homem, bom empregado e cumpridor.

=== Pelas 21 horas do dia 23, teve logar a anunciada sessão nos salões da Associação do Registo Civil, comemorando o 21.º aniversario do tragico assassinio da infeliz Sára de Matos. A concorrencia foi enorme e o entusiasmo delirante.

Falaram: Magalhães Lima, Leal da Camara, Rodrigo Soriano, D. Antonio Viergal e outros, sendo calorosamente aplaudidos pela numerosa assistencia, da qual faziam parte gentis damas em grande numero. Quando Soriano se levantou para falar, foi alvo de uma manifestação de simpatia ouvindo-se os hinos dos dois paises e as duas bandeiras são enlaçadas por Soriano e Viergal, redactor da *España Nueva*, como que unindo as duas Nações amigas uma á outra por laços da maior amisade. Soriano produz um discurso eloquente em que transparecia constantemente a grande amizade que dedica a Portugal.

A. F. A.

ABEL GODINHO

Regressou da Guarda, onde esteve convalescendo duma pertinaz enfermidade que o atacou, mas de que felizmente está livre, este nosso querido amigo, socio-Gerente da Fabrica de Cerâmica Excélcior, de Pampilhosa.

Folgamos em dar esta agradavel noticia aos nossos leitores, porque Abel Godinho, além de ser um caracter imaculado, é um bom, sincero e leal amigo cujo convivio nos fazia falta.

Dâmos-lhe as boas vindas, abraçando-o comovidamente.

NOTAS CRITICAS

Lembram-se do general Nogi? Foi o heroico sitiante de Porto Artur durante a guerra russo-japonesa, tendo conseguido, com tenacidade e valor, a rendição da historica fortaleza considerada inexpugnavel. Entre a pleiade admiravel de cabos de guerra que essa campanha revelou ao mundo, Nogi é talvez a figura mais brilhante, pelo valor, pela inteligencia e por essa simplicidade na gloria que resuscita, nos povos modernos, que uma alta civilisação ilumina, as virtudes singelas mas solidas dos varões romanos, dos tempos epicos da Republica.

Nogi foi aclamado como um salvador da patria, é uma gloria nacional, e sabem em que se ocupa atualmente Nogi? Qual foi a recompensa que o governo de Tokio lhe outorgou, como unica apropriada aos seus serviços, e consentindo-lhe, na páz uma atividade tanto ou mais benemerita do que a que teve na guerra?

Não advinham.—O governo de Tokio fêz do general um mestre-escola.

O snr. Lowdou, ministro da Holanda no Japão, referiu num jornal estrangeiro a impressão grata que lhe produziu ver o vencedor de Porto Artur, «rodeado de creanças, as mais velhas das quais, teriam dez anos, a quem acabava de dar lições de historia».

Admiravel lição, dada por um país resurgido, que está fazendo uma historia inteiramente nova, conscio de que se não vive de tradições do passado, por mais gloriosas, belas ou pitorescas que possam ser. Simultaneamente confia a um general os exercitos do futuro, proporcionando assim á sua ação que sobreviva á breve hora presente, e, fazendo do heroe nacional um modesto professor de creanças, eleva a ideia as funcções de mestre-escola.

O que torna invencivel um povo não é a sua quantidade numérica, a sua bravura fisica, a sua força ou o seu dinheiro. O que o torna invencivel é a consciência da sua causa. O soldado que fôr um cidadão e um patriota, não fraqueja, não céde, não deserta, não capitula, como fraquejam, cédem, desertam, e capitulam as inumeraveis hostes de mercenários e escravos. Porque? Porque elas não defendem a sua causa; defendem a causa dos outros, que ou são os ámos que os alugam ou os opressores que os tiranisam. Não ha heroes de aluguel, e os escravos, que os seus opressores impelem á lúta, sentem que não teem maiores inimigos do que os seus chefes.

Da escola de Nogi sairão patriotas, sairão homens livres, sairão paladinos. Os bravos que se bateram na Mandchúria um dia chegará em que não sejam mais que um gigantesco montão de cadáveres, descansando na páz dos cemiterios. Dormirão aí socegados e tranquilos. As creanças de hoje ocuparão o seu logar, e as vozes do comando que as arremessarem aos combates que a sua patria porventura haja de travar, visional-as-ão saindo dos labios de um homem que, assentado em frente dos bancos da sua escola singelamente, mas com mal contida emoção, lhes narrava os feitos da sua historia, brilhando-lhe no olhar as iluminadas esperanças do futuro.

Esse homem comparei-o ha pouco aos varões romanos da Republica. Não foi debalde que os tempos passaram para a sua missão ser ainda mais bela e mais sublime. Cincinnatus, deposto o gladio, voltava á lavoura da terra. Nogi dedica-se á lavoura dos espiritos.

MARIO SIMÕES DA SILVA.

Dr. Antonio José d'Almeida

Devia hôje têr chegado a Coimbra êste chefe politico, que foi inaugurar um centro evolucionista, realisando-se hôje á nôite um banquête em sua honra no Hotel Avenida.

PORTUGAL E ESPANHA

Muita tolice, muito disparate, muita asneira se tem escrito e dito sobre a questão internacional suscitada entre Espanha e Portugal, e á qual, como é sabido, deu logar a recente malograda incursão couceirista.

Tem havido exageros, tem havido excessos de linguagem e de procedimentos, sob todos os aspectos.

Esses excessos, esses exageros não os estranhamos nós. São proprios, são filhos do temperamento do povo português, do povo que acima de tudo põe os principios, os sagrados e altos interesses da sua patria.

O que estranhamos, o que nos tem causado reparo, tem sido as tolices, os contrasensos que gente de certa categoria social e intelectual, tem escrito e dito, alguns dando-se ares de saberem tudo o que se passa nas chancelarias, outros arrogando-se o desplante de fazerem compreender que são pessoas muito das secretarias ministeriais, e ainda outros permitindo-se o dizerem-se libertadores duma causa que, se está ganha e em bom terreno, não se deve esse glorio-

so facto senão ao nosso exercito de terra e de mar, que não a eles, *dandys* da polémica e arautos simulados duma vaidade sem limites.

Depois os arremedos contra a Espanha, por aí de boca em boca? Os snrs. já viram tanta trapalhada? Até o visinho aqui do lado, ontem á noite, chegou a casa com os ouvidos cheios. Vinha aborrecido, raivoso, como quem compreendia bem esses manequins das esquinas, esses jornalistas de meia bitóla—nós nem a um quarto de bitola chegamos—que, de olhos esgazeados, fingindo de carbonarios uns, de luneta de vidraça dizendo-se patriotas outros, diziam contra a Espanha as maiores sandices, as mais disparatadas pedantices.

Defendemos a Espanha?

Oh! não. Nós não defendemos a Espanha, mas tambem a não condenamos, pelo simples mas lógico motivo de nos não querermos abalançar a apreciações erradas, a dubias interpretações. O seu governo sim, que merece censura. De resto o caso está entregue nas mãos dum governo da confiança absoluta da Nação portuguêsa. E de tanta confiança, e tão criterioso e patrióta, que a ele se hade dever a consolidação definitiva e tão justamente ambicionada, da nossa Republica.

Ha mais de 8 dias que os jornais diarios, os bi-semanarios, os semanarios, os tri-mensais, os quinsenais, todos os *canudos* emfim quasi se não têm ocupado de outra coisa.

Por um lado é bom. O assunto, normalisadas as situações, serenada a politica, que é afinal de contas o que em Portugal os jornais mais exploram, o centavosito não teria grande garantia, o interesse pelo jornal sumir-se-ia lentamente, e os rabiscadores teriam que ir... empar vinhas e semear melões.

Ah! mas a Espanha. A Espanha é liberal, a Espanha é patriota. A nação visinha, ó tartufos da politica, tem as mesmas aspirações que d'ha muito enamoravam profundamente o pôvo português, e cuja paixão latente só se extinguiu, embora não de todo, no dia 5 de outubro.

A Espanha é guerreira, a Espanha é leal. O sentimentalismo dos espanhois arde nas mesmas chamas de reconstrução social em que o sentimentalismo do povo português se abraza.

O elevado, o sublime objéctivo é o mesmo.

De resto nós conhecemos muito bem o valor uns dos outros. Já nos guerreámos, já nos combatemos, já nos vencêmos mutuamente.

E agora estamos dispostos a ir por deante, a caminhar até ao fim, auxiliando-nos.

O povo espanhol é o nosso, nós somos o povo espanhol. E' só diferença de idiómas. Os corações sentem com o mesmo frémito a necessidade do engrandecimento social e colectivo, a necessidade de uma radical transformação que nos eleve ás altas culminancias da perfetibilidade humana.

Por isso eu aqui deixo, á Espanha, um grande abraço.

ALMEIDA JUNIOR.

DE PASSEIO

Estiveram entre nós no domingo passado os nossos presados amigos e assinantes, snrs. Manuel Simões Lopes e José Monteiro Ramos, empregados da Beira Alta em Pampilhosa.

Pela Patria E Pela Republica

IV

Não cançar e A'vante sempre, até onde fôr preciso, para repelir, com energia, traidôres e caluniadôres.

A Revolução de 5 d'Outubro, acto heroico, gésto altivo d'um pôvo que se libertou do jugo tiranico e despótico para entrar num caminho de paz, ordem e trabalho, foi o inicio de nova gloria para Portugal.

E', pois, imperiôso o devêr de todo o bom cidadão português, defender a Republica e chicotear, quando se justifique a necessidade, os miseraveis traidores que de nôvo tentarem invadir o sólo da Patria.

O procedimento dos desqualificados realistas portuguêses para com a nossa Republica, não se justifica nem se admite, e, por isso, é injusto, é infame e irritante o seu procedimento, não merecendo benevolencia de especie alguma.

Nós pretendemos e desejamos viver em paz, porque depende dela o futuro do pais e a consolidação do regime que fará a felicidade da nossa querida patria.

Que pensaria o governo espanhol, se em Portugal se permitisse que se organizassem grupos, que se armassem grupos para combater o seu regime?

Que pensaria ainda o mesmo governo se, durante mezes consecutivos, nós tolerassemos o que, em terras galégas, se tem consentido contra Portugal?

Desnecessário será descreve-lo, porque o leitor o compreende bem. O procedimento de alguem está, pois, longe de merecer elogios, desde que a Republica foi legalmente reconhecida por todas as nações.

A Historia falará um dia, e nela se encontrará, então, melhor a justiça que nos assiste. A nossa lealdade e o nosso procedimento ecoará longe para que apreciem a razão que nos assiste. Tem-se gasto muito dinheiro para se manter uma firme defêsa na fronteira, e desnecessario seria, se tivesse havido mais lealdade da parte de quem devia havel-a, termos feito essas despezas.

Quem de bôa fé extranhará ou poderá negar que a Republica portuguêsa não tem feito quanto as suas forças lh'o tem permitido para engrandecer a Patria?

Não será facil a resposta, a não ser que ela seja dada por aqueles que, comendo e desperdiçando á custa do Estado, ainda por cima difamam a Republica.

Dentro da Republica cabem todos, sempre que venham com lealdade, como teem vindo muitos monarquicos de bôa fé, porque a Patria é de todos os portuguêses e para bem dela todos podem e devem trabalhar. Mas muitos, vendo que lhes falhava o terreno no qual exerciam o condenavel papel de caciques e mandões, não compreendem que teem o devêr patriotico de cooperar com lealdade dentro do nôvo regime, para o progresso da sua patria.

(Continua.)

A. F. A.

O PADRE

Na tentativa da restauração monárquica, como em tôdos os movimentos de caráter reacionário, o padre têve o maior quinhão de responsabilidade.

Levantou povoações, sobresaltando-as da paz patriarcal em que viviam, para as lançar na mais monstruosa das guerras—a guerra civil. E eram tão intensos o ódio e a raiva que lhe cachoavam na alma pérfida, que se viu o padre lançar bombas, assassinar, incendiar e instigar ao assassinio.

Foi sempre assim o padre: pérfido, refalsado, dúplice, dissimulado. Quando se vê perseguido, prega a mansidão, a paz, a fraternidade, o perdão e o esquecimento; e quando é ele o vencedôr, aconselha a guerra, o ódio, a perseguição, a intolerancia e o exterminio.

Ministro duma religião falsa, intolerante, sectária e perseguidôra, o padre, para a sustentar, tem tambem de sêr falso, intolerante, sectário e perseguidôr. São a doblêz e a mentira as suas armas, é o ódio a caracteristica mais incisiva do seu instinto.

Não esquéce, finge esquécêr; não perdôa, simula perdoar.

Todas as suas palavras trazem a unção doblética do beijo de Judas, tôdos os seus átos são concebidos sob o influxo da hipocrisia.

Não sentiu nunca na sua alma tôrva o perpassar suave dum sentimento digno. Desconhece o amôr puro, as paixões nobres do homem não as sentiu nunca.

Afastaram-no da Naturêza, proibindo-lhe o Amôr, que nêle é sempre impuro, terrêno, animal.

Inimigo da Familia, por isso mêsmo que não conhece o Amôr, êle tem sido sempre o mais enérgico dissolvente do lar doméstico. Porventura não será a desarmonia conjugal o resultado da doutrina perversa do padre? Acaso não será devido ao predominio do elemento eclesiástico o facto desta terra se encontrar conflagrada por ódios e dissenções irredutiveis?

Ele vê no-homem são um inimigo, um adversario indomável, e lança mão da mulher, constitucionalmente fraca, e de seus filhos, cujos cérebros pertencem ao primeiro que nêles atuar. Assim, êle dedica-se ao ensino, não para instruir, para iluminar o homem na estrada real da Verdade e da Razão, mas para obcecar, para catequizar, para agrilhoar as consciencias ao preconceito, á mentira e ao êrro.

E' um adversário perigôso, por isso mesmo que as suas armas são invisiveis, imateriais. O homem póde lutar com um leão e estrangulá-lo: o que não poderá nunca é esmagar o reptil que vive oculto nos meandros impraticaveis da Terra.

Vendilhão do templo, êle não tem interesse em que a religião do Rabi se mantenha tersa, imaculada e limpida; e se protesta contra a separação da Igreja do Estado, não é por vêr nisso um ataque á Religião, mas porque sabe muito bem que a Igreja, sem o auxilio do Estado, perecerá.

Eu, no padre, não odeio o homem. O que eu odeio nêle é a sua situação contra a Naturêza, é a sua condição de escravo de Rôma, o que o torna, simultaneamente, perigoso e desgraçado.

Se o odeio é porque ele é, foi-o sempre, o inimigo da Revolução e do Futuro, e nós, que sômos os pioneiros audazes duma outra sociedade mais perfeita e generosa, mênos egoista e mais humana, temos de jugular êste inimigo para que o Progresso avance e o nosso Ideal triunfe.

Vagos, 912.

A. Lucio Vidal.

Pôsto médico

Até nós chegaram uns boatos desagradaveis sobre esta questão ha tempos levantada pelo *Devêr*, mas, felizmente, as nossas averiguações deram esses boatos como improcedentes, ficando nós com a certeza de que a commissão administrativa já cuidou do assunto, mandando á aprovação das instancias superiores a proposta para a criação do pôsto médico em Arazêde.

Bom será que a mesma comissão não descure o assunto, de tão magna importancia para esta fréguezia, envidando todos os seus esforços para que dentro em pouco tenhamos a registar esse melhoramento em Arazêde.

Deve haver o maior escrúpulo na escolha do clinico, que deve ser um homem sabedor, consciencioso e honesto, pondo-se de parte todo o partidarismo que póde prejudicar essa escolha, prejudicando o povo desta freguezia.

O que por agora desejâmos é que todos os membros da câmara empreguem os seus esforços para a realisação do nosso desiderato, e terão o nosso aplauso, pois é sempre grato aplaudir os bons actos daqueles que dispendem o seu tempo em obras de utilidade pública e o não gastam em politica estéril e irritante.

DO BRAZIL

Constou aqui que faleceu em S.Paulo, vitimado por uma pertinaz doença, Manuel Mano, casado com Virginia Fernando, e filho de António Mano, tôdos dos Grilos, desta fréguezia.

O infeliz Mano deixa dois filhos menores.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XXI

Ainda o caso Avila Junior — Um temperamento de ferro e a firmêsa do ideal — Estoicismo que se apôia na rigidês do caráter — Um reptil venenôso — Esmague-o quem tiver a fôrça do Direito

Temos aqui, na nossa modesta banca de trabalho, uma carta do professôr José Sebastião de Avila Junior. E' um agradecimento comovido e comovente ás referencias que fizemos, ha semanas, ao tôrpe processo disciplinar que lhe fôi instaurado pelo inspectôr Mendonça, do circulo de Angra do Heroismo.

Pondo de parte as palavras generosas que nos dirige — a nós que só um devêr cumprimos defendendo um camarada ilustre, que uma autoridade ignorante e rancorósa persegue — Avila Junior mostra bem, nésta sua carta, quanto vale um temperamento de ferro ao serviço duma causa bela, como é a causa da Democracia. Era assim que desejariamos tôdos os colegas — jámais no atual momento, em que a Republica é salteada por tôdos os lados e pelos mais repugnantes processos, éla que nem dois anos tem ainda de existencia!

Avila Junior, que sempre lutou pelo seu ideal com heroica decisão, vê-se, depois de êle atingido, embrulhado nas malhas duma rede tecida por quem, não tendo sido nunca republicano, fôi pela Republica, que o professôr da Feteira ajudou a formar, guindado a um logar para que não tem competencia. Pois isso, que a qualquer outro desanimaria talvez, não impéde que êle nos diga, no seu estilo limpido e correcto:—«Ah! mas agora, mais do que nunca, me cumpre defender o bom nome da Republica, lutar tenazmente pelo meu querido ideal, e isso fá-lo-ei com o mesmo amôr e com o mesmo desassombro e a altivez de sempre!»

E depois, admitindo a hipótese do feroz Mendonça triunfar, hipótese aliás infundada, porque, apesar de tudo, têmos fé na justiça do *alto*, não se póde ter que não desabafásse nêste grito, que se vê sair-lhe bem do fundo da alma amargurada:—«Se cair, será com honra, e, nêsse caso, retirar-me-ei para o estrangeiro, levando, a par da terrivel amargura que me envenenará a existencia, a tranquilidade de alma que nos dá a consciência do devêr cumprido, para oferecer a outros povos, com o vigor dos meus vinte e seis anos e com a sinceridade das minhas convicções, o trabalho e a dedicação, o esfôrço e os sacrificios que a pátria cinicamente repéle e canalhamente me recompensa.»

E' a um homem dêstes que uma autoridade escolar, tam competente que ignora a diferença que ha entre *métodos* e *modos* de ensino, move uma perseguição repugnante, que sem duvida dentro em pouco vai ter o seu termo condigno! Para o caso chamamos mais uma vêz a atenção de quem competir, prometendo não largar mão do assunto emquanto justiça não fôr feita.

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Um hóspede ilustre

Em Lisbôa tem estado ha dias o grande amigo de Portugal, Rodrigo Soriano, que, no seu importante jornal, *España Nueva*, tem enaltecido o nôme do nosso país, condenando asperamente o govêrno de Canalejas, que tem consentido na fronteira essa horda de bandidos que em vão tem pretendido inutilisar-nos.

Rodrigo Soriano, que têve em Lisbôa uma recéção deveras carinhosa da parte do pôvo da capital, e que tem continuado a merecêr as mais inequívocas provas de simpatia e de afecto, assistiu a uma sessão comemorativa na Associação do Registo Civil onde, entre outras palavras de admiração por Portugal, declarou que tanto êle cômo todos os bons espanhois não consentiriam que tornasse a atravessar a fronteira uma arma fratricida. São palavras amigas que se registam com prazêr.

Mais uma adesão

Consta que vai filiar-se no Partido Républicano Português, o snr. Joaquim Pereira Machado, de Murtêde (Cantanhêde).

A propósito do conflito no Brazil

Uma "blague„?

Afinal, o caso que outro dia aqui narrámos sobre as mortes dos nossos patricios José Justo e José Fernando, parece não sêr confirmado por noticias que posteriormente têm chegado a esta povoação, vindas directamente do Brazil a desmentirem as mortes daqueles nossos conterraneos. Parece tratar-se duma *blague*, armada por algum graciôso que obedeceu a ignorados intuitos.

Pela nossa parte, e para que ninguem julgue têrmos procedido de má fé, declaramos ter chegado a esta redacção uma carta, onde se acham descritos todos os acontecimentos aqui publicados, e que traz como assinatura o nome de José Petrus.

Lamentamos, no entanto, que, a serem destituidas de fundamento tais aterradoras noticias, tivesse havido quem insidiosamente se lembrasse do nosso jornal para as propalar.

A carta encontra-se nesta redacção, ao dispôr de quem a quizer verificar.

VISITAS

Visitaram-nos nesta redação os nossos estimados assinantes, snrs. Júlio dos Santos Timóteo, da Tocha, e Manuel Jorge, dêste logar. Agradecêmos.

Ferro-viarios de Portugal

Recebemos a seguinte carta, que publicamos gostosamente, não só porque o seu sinatario é um dos mais ilustres ferro-viarios, leal e trabalhador, mas tambem por vermos que a secção ferro-viaria vae interessando á classe a que se destina. Duarte Lopes é um vigoroso escritor a quem a classe muito deve mas a cujos méritos, infelizmente nem sempre tem sido feita justiça.

Belmiro que se entenda com o nosso amigo.

Meu amigo:

Eu podia deixar passar a caravana e continuar neste retraimento de alguns anos. Procurei aquietar-me; não o consegui. O arrazoado do snr. *Belmiro* forçou-me a entrar na liça, não para defender coletivamente a classe ou os dirigentes das suas colectividades, mas a defender-me a mim, porque a insinuação que o *Devêr* insere no seu ultimo número, é meramente pessoal, e, simplesmente... injusta. Pelo menos eu assim o compreendo. Sabido é de todos, que, incompetentemente, ocupo, ha dois anos seguidos, o cargo de membro da União Ferro-Viaria na Assembleia Geral da mesma colectividade, e, por isso, tal arrazoado atinge-me, é tambem comigo. Venho, por isso, em meu nome, com procuração propria, nada tendo, neste caso, com os meus colegas que procederão como queiram e achem conveniente, á estacada, armado com o gladio da Verdade e escudado com as forças proprias. O caso é pessoal e nessa conformidade venho defender-me pessoalmente, visto o snr. *Belmiro* declarar que os que estão dentro pertendem encher-se.

Arrematação judicial

(2.ª publicação)

Nos dias 4 e 11 de agôsto próximo, ás 11 horas do dia, á porta do tribunal judicial da comarca, nos Paços do Concêlho, nesta vila de Montemór-o-Velho, na execução que Manuel José da Costa Braga, de Coímbra, move ao Bacharel Francisco Fausto Guedes Gavicho, de Tentúgal, e sua mãe D. Josefina Guedes Gavicho, se hão-de vendêr a quem mais oferêça sôbre a avaliação, os seguintes bens:

No dia 4 de Agôsto

1—O usufruto vitalicio de umas casas de habitação, casas anexas, quintais, pomares e terra lavradia, ligadas por um arco sôbre a estrada de Vizeu, em Tentugal, avaliado em . . . . . 544$200

2—O usufruto vitalicio do dominio util a uma terra lavradia que mede 12960m² (24 aguilhadas), em Cimo de Vila de Tentugal, foreiro em 600 réis anuais e um frango a D. Maria Emilia de Castro França, de Tentugal, em . . . . . 213$160

3—O usufruto vitalicio de uma pequena casa para arrecadação de palha, no Cimo de Vila, em Tentugal, em . . . . . 24$000

4—O usufruto vitalicio de uma pequena casa, denominada celeiro pequeno, no Cimo de Vila, em Tentugal, em . . . . . 24$000

5—Uma casa de celeiro, adega e quintal, na rua de Cimo de Vila, em Tentugal, avaliada em . . . . . 250$000

6—O usufruto vitalicio de uma casa de celeiro, na rua de Cimo de Vila, em Tentugal, avaliado em . . . . . 20$000

A propriedade dos usufrutos mencionados pertence a Jorge Guedes Gavicho.

7—Uma pequena casa de arrecadação de lenha e quintal, na rua de Cimo de Vila, em Tentugal, em . . . . . 40$000

8—Uma terra de semeadura com oliveiras e mais arvores, denominada o Chão Pequeno, em Cimo de Vila . . . . . 800$000

9—Uma terra lavradia com oliveiras e uma nogueira, no sitio do Poveral, em . . . . . 350$000

10—O dominio util de uma ribeira, terra alta, moinho e olival, pinhal e arvores de fruto, na Senhora da Piedade, foreiro em 200 réis e um frango ao Convento do Carmo (Fazenda Publica), em . 1:393$160

11—O dominio util de um predio de ribeiras, moinhos com aguas proprias, terra alta e pinhal, na Fonte Velha, em Mancelete, foreiro do Duque do Cadaval em 36l,29 de milho, 36l,57 de trigo e um frango, em . . . . . 1:950$320

12—Um pinhal com terra de semeadura e duas oliveiras, em Monte-Sol, em . . . . . 36$000

13—Um pinhal e terra de semeadura com oliveiras, no sitio do Monte-Sol, em . . . . . 260$000

14—Uma terra de semeadura com um pinhal pequeno, em Além do Mourão, atravessado pela estrada de Coimbra á Figueira, em . . . . . 1:800$000

16—Uma terra lavradia de 3240m² (6 aguilhadas), no sitio da Paiôrra, em . . . . . 60$000

17—Uma terra lavradia de 2160m² (4 aguilhadas), no Sabugo, em . . . . . 40$000

18—Uma terra lavradia, 3780m² (7 aguilhadas), em Porto de Carros, em . . . . . 100$000

19—Uma terra lavradia, 2160m² (4 aguilhadas), no Marquinho, em . . . . . 48$000

20—Uma terra lavradia, 2700m² (5 aguilhadas), no Rêgo das Dúvidas, em . . . . . 80$000

21—Uma terra lavradia, 1620m² (3 aguilhadas), no Campo na Lila ou Grilo, em . . . . . 36$000

22—Uma terra lavradia, 3780m² (7 aguilhadas), no Rêgo do Meio, em . . . . . 80$000

23—Uma terra lavradia, 3780m² (7 aguilhadas), no Rêgo do Meio, em . . . . . 80$000

24—Uma terra lavradia, 5400m² (10 aguilhadas), no Rêgo do Meio ou Dúvidas, em . . . . . 120$000

25—Uma terra lavradia, 2700m² (5 aguilhadas), no Canto, em 60$000

26—Uma terra lavradia, 2700m² (5 aguilhadas), no Canto, em 60$000

27—Uma terra lavradia, 3780m² (7 aguilhadas), na Carreira da Algiva, em . . . . . 84$000

28—Uma terra lavradia, 3780m² (7 aguilhadas), na Vala Real, em . . . . . 80$000

29—Uma terra lavradia, 11080m² (22 aguilhadas), no Campo e Lôba Farta, em . . . . . 440$000

30—Uma terra lavradia, 1080m² (2 aguilhadas), no Campo na Lôba Farta, em . . . . . 32$000

31—Uma terra lavradia, 2700m² (5 aguilhadas), no Campo na Lôba Farta, em . . . . . 112$000

32—Uma terra lavradia, 3780m² (7 aguilhadas), no Arrabil, em 28$000

33—Uma terra lavradia, 3780m² (7 aguilhadas), na Malveira, em . . . . . 160$000

34—Uma terra lavradia, 1620m² (3 aguilhadas), na Bela ou Pipa, em . . . . . 24$000

35—Uma terra lavradia, 6480m² (12 aguilhadas), na Bela ou Pipa, em . . . . . 200$000

36—Uma terra lavradia, 2160m² (4 aguilhadas), na Penhorada, em . . . . . 36$000

37—Uma terra lavradia, 2160m² (4 aguilhadas), na Penhorada, em . . . . . 48$000

38—Uma terra lavradia, 2700m² (5 aguilhadas), na Penhorada, em . . . . . 10$000

39—Uma terra lavradia, 2700m² (5 aguilhadas), na Penhorada, em . . . . . 120$000

40—Uma terra lavradia, 2160m² (4 aguilhadas), na Penhorada, em . . . . . 96$000

41—Uma terra lavradia, 3240m² (6 aguilhadas), na Seiça ou Ponte Nova, em . . . . . 40$000

42—Uma terra lavradia, 1080m² (2 aguilhadas), no Bento Arrais, em . . . . . 16$000

43—Uma terra lavradia, 15120m² (28 aguilhadas), nas Cabeceiras, em . . . . . 672$000

44—Uma terra lavradia, 1620m² (3 aguilhadas), na Cabreira, em 32$000

45—Uma terra lavradia, 2700m² (5 aguilhadas), no Cerrado, em 40$000

46—Uma terra lavradia, 3240m² (6 aguilhadas), no Cerrado do Salto da Cruz . . . . . 48$000

47—Uma terra lavradia, 2160m² (4 aguilhadas), no Cerrado da Cova dos Coelhos . . . . . 32$000

48—Uma terra lavradia, 3240m² (6 aguilhadas), no Campo e sitio da Cal . . . . . 80$000

49—Uma terra lavradia, 2450m² (4 1|2 aguilhadas), na Cana do Meio . . . . . 72$000

50—Uma terra lavradia, 3240m² (6 aguilhadas), na Cana do Meio . . . . . 96$000

52—Uma terra lavradia, 1330m² (2 1|2 aguilhadas), no Tanoeiro 40$000

53—Uma terra lavradia, 9720m² (18 aguilhadas), no Rolim ou Rolissa . . . . . 360$000

54—Uma terra lavradia, 1080m² (2 aguilhadas), na Passeira . 16$000

55—Uma terra lavradia, 2166m² (4 aguilhadas), na Cebôla ou Lomba . . . . . 60$000

56—Uma terra lavradia, 2160m² (4 aguilhadas), na Aldonça ou Barbisqueira . . . . . 64$000

57—Uma terra lavradia, 3240m² (6 aguilhadas), na Barbisqueira 96$000

58—Uma terra lavradia, 1080m² (2 aguilhadas), na Aldonça ou Mendonça . . . . . 32$000

59—Uma terra lavradia, 1890m² (3 1|2 aguilhadas), na Aldonça ou Mendonça . . . . . 56$000

60—Uma terra lavradia, 1080m² (2 aguilhadas), na Aldonça ou Mendonça . . . . . 32$000

61—Uma terra lavradia, 540m² (1 aguilhada), na Remoila . . 4$000

62—Mma terra lavradia, 1620m² (3 aguilhadas), na Remoila . 80$000

63—Uma terra lavradia, 1080m² (2 aguilhadas), na Volta do Amieiro . . . . . 32$000

64—Uma terra lavradia, 3780m² (7 aguilhadas), na Volta do Amieiro . . . . . 112$000

65—Uma terra lavradia, 7290m² (13 1|2 aguilhadas), na Alampada . . . . . 304$000

66—Uma terra lavradia, 3240m² (6 aguilhadas), no Alvarejo ou Alampada . . . . . 96$000

67—Uma terra lavradia, 2970m² (5 1|2 aguilhadas), na Carreira do Amial do Alvarejo . . . . . 80$000

68—Uma terra lavradia, 6750m² (12 1|2 aguilhadas), no Cabaço 96$000

69—Uma terra lavradia, 4860m² (9 aguilhadas), na Molina ou Murteira . . . . . 160$000

70—Uma terra lavradia, 3240m² (6 aguilhadas), na Malhoa . 40$000

71—Uma terra lavradia, 3240m² (6 aguilhadas), nas Cabeceiras 72$000

72—Uma terra lavradia, 1890m² (3 1|2 aguilhadas), na Rapoza 28$000

73—Uma terra lavradia, 1620m² (3 aguilhadas), na Corrente do Cacau . . . . . 24$000

74—Uma terra lavradia, 4320m² (8 aguilhadas), na Algença . 240$000

75—Uma terra lavradia, 1890m² (3 1|2 aguilhadas), na Algença 96$000

76—Uma terra lavradia, 2160m² (4 aguilhadas), na Algença . 120$000

77—Uma terra lavradia, 6480m² (12 aguilhadas), na Algença. 240$000

78—Uma terra lavradia, 19980m² (37 aguilhadas), nas Pitanças 1:440$000

79—Uma terra lavradia, 2160m² (4 aguilhadas), nas Pitanças. 128$000

80—Uma terra lavradia, 1080m² (3 aguilhadas), no Padrão . 48$000

81—Uma terra lsvradia, 5400m² (10 aguilhadas), em Entre Valas . . . . . 360$000

82—Uma terra lavradia, 3240m² (6 aguilhadas), em Entre Valas . . . . . 48$000

83—Uma terra lavradia, 4860m² (9 aguilhadas), nas Cancelas ou Treixedo . . . . . 48$000

No dia 11 de Agosto

A's rendas vincendas no corrente ano, dos mencionados bens que são, relativamente ás verbas referidas nos números indicados, a quarta parte do preço liquidado que vão á praça nos valores que seguem abaixo mencionados e pela fórma seguinte:

1—Das casas de habitação e anexas, 2467l,84, (168 alqueires de milho) . . . . . 65$268

2—O usufruto de uma terra em Cimo de Vila, 1053l.36, (72 alqueires de milho) . . . . . 27$972

8—Duma terra de semeadura com oliveiras, do Chão pequeno, 1009l,47, (69 alqueires de milho) . . . . . 26$805

9—Duma terra lavradia com oliveiras, no Poveral, 351l,72, (24 alqueires de milho) . . . . . 9$324

10—Duma ribeira na Senhora da Piedade, 1097l,25, (75 alqueires de milho) . . . . . 29$113

11—De um predio na Ribeira dos Moinhos, 936l,32, (64 alqueires . . . . . 24$864

12—De um pinhal e terra em Monte Sol, 14',63, (1 alqueire de milho) 387
13—De um pinhal e terra com oliveiras, em Monte Sol, 146',30, (10 alqueires de milho) . . . . . 3$870
14—De uma terra e pinhal em Alem do Mourão, 3485'05, (235 alqueires de milho) . . . . . 91$296
16—De uma terra na Paiôrra, 219',45. (15 alqueires de milho 5$826
17—De uma terra no Sabrigo, 146',30, (10 alqueires de milho 3$885
18—De uma terra lavradia em Porto de Carros, 365',75 (25 alqueires de milho) . . . . . 9$711
19—De uma terra lavradia no Marquinho, 175',23 (12 alqueires de milho) . . . . . 4$662
20—De uma terra lavradia no Rego das Duvidas, 307'23, (23 alqueires de milho) . . . . . 8$157
21—De uma terra lavradia na Lila ou Grilo, 131'67, (9 alqueires de milho) . . . . . 3$495
22—De uma terra lavradia no Rego do Meio, 292'60, (20 alqueires de milho) . . . . . 7$770
23—De uma terra lavradia no Rego do Meio, 292'60, (20 alqueires de milho). . . . . 7$770
24—De uma terra lavradia no Rego do Meio ou das Duvidas, 438',90, (30 alqueires de milho) . . . . . 11$655
25—De uma terra lavradia, no Canto, 219',45 (15 alqueires de milho . . . . . 5$826
26—De uma terra lavradia, no Canto, 219',45 (15 alqueires de milho) . . . . . 5$826
27—De uma terra lavradia, na Carreira d'Algiva, 307'.23 (21 alqueires de milho) . . . . . 8$157
28—De uma terra lavradia, na Carreira d'Algiva, 292',60 (20 alqueires de milho) . . . . . 7$770
29—De uma terra lavradia, na Lôba Farta, 804',63 (55 alqueires de milho) . . . . . 21$366
30—De uma terra lavradia, na Lôba Farta, 58',52 (4 alqueires de milho) . . . . . 1$554
31—De uma terra lavradia, na Lôba Farta, 204',82 (14 alqueires de milho) . . . . . 5$439
32—De uma terra no Arrabil, 102',41 (7 alqueires de milho) . 2$718
33—De uma terra na Malveira, 296',60 (20 alqueires de milho) 7$770
34—De uma terra lavradia, na Bela ou Pipa, 87',78 (7 alqueires de milho) . . . . . 2$331
35—De uma terra lavradia, na Bela ou Pipa, 365',75 (25 alqueires de milho). . . . . 9$711
36—De uma terra lavradia, na Penhorada, 131,'67 (9 alqueires de milho) . . . . . 3$495
37—De uma terra lavradia, na Penhorada, 263',34 (18 alqueires de milho) . . . . . 6$993
38—De uma terra lavradia, 36'575 (2 1[2 alqueires de milho), na Penhorada 969
39—De uma terra lavradia, 219',43 (15 alqueires de milho), na Penhorada . . . . . 5$826
40—De uma terra lavradia, na Penhorada, 175',54, (12 alqueires) . . . . . 4$662
41—De uma terra lavradia, na Seiça ou Ponte Nova, 146' 30 (10 alqueires de milho) . . . . . 3$885
42—De uma terra lavradia, no Bento Arraes, 58',52, (4 alqueires de milho) . . . . . 1$554
43—De uma terra lavradia, na Cabeceira, 1228',92, (84 alqueires de milho) . . . . . 32$634
44—De uma terra lavradia, na Cabreira, 58',52, (4 alqueires de milho) . . . . . 1$554
45—De uma terra lavradia, no Serrado, 73',15, (5 alqueires de milho) . . . . . 1$941
46—De uma terra lavradia, no Serrado, 87',78, (6 alqueires de milho) . . . . . 2$331
47—De uma terra no Serrado da Cova dos Coelhos, 58',52 (4 alqueires de milho . . . . . 1$554
48—De uma terra lavradia, na Cal, 58',52, (4 alqueires de milho) . . . . . 1$554
49—De um terra lavradia, na Cana do Meio, 131',67, (9 alqueires de milho). . . . . 3$315
50—De uma terra lavradia, na Cana do Meio, 175',56, (12 alqueires de milho). . . . . 4$662
52—De uma terra lavradia, no Tanoeiro, 73',15 (5 alqueires de milho) . . . . . 1$941
53—De uma terra lavradia, na Rolina ou Roliça, 658',55, (45 alqueires de milho) . . . . . 17$481
54—De uma terra lavradia, na Posseira, 29',26, (2 alqueires de milho) 777
55—De uma terra lavradia, na Lomba da Cebola, 87',78 (6 alqueires de milho). . . . . 2$331
56—De uma terra lavradia, na Aldonça, 117',56, (8 alqueires de milho) . . . . . 3$108
57—De uma terra lavradia, na Barbisqueira, 175',56. (12 alqueires de milho). . . . . 4$662
58—De uma terra lavradia, na Aldonça, 58',52, (4 alqueires de milho) . . . . . 1$554
59—De uma terra lavradia, na Aldonça, 102',41, (7 alqueires de milho) . . . . . 2$718
60—De uma terra lavradia, na Aldonça, 58',52, (4 alqueires de milho) . . . . . 1$554
61—De uma terra lavradia, na Remoela, 14',63, (1 alqueire de milho) 387
62—De uma terra lavradia, na Remoela, 146',30, (10 alqueires de milho) . . . . . 3$885
63—De uma terra lavradia, na Volta do Amieiro, 58',52, (4 alqueires de milho). . . . . 1$554
64—De uma terra lavradia, na Volta do Amieiro, 204',82, (14 alqueires de milho) . . . . . 5$439
62—De uma terra lavradia, na Alampada, 555'94, (38 alqueires de milho) . . . . . 14$763
66--De uma terra lavradia, no Alvarejo ou Alampada, 204',82 (14 alqueires de milho) . . . . . 5$439
67—De uma terra lavradia, na Carreira do Amial, 175',55, (12 alqueires de milho) . . . . . 4$602
68—De uma terra lavradia, na Malhôa, ou Murteira, 351',12 (24 alqueires de milho . . . . . 9$324
69—De uma terra lavradia, na Malhôa ou Murteira, 292',60 (20 alqueires de milho) . . . . . 7$770
70—De uma terra lavradia, na Malhôa, 175',56 (12 alqueires de milho. . . . . 4$662
71—De uma terra lavradia, nas Cabeceiras, 263',34 (18 alqueires de milho) . . . . . 6$993
72—De uma terra lavradia, na Rapôza, 102,,41 (7 alqueires de milho) . . . . . 2$718
73—De uma terra lavradia, na Corrente do Cacau, 87',78 (6 alqueires de milho) . . . . . 2$331
74—De uma terra lavradia, na Algeriça, 438',90 (30 alqueires de milho) . . . . . 11$655
75—De uma terra lavradia, na Algeriça, 175',56 (12 alqueires de milho). . . . . 4$662
76—De uma terra lavradia, na Algeriça, 117',4 (8 alqueires de milho). . . . . 3$108
77—De uma terra lavradia, na Algeriça, 438'90 (30 alqueires de milho) . . . . . 11$655
78—De uma terra lavradia, nas Pitanças, 2194',50 (150 alqueires de milho) . . . . . 58$275
79—De uma terra lavradia, nas Pitanças, 234',8 (16 alqueires de milho . . . . . 6$216
80—De uma terra lavradia, no Padrão, 102,'41 (7 alqueires de milho) . . . . . 2$718
81—De uma terra lavradia, em Entre Valas, 658',35 (45 alqueires de milho) . . . . . 17$481
82—De uma terra lavradia, em Treixedo, 175',56 (12 alqueires de milho) . . . . . 4$662
83—De uma terra lavradia, nas Cancelas, 175',56 (12 alqueires de milho) . . . . . 4$662

Dos bens e vendas é depositario o arrendatario José Maria Afonso, casado, proprietario, de Tentugal.

Pelo presente são citados para a arrematação quaesquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 10 de julho de 1912 e dôze.

O escrivão do processo,

José de Paiva Bobela Mota.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Editos de 30 dias

(*1.ª publicação*)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, e pelo cartório do escrivão do 2.º oficio, Mamede, correm éditos de 30 dias, contados da segunda publicação dêste anuncio no *Diário do Govêrno*, citando o réu José Bento d'Oliveira, casado, proprietario, de Tentugal, desta comarca, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para na segunda audiencia, do mesmo Juizo, posterior ao praso dos éditos, vêr acusar a citação na acção de separação de pessoas e bens que lhe move sua espôsa, Dôna Maria Emilia de Castro França Martins Alves, proprietaria, do mesmo logar de Tentugal, e marcar o praso legál para contestar a mesma acção, sob pêna de revelia.

As audiencias nêste Juizo tém logar todas as segundas e quintas feiras, não sendo esses dias declarados feriados, e sempre pelas 10 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, instalado nos Paços do Concêlho, na Praça da Répública.

Montemór-o-Velho, 16 de Julho de 1912.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira
CANTANHEDE

EDITOS DE 30 DIAS

(*1.ª publicação*)

NO Juizo de Direito de Monmór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio e no inventario por óbito de Ana Rodrigues Pimentel, d'Alfarelos e no qual é cabeça de casal o viuvo José Cardoso Vicente, do mesmo logar, correm éditos de trinta dias a contar da ultima publicação deste anuncio, citando para todos os termos até final do referido inventario, o herdeiro Antonio Cardoso Vicente, solteiro, ausente em parte incerta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 24 de Julho de 1912.

O escrivão do processo,

José de Paiva Bobela Mota.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

JOSE MARQUES
CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL
Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

O DEVER

ASSINATURAS

PORTUGAL E COLONIAS PORTUGUEZAS

Ano, 999 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis.

BRAZIL

Ano, 2$000 réis, fortes.

Numero avulso, 30 réis.

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, na 1.ª pagina, 100 réis a linha ou espaço; na 2.ª, 60 réis; na secção respetiva, 40 réis; repetições na mesma secção, 20 réis.

Anuncios permanentes contrato especial.

Abatimento de 25 por cento aos snrs. assinantes.

Não se restituem os autografos.

Anunciam-se todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Concluo desta afirmativa que eu sou um dos que pretendo encher-me e salientar-me. Julgava o colaborador do seu semanario recomendavel pelo seu criterio e pelo seu bom senso e julgava-o, egualmente, um ferro-viario, vergado sob o peso do trabalho e com sêde atroz de justiça. Depreendo que o não é, porque, do contrario, não viria semear mais ainda a discordia que existe lançando uma suspeita que pela minha parte repilo inergicamente.

Ha vinte anos que se pretende unir a classe, diz *Belmiro*, e ainda se não conseguiu. Qual a causa? A causa sabemol-a nós bem. Os *snobs* ferro-viarios, esses *dandys*, esses protegidos que se põem ao lado da classe trahindo-a, mordendo-a, deprimindo-a. A causa são esses ferro-viarios previlegiados que não sabendo o que é serviço e sofrimento, bajulam e dobram a cerviz perante os incompetentes. A causa são as pretenciosas asneiras que se atiram á luz da publicidade servindo de escudo aos que, perenes de má fé, desalentam a classe fingindo unil-a e simulando defendel-a. A causa é a verborreia desses cachorros que impudicamente patenteiam o seu caracter e envenenam as bôas intenções. Eu tenho seguido as crónicas de *Belmiro*, e tenho-as tido sempre como escritas com a pena dum sofredor e dum trabalhador do futuro. Enganar-me-ia? Será ele dos *snobs* que vegetam nessas repartições ferro-viarias na modorra proveniente dos que se julgam fruto doutro barro mui diferente daquele de que nós sômos formados? Os aristocratas viarios!

Oh!...

No dizer de *Belmiro* na União Ferro-Viaria ha a sereia argentaria que seduz quantos lá vão. E' isso o que os atrae. Ora este senhor ou atraiçoou o pensamento pelo bico da pena ou chegou a uma conclusão perigosa que longe de deprimir os quê deseja colher, o deprime e o atinge a ele proprio. *Belmiro* ignora o que se passa e o que se tem passado. E se não o ignora, se finge ignorar os beneficios das colectividades ferro-viarias, então escreve com a má fé dos imbecis e dos incautos. Falo n'uma hipotese que não posso admitir, que não quero admitir, que me revoltaria admitir. O ultimo presidente da direção transáta encheu-se... sim, encheu-se, mas de trabalhar durante trez anos consecutivos, malsinado, invejado, e, talvez, caluniado, mas, cumprindo o seu dever como cumpriu, perdendo o descanço, o repouso, a tranquilidade e se a União Ferro-Viaria está num grau prospero, adiantado e prestigioso a ele se deve. Faça-lhe a historia, faça-lhe a historia snr. *Belmiro*, porque creio que não ha-de malsinar intenções nem descobrir pústulas, mas encontrará muita vontade sincera, muito trabalho dispendido, muita inergia consumida em prol duma causa que ha-de vingar embora infelizmente, tarde. De ha vinte anos para cá alguma coisa se tem conseguido, e não foi, certamente, com linguados cheios de verrina nem com verborreia incongruentemente impura. Venha o snr. *Belmiro* para cá, venha! Venha encher-se visto estar de fóra e a sua aspiração ser estar de dentro. Eu cêdo-lhe o logar, cêdo-lh'o e já. Eu quero e desejo quem trabalhe e venha munido de boas intenções. Venha, se as traz! Pela minha parte cedo-lhe o cargo e os meus camaradas que atualmente gerem os destinos da colectividade tambem o farão visto estarem já cheios... de trabalho, de canceira e ingratidão.

Seu amigo,

A. Duarte Lopes.

EXAMES

Fez exame do 1.º gráu, obtendo a classificação de distinto, o menino Julio, filho do nosso presado assinante snr. José Lucas Caleiras, agente da companhia dos caminhos de ferro portuguêses, em Pampilhosa, e cunhado do nosso camarada Almeida Junior.

Felicitamos.

—— Tambem fez exame do 1.º grau com a mesma classificação, a filhinha mais velha do nosso presado assinante, snr. Celestino Esteves Corrêa, zeloso chefe da estação de Mangualde. Parabens.

—— Fez exame do 1.º gráu ficando distinto, o menino Carlos, filho do nosso presado amigo, snr. Joaquim Laranjeira, átivo revisor de material em Pampilhosa.

Parabens.

DOENTE

Está doente a filhinha do nosso presado assinante da Pampilhosa, snr. Joaquim Mendes Paulo.

Sentimos e desejamos as melhoras da pequerrucha.

Mercado de Cantanhede

Preço dos generos em 20 de julho

Milho Branco	620
» Amarelo	600
Trigo Mouro	800
» Tremez	760
» Mourisco	760
Centeio	950
Cevada	600
Aveia	700
Arroz	1$200
Serradela	600
Feijão Môcho	920
» Branco	760
» Amarelo	840
» Rajado	580
» Frade	560
» Carraço	640
» Brazileiro	900
» Canario	760
Ervilha	900
Tremôço	560
Grão de Bico	700
Chicharo	500
Azeite	3$000
Vinho tinto	900
» Branco	950
Vinagre	400
Geropiga	1$700
Batata	280
Lã	3$400
Trevo	80
Sal	100
Azevem	240
Trevo	600

«NO BRAZIL»

E' o titulo duma brochura de que é autôr o grande democrata, snr. Carvalho Neves, onde se acham descritas as suas divergencias com os Republicanos Portuguêses do Rio de Janeiro, e que são apresentadas com lógica e bôa argumentação.

A' Livraría de Gômes de Carvalho, de Lisbôa, agradecêmos o exemplar que nos ofereceu.

Os festejos de Cantanhêde

Decorrêram com muito brilhantismo os festejos na pitorêsca vila de Cantanhêde, tendo sido respeitados tôdos os números do programa oportunamente publicado.

CORRESPONDENCIAS

GATÕES, 25.

O páraco da vizinha povoação de Ferreira-a-Nova, foi posto em liberdade, sendo afiançado, segundo consta, em 2 contos de réis.

Este, como muitos mais, não querendo aceitar a pensão, foi expulso da casa da residencia, ficando agora a residir proximo da Quinta do Foja, ou Santo Amaro da Boiça.

—— Ha dias deu entrada nas cadeias de Montemór-o-Velho o páraco Rezende, de Verride, por mal tratar uma sua criada, quando esta lhe estava pedindo para ir acompanhar o cadaver duma pessoa que não tinha sido casada religiosamente. A pedido de muitas pessoas é que a criada mudou de resolução.

O povo de Verride protesta contra o procedimento do padre, dispondo-se a ameaçá-lo, se por ventura êle volta para a sua freguezia.

Seria conveniente acabar com estes padres desordeiros para tranquilidade dos povos.

—— No dia 13 passou por esta povoação, por volta das 22 horas, o tal José Roméro, espanhol a que o *Devêr* já se referiu numa correspondencia da Figueira da Foz.

O Roméro, segundo informações que colhi, confessou o crime de que o acusaram, atribuindo-o a um desastre. Seguiu em direcção a Cantanhede, não se sabendo até á data qual o seu paradeiro.

—— No dia 21 realizou-se na vizinha povoação do Seixo a festa de igreja, que decorreu sem incidente.

Não houve procissão, como se esperava. Foi melhor assim.

—— O menino Teixeira, filho do nosso amigo, snr. Manuel Teixeira, obtêve a classificação de *ótimo* no seu exame do 1.º grau.

—— Esteve ha dias aqui o snr. José Maria Paixão, de vizita a seus extremosos paes, depois de ter andado em digressão por diversas cidades estrangeiras. Atualmente seguiu viagem para os Estados Unidos do Brazil (Pirisinunga), onde é digno farmaceutico. Que tenha uma feliz viagem é o que lhe desejamos.

—— Passaram aqui os nossos amigos, snrs. Soveral da Rocha e José Simões Lameiro, d'essa localidade.

—— Esteve aqui de passeio, o nosso amigo, snr. Manuel A. Galvão, de Montemór, sócio da antiga casa Novaes.

Letnemip.

QUIAIOS, 24.

Como modesto e humilde correspondente, vou hoje iniciar no *Devêr* as minhas insipidas e despretenciosas cartas desta humilde e hospitaleira povoação, situada nos confins da terra e á beira do Oceano.

Dispensa os meus encómios a orientação dêste brilhante semanário que na sua curta carreira tanto tem combatido em pról da Justiça e da Verdade, mantendo assim a sã e moralisadora doutrina exposta no seu programa. Saudando o *Devêr* e desejando-lhe uma vida longa e cheia de prosperidades, cumprimento ao mesmo tempo o corpo redactorial na pessoa do meu amigo e mui digno administrador, snr. Antonio Ismael da Cruz, não deixando no olvido os inteligentes colaboradores que em artigos fulgurantes e cheios de rétorica lhe esmaltam as suas colunas.

Quiaios, como disse, é uma terra muito humilde e desprovida de industrias, o seu povo é pacifico e trabalhador, sendo o seu principal factor a lavoura; o comercio é insignificante, devido á dificuldade que existe na comunicação entre as povoações limitrofes. Terra extremamente liberal, é contudo ainda avassalada pela predominante força do cacique, cujo poderio nos ultimos tempos se vem esfacelando, porque este povo está despertando do profundo letargo em que as densas trevas do fanatismo o tinham envolvido, mergulhando-o na mais abominavel inação.

—— Aguardando o leito, encontra-se gravemente enfêrma a snr.ª D. Ilda E. dos Santos Serrano, distinta professora oficial do sexo masculino.

Que em breve recupere as melhoras desejadas é o que lhe apetecemos.

Até breve.

Francisco Fernandes de Carvalho.

Comunicado

EM DEFÊZA

Ha dias circularam no concêlho de Cantanhêde umas fôlhas sôltas que pretendiam alvejar a minha dignidade perante os que me não conhecem, pois que, para aquêles que estão a par da minha bôa conduta, nenhuma importancia podem têr semelhantes fôlhas, sendo pâra êstes, portanto que nêste momento velho explicar o caso que originou a circulação das fôlhas volantes, pondo acima de tudo a verdade que muito préso.

No dia em que o rei Carlos e Luiz Filipe fôram varados pelas balas, tinha eu chegado a Lisbôa, acompanhado de 19 passageiros, pâra tratar dos documentos que permitiria a êstes embarcar naquêle mêsmo dia para o Brazil. Devido porém, ao facto histórico que se deu, tôdo o comercio fechou, incluindo a agencia da companhia a que pertencia o vapôr, onde deviam embarcar os 19 individuos tendo êstes de ficar entregues ao comissário de bordo, e deixando eu de receber de cada um dêles a comissão de 2$000 réis que me competia.

Mais tarde pedi á agencia da companhia que me embolsasse dêste dinheiro, a qual me respondeu que o cobrasse dos passageiros, pois que nada tinha comigo, visto êstes têrem sido entregues ao comissário. Eu, que tinha em meu podêr 27$000 réis dos referidos passageiros, apênas me embolsei de metade da comissão, isto é, 1$000 réis de cada individuo, entregando-lhes a êles o restante.

Ao tempo publiquei um aviso no *Noticias de Cantanhêde*, convidando os mêsmos passageiros a irem ao meu escritório, que era então na Tocha, afim de fazêrem qualquer justa reclamação, mas nenhum dêles apareceu.

Entre várias coisas que dizem as tais fôlhas sôltas, ha o caso da denuncia falsa que fiz de minha mãi. Eu vou contar.

Pelo inventario que foi feito por óbito de meu pai, constituiu minha mãe seu procurador o notário, snr. dr. Manuel Pessôa. O único prédio que nos restava, depois do pagamento de várias dividas, era uma casa e quintal, prédio que nós, herdeiros, combinámos fôsse licitado por minha mãi pâra seu sustento e agasalho. Minha mãi aceitou a proposta e protestou não o vendêr. Qual não foi, porém, o espanto meu e de meus irmãos, ao sabêrmos que ela tinha vendido metade do predio ao snr. Oliveira e lhe tinha hipotecado outra metade em 500$000 réis! Foi então quando fui a Cantanhêde denunciá-la por não têr cumprido o tratado, denuncia que foi julgada insubsistente!

Tratei logo de vêr se poderia conseguir desfazêr tal contráto, e eis como procedi: Dirigi-me ao gabinête do snr. dr. Mário, em ocasião em que ali se encontravam os snrs. José Luiz Neves e Manuel Maia. Nêsse momento entrou o snr. Oliveira, a quem o snr. dr. Mário preguntou se tinha comprado metade do dito prédio a minha mãi. O snr. Oliveira respondeu que sim, declarando que o não comprára para êle proprio, mas para o passar a meu irmão Francisco, e que não déra a minha mãi dinheiro algum pela venda. Em face disto, o snr. dr. Mario declarou que o contráto fôra simulado e que ficaria sem efeito, ao que o snr. Oliveira respondeu que faria segunda escritura para minha mãe.

No dia seguinte combinei com o snr. Oliveira voltar a Cantanhêde pâra êsse fim, na companhia de minha mãe, mas á hora marcada para partirmos, não aparecia o snr. Oliveira que depois soube querêr faltar ao tratado, a pedido do snr. Francisco Timóteo que era quem desejava o prédio tôdo pelo dinheiro que minha mãi devia, não tendo esta nem eu, nem nenhum de meus irmãos conhecimento dêste trama, que só veio a descobrir-se nesta ocasião. Afinal, o snr. Oliveira, que tinha ficado em casa, resolveu aparecêr a pedido do snr. Manuel Maia, mas tendo seguido caminhos diferentes para se não encontrar com o snr. Francisco Timóteo. De nada lhe valêram as suas reservas, porque este saiu-lhe ao encontro para lhe entregar 700$000 réis, pelo prédio, recomendando-lhe que nada receasse, porque êle ficaria por todos os prejuízos. O snr. Oliveira, porém, não anuiu, e nós seguimos pâra Cantanhêde, onde se fêz segunda escritura, não sem minha mãi apresentar ao snr. Oliveira a sua divida de 700$000 réis e pagar escrituras e duas cizas, pelo que se têve de fazêr outra escritura de hipoteca, elevando-se a divida com toda esta meada de 500 para 700 mil réis.

Todas estas escrituras fôram feitas no cartório do snr. dr. Manuel Pessôa, quando de sociedade com o snr. dr. Toscano.

Dizem ainda as tais fôlhas que os recibos juntos ao processo são falsos, quando é certo os proprios que os tinham passado têrem declarado no tribunal que estavam pagos das suas importancias, como paga se considerou estar a filarmónica pelo recibo apresentado pelo snr. José Julio & Irmão, da Figueira da Foz, que não era falso, como o pretendeu o snr. Pessôa. O snr. Elisio Maria d'Andrade, na sua presença como testemunha e apesar de bom cidadão, tambem nesta questão dos recibos faltou á verdade, porque ao tempo já êle tinha em seu podêr uma carta da dita casa da Figueira, que lhe participava estar já paga por mim.

Declarou o snr. dr. Manuel Pessôa no seu discurso no tribunal, em defêsa de Joaquim Maia, que, se minha mãi fôi a Cantanhêde, foi arrastada por mim. O que é certo é que, admitindo esta hipótese, não foi isto que lhe fêz aumentar a divida, mas sim com que melhorasse a sua situação, visto que ela embolsou o que lhe pertencia e que lhe queriam roubar, que era mais importante do que os 27 mil réis dos tais brasileiros. Quem foi muito condescendente foi o snr. Oliveira, porque, devido á sua generosidade, é que minha mãi não ficou roubada, assim como alguns de seus filhos.

Termino por aqui, pedindo aos leitores que leiam com atenção para podêrem avaliar quanto é de ridiculo o autor das tais fôlhas sôltas, e para agora podêrem colocar as coisas nos seus devidos logares.

E' bom estar sempre de atalaia com êstes fazedores de enrêdos.

Tocha, 24 de julho de 1912.

Julio dos Santos Timóteo.

---

(20) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

VIII

Passaram-se mezes.

Tereza Rosa tinha tomado novos planos. Para evitar maior desdouro na sua vida de mulher instável, resolveu abandonar a cidade, arrendar o predio de que era proprietaria e ir viver para um suburbio que lhe garantisse a permanencia. Fôi para S. Martinho do Bispo, onde arrendou uma casinha campestre, pequena, mas confortavel, com um quintal muito florido, circuitado de alegretes, cobertos de rosas, cravos, margaridas, bôas-noites e amôres-perfeitos, e com uma latada em tôda a extensão a servir de cupula frondente áquêle remançôso ninho. Além oferecia-se uma paisagem agradavel á vista: uma encosta dum vêrde-esmeralda, com uma casita a branquejar no alto, e em baixo, um campo arroteado, com arvores de fruto a frondejarem ao sabôr da brisa.

Tereza procurára a paz, depois duma mocidade tempestuosa.

Servira de madrinha de batismo a uma menina duma localidade limitrofe, e, quando ela já era crescida, tomou-a para a sua companhia e ficaram vivendo juntas.

Consta que hôje só ela lá vive beatificamente, com uma ou duas criadas naquêle pequeno eldorado.

Feliz destino duma alma maculada, que soube procurar um logar de purificação de suas culpas!

IX

Cinco anos depois destes acontecimentos, Antonio Lopes, comerciante na rua do Visconde da Luz, a este tempo já um tanto decrépito, mas ainda com um vigôr excecional, devido a um particular temperamento, fôi convidado por um amigo intimo a ir a Lisboa em meados do outôno, para assistir ao enlace matrimonial desse mesmo amigo, com a clausula de estar junto dele por espaço de oito dias. O velho comerciante acedeu e fôi.

Uma noite em que atravessava a rua do Ouro, viu a uma esquina, ligeiramente curvado, um velho de longas barbas de neve, rôsto palido, olhar baço e errante, envergando um sobretudo comprido e desbotado, chapeu mole na cabeça, e apoiado a uma bengala.

Dirigiu-se a Antonio Lopes com passo rapido, mas hesitante, e, circunvagando a vista, murmurou com voz cava e tremula:

—Meu caro senhor, uma esmola a um desventurado.

Antonio Lopes estremeceu, sentiu a terra vacilar-lhe debaixo dos pés, e, maquinalmente, puxa da carteira, tira uma nota de vinte e cinco tostões e entrega-a ao mendigo que parecia mais ancião do que ele. Depois afasta-se rapidamente para enxugar duas lagrimas que lhe marejaram os olhos.

Tinha reconhecido naquele velho trémulo, com o parecer decomposto e de aparencia mesquinha, o dr. Julio Dally, que em tempo vivêra no meio duma opulencia risonha, incomparavelmente feliz.

A que o destino o tinha conduzido! A subsistir de esmolas, como qualquer pobre envergonhado, num meio onde outr'ora desfrutou largos prazêres, e onde agora recebia de mão caridosa o óbulo que o ajudava a vivêr!

Julio, com efeito, vendo-se nos extrêmos da miseria, foi aguilhoado pelo seu demónio perseguidôr a disfarçar-se em mendigo e a sair uma noite de casa, para implorar degradantemente o pão da desgraça. A condenação foi pronunciada, e o degrêdo estava cumprido. Apênas faltava a morte para lhe pôr termo; mas ela não se fêz esperar.

No meio duma prolongada luta cruel no seio do infortunio, por entre acessos de loucura e de cólera que assomavam desesperadamente, e por entre esgares terrificos que lhe contorciam o semblante, ele morreu um dia no paroxismo da dôr, debatendo-se no leito da agonia. O martir desceu ao tumulo com o coração pustuloso, depois da serpe da desgraça lhe têr envenenado a alma.

Foi o seu próprio algoz.

Suicidou-se com o ouro que lhe serviu de abismo, e onde ele cégamente se precipitou, porque julgou vêr nas fauces traiçoeiras dêsse abismo o sorriso duma eterna felicidade.

1903.

(Continúa).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
TELEFONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sêde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

MILHARAES ENFEZADOS

— EM —

Terras de rega

Deitando aos **milharaes** em terra de rega o **Nitrato Melhorado** com **Potassa** em **Cobertura,** marca **NMP 104** chega-se a ter colheitas de **milho** produzindo o dobro e ainda mais.

Assim como o homem precisa para viver, legumes, carne, pão, vinho, frutos, etc., as **plantas** precisam de **Azote, Acido Fosforico** e **Potassa,** e tambem de frescura no terreno para resistirem aos calores, concluindo se por isso que faltando uma destas cousas, as plantas morrem ou ficam bastante enfezadas por falta de alimento.

Quazi sempre o aspeto amarelado do **milho,** é devido á deficiente adubação de **Azote e Potassa** quando no terreno ha frescura, ou agua para regar.

Ora, se ao homem derem a beber agua, quando ele precisa de pão, o estomago torna-se debil e daí a doença e o aspeto doentio. E' o mesmo que regar o milharal, tendo ele falta de **Azote e Potassa.**

Dêmos ao homem para viver o vinho, e o pão, mas dêmos tambem ao **milho,** para **muito produzir,** o **Azote e Potassa,** por meio do **Nitrato Melhorado com Potassa,** marca **NMP 104,** na razão de 15 gramas por metro quadrado, aplicado por onde a agua passar quando se rega, mas deve ser quando o **milho** estiver já arrendado, e antes de lançar a bandeira.

Com este magnifico adubo, o **milho** tornar-se-ha rapidamente de uma côr verde, muito escura, dando muitas e grandissimas espigas, com os grãos todos muito cheios, parecendo um completo milagre!!!

Lavradores!... experimentae com um saco de **Nitrato Melhorado com Potassa** no vosso predio de **Milho,** ainda este ano e vereis a felicidade que vos proporciona os adubos da casa **Herold,** marca **Foice e Trevo de 4 Folhas.**

Dirigir por postal ao Agente **Fortunato Vaz,** morador em **Camarneira—Cantanhede,** que rapidamente manda despachar do armazem mais proximo, Lisboa, Porto ou Pampilhosa do Botão, ou entrega nos seus depositos de Oliveira do Bairro, Mogofores ou Cantanhede.

Dão-se esclarecimentos mais detalhados, verbalmente ou por escripto, a quem os desejar.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

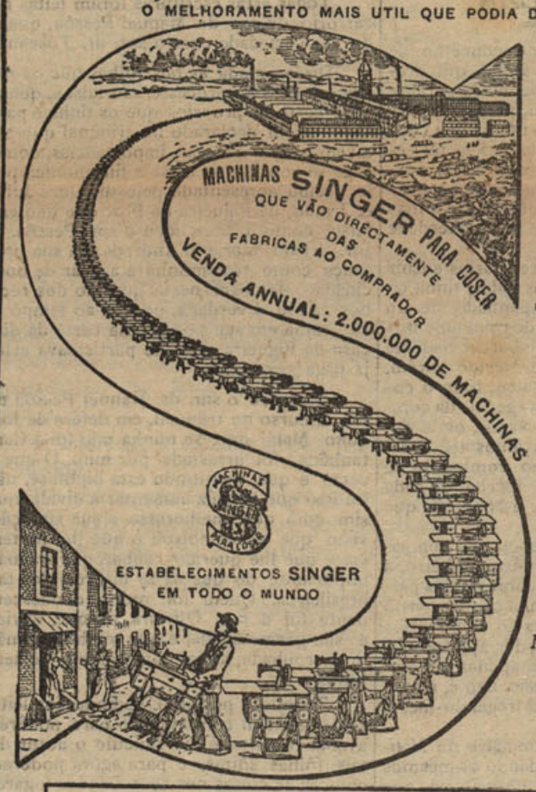
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40--Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

CASA FUNERARIA

— DE —

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA — **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

Ano 1.° Arazêde, 4 de Agosto de 1912 N.° 24

O DEVÊR

Semanário Republicâno

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Em pratos limpos

Convem acentuar, pára que não haja da parte de fóra bôas suposições sem fundamento nem base real, que as palavras de aplauso que têmos recebido nesta redacção aos movimentos de iniciativa aqui vibrados em prol desta fréguezia, não têm dimanado da consciencia dos habitantes de Arazêde, que até hôje se têm conservado na mais estranha espectativa perante a nossa obra de reconstrução social.

Sim. Arazêde — e não nos referimos á parte mênos culta que é a maior, e por isso de menores responsabilidades — tem-se remetido ao mais condenável silencio, permanecendo até agora na mais criminosa indiferença, ante os alvitres de interesse local que aqui por vêzes têmos levantado. Há em Arazêde funcionários da República, há politicos de mais ou mênos prestigio que são ilaqueados nas grandes ocasiões pelos mandatários do caciquismo indigena, há serventuários dêsses politicos com tinturas de ilustração suficientes pára abrangêrem no intelecto tôdo o valôr, tôda a importancia moral, tôda a vantagem incontestável dum jornal de provincia, nas suas relações com os podêres constituidos, com as autoridades mais em destaque e com a defêza dos interesses que dessas autoridades e dêsses podêres o jornal reclama pára o bem publico.

Pois bem. Nenhum dêsses funcionários, nenhum dêsses politicos, nenhum dos serventuários ás ordens dos politicos, nos dirigiu até hôje, espontâneamente e conscienciosamente, uma palavra unica de estimulo, de aplauso ou de censura, pela atitude que têmos tomado no *Devêr*, quanto aos melhoramentos que têmos reclamado pára a fréguezia de Arazêde! Estamos quasi a seis mêses de vida jornalistica nesta povoação, curta jornada de luta, é certo, em prol dos interesses locais e das necessidades do pôvo, encaradas moral e materialmente, mas de luta sã e honesta, sem tergiversações nem tolerancias, e apesar disso, ninguem — nenhum dêsses homens de representação local, nenhum dêsses homens a quem os arautos da politica se dirigem pára negociações eleiçoeiras, nenhum dêsses medianeiros a quem o rude pleiteante suplica a intervenção em questões judiciais nas quais se acha implicado — nenhum dêles, quer use sotaina ou envergue casaca, se acercou ainda de nós pára colocar ao nosso dispôr o seu valimento ou sequer pára apoiar as nossas iniciativas, se dignas de apôio elas têm sido.

Nós querêmos crêr em que a consciencia publica, especialmente a consciencia do pôvo humilde e ignorante, aplaudirá intimamente os nossos bons intuitos, e que não exterioriza êsse aplauso por o julgar inutil, ou por um retraimento inexplicavel, que êsse mêsmo pôvo não sabe compreendêr; nós inclinamo-nos tambem a crêr que os próprios politicos imperantes do burgo, muito a sós com o seu *eu* interiôr, hão-de concordar em que fazêmos bem, reclamando o que de benéfico carece a povoação, forcejando por lhe imprimir um cunho de superioridade, trabalhando por destruir a inercia que a degrada. Mas êstes, mais criminosos, mais *platónicos*, mais comodistas e... inconscientes, mantêm-se num passivismo gelificante e olham com indiferença, com desprêzo, talvêz, pára o desenrolar dos acontecimentos, na mansidão patriarcal dos seus lares.

Podendo auxiliar-nos na nossa obra de progresso local, podendo conjugar os seus esforços com os nossos no mêsmo ideal de engrandecimento publico, podendo colocar-se em contacto comnôsco — unicamente pelo lado do bem colectivo, entenda-se, com os olhos postos no rejuvenescimento da Pátria — preferem faltar ao cumprimento dos seus devêres civicos, embrenhando-se antes nos meandros duma politica nada invejável, ou estadeando-se nas regiões olimpicas da sua altivêz.

Não é indispensável que reclamêmos o auxilio dêste ou daquêle. Basta que cada um, possuindo a noção das nossas patrióticas intenções, as secunde com o seu esfôrço, com a sua vontade, com o seu decidido apôio. Nós levantâmos aqui a nossa humilde voz em prol de tudo quanto possa encontrar esteio na consciencia publica. Nós têmos reclamado pára Arazêde melhoramentos justos e necessários que a evolução das sociedades impõe e que a naturêza dos povos exige. Cumpre, por consequencia, a tôdos que desejem sêr bons cidadãos, a tôdos que, independentemente de partidos, grupos ou facções, visionem o bem da República e a prosperidade da nação, cumpre colocarem-se ao lado daquêles que agitam uma ideia ou propõem um alvitre são e utilitário, sem outros intuitos que não sejam os de servir o seu país.

A inércia e a indiferença são duas coisas condenáveis: e êsses cidadãos de Arazêde mais em destaque que aí se encontram, é que poderiam pôr as suas energias ao serviço duma causa justa, têm-se deixado dominar por êsses dois males, em detrimento dos interesses desta povoação.

Mas não importa. Nós não viemos hôje pára aqui a lamentar a fálta imperdoável dêsses politicos locais em não nos auxiliarem na nossa obra de progresso e de moralidade; vimos sómente definir situações que poderiam complicar-se se não bordássemos êstes argumentos indispensáveis. Haverá aí alguem que, ao lêr-nos, pense em oferecêr-nos a sua coadjuvação? Haverá aí tambem quem, á simples leitura dêste artigo, nos prométa uma tenaz oposição? Brevemente irêmos tirar a prova pára com tôdos, e só depois colherêmos bases seguras para estremar os campos.

Entretanto, vamos seguindo sózinhos, inteiramente desacompanhados, a estrada do devêr que nos impuzémos, sem ódios pára com ninguem, sem retaliações pára com quem quer que seja, apênas com o direito que não abdicâmos de criticar as atitudes daquêles que, pela sua posição social, muito poderiam fazêr em beneficio do pôvo que os ajuda, que os auxilia, nas grandes conjunturas, nas horas intensas da politica geral.

NOTAS

Justiça!

Foi condenado em 6 anos de penitenciaria e 10 de degredo, ou na alternativa de 20 anos de degredo em possessão de 1.ª classe, o célebre João d'Almeida. A Justiça militar começou bem a sua obra, condenando um inimigo e um traidor da nossa patria.

José Jardim

Foi preso na Figueira da Foz este conhecido cacique do nosso distrito, por suspeita de aliciar gente para conspirar contra a Republica. Como, porém, José Jardim tem uma grande importancia na Figueira, não nos admirará muito de o vêr qualquer dia em liberdade, não faltando quem diga que é um bom republicano, e que só favores tem prestádo á Republica.

Anda por aí tanto cacique á solta...

PORTUGAL E ESPANHA

A proposito do artigo que, com esta mesma epigrafe o nosso camarada Almeida Junior publicou no anterior n.° dêste jornal, recebemos a seguinte carta do nosso presado correligionario, snr. Joaquim Canelas de Castro, um dos muitos ilustres espanhois residentes em Portugal, e ao qual a nossa patria muito deve, que gostosamente publicamos.

Eis a carta:

Figueira, 29 de julho de 1912.

Meu amigo:

Acabo de lêr o seu artigo *Portugal e Espanha*, inserto no n.° 23 do semanario de Arazêde *O Devêr*, e é com imenso prazer que lhe dirijo estas quatro linhas para felicital-o pela maneira brilhante como sabe compreender e apreciar os sentimentos do povo espanhol, felicitação extensiva á ilustrada redacção d'*O Devêr*, por contar entre os seus colaboradores pêna tão bem burilada como a do autor do artigo a que acima me refiro.

Um abraço fraternal do seu colega,

Joaquim Canelas de Castro.

Os masmarros

A clericalha infame e cobarde que tem infestado o nosso país nos últimos tempos há de desiludir-se das ideias monarquistas que lhe têm obcecado o bestunto enchavelhado e com o qual pretendem derrubar, a cornadas traiçoeiras, um regime de ordem, de liberdade e de harmonia social. Há de desiludir-se, porque os acontecimentos que se vão desenrolando hão de mostrar aos estanhados ministros do Senhor que *isto*, longe de ser uma Calábria onde eles possam zurrar e escabujar á vontade, é uma pátria de cidadãos livres, que só póde contêr em seu seio homens honestos e dignos, de espirito construtivo e equilibrado, de caráter integro e sem mancha.

Eles, os masmarros de sotaina e chapéu de três bicos, não têm na alma um reflexo de luz e uma aurora de amôr, porque são a encarnação do mal, da hipocrisia, do ódio e da perseguição, e todo o seu ideal é destruir a ordem, esmagar a liberdade e perturbar a harmonia, lançando a confusão entre o povo para que ele se revolte, para que ele subverta as instituições, mancomunado com os rebeldes que lhe insuflam o ardor satânico das suas paixões. Eles, os vendidos, os bandoleiros, os scelerados, os ladrões da consciencia do povo e do dinheiro do povo, que, em vêz de seguirem a doutrina do Cristo que eles apregoam, e que era toda de paz, de mansidão e de beatitude, falseiam o seu negregado mister, incitando o povo á revolta, á conspiração, á guerra civil.

Os padres são a mais real expressão da ruina social. Fomentam a discórdia entre as nações, em vêz de as vincularem pelos ensinamentos da Verdade, da Justiça e do Amor. Não têm pátria, não têm lar, não têm familia, não têm o sol da Natureza, nem os alvôres da Liberdade.

A sua pátria é o dinheiro que eles roubam miseravelmente ao povo incauto e ignorante; o seu lar é um bordel onde coabitam com barregãs a quem chamam *primas;* a sua familia são os filhos dessas *primas*, a quem tratam por *afilhados,* e que muitas vezes desprezam como sêres inuteis; o sol que os requeima são as chamas das paixões devoradoras que os abrazam na densidade das trévas da hipocrisia, do preconceito, do erro e da mentira, e que eles aproveitam para armar á ingenuidade do povo que os acredita, considerando como deuses esses burlões da igreja; liberdade não possuem, porque são escravos de Roma, da Roma autocratica, inquisidora e assassina, que os contem, como toupeiras vis e nojentas, na escuridão das igrejas, onde eles praticam toda a sorte de crimes, como sicários vis e malditos.

Por isso eles odeiam a Liberdade, por isso eles perseguem a Liberdade, por isso eles querem um regime de opressão, de violencias e de latrocinios, que obrigue o povo, o pobre povo português, a sacrificar, em proveito deles, o dinheiro do seu suor, para lhes pagar as missas, os oficios e as congruas.

Traidôres! bandidos! ladrões!

Estação telégrafo-postal

Brevemente o *Devêr* vai colher assinaturas dos habitantes da fréguezia de Arazêde para serem juntas a uma representação que oportunamente será apresentada ao snr. ministro do fomento, a favor da criação duma estação telégrafo-postal nesta localidade.

Vamos assim ter ensejo de apreciar os sentimentos do povo desta terra, em face dos melhoramentos que nela queremos introduzir.

CARVALHO NEVES

Encontra-se em Paris este nosso presado e prestimoso correligionario, que da capital francêsa partirá para Londres e depois regressará a Portugal.

Desejamos-lhe feliz regresso.

Um aniversário infantil

Escrevemos ainda sob a impressão agradavel e sensibilisadora que nos deixou a festa infantil, a festa das crianças realisada no dia 30 do mez passado, no Colegio Luzitano, em Coimbra, de que são proprietarios e directores os inteligentes professores snrs. Manuel Justino de Souza Amado e sua bondosa esposa, D. Augusta.

Souza Amado é, sem favor o dizemos, um dos mais incansaveis professores de Coimbra, trabalhador e honesto, cumpridor e respeitador, carinhoso em extremo para todos os educandos que lhe são confiados.

A festa comoveu-nos, porque, para nós, as festas infantis teem sempre especial significação. Nelas tudo é mavioso, encantador e alegre.

Souza Amado devia, como pai, ter sentido no coração, bem nitida e bem viva, a impressão comovedora que nos imprimem sempre festas desta natureza.

As crianças, ensaiadas competentemente pela distinta pianista snr.ª D. Alice Oliveira, que foi para as pequerruchas duma paciencia evangelica, desempenharam admiravelmente os seus papeis.

Publicamos, para que se avalie do desenvolvimento intelectual de duas crianças, os extratos das saudações proferidas pelos alunos Maria da Conceição Freitas e Eduardo Henrique Batista.

A inteligente menina Maria da Conceição Freitas, disse:

A' MARIA SOFIA.—Um ano mais a aproxima-la da realidade das coisas é volvido. Eu, que a tenho visto crescêr, que tenho acompanhado intimamente ligada a ela pela convivencia e pela afeição profunda, a evolução do seu sêr, da sua formosura cada vez mais é mais atraente e interessante, eu, que a tenho beijado e que lhe quero muito, não podia, no dia d'hoje, contentar-me só com seus beijos, satisfazer-me só com seus sorrisos queridos.

A's vezes pônho-me a olha-la, absorta numa contemplação admirativa que me leva ao extasis, e não sei o que mais me fascina, se dois olhos azues, semelhando estrelas em noites bonançosas, se seus cabelos loiros de fada medieval que o sol da primavera iluminasse em manhãs odorantes de perfumes e violetas.

Que o sol da ventura lhe banhe sempre a fronte linda, e que a primavera da vida lhe enfeite e lhe guie sempre os passos, e que em cada ano que passar, ela, a querida Maria Sofia, encontre sempre juncado de flôres o caminho do futuro.

Beijando-a dôce e comovidamente nêste momento, abraço tambem seus pais amigos, os cultivadores conscienciosos de inteligencias, os intrépidos formadores de caracteres e aos quaes o meu caracter e a minha debil inteligencia devem exclusivamente o que são.

A todos, pois, abraço fraternalmente no mesmo amplexo de amôr e contentamento.

Ao terminar foi muito ovacionada, tendo a palavra o menino Eduardo Henrique Batista, que disse:

SAUDAÇÃO A MEU PROFESSOR.— Tambem eu, humilde e obscuro alúno de V. Ex.ª, não quiz deixar que este dia passasse sem vir, respeitosa e sinceramente, trazer-lhe o preito mais intimo da minha singela homenagem, felicitando-o por mais um aniversario natalicio da galante Maria Sofia.

Alegra-me ao mesmo tempo o facto de me vêr nêste momento de soléne alegria, rodeado por crianças que, como eu, trazendo nos labios o entre-abrir de mil beijos, trazemos tambem na alma o júbilo profundo por termos tido oportunidade de felicitar V. Ex.ª e sua Ex.ma esposa.

Que, de resto, a querida festejada tudo merece, pelo seu encanto, pela sua meiguice e pela sua formosura angelica e atraente.

A todos, pois, as minhas saudações mais intimas.

Foi, como a primeira, abraçado pelos assistentes.

Tomaram parte na festa recitando monólogos, cançonetas, comedias e dramas, as meninas Maria Elena, Maria Luiza Donato, Maria da Conceição Freire e Alice Fernandes Batista, que muito se distinguiram pela corrêção com que desempenharam os seus papeis.

Tambem se houveram bem as meninas Zilda Macedo, Mariana Ferrão, Maria Mateus, Dulce e Adelia Freitas, Lucilia dos Santos, Clarinda, Lucilia Abreu, Abrilina Cunha e João de Souza.

A festa, que abriu e fechou com o hino nacional, entoado por todas as crianças do colégio e executado ao piano pela habil ensaiadôra D. Alice Oliveira, foi brilhante e comovedora.

A festejada foi muito brindada com várias ofertas de valor.

Das pessoas assistentes lembra-nos ter visto a snr.ª D. Isaura Oliveira, distinta medica pela Universidade e familia, a snr.ª D. Isaura Maria, inteligente professora, etc., etc.

Felicitamos os pais da homenagiada.

Ferro-viarios de Portugal

Isto não é discutir. Eu não quero, parto dum principio de ha muito assente, discutir com quem quer que seja, por mais luminosa que a discussão se me afigure.

Abro agora um parentesis. O ilustre ferro-viario Duarte Lopes quebrou o seu silencio propositado de ha dois anos, e eu ponho de lado o meu juramento.

A minha pena, a minha atitude não sofreram a minima alteração. *Os homens*, esses sim, que se desnorteam constantemente, os homens, quero eu dizer, lá das associações, Uniões, Sindicatos e ramificações.

Duarte Lopes, que eu conheço desde a sua sentimental *alma de mulher*, publicada em folhetins na *Via Ferrea*, não teve razão nenhuma para se zangar. Bastava o facto dêle ter tranquila a sua consciencia, o que, eu sei, não acontecerá a toda a gente.

Eu não quero acirrar ódios, pôr calvas á mostra. Não vale por agora a pena.

Entristece-me, isso é cérto, a maneira como alguns homens, que se dizem dirigentes e mentores duma classe numerosa e prestimosa como é a nossa, se conduzem pela vida associativa em fóra.

Nós não fomentamos discórdias.

O que queriamos era vêr que enveredassem pelo caminho da logica e do desinteresse.

O que queriamos era que todos cumprissem, como cumpre Duarte Lopes, o seu dever para com os que, de boa fé, lhes confiam, ou se contentam, sem lhes confiar mandato algum, com tudo o que por lá se faz.

Nós não estamos de fóra, espreitando cargo algum, pelo simples motivo de nunca termos ambicionado estar lá dentro.

E estar lá dentro, para quê? Para fazer a triste figura que alguns estão fazendo?

Preferimos o remanso suave e querido dêste isolamento em que vivemos.

Longe das secretarias, afastado da balburdia e da intriga das repartições, nada desejamos nem nada queremos que não seja da nossa competencia.

Não merece a pena irmos mais longe. Mizerias ha já muitas, e bom será que elas se não conheçam.

BELMIRO.

Corrigenda.—Na secção ferro-viaria do numero anterior saiu, por lapso de revisão, *A. Duarte Lopes*, em vêz de: *M.* Duarte Lopes.

Que o nosso presado e inteligente colaborador nos desculpe a falta.

ANIVERSÁRIO

Passou no dia 31 o aniversário natalicio da snr.ª D. Isaura Oliveira, distinta médica em Coimbra e filha do nosso presado patricio, snr. José Mauricio de Oliveira.

As nossas sinceras felicitações.

Pela Patria E Pela Republica

(Continuado do n.º anterior)

Para certos tartufos nunca existiu nem existe o sagrado nome de Patria, mas tão sómente interesses pessoais, vaidades balofas, a ambição de, cegamente, apoiarem a continuação das roubalheiras e, assim, de novo e com novo rotulo, se organisou o batalhão de mercenários realistas, para, num dado momento, assaltarem o solo inviolavel da República, da patria que lhes serviu de berço.

Com que direito se preparou o assalto á Patria?

Comove-nos ainda a tragica lembrança dos seus mizeraveis planos.

Ah! traidores! pensae ao menos que a Republica foi implantada para salvar a patria portuguêsa moribunda, quasi perdida.

A vossa causa é a causa do retrocesso, é a causa denegrida da degradação e da perversidade, e por isso ela não poderá vingar, ainda mesmo apoiada pelo elemento clericalista, que afinal tem seus dias contados, não só em Portugal, mas em todo o mundo culto.

Começaram já a funcionar os tribunaes marciais, e da enexorabilidade da justiça fala já o castigo inflingido ao traidor João d'Almeida.

O povo, que é afinal o mais diretamente interessado na defeza da Republica, espera que os tribunais continuem a pronunciar-se favoravelmente na defeza do regime que malandrins sem nome procuram preverter a todo o transe.

Terminados os julgamentos, que tudo entre na normalidade, e que todos nós, portuguezes amigos da patria, voltêmos ao trabalho constante para auxiliar o futuro progresso da nação.

A vigilancia deve, porém, redobrar, por toda a parte, aturada, persistente, pois os traidores não foram ainda todos descobertos, e os *talassas* que hoje andam pelos matos, escondidos nas faldas das montanhas, aparecerão de braço dado com o clericalismo para enveredarem novamente pelo caminho infame do crime e da roubalheira, porque são criaturas que, por dinheiro e por infamias, cometem a ultima das baixêsas.

A. F. A.

José Mauricio de Oliveira

Regressou de Lisboa este nosso presado amigo e inteligente patricio, um dos melhores republicanos democraticos, a quem a Patria muito deve.

Mauricio de Oliveira havia ido á capital tratar de negocios particulares.

Damos-lhe as boas-vindas.

Democracía de... chapeu alto

Eu assisti, em Coimbra, a uma manifestação que, em vêz de encherme de entusiasmo, de sensibilisar-me pela sua tocante significação, se ela alguma coisa significasse mais do que... democracia de chapeu alto, ao contrário enojou e revoltou a minha alma de humilde português ha tanto tempo sonhando, aspirando, antevendo o raiar aurifulgente de venturas e prosperidades para esta Patria continuamente atraiçoada por canibais sem pundonor.

Os leitores já sabem o que eu quero dizer. Antonio José veio a Coimbra, saracoteando-se, empavonado, captando sorrisos e simpatias.

Féz-me pêna ouvi-lo. A sua voz, a sua palavra inflamada e ardente noutro tempo ao serviço da Patria, comoveu-me, em vez de me entusiasmar!

Não podia ser. Na minha frente eu não tinha o tribuno arrebatado que as massas loucamente seguiam para toda a parte.

Ah! o Antonio Zé, o Antonio Zé de 1905, de 1908, de 1910!

Era impossivel, não era ele. Porque antigamente eu seguia-o, nós todos o seguiamos, magnetisados pelo podêr superior da sua palavra sinceramente altiva e arrebatadora.

Um olhar seu, despedido do alto sagrado da tribuna querida cá para baixo para as massas, um simples olhar seu provocava ardencias de patriotismo que nos abrazavam a alma a trasbordar de profundos sonhos de reconstrução social.

Agora não! Ouvimo-lo e temos dó do tribuno querido do povo.

E' que ele, subindo ás nossas costas, fazendo de nós, da plébe, degraus para chegar lá cima, ás altas culminancias da governação publica e da popularidade em que se encontrou um dia, olha-nos agora com indiferença, com manifesto desdem.

Como os tempos mudam! Como a sociedade é, infelizmente, cada vêz mais corrúta e traiçoeira!

O Circo, onde falou o antigo amigo do povo das aldeias, do operariado das vilas e das cidades, estava cheio de engravatados.

Os descalços, os rôtos, os núS, os famintos, não tinham lá entrada.

Seria um escarneo consenti-los lá. Apoucavam e ofendiam suscetibilidades, podiam estorvar a marcha dos trabalhos.

Está descalço? Vá-se embora. Rua. Se logo fôr preciso para nos livrar o costado, ali no Largo ou na Avenida, aparêça então.

Aqui não póde estar. Parece mal. Vá pôr a ultima camisa no prégo para comprar um colarinho engomado. Não tem chapeu de côco? Vá pedi-lo emprestado. Os filhos que morram á fome. E' um encargo a menos.

Isto faz pena, isto comóve.

Dás vivas a Afonso Costa? E's fuzilado. A Dona *talassaria* melindra-se, Afonso Costa é um mau politico, porque deu bordoada no padre da minha terra. Mandou fechar a igreja, não quer que os nossos filhos saibam o *padre nosso*.

Ah! tartufos, tartufos, que o tempo vos desenganará um dia, quando isto fôr uma Republica dos republicanos.

Até lá, vão gozando...

X.

As pontes de Montemór

Até que finalmente vão desaparecer as *fórcas* armadas no meio do lindo e poético Mondego. Já era tempo. Aquilo era uma ameaça constante para os montemorenses, e um nojo para quem tinha a infelicidade de as vêr. Nós, quando viamos aquele fantasma imergindo daquelas aguas serenas, tinhamos a impressão duma fôrca enorme que estivesse esperando assassinar um povo inteiro!

Mas... tudo tem o seu termo. As pontes que estavam conspurcando a vila de Montemór, vão, depois de terem servido anos ao jôgo dos caciques, descançar em paz e dár outra impressão aos olhos dos visitantes daquelas lindas paragens.

O snr. ministro do fomento não podia fazer coisa melhor nem de tanta utilidade para todo o povo dêste concelho, do que a mudança destas tão celeberrimas pontes.

Nós, que estâmos sempre ao lado dos interesses do concelho, não podemos deixar de louvar a iniciativa do snr. ministro do fomento, congratulando-nos com uma medida tão acertáda e tão necessária. O que é preciso agora é que este assunto não fique esquecido, para que não aconteça como tem acontecido a tantos outros que nunca passaram de projéto.

ROUBO

O nosso amigo Antonio Baía, que ha tempos foi vítima dum roubo numa quantia importante, novamente foi roubado na quarta-feira por um seu empregado de nôme Malaquias Mendes dos Reis.

O roubo deu-se da seguinte fórma: Precisando o nosso amigo de pagar uma letra em Cantanhêde, aproveitou a ocasião de a mandar pagar por um seu amigo de nome Ramalho, que ía para aquela vila. Na ocasião em que o Ramalho estava para embarcar, apareceu-lhe o Malaquias pedindo-lhe o dinheiro dizendo-lhe que já não era preciso entregál-o em Cantanhêde, em virtude de ter chegado á loja do nosso amigo Baía o homem a quem êle devia ser entregue.

Depois disto, o Malaquias desapareceu levando a quantia roubada, que era no valôr de 50:000 réis.

A autoridade local pôs-se em campo, não conseguindo, até á hora a que escrevêmos, capturar o gatuno que, parece, fugiu em direcção de Coimbra.

Lamentamos devéras o nosso amigo, tanto mais quanto é certo encontrar-se nêste momento gravemente enfêrmo do reumatismo que por vêses o ataca.

CASAMENTO

Realisou-se no Porto o casamento de João Pires Lobo, filho de José Pires Lobo, do Casal do Gaio, desta freguezia, com Maria Marques, filha de José da Costa Chegânças, do Zambujeiro, tambem desta freguezia. O acto realisou-se na cadeia, em virtude do noivo estar cumprindo a pêna de deserção do serviço militar.

Exames

Fizeram exame de 1.º grau, obtendo a classificação de *distinto*, as meninas Laura e Erminia, gentis filhas do nosso presado patricio Manuel Simões Lopes, digno subchefe da estação de Pampilhosa.

—— Tambem fez exame do 1.º ano do liceu, ficando aprovada, a snr.ª D. Isaura da Cunha e Costa, gentil filha do nosso presado amigo e assinante, snr. Joaquim da Costa, zeloso bilheteiro do caminho de ferro, em Coimbra.

Felicitamos.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XXII

Empunhando armas — Uma medida simpática — Verbas saldadas? — O caráter do snr. ministro do interiôr — O pessoal da contabilidade decide-se a trabalhar pâra honra do snr. Duarte Leite? — E' necessário, pâra salvar o regime, muita honestidade nas palavras e muito bom-senso nos actos

Agora, que a canalha monárquica terminou, por a isso sêr obrigada, as suas investidas contra a República, podêmos retomar o nosso antigo pôsto de combate. Escrevêmos êste artigo modesto na véspera do fim do mês de julho, que o govêrno, por uma medida especial e simpática, resolveu ser o fim do ano económico para o efeito de pagamento aos professôres primários e senhorios das casas de escola das verbas que, algumas há muito tempo, lhes são devidas.

Prometeu, a propósito, o ilustre ministro do interior e presidente do consêlho de ministros que tôdas essas verbas seriam saldadas até ámanhan. Nós, os professôres, embora um tudo-nada desconfiados, o que é o efeito das contínuas desilusões que têmos sofrido, recebêmos a promessa bem e quase néla acreditámos completamente. A personalidade do snr. Duarte Leite impõe-se, não sabêmos bem compreender porquê. Afigura-se-nos que êle é um homem duma invulgar inteirêsa de carácter, franco, duma franquêsa ás vezes um pouco rude, o que é o timbre dos homens fortes — em suma, um estadista incapaz de, voluntariamente, faltar aos seus compromissos.

Ora o snr. Duarte Leite explicou, se bem nos recordâmos, que ia acrescentar, naturalmente por pouco tempo, o pessoal da contabilidade e fazer com que lá se trabalhásse a valer. Mas o que é facto é que, até hôje, talvez nem metade das fôlhas que na referida repartição têm estado armasenadas baixassem para pagamento aos interessados. E, a não ser que, cômo por encanto, élas ámanhan aparêçam nas repartições de finanças — quem dera! — a palavra do prestigióso ministro vai sofrêr um cheque tremendo.

Isto é o diabo — mais uma vez o dizêmos. O que nêste particular se tem dado concorreu muito, muitíssimo até, para que o magistério primário, mêsmo aquela sua parte que não era decididamente republicana, começásse a olhar com rancôr o depôsto regime. E, a continuárem as coisas assim, decerto o entusiasmo com que nos nossos arraiais fôi recebida a implantação da República, esmorecerá muito — o que é um perigo.

Que o snr. Duarte Leite se capacite das verdades que aí ficam — ditas por quem muito quer á obra dos valentes revolucionários de outubro de 910. Procure sua ex.ª a maneira de saldár quanto antes as dividas — tôdas as dividas — do Estado aos professôres primários, e terá prestado um alto serviço á República.

Que sua ex.ª se convença disto.

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Consultas

Nesta secção responderêmos a tódos os professôres que se nos dirijam pára questões pedagógicas, convindo que destaquem as perguntas com clarêza e simplicidade para fácilmente obtêrem as respostas que serão dadas com a possivel concisão.

PERGUNTAS

J. D. J. — *Vale de Santiago* — Que diz v. sôbre a *Educação Nacional*, de que tenho duas acções? Perderei os 10$000 réis? E cômo heide vêr se me cabe alguma coisa, se não obtiver tudo? Cai a gente sempre em arames...

— Tenho sempre inscrito nos recenseamentos escolares os nômes dos pais e mãis das crianças. Poderá dispensar-se o nôme da mãi, caso o pai seja vivo?

— Um professôr doente póde obter do inspectôr 15 dias de licença com vencimento, ou é preciso atestado médico reconhecido?

— Tenho uma filha de 15 anos que vai fazêr agora o exâme do 2.º grau. Poderá ela, para me ajudar a ganhar alguma coisa, leccionar umas pequênas na minha residencia, que é separada da escola, ficando o ensino em meu nôme?

RESPOSTAS

Deixâmos de ter a menor afinidade com o jornal a que se refere, motivo porque lhe não podêmos responder. Crêmos, porém, que deverá perdêr todas as esperanças de reavêr o seu dinheiro, bem como outros colegas que sinceramente confiaram na emprêsa.

— Póde e deve dispensar-se.

— O professor, quando doente, e não precisando ausentar-se da sêde da escola, não necessita de licença, se a interrução do serviço fôr motivada por doença e não excedêr 15 dias em cada ano, seguidos ou interpolados. Dá parte ao inspector de que deixou de exercêr as suas funcções por êsse motivo, devendo indicar a duração provavel da doença, para o caso de havêr de sêr nomeado professor interino, nos termos do § 1.º do art. 142.º do Regulamento. Com a nota mensal das folhas, impresso modêlo G, envia ao inspector um atestado médico devidamente reconhecido, a justificar as faltas dadas.

— Cômo ensino doméstico, póde.

Queixa-se-nos o nosso consulente de que em Vale de Santiago, no Alentejo, não há escola oficial para o sexo feminino, acusando o recenseamento uma inscrição de 50 individuos em idade escolar.

Chamamos pâra êste caso a atenção do snr. ministro do interior.

Impressões de viagem

Das Canárias a Cap-Town

Um pouco mais bem dispôsto e refeito das fôrças perdidas pelo enjôo até á Madeira, vou continuar as minhas impressões de viagem, como prometi nas primeiras que vos enviei.

Da Madeira á ilha das Canárias, altura onde escrevi as primeiras impressões, pouco tenho que contar-vos, visto o *Beira* não parar em nenhum pôrto até S. Tomé. Passámos, porém, algumas ilhas, como Dakar e as Ilhas Desertas, onde, segundo reza a lenda, se encontra em uma rocha a espada de D. Sebastião, que êle ali espetára quando se dirigia para a batalha de Alcacer-Kibir.

Cômo a distancia da Madeira a S. Tomé leva doze a treze dias a percorrer, tornando-se por essa razão bastante aborrecida, os passageiros de primeira e segunda classe resolveram realisar alguns divertimentos, como por exemplo, baile, jogos sportivos, sarau musical e muitas outras diversões.

O médico de bordo veio ter comigo e pediu-me para eu fazer o programa dos festejos e para me inscrever ao mesmo tempo em alguns jogos. Depois de algumas recusas sem resultado proficuo, inscrevi-me na lucta romana, lucta de galos, lucta de almo-

fadas e outros. Cada numero dêstes jogos tinha os seus dias marcados para a sua realisação; eu, porém, não concorri a nenhum. Achava-me ainda mal dispôsto e apezar do médico dizer que eu estava bom, que o que eu tinha era uma grandissima manha, pois me não queria incomodar, recusei sempre, concordando ao mesmo tempo com êle, relativamente á *minha manha*.

Os dias passavam-se em alegre convivio e divertimento. Todavia, eu passava-os quasi sempre passeando no convéz, conversando com alguns companheiros de viagem.

Era na altura da Serra da Leôa. Sentâmo-nos. Rodearam-me José A. Sardinha, João Marques d'Oliveira, José Maria Alves Faria e Jaime Soares F. Ribeiro. Com este ultimo, rapaz inteligente e agradavel, ex-segundanista da escola médica do Porto, discutia eu diversos assuntos de vida politica, que é o que mais se discute a bordo.

Passámos assim duas longas horas.

A noite aproximava-se. As primeiras sombras começavam a estender-se por sôbre as vagas, cujas corôas prateadas rebrilhavam com o reflexo.

Ao longe, avermelhado como o clarão d'um incendio formidavel, o sol mergulhava nas aguas, e o seu disco d'oiro, parecia o côrpo d'um dos animais fantasticos, creados pela imaginação ardente dos orientais.

As ondas eram aqui e ali cortadas por linhas escarlates como outros tantos regatos de sangue que tivessem aberto caminho atravez da massa enorme das águas. O vento soprava com violencia, murmurando surdamente palavras indefiniveis por sôbre as vagas, cuja espuma se agitava no ar côm a plumagem de muitas aves maritimas.

Eu, e o meu amigo Jaime haviamos subido para o tombadilho. O calor era sufocante.

Ficámos por um momento imóveis e silenciosos na contemplação do mar. Aquela voz solenissima da natureza fazia-nos vibrar as mais intimas cordas do sentimentalismo.

Sentiamo-nos reviver. Era côm uma resurreição completa, poderosa, fortificante. Agora aspiravamos a plénos pulmões os vapôres do mar que nos regeneravam todo o sêr.

Nem pensar podiamos. Nem nos lembrava fazer interrogações. Sentiamo-nos dominados por um jubilo indizivel. Quasi haviamos esquecido, por um momento, o passado e a nossa terra querida, onde deixámos o coração, toda uma parte do nosso sêr, para bebermos sôfregamente n'aquela aspiração, a atmosfera ampla que nos envolvia e nos vivificava. O mar, meus amigos, já vo-lo disse, é a maior expressão do infinito que é dado ao homem identificar com os seus sentidos. Ah! meus amigos, isto para quem nunca fêz longas viagens, é a vida na sua mais larga e poderosa manifestação. E' a pesada escuridão da noite, transformando-se subitamente nos esplendidos deslumbramentos da luz. E' um sepulcro umbroso, abrindo-se repentinamente para dar entrada ás eternas claridades. Eu sentia-me dominado por impressões grandiosas. Contemplava absorto aquêle espétaculo sublime, estava como que mergulhado n'aquela revelação inesperada dos espaços sem limite!

Curvado sobre a amurada, com o corpo meio inclinado, como se quizesse arrojar-me ao oceano, expunha ao vento a cabeça ainda levemente atordoada pelo enjôo e sentia o cérebro melhor, mais desentorpecido. Oh! como é belo voar!... vivêr!...

Mergulhado naquêle extasis, vi o sol esconder-se por detraz das ondas e as trévas descêrem mansamente sôbre as aguas, extinguindo-se um a um os seus argenteos reflexos, que envolviam os seus esplendôres.

— Vamos, meu amigo, deixêmo-nos de mais meditações e sentêmo-nos a conversar um pouco, disse-me Jaime Ribeiro.

Sentámo-nos, mas passado pouco tempo adormeciamos embalados pelo ondular cadenciado do *Beira*.

Despertou nos o ribombar forte dum trovão. Uma furiosa lufada de vento fez ranger a mastreação. O navio, surpreêndido por aquêle impulso subito, curvou-se sôbre as águas. O tôldo do tombadilho rasgou-se com a pressão violenta do vento. As vigas grossas que o sustinham quebraram-se, produzindo ao caírem um fragôr infernal. Algumas cadeiras fôram arrastadas para o mar. Eu e Jaime, espavoridos pelo assalto imprevisto, fugimos para o convés.

O mar apresentava-se então com um aspecto tenebrôso. As vagas encapelavam-se, agitadas pelas violentas lufadas do vento, e o *Beira* deslisava por sôbre elas com pasmosa rapidez. O ceu nêgro e pavorôso entreabria-se de momento a momento em linhas de fôgo que iluminavam as ondas com os seus ensanguentados reflexos.

Estavamos em frente da Serra da Leôa. Ali ha sempre grandes tempestades e especialmente agora, que é quando principia a época invernosa. A tormenta passou mais, e dias depois chegávamos a S. Tomé. Não fômos a terra, porque o navio demorava ali pouco tempo; todavia, exteriôrmente vê-se que a ilha é formosa. O que não é, é saudavel, e isto demonstra-o a côr macilenta dos que ali residem.

Passados dois dias e meio chegámos a Loanda, e dia e meio depois a Lobito. São duas cidades formosissimas, especialmente Lobito, se bem que seja mais pequenina. Na primeira demorámo-nos três dias em virtude do vapôr têr de tomar carvão. Percorrêmos tudo. Fômos á ilha, pequêna povoação no meio dum palmar, quasi só habitada por prêtos, verdadeiros troglodita. E' tudo formoso, tudo encantador na sua simplicidade. Ha uma coisa, porêm, á entrada de Loanda, que destoa bastante e para a qual o governador dali deveria olhar com a atenção que o caso requer: é uma montureira. Logo á entrada da cidade se dá com os olhos naquela coisa ascorosa. O cheiro que dela dimana é nauseabundo, e, além de sêr prejudicialissimo á saúde dos habitantes da cidade, é ainda uma coisa que predispõe muito mal os passageiros que ali se dirigem para visita ou para fixarem residencia.

Lobito é muito diversa. Mais saudavel e muito mais bem cuidada. As plantações novas e feitas com uma estética admiravel, dão-lhe a aparencia duma Figueira da Foz em miniatura. Nem a praia lhe falta, ampla e higiénica. Quando dali saímos, tive pena de deixar Lobito.

As minhas impressões dali ao Cabo poncas são. O Cap Town (Cabo das Tormentas ou da Boa Esperança) é uma cidade inglêsa enorme e lindissima. Um jardim zoológico importante, um parque e avenidas bem rasgadas e ajardinadas dão a Cap Town um *tic* de graça original que faz com que ela rivalise com as principais cidades portuguêsas. Grandes estabelecimentos comerciais com enormes montras e exposições riquissimas, como a nossa Lisboa não possue, e um museu admiravel, surpreendente, extraordinario.

Quem hade dizer, meus amigos, que em Africa ha coisas tão formosas, tão surpreendentes! Só em mãos de inglezes se vê isto.

E' pena. Quando deixámos o porto de Cap Town, que é importantissimo, iamos verdadeiramente deslumbrados.

. . . . . .

Escrevo-vos a quatrocentas e tantas milhas de Lourenço Marques. Tinha resolvido enviar-vos do Cabo estas impressões; porém, não tive tempo para nada. Vão de Lourenço Marques com um abraço do vosso

HUMBERTO BEIRÃO.

28—6—912.

VISITA

De visita a seu irmão e nosso presado amigo, snr. Alfredo Ferrão, esteve aqui o tambem nosso amigo e assinante, snr. Levi Ferrão, acompanhado do snr. Duarte Vidal, de Vagos.

Despedida

Celestino Esteves Corrêa, tendo sido nomeado chefe da estação de Mangualde, onde tem, portanto, que exercer a sua actividade, vem por este meio despedir-se do pessoal de Pampilhoza, sem distinção de categorias, bem como de todos os seus amigos e pessoas de suas relações, agradecendo as atenções que lhe dispensaram e oferecendo, em Mangualde, o seu limitado prestimo.

Celestino Esteves Corrêa.

Chegada

De Lisboa chegou ha dias o nosso amigo e prestante cooperador, Antonio Jorge, que aqui tem permanencia de alguns dias, depois do que partirá para o Brazil a tentar fortuna. Antonio Jorge, que é um amigo desinteressado e um ardente propagandista do *Devêr*, prometeu-nos no Brazil o seu valioso auxilio para o engrandecimento do nosso jornal. Aqui lhe deixamos o nosso publico agradecimento.

TRANSCRIÇÕES

Os nossos prezados colegas, *A Voz da Justiça*, da Figueira da Foz, e *Noticias de Cantanhêde*, transcrevêram respectivamente os comentários aqui feitos á carta de Soure, de José de Napoles, e a nota, *As beatas*, publicada no n.º anterior.

Agradecêmos.

FALTA DE ESPAÇO

Por êste motivo fômos obrigados a retirar o folhetim e outros artigos, alguns dos quais já compostos.

Que os nossos leitores nos relevem mais uma vez esta falta.

CORRESPONDENCIAS

QUIAIOS, 24.

(*Retardada*)

Com distinção, fez em Coimbra o exame do 3.º anno dos liceus o inteligente estudante, snr. Artur A. da Silva Nobreza.

Os nossos cordeais parabens.

=== Tem estado algo abalado de saude o galante Manuelsinho, extremoso filho do nosso amigo, snr. Antonio Mariano, digno ajudante do Registo Civil.

Rápidas melhoras.

=== A agricultura apresenta um aspecto desolador, devido ao tempo irrigulár que ultimamente tem estado, fazendo-nos prevêr os sinistros horrores dum ano de fome.

=== De passeio esteve hontem aqui o nosso amigo, snr. Manuel Carvalheiro, da visinha povoação do Bom-Sucesso.

=== Depois de estar veraneando algum tempo na sua aprazivel quinta, retirou para a Figueira com sua extremosa filha, o distincto medico daquela cidade, snr. dr. Frederico Nogueira de Carvalho.

Francisco Fernandes de Carvalho.

Pampilhosa do Botão, 1 de agosto.

Faleceu, vitima de dezastre, Lino dos Santos, de 5 anos, filho de Antonio dos Santos, natural de Arazêde e rezidente nêste logar. Este pobre homem, quando regressava da Mealhada de consultar o medico, snr. dr. Navega, sobre a sua doença, encontrou a triste noticia: — seu filho Lino subira acima da tampa do poço proximo da sua residencia, a tampa mal segura caiu ao poço, arrastando a infeliz creança que foi retirada já cadáver.

Uma cunhada do pobre Santos, *guarda barreira* na companhia Portuguêsa, não teve relutancia em injuriar o desgraçado pai, cheio de dôr pelo desastre sucedido, ele que tem sido carinhoso pâra com os filhos. A injuria de sua cunhada não foi bem vista por muita gente que a ouviu.

Um assinante do «Devêr».

N. da R. — O snr. Antonio dos Santos é, efetivamente, nosso patricio, e é aqui mais conhecido por Antonio Teixeira. Lamentamos a sua desgraça, porque sabemos que, infelizmente, a sorte d'ha muito lhe vem sendo adversa.

GATÕES, 1—8—912.

As chuvas que nos ultimos dias teem caído, apezar de pouco abundantes, muito vieram beneficiar os milheiraes, com o que os lavradores se encontram mais animados.

—— As vinhas por estes sitios aprezentam bom aspéto, e é de prever que se espere regular colheita.

—— Os ultimos dias de ventania muito tem prejudicado as oliveiras, o que fez com que tenhamos escassa colheita de azeite.

—— No dia 25 de julho realizou-se na vizinha povoação da Ferreira-a-Nova a tradicional romaria ao S. Tomé, com magnificos carros enfeitados, cavalhadas, etc., correndo tudo na melhor ordem, a não ser alguma meia duzia de moscas enxotadas da praça por algum desordeiro. Aqui em Gatões, apezar de não haver S. Tomé, tambem houve um pequeno enxota moscas.

—— Na vizinha povoação de Liceia realizar-se-ha uma festa no dia 11, na qual haverá fogo prezo, musica, etc.

—— De viagem a Coimbra, seguiu o nosso amigo, snr. Manuel Teixeira, de Gatões, e sua ex.ma familia.

Boa viagem.

—— Esteve nesta o nosso amigo snr. Joaquim Francisco Coca Junior e irmão, do Zambujeiro.

—— De viagem para a Figueira da Foz passou nesta o nosso amigo Paulo Marques — Casal do Gaio.

—— A tratar de negocios, para a Figueira da Foz, passou por esta o nosso amigo snr. José Maria Saraiva, acreditado comerciante da visinha povoação do Seixo.

—— Com o mesmo fim seguiu tambem o nosso amigo, snr. Alfredo Nunes David. Boa viagem.

Letnemip.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

(2.ª *publicação*)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, e pelo cartório do escrivão do 2.º oficio, Mamede, correm éditos de 30 dias, contados da segunda publicação dêste anuncio no *Diário do Govêrno*, citando o réu José Bento d'Oliveira, casado, proprietario, de Tentugal, desta comarca, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para na segunda audiencia, do mesmo Juizo, posterior ao praso dos éditos, vêr acusar a citação na acção de separação de pessoas e bens que lhe move sua espôsa, Dôna Maria Emilia de Castro França Martins Alves, proprietaria, do mesmo logar de Tentugal, e marcar o praso legál para contestar a mesma acção, sob pêna de revelia.

As audiencias nêste Juizo têm logar todas as segundas e quintas feiras, não sendo esses dias declarados feriados, e sempre pelas 10 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, instalado nos Paços do Concêlho, na Praça da República.

Montemór-o-Velho, 16 de Julho de 1912.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

EDITOS DE 30 DIAS

(2.ª *publicação*)

NO Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio e no inventario por óbito de Ana Rodrigues Pimentel, d'Alfarelos e no qual é cabeça de casal o viuvo José Cardoso Vicente, do mesmo logar, correm éditos de trinta dias a contar da ultima publicação deste anuncio, citando para todos os termos até final do referido inventario, o herdeiro Antonio Cardoso Vicente, solteiro, ausente em parte incerta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 24 de Julho de 1912.

O escrivão do processo,

José de Paiva Bobela Mota.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira
CANTANHEDE

(Antiga Casa Novais)
MONTEMÓR-O-VELHO

Mercearia, Tabacos e Fazendas Brancas
— DE —
JOÃO ANTONIO RODRIGUES
(Successores)

Esta casa é, onde se encontra o o mais completo sortido em artigos de 1.ª qualidade.

Deposito de farinhas, cimento, vidraça, telha de vidro e velas de cêra, etc...

Vendas por preços de Lisboa e Porto.

Unicos depositarios do **Café Distinto**, em latas de 500 e 250 gramas, e em pacotes de 250, 125 e 100 gramas.

Este café, devido á sua combinação, é o mais forte, saborôso e aromatico, e é o mais economico, empregando-se menos um terço, dêste café do que de qualquer outro, para dar o resultado desejado.

Este magnifico café combate todas as marcas que apareçam no mercado.

Provai e vereis o resultado!...

Fabrica de bolachas e biscoitos da Estrela
Couraça da Estrela, 1 a 15
COIMBRA

Esta casa é que melhor fabríca e vende em melhores condições.

O Proprietario,
Manoel Pereira Junior.

Palace Hotel, Bussaco
(PORTUGAL)
OUVERT TOUTE L'ANNÉE
PAUL BERGAMIN
Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Séde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

MILHARAES ENFEZADOS

— EM —

Terras de rega

Deitando aos **milharaes** em terra de rega o **Nitrato Melhorado** com **Potassa** em **Cobertura,** marca **NMP 104** chega-se a ter colheitas de **milho** produzindo o dobro e ainda mais.

Assim como o homem precisa para viver, legumes, carne, pão, vinho, frutos, etc., as **plantas** precisam de **Azote, Acido Fosforico** e **Potassa,** e tambem de frescura no terreno para resistirem aos calores, concluindo se por isso que faltando uma destas cousas, as plantas morrem ou ficam bastante enfezadas por falta de alimento.

Quazi sempre o aspeto amarelado do **milho,** é devido á deficiente adubação de **Azote e Potassa** quando no terreno ha frescura, ou agua para regar.

Ora, se ao homem derem a beber agua, quando ele precisa de pão, o estomago torna-se debil e daí a doença e o aspeto doentio. E' o mesmo que regar o milharal, tendo ele falta de **Azote e Potassa.**

Dêmos ao homem para viver o vinho, e o pão, mas dêmos tambem ao **milho,** para **muito produzir,** o **Azote e Potassa,** por meio do **Nitrato Melhorado com Potassa,** marca **NMP 104,** na razão de 15 gramas por metro quadrado, aplicado por onde a agua passar quando se rega, mas deve ser quando o **milho** estiver já arrendado, e antes de lançar a bandeira.

Com este magnifico adubo, o **milho** tornar-se-ha rapidamente de uma côr verde, muito escura, dando muitas e grandissimas espigas, com os grãos todos muito cheios, parecendo um completo milagre!!!

Lavradores!... experimentae com um saco de **Nitrato Melhorado com Potassa** no vosso predio de **Milho,** ainda este ano e vereis a felicidade que vos proporciona os adubos da casa **Herold,** marca **Foice e Trevo de 4 Folhas.**

Dirigir por postal ao Agente **Fortunato Vaz,** morador em **Camarneira—Cantanhede,** que rapidamente manda despachar do armazem mais proximo, Lisboa, Porto ou Pampilhosa do Botão, ou entrega nos seus depositos de Oliveira do Bairro, Mogofores ou Cantanhede.

Dão-se esclarecimentos mais detalhados, verbalmente ou por escripto, a quem os desejar.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

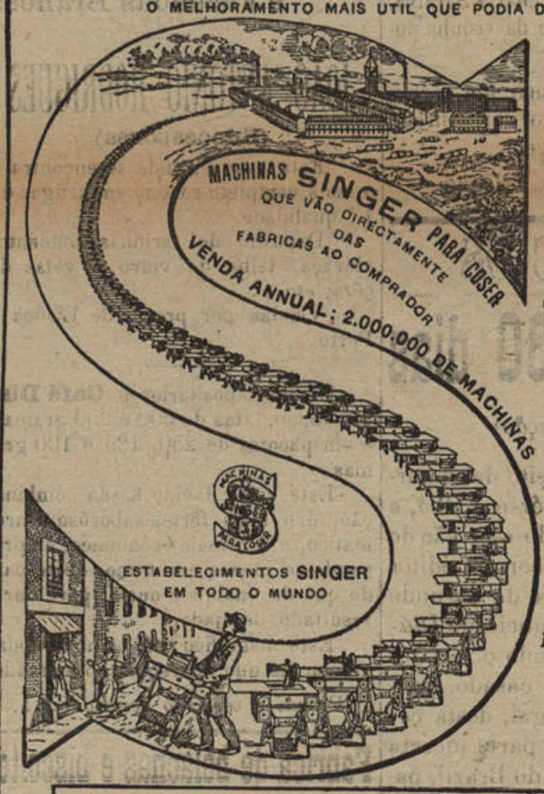
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITAA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

— DE —

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA — **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 11 de Agosto de 1912 — N.º 25

O DEVÊR

Director — MANUEL DE MELO — Semanário Republicâno — Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE — Pátria e Humanidade — *Administradôr* — *ANTONIO ISMAEL DA CRUZ*

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapôr) AVEIRO

Livre-pensamento

Eu acho graça, muita graça, a individuos que, dizendo-se livres-pensadores, não querem, ou não sabem respeitar, as ideias dos outros.

Isto de livre-pensamento, senhores pedantes, não é coisa que se compre em barracas de feira. Não é coisa que se apregoe, que se venda em leilão.

Um livre-pensador, trazendo na alma a genuina concéção do seu ideal nobre, encara, ao contrario do que fazem os *livres-pensadeiros*, de frente e sem hesitações, os que, tacânhos de espirito ou de alevantadas concéções, não veem as coisas e as pessôas pelo mesmo prisma.

Livre-pensamento está, precisamente, em respeitar a idéia alheia, e isso, a meu vêr, não importa, de maneira nenhuma, desprimorosidade de ideias ou rebaixamento de condúta doutrinaria.

O seculo presente é um seculo de progressso, está isso constatado, e seria disparate impôr aos outros, por meios violentos, á maometâna, a crênça da nossa religião, a comunhão do nosso ideal.

Seria compararmo-nos com a igreja, que, tendo os seus dias contados, estando a entrar na agonia, se agarra a todos os estratagêmas para salvar a sua causa cuja perdição, afinal, á propria igreja se deve.

Passou o tempo das superstições, e nós, ambicionando mais um grau na escala da civilisação mundial, de modo nenhum podemos conceber, como os Kamulkos, um deus Abida para regular a sorte das nossas almas.

Se houvesse quem tal nos quizesse impôr, autoritariamente, a nossa resposta mais pronta não seria, como muitos fariam, virar-lhes as costas como certeiro argumento. Não. De sorriso nos labios, esquecendo o insulto e o ódio, responderiamos, argumentando, cômo soubessemos argumentar.

E' assim, concebo eu, que a semente das idéas deve sêr lançada ao imenso campo humano, para bem frutificar.

Da discussão nasce a lúz, como o antigo aforismo nos indica, mas é preciso que a discussão seja filha dum espirito refletido e bom, ponderado e despido de egoismos descabidos e perniciosas vaidades, porque, nésse caso, em vez de iluminar almas obcecadas, espiritos flexiveis e tôrvas concéções, as discussões assim revoltariam, depois de haverem enojado, fazendo retrogradar.

E' isso que certas criaturas não são capazes de perceber.

Não é o rancôr, a maledicencia, a malandrice, a inveja, o autoritarismo que fazem a radicalização dum ideal humano e grandioso; não é o canibalesco sentimentalismo que é baze suficiente para a propagação do Bem.

Ideias combatem-se com ideias, que não com máus olhados e mal contidos rancôres.

Foi assim que Bakounine propagou a ideia de Proudhon e a fez germinar.

E' assim que nós devemos tambem nortear a nossa doutrinação, e dela advirão mais saborosos e oxigenados os frutos da reconstrução social que o livre-pensador profundamente ambiciona e acalenta.

ALMEIDA JUNIOR.

NOTAS

Humanitarismo

A França, a França inteléctual, num rasgo de sincera humanidade, acaba de proibir as touradas em todo o seu territorio.

Que béla medida a do govêrno francês e que bélo gesto acaba de mostrar ao mundo civilisado, fazendo-lhe vêr que os pobres animais são dignos de toda a compaixão! Não ha duvida nenhuma de que o género humano tem votado sempre aos pobres touros o prazêr de os vêr sofrêr, como se os pobres animais não sentissem no seu corpo a ferroáda dilacerante das farpas.

O govêrno francês, nêste momento, deu razão a Bôto Machado, como que aprovando o seu decreto para a proibição das touradas em Portugal.

A nossa marinha

A Republica Portuguêsa, num verdadeiro contraste com a monarquia, que despresava a nossa marinha de guerra, tem em construção, no Arsenal de Marinha, um *destroyer* a que deram o nome de *Douro*. O novo barco deve ser lançado ao mar muito brevemente e é já o terceiro que a Republica lançou ao mar depois da sua proclamação. O *Douro* vem enriquecer a nossa marinha de guerra, que tanto contribuiu para a proclamação da Republica.

O govêrno republicano, mostra assim que não esqueceu um dos nossos melhores meios de defêza e que não esqueceu a marinha que tanto necessita de ser desenvolvida.

Um bom republicano

Chegou na quarta-feira a Lisboa, vindo do Brazil, o presidente do Gremio Republicano Português do Rio de Janeiro, José Augusto Prestes.

Este cidadão tem feito no Rio de Janeiro uma intensa propaganda republicana, e tem sempre defendido com inergia a cauza da Republica, á qual tem dispensado todo o seu talento e bôa vontade.

Damos-lhe as bôas vindas.

Será verdade?

O pólo norte que só foi atingido pela imaginação fecunda de Julio Verne, e que tanto tem dado que fazêr a tantos homens de sciencia, para vêr se podem transpôr aquélas inormes montanhas de gêlo, pondo finalmente o pé no ponto do globo onde se vão reunir todos os meridianos do mundo, parece que foi agora atingido pelo capitão Scott, no dia 15 de janeiro.

Por nossa parte ainda não acreditamos; pois temos visto tanta côisa, que realmente só vendo... acreditariamos. Mas qual história! Quem é que poderia têr o gôsto de passar um inverno coberto de gêlo, estando ainda por cima em risco de se lhes acabarem os mantimentos, para depois se sujeitar a matar algum urso para comêr?

Isto de frio não é para todos; é só para quem é.

E depois o pólo, o pólo nórte, talvêz só se descubra com os aeroplanos, isto é, talvêz se descubra no ar...

E o capitão Scott descubriria, realmente, o pólo, ou teremos por aqui outra aventura como as de Kook e do seu rival?

Veremos.

D. Aurea Judit Amaral

Começa hôje a honrar as colunas do *Devêr*, na secção *Voz dos Professôres*, o nôme desta distinta professôra do norte do país, que vai iniciar umas crónicas educativas, a convite desta redacção.

D. Aurea Amaral, que se revela uma poetisa de mérito e uma educadôra modelar, é tambem uma vigorôsa combatente que põe a sua inteligencia e a sua energia ao serviço da Instrução e da Pátria.

As nossas gentis leitôras, especialmente do magistério primário, vão têr ensejo de apreciar a prosa castiça, forte e vernácula da nossa brilhante cronista.

NOTAS CRITICAS

Pelo facto de passar, no sabado, o dia do nome do rei de Espanha, vai ser perdoada a morte a cinco condenados que, no país visinho, haviam sido sentenciados á pena ultima.

Entre os diversos prismas que oferece êste magno assunto da pena de morte, não é, decérto, o d'esta qualidade de indultos o menos curioso e significativo.

A triste vida humana, na mão de êstes desapiedados senhores, é, ao mesmo tempo, pasto de instintos ferózes e joguête de interesses vis. Suprime-se, entre convulsões de tortura, ou prolonga-se, depois de infinitas agonias. Joga-se com ela, trafica-se com ela, explora-se com ela. Se as brutezas da selvageria sanguinária são odiosas, estas brutalidades hipócritas e insensiveis não o são menos.

Quando ás vezes consta que um soberano, por pedido de outro soberano ou influências de elevadas personagens, concede a vida a um condenado á morte, sóa um côro de geral reconhecimento e gratidão; a bondade dêsse monarca é exaltada como uma documentação de natureza angélica; até os inimigos desarmam ante o espétaculo dessa adoravel misericórdia. Pois, pela minha parte, não ha acto que mais me repugne, embora o aceite pelo beneficio, que a sua efétivação constitue, despresando-o pela intenção que o origina. Dóe-me, indigna-me, enoja-me que a vida humana esteja sujeita ás eventualidades do empenho, ás combinações da politica, e que se façam favores com a pele dos pobres diabos, tratando-os como objétos destituidos de sensibilidade e privados de emoção.

A prerogativa do poder moderador, que consiste na faculdade de poupar a vida a séres humanos, deve, no meu entender, sêr exercida por um movimento expontaneo da consciencia. Se em sua consciencia o homem que se arroga o poder divino da vida e da morte entende que deve fazer o gesto salvador, — não necessita que lh'o sugestionem ou supliquem. Da mesma fórma não deverá aproveitar essa prerogativa máxima para a execução dum simples formalismo. E' uma coisa bem dolorosa, bem grave e bem perturbadôra, — a de pesar numa balança, a vida e a morte: a vida, que ninguem tem o privilegio de crear, e a morte, que ninguem tem o direito de promover!

E eis aqui sociedades que proclamam a indispensabilidade da eliminação dum criminoso, que a arrancam aos protestos do sentimento e da razão, ás considerações da pura justiça, — e que batem as palmas, abandonando a preza, porque o seu indulto é concedido como deferimento ao desejo dum rei ou solénisação do dia do santo do seu nome!

Já não é um perigo social que o condenado respire entre ferros; já se não teme que ele se evada á sequestração que se lhe impõe; já não tremem os alicerces da moral porque a lei de Talião não triunfou; já o maldito póde viver. O' suprema vileza mascarada pela suprema hipocrisia! Os aplausos a um indulto em tais condições são ainda mais repugnantes do que os uivos de chacais dos dilettantes *das execuções publicas. e os que assim substituem ao espétaculo da ferocidade das suas almas o espétaculo de servilismo dos seus caratéres, parecem-me ainda menos dignos de pertencer á especie humana do que as* megeras *elegantes que em Bethune molhavam os seus lenços de rendas no sangue dos guilhotinados e que são irmãs gemeas das furias aristocraticas que, nos dias da semana de maio, furavam os olhos dos comunistas fuzilados nas ruas com a ponteira das suas sombrinhas de séda.*

MARIO SIMÕES DA SILVA.

Tôrres Caldinhas

Volta hôje a colaborar de nôvo no *Devêr* êste distinto jornalista que, durante algum tempo se encontrava afastado das suas lides na imprensa. Folgâmos em dar esta noticia aos nossos leitôres, tanto mais que Tôrres Caldinhas é um escrupulôso buriladôr da lingua portuguêsa, e as suas crónicas têm sido sempre muito apreciadas por todos os seus admiradôres.

Já não ha milagres...

O *Mundo*, de 5, dizia assim:

Cebolais de Cima, 4.—Os gatunos assaltaram a capela da Sr.ª da Guia, na madrugada de hoje, levando consigo todos os objetos de ouro que embelezavam as imagens, incluindo um pequeno cofre de madeira que se encontrou arrombado nas proximidades da mesma.

Cada dia que passa, nos tempos que vamos atravessando, é uma desilusão que envolve a igreja romana.

Antigamente, penetrar numa igreja e furtar de lá algum objecto de valor, era uma profanação imperdoavel, e até os proprios gatunos, ás vezes tão generosos, receavam entrar lá dentro.

Agora não. Foram-se os milagres, foi-se o prestigio dos *santos* que os proprios padres se teem encarregado de amesquinhar.

A Snr.ª da Guia, de Cebolais de Cima, que nos dizem que foi uma *pécega* de estálo, nos seus tempos de rapariga namoradoira, nem tugiu nem mugiu, ao vêr os ladrões abrirem-lhe a porta da casa, levarem o seu oiro, a sua prata e alguns cobresitos que os crentes, num momento de invocação, lançaram para dentro da caixa das almas dos... papalvos.

Mas os *santos* hão de continuar a vêr que o seu valor diminuiu, e que vóses de... *santos* já não chegam ao ceu.

O DEVÊR é um dos jornais da provincia que insere mais variedade de assuntos. Artigos politicos e sociaes. Defêza de tôdas as classes produtôras. Assinatura barata.

CARTA DE LISBOA

8 d'Agosto.

Mais uma bomba explodiu, no dia 3 do corrente, na Avenida da Liberdade, resultando, do facto, ficar ferido um pobre soldado de infanteria 1.

Como é de supôr, o panico foi grande e o caso muito comentado.

Mão criminosa e de acôrdo com reacionarios, talassas & C.ª, colocou a bomba naquele local para explodir ao primeiro toque que apanhasse, e assim sucedeu, cabendo a desgraça ao pobre soldado.

A policia procura descobrir o autôr de tão infame procedimento.

A feira d'agosto, instalada na rotunda da Avenida, está sendo muito concorrida, e o povo sente-se satisfeito com várias distrações que ali tem, manifestando assim, publicamente, o contentamento e a serenidade risonha do distraido descanço, transparecendo sempre a bôa disposição com que, alegremente, aproveita o descanço semanal.

No domingo, 4 do corrente, tiveram logar duas excursões, uma de Paço d'Arcos a Caldas, e outra de Alcantara a Cintra. Assistimos á passagem dos dois comboios, e notámos animação nos excursionistas, animação propria de quem vae alegremente passar um dia nas Caldas e na Cintra amada e apreciada pelos estrangeiros que a visitam.

Estivemos na tourada do dia 4, em Campo Pequeno, e, apezar de estar a casa fraca devido ao tempo que se apresentou duvidoso, a corrida agradou bastante.

Andaram bem os *diestros* espanhois, bem como os nossos artistas.

Suicidou-se, no dia 4, Luis Almeida, empregado comercial em Caldas. O infeliz rapaz atirou-se á linha, á passagem dum comboio.

Depois da comparencia das autoridades de Caldas, foi o cadáver removido para o cemiterio da mesma vila.

Reuniu-se no dia 5 do corrente, pelas 21 horas, a assembléa geral do Instituto Ferro-Viario, e, na conformidade dos estatutos, procedeu-se á eleição dos novos corpos gerentes, sendo eleitos os seguintes ferroviarios:

Assembléa geral—Presidente, Venancio da Silva, chefe do deposito de maquinas de Santa Apolonia.

Vice-presidente—Alfredo Fernandes de Almeida, chefe de escritório da inspeção principal da 1.ª secção.

Secretários — Carlos Azinhais e Antonio Matias Figueiredo, amanuenses.

Diréção, Presidente — Pedro dos Santos Vitória, secretário da exploração.

Secretário—Francisco Gouvêa da Silva, empregado principal.

Tesoureiro — Aires da Conceição Cabecinha, amanuense das oficinas gerais.

Vogais — J. d'Almeida e Vasconcelos, chefe de secção de via e obras e Daniel Pinto, escriturario do movimento.

Conselho fiscal—J. Gonçalves Ribeiro, sub-inspétor; Anselmo Cunha, chefe de secção da fiscalisação e Amancio Caióla Zagálo, empregado principal.

Comissão consultiva—Antonio da Conceição Vasques, revisôr e Luis Gonçalves, sub-chefe de Campôlide.

A. F. A.

Viagens em Portugal

Notas e impressões, factos e comentários

—=(*)=—

NO MEIO DAS MONTANHAS

O' meus amigos, no meio destas nêgras montanhas, como eu sinto saûdades do mar! Ventanias bravas, á tarde, descem das cristas dos cêrros, dão a volta aos vales, quebram-se nas aréstas dos pedregulhos; á sua passagem estalam os galhos velhos dos castanheiros seculares, e as carvalheiras rigidas estorcégam-se, com desespêro, á furia do furacão.

E' como que um ranger enorme de cadeias que se arrastam, entrechocam e despedaçam, grandes estalidos sêcos de desabamentos, e do céu nêgro, onde, velozmente, á compita, grandes nuvens correm, desce a tristeza que nos assola de saudades e desconsôlo, de tédio e de amargura...

O' meus amigos, como eu lembro o mar! Rompe o sol por detraz dos cêrros altos, e rompe sempre mais tarde de que no mar.

Põe-se o sol atraz das cristas dos longiquos montes—e sempre mais cêdo do que no mar—e nem ha poentes d'ouro, poentes sanguineos, aguas sanguineas como ha no mar. Só nêgras sombras subindo, escalando a linha das montanhas nêgro-azuladas que recortam nitidamente, monotonamente, duramente, o céu e parece quererem limitar o infinito...

O' meus amigos, como são diferentes as montanhas! Como, longe do mar, sinto saudades das ondas!

Vai o sol alto! Luz e sombras fortes, contrastes duros da luz e da sombra, mas nem cintilações de luz, nem reverbéros, nem esmaecimentos, nem o som cantante das vagas se desfazendo em alvissimas espumas nos gumes dos rochedos, espreguiçando-se nas areias, rebentando no ar; apenas a monotonia dos sombrios pinheirais gemendo á viração que passa, o pio vibrante d'alguma ave que sôlta o vôo em direitura aos vales, o estridular d'agua correndo nos barrancos quistosos d'alguma montanha, em ravinas aonde o homem não desceu ainda, e onde os carvalhos se enraizam depressa e, ao desafio, crescem musgos e avencas; ou, então, o balar lamentoso de ovelhas que pascem á beira de precipicios...

E desce a noite, as trévas lançam o seu manto sôbre o universo. E vem o luar, e mais se afirma a côr negra, maior se torna o misterio impenetravel, insondavel, fantasmagórico, temerôso, das montanhas altas, dos fundos vales adormecidos.

A tenebrosidade esmaga-nos, o receio quebra-nos o animo.

No mar, a lua reflete-se milhões de vezes nas aguas; milhões de vezes a repetem as ondas, e tudo é luar—céus, praias, rochêdos e mar...

E depois, que voltam tarde, são velas deslisando sobre as aguas, risadas cristalinas casam-se ao rumorejar das ondas, ha cantigas alvinitentes nos pomares proximos, emanações de sol e de flôres, ruidos de beijos.

Ah! dentre as montanhas, como a vida é triste. O sol que tomba, deixa-nos saudades; no fundo dos vales escuros a saudade impéra, no alto dos montes, ante a imensidade a saudade alarga-se—contrái-se mais na nossa alma, mais a enche, mais a alanceia.

Ah! como eu tenho saudades do mar!

Pedrógam Grande.

J. S. Torres Caldinhas.

Querem egualdade, os tiranos, e não se lembram que teem o dever sagrado de respeitar as leis do país, decretadas pelo regime que o pôvo proclamou livremente.

Não entra nesta ordem de ideias o padre liberal e amigo do seu país.

Para este o nosso respeito e a nossa estima; para aqueles que pegaram em armas para atacar o pôvo, o maior desprezo.

A. F. A.

Manuel José Antonio

Por impedimento no serviço de exâmes do 2.º grau, não pôde hôje colaborar na *Voz dos Professôres* êste distinto ornamento da classe do professorado primário, cuja falta deverá sêr bem sensivel para os leitôres da respectiva secção.

Que êles nos desculpem a nós e ao nosso presado amigo a falta involuntária.

Ferro-viarios de Portugal

RIPOSTANDO

—=—

Meu amigo.

A amabilidade de *Belmiro* é manifesta e o caso, meramente pessoal, depois do que aquele cavalheiro disse, está, por sua natureza, liquidado. Ha, no entanto, comentários a fazer, perante o que *Belmiro* apresenta? Ha, a *agressão* subsiste. Embora, envolzendo um nucleo de homens, não deixa de existir. A lei pune criminosos e os seus coniventes. Coniventes, segundo a lei, são aqueles que não ignorando o cometimento de uma acção punivel, finjem ignora-la com prejuizo da justiça. Os homens que traindo uma classe encobrem hipocritamente o seu carácter, simulando ajuda-la, guiando-a para o retrocesso, em vez, de num esforço de justiça, a ampararem com o seu criterio e com o seu conselho, são verdadeiros criminosos. Aqueles que os conhecem e não os desvendam, aquelles que não lhes arrancam a máscara vil de cima da viperina tromba, esses são egualmente dignos de despreso e repulsão. Criminosos e cobardes.

Na classe ha criminosos, ha culpados? Afirmam que sim. Quem são? Não sei. Mas ha quem os conheça? Se ha que se atirem para a irrisão publica, para o despreso, que os amarrem ao pelourinho da *vindita* para irmos todos, em romagem, triste e horrivel romagem, vermos os seus olhos coroscantes de odio e... cuspir-lhes nas faces horrendas.

Diga quem o saiba para que não andêmos eternamente enganados, mesmo porque póde haver quem seja suspeitado e esteja inocente.

Envolver uma multidão de homens numa suspeita equivale a uma calúnia despresivel, desde que provas esmagadoras não sejam apresentadas.

Quem sabe, que fale, que diga, que explique!

Nada de protecionismo, nada de benevolencia para quem deseja a discordia de uma classe que, se estivesse unida, de ha muito seria a primeira moral, intelectual e materialmente.

Venham, venham para a irrisão publica!

Sempre obrigado o

Seu amigo,
M. Duarte Lopes.

N. da R.—Só a muita consideração que nos merece Duarte Lopes faz com que lhe publiquemos esta sua réplica.

A secção ferro-viaria tem outro objectivo, e ambos os colaboradores—Belmiro e Duarte Lopes—são sobejamente inteligentes para perceberem isso mesmo.

Nós não sabemos da existencia de traidores á classe. Póde ser que os haja, não duvidamos. Vivemos longe dos grandes centros colectivos, e sentimo-nos bem nêste isolamento, afastados de responsabilidades que nos podessem caber tambem, se, como todos os homens, suscétiveis de errar, nos enganassemos na maneira de vêr as coisas.

Pedimos a ambos o favor de ficarem por aqui, e esperamos que ambos, amigos nossos a valer, nos satisfarão este desejo.

VISITAS

De visita aos nossos queridos amigos, Alfrêdo R. de Quadros e Joaquim Ferreira de Figueiredo, estiveram nesta os snrs. Euquerio de Quadros (sobrinho) e Constantino de Quadros, acompanhados de suas espôsas e filhos.

REGRESSO

Regressou de Coimbra, onde foi de passeio a descançar das suas lides jornalisticas, o nosso querido director, que novamente para a semana vai áquela cidade. Fazemos votos para que não nos prive por muito tempo da sua amavel companhia.

A propósito do artigo

Democracía de... chapéu alto

Nesta redacção fôi recebido um artigo do snr. Augusto Ferreira de Andrade, do Amieiro, desta fréguezia, ao qual, por sêr longo, não podêmos dar publicidade, mas que vamos resumir.

O artigo, que é de contradição ás ideias aqui expostas por *X* no numero passado, refere-se á manifestação feita em Coimbra ao Dr. António José d'Almeida e diz que, bem ao contrário do que afirma *X*, se achavam representadas na manifestação todas as classes sociais, não havendo uma pessoa única que fôsse excluida do comicio realisado no Teatro Avenida, fôsse qual fôsse o seu modo de trajar ou a sua orientação politica, e tendo havido até um operário que fêz uzo da palavra. Diz ainda o snr. Andrade que a entrada era livre no Centro Evolucionista, sendo os bilhetes de assistencia distribuidos a individuos de todas as condições sociais. Eis a essencia do artigo.

Pela nossa parte, declaramos que, mantendo este jornal ainda um carácter independente, aceita a discussão de quaisquer principios, desde que não ultrapassem os limites do rasoável. Ha homens que são a encarnação dos principios; e esses homens discutem-se, como se discutem os seus actos, as suas palavras, todos os seus gestos. De resto, quanto ao que *X* declarou e ao que o snr. Andrade se refere, nada têmos que dizêr, porque não assistimos á manifestação.

Pela Patria
E
Pela Republica

Disse eu no numero anterior que a vigilancia deve redobrar por toda a parte e cada vêz me convenço mais da sua necessidade.

Se os realistas dispersaram já das terras da Galiza, dentro do paiz ficaram muitos que é preciso apanhar e entregar ás auctoridades competentes.

Nada de exageros, mas nada de contemplações para os agentes de Couceiro e da Companhia de Jesus.

Nos povos onde a instrução é pouca e abunda o fanatismo, é que é preciso que os liberaes eduquem os fracos de espirito e vigiem o padre, que os fanatizou.

Já neste jornal alguem tratou dos padres infieis ao novo regime, duma maneira altiva e honesta, a que eu me associo do coração.

Não será demais que eu diga o que sinto com relação aos padres inimigos da Republica.

Reprovo, pois, energicamente, o procedimento dos padres que, esquecendo os principios e ultrajando crenças, se abalançaram a movimentos de morticinio como aquele a que assistiu o país.

Não hesitaram, certos padres, em preparar o crime de traição á terra onde nasceram, para defesa de uma monarquia que baqueou para sempre.

E para quê?

Para satisfação das ambições infames da seita negra que não tem Pátria nem crenças.

A história falará um dia desses assassinos que andam a monte com o ferrête de falsarios duma Pátria livre.

Metidos entre a senha e a tréva, armaram-se conjuntamente com bandidos em terras de Hespanha, fazendo exercito de verdadeiros celerados, para provocarem a dezordem e garrotear irmãos a fio de espada.

A VOZ DOS PROFESSORES

Coisas simples

Assuntos de instrução

Acedendo ao convite do distinto director dêste semanário, vou iniciar umas singelas crónicas.

Minimas parcélas, faúlhas ténues do espirito, luzes bruxoleantes de uma aurora em núvens?—Tudo e simplesmente isso serão, mas animar-me-á um único incentivo: contribuir com as poucas fôrças da minha imaginação em prol da Patria e do bem-estar social.

Imenso é o campo, com abundantes seáras, apênas um pouco incipiente a pêna para as escalpelizar. Mas quê, se aos nóvos falta a experiência e fundo de conhecimentos literários e scientificos, sobeja-lhes a vontade e a corágem.

Destas duas virtudes não carêço; viéram comigo dos pincaros das serras que me déram bérço, ali, onde o espírito, mergulhando-se nos confins do vasto horizonte, vê, no alvorecer da vida, esfumadas a principio, mas depois gradualmente coloridas do sol, as primeiras ideias de independência e liberdade! E é ali mêsmo onde se cultiva a franqueza rude do nosso pôvo que as mêsmas ideias não esconde, quer debaixo do manto da ignorância que o invade, quer sob as falazes azas da hipocrisia, porque esta lhe não ensombra o caráter.

Por isso, feitas estas palávras de exórdio, vou esboçar um assunto:—A instrução na mulher.

Emancipada da condição servil que a prendia á convenção de fins méramente fisicos, liberta do jugo de inúmeros preconceitos que a sociedade de todas as épocas lhe impunha, que deve fazer a mulher para sêr do seu tempo, para caminhar na vanguarda das ideias do progresso que ela tem de assimilar?—Instruir-se.

Ah! mais a instrução bem compreendida. Não esse luxo de poucos, esses adôrnos ficticios com que os pais julgam dever prendar as filhas ao internál-as num colégio, esse verniz que encobre superficialmente um coração vil que não foi cultivado, que dissimula uma qualidade perversa que não foi combatida, que serve de atavio a uma tendência de qualquer ordem que redundará num fanatismo perigoso.

Então, qual a instrução?—O emolduramento de uma sólida educação, começada no bêrço, seguida na escola, para na sua altura produzir sazonados frutos na sociedade.

Até aqui tem-se cultivado o *eu*—o egoismo. Mas a mulher foi posta no mundo para fins mais grandiosos do que cuidar de enfeites e bagatelas, do que ralhar com criados e dissipar o tempo nas reuniões do bom-tom. Conscientemente disse Fénelon: «As mulheres teem devêres a cumprir que são o fundamento de toda a vida humana».

Fénelon, Rousseau e Pestalozi fizéram estudo sobre a educação da mulher, mas já não teem atualidade, pois que a educação hodierna nada já tem com a escolástica. Hôje a mulher precisa de conhecimentos práticos; mas, sobre o assunto, noutras crónicas tratarei.

Derrubadas do seu assento as futilidades e desigualdades de nascimento, ruídos êsses quiméricos sonhos de aristocracia, já desde os «principios de 89», ergueu-se um estrado que suplantou o trôno—a aristocracia do saber e da virtude! E como se consegue nêle ter assento? Por meio do trabalho inteligente, incessante e honesto.

Se nós hôje temos uma sociedade assim constituida, mas onde predominam ainda muitos preconceitos, que devemos naturalmente fazer? Trabalhar e instruir-nos, e mais do que isso—instruir o pôvo.

Eu não pretendo as «sabichônas» de Molière, nem ilustração rara de adôrno; desejo, sim, uma instrução produtiva, assente num fundo de sã educação. Um pouco da fórmula de Juvenal «Meus sana in corpore sano».

Sendo assim, o trabalho do presente trará o bem-estar do futuro.

Agosto, 1912.

Prof. Aurea Judit Amaral.

Nôvo jornal

Recebêmos o primeiro número da *Defêsa da Patria*, fôlha republicana democrática que iniciou a sua publicação em Lisbôa. E' seu directôr politico e scientifico o snr. Luís F. Guedes Dias, e seu fundadôr e gerente o snr. Mauro do Carmo. Propõe-se advogar os interesses das diferentes classes e cooperar para o ressurgimento da pátria, propondo-se ainda, para bem se desempenhar da sua missão de educação e instrução teórica e prática, «criar escolas profissionais e oficinas, onde as classes produtôras encontrem trabalho e amparo, durante o seu desemprêgo».

De formato igual ao nosso, o nôvo jornal apresenta-se bem redigido, com bôa orientação e com belo programa.

Ao nosso nôvo colega endereçamos os nossos cumprimentos, fazendo votos pelas prosperidades da sua obra patriótica e humanitária.

Instituto Ferro-viario

Dêle fazem parte nomes ilustres, homens sabedores e honestos como Santos Vitória, Alfredo de Almeida, Gonçalves Ribeiro, etc., o que é prova suficiente da utilidade de tão simpatica instituição educativa.

Quando o Instituto se inaugurou, nós, antevendo-lhe e desejando-lhe um largo e próspero futuro, não deixámos de tecer-lhe os nossos modestos incómios, e, felizmente, para de tal nos arrependermos, não houve ainda motivo.

O amavel correspondente da capital, um dos melhores e mais conscienciosos pugnadores do Ideal, deu-nos agora ensejo de dedicarmos mais duas palavras á prestimosa colectividade, cujos corpos gerentes, como consta da Carta de Lisboa, acabam de organisar-se.

Quando falámos do Instituto, dizendo da nossa justiça, houve quem nos escrevesse dirigindo-nos palavras desagradaveis, que aliás repelimos, perguntando a nós mesmos o que a tal haveria dado motivo.

E' que, sendo para nós sempre bem vinda a ideia da instrução colectiva, e tendo sido o Instituto Ferroviario criado para propagar a instrução profissional e moral, intelectual e literaria não só dos seus associados, como dos filhos dos associados, não poderiamos, sem quebra de principios, ficar silenciosos, deixar de inaltecer tão prestimosa iniciativa.

Se a associação cumprir, como esperamos que cumpra o seu programa, nela estará o inicio de uma nova era de prosperidades e engrandecimento de que tanto carece a classe ferro-viaria de Portugal.

A. Junior.

Tourada na Figueira da Foz

No dia 18 do corrente, deverá realisar-se no Coliseu Figueirense, uma grande corrida promovida pela direcção dêste Coliseu, que assim abrirá êste ano a época das touradas. Serão lidados 10 bravissimos touros do grande lavrador Antonio Lopes. Tomarão parte na corrida o cavaleiro João Marcelino de Azevêdo, e os bandarilheiros Teodóro Gonçalves, Jorge Cadête, Francisco Saldanha, Tomaz da Rocha, Ribeiro Tomé, Alexandre Vieira e João de Oliveira. E' director da corrida o snr. Jaime Henriques.

Ha comboios a preços reduzidos nas linhas de Vizeu, Beira Alta e Companhia Portuguêsa (Bilhetes de ida e volta), sendo tambem muito reduzidos os preços dos bilhêtes da tourada. Esta promete ser grandiosa, tendo a abrilhanta-la a filarmonica Figueirense.

A tourada começa ás 17 horas.

Poetas e Prosadôres

Recordação intima

Eu tenho o coração cheio de sonhos!

Antero de Quental.

Lembras-te ainda, rosa, ó alma eterea e pura,
De quem de muito longe os passos te seguia,
E expressava no olhar ditosa simpatia
Por teu meigo sorrir tão cheio de ternura?!

«De certo não me lembro!... Ideia vaga, obscura,
Eu tenho dêsse tempo em que meiga sorria...
Lembro-me agora bem que ás vezes te dizia:
—E's mais belo na vida e de maior ventura!—»

Não te expresses assim!... Dizêr-te isso não cabe...
Belo?!... dize porquê...
«Dizê-lo a quem o sabe,
Não se torna preciso... eu não gosto d'enganos...»

O tempo ainda, rosa, é o mesmo que era d'antes,
E nós sômos aindo os mais doidos amantes
E temos o ébrio amôr sublime de ha dez anos!...

Dez anos!... Sabes tu o que é passar dez anos
Minha loira gentil, meu belo e puro intento,
Contigo sempre n'alma, ideia e pensamento,
E em ti nunca vêr mais do que desdens tiranos?!

Sabes o que é um sonho e seus lêdos enganos,
E o que é sentir no peito um fôgo violento
Pela afável mulher que não 'squece um momento
E nela encontrar sempre os gestos mais ufanos?

Sabes o que é lutar mil nôites co'um desejo,
E não sentir na fronte um dôce e vivo beijo,
Que alente o coração que morre em sitio êrmo?

Sabes o que isto é, mulher suave e bela?!
O quanto isto traduz?... o quanto isto revela?!...
E' eu adorar-te muito!.. E' o meu amôr sem têrmo!..

Tentugal.

Luís Filipe Machado.

EM VILEGIATURA

Em gozo de férias, partiram para a sua casa da Ereira, dêste concelho, as snr.as D. Virginia Fernandes Duarte, digna professora desta localidade, e sua ex.ma irmã, D. Alice Fernandes Duarte.

TEATRO

Promovido por alguns empregados da estação desta localidade, realisou-se no domingo passado, no *Teatro Grémio de Instrução e Recreio*, um espétaculo, que muito agradou pela fórma corréta como os amadores desempenharam os seus papeis.

Nele tomaram parte os nossos presados assinantes snrs. José Martins da Costa, Eduardo Pereira de Carvalho, Manuel da Silva, José Marques dos Santos e Alvaro Augusto Dias, auxiliados pela menina Florinda Lemos, que se apresentou muito bem.

A todos felicitamos por terem proporcionado ao publico algumas horas de bem-estar e pelas manifestas provas de inteligencia que revelaram.

A casa esteve á *cunha*, como se diz em linguagem de reporter, e todos sairam contentes.

Estas festas deviam repetir-se, para que a casa do teatro correspondesse ao fim para que foi construida.

Fotografia União

Estrada da Beira—COIMBRA

Tiram-se retratos a prèços reduzidos.

VISITA

Visitou-nos nesta redacção o nosso amigo, snr. Jorge Fernando da Cruz Vieira, filho do nosso estimado assinante, snr Serafim da Cruz Vieira, de Gatões.

Agradeçêmos.

PUBLICAÇÕES

Anteu—Poêma por João de Barros. Depositária: Livraria editôra de F. França & Arménio Amado.—Coimbra—1912.

E' um poêma moderno, em que basta o nome do autôr para lhe atestar o seu mérito literário. Ao lê-lo, sente-se um talento, uma cerebração bem formada e um espirito de moderna orientação. Os encómios tecidos a esta ultima produção de João de Barros já se encontram justamente registados em varios jornais, que ao *Anteu* se referiram, pouco tendo nós agora que acrescentar ás palavras admirativas dos primeiros críticos.

O intuito do autôr, ao escrevêr o *Anteu*, foi nobre e generôso. Compreendedôr duma sociedade que até ha pouco se ia afundando pelo império da Fôrça, a Fôrça que esmaga as consciencias, e que o autôr representa em Hercules, esboça o terrêno em que a nova sociedade se degladia, fremente, anciada, hesitante, simbolisada no Anteu da lenda, o Direito vivificado na luta, no combate saudável, que deixa á sociedade em formação a conquista do Futuro glorioso, libertadôr e humanitario.

O poêma de João de Barros tem versos cheios, pensamentos claros e sonóros, que mais se alteiam e rebrilham na ultima parte, onde o Ideal se afirma mais palpável, mais forte, mais indestrutivel. E' um poêma para consciencias limpidas e para os espiritos do Futuro.

Luar d'Outóno—Versos por Arnaldo Forte. Depositária: Livraria editôra de França & Arménio.—Coimbra—1912.

E' um feixe de bons versos feitos por um torturado, por um sentimentalista que vê cair os sonhos côr de rosa duma existencia juncada de lagrimas. Espécie de Lamartine, crente e melancólico, que tem anceios de alma e expressões de mágua que se apagam na sufocação duma dôr. Tem córregos de harmonias e cumiadas de angústias. Palpitações de amôr e nuvens de desalento. Ha paginas de desilusão, como nas *Tardes de maio*, e relampagos de esperança como na *Côr vérde*.

Arnaldo Forte é um doente e um pessimista, mas é um poeta de valôr e uma alma de eleição. Os seus versos lêem-se com agrado, porque têm sentimento e candura.

A organização das Faculdades de Sciencias em Portugal—pelo dr. Alvaro Basto, prof. da Faculdade de Sciencias da Universidade de Coimbra. Depositária: Livraria de França & Arménio.—Coimbra—1912.

E' uma série de estudos comparados entre a França e a Alemanha, onde o autôr foi, em missão oficial, com o fim de estudar a organisação do ensino teórico e prático da Quimica. Com grande proficiencia e superior critério, o autôr analisa o *carácter do ensino superior das létras e das sciencias, os exámes e graus de ensino, os grupos especiais de estudantes de sciencias, o pessoal docente e o ensino e a organisação das nossas faculdades de sciencias*, terminando a sua obra pela ideia da criação dum Instituto quimico em Portugal.

E' um livro para estudiosos e para aquêles que vêem no desenvolvimento da Quimica uma origem de produção de maiores dividendos do capital.

A' livraria França & Arménio, uma das melhores e mais arrojadas livrarias de Coimbra e uma das mais acreditadas de todo o país, aqui deixâmos o nosso agradecimento pela oferta de todas estas obras e pela generosidade da dedicatória.

Festa do Zambujeiro

Decorreu muito animada esta festa, a que não faltou a tradicional tourada, que ia causando desastres, visto uma vaca ter-se espantado, introduzindo-se pela casa do nosso amigo, Joaquim Côca, mas não conseguindo mais do que amedrontar com as suas fúrias todos os que nela se encontravam, que, felizmente, conseguiram pôr-se a salvo. Aqui está um dos péssimos resultados das touradas, mas que muita gente aplaude para se divertir...

Festa de Arazêde

No proximo dia 15 deve realisar-se aqui a festividade á Snr.ª do Pranto, pelos devotos desta fréguezia. Haverá, no dia 14, fôgo de artificio; no dia 15, procissão; no dia 16, arraial, falando-se tambem em tourada para o dia 17. Abrilhantará os festejos a filarmonica Arazêdense.

CORRESPONDENCIAS

QUIAIOS, 7.

Já se encontra um pouco melhor dos incomodos que ultimamente vem sofrendo, o Manuelsinho, extremoso filho do snr. Antonio Mariano.

== Saíu para o Bomsucesso o snr. José Augusto F. de Carvalho, onde se demora durante toda a semana.

== Saem brevemente para o Brazil os nossos amigos: José Custódio Russo e José Fadigas. Que a viagem lhes decôrra alegre, e a sorte lhes seja favoravel é o que lhes desejamos.

== Tivemos o prazêr de cumprimentar no passado domingo, no Bomsucesso, o nosso amigo e colega da Tocha, snr. Alfredo d'Andrade.

Francisco F. de Carvalho.

Figueira da Foz, 7.

Deu-se ha dias um repugnante crime, que deveras consternou os mais corajosos.

Maria de Jesus, de 22 anos, de Reveles, tinha uma filha de 7 mezes a amamentar em Coimbra, e como a ama lhe viesse entregar a pequena, por falta de pagamento, a desnaturada mãe lançou a filha ao rio Mondêgo. No dia seguinte a criança apareceu á tôna d'agua, e descoberta imediatamente a criminosa, efetuou-se a sua prisão. Confessou o repugnante crime com a máxima serenidade, declarando em sua defêsa que se tal fêz, foi por não ter meios pâra sustentar a infeliz criança.

A sentença desta fulana, devia ser *morrêr da morte que deu á filha.*

== Vai proseguindo com regularidade, mas com pequenissimos beneficios, a dragagem da doca deste pôrto, que ha muito se exigia, em especial, para bem da saude publica.

== Já foi reforçado com mais 6 guardas, o destacamento policial desta cidade. Bem haja...

== Promete ser muito animadora e concorrida a época balnear dêste ano, em vista da enorme e aumentada concorrencia que de dia para dia tem a praia, casinos e cinematógrafos.

== Está anunciada para o dia 18 a inauguração tauromática na praça de touros desta cidade, com uma brilhante corrida de 10 bravissimos touros do lavrador Antonio Luiz Lopes, de Vila Franca de Xira, sendo cavaleiros o inteligente Morgado de Covas e o afamado amador João Marcelino d'Azevedo e bandarilheiros os eximios Teodoro Gonçalves, Jorge Cadete, Francisco Saldanha, Tomaz da Rocha, Ribeiro Tomé, Alexandre Vieira e João d'Oliveira.

Os forcados são do Campo Pequeno.

A corrida, que será abrilhantada pela excelente filarmónica Figueirense, tem por director o snr. Jaime Henriques.

Deve ser muito concorrida tanto, por ser a primeira deste ano, como pelos magnificos artistas que a abrilhantam.

== Nos dias 9 e 10 ha tambem 2 espectaculos nesta cidade, dados pela companhia do impagavel actor José Ricardo, no Teatro do Ginasio com as brilhantes operetas *Viuva Alegre* e *Casta Suzana*.

Devem têr farta concorrencia.

== Ainda se encontra prêso na Penitenciaria de Coimbra o dr. José Jardim, antigo chefe do partido regenerador local, em virtude do mandado de captura que foi dirigido ao administrador deste concelho, pelo snr. Capitão Lage, d'infanteria 7.

Aquele célebre talassa, é acusado de aliciar gente para conspirar contra as instituições republicanas. Muitos que são da mêsma laia, estão ainda em liberdade, o que é deveras lamentavel.

Apolon.

GATÕES, 9.

O povo de Verride insiste em não consentir o padre daqui dentro dos limites da freguezia.

Coragem, povo de Verride, fóra com ele. Era assim que todo o povo português devia fazêr a tais tartufos, amigos de proêsas como é o Rézende.

== Passou por esta em direção á Figueira da Foz o abastado capitalista, snr Joaquim Pereira Machado, de Murtêde.

== Realizou-se ontem aqui o mercado mensal, havendo poucas transacções.

== Completou 73 anos no dia 5, o nosso amigo, snr. José Maria d'Andrade. Parabens.

Letnemip.

ANUNCIOS

ANUNCIO

A Comissão Administrativa do Concelho de Montemór-o-Velho faz publico para cumprimento das Instruções de 11 de junho de 1866, que no proximo dia 21 de agosto se ha-de proceder á vistoria das glebas do terreno baldio no Bairro da Enxida, de Verride, requeridos em aforamento por Ana Marques, viuva, da mesma vila.

Montemór-o-Velho, 29 de julho de 1912.

O Presidente da Comissão,

A. de Noronha.

ANUNCIO

A Comissão Administrativa do Concelho de Montemór-o-Velho, em cumprimento das Instruções de 11 de junho de 1866, anuncia que no dia 13 de agosto proximo se procederá á vistoria do terreno pedido por aforamento por Guilherme dos Santos Pinto, e situado no Outeiro do Rio de Verride.

Montemór-o-Velho, 29 de julho de 1912.

O Presidente,

A. de Noronha.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NA comarca de Montemór-o-Velho, pelo cartório do escrivão do primeiro oficio, correm éditos de trinta dias, a contar da segunda publicação do respectivo anuncio no *Diário do Govêrno*, citando a ré Dôna Frederica Fassini, tambem conhecida por Frederica Fassini Gavicho ou Frederica Carolina Josefa, ausente em parte incerta, para na segunda audiencia do mêsmo juizo, findo o prazo dos éditos, vêr acusar esta sua citação na acção de divórcio litigiôso que lhe move o marido, Bacharel Francisco Fausto Guedes Gavicho, residente em Tentúgal, desta comarca, marcar três audiencias pâra a contestação e seguir até final os têrmos do processo. As audiencias dêste juizo fazem-se ás segundas e quintas-feiras por dez horas, no tribunal judicial, nos Paços do Concêlho, sitos á Praça da República, não sendo dias declarados feriados.

Montemór-o-Velho, 6 de agôsto de 1912.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:

Lemos Viana.

---

(21) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

A mulher-leôa

I

Eu tinha mudado um dia, pelo S. João, para uma casa da rua do Corpo de Deus, em Coimbra, onde sempre me floresceram as esperanças mais risonhas e mais viridentes, e onde tambem me afagou a aza mais branca e certamente mais pura que faz abrir renovos na alma e entoar harmonias dulcidas no coração. Essa aza que me adejou por algum tempo o mais idilicamente que é dado imaginar-se e o mais silenciosamente que póde adejar uma aza de anjo, bateu depois um vôo tanto mais rápido pâra regiões inacessiveis quanto mais lesto voejou o meu espirito para o tabernáculo da Solidão.

Corria o ano de 1899. A casa para onde eu mudára tinha ao rez-do-chão um compartimento com uma porta e uma janela, e uma alcôva interior, onde as trevas se abrigavam constantemente.

Quando penetrei nêste aposento escuro, lobriguei a um canto um pequêno livro, formato 16, e uma caixinha de madeira herméticamente tapada. Peguei no livro, cômo sendo o objéto que mais me prendeu a atenção, e vi que era de aspéto sédiço, de encadernação coreácea, dessas encadernações resistentes e verdadeiras que apareceram até ao seculo passado, cômo até esta época apareceram homens de tal envergadura.

Abri o livro: descrevia os acontecimentos da revolução francêsa de 89, sem enfase, sem refôlhos. Guardei-o cômo se guarda um objéto arqueológico, e a minha curiosidade fêz-me ir buscar a caixinha de madeira que, depois de aberta, vi que estava cheia de novêlos de farrapos, misturados com linhas de várias côres e ainda com uns pequênos embrulhos de colchêtes e agulhas de meia.

Fui colocar a caixa no mêsmo sitio e retirei-me com o livro.

Preguntei quem habitára naquêle compartimento, e disseram-me que tinha sido uma velha que saíra dois dias antes de eu ir pâra lá residir. Presumi que a velha se esquecêra da caixa e do livro, e não me enganei.

No dia seguinte batem-me á porta, e uma voz roufenha diz-me que abra. Era a velha.

— Desculpe de o vir incomodar, meu senhôr — diz ela — mas há-de dar-me uma caixinha que eu cá déixei ficar, quando saí desta casa outro dia.

— Duas coisas deixou vocemecê cá ficar — lhe disse eu. — Fôi um livro e uma caixa.

— Nada, nada — diz-me ela logo, reforçando a voz.

— A caixinha é que eu quero; o livro póde ficar com êle, se quiser. Má peste o mate.

— A quem? — preguntei, meio desconfiado.

— Ao livro, senhôr, ao livro. Ai, meu senhôr — disse a velha, apiedando a voz — se soubesse as coisas que êsse livro me faz lembrar... as coisas que eu passei...

E bamboou a cabêça.

— Então que razão tem vocemecê pâra se queixar do livro? — preguntei muito curiôso.

— Oh! meu senhôr, é uma história muito comprida, e o senhôr naturalmente não quer sabêr de histórias.

— Ai, quero, quero. Conte lá, se se pode demorar.

— Pois então, lá vai.

E do que a velha me contou e doutras informações que colhi, coligi eu o que segue:

A's onze horas duma noite de carnaval, em que uma ligeira neblina envolvia tôdo o espaço, cômo um manto de gaze, desciam a rua do Loureiro, da cidade de Coimbra, dois dominós de veludo escarlate, a passo ritmado e muito uniforme, ambos da mêsma altura, e ambos parecendo dois homens, a julgar pela agilidade do passo cadenciado e largo.

Já por duas vêzes, em duas noites sucessivas, tinham sido vistos a descerem a mêsma rua e entrarem para uma casa de dois andares, demorarem-se algum tempo, sairem novamente sós e seguirem rua abaixo, com a mêsma cadencia no andar, e sem nunca respondêrem a qualquer remoque carnavalêsco que álguem se lembrava de lhes dirigir em remedado falsête.

Naquela nôite, porém, de neblina muito ténue, atravez da qual se coava um luar muito frouxo e um tanto glácido, o caso mudára de face.

Fôram vistos saír da mêsma casa, cêrca da meia nôite, os dois dominós silenciosos, mas apênas tinham dado meia duzia de passos, um dêles afrouxa o andar, trava do braço do outro, estabelece-se entre ambos um curto diálogo, denunciado por um impercétivel cicio de vozes, e depois o que afrouxára o passo leva a mão á fronte, cambaleia álguns instantes e cái sôbre a calçada, mal amparado pelo outro.

(Continúa).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sêde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

MILHARAES ENFEZADOS

— EM —

Terras de rega

Deitando aos **milharaes** em terra de rega o **Nitrato Melhorado** com **Potassa** em **Cobertura,** marca **NMP 104** chega-se a ter colheitas de **milho** produzindo o dobro e ainda mais.

Assim como o homem precisa para viver, legumes, carne, pão, vinho, frutos, etc., as **plantas** precisam de **Azote, Acido Fosforico** e **Potassa,** e tambem de frescura no terreno para resistirem aos calores, concluindo se por isso que faltando uma destas cousas, as plantas morrem ou ficam bastante enfezadas por falta de alimento.

Quazi sempre o aspeto amarelado do **milho,** é devido á deficiente adubação de **Azote e Potassa** quando no terreno ha frescura, ou agua para regar.

Ora, se ao homem derem a beber agua, quando ele precisa de pão, o estomago torna-se debil e daí a doença e o aspeto doentio. E' o mesmo que regar o milharal, tendo ele falta de **Azote e Potassa.**

Dêmos ao homem para viver o vinho, e o pão, mas dêmos tambem ao **milho,** para **muito produzir,** o **Azote e Potassa,** por meio do **Nitrato Melhorado com Potassa,** marca **NMP 104,** na razão de 15 gramas por metro quadrado, aplicado por onde a agua passar quando se rega, mas deve ser quando o **milho** estiver já arrendado, e antes de lançar a bandeira.

Com este magnifico adubo, o **milho** tornar-se-ha rapidamente de uma côr verde, muito escura, dando muitas e grandissimas espigas, com os grãos todos muito cheios, parecendo um completo milagre!!!

Lavradores!... experimentae com um saco de **Nitrato Melhorado com Potassa** no vosso predio de **Milho,** ainda este ano e vereis a felicidade que vos proporciona os adubos da casa **Herold,** marca **Foice e Trevo de 4 Folhas.**

Dirigir por postal ao Agente **Fortunato Vaz,** morador em **Camarneira—Cantanhede,** que rapidamente manda despachar do armazem mais proximo, Lisboa, Porto ou Pampilhosa do Botão, ou entrega nos seus depositos de Oliveira do Bairro, Mogofores ou Cantanhede.

Dão-se esclarecimentos mais detalhados, verbalmente ou por escripto, a quem os desejar.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino — 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 18 de Agosto de 1912 — N.º 26

O DEVÊR

Semanário Republicâno

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Coisas mínimas

—=(*)=—

Ha um só fim o qual todos os bons republicanos devem procurar atingir, despreocupando-se de quaisquer interesses ou ambições pessoais — é a união de todas as fôrças e de todos os elementos democráticos. Desta união provirá necessariamente a ordem em baixo e nascerá o equilibrio das funções politicas de cima, sem o que não existe liberdade nos modernos paizes civilizados.

Tudo o mais, no periodo que está decorrendo, de formação e de construção, vale pouco, porque se resume á apresentação de coisas mínimas, desde que, como ninguem póde contestar, é o governo composto de homens honestos, circunstancia tal que raras vezes acontecia no regime monarquico. Tem defeitos e pódem ter cometido êrros; mas isso quer simplesmente dizer que semelhantes defeitos ou êrros se devem atacar dentro dos limites da critica ou da censura, para que se consiga emenda, e mais nada. E isso, numa democracia, basta.

Perder a nossa atenção, o nosso patriotismo e o nosso civismo no tratamento de pormenores ou incidentes que menos que secundarios serão, visto existirem á vista de todos factos capitais que diretamente se prendem com a salvação publica, parece-nos isso êrro fundamental de consciencia. Quando o inimigo nos ataca em frente da portaria principal, má conta daremos do nosso recado e das nossas responsabilidades se formos tapar as frestas de alguma janela por onde corra o ar, com receio de nos constiparmos.

Emquanto nos entretemos com essas coisas mínimas, que em tempo de paz valem muito, mas que em tempo de guerra nada significam, pódem os adversarios urdir grande motim na portada principal, talvez entrar por ela dentro, se fôrem habeis, e sendo-nos, depois, mais dificil curarnos da ferida feita do que da... simples constipação que quizemos evitar. Falando em linguagem figurada, é possivel que melhor nos compreendam.

* * *

O *Devêr* é por natureza e temperamento, orgão popular, e, portanto, jornal do pôvo. E como, por tais motivos, vivemos sempre no meio do pôvo, assim falamos com esta clara sinceridade. A causa do pôvo, primeiro; a causa dos individuos, depois, mormente no instante em que aquella precisa de enraizar-se e de consolidar se. Ha direitos dêste ou daquele que clamam justiça. E' possivel e não será a nossa voz que irá abafar esses direitos e estrangular essa justiça. Pelo contrario, no momento opurtuno, aqui estaremos como advogados de quem, sem justificação, se considerar preterido ou perseguido. Mas sobre o direito de um homem prevalece o direito de vinte, e sobre o direito de vinte homens prevalece o direito de milhões.

Assegurado o direito de milhões, consolidada a sua liberdade, firmadas as suas garantias, desceremos então ao individuo, defendende-o dos que, sem razão, o atacarmos na sua justiça e no seu interesse legitimo. Nós mesmos temos dado esse exemplo, calando replicas e sufocando naturais indignações á face de insidias de variado coturno, que nos têm atirado. E porque? Porque não desejariamos que, por nossa causa, ainda que em defesa legitima, o trabalho republicano de util consolidação fosse perturbador por quaisquer gritos nossos, ou que os especuladores o perturbassem buscando nos... como pretexto. O sacrificio não tem sido pequeno, á espera de momentos mais livres para o desabafo! Por emquanto, é o que todos devem fazer: — sacrificar-se. E quando falamos nesses **todos**, claramente que só nos referimos aos republicanos democraticos, aos bons patriotas que, por impulso inconsiderado, acaso, em qualquer lance, sirvam de bandeira encarnada e verde para encobrir a bandeira amarela da peste a bordo... amarela ou azul e branca, que é a mesma coisa. Porque, assim como a monarquia, ás vezes, e quando no poder, costumava arranjar scenas de efeito em que, ingenuamente, se envolviam os proprios republicanos alheios á urdidura, julgando servir a causa, nada admira que a mesma monarquia, fóra do poder, inverte as mesmas scenas, chamando a elas alguns republicanos demasiadamente confiados, sempre com o mesmo fim: — comprometer a Republica e os republicanos.

Em suma, nós precisamos de possuir a nitida consciencia dos factos, para não nos perdermos no labirinto das coisas mínimas, e que só poderão ser grandes, quando as coisas de real e capital importancia presente estiverem definitivamente resolvidas. Eis o que se nos oferece dizer a todos, sem intuitos indirectos ou diferentes dêstes: servir a causa comum, a causa do pôvo.

Mario Simões da Silva.

Gomes Monteiro

Inicia no presente numero as suas crónicas do Porto este nosso presado amigo e distinto jornalista e poeta, que dali nolas enviará semanalmente. Folgamos em dar esta agradavel noticia aos nossos presados leitores tanto mais que Gomes Monteiro tem uma prosa inergica e bem burilada.

O hino nacional

Ha dias deu-se em Lisboa um conflicto, pelo facto, aliáz censuravel, de certos meliantes terem faltado ao respeito ao hino nacional, não se descubrindo. Evidentemente o hino duma nação deve sêr respeitádo, como devem sêr respeitádas as suas leis. O hino é a propria patria; e desrespeitando-se um, desrespeita-se a outra. Todo o bom cidadão, ao ouvir os primeiros acórdes do hino que simbolisa a sua patria, se deve descubrir em homenagem a si próprio. Ora, neste caso, todos nós sabemos que quem se não descóbre, ao ouvir tocar o hino nacional, nem é patriôta nem republicano. O povo democrático é que não póde admitir que faltem ao respeito á musica com que êle fez a revolução e implantou a Republica.

Foi ao som das nótas vibrantes da portuguêsa que êle batalhou na Rotunda e soltou os primeiros vivas á Republica! Por isso o pôvo castiga por suas próprias mãos aquêles que por anti-patriotismo ou rabulice se não descobrem ao ouvir tocar a portuguêsa. Mas talvez essa gente encáre a questão por outro aspéto. Não se querem descubrir quando a ouvem, talvez pelo simples motivo de o antigo hino da carta ter passado a ser hino de tourádas onde éra tocado quando um cavaleiro tinha a sorte de ser feliz em metêr um bom par de farpas.

Chegou a ser tão enfadonho, o hino da carta, que muita gente, ao ouvi-lo, se arrepiava aborrecido. E' que o hino da carta não tinha a magia que teve sempre a portuguêsa, porque o hino da carta éra um hino real debaixo de todos os pontos de vista, já por ser feito por um rei, já por representar uma dinastia de podridões e ladroeiras. A portuguêsa, não, foi feita por um homem do pôvo e para o pôvo. Por isso aquêles que não respeitam a portuguêsa não têm alma, não sentem o puro amor da Patria. Felizmente hoje da-se já raras vezes a falta de respeito pelo hino nacional, porque o nosso povo é todo republicano. Um ou outro que o não é, que não tem amor ninhum ao seu país, é que pode ouvir indiferentemente as notas vibrantes da portuguêsa.

O hino da carta é uma coisa que passou como o fumo, que não deixou saudades.

E que descance em páz.

Sénior.

NOTAS CRITICAS

O caso do padre Benevenuto, que o «Mundo» ha dias frisou, publicando o testamento duma pobre senhora fanatizada, a qual lhe legou os seus bens, não tem nada de extraordinario, antes constitue uma proeza usual para os homens da Igreja, cuja história está cheia de explorações semelhantes.

No espirito de ganancia, aproveitando a superstição, a seita de Loiola irmana-se á seita de S. Domingos; Avinhão vale tanto como Roma.

Religião de humildade, pobreza e renuncia, a ambição dos que se investiram em seus representantes fez do cristianismo uma especie de gazua com que fórça os cofres dos opulentos, sem todavia desdenhar o magro pé de meia dos pobres.

Assim como Benevenuto conseguiu obter da ignorancia e fraqueza de uma beata alguns contos de reis, o Vaticano obtem todos os anos, de milhões de ingenuos, milhares de contos com que alimenta o seu fausto e a sua grandeza.

Os conventos, nos paizes catolicos, absorveram a riqueza de povos inteiros; julgando demorada a captação dos chamados infeis, a Inquisição tratava de apressar os negocios da Igreja queimando-os nos autos de fé; nos nossos tempos dezenas de congregações se espalharam pelo mundo, entregues a uma exploração universal dos incautos. São bem os representantes daqueles padres que, no ano 1:000, clamando que o mundo ia acabar, levaram comtudo todas as pessoas abastadas a legarem á Igreja os seus bens terrestres — que todavia deveriam desaparecer na subversão de todo o globo!

Benevenuto não é um exemplar unico dessa «escroquerie» celestial. Benevenuto é um dos muitos milhares de espertalhões que aproveitam a fraqueza de tristes seres fanatisados para encherem as algibeiras á custa da sua credulidade e da sua ignorancia.

Não é por isso que mais os devemos condenar. Maior herança do que todas as heranças dêste mundo roubaram eles — quando se apoderaram da doutrina do sonhador ideal que devia fazer a felicidade do genero humano, constituindo sempre a pura gloria do seu fundador, e que nas suas mãos se tornou um instrumento de servidão, de latrocinio e de mentira.

Mario Simões da Silva

DE PASSEIO

Dentre outros muitos nossos assinantes que tivemos o prazer de vêr nesta localidade por motivo das festas aqui realisadas, lembra-nos os seguintes nomes: Levi Ferrão, dr. Francisco Neto, João dos Santos Neto, Antonio Fragoso da Rocha e sua familia, Julio Salvador, etc.

Sejamos tolerantes

(De Julio Payot)

Não dezanimêmos nenhuma inteligencia que vá em procura da Verdade. Sejamos tolerantes para com as ideias.

Não julguêmos os nossos semelhantes pelas suas crenças, mas sim pelo que fazem.

Se o nosso vizinho é insolente e egoista, em sua caza; injusto, orgulhozo, depreciador e pateta, na rua; Se é um caluniador, vaidozo, e embusteiro, nunca será um homem honrado, ainda mêsmo que vá á igreja todos os dias.

Se, porem, é justo e bom para com sua companheira, seus filhos e criados, se não murmura e não mente, é um homem honrado, digno de respeito, ainda mêsmo que não tenha nenhuma crença religioza.

(Trad. de J. Fontana da Silveira).

TENTATIVA DE ROUBO

No sábado passado, por volta das 4 e um quarto da manhã, houve uma tentativa de roubo na casa do nosso amigo Antonio Baía. Os gatunos fôram experimentar as portas da caza dêste nosso amigo, o qual, tendo ouvido umas fortes pressões numa das portas, se levantou, vindo a uma das janelas, de revólver em punho, e disparando sobre os assaltantes que fugiram em direcção da rua de Baixo. Até agora ainda não se descobriram os promotôres da emprêsa.

O govêrno de Canalejas

O atentado ao direito internacional — Os protestos da Espanha livre — Os conceiristas de mãos dadas com Canalejas — Um govêrno de cinicos e de traidôres — Urge que o govêrno português imponha condições formais ao govêrno espanhol

Dêsde que a Espanha reacionária, com Canalejas á frente, atentou duma fórma ridicula contra o direito internacional, tôdas as nações cultas — ou melhor — tôda a opinião sensata dessas nações se revoltou contra o anómalo procedimento do govêrno espanhol.

Canalejas tem consentido miseravelmente que além fronteiras se conspire contra um país que ha perto de dois anos se libertou das peias jesuiticas, e que quer viver pela honra e pelo trabalho. Canalejas tem calcado os mais elementares deveres de cortezía e os mais altos sentimentos de solidariedade que devem mantêr-se entre nações vizinhas, porque, querendo servir as pretensões do exrei Manuel e a negra causa do jesuitismo, que só vive de monarquias absolutistas e destrutivas, quer tambem ser incompativel com a evolução dos povos que procuram a sua liberdade, a sua independencia e o seu progresso social.

O governo espanhol assumiu responsabilidades tremendas, não só perante Portugal mas perante a Europa civilisada. O gabinête de Canalejas sabe muito bem que tem sido irregular, afrontosa e covarde a sua atitude, sem que até agora tenha pôsto côbro ás arremetidas dos conspiradôres que nos malsinam e que têm trazido a intranquilidade ao país. Mais. O governo de Canalejas sabe que a Espanha democrática, a Espanha livre, a Espanha que não está ás ordens da clericalha nem do jesuitismo, tem protestado energicamente contra os processos jesuiticos do seu dementado chefe, porque racionalmente e conscientemente tem compreendido que, acima de tudo, está o respeito pela dignidade do regime, livremente escolhido por qualquer nação, e não o ataque traiçoeiro feito canalhamente ás escondidas por um governo de cretinos que tem a dirigi-lo um tarado sem pundonôr e sem brio.

Sabendo isto, Canalejas e a sua camarilha reincidem no criminôso atentado ás nossas instituições, á República Portuguêsa, espontâneamente escolhida pelo pôvo, porque Canalejas, de mãos dadas com Couceiro & C.ª, é dos muitos infelizes que não têm o amôr da pátria e que, por isso, não se importam de anavalhar o seu próprio país na consciencia clara do pôvo livre, atacando furiosamente a Liberdade nas faces puras dum pôvo inteiro.

Dêsde que houve um governo dum país culto que atentou miseravelmente contra o direito internacional. sem mudar de atitude em face dos protestos dos cidadãos independentes e dos reparos das nações da Europa, nós temos autoridade para afirmar em voz alta que esse governo é cinico e traidôr, visto calcar aos pés tôdos os ditâmes da razão e da consciencia.

A continuar assim, é absolutamente indispensável que o governo português, usando dum direito sagrado, imponha ao governo espanhol condições perentórias para que êste estado de coisas tenha quanto antes o seu têrmo, afim de se normalisar uma situação que está sendo bastante penosa ao povo português.

E' preciso acabar com isto de uma vêz para sempre. Se houver ataques, que não sejam feitos na sombra, mas ás claras, em plêna luz e em plêno direito.

CARTA DE LISBOA

15 d'Agosto.

Continua o mau tempo, e o vento é tão violento, que mal se póde andar pela cidade, vendo-se a gente obrigada a parar, para deixar passar grandes rajadas de ár que levantam serras de poeira.

=== No *Sud-express*, saiu no dia 12 para o estrangeiro o dr. Magalhães Lima, que teve uma despedida muito afétuosa.

Na *gare* do Rocio, estavam representadas muitas colétividades liberais.

Magalhães Lima, o grande amigo da Patria, foi repousar por algum tempo no estrangeiro, e ali continuará a sua tarefa da defeza de Portugal.

=== No dia 9, o comboio *Sud-express*, ascendente, colheu, á passagem de nivel do k. 26, linha de Leste, uma galéra, matando as trez muáres que a tripulavam, bem como o condutor João Ferreira, que as guiava.

A galéra pertencia ao snr. Antonio Luiz Costa, comerciante de Sobral Monte do Agraço e seguia carregada de trigo. Alexandre Gonçalves, que ia no carro, ficou ferido na cabeça, recebendo curativo numa farmacia em Almada, recolhendo depois a sua casa.

=== Um comboio de mercadorias colheu, á sua passagem em Xabregas, no dia 11, uma criança, que foi em seguida conduzida ao hospital de S. José, por um civico, sendo-lhe amputado um braço.

=== Consta que um grupo de empregados da Companhia dos caminhos de ferro portuguezes, se reune em festa patriotica no dia 17 do corrente, para comemorar o acto heroico das nossas tropas na fronteira.

O jantar, que é de 50 talheres, tem logar no *bufete* de Santa Apolonia, sendo assistentes empregados republicanos historicos.

Deve ser uma bela festa, e assim passarão os ferro-viarios algumas horas alegres e de fraternal convivio.

=== Para a terra de sua naturalidade, Tomar, partiu no dia 11 o nosso amigo, snr. José Gonçalves Ribeiro, sub-inspétor da Companhia dos caminhos de ferro portuguêzes.

O nosso amigo foi passar, junto de sua familia, alguns dias de repouso.

=== Depois duma doença grave, que o reteve no leito por algumas semanas, retomou o seu serviço na Inspéção principal, em Santa Apolonia, o nosso amigo, snr. Antonio Gama Lobo, inspetor adjunto á referida inspeção.

=== No domingo, 18, efétuam-se duas excursões; uma de Alcantara Terra a Caldas, e outra de Lisboa R a Abrantes.

=== Encontra-se em Açôres (Celorico da Beira), o nosso presado amigo Tibério Fernandes d'Almeida, conceituado comerciante em Benguela. Tibério Fernandes é um republicano de velha data, e sabemos que em Benguela tem feito os maiores esforços para congraçar os espiritos liberais, dedicando sempre, de todo o seu coração, a sua maior atividade na causa da democracia, para a consolidação da nossa Republica.

A. F. A.

ENLACE

Realisou-se no dia 14 o consorcio do nosso amigo, snr. Alberto Tavares, com a snr.ª D. Emilia Ferrão, filha do tambem nosso amigo, snr. Antonio Maria da Silva Ferrão.

Depois do acto civil, teve logar o religioso.

Entre outras prendas de valôr oferecidas aos noivos, distinguem-se as seguintes:

A' noiva: um broche cravejado de brilhantes, oferecido pelo noivo; um relogio d'ouro e broche, por seu pai, snr. Antonio Ferrão; uma pulseira d'ouro, estilo moderno, tendo cômo pingente uma libra, por sua mãe, D. Conceição Ferrão; um estôjo com duas escôvas de prata, pela avó e madrinha da noiva; um paliteiro de prata, por seu irmão, Alvaro Ferrão; uns brincos com pedras finas, por sua irmã, D. Elvira Ferrão; um estôjo com colheres de prata, por seu irmão, José Ferrão; um estôjo com argolas de prata para guardanapos, por seus irmãos Angelina e Toni Ferrão; uma bandeja de metal branco e porcelana, pela snr.ª D. Ana Fragôso da Rocha, de S. Romão, prima da noiva; um estôjo com colheres de prata, pela snr.ª D. Máxima Rocha; uma salva de prata, pela snr.ª D. Conceição Fragôso da Rocha; um estôjo com abgolas de prata para guardanapos, por seu primo, Antonio da Rocha; um estôjo com argolas de prata, pela snr.ª D. Luz Ferrão Tavares. Ao noivo: uma abotoadura d'ouro com brilhantes, oferecido pela noiva; um estojo com argolas, oferecido por seu pai; um paliteiro de prata, por seu irmão, Matos Tavares; um alfinête de gravata com brilhantes, pelo snr. Francisco José da Costa, de Coimbra; um estôjo com argolas de prata, pelo snr. José Augusto da Silva Guimarães.

Aos noivos desejamos uma infindável lua de mel e muitas prosperidades.

REGRESSO

Do Porto e Coimbra, onde fôram em missão de estudo e propaganda do nosso jornal, regressaram na quinta-feira o nosso directôr e o nosso camarada Almeida Junior, que se não poupam a esforços para imprimirem todos os melhoramentos modernos ao jornal a que êles dedicam tôda a sua inteligencia e toda a sua energia.

CRÓNICA DO PORTO

Evolando-se num adêjo grácil de aeroplano, o meu sêr eleva-se ás rejiões astrais, onde não chegam rumores desta Sodoma indómita e cruenta. Gargalham pelo espaço os mansos pardalitos, irisádos pelos reverbéros sangrentos do bom sol.

E tudo se passa indiferente porque o meu sêr vai voando, voando, num adejo suave e gracioso...

Lá em baixo, muito em baixo, na cidade do vicio e da loucura, desenrolam-se as scênas mais infâmes.

Discute-se politica e abrem-se as prisões. E é tal o progresso triunfante que eu chego a comparar o meu Porto aos âmbitos colossáis de Nova-York. Cidade onde se prende um gatuno de 3 em 3 minutos e um conspirador de meia em meia hora, é digna do diploma progressivo, só aplicável á Metrópole da Terra.

Todavia, amenisando, sôam ao longe no aprazivel Jardim Passos Manuel, os armoniósos prelúdios duma marcha, pela distinta banda da Guarda Républicana de Lisboa de passajem aqui

Nos teátros, desenrolam-se féros, horripilantes espetáculos á *Grand-Guignol* postos hoje em móda, e, por conseguinte, imensamente frequentados.

Goteja o sangue de anilina, ribomba um trovão de folha de Flandres, um ultimo estertor dum peito que se esmaga e... cai o pano.

Sangue e torturas. Dores fitícias, dores riais...

E tudo se vai desenrolando a meus pés, emquanto o meu sêr vai voando, voando num adejo grácil e desprendido! ..

Porto, 14 de Agosto de 1912.

Gomes Monteiro.

VIZITANDO

De vizita a sua familia, encontra-se na Mealhada a snr.ª D. Laura de Jezus Monteiro, gentil filha do malogrado sub-inspector-agente de Pampilhoza, Luís Monteiro.

A Igreja recua... a Sciencia avança!

As obscuras trevas do fanatismo vão-se emfim dissipando! A igreja, que tem ocupado atravez da humanidade um logar de preponderancia e destaque, impondo-se sempre acervamente ás redentoras e sublimes ideias da Liberdade, e tendo chegado ao apogeu persistente da sua carreira, recua hoje vertiginosamente, deixando no seu rásto bem legivel uma senda ignominiosa de crimes horrendos e actos desonestos.

O povo — a baixa plebe que tem encarnado nos seus sentimentos, como vinculo de sagrada junção, os devêres moralisadores do Trabalho e da Honra, que não se poupa ao trabalho fatigante, mourejando dia a dia nos seus campos, dêsde que a aurora se divisa no oriente até altas horas da noite, que dentro das oficinas maneja a ferramenta, ganhando com sacrificio o pão para a familia, encára hoje com destrêza e pelo seu verdadeiro prisma os dogmas malsinantes dessa religião fementida e torpe. Data já de remótas eras que Roma sempre soberana e dominadora, tem avassalado o povo ingenuo e ignorante. O fanatismo tomou nos ultimos tempos tal incremento, que esse povo de espirito obcecado e cego, deixou de respeitar o seu semelhante para só sêr agradavel ao padre, no qual via um salvador de almas, um homem sobrenatural, emfim um ente em quem depositavam os mais sagrados segrêdos da sua vida; emquanto que êle navegava num már manso e tranquilo, sempre na sua rotina de exploração. Povo! E' tempo de nos libertarmos desses sotainas que teem sido sempre os corretores da sociedade. A verdadeira religião que todos devemos seguir é a do Trabalho e do Amor do Proximo! Lutemos por ela!...

Quiaios, 7--VIII--912.

Francisco Fernandes de Carvalho.

EXAMES

Fez exame de francês em Lisboa, ficando aprovada, a filhinha mais velha do nosso patricio e amigo, snr. José Amorim.

=== Fizeram exame de 2.º grau de instrução primaria, em Figueira, os meninos Alberto Tavares e Celso Baía, filhos dos nossos presados assinantes, snrs. Antonio de Matos Tavares e Augusto Baía, obtendo o primeiro a classificação de distinto.

=== Tambem na Mealhada fizeram exame de instrução primaria, 2.º grau, ficando aprovados, um filhinho do nosso assinante, snr. José Joaquim, zelôso chefe de distrito dos caminhos de ferro, e outro do nosso presado amigo, snr. José Ramos de Carvalho, factor de 1.ª classe dos mesmos caminhos de ferro.

=== Fez exame do 2.º grau em Ourique, ficando aprovada, a menina Cizaltina Gonçalves Dias, gentil filha do nosso presado assinante, snr. Joaquim Dias Janeira, digno professor primario em Vale de Santiago.

Felicitamos.

ANIVERSÁRIO

Passou ante-hontem o aniversário natalicio do nosso presado assinante, snr. Florentino Bermudes, zelôso *maître d'Hôtel* da companhia *Wagons Lits*.

Abraçando o nosso amigo, damos-lhe os parabens.

Coisas simples

O romantismo na mulher

O romantismo, como escola literária, depois de têr ultrapassado os limites da sua acção para um campo de sentimentalismo excessivo, baixou na historia da Literatura impelido pela rajada soprada de Coimbra com a escola realista.

Introduzido em Portugal pelos defensores da liberdade, que pelo augusto ideal sofrêram o exílio, e aí em contracto com Schakspeare e Byron —Garrett e Herculâno déram com o Romantismo um notavel desenvolvimento ás letras pátrias, tirando-as das fórmas pesadas dos Clássicos.

O romantismo com a sua feição idealista e o produto de laboriosas ideias germinando em fecundos céreBros, com as suas frases polvilhadas de oiro num assunto sentimental, foi de preferência acolhido pela mulher, principalmente quando degenerou num dôbre melancólico, dolente, das poesias de Soares de Passos.

Na verdade, o espirito da mulher sendo de natural emotivo á primeira manifestação, criado para colher as impressões mais sensivas do coração humano, melhor leitura não poderia encontrar. A fantasia a bordor castelos de quiméras, enfeitados com a doçura de expressão e o colorido insinuante das frases, é produto activo do cérebro da mulher e em alto grau encontrado no romantismo.

Mas ah! se a mulher lêsse sómente essas bélas paginas de romantismo puro, se ela embuisse a imaginação na fantasia das produções de Garrett, Herculâno e Castilho, se ela tomasse um fito nas obras de Camilo e Julio Diniz, mas não! Essas leituras fôram preteridas para dar guarida a obras exóticas sem estilo nem fórma, sem conceito nem expressão, mas onde se férem embora grosseiramente, nótas da escala de dores e embates que experimenta o sêr humano.

«Sentir, amar, sofrer, dedicar-se, será sempre a essencia da vida das mulheres» disse Balzac e na verdade essas palavras encerram tudo quanto de bélo póde impressionar o coração da mulher.

Ora, depois de saír das estreitas fórmulas e convenções da idade-média e de fechar a portaria do convento onde estiolava uma radiosa saúde se povoava de pequenos nadas um espirito inculto, abriu-se um novo horisonte á mulher. Timida a principio e austera com a influência do Parc-Royal onde a irmã de Pascal ensinava, a mulher abalançou-se mais tarde ao mundo até entrar francamente na sociedade e até na literatura como George Sand (baroneza Du Devant).

De natureza meleavel o génio feminil, rico de sonhos de esperança de cor mais verde que a relva dos cómoros, o romantismo era um campo onde podia lavrar a sua imaginação. Dessas belas fórmas de sentimento intrinseco, passou-se para o ultra-romantismo, para um sentimentalismo piégas. E criou-se então esse tipo enfezado e raquítico da «menina romantica» á sobre-posse...

Não ha vida sem exteriorização de pensamento porque de contrário não é viver é vegetar. Ora, nada mais prejudicial para a sociedade do que a falsa educação da mulher degenerando num lirismo, num sentimentalismo excessivo que obscurece a realidade dos deveres que ela tem a cumprir.

Eduque-se a mulher para o seu tempo fazendo-a prestar o seu concurso no alevantamente moral das sociedades.

Agosto, 1912.

Aurea Judit Amaral.

DOENTE

Encontra-se doente o nosso estimado assinante, snr. João Rodrigues dos Santos, professor primário em Vila Nova d'Outil.

Desejamos as suas melhoras.

BAILE

Dançou se animadamente, durante toda a noite de 15 para 16, em casa do nosso presado assinante, snr. Antonio Maria da Silva Ferrão.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XXIII

O Estado caloteando — Despêsas feitas ha mais dum ano, sem estarem liquidadas — O desleixo da burguezia — A contabilidade em atrazo — Os pobres professôres, sobrecarregados com dispendios extraordinários, continuam na mesma — O Alto não ouve

Ha dias que nos encontrámos em Peniche, em serviço de exames do 2.º grau, que, por sinal, têm corrido ótimamente. Fôi êste o motivo da falta do nosso artigo no número anterior do *Devêr*. Embebido na contemplação dos soberbos pontos de vista que circundam a vila, desde os interessantes rochedos dos Baleal até á extremidade arrojada dos Remedios, que termina o cabo Carvoeiro, — nem um momento pudémos tirar ao tempo que o serviço de que nos incumbiram deixa livre, quando mais alguns minutos, que êstes modestos artigos sempre levam a tracejar.

Estâmos em serviço de exames, como delegado do inspectôr do circulo escolar de Caldas da Rainha... E agora nos está lembrando, como amiude acontece aliás, que ainda nos não fôi pago o que o Estado nos déve pelo serviço similhante que o ano passado prestámos! E' desanimadôr! E' mesmo revoltante!

Um pobre professôr primário que vive unicamente do seu ordenado mesquinho, mais: que desse ordenado ainda tem de alimentar, vestir e calçar a familia, como nos acontece a nós, é nomeado para desempenhar o cargo de vogal dos juris de exames ou de fiscal dos mesmos para uma terra distante; tem de pagar as despesas de transporte, não raras vezes elevadissimas, o alojamento e a comida, para o que a maior parte das vezes tem de pedir emprestado o dinheiro preciso, — e depois pássa-se um ano e mais sem que da contabilidade, da interessante repartição do ministerio do interior, baixe autorisação para que êle sêja embolsado do dinheiro dispendido!

O snr. Duarte Leite prometeu — e prometeu terminantemente — que até o fim do mês de julho seriam satisfeitas as importâncias em divida ao magistério primário, provenientes de expediente e limpesa, diferenças de ordenado derivadas das promoções de classe, serviços prestados em exames, etc. Pois o dia 31 de julho passou, estâmos já em meados de agosto — e, tal qual como dantes acontecia, os professôres primários, os miseros, ainda estão á espéra do cumprimento da terminante promessa do ilustre presidente do conselho de ministros.

O seu antecessôr, o snr. Silvestre Falcão, desculpáva-se com a falta de pessoal na contabilidade. Dinheiro, segundo êle, havia — havia até em abundância. O pessoal é que era em número deficiente... Por isso, o ex-ministro saiu do poder, para onde me parece nunca devia ter entrado, sem que os calotes — é o termo — do estado ao professôr primário fôssem saldados. Agora, o snr. Duarte Leite, sem afirmar ou desmentir que haja dinheiro, muito dinheiro, promete aumentar o pessoal da referida repartição, para que as fôlhas lá armasenadas, algumas ha dois anos e mais, baixassem ás tesourarias de finanças. Não sabêmos se o chegou a fazer. O que sabêmos, e isso nos basta, é que, como previamos no ultimo número das *Pinceladas*, nem metade dos créditos dos professôres fôram satisfeitos. Como se vê, o resultado fôi o mesmo; os processos é que diferiram...

Verberar o facto? Para quê? Estâmos fartos de o fazer. O *alto* não ouve. O *alto* não tem a consciencia do mal que, com êstes rançósos processos monarquicos, está fazendo á República — á nossa sempre querida República. Cumpram-se, pois, os fados...

Prof. Manuel José Antonio.

EXAMES

Dentro em três dias deve ficar concluido na capital o serviço dos exames do 2.º grau que, segundo o Decreto de 8 de julho findo, deve encerrar-se no próximo dia 15.

Para que neste curto praso de tempo terminasse tal serviço, foi necessário organisar nada menos que 43 júris, 26 para o sexo masculino e 17 para o sexo feminino, visto que mais de 3:500 crianças requereram aquele exame.

Neste ano, como já noutros, tentou-se mais uma vez dar a estes exames uma determinada homogeneidade, porém não foi possivel e tudo continua da mesma fórma e, portanto, com diferença de mêsa para mêsa, pois que dos *129* professores que constituem os *43* júris cada um tem o sêu modo de vêr.

Desta fórma sucede que alunos que são aprovados numas mêsas, noutras seriam reprovados, e vice-versa.

Esperávamos, e várias vezes para isso instámos, por que se désse a tal reunião prévia, porém, a nossa espectativa foi mais uma vez iludida, porque aqueles que ha tempo vêm procedendo de determinada fórma, continuam e hão-de continuar da mesma fórma.

O que achamos desagradável, é ouvir dizer este júri é *bom*, aquele é *mau*, como se o programa do exame não fosse o mesmo para todas as mêsas.

E porque sucede assim?

Porque nuns júris liga-se importancia a todas as disciplinas, embora em maior ou menor escala, e noutros são, por assim dizer, postas de parte algumas, que embora a lei mande considerar menos importantes, não manda todavia desprezar.

E daí que resulta? Que aqueles professores que pensam cumprir á risca a lei são chamados os *tiranos* das crianças, quando reprovam as que não satisfazem, ao passo que os que se contentam com pouco e com a maior facilidade dão uma *distinção* se consideram os *bons*.

Ainda mesmo nas disciplinas consideradas mais importantes continua a haver grandes diferenças. Assim, na gramatica, ao passo que um grande numero encarando o que ela deve ser, segue já o processo moderno, o mais prático possivel, outros ainda acompanham os chamados *gramaticões* e exigem mesmo coisas que nem nos anos mais elevados dos liceus. No que porém principia a haver nos ultimos anos mais igualdade é na aritmetica e no sistema metrico.

A'parte um ou outro que ainda exige uma ou outra definição, a quasi totalidade torna prático o interrogatorio e verifica, com os pesos e medidas, se a criança os conhece e sabe servir-se dêles.

A corografia, história, educação civica e o desenho são para muitos coisa dispensavel, de fórma que fazem quási uma repetição do exame do primeiro grau, apenas com alguns exercicios de gramatica prática.

Corrigirá a nova lei e seu regulamento estes defeitos?

Fiquemos na espétativa.

PROF. ULISSES MACHADO.

Consultas

Perguntas

J. F.—*Sinfães*—Numa escola em que haja dois professôres, o professôr do 2.º logar será obrigado a colaborar no recenseamento escolar?

— Quando deve estar pronto o aludido recenseamento?

— O professôr do 1.º logar é que é responsavel por tudo que diga respeito a escrituração escolar — preenchimento de *mapas mensais, anuais*, etc?

— O professôr do 1.º logar terá alguma preponderância sôbre o do 2.º logar?

— Qual dos dois professôres é obrigado a fazer *diariamente as chamadas* e a lidar com a escrituração no respectivo livro?

— Ambos os professôres têm de estar presentes na ocasião da *abertura das matriculas?*

— O professôr do 2.º logar terá que, *impreterivelmente*, aceitar a regência das classes que não convenham ao outro?

Respostas

Tôdos os professôres têm de colaborar no recenseamento, que deve estar concluido até ao fim do corrente mês.

— O do 1.º logar é responsável perante as autoridades escolares; o do 2.º, perante o do 1.º.

— Os professôres do 2.º logar são subordinados ao professôr da escola onde servem, e cômo tal recebem dêles as necessárias instruções para o bom desempenho do seu cargo. E' esta a doutrina do art. 70.º do Reg. de 19 de setembro de 1902.

— Cada um dêles deve encarregar-se dêsse serviço, em relação ás classes que dirige.

— Evidentemente.

— Segundo o art. 73.º do citado Reg., a distribuição do serviço dos professôres pelas classes é da competencia e responsabilidade do professôr-directôr; e, segundo o art. 74.º, pôde êste dividir o serviço de fórma que a um fique o ensino da 1.ª e 2.ª classes, e a outro o da 3.ª e 4.ª. N'estas condições, o professôr do 2.º logar aceitará as classes que o do 1.º lhe confiar, convindo, para a proficuidade do ensino, que todas as classes sejam, rotativamente, dirigidas por ambos os professores.

Exame final

Completou o curso do magistério primario, na escola distrital de Guarda, obtendo boa classificação, a snr.ª D. Anunciação Maria das Neves, cunhada do nosso presado assinante snr. Pais de Souza, zeloso chefe de Cerdeira.

Parabens.

DESASTRE

Foi colhido por um comboio em Alfarelos, tendo morte instantanea, o condutor principal da companhia portuguêsa, José de Campos.

Sentimos sinceramente a morte do nosso desventurado amigo, que gosava de muita simpatia entre a sua classe.

PARTIDA

Para Midões, com sua boa mãe, partiu a menina Isaura da Costa, gentil filha do nosso amigo snr. Joaquim da Costa, habil belheteiro da estação de Coimbra.

Desejamos-lhe feliz regresso.

TEATRO

O espetáculo a que, sob esta ipigrafe, o *Dever* se referiu no numero anterior, teve logar no *Teatro Grémio de Instrução e Recreio* da Pampilhoza do Botão, promovido pelos nossos amigos empregados na estação daquela localidade e cujos nomes os nossos estimados leitores já conhecem.

As joias duma rainha

A venda, em leilão publico, das joias da ex-rainha Maria Pia de Saboia, tem dado logar a comentários, tem sido o assunto primacial nos centros da cavaqueira.

Trata-se, como diz Mayer Garção nas suas belas *Notas á Margem*, dum diluvio de pedras preciosas, que tantos sacrificios e tantas lagrimas custou á plebe, ao pobre povo que moireja.

Vários factos teem demonstrado que não era o dinheiro da realeza que custeava as despêsas feitas com oiro e pedrarias.

Emquanto a côrte comprava, com o dinheiro do povo, aquela aluvião de preciosidades que tão tragico fim tiveram, muitas mizerias, muitas desgraças iam por todo esse país, por todos os lares onde não entra pão, onde não ha abrigo.

Mas era daquela fórma que se administrava o dinheirro do país:— comprando joias, promovendo festas de palácio e passeios, caçadas e tantas outras coisas sem proveito nenhum para a Nação.

E assim é que nos deixaram arruinados, em precárias condições económicas, sem exercito e sem armada, quasi sem camisa.

Era assim, senhores *talassas*, o patriotismo de vossos âmos que, pensando só em si, se esqueciam do povo das ruas, do pobre povo que sofre. Depois de se banquetearem e gastarem á nossa custa, depois de receberem de *mão baixa* descarados adiatamentos, ruinosos adiantamentos, mostraram ainda que não tinham amôr nem respeito pelos seus, e isso está demonstrado com o facto de, por vezes, permitirem que a ex-rainha Maria Pia fôsse vexada pelos seus credores.

Assim acabou em Portugal uma familia cujo tronco secular estava já a ser prejudicial á sociedade portuguêsa, que só fez bem em elimina-la para não mais voltar a fazer sombra a este pais cujas prosperidades se vão felizmente assentuando.

A. F. A.

DE LICENÇA

Partiu para a Galiza, sua terra natal, em gôso de licença, o nosso presado amigo e assinante, snr. Perfeito Bermudes, empregado da companhia *Wagons Lits*.

Comissão Administrativa de Montemór-o-Velho

Extráto da Sessão de 20 de julho de 1912

(Retardada)

Expediente—Lida e aprovada a acta da sessão anterior, ocupou-se do expediente, sendo nomeado um proprietario para fazer parte da comissão de que trata o art. 6.º do decreto de 25 de agôsto de 1903.

Foi tambem recebido um oficio do facultativo municipal interino de Verride, de que a comissão resolveu não tomar conhecimento.

Indeferiu um requerimento do amanuense da secretaria a pedir para ser dispensado dos serviços de contabilidade de que ha tempo se acha encarregado.

Mandou informar varios pedidos sobre alinhamentos.

Passou varios atestados para subsidios de latação e na forma legal um atestado de bom comportamento moral e civil.

Nomeou peritos para a medição e avaliação dum termo pedido por alinhamento.

Partido médico—Em seguida, por ter terminado no dia 13 do mez de julho o prazo do concurso ao partido medico de Verride, ao qual concorreram trez medicos, resolveu a comissão averiguar do merecimento dos respetivos documentos com que instruiram os seus requerimentos, passando para isso a examinal-os.

Depois de os examinar, verificou que ao que primeiro concorreu—João Blayse d'Oliveira e Castro, faltavam os documentos recomendados pelo n.º 4 do art. 2.º do decreto de 24 de dezembro de 1892. Que ao segundo, Bacharel Carlos Gaspar de Lemos, faltava a carta de formatura ou a sua pública-fórma, que é um documento essencial como prova o § 4.º do citado art. 2.º do mencionado decreto, pelo que foi considerado fóra do concurso, bem como o 1.º concorrente.

E tendo verificado que o 3.º concorrente Bacharel José Cristino, formado em medicina e filosofia, apresentava todos os seus documentos na devida forma, que fôra sempre distincto em todas as cadeiras da faculdade, obtendo classificações muito honrosas nos cursos, passou, por escrutinio secreto, a fazer a sua nomeação, que foi efectuada por 5 votos contra 1 a favor de medico Carlos Gaspar, que fôra posto fóra do concurso.

Não se tendo reunido os 40 maiores contribuintes prediais em numero suficiente para funcionar, não pôde ser tratada a questão da percentagem municipal nem o emprestimo em vista para obras indispensaveis e dotações do partido a crear em Arazêde.

Foi presente o balancête semanal e autorisadas varias despêsas.

Lúcio Vidal

Deu-nos o prazer da sua amável visita este nosso inteligente colaboradôr, de Vagos, que veio a este logar acompanhado de sua ex.ma mana, a snr.ª D. Eliziária Vidal.

Agradecemos a gentileza.

Entre nós

Estiveram entre nós os nossos prezados assinantes da Pampilhoza, snrs. Manuel Simões Lopes, José Monteiro Ramos, Alexandre Duarte e Antonio d'Almeida.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NA comarca de Montemór-o-Velho, pelo cartório do escrivão do primeiro oficio, correm éditos de trinta dias, a contar da segunda publicação do respectivo anuncio no *Diário do Govêrno*, citando a ré Dôna Frederica Fassini, tambem conhecida por Frederica Fassini Gavicho ou Frederica Carolina Josefa, ausente em parte incerta, para na segunda audiencia do mêsmo juizo, findo o prazo dos éditos, vêr acusar esta sua citação na acção de divórcio litigiôso que lhe move o marido, Bacharel Francisco Fausto Guedes Gavicho, residente em Tentúgal, desta comarca, marcar três audiencias pâra a contestação e seguir até final os têrmos do processo. As audiencias dêste juizo fazem-se ás segundas e quintas-feiras por dez horas, no tribunal judicial, nos Paços do Concêlho, sitos á Praça da República, não sendo dias declarados feriados.

Montemór-o-Velho, 6 de agôsto de 1912.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:

Lemos Viana.

Inauguração DE Nova Loja na Mealhada

No proximo domingo, 25 d'Agosto

Largo Dr. Costa Simões

Augusto Brandão vem participar a abertura da sua nova loja. Esta casa é a ampliação da que em 1861 seu pai Augusto Ferreira Brandão, fundou. As suas honrosas tradições de seriedade, que sempre presidiram ás suas transações, serão mantidas e continuadas na nova casa.

Na sua montagem dedicou-lhe os seus maiores cuidados para ficar com todas as condições modernas. Abre com as seguintes secções:

Fazendas
Mercearia
Tabacos
Transações bancarias
Passagens para Africa e Brazil

Muito especialmente chama a atenção do publico desta região para as boas condições em que são apresentados todos os artigos do seu sortido, *diretamente comprado ás fabricas pela sua*

Casa de Lisboa

(22) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

Os curiósos que estavam pelas janelas descêram logo á rua, a titulo de prestarem auxilio ao dominó que forcejava por erguêr o côrpo exânime do companheiro, mas verdadeiramente acudiram mais com o fim de reconhecêrem os dois noctívagos que já por duas vêzes tinham visto áquela hora.

Quando chegaram, já o dominó desfalecido começava a recobrar os sentidos, e então ouviram uma voz de homem sair debaixo da máscara de setim e pronunciar num grande tremôr êste nôme:

— Clotilde (1)!

Um mancêbo que estava mais próximo arrancou-lhe pressurosamente a máscara que deixou vêr uma fisionomia de velho, rôsto macilento, bigode branco e olhos mortiços.

O outro dominó desmascarou-se tambem com grande despeito, e expôs á curiosidade dos circunstantes um semblante de mulher, muito branco, duma alvura látea, um tanto formôso de feições e com uma certa irradiação no olhar.

O mancêbo perguntou-lhe:

— E' seu pai, minha senhôra?

— E' meu pai, é—respondeu ela com voz timbrada e com alguma sequidão.—Ajudem-me a levantá-lo, se fazem favôr.

O mancêbo auxiliou; mas o velho, já completamente recobrado, ergueu-se quasi num impeto e murmurou, dirigindo-se aos que o rodeavam:

— Muito obrigado pelo cuidado que tiveram, e desejo-lhes muito bôas nôites.

E tirando do braço da sua companheira, ambos se mascararam de nôvo e seguiram desta vêz rua acima, a passo muito manso e cautelôso.

Os curiosos começaram comentando o caso, que acharam muito anómalo, e o mancêbo, estranhando o laconismo da dama e do velho, só dizia:

— Aqui ha mistério!

E numa firme resolução, disse depois:

— Vou segui-los. Naturalmente vão para casa. Quero sabêr onde moram, e ámanhã saberei quem são.

E seguiu-os a distancia com andar cadenciado.

Os dois dominós iam dialogando tão absôrtos numa voz muito sumida que não deram pela pessôa que os seguia. O mancêbo viu-os dirigir para a rua da Matemática e entrar para uma casa muito baixa, ouviu o ruído duma porta a fechar-se e em seguida a uma hora dada muito lenta, muito compassadamente na catedral da Sé Nova. Tomou nota da casa e retrocedeu.

No dia seguinte inquiriu, nas proximidades, das pessôas que moravam na dita casa, e o que lhe disseram fôi que havia quinze dias que o proprietário do prédio, um velho dos seus sessenta anos, tinha nêle dado entrada a uma senhôra ainda nova, vestida de prêto, acompanhada duma velha, que vinha a sêr criada dessa senhôra, a quem há pouco tempo tinha morrido os pais. Que o velho, antigo amanuense duma secretaria, era um amigo da casa dos pais, que eram estanqueiros na rua das Solas, e que viviam em fraca situação.

A assiduidade das vizitas do velho a essa casa fêz-lhe nascêr no coração, já meio senil, um amôr serôdio pela filha única daquêles pais extremosos, a cujo amôr a filha não emudecêra porque lhe sorria um pecúlio que o velho herdára dum irmão mais idôso.

Os pais dela não duvidaram da possibilidade dum próximo casamento, e muitos antes da morte os vitimar, aconselhavam a filha a ligar-se ao velho, para ficar amparada, e pediam-lhe que modificasse o génio um pouco assomado e uma tal ou qual arrogancia nas palavras, porque isto havia de desagradar a quem carecia de cuidados e de paz espiritual, e a quem certamente fantaziava um ôcaso de delícias.

A filha ouviu e amuou.

De temperamento biliôzo, Clotilde era crua ás vêzes para com os pais, já muito velhos e doentes, e que a custo viviam do pequêno produto que tiravam do estanco mal frequentado; e não mênos crua era para com uma velha criada, que lamuriava constantemente pelos arremêssos com que ela a tratava.

Dizia a criada que era uma verdadeira leôa que rugia na casa dêsde pela manhã até á nôite. Só nos dias em que vinha o snr. Godofrêdo (1) é que a leôa amansava e que deixava tôdos em paz.

O snr. Godofrêdo era o velho namorado. A criada simpatisava com êle unicamente pela tranquilidade que êle proporcionava, e sempre que o via entrar, dizia-lhe:

— Bem vindo seja, meu rico senhôr, que vem trazêr a paz a esta casa.

— Então a snr.ª Clotildinha tem estado pêrra? — perguntava o velho num sorriso bonachão.

— Jesus! snr. Godofrêdo — dizia a criada, apertando a cabêça nas mãos rugosas.—Já hôje me deu um encontrão que me fêz cair. Não se póde aturar! E então os paisinhos... credo! Até choram.

— Deixe estar, que eu vou-lhe dar uma ralhadela p'ra ela assim não sêr—dizia o velho.

E entrava pela casa dentro.

(Continúa).

(1)—Pseudónimo.

(1)—Pseudónimo.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

MILHARAES ENFEZADOS

— EM —

Terras de rega

Deitando aos **milharaes** em terra de rega o **Nitrato Melhorado** com **Potassa** em **Cobertura,** marca **NMP 104** chega-se a ter colheitas de **milho** produzindo o dobro e ainda mais.

Assim como o homem precisa para viver, legumes, carne, pão, vinho, frutos, etc., as **plantas** precisam de **Azote, Acido Fosforico** e **Potassa,** e tambem de frescura no terreno para resistirem aos calores, concluindo se por isso que faltando uma destas cousas, as plantas morrem ou ficam bastante enfezadas por falta de alimento.

Quazi sempre o aspeto amarelado do **milho,** é devido á deficiente adubação de **Azote e Potassa** quando no terreno ha frescura, ou agua para regar.

Ora, se ao homem derem a beber agua, quando ele precisa de pão, o estomago torna-se debil e daí a doença e o aspeto doentio. E' o mesmo que regar o milharal, tendo ele falta de **Azote e Potassa.**

Dêmos ao homem para viver o vinho, e o pão, mas dêmos tambem ao **milho,** para **muito produzir,** o **Azote e Potassa,** por meio do **Nitrato Melhorado com Potassa,** marca **NMP 104,** na razão de 15 gramas por metro quadrado, aplicado por onde a agua passar quando se rega, mas deve ser quando o **milho** estiver já arrendado, e antes de lançar a bandeira.

Com este magnifico adubo, o **milho** tornar-se-ha rapidamente de uma côr verde, muito escura, dando muitas e grandissimas espigas, com os grãos todos muito cheios, parecendo um completo milagre!!!

Lavradores!... experimentae com um saco de **Nitrato Melhorado com Potassa** no vosso predio de **Milho,** ainda este ano e vereis a felicidade que vos proporciona os adubos da casa **Herold,** marca **Foice e Trevo de 4 Folhas.**

Dirigir por postal ao Agente **Fortunato Vaz,** morador em **Camarneira—Cantanhede,** que rapidamente manda despachar do armazem mais proximo, Lisboa, Porto ou Pampilhosa do Botão, ou entrega nos seus depositos de Oliveira do Bairro, Mogofores ou Cantanhede.

Dão-se esclarecimentos mais detalhados, verbalmente ou por escripto, a quem os desejar.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

— DE —

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA — **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40--Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; inicial-os nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.° Arazêde, 25 de Agosto de 1912 N.° 27

O DEVÊR

Semanário Republicâno

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Estação telégrafo-postal

O «Devêr» inicia hôje os seus trabalhos em prol dêste melhoramento—A adesão de duas comissões administrativas—A força duma iniciativa

Agora que tôdos os espíritos da freguezia de Arazêde estão libertos das diversões mundanas que até ha pouco os absorviam, agora que não resta ao camponêz alegre nem ao exigente burguêz um lampejo dos ultimos fogos de artificio e uma nota das ultimas marcas de baile, vâmos hôje despertar-lhes a atenção para obra mais meritória e mais frutificadôra, baseada no trabalho e que do trabalho sairá triunfante ou malograda.

Não é com paliativos que se conquista melhoramentos, não é com palavras suasórias que se implanta ideias utilizaveis a um pôvo trabalhadôr e progressivo que, não antevendo um futuro luminôso, não póde nem deve estacionar no mêsmo terrêno onde limita a sua actividade; é com obras, é com iniciativas fortes e eficazes que tudo se consegue e que tudo se alcança sem dificuldades insuperaveis. Tôdos por um e um por tôdos — é esta uma democrática divisa que os povos modernos têm perfilhado cômo significação sintética das suas legitimas e justificadas ambições. Tôdos a favôr duma ideia nobre, e um por cada vêz a agregar-se a muitas energias. O resultado é sempre belo, quando não é completo.

Por isso é que, levantada aqui a ideia da criação duma estação telégrafo-postal com séde em Arazêde, vai hôje o *Devêr* iniciar os trabalhos de formação dessa ideia, dando-lhe côrpo e vitalidade por meio de assinaturas que começa de angariar dentro da área da freguezia, e que depois serão juntas a uma representação que ha de ser entregue ao snr. ministro do Fomento.

Cada um, compreendendo o valôr da nossa iniciativa pelos artigos que nêste sentido aqui têm sido publicados e onde se têm expendido razões de sobejo que fortificam a nossa ideia, não tem mais que escrever o seu nôme na fôlha de papel que lhe apresentar a comissão encarregada, colaborando assim muito simplesmente, mas muito eficazmente, para a realização do nosso desiderato. E assim se define duma maneira prática a fórmula—*tôdos por um e um por tôdos*.

* * *

Nós vamos agora repetir por outras palavras as vantagens duma estação telégrafo-postal aqui, porque os leitôres do *Devêr*, especialmente os de Arazêde que têm os seus interesses ligados a esta fréguezia, já se acham devidamente edificados ácêrca das vantagens de caráter moral e material que de tal medida hão-de fatalmente sobrevir. Basta que lhes digamos que duas corporações administrativas do concêlho—a camara municipal e a junta de paróquia—estão dispostas a auxiliar-nos, informando colectivamente perante as estações superiôres sôbre a necessidade do melhoramento que reclamamos. Isto lisongeia-nos bastante, porque vêmos que existe quem reconheça o objectivo das nossas reclamações, que não têm outro fundamento que não seja o de elevar o nível moral e material desta bela povoação.

Vamos hôje lançar a semente de mais esta obra, visto que já têmos a semente duma em germinação, e quer-nos parecer que com o concurso de **todos**, alguma coisa se conseguirá de util e de benefico para esta fréguezia, pouco habituada a obras de construção e de progresso que a dignifiquem e a imponham á consideração geral.

Ergue-se uma iniciativa. E' justa? é nobre? é valorosa? Auxiliem-na todos aquêles que têm uma scentelha de razão e um rebate de consciencia; todos aquêles que amam a evolução, o progresso e o bem-estar colectivo; todos aquêles que se querem elevar, elevando a sua terra natal, melhorando o seu meio, ilustrando a sua pátria.

E assim a iniciativa, partindo dum só individuo, dum grupo ou duma colectividade, será mais forte, mais eficaz, mais indestrutivel.

E' isto que esperamos do pôvo de Arazêde com a obra de utilidade local, cujos trabalhos hôje iniciâmos.

Coisas simples

Influência das leituras

Ha individualmente no mundo intelectual e moral uma tendência como que ináta para se atingir um aperfeiçoamento progressivo que se reflectirá na sociedade. Exceptuêmos apenas ráros cásos de misantropia como em Rousseau, apesar de que, nêste filósofo, não obstante querer ruir as bases da educação do seu tempo e formar o caráter unicamente em contáto com a natureza, havia uma sêde de aperfeiçoamento social. E' certo, porém, que o seu método educativo em vez de cidadãos faria selvagens.

Ora, para alimento de essa tendência natural, nada melhor do que a leitura porque ela faz em nós mesmos viver em cada página um mundo.

A leitura desenvolve gradualmente as faculdades intelectuais ao mesmo tempo que enriquece o cérebro de conhecimentos que o estudo em qualquer curso nos não patenteou. Por outro lado as horas passadas na leitura fazem-nos viver em deliciosa cálma e esquecer por um pouco o conjunto de queixumes e dôres que enxamêam desde o berço até ao túmulo o sêr humano. «Assim como á fôrça de tratar com pessoas honestas e de educação se adquirem insensivelmente seus habitos e costumes, tambem á fôrça de lêr os bons livros se aprende a doutrina que eles ensinam».

Mas a leitura exêrce um poder sugestivo no individuo o que é um ponto importante. Lêr e muito, é bom; mas lêr sem se saber o qne se lê ou lêr o que se não deva, é peor do que mal, é péssimo. E' como a instrução que sem o acompanhamento de educação moral social (laica) ou religiosa dá maus frutos.

Num pais de analfabetismo como o nosso serão poucos os leitores e muito menos as leitoras. E nestas é que a sugestão é mais viva. Assim, depois do romantismo puro, os gostos femininos obliteráram-se para acolhêrem leituras exóticas e de fancaria; livros de mesquinha literatura, prênhes de lances e enrêdos, cheios de incitamentos passionáis, mas vazios de sentido e expressão, sem alevantamento de frase, sem um pensamento mais grandioso que encubra as pústulas sociais.

Hoje, uma obra literária digna de este nôme, cujas bases sejam um tema de historia, onde o enrêdo seja um incitamento a melhorar e corrigir os defeitos da sociedade, onde a par de pensamentos sãos esteja uma linguágem vernácula, não se leem: são sensaborões. De contrario cômpram-se e devóram-se sôfregamente páginas sofisticas onde entre filetes de matiz e oiro ha o dardo da imoralidade. E por isso tantos e tantos crimes femininos aparecem por influência da leitura. Um caso ainda pouco longinquo dado no Porto próva esta asserção.

A degenerência das raças e a nossa descendência de latinos e árabes, fizeram de nós uns sonhadores e não uns pensadores e como a mulher é em regra de compleição inferior ao homem, mais dêve trabalhar para sobrepôr ao marásmo fisico um caráter firme temperando as suas aspirações, modificando os seus desejos, regulando as suas paixões.

Eu não pretendo na mulher uma educação máscula, ou um espirito septico; advógo-lhe o sentimentalismo puro que sirva de aurêola a um raciocinio são, ao passo que me revolto contra o tipo da «menina-romantica» franzina de côrpo e ideias que passa o tempo—esse tempo precioso!—a ler novélas e idear tolices no seu cérebro de aracnideo e vai dizer á visinha que «anda a lêr os Amores de Luiz xé e vê» (Luiz XV)!...

Embora a natureza nos désse uma constituição fisica mórbida, devemos esforçar-nos por nos fazêrmos fórtes de espirito, conscias dos nossos deveres e na sociedade tomar o logar que nos compete prestando-lhe o concurso que lhe devemos.

Agosto de 1912.

AUREA JUDIT AMARAL.

Um bôdo na Mealhada

São contemplados 5 pobres do "Devêr"

O snr. Augusto Brandão, querendo hôje comemorar a abertura da sua nova loja na Mealhada, distribue na séde dêste concêlho um bôdo aos pobres, distinguindo nêsse sentimento altruista 5 pobres do nosso jornal, que hôje devem sêr contemplados igualmente nesta redacção, pelas 16 horas.

O snr. Brandão, na impossibilidade dos pobres mais necessitados, escolhidos por nós, irem á Mealhada, acedeu á nossa proposta, enviando á nossa consignação os artigos e a importancia que constituem o bôdo hôje a distribuir. E', pois, para com aquêle cavalheiro que os pobres do *Devêr* têm a congratular-se, o qual se serviu de nós cômo intérpretes dos seus sentimentos humanitários.

«O DEVER» é um dos jornais da provincia que insere mais variedade de assuntos. Artigos politicos e sociais.

Defêza de todas as classes produtôras. Assinatura barata.

Partido médico de Arazêde

Sabêmos que o snr. dr. Alfrêdo Soares Couceiro oficiou o mês passado á câmara de Montemór, a propósito do partido a criar em Arazêde, e reprovando a intenção da câmara em criar aqui um partido médico para utilidade desta fréguezia.

Esperávamos já êste procedimento do snr. dr. Couceiro, porque adivinhávamos nêle um egoismo inqualificável; mas fique certo de que a sua oposição não triunfará.

Quando aqui levantámos a ideia da criação dum partido médico, logo a comissão administrativa se colocou ao nosso lado, aplaudindo o nosso alvitre. Por isso, não será ela agora que abdicará das suas bôas intenções pára servir os reservados intuitos do snr. dr. Couceiro. Não o fará, podêmos afirmá-lo, porque ela nêste ponto tem tido o brio necessário pára se empenhar deveras pela execução rapida da nossa ideia; e assim, de nada valerá ao clinico da Carapinheira os argumentos com que pretenda destruir os nossos propósitos e os da câmara de Montemór.

Se fôr preciso, voltarêmos ao assunto, e então, colherêmos a cópia do oficio que o snr. dr. Couceiro enviou á câmara, para lhe fazêrmos devidamente a nossa análise.

CARTA DE LISBOA

22 d'Agosto.

Realisou-se no dia 17 do corrente, no bufete da estação de Santa Apolonia, o jantar dos ferro-viarios a que me referi no anterior n.° deste jornal.

Os empregados da companhia portuguêsa, que ali reuniram em numero de 60, provaram mais uma vez o seu alevantado patriotismo, pois que a festa teve em vista comemorar os heroicos feitos da fronteira por ocasião das ultimas incursões couceiristas.

A festa decorreu animadamente, trocando-se varios brindes em que se destacaram, ao *toast*, os snrs. Anselmo Cunha, Antonio Vasques, Sergio Principe, Antonio Brandão, José Neves da Fonseca e o iniciador da festa cujo nome nos não ocorre.

Todos os oradores exaltaram com entusiasmo e visivel alegria a bravura das nossas tropas e a intransigencia do nosso pôvo.

Por fim foi enviado ao snr. Presidente da Republica um telegrama de saudação.

Faleceu no dia 19 do corrente, em Abrantes, o Chefe desta estação, Joaquim Cacho, ferro-viario muito distinto.

Cacho, que era considerado por todos os seus superiores e amigos, a todos os ferro-viarios deixa saudosas recordações, bem como ao elemento republicano. Pugnou sempre pela republica, a quem dedicou toda a sua atividade.

Era tio do nosso correligionario, Joaquim Cacho, chefe dum grupo revolucionario e atual presidente do grupo *pró-patria*, e afilhado do grande patriota, general Dantas Baracho.

Sentidos pezames á familia do nosso desditoso ex-camarada. O seu cadáver, chegou hontem a Lisboa Rocio no comboio 102, sendo em seguida colocado em jazigo de familia.

Na madrugada de 18 do corrente foi encontrado junto da linha ascendente, proximo da estação de Alcantara Mór, o cadaver de João Luiz Rodrigues, de 25 anos, morador na rua do Castro, 58, 2.°, aAlcantara, que se supõe tenha sido colhido por qualquer comboio quando atravessava as linhas.

Depois de comparecerem as autoridades, e levantado o respetivo auto, foi o cadaver removido para a *Morgue*.

No *Mundo* de 20 do corrente, li que ainda se conserva no cimo da escadaria do Hotel do Bussaco, a figura do ex-monarca D. Manoel.

Quando em maio passado fui ao Bussaco, notei realmente que, para vergonha dos portuguêses, ainda se conservava na escadaria a figura do rei cobardola. Estranhei o facto, fazendo os meus comentarios e perguntando a alguem que me acompanhava a causa de tão grande disparate, foi-me respondido que ia ser inutilisada. Vejo, porém, com estranheza que tal ainda não aconteceu. O snr. administrador da Mata de Luzo para dar provas do seu patriotismo, deve mandar sem demora remover tão provocadora figura. Outro assunto nos ocorre ainda e que sem demora urje ser resolvido.

Refiro-me ao facto aliás ultrajante de numa dependencia do Hotel existir ainda uma lápide com a corôa da monarquia. Esta lápide existe, segundo me informam, na celebre casa do *Cão*, assim alcunhada um dia pelo não menos celebre *Arreda*, quando perguntava pelo rei.

— Onde está o rei? — na casa do *Cão*, lhe responderam.

O *Arreda* admirou-se a principio, mas depois viu que o caso tinha explicação no facto de, no *chalet* junto da capela, existir entreposto na parede um *Cão* de pedra, por sinal, dum valor artistico extraordinario. O mais engraçado é que, passado algum tempo, o *Cão* de pedra foi de lá retirado e em seu logar colocada a lápide com as armas da nação e respectiva *coróa rial*.

Na semana passada, um violento incendio destruiu por completo a casa duma pobre viuva, criatura de 70 anos didade, que ficou dêste modo na mais triste das miserias, bem como uma filha.

Esta pobre gente, que já tinha recolhido o seu centeio e mais alguns generos alimenticios, e que tinha 50$000 réis em notas arrecadadas numa caixa, ficou sem nada. Tudo foi devorado pelas chamas. A importancia em dinheiro havia-lhe sido dias antes enviada do Brazil por um neto que lá anda, o que aumentou o desgosto. Um filho da pobre velha, que é guarda-freio da Companhia Portuguêsa, de nome Elias Cabral, casado e com tres filhos, teve um gesto nobre que muito o honra, pois que assim que recebeu a triste noticia mandou á pobre mãe alguns objectos de vestuário e outras coisas para a socorrer nas primeiras necessidades.

O tragico acontecimento deu-se na freguezia do Baraçal, concelho de Celorico da Beira. *A. F. A.*

No próximo número

O «Devêr» publicará um brilhante artigo de fundo, do ilustre escritôr e abalisado professôr do Colégio Moderno, de Coimbra, snr. Humberto Araújo, que tem por titulo:

Na agonia.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XXIV

O Sindicato dos Professôres Primários e os trabalhos manuais—A questão dos bilhêtes de identidade —Urge que esta medida se imponha para o progresso do professorado e da sociedade portuguêsa—E' preciso que o govêrno concêda 50 ou 75 °/₀ de abatimento nos bilhêtes dos caminhos de ferro, afim de o professorado circular em todas as linhas do país

Funciona atualmente no Porto, como é geralmente sabido, um curso prático de trabalhos manuais educativos para professôres, da iniciativa do Sindicato dos Professôres Primários de Portugal, que assim mostrou compreender bem o seu papel no atual momento histórico. Efectivamente, agora mais do que nunca, o professôr primário precisa de se impôr pela sua competencia, por conhecimentos tam rasgados quanto possivel das modernas questões pedagógicas—no meio das quais têm os trabalhos manuais escolares um logar preponderante e inconfundivel.

Mas não foi para discorrer sôbre a importancia de tal disciplina, quasi completamente nova entre nós, que começámos a escrever este artigo...—E' que o Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro do Estado e as Companhias dos Caminhos de Ferro de Guimarães, Porto á Povoa e Famalicão e a do Vale do Vouga concedêram redução nos bilhetes dos professôres que ao curso fôram assistir, o primeiro de 75 por cento e as ultimas de 50 por cento—e isto impressionou-nos ótimamente. Impressionou-nos ótimamente e sugeriu-nos a ideia de voltarmos a tratar da velha questão dos *bilhetes de identidade*—questão velha mas sempre palpitante, visto que os governos da República, seguindo o exemplo dos da monarquia, nenhuma atenção até agora lhe têm dispensado.

A bôlsa do mestre-escola, sempre vasia, porque o ordenado com que o Estado pretende pagar-lhe o seu estenuante trabalho quotidiano nem para se alimentar convenientemente chega, não permite que êle faça a mais pequena viagem. E cremos que ninguem ousará contestar que são as viagens o melhor meio de adquirir conhecimentos, que ao professôr, mais do que a qualquer outro funcionario, tam precisos são. Se lhe fôsse concedida passagem gratuita em tôdas as linhas ferreas do país, ver-se-iam amiudadas reuniões, onde as questões de ensino seriam tratadas pelos mais competentes e conhecedôres, que desta fórma transmitiriam aos restantes as noções que o estudo e a experiencia lhes houvéssem fornecido. Cursos de férias, similhantes ao que agora funciona na capital do norte, seriam então de relativamente fácil realisação.

Mas, por agora, nós não pedimos tanto. Pedimos unicamente uma redução geral de 75 ou ao menos de 50 por cento aos portadôres dos bilhetes de identidade, que quanto antes o Estado déve fornecer a tôdos os membros do magistério primario. Esta medida, como noutra ocasião já frisámos neste mesmo logar, nenhum desequilibrio produsirá nas receitas do Estado ou das Companhias—visto que o numero dos professôres viajantes, hôje redusidissimo, aumentará consideravelmente logo que lhes sejam barateadas as passagens Sôbre êste ponto não póde haver duvidas. O professôr primário tem mostrado iniludivelmente, nos ultimos tempos, que tem vontade, muita vontade, de se instruir, de se aperfeiçoar. Facilitem-lhe os meios de o conseguir—e verão como ele para tal aproveitará tôdas as ocasiões que se lhe depárem. Tornem as passagens em caminho de ferro acessiveis á sua bôlsa modesta—e verão como ele se aproveitará dessa justa concessão não só em proveito próprio, que o mesmo é que dizer da sociedade, mas até dos proprietarios das linhas.

Venham, pois, quanto antes, os bilhetes de identidade e a redução de 75 ou ao menos de 50 por cento nos bilhetes que os professôres primarios adquiram para viajar em qualquer dos caminhos de ferro de Portugal.

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

D. AUREA AMARAL

Acha-se veraneando em Espinho, esta nossa distinta cronista, que tão brilhantemente tem vindo colaborando nas colunas do *Devêr*, com plêno agrado dos nossos leitôres.

Desejamos-lhe umas férias felizes.

Internato académico

Mais um colegio se fundou em Coimbra, mas sob moldes completamente novos, obedecendo a processos dos mais modernisados, orientado por professores superiormente experientes. O *Internato academico*, tem por fim ministrar uma educação sã, guiando os seus alunos no estudo que poderá ser feito no mesmo ou no liceu, e é esta ultima carateristica que o distancia de todas as outras casas de ensino. E' indubitavelmente uma iniciativa sobremaneira util para os pais que desejam ter a absoluta segurança no aproveitamento dos seus filhos que frequentem o liceu de Coimbra, pois além de não sairem do Internato sem as lições explicadas convenientemente, serão durante o seu estadio fóra do colegio, acompanhados por professores, até áquele estabelecimento. Todos os meses as respetivas familias receberão um boletim com o aproveitamento e progressos escolares, podendo ser visitados os alunos, todas as vezes que os encarregados da sua educação o entendam, afim de de perto verificarem como são tratados. As mensalidades são diminutas, relativamente ás que os outros colegios costumam levar. A situação da casa é explendida e foi propositadamente construida para este efeito. São seus diretores os snrs. dr. Hermano de Carvalho, professor ilustre, culto e respeitado do Liceu de Coimbra e um dos nossos mais autorisados ornamentos do magisterio, Ivo Xavier Fernandes e Jorge de Barros Capinha egualmente professores largamente experimentados, talentosos e conhecedores, além de jornalistas muito apreciados. Este colegio será sem duvida, em breve, um dos primeiros do país, pois nenhum oferece mais vantagens aos pais que desejem aos seus filhos uma educação moldada nos mais adiantados processos da pedagogia moderna e querem ter absoluta segurança no aproveitamento dos que frequentem o liceu ou outra qualquer escola. Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Rua Castro Matoso, A — Coimbra.

ENTRE NÓS

Vimos aqui no domingo passado o nosso estimado assinante, snr. dr. Seiça e Castro, acompanhado do sr. Neves, de Cadima.

Ferro-viarios de Portugal

Associações de classe

Todas as vezes que me apresentam os recibos para eu satisfazer as importancias mensais com que subscrevi para as diferentes associações de classe, me lembra da inutilidade do dinheiro que assim dispendo, nestes dias de vida cara que vamos atravessando.

Não é porque eu não goste de associações, que eu reconheço-lhes valor, utilidade pratica e colectiva. Mas simplesmente porque sei que isto de associações, cá na minha classe, é coisa que muito deixa a desejar.

De tantas associações que existem, a primeira está para ser apontada como tendo beneficiado os seus agremiados ou a eles prestado o seu concurso aliáz natural e logico.

Ha associações demais? Ha, porque todas não valem uma só.

Nós desejariamos que se fundissem, que conjugassem os seus esforços no mutuo auxilio que tanto seria para louvar e de que tanto havia a esperar.

Mas não. Cada uma está puxando para seu lado, envejando-se e odiando-se até, com manifesto prejuizo para todos, para mim que pago, nos fins de mezes, as minhas mensalidades, maldizendo o dispendio e julgando-o inutil, nêstes tempos de vida cara que vamos atravessando e em que todas as economias são poucas para que a viola da vida ande sempre afinadinha.

As associações são sempre precisas, mas hão-de os seus dirigentes ser homens com competencia e os seus associados criteriosos e compreendedores dos seus direitos e dos seus deveres, para que uns e outros saibam bem o papel social que teem que desempenhar para o bem comum. Senão... não.

BELMIRO.

VIZITA

Vizitou-nos nesta redacção o nosso correspondente da Figueira da Foz, *Apolon*, o que muito agradecêmos.

Do Brazil

Uma situação que se aclara

Os acontecimentos do Brazil que o «Devêr» relatou são uma perfeita «blague» inventada por meia dúzia de obcecados.—Uma carta do «outro mundo».

Acaba de nos chegar de *além-tumulo* uma carta do José Justo, a dizêr que está vivo e bem vivo. Pâra os mais incrédulos sôbre êste caso já lendário e funambulêsco, aqui reproduzimos a carta que êle nos escreve, alterando apênas a parte ortográfica:

S. Paulo, 6 de Agôsto de 1912.

Snr. Redactôr do «Devêr»:

Tomo a liberdade de me dirigir a V. S.ª pâra que desdiga a noticia da minha morte. E' certo que são brincadeiras que podiam dar mau resultado. Assim como é mentira, se fôsse verdade, a maior paixão que tinha era o não sêr sepultado nessa campa que está nêsse cemitério, junto de minha extremosa Mãi.

Espero que desdiga essa noticia, porque nem houve briga alguma. Foi tudo mentira o que para aí mandaram dizêr. E só de gente que gosta do mau estar dessas familias que para aqui têm suas familias. Por hoje termino e desculpe o incómodo.

Subscrévo-me assinante do «Devêr».

José Monteiro Justo.

Aclara-se assim uma situação que ainda para muitos estava indefinida, e que fôi criada por meia dúzia de meliantes sem consciencia, que com tudo se divertem, ainda mesmo a fantasiar mortes e a improvisar agressões.

Cavalo marinho é do que êles precisavam...

EXAME FINAL

A snr.ª D. Anunciação Maria das Neves, obteve, no seu exame final para o magisterio primario, a classificação de 20 valores, *distinta*. Temos satisfação em dar esta noticia aos nossos leitores.

O ensino em Portugal

Uma bela lição pâra os govêrnos

Em viagem — Um pádeiro que aprecia conscienciosamente a nossa instrução — Nós e a América do Norte

Numa das nossas viagens feitas há poucos dias em caminho de ferro, em carruagem de 3.ª classe, passou-se um facto bem significativo e muito sintomático pâra nós, portuguêses, que nos prezâmos de sêr um pôvo civilizado, sem todavia contarmos com a base primordial dessa civilização.

No compartimento vizinho do nosso ia a um canto um grupo de individuos, um dos quais, orçando por 40 anos e trajando fato cinzento e boné á *jockei*, falava com simplicidade mas com acêrto. Apurando o ouvido, percebêmos que o individuo discorria sôbre coisas de instrução, referindo-se ao nosso país e á América.

— Entre nós, dizia êle, não há um ensino prático nem um ensino obrigatório. Existem muitas leis que se fazem pâra se não cumprirem, cômo se tôdos os portuguêses estivessem suficientemente educados pâra dispensarem essas leis. Em Portugal, as crianças das escolas primárias dão as faltas que querem, deixam de aparecêr nas escolas, e não há quem as obrigue a cumprir êsse devêr sagrado, aplicando multas aos pais se êles não compreendérem o valôr da instrução. O resultado é havêr para ai analfabetos que nos envergonham aos olhos das outras nações, por culpa dos govêrnos, que não impõem medidas obrigatórias, e por culpa dos pais, que não compreendem que o melhor património que podem legar a seus filhos é a instrução. E' uma vergonha. O nosso pôvo está a sêr explorado por muitos individuos, cômo, por exemplo, êsses da fazenda, que nos documentos de compras e vendas, titulos, etc., podem comêr uns vintens a mais ao pobre lavradôr que não sabe lêr nem escrevêr.

— Tem razão, o senhôr diz bem — dizia um dos interlocutôres.—E olhe que *isto* há de custar a entrar nos eixos.

— Ah, isso ha de. Mas a culpa é dos govêrnos, que não imitam as autoridades da América, onde há o maior rigor em questões de instrução. Na América, se um aluno dá duas faltas seguidas, o directôr previne o fiscal da escola, que parte logo a casa da familia dêsse aluno dando-lhe conta das faltas que êle deu. A familia, ou dá providencias, ou sujeita-se a sêr multada. Na America trabalha-se, na América cuida-se da instrução a valêr, cuida-se de escolas primárias, vigia-se pela educação do pôvo. Portugal não tem tanto dinheiro cômo a América; mas deve cá havêr homens qué disponham de bôa vontade, e que, dentro dos limites do tesouro, possam interessar-se melhor pela instrução do pôvo do que o têm feito até agora. Imponham o ensino obrigatorio nas escolas que se encontrem em condições favoraveis para o recebêr, e assim se dará valôr á instrução e se respeitará mais o professôr primário. O professôr não é um homem qualquer que tenha uma instrução elementar; é um homem que tem um curso completo e por isso mêsmo um homem de respeito.

— Estou gostando de o ouvir, diz-lhe o mesmo interlocutôr, e confirmo a minha opinião: isto há-de custar a entrar nos eixos.

Tinhamos chegado a Coimbra B. O nosso propagandista de instrução ficara só, porque o seu interlocutôr havia-se apeado naquela estação. Apeámo-nos tambem. Antes, porém, atrevêmo-nos a preguntar ao já nosso familiar educadôr em que se ocupava; e a resposta foi esta:

— Tenho uma fábrica de padaria.

E aqui está cômo um simples industrial, um padeiro, um espirito pratico e cultivado, apesar de tudo, deu ali mêsmo em viagem uma bela lição de educação moral e cívica, bem aplicavel aos nossos govêrnos que até hôje têm descurado duma forma lamentavel o problêma magno da instrução.

Tem razão o padeiro, o humilde industrial: E' condenável que os govêrnos portuguêses contribuam para a epidemia do analfabetismo em Portugal. E' condenavel e... ridiculo.

BATISADOS

Realisou-se no dia 15 em Coimbra o batisado dum filhinho do nosso estimado assinante, snr. Augusto Ferreira d'Andrade, que recebeu o nôme de José. Fôram padrinhos o snr. Albino de Noronha e a irmã do neófito, D. Maria Luzitana Ferreira d'Andrade.

— Tambem aquí se realisou ha dias o batisado duma filhinha do nosso amigo Paulo Marques da Costa, que têve o nôme de Conceição. Serviram de padrinhos o nosso amigo Joaquim Côca Junior e a filha do nosso amigo Antonio da Silva Barrêto.

— Realisou-se no dia 15 do corrente o batisado dum filhinho do nosso presado assinante, snr. Pais de Souza, zelôso chefe de Cerdeira.

Fôram padrinhos os snrs. José das Neves e Maria Barbara, avós maternos do neófito, que recebeu o nome de Joaquim.

Parabens.

Expediente

Prevenimos os nossos assinantes de que vamos mandar para o correio a cobrança do 2.º trimestre, pedindo a tôdos que satisfaçam as importancias dos recibos, logo que êstes lhes sejam aprezentados, afim de nos evitarem maiores despêsas.

Festa de Arazêde

Por lapso, não aludimos á festa aqui realisada nos dias 14, 15 e 16 do corrente, que não teve a animação dos anos anteriôres. Os dias melhores fôram os de 14 e 15, em que tiveram logar o fôgo d'artificio e a procissão do costume. O dia 26 decorreu mais sorumbaticamente e com pouca concorrencia, não passando do *arraial* com fogaças e musica. Não houve corridas, como se esperava, nem tão pouco se confirmou o boato da tourada.

Poetas e Prosadôres

Desengâno

A' MINHA...

Qual rosa amêna a balouçar na háste,
A' vã mercê duma nortáda agréste,
Eu vi-te um dia, ó meiga hourí celéste,
O' linda joia de custôso engáste!

Do rendilhado varandim fitáste
O maltrapilho de andrajosa veste,
E, num olhar encantadôr, trouxeste
Ao meu peito condão e me encantáste!

De pobre lutadôr funéreo, triste,
Julguei-me um lutadôr de lança em riste,
A disputar laureis custe o que custe...

Casei-me. Oh! decéção!... gôste ou não gôste,
Surgiu-me um fardo atrós para que arróste
Com êle a vida inteira. Horrendo embuste!

Pôrto. Agôsto de 1912.

Gômes Monteiro.

CHOQUE

Na estrada de Montemór, no sítio da Volta da Estrada, na Carapinheira, deu-se ha dias um choque dum automóvel com um carro de bois, carregado de madeira, ficando os dois veículos muito danificados. Em seguida, o carreiro prendeu a curta distancia as vacas a uma arvore, e foi pedir um carro para transportar a madeira. Quando voltou, encontrou uma das vacas com um chifre partido, pelo que teve de pedir outra vaca.

Todos estes desastres ocorrêram, em consequencia da velocidade impetuosa que costumam ter os automoveis, que parece não prevêrem qualquer funesta eventualidade.

Jornalismo

Suspendeu a sua publicação em Pereira o nosso colega a *União*, que terá cômo sucessôr *A Rajada*, tambem filiado no partido democrático, e que, segundo os seus proprietários, sairá dentro em pouco tempo.

Aguardâmos o nôvo colega.

CRÓNICA DO PORTO

A naturêsa ri...

A máquina do comboio, esteiriçando-se em tôda a sua fórte musculatura de aço, dá-nos a ideia dum corpulento Tio Sam, pachorrentamente fumando o seu cachimbo. A multidão aglomera-se em frente á estação, na ancia de vêr os prêsos conspiradôres, que uma fôrça conduz ás pênas do degrêdo.

A máquina resfolega e os *wagons* vomitam a sua ração de condenádos...

E é vê-los tristes e macilentos, dignos de compaixão, porque afinal de contas, os criminosos são sempre uns desgraçados! E o pôvo ulula o seu justiceiro rancôr, emquanto a fôrça rompe a custo, por entre uma barreira viva, irrequiéta, que, a tôdo o transe, evóca a lei do linche para os infelizes que a inexoravel Lei puniu, aniquilou...

Ao largo, no alto da Serra do Pilar, que sobranceira domina a muito Invicta, os foguêtes estralejam retumbantes, anunciando a festividade á Virgem dos catolicos. Os sinos repicam festivos os seus hinos, numa voz garrida e folgasã. No vistôso arraial, á sombra dos robles seculares, abrem-se os saborósos melões apimentados e as melancias entreabrem as suas entranhas côr de sangue.

Nas praias da Foz e Matosinhos, os banhistas rebolam-se na areia, após um salto á dama ou az de espadas, a despeito da Lei que tal proíbe.

As ondas elevam-se bramindo, mostrando as fraldas vaporosas de preciosas rendas espumantes, convidando assim as dengósas Fifis a seguirem-lhes o exemplo vivâz, afrodisiaco.

E, as loucas, armando em meninas histéricas e cloróticas, continuam fingindo a castidade, pâra, na paz das alcôvas socegadas, devorarem romances de Galis.

E tudo isto passa, lentamente, quer nas praias, quer nas romarias. Tudo gosa, tudo se diverte!

A propria naturêsa ri...

Tudo se deleita nos graciósos sorrisos duma ventura, que, por momentos, nos faz esquecêr horas crueis.

Tudo ri, tudo se divérte, a não sêr os pobres encarcerádos, os cativos oprimidos e indefêsos. E, senão, é vê-los tristes e macilentos, porque, afinal de contas, os criminósos são sempre uns desgraçados!...

***

E' noite.

Aqui e além, os Manfrêdos imbecís tomam os decantádos *gargarêjos* sob os poéticos balcões das Dulcineias. Os burguêses, saboreando um *Tonga* colossal, espreitam as ingénuas criadinhas, num assômo de sátiros libidinosos.

E, através esta infinidade de coisas sem sabôr, um rugido de sêdas flamantes, um tilintar de joias luzentes e custosas se distinguem bem perto, muito perto.

E' sua majestade a Moda que perpassa, garrida, triunfante no seu cortejo de saias travadinhas e formidaveis chapeus á Pompadour.

Abrir álas! Abrir álas! grita a bôa higiéne que téme um envenenamento nos esquisitos *patchoulis* de sua majestade.

Entretanto, a Móda vai passando, passando, emquanto nós, resignados, esperâmos que as tesouras parisienses nos venham rasgar as pobres calças, e nos obriguem a andar tal qualmente o felisardo Adão no Paraiso.

Efeitos da Moda...

E, todavia, a Moda vai passando feliz e sorridente, emquanto, nas prisões os pobres condenados são dignos de compaixão, porque, afinal de contas, os criminosos são sempre uns desgraçados!...

Porto, 19 de Agôsto.

GOMES MONTEIRO.

EXAMES

Fizeram exame do 2.º grau os meninos Aires Serrão Coêlho de Sampaio e Eurico d'Almeida Machado, obtendo o primeiro a classificação de *distinto*. Fôram habilitados pelo nosso presado amigo e assinante, snr. José d'Almeida Machado, de Tentúgal.

Felicitamos o professor e alunos.

=== Fês exame do 1.º e 2.º gráu de instrução primária, obtendo a classificação de distinto, o menino Alvaro Fernandes, de Cerdeira.

Parabens.

Um postal

A propósito do artigo *Livre-pensamento*, publicado aqui ha dias pelo nosso camarada Almeida Junior, foi recebido nesta redacção o seguinte postal, dirigido de Marco de Canavêses áquêle nosso colega:

Ex.mo Snr.

Li no Devêr *de 11 de agôsto corrente um sensato artigo subordinado ao titulo de* Livre-pensamento. *Chamo-lhe sensato, porquanto em quasi tôdas as suas linhas transparece o espírito de tolerancia e até respeito das ideias ou opiniões alheias, e é nisso que V. faz consistir essencialmente o livre-pensamento. E tal afirmação, embora não exprima a verdade integral de qual déva sêr a atitude do homem moderno no embate de ideias, de sentimentos e factos, que sintetisam tôda a civilização contemporânea, é contudo pára louvar, porquanto é* avis rara *no campo do chamado livre-pensamento português, vergonha do livre-pensamento mundial. Ha, porém, trez afirmações que carecem de justificação.*

a) *a morte proxima da Igreja;*

b) *os estratagémas de intolerancia de que éla usa e de que o livre-pensamento não deve utilisar-se;*

c) *o livre-pensadôr não póde concebêr a existencia dum Deus reguladôr das nossas almas...*

Visto, cómo na opinião de V., o livre-pensamento está no respeito das opiniões alheias e na sua discussão—«o livre-pensadôr de sorriso nos lábios, esquecendo o insulto, o ódio, responderá argumentando como sabe argumentar»—eu tomo a liberdade de rogar a V. que, no intuito de me convencêr, me mostre: 1) os sinais de morte da Igreja no sec. XX; 2) as suas provas de intolerancia na apostolosição da crença; 3) as provas que demonstram a não existencia do Ente suprêmo.

«E' assim que tambem eu concébo que a semente de ideias deve ser lançada ao imenso campo humano para frutificar». Assim vingaria V. convencêr-me ou chamar-se á discussão léal que tornaria interessante o seu jornal.

De V. etc.,

José Maria Pinto Monteiro.

Por absoluta falta de espaço, é impossivel hoje ao nosso camarada respondêr ao postal que aí fica, o que fará no proximo numero.

Aniversário

Faz 12 anos no dia 28 do corrente, o menino Joaquim, irmão do nosso estimado assinante da Pampilhosa, Alexandre Duarte.

Parabens.

Comissão Administrativa de Montemór-o-Velho

Extráto da Sessão de 3 de Agosto de 1912

Melhoramentos locais—Voto de louvôr

Lida e aprovada a acta da sessão anteriôr, o vice-presidente, snr. Augusto Ferreira de Andrade, pede a palavra, dizendo que seria uma grande falta de patriotismo e gratidão o passar em silencio um facto de acentuado beneficio pâra o concêlho, em especial, e para com tôdos os outros que com êle mantêm relações comerciais e doutra espécie, em geral, sendo ainda de grande alcance social pelo estreitamento de relações dêsses com outros. Quer referir-se á mudança da ponte de ferro que fôi há anos construida sôbre o Mondêgo em local impróprio, e que agora vai sêr mudada pâra o local do Casal Nôvo do Rio, onde entroncará com o ramal, que conduz diretamente á linha férrea de Alfarelos-Figueira. A mudança foi contratada com a companhia Industrial Portuguêsa e já se acha assinado o respectivo contráto, devendo, portanto, em breve dar-se principio aos trabalhos.

Este grande melhoramento—continúa o snr. Andrade—bem cômo vários outros, entre os quais avulta a concessão do subsidio de 400$000 réis pâra a conclusão da estrada que de Pereira segue a Figueiró, devem-se incontestavelmente ao atual Ministro do Fomento, perante o qual os amigos do concêlho de Montemór-o-Velho não descançaram um instante para que fôssem conseguidos tão instantes quão necessarios melhoramentos, por sêrem de capital importancia para o concêlho.

Em face, pois, de tais factos entende que nos anais do Municipio fiquem registados os nômes dos cidadãos que mais se têm empenhado pelos interesses concelhios, e que são os snrs. José de Vasconcelos Sousa e Napoles e Albino de Noronha Botêlho de Magalhães, pâra atestarem aos vindouros a sua benemerencia, propondo tambem que ao ex.mo Ministro que referendou os decretos e aos dois referidos cidadãos, que tanto concorrêram pâra os beneficios do concêlho, fôsse exarado um voto de louvôr e de agradecimento que a Comissão, em nôme do concêlho, lhes consagra.

A Comissão, reconhecendo a justiça da proposta, resolveu votá-la por aclamação.

CONSÓRCIO

Realisa-se no dia 28 do corrente o enlace matrimonial do nosso presado assinante, snr. Antonio Botelho de Matos, inteligente revisor da companhia dos caminhos de ferro portuguêses, com a snr.ª D. Lucilia Eugénia de Sá Pinto, de Coimbra.

Antecipadamente os felicitamos, desejando-lhes muitas venturas, pois que ambos delas são dignos pelas primorosidades do seu caracter e da sua fina educação.

NOVA LOJA

E' hoje que se abre ao público a *Nova Loja da Mealhada*, que proporcionará aos seus fréguêses as melhores garantias e que usará do maior critério na satisfação de tôdas as encomendas.

O seu proprietario, snr. Augusto Brandão, que em Lisbôa tem uma bem montada casa comercial, usa da maior seriedade em tôdas as transacções do seu mister.

Vêr anuncio na 3.ª pagina.

CORRESPONDENCIAS

BOM SUCESSO, 20

Com aparatoso esplendor e um brilho retumbante, realisou-se na pretérita quinta-feira a festa á Senhora do Bom Sucesso, com a assistencia de centenares de pessoas, que, possuindo umas as tradicionais e fanáticas crenças nos milagres que a Santa lhes fez, ali veem cheias de fé prostrar-se reverentes aos pés da imagem, evocando-lhe em orações os seus agradecimentos, e retribuir-lhe a oferta prometida em horas de desalento,—com que outros ámanhã recheiam as algibeiras;—e outras veem só para dár alegre expansão aos seus folguêdos, divertindo-se, gozando, etc., etc.

No aprazivel arraial, onde sempre reinaram as notas alegres e expansivas da mocidade, foram arvorados muitos postes e mastros que estavam engalanados com festões de verduras e bandeiras, e fez-se ouvir em dois artisticos pavilhões as apreciadas filarmónicas da Tocha e Sant'Ana, sendo muito ovacionadas pelo desempenho correcto na execução de alguns números de musica que agradaram sobremaneira.

Na vespera foi queimado um vistoso fôgo de artificio confeccionado pelo habil pirotécnico da Tocha, snr. Augusto dos Anjos, cuja fama, de ha muito bastante reputada, mais uma vez confirmou, apresentando trabalhos que foram meramente apreciados pelo seu efeito surpreendente e artistico.

Os nossos emboras ao distinto artista.

=== Depois dum curto rega-bofe onde se comeu e bebeu com voraz apetite, têve logar em nossa casa um alegre baile, onde se exibiram alguns esbeltos pares de raparigas e rapazes da Tocha, sendo a parte musical desempenhada por um harmonioso tercêto.

=== Deram-nos o prazer da sua visita, o que agradecemos, os snrs. João Neves, Alfredo Rodrigues d'Andrade, Julio R. d'Andrade e Julio Abreu; e as snr.as D. Angelica Guimarães d'Andrade, D. Palmira de Oliveira e D. Piedade da Silva Diniz, todos da Tocha.

=== Tambem vimos aqui a assistir aos festejos os nossos amigos snrs. Julio Timoteo, da Tocha; Joaquim R. Cação, José Augusto Tomé e Manoel Maria Palaio, de Sant'Ana; Antonio J. da Costa Maia, revd.º Costa e Silva e Albano Marques Ramos, de Quiaios.

=== Está nas Caldas da Rainha, fazendo uso das aguas das afamadas termas, o abastado commerciante e proprietario de Quiaios, snr. Manoel Custodio Lontro.

Olhavrac.

FIGUEIRA DA FOZ, 21

Realizou-se no domingo a primeira corrida de touros do ano corrente, promovida pela direcção do *Colizeu Figueirense*. A concorrencia foi enorme. Andaram bem Morgado de Covas e o amador Marcelino d'Azevedo, que no 6.º touro caíu desastradamente do cavalo que montava. Da queda resultou a fratura da clavicula esquerda, mas felizmente sem gravidade.

Tambem andaram bem Teodoro, Cadete e Tomé. Foram razoaveis as *pégas*. O gado era explendido. Está anunciada nova tourada para 8 de setembro, com gado do snr. Emilio Infante e cavaleiros os Casimiros.

=== Encontra-se em Buarcos, veraneando, a esposa do venerando presidente da Republica, acompanhada de sua filha e de seu genro, o snr. Henrique de Barros.

=== Sob a direcção do inteligente sargento Barros, subirá á cêna, brevemente, uma brilhante peça militar, que já anda em ensaios, e cujo produto reverterá em beneficio da compra de aeroplanos destinados ao nosso exercito de terra e mar.

=== Realisa-se no proximo domingo, 25, no estuario do Mondego, a grandiosa regata de barcos de remo e de vela, promovida pela Associação Naval 1.º de Maio.

=== Teem agradado os concertos realisados pela banda de infanteria 28. Ainda bem.

=== Em reunião da assembleia geral, foi hontem resolvido no Centro Eleitoral Republicano José Falcão, e por unanimidade, que este Centro aderisse ao partido evolucionista. Estão no seu plêno direito de seguirem, sob o ponto de vista de homens e de principios, o que mais claro e lógico se afigurar ao seu modo de vêr político.

=== A concorrencia de banhistas é extraordinaria, apetecendo ir á praia, de manhã, e passar, á noite, no Bairro Novo, uns bocados de cavaqueira.

Apolon.

Mercado de Cantanhede

Preço dos generos em 20 de Agosto

Milho Branco	580
» Amarelo	560
Trigo Mouro	800
» Tremez	700
» Mourisco	700
Centeio	850
Cevada	420
Aveia	750
Arroz	1$500
Serradela	800
Feijão Môcho	900
» Branco	760
» Amarelo	880
» Rajado	560
» Frade	600
» Carraço	720
» Brazileiro	880
» Canario	760
Ervilha	800
Tremôço	600
Grão de Bico	700
Chicharo	360
Azeite	2$800
Vinho tinto	1$000
» Branco	1$000
Vinagre	400
Geropiga	1$700
Batata	240
Lã	3$400
Trevo	70
Sal	160
Azevem	200
Fava	580

Anuncio

A Comissão Administrativa do Municipio de Montemór-o-Velho, faz publico, que no futuro dia 7 de setembro será arrematado, em praça publica, á porta da Camara Municipal, o aforamento dum terreno baldio no Outeiro do Rio de Verride, requerido por Guilherme dos Santos Pinto, de Verride, sendo a hora da praça as 11 horas, correndo o respetivo processo perante a Camara Municipal, em conformidade com as leis de desamortisação. Para os efeitos legais se faz o presente e as demais fórmas de publicidade.

Montemór-o-Velho e Secretaria da Camara Municipal, 17 de Agôsto de 1912.

O Presidente da Comissão,

Albino de Noronha.

INAUGURAÇAO

DE

NOVA LOJA NA MEALHADA

Hôje, 25 d'Agosto

LARGO DR. COSTA SIMÕES

Augusto Brandão vem participar a abertura da sua noca loja. Esta casa é a ampliação da que em 1861 seu pai Augusto Ferreira Brandão, fundou. As suas honrosas tradições de seriedade, que sempre presidiram ás suas transações, serão mantidas e continuadas na nova casa.

Na sua montagem dedicou-lhe os seus maiores cuidados para ficar com todas as condições modernas. Abre com as seguintes secções:

Fazendas
Mercearia
Tabacos
Transações bancarias
Passagens para Africa e Brazil

Muito especialmente chama a atenção do publico desta região para as boas condições em que são apresentados todos os artigos do seu sortido, *diretamente comprado ás fabricas pela sua*

Casa de Lisboa

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA, MAXIMA DURAÇÃO, MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—Joaquim Coca Junior.

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

MILHARAES ENFEZADOS

— EM —

Terras de rega

Deitando aos **milharaes** em terra de rega o **Nitrato Melhorado** com **Potassa** em **Cobertura,** marca **NMP 104** chega-se a ter colheitas de **milho** produzindo o dobro e ainda mais.

Assim como o homem precisa para viver, legumes, carne, pão, vinho, frutos, etc., as **plantas** precisam de **Azote, Acido Fosforico** e **Potassa,** e tambem de frescura no terreno para resistirem aos calores, concluindo se por isso que faltando uma destas cousas, as plantas morrem ou ficam bastante enfezadas por falta de alimento.

Quazi sempre o aspeto amarelado do **milho,** é devido á deficiente adubação de **Azote e Potassa** quando no terreno ha frescura, ou agua para regar.

Ora, se ao homem derem a beber agua, quando ele precisa de pão, o estomago torna-se debil e daí a doença e o aspeto doentio. E' o mesmo que regar o milharal, tendo ele falta de **Azote e Potassa.**

Dêmos ao homem para viver o vinho, e o pão, mas dêmos tambem ao **milho,** para **muito produzir,** o **Azote e Potassa,** por meio do **Nitrato Melhorado com Potassa,** marca **NMP 104,** na razão de 15 gramas por metro quadrado, aplicado por onde a agua passar quando se rega, mas deve ser quando o **milho** estiver já arrendado, e antes de lançar a bandeira.

Com este magnifico adubo, o **milho** tornar-se-ha rapidamente de uma côr verde, muito escura, dando muitas e grandissimas espigas, com os grãos todos muito cheios, parecendo um completo milagre!!!

Lavradores!... experimentae com um saco de **Nitrato Melhorado com Potassa** no vosso predio de **Milho,** ainda este ano e vereis a felicidade que vos proporciona os adubos da casa **Herold,** marca **Foice e Trevo de 4 Folhas.**

Dirigir por postal ao Agente **Fortunato Vaz,** morador em **Camarneira—Cantanhede,** que rapidamente manda despachar do armazem mais proximo, Lisboa, Porto ou Pampilhosa do Botão, ou entrega nos seus depositos de Oliveira do Bairro, Mogofores ou Cantanhede.

Dão-se esclarecimentos mais detalhados, verbalmente ou por escripto, a quem os desejar.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino — 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.° Arazêde, 1 de Setembro de 1912 N.° 28

O DEVÊR

Director — MANUEL DE MELO Semanário Republicâno Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Pátria e Humanidade

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

NA AGONIA

Impressões sociais contemporâneas

Eis que a descentralisação começa a bater á porta da Europa. As nações começam a esfregar os olhos, despertando do seu sôno de seculos...

O olhar vidente dos filósofos começa a tingir-se das colorações luminosas da esperança, esperança de uma humanidade mais sã, mais liberta e mais pura! Os horisontes rasgam-se, as locomotivas atravessam os penhascos escalavrados das montanhas atroando a atmosfera com o seu grito de aço, despejando faúlhas de fogo como se fossem pedaços dispersos da alma do progresso. Junto de cada fronteira vem poisar a aguia do futuro, absorvendo com as suas azas a sombra misteriosa dos povos... aí onde o homem põe um marco, o futuro estabelece um traço de união universal, uma ponte unindo as barreiras, um laço que unira os mundos; junto dos abismos cavados pela loucura da humanidade, o futuro coloca uma lápide eterna ordenando a marcha implacavel, a morte dos dominios, da autocracia da lei.

Os povos embebedam-se nas suas orgias profundas e o futuro coloca-lhe sobre as mãos o código suprêmo do trabalho e diz lhes: ávante! rasgai essas montanhas, arroteai esses campos sem limites, destruí o que fôr inutil para a virilidade das searas, arrancai, despedaçai os mármores do preconceito e caminhai para a naturêsa, para o seio donde saistes, para o *Eden* onde outróra as primeiras tribus dispersas começaram a semear os germens eternos que haviam de formar o imenso ciclo do mundo

Quem criou essas formas adúlteras e corrompidas da civilisação bárbara onde se afundam tantos povos? Eles mêsmo. Para quê? Para que suicidaram a forma primitiva da Vida, o encanto soberano da terra? Porque ergueram os tenebrosos cadafalsos das suas instituições, porque renegaram a lei natural que lhes tinha dado a origem? Para depois se produzirem os cataclismos sociais, as hecatombes horrorosas de carne humana, parodiando as bacanais orgiacas da morte.

O coração humano bebeu o veneno amargo do vicio, os povos separaram-se para sempre. A scisão atroz produziu a evolução em diferentes horisontes. Os séculos amontoaram-se uns sobre os outros e a agonia da humanidade cada vez era mais profunda. De momento a momento, no organismo social, ha, como no organismo telúrico fenómenos subterrâneos, misteriosos.

Assim como nas suas entranhas se produzem abalos violentos semelhando gargalhadas de fôgo latente que irrompem em caudais de sangue, assim tambem a alma das multidões tem ás vezes abalos violentos, nervosismos estranhos que se convertem em factos, despertando a recordação apagada e inerte da sua existencia antiga.

Seria assim, quando 1640, a nacionalidade portugueza riscava do seu espirito a sombra da opressão filipina; seria assim, quando a França de 1789, abria ao mundo o codigo do progresso, olhando para a aurora do século XX; seria assim, quando a Grécia divina de Sócrates e de Fidias procurava sepultar nas termópilas os inimigos nacionais, depois mesmo de já sentir no seu seio os estremecimentos ruinosos da sua sensualidade pagã. E todas estas nações que nós vêmos hôje, fôram argamassadas com as lagrimas e com o sangue de milhares de sêres; cada alicerce das suas bases tem centenas de vermes que já nasceram dêsde os seculos.

E o progresso perdoará esta afronta? E o futuro ha-de premitir ainda por muitos séculos que haja esta separação atroz, esta repulsão intima de caráter, esta mesma agonia de verdadeiro assombro? Talvez não. De vez em quando vam-se estilhaçando as engrenagens e as revoluções vam substituindo mundos por outros mundos.

De que lhes servem os brasões? Os livros doirados da sua historia, se em muitas paginas lá vem a apologia, a doutrina flagrante e maldita do crime? E os povos queixam-se dos seus govêrnos. Má desculpa essa. Sam vitimas da sua propria inercia.

Porventura a naturesa ensina ao homem a curvar a espinha a outro homem? Para que criou pois os deuses irrisórios das suas religiões sociais? E' sempre, sempre a vida da inconsciencia, do aturdimento e da orgia. Não será mais humano a vida igualitaria, a vida com *sentimento*, com *arte?*

Não é triste o vêr-se metade da humanidade embriagar-se e a outra arrastar-se coberta de chagas e cantando a fome? Não será mais humano, mais racional, mais conforme á nossa alma sociológica, o amôr reciproco, o apoio mutuo, o auxilio dinâmico das raças? A consciencia prosaica das nacionalidades exigirá sempre a separação como condição *sine qua non* para a prosperidade do seu pôvo? Não! mil vezes não!

Eu sou dos que trabalham, vou com a metade daquêles que têm as mãos calejadas de agarrarem na enxada e arrotearem os campos; eu vou com a metade humilde porque é essa a que tem *alma*, porque é essa a que sabe compreender e sentir a Vida! A outra metade é o pôvo embrutecido, sem carateristico psicologico, sem ideal, sem amôr.

Eu quero que os meus filhos trabalhem, construindo com os outros cidades lindas, deliciosamente reclinadas sôbre os outeiros; que rasguem horisontes e horisontes com o alvião e com o arado, amando a terra, a vida, o amôr, o espaço e o infinito!

Que adormeçam embalados á sombra das searas, depois de terem regado com suor os quatro cantos do glôbo.

Que em qualquer parte vejam uma instigação á vida, que em qualquer ponto da terra lancem a semente produtiva do futuro, fundindo os metais, revolvendo as montanhas e destruindo os marcos e as barreiras, para aplainarem o mundo, nivelá lo e prolongarem-no até ao mais longe dos horisontes!

Não querem acompanha los? Que importa? A colmeia do futuro caminha, caminha sempre na sua órbita como caminha a luz, em linha réta para o *alfa* e *ómega* de outros mundos...

E porque não? O homem olha e vê o amôr em roda de si, batendo as azas, vê a mulher, vê o proprio futuro desenhar-se, tombando das suas entranhas a sementeira bendita do amanhã, outras e outras colmeias para a fecundidade e para a vitoria da humanidade...

Porque não abrir os braços a êsse amôr, porque não sentir a alma sublime da terra gerada nos beijos de um lar? Vem depois uma outra vida, o coração reflete uma pagina do céo, a alma torna se em um mar ebrio de Luz...

— Povos! trabalhai e amai!

Vêde: ao longe ha soluços profundos, arrancos dolorosos...

Sam as nações que tombam, sam os seus ossos desconjuntando-se, parecendo gargalhar...

Vem o periodo da reforma universal, vem o julgamento dos povos. Cai o preconceito, a rotina, o clássico. A humanidade quer mais espiritualidade, mais alma, mais sangue; sangue, espiritualidade e alma que lhe roubaram as suas civilisações, os seus banquêtes sensuais e a sua ignorancia de cegos.

Fugir á morte é um devêr.

Nêste caso, nêste momento solene de agonia, é um suicidio atroz o condenar-se o homem a apegar-se aos alcatruses da escavacada nora da materialidade estupida

Não é das multidões indolentes e eivadas de misteriosos sentimentos seculares, tam despresiveis como os seus brasões, que ha-de vir a geração produtiva e sã do futuro. Será antes da metade que agora se arrasta e trabalha, quando tombarem em ruinas os seus pergaminhos apodrecidos e se construir sobre as cinzas dêsse montão envenenado um nôvo mundo de verdadeira paz e de solidariedade universal...

Coimbra.

UMBERTO ARAUJO.

Estação telégrafo-postal

A favôr desta causa, angariou já a comissão no domingo passado cêrca de 200 assinaturas para sêrem juntas á representação ao snr. ministro do Fomento.

A comissão conta com a boa vontade e com o concurso dos politicos locais para uma obra que, sendo estranha á politica, tem em vista beneficiar a todos e a todos nobilitar.

Hôje deve sair novamente a comissão a continuar os seus trabalhos.

MISERAVEIS!

Os Jesuitas da Guarda abrem guerra contra as crianças do Azilo

Tal é o brado lançado por um prospecto que o nosso solicito amigo e admiradôr do *Devêr*, João Rodrigues Pereira Lapa, nos fêz chegar ás mãos.

Trata-se duns tôrpes fradalhões da companhia de Jesus que, com o maior desafôro e com o mais requintado cinismo, tentam aniquilar o Azilo d'Infancia da Guarda, por meio da prédica, do consêlho hipócrita, no confessionário, no templo, em toda a parte onde o seu ódio pestilente possa encontrar guarida, onde a sua baba viperina possa insinuar-se sem obstáculo.

Os miseraveis corvos, ás ordens do Vaticano, querem tirar o pão a dezênas de criancinhas que no Azilo encontraram abrigo e que são protegidas pela generosidade dos habitantes da Guarda, que agora respondem á guerra surda do jesuitismo local com o protesto e a guerra armada contra os farizeus de Loiola.

Estes bandidos *querem que môrram de fome as crianças do Azilo, visto nesta casa têrem entrado homens da República.*

E' preciso que a Guarda se mostre altiva e digna dos sentimentos de altruismo que a distinguem e que responda aos repugnantes processos dos imundos roupêtas com o formidavel ataque da bôa doutrina, da Verdade limpida e sã, que esmagará a horda maldita que tem infestado o nosso país.

Abaixo o jesuitismo!

Abaixo o clero hipócrita e subversivo!

Viva o Azilo d'Infancia da Guarda!

"A LUTA,,

E' o titulo dum nôvo semanário que começou a publicar-se em Angra do Heroismo, e de que é directôr e proprietário o distinto professôr e brilhante jornalista, snr. A'vila Júnior, que ha algum tempo tem sido perseguido pelo desmiolado inspectôr Mendonça, dos Açôres.

A Luta é um jornal bem feito, independente, de atitude radical, seguindo principios e não homens. Cômo jornal de combate, impõe se no meio em que tem de vivêr, para castigar severamente tôdos os mastins que ali pululam.

Ao nosso prezado amigo e camarada A'vila Júnior, um abraço de felicitações e longas prosperidades.

Umberto Araújo

Inicia hôje a sua colaboração no *Devêr* êste distinto prosadôr, cuja reputação jornalística já se acha feita noutros periódicos, e que é um tenaz demolidôr dos preconceitos e das convenções sociais que impedem a união de tôdos os homens e a solidariedade de tôdos os sentimentos.

Estilista primorôso, os seus artigos refulgem pelos pensamentos claros e educativos que nêles se destacam e pela filosofia das concéções que brilhantemente os esmaltam. Analista conscienciôso dos defeitos da nossa sociedade, o snr. Umberto Araújo dedica-se cômo poucos ao estudo profundo das questões que a agitam modernamente, trazendo em elaboração uma obra sociológica—*O Crime*, que ha de causar viva sensação no nosso meio.

Têm hôje, por isso, os nossos leitôres o ensejo de apreciar a proza brilhante do nosso nôvo e ilustre colaboradôr.

O bôdo aos pobres do *Devêr*

Conforme noticiámos, fôi distribuido no domingo passado, nesta redacção, pelas 16 horas, o bôdo que o snr. Augusto Brandão destinou aos pobres do *Devêr*, pela abertura da sua nova loja na Mealhada.

O bôdo constou de 600 grâmas de arrôz, 700 grâmas de bacalhau e 100 réis em dinheiro; e com êle fôram contemplados os seguintes pobres desta localidade: Luiza Morteiro (Boia) e Luiza da Cruz, de Vila Franca; Terêza Marques, viuva, e Maria Domingos, de Arazêde; e Emilia Rosa, do Casal do Gaio.

Ao snr. Augusto Brandão agradecêmos a honra com que nos quis distinguir, escolhendo-nos para o representar nêste acto de filantropia tão nobre e tão conforme aos sentimentos humanitários.

BATIZADO

No domingo passado batisou-se uma filhinha do nosso estimado assinante, snr. Manuel Costa, de Vila Franca, que recebeu o nôme de Elvira. Fôram padrinhos o snr. António d'Almeida, irmão do nosso camarada Almeida Junior, e D. Fernandina Ferrão Tavares, filha do nosso amigo Matos Tavares.

Felicitações.

Livre-pensamento

A proposito do artigo que outro dia aqui publiquei sob esta mesma epigrafe, lembrou-se o snr. José Maria Pinto Monteiro, de Marco de Canavêses, de me dirigir um postal em que pretende a justificação de várias afirmações que nêle fiz.

Primeiro que tudo devo declarar ao snr. Pinto Monteiro que, sob o ponto de vista religiôso, não aceito dogmas, mas ideias positivas, concretas, baseadas na razão e na verdade limpida e insofismavel. Declarar-lhe, pois, que sou um ateu incorrigivel, mas um ateu com a visão clara das coisas, e com a noção palpavel dos factos, acho inutil, porque, através das linhas do meu arrazoado, facilmente transparece essa ideia.

Mas o snr. Pinto Monteiro pede-me, aliás com muita urbanidade, que lhe demonstre as minhas asserções, mostrando-se até muito disposto a discutir comigo esta magna questão do livre pensamento, que êle qualifica de *vergonha do livre-pensamento mundial*.

Devo considerar, em todo o caso, que nem o snr. Pinto Monteiro logrará convencer-me, nem eu tenho a pretenção de tal o fazer, pois que se eu sou incorrigivel, sob o ponto de vista do ateismo, eu entrevejo nas palavras do snr. Pinto Monteiro uma disposição não menos identica para a crença religiosa do catolicismo. Todavia abordêmos o assunto, muito sucintamente, visto que uma discussão mais larga resultaria esteril para ambas as partes.

O snr. Pinto Monteiro quer que justifiquêmos:

a) *a morte proxima da igreja.*

Não é preciso consultar alfarrabios ou reportar-me a longas datas para o constatar. Os factos de todos os dias aí estão eloquentemente a demonstra-lo. O cléro, especialmente em Portugal, tem sofrido toda a casta de dissabôres por sua propria culpa.

Por toda a parte a seita negra estende as suas azas malinas, como que querendo arrebanhar dum só rapto todas as ingénuas criaturas que têm a desgraça de sêr prêza das suas garras daninhas.

A exemplifica-lo aí está o caso da Guarda, a que noutro logar dêste jornal nos referimos, e esse montão de factos que teem vindo á supuração nas ultimas incursões couceiristas e em que o clero toma um papel preponderante e de responsabilidade.

Estes e outros factos, teem contribuido altamente para o desprestigio da seita e para a descrença dos católicos, que bem avisados se teem mostrado em se afastarem dum ambiente nada saudavel, antes profundamente intoxicador.

Daí *a morte proxima da igre-*

ja, visto que o clero, seu principal baluarte, vae sofrendo cheques cada vez maiores e que por isso o vão subvertendo e tornando antipatica e sem adeptos a instituição que defendem — a igreja.

b) *Os estratagêmas de que ela uza e de que o livre pensamento não deve utilisar-se.*

Se consultassemos o *Silabus*, promulgado por Pio IX, teriamos ocasião de vêr em como êle é recheado dos tais *estratagêmas de intolerancia*, que agora abonam para o nosso caso. Mas temos um facto mais simples e mais sabido de todos, como é a Saint-Barthelemy, uma das provas mais frisantes de intolerancia religiosa e em que a igreja de Roma foi a principal fôrça deliberativa.

E que melhores provas de intolerancia religiosa quer o snr. Pinto Monteiro do que, por exemplo, o facto, aliás revoltante, de a igreja fazêr arremessar ás chamas o judeu António José, o martir do liberalismo, só porque as suas ideias eram incompativeis com as da igreja?

Mas o mais no proximo numero, porque agora não nos sobra o tempo nem o espaço.

ALMEIDA JUNIOR.

Bulhão Pato

Morreu Bulhão Pato, o insigne poeta da *Paquita* e das *Memórias*, e morreu com o seu ideal. Todos a esta hora o lamentam, porque êle foi uma das glorias nacionais que se perdêram e um dos poucos cidadãos honrados que souberam dignificar a sua Patria.

O *Devêr*, nestas simples linhas, associa-se ao desgosto que acaba de sofrêr a Patria Portuguêsa.

Coisas simples

Insistindo

Queria abrir hôje um parêntesis á ordem de ideias quiçá enfadonhas, destas crónicas, para falar do mar. Desse oceano de Nereides que afagou em vaporósos sônhos de glória os homens da nossa Patria! Queria, mas nem sempre as nossas impressões vão ao sabor da vontade.

Insisto no mêsmo assunto da semana passada—na influência das leituras. E foi por acidentalmente me chegar ás mãos o primeiro número de uma nova fôlha ilustrada —uma revista cujas gravuras e cuja leitura, me magoáram intimamente nas minhas ideias de filantropía e na minha sêde de aperfeiçoamento social.

E porquê? Porque, como educadora de crianças e como amiga da literatura, reconhêço o produto funesto que tal leitura possa fazer: um relato minucioso de crimes, uma enfiada de scênas macábras elucidadas por meio de gravuras!

Um jornal todo assim, que para muitos terá todo o valor, eu não posso deixar de o apelidar de escola do crime.

Que consequências trará a sua leitura se a final continuar na mesma orientação! E' por isso que em vez de avançar recuamos, é por isso que a minha minúscula vóz não tendo éco algum passará na enxurrada que caminha embalada no sônho de leituras perigosas que lhe enérvam a vontade.

Se um operário — um dêsses lutadôres que pássam uma existência de privações e provações—um desses tipos que a sórte não dotou de abastança como êsses capitalistas que o ólham do alto do seu cófre, se um dêsses operários saindo da venda com o coração oprimido por vêr as desigualdades sociais e o cérebro cheio de ideias mais escaldantes que o vapor da máquina que na fabrica lhe fustiga o rôsto, depois da leitura de revistas congeneres, cometer um crime na pessoa do primeiro capitalista que passe ou do gracejador que o escarnêça, eu deploro o áto, mas não me admiro.

Esse operário é depois chamado um assassino e êle não é mais que o produto de uma sugestão ao crime embuida nas leituras deleterias que o seu cérebro inculto não pôde aniquilar.

Eu queria, eu desejava, vêr nas páginas dêsse jornal ilustrado, um hino de louvor ao trabalho e um cântico da naturêza á vida e nunca uma vóz da destruição e da morte.

Eu queria naquélas gravuras vêr o esquema de uma máquina elétrica ou de um novo aparelho de agricultura.

Eu desejava que nos nossos câmpos reinasse Céres em abundância, que éssas leiras fôssem regadas com o suor do trabalho ou a limpidez dos nossos regatos e nunca manchadas com o sangue humano.

Passado o vento bélico de Marte que na sua furia a trôco de algumas vidas imoládas, produz uma onda de luz, regressasse o amôr ao trabalho e ao progresso, voltasse Cincinato á agricultura.

Se uma revista ilustrada tomasse esta orientação e entoasse hinos á natureza produtora de tôdas as fôrças, contribuiria no presente momento para o fomento nacional e para o aperfeiçoamento da sociedade assolada com tantas calamidades.

Antes um hino á vida que o som plangente da morte.

Espinho, Agosto de 1912.

AUREA JUDIT AMARAL.

Dar de beber a quem tem sêde...

O considerado publicista e nosso amigo snr. Luiz Leitão publicou em o *Damião de Goes*, de Alemquer, um belo artigo sôbre *As áves no estio*, e depois de acentuar o facto de os regatos secarem nessa época do ano vendo-se por isso as avesinhas sem agua para mitigar a sêde, conclue por apresentar o seguinte alvitre tão cheio de humanitarismo, e que revela bem a pureza duma alma que sabe amar «todos» os seres que vivem sôbre a terra:

«A falta d'agua é uma das razões porque os pássaros atacam os frutos maduros, e quando por outro motivo não fosse, bastava êsse, para que diligenciassemos obviar a semelhante mal.

Coloquemos, pois, nos quintais e jardins, nos recantos mais isolados, algum reservatório com agua, em se aproximando o calor.

As aves dar-se-ão pressa em vir ali beber, e quem fôr dotado com algum bom gosto, e amar as singelas cênas da Natureza, tão ferteis em bons ensinamentos, comprazer-se-ha vendo-os tomar o seu banho matutino, em saciar a sua, como a nossa torturante sêde, com um bater d'azas e uns chilreios que são tudo quanto há de mais enternecedor».

Oxalá que o leitor compreenda os bons intuitos do snr. Leitão e aproveite a referida época para gosar tão surpreendente espétaculo.

J. Fontana da Silveira.

TRANSCRIÇÃO

O nosso nôvo colega, *A Luta*, de Angra do Heroismo, transcreveu no primeiro número, para a sua secção pedagógica, o artigo *Pinceladas*, de 30 de junho, do nosso distinto colaboradôr Manuel José António.

Agradecêmos.

A MULHER

Nada no mundo merece tantos afagos, tantos carinhos como a mulher.

Pura e graciósa, ela encárna a sensibilidade meiga das pequeninas pombas inocentes.

Grata e submissa, éla semelha o limpido regato, que vivifica as plantas de um garrido jardim. Por entre macissos de verdes e flôres, êle toma, ridente e aprazivel, a diréção que o habil jardineiro lhe quer dar, pois não tem mais vontade que a de obedecêr. Mas, se o jardineiro sem piedade e sem respeito por tanta dedicação, penétra no seu seio e cruelmente lhe calca o leito socegado, a agua turvar-se-ha perdendo a marcha suave que levava. Por muito tempo, aflorará em suas linfas o constante sinál da crueldade.

Sê carinhoso, sê bom com a mulher e o teu amor será correspondido, porque éla não tem mais vontade que a do homem a quem um dia cedeu seu coração. Não a firas, por piedade, pois toldarás o contentamento da sua alma.

Não a magoes, não a moléstes, pois a condénas a que, por muito tempo, arraste a dor tenaz que a tua crueldade lhe causou.

Sê meigo, sê amavel, pois, se no seu rosto, sempre acessivel á santa candidez, denótas a dor e o enfádo, sómente é tua a culpa, que turváste a sua alegria como o jardineiro turvou o cristal do limpido regato!...

(Tradução).

G. M.

CARTA DE LISBOA

29 d'Agosto.

Realizou-se no domingo, 25, em Belas, a tradicional romaria ao Senhor da Serra, havendo extraordinaria concorrencia, tanto em comboios especiais e ordinarios, cômo em automoveis e outros meios de viação. Apesar do desusado movimento, não há desastres a lamentar.

Fizeram-se ouvir várias bandas de muzica, que por vêses executaram o hino nacional, no que fôram delirantemente aplaudidas pela multidão, que alegremente comia os seus farneis, emquanto alguns ranchos cantavam e dançavam cheios de entusiasmo.

O movimento de passageiros nêste dia orçou, no caminho de ferro, por perto de 80:000 pessôas, que de Lisboa saíram em passeio para Cascais, Cintra e arredores, notando-se tambem muito movimento nos vapôres pára Cacilhas, Cova da Piedade e outros pontos pitorescos da Outra Banda.

A concorrencia á feira de agôsto tem sido extraordinaria, especialmente á noite, que chêga até a sêr dificil o transito pelas ruas, nos teatros, restaurantes, etc.

As nossas tropas deram mais uma vês uma prova da sua bravura em Timor, combatendo os indigenas insubmissos, o que constitue mais uma pagina brilhante dos heroicos feitos dos nossos soldados em terras d'Africa. A vitória de Timor é, pois, mais um facto a corroborar os sentimentos patrióticos do soldado português, e uma demonstração de que êle se mantem ao lado das instituições, defendendo a Patria e a Republica.

Chegou a Lisboa, no dia 26, o ex-ministro da justiça, dr. Antonio Macieira, que têve na *gare* do Rocio uma afectuosa recéção por parte dos seus amigos pessoaes e politicos. Vem de excelente saude, bem como sua esposa.

Vão realisar-se as tradicionais festas da Nazaré, no mez de setembro, e consta que este ano revestirão extraordinario brilhantismo.

Teem principio no dia 7 e terminam no dia 15.

Nos dias 11 e 12 terá logar a entrada de diversos cirios que costuma trazer grande afluencia de romeiros, audições musicaes, iluminações, etc.

Nos dias 13 e 14, além de outros atrátivos, ha touradas, e á noute fôgo de artificio e iluminações de lanternas e balões, etc., e no dia 15, retirada dos cirios.

A Companhia dos Caminhos de Ferro estabelece comboios a preços reduzidos para ida no dia 12 e para regresso no dia 14, para as estações de Cela e Valado.

Faleceu hontem, em Verride, terra da sua naturalidade, Antonio Simões Cantante, proprietario naquela localidade, e cidadão honesto e de muito prestigio.

Cantante, que sofria de doença perigosa ha 5 anos, era octogenário.

A seus filhos e genro, o nosso amigo snr. Antonio da Silva, chefe principal da estação de Santa Apolonia, os nossos sentidos pezames.

O nosso amigo Silva, partiu hontem mesmo para Verride no comboio *rapido* n.º 55, após telegrama que recebeu da familia do finado.

A. F. A.

Ferro-viarios de Portugal

A proposito das Associações de Classe

Continua *Belmiro* a embirrar com as Associações de Classe dos Caminhos de Ferro, e isso é tanto mais importante quanto é certo ser tratado num jornal extranho á classe, periódico aliás com boa orientação encarada duma maneira geral.

Belmiro é um tanto injusto nas suas apreciações, parecendo até mesmo por vezes que desconhece o campo em que discute.

Belmiro podia, se quizesse, especificar as Associações de Classe que lhe não são afêtas, aquelas de que tem razão de queixa.

Assim como se exprime, parece que todas associações existentes procedem mal ou são inuteis á classe que representam.

Ora eu, se não avanço a dizer que todas nos teem prestado relevantes serviços, atrevo-me ao menos a afirmar que algumas ha que beneficios nos teem prestado sob o ponto de vista material, e se mais não teem feito, è porque a classe ainda não compreendeu o papel que elas desempenham no meio social do colectivismo português.

Os ferro-viarios portuguêses continuam dispersos em ideias e esforços, teimando em não quererem enveredar pelo caminho do trabalho sob o ponto de vista associativo.

Diga *Belmiro* o que disser; o que não póde nem deve é referir-se ás associações com o desprimôr e antipatia com que se referiu no ultimo n.º do *Devêr*.

Tenho a certeza que *Belmiro* ainda ha-de mudar de opinião, transigindo com os modos de vêr por alguem já aqui apontados, e, diga-se de passagem, alguem que sabe o que diz.

Um ferro-viario.

N. da R. — O artigo que aí fica é propriedade dum ilustre ferro-viario que honra sobremaneira a classe a que pertence, e, porque nos pede que ocultemos o seu nome, além da consideração que nos merece, por isso damos publicidade ao seu escrito.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XXV

Ao snr. ministro do interiôr — Outros tempos, outros costumes — Ainda o caso Avila Junior — Uma inversão de principios — O feroz inspectôr Mendonça, a coberto do reacionarismo forja uma mensagem de ataque ao distinto jornalista Avila Junior pâra o inutilisar — Urge fazêr uma sindicancia aos actos do Mendonça — A'lerta, snr. ministro do interior

Para o que vâmos expôr chamâmos especialmente a atenção do snr. ministro do interiôr. E' preciso, torna-se mêsmo necessário que em plêna República se não dêem casos escandalósos como os que tanto contribuiram para o abandalhamento do extinto regime. Os homens públicos republicanos têm de, antes de proceder, capacitar-se bem das questões que são chamados a resolver—a fim de que os manhósos reacionários e arranjistas, que da monarquia herdáram a ronha, os não desorientem com os seus safados procéssos.

Nós contâmos.

O professôr Avila Junior, do circulo escolar de Angra do Heroismo, fôi processado disciplinarmente pelo seu inspectôr. Fôi processado disciplinarmente, como aqui já tivémos ocasião de dizer, mas não por quaisquer faltas que no exercicio das suas funções oficiais tivésse cometido: fôi-o, unica e simplesmente—por, na sua qualidade de jornalista, que o é e distintissimo, ter apreciado a competência e os átos do referido inspectôr, que se chama Mendonça! Isto é a inversão de tôdos os principios. O jornalista republicano—e daquêles que sempre o soubéram ser—o jornalista Avila Junior, diziamos, em caso nenhum, se tudo não andásse para aí da maneira que se sabe, poderia, ou pelo menos deveria responder como professôr pelos crimes, se crimes houvésse, que naquéla qualidade cometeu. O procésso que o feroz Mendonça lhe instaurou devia de, imediatamente, ser mandado arquivar pelas estâncias superiores. Não o fôi, no entanto. Vexáram o Avila Junior com uma sindicância—que decerto revelou o que tôdos sabiam: que o professôr era competentissimo, como o jornalista era arrojado, mas justo.

Até aqui, muito bem—visto que quem podia não quiz que fôsse melhor. A sindicância não devia ser feita ao professôr José Sebastião de Avila Junior: devia ser ordenada aos átos do inspectôr Mendonça, que publicamente, nas colunas dum jornal democrático, fôra acusado de incompetente, moral e pedagogicamente falando, sem que facto tam grave o levásse a chamar o seu acusadôr aos tribunais pelo crime de liberdade de imprensa. Mas até aqui muito bem. —O mais grave, o mais escandalôso, o que nos leva a solicitar a atenção do snr. ministro do interior deu-se ainda ha pouco, e é, no género, um modêlo de reacionarismo monarquico. Vejâmos.

O inspectôr de Angra, vendo-se, ao que parece, ameaçado nas suas posições, donde esvurma odio e rancôr, conseguiu, ao que nos afirma pessôa amiga do Avila, mas pessôa séria e escrupulósa—que um professôr de ensino normal, cuja espôsa é subordinada do Mendonça, se lançásse na faina inglória de angariar assinaturas de professôres para uma mensagem, em que a competência do perseguidôr do Avila Junior é pouco escrupulósamente proclamada. Os reacionarios, a quem os escritos do livre-pensadôr perseguido enchem de pavôr; os timidos, a quem a perspectiva de futuras perseguições fez vender a consciência; e, finalmente, os arranjistas, que vão sempre com os mais poderósos, assináram—manifestando-se, assim, contra um colega que honra a classe a que pertence. Os restantes, os avançados, os independentes, os de consciência limpida recusáram-se altivamente a pôr a mão em contacto com o papelucho, que, nas circunstâncias em que fôi redigido, representa uma monstruosidade e uma vergonha.

Estes os factos em tôda a sua simplicidade. Diligenciámos referi-los tam serenamente quanto possivel, apesar da indignação que nêste momento nos domina. O snr. ministro do interior, um caracter recto e honestissimo, a quem decerto similhantes procéssos enojam tambem, procederá como é de justiça. O inspectôr Mendonça, na hipótese da sua reabilitação ser possivel, só por meio duma sindicancia rigorosa a poderá conseguir. Por meio duma sindicancia e dum exame público, em que tôdos póssam avaliar dos seus conhecimentos pedagógicos, que, segundo Avila Junior, são muito deficientes, senão nulos.

Tornámos a prometer não largar mão do assunto.

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

CRÓNICA DO PORTO

Engrinaldado por pampanos virentes o chocarreiro Baco vai mostrando o seu riso vermêlho onde se espêlha um fundo de bondade.

Dir-se-ia preparar votos para a eleição festiva das próximas vindimas.

Cérro meus olhos á triste embriaguês que, de bôrco, nos bêcos pestilentes, rende graças ao deus do rubro môsto. Caustico, mêsmo, atrós, impiamente os crassos bebedôres que se embrutecem nos antros das tabernas para esquecerem os gritos dos filhos que pedem pão!

Por isso, eu, empunhando a lanterna da censura, côrro a Babilónia das Infâmias, espargindo, aqui e acolá, os reflexos da crúa Indignação.

A' minha vista surge, como em cosmoráma diabólico, a infeta Prostituição, o rancorôso cancro sociál.

Como todas as degradantes emprêsas, esta debate-se entre a humilhação das infelizes e a suzerania das infames *patróas*.

A criada de servir, especialmente, por um momento de fraquêsa, desemprega-se...

Busca, novamente, arrumação e encontra o lupanár que a enlaça num abraço de vicios e impurêsas.

Procede-se ao horripilante tráfico da carne branca, de que a policia vai sorvendo proventos rendosissimos.

A rigolboche sái em busca dos eternos libertinos que estupidamente, caninamente, espreitam as pobres desgraçadas. Assoma um policia, e, em nome da Lei que tudo manda, é imposta uma multa á desditosa!

Qual o seu crime?

Desempenhar o seu papel de corrução, que uma sociedade ingrata e rancorosa lhe impôs entre sorrisos e o comissario da policia lhe estampou no seu livro de matricula sem comiseração por esse côrpo venusto que amanhã cairá pôdre e sifilitico num catre d'hospital!

Depois, numa abalada doida, a Embriaguês passa, seguida do seu cortejo de dôres e sofrimentos.

A Embriaguês!...

Quantas vêzes a pobre espôsa soluça, em casa, o seu martirio, secundada por tristes inocentes que choram e pedem de comêr?

E o pai?

O pai, oh! o pai... anda pelas viélas do vicio, esbanjando o magro salário, obsecado pela mais letal libertinagem!

Entretanto, a espôsa chora e a arca continúa a rir, horrenda e má, sem pão e sem dinheiro.

Que fazer? Bem simples. As formas da triste são airósas e os seus labios frescos e rosados ainda podem vendêr sorrisos.

Pode a policia marcar mais uma messalina, que a corrução terá mais uma seguidôra.

E os inocentes?

Ora! os inocentes. Terão a Lei por êles que os mandará para a cadeia cursar o 1.º ano de gatunagem!

Triste sociedade!

Pôrto, 27 de Agôsto.

Gômes Monteiro.

DE LICENÇA

Acha-se em goso de licença o nosso presado assinante da Pampilhosa, snr. José Maria Antão Nunes, inteligente 2.º sargento-comandante do pôsto da guarda fiscal junto á estação do caminho de ferro. O nosso amigo foi fazer uma estação de aguas nas Pedras Salgadas e encontra-se agora em Figueira, repousando.

DOENTE

Acha-se doente na sua casa de Murtede o nosso amigo e assinante, snr. Joaquim Machado Martinho.

Desejamos o pronto restabelecimento do nosso amigo.

ENTRE NÓS

Vimos aqui o nosso prezado assinante, snr. Ivo Paour, que, após curta demora, retirou para a Figueira da Foz.

—— Tambem esteve entre nós o nosso presado assinante de Alhadas de Baixo, snr. José Fernandes. Folgamos em te-lo visto.

NOTAS DE VIAGEM

Propagandas e Propagandistas

Jesuitas e livres-pensadores — Um flagrante contraste

Tinha chegado a Coimbra B. Tomei um compartimento numa carruagem de 3.ª classe—a classe dos humildes e dos proletários, mas tambem a classe dos de *fábrica coberta* — e daí a pouco tomava a mesma carruagem, num compartimento vizinho, um individuo dos seus 45 anos, alto, magro, de barba *á guise*, já grisalha, óculos com aros de ouro e trajando com correcção. Em seguida entraram tambem no compartimento em que este ía, um camponês e duas mulheres. No meu compartimento entraram dois cavalheiros.

Pouco depois, o comboio punha-se em marcha para Coimbra e eu dirigi-me para uma das janelas. Entretanto notei que o camponês lia um pequeno folheto, de formato diminuto, parecendo-se com uma dessas orações que as beatas e os jesuitas costumam distribuir pelos carolas para êstes receberem 100 dias e mais de *indulgencias*, que os hão de fazer entrar *no reino do ceu*...

Debrucei-me um pouco para me certificar e consegui lêr a palavra: «pecados». Imediatamente o individuo de barba *á guise*, notando a minha curiosidade, tira muito depressa de dentro duma malêta um folheto de igual formato, e entrega-m'o, dirigindo-me umas palavras com acentuação estrangeira.

Vi que estava em presença de um propagandista, e quiz saber a natureza da propaganda, lendo o folheto. Mas eis que sofri uma decéção logo ás primeiras palavras, que eram estas: *A Salvação da Alma—Como se póde obtêr?* E logo a seguir êste acervo de sandices, que é de estarrecêr: «Não ha nada que tão de perto nos toque como a salvação das nossas almas. O mais afamado médico, por mais cuidado que empregue, não póde conservar, em qualquer pessôa, a vida do côrpo por muitos anos; e, comtudo, o que vêmos é gastar tempo e dinheiro para a restauração da saúde, ao passo que fica esquecido o importantissimo assunto da salvação eterna». E assim por diante, com citações da escritura, dessa escritura de traficantes e de bandoleiros, e com o remedio *eficaz* da obra de Cristo para a salvação da alma.

Perante tamanha enormidade, não pude deixar de contrair os lábios num ritus de desolação e clamei:

— Que propaganda tão lamentável! E voltando-me para o misero propagandista:

— E é o senhôr quem se encarrega desta missão, como se ela porventura o nobilitasse, ou como se ela se impusesse nos tempos que decorrem! Sabe o que é isto, senhôr? E' uma rêde lançada aos espiritos ingénuos e ignorantes para conquistar fanáticos e obcecados. O homem ficou estomagado perante a minha arremetida, e queria protestar; mas eu não o deixava.

— Isto é um chorrilho de mentiras e uma avalanche de misticismos — continuei eu.

— Não ha misticismos aí — dizia o homem em linguagem cerrada. — O senhôr leia e verá.

— Sim, hei-de lêr para lhe fazer a crónica que merece. E' de esta maneira que o jesuitismo consegue campear. Vai-se insinuando, por êstes repugnantes processos, no espirito do pôvo ignorante, como a toupeira debaixo da terra para sugar a seiva das plantas. Que baixêza e que hipocrisia!

O homem parecia não me entender, apesar do seu olhar de morcêgo me fitar penetrantemente; e o comboio tinha chegado á estação.

Antes de se apear, o jesuita de casaca entrega-me um cartão de visita com êstes dizêres:

John Opie. M. A.
Lições de Inglês, Alemão, etc.

E em baixo, ao lado:

Coimbra — Sargento-Mór, 21-4.º
Aveiro — Largo Bento de Magalhães

Na ancia de arranjar adeptos das suas tenebrosas ideias e de gananciar todo o metal possivel, o miseravel discipulo de Loiola *caíu na esparrela* de me dar um cartão seu; isto é, desmascarou-se, o que não é muito vulgar em jesuitas.

Cá fóra, na *gare*, dizia eu ao camponês, que ainda conservava na mão o papelucho:

— Não creia nisso, meu amigo. Isso é uma miscelânea de disparates para iludir o pôvo. Salvar a alma! Como póde você salvar a alma depois de morto? Nem mesmo pondo-a no seguro... E de resto, a alma é uma tolice. Não creia nêsses disparates.

— Tem razão, senhôr. Isto é mas é um modo de arranjar vida.

— Diz bem.

E afastei-me.

***

Dias antes, no Porto—e aqui está o grande contraste—o grupo *Pró Pátria* mandava distribuir pelo pôvo um postal illustrado, em que se liam estas palavras saudaveis:

«Que quer dizer *Pró Patria?* Quer dizer pela *Patria*. Mas o que é *Patria?* E' o país onde nascemos e pelo qual todos devemos trabalhar defendendo-o ainda em toda a parte onde nos encontrarmos, para que seja grande e respeitado.

«Sabes quem é o teu maior inimigo? E' o *Padre*, que durante séculos vos tem conservado na ignorancia e vos tem explorado em nome de Deus.

«Para que serve a Associação *Pró Pátria?* Para que serve? E' destas Associações que devia haver muitas em substituição das Igrejas.

«Porque estas Associações querem o nosso bem, libertam-nos das trevas da ignorancia e querem que sejamos livres e conscientes».

Esta é que é a verdadeira propaganda. Em propagandas assim, em que o pensamento é livre, em que é livre a opinião, em que é livre a consciencia, é que o povo se deve inspirar, porque acima de tudo está a nossa razão, a nossa dignidade, a nossa honra, e tudo isto nos rouba o jesuitismo, tudo isto nos pervertem os padres gananciosos, traidôres e hipócritas, que só querem vivêr á custa do pôvo, á custa do suor e do trabalho do pôvo humilde e sofredôr.

Atende a isto, Pôvo, e não te fies nas propagandas dos homens de *fábrica coberta*, como o jesuita de casaca que eu encontrei em viagem.

Anteu.

Em Pampilhosa

Encontra-se nesta localidade com sua familia, onde fixará residencia temporaria, a snr.ª D. Maria d'Anunciação Neves, que ultimamente concluiu com distinção o curso do magistério primário na escola distrital de Guarda.

A festa ferro-viaria

A festa ferro-viaria levada a efeito em Sant'Apolonia, e a que se referiu este jornal no n.º anterior, foi promovida pelo nosso presado amigo snr. Alfredo Fernandes d'Almeida, inteligente chefe do escritório da 1.ª secção da companhia portuguêsa.

Alfredo d'Almeida tem, por várias vezes, demonstrado o seu belo patriotismo e o seu amôr colectivo á classe a que pertence e onde é geralmente estimado por superiores e subordinados.

Felicitamos o nosso amigo.

Os dois camponêzes

— Então, snr. Elias, como estão este ano as suas vinhas e os seus milharais?

— Muito bem, João; pois apezar do ano ser ruim, parece um milagre, onde apliquei os adubos da casa Herold.

— Mas que adubos empregou o snr. Elias?

— Empreguei ao milho, os *adubos compostos;* e á vinha, *cal azotada, kainite* e *fosfato Tomaz*.

— O' snr. Elias, meu eu já ouvi dizer que a casa Herold tem adubos superiores; será verdade?

— Pois é. Olhe: tem amonio alemão, marca *Dragão*, de dozagem mais alta que os outros vendem, e tem tambem superfosfato da marca *Galo*, de fabrico inglez, muito superior ao que outra gente vende.

— Pois, snr. Elias, eu sempre tenho ouvido dizer que os adubos melhores, são os da casa O. Herold & C.ª, e que é esta a unica casa séria que aqui está acreditada.

— Pois tambem te digo, João, nem só a casa Herold tem sido séria, pois o agente da dita casa, chamado FORTUNATO VAZ, me tem fornecido os tais adubos, e sempre sem que tenha havido um pequeno engano, e por isso devemos dar-lhe sempre preferencia.

«O DEVER» é um dos jornais da provincia que insere mais variedade de assuntos. Artigos politicos e sociais. Defêza de todas as classes produtôras. Assinatura: 1$000 réis por ano.

Aniversário

Passou no dia 30 do proximo passado o 12.º aniversário natalicio da menina Albertina, gentil filha do nosso presado assinante snr. Castelo Branco, zelozo chefe de Luzo, e irmã do tambem nosso assinante e amigo José Castelo Branco, factor da Beira, na mesma estação.

Parabens.

GRALHA

No artigo de fundo do numero passado, no 1.º parágrafo da 2.ª coluna, onde se lê: «Nós vamos agora repetir...», deve lêr-se: «Não vamos, etc.»

CORRESPONDENCIAS

Gatões, 27—8—912.

Os ultimos dias chuvosos, e as noites frias, deixam prevêr um pessimo ano agricola. Muitos milharais não dão o que se esperava, e os vinhêdos continuam a *apodrecer* com a humidade.

Alguns lavradores, por estes sitios, já andam na grande faina das vindimas, preparando-se outros para o mesmo fim. O tempo não lhes tem prometido as sécas dos produtos do seu trabalho, que com isso os tem prejudicado bastante.

A banhos na pitoresca praia de Buarcos, encontra-se o nosso amigo, snr. Francisco Nunes Junior, de Gatões, com sua ex.ma familia.

De passeio a Coimbra, seguiu ha dias o nosso amigo, snr. Manuel Teixeira e seus extremosos filhos. Boa viagem.

Para a terra da sua naturalidade, Corteçada, de Tondela, seguiu a passar as ferias, junto com sua ex.ma familia, a snr.ª D. Lia Ramos, digna professora oficial desta localidade.

Para a festa da Carapinheira do Campo, passou por esta o nosso amigo, snr. Antonio Pereira Galante, de Sant'Anna, e sua ex.ma familia.

Tambem passou ha dias por esta para Murtude, o ilustre cidadão, snr. Joaquim Pereira Machado.

—— De passeio para Sant'Ana, passou por esta o nosso amigo, snr. Joaquim Rodrigues Maia, dos Andrades, Tocha. Que fizesse boa viagem é o que lhe desejamos e bem assim a todos os nossos amigos.

Letnemip.

ANUNCIOS

Fabrica de bolachas e biscoitos da Estrela

Couraça da Estrela, 1 a 15

COIMBRA

Esta casa é que melhor fabríca e vende em melhores condições.

O Proprietario,

Manoel Pereira Junior.

NOVA LOJA NA MEALHADA

INAUGURADA

NO

Domingo, 25 d'Agosto

LARGO DR. COSTA SIMÕES

Augusto Brandão vem participar a abertura da sua noca loja. Esta casa é a ampliação da que em 1861 seu pai Augusto Ferreira Brandão, fundou. As suas honrosas tradições de seriedade, que sempre presidiram ás suas transações, serão mantidas e continuadas na nova casa.

Na sua montagem dedicou-lhe os seus maiores cuidados para ficar com todas as condições modernas. Abre com as seguintes secções:

Fazendas
Mercearia
Tabacos
Transações bancarias
Passagens para Africa e Brazil

Muito especialmente chama a atenção do publico desta região para as boas condições em que são apresentados todos os artigos do seu sortido, *diretamente comprado ás fabricas pela sua*

Casa de Lisboa

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

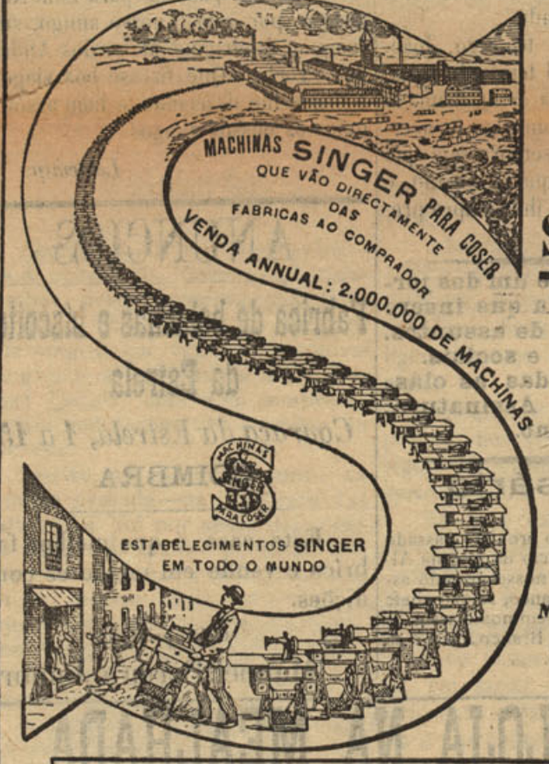
Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez.
Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218
FIGUEIRA DA FOZ
ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas
ABRANTES & GENRO
LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42
FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.° Arazêde, 8 de Setembro de 1912 N.° 29

O DEVÊR

Semanário Republicâno

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

MONARQUÍA OU RÉPÚBLICA?

A derivação de factos que nós reputamos de anormais e ilógicos, e que há dois anos a esta parte tem vinda á supuração, incorrigivelmente escandalozos e pavorozamente repugnantes, faz-nos supôr que os nossos homens públicos, ou antes os homens do moderno regime, não têm a noção exacta da diferença entre *monarquía* e *república*.

Tem-se proclamado aos quatro ventos que o extinto regime foi uma época longa de latrocínios, de bandoleirismo, de baixêzas e de atentados á dignidade nacional, aos direitos do pôvo e á honra dum país que estava em riscos de sêr pôsto em almoéda, com plêno gáudio dos países estranhos que, de fauces hiantes, não desfitavam de nós os olhos cubiçosos, na espectativa cobarde de quem espera uma ocazião azada para caír de golpe sôbre a vítima indefêza. Mas o que agora para aí vêmos, o que têmos visto sempre há perto de dois anos, é uma reprodução mais ou menos fiel de todos os actos da monarquía.

Na monarquía havia sinécuras? Tambem as há na república. Exemplo: Os três contos e pico a Machado Santos, pelo parlamento português; os 900 mil réis aos secretários das inspecções escolares, pelo ministro Antonio José d'Almeida, e mais e mais que seria ociôzo enumerar. Na monarquía havia *tubarões?* Tambem agora os há, e para prova aí estão os deputados dum parlamento de zaragateiros a ganharem 100 mil réis por cabeça e sem proporcionarem grandes beneficios ao país. Noutro tempo havia favoritismos, empenhocas, atentados ao direito comum, á moralidade e á dignidade pessoal? Tambem agora não se vive doutra coiza, abundando os factos dia a dia e duma maneira tão insólita e tão sabida de todos, que nos dispensa citações supérfluas que mais revoltariam os verdadeiros patriotas.

A leitura dos jornais diários fere-nos intimamente, por não se passar um dia unico em que um ou outro não registe com acerbos comentários um escandalo que se levanta ou numa repartição pública, ou num gabinête ministerial ou a dentro dos bastidores politicos onde se maquinam todas as baixêzas e todas as monstruozidades, emfim, é um sudário de factos dantêscos, miseravelmente arquitectados para fins inconfessaveis, e que nos deixam num estado de dúvida atroz, forçando-nos a interrogar o Existente sôbre se *isto* que para aí se vê será República ou uma fase da segunda Monarquía...

Os partidos formam-se e aparecem multicolôres, como um caleidoscópio; anunciam-se novos *messias* para formarem novos partidos; proclama-se o advento duma *vida nova* que limpará todas as podridões da vida presente; insiste-se na conservação de érros e defeitos apontados a cada instante por aqueles que querem fazer *disto* alguma coisa; o militarismo triunfa e procura criar raíses na República como fa criando na Monarquía; as degladiações estalam formidaveis entre os grupos politicos que porfiam em assumir a chefia *desta coisa*, que pelo menos, pretendem valorisar a sua importancia, a sua força e o seu *modus faciendi;* as classes proletárias lutam sem tréguas e espectralmente se ameaçam, clamando ao Invisivel que lhes dê pão para matar a fome e uma acha de lenha para aquecerem as carnes enregeladas...

Revivem hoje os Gargantuas e os Pantagueis. Há quem siga á lêtra os principios de Maquiavel. O pandemónio não foi só inventado por Milton. Ha Torquemadas que inventam novas inquisições, criando novas espécies de vítimas.

Nós não estamos em 1912, estamos em 1820. Nêste ano houve quem quizesse substituir a monarquia absolutista pela monarquia liberal. Tudo era monarquia. Hoje temos uma república *soi-disant* democratica, que é o mesmo que uma monarquia de barrête frigio, com novos *liberaes* e novos *miguelistas*. Não póde dar mais certo.

Moliére e Cambronne, se hoje vivessem, teria o primeiro que esticar a pena e o segundo a lingua para definirem bem a actual situação de Portugal, e talvez se adiantassem mais do que nós, que nos limitamos a perguntar ás brisas que passam:

— *Isto é Monarquía ou Républica?*

Coisas simples

A proposito de touradas

Para dar largas a um pouco da alegria franca propia da nossa indole, pois como dizem os francêses *las portugais sont toujours gais,* ha uma legião de divertimentos. Reter um sêr humano, tirando-o do contacto de tais folguêdos é como encerrar sob uma lousa um sêr vivo.

Os divertimentos teem acompanhado a civilisação nos seus passos gigantescos. Não sabemos na idade pre-historica quais os divertimentos do homem, mas em se livrar das garras dos animais ferozes, em construir habitações lacústres e trogloditas, em prover a sua alimentação por meio da caça e da pesca pelos mais rudimentares processos, não empregava poucos géneros de *sport*...

Divertiam-se os imperadôres romanos numa brutalidade sanguinea em lançar condenados ás féras ou em iluminar jardins com os corpos de cristãos incendiados. E, ainda como divertimento, ordenou Nero o incendio de Rôma a cujo espectáculo assistiu ao mesmo tempo que acompanhava as sensações infernaes com os sons da flauta instrumento que pretendia tocar como artista.

E que scênas violentas e arrojadas as dos gladiadôres!... Foi tambem, quando num dêsses circos era um cristão lançado ás féras, que sôbre Pompêa o vómito destruidôr dêssa enorme bôca chamada Vesuvio, estendeu seu manto de lavas tornando a populosa cidade uma necrópole imensa!

Um divertimento cavalheirêsco e galhardo em que tomou parte a aristocracia, fôram as touradas (parentes proximas dos torneios da Idade-média) O esplendôr e etiquêta dêssas corridas vê-se na descrição da ultima corrida de touros em Salvaterra de Magos feita por Ramalho Ortigão.

Esse divertimento existe ainda hoje entre nós, menos brutal, menos sanguineo que no paiz visinho, pois que a nossa indole se não coaduna com a zarzuela *Pan y toros*.

Todavia, na actualidade que tantos géneros de *sport* prendem a sociedade elegante, as touradas tendem a sêr preteridas pelo fim meramente humanitario de não sêrem expostas vidas humanas, sempre preciosas, nas armas de um animal que, sendo atacado, pretende defender-se e que aproveitado para a agricultura daria mais úteis resultados.

Vitor Hugo disse a propósito de touradas: «No touro ha instinto, no toureiro destrêza, no público não ha senão brutalidade»

Emfim, o Progresso caminha sempre, nada o detém e a par dêle a civilisação irá modificando usos e costumes nacionais ou cosmopolitas numa tendencia pronunciada para a utilidade social, para a vida prática.

Setembro de 1912

AUREA JUDIT AMARAL.

Os trabalhos do "Devêr„

O Pôsto médico e a Estação telégrafo-postal. A população local manifesta-se a favôr destas iniciativas

As ideias aqui apresentadas sôbre os melhoramentos a introduzir nesta fréguezia vão colhendo terrêno, mostrando-se o pôvo compreendedôr das vantagens que delas póde usufruir, não recusando a sua assinatura para obras tão momentosas.

Ainda ha dias recebêmos a seguinte carta de dois patricios nossos, que bem demonstra o interesse que o pôvo vai tomando pelas coisas da sua terra:

Snr. Directôr do «Devêr»:

Lendo no nosso já muito acreditado jornal o modo, o zêlo e a vontade que V. e outros snrs. colaboradôres empregam para bem do pôvo da nossa terra, vimos por êste meio lembrar-lhe que esperamos com anciedade a comissão encarregada de angariar assinaturas para o fim da criação dum pôsto médico, que de tanta utilidade será para a nossa populosa fréguezia, bem cômo da estação telégrafo-postal, serviços de que actualmente V. e outros bons cidadãos se ocupam com a máxima energia.

Fazêmos votos para que se consiga o que tôdos desejam.

Podendo V. dispôr desta cômo lhe aprouver, sômos

De V., etc.

Zambujeiro, 2—9—1912.

Adelino José de Pina.
António José de Pina.

VIZITAS

Recebêmo-las dos nossos prezados amigos e assignantes, snrs. Joaquim Simões Lameiro, de Vila Franca, e Antonio Maria Marques, da Runa; bem como a do nosso correspondente da Figueira da Foz, *Apolon.*

Agradecêmos.

UM PLEBISCÍTO

PRÓ-MULHER

Na ancia de enaltecêrmos a roza feminina que, a todo o momento, entreabre a sua candidês, a sua sapiencia, abrirêmos no proximo número um plebiscíto ás damas letradas e inteligentes.

* * *

Oportunamente indicarêmos os premios com que brindarêmos as nossas concorrentes, e que consistirão em obras literarias, scientificas e artisticas.

Partido médico de Arazêde

O médico da Carapinheira quer dança

Sabêmos de fonte limpa que o snr. dr. Alfrêdo Soares Couceiro procura levantar obstáculos á criação do partido médico de Arazêde, influindo perante a Junta médica para a não criação dêsse partido. Sabêmos mais que o snr. dr. Couceiro é o *único* entrave ás justas ambições do pôvo arazedense que, a estas horas, ha de malsinar a sua opinião adversa a um melhoramento que se impõe a bem da saúde pública.

Ora, o snr. dr. Couceiro, consultado pela Camara sôbre a necessidade de sêr criado um partido em Arazêde, respondeu com o seguinte oficio, cuja cópia a seguir publicámos, para edificação dos nossos leitôres:

Cópia do oficio

Excelentissimo Senhor Presidente e mais vogais da Comissão Administrativa de Montemór:

Em resposta ao oficio de Vossa Excelencia, de nove do corrente mez, ácerca do desdobramento do partido da Carapinheira para formação dum outro com séde em Arazêde, cumpre-me dizêr que julgo desnecessario mais um partido para satisfazer ás necessidades clinicas dos povos que fazem parte do partido da Carapinheira, por quanto sou auxiliado na minha clinica por outros medicos, sem nomeação especial quer da Camara quer dos povos, que têm assegurado uma regular assistencia a todos aqueles que a têm solicitado. São esses medicos: minha mulher que faz a clinica da Carapinheira, todas as vezes que sou obrigado a saír para outros pontos do meu partido, e meu pai que faz a de Tentúgal, (que por ser muito reduzida é compativel com a sua saúde), conjuntamente com o facultativo do partido da Misericordia aí existentes. Em conclusão, eu posso com o auxilio prestado por estes clinicos e especialmente por minha mulher provêr ás exigencias do meu partido e tanto que na fréguezia de Arazêde tenho e aceito avençados em iguais condições dos da Carapinheira. Saude e Fraternidade. Carapinheira, vinte de Julho de mil novecentos e dôze. O facultativo municipal da circunscrição da Carapinheira, *Alfredo Soares Couceiro.*

E' edificante, não acham? Mas o que não sabem é que o mêsmo snr. Couceiro, ha tempos, disse a alguem *que achava conveniente a criação dum partido médico em Arazêde.* E agora contradiz-se. E porquê? Porque é médico do partido da Carapinheira, e antigamente não o era. Está-se a vêr o egoismo manifesto; o egoismo e a... ganancia.

Mas é interessante o que o snr. Couceiro diz no oficio dirigido á Camara. Cita, cômo médicos auxiliares da sua clínica, a espôsa, o pai e o facultativo da Misericordia. Mas sabe o snr. Couceiro que nem sua espôsa póde assistir a todo e qualquer enfermo, nem seu pai, pela sua abalada saúde, póde comparecêr sempre que a sua presença seja reclamada, nem o clínico da Misericordia tem obrigação de ir a todos os logares onde o chamem. E cômo o snr. Couceiro não tem nem quer têr o dom da ubiguidade, não póde por isso comparecêr ao mêsmo tempo em toda a fréguezia da Carapinheira, em toda a fréguezia de Tentúgal e em toda a fréguezia de Arazêde que, só por si, é a maior do concêlho de Montemór.

Além disso a grande distancia de Arazêde a Carapinheira, a grande ária da freguezia de Arazêde, impõe-se á imediata criação do partido medico. Arazêde é populosa, e não póde estar assim sem socorros clinicos, á mercê do snr. dr. Couceiro.

Já vê o snr. Conceiro que os seus argumentos caem pela base, por sêrem inconsistentes e intencionais.

Mas a Camara, estamos certos, cumprirá com o seu devêr, e nós cumprirêmos tambem com o nosso.

E por hoje basta.

Livre-pensamento

II

Vamos hoje concluir as nossas razões para com o snr. Pinto Monteiro, e procuraremos, tanto quanto possivel, resumi-las, porque para mais não nos dá o tempo nem o espaço, que muitas vêzes nos fazem suar o topête

Referimo-nos no numero passado a algumas provas de intolerancia religiosa e aos estratagemas de que a igreja uza. Agora, está o snr. Monteiro a vêr que, como estratagemas, mal ficaria ao livre-pensamento utilisar-se de processos falhos de razão e de logica, pois que, devendo ser o livre-pensador um espirito de larga visão, baseando se unicamente nos ditâmes da sua consciencia e da sua razão lúcida, não carece de buscar processos sufisticos e inconsistentes para depôr a sua causa, que é a causa sagrada da Verdade e do Positivismo.

Ou não será assim?...

c) *o livre-pensador não póde conceber a existencia dum Deus regulador das nossas almas.*

Sobre este ponto nada diremos, porque o snr. Pinto Monteiro já se acha devidamente orientado ácêrca das nossas convicções religiósas.

Deuses ha muitos, e não estranharemos se o snr. Pinto Monteiro idear um á sua imagem e semelhança.

Quanto a almas, é este um assunto já tão banal, que ainda outro dia aqui se apontou o caso dum salvador de almas andar pelas carruagens de 3.ª classe, dos caminhos de ferro, a passar bilhetes para cada um pôr a sua alma no seguro

Quer o snr. Pinto Monteiro um dêsses bilhetes salvadores de almas?

Nós, como só crêmos na alma ideal, podemos fornecer-lh'o, visto que tal passaporte se refere á alma imaterial encarada terra-a-terra pelos bombásticos cristanófilos...

E aqui tem o nosso amigo, muito simplesmente, o que se nos oferece

dizer sobre: 1) *os sinais da morte da igreja no século XX*—que aliáz é um ponto debatido hoje eloquentemente noutro logar dêste jornal por um dos nossos mais queridos colaboradores; 2) *as suas provas de intolerancia na apostolização da crença;* 3) *e as provas que demonstram a não existencia do Ente suprêmo*—que nós, de resto, por isso mesmo que nêle não acreditamos, ou melhor, porque nos encontramos num campo completamente estranho ao dos cristãos visionarios, nos abstivemos de provar.

E sobre esta inglória questão, nada mais diremos.

Inglória e esterilisante.

ALMEIDA JUNIOR.

CARTA DE LISBOA

5 de Setembro.

Chegaram a Lisboa no dia 29 do p. passado, vindas da fronteira, duzentas e tantas praças de infanteria 5. Deram entrada na estação do Rocio ás 6 horas, e, a despeito de hora tão matinal, muito povo se juntou saudando com entusiasmo os valentes soldados que souberam, sem desanimos, defender a Republica dos bandos miseraveis do miseravel padre Domingos que vae já a caminho do Brazil, esse poltrão que traiçoeiramente assassinou o pobre administrador de Cabeceiras.

A marcha dos soldados foi, desde a estação ao quartel, verdadeiramente triunfal, sendo comovedor a maneira como, uma vez á porta das cazernas, oficiaes e praças se abraçavam com ternura, como que revivendo o passado de heroismos e o patriótico entusiasmo dos incertos dias de combate, de lucta tenaz em pról desta nacionalidade que todos devemos amar e defender.

=== Para a escola de repetição, partiu no dia 2 o regimento de infanteria 2, composto de 1:100 homens.

Depois da revista na parada do quartel, seguiu em direcção a Amadora seguido de muito povo, que levantava entusiasticos vivas ao exercito, á marinha, á Patria e á Republica.

E' que o povo manifesta, sempre que se lhe proporciona oportunidade, a sua admiração pelas instituições que proclamou e que defenderá intransigentemente.

A banda de musica seguiu tambem com o regimento.

=== Realisa-se nos dias 8 e 9, a feira da Luz, em S. Domingos, onde costuma anualmente afluir grande numero de negociantes.

=== A comissão executiva da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses, concedeu um donativo de 100$000 réis a Eliza da Conceição Ferreira, viuva de João Ferreira que, como o *Devêr* noticiou num dos seus ultimos numeros, foi colhido pelo *sud-express* ao kilometro 26, entre Alhandra e Vila Franca de Xira, quando o infeliz conduzia uma carroça com trigo.

=== Quando em 2 do corrente andava colocando um vidro no telhado da estação do Rocio, perdendo o equilibrio, caiu á rua o operario da casa Mota, Manoel José Fernandes, de 53 anos de idade, ficando bastante contuso pelo corpo. Ficou em tratamento no hospital de S. José, para onde fôra transportado.

=== Teem seguido para o Porto, á consignação do snr. Governador Civil da capital do norte, e carregados na estação de Santa Apolonia, bastantes vagões com milho, comprados pelo Governo á Companhia Nacional de Moagens.

=== Uma grande comissão de empregados da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses projéta levar a efeito, na *gare* da estação de Santa Apolonio, no dia 5 de outubro proximo, um banquete comemorativo do 2.º aniversario da proclamação da Republica Portuguêsa.

Os elementos que hão-de constituir a comissão, são ferro-viarios muito distintos e muito afêtos ao novo regime, e hão-de esforçar-se para dar á festa um brilhantismo condigno. Vão distribuir circulares aos ferro-viarios de todas as linhas do país convidando-os a tomarem parte no banquete que promete revestir grande imponencia.

O *angar* da referida estação será ornamentado a capricho, para o que já foi nomeada uma comissão especial de empregados do Caminho de Ferro.

Nas linhas do *angar* será colocado um vagão aberto, artisticamente engalanado, para servir de corêto á banda que, durante a festa, ali se fará ouvir.

A comissão organisadora, que está contando com a boa vontade e coadjuvação da Direcção Geral, vae reunir-se para pedir a respectiva autorisação á mesma Direcção Geral, a fim de lhe ser cedida a *gare* naqueles dias de festa.

Além do banquete será distribuido um bôdo aos pobres, que constará de dinheiro e vários objétos, preferindo-se os pobres da familia dos empregados falecidos e aqueles cujas condições materiais são precárias, e que infelizmente são muitos.

A Comissão Central tem reunido diáriamente no escritorio da Emprêza do *Chiado Terrasse*.

A cedencia do gabinete deve-se á amabilidade do emprezario do *Chiado Terrasse*, o nosso prestimoso amigo Sabino Corrêa, ferro-viario muito distinto e um dos bons e leais camaradas.

Esta festa de confraternisação impõe-se para reunir energias colectivas que por despeitos ou mal entendidos andam dispersas em prejuiso manifesto para a classe dos ferro-viarios.

A. F. A.

DO BRAZIL

Ainda a atoarda dos acontecimentos.—Mais uma carta a desfazêr a meada

De *Um assinante* de S. Paulo recebêmos mais uma carta a contraditar as noticias alarmantes que uns imbecis paulistas para cá nos impingiram e de que nos fizémos éco. Da sua carta reproduzimos os seguintes periodos:

A noticia que o *Devêr* publicou é completamente falsa, porque os cidadãos julgados mortos estão vivos e de perfeita saúde, e no citado dia não houve a mais pequena diferença durante a viagem. Não acho fundamento a tal noticia, a não sêr que seja isto um modo de desprestigiar as colunas do *Devêr*, jornal que deve sêr honrado por tôdos nós.

Tenho para mim, e não me engano, que isso seria uma graça dalgum ou alguns apaixonaditos da monarquia e verdadeiros *paivantes*... Pois que êsses senhôres se divirtam a mandar alguns cobresitos para o tio Paiva, que está precisando dêles para comprar charutos, e deixem o *Devêr* em paz, que tem outra missão a cumprir.

Tem razão *Um assinante*. A nossa missão é outra e muito mais alta do que alguem imagina.

Uma professôra exemplar

Tendo sido criada ha um âno a escóla feminina da fréguezia de Paradéla, concelho de Penacova, acabâmos de saber que, no âno létivo findo, fôram aprovadas quatro alunas do 1.º grau. merecendo três, a classificação de *ótimo* e uma de *bem;* e no 2.º grau ficou uma *aprovada*. Das alunas do 1.º grau, duas eram analfabetas, e mereceram *ótimo*, só em 9 mezes escolares!

E' por este tão lisongeiro resultado que felicitâmos a digna professôra de Paradéla, snr.ª D. Valentina da Conceição Mélo, que no desempenho do seu espinhoso cargo, durante 4 ânos, tem sempre dado provas públicas do seu incontestavel zêlo e competencia, desde que entrou para o magisterio. Assim o afirma o muito digno Inspectôr do circulo de Gouveia num atestado, que vimos, no qual declara o seu bom desempenho escolar, no triénio em que regeu a cadeira mista de S. Martinho, e a aprovação no 1.º grau, de seis alunas e de onze alunos, merecendo as alunas 3 *ótimo*, 2 *bem* e 1 *suficiente*, e os alunos 10 *ótimo* e 1 *bem*. No 2.º grau houve 3 alunos, ficando todos aprovados.

Por tão irrefragaveis provas de zêlo, é evidente que esta professôra é uma das que honra o concelho, onde reger cadeira.

Mais uma vês a cumprimentâmos.

CRÓNICA DO PORTO

Não sei por que motivo, nem por que força eu zurzo constantemente a péle estafadissima do velho tambôr do Pessimismo.

Atribúo, mesmo, tal defeito a um intrincado atavismo, a uma má vontade, puramente hereditaria. Dissipando trevas, no emtanto, eu devo dizer-te, ó paciente leitor, que costumo assentar as minhas apreciações num fundo de razão inalteravel.

Descoloridas, sim, mas gravadas, bem fundo, no aço invulneravel da Justiça.

Despretenciosas e chúlas, despidas de termos rendilhados e frases empolgantes e incisivas. Frias e justiceiras, no emtanto, cobértas pelo sarcasmo livido e trágico que costuma aflorar ás almas boas e puras em face dum viver infame e rancoroso.

E, por isso, dando largas aos meus adejos, eu lanço a minha vista a esta babilónia infame e vejo, com espantosa lucidez, a eterna luta, o eterno conflito entre o burguês que sorve *chartreuse* e *pipermint* e o trágico oprimido que mitiga a sêde nas bagas colossais do seu suór.

Patrias que se armam até aos dentes para levarem a morte e o luto ás choupanas dos dedicados filhos.

Aeroplanos que vôam docemente por sobre uma revoada de pardais; conspiradores que chegam; herois que se mostram; politicos que se esmagam e, no final de contas, um cronista que não tem que fazer...

E' noite. No vasto manto negro e funeral os foguêtes estralejam marchetados de vivissimas côres. O Palacio de Cristal engalâna-se altivo dos seus mais deslumbrantes artificios. E' a festa do biplâno.

E bem biplâno, mãe genésica! Bem biplano a nossa corruta e impudente sociedade...

Emquanto uns se inebriam no vasto plano da grandêsa, outros se debatem no cruento plano da Miseria e da Fome!

Bem biplano, sim, porque, logicamente, este mundo é um defeituôso aparelho aos trambulhões pelo azul do Infinito!

Porto, 3 de setembro de 1912.

GOMES MONTEIRO.

Ferro-viarios de Portugal

O *Mundo* de há dias, em justa homenagem ás qualidades de caráter do ilustre funcionario da Companhia Portuguêsa, que é Santos Vitoria, dizia, dêste camarada inteligente, o seguinte:

Tendo-se ausentado de licença o encarregado do serviço do Trafego snr. Vasco de Sousa e Vasconcelos, foi pela Direcção Geral da Companhia Portuguêsa nomeado para desempenhar as suas funções o snr. Pedro dos Santos Vitoria, secretario da exploração. E' sobejamente conhecido este nome para que possamos fazer a sua apresentação. Falam por nós os que com ele teem privado e o reconhecem como trabalhador estrenuo, fecundo e persistente. No decurso de uma existencia inteira de esforço, justo é que a sua actividade vá recebendo, ainda que por parcelas, os louros de que é digno. Entre todos os ferro-viarios da Companhia Portuguêsa reina nêste momento indizivel satisfação, pois que o snr. Pedro dos Santos Vitoria é dos poucos que á sua vontade indomavel, perseverança e qualidades de trabalho tudo deve, porque tendo iniciado a sua carreira como modesto subalterno, foi conquistando palmo a palmo os graus sucessivos da sua escalahierarquica, sem nunca olvidar os seus companheiros de trabalho, de que ele sempre se acerca quando nêles reconhece seriedade e honestidade de carater e de principios.

Efetivamente é pouco tudo o que de Santos Vitoria se disser, quer o encaremos como homem, duma bondade sem limites, duma cordura e de uma delicadeza inexcediveis, quer o julguemos como funcionario distinto e leal, sempre pronto a servir e a perdoar, a prestar o seu valioso concurso a todos que dêle se acerquem em horas criticas da vida profissional.

Quem escreve estas linhas não conhece pessoalmente Santos Vitoria, mas conhece muito bem os relevantes serviços por êle prestados á sua classe e a estima que todos lhe consagramos, superiores e subordinados, com quem êle, como poucos, tem sabido confraternisar.

Faltaria a um dos meus mais imperiosos deveres se, abrindo um interregno na lucta semanal que venho travando desde a fundação dêste jornal, eu não prestasse justiça ao homem e ao empregado a quem, de resto, a imprensa diaria primeira e justamente se referiu.

Que a sua modestia reconhecida releve estas palavras humildes, filhas duma grande sinceridade e do maior desinteresse.

De resto estas colunas pôz o *Devêr* á disposição da nossa classe para nelas se dizerem verdades, quer essas verdades firam, quer elevem em apoteose profunda aqueles que de apoteoses forem merecedores.

E daqui não há que fugir.

BELMIRO.

BATISADO

No domingo passado realisou-se o bátizado dum filhinho do snr. José Abrantes, de Vila Franca, que recebeu o nome de Jaime. Foram padrinhos do neófito os meninos João Ferrão e Angelina Ferrão, filhos do nosso amigo snr. Antonio Ferrão, de Vila Franca.

OS GATOS

Ha quem sinta *prazer* em perseguir os gatos pelas ruas.

E' um velho habito denunciador da nossa absoluta carencia de educação. Atirar uma pedra a um gato, fechal-o numa escada para o vêr indignado (talvez contra o infamissimo proceder do homem!), tudo isso e mais alguma coisa que o acaso, felizmente, nos não tem proporcionado observar, é facil vêr pelas ruas de Lisbôa. Nada ha que justifique esse procedimento, a não ser a falta de criterio de certos homens. Esses animais, como tantos outros, prestam-nos mil serviços, como a devastação dos ratos, e, sobretudo, é um grande amigo do lar domestico, que ama, conhece e respeita.

Sente prazer em estar na casa de familia e é raro quebrar qualquer objéto ou danificar seja o que fôr pois tem nisso o maior cuidado.

Nêste particular de ser amigo do lar domestico, o gato póde até dar lições a esses homens que abandonam o socego, a harmonia e a afabilidade da casa de familia para irem passar o tempo entre mil futilidades prejudiciais, como a taberna, o jogo, o prostibulo, etc.

Já que tivemos de falar em gatos, seja-nos permitida a transcrição do seguinte trecho do ilustre escritôr D. Alberto Bramão:

«E depois que infinita graça, que extremos de espirito, de humorismo, de pilheria natural não realisa o gato quando se coça, quando se mexe, em suma!»

E mais abaixo:

«De resto ele foi o amigo intimo de Baudelaire, o grande poeta, e essa amisade é titulo mais que suficiente para o impôr ao respeito e admiração de nós todos.

Homem que passas, ali tens um gato. Tira o chapeu e segue o teu caminho!»

J. Fontana da Silva.

PELA INSTRUÇÃO

Assumiu a regencia da escola de Lemêde-Cadima, o snr. Joaquim Maria Delgado, que êste ano concldju o curso da escola normal.

Felicitamo-lo.

Aniversário

Fez anos na sexta-feira uma filhinha do nosso presado assinante de Pampilhosa, snr. Alipio Geraldo Lopes, revisor de material da Companhia Portuguêsa.

Felicitamos.

De profundis...

A morte proxima da Igreja é um facto que durante o seculo presente se dará. Tudo nos faz prevêr que a conducta censuravel e criminosa dos seus ministros ha de fazer baquear o seu poderio e o seu fausto, e, assim como Victor Manuel alienou os seus bens temporais, recuperando para a Italia o que lhe pertencia, egualmente o vulgo, onde a sciencia já tem adeptos e defensores, crentes e estudiosos, ha de retirar-lhe a sua confiança e sorrir dos seus dogmas que o bom senso e a razão repudiam com violencia. A fé não se exterminará, convenho.

A religião tem a aureola do misticismo que agrada ás almas poéticas e aos espiritos mórbidos. Mas entre a fé e a Igreja distingo. Póde ter fé quem confiar num Deus-Creador, num Deus-Natureza que não é o mesmo Deus que acoberta debaixo da esfarrapada capa essa coórte imensa de sotainas que out'rora regeu o mundo ditando leis aos manarcas e impondo ao pôvo a crença em presença duma fogueira ou em face dum tormento. O espirito moderno não se coaduna com a Igreja tal como ela está.

E ela propria que tem transigido com o pôvo, tem aulicos que apregoam já, por conveniencia, que a Igreja póde coadunar-se com a sciencia moderna, que impera e ha de reger os povos. Terá a Igreja que despir a sua púrpura, descrer da infalibidade do seu chefe, reconhecer a irrisão dos seus dogmas, afastar de si as doutrinas que não sejam simplesmente cristãs ou antes platónicas, para conseguir alguma coisa de mãos dadas com a sciencia.

Não sou precisamente um positivista que calque aos pés todas as doutrinas da Igreja, sou simplesmente um censor ácre de tudo quanto se passa entre a cáfila de sectarios de uma Igreja que não é como devia ser de paz e de amôr. Eu ponho de parte as minúcias scientificas dos sábios que duvidam da existencia do Cristo e encontram incongruencias nos proprios evangelhos. Isso seria o suficiente indicador para identificar um espirito culto de que a verdade da Biblia não era autentica. Entre os sábios, ha, pelo menos, a dúvida intima dos pregões da Igreja e entre o vulgo das aldeias se essa dúvida não existe é devido á razão da sua falta de cultura. Mas se um dia essa cultura entrar no cerebro popular, ha de vêr-se a indiferença que votará á Igreja, principalmente se ela continuar a selécionar os seus ministros entre a escumalha dos faltos de sentimento e pundonor, como o tem feito até aqui numa norma excecionalmente posta de parte.

O fim da Igreja é uma lógica consequencia do proceder dos seus ministros e o final das suas repugnantes mentiras aperfeiçoadas com os seculos. Entre-se na Igreja e verse á o aparato scénico, os actores, os comparsas, a orquestra, o contraregra, o ponto, como em qualquer palco onde se represente uma farça, compulse-se a historia e leia-se as suas páginas envenenadas pela intervenção fatídica da Igreja. Isto repugna á sciencia e á razão e o povo, certamente opta, na escolha, por estas ultimas. A fé talvez fique nas almas simples ou nos corações daqueles que ponham de parte a ideia do padre, mas a Igreja baqueará.

O pôvo retirando a sua confiança ao suposto ministro de Deus na terra, provocará a morte da Igreja, o que se dará por todo o seculo presente. E se não sucumbir, pelo menos o seu poderio, a sua arrogancia, o seu prestigio deixará de existir e será fulminado pela Razão e pela Justiça.

Porto.

M. Duarte Lopes.

ENTRE NÓS

Vimos aqui o nosso prezado assinante snr. Joaquim Marques da Costa, de Ponte de Cadima.

OS JESUITAS

Certos rabiscadores jesuitas deitaram prosa peçonhenta em jornais reacionarios de Espanha, achincalhando a Republica portuguêsa, e tem chegado o seu raivoso atrevimento a dizerem que o povo português se encontra dirigido por uma Republica de carbonários

E' espantoso o procedimento daqueles patifes.

A companhia de Jesus e seus agentes não podem esquecer que o povo português correu para sempre os jesuitas que enfestavam Portugal, e por isso inventam toda a cásta de calúnias para nos deprimir perante as outras nações.

Chega o desafôro daquela gente, que odeia o regime democratico, a ponto de aconselhar coisas tétricas a respeito de Portugal.

Os portuguêses, que se prezam dêsse nome, saberão, á custa de todos os sacrificios, responder aos imbecis que nos provocarem.

Todos nós conhecemos o que se passou com a malta couceirista, que gosou sempre da benevolencia do governo de Canalejas, e agora vemos que as providencias falham por parte do mesmo governo que devia coíbir, duma fórma inergica, o que em Espanha se está escrevendo nos jornais reacionarios contra Portugal.

Triste é dize-lo, mas a companhia de Jesus é quem manda, e a prova-lo está o facto de o Vaticano, segundo consta, ir exercer vingança nos padres pensionistas que acataram a Republica e aceitaram o subsidio, o que só agora, depois de decorridos mezes, o Vaticano descobre.

O governo português saberá, no entanto, defender os padres liberais e fazer cumprir as leis da Republica sem clemencia para quem quer que seja.

Não tenham, pois, os padres liberais mêdo do Vaticano, e cumpram com os seus deveres dentro das leis do novo regime, que a nação lhes tará justiça.

A. F. A.

«O DEVER» é um dos jornais da provincia que insere mais variedade de assuntos. Artigos politicos e sociais.

Defêza de todas as classes produtôras. Assinatura: 1$000 réis por ano.

Tourada na Figueira da Foz

Realisa-se hoje em Figueira da Foz a anunciada tourada que coincide com os festejos á Senhora da Encarnação, em Buarcos.

Serão lidados 10 magnificos touros das manadas do afamado lavrador snr. Emilio Infante.

Tomam parte na corrida, que começa ás 16,30, os cavaleiros Fernando Ricardo Pereira e Morgado de Covas e os bandarilheiros Jorge Cadete, Torres Branco, Carlos Gonçalves, G. Tadeu, Ribeiro Tomé, Alexandre Vieira e João d'Oliveira.

Dirige a corrida o snr. Jaime Henriques.

Abrilhantará a corrida a excelente filarmonica 10 d'agosto.

O Padre... reincide

Tenho-me abstido até hoje de entrar em lides jornalisticas, porque os meus minguados méritos literarios a isso se opõem; mas tratando-se de uma causa que tem por norma a defeza dos legitimos direitos de cidadãos probos e livres, não posso remeter-me ao silencio, e vou explicar verdadeira e textualmente um caso que bastante me impressionou.

E' bem conhecido por todos no nosso concêlho o tonsurado reacionario que aqui exerce, a descontento da maior parte do povo, as funções de páraco desta freguezia. Pois este conspicuo reverendo, que se tem tornado célebre pelas suas caturrices, acaba de se salientar em mais uma, alvejando com a sua critica pestilenta e difamatoria dois cidadãos honestos. Eis o caso:

Tendo-se sepultado ha dias aqui um individuo a quem o reverendo foi encomendar, teve este para com o pessoal que assistiu ao funeral palavras pouco dignas que feriram caluniosamente os alvejados. A marcha do cortejo, na remoção do cadáver para o cemiterio, foi feita com a devida compostura e decencia. Como esta localidade não está ligada áquela onde o finado pertencia, o cortejo veio até aqui sem formatura, e como viessem dispersos os que o acompanhavam, dois cidadãos que o reverendo não via com bons olhos, lembraram-se, para encurtar caminho, de seguir por um atalho que ia dar ao local onde o cortejo se havia de pôr em seguimento. Foi isto o bastante para o sacerdote lhes fazer as mais acerbas referencias, dizendo com desabrimento que não deviam receber o soldo que a todos os presentes competia, e se as pessoas da familia do finado se não deixassem iludir com as suas patranhas, decerto não lhes pagariam.

E' isto toleravel e admissivel? Quér sua reverendissima impôr-se á vontade de cidadãos que sabem respeitar a sua crença, acatando as ideias d'outrem? Pois tenha paciencia, continue com as suas caturrices que nós cá estamos de atalaia, sempre dispostos a combater os seus actos irregulares, cumprindo assim uma obra de sumo interesse para a causa do pôvo.

Tocha, Agôsto de 1912.

ALFREDO R. D'ANDRADE.

Soveral da Rocha

Deixou de fazer parte da redacção dêste jornal, este nosso presado amigo, que desde a sua fundação tem trabalhado a nosso lado.

Os dois camponezes

— Então, snr. Elias, como estão este ano as suas vinhas e os seus milharais?

— Muito bem, João; pois apezar do ano ser ruim, parece um milagre, onde apliquei os adubos da casa Herold.

— Mas que adubos empregou o snr. Elias?

— Empreguei ao milho, os *adubus compostos;* e á vinha, *cal azotada, kainite* e *fosfato Tomaz.*

— O' snr. Elias, mas eu já ouvi dizer que a casa Herold tem adubos superiores; será verdade?

— Pois é. Olhe: tem amonio alemão, marca *Dragão*, de dozagem mais alta que outros vendem, e tem tambem superfosfato da marca *Galo*, de fabrico inglez, muito superior ao que outra gente vende.

— Pois, snr. Elias, eu sempre tenho ouvido dizer que os adubos melhores, são os da casa O. Herold & C.ª, e que é esta a unica casa séria que aqui está acreditada.

— Pois tambem te digo, João, nem só a casa Herold tem sido séria, pois o agente da dita casa, NA CAMARNEIRA — CANTANHEDE, chamado FORTUNATO VAZ, me tem fornecido os tais adubos, e sempre sem que tenha havido um pequeno engano, e por isso devemos dar-lhe sempre preferencia.

Carvalho Neves

De passagem de Figueira para Cadima, acompanhado do snr. tenente-coronel José Luiz d'Almeida, deu-nos o prazer da sua visita este nosso presado amigo, que ha pouco regressou de Pariz.

Agradecemos a gentileza.

Comissão Administrativa de Montemór-o-Velho

Extráto da Sessão de 17 de Agosto de 1912

(Retardado)

Expediente—Lida e aprovada a acta da sessão anterior, a comissão tomou conhecimento do estado do cofre, que acusava um saldo de réis 695$069 réis, entrando a receita de viação.

Tomou tambem conhecimento da correspondencia, dentre a qual destaca um oficio do director Vinócnico do Centro, no qual, ponderando a conveniencia de serem feitas conferencias nas principais regiões vinicolas sobre os serviços e operações vinócnicas, se oferece para vir fazer essas conferencias, havendo apênas a pagar as despezas de transporte e de residencia. A comissão por atender a que se está dando principio ás colheitas dos cereais, fonte principal da riqueza desta região, sendo certo que a colheita vinicola é apenas subsidiaria, e a que, nestas circunstancias os lavradores absorvidos pelos trabalhos agricolas não prestariam as atenções necessarias e devidas aos serviços e experiencias vinócnicos, aliaz emportantissimo, resolveu aguardar ocasião mais oportuna para pedir que se façam as sessões publicas sobre tão importante assunto em que o povo vinicola do concêlho muito tem que aprender.

Sobre um oficio-carta do dr. Lomelino de Freitas a pedir, em nôme duma empreza que representa, se lhe informe ácérca das minas existentes e aguas termais do concêlho, resolveu que se mandasse a nota das conhecidas, algumas das quais fôram em tempo registadas.

Partido médico—Acérca dum oficio do médico municipal do partido da Carapinheira a responder ao da Comissão, que julgava desnecessaria a creação do partido de Arazêde, porque êle com três colegas auxiliares, sua espôsa, seu pai e ainda o médico da Misericordia de Tentúgal, satisfaziam ás necessidades clinicas do partido, respondeu o snr. Vice-Presidente, Ferreira d'Andrade, rebatendo um a um os argumentos do referido médico para a desnecessidade de ser criado o partido de Arazêde, terminando por propôr que fôsse criado esse partido.

Nesta altura o vogal da comissão, Almeida Machado, fez vêr que tambem a freguezia de Tentúgal tem direito a médico municipal, e por isso era urgente que ali fôsse tambem criado um partido cômo já têve. Estabelece-se discussão entre os dois ilustres vogais, cada um advogando e fazendo vêr as necessidades das respectivas freguezias, sendo por fim resolvido que este aliaz importante assunto, que tanto se relaciona com a saude publica, fôsse resolvido em uma outra sessão, devendo contudo ter-se em vista a actual receita e despeza municipal, que não comporta tão grandes encargos actualmente.

Alinhamentos—Foram despachados varios requerimentos de interesse particular, sendo nomeados peritos para a medição e avaliação de terrenos a ceder por alinhamento.

Foi concedida a licença requerida por varios moradores do logar das Faiscas para fazerem um desvio na directriz da estrada que passa no logar, impondo-se-lhes as condições para se consentir nêsse desvio e marcando-se-lhes um prazo para as obras a efectuar.

Licença—Resolveu-se que quando qualquer facultativo municipal haja de auzentar-se da séde do partido por motivo de fôrça maior, e não haja tempo de solicitar á Camara a necessaria licença, essa licença possa ser concedida pelo vogal de circunscrição mais proximo.

Despêzas — Autorisou e mandou pagar varias despêzas, depois do que foi encerrada a sessão.

Jacinto Ventura dos Santos

Parte ámanhã para Caldas da Rainha, onde permanecerá durante 15 dias a fazer uso de banhos, este nosso presado amigo, inteligente Fiscal do Governo de Via e Obras, em Válega, Mogofores.

Feliz regresso.

CORRESPONDENCIAS

Figueira da Foz, 4

Nos ultimos dias teem chegado a esta cidade numerosas familias, que prontamente substituiram as que retiraram.

Seria muito maior a concorrencia se o jogo não tivesse sido proibido.

Venham visitantes, que a Figueira tem muito onde eles se instalem.

=== No proximo dia 8, como disse na correspondencia atrazada, ha a tradicional romaria da Senhora da Encarnação, em Buarcos, tendo logar nêsse dia, alem doutros divertimentos, uma grandiosa tourada promovida pela Direcção do Coliseu Figueirense. Os touros são do lavrador Emilio Infante. Cavaleiros, estavam anunciados os celebres Casimiros, mas, devido a conspiratas, etc., veem substitui-los o valente Morgado de Covas e Fernando Ricardo Pereira. Bandarilheiros, são dos mais aplaudidos, dentre os quaes se destacam, Jorge Cadete e Torres Branco.

Haverá tambem regata no estuario do mondego, nos dias 8 e 9, a primeira promovida pela Associação Naval 1.º de Maio, que constará de corrida de remos, natação e vela, e a 2.ª para disputa da taça Mondego, á qual concorrem, alem do Gynasio Club Figueirense, o Club Naval e Associação Naval de Lisboa.

E' de esperar grande entusiasmo, e farta concorrencia.

=== Devem sair no proximo dia 16, as companhias do regimento de infanteria 28 que, ao que dizem, irão acompanhadas da respectiva banda.

=== O movimento maritimo tem sido diminuto nestas ultimas semanas, e a draga está em férias.

Tambem tem direito á vida...

Apolon.

GATÕES, 5.

O tempo melhorou de tal maneira, com grande satisfação dos lavradôres. Ha dois dias tem feito um calôr excessivo, apetecendo andar em trajes de camponez. O sábio astrónomo vai tendo razão.

=== Ontem, por volta das 24 horas, manifestou-se incendio numa casa de arrecadação do snr. Antonio Gômes Cavaleiro, tambem conhecido por Antonio Teodóro, do logar da Cabeça Grande, entre Seixo e Gatões. Toda a casa ardeu por completo, bem como o que ela continha: milho, batatas, cevada, roupas, etc., não escapando algumas notas do Banco, que ficaram reduzidos a cinzas, e algum dinheiro em prata e ouro, que ficou derretido. Os prejuizos são avaliados em mais de 600 mil réis. A casa não estava no seguro.

Bom seria que tôdos os lavradôres se reunissem e concorressem com alguma coisa a favôr do infeliz Cavaleiro.

=== A banhos na encantadora praia de Buarcos, encontra-se o snr. Joaquim Matos Paixão, habil engenheiro telegrafico da estação central de Lisbôa, e filho do nosso amigo, snr. José Jesus Paixão, desta localidade. O snr. Mota Paixão esteve aqui no dia 1, de vizita a seus extremosos pais.

—— Segundo consta, sairá no dia 8, pela primeira vêz, a tuna Gatoense, de vizita aos seus amigos.

Muito folgamos que assim seja.

—— Vimos aqui os nossos amigos, snrs. Joaquim Côca Junior, do Zambujeiro, e Fortunato Vaz, da Camarneira (Cantanhêde).

—— No dia 1 visitou-nos nesta povoação a Sociedade Filarmónica de Liceia, executando algumas peças do seu nôvo reportório.

Desejamos que faça grandes progressos.

Letnemip.

ANUNCIOS

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

(Antiga Casa Novais)

MONTEMÓR-O-VELHO

Mercearia, Tabacos e Fazendas Brancas

— DE —

JOÃO ANTONIO RODRIGUES

(Successores)

Esta casa é, onde se encontra o o mais completo sortido em artigos de 1.ª qualidade.

Deposito de farinhas, cimento, vidraça, telha de vidro e velas de cêra, etc...

Vendas por preços de Lisboa e Porto.

Unicos depositarios do **Café Distinto**, em latas de 500 e 250 gramas, e em pacotes de 250, 125 e 100 gramas.

Este café, devido á sua combinação, é o mais forte, saborôso e aromatico, e é o mais economico, empregando-se menos um terço, dêste café do que de qualquer outro, para dar o resultado desejado.

Este magnifico café combate todas as marcas que apareçam no mercado.

Provai e vereis o resultado!...

NOVA LOJA NA MEALHADA

INAUGURADA

NO

Domingo, 25 d'Agosto

LARGO DR. COSTA SIMÕES

Augusto Brandão vem participar a abertura da sua nova loja. Esta casa é a ampliação da que em 1861 seu pai Augusto Ferreira Brandão, fundou. As suas honrosas tradições de seriedade, que sempre presidiram ás suas transações, serão mantidas e continuadas na nova casa.

Na sua montagem dedicou-lhe os seus maiores cuidados para ficar com todas as condições modernas. Abre com as seguintes secções:

Fazendas
Mercearia
Tabacos
Transações bancarias
Passagens para Africa e Brazil

Muito especialmente chama a atenção do publico desta região para as boas condições em que são apresentados todos os artigos do seu sortido, *diretamente comprado ás fabricas pela sua*

Casa de Lisboa

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

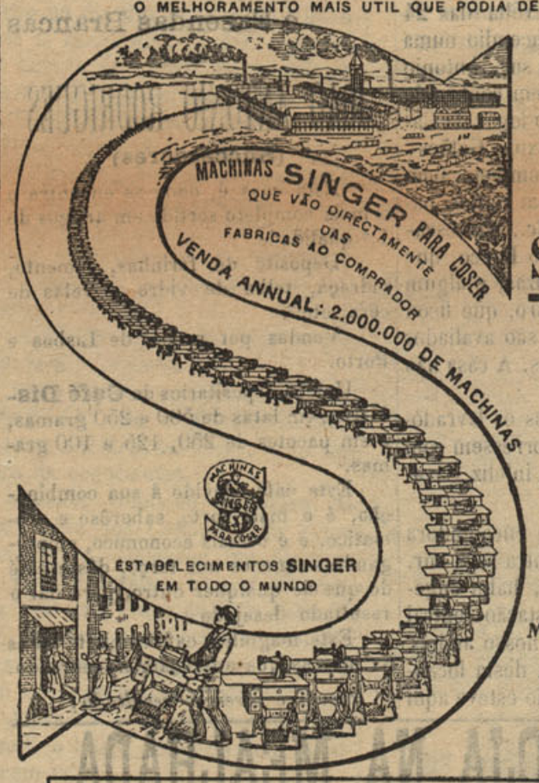
(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 15 de Setembro de 1912 — N.º 30

O DEVÊR

Semanário Republicâno

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

A prostituição

E' um mal que nos envergonha, e, apezar disso, é um mal cuja chaga pestilente parece estar cada vez mais aberta, mais gangrenosa.

Não se deu ainda um passo, por parte dos dirigentes, para se atenuar em Portugal a mizéria das desgraçadas que, especialmente nos grandes centros, nos importunam a cada instante, já habituadas ao vil comercio da sua carne, que não ha palavras para elas capazes de calar-lhe fundo na alma a ponto de se regenerarem ou, quanto mais não fosse, procurarem evitar, as scênas de degradação que, a olho nú, se estão dando por toda a parte.

Depois, quaisquer medidas governativas tendentes a minorar e a diminuir tais factos ultrajantes e vergonhosos, não minorariam sómente a sorte das desditosas cujo cruel destino, em a maciêza da pêle desaparecendo, é o catre dum hospital ou a tarimba dura dum calabouço. Seria tambem de utilidade pratica e manifesto beneficio para a sociedade, que, afinal de contas, é a única culpada de tanta devassidão, de tanta prostituição.

Não é só nas camadas baixas, nas chamadas desprotegidas da sorte que o vicio da prostituição impéra. E senão, vejamos o que narrava ha dias, a respeito de mulheres perdidas, um jornal da tarde, da Capital, referindo-se a uma rusga da sanitária feita a uma casa onde reunia a *jeunesse dorée* de Lisboa:

> Foram apanhadas na rêde nada menos de 9 mulheres, todas trajando rica e elegantemente, com grandes chapeus de rendas e plumas á *Casta Suzana* e vistosos sapatos de camurça branca com saltos de polimento, emfim no ultimo requinte da moda.
>
> As 9 presas, entre as quaes figuram algumas casadas e outras que vivem com rapazes bem colocados, ficaram desorientadas quando a policia lhes entrou em casa.

E aqui tem como se dispende o dinheiro e como a vida, a saude, quantas vezes a tranquilidade, a liberdade se consomem! E aqui teem como se passa o tempo, em muitas partes — muitissimas — na Capital e nos grandes centros populosos do país.

Mulheres casadas, amancebadas, quantas vezes vivendo no seio da *alta*, apertando mãos reluzentes de pedrarías caras, vivem por ali, nos postíbulos da desvergonha, nos negros antros da corrução, ganhando o que falta para a sustentação do grande luxo!

E vê-as a gente passar, rainhas da moda e julgando-as um céu de purêza e moralidade, e abre-lhe, respeitosa e reverentemente, alas, afasta-se a gente, curvando a cabeça, com receio não lhes vamos manchar, com o nosso casaco coçado, as sêdas roçagantes dos seus vestidos, e faz a gente tudo isto, mas, se nos dessemos ao trabalho de as seguir, ve-las-iamos dar entrada nas alfurjas do vicio onde as esperam já, impacientes, esses *dandis* de polaina e monóculo que o depauperado tezouro público amamenta em paga de... uma assinatura no livro do ponto.

O evolucionismo falou para aí, há tempos, numa reforma de molde a diminuir esta grande nódoa da humanidade que nem os seculos teem sido capazes de apagar, mas tudo ficou no tinteiro. Os jornais começaram a dizer qualquer coisa e... calaram-se. E' que carecemos de nichos, e a sanitária teria que ir... capar abóboras.

Boto Machado, tambem, todo entregue á vida diplomatica, já não quer saber de coisas mínimas.

Bons tempos que já lá vão, tempos da *Vanguarda*, saudosos tempos da propaganda!

Mas... não vale a pêna reviver lampejos de luz, relembrar impetos de regeneração humana.

Entretanto que se vão enchendo os calaboiços, e que muitas delas, das desgraçadas, vão tendo oportunidade de escrever cartas e bilhetes recomendando-se a pessoas das suas relações para serem soltas, não pagarem *a multa* e... continuarem no triste fado mostrando a chaga pestilente, que parece estar cada vez mais aberta, mais grangrenosa.

ALMEIDA JUNIOR.

Leituras más

Num muito sensato artigo de D. Aurea Judit Amaral, publicado no semanario de Arazêde *O Devêr* e reportando-se á influencia da leitura de certas obras diz a mesma snr.ª:

> Insisto no mesmo assunto da semana passada—na influencia das leituras. E foi por acidentalmente me chegar ás mãos o primeiro número de uma nova fôlha ilustrada—uma revista cujas gravuras e cuja leitura, me magoáram intimamente nas minhas ideias de filantropia e na minha sêde de aperfeiçoamento social.
>
> E porquê? Porque como educadora de crianças e como amiga da literatura, reconhêço o produto funesto que tal leitura possa fazer: um relato minucioso de crimes, uma enfiada de scênas macábras elucidadas por meio de gravuras!
>
> Um jornal todo assim, que para muitos terá todo o valor, eu não posso deixar de o apelidar de escola do crime.

Realmente essa revista que não é senão um repositorio minucioso e circunstanciado de crimes os mais barbaros e os mais atrozes e um estimulante poderoso para depravar os caractéres, necessariamente ha de exercer uma ação deletéria no nosso meio social.

E são essas publicações, as que são bafejadas pela aura popular e seguem facil carreira.

E são os escribas de tais obras que a miúdo se arrogam a qualidade de mentôres da sociedade, á qual, por meio da sua imprensa desinteressada e moralisadôra iluminam com o *farol* da educação e da civilisação!

Ora bolas!

(De *A Humanidade*, de Coimbra).

Uma sessão nocturna

A Junta de paróquia reune extraordinariamente para respondêr a um oficio da comissão administrativa sôbre o partido médico de Arazêde.

Convidada ha poucos dias pela comissão administrativa de Montemor a emitir a sua opinião sobre a qualidade do serviço clinico nesta fréguezia do snr. dr. Alfrêdo Couceiro, medico na Carapinheira, reuniu em maioria na passada quarta-feira, pelas 20 horas, a junta parochial desta fréguezia, tendo comparecido ainda a convite da junta, o snr. Augusto de Andrade, na qualidade de farmaceutico, e o regedor substituto.

Posto á discussão o oficio da comissão administrativa, a junta resolveu informar que o facultativo da Carapinheira não podia desempenhar cabalmente os serviços clinicos na fréguezia de Arazêde, em razão da enorme área que abrange o partido com séde na Carapinheira e que comporta cérca de 16:000 habitantes a exigirem socórros médicos. Nesta conformidade, entendia que, por absoluta impossibilidade de o médico da Carapinheira fazêr uma perfeita assistencia a tôdos aquêles que solicitassem os seus socorros, devia sêr criado um partido médico com séde em Arazêde.

Foi aprovada esta resolução, de que a junta deu logo conhecimento á comissão administrativa.

Isto foi resolvido por maioria, isto tem, por tanto, que respeitar-se. O desejo duma freguezia tem que ser, e deve ser acatado. Vejam bem.

Oportunamente farêmos considerações ácêrca do mesmo partido que, parece, vai têr uma história larga.

CRÓNICA DO PORTO

A's tardes, quando o Fébo esbraseante nos concéde tréguas á luta tisnadôra a que nós, aliás, respondêmos com niagáras heroicas de suór, eu vou dár o meu giro habitual pela querida e muito nobre cidade das tripas.

Exausto de mássas, é cérto, mas libérto do galicismo estúpido da matilha de pedantes, que para aí pululam aos centos, aos milháres.

E, senão é vê-los, fatinho á móda, charuto de patáco ao canto d'esse rasgão imundo, que na gente se chama a *bóca*, dirijindo piádas ás cachopas, que faziam estremecêr de nôjo e compaixão o mais chapado lôrpa de Cacilhas.

Mas, furtando o meu olhar ao pedantismo vil, eu fito o azul do firmamento, o tão sublime azul dos mantos sideráis das vividas Camenas.

Um ponto negro se divisa voando, voando, n'um arrojado adejo de condôr.

— O biplano! O biplano! grita a multidão extasiáda, como se d'ali se estivesse apreciando uma nêsga do paraiso tão cantado.

— E' Trescartes, afirma um com ares de sabichão.

— Quáis *três cartas* nem qual diabo! Aquilo é o Ferramenta que nos vem visitár do outro-mundo... reponta outro com a intonação d'um consagrado piadista.

E o aeroplano lá vai voando, voando, pilotado pelo intrepido Trescartes, que, como francês, reputa aquilo, lá por cima, de roupa de francêses.

Agora, baixo os olhos ás podridões terrenas.

As zôrras passam replétas de bagágem, onde se lê a fatidica palávra: *Brazil*.

A emigração!

São os pobres oprimidos que, á semelhança das aves pelo outôno, buscam parájens mais gratas, mais felizes.

E lá vão miseraveis e rôtos, emquanto, nos ares volitam contos de reis, na graciósa engrenájem d'um aparelho aério.

E a agricultura definha a olhos vistos, nas garras de tão lamentavel incuria, que a ha-de arrastár ao sepulcro letál do mais completo abandôno! Agóra, são tropas que regressam de manobras, exaustas, abatidas, após uma marcha de leguas e leguas, sob um calôr ardente, asfixiante.

Regressam ao quartel, emquanto uns quarenta dão entrada no Hospital Militar.

Valeu-lhes bem a pena, não resta duvida. Voltam mestres na criminósa árte de bem assassinarem seus irmãos!

E lembrar-se a gente, que o nosso formidavel Viriato fês respeitar este pequeno torrão sem manobras e exercicios, trocando o cajádo por um gladio, com a mesma facilidade que hoje em dia se trocam dois tostões!

Todavia, como isto não vai a matár, amenisámos tão árido cenário com uma coisa alegre e aprazivel.

Uma noite bem passada no Grupo dos Modéstos, que, na sua ridente união fraternal, elévam á cêna a graciosa operêta de Magalhães Godinho, *Os milhões da viuva*, com musica da inconfundivel *Viuva Alégre*, de Franz Lehar.

Se uma Angela Pinto, uma Palmira Bastos, ou mêsmo até, uma Cremilda d'Oliveira, pisam um palco, no brilho sublime do seu genio, nós, etérnos amadôres da Arte e do Bêlo, tecêmos elogios e erguêmos louvôres...

Devêmos concordar, no emtanto, que a velha prática elucida imenso e o papel é menos penôso quando se tem por sobre o dôrso dois anos de Conservatório.

Ora, entre os amadôres, que tão habilmente interpretaram a graciosa operêta, não devemos esquecêr a ex.ma snr.ª D. Albertina Correia e Manoel Soares Correia, que excederam o limite de quanto se poderia esperar.

Dêvo, pois, não olvidár as atenções dos dirigentes da simpatica festa, com os meus mesquinhos encómios sinceros, mas... sinceros.

Porto, 11 de Setembro.

Gómes Monteiro.

UM PLEBISCÍTO

PRO-MULHER

Na ancia de erguêrmos uma auréola de luz esplendorósa á intelétualidade feminina, abrimos hôje o *Plebiscíto*, só acessivel ás gentís damas, que se baseará nas condições seguintes:

1.ª — Resposta á pergunta: *Que papel desempenha na nossa vida o homem a quem amâmos?*

2.ª — Não excedêr seis linhas com a resposta.

3.ª — Cingir-se unicamente ao têma acima citado.

4.ª — Não usar de pseudónimos.

Será nomeádo um *Júri* para a classificação das respostas.

«O Sonho dos mundos»

E' o titulo dum artigo do snr. Umberto Araújo, que o «Devêr» publicará no próximo número.

As pontes de Montemor

Começaram já os trabalhos de remoção de materiaes da velha ponte sobre o Mondego para o local definitivamente escolhido pela comissão tecnica, e espera-se que em breve fique de vez resolvido o velho problema das pontes, que a politica monarquica persistiu em manter insoluvel, depois de ter obrigado a despender quantias desnecessárias, para uma obra de tanta utilidade pratica em beneficio do concelho e que a actual comissão administrativa conseguiu, devido aos seus esforços, levar a efeito.

Tudo isto convem registar.

PARTIDAS

Para as Caldas da Rainha, aonde foi a banhos para a cura do reumatismo de que vem sofrendo ha tempo, seguiu no dia 5 do corrente o nosso prezado amigo António Baía.

Desejamos as suas melhoras e um feliz regresso.

=== Tambem seguiu no dia 8 para Coimbra, a encorporar-se no 5.º grupo de metralhadôras, o nosso amigo Saúl Rodrigues Baía, que ali vai entrar nos exercicios de repetição.

=== Depois de alguns dias de permanencia junto dos seus, no Zambugeiro, retirou para Runa o nosso prezado assinante, snr. José Marques, activo jardineiro do Azilo dos inválidos.

Que o nosso amigo seja feliz.

Aos assinantes do Brazil e Africa

Para nos evitarem despêsas na cobrança das assinaturas, pedimos aos nossos assinantes da Africa e do Brazil, que ainda não tenham satisfeito as respectivas importancias, a finêza de o fazêrem o mais breve possivel, depois do que lhes serão enviados os competentes recibos.

Transcrição

O nosso prezado colega do Pôrto, *A Federação Nacional*, transcreveu o artigo *Pinceladas*, do nosso distinto colaboradôr Manuel José António, publicado no n.º 28 do *Devêr*.

Agradecêmos.

A VOZ DOS PROFESSORES

Classificação de professôres

Já lá vão 17 méses e meio depois que foi publicada a lei de 29 de março de 1911, que criou os quadros dos professôres nas três classes, 1.ª, 2.ª e 3.ª, e até hoje, tanto os da antiga 2.ª, como os da 3.ª, ignoram onde ficarão, o que, como é fácil de prevêr, lhes está causando prejuizo, porque os que transitassem teriam melhoria de vencimentos.

Uma noticia triste veio, porém, ha poucos dias publicada na imprensa diaria, e essa é a de que o quadro dos professôres de 1.ª classe, segundo o apuramento a que procedeu a comissão especial encarregada de tal serviço, *excede* em 71 o número fixo, isto é, na 1.ª classe estão 2:571 professôres!

Dêste modo estão perdidas todas as esperanças dos que se encontram ainda na 2.ª e que, segundo o Regulamento de 19 de setembro de 1902, por terem mais de seis anos, tinham direito á promoção, a qual agora só se tornará efectiva, á proporção que alguns colegas da 1.ª se vão reformando e outros vão falecendo.

Foi isto o que previmos ao publicar-se a nova lei, porque, segundo o que logo pudemos obter pelas estatisticas oficiais, averiguámos uma existencia de 2:552.

Embora pertençâmos á 1.ª e tivessemos sido dos que nada melhorámos em vencimentos, comquanto dos mais prejudicados com as leis de salvação pública, pelas quais estamos cerceados anualmente em mais de 300$000 réis, segundo o nosso contracto, quando em concurso fomos nomeados pelo municipio de Lisbôa, não vai tão longe o nosso egoismo que não vejamos com pêna o que está sucedendo.

E' por isso que tambem, sempre que a ocasião se nos tem proporcionado, temos feito vêr a necessidade de se restabelecer o que estava, aliás os que se encontram actualmente na 3.ª e até na 2.ª nunca atingirão a 1.ª.

Somos dos que discordam de que todos os professôres devem ter iguais vencimentos. Temos sido sempre defensôres ou apologistas da divisão em classes, mas — note-se bem — o que sempre temos dito é que, a partir mêsmo da mais inferior, nunca o seu estipendio deveria sêr mênos de 800 a 1$000 réis diários, porque, como um senador que foi a nosso favôr nêste ano no parlamento, achamos que é uma *falsa economia* não pagar condignamente a quem trabalha, pois que, com tal *mesquinhez de pagamento* não se póde exigir que produza.

Para nós não colhe o argumento de que, tendo todos o mêsmo trabalho, todos devem ganhar por igual.

E nas demais classes de funcionários publicos?

Cá estamos nós que ha *mais* de *24 anos* temos o *mêsmo vencimento!*

Embora pese a muitos que a nossa classe só tenha *sabido pedir*, o que não é a expressão da verdade, pois que nela topâmos a cada passo com dedicações extraordinarias, que até poderiam sêr consideradas como milagres, o que nós queriamos, ao mênos, já que *sómos muitos* e qualquer pequêno aumento traz logo um grande acréscimo de despêsa, o que queriamos, repetimos, é que nos fosse feita *mais justiça* e ao mênos, naquilo a que temos direito, não fôssemos prejudicados, principalmente os de fóra da capital, e assim que tudo quanto concorrêsse para trazer satisfeito o professôr, senão no tôdo, porque é impossivel, ao mênos no que de direito lhe pertence, não lhe fôsse regateado.

E' por isso que não nos cançâmos de bradar que se resolva quanto antes a questão das promoções e que tudo quanto são dividas legais sejam, quanto antes, satisfeitas.

Nada de desgostar quem era digno de melhor sorte.

PROF. ULISSES MACHADO.

Pinceladas

XXVI

Na bigorna. — O Estado, o emérito caloteiro. — Que faz a contabilidade? — O militarismo e a burocracia campeiam. — Os deputados governam-se e os professôres são caloteados. — Haverá castas entre o professorado? — Coisas interessantes. — O Estado, o eterno manipanso, é o Tôdo-Poderôso da instrução.

Cá estámos novamente a bater o ponto. E fá-lo-émos tantas vezes quantas as precisas para que o snr. ministro do interior, a contabilidade, ou quem quer que é o culpado da questão não estar ainda resolvida, como o proprio decôro do regime exigia, se dispônha a escutar-nos e a atender-nos.

O snr. Duarte Leite — a cujo caracter prestámos aqui a devida homenágem — prometeu que tôdas as verbas em divida ao professorado primário seriam saldadas até ao fim do mês de julho. Passou o fim de julho, passou o fim de agosto, estámos em meado de setembro — e em muitos concelhos, talvez até na grande maioria, nem metade do que o estado, o emérito caloteiro, nos devia foi pago. Porquê? Porque não seria cumprida a palavra do ilustre ministro do interior e presidente do conselho de ministros? Não daria sua ex.ª as ordens precisas para que na contabilidade emfim se trabalhasse? Despresaria, impudentemente, éla as suas ordens? Não haveria, efectivamente, dinheiro? — Eis o que, por emquanto, não sabêmos...

O que não ignorâmos, bem a nosso pesar, é que a classe militar, é que os burocratas de outra categoria andam pagos a tempo e horas. O que sabêmos é que os snrs. deputados da nação, que houvéram por bem arbitrar-se a si proprios uma muito rasoavel remuneração, não se esqueceram de, antes de terminada a legislatura, assegurar bem o pagamento integral de tal remuneração. A verdade flagrante é que só os funcionários da instrução primária são descaroavelmente caloteados — êles, que os mais brilhantes espiritos têm considerado os primeiros duma nação.

Mais. Julgâmos saber que em alguns concelhos, talvez mesmo em alguns distritos, as dividas de que nos ocupámos estão satisfeitas completa ou quasi completamente. Se isto é verdade, qual o critério a que obedeceu a contabilidade para dar preferencia a uns sôbre os outros? Não terão todos as mesmas necessidades? Ou julgará éla, ou quem a inspira, que ha certas zônas de professôres capitalistas? — Este ponto aclare-o quem pudér ou quem tem obrigação de o fazer.

Mas sôbre o assunto ha coisas ainda mais interessantes. — O govêrno autorisou, acertadamente, a realisação dos exames do 2.º grau nas sédes dos concelhos, cujas camaras municipais, dadas certas condições, assim o requerêssem — tornando, no entanto, as mesmas camaras responsaveis pelas despêsas de tal serviço. Pareceria que o estado, em vistas disto, só deveria intervir na questão do pagamento ao pessoal dos juris e fiscais dos mesmos no caso das vereações se recusárem a satisfazer o que fôsse legal e justo. Pois não senhores. Os inspectôres de circulo fôram obrigados a enviar á direcção geral as respectivas folhas. Depois de lá em cima as terem o tempo que muito bem quisérem, é que élas baixarão ás camaras, para pagamento. E, no entretanto, os professôres que dinheiro adiantáram, agora não já ao estado mas ás camaras municipais, que se arranjem...

Bem desejariamos não ter de voltar a tratar esta questão. Mas quérenos parecer que ainda não poderêmos ficar por aqui.

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

FALECIMENTO

Finou-se ha dias o pai extremoso do nosso amigo, snr. Vasco, zelozo funcionário da companhia portuguêsa dos caminhos de ferro, em Ameieira.

Sentindo o doloroso e rude golpe que hade ter ferido o nosso amigo, enviamos-lhe, bem como a toda a familia enlutada, o nosso cartão de sinceras condolencias.

Ferro-viarios de Portugal

Associações de classe. — Sua má organisação. — O que são e o que deviam sêr. — Dirigentes que se elegem. — A classe, que é quem tudo paga e quem tudo sofre, nunca é ouvida para nada. — A farça hade ter fim.

Chamar injusto a um homem sem lhe conhecer o intuito, sem lhe penetrar na psicologia quando esse homem borda apreciações sobre qualquer assunto, é falar por não estar calado, é ter vontade de dizer mal.

Já por duas vezes os meus pobres arrazoados sugeriram reparo: uma vez por um distinto ferro-viario que no Norte faz parte de uma agremiação de ferro-viarios do... *Minho e Douro*, e esta ultima vez por outro ferro-viario que no Sul faz parte de outra agremiação ferro-viaria de... *Lisboa*.

Sei que *um ferro-viario*, que veio em reforço das ideias de outro ferro-viario, com o fim de destruirem o sentido das minhas palavras, faz parte duma Associação. Foi ele mesmo que, não querendo declinar em público a sua identidade, particularmente a declinou.

Ora eu, tendo os meus dois antagonistas na maior conta, sob todos os aspétos, só lamento que eles, possuindo uma integridade de caráter pouco vulgar, vejam o pouco ou nada que fazem, assim como estão organisadas, as associações de classe, e sejam coniventes nessa falta de energia colectiva e na maneira como alguns, tendo criado nome e pretendido subir ás nossas costas, nada mais teem feito do que... barulho.

Podiam ser uteis, podiam muito bem satisfazer ao fim para que fôram criadas, as associações de classe, os sindicatos, etc., se a dirigir essas associações estivessem homens escolhidos livremente pelos associados, pela classe inteira.

Mas não. Para se fundar uma associação juntam-se *meia duzia de Lisboetas* ou de *Portuenses*, reunem, palestram, discutem, assentam, alugam casa e compram carimbo e depois... e depois é que convidam, muitas vezes sem estatutos confécionados, o elemento trabalhador, a agremiar-se. De modo que a gente vai, eu tenho ido por simples devêr colétivo, para não desmanchar prazeres.

E assim é que a gente vai sem saber para onde, aconchegarmo-nos a uma bandeira cujo simbolo não conhecemos bem, a homens cujo nome vimos escrito pela primeira vez.

D'aí as *falhas* que se dão, que se teem dado sem um protesto por parte da classe que os elegeu inconscientemente, mas confiadamente.

E se não digam-me: Quantas associações fôram fundadas consultando-se previamente a classe por meio da palavra? Quantas vezes se apresentaram os fundadores, que são sempre os que depois fazem parte dos corpos gerentes, á classe, expondo o seu programa, dizendo os seus intuitos e fazendo conhecer os seus fins?

Lá que se lance a ideia da fundação dum centro ou duma associação, vá. Mas isso não quer dizer que os seus fundadores sejam sempre os seus directôres.

E mesmo porque, sendo escolhidos livremente os seus dirigentes, por meio de votos dirétamente emanados dos trabalhadores de todas as linhas, de modo a elegerem-se, por um certo periodo, os corpos administrativos, não ha mais tarde a quem tornar culpas.

Assim como estão, as atuais associações e sindicatos são sómente pretença exclusiva de meia duzia, mas de meia duzia de homens que nós não conhecemos nem nunca vimos.

Mas eu espero que este estado de coisas ha-de ter fim.

Mão do assunto não largarei.

BELMIRO.

ORIGINAL EXTRAVIADO

Devido a um lamentável extravio nos correios, havido na semana passada, deixaram de saír varios artigos e noticias, entre as quais ha a citar *Escolas de repetição*, que, embora tendo perdido já um pouco de oportunidade, sai todavia nêste numero, bem cômo as *Pinceladas*, correspondencia da Tocha e outras noticias.

Que os nossos estimados leitôres e colaboradôres nos relevem a falta, aliás involuntária.

Exercícios de repetição

Vindos de Cantanhêde, passaram aqui no dia 10, pelas 16 horas, alguns pelotões de cavalaria 7 e 8, em direcção a Montemor, onde fizeram exercícios. Os mesmos pelotões passaram novamente no dia seguinte, pelas 12 horas, para Cantanhêde, tendo descançado aqui cêrca de 15 minutos.

CORRIGENDA

No artigo *De Profundis*, do nosso estimado colaboradôr M. Duarte Lopes, saíram uns lapsos que comprometem um pouco o sentido. Onde se lê: «A morte próxima da Igreja», leia-se: «A *morte próxima* da igreja»; e onde está: «E se não sucumbir, pelo mênos o seu poderío, a sua arrogancia, o seu prestigio...», devia estar: «E se não sucumbir, pelo mênos o seu poderio — a sua arrogancia e o seu prestigio — deixará de existir», etc.

A propósito do artigo Propagandas e Propagandistas

Mais um que se desmascára

Contra o artigo que ha dias aqui publiquei sobre certas *propagandas* e certos *propagandistas* que aparecem por toda a parte, chegou-me ás mãos uma carta do snr. George Howes, inglês *pur sang* que da Calçada dos Mestres, em Lisboa, me pretende dar uma lição de *Mestre* por eu chamar *jesuita de casaca* e *miserável discípulo de Loiola* ao seu amigo dr. Opie, que é como quem diz *ópio*, e que no sentido figurado quer dizer *origem de imoralidade*. Vamos a explicar isto como deve ser ao snr. Howes, porque ele traduz o português muito á letra.

Diz o snr. *Gemada* (com *Hovos* tambem se faz *gemada*) que o seu amigo *O'pio* é um *cristão evangélico protestante*, e que eu sou um ignorante e um falso em o confundir com um «miseravel discipulo de Loiola». Está-se a vêr a sem razão do snr. Howes que pretende estabelecer uma profunda diferenciação entre *jesuitismo* e *cristianismo*, como se uma e outra coisa não tivessem por base o Cristo, o lendário Cristo dos *cristãos*, dos *evangelistas* e dos *protestantes*, visto que estes últimos admitiam a Biblia como porto de fé religiosa, e a Biblia não é mais do que o Antigo e Novo Testamento, que descrevem as scenas comico-burlescas da *Creação*, dos *Profétas*, dos *Apóstolos* e dêsse *Jesus*, que o Loiola tomou para patrono da sua companhia, denominando-a *Companhia de Jesus* ou dos *Jesuitas*...

Ora aqui podemos formar uma proporção geometrica para mais perfeito rigor dos nossos cálculos a respeito da natureza do snr. *O'pio*. Tomando para termos da proporção as expressões: *O'pio, cristão, evangélico* e *protestante*, temos:

$$\frac{O'pio}{cristão} = \frac{evangelico}{protestante}$$

e, como em qualquer proporção o produto dos extremos é igual ao produto dos meios, vem:

$$\frac{O'pio\ protestante}{cristão\ evangélico} = Jesuita\ldots\ de\ casaca,\ cristão\ evangelico$$

visto que Jesuita vem de Jesus, padroeiro da ordem que o Loiola fundou, e em que tanto se podiam filiar os Vieiras e os Constantini, como os Opie e os Howes.

Já vê o snr. *Gemada* que não sou falso nem ignorante, provando geométricamente e tanto a rigor o que afirmei ha dias nas *Notas de viagem*.

Mas o snr. Howes, na sua carta piramidal, tem periodos que é da gente rebentar com riso. Ora leiam:

Escreveu Anteu: — «*Salvar a alma! Como póde você salvar a alma depois de morto? Nem mesmo pondo-a no seguro... E de resto, a alma é uma tolice*». Ora, ou a alma existe, e se assim é de maneira nenhuma póde ser «*uma tolice*», ou não existe, e então muito menos póde ser «*uma tolice*». E' verdade, a ninguem é possivel «salvar a alma», nem mesmo, como disse Anteu, «pondo-a no seguro», mas nisto está o valôr do folhêto oferecido pelo snr. Opie que se intitulava «A salvação da alma — Como se póde obter?» Alcançá-la por esfôrço próprio — não; obtê-la pela graça e amôr de Deus, pelo Senhor Jesus Cristo — sim.

Leram? Repararam como ele traduziu á letra, muito terra-a-terra, muito servilmente, a frase: «E de resto, a alma é uma tolice»? Ora o snr. Howes, inglês *pur sang*, devia saber que o que eu queria dizer e o que quereria dizer um livre-pensador naquela frase rapidamente pronunciada, era que — tudo quanto se diz a respeito da alma, da alma espiritual, com origem divina, etérea e misteriosa, da alma como a entendem os *cristãos evangélicos protestantes*, ou sejam os *O'pios* e os *Gemadas*, tudo quanto a tal respeito se disser, todas as maravilhas, todos os poderes sobrenaturais que invertem os cérebros escandecidos dos *Gemadas* e dos *O'pios*, é *uma tolice e uma tolice chapada*, como chapados são todos aqueles que gastam o seu tempo e o seu esforço a andar pelas carruagens de 3.ª classe dos caminhos de ferro a passar á surrelfa, para as mãos do pobre e ignorante campónio, bilhetinhos para salvarem a alma *pela graça e amôr de Deus, pelo Senhôr Jesus-Cristo*, no dizer caróla e beato de *mister* Howes...

Ora valha-o santo Inácio de Loiola, snr. *Gemada*, que bem tôlo fui em lhe estar aqui a dar *claras*... lições de hermeneutica e de verdadeira religião, que se não pagam com 2 centávos e meio...

Mas vá lá, passa.

Anteu.

Rétificação

Não é revisor, como por engano dissemos no anterior numero dêste jornal, mas sim vizitadôr de material e tração da companhia portuguêsa, o nosso prezado assinante, snr. Alipio Geraldo Lopes.

Fica assim feita a rétificação que nos pede o nosso amigo, que com isso bem demonstra a sua modéstia, muito para louvar.

ENTRE NÓS

De passeio até esta pitorêsca povoação, encontra-se aqui, chegado de Lisbôa, o nosso presado assinante, snr. José Fernandes Jorge, acompanhado de sua espôsa, da sua galante filhinha, e da snr.ª D. Emilia, gentil filha do tambem nosso assinante, snr. José Marques Barrêto, que aqui é esperado por êstes dias.

Cumprimentâmo-los.

"O Ferro-Viário,,

Recebêmos o 1.º número dêste periódico que se publíca em Lisboa e que se apresenta bem redigido e bem orientado. E' orgão do Sindicato do pessoal da Companhia Portuguêsa.

Cumprimentando-o, desejamos-lhe longa vida.

«O DEVER» é um dos jornais da provincia que insere mais variedade de assuntos. Artigos politicos e sociais. Defêza de todas as classes produtôras. Assinatura: 1$000 réis por ano.

FALTA DE ESPAÇO

Deixam de saír por êste motivo vários artigos e noticias, que irão no próximo número.

Escolas de repetição

O regimento de infantaria 23 bivacou no dia 4 em Arazêde, seguindo depois para Cantanhêde — O pôvo arazedense faz-lhe uma recéção delirante — Um aspecto surpreendente

Em obediencia á última ordem do exército, que estabeleceu exercicios de repetição pâra as fôrças de terra do país, chegou aqui no dia 4, pelas 8 horas, o regimento de infantaria 23, acompanhado da respectiva banda, sob o comando do tenente-coronel Bandeira.

Um grupo de republicanos projectára na véspera fazêr-lhe uma recéção lisonjeira, indo esperá-los á Arribança em bicicletes. Efectivamente, no dia seguinte, pelas 7 e meia horas, reuniram-se tôdos os ciclistas, em numero de 14, no Largo da República (antigo Largo do Santo-Cristo), empunhando cada um uma bandeira republicana e conduzindo o nosso amigo António Ismael da Cruz a bandeira histórica da Proclamação, e seguiram ovantes de entusiasmo a aguardar a fôrça do 23.

Quando chegaram á Arribança, ainda o regimento vinha distante. Pouco depois surgiu aquêle enxâme de homens armados, com fardas de cotim cinzento, e marchando a passo cadenciado, mas á vontade. Os nossos amigos rompêram com vivas á República, á Pátria e ao Exército, partindo em seguida a esperá-los no Largo da República. Aqui, havia-se aglomerado o pôvo na ancia de vêr o desfile das companhias.

A recéção

Na altura do pontão do Casal do Gaio foi dado o toque de *debaixo de fórma* e a banda começou a tocar *A passagem do Regimento*, entrando logo no centro da povoação. Nêste momento subiram ao ar algumas dúzias de foguêtes, e tôdo o pôvo aclamou ruidosamente o regimento de infantaria, soltando enérgicos vivas á Pátria, á República e ao Exercito Português. O regimento, compôsto de cêrca de 700 praças, 25 solipedes, 6 viaturas, e uma companhia de saude, dirigida pelo dr. Armando Gonçalves, seguiu pela rua oriental, indo acampar no extenso olival do Guerra. Chegado aí, acompanhado sempre pelo pôvo, dividiu-se por companhias, tomando em seguida a 2.ª refeição. Os soldados, apesar das marchas que haviam feito de Coimbra a S. Martinho d'Arvore, desta a Montemór e de Montemór até aqui, apresentavam-se com uma bela disposição de espirito, rindo e comendo alegremente. Depois da refeição, um membro da banda fotografou o acampamento, onde se viam num visto fantástico dezênas de armas ensarilhadas, mochilas encostadas ás oliveiras, diferentes munições de guerra e grupos de oficiais conversando animadamente. Houve depois um largo intervalo das 12 ás 15 horas, durante o qual muitos soldados andaram percorrendo as ruas principais da povoação, vendo-se na rua oriental algumas casas e a nossa redacção enfeitadas com bandeiras republicanas.

O maior entusiasmo era no olival, pâra onde convergiu o pôvo que quis guardar o dia, mas que apênas podia transitar pelos extrêmos que ficavam fóra da linha de guarda, a qual foi mantida pouco depois do regimento têr bivacado. As senhôras, que não faltaram pâra imprimir uma nota de destaque em todo o movimento, passeavam ora pelo olival, ora pela estrada contigua. Grupos de soldados estavam dispersos pelos sitios próximos do acampamento, vendo-se uns deitados em cobertôres pelo chão, outros sentados pelos muros, cada um procurando os sitios mais frescos e mais sombrios pâra se escaparem ao sol que áquela hora dardejava intensamente, no meio duma temperatura abafadiça. Tôdos numa garrulice pegada, disparando uns gargalhadas alegres, num ar trocista e galhofeiro, outros soltando ditos por vêzes frascários, a que não faltava o calão de caserna, em suma, em tôdos se distinguia um admirável bom humôr, tão necessário para suavisar as rudêzas e as bruscas *étapes* duma mobilisação militar.

A 3.ª refeição — Uma vista de arraial

Por volta das 15 horas e meia fizeram-se ouvir os toques de reunir e de chamada pâra o *rancho*, tomando tôdos os soldados logar nas suas companhias. Era a 3.ª refeição. O aspecto que então oferecia o acampamento era verdadeiramente alegre e festivo. Os cozinheiros tiravam de dentro de grandes panelas de folha a comida que antes havia estado a aquecêr em pequénas cavidades abertas no terrêno e que recebiam a lenha viva e crepitante. Os soldados comiam satisfeitos, por entre ditos chistosos e tiradas humoristicas. Alguns que não sentiam apetite até davam a comida aos pobres; e comtudo os viveres eram abundantes e suculentos, vendo-se enormes pedaços de carne espalhados pelas toalhas já avinhadas. Era um arraial militar, em que tôdos comungavam na mêsma alegria, na mêsma expansão, na mêsma cordealidade franca, apesar da disciplina austera e imperativa.

Após a refeição, um ilustre oficial comunica-nos que vão executar-se alguns exercicios de companhia em ordem unida, visto não podêrem executar-se em Cantanhêde, em consequencia do regimento chegar tarde. Que era do regulamento, dizia-nos êle, se bem que os soldados precisassem mais de exercicios de fôgo para adquirirem firmêza de alvo do que de exercicios de marcha e evoluções em que estavam mais experimentados. Com efeito, ainda mantinhamos palestra com o aludido oficial, quando as companhias começaram de evolucionar ás vozes de comando dos respectivos oficiais. Os exercicios duraram cêrca duma hora, com manifesta admiração do pôvo, pouco habituado a estas scênas militares, mas satisfeito por assistir a elas, tanto mais que algumas pessôas havia que encontravam ali parentes seus e amigos dilectos.

A retirada

Acabados os exercicios a um sinal de apito dado pelo comandante, os soldados formaram novamente para a partida e com a banda á frente, tocando um ordinário, seguiram o mêsmo itinerário, repetindo-se os foguêtes e os vivas de aclamação ao Exercito, á Patria, á Republica e ao Regimento do 23.

Tôdo o regimento saiu ótimamente impressionado com a delirante recéção que lhe foi feita pelo pôvo arazedense.

NOTAS

Lamentou-se aqui que a filarmonica local não tivesse comparecido á recéção, apesar dos esforços do seu regente e nosso amigo, Antonio Baia. Bom será que êste caso se não repita mais vêzes.

—— O regimento têve 7 baixas no dia 4, sendo os soldados aqui tratados pela companhia de saude. Na vespera já havia tido 6 baixas.

—— Segundo informações insuspeitas, sabe-se que tôdo o regimento, dêsde o simples cornêta ao comandante, tem confessado que em tôdo e percurso não encontrou terra ondo lhe fôsse feita mais cordeal recéção e dispensada mais franca hospitalidade do que em Arazêde, que se portou briosamente para com oficiais e soldados. E' esta uma nota digna de registo e que tambem ficará registada no relatório do comandante.

CORRESPONDENTES

Aceitam-se em tôdas as fréguezias do concêlho de Montemor, onde ainda não os haja.

VIZITA

Recebêmo-la do nosso correspondente de Gatões, snr. Manuel Pimentel, o que agradecêmos.

CORRESPONDENCIAS

FIGUEIRA DA FOZ, 11. — No ultimo domingo a vasta praça de touros desta cidade, ficou tão repleta de povo, que chegou a causar admiração, o que é d'estranhar. A corrida, com gado do snr. Emilio Infante, foi soberba. Morgado de Covas, esteve com sorte, mostrando as suas raras habilidades de toureiro. Já assim não foi o seu colega Fernando Pereira. Dos bandarilheiros, salientaram-se Cadete e Tomé. O gado era de X P T O. O publico ficou satisfeitissimo... mas no fim da tourada, ainda estava com apetite de vêr outra. Já se anuncia nova tourada para o dia 22.

== No sabado á noite regressaram dos exercicios de repetição as 2 baterias d'artilharia 2. Eram esperadas pela filarmónica Figueirense, e por muito povo, bem como pela banda do 28, que as recebeu junto do seu quartel.

== As regatas de domingo e segunda-feira, decorrêram animadissimas, com o concurso de muitos admiradores. A taça Mondego, foi brilhantemente ganha pela Associação Naval, de Lisboa.

== Apoz quarenta e tal dias de detenção, foi pôsto em liberdade, por falta de provas, o snr. dr. José Jardim, acusado de participante na ultima e imbecil conspirata monárquica. Estaria ou deixaria de estar cumplice na referida conspirata? Nós não é quem o sabêmos, e melhor do que êle ninguem o saberá.

== Encontra-se de visita a este pôrto, o torpedeiro n.º 2, da nossa marinha de guerra, que traz como comandante o 1.º tenente Antonio Soares Branco Gentil. Como estes barquinhos nos visitam de século a século, este tem sido muito visitado pelo pôvo figueirense e limitrofe, que é recebido a bordo com grandes agradabilidades, por parte da respectiva guarnição.

== Amanhã, se o tempo e mar o permitirem, o rebocador *Espadarte* realisa um passeio pelas alturas de Quiaios e Leirosa. E' já o 2.º, e não fica por aqui.

== E' bastante sentida a falta de pessoal para todos os serviços. Nem o dinheiro... já arranja gente. A emigração, malandrice, e fartura de banhistas, é o que fazem nesta terra.

Lá vem o inverno...

== A draga continua em ferias, que se prolongarão até ela se deteriorar de nôvo.

Apolon.

TOCHA, 2 — (*Retardada*). — Ao iniciarmos hôje as nossas correspondencias desta fréguezia, fazêmo-lo não só convencido de que algum progresso derivará para uma terra que bastante infeliz tem sido, em virtude da má orientação dos seus politicos, mas tambem porque o *Devêr* é um dos poucos jornais da provincia que é digno do auxilio de tôdos pela maneira independente como se conduz, e pela nossa parte não deixarêmos de lhe prestar o nosso, sempre que pudermos, embora humilde.

== Até hôje ainda se espera pelo distribuidor rural nesta fréguezia, apesar dos politicos locais já têrem pensado nisto em tempo. Bom era que êles não descurassem êste assunto, para bem da população e para interesse da localidade, que se impõe pelo seu comercio e pela sua industria piscatória, e apesar de tudo tão desprezada tem sido.

== Já se encontram na nossa praia alguns banhistas, continuando a escassêz da pesca.

== Chegaram, vindos do Brazil, os nossos amigos Manuel de Jesus, da Lagôa dos Bois, e Manuel Eugénio, dos Pelicanos, empreiteiro de madeiras no Brazil.

== Tem aqui sido bastante comentada a morte do regedôr de Vila do Bispo, apoiando os mais fanáticos o procedimento dos individuos que mataram o padre.

Julio dos Santos Timóteo.

GATÕES, 12. — Estão a ficar concluidas as vindimas por estes sitios, constando haver regular colheita. O tempo vai correndo maravilhoso para as colheitas, com o que se acham animados os lavradores, muitos dos quais já principiaram na grande faina da ceifa do arrôz.

== Em direção á Figueira da Foz, passou por esta o regimento de artilharia 2 aquartelado naquela cidade.

== Tambem por aqui passou, vindo de Montemor-o-Velho, o regimento de cavalaria 8, aquartelado em Aveiro, e segundo consta, passará tambem no dia 17 em direção a Cantanhede e Bussaco o regimento de Infantaria 28 aquartelado em Figueira da Foz.

== Para a feira anual em Montemor, passaram muitos negociantes, tendo estes feito regular negocio.

== Tambem se realisou no dia 8 a feira mensal nesta localidade, fazendo-se regulares transações.

== Conforme noticiámos, tivemos o pazer de receber no dia 8 a amavel vizita da tuna Gatoense, que, pela primeira vez executou varias peças de musica que muito agradaram.

== Já regressou a esta, vindo ha dias da praia de Buarcos, onde se encontrava a banhos, o nosso amigo, snr. Francisco Nunes e sua ex.ma familia.

== Passaram por aqui, vindos da Figueira da Foz, das festas da Senhora da Encarnação, os nossos amigos Alfrêdo Maria d'Andrade, Francisco Timóteo Junior e José Fernandes Répas, da Tocha; e Manuel Roque, de Lagôa do Tojeiro.

== Tivemos novamente o prazer de receber a amavel visita do nosso amigo, snr. Joaquim Móta Paixão, que veio despedir-se dos seus carinhosos pais e dos seus amigos, regressando novamente a Lisboa no dia 14. Desejamos-lhe uma feliz viagem.

== Consta que a Tuna Gatoense se fará ouvir no dia 15, domingo. Assim esperamos.

Letnemip.

ANUNCIOS

VENDE-SE

Um lagar de azeite, com azenha e moinho, terra de insua e monte, no sitio da Azenha Derrubada, freguezia de Arazede.

Para tratar com Joaquim Antonio Pedro, Largo Miguel Bombarda, 11—1.º, ou na Fonte do Castanheiro —Coimbra.

Anuncio

A Comissão Administrativa do concelho de Montemor-o-Velho faz publico, para os efeitos legais, que no proximo futuro dia 12 de outubro irá á praça para ser arrematado por preço superior ao da avaliação, o emprazamento do terreno inculto ao lado esquerdo da estrada municipal que do Rio segue para Verride, requerido em aforamento por Zeferino Simões Cantante, do Vale Pequeno.

A praça terá logar á porta da sala das sessões da Camara Municipal, por 11 horas.

Montemor-o-Velho, 9 de setembro de 1912.

O Presidente da Comissão,
A. de Noronha.

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem side enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

(23) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

II

Godofrêdo Aniceto ficára órfão de pai e mãi ainda no vigôr dos anos; mâs, felizmente, ao tempo em que já tinha armazenado um pecúlio de conhecimentos pâra navegar no grande mar da vida.

A sinceridade do seu caráter e a purêza dos seus sentimentos grangearam-lhe amigos que conseguiram obtêr-lhe um logar de amanuense numa secretaria do Govêrno Civil, onde era bem-quisto de tôdos os colegas.

De temperamento propenso á solidão, Godofrêdo não era bem misantrôpo, mâs era um tanto insociável, porque odiava o convivio com materialistas grosseiros que malbaratavam o tempo na devassidão e nos prazêres mundânos.

Espiritualista por indole, álguma coisa utopista por sentimento, passára tôda a sua vida até aos 60 anos num quáse isolamento e num completo estado celibatário.

Sería por desprendimento? seria por virtude?

Mistérios do coração.

A's vêzes o coração é estéril, e o amôr não nasce temporão. Elabora-se muito lentamente, desenvolve-se, aperfeiçôa-se e consolída-se, e só mais tarde se produz verdadeiro, firme e perdurável.

Assim acontecêra a Godofrêdo.

Começou um dia de frequentar o estanco da rua das Solas, como sendo uma loja mais recôndita e dirigida por pessôas de bem, e fôi-se afeiçoando aos dônos por tal fórma que, corrido pouco tempo, era admitido ao convivio intimo dos velhos estanqueiros, como o amigo mais respeitável da casa.

Godofrêdo Aniceto começou a sentir, no declinar da existencia, a necessidade do lar, antegostou-lhe as delícias, e fôi então que o amôr germinou.

Viu Clotilde na sua elevada estatúra, nas suas fórmas volumosas, na sua fisionomia máscula e, por vêzes, austera, apreciou a externamente, achou em certo modo harmonisáveis os quarenta anos que ela contava com os seus sessenta anos, sacrificou o temperamento assomadiço que a desfeava ao amôr duma mulher, e, num entresonho das alegrias infinitas que a mocidade lhe negára, começou de amá-la apaixonadamente, dêsde que reconheceu que ela lhe correspondia com olhares requebrados e com sorrisos particulares.

Assim corrêram álgum tempo êstes amôres do solteirão com a filha do estanqueiro, até que um dia os pais dela, martirisados e vencidos por cruéis enfermidades, morrêram ambos, com curto intervalo um do outro, deixando a filha entregue aos cuidados do velho Godofrêdo.

Clotilde, que há anos tinha amado com a gordura do coração uns três ou quatro devassos que lhe apareciam pelo estanco e de nôite se abeiravam da janela mais baixa da casa, desejaría que o acaso lhe oferecêsse antes um môço com alguns meios, embora infamado, pâra com êle se maridar; mâs como o acaso só mais tarde lhe deparou um homem de apreciaveis qualidades, petrechado de dinheiro, apesar de velho, o coração túmido de Clotilde abriu-se maquinalmente, com despaixão, com indiferença quáse, obedecendo apênas a um raciocinio de conveniencia, e deu entrada ao snr. Godofrêdo e ao peculio com que êle lhe acenára.

Não é de admirar portanto que ela não recalcitrasse quando, um mês depois dos pais falecerem, o sexagenário lhe fez uma noite uma proposta no seguinte diálogo que teve com ela:

— Menina Clotilde, agora que o seu vivêr se modificou, vamos a pensar no seu futuro. Eu tenho conhecido que a menina me dedica uma certa afeição, pois me tem tratado com muita afabilidade, tem sempre obedecido aos meus consêlhos, não me tem dado motivo para desgostos, dedica-me emfim uma certa estima e até.. um certo amôr.

— Ah! isso não póde negar — apressou-se ela a dizer muito perfidamente.

— Pois bem — continuou Godofrêdo. — Eu não preciso dizer-lhe que a amo com loucura, com a sofreguidão dum amôr senil, mas sincero, e com a pureza dum sentimento ardente que eu ainda não sentira por ninguem. Há de parecer-lhe estranho e desagradavel ouvir palavras de amôr da bôca dum velho, quando se sentiria talvêz mais feliz se as ouvisse da bôca dum mancêbo, cheio de vigôr e de belêza, com o coração virgem de quem ama pela primeira vez...

(*Continúa*).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.
Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.
Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.
Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.
Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.
Preços limitados.
Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO
(Junto ao caminho de ferro)

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218
FIGUEIRA DA FOZ
ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.
Sucursal na Praça das Galinhas
ABRANTES & GENRO
LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.
Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.
As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.
Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.
Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.
Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)
OUVERT TOUTE L'ANNÉE
PAUL BERGAMIN
Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.
Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).
Automobiles et Voitures

Instrução Comercial

(Colegio Mondego)

PLANO DE ESTUDOS:—Munir os alunos de conhecimentos praticos imediatamente utilisaveis; iniciá-los nas diversas funções de empregados do comercio, industria e banco, suprimindo-lhes a pratica nas casas comerciaes; formar compradores, vendedores, expedidores, caixeiros, guarda-livros, contabilistas, stenografos, dactilografos, administradores e chefes de casa.

Lingua franceza, ingleza e alemã, tendo por base a conversação

Cursos diurnos e noturnos de contabilidade, escrituração mercantil e caligrafia

INSTRUÇAO PRIMARIA E SECUNDARIA

Sexo feminino { 1.º e 2.º grau: linguas, ciencias e letras, lavores, muzica, dezenho, pintura, comercio e economia domestica.

P. da Inquisição

O director, *DIAMANTINO DINIZ FERREIRA*

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez.
Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazedé)—**Joaquim Coca Junior.**

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO
(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.
Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42
FIGUEIRA DA FOZ

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.° Arazêde, 22 de Setembro de 1912 N.° 31

O DEVER

Semanário Republicâno

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

O Sonho dos Mundos

—(*)—

Houve alguem, alguma piedosa e santa creatura que em outros tempos mostrou ás nacionalidades o grande crime das suas instituições de guerra.

A palavra quente dos apostolos foi em seguida espalhando-se por toda a parte, como um grito heroico lançado do infinito e que atravessasse as fronteiras, esmagando os marcos e transpondo a atmosfera azul dos países, como uma águia de oiro e sol pairando na linha dos horisontes. As nações embrutecidas, cujo coração é como uma glandula afogada em uma eterna fome, sorriram e adormeceram. Estava dado o sinal bemdito, o alarme soberano da razão contra o suicidio atroz dos povos. Onde pára essa luz? Onde existe a ultima centelha do clarão profundo arremessado á cara do universo embrutecido?

A Europa fala em paz...

Fala em paz, a prostituta, a trágica, a cínica bacante, emquanto vai revestindo o peito com a couraça vermelha e atando ás suas carnes o ferro mordente da baioneta. Odeio-te, maldita. Se tu não passas de uma colmeia envenenada, apodrecida, gangrenada e criminosa, estás muito longe de corresponder ao sonho imaculado dos mundos, á aurora sublime dos profetas, á gloriosa visão dos filosofos e dos crentes do futuro! Europa! Europa! Tu podias sêr um mundo de Arte, uma Roma enorme e santa, marmores de leite, coração de virgens, alma produtiva e sã de uma humanidade em marcha! Europa! Europa! Tu podias rasgar os teus arminhos, as tuas púrpuras, despedaçar os teus pergaminhos, cortar em tiras as tuas bandeiras simbolo do crime, revivêr, sonhar o ámanhã, construir o eterno mundo que fosse o mais belo, o mais sólido, o mais fecundo de todos, grande pela sua alma dinamico-intelectual, puro pela sua simplicidade, magestoso pela sua vida própria, indestrutivel como os séculos e inabalavel como uma pirâmide de bronze a desafiar o universo adormecido...

Assim não te amo, odeio-te. Aborreces-me porque és viciosa, despreso-te porque és uma engrenagem corcomida, uma Roma de Nero e de Caligula, sensual como uma Safo, bestialisada como um cretino, sem caracteristico psicologico, sem um pedaço de amôr que te mostre ao mundo sem que sejas como um Titan que quer amontoar, empilhar uns sobre os outros, os montes, os horisontes, os vales, tudo, até onde possa chegar a baba venenosa da ambição, o desejo enorme de querer espremer na palma da mão o ambito onde se estende até o proprio infinito!

Não! assim serás apenas a águia tremenda pairando sobre o cadáver apodrecido e repugnante de uma humanidade corruta. De lado a lado, dolorosamente vegetando, aí tens os teus povos, aí tens o teu sangue, aí tens a tua carne. E serás tres vezes maldita por toda uma eternidade, incestuosa, degenerada, emquanto tiveres essa alma sedenta de sangue, esse caráter mal definido de absorção social, essa fé terrivel da conquista e da bebedeira orgiaca do sangue das raças. Todos os paramentos da tua *toilete* social estão cobertos de pó, a edade secular fala por eles; o mundo classico, o mundo barbaro e satanico dos agiotas, a colonia eterna dos bandidos, volteia por cima das tuas chagas, suga os teus membros, conspurca as tuas formas, suicida o teu sentimento. Já era tempo de compreenderes a inutilidade das tuas instituições de guerra, a inutilidade dos teus dogmas, a veleidade dos teus regimens.

Em vez de seres para sempre uma mundana depravada, podias levantar da lama e da miseria toda essa outra colmeia que passa, abrigal-os com as dobras dos teus vestidos, dar-lhes pão, pão do corpo e pão da alma, com o produto do leilão dos teus tesouros. Não te embebedes, Europa; sê bôa, pensa e crê no ámanhã. Virá a hora terrivel do desmoronamento, a hora fatal em que sejas horrorosamente violada contra os montões dos teus codigos, contra os muros das tuas fronteiras. Queres trabalhar? Aí tens os horisontes á tua espera, longos como um eterno circulo de luz; e terás preparado já uma grande parte do universo se te fores, com os teus filhos, á procura da terra querida.

Queres a paz? Despedaça essas armas fratricidas, para que não sejas maldita; e terás assim preparado já o futuro do universo se fôres, com os teus filhos, fundindo esse aço, criminoso em charruas e em alavancas para cortares a imensidade dos campos e para revirares até as proprias montanhas, ao som do malho e da bigorna. Não te preocupes com preconceitos.

Patria! Patria! Europa! Europa! acima dos teus falsos sentimentos de civilisada deves pôr antes os sentimentos da humanidade. Quem te deu o nome de mundo culto? E's um organismo que tens no teu seio outros tantos organismos, outras tantas celulas?

Se assim pensam os teus homens, se assim pensam todos os craneos das creaturas que sam tuas, tu, Europa, és um montão desmoronando-se, um mundo em decomposição fatal e implacavel. Mas não tens no teu seio sómente germens apodrecidos, não, nem sómente se arrastam no teu bôjo os sêres ibridos, as almas larvadas e mesquinhas dos embrutecidos. Tenho a esperança de que serás liberta. Como tu, tenho uma ambição desmedida, grandiosa, tam grande que parece abranger o decorrer dos seculos! Mas a minha ambição é diferente da tua. Amar-te-ei quando tu fôres honesta, quando tu estilhaçares por tuas proprias mãos a estatua ironica, a estatua maldita das tuas crenças destruidoras. Quando substituires os teus deuses, o teu paganismo cruel pela beleza da adoração dos mundos; quando substituires o teu Ormuz de condenado pela Venus divina, cheia de sangue, de vida, de encantos; quando eu sentir o baquear dos seus monumentos velhos, roídos pelos vermes, na linha larga e profunda dos horisontes; para depois ficares como uma unica cidade, limpa, sã como um raio de sol, grande como uma aurora, sublime como um novo mundo!

Antes, não. Afoga-te com os teus homens, embebeda-te, deprava-te, relaxa-te quando quizeres. Quanto mais te preparares para a guerra, quanto mais te preparares para a derrocada social, para o terra-á-terra de uma revolução internacional, tanto mais te afastarás da humanidade, tanto mais tu serás covarde, retrógrada, maldita! Abominarei as tuas leis, os teus codigos, as tuas instituições inteiras, só porque sam o produto da mentira, só porque sam a sombra do sangue pairando por sobre a terra violada. Aí onde julgam semear um culto semeiam uma gargalhada; aí onde julgam construir um marmore divino, constroem o obelisco do enigmatico, o monumento da esfinge; por isso eu quero que o meu olhar siga sempre, em linha reta para a curva dos horisontes procurando os mundos onde a paz e o amôr existam como uma eterna primavera, como um beijo eterno da fecundidade e da vida! Que importa o resto? Aborreço todos os preconceitos dessas velhas nações mutuamente criminosas. Eu quero vêl-as refundidas, misturadas, definidas em seguida, apertadas num amplexo infinito, trabalhando, amando e reproduzindo-se de seculo em seculo n'uma promiscuidade ordenada até ao infinito. Sinto-me fóra da opressão mental dos povos, fóra das barreiras que os esmagam.

Além, ao longe, muito ao longe, vem talvez uma humanidade mais sã, mais pensadora, mais liberta. Se lá não chego, chegarão lá talvez os que vierem depois de mim; se lá não chego, chega lá, ao menos, o meu pensamento, a minha alma, o meu olhar indestrutivel! E assim, Europa, eu cuspo-te nas faces e rio-me da tua civilisação apodrecida. Necessitas duma mentalidade diversa, de um sentimento mais humano, de uma estetica moral mais aperfeiçoada, como de resto as tuas irmãs. Quando tiveres um nucleo de creaturas que saibam arrastar-te, quando compreenderes a nulidade dos teus direitos e a inanidade dos teus projetos, já não terás tempo para obstares á queda tremenda; seguirás pelo espaço doloroso dos seculos, retalhada, nevrotica, louca, vencida, até que o exodo termine, até que resurjas com uns povos novos, deslumbrada pela luz imensa de novo universo. Ainda estás a tempo de refletir. Ajoelha e pensa. A tua alma ainda póde purificar-se, mas não a abandones ás mãos dos bandidos e dos cretinos sociais...

Poderás alcançar ainda a benção do futuro e a gloriosa paz de um ceo profundo.

Umberto Araújo.

"O MUNDO,,

Completou no dia 16 dôze anos de existencia êste nosso prezado colega da capital, que em tôda a sua caminhada tem sido sempre um enérgico lutadôr em defêza do ideal que conseguiu vêr implantado para glória e ressurgimento do país.

Ao distinto colega desejamos muitas prosperidades.

O'TIMISMO

—

A *Humanidade*, de Coimbra, referindo-se ao artigo de fundo que o *Devêr* publicou no seu n.° 29, diz que nós *fervêmos em pouca agua*, querendo vêr tudo remodelado apressadamente, sem atender ao pouco tempo que há de República.

Nós não seguimos a teoria do «muito e bom trabalho feito depressa», nem isto se infere do nosso artigo. O que quizemos dizer, o que tão sómente quizémos frisar, é que— tudo quanto se tem feito em quasi 2 anos de República podia e devia ser melhor e mais honesto. Ou não querem que a República seja um regime de moralidade e de aperfeiçoamento social? Mas infelizmente não se tem visto isso. E o colega sabe-o tão bem ou melhor do que nós.

Não sejamos ótimistas. Vejamos as coisas friamente, pelo seu verdadeiro prisma, e não queiramos sofismar a verdade dos factos que vêm á luz da publicidade, já que outros muitos, comicos e piramidais, são só do conhecimento dos privilegiados.

Dr. João de Deus Ramos

Temos o prazer de dar aos nossos leitôres a agradavel noticia de que no proximo n.° o *Dever* publicará uma interessante poesia dêste ilustre pedagogista e consagrado poeta, que teve a amabilidade de a oferecer a esta redação. O dr. João de Deus é por demais conhecido no mundo intelectual pela sua feição educativa, devendo-lhe já muito a Escola Primária Portuguêsa, e não lhe devendo ménos a República, que ele procura engrandecer e democratizar, como sobejamente tem provado no distrito da Guarda onde desempenha o elevado cargo de Governador Civil.

O dr. João de Deus partirá em breve para Paris, onde vai entregar-se ao estudo e aperfeiçoamento da instrução popular, que ele a todo o custo deseja nivelar com a dos países mais civilisados.

Ao ilustre poeta agradecêmos a deferencia que quis dispensar-nos.

A proposito do livre pensamento

Sucinta resposta ao snr. Almeida Junior

I

Em dois artigos ligeiros mas literariamente bem feitos, para satisfazer a minha curiosidade e quiçá para me dar a honra de apreciar a sua louvavel mas necessaria probidade intelectual, que tem por timbre não se esquivar a responsabilidades, pretendeu o snr. Almeida Junior, em resposta ao repto do meu postal, demonstrar as afirmações menos provadas que fizera no seu editorial de ha tempos sobre o livre-pensamento.

Essas asseverações eram, como se depreende daquêle editorial e do meu repto publicado em 11 de agosto, nada mais nada menos que três: 1) a morte proxima da Igreja; 2) os estratagemas de intolerancia de que ela usa e de que o livre-pensamento não deve utilisar-se; 3) a impossibilidade para o livre-pensador de conceber a existencia dum Deus regulador das nossas almas. Era sobre estes trez pontos que incidia precisamente a questão. E o proposito revelado no meu postal de 11 de agosto era induzir o snr. Almeida Junior a dar a razão do seu dito, a explicar a mim e ao publico os *porquês* das suas asseverações. E' uma questão de probidade intelectual, como já signifiquei, e por conseguinte está muito longe de ser uma questão de *lana-caprina*, insignificante, esteril, ingloria, como o meu antagonista se compraz em dar a entender (*vidé* art.° 1.°, l. 41 e seg., art. 2.° ult. l.), em contradicção de resto consigo mesmo, quando se refere no primeiro art.° á «magna questão do livre-pensamento», com a qual se relacionam intimamente os assuntos que andamos ventilando. Se a questão é magna como é que se torna ao mesmo tempo ingloria e esterilisante?! A melhor maneira de agitar ideias não será expo-las e discuti-las ou demonstrá-las?! O ponto de vista religioso é antagónico do ponto de vista do livre-pensador. Para verificar qual dêles é falso não será mister examina-los previamente com egual solicitude e atenção?

De resto a importancia do assunto é bem de vêr ainda mais directamente pela análise do objecto em questão. Esse objecto é duplo: — a existencia de Deus, contra cuja negação protestam a razão, a historia, á consciencia individual e a consciencia colectiva e a tolerancia e vitalidade da religião católica, eixo em torno do qual gira a humanidade civilisada ha quasi vinte seculos, e que na frase de Augusto Comte, o patriárca do positivismo scientifico, conhecido por certo do meu inteligente adversario, tem exercido no mundo uma salutar e duradoira influencia social (Cours de Philosoph. posit., v. 236 e seg.)

Adiante...

Algo disse o meu amavel adversario no atinente a tornar verosimeis as duas primeiras afirmações: — a Igreja (portuguêsa) está moribunda, a Igreja é intolerante. São assuntos que se prestavam até a mais um bocadinho de retórica, se o adversario quisesse abusar. Quanto á terceira, recaiu no séstro de afirmar sem provas. E o que é mais para notar por ser extraordinariamente tipico é que o meu contraditor, que de resto se apresentara no primeiro artigo tão delicado e afavel de maneiras, agora no segundo, quando se refere á sua persistencia em não debater a existencia de Deus, que era aliás a questão mais importante e tambem a mais ampla e complicada, pende gostosamente para o tom facito e até um quasi nada zombeteiro. Que lhe faça bom proveito, que lhe desopile o baço, que lhe mate as melancolias é o que do coração desejo. Todavia não escondo, e apraz-me consigná-lo, que o conjunto geral dos arrazoados do snr. Almeida Junior me agradou pela *forma* e que vingou imprimir-lhes

UM PLEBISCÍTO PRÓ-MULHER

Gentis leitôras: Está aberto o *Plebiscito* em homenagem á vossa intelectualidade e ao vosso espirito delicado e sensivel. E' baseado nas seguintes condições:

1.ª — Resposta á pergunta: *Que papel desempenha na nossa vida o homem a quem amâmos?*

2.ª — Não excedêr seis linhas com a resposta.

3.ª — Cingir-se unicamente ao têma acima citado.

4.ª — Não usar de pseudónimos.

Será nomeado um *Júri* para a classificação das respostas.

1.ª RESPOSTA

Quando se ama fervorosamente, a imagem da pessoa a quem amâmos é a nossa fiel e constante companheira! Seu nôme é estrêla de primeira grandeza que scintila no céo nubloso do nosso pensamento e que perenemente nos guia!...

Deolinda Moreira.

2.ª RESPOSTA

O homem a quem amâmos é a scentelha que nos conduz ao Eden do Gôso ou á senda espinhosa do sofrêr.

Amá-los, mas com reserva.

Juiz, colegas!

Rosa da Conceição.

um cunho de inegavel sinceridade. Isso entretanto não é razão para que eu respeitando e admirando o homem lhe não discuta as ideias. E' este o programa que o adversario traça ao livre-pensamento e que eu tambem traço ao *pensamento-escravo* da verdade.

E para expôr, sem mais preambulos, o elenco de respostas que a seriação de ideias do adversario me impõe, observo que não posso omitir referencias embora resumidas a estes cinco pontos: a *tése do livre-pensamento*, a *Igreja moribunda*, a *Igreja intolerante*, *Deus e um positivista confesso*.

E antes de principiar faço ao meu antagonista na sua qualidade de editor um pedido que espero dever á sua comprovada lealdade; e é que, emquanto eu não tiver concluido esta fase do debate, me não surja do lado outro ou pelas costas opositor. Não é facil manter a defensiva duma pancada que nos é vibrada á falsa fé (isto com referencia ao snr. Duarte Lopes que tambem pode levar por tabéla) é praxe do bom tom não falarem dois ao mesmo tempo e no mesmo circulo de conversa e finalmente é um preceito imposto pela filosofia trivial do bom senso que diz: *quando fala um... burro, cala-se o outro*. Não lhe parece, presado adversario?!

Até á semana.

Marco de Canavêses.

José Maria Pinto Monteiro.

PROMOÇÕES

Fôram promovidos á classe imediata os nossos presados amigos e assinantes de Pampilhosa, snrs. Manuel Simões Lopes, José Martins da Costa e Augusto Marques Martins, respetivamente chefe de 2.ª, factor de 1.ª e factor de 2.ª, dos caminhos de ferro da Beira Alta.

O primeiro desempenhará, d'ora avante, o logar de chefe adjunto em Pampilhosa, o segundo o de chefe interino, fazendo serviço em varias partes e o 3.º ficará encarregado do serviço de transmissão.

—— Tambem foi nomeado factor de Pampilhosa, o nosso amigo, snr. Antonio Reis d'Almeida, que até ha pouco fazia serviço em Figueira.

Coisas simples

Numa excursão

Toda a organização e aplicação do ensino entre nós, tem enfermado pelo seu caracter, subjéctivo, méramente teórico. Esta afirmação é correntia sem que todavia se tenha trabalhado afincadamente, como é preciso, para relevar tal falta.

De todos os nossos sentidos o mais delicado e portanto mais precioso é a vista, pois tambem tudo quanto se observe com olhos de vêr, ficará retido na memória. Nem todos pódem têr igual poder nos lóbulos cerebrais, mas o que é um facto, é que tudo quanto a vista atinja, a memória guarda e a revivescencia põe em actividade quando as associações psiquicas das sequencias organizadas a isso a chamem.

E tudo isto vem a propósito e como introdução do meu assunto — o ensino prático.

Estive ha dias em excursão recreativa e que foi tambem scientifica em Vila do Conde, fazendo parte da mesma o distinto professor do liceu de Braga, dr. Domingos Braga (Ziquer) que, como profissional, dirigiu os nossos estudos de investigação. Tratarei por partes dos edificios que visitámos: igreja, fábrica de lápis *Portugália* e aquário.

Nos nossos dias, o culto da arte, o amôr intrinseco pelas obras grandiosas que se imponham péla construção artistica e valôr, está na verdade perdido porque as condições das sociedades hodiernas, tendentes a prover as necessidades primárias, teem simplificado as construções até se chegar a edificar na América casas de algodão!

Todavia nós hoje, quando passamos em frente de um monumento que os anos conservam como que em respeitosa guarda, devemos inclinar-nos perante essa pedra trabalhada porque diluidas no rendilhado do granito, está vivida, scintilante, a alma, o genio, dos seus edificadores.

O sonho dessa sociedade, tranzitando das portas da Idade-média para a Renascença que da Italia irradiou, era na verdade grandioso e místico: grandioso, na concepção artistica; mistico, na fé pura imaculada que norteava a sua inteligencia ao concretizar na pedra a Ideia.

A tomada de Constantinopla pelos turcos fez retirar da antiga Bisâncio esses monumentos que, transportados para os museus de Roma são os trofeus das passadas eras.

A Itália abriu as suas portas na febre do mesmo sonho artistico e o produto dessa revolução que fez caír o Imperio do Oriente—porque todas as revoluções trazem produtos benéficos próximos ou longinquos—orientou os génios que na historia cosmopolita ficáram como padrões. E a par da renascença das Artes deu-se a das Letras.

Do estilo ogival, bisantino, passa-se á renascença e os monumentos dessa transição se ressentem. Pois os mesmos estilos são observados na igreja de Vila do Conde. Na fachada principal o estilo gótico, lendo-se na altura e rigidez das linhas de granito a fé que erguia os homens da época na ideia subjectiva, tendente sempre a subir e onde o reflexo pagão desperta: as figuras graniticas na sua nudez perfeita como o espirito da época o permitia—a representação da natureza. No interior, deveras interessante pela arte e investigação, vê-se: a passagem nitida para a renascença, o estilo gótico puro e umas colunas bisantinas, por onde se vê que ali foi trabalhado em épocas diferentes e devia ter sido começada a edificar pela capéla-mór e anéxas.

O doirado impecável dos rendilhados de entalha, numa frescura insinuante, prendem a nossa atenção, reteem a vista ávida de impressões.

Eu nunca li memória alguma sobre aquela obra de arte, mas com o erudito «cicerone» e já citado professor nada mais foi preciso, porque os seus conhecimentos arquiológicos e processos pedagogicos nos orientavam.

E aqui está um ponto da minha questão—o ensino prático. Os alunos, sejam de que grau de ensino fôrem, devem estudar os costumes das épocas á face dos monumentos que as representem. Só assim á vista, só assim orientando a ideia do aluno levando-o a pensar, raciocinar, investigar, se nele criará o amôr ao estudo, o amôr ao trabalho e uma veneração intrinseca pelas obras históricas, pelos monumentos artisticos.

E, na verdade, só quem fôr pervertido, só quem não raciocine, terá coragem para destruir, desfacelar, as obras magistrais, grandiosas que nos atestam o valor da antiguidade.

Espinho, 12 de setembro.

AUREA JUDIT AMARAL.

ENTRE NÓS

Vimos aqui, acompanhado de sua mãi e seu irmão Isaías Augusto Miranda, o nosso assinante, snr. Joaquim Augusto Miranda, que hôje deve partir para o Brazil.

Desejamos-lhe uma feliz viagem.

Tourada na Figueira da Foz

Está anunciada para hôje mais uma tourada, promovida pela direcção do Coliseu Figueirense, que deve começar ás 16 horas e 15. Serão lidados 10 touros, e tomarão parte na corrida os cavaleiros João Marcelino d'Azevêdo e Adôlfo Machado, e os bandarilheiros Teodoro Gonçalves, Jorge Cadête, Francisco Saldanha, Manuel dos Santos, Francisco Xavier, Ribeiro Tomé, João d'Oliveira e o sevilhano Morenito de San Bernardo. Figura Jaime Henriques como directôr da corrida, a qual será abrilhantada pela *Filarmonica Figueirense*.

REGRESSO

Regressou das Caldas da Rainha, onde foi procurar alivios aos seus padecimentos, o nosso presado amigo snr. Antonio Bafa, que felizmente vem quasi restabelecido, com o que muito folgamos.

Ferro-viarios de Portugal

Um mal entendido que se aclarará.—O Instituto, associação beneficente, ainda não foi compreendido. —Suas vantagens e seus fins.

Temos observado uma corrente de opinião contrária ao Instituto, desde a sua fundação.

Isto intristece-nos. E intristece-nos por vêrmos que não foi ainda, e já lá vão mezes depois da sua inauguração, compreendido o alevantado fim para que foi criada esta simpatica agremiação ferro-viaria, instalada na rua da Madaléna, em Lisboa.

E essa corrente de opinião contrária, a meu vêr, deriva de o Instituto ser obra dalguns homens cuja situação profissional é mais ou menos invejavel a dentro dos caminhos de ferro, como que se tal facto fosse base suficiente para desavenças e vaticinios maus.

Nós conhecemos os fundadores, sabemos de quanto eles são capazes em pról da familia ferro-viaria portuguêsa, pela qual aliás se teem empenhado, em favor da qual teem dispendido energia e trabalhado desinteressadamente.

A confraternisação de ideias entre superiores e subordinados foi e hade ser sempre a principal força cooperativista do bem coletivo.

A coletividade, porém, é que ainda não soube compreender o segredo déssa força, e acostumou-se a olhar o elemento superior como uma barreira indestrutivel ao progresso das ideias e ao logico avanço das suas reivindicações.

O Instituto, que foi levado a efeito para minorar a sorte dos desprotegidos, para iluminar os espiritos e para preparar um futuro mais ou menos próspero aos desgraçaditos que tiveram a sorte de nascer cá dentro, no caminho de ferro, hade vir a sêr uma obra puramente meritoria benemerita e humanista, quando todos nos compenetrarmos do papel social que temos por dever desempenhar, da solidariedade que temos por obrigação dispensar uns aos outros num mesmo élo de sentimentos e afétos.

A corrente de opinião, que agora contrariamente, adversamente parece correr campo em desabono da associação nascente, hade, dentro em pouco, estamos disso convencidos, transformar-se em simpatia, e para ela hão de convergir, como é mister, todas as atenções e todas as boas vontades.

Assim o esperamos, porque assim deve ser.

Belmiro.

CRÓNICA DO PORTO

Setembro desenrola-se na preguiçósa áção duma imensa giboia entorpecida.

Na velha tabérna do *A's d'Oiros* o vicio pulúla e a miseria repousa em atonia letál.

Rufias e *souteneurs* jogam a bisca a copos de verdásco, emquanto uma rameira, na indolencia macissa das coisas doentias, fuma um misero *Kentucky* sem sabôr.

No ar andam canções avermelhadas, mais rubras que a luz dessa candeia, que, a um canto, pende côr de sangue.

De repente, o sino dos Clérigos bate 8 horas (aliás 20) e, como se o bronze choramigas espargisse um enervamento rude, colossal, toda essa matilha de sicários se debanda em furia como em busca de casos sensacionais, ou carteiras pouco acauteladas.

Da Praça da Batalha saem os briósos concorrentes em direção a Lisboa, fazendo-se esse percurso (360 kilom.) em 17 horas e 4 minutos.

Pensando bem: 72 léguas em bicicleta, é realmente, um *pratinho de meio*, devéras saborôso, que o valente ciclista Larangeira Guerra pôde petiscar por entre gólos de agua estagnada e *maionaise* de lama mal cheirósa.

Cái aqui, levanta-se acolá, até que, por entre belêsas siderais, surge a bela cidade de mármore e granito, onde Ulisses firmou um gráto sólio.

E, no fim, uma medalha suspensa em uma fita côr d'alface, uma medalha, emfim, que n'um caso extremo, se não póde cozêr com bacalhau!

Remunerádo suór, bem compensádo esforço!...

Toma, leitôr, toma uma bicicléta e córre a capital do vicio.

Terás sublimes *étapes:* scênas de facadas, cursos de roubos e assassinátos, messalinas leiloando a carne purulenta, miseráveis rufias jogando a *capoeira*.

Terás afagos de metralha evacuada das nuvens por ágeis biplanos, beijos carinhósos de rudes automóveis.

E, ao longe, terás a méta gloriosa — a *Mórte* — abrindo os braços magros, descarnádos.

E, plagiando o mestre sublime, eu direi:

E então vós vereis qual é mais excelente
Se ser aviadôr se matar gente.

Porto, 17 de Setembro de 1912.

Gômes Monteiro.

Sociedade moribunda

Os estertôres agonisantes que abalam a Sociedade actual estão pondo a descoberto as bases despóticas da sua constituição. N'um simples relance de vista por êsse mundo além, o nosso espirito fica extatico ao notar —dum lado—a sobranceira e altiva burguezia com a sua soberana incompetencia—do outro—uma classe mais humilde, mas mais numerosa e produtiva, arremessada ao lodaçal da desventura, tendo por confôrto salutar o trabalho e a fome.

Emquanto uns vivem rodeados dum luxo faustoso, trazendo as suas familias na ostentação e engalanadas de púrpura e sêdas, habitando suntuosos palacios, onde a arte moderna imprimiu todo o seu cunho de primorosidade em relevantes adôrnos, desconhecendo por completo o que seja necessidade, miseria e sofrimento; outros, votados ao mais execráve abandôno e esmagados pelo martirio atroz, pelo trabalho fatigante, passam uma vida eivada de privações, arrostando com mil dificuldades e tendo por habitação um modesto casêbre onde a fome se alberga, torturando os inocentes filhinhos e a desolada espôsa.

E quantas vezes, longe da Patria que não lhe garantiu a sua subsistencia e a da familia estremecida, sucumbem de dôr e de saudade no tôsco catre dum hospital! Que irrisório e singular contraste!

E não poderão os desprotegidos operarios impôr-se contra as animosidades da nobrêza? O Futuro, em cujo horisonte vasto e limpido se divisa o clarão refulgente da formoza estréla da Esperança, diz-nos que Sim: e impéle-nos para a lucta com a fé precisa de que o triunfo será nosso, porque a caravéla que nos há-de salvar das ondas revoltosas do proceloso mar da Vida, nos dá alento e energia para resistirmos aos seus embates impetuosos!

O povo trabalhador, que cegamente tem trilhado uma tortuosa estrada de escravidão, procura mobilizar-se — não com armas, porque o seu mobil é a paz — mas com regras de civismo para poder libertar-se das letiferas garras da burguezia. No seu espirito embrutecido e costumado a seguir os conselhos dos seus algozes, vae emfim penetrando um fluido de razão que lhes permite apreciar os maravilhosos efeitos da formação de uma sociedade mais benigna e humanitaria.

Ainda bem que as obscuras trevas duma selvática opressão de oito seculos, que vinham empanando o brilho duma Aurora que brotou o Ideal onde germinam as blandicias carinhosas do Amôr do Trabalho e da Familia, se vão convertendo em luz vivida e clara, mostrando-nos qual o rumo que devêmos seguir na estrada da Civilisação!...

Quiaios, 18—IX—912.

Francisco Fernandes de Carvalho.

TRANSFERENCIA

Foi transferido para Figueira o factor de 2.ª classe e nosso presado assinante, snr. Manuel Mendes Barreto.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XXVII

Um inspectôr que anda por caminho errado por lhe pesar a consciencia — O nosso «heroi» encontra um professôr que lhe serve de «factotum» — Além de inconsciente é covarde — Justiça, snr. ministro do interior, justiça, pâra honra da sua dignidade!

Estranha situação a do inspectôr Antonio Maria de Mendonça, do circulo escolar de Angra do Heroismo! — Nas colunas duma fôlha republicana, é acusado de incompetente e de perseguidôr por um distinto jornalista, que é, áo mesmo tempo, professôr primário. Pois em vez de chamar o seu acusadôr áos tribunais, pelo crime de abuso de liberdade de imprensa, — como se dê o caso de êle ser seu subordinado, procéssa-o mas é disciplinarmente! Faz-se a sindicancia que tam insólito procésso originou, e, como o seu resultado não agrade áo feroz funcionário da inspecção, ei-lo que trata de forjar uma mensagem, uma petição, ou como melhór queiram chamar-lhe, em que os próprios meritos são proclamados!

Estranha situação a dêste homem!

Pois o que é que qualquer funcionario que tenha em conta a dignidade profissional faria no logar do Mendonça? Promover uma sindicancia áo seu acusadôr? Não — que essa sindicância não o desafrontaria a êle: unicamente revestiria o aspecto insofismavel de uma vingança. O caminho a seguir era o diametralmente opôsto: pedir uma sindicância áos proprios actos, para que fôsse averiguada a sem-rasão, se sem-rasão houvesse, das acusações feitas. Depois, sim, depois da rehabilitação, teria logar o justo castigo do difamadôr.

Era assim que o Mendonça devia de proceder, se na consciência qualquer coisa lhe não pesásse. Não o fez, no entanto. As acusações ficáram subsistindo, a constituir um fardo tam pesado, que a qualquer outro faria curvar. E, como lhe constásse que o ilustre ministro do interior ia pôr as coisas nos seus devidos logares — êle, com uma inconsciência quase digna de dó, lembra-se do Flôres (é assim que se chama o professôr de ensino normal a que no número 25 das *Pinceladas* fizémos referência) e lança-o na antipática faina de angariar assinaturas de professôres seus subordinados para um papel asquerôso em que a própria competência é afirmada!

Então para que servem as sindicancias feitas a pedido do interessado, snr. Mendonça? Não é por êste meio que os funcionários dignos costumam ilibar-se de acusações feitas? O snr., que não tem pejo de perseguir um professôr conscencióso e ilustrado, terá medo duma sindicância?...

Snr. ministro do interior: mais uma vez lhe vimos solicitar a atenção para êste repugnante caso. Faça vossa excelência justiça recta, como recto é o seu caracter.

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Poetas e Prosadôres

DESANIMO

(A *Belmiro*)

Negra Parca, talvez, supremo bem!
O logico final desta tormenta,
O fim tão natural duma dôr lenta
Não deve amedrontar, sequer, alguem!

Dá a Paz e o Silencio quando vem
Ruir o pedestal onde se assenta
A vida fragil e ás vezes odienta,
Encargo sumo que o infeliz retém.

Quantas vezes dou *ais* com desalento,
Venturoso, no entanto, em conceber
Esta vida desfeita num momento.

Quão doce me seria aperceber
A Morte, magestosa, a passo lento,
Se não fosse a Materia estremecer!

M. Duarte Lopes.

De licença

Em gôso de licença, partiu na quinta-feira de Cacem para o Alcaide, onde se demorará alguns dias junto de sua esposa, que ali está descançando com sua familia, o nosso presado assinante e patricio snr. Eduardo d'Almeida, inteligente funcionário dos caminhos de ferro.

Desejamos-lhe feliz regresso.

A ALMA DAS MULTIDÕES

Nada ha mais justo, nada ha mais soberano e ónipotente do que a alma inflamada das multidões nas horas de impaciencia em que a justiça impere, e a razão ilumine as consciencias.

Estudar a psicologia dos povos é tarefa tanto mais dificil quanto fôr elevado o ideal que os preocupa.

A alma ardente do povo é sensivel e sensibilisadora.

Vibra de entusiasmo ao primeiro impulso generoso de imancipação que se lhe imprimir, explode encolorisada ao primeiro acto de canalhismo que vir praticar.

Disseram ao povo que havia uma Biblia, que ele aliaz nunca soube ler, tal a confusão das suas páginas; disseram ao povo que existiam dogmas cujo fim desumano era preverter as consciencias, eclipsar as almas, obscurecer as razões, achincalhar intuitos, e o povo, ouvindo aquilo tudo, não tugia nem mugia.

Mas um dia, — ha poucos dias ainda — puséram essa Biblia nas mãos do povo, esplicaram-lhe esses dogmas de degradação, e eis que o sentimento popular, a alma amorosa e altiva das multidões soltou profundos gritos de protesto, correu a chicote, fremente de colera e impaciente de vingança, essa horda de mal-aventurados compradores de espiritos fracos, essa seita de propositais obscurantistas que do êrro teem feito o grande esteio das suas forças destrutivas e obsecadoras ainda nêste seculo de progresso e imancipação em que vivemos, e em que êles, olhando o seu passado de latrocinios e mentiras, estendem embaciados olhares ao futuro que breve afundará as suas maldades e desvendará as mentiras de que se teem servido para anavalhar a humanidade.

Tem exageros, a alma da colectividade, mas esses excessos teem principio e justificação na precipitação de julgar e analisar as coisas e os homens.

A sêde de vigança, ou a maravilha da apoteóse, são quasi sempre as determinantes do mau julgamento dos factos quando se trata de préitear um homem ou qualquer ideia alevantada que esse homem encarne perante a multidão frenetica que o aclama com as palmas da vitoria e os aplausos profundos da consolação.

Eu ás vezes sigo a alma das multidões, e, comovido, ponho-me a pensar na magnificencia da sua significação e não posso deixar de a julgar a mais bela demonstração do sentimento humano, tendente a aperfeiçoar-se e a sentir e ver as coisas como elas exatamente são.

Mas os dogmas, as mentiras, os misterios, as superstições, e toda essa trapalhada intorpecedora da evolução humana, do sentimentalismo popular hade afundar-se no seio prescrutador da alma generosa e quasi emancipada das multidões.

ALMEIDA JUNIOR.

Carta de Lisbôa

Ainda não pôde envia-la para este n.º o nosso presado colaboradôr A. F. A., que ha tempo anda muito atarefado com as multiplas ocupações do seu cargo.

Pedimos desculpa aos nossos presados leitôres.

Aos nossos colaboradores

Rogamos a fineza de nos enviarem as suas produções de maneira a darem entrada nesta redacção até quinta-feira de cada semana inclusivé, afim de não ficarem retardadas, sujeitando-se por isso mesmo a perderem oportunidade. Só deixarão de publicar-se regularmente, quando o espaço de todo nos faltar por abundancia de original.

NOTÍCIAS

De dentro e de fóra

Foi determinado que todos os candidatos ao magistério primário juntem aos seus documentos de concurso a certidão de terem satisfeito ao serviço militar.

=== Morreu Mutshuito, imperador do Japão. O seu funeral foi grandioso, seguindo o cortejo uma extensão enorme. O carro funebre era puxado por 5 bois de varias cores, e o palanquim que conduziu ao túmulo o corpo do imperador foi transportado por cem lavradores de barretes na cabêça. Fôram depois pronunciados vários discursos pelos altos dignitários e os canhões atroaram nos ares. Quando soou o ultimo tiro de canhão, o general Nogi, heroi da guerra russo-japonêza, suicidou-se com sua mulher, para assim satisfazer um preceito da sua crença religiosa. No momento em que o padre se aproximou do túmulo para o cumprimento do ritual, fôram soltadas 80 pombas e os sinos das igrejas deram 108 badaladas.

Devemos concordar que, debaixo do ponto de vista religiôso, ainda ha muito fanatismo e muita coisa absurda lá pelo Jápão.

=== Consta que o governo vai contrair um emprestimo de 60:000 contos sem encargos para o contribuinte. Basta que, pela lei do inquilinato, em que se baseia a proposta para o emprestimo, o inquilino pague adeantadamente um mês da sua renda, dinheiro que, em vês de sêr entregue ao senhorio, passe a entrar na Caixa Geral dos Depósitos, formando-se assim um fundo permanente, que servirá de garantia ao emprestimo. Os juros do dinheiro depositado ficarão para pagar os juros e amortisação do emprestimo contraído.

=== O biplano *Comércio do Pôrto* tem realisado na capital do norte alguns vôos, todos com brilhante resultado. Num deles, elevou-se o aparelho á altura de 1 quilometro, conservando-se no espaço durante 8 minutos.

=== Atingem já altas quantias as subscrições abertas no nosso pais para a compra de aeroplanos. A do Directorio vai em perto de 14 contos, a do *Seculo* em cêrca de 10, a do ministerio das finanças em quasi 5, etc. Tudo isto é para comprar uma flotilha de guerra para o nosso exercito.

Ha de sêr interessante aquêles *pássaros* a despejarem granadas cá para baixo! Mas os canhões terrestres não conseguirão *empandeiral-os* pelos ares acima? Nós é que lá pelo alto não queriamos andar...

=== Diz-se que a nova moéda da républica será posta em circulação no dia 5 d'Outubro, num total de 400 contos.

=== No domingo passado realisou-se entre Pôrto e Lisboa uma corrida ciclista que causou extraordinaria sensação nos meios sportivos.

Laranjeira Guerra fêz com trajéto de 360 quilometros, em estradas intranzitaveis pelo mau tempo, no espaço de 17 horas e 4 minutos. Fôram 60 concorrentes, sendo L. Guerra o primeiro premiado.

PARTIDA

Partiu na segunda-feira para Lisbôa o nosso assinante Antonio Maria Jorge Reis, que aqui veio passar alguns dias na companhia de sua familia.

«O DEVER» é um dos jornais da provincia que insere mais variedade de assuntos. Artigos politicos e sociais.

Defêza de todas as classes produtôras. Assinatura: 600 réis por semestre.

CHEGADA

O nosso amigo e assignante, snr. José Marques Barrêto, de Lisbôa, que aqui era esperado a semana passada, já chegou na passada quarta-feira, tencionando demorar-se por aqui alguns dias.

Aniversário

Completou na quinta-feira 5 anos de idade o menino Manuel, filho do nosso assinante Augusto Queda, ausente no Brazil. Parabens.

CORRESPONDENCIAS

FIGUEIRA DA FOZ, 18. — Encontra-se em Buarcos, onde se demora alguns dias em companhia de sua ex.ma familia, que ali se encontra veraneando, o ilustre presidente da República, snr. dr. Manuel de Arriaga, que chegou a esta cidade no comboio *rapido* de sabado á noite.

Apezar de sua ex.ª ter instado para que não houvesse quaisquer manifestações, o povo não deixou de lhe fazer na *gare*, á chegada, uma carinhosa recéção, realizando depois em Buarcos uma sessão soléne, a que assistiu o snr. presidente da República, diversas associações, a filarmónica Figueirense e uma numerosa assembleia.

A Buarcos têm ido muitas pessoas cumprimentar o ilustre chefe de Estado.

—— Como já disse, realiza-se no dia 22 a ultima corrida de touros da presente época, com gado do opulento e afamado lavrador Antonio Luiz Lopes. Os artistas são dos melhores, apresentando-se a cavalo o destemido João Marcelino d'Azevedo (se estiver restabelecido da colhida que teve na arêna do Coliseu Figueirense, na penultima tourada) e o eximio Adolfo Machado.

Espera-se farta concorrencia.

—— Na segunda-feira, depois das 16 horas, sairam desta cidade para os exercicios de repetição os 1.º e 2.º batalhões do regimento de infanteria 28, aquartelado nesta cidade, na força de mais de 500 homens, incluindo oficiaes, sargentos, etc. Ao longo da Avenida assistiu enorme multidão á passagem do regimento, que era comandado pelo snr. tenente-coronel Menezes Leal, e que seguiu o seguinte itinerário: Paião, Soure, Condeixa, Cazais, Granja do Ulmeiro, Maiorca e Figueira, aonde deve regressar no domingo.

—— Têm sido muito concorridos os passeios que tem realisado, para além de Quiaios e Leirosa, o rebocador *Espadarte*.

—— O movimento maritimo nas ultimas semanas tem sido diminuto.

—— A concorrencia ao Bairro Novo continua sendo grande e os divertimentos os mesmos.

Apolon.

GATÕES, 19. — Refrescou o tempo. Há tres dias que têm vindo alguns aguaceiros, o que veio prejudicar muito a vida agricola; pois, se assim continua, pôde-se desde já contar com um anno muito desfavoravel aos produtos do lavrador.

—— Os gatunos penetraram na noite de 14 para 15 em casa dos snrs. Candido Cabêço e José Joaquim Parreira, da vizinha povoação de Sant'Ana. Ao primeiro roubaram-lhe dinheiro, um relogio e umas correntes de prata; e ao segundo algum dinheiro, e algumas garrafas de vinho fino e licôr, e um fáto pertencente a um filho menor. Os gatunos serviram-se duma escada, entrando por uma janela, e em seguida abriram as portas para ficarem mais á vontade. Até á data ainda se não descobriram os gatunos.

Já com êsta são duas vêzes que o snr. Parreira é vitima dos ladrões. Não haverá meio de acabar com os autôres de taes proêzas?

—— Encontra-se nesta, de vizita a seus manos, a snr.ª D. Maria Nunes David.

—— Vimos aqui os snrs. Joaquim Côca Junior, do Zambujeiro, Antonio Lucas, do Cazal do Gaio, e Julio dos Santos Timoteo, da Tocha.

—— A sociedade da Tuna Gatoense não realizou no domingo a a vizita a esta povoação, como tinhamos noticiado, devido a outros compromissos, o que a fará na primeira ocasião oportuna.

—— Com destino a Manáus, seguiu o nosso amigo snr. Elisio Ramalhão, d'esta localidade. Bôa viagem e felicidades é o que lhe desejamos.

Letnemip.

ADUBAÇÃO DE FAVAS

Está á porta a epoca da sementeira das favas, e por isso lembramos aos lavradores que se não as adubarem convenientemente, não poderão obter boas colheitas.

As favas, porque são leguminosas, dispensam a adubação azotada, mas por esta mesma razão são muito exigentes em acido fosforico e sobretudo em POTASSA.

Devem portanto os lavradores que queiram ter boas colheitas de favas, e nenhum haverá que as não queira ter, adubal-as convenientemente, empregando os adubos mais adequados, que são os adubos compostos, contendo acido fosforico e POTASSA apropriados ás terras, ou então uma mistura de um adubo fosfatado e um adubo potassico.

Para as terras delgadas deverá empregar uma mistura de:

300 a 400 kilog. de Fosfato Tomaz ou Fosfato Meteor e 400 a 500 kilog. de Kainite, por cada hectare de terreno.

Para as terras fortes empregar uma mistura de:

300 a 400 kilog. de Fosfato Tomaz ou Fosfato Meteor e 150 a 200 kilog. de cloreto de potassio.

Para as terras calcareas empregar uma mistura de:

300 a 400 kilog. de Superfosfato de cal e 150 a 200 kilog. de cloreto de potassio, por cada hectare.

Acentuamos entretanto que os melhores adubos são os compostos, da marca Trevo de 4 Folhas.

Todos estes adubos podem ser expedidos imediatamente e devem ser pedidos a quem os fornece por preços mais modicos, que é a casa

O HEROLD & C.ª

Lisboa, Porto, Regoa, Pampilhosa e Faro

Dirigir tambem a Fortunato Váz, *Carmaneira, Cantanhede.*

ANUNCIOS

VENDE-SE

Um lagar de azeite, com azenha e moinho, terra de insua e monte, no sitio da Azenha Derrubada, freguezia de Arazede.

Para tratar com Joaquim Antonio Pedro, Largo Miguel Bombarda, 11—1.º, ou na Fonte do Castanheiro —Coimbra.

(24) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

O velho suspendeu-se, cômo que esperando um monosilabo; mâs Clotilde, d'olhos baixos, mordia o lábio inferiôr pâra escondêr um sorriso refalsado.

E, na mêsma ancia d'alma, o velho continuou:

— Não responde, Clotilde? Esse silencio significa então que o seu coração imaculado nunca pulsou em presença dum homem que álguma vêz se atrevêsse a fazêr-lhe declarações? E' então verdade que nunca amou?

— O snr. Godofrêdo está hôje muito grave, está hôje cômo nunca — disse ela com um resaibo de ironia.

— Pâra que duvida dos meus sentimentos? Pâra que duvida da confissão que já lhe fiz? Admira-se dos meus quarenta anos me darem o primeiro amôr? Pois eu é que me admiro do seu coração pulsar aos sessenta.

— Está-me a repreendêr, Clotilde, está-me a ferir no meu intimo — disse o velho com uma palidêz súbita.

— Não — volveu ela impassível — estou a elogiá-lo. Não compreende? Quero eu dizer que admiro cômo o acaso me deparou um homem de tão bons sentimentos que soubesse conservar o coração puro até aos sessenta anos pâra m'o vir entregar. Não julgava que fôsse digna de tamanha mercê.

— Oh! Clotilde, é até digna de muito mais — exclamou o velho alucinadamente. — Que ventura me estava guardada! E cômo eu me sinto remoçar! E é a Clotilde que me faz feliz! E fôi a Clotilde que me abriu o coração ás harmonias do amôr! Deixe-me beijar-lhe as mãos que me hão de cobrir de felicidade.

E o velho ajoelhou pâra beijar as mãos da pérfida e ungiu-as com duas lágrimas de reconhecimento, emquanto ela, muito soberânamente, estadeava um sorriso irónico nos labios sensuais.

— Agora, Clotilde — disse êle, erguendo-se — vou-lhe fazêr uma proposta.

— Uma proposta! — estranhou ela.

— Sim, uma proposta que deve aceitar. E' a seguinte: A Clotilde não deve estar por mais tempo a vivêr aqui sósinha, entregue aos cuidados duma velha criada; e então aconsêlho-a a que vá pâra minha casa, cômo minha filha ou cômo minha pupila, até passar o carnaval que se está aproximando. Depois disto, levo-a á igreja pâra a recebêr cômo minha espôsa, e dou-lhe tôda a felicidade de que é digna e tôdo o amôr que couber num coração de velho. Que responde?

— Aceito — disse ela muito abertamente e com olhar petulante.

— E não lhe desagrada vivêr com um velho?

— Não, porque eu hei de sabêr remoçá-lo.

— De que maneira?

— Com o prazêr, com os bailes, com os teatros.

— Com o prazêr!... — murmurou o velho com um espasmo de susto no olhar velado.

— Pois quê! — volveu ela com durêza. — Pensa talvêz em metêr-se em casa pâra criar reümatismo?

— Não, penso no futuro.

— Más agora pensêmos no presente; não é o que quer?

— Sim, eu já fiz a proposta que fôi aceita. Amanhã irá pâra minha casa.

E entre pensativo e duvidôso, dispôs-se pâra se retirar, emquanto a ingrata ocultava mais uma vêz um esgar satânico. Despediram-se.

III

Pelo caminho, Godofrêdo reflectiu sempre ofegantemente.

Enganar-se-ia? Seria ludibriado? Aquela mulher, que sempre mostrára grande recato na sua presença, que sabia concentrar os assômos de cólera que tempestuavam no olhar duro, quando dantes via, por exemplo, entrar a mãi ao aposento onde êles estavam, e arrastar ou deitar por terra uma cadeira, muito involuntáriamente, devido á sua velhice e á sua grande presbitía, aquela mulher, que lhe parecia indiferente pelas diversões mundánas, pois nunca dera mostras de se têr arrastado ao raso das paixões terrênas, vinha agora falar-lhe em prazêr, a êle, já velho, e mais propenso á calma de espirito?

Veria um tesouro de virtudes onde se acolhia um monstro de ambições? O ocaso da vida, que êle fantasiava cheio de remanso e de dulcidão, transmudar-se-ia numa escála de sofrimentos e de desgôstos, ou num suicidio da alma, gélido e penetrante?

(*Continúa*).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Séde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

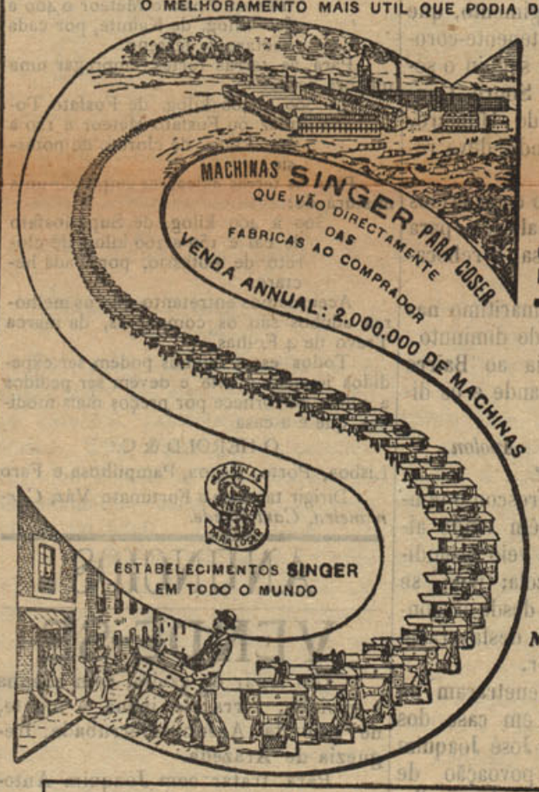
PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

Fabrica de bolachas e biscoitos da Estrela

Couraça da Estrela, 1 a 15

COIMBRA

Esta casa é que melhor fabrica e vende em melhores condições.

O Proprietario,
Manoel Pereira Junior.

Bicicletes de diversos autores, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40--Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle"

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA FUNERARIA

— DE —

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA — **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 29 de Setembro de 1912 — N.º 32

O DEVER

Semanário Republicâno

Director — MANUEL DE MELO

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradôr — *ANTONIO ISMAEL DA CRUZ*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Pátria e Humanidade

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

IMPOSTOS

Uma tendencia avassaladôra—E' necessario libertar o contribuinte da acção constante do impôsto

O abuso da contribuição, cômo suprêmo recurso para as crizes nacionais, póde facilmente substituir-se pelo maior zêlo na administração colonial

Magôa-nos sobremaneira quando ouvimos dizêr ou quando lêmos nos jornais que o governo pensa em lançar novas contribuições sôbre as costas largas do pôvo português, ou se lembra de aumentar as que já existem para fazer face a despêzas inadiaveis que as exigencias da nação reclamam. Magôa-nos e fere-nos a consciencia, por vêrmos que o Estado, sempre servil nêste ponto de vista, parece não dispôr doutros expedientes, mais vantajosos e mênos violentos, para ocorrêr ás necessidades que absorvem o país e para satisfazêr a compromissos em que o mêsmo país está empenhado.

Há uma tendencia pronunciada nos govêrnos de Portugal para o lançamento de impostos como base insubstituivel para a autonomia da patria e para a integridade das instituições, que se mantêm no esteio carunchôso que o pôvo rude e trabalhadôr lhe oferece com o suor do seu rôsto. A monarquia bateu o *record* nêsta eterna questão, ingrata e odiosa para quem, auferindo poucos lucros do seu trabalho, tem de pagar muito para o sorvedoiro do Estado, que não sabe compensar o contribuinte do esfôrço heroico que êle faz para o sustentar.

A Repùblica, que em muitos casos parece querêr imitar a monarquia—apesar de ter reconhecido nêste regime processos dissolventes e nefastos para o pôvo português, e apesar de ter prometido desonerá-lo dos véxames e das violencias que eram apanágio do velho regime—a República não consegue com as suas leis e com os seus decretos, vasados nos melhores moldes da sciencia politica, modificar o velho costume, o estafado bordão financeiro da *pesada contribuição*.

E não nos venham dizêr que ainda não houve tempo de aperfeiçoar e de melhorar, com processos novos, o estado de crize com que o país se defronta, fazendo consistir no impôsto toda a garantia para a sua solução, como se o Pôvo, o eterno ludibriado, pudesse resolvêr tôdas as crises apênas com o ratinhado sôldo que aufere.

Portugal precisa de armar-se, precisa de baixar o *deficit* ou pensa em adquirir aeroplanos para uma flotilha de guerra? E' ao Pôvo que se recorre, ou lançando-lhe contribuições ou apresentando-lhe subscrições para êle encher com o seu minguado óbolo.

O Pôvo, humilde, desprezado, oprimido, o Pôvo que os mandarins da politica esquecem quando estão recheados, quando se banqueteiam ou quando gozam as delicias de Cápua e de que se lembram com frenesí quando a tabela financeira acusa um abaixamento sensivel, o Pôvo, esse Pôvo das ruas, do alvião e da enxada, do casebre humilde e da enxêrga remendada e bolorenta, o Pôvo que se sustenta a brôa e sardinha e que anda rôto e cadavérico debaixo do sol e da chuva, sustentando os filhos, enganando a fome e iludindo a morte, esse Pôvo é que é o recurso suprêmo do Estado para salvar as grandes crises, para afugentar os grandes males e para manter o crédito da nação.

Impostos, impostos e sempre impostos sôbre o Pôvo! O nosso país não conhece outro expediente. O nosso país é um grande desgraçado e um scelerado vil e traiçoeiro, porque, vivendo do Pôvo, rouba-o descaroavelmente, esmaga-o e quasi o chega a trucidar.

Mas não teriam os nossos governos um meio talvêz mais eficaz e indubitavelmente mais suave para reparar as faltas de que o país carece, sem estar constantemente a actuar sôbre a bôlsa do pobre contribuinte? Parece-nos que sim. Onde procurá-lo? Nas nossas colónias, nos nossos extensos territórios da Africa, ainda por explorar, ainda por revolvêr, ainda por produzir, e até agora ainda á espera dum braço forte, com músculos d'aço, que lá vá arrancar daquêles terrenos incultos, onde as florestas medram ao sabôr da natureza, o ouro que devia saciar o nosso país faminto e que devia dignificar e engrandecer a nossa pátria altiva.

E' preciso que os nossos govêrnos estendam o seu ambito de acção para além da concha dos oceanos, e não se limitem á esfera apertada dum território onde o Pôvo não vive, mas onde só vegeta. E' preciso que os govêrnos da Republica saibam sêr govêrnos de administração, de zeloza e profícua administração republicâna, sem decalques monárquicos, sem deslises velhos e bafientos que mais compromêtam a honra nacional e muito possam prejudicar as crenças politicas do nosso Povo, heroico e valoroso até ao sacrificio. Mas mêsmo por sêr heroico, mêsmo por sêr sofredor o Povo português, é que o abuso da contribuição é um êrro manifesto que nos desdoura, por acusarmos falta de principios administrativos, falta de tática nacional que não se compreende nos estreitos limites dum país pequêno, dispondo, comtudo, de elementos organizadores e produtivos.

Libertar o contribuinte da acção do imposto, constante, profunda, avassaladora, é o nosso desiderato e é tambem o desejo do Povo que, trabalhando titânicamente, não colhe o produto condigno do seu trabalho, e todavia, tem de pagar aos cofres públicos quantias pesadissimas que vão além, muito além, daquilo que com sacrificio consegue juntar.

Atendam a isto os govêrnos que se prezam.

Aclaração

A *Carta Aberta*, noutro logar publicada e da autoría do nosso estimado amigo Carvalho Neves, merece da nossa parte uma explicação ao público, afim de se evitarem hipóteses falsas que muito nos poderiam contrariar.

Devido talvez a um mal-entendido da parte do nosso amigo, o *Dever* não lhe pediu colaboração *politica*, pela simples razão do nosso jornal não sêr politico, nem tão pouco pretendêr sê-lo. E ociôso será dizer que não nos aliados em qualquer partido, nem pensarêmos em tal. Podemos ter admiração por este ou aquele vulto politico, mas admiração meramente pessoal. Desta fórma, qualquer colaboração que pudéssemos ter pedido a Carvalho Neves seria, debaixo de todos os pontos de vista, estranha a politica, com a qual nada queremos ter. O *Dever* é e será sempre um jornal essencialmente educativo e doutrinário, combativo quando as circumstancias o exijam, mas nunca ligado ou dependente de grupos e partidos politicos.

Conservamo-nos, portanto, na mais estranha atitude ácerca da *Carta Aberta* dirigida ao *Dever*, e fazemos esta aclaração afim de que alguem se não lembre de aventar hipóteses sem fundamento.

Mourão d'Encarnação

O Dever iniciará no proximo numero uma nova secção instrutiva, dirigida por este nosso ilustre e prestimoso amigo, que, acedendo ao nosso convite, gentil e prontamente se prestou a honrar as colúnas dêste modesto semanário com as suas produções scientificas que muito contribuirão para educar o pôvo.

Fundadôr da Academia de Estudos Livres de Lisbôa, seu antigo Directôr e ex-professôr da Escóla Politecnica,—Mourão d'Encarnação é atualmente Inspétor de Divisão de Contabilidade da companhia de caminhos de ferro portuguêses, logar que desempenha com zêlo e dedicação, e um dos mais ilustres matematicos da nossa terra.

Dêle recebemos a seguinte carta, que inserimos para ilucidação dos nossos estimados leitores:

Horas d'Ócio

Amigo e snr. Almeida:

Agradeço e aceito gostosamente, o convite que me fez para colaborar no seu semanário *O Dever;* não porque sinta com isso satisfeita qualquer parcela de vaidade, que não possúo; mas porque nunca fujo ao ensejo de partilhar, com os poucos que menos sabem do que eu, a minha pobre e insignificante bagagem scientifica. E, embora seja só um, dentre todos os seus leitores, o que precise e aproveite, com a leitura dos meus enfadonhos e despretenciosos contos, dar-me-ei por satisfeito, por ter contribuido para esclarecer um espirito, que é, como quem arranja mais um consciente cidadão para a Patria.

S|c—Figueira da Foz, 23—9—912.

Amigo e Obrigado,

Mourão d'Encarnação.

Carta aberta á Redacção do "Dever"

Meus amigos: — O convite que me dirigistes para «colaborador politico» do *Dever*, honra-me muito mas não me é possivel aceital-o. E quero dar-vos a razão da minha escusa: — O vosso jornal é, segundo me parece, um jornal de partido, e um jornal do Partido Democratico. Ora eu, sem deixar de ser um republicano, e confiando cada vez mais na missão historica da Republica em Portugal, deixei de ser um «republicano de partido»; e se alguma coisa tivesse de escrever sobre o Partido Democratico seria para o combater, por ter ele falseado o seu programa.

Quando me filiei no Partido Democratico, fi-lo num impulso de consciencia e de justiça. O seu chefe, o snr. dr. Afonso Costa, era, como é ainda, a meu vêr, o homem com superiores qualidades de estadista para guiar a Republica neste periodo de formação e de luta que ela atravessa. O que principalmente me seduziu foi a firmeza de pulso com que deu o golpe mortal no clericalismo, que poderia ser o perigo maximo para a Republica como o estava sendo para a Patria. Diz-se que outro qualquer estadista o faria. Estou convencido, por factos subsequentes, que nenhum outro daria esse golpe com tanto acerto e com tanta firmeza. Os erros da lei de separação, por ele proprio confessados e alguns já remediados, não podem ser levados em conta para a condenação da sua obra em conjunto. Pareceu-me tambem, e ainda não estou convencido do contrario, que a desastrada e prematura desunião dos republicanos, a quando da eleição presidencial, não se deu por culpa sua. Depois, quanto á parte propriamente politica, o Partido Democratico prégava doutrinas que estavam de acôrdo com o meu sentir de então e de hôje. Ele combatia a adesão em massa dos velhos caciques da monarquia e reclamava para os republicanos o direito de orientarem a politica da República. Que os adesivos viessem, mas que se subordinassem á orientação dos velhos republicanos. Eu não sou um jacobino nem um intolerante. Mas acho que tal doutrina era e é ainda a melhor. Que ela não possa ser executada nos logares onde os republicanos não tenham elementos de resistencia, compreende-se. Que ela não se pratique onde possa ser praticada, é odiôso. Eis as razões que me levaram a filiar-me no Partido Democratico.

* * *

Entretanto, ao filiar-me no Partido Democratico, não abdiquei da minha liberdade nem da minha independencia de opiniões. Não tenho feitio para carneiro, nem preciso submeter o meu criterio ás conveniencias da politica partidaria. No jornal em que durante quatro anos colaborei—*O Mundo*—varias vezes manifestei opiniões contrarias ás dêle. Essa liberdade, porém, fôra-me ultimamente... coartada.

Ora, *O Mundo* diz sempre que, sem ser orgão de partido algum, defende as doutrinas do *velho Partido Republicano*. E' sabido, pelas suas proprias declarações, que o Partido Democratico se integrou no *velho Partido Republicano*. Teria de concluir que o *velho Partido Republicano* não permite aos seus velhos correligionarios liberdade de opinião, se não estivesse bem evidente o habilissimo *truc* do snr. dr. Afonso Costa no Congresso de Braga, e se eu não reconhecesse que não é o *velho Partido Republicano*, hoje dividido em varios partidos, que me tirou a liberdade de opinião, mas unicamente o *Partido Democratico*, representado pelo unico jornal diario que em Lisboa o defende.

Do mesmo passo que isto se dava, a minha vinda a Portugal trouxe á minha consciencia o convencimento de que, na parte politica, o Partido Democratico era, pelo menos, tão mau como os outros, *porque praticava os mesmos êrros que condenava nos outros*. A grande força republicana que se formou á volta dêsse Partido, nasceu da guerra ao cacique-adesivo. Ora, o que os factos me têm demonstrado é que êsse Partido só combate os caciques que não aderem a êle!... Posso falar assim, e bem alto, porque fui vitima dos processos politicos dêsse partido; e a reforçar a minha opinião referirei um caso que, por se dar num concêlho visinho, merece ser aqui registrado: — em Condeixa ha duas comissões do Partido Democratico; uma composta de velhos elementos republicanos e reconhecida pelo Directorio, e outra de elementos monarquicos não reconhecida pelo mêsmo Directorio. Deu-se ha pouco ali uma vaga de certo cargo publico para o qual não se exigiam provas, e cada uma das comissões tinha o seu candidato. Natural era que, havendo em Condeixa uma comissão reconhecida pelo Directorio e dependendo a nomeação da

UM PLEBISCÍTO PRO-MULHER

Gentis leitôras: Está aberto o *Plebiscito* em homenagem á vossa intelectualidade e ao vosso espirito delicado e sensivel. E' baseado nas seguintes condições:

1.ª — Resposta á pergunta: *Que papel desempenha na nossa vida o homem a quem amámos?*

2.ª — Não excedêr seis linhas com a resposta.

3.ª — Cingir-se unicamente ao têma acima citado.

4.ª — Não usar de pseudónimos.

Será nomeado um *Júri* para a classificação das respostas.

3.ª RESPOSTA

O homem, embora amado, é o tiráno dos nossos corações de franzinas mulheres inexperientes.

Aniquile-se a tirania e enalteça-se a Candura.

Amelia Dias.

4.ª RESPOSTA

Quando se ama deveras, sente-se um prazêr que só se torna completo com a presença do homem amado.

Como mulher que sou, defino o sêr escolhido numa creatura excelsa e sublime.

Nesse

pasta da justiça, fosse essa a comissão atendida. Pois deu-se o contrario. O nomeado foi o candidato da comissão-democratico-monarquica, á frente da qual está um padre, velho cacique, com grande influencia eleitoral!!!...

* * *

Mas vamos ao meu caso:

Sabeis que sou republicano desde que me entendo; que aos vinte anos era obrigado a emigrar para não ir para a cadeia por causa de uns processos que caíram sobre um jornal que fundei em Cantanhede; que no Brazil fiz sempre a propaganda dos nossos ideais, emquanto outros republicanos se vendiam ou se mantinham em uma conveniente e interesseira reserva, e emquanto alguns republicanos, *Marca Seis d'Outubro*, hoje consagrados como velhos republicanos e fundadores de um Gremio que eu fundei três anos antes (!!!) faziam salamaleques ás magestades, que davam comendas, e ao Lampreia, que arranjava empregos; sabeis ainda até que ponto levei o combate aos nossos adversarios no Brazil, principalmente depois do regicidio, tendo fundado, como é sabido e como se poderá provar com documentos aos invejosos que o contestem, os Gremios Republicanos do Rio, de Pernambuco e da Baía, e fazendo publicações que mereceram votos de louvôr no Congresso de Coimbra. Orgulho-me de podêr afirmar, e só o afirmo agora, em publico e pela vez primeira, para que mais em fôco fique a injustiça que me foi feita, que só eu, eu só, tive a coragem civica de me expôr e de levar a minha propaganda a quasi todo o Brazil, num momento de paixões violentas, arriscando o meu socego de espirito, fazendo sacrificios monetarios com que mal podia, e sujeitando-me até a sêr enxovalhado na minha honra pessoal por adversarios sem escrupulos, emquanto outros, que nada haviam feito no Brazil, recolhiam a Portugal com a fama de mártires!... Eu era alguem com um logar marcado no velho Partido Republicano, logar muito apreciado, que me deu sempre, e dá ainda hoje, a consideração e a simpatia dos velhos republicanos.

Vem a Republica, e, ser republicano portuguez no Brazil, deixou de sêr um oprobrio para sêr uma honra. Dizer-se republicano portuguez, no Brazil, era já o mesmo que exibir uma nova *comenda da Republica*...

* * *

O Gremio, de cento e poucos socios pagantes que tinha, passou a têr cêrca de dois mil! Sabe-se de que qualidade são sempre e em toda a parte os aderentes da primeira hora. Quando não são os fracos de espirito e de caracter, os incapazes da luta e do sacrificio, são os exploradores de honrarias e de benésses. Sempre de boa fé, porém, sincero e leal como sou, fazendo pouco caso das honrarias, por feitio proprio, e nada querendo em benésses, por dêles não precisar, fui eu o primeiro a festejar a adesão de todos esses elementos, sem cuidar saber os sentimentos que a inspiravam. A breve trecho, o Gremio Republicano Portuguez do Rio era dominado pelos elementos adesivos que vieram de enxurrada. Da sua actual Directoria, só um dos seus membros, o secretario Cardozo, foi sempre um declarado e dedicado republicano. Os demais, nunca como republicanos os conheci, e a alguns conheci como extremados franquistas, lampreistas ou realistas. Esses elementos, trouxeram para o Gremio os mesmos costumes das sociedades monarquicas da colonia, que tanto haviamos ridicularisado pela sua pretensão de quererem ditar a lei aos govêrnos e á Patria. O Gremio deixára de sêr a instituição de propaganda que sempre fôra, para se constituir um censôr dos governos e dos diplomatas da Republica. Com o ministro Gomes ainda o seu acto fôra desculpavel, e apenas condenavel pelos processos empregados. Com os snrs. Lopes Fidalgo e Bôto Machado, dominára apenas o capricho, pela vaidade ferida. Contos largos... O conflito deu-se, e obrigou a sair do Gremio muitos dos mais velhos, mais valiosos e mais ponderados elementos. Primeiro foi o conhecido e dedicadissimo republicano, conhecido em Portugal e Brazil pelas suas generosidades de dezenas de contos a favor da propaganda e do Gremio, que foi seguido de algumas dezenas de velhos republicanos; depois, eu, tendo a honra de ser acompanhado por não menos velhos e valiosos elementos, á frente dos quaes estava Joaquim Carvalheiro, socio gerente da conhecidissima firma Costa Pereira & C.ª, do Rio de Janeiro. A historia dêstes incidentes está feita num folheto que publiquei e não a repetirei aqui. O juizo dos principais homens do velho Partido Republicano está formado e estou contente com êle. E quem estiver convencido do contrario por informações erróneas, que leia o meu folheto, que distribuo gratuitamente, tendo dado mil exemplares a Francisco Grandela para que o seu produto reverta a favor das Escolas Liberais.

Sabeis agora qual foi a atitude, não do velho Partido Republicano, porque dos homens que o compunham tenho eu recebido inequivocas provas de aprêço e solidariedade, mas do Partido Democratico e do Directorio, depois de conhecidos os incidentes? Foi colocarem-se ao lado dos adesivos do Brazil, festejando-os e dando-lhes as maiores provas de solidariedade, e recusando o seu orgão—*O Mundo*—não só a minha defêsa, mas uma simples referencia ao folhêto em que a fiz!!!...

***

Quem me desfeiteou, portanto, não foi o *velho Partido Republicano*, mas o Partido Democratico, arrastado pelo *Mundo*, de mãos dadas com um emprezario teatral e, segundo me informam, com um velho franquista da rua do Ouro. E diga-se que *O Mundo* não é orgão do Partido Democratico ou que o Partido não se guia pela orientação do *Mundo*!...

Porque procedeu *O Mundo* assim [illegible] ser certas razões particulares que eu tive, que julguei justas, e que estão documentadas em cartas trocadas que não vieram a público. E' claro que sendo eu, durante quatro anos, conhecido como redactor ou inspirador da politica que *O Mundo* fazia no Brazil, não podia passar como autôr de certos agravos pessoais, alguns injustissimos, como o que ainda ultimamente nêsse jornal se fez a Vasco Ortigão, e que *O Mundo* vinha publicando sem assinatura. O motivo não póde, pois, ter sido outro senão o das minhas manifestações de independencia, incompativeis com a sua reconhecida intolerancia. A liberdade de critica que eu tive sempre antes da Republica, fôra-me, como já disse, coartada. De uma vez, a proposito da penultima crise ministerial, quiz fazer uma apreciação dos partidos e chefes politicos em luta. Como essa apreciação, aliás imparcial e favoravel a Afonso Costa, contivesse elogios a certas qualidades pessoais e politicas de Antonio José d'Almeida e Brito Camacho, não foi publicada.

De outra vêz, quiz manifestar-me favoravel ao jôgo. Tambem m'o não consentiram. A minha independencia de opiniões, os meus principios de justiça, a fórma que eu tenho de ver os homens e defender os interesses da Republica, não agradavam ao *Mundo*.

* * *

E' bem certo que ha elementos que, em qualquer das manifestações da vida, se repelem. Eu não simpatisava com o *Mundo*. João Chrgas póde atestar que, quando do Brazil lhe pedi para me arranjar um jornal em que eu fizesse a campanha que fiz contra os nossos adversarios no Brazil, indicava que dêsse preferencia á *Lucta*. Nêsse momento, porém, êle entrava para o *Mundo* e convidava-me a ficar lá tambem. Depois, as atenções e favores que do *Mundo* recebi, aliás bem retribuidos com outros serviços que tambem lhe prestei, chegaram a solidarisar-me com esse jornal. A minha independencia, porém, havia de sofrer algum castigo. E, com efeito, tive-o um dia que desci a uma polemica nas suas colunas, com um individuo que fôra franquista, que se tornára republicano em 28 de janeiro, e que, sendo um anónimo, era preciso mostra-lo ao Partido, para o fazer *deputado democratico*.

Mas não ha nada como—*um dia depois do outro*... Hoje, esse deputado é já referido com despreso pelos do *Mundo*, pelas mesmas razões talvez que eu já tinha para o despresar quando o *Mundo* entendia que eu o devia considerar!...

Quando saí do *Mundo*, alguns amigos disseram-me: *agora acautele-se!* Eu sorri, indiferente, e, sobretudo, confiante em que não tendo o *Mundo* o menor agravo da minha parte, e não tendo eu ligado importancia de maior á sua atitude politica para comigo, por que não sou um politico profissional, não seria dificil manter entre nós essa linha de cortezia que eu deixei marcada na minha carta de despedida, e a cuja cortezia ele publicamente correspondera.

O *Mundo*, porém, fiel á tradição, cedo começou a ferir-me. Não vem para aqui referir quando e como o fez. Sabe-o ele e sei-o eu. Tanto basta. Incompativel, pois, com o *Partido Democratico*, pelo falseamento do seu programa, e incompativel com o *Mundo* pelas razões expostas, vou desligar-me dêsse Partido como já me desligára do *Mundo*.

* * *

Retomo a minha liberdade de critica. Não deixo o *Partido Democratico* para me filiar em outro. Per emquanto os partidos, são todos eguaes. Estamos em um periodo de ebulição e de formação. O momento é dos politicos profissionais, é dos ambiciosos e dos exploradores. Aquêles que ainda fazem da politica um ideal de redenção da Patria; aquêles que nada querem da Republica, senão que êla seja digna dos sacrificios que por êla fizeram; aquêles que querem vêr a moralidade implantada a serio na administração publica, teem de abrigar-se do tremendo aguaceiro que ha dois anos para cá produz essa enxurrada de lama que vae passando, como o fez, por exemplo, segundo ha dias me confessou, o velho e dedicado Ferreira Gonçalves, que foi, no Porto, o melhor baluarte da Republico durante trinta anos de lucta e de necessidades partidarias. E' deixar passar a enxurrada. Tudo ha-de voltar aos seus eixos.

O que se passa presentemente em Portugal, passou-se sempre em toda a parte onde se deram transformações politicas e sociaes como as que acabamos de atravessar. No Brazil, onde fui testemunha, deu-se a mesma coisa. Confiemos, porém, no futuro da Patria e da Republica. A Patria, representada por uma geração educada no trabalho e no sacrificio, quer alguma coisa, tem um destino. A Republica, sustentada por essa geração, que é uma parte activa e nova do paiz, resistirá a todos os êrros, que hão-de ser corrigidos, e a todas as ambições ilegitimas, que hão-de ser contrariadas por essa mesma geração que tem demonstrado não dormir sobre a vitoria!

A injustiça que me foi feita não me dóe senão pela propria injustiça. A mim propriamente, pessoalmente, nenhum mal me fez. Sinto-me satisfeito com a opinião republicana, e tanto me basta. No proprio *Partido Democratico* ha quem não aprove essa incompreensivel e injusta atitude e quem acremente a censure. Posso dizer que ainda não encontrei um só homem dêsse partido que não a estranhasse, e que alguns ainda a tempo evitaram que a injustiça fosse mais longe. Tambem não sinto o menor despeito pela gloria dos novos republicanos consagrados como velhos martires. A historia, enfartada, os vomitará a seu tempo.

Eis aqui, meus amigos, porque não posso aceitar o convite com que me honrastes para vosso «colaborador politico». Em Portugal, quero deixar de ser «politico de partido» como no Brazil já deixei de fazer politica de qualquer natureza. Vou abrigar-me da enxurrada. Se, porém, fóra da «politica de partido», eu tiver ensejo de alguma coisa dizer que interesse ao vosso jornal, podereis então contar com a minha colaboração.

Do vosso agradecido amigo,

Figueira da Foz, 24—9—12.

Carvalho Neves.

"O Devêr,,

O próximo numero dêste jornal saírá no dia 5 d'outubro para comemorar o 2.º aniversário da República Portuguêsa. E' uma justa homenagem que querêmos prestar ao pórtico inicial da libertação humana.

CARTA DE LISBOA

26 de Setembro.

Devido á falta de tempo, faltei em dois numeros com a minha modesta *Carta de Lisboa*, falta que me desculparão os presados leitores do *Devêr*.

== A comissão de ferro-viarios da companhia portuguêsa, que se constituiu para solenisar o 2.º aniversario da Republica, dando um bôdo aos pobres, no dia 5 de outubro, tem recebido várias importancias e objétos de bastante valor, como consta da nota publicada noutro logar.

O fim, que é simpatico e patriotico, tem por objétivo premiar em primeiro logar orfãos e viuvas de ferro-viarios e ainda outros pobres extranhos á classe, se as importancias, como é de crêr, atingirem a soma que se espera.

Os comerciantes de Lisboa, que têm mais ou menos relações comerciais com a companhia e seus empregados, têm correspondido gentilmente com donativos para o bodo, e, entre os objétos que a comissão tem recebido, destaca-se um, que se salienta pelo valor e pela significação, e que é nem mais nem menos do que o busto da simpatica figura de Mr. Falieres, presidente da Republica Franceza, oferta do comerciante snr. José Narciso Fernandes, estabelecido no Campo de Santa Clara.

A comissão, segundo me informam, vai pôr em exposição a simpatica figura de Falieres numa das montras das ruas da capital, para ser vendida e a sua importancia ser agregada ás restantes a distribuir aos pobres.

[illegible] empregados têm correspondido á simpatica iniciativa com dinheiro, e é de esperar que aumente muito mais o numero de empregados a enviar dádivas á comissão até ao dia 1 de outubro, visto que a tambem simpatica classe ferro-viaria soube sempre corresponder a átos patrioticos e humanitarios como este de que se trata.

== Faleceu no dia 23 do corrente o maestro Chéu, musico distinto e querido na armada portuguêsa.

Chéu era musico a valer, e quem escreve estas linhas, bem de perto o conhecia, e algumas lições dele recebeu, sempre que lhas solicitava.

Se com a batuta era um mestre, mestre era tambem em todos os pontos musicais e especialmente na composição, pois que, em grande numero, compoz peças de alto valor, e entre elas variadissimos originais seus.

O funeral do desditoso maestro realisou-se em 24, a expensas da majoria general da armada, sendo muito concorrido e encorporando-se nêle a filarmonica «União Chelense», de que o desditoso maestro era regente.

A banda da armada ofereceu uma rica corôa, que foi posta sobre a urna.

O maestro Chéu deixa muitas saudades na nossa armada.

== Tambem faleceu em Açores, Celorico da Beira, a snr.ª D. Amalia Albuquerque, extremosa esposa do ex.mo snr. Albuquerque, meritissimo juiz da Relação de Lisboa. O seu funeral, que foi muito concorrido, realisou-se no dia 24 do corrente.

A desditosa senhora era amante da pobreza, a quem tratava sempre com carinhoso sorriso e distribuia esmolas, tanto nas terras onde tem estado como quando ia passar alguns dias á terra da sua naturalidade, Açores, onde uma grave doença a vitimou alguns dias depois dali ter chegado.

No rapido das 19 horas de 23 partiu para Açôres o nosso correligionario José Antonio d'Oliveira, afilhado de batismo da falecida.

A toda a familia enlutada, os nossos sinceros pezames, e ao ex.mo snr. juiz Albuquerque, as nossas desculpas por não termos comparecido, pois que só tarde tivemos conhecimento da infausta noticia. Tambem eramos afilhado de batismo da querida finada.

A. F. A.

PARTIDA

Para Lisboa, acompanhados de suas ex.mas familias, seguiram na passada sexta-feira os nossos prezados amigos e assinantes, snrs. José Marques Barrêto e José Fernandes Jorge. O snr. Barrêto, lisongeado em extrêmo pela maneira como aqui foi recebido por membros da sua familia, e na impossibilidade de se despedir de todos os seus amigos, de cuja falta espera sêr relevado, pede-nos que assim o comuniquêmos para conhecimento de todos.

Pela instrução

Prevenimos os interessados de que as escolas primárias devem abrir no dia 10 de outubro, sendo os primeiros nove dias destinados a matriculas.

== Consta que êste ano não abrirão as escolas normais, nem haverá exames de admissão, sem que a tal respeito seja ouvido o parlamento.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XXVIII

No pelourinho—Notas interessantes—O reaccionarismo triunfa?—Um argumento «sui generis» do inspectôr Mendonça—A ferocidade e a ignorancia dêste dementado atingem o seu auge

Decididamente, o *nosso* Mendonça, inspectôr do circulo escolar de Angra do Heroismo, é uma mina inexgotável! Se não fôssem êle e os seus procedimentos dementados, que em tôdo o caso tresandam sempre a rancôr a muitas leguas de distância, nem sabêmos como haviamos de arranjar assunto para os nossos artigos semanais, que o Manuel de Melo exige sempre atualisados,—jámais nêstes fugitivos tempos de férias, em que mais nos ocupam as caçadas ás perdizes do que a leitura quotidiana dos jornais.

A última mala dos Açôres trouxe-nos muitas notas interessantes, interessantissimas mesmo, ácerca da repugnante perseguição que êle, de ha mêses a ésta parte, vem movendo ao nosso colega da Feteira, José Sebastião de Avila Junior. E' um facto que o Mendonça, escudado não se sabe bem em quê ou em quem, conta vencer o pleito que provocou—o que, a dar-se, representará claramente o triunfo do reacionarismo sôbre os puros principios liberais e republicanos. Isso levar-nos-á, muito naturalmente, a não largar tam depressa mão do assunto. A feroz autoridade escolar ha-de convencer-se de que não é impunemente que se tripudia sôbre o Direito e sôbre a Justiça. Fica desde já prevenida.

Nas notas referidas, o que de momento mais nos interessou, talvez por directamente nos dizer respeito, fôi a parte em que nos referiam que o inspectôr António Maria de Mendonça havia propalado, quando do aparecimento do nosso primeiro artigo sôbre a questão, que êste era da autoria do Avila Junior—visto que não havia nenhum professôr com o nosso modesto nôme. E' claro que o caso nada nos incomoda. O facto de, com artigos sem pseudónimo, termos colaborado em tôdos ou quase tôdos os jornais e revistas escolares que desde ha perto de uma desêna de anos se têm publicado no nosso país nem sequér nos servirá para chamar ao antigo professôr de Raminho e de Santa Lusia o que, na realidade, êle é: um ignorante, a quem decerto sempre tudo deveria de interessar—menos o que com a escola e com a sciência pedagógica se prende. Porque Mendonça estáva no direito, que não pretenderiamos discutir, de considerar reles e insignificantes as nossas produções jornalisticas. Não fôi, porém, esse o alvo que atingiu ao lançar o boato referido, que se lhe afigurou tábua de salvação: apenas mostrou com êle que não costuma nem costumáva lêr os periodicos que se ocupam das questões da sua especialidade.

E' completo!

E não terminarêmos sem frisar tambem que o que fica apontado fôi o único *argumento* que, até hôje, o inspectôr de Angra achou para destruir as acusações que lhe fizémos!

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Poetas e Prosadôres

Para creanças

UM BOI DE RESPEITO

(INÉDITO)

Passa Luiz por valente
Entre os mais da sua idade,
E para que assim o tomem
Costuma falar á gente
Já com alguma vaidade
E certas maneiras de homem.

Mais ou menos não lhe passa
Que por ser uma creança,
De sete para oito annos,
Toda a gente lhe acha graça;
Mas por isso se abalança
A sofrer-lhe os desenganos...

Ha dias, elle que fez?!
Sai de casa, e descuidado
Vai para um monte visinho ..
Apesar de tanta vez
Ter-lhe o pai recomendado
Que não saisse sosinho!

Ia andando num atalho,
Entre muros, muito estreito,
Quando vê aproximar,
No regresso do trabalho,
Um boi pesado, refeito,
Caminhando devagar.

Ele então com susto (vêde
Para vosso ensinamento
Que ridiculo que foi!)
Muito encostado á parede
Diz em ar de cumprimento:
—«Bôas tardes Senhor Boi!...»

Não sei, mas sempre acontece
A quem se mostra vaidoso
Alguma coisa de mal...
E' que a vaidade parece
Certo fruto saboroso
Que nos amarga afinal!

JOÃO DE DEUS RAMOS.

Nota. — Esta anedocta foi contada ao auctôr dos versos, por amigo seu.

NO "DEVER,,

Estiveram de vizita na nossa redacção os nossos prezados amigos, snrs. Carvalho Neves e José Marques Barrêto.

Agradecemos a gentilêza.

Coisas simples

Numa fábrica

Prometi ha dias falar por partes dos pontos que prendêram a minha atenção de observadôra na excursão a Vila do Conde. Hoje pertence a vêz á fábrica de lápis «Portugália» e ficará para mais adiante a visita ao aquário.

Eu sempre enalteci em tôdos os câmpos a utilidade do ensino prático, assim como as lições dadas á vista do objecto. As crianças sempre traquinas, sempre inquietas, de imaginação volátil, achar-se-ão sobremaneira contrafeitas e pouco atentas quando na aula a exposição feita pelo professôr fôr mnemónica, puramente subjectiva; de contrario, se lhes apresentarmos o objecto ácêrca do qual pretendêmos dar a lição, isto é, se empregarmos o processo empírico-rial, captamos a atenção das crianças como bem experimentaram Frœbel e Pestalozzi e terão fruto as nossas canseiras: a retina ficará com a impressão vivida do objecto, a memória reterá a exposição que dêle lhe fizermos e mais tarde a revivescência posta em actividade será á matéria prima para o raciocinio da criança.

Dêmos dêste modo lições á mocidade das nossas escolas, mostrêmos-lhe a naturêza com os seus dons, a vida com as suas agruras, o trabalho com as suas canseiras.

Só em face do natural, do positivo, é que se podem dar lições substanciais. Nunca o rigorismo naturista de Rousseau, mas sempre o cultivo da elevação moral e mental do aluno pelo amôr ao trabalho, ao estudo, ao saber.

Quando transpuz o limiar da fábrica de certo não imaginava que tantas impressões colheria e que tanto me deveria admirar a fátura de um simples lápis! Sim. Nunca me lembrei que o pequêno cilíndro de madeira com um fio de plombagina interior, de que tantas vezes me sirvo, désse tanto trabalho, motivasse tantas operações.

O resfolgar dos motôres com o ruido caracteristico das diversas operações a seguir formávam uma música cuja escala era a palavra—trabalho—e portanto, vida, alegria. Vi tambem a conjugação de fôrças e a maravilha da divisão do trabalho. Aproveitando a mêsma fôrça motriz, uns operários serrávam os troncos de madeira, outros os dividiam em pequênas réguas, ao mêsmo tempo que noutro compartimento se prepara a massa cuja matéria prima é importada da Alemanha, se bem que em Portugal tambem a haja; numa máquina é passada á fieira ao mêsmo tempo que os leves fios são levados ao fôrno. Noutro andar procedia-se á junção da massa á madeira onde nessa simples operação trabalham nada mênos de quatro operarias; vão depois novamente á serração as pequeninas pranchas, em seguida recebem a tinta noutra máquina, passam pela estufa para prontamente secárem, são-lhe depois gravadas as etiquêtas e, devidamente numerádos, são lançados no mercado.

Que múltiplas operações e que harmonia de conjunto!

São estas as melhores lições que um professor póde oferecer aos seus alunos, que um preceptor póde dar aos seus educandos. A criança, sêja de que familia fôr, terá ocasião de receber proveitosas lições porque a par das explicações comuns terêmos: para os póbres, os filhos de humildes proletários, incutir-lhe-êmos á vista de tanto labôr, o amôr ao trabalho, fazer-lhe vêr a satisfação interiôr que vai no operário quando, ao deixar aquelas máquinas que durante o dia lhe sibiláram aos ouvidos, chêga a casa e ai encontra o confôrto, o agasalho da familia, o carinho da espôsa, as caricias dos filhos, e portanto cultivar assim a virtude; se a criança é rica, pertence a essas classes que o acaso dotou de fortuna, ha para ela lições proveitosas: fraternizá-la com o operário, incutir-lhe o gérmen da verdadeira democracia e fazer-lhe vêr que tem mais valôr o simples produtôr que trabalha um dia inteiro numa fábrica que o egoista ou o «pinóca» que leva dias a passear usufruindo grosseiramente os bens que outros acumuláram e que não sabe empregar.

Se vós, pequenitos, que tantas vêzes desperdiçais os vossos lápis, destruindo-os porque custam pouco dinheiro, visseis «com os vossos olhos» o intenso labôr que êles custam, guardá-los ieis utilizando-os como um simbolo do trabalho.

Hôje, que as sociedades se democratizam, que as artes e industrias dominam, que por todos os lados se vêem as aplicações do vapôr, da electricidade, levêmos os nossos alunos ao campo do ensino útil, á aprendizágem das fábricas.

Uma coisa me contristou no meio do que vi:—sêr um estrangeiro o gerente da mêsma fábrica. Que fazem os portuguêses?—Emigrar para a América ou tentar viver á custa do emprêgo público. E a que é devido este estado de coisas?—A' falta de educação e instrução práticas.

Quando será o dia em que em todo Portugal se êrga um hino ás fôrças produtôras e todo o paiz seja uma laboriosa fábrica, cuja chaminé se eleve arrogante para os céus com a autentica divisa de—Ordem e Trabalho!

20 de Setembro.

AUREA JUDIT AMARAL.

«O sonho dos mundos»

Causou extraordinária sensação este belo artigo que o *Dever* publicou no n.º anterior e devido á pena do nosso prestante e iluste colaboradôr, Umberto Araújo.

Assim vai o nosso jornal cumprindo o programa educativo que traçou, preferindo tudo á besbilhotice da politica.

ANIVERSÁRIO

Passou na quinta-feira o aniversário natalicio do nosso estimado assinante da capital, snr. Frederico Franco, a quem apresentamos cordiais felicitações.

Ao snr. directôr dos correios

Queixa-se-nos um nosso prezado assinante das Alhadas de que recebe sempre irregularmente o nosso jornal, com 3 e 4 dias de atrazo, não tendo ainda até ao dia 25 recebido o ultimo número, publicado em 22. Além disso, os jornais chegam-lhe muitas vêses ás mãos sem cinta e enxovalhados, faltas estas que êle atribue ao distribuidôr do correio de Alhadas. Outros assinantes se nos tem queixado de faltas identicas. Por êste motivo, pedimos ao snr. directôr dos correios que acabe de vêz com tantas irregularidades que se vão dando em tais serviços, afim de se evitarem reclamações que nos desgostam e nos prejudicam.

Será clamar no deserto?

FALECIMENTOS

Faleceu ha dias em Lisboa, a esposa do nosso presado amigo snr. Porfirio José do Amaral, zelôzo revisor da companhia dos caminhos de ferro portuguêses. Sentimos o doloroso desgosto que deve ter ferido o coração de esposo do nosso amigo.

— Tambem faleceu em Vila Nova d'Outil a mãe carinhosa do nosso presado assinante e anunciante, snr. José Marques, daquela povoação.

Sentidos pezames á familia enlutada.

CRÓNICA DO PORTO

O homem, a eterna féra, o eterno chacal, vái dando mostras dos seus perversos instintos.

Elimina-se a vida a um semelhante com a mesma facilidade que hoje em dia se empalma um lenço d'assoar.

Na passada semana, por exemplo, o sangue enodoou mais uma página do já tão longo livro do Homicidio.

Foi o caso de Germalde em que um policia assassinou um pobre militar do regimento 18.

Foi o caso de Matosinhos, ainda, em que uma senhora matou um seu primo e criado, por que este lhe conspurcára o pundonôr de espôso, caluniando-a.

Foi o caso das escolas de repetição, em que a senha viperina da defêsa, a sêde inconcebivel de sangue ordéna a pobres disciplinados a que deixem a saúde pelas verêdas tortuósas e a vida, talvez, nas sébes dos caminhos.

E a isto se chama patriotismo!...

Patriotismo?!

Que importa uma luta civil entre irmãos, entre a carne da nossa carne? Sim, que lhes importa a êles que a plébe se esmague e dilacére, emquanto a burguesia fóge a sete pés?

Patria! Patria! não sei se esse abraço em que envolves os filhos deserdados, é para afagar ou para os esmagar.

Perdôa, Patria, rósio bêrço de Camões, perdôa ao teu ex-filho, que, cançado de vêr tantas loucuras, eliminou fronteiras e fez da Humanidade uma patria sublime!...

O sangue é sempre sangue; a vida é sempre vida, quer turca quer chinêsa.

E depois, ó Patria, repara nos teus sujos intestinos—*a cidade do Porto.*

Sangue, lutas e traições e muito mais se fôr preciso.

Patria, o Porto, este fôco de vicios e traições; este misero Porto, outr'ora grande, para onde agora enviaste o aviador Trescartes; o monturo de corrução para onde nomeaste o novo governador civil, Albano Magalhães; o Porto, Patria, o Porto, emfim é um fôco de malvadês horripilante.

Porto, 26 de Setembro de 1912.

GOMES MONTEIRO.

Adubos verdes

Enriquecimento das terras pobres

Chamam-se adubos verdes ás plantas que se enterram para melhorar as condições químicas e físicas da terra. São principalmente as plantas da familia das leguminosas que se empregam e que melhor se prestam para a adubação verde. As leguminosas enriquecem a terra de azote organico, que absorvem da atmosfera, e depois de enterradas beneficiam tanto as terras soltas, dando ligação ás suas particulas, como as terras mais ou menos compactas, dando-lhes maior leveza.

Não podemos, pois, deixar de aconselhar aos lavradores a que empreguem nas suas terras a adubação em verde. Os adubos verdes são muito convenientes, porque valorisam, economicamente, muitas terras pobres, secas e arenosas, preparando-as para darem maiores colheitas. A adubação verde dá explendidos resultados em terras de vinha, em terras de olival, em terras que estejam de pousio, etc., etc., mas essencial se torna facilitar e melhorar o desenvolvimento da planta que se empregar como adubo verde.

A leguminosa, que é mais geralmente usada como adubo verde, é o tremoço. Quanto maior fôr o crescimento do tremoçal, tanta maior quantidade de materia organica se enterra depois na terra; portanto, é de toda a conveniencia adubar o tremoço antes da sua sementeira; o tremoço enriquece a terra em azote, que é o elemento mais caro, mas precisa que haja na terra bastante potassa e acido fosforico para absorver enorme quantidade de azote do ar; quanto mais potassa e acido fosforico encontrar na terra, tanto mais avido se tornará o tremoço para absorver o azote. Aconselhamos, por isso, a empregar 400 a 600 kilos de fosfato Tomaz e mais 400 a 600 kilos de Kainite para cada hectare (10:000 metros quadrados). O tremoço convém ser semeado o mais cedo possivel para estar na terra antes de começarem as grandes chuvas. O tremoçal deve ser abatido quando estiver em flôr e enterrado em seguida superficialmente. Daremos todos os esclarecimentos que nos forem pedidos sobre esta adubação e outras.

Lembramos tambem a todos os lavradores que os adubos que estejam soltos se podem espalhar com muita facilidade, rapidez e egualdade, por meio do aparelho «Chal» (patente de invenção e fabrico); por isso, como é um aparelho barato e muito facil de trabalhar, todos deviam utilisal-o.

Temos á descarga, em Lisboa, diversos vapores com grandes carregamentos de superfosfato de cal, fosfato Tomaz, cal azotada, kainite, etc., e nos nossos armazens temos adubos de todas as qualidades para expedição imediata, á medida que nos forem entregues os vagons. Não se demorem os lavradores em fazer as suas encomendas para as diferentes culturas, podendo dirigir a sua correspondencia para a nossa casa de Lisboa, ou para a sucursal que estiver na respetiva area: Porto, Pampilhosa, Regoa e Faro.

Dirigir tambem a Fortunato Váz, *Camarneira—Cantanhede.*

Ferro-viarios de Portugal

A classe ferro-viaria realisa, no dia 5 d'outubro, em Lisboa, uma festa comemorativa da proclamação da Republica portugueza.

Nela tomarão parte empregados de todas as linhas do país, que confraternisarão em ideias e sentimentos.

Pela lista de donativos que a seguir publicamos, se nota que o comercio da capital não esqueceu os ferro-viarios de Portugal, dispensando-lhe a sua valiosa adesão e solidariedade.

O *Devêr* associa-se, em espirito, á festa dos simpaticos trabalhadores dos caminhos de ferro, pondo-se incondicionalmente á sua disposição.

Donativos de empregados dos Caminhos de Ferro

João Godinho, agente da estação de transmissões, Badajoz, 500 reis; Paulo Pereira, chefe de 1.ª classe de Cintra, 3$300 (do pessoal da sua estação); Fernando Lopes, chefe de secção da repartição de reclamações, 1$200 (do pessoal da mesma repartição); Antonio Antunes Vieira, fiel de 1.ª classe de Afife, Minho e Douro, 200 (em estampilhas); José Nascimento, inspector da 1.ª secção de inspecção, 1$000; Manuel Godinho, chefe de 1.ª classe de Lisboa P., 500; Julio Lopes, chefe de 4.ª classe de Alhandra, 300 (do seu pessoal); Luiz Henriques, condutor chefe do serviço de trens, 700 (de si e mais de um agente de trens); José Gomes Carvalho, chefe de 1.ª classe de Mafra, 300 (de si e do seu pessoal); Manuel Almeida, condutor chefe do serviço de trens, 600 (seu e d'um agente de trens); Manuel dos Reis, chefe de 4.ª classe do Ramalhal, 400 (seu e do seu pessoal); Vitor Manuel, encarregado da estação de Canha, 250 (seu e do seu pessoal); e Joaquim Fusquine, chefe do expediente dos armazens geraes do Barreiro, 1$480 (subscrição por ele aberta).

(Continua).

Donativos do comercio de Lisboa

Antonio Joaquim Ribeiro, rua dos Remedios, 46, 500 reis; Antonio Coelho Serra, rua dos Caminhos de Ferro, 84, 500; Manuel Gonçalves Pereira, rua dos Caminhos de Ferro, 94, 500; Francisco Costa Melo, rua dos Caminhos de Ferro, 6, 1$000; José Almeida & C.ª, rua dos Caminhos de Ferro, 74, 1$000; Rodrigues Guerra, rua dos Bacalhoeiros, 49, 500; H. Basto, limitada, rua dos Fanqueiros, 86, 1$000; Afonso S. Gomes, Praça da Figueira, 42, 400; Guilherme Ferraz, rua da Palma, 98, 1$500; Sousa Monteiro, rua Garret, 77, 1$000; Eusebio Maria, Calçada do Cardeal, 43, 4 kilos de chocolate; Julio Sanches Cardoso, 8$355 (donativos de particulares); Manuel Pereira, comerciante, 60; Ferreira & Peixinho, idem, 500; Antonio Lopes, idem, 200; Miranda & Irmão, idem, 1$000; Xavier & Ferraz, idem, 500; Antonio Duarte Severino, idem, 500; Manuel Fernandes Vazom, idem, 300; Manuel R. Jeronimo, idem, 500; J. Platão, industrial, Alhandra, 2$000; Manuel Carneiro, comerciante, 200; J. Pedro Carneiro, idem, 1$000; João Antonio Fragoso, idem, 500; Cesar Augusto Rodrigues, idem, 1$000; Augusto Aniceto, idem, 200; Sebastião Rodrigues, idem, 100; Augusto J. Santos, idem, 2$000; Joaquim Gomes, idem, 100; Frederico Amador, 2$300 (donativos de comerciantes); J. Matos, Rocio, 5 metros de precal; J. Fernandes Salgado, rua dos Fanqueiros, 72, 500; Santos & Aguiar, rua da Prata, 7, 5$000; João Brito, rua dos Arameiros, 1.º, 5$000; José B. Ratinho, rua de Santa Justa, 81, 1$000; Manuel V. Jesus, rua dos Retrozeiros, 68, 100; Raposo & Raposo, rua da Assunção, 43, 500; Herold & C.ª, 5$000; José Narciso Fernandes, C. S. Clara, um busto e uma caixa de musica; Agnelo Teixeira, 4m,15 de zefir e 1m,70 de percal; Francisco Salgado, uma peça de flanela; Eduardo C. Silva & Irmão, uma caixa de bolacha; Joaquim Gomes, 1$000; Romão Martins, 1$000; Bernardo R. Tavares, 1$000; J. Vila Nova, 500; Viuva Buttular, 500; Julio Sanches, 15$900 (subscrição entre comerciantes de Alcantara; Santos & Lamas, rua da Victoria, 50, uma caixa com 3 pares de calçado para creança; Roda & Silva, rua Augusta, 92, 6 camisas e 6 gravatas; Antonio Bual, chefe do Caes do Sodré, 7$000; Antonio Saramago, chefe de Algés, 9$000; Armazens do Chiado, Lisboa, 6 duzias de pares de piugas e 8 duzias de pares de meias.

(Continua).

VISITA

Recebêmo-la do nosso amigo e assinante, José Correia, residente em Lisboa. Agradecêmos.

Mercado de Cantanhede

(Em 20 de setembro)

Milho Branco	500
» Amarelo	480
Trigo Mouro	820
» Tremez	760
» Mourisco	760
Centeio	920
Cevada	540
Aveia	800
Arroz	1$500
Serradela	900
Feijão Môcho	1$100
» Branco	840
» Amarelo	960
» Rajado	640
» Frade	750
» Carraço	800
» Brazileiro	960
» Canario	900
Ervilha	800
Tremôço	650
Grão de Bico	1$000
Chicharo	360
Azeite	2$800
Vinho tinto	1$100
» Branco	1$100
Vinagre	400
Aguardente	2$500
Geropiga	1$700
Batata	260
Lã	3$400
Trevo	100
Sal	200
Azevem	200
Fava	600

CORRESPONDENCIAS

GATÕES, 26.—O tempo tem corrido pessimo para as colheitas. A' hora em que escrêvo chove torrencialmente. Se assim continua, teremos um ano de fome. Em algumas terras, ha muita falta de milho, e doutros géneros de que os povos necessitam.

— Para o leilão do gado cavalar realisado na Quinta de Foja, no dia 23 do corrente, vimos passar aqui os seguintes cidadãos: de Cantanhêde, José Luiz Maria d'Andrade, dig.mo secretario da Administração; notário Anibal Lopes e dr. José Lopes; da Tocha, Julio d'Oliveira, Joaquim Roque e Antonio Romão, das *Caetanas.*

Letnemip.

ANUNCIOS

VENDE-SE

Um lagar de azeite, com azenha e moinho, terra de insua e monte, no sitio da Azenha Derrubada, freguezia de Arazede.

Para tratar com Joaquim Antonio Pedro, Largo Miguel Bombarda, 11—1.º, ou na Fonte do Castanheiro—Coimbra.

CASA

Arrenda-se em bôas condições a casa pertencente ao snr. João Beirão.

Para tratar com Manuel Monteiro—Casal do Gaio—Arazêde.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

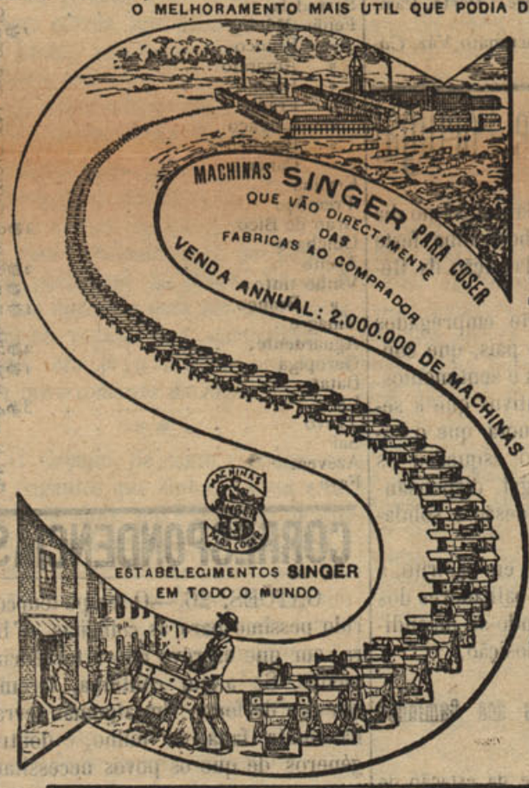
(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

MURALINE Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

Ano 1.° Arazêde, 5 de Outubro de 1912 N.° 33

O DEVER

Director — MANUEL DE MELO Semanário Republicâno Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE Pátria e Humanidade

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

O 5 de Outubro

1910—1912

O 2.° aniversário da República deve ser a afirmação mais categorica da solidariedade do povo portuguez

VIVA A CONFRATERNISAÇÃO UNIVERSAL!

Nesta hora de aleluias e de hinos patrióticos que frenéticamente se erguem nos ares, como canticos duma multidão insofrida e regenerada, todos os ódios, todas as animadversões, todos os apaixonados instintos ficam em tréguas para darem largas ao sentimento da alma nacional, que se traduz em apoteóses a êsse facto grandiôso que na manhã de 5 de outubro lançou por terra êsse velho edificio dum passado de ignomínias, de opressões e de aniquilamentos.

Do seio, porém, dessa multidão que hoje alucinadamente aclama o principio da sua independencia colectiva, do seio daquêles que heroicamente assentaram as bases para a construção máscula dum nôvo edificio social, há qualquer coisa latente, há uma ideia que por vezes tem sido agitada nos momentos solénes, mas que fica sempre esquecida e sempre sepultada no lôdo das ambições e das lutas intestinas. Essa ideia, êsse principio ingente que é a pedra angular onde deve apoiar-se todo o conjunto das aspirações humanas, é a Solidariedade entre os espiritos, entre as classes, entre os partidos, entre os homens. Odios e rivalidades, agravos e retaliações, paixões mesquinhas e sentimentos hostís, tudo isto deve ser diluido no pó dos caminhos onde ficou o rebotalho de velhas instituições.

A união de todos os homens, comungando no mesmo ideal, vinculados pelo mesmo pensamento, deve ser o dogma sublime que nêste momento cada um deve ir acalentando para perfectibilidade crescente da consciencia humana.

Abaixo os partidos politicos! Abaixo as castas e as *coteries!* Abaixo as fronteiras inimigas!
Viva a solidariedade do Povo Português!
Viva a República, como principio de libertação da consciencia da Patria!
Viva a confraternisação da Humanidade!

REPUBLICA... REPUBLICA...

Meu querido directôr:

Se você fôsse outro, fazia-lhe desta feita o que nunca a ninguem fiz. Caláva-me com o seu postal—e, quando quer que você se lembrasse de me pedir satisfações, dizia-lhe que o não tinha recebido.

Porque você péde-me nêle quasi o impossivel—a mim, que atualmente só sei escrever com a pêna molhada em tinta que nem de perto trescale a retórica. Um artigo comemorativo do aniversário da implantação da República! Já sei. Pretendia um artigo farfalhudo, com muitas citações históricas, algumas recordações pessoais dos tempos saudosos da propaganda e da acção, e que terminasse por um hino de louvôr, o indispensavel hino de louvor, a tudo quanto de ha dois anos a esta parte se tem feito e a todos quantos desde ha dois anos alguma coisa têm feito na pública governação. Não o negue: era isto, devia de ser isto que o meu amigo de mim queria. Porque eu, no seu logar, para ser agradavel a pelo menos noventa por cento dos leitôres, tambem outra coisa não solicitaria.

Pois, meu caro: eu não considero a República ainda implantada completamente. O que ha dois anos se fez em Lisboa, em dois dias inolvidaveis de luta, ao som ingente do canhão,—não foi, para mim, mais do que o prelúdio, prelúdio ainda assim incompléto, da Grande Obra. E, de então para cá, de envolta com algumas coisas bôas, acertadas, consentaneas com o periodo grave que vimos de atravessar,—muitos, muitissimos êrros se têm cometido, êrros aliás, e aí é que tem estado o mal, que mais defensôres têm tido do que quem os profligasse convenientemente.

Foi a primeira moda: dizer bem de tudo quanto dos govêrnos da República emanásse. E, como alguns, como o pobre plumitivo que eu sou, começassem a destoar do côro geral, considerando bem só o que como tal podia ser considerado, passou-se para a segunda—que afinal não é senão um prolongamento da primeira: censurar os que nem sempre dizem bem. E' que os monarquicos estão vigilantes—e aproveitam-se de tudo para desacreditar as instituições, diz-se ou adivinha-se em tôdos os artigos de censura.

Os monarquicos! Que esperanças pódem alimentar esses desvairados, que, depois de nos ter tentado arrastar para o ateismo da bancarrota, tecendo nas horas vagas das suas orgias a mortalha desta pátria querida, se lançaram na aventura dementada de atacar a parte san da Obra que o grande povo português vem elaborando desde 5 de outubro de 1910? A ideia monarquica em Portugal está agonisante, desde que o telégrafo anunciou ás diferentes partes do paiz que em Lisboa um movimento revolucionario expulsára a realeza. As incursões do norte mais nada têm representado do que o estrebuchar dessa ideia sinistra — que, de mais a mais, até os principios que dominam e dirigem a civilisação do século atual condenam sem remissão nem agravo. Pensar por isso, no regrésso á monarquia é uma utopía irrisória, que só fanáticos sem a minima noção das coisas pódem conservar nas cabeças enfraquecidas pela penitencia e esquentadas pelo odio.

Mas, meu amigo—e aqui é que está o ponto; mas, se o regrésso á monarquia é um impossivel, em face de todas as leis históricas e sociológicas, o que se não póde negar é que, em muitos pontos de Portugal, os costumes monarquicos não sofrêram, com a implantação das novas instituições, a mais pequena mudança. O cacique continúa a imperar, o cacique continúa nelas a *pôr e dispôr* conforme o seu arbitrio. Quando muito deu-se isto (e treme-me a mão ao escreve-lo): o cacique republicano substituiu, por acôrdo combinado segundo todos os preceitos usuais, ou em ultimo caso á força, o cacique monarquico. E tudo continuou como dantes...

Eu podia citar-lhe casos interessantes, principalmente do ultimo género. Mas não o quero massar—nem isso, afinal, está na indole desta carta.—Limito-me, por isso, a preguntar-lhe: está ou não a Grande Obra incompleta? Tenho ou não razão, quando afirmo que a República ainda em Portugal não foi completamente implantada?

Mas então...—parece-me estar a ouvir-lhe murmurar.—Mas então, meu amigo,—só em Portugal teremos uma República, que assim se póssa chamar com os olhos humidos de unção e a laringe estrangulada pela comoção, quando representar um facto esta frase banal, á força de tanto repetida: sermos um povo instruido. E da instrução é que os governos que em Portugal se têm sucedido desde 5 de outubro de 1910 até á atualidade se têm ocupado muito parcimoniosamente. A Suissa é uma República—uma República perfeita. Porquê? Porque o pôvo suisso é instruido. Lá não ha decerto, nem por sombras se póde admitir—o cacique. Onde o cacique—monarquico ou républicano, não importa—imperar nunca as instituições republicanas poderão dominar com aquela pureza que sonhavamos e sonhâmos ainda para as nossas.

E, se me dá licença, meu querido directôr, sairá esta carta no *Devêr* em vez do artigo que me pedia. Mostrará ela ainda que comigo póde contar sempre, para criticar: para louvar, só quando fôr um facto a República por que sempre, desde os catorze ou quinze anos, tenho vindo trabalhando, na medida das minhas fôrças.

Claro que nem por sombras o que aí fica representa menos apreço pela sua simpatica iniciativa. Para mim, o feito heroico de 4 e 5 de outubro tem, como já disse, a

significação de prelúdio da Grande Obra com que sonhava e por cuja realisação completa sempre dispenderei os meus melhores esforços. Foi o principio necessario. Consequentemente, é grande a minha admiração pelos que dentro dos muros da capital se bateram como leões naqueles dois grandes dias, que a historia registará como merecem nas suas paginas imorredoiras, e acharei sempre devidas todas as homenagens que lhes fôrem prestadas.

Amigo e admirador,

MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Salvé, Liberdade!

Numa evocação mística, saúdo-te, Liberdade! Companheira intrínseca do individuo, numea de luz, bendita sêjas. Sôa o teu nôme no sussurro das aguas, é salmodiado no canto das aves! A' sombra do teu nôme se acolhe a humanidade opréssa por inúmeros preconceitos absurdos e estultos e tu, que a guias nos escabrosos caminhos da vida civica, és-lhe pendão imorredoiro. Quantos córpos de mártires não tens agasalhado! Quantas vítimas teem sido imoladas perseguindo no individuo o ideal!

...Horas criticas da incerteza... Vozes dispersas num clamor a revolta; ouvem-se com as iras abafadas do pôvo, os estrondos do canhão...— E' ela a Liberdade que na capital ergue o facho incendido, igneo de cólera e dôr, rúbro de amor e heroismo! A' sua voz tombam uma a uma as pedras onde assentava uma constituição. A' sua passagem inclina-se um trono oito vezes secular. E o ruir de todos os preconceitos acorda progressivamente a alma nacional.—Numa onda rúbra como o rosiclér da alvorada, vêde-a é ela a Liberdade que vencedora numa revolução, vos estende os braços, dizendo: Segui-me. E o pôvo—o grande escravo, sôlta as algemas; o pôvo—o grande sofredor, érgue-se e péde luz; o pôvo—o eterno ludibriado, vence enfim! Abraça o ideal.

E eu evóco-te em misticismo como a mais pura concretização do ideal, mas a ti—a Liberdade estreme, escudo da Justiça e simbolo de direitos e deveres, não a liberdade-liberticida, não a liberdade «in nómine».

Dois anos são passados e das vicissitudes dos tempos eis-te sempre firme, mas não desvirtues a tua missão. As tradições dos nossos maiores, daqueles que «déram mundos nóvos ao mundo», fazem parte da nacionalidade e são as mais belas pérolas que pódes ter engastadas no teu pedestal augusto. Eleva, pois, o brio nacional. Uma patria que não tem filhos briosos não tem razão de existir, mas tu, Portugal, és sempre môço e heroico. Paréces inerte, sem vida, á sombra das tuas sélvas, embalado pelas vozes do teu mar—mas, sôa um grito de amor pátrio e tu Portugal, estreméces de norte a sul, um fremito de amor acórda e, firmando-te no teu escudo secular cimentado por tanta bravura, tanto heroismo, rejuveneces:—és sonhador e heroi! Nunca Grécia e Rôma tivéram filhos mais crêntes no amor á patria, nunca na historia dos póvos se viu amor mais entranhado á Independencia e á Liberdade.

Agora que acordáste, que os écos do teu hino «brada á Europa á terra inteira: Portugal não pareceu», que tens o sólio da Liberdade, érgue-te radiante numa onda de luz, numa marcha para o progresso porque em cada filho terás sempre um heroi e em cada mulher uma patrióta.

Salvé, Liberdade! Viva Portugal!

5 de Outubro de 1912.

AUREA JUDIT AMARAL.

SURGE ET AMBULA!

Era soturna a terra e soturno era o céo êrmo de estrêlas.

O mar, o glauco mar, por onde em curvas triunfantes perpassaram os Gamas e os Cabráis, era desérto imenso sem vélas, sem gaivotas.

Calára-se o gemêr das filomélas e os rouxinóis cessaram de cantar.

Tudo era paz, acabrunhante paz! Silencio que enlaça os cemiterios no pestilente odôr das coisas mortas...

E o Lásaro jazia inérte, aniquilado, cedendo os lacerádos membros ás águias carniceiras da Traição.

De momento a momento, como oriental que se estorce nas doçuras dum sonho de narcóticos, o pobre erguia-se em colossáis lampejos, para, novamente tombar inanimado.

Dormia. Dormia o sôno dos vencidos, o dolorôso sôno que acométe o incauto, após uma navalhada a uma esquina!...

Ao largo, na inféta Babilonia da Luxuria, o festim campiáva no seu auje, por entre o rubro fausto dum novo Baltasar.

E que diria a Rialêsa?

Oh! bem simples: *Portugal é uma piolheira ignóbil*... e como tal só digno de roubalheiras vís!...

Portugal! Portugal! tu fôste o sonambulo, o autómato nas mãos ensanguentadas do tôrvo Despotismo. Tu fôste o mísero joguête ás ordens dum bandido infamante.

Tu fôste, emfim, Portugal, o saboroso leitão á mêsa insaciavel dum vil testa coroáda.

Relêste e decoraste o divino poêma de Camões, grandiosa bíblia do teu passado heroico, e, nem o gládio de Nun'alvares, o montante de Albuquerque, o braço de Pachêco fôram bastante para te erguêr e libertar.

Não se erguéram, não. Não se erguêram porque o mal estava em ti, a doença estava em ti!

Era o teu rei, o teu tirano, aquele qué aplaudiste nas touradas, nas festas, nas igrejas!

E tu dormias, Portugal!

Mas, como nada é eterno neste mundo, o fausto do bandido estava a terminar.

Era preciso um termo, era preciso um fim.

Lutou-se com amor, regaram-se as praças com o sangue, e, o *lotus* sublime da Vingança ergueu-se e produziu.

Foi o *Cinco de Outubro de 1910.*

Erguera-se o Lásaro triunfante, levantando a face para o sol da Liberdade. Ecoou a *Portuguêsa* em notas maviosas e os canhões troáram formidaveis.

Era risonha a terra e risonho era o céo cheio de luz.

E o mar, o glauco mar, por onde em curvas lioninas perpassaram os Gamas e os Cabráis, era vasta amplidão repleta de vélas e gaivotas!

Porto, 5 de Outubro de 1912.

GOMES MONTEIRO.

Há 2 anos

Todos se recordam, e os que mais se devem lembrar desse glorioso dia de luta e de vitória, são precisamente aqueles a quem o triunfo causou arrelias, aqueles que, tendo por lêma o vicio e a degradação, que corrompe e envenena, outro fim não tinham senão tratar de si e pôr de lado legitimas aspirações que abrazavam as almas sedentas de luz e de independencia politica e colectiva.

Uns choram, e outros vitoriosos e glorificados, sorriem, não pela desventura alheia, não com sorrisos escarninhos e maléficos, senão que com o sorriso dos justos, dos que teem a consciencia nitida do dever cumprido e do sacrificio feito para a libertação popular, que é como quem diz para o lançamento da primeira pedra no alicerce reconstrutivo duma sociedade em formação, duma sociedade despida de preconceitos e limpa de tiranicos jugos politicos, inimiga irredutivel da ordem arbitrária da superioridade social, que fáz com que uns, rotos e famintos, cheios de fome e de trabalho, se arrastem mizeravelmente pelo caminho ingrato de eternas torturas, e outros se refastelem, cobertos de oiro e saciados de prazer, por esse mundo da orgia em fóra, olhando os desgraçados com desdém e com a estupida altivez que mais atesta a sua ignorancia, a sua falta de sentimentalismo e consequente falta de compreensão de deveres de humanidade, cujos nefastos factos se estão vendo na corrução que a todos os momentos se constata com indignação e pezar.

Todos se lembram! Vão passados poucos mezes!

Fazer a análize socinta desses mezes de politica, desses mezes de acontecimentos, esperanças e desenganos, só em milhares de páginas e por pulso másculo e cerebro potente de crítico imparcial.

Nós, que damos á palavra *patriotismo* um mais largo significado, apenas agora vimos saudar o povo português que em *5 de Outubro* pôz os olhos, esperançado na sua libertação e no seu melhor êstar economico e social, na Revolução triunfante.

E com o povo caminharemos para a frente.

5 de Outubro de 1919.

ALMEIDA JUNIOR.

«A PORTUGUEZA»

A proposito do respeito que cada um deve tributar ao hino nacional, deveria haver em Portugal mais um pouco de liberdade de cujo direito todos se podessem arrogar, em face dos acontecimentos que vão decorrendo.

Eu concordo em que todos se devem descobrir quando se toca o hino nacional, mas tambem entendo que devia existir a liberdade de acção, base de toda a liberdade, visto em Portugal não haver simplesmente duas classes partidarias — republicanos e conspiradores — senão tambem anarquistas, socialistas, anti-militaristas, e qualquer outra classe que não reconheça o respeito ao hino nacional e que por isso mesmo não é de fórma alguma prejudicial ao actual regime. O que todos deveriam fazer antes de tomar ares ameaçadores, julgando vêr um conspirador num individuo que não tira o chapeu, era informar-se primeiro antes de passar logo á agressão cobarde, pois que esse individuo póde considerar-se ofendido nos principios que defende, ou póde ser muitas vezes um inconsciente dos seus actos, como sucedeu com aquele doutro dia no Rocio. E não haver um policia suficientemente educado neste país que fizesse respeitar os principios de cada um, sem a intervenção do povo que se encarrega do policiamento das cidades, mas que o faz abusando desse serviço e gestos agressivos para pessoas que muitas vezes são irresponsaveis, como no caso que acabo de citar.

Um francês encontra-se em Lisboa há trez dias, desconhecendo absolutamente a lingua portuguêsa. Uma bela tarde abandona os seus trabalhos e vai dar um passeio pelo Rocio na ocasião em que se estava tocando o hino nacinal.

Como não se descobriu, o pôvo viu logo nele um conspirador. Alguem diz-lhe que tire o chapeu, mas como ele de português não percebia patavina, não obedeceu á intimação. Foi o bastante para que todos caissem sobre ele com uma saraivada de murros e bengaladas, deixando-o em estado lamentável. Conduziram-no á esquadra, e ali foi reconhecido o êrro em que tinha laborado o povo, sendo depois pôsto em liberdade.

Que ideia devia esse estrangeiro têr feito deste país? E' este um grande mal que prejudica a florescente republica. Que cada cidadão, pois, faça respeitar as leis e o hino nacional a quem os reconhece e não vá ao ponto de cometêr abusos que muito prejudicam a nossa liberdade. Que cada um de nós pense um pouco mais nesses actos e não se deixe conduzir levianamente por individuos que as mais das vezes só servem para perturbar a ordem.

Louis Belot.

Recebêmos a do nosso assinante de Lisbôa, snr. Manuel Rodrigues. Agradecêmos.

A Republica nos caminhos de ferro

Um nobre gesto de patriotismo, bem definido e bem profundo, bem leal e bem significativo se nota em todas as linhas ferro-viaria do país, por parte dos simpaticos trabalhadores ferro-viarios.

Um nobre gesto de patriotismo e um grande esforço de confraternisação que, se outra coisa não tivesse a inaltece-lo e a dignifica-lo, seria sobejamente glorificador o intuito dêsse gesto nobre e altivo e do qual a Patria muito tem que aproveitar em todos os seus detalhes e propositos.

Dhá muito que a classe ferro-viaria de Portugal sentia na alma o fervoroso culto do engrandecimento patrio, mas razões dordem moral, da Republica bem conhecidas, faziam com que o retraimento manifesto fosse um facto tanto mais para lamentar, quanto dolorosa e dúbia era a situação da maior parte dos que agora, presos ardentemente ao alevantado ideal da regeneração da sociedade portugueza, estão dando largas ao seu sentimentalismo de sinceros patriotas e conscientes pugnadores da consolidação do regime.

Seria ocioso inumerarmos os factos corroboradores destas nossas considerações; mas este duma grande comissão constituida na Capital, para comemorar o 2.º aniversario da proclamação, fala mais alto do que todos os que podessemos relatar.

Um punhado de bravos combatentes, dentre os quaes se destaca, pela sua persistente tenacidade e inergia, o nosso querido amigo Alfredo Fernandes d'Almeida, tendo em vista que a confraternisação de ideias numa familia prestimosa e numerosa como é a ferro-viaria, quiz, com esta demonstração dapreço ás novas instituições, provar praticamente ao governo e á nação que a Republica póde, incondicional e afoitamente, contar com o sincero esforço dos moirejadores dos caminhos de ferro, que, num nobre gesto de patriotismo, bem leal e bem profundo, se estão movimentando por toda a parte com geral aplauso e alta simpatia.

A todos, por isso, num abraço grande estreita hoje o

Pampilhosa, 5—X—915.

ALMEIDA JUNIOR.

CARTA DE LISBOA

2 de Outubro.

Ha grande entusiasmo e animação pelas festas do 2.º aniversario da Republica.

O bôdo dos ferro-viarios, prosegue latente e grandioso e atinge já uma cifra de trezentos e tantos mil réis.

Começaram hontem as ornamentações na sala antiga de entrega de bagagens, que vai ficar lindamente adornada com plantas, bandeiras, etc., para a distribuição do bôdo.

A comissão tem empregado os meios ao seu alcance para saber onde se encontram viuvas e orfãos de ferro-viarios para serem contemplados.

Ha donativos grandiosos, tais como, um dos snrs. Fausto Figueiredo e Augusto Carreira de Souza, por intermedio da casa José Ferreira do Amaral, Limitada, e da Nova Companhia Nacional de Moagens, como consta da lista publicada noutro logar.

Quando tomará a camara municipal de Lisboa a iniciativa de mandar retirar uma imunda barraca que se encontra junto da estação de Cais de Sodré, onde funcióna uma tasca manhosa?

E' vergonhoso que numa cidade como Lisboa, se permita que, junto duma estação de caminho de ferro e num ponto tão concorrido, funcione uma barraca de tão ordinaria e péssima estética. O fumo que déla se evola incomoda quem por ali passa e é vergonhoso o espetaculo que se nota ao vermos abancados e sem nenhum resguardo, gente de costumes e trajos miserandos, que deixam vêr quanto é deprimente o seu procedimento.

Já é tempo de conseguir-se alguma cousa e de fazer-se remover tudo quanto é improprio de mostrar-se aos olhos dum povo civilisado.

Que providencias sejam tomadas para que a barraca seja dali retirada, é o que pedimos a quem compelir.

Uma grande parte do pessoal das estações da 1.ª secção da exploração da companhia dos caminhos de ferro portuguezes, tem pedido autorisação para ornamentar as estações para festejarem o glorioso 5 d'Outubro, o que tem sido autorizado pela sua diréção geral.

Com tal procedimento, mostram assim os ferro-viarios quanto amam a Republica.

O comboio 151, *rapido*, de Madrid, que saiu da estação do Rocio pelas 17 horas de 30 p. p., colheu ao k. 7:750, entre as estações de Olivais e Sacavem, um individuo de tipo trabalhador, que teve morte instantanea. Depois de cumpridas as formalidades de uso, foi o cadaver conduzido para a morgue, sendo os autos levantados pelo serviço de Via e Obras.

A. F. A.

Os trabalhos do «Dever»

Já foi feita a petição para a entrega da representação ao snr. ministro do Fomento, a favor do melhoramento a introduzir na estação postal desta localidade.

E' de crêr que os nossos esforços sejam coroados de bom exito, atentas as qualidades de caráter e o espirito democratico do snr. dr. Aurelio da Costa Ferreira.

EM CADIMA

Realizou-se no domingo passado, na casa do ilustre cidadão e nosso prezado amigo Carvalho Neves, um jantar intimo de despedida, visto êste nosso amigo partir em breve pára o Rio de Janeiro. Ao jantar, que decorreu animadissimo, assistiram várias damas e cavalheiros, entre os quais mencionâmos os snrs.: Pêdro Fernandes Tomaz, professôr e jornalista, Augusto Veiga, directôr da *Gazêta da Figueira*, e suas gentis filhas, Henrique Ferreira Barrêto, administradôr do concêlho de Cantanhêde, Francisco Martins Cardôso, secretário da diréção dos caminhos de ferro da Beira Alta, priôr de Cadima, Melo Coutinho, Leopôldo Carvalho Neves, tio do nosso amigo Carvalho Neves, o directôr do *Devêr* e o administradôr do mêsmo jornal, Antonio Ismael da Cruz. Ao *toast* fizeram-se vários brindes, saudando tôdos os convivas o nosso amigo Carvalho Neves, que agradeceu muito penhorado. Augusto Veiga brindou ainda pelo professorado, como sendo a causa donde há de derivar o rejuvenescimento da pátria; Carvalho Neves pelo professorado e pela imprensa, a que o nosso directôr correspondeu, agradecendo; Pêdro Fernandes Tomaz bebeu por Manuel de Mello; pela confraternisação universal brindou o nosso directôr, fechando a série dos brindes o snr. Carvalho Neves, que bebeu por todos os convivas. No fim houve baile, que durou apenas alguns momentos, em virtude de muitos convidados se têrem de retirar.

Um caso típico

Do correspondente de Montemór-o-Velho para o nosso presado colega *A Humanidade*, de Coimbra:

O professôr oficial das Means do Campo, José Alexandrino Beja da Silva, e o professôr oficial em Tentugal, Francisco Antonio Mendes, foram em comissão ao pôvo da Portela pedir uma prometida esmola para o padre de Tentugal.

Este páraco passeia constantemente vestido com os hábitos talares, alegando que assim anda por não ter mais nada que vestir!

A referida comissão pretendeu *engajar* em tão linda obra o escrivão do juiz de paz José Maria Afonso, negando-se êste cavalheiro a tão intoleravel espétáculo, visto ha dias ter sido afixado um edital proíbindo os párocos ou qualquer outra pessôa de pedir esmola para êles.

Creio bem que espétáculos desta natureza não se pódem repetir, porque a sua prática só serve para deslustrar e desprestigiar as instituições.

Não fazemos comentários, porque o caso é bem edificante e não precisa dêles para enaltecer a obra dos prosélitos de tão bom reitôr.

Limitamo-nos a reclamar as mais energicas providencias ás autoridades competentes, para que se não tornem a dar scênas desta natureza.

Nós tambem não fazemos comentários e apenas nos limitamos a registar déstes factos para todos sabermos com quem lidamos...

Secção Instructiva N.º 1

Horas d'Ocio

A preléção do Bátista

O Bátista, é um antigo miliciano, um pouco versado em religiões; mas, um maduro, possuído da ideia de que nos hade impingir, assim que póde, a historia que foi beber a quantos alfarrabios poude descobrir.

Foi o caso que se deu hontem.

Quiz a minha má sorte, que o acompanhasse, no *rapido*, de Lisboa para Coimbra, e que assistisse á preléção que vinha fazendo ao pessoal do restaurante. Digo minha má sorte, porque o assunto pouco me interessa, porque de resto, a minha ignorancia alguma cousa perdeu da sua enormidade. E, porque, por influencia, me sinto massador como ele, aí vai a historia até ao ponto em que a minha cançada memoria me não atraiçoar:

— Seja bem aparecido, snr. Bátista. O snr., que sabe da vida dos Santos, é quem nos vai explicar, o que é isso da separação da Igreja, de que tanto se fala nos jornais.

A este pedido, que já pela fórma revela ignorancia, respondeu o Bátista, entre indignado e contente.

— Meus rapazes (e para isto tomou *pose*), far-vos-ei a vontade; mas, não é pelo fim, que ei-de principiar.

Falar de separação, a quem não sabe o que é religião, será o mesmo que querer explicar o que é a chuva, a quem não sabe quais são os diferentes estados em que a agua se póde encontrar; ou querer explicar a marcha de um corpo na sua queda, a quem não conheça as leis da gravidade.

Portanto, principiarei por vos dizer o que são religiões, e quais as diversas que existem, falando um pouco de cada uma. E depois, e só depois, poderei, com resultado seguro, responder precisamente á pergunta que me fizeram.

Figueira da Foz, 23—9—912.

M. E.

(Continúa).

A proposito do livre-pensamento

Sucinta resposta ao snr. Almeida Junior

II

A TÉSE DO LIVRE-PENSAMENTO

O que é o livre-pensamento? O livre-pensamento abrange na sua noção genérica duas especies: o livre-pensamento—*teoria* ou sistêma e o livre-pensamento—*seita*. No primeiro caso, livre-pensamento ou liberdade de pensar póde definir-se—a isenção de toda a doutrina preconcebida, fixa e imutavel, de tal maneira que fique livre ao homem emancipado a acção do pensamento na evolução natural para a verdade.

Como *seita*, o livre-pensamento é a categoria de individuos que, com *a visão clara das coisas*, se emancipam de todos os preconceitos e de todos os dogmas, constituindo o seu edificio scientifico com materiais fornecidos exclusivamente pela evolução natural da razão sem peias.

Não carecem de explicação ou justificação as definições que aponto, suficientemente claras; e creio bem que, sob este aspecto genérico, o adversario suficientemente inteligente combina comigo e concorda em que forcejei por dar do livre-pensamento uma ideia quanto possivel exata e leal. Ou não é verdade?!

Partindo, pois, até prova em contrario, da ideia de que a definição, que dei do livre-pensamento, é a verdadeira, é a do adversario, rogo a permissão de declarar-lhe que o livre-pensamento como teoria é absurdo e ilusorio: é uma enganadora utopia, e como *seita* é mais indefensavel ainda, porque o livre-pensador é *por via de regra* (note-se bem) dogmatico, exclusivista e tirânico nos seus processos. Começam aqui as divergencias, e divergencias irredutiveis.

a) Para o adversario a liberdade de pensar representa sem duvida a verdade integral fóra da qual é inconcebivel cerebro humano em perfeito equilibrio. Pois quê?! O livre-pensador, voando sem peias, libra-se nos páramos do ideal, qual aguia altaneira subindo ao azul do firmamento. Quem não pensa á sua moda é sapo, é rã, é verme que rasteja, é côrvo que odeia a luz e não tem visão nitida e insofismavel dos factos, etc., etc., etc...

Para mim, a liberdade de pensar, no sentido em que o livre-pensamento a entende, isto é, absoluta, ilimitada, é simplesmente o absurdo: a razão não é livre em aderir ou não á verdade uma vez encontrada quer seja a verdade scientifica, literaria ou artistica, quer seja a verdade filosófica, moral, social ou religiosa. O livre-pensador póde presumir-se livre de tropêços, dogmas, misterios, trapalhadas, mas o que ele não tem pelo seu lado é a força irrefragavel da lógica. E' que nós não creamos a verdade nem a modificamos a belprazer: a verdade condiciona-nos; ha leis que regulam o pensamento como ha leis que regulam o mundo fisico e o mundo moral. Negál-as é caír no scepticismo enervante, esteril e desolador, é despresar a sciencia e o progresso, é cristalisar numa atitude anti-scientifica, que não envaideceria decerto o adversario notoriamente talentoso. Mas não basta afirmál-o, o que é facil; é mister provál-o, o que exige pelo menos trabalho e bôa vontade, que eu desejo vêr igualmente no meu antagonista.

Ora vejâmos:

A liberdade de pensar será um facto incontroverso? Não!—responde o bom senso mais rudimentar. Com efeito, em *matemática* eu não sou livre em afirmar ou negar ao sabôr do meu capricho que 2×2 são 5; tenho de dizer obrigatoriamente, se não ensandeci, que são 4. Em *geometria* não tenho liberdade de afirmar ou negar que a linha recta seja a mais curta distancia entre dois pontos. Em *historia* eu tenho de afirmar que Napoleão existiu depois do Conquistador das Gálias e que tanto um como outro são realidade historica. Em *geografia*, por mais que me agrade ser livre-pensador, tenho de concordar que existe o Porto, Lisbôa, Paris e até uma povoação sita no concelho de Montemór-o-Velho chamada Arazêde. Em *literatura* tenho de respeitar as leis fundamentais da estilistica. Se sou *pintor*, tenho de aplicar as leis da perspectiva; se *escultor*, as leis da simetria; se *arquitéto* as leis da estática. A *musica* tem tambem as suas notas, escala, pausas e outras dificeis complicações que os entendidos percebem e a que os musicos se submetem. Imagine-se por um momento que as figuras da mais afinada orquestra se lembravam de pensar livremente sobre aqueles segredos (ao menos para mim que sou portador dum excelente ouvido negativo), e teriamos a mais horrorosa charanga...

Ai, liberdade de pensar! liberdade de pensar! Tu não existes absoluta nas sciencias, nas letras, nem nas artes! Mas existirás ao menos na *filosofia*, na *moral*, na *sociologia*, na *religião?!*

... Engano de alma lêdo e cégo!...

Em *filosofia* o meu pensamento tem de respeitar as leis da lógica, sem as quais não ha filósofo digno de tal nôme. Em *moral* (abstraindo das trez impóteses imoralistas inspiradas pelo optimismo, pelo pessimismo ou pelo determinismo, fantazias de espiritos isolados), qualquer que seja a base que eu pretenda dar a esta sciencia dos costumes,—o prazer, a utilidade, a honra, a sciencia experimental, a sociologia ou a religião—tenho de curvar-me (*heu mihi!*) aos principios fundamentais do ideal moral comummente admitidos como reclamação irreprimivel das condições da vida privada e social. Em *sociologia* não tenho a liberdade de pensar que o podêr é uma usurpação, que a obediencia á autoridade, legitimamente constituida, é uma infâmia, que não ha rei nem roque; doutra sorte seria anarquista. Em *religião* finalmente—e é neste ponto que os nossos livres-pensadores pedem a liberdade de pensar, como as crianças pedem emulsão de Scott, liberdade sem peias, nem tropêços, eu não tenho mais liberdade de pensar do que nas sciencias, nas letras, nas artes, na filosofia, na moral, na sociologia. Aquêle que diz: «Eu sou livre em ter ou não ter religião, em seguir aquéla que me aprouver, eu sou livre em pensar o que quizer em materia de religião», afirma trez absurdos e trez impiedades. O pensamento não é livre em função da verdade uma vez conquistada: é escravo déla.

Continúo.

Marco de Canavêses, 25 de set.

José Maria Pinto Monteiro.

N. da R. — Por nos têr chegado tarde, ao tempo em que o nosso jornal corria na máquina, não pôde êste artigo sêr inserto no número passado, do que pedimos desculpa ao seu autôr.

Ferro-viarios de Portugal

(*Continuação*)

Donativos do comercio de Lisboa

Bernardino de Oliveira, bilheteiro do Caes do Sodré, 5$500 reis (de comerciantes); Julio Sanches Cardoso, sub-chefe de Alcantara Mar, mais 10$300 (de casas comerciais); Silva & Magalhães, rua Aurea, 47, 2$000; Veiga & C.ª, rua da Alfandega, 116, 2$500; José Antunes de Oliveira, rua Praça da Figueira, 1$500; Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 5$000; Francisco Rodrigues Prior, rua da Palma, 1$000; José da Fonseca & Filhos, rua de S. Julião, 186, 1$000; Sociedade revendedora de tabacos, rua do Comercio, 5$000; J. Braga, rua da Bitesga, 500; José Carlos Ribeiro, Alcantara, 2$500; João Leal & Irmãos, 2$500; Francisco Leitão, 2$000; Thomaz Viegas, rua dos Caminhos de Ferro, 60, 1$000; Empreza Geral de Transportes Limitada, 10$000; Antonio Batista de Carvalho, ex-empregado da Companhia Portugueza, 500; Metalurgica Limitada, rua do Mirante, 1$000; José Ferreira do Amaral, por idtermedio dos ex.mos snrs. Fausto Figueiredo e Augusto Carreira de Sousa, administradores da Companhia Portugueza, 3 peças de riscado, 2 peças de fazenda de lã, 2 peças de cotim, 6 cobertores, 50 kilos de arroz e 30 kilos de bacalhau; O. B. Campos, 15 kilos de arroz; União Industrial Lisbonense, 5 kilos de café; Silva, Casa Suissa, 5 pares de meias e 4 chapeus de palha para creança; Ribas, rua da Magdalena, 133, 2.º, um cobertor; Nova Companhia Nacional de Moagem, 5 sacos de macarrão de 1.ª qualidade, 5 latas de bolacha e 5 latas de biscoitos sortidos.

Donativos de empregados dos Caminhos de Ferro

Pessoal da 1.ª Secção de Via e Obras de Lisboa, 9$750 reis; José Rodrigues Mota, 500; José Honorio, 300; Adriano Azende, 300; João C. Silva, 500; João Rodrigues, 500; Alfredo Mela, 500; Manuel H. Santos, 200; Antonio Gama Lobo, 500; Inspecção dos Telegrafos, 4$200; José G. Ribeiro, 500; João Alves, Trafego, 1$800; Manuel Joaquim de Sousa, 500; Silverio Faria e de seu pessoal (Fiscalisação Estatistica), 4$000; Antonio Roque, 700; Bossa, 5$000; Francisco Costa Alves, machinista, 10$900 (de si e dos seus camaradas); João Barreiro, 14$060; do chefe de Paço de Arcos, José Ferreira e A. Lourenço, 15$800; do chefe da Barcarena, Victorino Fernandes, 7$190; lista do escriptorio da Inspecção da 1.ª Secção, 4$000.

Um conto

(Para ser lido nas praias)

I

...A côr dos seus olhos era verde, dum verde profundo como o do mar. Quando serena a sua alma, quando muito sereno o seu olhar, o verde, então, ainda parecia mais profundo que o do mar. Mas, nas horas de paixão, quando a paixão ajitava a sua alma, que logo se lhe via no olhar, o verde dos seus olhos tomava a côr anegrada que as ondas têm em noites de tempestade. Reflétem as ondas o relampago; o seu olhar tinha cintilações de aços polidos, frios arripiantes de punhais entrevistos na escuridão. Então, ainda que d'animo fossemos fortes, ainda que desdenhassemos o perigo, extremeciamos, o terror nos comprimia o coração e as nossas ilusões se desvaneciam, apressadas, e tão tristemente, gemendo tanto a sua saudade e o seu desconsôlo, ezatamente como quando, ás vezes, vemos o sol morrer entre nuvens negras, nos confins do mar...

E a sua carne tinha a côr branca das espumas do mar. Era branca, muito branca, tão branca como o fundo branco das conchinhas do mar...

E as gaivotas brancas, essas aves que são do mar, não eram mais esbeltas, nem as nuvens, que, á tardinha, sóbem do mar, eram mais leves, mais vaporosas; nem as algas que ha no mar, á flôr das aguas, eram mais compridas que os seus cabêlos, nem mais flutuantes de que êles, nem mais coleantes que o seu busto airoso...

E o coral que ha no fundo do mar, nem êsse tinha a côr dos seus labios, nem a tem, e nem no mundo ha a que se compare a sua graça, o *todo* déla... nem no mar...

II

Todas as tardes, iamos, de barco, pelo mar fóra... Era um barco pequeno, que o barqueiro, um bom velho, dirigia sempre para o poente onde o Sol ia morrer, desfazendo-se em poeiras douradas, envolvendo-se na sua mortalha de nuvens de sangue e acinzentadas...

Nós iamos atraz do Sol...

Como, naquele momento, é sempre bélo o mar!

Eu, devastado pelo sofrimento, sempre indiferente, sempre selvagem á graça que déla dimanava, ao seu encanto, que era maior de que o do mar sereno e de que o do Sol morrendo...

Ela, ora apaixonada até ao arrebatamento, genial; ora languida, melancólica, espreguiçando-se, como, ás tardes, nas areias, as ondas do mar...

Se o seu genio éra o do mar... Eu, funebre como um rochedo, mudo sempre, morto para a vida, morto para o mundo, olhando o mar...

Ela cantando o amôr, cantando a Vida, sonhando e amando, vivendo em plena luz, subindo em plena graça..

E amava o *rochedo* que não a podia amar... E desejava o *rochedo* que não a podia desejar...

E as gaivotas volteavam sobre o barco, desciam sobre o mar...

Mas ah! uma tarde, o barqueiro levou-nos bem pelo mar fóra—por aquele mar tão largo como as ilusões déla, tão profundo como os seus sonhos, e tão grande, tão grande, como a sepultura dos meus, tão imenso como a arca vasia das minhas ilusões.

Como estava sereno o mar! Como estava serena a tarde! Como éla estava serena e era dum verde tão suave a côr dos seus olhos!

O polvilho douro dos seus braços desnudados cintilava, os fios douro soltos da sua trança, flutuavam...

A brisa perpassava, encrespava de leve as aguas, o barco era um berço que as ondas embalavam; de muito longe chegavam até nós nebulosamente, mil sons confusos—era a musica harmoniosa do mar... Mas, de repente, revoltou-se o mar. Toldou-se o ceu, rujiu o vento, arqueou-se, rouquejou, bramiu o mar.

Negras aves, tétricas, agourentas grasnaram em redor do barco, desapareceram do ceu as gaivotas, dentro as nuvens faiscou o raio, e as ondas eram negras, negras, como nunca se viu no mar. Ora corria, ora saltava sobre as aguas o barco; perdidos nos considerávamos. Eu, impassivel, esperando a ultima morte, e os olhos déla, então, via-os eu, da mesma côr do mar. Olhavam o mar, escarneciam do mar, mais das furias das ondas, riam-se dos rancores do mar...

Clamando misericordia, aos ceus negros, sombrios, erguia os braços o barqueiro... E chorava pelos netos que, lá na praia o esperavam, rebolando-se pela areia.

Olhava eu, indiferente, o mar. Que sepultura melhor poderia eu querer de que o mar? E ela? Porque não teria por sepultura o mar?

Como as algas enleiavam o barco, queriam seus braços enlear-me, as caricias dos seus beijos despertar-me, o cantico da sua voz veiu chamar-me, ora em cicios de brisa, ora em impetos de vaga.

Sempre indiferente, eu olhava o mar.....

Roncou mais forte o mar; vimo-nos no alto de montanhas d'agua, o ceu mais negro, a terra perdida, raios no ceu, fundos abismos no seio do mar...

Porque, não sei, mas, rapidamente, peguei nela, beijei-a uma vez só e arremessei-a ao mar...

Não ouvi nem um grito, nem um lamento.

Logo socegou o mar...

Voltamos a terra, barqueiro e eu.

Veloz singrava o barco...

E dizia o barqueiro:—Veja, meu senhor, aquela tempestade não era senão ciumes do mar. Assim que a teve, ela, a dos olhos verdes, como serenou logo!

— Ah! que de razão tinha em ser ciumento o mar!

III

Agora desço ás grutas dos rochedos; de dia e de noite revolvo as areias do mar; pelo mar fóra, em noites de luar, ou em noites de ventania, corro todo o mar.

E ouço risadas no mar, oiço o cantico de triunfo do mar. Ha zombarias nas brisas que apressam o vagar do barco—ha troças nos ventos que não deixam o barco se apressar. Parece-me que a vejo sobre as vagas. E vamos, corre o barco, e é uma estrela que se reflete nas vagas, são cambiantes da fosforescencia do mar—é a espuma alvinitente das ondas, mais alvinitente á luz do luar...

E diz-me o barqueiro:—Vamos, meu senhor, não queira endoidecer, não se queira matar... O mar canta. Ela morreu. E' para que o mundo esteja socegado...

— Mas onde a terá guardada o mar?...

J. S. Torres Caldinhas.

Partida

Para o Brazil seguiram no domingo passado os nossos amigos e conterrâneos, Antonio Jorje, Anibal Monteiro, Manuel Fortunato Teixeira e sua mulher, Alfrêdo Fernando e José Alves Junior. Bôa viagem.

TRANSFERENCIAS

Foi transferido da estação da Cerveira para a de Arazêde o nosso amigo e assinante, snr. Pais de Souza, e da de Arazêde para a de Luzo o tambem nosso estimado amigo, snr. Gômes d'Almeida, que, por absoluta falta de tempo de se despedir de todas as pessôas amigas, a todos, por êste meio, pede desculpa.

Em vilegiatura

A fazêr uso das termas, encontra-se nas Caldas da Rainha o nosso amigo e assinante, snr. Jacinto Noronha.

ANUNCIOS

VENDE-SE

Um lagar de azeite, com azenha e moinho, terra de insua e monte, no sitio da Azenha Derrubada, freguezia de Arazede.

Para tratar com Joaquim Antonio Pedro, Largo Miguel Bombarda, 11—1.º, ou na Fonte do Castanheiro —Coimbra.

ANUNCIO

A Camara Municipal de Montemor-o-Velho faz publico, para cumprimento da lei, que no futuro e proximo dia 11 de outubro se procederá por 11 horas, á vistoria do terreno baldio no sitio da Enxida Pequena de Verride, requerido em aforamento por Antonio Couto, da mesma vila.

Montemor-o-Velho, 30 de setembro de 1912.

O Presidente da Comissão Administrativa,

A. de Noronha.

Anuncio

A Camara Municipal de Montemor-o-Velho faz publico, para cumprimento da lei, que no proximo e futuro dia 8 de outubro, se procederá por 12 horas, á vistoria dos dois tratos de terreno baldio no sitio de S. Miguel, limite de Vila Nova da Barca, requeridos por aforamento por João de Souza Junior, do mesmo logar.

Montemor-o-Velho, 27 de setembro de 1912.

O Presidente da Comissão Administrativa,

A. de Noronha.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

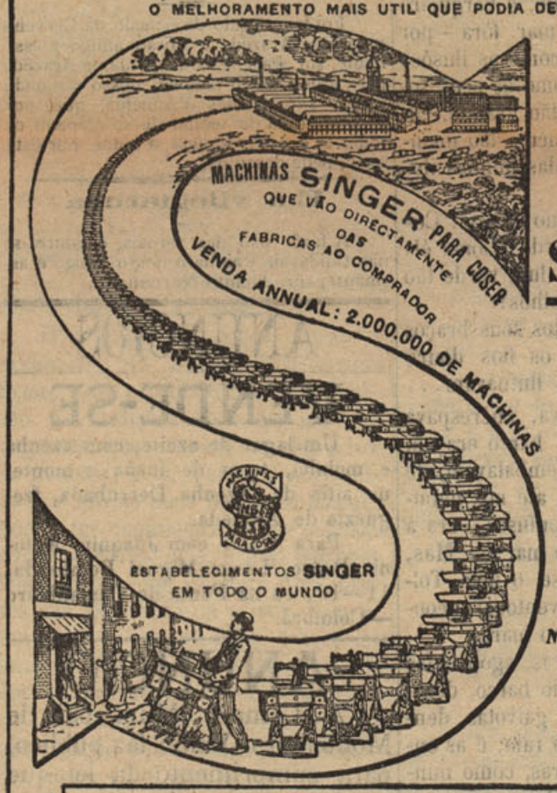
(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 13 de Outubro de 1912 — N.º 34

O DEVER

Semanário Republicâno

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Politica e miséria

Fômos ás festas do 2.º aniversario da proclamação.

Fomos ás festas, não; encontrámo-nos casualmente em Lisboa, em afazeres particulares.

Estão já os leitores á espera de lêr incómios, adjectivos pompósos aos homens ou aos partidos portuguêses.

Pois não, senhores; nós não vamos elogiar ninguem. Nem está isso na indole dêste jornal, nem a nossa pobre pena, desiludida das coisas e dos homens, mas principalmente dos homens, se atreve já a elogiar quem quer que seja nêstes tempos de impaciencia e corrução que vamos atravessando.

Lisbôa esteve em festa?

Sim, esteve em festa, mas em festa triste. Porque ele ha tambem tristezas que, sendo profundos lampejos de luz, parecem festas e dias de gála.

Foi assim que vimos o nosso povo, cabisbaixo e taciturno, cantando o hino nacional, a soluçar, como quem volve ao passado os olhos de esperança, vendo o futuro altivo duma nacionalidade, antevendo ao largo o flutuar reivindicador da grande bandeira da Patria, da bandeira de todas as patrias, unidas e identificadas, entrelaçadas num só amplexo de confraternisação universal.

Os navios de guerra embandeirados em arco, o troar soléne dos canhões no Tejo histórico, alguma coisa de mais profundo segredavam ao povo espétante.

Mas, ó desilusão da Vida! Nas vitrines dos estabelecimentos da Capital nós vimos, em vez do retrato dos humildes, dos obscuros combatentes que perderam a vida naquelas mesmas ruas, em pról duma ideia; em vez dos retratos dos desconhecidos pelejadores, as imagens dos homens vivos, dos que, gozando o conforto e as benesses de qualquer cargo, ás vezes se degladiam em detrimento dos sagrados interesses dos que os vitoríam e envolvem em requintes de submissão e palavras glorificadôras, a que, se alguem tem direito incontestavel, esse alguem são esses mesmos humildes e obscuros batalhadores, que em hora de perigo e de vitória lá se viam, rôtos e famintos, entregando-se inteiramente á causa alta da libertação da Patria.

O ano passado foi imponente? Ninguem se atreverá a desmenti-lo. E' que apenas 12 mezes haviam decorrido, e as esperanças e os desenganos ainda não tinham chegado. Uma parada de forças republicanas seria necessaria este ano, mas não na Capital do país, onde a evolução é latente e onde, como em parte alguma do mundo, a população se definiu, de há muito, profundamente democratica.

O norte esquece-se, a provincia olvida-se, e é precisamente nas provincias, nas aldeias mais sertanejas, que o povo precisa da confraternisação de ideias e de sentimentos politicos, as aldeias onde o cacique indigena é e será ainda tudo, contraminando os bons intuitos e pervertendo as consciencias dos cidadãos que procuram emancipar-se e libertar-se dos despóticos manejos de refinados falseadores duma cruzada de altos principios e filantrópicos fins.

Nós desejariamos ver as aldeias em festa, todos os pequeninos e ignorados recantos de Portugal em festa, por meio da propaganda falada, e não, como aconteceu, fazer convergir para Lisboa todas as atenções, para Lisboa republicana, para Lisboa socialista e...

* * *

Mas o governo nada dispendeu. Foi o povo que pagou. Divertiu-se á sua custa, fez as festas a expensas suas, livremente, espontaneamente.

Mas se o governo tivesse pago, se do pobre tesouro houvesse saído o dinheiro para as festas, nêstes tempos de miséria e de pobreza em que vivemos, quem teria sido o sacrificado, quem teria pago? O povo, da mesma maneira o povo de cujo suor provêm as receitas para o tesouro.

O dinheiro que o povo gastou, o dinheiro que o povo foi gastar a Lisboa induzido a isso sómente pelos politicos, (Diretoric, etc.), tel-o-hia consomido em casa, á lareira, ou proximo de casa e da lareira, em festas não menos patrioticas que o povo tivesse sido levado a fazer para solénisar o 2.º aniversario da Republica Portugueza.

Mas nós fômos á festa. Fômos á festa, não; encontrámo-nos casualmente em Lisboa.

ALMEIDA JUNIOR.

Dr. João de Barros

No próximo número publicará *O Devêr* um artigo magistral desta alta individualidade, que tem por titulo —*Propaganda Pedagogica*— e que ha de causar sensação no nosso meio social.

E' inútil apresentar o dr. João de Barros que todos conhecemos como um alto poeta e como um escritôr de fôlego, que teve arcaboiço para produzir o *Anteu*, esse extraordinario poêma que nos fala da obra do Futuro, a *Terra Florida*, a *Nacionalisação do Ensino* e outras obras igualmente inspiradas e cheias de vida e sentimento.

Ainda agora no Brazil, donde acaba de regressar, João de Barros colheu os louros do seu talento prodigióso e da sua inteligencia máscula e vigorosa. E' êle que, dotado de excêcionais qualidades de caráter e de temperamento, aliadas a um sólido podêr de visão, ha de refundir o nosso ensino primário, pondo-o ao nivel do dos outros países mais avançados e progressivos. E é ele ainda que, iniciando boje sua colaboração no nosso jornal, mostrará aos nossos leitôres quanto vale a Escola Primária como base da moderna civilisação.

Horas d'ócio

Amigo e snr. Almeida.—No n.º 32 do seu apreciado semanario «O Dever» li, com pesar meu, umas referencias por demais elogiosas e imerecidas, chegando mesmo (por má informação por certo) a fugir á verdade, pelo que me apresso a repôl-a no seu logar.

Eu não fui professor da Escola Politécnica, mas sim explicador de Matemática e das demais disciplinas que constituem o grupo de sciencias.

O que faz sua diferença.

Por esta rectificação lhe fica bastante grato o seu

am.º e obg.º

Sjc. Figueira da Foz,
3—10—912

Morão d'Encarnação.

P. S.—Era favor, se me publicassem esta rectificação no n.º 33, e me chamassem *Morão* e não *Mourão*.

N. da R.—Quando nos chegou ás mãos o presente carta do nosso prestante amigo, já o *Dever* circulava, motivo porque não saíu no n.º passado.

Fomos efectivamente mal informados com respeito ao cargo que desempenhou na Escola Politécnica o snr. Morão d'Encarnação, que dora-avante será, como é justo, e que só por lapso não tem sido, —Morão.

Coisas simples

EMIGRANTES...

Vêde-os, centenas de individuos de rosto macilento e olhar vago num sonho longinquo, de riso contrafeito e porte vacilante: é a onda humana que larga o torrão natal á procura das terras do Brazil...

No espirito humano e muito mais nas raças meridionais ha, talvez ináta e muitas vezes latente, a sêde de procurar aventuras e o desejo constante pelo logar onde se não reside e que se nos antolha ser sempre melhor. Optimismo talvez, mas em todo o caso o eterno sonho da felicidade nunca alcançada.

Mas o gráve espectáculo que agora se nos depára á vista, familias em massa a emigrar, não é o produto da fantasia a bordar sonhos quiméricos de felicidade, foi um agente nêgro quem o determinou — a fôme, a miséria que, ao bater nos humildes tegurios esparsos pelos montes fóra, diz ao misero habitante: prócura a vida! E então o ingenuo agricultor, de rosto crestado pelas intempéries e alma lavada pelos sóis do estio, dá ouvidos á música celeste do engajador que promete mundos e fundos lá para as plágas adustas da Santa-Cruz. Anima-o a corágem. Contempla a mulher e os filhos, volta os olhos para o seu passado de canseiras sem fruto, para o seu presente de miserias e para o futuro vago, indeciso... onde ao longe lhe parece ouvir o som metálico do ouro no balcão, uma áura de harmonia plácida que lhe póde sêr a calma da velhice. Ergue-se e diz. Vamos! quem sábe o que a sorte me reserva?... Prepára os mágros cóbres e demanda um porto de embarque que será a primeira estação para as cubiçadas terras do ouro que serão indubitavelmente o seu calvário e já aqui um ou outro «vigarista» que passeia impune nas barbas da policia lhe surripia cautelosa, mas eficazmente, as migalhas da algibeira...

Ora agora eu pergunto: que vai fazer esse homem, essa familia? Se aqui no sólo patrio não sabia arte, não tinha oficio, se ocupava unicamente da agricultura em que trabalhava dia a dia, mas cujo produto ia em parte para as mãos do usurário, em parte para os impostos, se ele nem sequer sabe lêr, em que se irá ocupar? Triste resposta e áspera rialidade — irá passar metade do tempo a mourejar na terra e a batalhar com a ardencia do clima, a outra metade para o hospital curar as fébres adquiridas e curtir saudades da terra natal.

Habitar unicamente a dentro fronteiras nem sempre se póde ou deve porque a Humanidade é grande e as fronteiras umas linhas... quem sabe? que talvez se vejam desfeitas. Mas deixar o agricultor o sólo do seu pais para ir trabalhar noutro, era escusado. Seria apenas precisa: protecção do Estado, solidariedade do capitalista com o pobre. Mas, sendo a primeira duvidosa é a segunda irrisória ao ver como o capitalista olha de alto o socialismo. Serão os primeiros, escravos do mando; do dinheiro, os segundos.

E não farão falta estes braços que agora são roubados á agricultura do nosso paiz? Sem duvida fazem. Ouvimos a cada passo dizer que no Alentejo enormes campinas estão incultas. Porquê? Pela falta da irrigação do terreno, pela incuria individual, pelo indiferentismo colectivo; pois até «árvores da chuva» lá podiam ser plantadas.

Por ventura estaremos eternamente a ser embalados por musicas, hósanas e foguetes quando o pobre géme, quando o agricultor emigra á procura das necessidades primárias?! E' preciso olhar a sério pelo fomento nacional...

Agora, aquêle triste agricultor que emigra quantas vezes ao ver-se num sólo longinquo daquêle que lhe foi berço, com o aguilhão da saudade a espicaçar-lhe o coração opresso não dirá: triste patria que me não deste instrução nem meios de vida; aborrecida sociedade de egoistas que escarnéces o pobre e lhe não remunéras o trabalho.

Se o Brazil era para os analfabetos naquêle tempo em que Camilo Castelo Branco nos descreve a «Historia de um brazileiro» no livro *Vinte horas de leitura* o que era, que fará hoje em que a instrução é o primeiro passaporte na entrada da vida prática.

AUREA JUDIT AMARAL.

De licença

Tem estado de licença, retomando já o seu cargo profissional, o nosso presado colaboradôr M. Duarte Lopes.

Teatro Avenida de Coimbra

Assistimos a semana passada a um belo espectaculo cinematográfico e de variedades neste amplo teatro, que decorreu com bôa assistencia de espectadores. Entre outros numeros de surpreendente efeito, exibiu-se a maravilhosa película em 3 actos, *Luz e Amor*, que agradou sobremaneira.

O cinematógrafo do Avenida, abrilhantado sempre por um explendido sextêto, dá sessões diariamente, sendo um dos que melhor satisfaz, pela bôa selecção das películas, ás exigencias dos espectadôres.

CRÓNICA DO PORTO

Decorreram as festas do 2.º aniversario da Republica por entre um entusiásmo geral e a bôa vontade dos republicanos sincéros.

As praças ostentavam as mais deslumbradôras luminárias entrelaçadas por vêrdes e flôres.

Era uma festa do povo e para o povo e, porisso, o regosijo era enorme e o delirio inexplicavel.

Nos ares, os foguêtes troávam ribombantes, espargindo vivas e matisádas côres. E, cá em baixo, no lodaçal da plébe, as bandas regimentáis, secundadas por filarmónicas suburbanas, faziam ouvir as notas heróicas da gloriosa marcha de Keil.

Todavia, não me passou despercebido o Quartel da Guarda Republicana, onde a ornamentação interna e externa me pôs calafrios na espinha.

Por entre as rajádas do entusiásmo alheio eu vi com espantósa lucidês o quanto póde a crueldade humana.

Havia nessas parêdes sabres e baionêtas, carabinas e lanças que num macábro conjunto pareciam pedir sangue e morticínios.

Sim, eu vi, com a mais clara precisão, que longe vem o dia em que o homem erguendo-se ante o homem, faça valêr a Razão por entre as bençãos da cordura.

Com essas casernas onde cada gládio me anunciáva um crime e cada escopêta um assassinato barbaro e feroz.

O pôvo, num delirio crescente, numa curiosidade louca, atravessáva empurrando-se e acotovelando-se.

Saí. Cá fóra o ár era mais puro, semeádo de mansos pardalitos, embalsamado de beijos perfumádos.

Na vasta imensidade voava um aerostáto, capitaneádo por Francisco Carvalho que, com grande felicidade, cruzou o firmamento, indo tombár na márgem do Douro, a Vila Nova de Gaia.

A multidão, já afeita ao potente mecanismo dos biplanos, encarava a frágil bóla de gaz com a indiferença que nós fitamos uma camisa rôta e despresáda.

Na realidáde, é muito mais épico o ruflár das ventoinhas, o rugir do motôr e... um trambulhão da altura de 3:000 metros! De résto, esse aerostato parecia dizêr-me no seu voár serêno:

— Anda, anda gosár a purêsa sublime dos espaços onde não anda o sangue derramado, não volíta a tortura do egoismo e não ecôamos ais dos oprimidos!

Anda, pobre mortal, repéle esse monturo de baixêsas e vem a respirar o ar bemdito onde apenas adejam as mansas andorinhas, as aves inocentes!

Eu parecia ouvir tudo isto numa harmonia sacra, numa visão divina.

Mas, ó fatalidade das coisas! Pouco tempo durou meu grato sonho: uma hora após, o aerostato descia mansamente, com saudades, talvês, da terra infâme!

Implorei aos céos um bem suprêmo, um bem consoladôr, a redenção sublime a tantos máles.

Sorriram as estrêlas desdenhosas e a minha alma, a minha inditosa alma continuou a lastimár-se, a lastimar-se...

Porto, 8—10—1912.

GOMES MONTEIRO.

Secção Instructiva N.º 2

Horas d'Ocio

A prelécção do Bátista

Ora, pois. Saibam, que por muitas e variadas razões, ao numero das quais pertence a ignorancia inféciosa de uns, o interesse criminoso de outros, e ainda a inconsciencia de muitos, desde tempos imemoriais, os povos, quer os reconhecidamente selvagens, quer os que se julgam civilisados, crêem na existencia de um ou mais entes superiores, que estão sempre prontos a despejar sobre eles, a grande cornucópia de beneficios, quando contentes com a sua fórma de proceder, ou a castigal-os quando lhe desagrada a sua conduta.

Consequentemente, procuram estar-lhe nas boas graças, e colocar-se sob a sua protécção, o que julgam conseguir com sacrificios, ofertas, orações e ainda outras demonstrações de respeito.

— Mas, toda a humanidade, tem essa crendice?

— Não, senhor; e chamam-se Deistas aos que a têem, e Ateus aos restantes.

— Desculpe o snr. Bátista, mas ainda me não disse o que são religiões!

— Tem razão o snr. Garcia. Mas, o que tambem tem é pouco fósforo nessa mioleira, porque não alcançou o cabo da minha ideia.

— O cabo da sua ideia?! Lá está a julgar-se ainda na milicia.

Realmente, é de presumir que o Bátista se julgasse ainda na militança, pois que emquanto falava, evolucionava no salão, com o chapéu de chuva á guisa de espingarda.

— Tem razão, repito, mas desculpe o termo. São costumes que sempre ficam.

Porém, não divaguêmos. E' sempre mau partir o fio á massaroca.

Religiões ou Crenças, são isso mesmo a que chamam crendices; e já agora, direi que se chamam Monoteistas aos que crêem num só Deus, e Politeistas, aos que crêem em mais do que um Deus.

Dos primeiros, as principaes religiões, são: Judaismo, Cristianismo e Maometismo.

— Visto que prometeu, tem que nos explicar o que essas cousas são, para a gente fazer uma ideia.

— Explico, mas daqui a bocadinho. Temos muito tempo, até ao fim da viagem. Agora vou atender este amigo, que aí vem.

— Boa tarde, Bátista. Aposto um, contra noventa e nove, como você está a contas com a religião!

A você, meteu-se-lhe na cachimónia, que percebe da historia, e vão lá atural-o!

Um dia, esbarra o cabeçote da sua maquina, com o filho de alguma velha, que lhe faz alguma pergunta de religião, que o deixa entupido.

— Entupido?! Seria a primeira vêz, snr. Almeida.

O Bátista nunca entupiu. E, se o interrogante é o snr., pergunte, e sem demora.

— Bem. Pois então lá vae, que é para lhe tirar as peneiras.

Quem foi que estabeleceu a missa?

— Foi o primeiro Pápa, S. Pedro, Galileo, que tambem estabeleceu o crédo, e os jejuns da quaresma.

— Bravo, snr. Bátista.

Muito bem. Muito bem.

Isso é que é saber da póda.

Chega mesmo a saber mais do que muitos priores.

Que pena mete, não poder o snr. Bátista, usar corôa, e as taes vestes de enfiar pela cabeça!...

Mas, perdão.

Vim, tomar-lhe o tempo.

Até logo; continue a sua prelécção.

Figueira da Foz, 7—10—912.

(*Continúa*).

M. E.

Para o Brazil

Seguiu no dia 8 do corrente para o Rio de Janeiro o nosso presado amigo Carvalho Neves, que durante algum tempo andou em vilegiatura por Portugal e pelo estrangeiro. Desejamos-lhe uma feliz viagem e muitas prosperidades.

Recebemos a seguinte carta, a que gostosamente damos publicidade:

«A Portugueza»

Snr. Redactor:

Com êste título publicou v. na 3.ª colúna da 2.ª página do seu jornal o *Dever*, de 5 do corrente, uma carta assinada pelo snr. Luis Belot, e em que ele faz várias considerações a respeito da liberdade e direitos em Portugal, dentre as quais se destaca a seguinte:

«Eu concordo em que todos se devem descobrir quando se toca o hino nacional, mas tambem entendo que devia existir a liberdade de ação, base de toda a liberdade, visto em Portugal não haver simplesmente duas classes partidárias — republicanos e conspiradores — senão tambem *anarquistas, socialistas, anti-militaristas e qualquer outra classe que não reconheça o respeito ao hino nacional.*»

Quem escreve palavras como as que sublinho, prova incontestavel e evidentemente que desconhece, na integra, os seus deveres, tanto moral como socialmente falando.

Todo o cidadão, sem exclusão de côr política ou religiosa, tem o indeclinavel, e que eu encontro o mais justo, **dever, de reconhecer** o respeito devido ao simbulo duma nação, cuja constituição politica lhe garante a inviolabilidade dos direitos concernentes á liberdade, á segurança individual e á sua propriedade.

Quem tiver a verdadeira noção dos seus deveres civicos e sociais não deixará, por certo, de compreender que, para se desfrutarem garantias desta natureza, é indispensavel obdecer ás leis pelas quais são regidos os destinos dum país. De resto ninguem tem o direito de deixar de ser delicado.

Não é admissivel que o francez, por quem o snr. Belot pugna, possa classificar-se de ignorante sob este ponto de vista, dadas as condições em que, segundo conta, o facto se deu. Admitindo mesmo a hipotese de que o patricio do snr. Belot desconhecia o hino de Portugal, não é aceitavel, por principio ninhum, que, vendo ele uma multidão de militares e civis, em numero de 500 ou 600, todos em posição de sentido, aqueles em continencia e estes descobertos numa praça publica, e soando-lhe aos ouvidos as notas vibrantes duma musica tão comovedora, que só significa ordem e trabalho, não compreendesse que devia descobrir-se tambem. Além disso eu estou certo de que a intimação, que recebeu, para se descobrir, não foi apenas com palavras, mas tambem acompanhada de gestos, cuja significação seria facilmente compreendida por um surdo-mudo ou por um demente, quanto mais por um individuo no pleno gosa das suas faculdades mentaes, dos seus cinco sentidos.

Talvez se, em vez de ser o toque do hino da liberdade, simbulo duma Patria livre, fosse o hino da opressão, simbolo da tirania, ou alguma missa campal, esse francez se tivesse, não só descoberto, mas até ajoelhado, ainda mesmo que fosse no sitio mais imundo da capital.

O desrespeito ao hino nacional portuguez, que praticou aquele cavalheiro, foi tão sómente uma provocação, como muitas outras que em casos identicos se teem dado, e, por isso, nunca as mãos doam a quem, nestas condições, se consola *de molhar a sopa*.

Ficando o snr. Belot melindrado, como é notório, por um seu patricio *apanhar para tabaco*, porque praticou um acto de descortesia, assistia-lhe todo o direito de formular a sua queixa, por intermedio do seu consul. O que não tinha era direito algum de vir para a imprensa malsinando o povo e as autoridades portuguezas. Lembramos ao snr. Belot que, não ha muitos dias, por caso identico, foi expulso do território portuguez e mandado para o seu país, um espanhol de nome Sanchez, o celebre correspondente d'alguns jornais espanhois, e que está sentenciado a espulsão, caso continue inimigo da verdade, um outro correspondente d'alguns jornais alemães. A Republica portugueza não abdica dos seus direitos nem admite ingratidões da parte daqueles a quem tão bôa e carinhosa hospitalidade tem dado. De resto as suas leis, até hoje promulgadas, não podem ser de mais ampla liberdade, e quem não as quiser reconhecer pode ir ser desordeiro e malcreado, para o seu país, antes que, por tais factos e com rasão de sobra, justiça lhe seja feita pelo pôvo.

O julgamento dum país, feito pela escória da sociedade e por perturbadores da ordem, em nada pode afetar a honra dêsse mesmo país.

Desculpe-me, snr. Redactor, o espaço e o precioso tempo que lhe roubei.

Saude e fraternidade.

Lisboa, 9—X—912.

M. Ramos dos Reis.

* * *

P. S. — Como o francez que deu origem a estas tristes considerações, de portuguez não percebe patavina, vae a mesma carta escrita na sua lingua, da qual tambem peço a publicação.

M. R. R.

* * *

N. da R. — Por absoluta falta de espaço não publicamos a carta em francês que nos remeteu o nosso presado amigo, o que faremos no proximo n.º.

Antonio Pinto Pachêco

Regressou do norte, onde havia ido tratar dos seus negocios, este nosso presado assinante e amigo, capitalista brazileiro residente na capital.

Abraçamol-o cordealmente.

Regresso

De Lisboa, aonde fôram assistir ás festas do aniversário da Republica, regressaram na quarta-feira o nosso directôr e o administrador deste jornal.

Pela Patria E Pela Republica

Os bandoleiros que em terras de Espanha conspiravam contra a Republica Portugnêsa, sairam finalmente para varios pontos afastados e a sua maioria para o Brazil.

Aqueles traidores que a soldo da talassaria e da Companhia de Jesus empunharam armas e penetraram no solo da Patria, tiveram o desfêcho que se esperava — isto é, liquidaram pela maneira mais infame quanto deprimente.

Os infames assalariados lá seguiram para as terras de Santa Cruz, onde, devido á generosidade e benevolencia do governo brazileiro, ali encontrarão guarida.

O ideal daqueles tratantes, que eram duma monarquia de adeantamentos e inteiramente arruinada, liquidou de vez e com honrosos resultados para a Republica que eles queriam apunhalar.

A Espanha, que a principio não ouvia a voz da justiça, chegou finalmente a reconhecer que Portugal, sempre amigo, era digno de consideração e da amisade do país visinho, e consequente entendimento mutuo com as novas instituições.

O povo português, que proclamou a Republica, baniu para sempre a monarquia de corrúções, e precisa de viver em paz e em boas relações com os outros povos, sem olvidar a Espanha.

Sômos dois povos visinhos e a Espanha não tem entre nós inimigos, porque, pela nossa parte, respeitamos as suas instituições, para que as nossas sejam da mesma maneira respeitadas, e nem outra cousa ha a esperar do belo e nobre povo espanhol.

Portugal emancipou-se. Precisa, pois, de trabalhar para progredir, e, por todos os motivos, nós, portuguêses, esperamos, animados duma fé viva, que em poucos anos seremos, á custa de todas as dedicações e sacrificios, uma nação livre e prospera. Nós, republicanos e patriotas, e nossos filhos, vamos fazer do trabalho o progresso, e assim nos emanciparemos para o ideal santo da Democracia, para honra e gloria de Portugal.

Abaixo os traidores!

Viva a Republica!

Lisboa, 26—9—912.

A. Fernandes d'Almeida.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XXIX

As leis continuam a fazer-se para se não cumprirem.
—Um dilêma flagrante e uma prova caracteristica.
—Tudo corre á matroca em serviços de instrução, mas... cada um que se arranje.

Isto dá vontade de... rir, de rir muito.

Nos tempos da monarquia, nos ominosos tempos que felismente passáram impelidos por uma revolução redentôra, diziamos nós, os republicanos, muito acertadamente, que as leis se faziam, por via de regra, para não ser cumpridas. A implantação da República era julgada de absoluta necessidade, para que estas *pequenas coisas* entrássem nos eixos — como quem diz para que as leis fôssem cumpridas, principalmente naquelas suas partes que em alguma coisa beneficiávam o povo, o eterno explorado. Porque nas restantes havia sempre o maior rigor quando se tratásse da sua aplicação.

Pois leitor amigo e correligionário dos mais seguros: a República implantou-se, festejámos lhe ainda ha pouco ruidosamente o segundo aniversario — e as leis continuam a ser rigorosamente cumpridas, mas só na parte em que vexam o eterno explorado que é o povo...

De duas uma: ou os nossos governantes, ao publicar os seus despachos, portarias e decretos estão na lua — o que não se póde admitir; ou então as repartições e funcionarios encarregados de dar execução a esses decretos, portarias e despachos se julgam superiores ao poder executivo — o que menos admissivel é ainda. Ou as medidas dos ministros não pódem ser cumpridas, por falta de dinheiro, de tempo ou de empregados; ou estes fazem tanto caso da prosa ministerial que todos os dias abarrota o *Diario do Governo* como nós fazêmos do que a estas horas pensam os mandarins chinêses (se é que a república não aboliu os mandarinatos, o que ignorâmos).

Para prova, aí vai um bocadinho de prosa, recortado de um diário da capital:

Exames primarios do 2.º grau.—E' provavel que o pagamento das despesas dos exames primarios do 2.º grau comece em meiados de outubro, apesar do decreto de 8 de Julho de 1912 determinar que as respectivas folhas estivessem processadas até 15 de setembro. Provém esta demora de não terem ainda chegado á repartição competente as folhas de alguns circulos da 1.ª e 3.ª circunscrições escolares (Lisboa e Porto) e de todas as da 2.ª circunscrição (Coimbra).

O tal decreto de 8 de julho do ano corrente não determina só que as folhas fôssem processadas até 15 de setembro: determina ainda que o pagamento das despêsas em questão, devia de ser feito até ao fim do mesmo setembro, como era de toda a justiça. Mas agora os interessados ficam sabendo, pela prosa jornalistica, que em todo o caso cheira a ministério que tresanda, — que, até ver, o pagamento dos seus creditos só *começará* em meados do mês corrente, para *terminar*... não se sabe quando. E cada um que se arranje.

E' interessante — pois não é?

Como isto dá vontade de... rir!

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Corrigenda

No meu artigo do n.º passado saiu uma gralha que merece rectificação. Onde se lê: —*ateismo da bancarrôta*, deve lêr-se: —*abismo da bancarrôta*. *M. J. A.*

Cursos nocturnos

Com a aproximação do inverno e das noites grandes, já aqui se vão inaugurando alguns cursos nocturnos de ensino livre e já se fala em abrir os cursos nocturnos que costumam a funcionar nalgumas escolas paroquiais e centrais, da capital.

Já varias vezes o temos dito que chega quasi a ser mal empregada a despêsa que com tais cursos aqui se faz, visto que, pela sua organisação, poucos ou nenhuns resultados produzem, uma ou outra excepção á parte.

Já lá vão mais de 20 anos que tivemos em dois anos consecutivos (e de então nunca mais), a regencia do curso nocturno na nossa escola, mas nessa época podia-se ali prestar serviço porque era outra a organisação de tais cursos.

Assim cada professor tinha a sua classe, 1.ª, 2.ª ou 3.ª e, em obediencia ao principio da divisão do trabalho, nele obtinha bons resultados, apezar de haver ás vezes uma frequencia média de 30 a 40 alunos por professor.

Hoje que sucede?

Um professor é nomeado para a regencia das QUATRO classes durante duas horas e o resultado é quasi nulo, pois que não podendo devidamente atender a todos, começa a dispensar maior atenção aos mais adiantados, e os mais atrasados, ou sejam os analfabetos, vendo que é muito pouco o quinhão que lhes pertence, quando segundo a indole de taes cursos devia ser o maior, começam a debandar em dois ou três dias, depois de se haverem matriculado.

O resultado é ficar o professor só com uns doze ou quinze alunos não analfabetos a quem vai ministrando mais alguns conhecimentos, chegando alguns dêles a fazer o seu exame do 1.º ou do 2.º grau, o que embora seja importante e revele um certo trabalho do respectivo professor, não corresponde, como dissémos, ao fim de tais cursos.

Neste sentido queremos nós e já assim estava no novo regulamento da lei de 29 de março, regulamento em que colaborámos, que nos cursos nocturnos *nunca* o professor tenha a regencia das quatro classes e que, quando o professor não possa como agora na capital, ter uma só classe, tenha ao menos a regencia só de duas e em dias alternados.

Tambem no novo regulamento fômos de opinião que os cursos nocturnos tivessem organisação especial e só com disciplinas de utilidade imediata, mas nêsse ponto fômos vencidos e é provavel que se tal regularisação chegar a publicar-se, lá torne a aparecer o ensino como nas escolas oficiaes diurnas, pelo menos nas três primeiras classes.

Se o fim dos cursos nocturnos é propriamente concorrer para a extinção do analfabetismo, e tanto que eram impostas a todas as freguezias, quer-nos parecer que já muito fariam se aí se podesse aprender regularmente *a lér, a escrever e a contar*.

O mais virá depois.

ULISSES MACHADO.

ERRATA

No artigo *Salvé, Liberdade!* inserto no ultimo numero de *O Dever*, onde se lê «numea», deve lêr-se «nume».

Amabilidades

A *Via Ferrea*, no seu n.º 409, refere-se ao nosso colega de redacção, Almeida Junior, nos seguintes termos e na local das *Noticias do Norte*:

O sub-agente de Pampilhosa, José d'Almeida Junior, encontra-se substituindo o agente titular daquela transmissão.

Tem dado prova de muito zelo e competencia no logar que provisoriamente tem desempenhado.

Ao presado colega agradecemos a amabilidade das suas palavras.

Poetas e prosadôres

CATEQUÉSE

(*Ao amigo Almeida Junior, a propósito dos seus ideais*).

Eu dêvo-lhe dizêr, ó meu sincéro amigo,
Alma irmã da minh'alma e sob o mêsmo abrigo,
O quanto de infamante, o quanto de maldito
Tem êsse monstro vil que tende a sêr proscrito
Desta acanhada esfera. E quanto tem de má
A face dêsse Deus, embora o saiba já...
Foi Deus que soterrou em fôgo abrasadôr
O povo de Sodôma, o povo pecadôr;
Foi êsse Deus de Paz, tão justiceiro e bom,
Que mandou fulminár o pobre rei Eglon;
Foi êsse Deus de Amôr, candido como um lirio,
Que mandou esmagár o regimento assirio;
Foi êle que afogou, sem compaixão e dó,
No largo Mar Vermêlho, a tropa a Faraó;
Foi êle que creou as chamas dum Inferno,
Para bifes assar, como em fogão moderno;
Ele, que condenou o adulterio vil,
Mandou descêr dos céos azues da côr do anil,
A pomba a fecundar Maria a Nazaré,
Ou antes, seduzir a espôsa a S. José!...
. . . . . .
Assim nos diz a Biblia e os góticos missáis:
Asneiras, fantasia e muitas coisas mais...
Porisso, eu vou dizêr-lhe, ó meu sincéro amigo,
Alma irmã da minh'alma e sob o mêsmo abrigo,
Que não cesse de dár o salutár—Alérta!
A' triste Humanidade ainda não liberta.

Porto, Setembro de 1912.

GOMES MONTEIRO.

CARTA DE LISBOA

10 de Outubro.

Passaram as festas do 2.º aniversario da Republica, vendo-se em Lisboa muitos provincianos, que enchiam as ruas da Baixa, examinando as iluminações que alguns particulares fizeram nos seus predios.

A'vidos de curiosidade, viam-se muitos grupos, aqui e acolá, de belas moçoilas provincianas, de companhia com seus namorados, que confraternisavam com o povo da capital na alegria de comemorar o 2.º aniversario da proclamação da Republica, hoje radicada no coração da alma portugueza.

Os ferro-viarios da Companhia Portugueza deram o anunciado bôdo aos pobres, que, e segundo nos consta, foi um dos mais importantes que se distribuiu em Lisboa.

A comissão, apesar de lutar com algumas dificuldades, não descurou um momento a sua filantrópica obra, e conseguiu arranjar uma sôma redonda em dinheiro de 463$430 reis, afóra generos na importancia superior a 200$000 reis.

Aos pobres estranhos foi distribuida a quantia de 1$000 reis em dinheiro e um pão de kilo, e ás viuvas e orfãos do pessoal da Companhia Portugueza 1$500 reis, macarrão, arroz, café, chocolate, riscado, cotim, fazenda de lã, meias, peugas, etc., sendo um total superior a 300 contemplados, duma e doutra classe.

No caminho desta bela e altruista iniciativa apareceram, porém, na sombra fantasmas destruidores, que não tiveram duvida em classificar alguns membros da comissão de *engraxadores*, etc., etc.

Quando se tem a consciencia do dever cumprido, e nos guia simplesmente o alto principio da humanidade, como sucedeu a quem escreve estas modestas linhas e por certo a todos que cooperaram naquela obra, para mim tão simpatica como altruista, desgosta-se e desanima-se a gente ao ouvir disparates que ofendem.

A comissão, na impossibilidade de comunicar com todos, tomou a iniciativa de, na lista, colocar, sem previa consulta, alguns nomes que julgou de importancia capital, tanto pelo lado oficial como pelo lado patriotico, esquecendo, naquele momento, a chamada politiquice, como ainda pela grande consideração que lhe mereciam aqueles seus camaradas, superiores e subordinados.

Alguns (bem poucos) apoderaram-se do melindre, tomando como base não terem sido consultados, e não foram mais longe as iras e os doestos contra homens que tanto os consideraram, porque a China fica um pouco longe e o tempo estava duvidoso.

Melhorou o tempo, e a má disposição foi desaparecendo lentamente, e a comissão, que só teve em mira o espirito de alta consideração, não foi desta vez a caminho do Gólgota.

Cumpriu o seu dever de trabalhar em prol da humanidade, não tendo em mira bajulações que deprimem, como se disse baixinho. E' o que eu sinto, por mim, e certo estou que o mesmo sucederá aos restantes camaradas em quem sempre encontrei a maior lealdade, porque todos, como eu, sentiam apenas o sentimento do Bem.

Que nos desculpem as faltas, se elas se cometeram, mas para o ano, se formos vivos, trabalharemos tanto quanto nos permitirem as nossas relações pessoais, mas não como fazendo parte de comissões.

Aos camaradas que trabalharam a nosso lado e a todos aqueles que nos honraram com a sua leal cooperação, em beneficio dos pobresinhos, o nosso eterno agradecimento e as nossas desculpas de tanto os termos encomodado.

A' nossa Companhia, que nos prestou todo o auxilio, moral e material, representada pela ex.ma Direção e Conselho de Administração, e á muito digna Comissão Executiva, e ainda aos ex.mos snrs. chefes de serviço, que, tambem, moral e materialmente nos auxiliaram, aqui consignamos o nosso maior e mais ardente reconhecimento em nome dos pobres extranhos e das viuvas e orfãos dos ferro-viarios contemplados.

A. F. A.

Transcrições

O nosso presado colega açoreano, *Revista Pedagogica*, transcreveu no seu n.º 25 de setembro os artigos dos nossos distintos colaboradores Manuel José Antonio e Ulisses Machado, insertos respectivamente nos n.os 28 e 30 do *Devêr*.

Tambem o nosso colega, *Jornal de Cantanhêde*, transcreveu quasi na integra a *Carta aberta* de Carvalho Neves que aqui foi publicada, e a que o *Mundo* e a *República* oportunamente se referiram. Agradecêmos.

Aniversário jornalistico

Entrou no 2.º ano de existencia o nosso colega de Mortagua, *Sul da Beira*, que durante toda a sua jornada tem combatido tenazmente o clericalismo. Felicitamol-o cordealmente.

Ferro-viarios de Portugal

Chamam a nossa atenção para um artigo que a *Via Ferrea* inseriu no n.º 408, respeitante ao pessoal da linha da Beira Alta.

E visto que o lemos com atenção e escrupulo, não podémos fugir a fazer-lhe considerações, uma vez que no artigo ha, a par de injustiça flagrante de apreciação e critica, um como que exagero de ataque, que não pode deixar de ter sido feito por pessoa irreflétida e quiçá despeitada ou maléfica.

Nós somos dos que advogamos o principio, aliás lógico e oportuno, de que, para se conseguir beneficios, sejam de que natureza for, não se deve descer ao insulto, á tibiêza, á falta de critério, á irreflexão emfim.

O elemento superior das linhas ferreas pode errar muitas vezes, mas pode errar sem intenção de ferir ou de postergar legitimos interesses e reivindicações dos seus subordinados.

E no caso presente, deixem-nos ser franco, é o que se nos afigura que existe.

Um jornal de classe deve ser ponderado no dizer, á redação dos seus artigos doutrinarios ou politicos, colectivos ou de ataque, deve presidir sempre o bom senso que lustre e eleve quem os firme, e jámais, como o que acabamos de ler e no qual se nos depára, ao contrário de tudo isso, uma má fé inqualificavel e desmoralizadora.

Alfredo Prazeres é um rapáz com longo tirocínio ferro-viario, conhece muito bem as necessidades do seu pessoal, tem feito tudo, que o sabemos nós, para que a ordem, o método, o contentamento reine no pessoal a cujos destinos profissionais preside, e nós seriamos obrigados a concluir que tudo aquilo que o artigo diz é justo, se não fôra refinadamente tôrpe e filho duma má fé inconcebivel. Vasconcelos e Sá é um homem próbo, que se não intromete na vida dos seus dirigidos, nada tendo, a nosso ver, o crédo politico do homem, com os actos do Director.

Alguma coisa está prometido, como por exemplo a kilometragem ao pessoal de trens — revisores, guarda-freios e condutores, kilometragem que hade vir a ser um facto, mas que os complexos afazeres do seu cargo não tem deixado estudar com vagar e com presistente cuidado.

Entretanto acentuemos que não é com ataques violentos, violentas palavras ou gestos inoportunos e destruidores, que a crúz se hade levar ao calvario.

Sejamos pacientes e saibamos esperar. A boa educação é sempre bemvinda. Nós sômos dos que temos razão de queixa, mas jurámos a nós mesmo não fugir da linha da lógica que a nós traçámos, precisamente num momento em que a nossa razão mais nos segredava que caminhassemos, que fossemos até onde pudésse mos ir.

Na Beira ha falta de elementos para uma direcção acertada e profiqua? Ninguem o pode negar, e a culpa não è dos dirigentes.

Mas um jornal de classe não pode ser, porque não deve ser, vazadouro de disparates nem armazem de rancôres, porque, de contrario, em vez de educar e unir, anarquiza e desagrega, e a sua missão é outra.

Ponhamos assim as coisas.

Santar.

EXAME

Fez exame do 5.º ano do liceu em Lisboa, ficando aprovado, o nosso presado amigo, snr. Luiz Vasconcelos e Sá, filho do snr. Vasconcelos e Sá, zelôso Director dos Caminhos de Ferro da Beira-Alta.

Felicitamos o inteligente estudante, bem como seus pais.

Falta de espaço

Por este motivo não tem sido publicado o anuncio municipal que vai noutro logar, do que pedimos desculpa á respectiva comissão.

Tambem pelo mesmo motivo não nos tem sido possivel publicar varios artigos dalguns dos nossos presados colaboradôres que já ha algumas semanas no-los enviaram. Que todos nos relevem estas faltas.

Transferencia

Foi colocado em Pampilhoza, onde desempenha as funções de sub-chefe, o nosso presado assinante, snr. Eitor Castelo Branco, ex-chefe da estação do caminho de ferro do Luzo.

Abraçamos o nosso amigo.

Assuntos agricolas

Os melhores adubos fosfatados

Como se estão ainda a fazer muitas sementeiras de cereaes e é tempo de se pensar na adubação de outras culturas, como vinhas, olivaes, etc., aconselhamos todos os lavradores a que não deixem de as adubar convenientemente, porque só adubando bem se pódem ter boas colheitas.

O melhor é sempre empregar bons adubos completos, mas como muitos lavradores ainda empregam só adubos fosfatados, aconselhamos esses lavradores a que de preferencia empreguem *Fosfato Tomaz*, que é o melhor de todos os adubos fosfatados, porque é o mais proprio para as culturas que agora ha a fazer e o melhor para a maior parte das terras de Portugal.

E', pois, o *Fosfato Tomaz*, o adubo fosfatado que os lavradores devem preferir para as suas sementeiras e adubações.

A'queles que estejam habituados a empregar o superfosfato de cal e que não queiram seguir o nosso conselho de o substituirem por *Fosfato Tomaz*, no que fazem mal, aconselhamos a que empreguem o *Superfosfato de Cal da marca ingleza «Galo»*, ou, então, da marca «*Trevo de 4 Folhas*», porque são estes os melhores superfosfatos que existem no mercado, principalmente o da excelente marca ingleza «*Galo*», que é duma extrema finura, muito sêco, e tem sempre muito mais que a dosagem indicada de acido fosforico, sendo este o superfosfato preferido por todos os lavradores que o aplicaram uma vez.

Tanto o *Fosfato Tomaz* como o *Superfosfato «Galo»*, e ainda o «*Trevo*», tem a casa O. Herold & C.ª em grande quantidade para expedição rapida, assim como muitos outros adubos, como *Cal Azotada*, Cloreto de potassio, Kainite, Guano do Peru, etc., etc., podendo os pedidos ser feitos á casa de Lisboa, ou qualquer das sucursaes de Porto, Pampilhosa, Regoa e Faro. A casa O. Herold & C.ª vende estes e outros adubos nas melhores condições de preço e qualidade, e, por isso, devem os lavradores dirigir-lhe sempre os seus pedidos.

Tambem se pódem os lavradores entender com Fortunato Vaz, *Carmaneira, Cantanhede*.

ANUNCIOS

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

ANUNCIO

A Comissão Administrativa do Concelho de Montemór-o-Velho faz publico, para cumprimento das Instruções de 11 de junho de 1866 que no proximo dia 27 de agosto se procederá á vistoría do terreno inculto junto á estrada municipal de Verride, requerido por aforamento por Zeferino Simões Constante, da freguezia de Revellos.

Montemór-o-Velho, 10 d'agosto de 1912.

O Presidente da Comissão,

A. de Noronha.

(25) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

Oh! antes o destino lhe désse o túmulo dos crentes e dos infelizes do que um prolongado destêrro do coração.

Mas tinha fé. A Sorte havia de amerciar-se dêle. Nunca sofrêra um golpe que o derrubasse, porque o seu espirito estava sempre com a verdade. E a esperança florescêra-lhe com o amôr.

E assim reflectindo, Godofrêdo tinha chegado a casa, mênos ofegante, apaziguado mais o espirito, súbitamente conturbado pelo tormento da dúvida.

No dia seguinte, ao declinar do dia, fechava Clotilde o estanco da rua das Solas e dirigia-se, na companhia da criada, para casa de Godofrêdo, que a esperava com a alegria serêna dos velhos que idealisam a ventura de um lar.

Essencialmente bom e virtuôso, o velho amanuense tratou-a como a sua filha, respeitando-a e dedicando-lhe um amôr mais que paternal, confessando-se escravo dos seus caprichos, obedecendo-lhe em tudo como um crioulo á sua senhôra.

Clotilde conheceu-lhe o amôr e a submissão, e rejubilou.

Logo no primeiro dia tinha-lhe dito, com ares soberanos:

— Godofrêdo, visto que daqui a poucos dias vais sêr meu marido, quero gosar antecipadamente o prazêr de sêr tua espôsa.

— Como? — perguntou o velho muito solicito, mas com o coração envenenado por aquelas palavras.

— Dando todos os dias um passeio á noite, na tua companhia, pelas ruas da Baixa e pela Avenida Navarro.

— Mas, menina... — quís êle opôr.

— Não ha mas, ora essa! — retrucou ela, com o olhar já acerado.— Para que me quis para noiva?... Tem de rendêr-se.

— Pois sim... — assentiu êle, tregeiteando uma expressão triste.

E ela, num movimento triunfante, corre depois ao pé da criada e ordêna:

— Maria, olhe que eu e o snr. Godofrêdo, d'hoje por diante, saimos á noite; e como podemos recolher tarde e não queremos estar a bater á porta, você vai sentar-se ao fundo da escada, e, assim que nos pressinta os passos, tenha logo a porta aberta. Olhe que eu não quero que fuja a esta ordem, nem quero repeti-la outra vez.

A criada ficou pasmada do insólito capricho, e viu retirar a ama muito vaidosamente.

Os passeios começaram, e igualmente a malfadada missão da velha. Os amos recolhiam tarde, e ela, a pobresinha, enregelava nas noites mais frias de fevereiro, sentada no ultimo degrau da escada, com o ouvido á escuta ao menor rumôr.

Godofrêdo muitas vezes tossia ou pigarreava para lhe dar sinal; e a criada, adivinhando-lhe a intenção, bem-dizia interiormente aquele santo homem que tivera a infelicidade de cair nas garras d'aquela leôa.

Se êle soubesse o que era um demonio com vestiduras de anjo...

* * *

Chegou o Carnaval. A filha do estanqueiro, estranha a todo o prazer, queria espanejar-se agora livremente, visto que já tinha acabado o tempo da escravidão. Disse ao velho que desejava vestir-se de dominó e que êle devia acompanha-la.

— Oh! menina, que imprudencia —contraveio êle muito brandamente. —Que dirão se nos conhecêrem? Tu então, que andas de luto...

— Tem alguma coisa com as áções que eu pratico?—inquiriu ela, perfilando-se muito.—Se me tens amôr, hás de fazer o que eu te pedir.

— Pois seja — condescendeu o velho.

E mandou alugar dois dominós de veludo escarlate, como ela os queria, de côr espaventosa para fulgir ao reverbéro das luzes.

Envergaram os dominôs e mascararam-se, e, durante tres ou quatro noites, saiam, ora de visita a casa de pessoas amigas, ora frequentando teatros e bailes carnavalescos, segundo aprazia á caprichosa Clotilde, em quanto a desditosa criada se ficava deplorando no degrau da escada, como um rafeiro á espera do dôno.

E é assim que os vêmos naquela noite em que o infeliz velho é acometido duma vertigem, vertigem de fraquêza e de desalento por vêr infundadas as esperanças num futuro de desafôgo.

(Continua).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Séde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

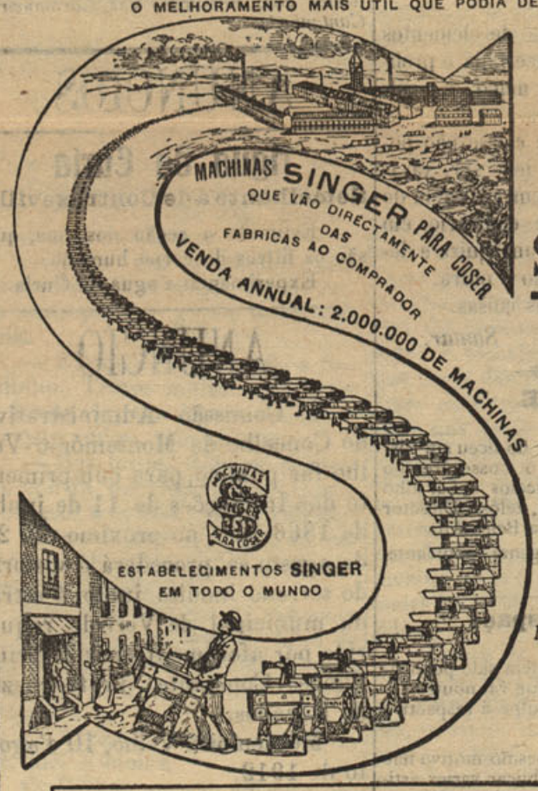
Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central. Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle,,

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 20 de Outubro de 1912 — N.º 35

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Propaganda Pedagógica

Agora, que a Republica está definitivamente vencedora, pois que de todo passou a inquietação irritante que o ameaço da invasão couceirista produzia, necessário se torna cuidar a sério da educação e da instrução do pôvo. Dêsde que o novo regime se implantou pouco, muito pouco, se tem feito a esse respeito. Não por má vontade ou por descuido. Mas porque mil outras preocupações teem inteiramente dominado o espirito dos nossos dirigentes.

Simplesmente, não existe, não póde existir em parte alguma democracía verdadeira que não se apoie na escola. O mestre constitue o padre nas sociedades modernas. Ele é, ou deve ser, o apóstolo suprêmo. Não porque advogue e defenda este ou aquêle ideal; não porque tenha de crear uma nova concepção do universo. Tem outra função, igualmente devotada, de sacrificio, de carinho, de amôr e de entusiasmo:—formar os cidadãos da Pátria futura, dar ás crianças as maiores possibilidades de trabalhar pelo progresso, pela honra e pela dignidade do paiz onde nascêram.

Ora em Portugal os governos ainda não mostraram ter a compreensão déssa verdade simples. A instrução primária —base de toda a vida espiritual dum pôvo—é entre nós absolutamente irrisório. Não possuimos um bom ensino normal. Muitos dos nossos predios escolares são pocilgas insalubres. E, sobretudo, não ha pelo mistér de educar e ensinar o respeito que o nobilite aos olhos de tôdos, acentuando que ser professor é, para a maioria da gente, uma profissão análoga á de merceeiro ou cambista.

Emquanto êste estado de coisas se não modificar o paiz não poderá progredir:—não haverá nem civismo, nem consciencia, nem civilisação. Exige-se, pois, que uma larga propaganda pedagógica termine de vez com a tristissima vergonha que é o nosso ensino. Tal propaganda, quem melhor que os governos a póde fazer? Ninguem...

Reforme-se a nossa instrução, reorganise-se o nosso ensino—e mais de metade do caminho que é preciso andar terá sido percorrido. Exija-se, portanto, dos governos o cumprimento dêste dever patriótico. Exija-se sem receio: êles depois agradecerão, ao ver os resultados do seu exfôrço e da nossa exigencia, a coragem que tivemos em reclamar o que êles ha muito nos deveriam ter dado: uma educação e um ensino melhores, e mais difundidos do que são aquelles que a monarquia nos legou, e que ainda perduram.

1912—X—9.

João de Barros.

Coisas simples

Um sonêto

Das festas de Outubro fez parte um lanche oferecido á pequenada das escolas pela Imprensa Nacional, segundo relataram os jornais. Não foi má a ideia e esteve mêsmo a abrilhantar a festa a espôsa do snr. dr. Manuel de Arriaga.

Até aqui muito bem; uma festa de confraternização da criançada que dêsde o bêrço déve levar inoculado n'alma o gérme da solidariedade humana. Porém, um dos pequenos levânta-se para recitar ou lêr um sonêto — que poesia! — cujo sentido se cifra nisto: a vida é comer e bem tôlo é quem assim não faz...

Ora francamente. Se aqui a intenção do autor é jogar uma «piada» não me parece que aquêle logar se apropriasse a isso; se aquelas palavras exprimem a verdadeira filosofia dos versos foi bem chôcha a ideia. Eu suponho que fôsse a primeira hipótese. Todavia quer num quer noutro sentido estariam apropriados para um *pic-nic* qualquer de estudantada, mas numa festa infantil de caráter um pouco oficial deixam uma triste impressão.

O autor fez àquêle conceito cosmopolita «cóme para viver, não vivas para comer» o que os protestantes fizéram áquéla passágem da Biblia «Ressuscitou, não está aqui.» Estes, mudando a colocação da virgula deixáram assim a frase «ressuscitou não, está aqui.» Se aplicarmos o mêsmo raciocinio ao ditado popular teremos: Cómes para viver não, vives para comer...

Os protestantes constituem só uma parte da grande familia que se chama Humanidade; do mêsmo módo tambem para honra da Sobriedáde e do brio nacional «só parte» da familia portuguêza lê pelo catecismo daquêle soneto...

Nem o animal irracional vive unicamente para comêr, pois que tambem tem a cumprir a tarefa que a Natureza lhe impôs. E hoje que os póvos vêem como uma condição necessaria á vida honesta a sobriedade nos costumes, desejava vêr colocadas na bôca dos pequeninos frases que exprimam êstes conceitos.

Tristes exêmplos nos lega a Historia da orgia dos póvos. Foi, quando Baltasar néto de Nabucodonosor profanava os vasos do Têmplo para neles lançar o falerno que lhe entontecia o cérebro incitando-o ao vicio, que numa das parêdes da sála do festim trágica mão lhe profetizára a ruina do imperio; e no dia imediato os pérsas comandados por Ciro tomávam Babilónia. Festejavam-se com lautos acepipes os próceres de Pompeia de onde só bradava a voz do sangue e do vicio; mas, no melhor do festim o vómito do Vesúvio estende sôbre a mêsma cidade uma lingua de fôgo que a reduz a nada! Foi também á mesa que os gastrónomos Apicio e Lúculo fôram fulminados pela Morte.

E' preciso desmentir o conceito daquêle soneto e dizer á alegre criançada que não só de pão vive o homem que tambem ao lado da sobriedade nas refeições deve haver o cultivo da honra, do trabalho, da modestia

Outubro, de 1912.

Aurea Judit Amaral.

CONSPIRADORES LOCAIS?

De ha muito que a esta redacção estão chegando noticias desagradaveis envolvendo pessoas por demais conhecidas como desafétas ás novas instituições, perante as quais este jornal se tem conservado mudo e perante as quais, tambem, na presente ocasião, nós não podemos deixar de fazer os nossos comentários mais energicos e decisivos, para definir situações que tambem de ha muito desejamos acentuar.

Uma delas, por exemplo, e que acaba de chegar ao nosso conhecimento, é de que o regedor desta freguezia, snr. José Teixeira, propála o boato, aliás maléfico e danificador, de que *em breve volta o regime baqueado*. Ora isto, dito por uma autoridade que tem por dever acatar as leis vigentes e respeitar o credo politico do similhante, é que não póde de maneira nenhuma passar sem reparo, e o *Dever* cumpre a sua obrigação, levando isto ao conhecimento das autoridades interessadas.

Mais. O mesmo snr. Teixeira, enveredando por caminho errado, perde o seu tempo esmolando donativos em prol do páraco desta freguezia, que póde ser pessoa de respeitabilidade, mas inimigo confesso da Republica, porque, não tendo aceitado a pensão do governo, não deve precisar, portanto, dos donativos de quem quer que seja para prover á sua sustentação, iludindo os papalvos que o socorrem fiados nas cantatas do reverendo e do seu vassalo.

Por outro lado, tambem sabemos que outros individuos, não menos vassalos do caciquismo indigena, e cujos nomes virão a publico, a seu tempo, se o desafôro continuar, se entreteem da mesma maneira a desprestigiar o novo regime que, como cidadãos, teem o indeclinavel dever de respeitar, ao menos como portuguezes.

A nossa mudez de forma alguma tem significado transigencia ou falta de cumprimento ás obrigações que nos impuzémos da libertação da nacionalidade e educação popular, mas simplesmente a repugnancia de ferir a nota pessoal.

Todavia, assuntos desta natureza impõem-se ao nosso criterio e á nossa conduta de forma a não podermos por mais tempo permanecer silenciosos. Que este aviso seja ponderado e que não queiram dar-nos o desgosto de lhes pôr a calva á mostra. Ficará assim entendido?

Convalescença

Acha-se já convalescendo da pertinaz enfermidade que o reteve no Hospital de S. José, em Lisboa, durante 133 dias, onde sofreu duas melindrosas operações, mas de cujo perigo está felizmente salvo, o nosso presado amigo e assinante, sr. Manoel das Neves, chefe da estação do caminho de ferro de Carregado.

Manoel das Neves é um antigo revolucionario que a monarquia perseguiu nos seus tempos de existencia infame.

Desejamos as melhoras do nosso amigo.

CRÓNICA DO PORTO

Dura lex, sed lex

Foi por uma déstas manhãs outonáis, que, numa alegria jovial, o *Dever* me veiu visitar.

Honesto como sempre, eu vi perpassar pelas suas colunas a *Verdade* e a *Justiça*, coroádas por nômes respeitaveis, a par dos quais eu sou um zéro, um débil zéro!

Todavia, o que mais me enervou foi um rasto luminoso e puro, que, como um prêso rosiclér, nos vai dando firmeza e constancia nas rudes evoluções do nosso viver de lutadores do Bem e do Direito.

E esse nome é o da brilhante escritora Aurea Judit Amaral,

Em todo o seu conjunto de mulher que vê e catequisa, faz-nos vêr a nós, homens robustos, o dever a cumprir, a efetuar.

A' minha parte cabe-me o Porto e é dele que vou tratar, condignamente.

Descute-se a lei, a dura lei, que de olhos vendados obriga a pobres desgraçados aos mais crueis tormentos.

Num ímpeto vorás de moralismo, fecham-se os bordeis e obrigam-se as tristes margaritas a partirem á terra de sua naturalidade.

Umas teem familia, outras, pobres délas! são êrmas neste vale impuro de amarissimas lagrimas. E quantas não irão impôr dificuldades ao misero pão, que mal chega ao sustento dos pobres pais?

Mas, é lei, é dura lei...

Não tornarão essas pobres viciadas a procurar novamente esta cidade que trágica e ferós vai contrastando com a paz sacrosanta das aldeias?

Não voltarão elas a caír no lodo imundo?

Não será uma medida inutil tentar evitar a corrução, quando o unico remedio seria uma *casa de corrêção* para esse fim instituida? Inegavelmente,

Todavia, é lei... a *dura lex*.

Porto, 17—10—12.

Gomes Monteiro.

"Monarquia ou Republica?,,

A proposito do artigo que, com esta epigrafe, aqui foi publicado ha seis numeros, e a que a *Humanidade* de Coimbra se referiu, transcreve o *Bussaco* uma passagem do mesmo artigo, chamando para ela a atenção dum outro colega. Bom será que todos pesem a situação dum regime que, por culpa de certos politicos ambiciosos e inclinados ao snobismo, nos saiu muito virado do avêsso. Mas a Republica ha de fazer-se, creiamno. E' questão de tempo.

E vem a talho de foice dizer ao presado colega *A Humanidade* que é sempre bom destacar os erros e as virtudes dos homens como das instituições. Não vejamos tudo côr de rosa, que é para não nos embriagarmos com o brilho transitorio das conquistas sem nos preocuparmos com deficiencias de visão e com os deslizes dos nossos actos. Corrigir, corrigir sempre é o nosso dever, e só então é que a vitoria será verdadeira.

A Republica fez já muitas leis remodeladoras, é certo; mas dentro dessas leis quantas mirabolancias não existem, quantos fogos fatuos não se erguem da sua estrutura rígida, quantas desegualdades se não notam na sua meia aplicação—porque, a rigor, as leis ainda hoje se não cumprem integralmente no nosso paiz... Temos uma lei de instrução? Temos. E para quê? Para estar posta de lado, por motivos que já todos conhecem. Temos uma lei do divorcio? Sem duvida. Quem a usufrui? Exclusivamente os ricos. Temos uma lei do inquilinato? E' certo. Para que serve? Para dificultar o pagamento ao inquilino e atrazar o recebimento ao senhorio. Não ha hoje logares chorudos como noutro tempo havia? Ha. Machado Santos e outros que o digam. *E não podia tudo isto saír melhor e mais honesto?* Evidentemente. Se dentro da melhor seara se encontram perniciosos escalrachos, que urge fazer? Extirpar estes para melhorar e robustecer aquela. Pois é o que temos a fazer para com a Republica, cuja semente começou a colher-se em 5 de outubro. E' preciso apontar os erros e corrigi-los para daí derivarem as virtudes e *a perfeição a que o espirito humano deve aspirar*, a despeito de todos os obstáculos.

Mais teriamos tambem que dizer, mas não nos sobra o tempo e o espaço para tal. Todavia, cremos que as nossas rasões se manteem, principalmente para aqueles que as souberam devidamente interpretar.

Cobrança de "O Dever,,

Vamos reenviar para o correio a cobrança do 2.º trimestre. A todos os nossos assinantes que ainda o não pagaram, pedimos que o façam apenas lhes sejam apresentados os respectivos recibos.

* * *

Aos srs. assinantes do professorado primario prevenimos de que pela segunda vez lhes vão ser tambem enviados os recibos respeitantes ao 1.º semestre. Rogamos-lhes o favor de mandarem satisfazer logo as suas importancias, afim de nos não ocasionarem maiores despezas e embaraços que muito poderão comprometer a existencia deste jornal, que só vive das suas assinaturas especialmente. Todos devem avaliar os sacrificios a que nos expômos para bem servir todas as classes e para manter o criterio e a linha de conduta que a nós mesmos nos impuzémos, e não deverão, pois, onerar-nos com despezas, cujos encargos não estamos habilitados a suportar.

* * *

Aos srs. assinantes do Brazil, que ainda não satisfizeram a sua assinatura anual, pedimos que o façam sem demora, pois não podemos fazer-lhe cobrança pelo correio, em virtude de tal serviço nos ficar bastante dispendioso. Para lhes facilitar o pagamento, está encarregado da cobrança o nosso presado amigo sr. Alfredo de Quadros, residente em S. Paulo, na rua dos Protestantes, n.º 33, para onde todos os nossos assinantes dos Estados Unidos do Brazil até hoje em débito deverão remeter a importancia de 2:000 réis fortes, relativa a um ano.

Esperamos do auxilio e boa vontade de todos a satisfação dos nossos desejos, que a outro fim não visam que não seja servir diligentemente a causa geral.

Em exercicio

Acha-se já em exercicio das suas funções, o nosso presado assinante da Pampilhosa, sr. Joaquim Machado Martinho, empregado do caminho de ferro.

Secção Instrutiva N.º 3

Horas d'Ocio

A preléção do Bátista

Voltêmos ao assunto interrompido.

O Judaismo, crença dos Judeus, é, segundo eles, a religião que no Monte Sinai Deus deu a Moisés.

Não admitem outra revelação além da que por Moisés e pelos profetas foi feita ao povo de Deus.

Em Jesus não reconhecem o redentor prometido, e esperam a vinda de um Messias, que os ha de libertar da escravidão e fundar um grande imperio.

Reconhecem a unidade de Deus, mas negam a trindade das pessoas Divinas.

— Olhe lá, eles tambem descançam ao domingo?

— Em que você pensa, é no descanço Não descançam ao domingo, mas sim ao sabado.

— E teem padres e missa?

— Sim e não Quando eles ocupavam a Palestina, tinham uns sacerdotes, que eram os levitas; atualmente teem uns doutores, que se chamam *rabinos*, que explicam a lei nas sinagogas, pois que assim se chamam aos seus templos.

— E a respeito de livros sagrados?

— Teem o que os católicos chamam o *Velho Testamento.*

— Tenho ouvido dizer que os Judeus não teem patria E' verdade?

— Esclareçâmos a pergunta, para depois lhe poder responder.

Patria todos nós temos. E', em boa razão, o país onde nascemos. E, embora os séctarios de uma crença consigam, pela sua preponderancia ou influencia, que determinada religião seja a do Estado dêsse país, não podem contudo obstar a que fronteiras a dentro dêsse mesmo país tenham nascido e vivam séctarios de outras.

Em algumas religiões, e nomeadamente na católica, os seus ministros teem movido tal guerra aos pobres Judeus, que nem lhe querem reconhecer o direito de existencia, pelo que em diferentes épocas teem levado os seus rebanhos de ovelhas (assim chamam aos seus ignorantes adeptos) a chacina-los e a queima-los nas praças públicas.

Eis porque os Judeus não constituem uma nação.

— Cheguei em boa altura, sr. Bátista. E' o que eu lhe devia fazer a você. Era mata-lo, queima-lo, e ainda no fim deitar-lhe as cinzas fóra. Só assim acabaria com essa estopada.

— Mude de assunto. O sr. não sabe falar de outra coisa?! Olhe, deixe a religião lá para os padres porque é o ganha-pão dêles. Cá para mim, que sou fogueiro, desejava me falasse da minha *arte*. No carvão, na caldeira, no vapor, e... emfim, nisto que representa progresso.

— Está bem. Mas, sr. Inacio, parece que vinha para me perguntar qualquer cousa!

— Na verdade, já trazia uma engatilhada. Eu lhe conto: Ha pouco o maquinista diminuiu a pressão, deu saída a uma grande quantidade de vapor, quando exactamente eu passava em frente da abertura do tubo de descarga. Oh! senhor, sempre agarrei um dêstes sustos que chegava bem para meia duzia; e, já me julgava com esta mão completamente queimada, quando afinal até senti frio. Ora, vir de lá o vapor a queimar, e eu, que estava a uns 2 metros, sentir frio, é uma cousa que nos rala e de que gostava de saber a razão, pois com isso ganharia mais do que em saber como era o escudo e como eram as armas do muito nobre S. Francisco.

— Olhe, sr. Inacio, eu lhe explico o que você deseja saber, mas note que para perguntar não precisa fazer referencias á religião que eu sigo, porque meu pai seguia; e que meu pai seguia porque meu avô foi obrigado a seguir; e que meu avô foi obrigado a seguir porque de contrario o queimavam vivo.

— Eu lhe explico: Os gazes teem uma propriedade que os caracterisa, a que se chama *expansibiiidade*, e que consiste em ocuparem cada vez maior volume. Este aumento de volume é um trabalho para a realisação do qual é preciso calor, pelo que os gazes, durante esse trabalho, o roubam aos corpos que encontram.

E' facil de exemplificar. Assim: sopre as costas da sua mão com a bôca bem aberta. O que sente?

— Calor.

— E' isso mesmo. Agora sopre com força, mas com a bôca muito cerrada. O que sente?

— Frio.

— Diminuição de calor é que quer dizer, pois que frio não existe: E' isto mesmo o que se deu com o vapor da sua máquina. O vapor vinha de lá apertado e para se expandir precisou de calor, que roubou á sua mão.

Era isto o que queria saber?

— Era mais alguma cousa, mas por agora muito obrigado

Agradecendo a explicação, lá se foi para a máquina o pobre fogueiro Inacio, dizendo para os seus botões: Este Bátista é bom homem e amigo de servir uma pessoa; é mesmo uma cara direita. Hei-de ainda fazer-lhe mais umas perguntas, mas noutra paragem.

— Amigo Almeida, estes rapazes maçam a gente com perguntas, mas antes me quero com eles do que lá nos nossos tempos de espingarda ao ombro a comandar *quatro á direita.*

— Não falêmos nisso. Peço me mande servir um copo de agua de Albergaria para despegar a lingua e poder dizer ainda duas palavras sobre o cristianismo.

Figueira da Foz, 14—10—912.

(Continúa).

M. E.

FERNANDES DA SILVA

O *Mundo* da penultima quinta-feira refere-se nos seguintes termos a este ilustre escritor e nosso querido amigo:

Excelentemente colaborado o ultimo numero da *Ideia Nova*, mensario de ideias, factos e comentarios que no Porto se publica. O inquerito á vida literaria, ultimamente organisado por um diario desta cidade, e as injustas e descortezes agressões da *Renascença Portugueza* que esse inquerito originou, merecem nesta revista uma severa e justa apreciação firmada pelo nome de Fernandes da Silva, escritor de largas vistas e independencia de caracter.

Fernandes da Silva, que nós conhecemos da infancia, daquela infancia de ilusões fagueiras em que tudo são rosas sem espinhos e diadêmas sem máculas, tem-se revelado um pensador e uma cerebração bem equilibrada que magnificamente atesta o logar preponderante que na *Renascença* vem exercendo.

E' um escritor de eleição e uma alma cujo grandioso ideal paira muito alto e por isso são justas todas as palavras e todos os encómios que a ele se referirem.

Estradas

A quem competir pedimos a reparação urgente da estrada que liga esta povoação a Cantanhede, bem como o largo á entrada da estação do caminho de ferro, que está intransitavel com as chuvas que teem vindo ultimamente. Ha por ai muita pedra britada pelos caminhos, e convem que ela não sirva para fogo de vistas. O inverno aproxima-se e não é então que o mal se póde remediar. Reclamamos providencias energicas para bem de todos, e esperamos nos não obriguem a reclamações mais violentas.

Livros escolares

Como foi determinado pelo sr. ministro do interior, os livros a adoptar neste ano, tanto no ensino primario, como no secundario, são os mesmos do ano passado.

Neste sentido, recomendamos aos nossos estimados leitores a adopção não só dos livros de leitura aprovados oficialmente e organisados pelo nosso colega na capital, sr. Ulisses Machado, mas ainda outros de que é autôr.

TRAÇOS

Ha factos que nos entristecem, que nos revoltam mesmo.

Tem-se dito por milhares de vezes, na imprensa, nos comicios e nas conferencias, que o progresso tem aumentado extraordinariamente nestes ultimos anos, que a civilisação está muito proxima do seu apogeu, que atingiu o seu maximo desenvolvimento.

E eu rio: Rio com este riso muito proprio de quem observa de perto os fenomenos sociais, com este riso filho duma melancolia estranha, duma melancolia que tem toda a rasão de ser perante o impertinente tumultuar das paixões humanas, perante a ocorrencia de certos factos. Sim, eu rio. Não com altivez, com desdem; mas com tristeza.

Eu que me acostumei desde os tempos de criança, a sofrer quando os meus semelhantes sofrem, a doer-me com as suas dôres, a juntar as minhas lagrimas com as suas, quando o infortunio lhes bate á porta, não posso ver com bons olhos o desprezo verdadeiramente criminoso que a sociedade lança a alguns seres tão seus filhos como os outros que ela trata carinhosamente e, portanto, tão dignos da sua protecção como eles.

Eis um caso:

Na cidade do Porto, diziam ha dias os jornais, fez a policia dessa cidade uma *rusga* por algumas das suas vielas suspeitas.

Foram felizes na sua digressão, os representantes da autoridade policial portuense. Caçaram muito. Como estava tudo no covil, bastaram apenas duas ou tres horas para levarem para casa vinte e tres peças de caça (é o termo) do sexo feminino. Audacia espantosa, feito heroico, não tenhamos duvida!

* * *

A sociedade foi a unica culpada da perversão moral daquelas vinte e tres desgraçadas.

Depois de lhes ter roubado a honra—a joia mais preciosa que elas possuiam—, ofuscaram-lhe o caracter, destruiram-lhe a dignidade.

Inertes, sem destino, sem guia, folhas secas á mercê da tempestade, gotas de agua a baloiçarem-se no meio da tormenta, elas ai vão, trilhando um caminho atapetado de injurias, de difamações, de risos impudentes por aqueles que foram o braço direito da sociedade, na destruição daqueles seres, no aniquilamento daquelas vidas.

Mas não pára ainda aqui a lista dos seus tormentos. A sociedade não está satisfeita com a sua obra criminosa. Acha-a incompleta e tenta aperfeiçoa-la.

Não é impunemente que uma desgraçada de pé descalço e nudez quasi completa passeia pelas ruas mais concorridas duma cidade, onde ha vestidos de seda e sapatos de verniz.

Não o consente a moral, e é uma vergonha perante o estrangeiro que nos visita. E a sociedade, atendendo a estas rasões, continua na sua obra destruidora.

Os seus agentes policiais, acatando as suas ordens, agarram nelas bruscamente e atiram-nas para um bairro muito distante, muito isolado, onde se não ouve o estropear constante dos cavalos nem o zurrar incomodativo dos automoveis. E elas quasi que agradecem aquele gesto—gesto infame, gesto criminoso! —porque ali, ao menos, são todos eguais, a miseria é quasi geral e só de quando em quando a policia as vem admoestar pelo seu *irregular comportamento*. E' que se sentem ali melhor. E porquê? São quasi todos irmãos, porque quasi todos são filhos do mesmo pai: o crime, e acalentados pela mesma mãe: a miseria.

Mas este relativo bem dura pouco tempo.

Passados tempos, alguns moradores do bairro, depois de as terem explorado ignobilmente, gritam ás autoridades que lhes levem aquela *corja* desmantelada e imoral. E elas atendem-nos imediatamente.

De ai a poucos dias organisam-lhe uma caçada como se fossem animais selvagens, fazem-lhe uma montaria, uma *rusga* como eles dizem, e conduzem-nas, umas para o governo civil, outras para o hospital, até que a morte bemfazeja as venha libertar das mãos daqueles que durante a sua infeliz existencia não souberam senão arrasta-las para o abismo.

* * *

E a sociedade que fez para obstar o descalabro moral daquelas creaturas? Nada, absolutamente nada. Podendo evitar a sua catástrofe, não fez senão apressa-la. Encontrando-as na rua a meio caminho da sua queda, podendo e devendo ampara-las, conduzindo-as para um hospicio ou casa de correcção onde podessem regenerar-se, empurram-nas para os antros infectos do aljube, onde a vida se esvae com a velocidade do relampago.

E a sociedade nada fez, porque os seus homens, atarefados como andam nas lutas politicas de partidarismo, não teem tempo de cuidar do aperfeiçoamento moral do povo, tão necessario ao regular funcionamento do organismo social.

Politica, politica, eis tudo!

Tratar de fundar em cada cidade uma casa de correcção onde se pudessem recolher as crianças vadias encontradas na rua, fazendo delas creaturas capazes de viver em sociedade, não ha meio.

E póde chamar-se a isto uma sociedade civilisada?

Uma sociedade que preverte, que mata? Não, mil vezes não.

Guilherme Ferreira da Silva.

Para o Brazil

Depois de ter permanecido por aqui alguns mezes, retirou a semana passada para S. Paulo o nosso estimado amigo e assinante Alfredo de Quadros. Desejamos-lhe boa viagem e muitas prosperidades.

POSTO MÉDICO

Játa-se o médico do partido municipal, com séde na Carapinheira, da sua importancia pessoal, e não sabemos se politica tambem, parecendo, pelo que diz, que as autoridades municipais lhes estão no bolso e que, com elas escondidas, acorrentadas, algemadas como qualquer coisa de nocivo e impertinente, passeia altivo e arrogante como a querer derrubar mundos e mundos...

Ora é certo que o sr. dr. Couceiro, que nós julgavamos pessoa de criterioso alcance social no nosso meio, não é, não póde ser, oficialmente falando, mais do que o médico municipal, percebendo honorarios para que o povo dispende o seu obulo com sacrificio, e nós vemo-lo apregoando, como ha dias na *gare* do caminho de ferro desta localidade, a sua autoridade, que ele torna estensiva de modo a intrometer-se nos negocios do municipio, procurando entravar a marcha dos trabalhos em execução para a criação do posto médico de Arazede.

Assim, por exemplo, diz o dr. Couceiro que o posto não será criado aqui tão depressa, e que, quando chegar a ser um facto, isso a ele se ha de dever, que será quando ele quizer e com 800 e tantos mil réis, e não com 300 ou 400$000 réis, e que ha de ser ele, só ele o provido.

Estas asserções, que parecem sobremodo inverosimeis, é que não podiam passar em julgado, sem o nosso protesto mais veemente.

Que o médico se não importe com o que nós dizemos, aconselhado, como tem sido, por pífias creançolas, admite-se. Que o diga em plena *gare*, alto e bom som, é que não faz sentido e dá uma nota destoante que, se não fôra ridicula, seria pelo menos tola e impertinente.

E' tarde. Vae fechar o jornal, mas continuaremos.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XXX

A inauguração duma escola e o patriotismo dos Armazens Grandela — Um exemplo que todos os capitalistas deviam seguir — Palavras eloquentes de altos espiritos — Não frutificariam melhor estas palavras no parlamento? — Urge que deputados e senadores abram uma campanha a favor da Escola Primaria

Assisti no passado domingo, a bem dizer por casualidade, a uma festa verdadeiramente encantadôra, principalmente pelo seu significado. Quero referir-me á inauguração, no logar do Nadadouro, da sexta escola mandada construir pelos Armazens Grandela, de Lisboa.

Trata-se d'um edificio amplo, com janelas rasgadas e aparencia agradavel. Se á sua construção não presidiram todos os principios modernos da higiene e da pedagogia, êle não é, no entanto, em nada inferior aos melhores que o Estado parcimoniosamente tem mandado construir.

Eis um exemplo que devia de frutificar, o de ha alguns anos a esta parte dado pela importante casa comercial da capital. O que muitas pessoas endinheiradas gastam no jôgo, no luxo desmedido, emfim, em divertimentos de toda a ordem, — teria uma aplicação simpatica e proveitosissima em obras de instrucção e de beneficencia. E, se o que essas pessoas buscam é meios de se tornarem conhecidas e admiradas, esse alvo atingirão, de tal-guisa, ainda mais seguramente.

Assistindo á festa, completamente apagado entre os espectadôres, tive ocasião de ouvir os diversos oradôres, que de Lisboa e de Leiria propositadamente viéram dar-lhe o concurso da sua palavra. Parece-me que apenas dois não têm logar no Parlamento da República — os snrs. Tito Larcher, meu velho amigo, e Urbano Rodrigues, jornalista. Os restantes fôram os snrs. Gaudencio Pires de Campos, Artur Costa, Germano Martins, França Borges, Afonso Costa e Tomaz da Fonseca.

Todos estes parlamentares, especialmente os dois ultimos, que fôram na verdade eloquentes, frisáram o nosso vergonhoso atraso no campo da instrução e a necessidade inadiavel de lançarmos mão á obra bela que é a extinção do analfabetismo. Muito bem. Agrada-me sobremaneira que entre os nossos homens publicos não haja divergencias, quando se trate de um magno assunto.

Mas francamente: dizer essas coisas ao povo, que está farto de as saber, que está fartissimo de as sentir — não é, a meu ver, o caminho. No Senado e na Camara dos Deputados, em que os ilustres oradôres têm assento, é que élas deviam de ser ditas, sempre, a toda a hora — até que os governantes se resolvessem a desviar os olhos de muita futilidade e até porcaria que os preocupam, para os lançar para a sempre despresada escola primaria. Aí é que os belos rasgos oratorios dos ilustres deputados e senadôres têm verdadeiro logar, porque só ai é que eles pódem produzir o efeito desejado.

Em tôdo o caso, foi uma festa verdadeiramente encantadôra, a realisada no ultimo domingo no pitoresco logar do Nadadouro. Que a Casa Grandela não desanime na benemerita cruzada que ha alguns anos já empreendeu! Que os que têm dinheiro de sobejo aprendam com ela a dar-lhe um destino acertado! Finalmente, que os parlamentares que na festa faláram se não esqueçam de repetir nas Camaras as considerações que gostosamente ali lhes ouvimos!

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

CARTA DE LISBOA

17 de Outubro.

Viagem á Beira—O povo do Baraçal rejubila com um melhoramento alcançado—Mais necessidades urgentes.

Estivémos ha dias no Baraçal, concelho de Celorico da Beira, terra onde fômos creados e onde encontrámos o maior contentamento pelo melhoramento importante com que foi dotada ha dias esta localidade. Trata-se da criação do apeadeiro denominado *Baraçal*, que esta e outras freguezias conseguiram por influencia dum filho da terra, o ex.mo snr. Fausto de Figueiredo.

Este ilustre cidadão, que ocupa hoje um logar de grande autoridade, na Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes aonde é administrador e representante do maior capital de acionistas portuguezes, com vasta representação no meio social, conseguiu da Companhia da Beira Alta aquele tão importante melhoramento para a terra onde nasceu.

Se o povo do Baraçal se encontra radiante e trabalha com afam para o progresso da sua terra, não menos contente se encontram os povos circunvisinhos que vão servir-se daquele apiadeiro, deixando assim de percorrer uma distancia grande que os separava da estação de Celorico da Beira, aonde iam tomar os comboios para diversos destinos.

Têm ali paragem sempre que ha passageiros, quatro comboios, dois descendentes e dois ascendentes, o que á primeira vista parece ser tudo, mas infelizmente não é. Dois comboios da manhã, um ascendente e outro descendente, não efétuam paragem, e são estes, sem duvida, os mais importantes para bem servir aquela terra, por passarem a boa hora.

Se não estamos em erro, têm estes dois comboios os numeros 5, ascendente, que parte de Pampilhosa ás 23,15 e chega á Guarda ás 4,50, e descendente, n.º 2, que parte de V. Formoso ás 2,23 e chega a Pampilhosa ás 9,38.

Ligando estes dois comboios com os rapidos, respetivamente ascendentes e descendentes da Companhia Portugueza n.os 52 e 55 procedentes do Porto e Lisboa, seria de importancia capital a paragem dos comboios 2 e 5 da Beira Alta no apiadeiro do Baraçal, não só para darem a correspondencia de passageiros para seguimento a Lisboa e Porto, como ainda para transportar os passageiros a tempo das feiras e mercados, respetivamente de Celorico, Mangualde e Guarda. E' o grito de anciedade que ouvimos a todos os cidadãos do Baraçal, esperançados em que a Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, lhes fará mais este grande beneficio para complemento da sua generosidade. Esperam tambem que as paragens sejam oficiais para evitar dificuldades em se efétuarem, como por vezes sucede, e isso se deu no dia 15, que o comboio n.º 4 veio parar cento e tantos metros além do apiadeiro, por dificil reconhecimento, sem duvida, do sinal de paragem feito pela guarda, por existir uma curva antes do apiadeiro.

Será, pois, muito importante que a Direção da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, autorise que os atuais comboios, 2 e 5 tenham paragem efétiva no apiadeiro do Baraçal, e, tanto estes como os restantes comboios já autorisados a parar quando ha passageiros, tenham ali paragem oficial.

Assim o espera o povo interessado e do qual nos tornamos éco.

A. F. A.

Desordem e agressões

No dia *13*, por volta da *1* hora da noite, deu-se um conflito na altura da Lagôa do Torrão, proximo do Amieiro, desta freguezia, entre Luiz Carvalheiro e Joaquim Simões, da Cabêça Alta, Antonio Bernardes e irmão Joaquim Bernardes, de Val-Saramago, freguezia do Seixo, Isaias Matias e José d'Oliveira Girão, do Amieiro, e José Deodato Hermenegilde, das Cavadas, freguezia de Arazêde. O conflito teve a sua origem num bailarico que houve para os lados do Amieiro, e para o qual tinham sido convidados dois grupos de tocadores, constituidos um por Antonio Lucas, José Mendes e um filho de Ana Mendes, desta povoação, e o outro por alguns dos acima citados, não vendo estes com bons olhos os primeiros. A principio houve apenas palavras provocadoras do segundo grupo que resolveu abandonar a diversão, indo despeitadamente esperar o primeiro a distancia e combinando partir-lhe os instrumentos nas costas. Isto foi ouvido por alguem, que passou aviso aos alvejados. Mais tarde, no final do baile, saiu o primeiro grupo seguido dalguns rapazes do Amieiro, que se foram aproximando do grupo escondido e lhe dirigiram algumas palavras de desafio. O grupo, saindo do esconderijo, foi seguindo até á Lagôa e ali se travou de rasões com os seus adversarios do Amieiro, passando logo a vias de facto com agressões á paulada. O Joaquim Simões, o Antonio Bernardes e o irmão, vendo o caso mal parado, e já depois do primeiro ter sido agredido, deram ás de Vila Diogo, deixando só o Lino Carvalheiro, que foi sovado tesamente, pelo que se encontra em estado grave. Contra os agressores já foi dada parte para juizo.

Nomeação

Foi nomeado guarda-freio da Companhia da Beira Alta o nosso assinante sr. José Monteiro Ramos, da visinha povoação de Val-Canôza.

Felicitamos.

Livre pensamento

Do nosso presado e inteligente antagonista, sr. José Maria Pinto Monteiro, recebemos o seguinte postal que explica claramente o motivo da demora no envio dos seus artigos sobre a questão que sugeriu o nosso modesto artigo sobre o livre pensamento:

Snr.

Ha de ter estranhado a demora na continuação dos meus artigos sobre o livre-pensamento. Tem sido devida a que fazeres inadiaveis.

Doravante manda-los-ei com a maior regularidade.

Continuarei a usar da polidez que tenho usado até aqui e de que V. foi o primeiro a dar o exemplo. No primeiro artigo confessei a minha admiração por essa qualidade de V. e, com franqueza lhe declaro que tal delicaza e lealdade deviam ser apanagio de todo o escritor que discute ideias ou instituições. Acredito mais na sinceridade do adversario do que na de muitos que para aí escrevilham nos jornais sobre estes importantissimos assuntos com o riso escarninho de Voltaire, que póde divertir mas não convence nem cria prestigio.

Marco, 16 de outubro de 1912.

De V. att.º ven.or

José Maria Pinto Monteiro.

Nós não temos pressa, presado contraditor. Sempre soubémos esperar com paciencia e resignação, com aquela paciencia evangelica que é o lema dos justos e dos que teem por seu lado a Verdade sacratissima que enobrece e dignifica. Além disso o assunto é momentoso e de interesse geral, e é sempre bemvinda a polémica quando ela parte dum espirito superiormente culto e reflectido como é o do sr. Pinto Monteiro.

E' assim mesmo que pensa o

Almeida Junior.

PUBLICAÇÕES

Recebemos os seguintes livros: *Cartilha Escolar*, por Domingos Cerqueira, sub-inspector primario; *A B C Ilustrado*, por Angelo Vidal, e o 1.º tomo da nova edição dos *Luziadas* prefaciados, parafraseados, anotados e com um vocabulario ao fim de cada canto, por José Agostinho. Os dois primeiros, como obras didáticas feitas por autoridades em destaque no ensino primario, recommendam-se pela profusão de desenhos memnônicos que facilitam a aprendizagem da leitura; o ultimo, como obra civica para despertar o valor e o heroismo do povo portuguez, impõe-se pela maneira clara, facil e acessivel como se apresenta ao espirito dos menos letrados e de todos os que desejam conhecer profundamente e nitidamente as maravilhas grandiosas do poema de Camões.

Quaisquer destas obras custa apenas 10 centavos.

Agradecemos os exemplares oferecidos.

A «Portuguêsa»

Recebemos a seguinte carta, a cuja publicação não quizémos fugir, visto que a lealdade jornalistica é nosso apanagio:

Snr. Almeida Junior
Meu bom amigo:

Lá venho eu mais uma vez com as minhas pieguices. Agora é a respeito da carta do snr. Belot sobre a «Portugueza».

Estão as nações no seu pleno direito de fazer tocar quantas vezes queiram, em toda a parte, o seu hino nacional.

Mas obrigar, numa nação que se diz democratica e livre, qualquer cidadão que passa, a tirar por força o seu chapeu, sendo barbaramente agredido se não obedece a essa estupida intimação, é triste indicação duma doença no seu estado mais agudo—«a himnofobomania».

E se o facto da intimação e agressão se dá com estrangeiros, então não sei como se chama.

E' isto o que pensa um homem que não desejava ter pátria, porque o amor a esta outra coisa não significa senão o odio á pátria contrária.

No entanto, como Tudo é necessario a Tudo, Tudo sendo a base-razão do Todo, Tudo está bem.

Desculpe o meu amigo estas impertinencias a quem não tem culpa de pensar como pensa e que dá pelo nome de

Lisboa, 16—X—912.

Leopoldo Torres Fernandes.

Estamos dacordo em que se não deve obrigar ninguem a tirar o chapéu, em casos dêstes, mas tambem concordâmos em que é sempre significativo de má educação não se cumprimentar, descoberto, o hino dum país, visto que ele, segundo todos os bons critérios, representa as aspirações dum povo e, portanto, da maioria dêsse país.

Além disso trata-se dum estrangeiro, e um homem de nacionalidade diferente tem o estrito dever de respeitar, cumprimentando, o povo a cuja hospitalidade está abrigado.

Nós temos a certeza de que o nosso presado correspondente não ficava de chapéu na cabeça, numa nação estranha, ao ouvir tocar o hino do povo do país onde se encontrasse. Temos a certeza disso, porque conhecemos a delicadeza que o caraterisa.

Aniversario

Passou no dia 16 o aniversario natalicio do menino José, irmão do nosso amigo sr. Alexandre Duarte, agente de varios jornais em Pampilhosa do Botão. Parabens.

A ARVORE

(De Andre Theuriet)

Sabeis o que é uma arvore?

E' um ser vivo como vós e como eu.

E' a alegria da terra que lhe dá a agua das fontes que a regam e o humos que a fecunda.

E' a saude do ar purificado pela sua verdura.

Uma arvore bonita é um prazer para os olhos, e milhares de arvores constituem o bosque, manto da terra e riqueza dum país! Um paiz que não tem bosques é um país morto!... Uma arvore é tambem a armação de vossa casa, é o mastro dos navios, é quem dá o calor ás vossas casas de aldeia quando a madeira arde como um sol em pleno inverno!... Quem planta uma arvore, é um bemfeitor da humanidade; quem as destroi inutilmente, é um criminoso.

Trad. de J. Fontana da Silveira.

No «Dever»

Deu-nos o prazer da sua amavel visita o nosso presado amigo, sr. Amandio Pessoa da Cunha e Melo, atualmente professor primario em S. Silvestre. Agradecemos.

Novidade Literaria

AZAS (contos)

POR

DR. ORLANDO MARÇAL

Edição da Livraria França Amado. Rua Ferreira Borges—Coimbra.

Ha livros de tal maneira delicados e perfeitos que embora lidos dum trago ficam sempre gravados na memoria do leitor. Este condão especial poucas vezes se encontra vincado nos trabalhos portuguezes, a não ser nos produtos magistrais dos nossos. Mas aparece-nos agora um livro dum novo que por todos os lados porque o olhemos parece dum escritor de largo passado e de grandes triunfos. E' o *Azas* do dr. Orlando Marçal. Este talentoso literato é muito conhecido e admirado no meio artistico portuguez por volumes que á publicidade tem dado sempre envoltos dum encanto e duma superioridade especiais. O presente livro, porém, é de tal maneira composto, eleva-se tanto á admiração que não podemos deixar de o colocarmos ao lado dos melhores que nos ultimos tempos teem aparecido. *Azas* é o produto intelectual dum soberbo poeta e dum arrebatado revolucionario. Ha nele paginas de uma grande suavidade artistica que nos lembram manhãs primaveris e gritos alucinados dum coração que sente o peso da maldição dos espesinhados. Por exemplo: *A Fonte da Lenda*, *A' Sombra da Faia*, *Pagina Coimbrã*, são envoltos por uma caricia poetica tão delicada e harmoniosa, comparaveis a versos felizes de poeta superior; mas os arrebatamentos dos *Missa Negra*, *A Renegada*, *Via Dolorosa* e *Tragedia Rustica*, são a manifestação mais verdadeira de quanto é bela a alma do dr. Orlando Marçal para estar sempre ao lado das reclamações dos desventurados que transitam por «este pantanoso ambiente social.»

Só quem não conhece o simpatico escritor é que não vê neste livro a sua autobiografia moral e intelectual. Para ali verteu as melhores e mais puras afirmações do seu coração de sincero revoltado. Naquelas paginas descreve indirétamente a sua vida, atravez da sua carreira universitaria, sempre ao lado dos humildes, dos que clamavam por pão, luz e liberdade. No *Perfil duma Idiota*, que é um extraordinario estudo psicologico duma mulher obcecada pela mentira monarquica, descreve-nos o scintilante literato a visita do destronado Bragança a Coimbra, em côres tão sentidas, numa prosa de tamanho realce que parece que estamos assistindo de novo a esse vergonhoso espectaculo de ha tres anos. Todo o *Azas* é perfeitissimo, escrito numa prosa de maravilha, trescalante de beleza, superior, que nos enleva, nos assombra. Ha efeitos tão admiraveis de côres que nos fazem pensar muito tempo sobre a pagina analisada. E' na verdade um livro que orgulha a literatura portugueza, porque vem evidenciar que depois da morte de tantos mestres, insubstituiveis, na opinião de quasi todos, aparece agora um admiravel escritor com talento e alma para extraordinarios feitos. Porque o dr. Orlando Marçal, pelo que tem produzido e por esta obra incomparavel, é um escritor de tanto valor que enriquecerá as letras com provas tão eloquentes para que os verdadeiros patriotas lhe prestem a homenagem de admiração que merece e que nós lhe desejamos por reconhecermos nele qualidades para ser uma gloria literaria adentro dos umbrais da nossa querida Patria.

Ao talentoso escritor agradecemos o exemplar oferecido e a imerecida dedicatória ao nosso colega Almeida Junior.

ASSUNTOS AGRICOLAS

As sementeiras de favas, ervilhas, etc.

Estamos em plena epoca da sementeira de favas, ervilhas e outras leguminosas e por isso é ocasião oportuna para dizermos aos agricultores o que têm a fazer para conseguirem boas colheitas de favas ervilhas ou quaesquer outras leguminosas.

Primeiro que tudo temos o dever de os aconselhar a que se deixem inteiramente de adubarem favaes e ervilhaes exclusivamente com superfosfato, que, por muito bom que seja, não é o adubo adequado a estas culturas.

As favas precisam de algum acido fosforico, mas carecem principalmente de uma grande quantidade de *potassa* para vegetarem e frutificarem em boas condições. E', portanto, a potassa que se lhe deve fornecer em maior quantidade e, se o não fizermos, em caso algum poderemos contar com uma colheita satisfatoria.

Aconselhamos, por isso, os lavradores a que, para a adubação de favas, empreguem não só o acido fosforico, mas principalmente a *potassa*, podendo ser completamente dispensado o azote, atendendo a que as favas, como todas as leguminosas, o podem aproveitar do ar.

O que, pois, os lavradores que queiram ter bom resultado devem fazer, é empregar conjuntamente, na adubação dos favaes, uma mistura de um adubo fosfatado com um adubo potassico.

Só assim é que poderão conseguir boas colheitas, e se as que até aqui se teem obtido têm deixado satisfeitos os lavradores, não quer isso dizer que se não possam obter colheitas muito maiores, desde que os favaes sejam convenientemente adubados.

O que aconselhamos que façam é que empreguem formulas de adubação apropriadas aos terrenos, ou então as seguintes misturas:

Para terras calcareas, uma mistura de:

300 a 400 kgs. de Superfosfato de cal, e

150 a 200 kgs. de *Cloreto de potassio*,

por cada hectare de terra ou aproximadamente 100 litros de fava;

para terras delgadas ou fortes sem calcareo, uma mistura de:

300 a 400 kgs. de *Fosfato Tomaz*, e

400 a 600 kgs. de *Kainite*,

para a mesma quantidade de terra ou de semente.

Com estas adubações os resultados que se obteem são de primeira ordem.

A casa *O. Herold & C.ª* tem todos estes adubos e muitos outros para todas as culturas e para todos os terrenos, prontos para expedição imediata, podendo os pedidos ser feitos á séde da casa em Lisboa, ou a qualquer das suas sucursaes de Porto, Pampilhosa, Regoa e Faro.

Todos estes adubos devem ter a marca «*Trevo de 4 folhas*», que é uma marca que oferece ao consumidor todas as garantias

Tambem pódem ser feitas encomendas ao snr. Fortunato Vaz, *Camarneira—Cantanhede*.

PARA COIMBRA

Afim de seguirem os seus estudos no Liceu Central, partiram os nossos amigos Alvaro Ferrão e José Ferrão, filhos do nosso estimado amigo e assinante, sr. Antonio Maria da Silva Ferrão.

FALTA DE ESPAÇO

A carta em francês, do nosso presado colaborador M. Ramos dos Reis, não pôde sair por falta de espaço. Tambem ficou de fóra, já composto, o artigo *Pela Patria e pela Republica*, do nosso colaborador A. Fernandes de Almeida. Que nos desculpem.

«O DEVER» é um dos jornais da provincia que insere mais variedade de assuntos· Artigos politicos e sociais.

Defêza de todas as classes produtôras. Assinatura: 600 réis por semestre.

INCENDIO

No dia *12*, pela *1* hora da noite, manifestou-se incendio em casa de José Crispim, de Vila Franca, ficando uma vaca e dois suinos algo danificados.

Lamentamos o triste acontecimento, pois que o prejudicado é pobre e bem digno de melhor sorte.

ANUNCIOS

CASA

Arrenda-se em bôas condições a casa pertencente ao snr. João Beirão.

Para tratar com Manuel Monteiro—Casal do Gaio—Arazêde.

Anuncio

Arrenda-se o **Lagar** da Azenha Derrubada no dia 20 de outubro ao meio dia á porta do mêsmo lagar a quem mais dér, se convier ao dôno.

As condições do arrendamento serão apresentadas no acto da praça.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
TELEFONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.
Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.
Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

ANTONIO FRANCISCO PAES

Correspondente de diversos Bancos e Companhias de Seguros

Estabelecimento de mercearia com especialidade em bacalhau, assucar, café, chá e outros artigos.

Vendas por junto e a retalho.

Praça da Republica—Cantanhede

Endereço telegrafico—ANTONIO PAES.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO.

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

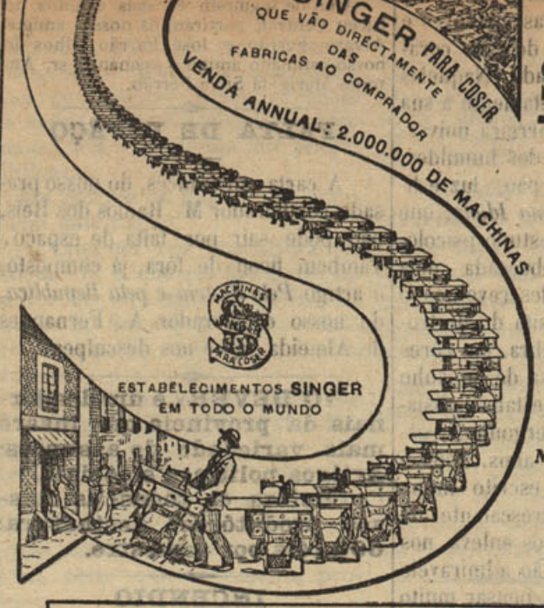
Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha—**COIMBRA**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Ano 1.° Arazêde, 27 de Outubro de 1912 N.° 36

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

E' ISTO RÉPÚBLICA?

Neste periodo de formação e de luta que até hoje têmos atravessado, alguma coisa de mais belo e superiôr poderia têr surgido nos limiares da governação republicana, se não fôsse a infiuencia da política de aluguel, já agora hereditária, e que é a causa dominante do estado de enervamento em que se encontram as classes proletárias do nosso país.

Contra a opinião dalguns, que têm dispensado uma desmedida tolerancia para com a marcha dos govêrnos republicanos organisados após a Constituição, nós insistimos em dizer que ainda hoje o espirito governativo se deixa dominar pelo mais caraterisado decalque do espirito monárquico, especialmente no que respeita a legislação e a burocracía.

Ha quem veja nas nossas palavras uma exigencia contumaz em aperfeiçoar rapidamente o estado social dum país que ha dois anos iniciou os seus passos no caminho da libertação; e ha quem interpréte o nosso pensamento pelo lado tendenciôso e retrógrado que consiste em apontar êrros do velho e do nôvo regime, comparando-os, nivelando-os, para chegar á conclusão de que tanto vale este sistêma de governação como aquele, e que para isto mais valia estarmos como estavamos.

Uma e outra interpretação nada absolutamente aduzem ao sentido geral das considerações aqui expendidas, visto como ambas são erróneas e se afastam cada vez mais da directriz do pensamento que nos norteia.

No momento actual ha um dilêma que se ergue imperiosamente no seio das massas sociais: ou se pretende enveredar pelo caminho da perfectibilidade, ou deixa de haver essa pretensão para se estacionar no conservantismo enervante e retrógrado. *To be or not to be* —eis a questão.

Todos nós os que fazêmos jornalismo, e que têmos a bôa intenção e a lúcida consciencia a presidirem aos nossos actos, têmos o devêr de apontar a estrada da Honra, da Justiça e da Verdade áqueles cuja missão é dirigir um pôvo, conduzindo-o ao preenchimento dum fim. Ora, se esse fim, num dado momento histórico, é a libertação, o resurgimento e a felicidade dêsse pôvo, não se compreende que o contrário disto esteja decorrendo com profundo desgôsto das classes mênos favorecidas da sorte e cujos desejos são bem evidentes e bem justificaveis.

Que se procurasse demolir todos os obstáculos que se opõem á realisação de tudo aquilo para que foi criada a República, admite-se e releva-se a demora que tem havido no triunfo suprêmo da causa geral; mas que se ande malbaratando o tempo e até o dinheiro em obras efémeras ou de resultados negativos é que custa a suportar e a vêr resignadamente e sem um protesto.

As provas irrefragaveis de que a marcha da República não é de modo nenhum aquilo a que todos anciadamente aspiravam, surgem dia a dia, atingindo por vezes proporções assustadôras. Assim é que ha dias os jornais relatavam que havia um cidadão que ainda hoje, dentro do nôvo regime, acumulava mais de trinta ou quarenta funções, sendo algumas do Estado, e que de todas ou de quasi todas auferia bons honorários! E é isto democrático? Não. Isto é caraterizada e profundamente monárquico. E' a fobía do sinécurismo, herdada do regime anteriôr, a esmagar as classes proletárias que não vêm ainda clarear no seu seio a luz fecundante da emancipação social.

* * *

De maneira que chegamos a esta conclusão: A República, que durante dois anos não têve ainda tempo de curar muitas chagas sociaes que a tem enfermado e enfraquecido, necessita de vários termo-cautérios que a possam sanear e fortificar por fórma a constituir um côrpo orgânico capaz de preenchêr a sua função primordial, que não é outra senão ministrar a um pôvo elementos renovadôres como preparativo duma larga libertação. Esses termo-cautérios vão-os aplicando todos aqueles que, conscios do papel civilizadôr e grandiôso que a República tem de desempenhar, aspiram á efectiva ação de todos os princípios, dos quais hão de derivar a paz, a harmonia e a felicidade do pôvo português.

Os relativos beneficios e as obras vantajosas que a República tem implantado até hoje, alcançou-os especialmente durante o governo provisório. De então para cá, ou seja de ha ano e meio a a esta parte, pouco ou nada se tem feito... a não ser a conservação de muitos êrros de que enfermava a negregada monarquia. Ora isto não faz sentido. Se em seis mezes muito se trabalhou—embora esse trabalho não tivesse saído impecável pela precipitação com que foi feito—muito mais se devia ter trabalhado em ano e meio; e o que é certo é que a história dos factos não regista esse fenómeno, antes acusa um enervamento, uma tibiêsa e um quadro de rembrandtêscos acontecimentos que se confundem com o diabólico scenário do Passado.

E' em face disto que nós perguntamos *se isto é República*, convictos de que a verdadeira, a genuina República ainda ha de fazer-se por outros processos mais conducentes ao temperamento e ás necessidades do nosso pôvo.

Se foi com balas que se conseguiu mudar a face de velhas instituições, não é com balas que se consegue implantar uma democracía modelar. Ha de ser com raios de luz que, mais tenues do que esses cilindros de chumbo com que se enriquece o nosso exercito, são contudo mais penetrantes, mais fortes e mais saudaveis do que todos os petardos engenhosamente manobrados.

Se a República se quer dignificar, impondo se ao conceito próprio e ao conceito mundial, não tem a seguir outro caminho senão este: dar instrução ao pôvo, aliada á mais perfeita e á mais integral educação; modificar os processos económicos, com factos palpaveis, que o pôvo veja bem.

Só assim irão caindo, como farrapos inuteis, todos os preconceitos e todas as crenças bafientas que ainda hoje se enraizam, como cancros minazes, no espírito rude e embrionário da massa popular.

CRÓNICA DO PORTO

Ha dias, quando a camara se reunia em costumada sessão, foi metade do Porto alvoroçada pela outra metade, que, em frente á potente *Domus*, pedia a cabeça de Xavier Esteves.

Tratei de informar-me e, de dezenas de bocas, poude colher alguns informes que vou relatar:

— Ora, o que hade ser! E' que nós não podemos consentir como mandão cá da cidade. quem afirma que um operario com 300 réis diarios póde viver á larga e sustentar familia se a tiver. Veja lá se póde sêr! E êle que acumula quarenta e tantos empregos!...

Não quiz ouvir mais. Mãos nos bolsos, cigarro ao canto da boca, eu fui-me raspando da praça aonde a multidão, bem hostilmente, gritava a bom gritar:

— Abaixo os tubarões!

De repente parei. A um canto, rindo-se da algazarra atroadora, um Max Linder erguia-se em toda a sua *pôse* de cartão. E eu ri tambem. Rimos os dois.

E era para rir, francamente, de toda essa gentinha que pedia a cabeça de Xavier Esteves que, áquela hora, estava em Lisboa tomando, talvez, o seu café, ou saboreando, quem sabe? o seu *havano* colossal.

Por um movimento instintivo de quem faz versos á Lua, ergui meus olhos e fitei os astros que começavam a surgir vivos e puros. Uma sombra negra, muito negra, andava lá no ar aos trambulhões. Julguei ser a alma do presidente da camara que já por lá andasse errando, vítima da furia popular.

Mas qual!

Era Poumet, o aviador Poumet, que na vasta sala do infinito, dava lição aos pássaros gaiteiros. Logo após, um vendedor de jornais que apregoáva a *guerra do Oriente* que estupida e ferós tanto sangue tem derramado.

Ainda não refeito de tantas emoções, senti junto de mim um estoiro de bombo que se rompe.

Era mais um transeunte esmagado pelos monstros da Carris.

Que mais me estaria reservado?... Ah! agora compreendo o riso de Max Linder: como cómico sublime, ria da triste comédia humana...

Porto, 23—10—1912.

Gomes Monteiro.

Coisas simples

Paz... na guerra

Mais faz que espada ou lança, escôpro e sérra; mais que mil arsenais, uma oficina.

Tomás Ribeiro.

O vento destruidor de Márte várre agora em ondas mortiferas a região dos Bálcans.

No adormecer brando em que parecia jazer a Europa, esse cadinho da civilisação e do vicio, abriu-se agora uma luta. Ainda não ha muito que a Russia passou por cima da autonomía da Pérsia, ainda é recente a ocupação da Tripolitana pela Itália. Porém, agora são muitas as potencias enlaçadas no jogo da guerra.

Os Estados balcânicos ruminaram durante algumas dezenas de anos a sua antipatia á Turquia, a sua sêde de autonomía integral e agora déram largas ás suas cóleras pondo-as na bôca de um canhão!

E os Congressos da Paz na Suiça? E a onda sempre crescente do humanitarismo e filantropía que sobrenadam no mar dos preconceitos das nações? Nada! E' cêdo ainda para se erguer um hino á Paz. São ainda patronos da sociedade Napoleão e Rotchild: aquêle, com o despotismo da fôrça bruta, com os sapatos dos seus soldados a calcar as plantas viçosas do terreno alheio; este, com ondas de ouro a alimentar vicios, a mercadejar consciencias.

Não; a bandeira branca ainda não póde tremular na linha das fronteiras internacionaes porque o constante martelar nos canhões da casa Krupp a fazem vacilar.

A guerra leva a devastação aonde chegue seguida pelo cortêjo das vítimas humanas imoladas. Nada mais nobre que o brio nacional a esplodir em defeza de uma pátria ameaçada; mas tambem nada mais sem razão do que as potencias de lança em riste para o território alheio.

Qual será o dia em que as lanças e os canhões se hão de fundir em charruas e enxadas?!...

Naquela peninsula dos Bálcans povoada de tantas lendas da antiguidade lavra a luta contra o grande império turco cuja cabêça ocupa um canto da Europa.

Edificára Constantino a esplendorósa Constantinópla onde, pela sua situação, as invasões passávam á róda dos seus muros sem os poderem transpôr. Porém, o tempo tudo faz; esse tempo com a sua fina ironía faz cair as ilusões da humanidade com as muralhas de Setímio Sevéro... E, passados dez séculos, essa mole de gente, esses duzentos e sessenta mil descendentes da raça urálo-altáica, com organizados exercitos de janizaros, sob o comando de Maomet II, tombam por terra o Império romano do oriente.

Com este facto um novo periodo começa na História dos povos. Fogem os sábios espavoridos levando seus arsenais de livros e antiguidades para o coração de Itália—Rôma. E d'ai irradiam as primeiras scintilações dessa grande época—a Renascênça.

E a Turquia lá ficou com assento na sála da Europa rememorando as doutrinas do seu profeta. Cresceu de fôrça e com ela a ambição e um dia o colôsso ergue-se prenhe de cubiça para essa Rôma —pátria do saber, sólio do Cristianismo.

A Europa acorda, ela que ainda não tinha esquecido o «heroi do Lepanto». De todas as nações correm valentes e não pequena gloria coube aos portuguezes no cabo de Matapan.

Agora essa mesma Turquia está em guerra; mas é prematuro qualquer juizo de vitória.

Desgraçada Humanidade que ha-de andar sempre impelida pelo som belicoso de Marte!

Qual será o dia em que os canhões se convertem em charruas e a casa Krupp em oficina de instrumentos do trabalho e da paz pois que «mais que espada ou lança faz escôpro e sérra; mais que mil arsenais, uma oficina».

Aureo Judit Amaral.

NOTA.—Já depois de escritas estas linhas, li a *Crónica do Porto*. Confesso-me agradecida a Gômes Monteiro pela sua gentileza; e até á próxima semana.

21 de outubro.

Amaral.

Além-Tumulo

Insigne mestre:

Ainda que ao de leve, eu não pósso vêr lançar lôdo sobre um tumulo frio e socegado.

Quem quer que seja o falecido, grande ou pequeno, plebeu ou nóbre, não poderia erguer-se a vir limpa-lo.

E, penso assim, após a leitura da carta do snr. José Maria Pinto Monteiro publicada no passado numero do *Dever* e que fechava désta fórma:

..... riso escarninho de Voltaire que póde divertir mas não convence nem cria prestigio.

Meu pobre Arouet! como o teu riso é hoje definido pelos homens que não lêram a tua obra e não compreendem a tua filosofia!

Desgraçado em vida e insultado após a morte!

Tu, que na Bastilha tivéste sonhos nêgros e crueis; tu, que fôste forçado a um penôso exilio longe da França que tanto amavas; tu, mestre sublime. és ultrajado por quem de ti só conhece o nome.

Tu, poéta, que na *Henriade* embocáste a tuba da gloria por sobre a Gália admirada; tu, historiador, que na *Histoire de Charles XII* tiveste a friêsa do mármore em teus trechos brilhantes e a bondade do justo em tuas apologias; tu, emfim, que fôste grande em tudo, se, após seculo e meio de repouso, podésses levantar-te, ah! Voltaire, tu ririas então, no teu riso escarninho, da imbecilidade humana.

No entanto, eu arranco á tua *Merope* o verso que bem basta para castigo de quem te profanou:

Malheureux, oses-tu, dans ta rage insolente.

Respeitos do infimo discipulo

Porto, 23—Outubro—1912.

Gomes Monteiro.

DE PASSEIO

Vimos aqui, acompanhado do filho do nosso prestante e solicito correspondente da capital, o nosso bom amigo e assignante, snr. Manoel Simões Lopes, zelôso subchefe da Pampilhosa.

VIAGENS EM PORTUGAL

Notas e Impressões, Factos e Comentários

Em viagem

Vae a gente começar uma viagem e logo são mil inquietações torturantes, múltiplas apreensões tristes. O deslocamento constante acaba por nos aborrecer, por nos cançar; e, no entanto, ha que tempo ambicionamos deslocar-nos, ir ver outras terras, outras casas, outras paisagens, respirar outro ar! Mas é assim. Prontos a partir, e é isto. Quem sabe lá se iremos partir para a morte, ou, inconscientemente, em procura de algum enorme desgosto, d'alguma infelicidade que nos torne desgraçada a vida inteira... Quem sabe?...

Logo de manhã, muito cedo, abrimos as janelas, olhamos o tempo. Está brumoso, salpicos finissimos de agua lavam as pedras negras das calçadas tão irregulares. Ao lusco-fusco da manhã nevoenta, assim molhadas, escorregadias, luzem. Pobres calçadas que não tendes a sorte das vossas iguaes das cidades progressivas. Só sois lavadas quando a Natureza o quer, mas então que lavagem sofreis, santo Deus...

Vemos as nuvens densas e negras, galgarem apressadamente as montanhas. E' verdade, quasi nos esqueciamos de que estamos no meio das montanhas; agora, da neblina libertas quasi, vemo las bem perto, e então lembramo-nos tambem que só muito longe é que os comboios, passando velozmente, rugem; á sua passagem, a terra treme, e o estrépito das suas engrenagens écôa pelos vales; o silvo agudo das suas máquinas potentes fére os ares, os rólos de fumo negro obscurecem, por momentos, o sol. E galgam montanhas, ou nelas se entranham, e atravessam planicies tão rapidamente como as nuvens no ar, tanto como o furacão.

Aqui, nestas regiões despivilegiadas de Portugal, temos nós de subir montes, descer aos vales, passar as planicies, *em pobres diligencias*, ou em tristes carros de bois; de levar dez horas, muito encolhidos a um canto, adormentados pelo monótono guisalhar dos cavalos quebrado apenas, de longe em longe, pelo estálido seco do chicote, ou, durante momentos, pela lamentosa canção que o cocheiro entôa, enfadado; de sofrer, pachorrentamente, o pachorrento andar dos bois, a quem nem o aguilhão ou o ferrão dos moscardos que lh'o enterram nos cachaços, incomoda muito.

Ah! o ranger infernal das rodas das *carripanas*, que o travão, nas descidas, aperta!...

E, lembrando nos taes torturas enervantes, obcecadoras, bocejamos; dando largas ao enfado, distendemos os braços, fortemente. Ah! Ah!... Quanto é boa a quietação, ou, pelo menos, termos um comboio á porta... um automovel... como será bom viajar em aéroplano...

Automovel poderiamos te-lo, mas o dinheiro?

E começamos a fantasiar meios de comunicação, rapidos e baratos; o peor é que não são realisaveis senão em nossa imaginação.

Entretanto, é forçoso partir. Porque chove, e porque os comboios ficam longe, e porque os aéroplanos ainda não chegaram aonde estamos, não vamos alterar os nossos projétos. E, então, a pressa de partir, apodera-se de nós. Apodera-se de nós a febre. Queremos partir já, já. A impaciencia que a demora do carro causa, aumenta. E porque se demora, vamos, a pé, pela estrada fóra, adiantando caminho. Estrada íngreme esta, donde, em compensação, tão magestosas paisagens se disfruta. Vê-se as montanhas, coroadas ainda por farrapos de neblina; espreita o nosso olhar curioso os vales, estreitos e fundos, donde rumores misteriosos chegam até cá cima, á estrada bordada de sobreiros e castanheiros. E vamos pensando em como temos viajado em Portugal; em como, nessas viagens, temos aprendido a conhecer Portugal; em como, quanto mais conhecemos, mais amamos esta terra tão linda, cheia de bucolismos enternecedores, nuns pontos; de paisagens grandiosas, cuja magestade nos assombra, noutros; de dias de imensa luz e tardes outonaes, cheias de tão suave melancolia...

E é rememorando esses bucolismos, essas paisagens, os dias de luz e as tardes serenas, os pôres do sol onde o mar canta, os poentes sanguineos contemplados das praias, as manhãs frescas e risonhas, que nós vamos vendo outras paisagens bem diferentes, outras terras, outros tipos.

* * *

Onde nos encontramos é na região norte do distrito de Leiria—no seu extremo, que, se pela divisão administrativa do país pertence ao distrito citado, pelas suas condições fisicas, mostra mais pertencer á Beira Baixa. Tambem, do ponto onde nos encontramos áquela provincia, apenas meio quilómetro nos separa...

Começamos a descer e a subir a ingreme, coleante e pitoresca estrada, ainda em via de construção, que vae de Pedrógão Grande a Figueiró dos Vinhos. Pinheiraes imensos, densissimos em alguns pontos, sobre cerros e colinas; os montes, uns cobrem-se de tojos, rosmaninhos, fétos, estevas, e, de vez em quando, rasgam os horisontes, pondo grandes manchas negras, alguns carvalhos frondosos ou verdes castanheiros; outros estão uns escalvados, arripiantes. No fundo dos ravinas, regatos, agora, no verão, com finos veios de agua, escoando-os, silenciosos; mas, no inverno, tornados ribeiros de braveza indómita, de fragoa em fragoa, espodanando, a cada instante, nas arestas agudas dos rochedos, correndo, saltando, espumando, entre penhascos ululando, lá vão a caminho do Zézere que longe não passa, e que, como todos os seus afluentes, corre, salta, espuma, redomoinha, esbraveja, estruge até lançar-se, finalmente, no Tejo — o grande rio. A' margem destes regatos, agora, moinhos silenciosos, a porta aberta, e derrancada, as mós paradas, as pás cobertas de lodo seco, a *tarára* sem grão. Ao lado, pequenos ortejos que, no inverno, a agua cobre. Ali se admira, e, comovidamente, imaginamos como será tétrica, a luta tenacissima que a pobre gente destas serranias tem de sustentar para poder ter á ceia alguma couve e uma duzia de feijões. Quanto trabalho, quanta pertinácia, quanta luta constante, atroz, com a Natureza a quem tantos chamam amiga.

Das profundezas dum vale sobem até á estrada que, agora, volteia um monte, em *zig-zags* continuos, os estálidos secos lenha que um machado corta, o rasmalhar dos pinheiros que os serradores abatem—estes ruidos repercutem-se pelo vale fóra, tomam corpo, écoando nas densas florestas de pinheiros proximos.

Lá em baixo, tufos de verdura sobre os calhaus dos leitos secos dos ribeiros; mais ortejos; aqui e ali, cabanas abandonodas, casebres derruidos, uns á beira da agua, outros nos altos dos montes.

Os cavadores começaram já a sua jornada; curvados sobre a terra, nós vemo-los, cá de cima, pequenos, infimos...

E perguntamos nós como póde viver aquela gente aquela vida tão dura, julgando-se, talvez, mais feliz e considerando cheia de venturas a sua vida quando lhes não falta o negro ão de centeio para comerem, uma acha para se aquecerem, um buraco onde lancem uma semente, que, muitas vezes, as aguas arrastarão, ou as aves devorarão, mesmo já germinada...

Quando sofrem, gemem. Nós, sofremos e não gememos; a ambição e todas as mais paixões, ruins e tempestuosas absorvem-nos, consumindo-nos a vida—enchem-nos a vida de fel.

Alguns pés de milho entre figueiraes não bastos; pelas encostas de terrenos bons mas despresados, alguma vinha avelhentada, mostra os cachos, negros ou brancos, já em plena maturação; em socalcos de terrenos, nas vertentes das montanhas, arvores frutiferas, conservadas a poder de muitos cuidados e á força de muito trabalho; nessas vertentes, a terra é sustida por paredes de pedra solta, levemente inclinadas, e, no inverno, as aguas passam e ali amontôam galhos, folhagens, frutos que o vento fero faz tombar das arvores, ervas, sementes; tudo apodrece, e assim se fórma o natural adubo que as raizes depressa aproveitam. Ha assim montes, colinas, onde a frescura é adoravel, florestas de verdura onde o socego e o silencio são beneditinos.

Em certos pontos, então, grupos isolados de pinheiros parecem sentinelas, sempre vigilentes, eternamente firmes e verdes — carvalhos e castanheiros, noutros pontos, bordejam a agua, sombreiam as estradas, ou crescem, selvaticamente, pelas ribas, onde os homens mal se seguram, nos alcantis onde ninguem chega; outros teem os velhos troncos carcomidos, e as azinheiras, os troncos agora despidos da cortiça, ensanguentados, tétricos, pavorosos, estorcegam-se pelas encostas escalvadas. Junto dos ribeiros, nos sitios frescos, a folha verde-claro dos salgueiros, casa-se com a côr escura dos castanheiros, agora, em setembro, com o fruto já a desenvolver-se, os ouriços de espinhos agudos e verde-amarelados, a crescerem entre a folhagem fresca.

Nos córregos estreitos, nos planaltos as oliveiras tristes. A giesta e as urzes crescem por toda a parte, e, uma vez por outra, aparece um campo onde centeio foi já ceifado.

Pés de vinha selvagem enroscam-se nas arvores plantadas nos socalcos, de parapeito em parapeito.

Enormes silvedos pelos valados, tristes casebres de telhados negros, paredes feitas de barro. A' beira da estrada, de curvas, apertadas, de volteios graciosos atravez de tanta montanha, em que, a cada passo, a cada curva, logo se desenha algum novo aspéto, uma ou outra locanda, paragens forçadas de todas as *carripanas*. E' para os cocheiros beberem uma pinga...

. . . . . .

Adiantamos muito. A *diligencia* chegou até nós. Subimos. Esta parte novamente. Agora é o guisalhar monótono, é o bocejo, o fecharmos os olhos, os solavancos...

Oh! os comboios, os navios, os aéroplanos!...

J. S. Torres Caldinhas.

FALECIMENTO

Faleceu no dia 20 do corrente, nesta povoação, pelas 11 horas, vitimado pela terrivel tuberculose, o nosso patricio Manoel da Silva Fernando, que esteve auzente por muito tempo no Porto.

O finado, que sempre manifestou ideias liberaes, recomendou á familia, já moribundo, que se lhe fizesse o enterro civilmente, desejo que aliás não foi respeitado, contra todas as praxes do bom senso em casos tais.

O funeral realisou-se, pois, catolicamente, no dia seguinte ao do seu falecimento, com todas as praxes do ritual.

Subscrição em beneficio duma entrevada

Escreve-nos o nosso presado assinante do Canêdo, snr. Abel da Costa Loureiro, pedindo-nos que abrâmos uma subscrição a favor de uma pobre mulhersinha daquele logar, de nome Justina Pereira que, na mais extrema das mizerias, se encontra ha mais de 3 anos tolhida, dum ataque de apoplexia.

Para a pobre doente pedimos a benevolencia dos nossos leitores, que enviarão ao *Dever* qualquer obulo com com que se dignarem subscrever.

Fica aberta a subscrição:

O Dever	500
Anonimo	200
M. M. P.	100
A. J. S.	100
A. J.	100
Joaquim da Cruz	2$000

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XXXI

Um problêma importante—O professorado primário deve compreendêr trez classes de professores?—Na nossa opinião, uma "classe" não pòde dividir-se em "classes"—Razões que fundamentam esta opinião

Não é raro encontrar-se na imprensa pedagógica quem discuta o problema das classes do professorado primário. Uns dizem que elas são um disparate, que nada têm que as justifique. Outros, pelo contrário, consideram-nas indispensaveis.

O mais interessante do caso, porém, é que os ultimos são, por via de regra, professores da primeira classe, como se quasi totalidade dos primeiros pertence á terceira. O que quere dizer que em tal discussão entra, fatalmente, um poucochinho de egoismo e amôr-proprio.

Ora eu pertenço á 3.ª classe, não sabendo mesmo se a estravagante invenção dos quadros me deixará saír dela tão cedo, e por isso ataco tambem a divisão do magistério primário em classes. Mas vamos a ver se arranjo para a minha opinião, muito radicada para que póssa ser abalada pelos aliás brilhantes escritos dos amigos Ulisses Machado e Alves de Souza, vamos a ver se arranjo para a justificar rasões de algum pêso.

Começa por ser um disparate, a meu ver claro está, a divisão duma *classe*, em *classes*. A grande familia do professorado—grande, mas não tamanha ainda como seria para desejar—é que está muito bem dividida em classes: a do professorado primario, a do professorado normal, a do professorado secundario, a do professorádo superior, etc. Porque a cada classe devem sempre corresponder funções diferentes. A cada degrau que qualquer funcionário, seja qual fôr a natureza da sua missão, sóbe—é costume corresponder uma mudança de funções. Dá-se isso no exercito; e dá-se em toda a parte—menos entre o professorado primario. O professor passa da 3.ª clsse á 2.ª, ou desta á 1.ª—e continúa lecionando na mesma escola, os mesmos alunos e com as mesmas disciplinas. Não têm, portanto, rasão nenhuma séria de existir as divisões em classes no seio do magistério primário.

Mas o estimulo?...—perguntar-me-á alguem menos reflectido. O estimulo está no acésso ao quadro do professorado normal, ás inspeções, etc., todos os professôres primários pódem aspirar a subir a esses logares, desde que sejam trabalhadôres e estudiosos. Isso compreende-se. Agora ver o meu colega, ali da freguezia visinha, a lecionar o mesmo número de alunos que eu leciono e pelos mesmos programas que eu sigo, mas chegar ao fim do mês e receber quasi o dôbro do que eu recebo, simplesmente porque o promovêram á 1.ª classe,—é que se não compreende.

E daqui ninguem me arreda.

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

POLITICA E POLITICOS

Ser politico é ainda, em Portugal, uma das profissões mais rendosas, sem nos preocuparmos com a fórma como esse negocio se exerce.

E com efeito, nós vemos que, até para se alcançar o despacho para qualquer cargo em que tenhamos, com documentos, ganho o respétivo concurso, é necessario ser politico, ter aderido a um partido ou dispor de numerosa volação que ateste á boca da urna a nossa importancia politica.

E a gente põe-se a pensar nisto, a rememorar os tempos idos, e não nos atrevemos a chegar a uma lógica conclusão em face de tanta ganancia e de tanta desorganisação como por ai lavra.

Um dia dêstes, falando com um nosso amigo, nós enumeravamos-lhe os melhoramentos indispensaveis em que pensavamos em prol da nossa terra. E esse amigo, aliás com visos de sincera convicção, fazia-nos ver a conveniencia de adesão a qualquer partido politico militante, se queriamos ver coroados de bom exito os nossos empreendimentos. Sorrimos com desdém, e, na nossa alma, a par da revolução que se operou, gerou-se tambem uma como que esperança de não ser preciso tanta coisa, porque nem tudo está perdido nêste país, ainda mesmo politicamente falando.

Antigamente ser politico era uma profissão degradante.

Os proprios politicos de hoje chamavam aos politicos de então coisas do arco da velha. Agora, eu não sei o que lhes devemos chamar a eles. E nós a imaginar que, com o advento glorioso da Republica, todos esses baixos processos se afundariam para sempre no campo generoso da moralidade...

Não. Nós não aderimos a partido nenhum, nem intenção nenhuma nos move a aderir.

Se não conseguirmos os nossos fins, é o mesmo. Ficaremos com a consciencia do dever cumprido, e as malcrenças não cairão sobre nós, mas em cima dos que, fazendo da politica um negocio e um jogo pouco airoso, se cobrem constantemente de lâma.

ALMEIDA JUNIOR.

Ainda a proposito do artigo "Monarquia ou República?"

Este nosso artigo, que deu margem a varias interpretações de estimados colegas da provincia, têve ultimamente a sua verdadeira interpretação pelo colega *Bairrada Livre* que, transcrevendo por sua vez o paragrafo que a todos serviu de pedra de escandalo, responde ao *Bussaco* com vários argumentos, dentre os quais se destaca êste que põe a questão no seu verdadeiro pé:

> O colega, afinal, nem sabe lêr. ¿Pois não repara que o que aí fica transcrito é a opinião de um espirito avançado que manifesta assim o seu descontentamento por vêr que a Republica não atingiu ainda aquela perfeição que a hade tornar uma verdadeira antítese da monarquia?

Ainda bem. Dos três colegas, *A Humanidade*, *O Bussaco* e a *Bairrada Livre*, concorrentes á hermeneutica do artigo, foi êste ultimo que ganhou o prémio.

Parabens.

REGRESSO

Regressou ha dias do Gerez, onde esteve fazendo uso das aguas, o nosso assinante do Canedo, sr. Alipio Rodrigues.

"A Via Ferrea"

Foi ha dias aqui publicado, por um dos presados colaboradores da secção ferro-viária, um artigo referente a outro que a *Via Ferrea*, orgão dos empregados do Sul e Sueste, havia inserido.

Essas considerações eram, como os nossos leitores sabem, assinadas por um pseudonimo.

Com elas nada tinha que ver a redacção d'este jornal, que lhe não fez comentarios; e para estranhar é que a *Vea Ferrea*, petulamentemente, pretenda envolver-nos em assuntos que são da exclusiva responsabilidade dos colaboradores daquela secção, que foi criada sómente para ser escrita por funcionarios dos caminhos de ferro.

E' assim, cremos nós, que tambem se procede lá por casa, e nós bem sabemos como por lá se pratica.

Justas reclamações

Uma população que reclama melhoramentos para a sua terra.—E' justo ser atendida. —Viagem á Beira.—O que nos diz um filho do Baraçal, concelho de Celorico, que o "Dever„ entrevistou.

Fômos ha dias ao Baraçal, ridente povoação que fica a 4 kilometros de Celorico e a 6 de Vila Franca das Naves, concelho de Trancoso.

A Beira Alta é, como os leitores sabem, uma das provincias de Portugal mais laboriosas, poeticas e movimentadas. Banhada na quasi totalidade da sua extensão pelo Mondego das canções Coimbrãs, á beira do qual inumeros épicos poemas se teem escrito, é a Beira Alta duma fertilidade e dum encanto de paisagem deslumbrante, onde cada pedra nos fala do passado e cada matagal em flôr das vitorias portuguezas. Achámo-nos ali, deslumbrados com o seu clima saudavel, e a nossa primeira preocupação foi avistarmo-nos com um amigo nosso, residente em Lisboa, e que os nossos leitores já conhecem pelas brilhantes cartas da capital que aqui teem sido publicadas.

O snr. Alfredo Fernandes d'Almeida está ali convalescendo. Fômos encontra-lo, despreocupado, longe do ensurdecedor bulicio dos grandes centros.

Depois do cumprimento afetuoso que lhe é peculiar, de varias considerações sobre politica, sobre diversas coisas, nós atrevemo-nos a fazer-lhe uma pergunta:

—Então, gosta d'isto?

—Pois não hei-de gostar, meu amigo. Aqui nasci, aqui vivi parte da minha primeira infancia, e isso é suficiente razão para amar a terra que me foi berço, terra aliás até agora esquecida pelos nossos dirigentes politicos, que, aferrados ás lutas partidarias, não querem saber das necessidades do povo, dêste povo hospitaleiro aqui da Beira. A monarquia esqueceu-nos, mas a Republica, estou convencido, hade lançar para cá os seus olhares misericordiosos.

—Mas o amigo a que se quer referir? Ha algum melhoramento em projeto ou já prometido e a que tenham faltado?

—Pois ha, meu amigo. Ha obras de valor tal, a introduzir em algumas povoações da Beira, e especialmente aqui no Baraçal, que será flagrante injustiça não se executarem quanto antes.

Ora veja, por exemplo, o apeadeiro do caminho de ferro, ha pouco construido para servir este povo, ali entre Celorico e Vila Franca, mas aonde param os comboios sómente quando trazem passageiros. Ora o que se deseja, o que era urgente era que a Companhia dos Caminhos de Ferro ordenasse a paragem efectiva, e que autorisasse despachos de volumes ao menos até 200 kilos.

O Baraçal, que noutros tempos foi vila, é uma terra populosa e servida por boas vias de comunicação. Na fertilidade dos seus terrenos destaca-se, por exemplo, a produção da batata, cereais e vinho, que são de farta colheita anual.

—E' então uma terra rica?—inquirimos nós.

—Rica, não. Ha outras mais ricas. Mas rica se poderá tornar, se os governos cuidarem a valer do seu desenvolvimento e economia. Precisávamos, por agora, por ser um melhoramento de grande alcance, que a estrada que vem de Trancoso, e cuja construção é duma morosidade extraordinaria, pois que tem feito cada ano meia duzia de metros, se conclua desde a Quinta do Arraial, onde ela já chega, até ao apeadeiro a que acima me referi. Depois, que rapido seja tambem o seu seguimento desde o apeadeiro até á povoação de Açores, conforme o traçado que deve existir algures. Em resumo: esta estrada, que devia na minha opinião ir até Porto da Carne, visto que parece que até ali já ha traçado e estudo feito, não se devia fazer demorar muito. O meu amigo sabe que as boas vias de comunicação entre os povos, são a base essencial do seu engrandecimento, da sua ilustração e da sua economia. Assim estariamos ligados com Trancoso e Guarda por muito mais curto trajéto.

Portugal carece de estes importantes e inadiaveis melhoramentos, para seu engrandecimento.

Mas este de que nos estamos ocupando beneficiaria sobre tudo as seguintes povoações: Baraçal, Maçal do Chão, Vilares, Minhocal, Açores, Veloza e outras.

—E esta estrada que liga Celorico com a sua aldeia?

—Olhe, foi um grande beneficio para esta terra, alcançado ha muitos anos.

—Mas parece que está abandonada, segundo me dizem.

—Pudéra. Pois se a camara municipal de Celorico lhe retirou o cantoneiro que a tratava com todo o zêlo, como quer você que ela se conserve em bom estado?

—Talvez para fazer economias, não?

—Não, senhor; o pobre homem apenas ganhava 100 réis por dia. E' bom fazerem-se economias, mas não desta natureza.

—Eu ouvi dizer ha bocado ali em baixo, á porta do estabelecimento do snr. Adriano Augusto, que a camara tratava só dos melhoramentos da propria vila, chegando até a esquecer as povoações circunvisinhas...

—E' assim. Eu estou convencido disso. Mas não me parece justo que tal se pratique, pois que todos os povos são contribuintes do Estado, e a estrada, que custou algumas dezenas de contos de réis, estará em ruinas dentro em pouco tempo. Nós confiamos entretanto na inteligencia do presidente do municipio, nosso amigo snr. Antonio Fernandes da Costa Almeida, a quem, por intermedio do seu *Dever*, pedimos que não descure os beneficios de que todos carecemos.

E como era já tarde, não quizemos maçar mais o nosso amigo, que, convalescente ainda, precisava de recolher á cama.

Despedimo-nos com um abraço, e fômos caminho da estação esperar o comboio que nos conduzisse a Pampilhoza, onde chegamos já com saudades da Beira, da velha e ridente Beira...

DE LICENÇA

Acha-se em goso de licença, tendo-nos dado o prazer da vizita, o nosso presado patricio e cooperador do *Dever*, Manuel d'Almeida Junior, zeloso funcionário da Companhia Internacional des Wagons Lits e irmão do nosso camarada Almeida Junior.

Ameaças...

Dizem-nos que o padre Larangeiro, priôr désta freguezia, estomagado sem razão com as palavras justas que outro dia fôram escritas no artigo *Conspiradôres locais?* usou de têrmos que envolviam certas ameaças para comnôsco que, a sêrem verdadeiras como crêmos, caraterisam bem a pessoa que as proferiu.

Por agora, só têmos a dizêr ao snr. Larangeiro que não temêmos as suas ameaças e as suas palavras de odio contra nós, porque nunca receámos o odio dos padres, principalmente dos que têm direito e avêsso, e que tudo quanto aqui se escreve se sustenta dignamente.

E nada mais.

INCENDIO

No dia 20, pelas 13 horas, comunicou-se fôgo a umas trez mêdas de palha que se encontravam no quintal da casa de Manuel Lameiro, filho de Joaquim Lameiro, de Vila Franca, na ocasião em que a filha deste tinha passado com um ramo de agulhas acêsas para dentro de casa. As mêdas ficaram quasi reduzidas a cinza, não tendo havido felizmente outros prejuizos materiais a lamentar, devido aos prontos socorros que imediatamente fôram prestados.

La Portugaise

A seguir publicamos a carta em francez a que aludimos no numero anterior:

Monsieur le Rédacteur

Sous ce titre, vous avez publié à la 3me colonne de la 2me page de votre journal *O Dever*, du 5 du courant un article signé par mr. Louis Belot. Des considérations que ce mr. y fait sur les libertés et droits en Portugal, on peut détacher les suivantes:

«Je suis d'avis que tout citoyen doit se découvrir quand on joue l'hymne national; mais je pense aussi qu'il devrait y avoir la liberté d'action base te toute liberté, vu que, en Portugal, il n' y a pas seulement, deux classes partidaires—républicains et conspirateurs,—mais encore des anarchistes, socialistes, antimilitaristes et autres classes qui ne recomaissent pas le respect l'hymne national.»

Qui écrit des telles paroles, prouve à plus mais, d'une manière incontestable, qu il méconnait completement ses devoirs moraux et sociaux.

Tout citoyen, quelle que soit sa couleur politique ou ses opinions religieuses, a le devoir strict, já dirai même le plus juste, de reconnaitre au symbole d'una nation le respect qui lui est dû; d'une nation qui, par sa constitution garant sa liberté individuelle et sa propriété.

Aussi simple soit-on, en comprendra que, pour jouir de tels droits civiques et sociaux il est indispensable de se soumettre aux lois qui régissent les destinées du pays. Personne du reste n'a le droit d'etre malotru.

Le français en faveur de qui mr. Belot combat ne peut en aucune manière, vu les circunstances du cas présent, ne peut, disons-nous, se couvrir par une ignorance impossible.

Bieu plus admettons même que le compatriote de mr. Belot ignora l'hymne Portugais, même alors il est inadmissible que, voyant une multitude de militaires et de civils les uns au garde-a-vous, les autres tête nue et entendend risonner à ses oreilles les notes d'une musique si émouvante qué signifie ordre et travail, il ne comprid pas qu' il devoit aussi se découvrir. Je suis bien certain aussi que, les invitations qu il recut d'avoir à se découvrir étaient accompagnées de gestes plustôt significatifs, qu' à moins d'être sourd-mouet ou fou il devait comprendre; individu pouissant pleinement de ses facultés comme aussi de ses cinq sens.

Peut être bien que si il s'etait agi, non pas de l'hymne national Portugais symbole d'une patrie libre, mais de l'hymne de l'oppression, symbole de la tirannie, ou de quelque messe peut être que le Français eu question, se serait non seulement découvert, mais aussi agenouillé même dans l'androit le plus emmonde de la capitale.

Le manque de respect vis à vis de l'ymne Portugais, pratiqué par cet individu, n'est q'une repépetition de beaucoup d'autres cas identiques, aussi devons nous dire que, jamais les mains ne se fatiguent à etriller comme ils le méritent, pareils individus.

Monsieur Belot chifonné, comme il'est natoire, qu'un de ses compatriotes ait pris quelque chose pour son tabac pour un manque de comtoisie; il avait le droit de formuler se plainte par l'intermédiaire de son consul; mais ce qu'il n'avait pas le droit, c'etait de déblatérser sur le peuple et les autorités Portugaises.

Il y a peu de temps, qu'il se le rappelle, pour un cas identique, un Espagnol du nom de Sanchez correspondant de plusieurs journaux Espagnols, fut condamné à être expulsé; s'il continue à fausser la vérité, un correspondant allemand aura le même destin que le correspondant Espagnol.

La République Portugaise n'abdique pas ses droits et n'admet pas l'ingratitude de ceux à qui elle dispen e une hospitalité si franche et cordiale.

D'autre part les lois promulguées jusque ici, ne peuvent pas être plus amplement liberales que celui et qui ne vent pas les respecter aille dans son pays être fauteur de désordre et mal élevé. Ou'il se presse a partir s'il ne veut pas que justice lui soit faite par le peuple, dans le cas d'une récidive. Le jugement porté sur un pays par rebut de la société et les instigateurs de désordre ne peut être que faux; et ce pays n'a pas à craindre que son honneur en soit Faché.

Excusez, mr. le rédacteur, l'espace et temps précieux que je vous vole.

Santé et fraternité.

Lisbonne, 9 octobre 1912.

M. Ramos dos Reis.

Pela Patria E Pela Republica

Paiva Couceiro, chefe do bando realista, deitou prosa nas gazetas reacionarias do estrangeiro, demonstrando aos papalvos de dentro do pais e aos do Brazil, como gastou a massa que lhe confiaram para sustento dos bandos assalariados que durante longos mezes se armaram nas terras da Galiza para invadir Portugal com as incursões de Outubro de 1911 e Julho de 1912. E' conhecido de todos o resultado dessas invasões.

Provaram elas sómente a incompetencia dos dirigentes, a covardia dos apaniguados e a vitória da Republica.

O procedimento de Couceiro é dum ridiculo extraordinario. Mais acertado procedimento teria tido o miseravel que emporcalhou a sua espada, se tivesse entrado num convento envergando o habito respétivo, conservando-se mudo e quedo a respeito da defesa da pútrida monarquia.

Porque ele, depois de trair a sua palavra de militar e de enlamiar a farda que lhe deu nome, de sofrer os revezes da sua aventureira demencia, ainda ousa, o palhaço idiota, demonstrar com relatorios como dispendeu o dinheiro que arrecadou, visto que outro fim não teve, além do ultraje lançado á sua pátria.

Mas os *talassas* ainda teem esperanças *em bons dias*. São eles que o apregoam, animados com o que disse ha dias o cobardóla ex-reisete, prometendo organisar uma grande esquadra dacordo com herois do seu jaez, para bombardear Lisboa.

A'lerta republicanos!

Atendendo á *valentia* do *petit jeune* e á sua *coragem*, reconhecida no dia 5 de Outubro de 1910; ao acto heroico por ele praticado na praia da Ericeira, só temos que considerar que Lisboa ficará arrasada e o Simplicio mirrado poderá entrar sem o menor obstaculo.

Grandes patifes!

Sentem que a Republica triunfa e que o povo a ama cada vez mais, e inventam todas as calúnias para a desacreditar. Mas nada conseguirão os vendilhões duma patria. Será sempre esmagada á ponta de baioneta a sua audacia de inconscientes defensores de uma monarquia de ladrões.

Proclamada a Republica, é justo reconhecel-o, todas as forças vivas da nação portuguêsa a apoiaram decididamente, a defenderão com um patriotismo e uma dedicação verdadeiramente singulares.

Contra vós, realistas infames, e contra o vosso amo encontrareis sempre a mais decidida resistencia que vos aniquilará.

Tirae a mascara de bandidos e penitenciae-vos, perante o mundo inteiro, da vossa cobardia e da vossa traição á terra que vos serviu de berço. Basta de farça.

O povo portuguez ama a Republica e saberá defendel-a das garras dos salteadores, sempre com coragem, energia e dedicação.

O contrario seria consentir num disparate improprio do mesmo povo. Consentir em tal, seria uma vilania que levaria o nojo aos corações liberaes e despedaçaria a nossa independencia.

Viva a Republica!

Lisboa.

A. Fernandes d'Almeida.

A BANHOS

Partiu para Figueira da Foz, a fazer uso de banhos do mar, o nosso presado assinante do Canedo, sr. José Augusto Agante, acompanhado de sua irmã Adelina.

"O DEVER„

E' nosso agente de venda no Porto, o sr. A. Dias Pereira & C.ª, Praça da Liberdade, 127—1.º.

NASCIMENTO

Deu ha luz uma criança do sexo feminino, no Alcáide (Beira Baixa), a espoza do nosso patricio e assinante snr. Eduardo de Almeida, funcionario zelôzo da companhia dos caminhos de ferro, em Cacem.

Anuncia-se

Que por motivo de doença ficou transferido para o dia 27 do corrente, ao meio dia, o arrendamento do Lagar d'Azenha Derrubada, á porta do mesmo lagar, a quem mais der se convier ao dono.

As condições do arrendamento serão apresentadas no acto da praça.

Inimigos e despeitados

Intretêm-se patifes de varios quilates e diversos tons a propalarem boatos e a deturpar a nossa atitude até aqui de benevola espétativa, e é para notar que, os que mais nossos amigos se diziam, são precisamente aqueles que, sem motivo plausivel e justificado, procuram agora morder-nos amesquinhando a nossa obra, correspondendo assim, com ingratidões, á generosidade e dilicadeza com que os temos acolhido aqui em casa.

Assim é que temos ultimamente recebido algumas cartas de pessoas do concelho, e uma acaba de nos chegar ás mãos comunicando-nos que o snr. vice-presidente da camara Municipal de Montemór-o-Velho tem espalhado que o *Devêr* está morto, etc., etc.

Ora nós, forçoso é confessa-lo, sentimo-nos, ainda que isso custe aos nossos inimigos, com muito mais alento do que nunca para proseguirmos na obra que expontaneamente encetámos, e se não temos defenido atitudes, isso tem obedecido a caprichos da nossa parte e por cujo facto não julgamos ninguem com direito de nos censurar.

O *Devêr* vive e viverá, cada vez com mais energia e preseverança no caminho que se propoz trilhar, e, já que assim o querem, nós vamos começar a pôr calvas á mostra, a escalpelizar á valer, para que o trigo, logicamente, fique separado do joio nesta nossa grandiosa cruzada, e para que, ao mesmo tempo, se desmascarem aqueles que, á traição, procuram a todo o transe anavalhar a obra em prol da qual com sacrificio temos trabalhado, e continuaremos a trabalhar com desinteresse, mas com a lealdade que nos é peculiar.

As cartas que temos recebido só servem para atestar que no concelho de Montemór-o-Velho campeia ainda a ponca vergonha, a intriga politica, a besbilhotice e que, para nós sermos bem olhados neste concelho, unico no genero, não devemos continuar impassiveis e mudos perante as traquibernias que se estão desenvolvendo, e assim enveredaremos por caminho oposto ao que a principio delineamos, na boa-fé, na persuação de que isto, para entrar nos eixos, não carecia de campanhas decisivas, energicas, escalpelizantes.

Mas agora damos razão ao ex-colega que se publicou na Vila de Pereira, e aquem alcunhavam de coisas mirabolantes, fantasticas, com o fim unico de o reduzirem ao silencio, maléficamente, conscientemente.

Os factos que se estão dando dão, afinal, rasão de sobra ao ex-colega, e se nós o não acompanhámos desde logo, foi porque estavamos ainda construindo os alicerces para uma campanha de saneamento moral, faltando-nos ainda dados concretos e positivos para a tal nos abalançarmos sem desdouro para a nossa causa e para a causa de todos; por outro lado, imaginavamos que não seria necessario desviarmo-nos da atitude que a principio nos impozémos, mas agora estamos certos de que a delicadeza que tem presidido á nossa orientação não está sendo bem compreendida e nem é levada em conta a nossa atitude pacifica mas aliás moralisadora e significativa.

E com efeito, o que se está passando no concelho não póde passar sem reparo, e já que nós á boamente nada conseguimos, com a agravante de estar sendo malsinada a nossa desmedida benevolencia, vamos procurar factos e documenta-los com escrupulo e prudencia, ouvindo em sucessivas entrevistas pessoas em evidencia e insuspeitas, para ver se assim nos será possivel conseguir levar a cruz ao calvario, fazendo ouvidos de mercador a latidos venenosos que por ventura procurem atingir-nos fazendo côro com os que já por ai se rósnam á boca pequena.

E assim provaremos que não está moribundo o *Dever*.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sêde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

Viuva Ismael da Cruz & F.º

Arazêde

Vende fazendas de lã, algodão, mercearias, miudezas, artigos para funerais, farinhas, sal, ferragens, etc., etc.

Para liquidar, encontra-se nêste estabelecimento um saldo de flanélas e de muitos outros artigos, que se vendem quazi por metade do seu custo.

E' aproveitar a ocasião!

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central. Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO IBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.° Arazêde, 3 de Novembro de 1912 N.° 37

O DEVER

Director — MANUEL DE MELO

Semanário Republicano

Redactor e editor — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Administradór — *ANTONIO ISMAEL DA CRUZ*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Pátria e Humanidade

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

JUSTIÇA

A maneira mais clara e mais decisiva de orientar o espirito público, atraíndo-o ao campo dos bons princípios e incutindo-lhe o amôr pelas grandes cousas, é concretizar em actos sãos e honestos, tôdo o pensamento viril e austero, profundo e equilibrado, que agita o nosso cérebro de revoltados incorrigiveis e de intransigentes demolidôres duma sociedade de mentiras, de odios e de ambições.

Se é certo o homem sêr o lôbo do homem, não é menos verdade que no concêrto de espiritos que povôam a terra, se encontram muitos cuja maneira de sêr é bem difrente da que caraterisa a maioria, que tende para um abismo de perversão moral e para uma condição de hostilidades renhidas e dissolventes. Espiritos de luz e de videncia que não têm outra preocupação que não seja destruir o que é perniciôso, corrigir o que acusa defeitos e sanear o que denuncia enfermidade — são esses os que devem procurar a vereda dos democráticos e nobilitantes principios para por ela canalizar todos os falsos de sentimento, de honestidade e de critério, todos os inimigos e todos os criminosos, todos os tarados e todos os rebeldes.

E' esta a maneira elementar de fazer justiça.

Aasim mesmo, na sua rudimentar estrutura, na sua fórmula mais simplista, não agrada esta justiça á maioria dos homens, á maioria daqueles que claudicam conscientemente no comprimento dos seus devêres e não agrada por uma natural repulsão dos bons reagentes actuando em corpos mórbidos, mas duma morbidês latente e corrosiva. Ninguem gosta de sujeitar-se aos rigôres da justiça inclemente e igualitária; e contudo, todos pedem justiça, como o cego pede a luz e o faminto pede o pão. Apenas com esta diferença: o cego e o faminto pedem para si aquilo de que necessitam; os que clamam justiça pedem-na para os outros muitas vezes sómente, por não querêrem submetêr-se á durêza da sua acção que não raro lhes póde ferir os interesses vilmente alcançados.

Se os primeiros são egoistas por instinto, os segundos são gananciosos e velhacos por temperamento. Aqueles têm a condição natural a justificar aquilo que reclamam; estes, nada tendo ás vezes que justifique os seus brados, orientam-se mais pelo interesse, pelo ódio e pela velhacaría. Pedem que façam justiça benévola aos seus méritos quiçá duvidosos, á sua autoridade talvez problemática; mas pedem, por outro lado, uma justiça nêgra, tremebunda, fundibulária, sobre a cabeça dos que, na posse legítima dum direito, condênam, livremente e nobremente, as suas palavras irritantes, os seus gestos minazes ou os seus actos perversos e destrutivos.

***

Toca este arrazoado áqueles que, vendo chegada a hora do ajuste de contas, bravejam contra tudo e contra todos, e com o ar inquisitorial de quem não acredita que possa sobrevir uma hora de justiça. Costumados a refestelar-se cómodamente, a encarar as pessoas e as coisas com o aspecto soberano dos rajás, a considerar tudo como propriedade sua e como exclusiva serventía propria, eles, esses sobas de via reduzida, duvidam que possa haver quem os contenha nos seus assomados impulsos de autoridade balôfa e de falho prestigio, e dizem á bôca pequena que são parvos, imbecis e desqualificados, todos os que pensam em coartar-lhes a liberdade de pôr e dispôr de tudo como dantes.

Sim, serão parvos esses que não olham a Justiça e a Verdade cômo palavras vãs e descoloridas de sentimento; mas o que êles nunca terão é a consciencia calejada e gangrenada cômo a têm muitos dos que surdamente vomitam ameaças e impropérios em logares escusos e portas a dentro. Disso podem ficar certos. De resto, a justiça ha de julgar a tôdos, tenham a certêza, e não se admirem das manigancias, das traquibernias, das sandices e dos desconchavos que hajam feito ou hajam dito e que aqui se possam desvendar para se saber quem são os *bons patriotas*, os *bons republicanos* e os *espiritos liberais*.

Querem situações definidas? Vão tê-las. Os abusos que se hão cometido têm sido uma afronta á nossa dignidade de caráter e á nossa consciencia de cidadãos que querem servir a Patria com zêlo e nobrêza de civismo. Para acabar com êles só ha um meio seguro e decisivo, um recurso suprêmo e eficaz: a Justiça em tôda a sua rudêza e em tôda a sua austeridade.

E' a faze imediata á tolerancia benévola e excessiva que têmos dispensado aos nossos inimigos e que dela têm abusado indignamente. Depois disto, julguem da nossa intenção cômo lhes aprouver.

Com 114 anos

No dia 25 do mez passado faleceu, com a bonita idade de 114 anos, Maria Moita Moia, de Poço Saibro, da visinha freguezia do Seixo de Gatões.

E' um caso de longevidade digno de registo.

ROUBO

Na noite de 25 para 26 do mez findo, roubaram ao snr. Manuel das Neves Boia, de Vila Franca, uma burra e algumas peças de roupa que tinha no pateo da sua habitação.

Ainda não foi descoberto o gatuno.

UM PLEBISCÍTO

PRO-MULHER

Publicamos a seguir a continuação das respostas á pergunta.

— *Que papel desempenha na nossa vida o homem a quem amámos?*

5.ª RESPOSTA

O homem que uma vez prendeu nosso coração, é sempre o tirano do nosso sentir imaculádo de pobres e indefêzas mulhéres.

Palmira Lemos.

6.ª RESPOSTA

E' o ente suprêmo das nossas aspirações e como tal a méta dos nossos desejos.

Lídia P. da Silva.

7.ª RESPOSTA

O homem a quem amámos é um anjo de candura a nossos olhos e um cínico ferós na realidade.

Cuidado!

Lionilde de Jesus.

CRÓNICA DO PORTO

Cette vie est un songe et la mort un reveil.
VOLTAIRE.

A vida... O que é a vida?

Um sonho de loucuras para o qual a morte é um crú despertár.

E', pois, natural se esmaguem semelhantes, se vêrtam prantos, se derrubem trônos.

E' justo se acumulem milhões, se amásse pão, se môrra á míngua.

E' lógico se ergam Bastilhas, se façam leis, se criem guilhotinas.

E' pratico, emfim, se cruzem armas, se troquem metralhas, se côlham louros, se vistam purpuras, se mate irmãos.

Oh! a vida, belêsa de hortaliça!...

Gosa-la? E porque não?

Aspirar-lhe os perfumes conforme a diversidade dos olfátos:

Violêtas de Parma? Rosas de Sidrah?

Essencias de rosmáno, de musgo, de trêvo, de mostarda?

Perfumes de mirra, incenso, clorofórmio?

Oh! a vida!...

Apreciar-lhe o gôsto conforme os variados paladares:

O dôce do assucar, o ácre dos pimentos, o suave dos corrosivos!

Como é bela a vida!...

Ainda ha dias, no tribunal da Relação, foi julgado um tal José de Barros que, juntamente com sua quadrilha, quiz massacrar metade da gente cá da Invicta, reconstruindo o trôno dos Braganças.

Apreenderam-lhe armas, facalhões, machados, etc., que iriam têr chorudo pasto nas carnes dos republicanos previamente indicados por cruzes encarnadas nas respetivas habitações.

E que julga o leitôr que apanhou o patife?

Calcule lá.

Dois anos de prisão corrécional, levando-se em conta o tempo sofrido que são uns treze mêses, aproximadamente!

E lembrar-me eu que a *Maria do Anjo*, uma pobre velhóta cá da terra, se encontra na cadeia, por seis mêses, pelo crime de beber a sua pinga!

E lembrar-me eu que muitos desgraçados gemem na Penitenciaria com menos culpas!

Mas, fechamos o cosmorama por onde, em tombos de pantéra ferida, a conspiração monarquica se debate no ultimo estertor.

Passamos á ex.ma camara que, na solidês de *cimento armado* do seu presidente, paréce querer cair como qualquer mortal.

Ela vacila, e, á semelhança da *Lágrima*, de Junqueiro, hade tremêr, tremêr e... cair silenciósa.

E eu vejo tudo isto e... rio á gargalháda...

Pois quê? O que é a vida?

Um sonho de loucuras para o qual a morte é um crú despertar.

Gosál-a, pois, emquanto ha tempo, que é curta, muita curta, e não permite espéras, nem demóras.

Porto, 28 de Outubro de 1912.

GOMES MONTEIRO.

Interesses do Concelho

AS ENTREVISTAS DO "DEVER,,

O snr. Armando Verão é a primeira pessoa a prestar-nos importantes declarações

Num dos dias desta semana tirámo-nos das nossas ocupações habituais e fômos, caminho de Verride, residencia deste nosso entrevistado, na ancia de sabermos alguma coisa de novo sobre os interesses gerais do concelho, importuna-lo para nos fornecer quaisquer dados que servissem de base á campanha de saneamento que, como outro dia dissémos, resolvemos encetar a bem da população concelhia.

Nós sabiamos que o sr. Armando Verão, na sua qualidade de municipe, e interessado, como nós, na escalpelisação dos actos menos regulares em que possam ter claudicado os dirigentes do municipio e outras entidades em evidencia de todo o concelho, poderia desvendar-nos tudo quanto soubesse, e por isso nos apressámos a procura-lo.

Ao apearmo-nos do comboio que nos conduziu até lá, foi ele precisamente a primeira pessoa que o acaso nos deparou.

— Oh! por aqui! — diz-nos ele com um sorriso de contentamento.

— Mal sabe o meu amigo o que aqui me traz.

— ?!

— Olhe, para evitar impaciencias digo-lhe já o que quero: Venho aqui importuna-lo, afim de me prestar esclarecimentos sobre coisas do concelho; e como préviamonte tenho a certesa de que algo de importante me poderá comunicar, por isso o escolhi, como sendo a primeira pessoa dalgumas que o *Dever* tenciona entrevistar.

— Já entendo. Quer então saber e ouvir a minha humilde opinião sobre o atual estado do municipio, não é isso? Pois bem. Ouça o que lhe vou dizer, que talvez sirva de alguma coisa. Devo, contudo, preveni-lo desde já de que me não move qualquer despeito ácerca das pessoas a que possa referir-me. E' provavel que alguem veja as coisas por um prisma diferente, mas seja o que fôr, a verdade acima de tudo.

A nossa Camara, como sabe, nada tem feito, porque está entregue ao secretario Peixoto da Silva, pois é ele quem manda e mais ninguem; mas isto já vem de tempos antigos: e continua ainda, apesar de estarmos em plena Republica

Eu publiquei na extinta *União* vma correspondencia em que ataquei de frente a questão administrativa do Municipio—que era só a verdade. Isso ia-me custando o ser querelado, no dizer do secretario e do presidente, porque, diziam eles, eu lhes chamava ladrões.

Em vista da correspondencia, o governador civil ordenou ao administrador do concelho uma sindicancia, para se apurarem responsabilidades; mas isto só para me querelarem, se eu fosse caluniador; mas só para isto.

No decorrer do tal inquerito-burla eu soube que se descobriram irregularidades feitas nas folhas do pessoal operario, indicando-se nomes de creaturas que nunca existiram, e aparecendo outras folhas de serviços que se não fizeram na minha freguesia nem em outras do concelho; e estas irregularidades já do tempo da Republica...

— E só isso?

— Não, muito mais lhe poderia dizer; mas por aqui se fica fazendo ideia do que aquilo é: um verdadeiro cáos!...

Apesar de tudo isto se descobrir, não foi ordenada uma sindicancia como estava naturalmente indicado; pelo contrario, tudo ficou como dantes, senão peor ainda...

Não temos escolas, nem estradas, e as povoações desta parte do Mondego estão isoladas da séde do concelho, privadas de todos os meios de comunicação, e as ruas das povoações concelhias estão a desmantelar-se e cheias de quanta imundicie se póde imaginar. As fontes, das quais o povo se abastece, são verdadeiros chasvascais, uma vergonha...

Pede-se um melhoramento á Camara, e de lá nos respondem invariavelmente: «Não ha dinheiro!...»

Sim, não ha dinheiro para melhoramentos do povo, que é quem paga; mas para o secretario Antonio Peixoto da Silva, o grande *tubarão* da Camara, ha, para o gratificar, a titulo de preparar o recenseamento eleitoral, a modica quantia de 160$000 réis.

— Mas isso é uma verdadeira *chantage!* estranhámos nós.

— Espere. Vae ver. Para gratificar o resto do pessoal, a titulo não sei de que serviços, foi estipulada a quantia de 90$000 réis; e ainda o Peixoto da Silva disse ao presidente, na ocasião em que lhe apresentava o recenseamento, que se não podia fazer por menos...

Como vê, é ele que se gratifica a si proprio!...

Póde isto continuar por mais tempo assim? Evidentemente que não!

Sem uma sindicancia a valer feita por creatura imparcial e recta, isto não póde caminhar na vanguarda do progresso por fórma alguma. Porque estou bem convencido de que ha lá muita podridão...

O presidente atual é homem honrado, é certo, mas é um inepto e sem inteligencia e energia precisas para se impôr ao secretario. Até creio que ainda ha de andar ás ordens deste, que é quem manda na Camara.

— Tem graça! Mas como se compreende essa inversão de funções? Isso é efectivamente grave.

— Tão grave que eu entendo ser da maior urgencia que o governo ponha côbro a um tal estado de coisas, que não póde permitir-se por mais tempo. Assim lh'o exige o povo, a dignidade da Patria e da Republica.

Assim terminou a nossa entrevista com o sr. Armando Verão, que nos pediu desculpa de não poder alongar-se em mais considerações, devido ás ocupações do seu cargo.

E nós saímos admirados, não sabendo se deviamos acreditar em tais revelações, tão paradoxais elas nos parecem.

Secção Instrutiva N.º 4

Horas d'Ocio

A preléção do Bátista

Cristianismo é a religião revelada por Cristo. Divide se em tres ramos:

1.º---A católica apostolica romana, Igreja latina ou ocidental;

2.º---A igreja scismatica ou ainda oriental;

3.º---A protestante, que por seu turno se subdivide tambem em tres ramos, que são: Luteranismo ou evangelica, Calvinismo ou Igreja reformada, e Angelicana ou episcopal.

— E'na que trapalhada de nomes que o sr. Bátista sabe e nos quer meter na mioleira! Então, decididamente, tenho de ouvir a prelenga sobre religiões, para fazer obter resposta á pergunta que lhe fiz?

— Oh! homem! Aí vai. Aí vai. Com estas interrupções temos religião para seis mezes.

---- Para mim já sobravam seis.

— Não me entendeu, sr. Inácio. Eu não queria dizer que a religião durava só seis mezes; mas que a minha pretenção sobre ela é que durava seis mezes.

— Bom. Cá estou para o ouvir.

Você queria que eu lhe falasse do... carvão. Era?

— Sim, senhor. Disso escuro, não como as vestes do Jesuita, que acompanhando-o a ele, ajudam a levar a ignorancia, a mentira, o roubo traiçoeiro e a desonra ao seio das familias; mas sim dessa cousa preta que me suja as mãos e a cara, mas que lançada ás pás na caixa do fogo produz esse calor que movimenta os comboios levando assim a toda a parte, e em pouco tempo, as pessoas, as mercadorias, os livros e as gasetas; o que equivale a dizer que leva a toda a parte os produtos do trabalho humano, quer material, quer intelétnal, e que é portanto um dos fátores mais importantes do progresso.

----Disto é que deve falar á gente; do que interessa no dia de hoje, e tambem do que ha de interessar no dia de ámanhã.

Isso de religião e suas respétivas minhocas, foi do dia de hontem. E' bem comparado como a politica. Monarquia hontem, republica hoje, socialismo ámanhã.

— Bem, bem, sr. Inácio. Já vejo que você tem ideias avançadas de mais.

Vou fazer-lhe a vontade, mas com a condição de me não falar no diacho da politica. Com ela não quero nada.

A você falta-lhe um pouco de Instrução, o que é uma fortuna para mim, senão, tinha quem me désse agua pela barba.

— Istrução, sr. Bátista! Isso, segundo ouvi ao sr. Melo, é cousa que ha pouca e má cá no país.

— Ao sr. Melo? Quem é esse sr. Melo de que já me tem falado?

— E' um professor da minha terra, muito considerado e sem favor pelo que sabe e pelo bem que ensina.

— E' curioso isso! Não conheço, mas isso não vem para o caso.

O que dizia ele então?

— Dizia que o progresso e a felicidade dum povo, provém da escola e só da escola.

Que os governos e o povo devem bem pagar e muito considerar os professores, pois que eles, transmitindo o que sabem, transformavam o homem-besta, e portanto cativo pelo motivo da sua ignorancia, no homem consciente e livre, e os povos selvagens em povos civilisados e tambem livres.

Que os programas e livros devem ser modificados, pois estavam feitos por uma forma, ou estupida ou criminosa.

Disse tambem que a instrução primaria, base do grande edificio do saber, era de todas as partes do ensino a que mais atenções precisava, pois que sendo má, tem tambem de ser má a continuação do estudo.

Até disse: construam um predio sobre alicerces de algodão em rama, e vê-lo-ão baquear.

Por ultimo, aconselhava a que mandassem os filhos á escola e a que assistissem a preléções, e foi por isso que o vim ouvir.

— Está bem.

— Olhe, sr. Bátista. Li nos jornais que tem feito ultimamente mau tempo em certos sitios, e que até têm havido tremores de terra. Era favor, se antes de me falar do carvão, me falasse dos tremores de terra, dos trovões, dos relampagos, do vento, e de tudo isto que aflige nesta época do ano.

— Bom. Seja feita a vossa vonrade assim...

— Assim, o quê? Lá está o sr. Bátista a puchar para a carolice.

— Não. Assim... principiaremos, é que eu ia dizer.

Figueira da Foz, 22 | 10 | 912.

(Continúa)

M. E.

Estação telegrafo-postal de Montemór-o-Velho

Uma situação crítica

Parece que as estações superiores estão abusando em demasia da triste situação em que se encontram algumas estações telegrafo-postais, cujos encarregados ou chefes, com a falta de pessoal e elementos para bem desempenharem a sua missão, se vêem a braços com dificuldades várias para dar cumprimento a todos os seus compromissos de maneira a agradarem simultaneamente ao publico e á respectiva Direcção Geral.

Assim, por exemplo, nós vimos de constatar essa falta de elementos, na estação telegrafo-postal de Montemór-o-Velho, a despeito do zelo e boa vontade da pobre encarregada, á qual é inteiramente impossivel desempenhar-se bem da sua missão, precisamente por falta de elementos e de providencias que urge dar nesta conjuntura, tanto mais quanto é certo que o serviço tem duplicado ultimamente, o que será facil verificar pela nota do ultimo periodo estatistico do serviços dos correios.

As nossas reclamações pela divisão dos serviços por uma estação similar a estabelecer nesta localidade impõem-se e justificam-se agora perante as necessidades incontestaveis que deixamos entrever resumidamente nestas simples linhas.

E' para lamentar que uma só criatura tenha de atender uma população numerosa como é a do concelho de Montemór, e por isso esperamos que a remodelação a fazer se não se retarde por muito tempo para normalisar esta situação bem pouco airosa e regular.

Coisas simples

Considerações

A vaidade é apanágio do genéro humano e, segundo o parecer de um santo qualquer com certeza entendido no assunto, só acabará um quarto de hora depois da morte do ultimo homem (ou mulher). E' uma dama que, como anda ao sabôr de todas as modas, tem um grande cortejo de servos e servas...

Julgo que cada pessoa tem uma dose de vaidade inversamente proporcional ao seu mérito: quanto menos competencia quanto mais vaidade. Ora eu propuz a mim própria, como pertenço ao numero dos menos competentes, cultivar afincadamente a humildade para combater esse segundo termo da proporção apresentada.

Por isto mesmo as palavras elogiósas de Gomes Monteiro não me envaideceram, mas fizeram-me conhecer que tiveram algum éco as minhas ligeiras considerações ácêrca de factos correntios que vamos observando. A par déssa critica outras terá havido contrarias o que me não molesta. A critica nos nossos dias como em geral a de todos os tempos nunca é imparcialidade porque não ha pessoa alguma extremamente equilibrada que possa sêr o fiel da opinião humana. Escreveu Peres Escrich: «Livrai-vos de sêr actor ou escritor porque então toda a gente se julgará no direito de vos ameaçar com o escalpelo da critica».

Na verdade, nós sômos de indole tão preguiçosos que precisamos de palavras laudatórias para nos encorajárem na campanha do Bem.

Actuam fortemente na sociedade duas correntes; uma, a mais numerosa, a dos egoistas e indiferentes fazendo da avarêza norma que encáram com insolente altivez o humilde, o infeliz; outra, e que passa por uma serie de boémios, os «doentes de alma», os que não pódem encarar indiferentes os rasgões dados pela adversidade no individuo, ou a violencia do mando usada pelo poderoso sobre o desprotegido, sem sentir revoltar-se a sua alma, sem sentir ultrajada a solidariedade! Mas são poucos os Basedow e os Tolstoï.

Para fazer o equilibrio na sociedade — quando será possivel? — era mister uma intensa propaganda moralizadora tendente a corrigir os vicios inveterádos. Eu sei que o termo «moralizar» anda hoje muito desvirtuado; porém nada tem de retrógrado, antes sim de avançado, de revolucionario contra a barreira dos egoistas.

Não é preciso ir ao âmago das religiões procurar fórmulas; muitas nos teem dado os filósofos: empiristas como Spencer que julgam a moral o resultado da experiencia, Kant julgando-a a razão prática, ou ainda a moral do sentimento com Adam Smith ou Jacobi. Porém as fórmulas universais cheias de verdade basta reúnil-as naquelas duas frases: «Não faças aos outros o que em igualdade de circumstancias não querias que te fizessem» (deveres de justiça); «faze aos outros o que em igualdade de circumstancias querias que te fizéssem» (deveres de solidariedade).

Sem o verdadeiro cumprimento de cada uma não haverá ordem e sem ela progresso perfeito.

Decerto não escrevo crónicas moralizadoras porque os poucos anos negam-me com a falta de experiencia a autoridade, assim como a leveza de conhecimentos adquiridos me não dá envergadura mental.

Mas contribua cada um consoante as suas forças para a regeneração das sociedades e o progresso dos povos. Parece-me que è tambem esta a opinião do meu visinho Gomes Monteiro (chamo-lhe visinho apesar de o não conhecer pessoalmente visto ele escrever do Porto e eu de muito proximo). E, a ser assim, teremos prestado o nosso concurso para a carreira do aperfeiçoamento social.

29 de Outubro.

AUREA JUDIT AMARAL.

A proposito do livre-pensamento

Sucinta resposta ao snr. Almeida Junior

III

A TÉSE DO LIVRE-PENSAMENTO. ACLARAÇÕES NECESSARIAS

Do que escrevi no ultimo numero resaltaria, com a evidencia esmagadora da lógica mais insofismavel, na mente do amavel livre-pensador snr. Almeida Junior, a certeza de que em presença da verdade uma vez encontrada, não ha liberdade de pensar. E' a filosofia, é a arte, é a historia, são as sciencias, a razão e o bom senso que o demonstram iniludivelmente. O livre-pensamento é absurdo na sua essencia e no seu nôme.

Pensando bem e sem preferencias por qualquer opinião preconcebida, chega-se á irremediavel conclusão de que, em ultima análise, o homem não tem liberdade psicologica de pensar; o pensamento, a razão não é indiferente perante a verdade que irrádia no nosso mundo interior, adére-lhe forçadamente. E isto é tão real, e a paixão cega e inelutavel da verdade é de tal fórma a carateristica do homem equilibrado que, ainda quando a experiencia falha ou o raciocinio se desvaira, êle adére á verdade aparente ou subjetiva que lhe povôa a mente, como a limalha de ferro ao iman que a atráe.

Ser-me-ia facil ainda argumentar com lições de coisas tiradas da vida real.

Qualquer espirito divertido e satírico organizaria uma comédia ou até uma opera-bufa, recheada de scintilações picarêscas, sob o titulo de — *O Pensadôr... á Fôrça.* Bastava ter a arte de imitar *Molière.* Era uma questão de senso artistico.

Mas, emquanto não aparece engenho que queira entregar-se á confêção de tal peça teatral que com as suas situações até ao adversario faria rebentar os cós das calças, se não sofrer de hipocondria, vá um simples exemplo elucidativo: Eu vivo no Marco de Canavêses e o adversario vive, suponhamos, em Arazêde ou na Pampilhoza. Que diria eu do adversario se me afirmasse, em homenagem á sua decantada liberdade de pensamento que quem vivia no Marco de Canavêses era V. Ex.ª; e que diria o adversario deste seu humilde creado se eu, como livre-pensador da ultima hora, lhe pretendesse insinuar que quem vive na Pampilhosa sou eu?...

... Naturalmente lamentava. E em todo o caso eis uma consequencia a que nos induziria o livre-pensamento sem limites que venho condenando.

Mas prosigamos... *Time is money.*

Nesta altura, para aclarar ideias e quiça para prevenir inuteis objeções baseadas em possiveis mal-entendidos, convém ter bem presente que não se deve confundir a *liberdade psicológica* de pensar, que eu com a experiencia, a razão e o bom senso contesto em tése com est'outras liberdades realmente distintas daquéla e entre si---- a *liberdade de investigação scientifica*, que perfilho com todas as véras da minha alma e a *tolerancia* ou liberdade civil de todas as opiniões sinceras.

Esta ultima queria eu vê-la realisada na minha patria, onde ha tantos anos temos instituições democraticas e ha outros tantos desconhecemos o ideal democratico na sua purêza. E' que se eu e o adversario na nossa polémica, todo o homem convicto é doutrinalmente intolerante, no sentido de que procura convencêr os antagonistas, emfim apostolisa o seu ideal com o fim de crear prosélitos—e quem ha-de negar esse direito?! — praticamente o cidadão e o estado devem respeitar a manifestação de toda a opinião sincera. Eis a tolerancia civil. A liberdade de investigação scientifica é tambem uma reclamação da sciencia.

(Continúa).

Marco de Canavêses, 23 de Outubro de 1912.

José M. Pinto Monteiro.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XXXII

O último arrôto dum jornal insular—Transcendente hermeneutica—Ex-pensiotistas e notas interessantes—Reclamações pechosas

Suspendeu, ha pouco, a sua publicação uma fôlha quinzenal dirigida por um inspector escolar das ilhas adjacentes. Era um proprietario de alta sciencia pedagógica—tam alta, que não raras vezes nós, os seus leitôres, nos viamos gregos para lhe chegar. Pois o jornalzinho não pôde morrer sem dar que falar de si. Ou antes, o seu redactôr não pôde passar sem se meter com quem com êle se não importáva, simplesmente porque viu as barbas de alguns visinhos a arder.

Foi o caso que, em face dos ataques que ultimamente têm sido dirigidos a algumas autoridades escolares por élas exorbitárem das suas delicadas funções, o referido jornal vem esboçar um gesto de defesa, o que lhe não ficáva mal, e falar em disciplina, reclamando a intervenção «dum inspectôr de circunscrição, dum directôr geral ou dum ministro do interiôr, para acabar com éla, o que pessimamente lhe ficou.

Indisciplina! Mas então o que é a disciplina para o senhor inspectôr? Que entende por essa palavra o defensôr das Mendonças, Ladeiras e outros? Os professôres primários, conservando-se mudos e quedos antê os vexames e prepotencias dos seus superiôres hierarquicos, é que dão prova de disciplina? Pelo contrário, queixando-se, reclamando, levantando a voz contra os seus algôzes, são indisciplinados? Só se isto constitue tambem um problema de transcendente pedagogia, acessivel apenas ao espirito priveligiado de qualquer expensionista do estado.

A propósito de ex-pensionistas. Têmos entre os nossos apontamentos algumas notas que se reférem a um, que estêve em certa república muito falada. Talvez ainda nos resolvâmos a revê-las e a aproveitá-las, porque élas são na realidade interessantes. Tambem a *Escola Primária* se refére a certos números dum jornal que se publicou na séde do circulo do inspectôr em questão e que lhe cantou devidamente as virtudes e mais partes. Contos largos, com que nós nos não importariamos, se o extinto jornalzinho—que a terra lhe séja leve! —não viésse reclamar, com tôda a desfaçatez, mais perseguições contra as vítimas do ódio reacionário de certos tartufos, que, em hora má, a República pôs á frente de alguns circulos escolares.

Ao menos que fique de emenda a quem déve ficar. Defender a honra do convento não fica mal a ninguem —mas só quando a defêsa é possivel e feita em termos. O contrário é mais que deprimente: é odiôso.

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

CORRESPONDENCIA

Recebemos uma carta do Baraçal (Celorico da Beira) que por falta de espaço só póde ir no proximo numero.

A PORTUGUÊSA

Recebemos mais a seguinte carta, a que damos publicidade sem comentarios, visto que ficam de pé as nossas considerações de outro dia:

Sr. Redactor do «Dever»:

E' habito meu, quando tenho de referir-me a qualquer assunto, faze-lo por uma só vez, para cujo fim me esforço o mais que posso no sentido de ser tão claro e justo quanto m'o permitam o equilibrio da minha sensibilidade mental e a rasão humilde de que disponho, procurando antecipadamente e por esse mesmo motivo, saber se as pessoas a quem me dirijo cultivam, como eu, o gosto pela Verdade.

Assim foi que, com a maior satisfação, escrevi a V. a carta que se dignou inserir no numero 35 do «Dever», referente a hinos nacionais,----voltando a ocupar-me do assunto devido ás considerações que, a seguir, acompanharam essa minha carta e tambem pelo merecido conceito que faço da pessoa que escreveu essas considerações, importante elemento com o qual conto para definitivamente se ficar sabendo para qual dos lados pende a rasão, pois só assim se póde dar por bem empregado o tempo gasto em colocar as coisas no seu devido logar, aproveitando

a todos que uma das partes se confesse vencida, sendo muito do meu agrado quando é a mim que isso sucede.

* * *

O hino duma nacionalidade, desde que não tenha nascido com a propria Patria, é a bosofienta gabarolice do triunfo do maior numero, condensada e reproduzida em notas da escala muzical.

Esse mesmo hino, exibido repetidas vezes, de surprêsa, na via publica, constitue uma afronta impertinente para o derrotado menor numero, visto ser a via publica pertença de todos os cidadãos que constituem a nacionalidade.

Já não assim, tanto a rigor, quando tocado em actos oficiais, onde antecipadamente se supõe que possa ser executado, suposição que póde beneficiar a quem não queira ouvi-lo com o respeito que lhe convencionaram os do maior numero, tendo então estes o direito de expulsar do recinto---- mas só expulsar---- o irreverente e atrevido intruso, concedendo-se-lhe todavia honras e atenções de adversario,---- porque, ser valente sem nobrêsa, é ser tudo e mais covarde!

Logo:

Entre a impertinencia afrontosa do forte, que póde até ser considerada uma provocação, e o facto do fraco não cumprimentar respeitosamente essa afronta, o que significaria nele indigna ausencia de caracter,---- de que lado fica a justiça?

Vamos, que a luz da sacratissima Rasão ilumine a Verdade!

E digam se, depois da afronta, ainda se póde achar bem feito ir-se até á intimação seguida de agressão ao fraco, o qual certamente andou mal, segundo as regras da cortesia, mas tendo já os outros andado mal primeiro, segundo as mesmas regras. Porque, como já disse, ser valente e forte sem nobresa, é ser tudo e mais covarde.

E tratando-se de estrangeiros... Que diabo, eu creio que não póde ficar bem aos donos da casa censurar---- quanto mais intimar ou agredir!---- uma visita que ignore ou tenha esquecido, ainda mesmo quando propositadamente, qualquer dever de delicadesa para com eles.

Quando se compreênde que um hospede é indigno do acolhimento que se lhe dispensa, manda-se acompanhar até á porta por um creado.

E quanto ao facto, aliás muito corrente, de se dizer a qualquer estrangeiro que nada tem aqui que fazer, que vá para a sua terra, etc., etc., é preciso que, quem isso disser, tenha o bom senso de se lembrar primeiro de quantos milhares de concidadãos seus seguem anualmente para paizes estrangeiros, onde certamente não desejará que se lhes diga a mesma coisa. Isto emquanto sobre as fronteiras, por serem a base de todas as desgraças humanas, não caia a maldição do Progresso!

Lisboa (Bemfica), 26 | 10 | 912.

LEOPOLDO TORRES FERNANDES.

Ferro-viarios de Portugal

A redacção do *Devér* escreveu-me estranhando o meu silencio. Eu sei que cometi uma falta não participando o motivo, aliás ponderoso, infelizmente para mim, do meu silencio.

Mas motivos de doença me têm inibido de mandar as minhas cartas habituais.

Eu sei que elas não fazem falta, porque os leitores desta secção passam bem sem os meus arrazoádos; mas comprometi-me a escrever com frequencia, e já lá vão passados alguns n.os sem eu dizer qualquer coisa.

* * *

Lavra pela Beira Alta, ao que parece, entre o pessoal da linha, geral descontentamento. Nós, que conhecemos as necessidades dos nossos camaradas daquela linha, sentimos, com desgosto, que não haja quem pônha côbro a uma tal situação.

Ha dias falámos aqui, na capital, com alguns dos ferro-viarios da Beira Alta que vão emigrar para os caminhos de ferro do Lobito, onde, a pár duma administração honesta, preside um criterio dirigente a todos os titulos louvavel, e por eles soubémos que os pobres fnncionarios, sem elementos para caminhar, se acham na mais dúbia das situações profissionais.

Por outro lado os dirigentes, que se arrogam certa autoridade e intangibilidade, dizem á bôca cheia que não são êles os verdadeiramente culpados do desgôsto que inváde os pobres trabalhadores nossos irmãos em infortunio.

Seja como fôr, tal estado de coisas não póde, não deve prolongar-se por mais tempo, porque o exige não só a moralidade como os bons principios de educação colétiva.

Todos os que trabalhâmos árduamente durante longos ânos da nossa atribulada existencia, temos o direito de, no fim de longo periodo de labor, repouzármos tranquilos á sombra de qualquer remuneração condigna que nos póssa pôr a salvo de dificuldades economicas.

De ha tempo a esta parte que nós presenciâmos quanto desgôsto avassála aqueles nossos irmãos de trabalho, e forçôso é constatar que êles são, por via de regra, os que mais sofrem e os que mais se sacrificam pelo bom desempenho do seu inglório mistér.

Bordâmos estas considerações, não porque nos môva qualquer interesse, mas porque nos peza que êles trabalhem sem terem a certeza do seu futuro no dia de ámanhã.

Temos, entretanto, fundamentadas esperanças de que tudo se normalizará a bem de dirigentes e dirigidos, e saberemos esperar.

BELMIRO.

DE PASSEIO

Vimos aqui os nossos amigos e assinantes, snrs. Manoel d'Oliveira Junior, da Figueira da Foz, Manoel Teixeira e Alfredo Nunes David, de Gatões.

Uma visita á Penitenciaria de Coimbra

Os presos são criaturas ignorantes.—A irresponsabilidade dos seus actos.

Movidos por um natural impulso de curiosidade, nós fômos visitar, um dêstes dias, os presos politicos e não politicos que se encontram na Penitenciária de Coimbra, sob a átiva e permanente vigilancia das autoridades da Republica. Uns estão julgados, outros esperam, resignados, a hora oportuna em que a justiça se pronuncie contra ou a seu favor.

Acompanhou-nos o nosso patricio, snr. José Mauricio d'Oliveira, que amavelmente nos apresentou ao ilustre director daquele estabelecimento penal, o senador Dr. Pires de Carvalho, a cujo criterio politico e administrativo a Republica muito deve.

Depois de percorrermos, todos três, as várias dependencias da Penitenciaria, e de me mostrarem meticulosamente todos os pontos interiores do sombrio e lúgubre casarão, as impressões que colhi são de tal maneira profundas e confusas, que eu não posso descrever nitidamente tudo o que vi e senti, de tal modo me impressionou todo aquele scenario triste de lamentações e coisas várias, onde uma grande parte da humanidade passa os torturantes dias da sua existencia como prémio aos delitos cometidos, delitos muitas vezes filhos da desmedida ambição e outras vezes de verdadeiras aberrações da natureza.

Depois de termos percorrido quasi todas as divisões e visitado grande numero de célas, abeiramo-nos duns desgraçados presos politicos, de côr pouco saudavel, barba e cabelo mal cuidados, aos quais dirigimos estas ligeiras interrogações:

—De que terra são os senhores?

E êles, olhando-nos espavoridos, desconfiados, respondem a mêdo, quasi por entre os dentes:

—De Celorico de Basto. meu *xinhor*.

—Então os senhores estão aqui por terem conspirado contra a Republica, não é verdade?

—E' verdade, *xinhor*. Fômos uns parvos.

—Mas os senhores tinham a consciencia do que iam fazer, quando se encorporaram no grupo dos couceiristas?—perguntámos.

—Isso sim! respondeu do nosso lado o snr. Mauricio de Oliveira, como que interpretando a resposta dos pobres imbecis sem noção de direitos nem deveres civicos, dos pobres inconscientes criminosamente arrastados por tartufos que a Patria, a seu tempo, julgará implacavelmente, — isso fôram todos arrastados pelo padre da freguezia.

—E' verdade, *xinhor*, é verdade. Tem *vocelencia munta rezão*. Foi *ixo* mesmo. Aquele *can danádo* do padre *metei-nos* nêste mólho de broques e *raspouxe*. Era ele quem devia estar aqui, o *alma do diábo*. Nós iamos para onde ele nos *mandaxe*. *Axim* como fômos contra a *repuvlica* a mandado daquele *can danádo*, *tamem* iamos contra a monarquia, se por *inzemplo* um *chefre repuvlicano* nos *mandaxe*.

—Se agora vos dessem liberdade, não se metiam noutra?

—Não *xinhor*, não. Um *mésito* de prisão correcional já era bastante, contado o que já temos.

* * *

Retirámos. E eu, confesso-o, vinha tristemente impressionado, por vêr que naquelas celas se estavam estiolando energias e perdendo braços robustos que a agricultura, definhada, está reclamando com insistencia tanto mais notavel quanto se atravessa uma crise agricola verdadeiramente assustadora.

Porque estes presos politicos são dignos de comiseração tanto mais justa quanto está provada a sua irresponsabilidade moral perante o crime de que são acusados.

Outro tanto não dizemos dos seus chefes, dos cabeças de motim, que tiveram a esperteza de se pôr a salvo.

Saimos da Penitenciaria, e, cá de longe, lançámos para o velho cazarão como que um olhar de tristeza, lamentando o atrazo em que ainda nos encontramos a ponto de ser precisa a existencia duma prisão daquela natureza para conter os impetos de criaturas degeneradas e obcecadas por falsos preconceitos embrutecedores.

Dali fômos caminho da Universidade. Era domingo e as aulas, nesse dia, ali como em toda a parte, não funcionavam.

Atravessamos os claustros historicos que jaziam em imensa solidão, num silencio sepulcral, e fômos dar ao aprazivel Jardim Botanico.

Transpirava-se já um ar de liberdade consolador. E nós, olhando comovido a Universidade ali proximo, faziamos intimamente o confronto dêste estabelecimento pelo qual inolvidaveis notabilidades teem passado, com o estabelecimento penal que acabávamos de visitar, e dissemos baixinho, de nós para nós: — Num lado impéra a Treva que degrada e torna desgraçada a humanidade. Do outro, aqui bem perto, evola a Luz em toda a sua pujança de libertação e Progresso.

E' que é grande a diferença entre Universidade e Penitenciária...

Porto, 23 de outubro de 1912.

M. D'ALMEIDA JUNIOR.

POVO SOBERANO

Em tradução do sr. Luiz Leitão, ficámos conhecendo o seguinte trecho de Aimé Martin, publicado sob o titulo: *Povo Soberano*. Muito bem ele se póde adaptar ao criterio do povo português:

«Não é a industria, nem a sciencia, nem as maquinas, nem os livros, que podem fazer feliz uma nação.

Evidentemente todas essas cousas teem a sua utilidade e o legislador deve pôr o seu maior escrupulo em as propagar e multiplicar.

Se, porém, contentando-se de haver fomentado o desenvolvimento da inteligencia---essa porção terrestre do homem---ele se esquecer de fomentar o desenvolvimento da alma, pelo qual se confina com a divindade, em logar de um povo ditoso ele não verá em torno de si outra coisa que não seja uma multidão inquieta em suas paixões, sem freio, uma multidão preocupada em satisfazer a dupla necessidade de se *elevar* e de *saber*, sem aliás conseguir nem uma nem outra coisa.

O legislador deu-lhe por supremo destino a terra; ela ai se estabelece, no meio das opulencias e das voluptuosidades que esgotam.

Porque não lhe haveis aberto antes o caminho da moral?

A alma humana ficar-vos-ia grata por haver alfim encontrado o objéto dos seus anelos, o termo dos seus desejos.

Tudo o que tranquilisa o coração, tudo o que engrandece a humanidade nos vem do alto.

Quereis a felicidade, quereis o poder? E' no culto da moral extreme que podereis encontra-lo. *O povo mais instruido, se acaso não é simultaneamente o mais moral, não conseguirá ser um povo soberano.*»

J. FONTANA DA SILVEIRA.

DOENTE

Passa um pouco melhor dos seus incomodos o nosso querido colaborador Alfredo Fernandes d'Almeida, zeloso funcionario superior da companhia portuguêsa de caminhos de ferro.

Folgamos com o pronto restabelecimento do nosso amigo.

NA ESTANTE

A Estrela de Ouro (conto para creanças), por Maria Pinto Figueirinhas.—Depositario: Lopes & C.ª, Porto.—Preço: 40 réis.

A Religião e o Ensino do Povo, por José Agostinho.—Depositario: Idem.—Preço: 50 réis.

A Nova Sciencia de Curar pela Naturêsa, por Angelo Jorge.—Depositario: Idem.—Preço: 100 réis.

Tais são os livrinhos que acabamos de receber da Casa Editora Figueirinhas. O 1.º é um interessante conto, baseado no maravilhoso, que tanto prende a curiosidade das creanças, e que cativa pelo entracho da narração. O 2.º é um fasciculo de propaganda popular que contêm muitas verdades, mas onde á mistura se encontram muitas mentiras que trescalam a misticismo tão peculiar já ao espirito do Zé Agostinho. O 3.º, finalmente, á um fasciculo de propaganda naturista que ensina a conservar o bom funcionamento do organismo animal pelo emprego do sistema Khune. Qualquer deles é barato e serve para desopilar.

Agradecemos os exemplares oferecidos.

Através da Vida, por Alvaro Mendes.—Livraria Editora: França & Arménio—Coimbra.

Os arrojados livreiros França & Arménio, que teem sabido conquistar as simpatias do publico ledor pelo esmero, correcção e relevo que pôem em todas as edições da sua casa, uma das primeiras da provincia, acabam de lançar no mercado uma obra em verso do sr. Alvaro Mendes, individualidade desconhecida no nosso meio literario, mas com garantias para vir a ser alguem, se não afrouxar na sua marcha de estudo e aplicação. O *Através da Vida* não é, portanto, uma obra de fôlego, porque lhe falta em muitos versos a levêsa do ritmo e a elevação do pensamento, mas é com certeza uma obra apreciavel por ser escrita em diferentes fases da vida do autor.

Aos nossos bons amigos França & Armémio agradecemos a oferta de um exemplar.

FALTA DE ESPAÇO

Mais uma vez ficam de fóra, por este motivo, o folhetim e outros originais.

No proximo numero regularisaremos a publicação de todo o original que temos em nosso poder, crentes de que os nossos presados leitores desculparão as involuntarias faltas que tem havido.

Nota estatistica da estação postal de Arazêde, durante o periodo de 1 a 28 de outubro de 1912

Correspondencia recebida e franqueada

Do territorio da Republica: 673 cartas, 540 bilhetes postais, 909 jornais, 159 impressos, 3 manuscritos, 6 amostras e 5 cartas não franqueadas. Do estrangeiro: 222 cartas, 7 impressos e 12 amostras.

Correspondencia expedida e franqueada

Para o territorio da Republica: 461 cartas, 386 bilhetes postais, 2:102 jornais, 11 impressos, 2 manuscritos e 6 amostras. Para o Ultramar: 3 cartas, 1 bilhete postal, 51 jornais, 2 manuscritos e 2 amostras. Para o Estrangeiro: 205 cartas, 1 bilhete postal, 224 jornais e 2 amostras. Posta interna: 16 cartas.

CAIXA ECONÓMICA POSTAL

Uma obra patriótica

Meio de constituir um pequêno capital

Por decreto com fôrça de lei criado em 24 de maio de 1911, são estabelecidas em todas as povoações *caixas económicas* com sêde nas estações telégrafo-postais, telefono-postais ou simplesmente postais do continente e ilhas adjacentes. O fim destas *caixas* é altamente benéfico, cômo são o de tôdas as caixas económicas, pois facilitam ás classes mais humildes um meio eficaz de juntar um pequêno capital sem sacrificio sensivel. Basta para isso que cada pessôa que deseje fazêr o depósito de qualquer quantia se apresente na estação do correio da localidade e entregue o minimo de *200 réis* em moeda ou estampilhas das taxas de 5 a 25 réis, sendo nêste caso as estampilhas coladas em boletins que são fornecidos gratuitamente em todas as estações.

Os depósitos nunca pódem sêr superiôres a um conto de réis por ano ou três contos na totalidade.

Qualquer quantia depositada vence o juro de 3 por cento ao ano.

Eis uma grande vantagem que não se encontra nos mealheiros que cada um possa têr em suas casas. Qualquer pessoa póde pôr todos os dias ao canto da gavêta a quantia de 5 ou 10 réis, mas nunca dela receberá juro, ao passo que na *caixa economica postal* alguns réis a mais encontrará no fim de cada ano.

O juro vencido e não recebido é todos os anos capitalisado.

Toda a pessoa tem direito a uma caderneta onde ficarão inscritas todas as operações. As mulheres casadas tambem podem pedir cadernetas e depositar quantias, sem autorisação dos maridos; e igualmente os menores, sem licença dos pais ou tutôres. Tambem é permitido fazêr depositos a favôr de terceiros.

Os reembolsos das quantias depositadas podem fazêr-se parcial ou totalmente, respetivamente depois de 15 e 30 dias, após o primeiro reembôlso.

Aconselhamos os nossos leitores a que depositem qualquer pequena quantia na *caixa económica postal*, pois os pequenos lucros que daí derivam são garantia bastante para um quinhão maior na velhice.

ANUNCIOS

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

ANUNCIO

PARA os efeitos legais faz-se público que no dia 14 de Setembro ha-de ser arrematado em hasta pública á porta da sala das sessões da Camara Municipal o aforamento das glebas do terreno baldio no bairro da Ermida, requerido por Ana Marques, viuva.

Montemór-o-Velho, 24 d'agosto de 1912.

Albino de Noronha.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
TELEFONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

Viuva Ismael da Cruz & F.º

Arazêde

Vende fazendas de lã, algodão, mercearias, miudezas, artigos para funerais, farinhas, sal, ferragens, etc., etc.

Para liquidar, encontra-se nêste estabelecimento um saldo de flanélas e de muitos outros artigos, que se vendem quazi por metade do seu custo.

E' aproveitar a ocasião!

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218
FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne. Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central. Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

MURALINE Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle,,

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.° Arazêde, 10 de Novembro de 1912 N.° 38

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Como êles se iludem!

Ha gente que tem visto nas nossas palavras, quando discutimos os actos políticos dos dirigentes dêste país, um como que despeito mal contido, uma nova faze de evolução do nosso espírito.

Não. E' necessário que ás nossas considerações seja dada a devida interpretação, tanto sob o ponto de vista político, cujo credo não admitimos que ninguem nos ponha em duvida, como sob o ponto de vista social, cuja visão é, da nossa parte, bem clara e defenida.

Queremos que se caminhe depressa, que se corra muito, não olhando á transitabilidade ou intransitabilidade dos caminhos?

Não. O que desejâmos é que se vá devagar, mas que se caminhe amparado á lógica e ao bom senso, ao criterio alto que dignifica e emancipa, para se não correr o risco pouco airoso de se tropeçar e cair a meio caminhado andado.

Não nos obcecou felizmente ainda partido nenhum político nem homem político nenhum. Poderemos, como homem, considerar êste ou aquele. Mas considerar esse homem a ponto de nos deixarmos arrastar com uma vibratilidade de alma de tal modo que o entusiasmo nos não deixe conceber que essa criatura, como todas as demais criaturas dêste terreno planeta, não erra nunca, não é suscétivel de errar, isso é que não.

Desgraçadamente para todos, não vemos muitos que pensem como nós; que encarem e sintam as coisas com a mesma fria independencia com que nós as vimos e sentimos, sem a menor quebra de admiração pelas instituições vigentes e em pról das quais vimos trabalhando com mais ou menos atividade, desde 1904.

Mas nêste país de desventuras não se póde evolutir.

Temos visto e ouvido coisas que nos fazem pasmar, não de indignação, porque todos teem o direito de pensar livremente, e já nos não indignam babozeiras de quem quer que seja, mas de admiração pelo tempo que tolamente dispendem com o quererem dar-se ares de grandes patriotas e quiçá de virtuosos polemistas aqueles que o advento da Republica, afinal, arrancou do seu criminoso indiferentismo, do seu patético silencio, no tempo em que se tornavam mais inadiaveis e mais proveitosas e oportunas as suas palavras de incitamento á luta, se é que eram capazes de as proferir contra o regime para cuja nociva conduta já não ha locuções defenidoras.

Sim; esses petulantes pretendentes a alguma mamaróca do tesouro público, esses gananciosos aspirantes a *tubarão*, estão-se agora saindo. A independencia do seu carácter e o seu desinteresse, só se manifestarão emquanto não puderem enterrar a unha.

Depois — os palérmas das luminárias, que se estão mostrando agora, que estão pondo inconscientemente o rabo á mostra—, nem ao menos reparam, na sua fúria de esperteza de... camêlo, que a Republica, lá do alto da sua juventude angélica, e a despeito de tantas cicatrizes produzidas por tanta navalhada, os olha desconfiadamente, como que conhecendo as tôrpes manigancias de que lançam mão para conseguirem os seus perversos fins.

E é disto, ó republicanos convictos, que está o país cheio, e de que nós nos não veremos livres.

Ora é dêstes *coisas* que o país essencialmente democrático e consciente se deve arredar enojado, pondo-lhe na testa, na primeira ocasião oportuna, marca bem legivel que os deixe para sempre assinalados.

Porque se nós tivessemos feito isso, quando o pudémos e deviamos fazer, já não correriamos o grave risco de nos sujarmos na lâma que os emporcálha.

Má interpretação está sendo tambem dada ao intuito dos que, como nós, não correm impensadamente atrás de foguêtes vistosos, de homens políticos, sem quererem vêr que o desprezar os principios para seguir os homens, nos inibe de fazermos a análise imparcial mas profunda dos actos desses mesmos homens pelos quais nos deixassemos cegamente arrastar.

A Républica está feita, foi lógicamente implantada em Portugal, como lógicamente hade ser implantada noutros países, mesmo nos mais atrazados do que nós estávamos quando sacudimos, num gesto decisivo mas nobre, o jugo de tiranía que nos avassalava, levando-nos á perdição. E' a ordem natural das coisas. Mas não nos preocupa se o que se tem feito é pouco, se mais se poderia ter produzido em dois anos de novo regime.

Queremos saber apenas se esse pouco ou esse muito que se tem conseguido terá caládo no ânimo dos que, como nós, anceiam vêr tudo normalizado e pôsto nos seus verdadeiros pontos.

A intenção de legislar tem sido bôa? Tem sido bôa, sem duvida nenhuma, a febre de legislar. Resta agora saber se no legislador sempre tem havido competencia e acêrto capazes de corresponder na ultima palavra ao fim e ao meio a que as leis se destinam.

Vêr que tudo o que está feito não tem êrros, que tudo é impecavel, como querem êsses toleirões que não sabem o que querem e nem pezam o que dizem, é vêr mal, é vêr parcialmente, é ser apologista de disparates só para não desagradar ao seu senhor, ao seu afeiçoado politico.

Ora isto é precisamente a antítese do nosso sentimento. Confessâmo-lo com desgôsto, com mágua tanto mais profunda e sincera, quanto é erróneo o modo de interpretar da maior parte dos homens que, vergados ao pêso infame duma ambição ou submetidos á crença alheia, não querem ou julgam não dever julgar as coisas e os homens com parcimónia, com imparcialidade e bôa-fé, acostumando-se a vêr nos outros um empecilho ao regular funcionamento da nossa engrenagem política e administrativa.

Mas o tempo dirá a todos de que lado está a razão: se do dêles, mal-intencionados, adesivos da ultima hora uns, saídos do indiferentismo outros, se do nosso, a quem a razão norteia e a consciencia não atraiçôa.

Mas êle ha gente que tem visto nas nossas palavras, quando discutimos os actos dos dirigentes políticos dêste país, um como que despeito mal contido, uma nova evolução do nosso espírito.

Como êles se iludem!

ALMEIDA JUNIOR.

Coisas simples

Outôno

Vai em meio esta quadra que neste ano nos tem dado um bélo verão. Mas o rútilo sol apressa mais e mais o caír das fôlhas...

Tôdos os poétas da saudade, os incansáveis sentimentalistas, como as meninas romanticas, dirigem os seus devaneios ao triste do outôno.

Mas, na verdade, a Naturêza toma nesta época uns nimbos tais de sentimentalismo que nos convidam a divagar.

Passáram os cálidos sóis que sem piedade roubávam ás tenras plantas a seiva da sua haste, o protoplásma das células. E' certo que êsses mêsmos raios que assim libávam o suco das franzinas plantas desassimilavam o anidrido carbónico libertando o oxigénio e alimentando com o carbone a clorofila da folhagem, purificando assim a atmosféra.

E com os calores do estio fôram tambem as grandes canceiras campestres.

Reina uma quietude de serêno ambiente que as fragrancias das rosas de Bengála outonais embalsâmam.

Desprendeu seus véus a melancolía com a passágem do equinócio e descendo da faixa zodiacal envolve o globo parcialmente nas suas dóbras.

Olho as arvores. Dizem-nos despedida as fôlhas amarelecidas que, ao sôpro de uma arágem, descem em caprichosa espiral.

Com o tombar das fôlhas vem o desnudar dos campos. Os frutos, recolhidos; apenas nas terras lavradías os sulcos abertos pela charrua nos mostram que a sementeira das futuras seáras se está fazendo.

Repousa ainda na eira qualquer gabela de resiquidos cáules que tardío lavrador descurou de amainar e enceleirar e já outras mãos espargem terra em fóra o cereal, esperança de tanta familia!

E a Terra continúa na sua marcha, na sua derrota, numa meticulosa precisão.

Depois dos tristes gêlos — vastos espelhos de cristal, voltará nova vida ás arvores inanimadas. E esses pequenos membros da familia dos gasterópodos—os caracóis, acordando do sôno hibernante arrastam a viscosa face ventral roendo as folhinhas nóvas.

Entretanto esperêmos. Fartos aguaceiros virão acompanhados de eólo derrubar os arbustos do jardim e quiçá abafar com o cheiro carateristico do ozone alguma esperança fagueira...

Tem a vida tambem o seu outôno e quantos viventes o atingem sem terem visto a primavera!

E sempre sonhadores, olhamos com ar de positivismo para as coisas da vida sem notarmos que as nossas ideias passeiam na região da quiméra.

Parece que nos embala sempre a cantata do outôno de indolencia e quietude quando encaramos os problemas da vida nacional, julgando a todo o momento aguardar-se a chegada de prometedora primavera que traga consigo a cornucópia da abundancia...

Será algum dia positiva esta ilusão do outôno?...

1912.

AUREA JUDIT AMARAL.

PROMOÇÕES

Fôram promovidos á classe imediata os nossos presados assinantes: José de Freitas, a factor de 1.ª classe; Eduardo Pereira de Carvalho, a chefe interino de Santa Comba Dão; Antonio Reis de Almeida, a factor de 2.ª classe para Figueira da Foz; Celestino Pereira de Carvalho, a factor de 3.ª classe de Pampilhoza; Antonio Chaves, idem, idem; Eitor Castelo Branco, a chefe de 2.ª classe de Villar Formoso; Manuel Guimarães, a chefe de 2.ª classe de Santa Comba; Manuel Matoso, a sub-chefe de Figueira da Foz.

Todos são funcionarios da Beira Alta, merecedores de considerações pelo seu zelo, competencia e dedicação ao trabalho.

Por isso a todos o *Devêr* jubilosamente abraça.

CRÓNICA DO PORTO

Malheur aux coeurs ingrats et nés pour les forfaits
Qui les doleurs d'autrui n'attendrissent jamais...

VOLTAIRE.

Inverno frio e triste... A natura genésica véste os primeiros crépes por entre as lágrimas da tarde que se evóla e o soluçár das áves que perpássam.

Tudo é silencio, desoladôr silencio que sucéde ao martelár das oficinas e ao tilintár do oiro por sôbre a banca insaciável dos crássos agiótas.

Dir-se-ía que o Porto, tão laboriôso e tão diligente, sucumbíra aos efeitos duma cruél fadiga.

De repente, como avalanche esmagadôra que, após a paz de longos anos, viésse, montanha abaixo, aos trambulhões, a guarda republicana, caía sobre o pôvo que junto á Camara fôra protestár contra a vereação da mesma *augusta soberana*.

Porque seria aquilo?

Recordações dos tempos da *ominosa*, recordações pungentes mal contidas sob a fardêta vêrde, côr de esperança?

Equívoco deplorável dos filhos de Belôna, que ainda julgavam ter á sua frente um celerádo João Franco?...

Bem sei que existe, acima de tudo, uma disciplina rígida, fria e mesmo injusta.

Vejo perfeitamente que perante éla as praças não são mais que espiões do devêr.

Mas, ah! senhôres mavórticos, que scêna horrivel, que trágico espectáculo um montão de carnes palpitantes calcádo impunemente pelos vossos corcéis, varádo infamemente pelos vossos gládios, encarcerado injustamente em sórdida masmôrra ainda que por pouco tempo!

Que pensariam néssa hora fatal os vossos corações, os vossos sentimentos?

Bem pouco, talvez: na lata do rancho, bem guarnecido a macarrão, como restauradôr de fôrças após laboriôso acutilar...

E, no final, que se fez?

Governadôr civil demissionário e a Camara pelo mesmo caminho, 130 manifestantes prêsos e... grósas deles a esfregarem as ventas com arnica e alvaiade.

Piedade? Humanitarismo? Ora, que estafádas coisas! A' fôrça de as invocárem, esfarrapáram-lhes o nôme e hoje nem ôssos têem.

...Ah! bem agoirava o sublime autôr da *Henríada* (embóra a sua filosofia seja, no pensar de alguem, um *riso escarninho que póde divertir mas não convence nem cria prestigio)* quando escrevia:

«Desgraça aos corações ingratos, nascidos para a perversidade, aos quais a dôr dos outros jámais enterneceu.»

Porto, 6 de novembro de 1912.

GOMES MONTEIRO.

ROUBO

Na noite de 5 para 6 do corrente mês foi vitima dum roubo na importancia de 40$000 réis em dinheiro o snr. José Maria Saraiva, da vizinha povoação de Gatões.

Os larapios penetraram-lhe em casa pelo portão de serventia particular, roubando-lhe aquela quantia de dentro da gavêta duma secretária que trouxeram para o páteo. Na mêsma gavêta estava um cordão d'ouro que os gatunos deixaram ficar por não têrem dado por êle.

Transferencias

Fôram transferidos os nossos presados assinantes, snrs.: Joaquim Martins dos Santos, de Figueira para Pampilhoza; José Castelo Branco, para Vilar Formôso e Manuel Matôso e Antonio Reis de Almeida, para Figueira.

REGRESSO

Regressou da Figueira da Foz, acompanhado de sua mana Adelina, o nosso presado assinante do Canêdo, snr. José Augusto Agante.

O nosso amigo esteve fazendo uzo de banhos do mar.

Secção Instrutiva N.º 5

Horas d'Ocio

A preléção do Báfista

Bem. Vejamos se sou capaz de explicar a serie de ideias que se acumulam e misturam na minha cançada memoria.

Por certo já alguma vez na sua vida devem ter escripto ou lido a palavra *infinito*. Pois bem. A essa palavra corresponde um significado que em principio repugna á nossa compreensão.

Infinito quer dizer que não tem fim, que não tem limite, que não acaba.

E' isto o que não se compreende; pois que, se supozermos um campo, uma estrada... etc., por maior que seja, chega a um ponto em que acabou e em que começa outra cousa. Isto, considerando a ideia pelo lado aumentativo. Mas, como não ter limite tanto póde ser considerado para o lado aumentativo, como para o diminuitivo, teremos para o primeiro caso o *infinitamente grande*, e no segundo o *infinitamente pequeno*.

Repugna á nossa compreensão, mas temos de o aceitar, porque temos de levar em linha de conta a escacês do nosso saber e a pequenez da nossa inteligencia.

Por isso, encostados e protegidos, tanto quanto possivel, pelo pouco que se tem estudado e descoberto, bordaremos a nossa palestra.

Tratemos primeiro do *infinitamente grande*.

Imaginem o espaço, grande, tão grande que maior não possam compreender; escuro em absoluto, perfeita treva, sem ar ou gaz algum, emfim, vácuo perfeito, e que para esse espaço despejavam de um enorme cadinho, ou vaso de fundir metaes tambem de dimensões incalculaveis, uma substancia no estado de fusão, abandonada a si mesma, com sujeição unica, á força de projécção, e ás que sobre essa substancia tambem exerçam, outras substancias tambem existentes no espaço infinito.

Essa, que vós lançaceis, em vez de ficar quieta, tomaria, desde logo, um, dois, trez movimentos.

Pelo primeiro, a que se chama de rotação e que se exerce em torno do eixo imaginario ela tomaria a fórma de uma bola de bilhar, mas irregular, pois que desenvolvendo-se, par a par, uma outra força, a centrifuga, (de a que afasta os corpos do centro de rotação, e que tem a contrabalançal-a a centrita, ou oposta), ela se deprime ou achata, nos estremos do tal eixo imaginario, ficando em tudo parecida com uma laranja.

Pelo segundo movimento ou de translação, ela se deslocaria em torno de um outro corpo tambem em movimento no tal espaço *infinito*.

E, finalmente, veriamos que tomava ainda um terceiro movimento, o de precéção dos equinoxios, que é bem parecido com o movimento que tomam os piões dos rapazes, quando eles dizem que estão para morrer, e que por isso andam com a cabeça visivelmente á roda. Pois bem. Suponhamos que essa esfera resultante do que deitámos para o espaço infinito é o globo terrestre e que o outro corpo em torno de quem ele gira, é o Sol.

Posto isto, facil é compreendermos que a terra, ou antes, o globo terraqueo, tendo estado primitivamente no estado de massa fluida, pelos seus movimentos tomou a fórma que tem e resfriou a camada extrior. Esta, que serve de capa, ou invólucro á que fica mais ao centro, obriga-a a conservar-se no estado fluido.

Pois senhor Inácio, é agora, depois de ter feito este pequeno esboço preparatorio, que vou responder á sua primeira pergnnta:

Os tremores de terra são o resultado do desiquilibrio entre a força expansiva da massa fluida interna, e a pressão que sobre ela exerce a crusta terrestre.

Os seus efeitos, esses variam desde a completa ausencia de suspeita de tal fenómeno, até aos mais horrorosos e desastrados cataclismos.

E agora, senhor Inácio, julga que algum homem, ou mesmo todos os homens reunidos, seriam capazes de tão grande e quasi incompreensivel feito?

Por certo que não!

Só uma grande força poderia tudo crear, tudo dispôr e tudo ordenar, com tanta perfeição; e essa força tão sublime, não a sabemos, não a pudêmos nós estudar.

Essa força, é Deus.

Figueira da Foz, 5-11-912.

M. E.

(Continúa).

Em viagem

Procedente da Figueira da Foz, onde foi no desempenho das funções do seu cargo, passou aqui em direcção a Lisboa o sr. Alfredo Fernandes d'Almeida, nosso solicito correspondente da capital.

Monsieur de Voltaire

Homenagem á Verdade

A proposito duma simples frase minha—*riso escarninho de Voltaire*—inserta incidentemente num postal que enderecei ao snr. Almeida Junior, meu presado antagonista na questão do livre-pensamento, lembrou-se o snr. G. Monteiro, cronista do Porto para este periodico, de tecer um ligeiro panegirico de Voltaire, a par com alguns insultos dirigidos á minha humilde pessoa. Afirma-se ai: é um mestre sublime, um desgraçado cujas cinzas eu devia respeitar, um filosofo, um historiador que tem a bondade do justo em suas apologias, grande em tudo... E insinua-se que eu, sem compreender a filosofia de Voltaire, nem conhecer a sua obra, qual homem possesso duma raiva insolente, ultrajo esse mestre sublime de quem só conheço o nome. E o aranzel do insulto á minha pessoa, que o snr. Gomes Monteiro desconhece e que por conseguinte devia respeitar, ainda que não fosse por outra razão senão essa, termina por esta tirada de facil retórica *primorósa*:

«Tu, emfim, que fôste grande em tudo, se, após seculo e meio de repouso, podesses levantar-te, ah! Voltaire, tu ririas então, no teu riso escarninho, da imbecilidade humana.

«No entanto, eu arranco á tua *Mérope* o verso que bem basta para castigo de quem te profanou:

Malheureux, oses-tu, dans ta rage insolente».

Sempre é força de querer mal, santo Deus! Pois então uma simples frase escondida no fundo dum inofensivo postal era razão para me tratar de ignorante, imbecil e até profanador de sepulcros e não sei se desenterrador de cadáveres?!

... Em face de tal atitude eu poderia remeter-me a um silencio desprezador. Podia pô-lo fóra... da circulação, porque a polemica anda travada entre mim e o snr. Almeida Junior, cuja competencia de resto é bastante para não carecer de *espirito santo de orélha* que o inspire na sua réplica, e o meu bom Gomes Monteiro, pelo visto, quer tambem meter a sua colherada sem licença prévia de nenhum de nós. Podia retribuir-lhe os insultos gratuitos, com que mimoseia a um individuo que não conhece.

Mas, como o meu talentoso antagonista Almeida Junior dizia ha dias, é preciso a gente revestir-se de uma paciencia evangelica...

Entretanto, se a minha dignidade ofendida declina os seus direitos e lança sobre a lama, que me foi bolçada e me caiu aos pés, um sorriso compassivo, a verdade, essa tem os seus direitos sagrados.

— Ora dizia eu no meu postal (e não carta) que o snr. Almeida Junior se tem conduzido na nossa questão com uma polidez que admiro e que devia ser apanagio de todo o escritor que discute ideias ou instituições. E acrescentava: «Acredito mais na sinceridade do adversario do que na de muitos que para ai escrevilham nos jornais sobre estes importantissimos assuntos com o sorriso escarninho de Voltaire que não convence nem cria prestigio».

Inde iræ! E sem razão. Eu não discuto o talento de Voltaire. Primou na tragedia e na poesia ligeira não terá facilmente rival. O seu talento sob este ponto de vista, ainda levando-lhe em conta a jaça de todos os seus defeitos, é superior ao meu e ao do snr. Gomes Monteiro juntos (permita-me que inclua o seu nome na minha humildade). Mas nem por isso deixa de ser verdade aquilo que eu deixava entrever no meu postal: que Voltaire, nas suas brochuras, nos seus folhetos, nas suas polemicas emfim, manejou a arma do sarcasmo com um riso escarninho que não convence nem cria prestigio.

Seria de louco afirma-lo sem provas porque a minha autoridade é limitada e seria longo apontar em confirmação trechos que tenho á mão. Basta-nos os testemunhos e tenho-os no meu *dossier* como vão ver autorisados e insuspeitos.

Leiam:

Cesar Cantu, o grande historiador conhecido em todo o mundo, diz na sua *Historia Universal* (Introd.):

«A' frente de todos (os enciclopedistas) está o autor do Ensaio sobre os costumes, *obra sarcastica, repleta de ignorancia* e intolerante scepticismo».

— Mably *(De la manière d'écrire l'histoire)*: «Eu estava muito disposto a perdoar a Voltaire a sua má politica, a sua ignorancia e a ousadia com que trunca, desfigura e altera a maior parte dos factos; mas... Quantas coisas inuteis que um escritor se não permite quando é muito ignorante».

— Benjamin Constant, o notavel publicista e orador francês conhecido pelas suas ideias liberais, diz no seu *Curso de literatura francêsa*: «Para chasquear como o fez Voltaire sobre Ezequiel e sobre o Génesis seria preciso reunir duas coisas que tornam o sarcasmo bem miseravel: a mais profunda ignorancia e a mais deploravel maldade».

Como esta vai longa, no proximo numero concluirei citando Camilo, Rousseau, Frederico II, Vitor Hugo, que todos depõem sobre o riso escarninho de Voltaire. No fim concluirei com um verso da *Mérope*, que vem quatro linhas atraz do que o adversario arrancou áquela tragedia, chamando-me insolente por causa do *riso escarninho* de Voltaire *(Risum teneatis amici?)* e que vou citando para demonstrar que não é cabal a minha ignorancia. Ei-lo:

J'ai justement tué un injuste adversaire.

Marco de Canavêzes, 1 de novembro de 1912.

José Maria Pinto Monteiro.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XXXIII

Uma circular e o projecto dum nôvo semanario pedagógico—Prosa bolorenta—«A Revista Pedagógica» atacada por incompetentes?—O projectado jornal será uma segunda edição da «Escola,» do Funchal

De Ponta Delgada enviam-nos uma circular assinada por duas senhoras e um cavalheiro, que parece são nossos colegas no magistério. Os nomes pouco importam—tanto mais que é nosso habito velho tratar dos factos, e só em ultima extremidade das pessoas.

Tem a referida circular, que foi largamente distribuida, em vistas angariar assinaturas para um novo semanário pedagógico, cujo nome á sua data estáva e não estáva escolhido. Os sinatarios mesmo o dizem:—«A' falta de competencia dos sinatarios que o vão dirigir, muito carecemos do apoio moral de todos os colegas que entendemos poder ser objectivado e tornado publico, pelo consentimento que nos deem de intitularmos o nosso jornal, cujo nome ainda não fôi escolhido, e para o qual se aceitam alvitres, *Orgão do Professorado Micaelense*». Vai tudo—até a pontuação—o que o papel trás, menos a ortografia. E' que têmos um velho horrôr a letras inuteis.

Ora até aqui nada de estraordinário, a não ser aquela confissão de incompetencia da parte dos que se propõem dirigir o semanário. Modestia, claro está... Mas é que a circular trás ainda o seguinte periodo, que vai tambem unicamente com alterações ortográficas:—«Como se sabe, não ha entre nós um jornal que, inspirando-se no naturalissimo espirito de classe, a honre e dignifique pelos serviços que lhe preste, que bem mereça as nossas simpatias pela atitude circunspecta que se imponha perante os ataques traiçoeiros que nos dirigem, perante as malsinações das nossas ideias e propositos, com que se pretende deprimir caracteres que se não poluem na baixesa de sentimentos com que os assediam, e enxovalha uma classe que pela sua nobre missão tem jús ao respeito da sociedade a quem serve».

Ora é bom que os leitores saibam que em Ponta Delgada se publica, ha anos, um jornal pedagógico dirigido pela distinta professora D. Maria Evelina de Souza. Da redacção desse jornal, que se intitula *Revista Pedagógica*, fazem parte, entre outros, o director de *O Devér* e quem éstas linhas escreve. Assim fica justificada a nossa crueldade em trasermos para aqui alguns pedacinhos, valiósos como barras de oiro, da prosa dos três ilustres colegas açoreanos.

Mas que diabo os levaria a serem desagradaveis a quem nem sequer os conhecia e a atacar a obra honesta de uma colega que tem um logar de destaque na classe a que pertence?—A transcrição doutro bocadinho da circular, acompanhada de ligeiros comentários e esclarecimentos, que como os anteriores farêmos sem asedume, desvendará o misterio. Traçando um esboço do programa do futuro jornal, dizem os autôres do documento que criticâmos:—«...Dará uma secção oficial em que se compilem todos os decretos e portarias sobre instrução primária e o movimento escolar nas ilhas adjacentes; nesta mesma secção publicará, esclarecendo-as todas as ordens de serviço dirigidas á nossa Inspecção, que por sua natureza possam ser do dominio publico, todas as estatisticas desta Repartição, pois que sob tal orientação não póde o nosso semanal deixar de merecer o aplauso e apoio da digna autoridade escolar deste Circulo».

A qual autoridade escolar perseguiu em tempos que não vão longe a professora D. Maria Evelina de Souza, que conseguiu levar a melhor em virtude duma defêsa energica dela feita por Manuel de Melo e em que nós tomámos tambem uma certa parte. O jornal projectado ficará, como todos veem, na mão do inspector do circulo—provavelmente para, como a extincta *Escola*, do Funchal, pedir arrocho para o professorado, em vez de o defender. E servirá tambem para prejudicar a *Revista Pedagógica* o mais possivel.

Ora pois... Sempre ha certos colegas...

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Começaram, ha um mez, a funcionar as aulas de instrução primaria.

De norte a sul do paiz, ouve-se já o chilrear alegre das crianças, correndo pressurosamente para a escola, onde vão beber o maná dulcissimo da instrução.

Os professores vão ter mais um ano de trabalho—que talvez seja mais uma parcela de desilusão a amontoar o já grande abismo de descrença em que a indiferença dos governos o teem afundado. Todavia, ele, acostumado como está a essa indiferença, não deixa de receber os seus alunos risonhamente, de braços abertos.

Sabe que tem de arcar com mil dificuldades, de alijar numerosos obstaculos que se lhe antolham no caminho. Mas, convencido de que a nobreza da sua missão não admite desfalecimentos ele lá vae, caminhando sempre, com aquela abnegação que todos lhe conhecem.

* * *

Em Portugal, não ha nada tão complicado, engrenagem tão imperfeita como a da instrução.

O professor, entra para a sua escola e não tem um programa por onde guie os seus passos, não tem uma reforma onde possa, sem receio de errar, basear a sua ação educativa e instrutiva.

Em vez da harmonia, o caos; em logar da ordem a desordem; onde devia existir a comunhão de ideias e pensamentos, existe a confusão, uma anarquia medonha, terrivel que a prolongar-se nos traria prejuizos incalculaveis.

A monarquia legislou muito, legislou superfluamente, póde dizer-se, mas ás cegas o que tornou a sua legislação improdutiva.

As suas reformas eram reformas de gabinete. Os reformadores, em vez de virem á provincia visitar as escolas e estudar as necessidades da instrução e os meios para o seu desenvolvimento, enclausuravam-se no Terreiro do Paço e ai, num dos gabinetes do seu ministerio, no meio dalguns livros estrangeiros e por entre as espiraes de fumo do seu charuto, escreviam o que as inteligencias lhe ditavam. Ora, desta fórma era dificil senão impossivel, produzir alguma coisa de util, de aproveitavel nas linhas geraes da reforma a realisar.

Um alfaiate faz umas calças ou um casaco tendo préviamente tirado a medida a essas calças ou a esse casaco. Uma lei faz-se de fórma semelhante. Antes de se escrever, antes de se fazer, estudam-se na sua verdadeira fonte as necessidades da causa que a determinam e dos agentes que a hão-de pôr em pratica. Ora, os monarquicos não faziam assim e a sua legislação só podia resultar improficua e esteril.

Muito boas intenções—ás vezes—alguma coisa de util; mas porque essas boas intenções eram poucas e essas utilidades eram raras e sem continuidade, o conjunto tornava-se detestavel e desarmonico.

* * *

Veio a Republica. No ministerio do Interior foi colocado Antonio José d'Almeida, homem de incontestado caracter, de consciencia impóluta. Nós, os professores, rejubilamos. Antonio José d'Almeida, o seu passado, o amor que ele dedicava aos oprimidos e em especial aos professores primarios, fazendo muitas vezes eco dos seus clamores de justiça, eram garantia mais que segura para concluirmos, que da mão daquele grande homem, havia de sair alguma coisa que tendesse ao levantamento da instrução e ao melhoramento das condições pouco invejaveis em que se encontrava o professorado primario.

Enganamo-nos, porém, em parte. Antonio José de Almeida fez tudo quanto poude, mas não fez tudo quanto era preciso que fizesse. As luctas politicas que surgiram durante a sua permanencia no ministerio do Interior fizeram com que a sua obra resultasse incompleta.

A sua reforma, uma das melhores até hoje publicadas—creio eu—encontra-se de tal fórma esfragalhada, que será inutil, daqui a algum tempo, qualquer esforço tendente a ergue-la ao pedestal donde desastrosamente a deixaram cair. Como todas as outras, a reforma de Antonio José d'Almeida encontra-se cheia de re-

mendos, pois que apezar da sua pequena existencia, tem já, a aprova-la, um sem numero de portarias e circulares que lhe alteram uma grande parte dos seus artigos.

Quer dizer, em questões de instrução, pouco ou nada temos progredido.

E' duro dizer-se, mas é a verdade. Eu mesmo, que amo a Republica, custa-me acusa-la de ter cometido esta falta. Porém, o amor que dedico á justiça—e esta está do nosso lado—suplanta o amor que dedico a qualquer outro ideal, porque aquele é o mais belo, o mais nobre de todos.

A Republica não deve descurar os nossos interesses. Deve lembrar-se que quando foi da sua implantação nenhuma classe como a do professorado se prontificou a secundar-lhe os feitos, a abraçar os seus propositos.

Em cada professor encontrou um amigo, um auxiliar na sua obra de rejuvenescimento.

Pagar-lhe com ingratidão é talvez desumano demais.

Bemfica—Muge.

Prof. Guilherme Ferreira da Silva.

CARTA

Do sr. Jerónimo de Carvalho recebemos a seguinte carta, a que, por se relacionar com os assuntos do concelho em que o *Dever* anda actualmente empenhado, damos a devida publicidade:

Presado correligionario

O correio trouxe-me hoje os n.os 36 e 37 do seu magnifico jornal. A curiosidade foi superior em mim. Porque rasão, dizia eu, o *Dever* me cae em casa? Mas o motivo existia e encontrei-o sem grande trabalho. O *Dever* conheceu finalmente o meio politico, onde a intriga, a calunia e a pouca vergonha campeiam como armas de combate; e como assim aconteceu, o *Dever* enveredou por um caminho são que muito o honra.

Felicito-o calorosamente, presado correligionario, pela orientação democratica e seja-me licito fazer algumas considerações que certamente hão de interessar os seus leitores.

O *Dever* diz: «*mas agora damos rasão ao ex-colega que se publicou na Vila de Pereira, e a quem alcunhavam de coisas mirabolantes, fantasticas, com o fim unico de o reduzirem ao silencio, maléficamente, conscientemente. Os factos que se estão dando dão afinal rasão de sôbra ao ex-colega e se nós o não acompanhámos desde logo, foi porque estavamos ainda construindo os alicerces para uma campanha de saneamento moral...*»

Muito bem! O *Dever* faz justiça ás nossas intenções e esta declaração muito nos honra porque prova que tudo quanto a *União* disse era a expressão exacta da verdade. Foi a *União* até um pouco benevolente... Os sicarios que tramaram o desaparecimento da *União*, cortando-lhe, por todos os meios, as assinaturas sem as quaes não poderia viver, são os mesmos que pretendem na hora presente reduzir ao silencio o *Dever*.

As tais *coisas mirabolantes*, *fantasticas* que elles nos chamavam, só constituiam o melhor diploma da nossa honestidade politica, visto que nunca nos abandalhámos nos arraiais monarquicos, nem tão pouco nos servimos de logares publicos para gosar a vida, empregando toda a classe de patifarias. O *Dever* compreende essa direcção, não é assim? E compreende porque já deve saber quem são os seus adversarios.

O *Dever* refere-se ostensivamente ao vice-presidente Andrade, aquele republicano que trocou a sua intransigencia por uma cadeira de vereador, bandeando-se para o lado dos caciques! Está classificado o *republicano* e, como cheira mal, o melhor será não lhe tocar que se pode desfazer em podridão e... sarro!

E vamos á entrevista do Armando Verão.

Este disse a verdade e ainda calou muita coisa que ele sabe e nós tambem sabemos.

Hão de parecer violentas as suas considerações, mas, para os que conhecem o *estado moral* do ambiente politico, essas considerações são a expressão exacta da verdade. Não tenho, digamos assim, feitio algum para carpideira das desgraças alheias. Mas a desgraça do sr. Albino de Noronha comoveu todo o meu ser. Pobre homem!

Previ em tempo o momento cruel que ele atravessa. Lamento-o, porque o sr. Albino merece o paraiso dos caracoes e a boa graça das bruxas de Santo Varão. E merece-o porque só as más linguas o não largam. Triste destino *dos que teem que perder*! A canalha não os larga de mão. Pobre homem.

O sr. Noronha tem dado um completo fiasco. Posso mesmo ir mais longe, afirmando que nunca em vida da monarquia existiu em Montemór um presidente tão *manqué*, tão falho de linha e de cultura para tal exercicio. E' verdade que ele e a *raposa* do secretario, quizeram em tempo querelar da *União*. Mas provou-se que era tudo verdade e tudo foi abafado. A *dupla escrita* não veio a lume. Foi pena. De nada lhes valeu a esperteza dum inquerito-burla para meter medo aos pepinos da horta do sr. Noronha ou do quintal do sr. Peixoto. Saíram tosquiados...

E provou-se com as *testemunhas que deram para esse inquerito-burla* que as despezas citadas nas folhas de pagamento eram *mirabolantes* e *fantasticas* (aqui é que ficam bem as tais palavras que eles nos chamavam!), a ponto do proprio encarregado dos trabalhos em Formozelha contestar a existencia naquela localidade dos nomes que as folhas citavam! Um primôr peixotesco!

De Verride prova-se coisa identica. De Pereira nada se provou por nessa altura a camara não ter feito ainda quaisquer obras. Tudo indicava uma sindicancia. Mas não veio. A questão abafou-se e custou oito dias de cama ao pobre homem que é o sr. Albino de Noronha!

Quem se ficou a rir foi o peixotesco secretario! E como as afirmações da *União* não sofreram a menor negativa, fosse de quem fosse, passaram em julgado e fazem hoje a mais absoluta fé em publico.

Porque quem cala, consente. Isto é muito, mas não é tudo. Não queremos, porém, que o sr. Albino fique outra vez de cama.

Coitado! Para o magoar basta o *cruel momento* que a sessão soléne de 5 de outubro deste ano lhe causou, assim como a essa figura beduina que dá pelo nome de Andrade! O sr. Albino fez a completa figura de presidente... da Negricia.

Está velho e gasto. Já não vale dois caracoes. O peixotesco secretario dá cabo dele!

E afinal de contas de todos os que movem os cordeis politicos no concelho, de todos os que teem feito essa linda figura de vereadores *em preto*, só o sr. Albino merece a nossa compaixão porque é um individue que não pode compreender a falsa situação em que o lançaram.

Os sicarios não querem a sindicancia? Foi por essa causa que deram morte á *União*? Pretendem agora fazer o mesmo ao *Dever*? Bandidos! Como eles se iludem. Isto agora já não é deles. A sindicancia ha de vir num dia breve e então os sicarios hão de rojar como verdadeiros cobardes aos pés daqueles que teem insultado. E nesse dia de justiça não haverá quem, por mais generoso que seja, tome a defeza dos mariolões que não souberam combater com dignidade e com caracter.

Lamentamos a triste figura do sr. Albino no meio disto tudo. Pobre homem!

Só a Republica, que tem engordado quantos talassoides por aí existem, podia arranca-lo á sua tebaida de Santo Varão para martirisar em lentas agonias, tantas como as sessões da comissão, os ultimos dias da velhice que bem podia ser tranquila á sombra das latadas ou no remanso dôce e sereno dos couvaes de Santo Varão. Coitado!

Lamentamos essa boa alma com toda a nossa sinceridade. E merece-o bem, pobre homem!

E, para finalisar, com os nossos louvores ao *Dever* fazemos a promessa formal de ajudarmos em numeros seguintes a cura radical dos pantanos morais que por aí enxameiam os caminhos, fiados na tolerancia duma Republica generosa e boa.

E até breve, presado correligionario.

Saude e fraternidade.

Pereira, 4 | 11 | 912.

Jerónimo de Carvalho.

De passagem

Vimos aqui o nosso presado anunciante, snr. Antonio José Abrantes, que aqui veio em serviço particular.

CORRESPONDENCIAS

BARAÇAL (Celorico da Beira), 1 de novembro.

O apeadeiro do Baraçal

O movimento deste apiadeiro, se é já regular, tende a aumentar dia a dia, devido ás circunstancias especiais em que se encontra, servido por todas as povoações circunvisinhas.

Todos os comboios, á excéção do n.º 5 e 2, respectivamente ascendente e descendente, que ali não estão autorisados a efectuar paragem, param diariamente os n.os 1, 3, 4 e 6, embarcando e desembarcando sempre passageiros nos dois sentidos.

Já aqui o dissémos e hoje o repetimos: é duma importancia capital que os comboios 5 e 2 tenham ali paragem, pois trata-se de dois comboios que serviriam para transportar rapidamente a gente dos povos do Baraçal, Maçal do Chão, Maçal da Ribeira, Minhocal, Velosa, Açores e outros, —para as feiras de Celorico, Mangualde e Guarda.

Confia o povo da Baraçal, em especial, de que a Administração da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta atenderá a atual necessidade, bem como a sua Direcção na Figueira, na parte respeitante á paragem daqueles dois comboios, e que todos os restantes, á excéção dos n.os 21 e 22, Sud-Express, tenham paragem oficial no apiadeiro.

Que a Companhia ouça o grito desta gente para bem do comercio, é o que se pede com a maior dedicação e interesse.

E' tal o entusiasmo do povo do Baraçal que, para engrandecimento do seu apiadeiro, anda construindo, de sua conta, desde o apiadeiro até á entrada da povoação, uma estrada que ligue com a que vem de Celorico.

Dista o apiadeiro uns 600 metros, mas é certo que o caminho se encontra intransitavel, e assim ficará uma bela estrada que dará ingresso ao caminho de ferro e facilitará o embarque aos que desejem transportar-se em trem, etc.

O Baraçal é, como o *Dever* já disse, uma terra importante, e precisa que os poderes superiores olhem para ela com mais atenção.

A continuação da estrada da Quinta do Arraial até ao apiadeiro do Baraçal é urgente, e assim urgente se torna que a Camara de Celorico se interasse no assunto para beneficio de todos os povos do seu concelho.

Aqui fica o pedido em nome dos cidadãos da terra onde nascemos, e de que nos fazemos éco. Que a estrada tenha seguimento até á povoação dos Açores, e mais tarde até Porto da Carne.

Feito ísto, o Baraçal ficará uma terra dalguma importancia comercial e beneficiadas ficarão todas as outras povoações com ligação da Guarda a Trancoso por um trajecto curtissimo.

Ao deputado por este circulo pedimos atenção para este assunto, de modo a poder tomar conta destes inadiaveis melhoramentos, crentes de que sua ex.ª não descurará os interesses dos seus eleitores.

Consta-nos que os cidadãos do Baraçal vão fazer-lhe uma representação para sua ex.ª tratar do caso na proxima assembleia nacional.

Os trabalhos da pequena estrada que liga o apiadeiro com a povoação do Baraçal, são dirigidos pelos nossos amigos srs. Adriano Augusto, comerciante, e José Lourenço, regedor.

Ao ex.mo sr. Alfredo Gerardo de Magalhães, importante proprietario do Baraçal, e outras terras, pedimos a sua importante colaboração nos nossos trabalhos, visto sua ex.ª, já pela sua autoridade como ainda pelos seus vastos conhecimentos, poder auxiliar muito tudo quanto respeite ao progresso da terra e consequentemente aos melhoramentos de que o apiadeiro carece.

Ouvimos tambem que alguns cidadãos do Baraçal estão resolvidos a fazer alguns predios junto do apiadeiro e muito brevemente principiará a ser construido um do nosso amigo Adriano Augusto, para hospedagem e comercio por grosso e a retalho.

Que todos trabalhem para o progresso da nossa terra, é o que desejamos.

A. F. A.

FIGUEIRA DA FOZ, 6.

Decorridas algumas semanas sem novidade de maior a relatar, mal parecia, apesar desta o não ser, deixar no esquecimento o *Plebiscito pró-mulher* aberto nas colunas do *Dever*, para respostas á pergunta: «*Que papel desempenha na nossa vida o homem a quem amamos?*», a qual, diga-se de passagem, tem tido inesqueciveis comentarios da rapaziada cá da terra, tanto pela boa sensatez e profundos conhecimentos com que são redigidas as referidas respostas, como pela fórma suave em que é recomendado ao feminismo — *cuidado... juízo...* (com o homem a quem amâmos). Infelizmente, ha grande rasão para se acautelarem, visto que os ladrões, com a força do inverno, que tem sido demasiado, *andam desenfreados*. Verêmos se as outras respostas que hão de vir nos aparecem mais favoraveis, apesar de já haver algumas... felizmente.

—— A' excéção do lugre *Leopoldina*, já aqui se encontra toda a flotilha de navios bacalhoeiros, a qual não foi este ano muito feliz na pesca. Não pode ser todos os anos... tenham paciencia.

—— O movimento maritimo tem estado muito acabrunhado e retardado, primeiramente pelo mau estado da barra, e finalmente pelo mau estado do mar. Quer dizer: quando a duvida não é disto, é daqui lo... Paciencia... esperêmos.

—— Nos dias 12 e 13, realisa-se no Teatro do Ginásio, desta cidade (antigo *Principe D. Carlos)*, duas récitas promovidas pela Companhia do Grand Guignol, de que faz parte a grande actriz Adelina Abranches, com as peças de grande espectaculo —*As noites do Hampton Club*, *Visita Nocturna*, *Chegou o Guilherme*, *Prudencia*, *Rico Descanço* e *Delegado da 3.ª Secção*. Já se prognosticam duas *terriveis* enchentes, e oxalá que assim seja.

Apolon.

Pedem-nos a publicação do seguinte:

A' Camara de Cantanhêde

Uma comissão de negociantes de alfaiates pede á ex.ma Camara de Cantanhêde para que os logares sejam mudados, nos dias de feira, atendendo a que só ali vai um alfaiate e esse tem todos os logares tomados por sua conta, e êstes, como pretendem ir ali fazer o seu negocio, têm que se sujeitar a tomarem terreno quasi fóra da feira. Espera a comissão que a ex.ma Camara atenda esta justa pretenção, visto haver bastante terreno para todos nos servirmos sem prejudicarmos uns aos outros no negócio.

Figueira da Foz.

Pela comissão,
Antonio José Abrantes.

"O DEVER,,

E' nosso agente de venda no Porto, o sr. A. Dias Pereira & C.ª, Praça da Liberdade, 127—1.º.

ANUNCIOS

Arrematação judicial

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, vai á praça, no dia 24 do corrente mez, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial, para ser arrematado pelo maior lanço oferecido sobre o valor da avaliação, o seguinte predio pertencente ao casal inventariado por obito de José d'Oliveira e mulher Rosa de Jesus, da Volta da Tocha, o qual vae á praça por deliberação do conselho de familia e interessados maiores para pagamento do passivo aprovado:

Um assentamento que se compunha de casas de habitação e curraes (que já não existem, mas sim o terreno em que assentavam) e quintal pegado em que viveu o inventariado, e mais uma terra lavradia, separada do referido quintal por uma serventia de inquilinos ou caminho que conduz á fonte, tudo no logar da Volta da Tocha, freguezia d'Arazêde, e tudo avaliado pelos louvados em 140:000 réis.

A contribuição de registo é paga por inteiro pelo arrematante.

Pelo presente são citados para a praça quaesquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 1 de novembro de 1912.

O escrivão,
João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,
Lemos Viana.

(26) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

IV

Godofrêdo andava apreensivo. Voltava a angustiá-lo o fel da dúvida de tal maneira que muitas vêzes tinha crises de desespêro a sós, no seu quarto, no meio da solidão; e se Clotilde o surpreendia nêsses momentos, êle aparentava uma serenidade estranha e tão violentada que ela ficava indecisa e sentia-se covarde.

Entretanto tinha chegado o dia de núpcias.

Clotilde exultava com o coração alacre. Godofrêdo sorria com a alma agonisante.

Fôram pâra a igreja no meio das testemunhas e dálguns convidados. A ceremónia realizou-se com profundo recolhimento.

Finda a ceremónia, voltaram tôdos pâra casa, muito satisfeitos, muito despreócupados, á excéção de Godofrêdo, que se sentia retransido de sofrimento, com um fardo inexplicável sôbre o espírito. A espôsa notava-lhe o ar triste, e inquiria da causa; e êle, forcejando por sorrir muito prazenteiramente, respondia-lhe que era a comoção da vida do lar, que era uma atmosfera desconhecida a inundar-lhe a alma. E tentava conversar com tôdos, compondo o semblante grave e triste, pâra que o não estranhassem.

A tarde veio. A hora do jantar estava marcada pâra as cinco. A esta hora fôram os convidados para a meza, e o jantar decorreu um tanto animado, apesar da nota, por vezes áspera, que lhe imprimia o marido de Clotilde com o seu ar abatido.

Eram cerca de sete horas quando o jantar acabou.

De repente, ouve-se uma voz ao fundo da escada bradar

—Correio!

A velha serva corre pressurosa, e pouco depois traz uma carta e entrega-a a Godofrêdo.

O velho, pedindo licença aos assistentes, levanta-se, afasta-se um pouco, abre a carta com uma nevrose cruel e lê por momentos.

De subito, as feições congestionaram-se-lhe, ele solta um gemido abafado, e volvendo para a espoza um olhar trespassado de amargura e de sarcasmo, diz-lhe num arranco:

—Oh! pérfida...

E nisto cái fulminado.

Todos acudiram a levantal-o, e Clotilde apressa-se a apanhar a carta e a guardal-a, pressentindo o que ela dizia pela expressão que lhe dirigira o velho.

E ficou-se muito enfiada, numa expressão de dôr aparente.

Fôram chamar o medico. O fisico veio, auscultou o corpo imóvel de Godofrêdo e declarou que tinha sido vitima duma congestão cerebral. Em seguida retirou-se.

As pessoas que circuitavam o cadaver perguntaram a Clotilde se a carta trazia alguma noticia aterradora que perturbasse o marido a ponto de o vitimar.

E ela, muito lacrimosa, fingidamente augustiada, respondeu-lhes que notificava a morte subita do maior amigo que ele possuia. E ficava-se num pasmo, numa ancia simulada.

A pérfida mentia despejadamente.

O que ela não quis confessar foi que o infelis sucumbira á dôr de ter lido na carta, escrita por um amigo, o aviso extemporaneo de que não contraísse esponsais com a amante clandestina dum musico de filarmónica que ha anos frequentava o estanco da rua das Solas.

A carta, porém, retardada na estação postal, não chegou a tempo do infelis velho evitar a mordedura da vibora, que cautelosamente se aproximára dele para lhe inocular o virus.

Não obstante, a estrela do Bem soube recompensar-lhe as suas virtudes e a sua grande fé, libertando-o duma vida de desgostos e dum talvês martirio lento, e ferindo o coração da viúva com o remorso incomportavel dos traidôres, com a lava candente dos homicidas.

No dia seguinte, o cadaver de Godofredo Aniceto era transportado para o cemiterio, emquanto Clotilde se debatia em convulsões de desespêro, rojando-se pela casa, como que a pedir misericordia.

(Continúa).

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sêde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

Viuva Ismael da Cruz & F.º

Arazêde

Vende fazendas de lã, algodão, mercearias, miudezas, artigos para funerais, farinhas, sal, ferragens, etc., etc.

Para liquidar, encontra-se nêste estabelecimento um saldo de flanélas e de muitos outros artigos, que se vendem quazi por metade do seu custo.

E' aproveitar a ocasião!

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

MURALINE Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 17 de Novembro de 1912 — N.º 39

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

CORREIOS E TELÉGRAFOS 18.NOV.12 COIMBRA

O PARLAMENTO

Ha dias que este côrpo organico da nação está funcionando, parecendo, pelo programa dos trabalhos que traçou para esta segunda sessão, que está resolvido a debatêr e a encarar de frente vários problêmas de fomento nacional. Nada, porém, se póde acentuar, por enquanto, visto ser intempestivo tudo o que se possa aventar ácêrça da bôa ou má orientação dos trabalhos parlamentares. A seriação dos factos que se fôrem desenvolvendo e concretisando é que nos hão-de garantir todo o conceito que em tal caso possamos formular.

Todavia, seja-nos licito discretear sôbre tão magno assunto, orientados pelo bomsenso que nunca deixou de caracterisar-nos. O parlamento português, ou melhor, o parlamento da República tem correspondido á missão, ao critério e á moralidade que o Pôvo lhe confiou e que se esperava dum parlamento republicano? Podêmos dêsde já garantir que não. A' parte meia duzia de deputados e senadôres, firmes de convicções e inabalaveis de energia e de sólida consciencia, todos os mais são ramalhudos academicos, procurando arrancar da sua inexperiente vontade de uma obra que possa lisongear o paiz, mas, no fundo, não esteriorisando mais do que abundantes pirotecnias, belas e humoristicas tiradas, de que o país está farto e de que o país se não alimenta.

Muitos há que, sem a noção do mais rudimentar parlamentarismo, se recusam a contribuir com a quota parte da sua facundia para o charivari demosténico dos pais da patria. São talvez os mais assizados, mas tambem os mais comodistas. Todos, ou quasi todos, absorvendo os dinheiros da nação, não têm procurado dar á República aquela estabilidade e aquela unidade de harmonia que o país reclamava depois da queda do velho regime.

A morosidade dos trabalhos e das soluções de multiplicados problêmas resulta da esterilisação dos discursos dos nossos parlamentares. Em quanto êstes, no estudo do problêma mais intrincado, não despirem os seus argumentos e os seus debates dos refolhos de rétórica que absorvem tempo e dinheiro, nunca as questões de interesse nacional que se agitam na imprensa, nos centros de propaganda e mesmo nos *clubs*, serão resolvidas com a relativa rapidez que nós desejamos.

Têmos visto com profundo desgosto que o parlamento republicano é a reprodução, mais ou menos fiel do parlamento monarquico.

Muita coisa se discutia, muitos discursos se produziam por entre aplausos da *direita*, da *esquerda* ou dos *extremos*, e afinal nada de benéfico resultava para o país. Na ordem do dia figurava um assunto de importancia que devia ser resolvido sem demora, sob pena dos negocios do Estado correrem á matroca e sem rei nem roque. Pois era preferivel esta situação cómico-burlesca a dar-se expediente rapido á medida em discussão.

Havia a necessidade de se promulgar uma lei ou um simples decreto que regulasse os serviços que corriam por tal ou tal pasta, sob pena dêsses serviços ou da classe a que diziam respeito ficarem prejudicados e estacionários. A urgencia era reclamada; mas porque isso era do *regimento* — que é um manipanso semelhante a muitos que o português costuma idear — lá ficava a lei ou o decreto por serem publicados, e portanto a classe e os serviços respeitantes á mesma a vivêrem no iterno pandemonio que o Estado tirano lhe criou. E assim por diante.

Ora o que se está dando na República é quasi a mesma coisa. Os nossos parlamentares têm a mania do exibicionismo tão proprio dos *pierrots;* fazem um discurso farfalhudo para uma questão minima que se resolveria em dois dias, mas que êles levam semanas a resolver para dar nas vistas e para desperdiçar tempo, e daí o viverse longos mêzes em situações falsas, com clamôres por todos os lados das classes proletárias que não vivem á custa das parolagens dos *ché-chés* do parlamento.

E' assim que vêmos a instrução, o comercio e a agricultura a definharem a olhos vistos, sem bases seguras e estaveis, por falta de não haver quem se convença de que devemos pensar mais em obras do que em palavras, nêste tempo em que a remodelação e o rebustecimento duma sociedade se impunham para prestigio e consolidação duma raça, de uma pátria e duma república.

Mas aguardemos o decorrer da segunda sessão legislativa para orientarmos devidamente o nosso criterio.

ALMEIDA JUNIOR

Foi promovido a agente da Companhia Portugueza na Pampilhosa, este nosso querido camarada de redacção que, no cargo de sub-agente que desempenhou durante alguns anos, revelou sempre as mais raras faculdades de trabalho, merecendo de todos os seus superiores e subordinados, inequivocas provas de simpatía e respeito. Não podia, por isso, ser agora mais acertada a recolha para chefe da agencia da Pampilhosa, visto que este nosso amigo reune, a par duma energía invulgar, qualidades de inteligencia que muito o distinguem.

Por tal motivo, abraçamos cordealmente o nosso companheiro de luta.

O Patriárca de Ferney

Corrétamente, lealmente, revestido da sua paciencia evangélica, o snr. Pinto Monteiro tentou ratificar a sua frase infeliz, tomando para isso escóras valiosas, como Cantu, Mably, Constant, etc.

Por isso, eu não posso ficarme na expétativa benévola, e preciso, portanto, de me escorar o melhor possivel e para isso recôrro aos mesmos artificios.

Tem a palavra, pois, mr. Moore que fazendo uma viagem a França foi visitar a Ferney o grande mestre:

«A sua aversão ao cléro leva-o a fazer a caír a conversa nêsse assunto e a ouvir pessoas que nem sempre lhe toléram os sarcásmos e motejos.

. . . . . .

Com os inferiôres, Voltaire é afinal humano e generôso. Trata com a solicitude dum patriárca os negocios de todas as pessôas que dêle são dependentes e emprega os maiores esforços para reunir a industria em volta da sua residencia, tendo conseguido fazer da miseravel povoação de Ferney uma pequena cidade comoda e florescente».

Que diz a isto, snr. Pinto Monteiro?

Liberdade de pensar aureolada pelo amor do semelhante, tão raro nos homens ricos e Voltaire era rico, creia.

Erga-se, agora, La Harpe, brilhante autor do *Curso de Literatura antiga e moderna:*

«Voltaire, sensivel, sobretudo, a essa harmonia tão necessaria entre o ritmo e o pensamento, considera tudo o mais como coisa de importancia secundaria, a que êle não precisa de dispensar o seu estudo ou a sua observação.

. . . . . .

Voltaire, aos olhos dos homens conhecedores do palco, póde dizer-se que é o genio mais tragico que tem pontificado na arte dramatica».

E este insulto, meu caro adversario, que lhe parece este insulto ao sublime autor do *Ensaio sobre os costumes?*

Mas, vá, não fique zangado... um bocadinho do beato Chateaubriand que, como religiôso, parece compartilhar consigo dos mesmos pensamentos:

«... existem dois homens em Voltaire: um, cheio de gôsto, de sabêr e razão; outro, que péca pelos defeitos contrarios a estas qualidades».

Defeitos, ouviu bem, amavel antagonista? Defeitos apontados por Chateaubriand, autor do *Genio do Cristianismo,* a Voltaire, inimigo figadal de Cristo!

Ora, em verdade: confesse que Voltaire, o santo Patriárca de Ferney, não é tão mau como tentam pinta-lo os setarios dum judeu crucificado.

Sem embargo, o meu ilustre inimigo dizia que o riso escarninho de Voltaire poderia divertir, mas não convencia nem criava prestigio.

Que diabo! para divertir, um palhaço de feira, uma partida de gamão ou... um critico abalisado esmagando eminencias.

Não lhe parece tambem, snr. Pinto Monteiro?

E, depois, eu vejo em todo o vosso exordio uma candidez tão divinamente angélica, que não posso furtar-me ao prazer espiritual de o não massar mais... por hoje.

Porto, 12, Novembro, 912.

Gômes Monteiro.

Interesses do Concelho

AS ENTREVISTAS DO "DEVER,,

E' ouvido o sr. dr. Ismael Sampaio que nos fala duma maneira geral sobre questões concelhías

Depois das graves revelações colhidas outro dia do nosso primeiro entrevistado, e para buscar confirmações ou desmentidos dos factos tão insólitos que aqui ficaram expostos, era natural que procurássemos alguem da séde do concêlho que nos pudésse, com perfeito conhecimento de causa, elucidar sôbre tôdos os assuntos em questão. Lembrámo-nos, por isso, de procurar em sua casa o snr. dr. Ismael Sampaio, que muito amavelmente nos recebeu e que nos disse logo, depois de lhe têrmos dito o fim a que iamos:

— Olhe: para lhe dizêr de pronto tudo quanto tem agitado o concêlho n'êstes ultimos tempos é inteiramente impossivel, pois não estou habilitado de momento a fazêr-lhe pormenorisadamente a história de tôdos os factos que possam têr ocorrido.

— Muito bem — replicámos nós. — No entanto, v. ex.ª poderia dizêr-nos, por exemplo, o que sabe sôbre a comissão administrativa, indicando-nos quaisquer irregularidades ou outros incidentes anormais que possam têr surgido durante o seu mandato...

— Roubos posso eu garantir-lhe que não têm havido — diz-nos com firmêsa o snr. dr. Ismael Sampaio. — Agora o que ha é uma grande falta de tacto administrativo, o que muito prejudica o bom funcionamento da comissão, devendo especialisar ainda a incompetencia, a inépcia bem manifesta do presidente Albino de Noronha, que não revela o mais elementar conhecimento do que seja administração dum municipio. A'parte dois véreadores, o Almeida Machado e o José Maria d'Andrade, que têm vontade de acertar no cumprimento das suas funções, todos os outros acusam uma ausencia de bom senso e de firme orientação que muito os deslustra. E para exemplo, temos um caso bem simples: a póda feita ás arvores que por aí se vêem. Uma lástima. Toda a copa frondosa que as embelezava, dando um aspecto agradavel á vista de quem se désse a contemplá-las, desapareceu para dar logar a ramos mal vestidos de folhas, cortados irregularmente e sem a forma estética que antes apresentavam...

— Mas sobre a comissão — alvitrámos nós — não seria possivel e viavel uma sindicancia que pudesse expurgá-la de todos os defeitos?

— Não acho viavel uma sindicancia, ou antes, não a acho eficaz. E a rasão é porque o governador civil, que não tem espirito radical, não deixaria que ela tivesse as consequencias que seria para desejar. O mais acertado, a meu ver, era organisar nova comissão, composta de membros sensatos e inteligentes que soubessem corresponder ás necessidades dos munícipes. Isto era mais pratico e mais formal.

— Mas não seria possivel tomar essa medida para já?

— Creio que não, emquanto não vierem as eleições!

A palestra decorreu ainda alguns momentos sobre o mesmo assunto, falando-nos o dr. Ismael Sampaio com uma volubilidade muito atraente, acompanhada duma modestia por vezes demasiada, e orientando mais tarde a conversação para factos isolados, como por exemplo a comemoração do 5 de outubro em Montemór, em que haveria notas duras a registar, se a nossa atenção se não desvisse para escutar as harmonias duma voz de creança que, num corredor contiguo á sala onde nos encontravamos, entoava com energia arrebatadora a *Portugueza*, na estrofe tão bela comó inspirada de Lopes de Mendonça:

Herois do mar, nobre povo,
Nação valente, imortal...

Por fim, e só quando démos que o dr. Sampaio havia quasi terminado o curso das suas considerações, aliás alheias ao ponto capital da nossa entrevista, perguntámos-lhe ainda qual a sua opinião ácerca do novo administrador do concelho.

— Oh! é uma joia! O dr. João Constantino é um funcionario recto, cumpridor dos seus deveres e amigo de ser util ao seu país. Não é politico, mas se o fosse, enveredaria para o partido democratico, por cujo ideal tem manifestado simpatia. De resto, o pessoal da administração está satisfeito com ele, pela sua popularidade e pelas suas faculdades de trabalho.

— E sobre a repartição de finanças, que diz V. Ex.ª?

— Os serviços actualmente, com o novo secretário de finanças, correm mais equitativamente do que corriam com o antecessor. O secretário que ha pouco foi nomeado é mais justo e de espirito mais liberal, o que já não sucedia com o outro, que era um caracter reacionario, chegando mesmo a pôr em execução decretos odiosos para o contribuinte que a monarquia já havia posto de parte, e só com o fim de elasticar os espiritos de maneira a revoltarem-se contra as nossas instituições.

— De maneira que na repartição de finanças e na administração do concelho não se podem apontar irregularidades como se apontam na comissão administrativa.

— Não, posso mesmo garanti-lo. Na comissão administrativa ha irregularidades de serviço, e ha então muita inépcia da parte do presidente, principalmente.

Não querendo abusar mais da paciencia e da generosidade do nosso entrevistado, resolvemos retirar-nos, agradecendo ao dr. Ismael Sampaio todos os esclarecimentos que nos prestára, pondo o seu auxilio ao lado da nossa campanha de moralidade.

ANIVERSARIO

Passou na quinta-feira o aniversario natalicio do menino Julio, filho do nosso presado assinante da Pampilhosa, sr. José Lucas Caleiras.

Parabens.

INATIVIDADE

Passou á situação de inatividade, o nosso presado assinante sr. José Lucas Caleiras, que ha dois e meio anos vinha exercendo com zelo e dedicação o logar de agente de transmissão da Companhia Portugueza de Caminhos de Ferro junto da Beira Alta, em Pampilhosa.

PARA O BRAZIL

Seguiu para S. Paulo na passada terça-feira, o nosso amigo Saul Rodrigues Baía.

Desejamos-lhe uma feliz viagem e largas prosperidades.

DE PASSEIO

Tivemos o prasêr de cumprimentar aqui no domingo passado os nossos amigos snrs. Pedro Fernandes Tomaz, e Augusto Veiga, da Figueira da Foz, que vieram de visita ao nosso amigo José Maria d'Andrade.

Secção Instrutiva N.º 6

Horas d'Ocio

A preléção do Bátista

Os tremores de terra, sempre de curta duração, pois que em geral se executam entre 2 e 6 segundos, propagam-se com extrema rapidez.

O que destruiu Lisboa em 1755, propagou-se num instante desde a Martinica até á Lapónia.

Teem uns efeitos extraordinarios, sendo os mais importantes as sublevações e abaixamentos sucessivos de diversos pontos da crusta terrestre, que anteriormente estavam no mesmo nivel; destruição completa de várias povoações; aberturas de enormes fendas, que algumas vezes se fecham, engolindo tudo que havia perto; formação brusca de lagos e rios de agua fria ou quente; formação de obstaculos, que obrigam os rios a derivar para novos leitos; abertura de novas fontes, ou então a secagem de algumas que existiam; elevação do mar a enormes alturas, invadindo a parte solida; ou então ao contrario, o afastamento do mar das costas que banhava.

Os tremores de terra, sendo o resultado da força expansiva da massa fluida interna, terminam pelos phenomenos vulcanicos, chuvas tempestuosas e furacões. E não é para admirar. Os vulcões representam as valvulas de segurança do globo.

São, por assim dizer, enormes colétores subterraneos, que põem em comunicação permanente, ou então temporaria, a parte interna com a parte externa do globo, abrindo-se nesta por uma desmesurada bôca, ou bôcas, a que se chamam cratéras, por onde saem em mistura, álem de uma enorme quantidade de gazes, em que predomina o sulforoso, ou o proveniente do enxofre queimado, e uma lava, que fórma perfeitos rios de fogo, destruindo a vegetação e as povoações, isto é: tudo na sua passagem.

Vulcões em constante atividade, ou com pequenas intermitencias, existem nas cinco partes do mundo.

Os mais importantes são: na Europa: — o Hecla, na Islandia; o Vesuvio, em Napoles; o Etna, na Sicilia; e o Stromboli, nas ilhas de Lipari.

Na Asia: os de Kaintschatk.

Na Africa: os das Canárias e o da ilha de Bourbon.

Na America: os dos Andes do Mexico.

Na Oceania: os do Arquipelago de Sonda.

No fundo dos mares tambem existem vulcões, e compreende-se, pois que necessariamente a fenda se abre onde fôr menor a resistencia a vencer.

Aqui tem pois o snr. Inácio algumas das consequencias dos tremores de terra, contadas muito ao de leve, mas que, mesmo assim, bastam para meditar no grande aglomerado de leis fisicas, quimicas e mecanicas, e que pela sua perfeição se vê bem que nelas não podia haver a intervenção do homem, mas sim de uma grande força geradora que, pela sublimidade de concordancia, parece, permita-me o termo, possuir tambem a sublimidade de inteligencia.

— Já estou a vêr o que o snr. Bátista quer dizer. Essa força é então Deus?

— Exatamente.

— Bem, mas não foi assim que me insinaram.

— Creio e estou mesmo certo disso.

— Mas então essa religião é outra!

—E', efétivamente. Esta é a que resulta do estudo e da observação; emquanto que as outros são impostas aos ignorantes por individos ao serviço do vil interesse de varias comodidades.

— Seja. O snr. Bátista faz-me dar volta ao miolo.

— Não. Eu estou simplesmente deligenciando descerrar-lhe um pouco os olhos da sua inteligente.

Mas mudemos um pouco de conversa. Como estão por lá as batatas mais o feijão?

— E' verdade. Isso vae ser bonito, snr. Bátista. Dentro em pouco você tem de ir para o mercado, com lapis e papel na mão, acompanhando a sopeira, porque a venda faz-se á antiga e o pagamento á moderna.

— Vae ser bonito.

— 2 vintens de couves, 6 de batatas, 18 de carne, 9 de peixe, e mais qualquer cousa, deve dar um resultado que de certo não ha sopeira capaz de pagar em centavos.

Lá tem de ir o patrão com ela, para não ser roubado.

Parece-me mesmo que estou a vêr o snr. Bátista, de boné, a comprar nabos e outras cousas... para a sopeira levar.

Figueira da Foz, 6—11—1912.

M. E.

(Continúa).

CRÓNICA DO PORTO

Sagesse vaut mieux qu'éloquence.
VOLTAIRE.

O frio retalha as carnes, mau, cruel...

E, espraiando o meu olhar por sobre a pitoresca Vila Nova de Gaia, eu vejo com extranha precisão, as primeiras geádas a alvejarem, a alvejarem, como se o trágico 1912, já com os pés na cóva, distendesse as suas cãs alvas de arminho. Sim, eu vejo toda essa neve, todo esse gêlo, insuficientes para arrefecerem os peitos sedentos de progresso, ébrios de reivindicação futura e desejada.

Sim, eu vejo todo esse grupo de operarios tanoeiros que a ancia de melhorarem a situação obrigou a abandonarem o trabalho.

Sim, eu vejo, ainda a miseria que horrenda e negra lhes virá bater á porta do casebre.

E, a par de tudo, vejo tambem a fôrça armada que para ai parte, gládios bem luzentes, famintos da carne macerada do bom trabalhador!

Por um lado, a fóme desoladôra; por outro, a chacina cruel, devastadôra!

Mas, passamos ao largo...

Que procissão é aquéla que passa?

Uma manifestação-homenagem á memoria de Santos Pousada, *venerável* do grémio maçónico Liberdade e Progresso.

Eil-os que entram no sombrio cemiterio. Um desfolha a flôr de acácia sobre o mausoléu do ilustre extinto. Agora são as corôas e os *bouquets* que cobrem por completo a sepultura. Sôam nos áres discursos veementes, onde a saudade impéra e a retórica flameja, emquanto o pobre morto dorme o eterno sôno...

E Polimnia, a dôce musa da rétórica, continúa inspirando os oradôres.

Ah! bem dizia Voltaire:

Prudencia vale mais que eloquencia.

Porto, 12, Novembro, 912.

GOMES MONTEIRO.

O Misterio

Lastimam-se os sabios-filosofos porque a sciencia lhes não facilita a completa satisfação dos seus desejos quanto á investigação do Misterio, que a inteligencia humana, num esforço louco, desejaria poder abranger.—(*L'E'volution Créatricé*, por Henri Bergson).

Pobres martires da sciencia, pobres martires da Evolução ou pobres martires de si mesmo, diria eu, se não pensasse que deve haver uma lei de compensação que nivela Tudo!

Eu que estou muito longe de me julgar o que é preciso ser para conseguir alcançar sequer a compreensão de certas obras filosoficas, (não falo em modéstia, porque, com modéstia ou sem modéstia, cada um é o que é) não teria nenhuma especie de duvida em formular desde já quaesquer perguntas á tiranica sciencia dos homens, se pudesse ser minha a ventura de que alguem que cultivasse essa sublimidade se dignasse atirar-me com as suas scientificas respostas, inclinando-se para esse efeito face ás profundidades sociaes onde gostosamente me encontro, embora, — para não causar repugnancia a aproximação ou a descida até mim, — se tivesse de lançar mão de qualquer porta-voz potente, que, nêste caso, para remediar, muito bem poderia ser substituido por este semanário, se todavia a respétiva redacção consentisse em semelhante massada.

Essas perguntas consistiriam apenas no desejo, aliás louvavel, de conhecer a impressão produzida pela leitura do que a seguir vou escrever, unicamente guiado pelo meu pensamento, pensamento que desde já declaro sem qualquer outra base scientifica alem da proveniente dum humilde exame de instrucção primaria, feito na aldeia.

* * *

Começarei simplesmente por dizer que a Vida, que é Tudo — porque Tudo vive!—jámais poderá ser vista, jámais poderá ser conhecido o seu porquê pelo homem, como uma coisa jámais poderá ser vista, jámais poderá ser conhecida por essa mesma coisa. Ora: a Vida é Tudo, o misterioso Desconhecido é a Vida, não podendo haver Outro, pois que Tudo vive, como Tudo morre, mas a propria Morte (porque está dentro da Vida) vivendo tambem.

Direi, para melhor me fazer compreender, que a Vida é a Alma do Espaço, embora Espaço, Vida e Tudo o Mais que prefaz o Todo se resuma nesta unica palavra: — Vida!

Dentro da Vida Tudo vive, como, por ridicula comparação, tudo dentro da agua *está molhado*. (Emprego a palavra *dentro* por absoluta necessidade, bem sabendo quem me lê que não póde haver *dentro* onde não existe *fóra*, como, na Vida ou no Espaço, não póde haver *fóra* nem *dentro*, sendo Infinita a Vida, sendo Infinito o Espaço, sendo Infinito o Todo!) Logo:

O homem, ser que sobre este pequeno orbe—átomo do inconcebivel!—*talvez* seja o mais aperfeiçoado intelectualmente, em si e em volta sua Tudo sendo sómente Vida, jámais poderá vêl-A ou sequer conhecel-A, apenas podendo constatal-A em Tudo, nada mais podendo conseguir a inteligencia humana, ainda mesmo apesar de se ir aperfeiçoando mais e mais.

O homem, que é vida, jámais poderá *vêr* a Vida, jámais poderá *vêr* o Espaço, em cujo Infinito Seio o Turbilhão da Vida E' permanente e Perpetuo, a Morte, que Tudo atinge, sendo apenas uma Lei da Vida—um dente da misteriosa e infinita engrenagem da Creação, sem o qual os outros dentes não pegariam, concluindo-se logicamente que Tudo é necessario a Tudo, como esses *dentes* carecem uns dos outros, porque Tudo no Turbilhão da Vida são *dentes*, formando assim um Todo Infinito no Infinito Todo!

Tudo é Filho da Vida, ninguem se julgando com o direito de se persuadir de que o que pensa, faz ou diz *é seu*. Não! Tudo é Filho da Vida, porque Vida Tudo E', a Vida Tudo ilibando de responsabilidade ou recompensa!

Depois disto, como póde conceber-se a existencia de Outra Coisa mais Infinita do que a Vida, mais Infinita do que o Espaço?

Se Outra Coisa ha, por muito ponderada e infinita que seja, tem de estar dentro do Infinito e, consequentemente, como eu proprio, englobada no Tudo do Todo e sujeita ás Leis da Vida, pois que Tudo é Filho d'Ela.

Vou terminar, dizendo aos sabios-filosofos que não se mortifiquem, porque, sendo eles apenas uma particula do Todo, jámais poderão abranger o Todo, sendo natural que apenas abranjam o que são.

Citarei um exemplo que julgo salutar: á vista, que vê tudo o que vê, poderá ser possivel vêr *a vista?* Não! A vista, que vê tudo o que vê, jámais poderá vêr *a vista*.

E aos teologistas peço que me não queiram mal pela rudeza dos meus pensamentos, embora disso nem do contrario eles tenham a responsabilidade, visto que eles farão de mim o juizo que *já está feito*, que é como dizer que farão de mim o juizo que tiverem de fazer, sem tirar nada nem pôr mais qualquer coisa.

Depois disto, que não pode ser mais logico nem mais concreto, segundo o significado d'estas palavras, poderá existir o Deus comercial e pantomineiro das Sagradas Escrituras?

Só se esse «Deus» fôr a minha «Vida», mas, nesse caso, troquem-lhe o nome. Senão, não!

Lisboa (Bemfica), 8 de novembro de 1912.

Leopoldo Torres Fernandes.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XXXIV

Um intelectual e uma conferencia modelar.—Qual é a missão do professor primario na sociedade actual?—Di-lo brilhantemente o snr. Cardoso Valadão, na sua magistral conferencia

O nosso presado amigo Cardôso Valadão, distinto professôr açoreano e director do encantador *Jornal da Criança*, acaba de fazer publicar um folheto de 22 páginas, contendo uma conferencia que, subordinada ao têma —*A acção do Professôr na Sociedade atual*, se propunha realisar em Angra do Heroismo, no dia 6 de agosto de 1911. Se o não fez, foi porque a Camara Municipal da referida cidade, não sabêmos porquê, á ultima hora se recusou a ceder a sala das suas sessões para esse efeito, embora a maioria dos seus membros se tivessem comprometido a cedê-la.

Com esta publicação nem tudo se perdeu, porém. Tôdos pódem, por meio déla, apreciar o talento e a competência pedagógica de Cardôso Valadão, que produziu, na realidade, um trabalho de valôr. Depois, o produto da venda do folheto, que custa 125 réis, é destinado a um fim altamente simpático: a fundação de uma bibliotéca escolar.

O conferente, desenvolvendo o têma escolhido, tem principalmente em vista a luta contra o espirito jesuitico que ainda hôje domina grandemente a sociedade portuguesa, mercê de factôres de ordem vária, que êle proficientemente aponta e critica. No seu dizer, «Portugal foi um paiz que cristalisou no catecismo e não chegou a atingir a meta do alfabeto». Porque, até ha pouco, «a maioria do nosso professorado, sem saír da rotina e subjugado pelo ensino tradicionalista dos jesuitas, ensináva ainda por procéssos puramente dogmáticos e estupidamente arcaicos».

Ora «tais procéssos de ensino como que embotáram no nosso pôvo a sensibilidade moral e civica, conservando-o nêsse estado de ignorancia em que se encontra e que é, ainda hôje, o maior microbio que corroe o nosso organismo social. O povo, o povo que não ia além da escola da sua aldeia, tomou a feição caracteristica do ensino que lhe ministráram e ficou-se a ruminar *Padre-Nossos*», rebaixando-nos no conceito das nações, que hodiernamente só olham «á cultura do Belo e da Verdade, que são o apanágio das grandes potencias, como a França, a Inglaterra e a Alemanha; ou então a uma organisação politico-social relativamente aperfeiçoada e democraticamente orientada, que é a glorificação dos pequenos países, como a Suiça e a Holanda».

Cardoso Valadão, que faz ainda uma observação justissima quando diz que, atualmente, em Porugal, «o intelectual olha para baixo compungido, porque vê o povo ignorante e fanático, e o povo olha para cima lastimôso, porque supõe ver no intelectual um ateu», resume nos seguintes termos os deveres de todos os bons professôres portugueses no atual momento histórico:—«A República, confiando ao professorado a direcção intelectual do povo, honra-o e dignifica-o; é preciso tambem que o professôr saiba honrar e dignificar a República. Quando a Patria reclama o esforço de todos os cidadãos, nós, os professôres, não têmos o direito de lho negar.

«Ensinêmos á criança essa matéria vasta e prenhe de ensinamentos que é a moral social e civica. Pela moral social ensinêmos que as sociedades são organismos suscétiveis de contaminar-se e que é preciso combater tôdo esse conjunto emaranhado de vicios que enfraquece as raças, deforma os caractéres e estiola as vontades; pela moral civica ensinêmos que os regimes são fórmas transitórias de dirigir politicamente os povos, fórmas que os mesmos povos toleram emquanto satisfazem as suas aspirações de liberdade e que logo substituem por outras quando o circulo da sua constituição é demasiadamente limitado para conter a grandesa dos seus ideais. Façâmos morrer na alma da criança o fetichismo pelos homens e nascer o culto das ideias».

Na sua opinião, «o professôr conservadôr é um falso educadôr, porque não prepara o espirito dos seus alunos para receber as reivindicações sociais que de futuro venham operar-se».

Pelas ligeiras transcrições que aí ficam, poderão os leitores avaliar do valor do trabalho do ilustre professor. Oxalá todos os seus colegas o conhecessem e seguissem.

Agradecêmos muito o exemplar recebido, que uma amabilissima dedicatoria enriquece.

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Republica ou monarquia?

Escrevo estas mal alinhavadas linhas, desiludido de todo, tal é a descrença em tudo isto.

Refiro-me aos casos que se veem dando na cidade Invicta, por causa da vereação.

Pois bem: O povo acusa a mesma vereação de ter administrado os dinheiros municipaes com menos escrupulo do que era para desejar nos tempos que vão correndo, e contra todas as espétativas.

Qual era, pois, o caminho a seguir numa Republica que se diz democratica?

Tudo o indica: Demissão colectiva e uma sindicancia feita por pessoa idonea, e em presença dela o procedimento justo do governo não se faria esperar, dando assim uma satisfação ao Povo que reclama. Assim, sim!...

Pois é exactamente o contrario. O governo da Republica, em vez de assim proceder, como era dever seu, protege a camara para continuar na sua obra; e o que mais é para lamentar—manda para dentro da casa do Povo policia e mais policia, para abafar os justos protestos da população portuense! Saudosos tempos da *ominosa!*...

E' isto Republica? Não. E' monarquia com todos os seus defeitos, aniquilando a voz do Povo!

Isto repugna e enoja!...

A. Verão.

UM PLEBISCÍTO

PRO-MULHER

— Que papel desempenha na nossa vida o homem a quem amâmos?

8.ª RESPOSTA

O papel que desempenha junto a nós o homem a quem amámos é simples: adorár-nos emquanto namôro, martirisár-nos após o casamento.

Maria N. Sarmento.

9.ª RESPOSTA

Nós, as mulhéres, sômos as pobres pupilas dum tutor que em tempo nos amou.

Margarida Bátista.

10.ª RESPOSTA

A criatura que nos prende e sedús, observáda a frio, é um monstro cuja constancia sómente é alimentada por desejos carnáis.

Laurentina Gomes.

Com as presentes respostas damos por concluido este plebiscíto, nomeando para juri os seguintes cavalheiros: Americo B. Teixeira, Patrocinio M. Guedes, Cesar Campos Silva, Silva Carvalho e Gômes Monteiro.

Do que o juri resolvêr darêmos oportunamente notícia aos nossos estimaveis leitôres.

Brevemente iniciarêmos outro plebiscíto.

Política e ambições

Não ha nada como a lição dos factos para nos fazer chegar á logica conclusão das coisas. A imensa onda humana, que para aí se degladía a todos os momentos, esquecendo se dos mais elementares deveres de confraternização social, bem atesta a imperfeição do homem e o seu consequente rebaixamento de ideias e ambições.

Na politica como na arte, na filosofia como na sciencia, o homem é a besta-féra que avilta e amesquinha a sua própria especie.

Não ha senão tolices, não se vê mais do que disparates que envergonham e pódem subverter no lodaçal da ignomínia os altos ideais dalgum bem intencionado.

E depois, após tanto rancôr e tanta luta impertinente, a morte vem, cruel como é de uzo, acabar, despedaçar tudo contra o inconcebivel altisonante castelo do alem-tumulo.

Quem até ali era um déspota, um traficante da mais ínfima organisação moral, passará a ser um *santo*, embora não um *santo* biblico, um Moisés ou um David, mas um Budha ou um Zoroástra, uma graciosa perfeição deste terreno planeta.

Politica? Mas a politica não quer dizer, já hoje, a maneira de dirigir e governar os povos. Quer dizer afundar, corromper os fracos, perder as nacionalidades que procuram, muitas vezes, engrandecer-se á custa do seu povo, á custa de seus filhos.

Quando falam em politica, eu não sei que sentimento de mim se apoderá, de tal maneira a politica me enója e me aborrece nestes dias de deslealdade que vão decorrendo.

Já não ha dedicação, ha ambições desmedidas. Mas nós sempre imaginámos que a Republica, um dia constituida em Portugal, uniría todos os portuguezes num só amplexo profundo, num só abraço estreito de modo que intestinos rancores e descabidas invejas para sempre se afundassem no imenso mar do esquecimento, para reviver a dedicação de tempos idos e o humanitarismo que devemos uns aos outros.

Porque não ha nada como a lição dos factos para nos fazer chegar á logica conclusão das coisas...

ALMEIDA JUNIOR.

O atentado contra Canalejas

Uma lição histórica

O assassinio de que foi vitima o presidente do governo espanhol, morto com um tiro duma pistola Browning, e de que os nossos leitores já devem ter conhecimento, não admira pelo simples facto dum homem ter sido assassinado por outros. A vitima tanto podia ser um estadista como um proletario. No que devemos notar é no facto do assassinado ter sido morto por um anarquista, encarregado por alguma associação politica ou religiosa. Isto é que é importante e que póde ter influencia nos destinos duma nacionalidade. São sintomáticos sempre todos os regicidios e todos os atentados contra a vida dos grandes homens.

Canalejas, espirito inteligente e culto e em frente duma época de renovação social, não era todavia um espirito revolucionario e com tendencia para imprimir oscilações fortes ao seu pais, de maneira a mudar-lhe a face das instituições vigentes. Esta prova tivemo-la exuberantemente na sua contemporisação com as hostes couceiristas. Estudado e analisado, pois, o seu feitio demasiado conservador, não admira que fosse politico o mobil que presidiu a êste atentado e que tivesse tido a sua origem no seio da propria Espanha revolucionaria.

Por outro lado, encarada a sua feição anti-clerical, tambem não é de estranhar que o Vaticano, para não ter que afrontar com uma rutura nas relações com o trôno de Afonso XIII, contratasse jesuiticamente um espanhol para dar um golpe certeiro na causa das primeiras rivalidades. Tudo isto póde sêr, conjuntamente. E então teremos que tirar do facto uma lição alta e imperiosa, e vem a ser que *as nacionalidades não avançam e não se modificam com o criterio dos homens, mas sim com a influencia formidavel das ideias.*

PARA A AFRICA

Seguiu no sabado a caminho de Benguela o nosso bom amigo Pais de Souza, que durante algum tempo exerceu com zêlo e proficiencia o cargo de chefe da estação de Arazêde. Vem substitui-lo o tambem nosso amigo e activo chefe da estação de Montemór, snr. Romão Pereira Cardôso.

A Pais de Souza desejamos uma feliz viagem e muitas prosperidades.

INTERESSES DO CONCELHO

EM DEFESA

SR. REDACTOR

Li o n.º 37 do «Dever», e nele a entrevista que V. teve com o sr. Verão, que não conheço, e por detraz do qual estão individuos que bem conheço.

Não para eles, que bem sabem não ser verdade o que dizem, mas para V. que póde estar de boa fé, vou explicar os dois pontos da acusação:

A verba de 160$000 réis teve por fim satisfazer as despesas do recenseamento geral politico, por lei de 14 de março de 1911, em que, além de mim, que tive trabalho que deitou até ás 19 e 20 horas, em que ia jantar, trabalharam mais tres individuos, cujos nomes posso citar, que trabalharam nos ultimos dias (dos 8 em que todo o serviço devia ser feito), até ás 4 horas da madrugada; e assim vê V. que a verba não era tão grande como á primeira vista, e sem mais detalhes, parece, atendendo ao trabalho insano e ao praso dele.

Se o injormador ou informadores sabiam que havia os vicios, que aponta em folhas de serviço, prestaria esse ou esses um serviço ao concelho, vindo no praso legal, devidamente anunciado, examinar as contas, e contra elas formularem as reclamações que entendessem dever fazer. Era mais correcto e proveitoso.

São estes os pontos concretos da queixa contra a administração da Comissão Administrativa.

Do modo como pretendo desempenhar-me do meu cargo, que exerço sempre com louvor das diferentes vereações, com que tenho servido, vai fazer 32 anos, póde V. informar-se com duas pessoas, para V. insuspeitas,— os srs. Joaquim Ferreira de Figueiredo e Augusto Ferreira d'Andrade, ambos republicanos de sempre.

Eu, porém, conheço o «mot d'ordre» da imprensa filiada em certo partido, cujo fim é demolir; e como esse é o fim que se propõe, não resta duvida que todos aqueles que não pertencerem a este partido, hão de ser incomodados por essa imprensa.

Parece-me que a orientação não é boa, porque o que convem á consolidação da Republica é a cooperação de todos os portuguezes, que por não militarem nesse partido, apesar de filiados nos partidos republicanos, nem por isso deixam de ter direito ás regalias de que gosam todos os portuguezes, e porque o são.

Muitas outras considerações podia fazer a V., a quem nunca ofendi, mas para não lhe tomar mais tempo, fico-me por aqui.

De V., etc.

ANTONIO PEIXOTO DA SILVA.

A VOZ DO PUBLICO

Um caso grave,—Uma escola em ruínas

Em carta por mim dirigida ao digno director deste conceituado jornal a 17 de junho deste ano e que foi publicada a 23 do mesmo mez e ano, procurei orientar o publico do cáos em que se encontrava a instrução em Liceia, e bem assim do miseravel estado em que se acha o edficio escolar, apontando para prova varios factos deveras vergonhosos, e deixando de apontar um outro que mais tarde me constou e que depois vi ser verdade, porque o não sabia.

Nessa carta prometi continuar, o que não fiz devido aos meus trabalhos escolares, e tambem porque no tempo que tinha destinado a férias fui obrigado a fazer uma viagem ao Novo Mundo donde cheguei ha pouco.

Como acima disse, não citei um facto grave, o que agora faço.

Frequentes vezes vai falar com o professor de Liceia á sua escola uma mulher que passa aos olhos do publico como sendo amante dele!

A escola! O santuario do Bem e da Verdade, transformado em lupanar!

Isto é grave! Mas é verdade!

O professor a quem é confiada a missão de educar, instruir e moralisar o povo e as creanças, dando-lhes bons exemplos, admite concubinas na sua escola!

E' grave! Mas é verdade!

A escola ainda se encontra no mesmo estado em que se achava, ou ainda peor.

Depois de quatro mezes que se passaram sobre a minha carta ainda se não fez nada, e nesses quatro mezes houve dois de férias, nada se fazendo.

Oh! que desleixo!

Pela Comissão Paroquial foi destinada uma verba para as reparações mais necessarias de que a escola necessitasse, sendo incumbido o professor da administração dos serviços, com o que não concordo, pois que residindo o professor em Sant'Ana e indo a Liceia só para dar aula, estando apenas lá o tempo legal, não pode administrar os serviços, o que muito bem podia e devia fazer o presidente da Comissão Paroquial ou o seu secretario, que residem na mesma freguezia e proximo da escola.

Agora, mãos á obra que estamos a pouco tempo do inverno e o telhado não póde continuar como está, com grave prejuizo para a saude das creanças.

Coimbra, 11 de novembro de 1912.

Julio Cesar de Matos.

Subscrição a favor duma entrévada do logar do Canêdo

Tansporte	3$000
José Esteves de Barros (Montemór-o-Velho)	100
Total	3$100

UMA CARTA

A carta que noutro logar publicamos do snr. Antonio Peixoto da Silva merece da nossa parte uns ligeiros reparos, visto pretender envolvêr-nos em responsabilidades que não assumimos, atenta a maneira como os factos fôram relatados a publico. Em questão de entrevistas, a responsabilidade do que se diz cabe unica e exclusivamente ao entrevistado, nada tendo que vêr com os acontecimentos o jornalista que pede a sua explanação. E o snr. Peixoto da Silva, defendendo-se no pleno uso dum direito que lhe está garantido pelas praxes jornalisticas, parece admitir no final da sua carta uma certa intervenção da nossa parte no que ficou dito a semana passada. Se não vissemos aqui qualquer má interpretação ácerca das funções da imprensa em relação á vida publica, diriamos que houve da parte do snr. Peixoto um pequeno despeito contra nós, por nos darmos a provocar revelações de coisas que poucos conheciam. Mas o snr. Peixoto, não querendo talvez ver bem a nossa situação nesta conjuntura, fala no «*mot d'odre* da imprensa, filiada em certo partido, cujo fim é demolir, etc., etc.» Aqui há, sem duvida, uma interpretação acintosa, com a qual o snr. Peixoto nos pretende alvejar. Mas o snr. Peixoto sabe muito bem, como toda a gente está farta de saber, que o *Dever* não está ligado a partido nenhum, por motivos que é ociozo demonstrar. Para que vem, pois, a proposito dos interesses do concelho que nós queremos defender a todo o custo, falar em «*mot d'odre* da imprensa, filiada em certo partido, cujo fim é demolir»? Prove o snr. Peixoto a existencia dum *mot d'odre* neste jornal, prove que ele está filiado no determinado partido que quiz ocultar, e prove depois que o fim do partido ou o fim desta campanha, para o caso pouco importa, é demolir... que é o mêsmo que dizer—atacar.

Se houver demolição a fazêr-se, não serêmos nós que a isso nos abalançarêmos, mas sim o govêrno que nos lêr e que achar na exposição dos factos que apresentamos qualquer gravidade que possa comprometter os interesses do municipio e do pais. Portanto, para sêrmos justos e imparciais, nada mais farêmos, no decurso das nossas entrevistas, do que expôr o mais fielmente possivel tudo quanto os nossos entrevistados nos comunicarem. Os alvejados têm as colunas do nosso jornal para dizerem de sua justiça, mas nunca com o intuito de nos assacarem responsabilidades, cômo o deixou entrevêr bem claramente o snr. Peixôto da Silva.

O BRAZIL

Passou no dia 15 mais um aniversario da proclamação da Republica brazileira, modelo grandioso de todas as republicas do mundo.

Ao povo brazileiro, que é nosso irmão pelo sangue, que fala a mesma lingua que nós falamos, daqui estreitamos num cordeal e profundo amplexo, desejando-lhes venturas mil.

CORRESPONDENCIAS

Vale de Santiago (ODEMIRA)

Passamento

Finou-se no dia 5 do corrente, em Vila Real de Santo Antonio, Augusto Morais das Neves, empregado do comercio do sr. Combreira, importante proprietario e negociante dali, e filho do sr. Francisco Morais, residente na aldeia cujo nome encima esta noticia.

Moço de 19 anos, e porventura a sorrir-lhe um porvir risonho, a parca fria e implacavel arrasta-o á campa fria em meia duzia de dias de doença, para que todos os recursos clinicos e tanto carinho e amisade, juntos a um desvelo indizivel de seus patrões, que lhe queriam como a um filho, foram ineficazes.

Bem os mereceu o infeliz rapaz que em toda a parte em que esteve deixou amigos que lhe tributaram a maior estima, e aqui, á chegada da noticia do seu falecimento, vimos inumeros rostos banhados de lagrimas amarissimas a acorrerem para casa dos desolados pais, patenteando-lhes o seu profundo desgosto por aquele que foi um filho extremoso, um irmão desvelado e um amigo leal e sincero.

F nós, ao lançarmos no papel estas linhas, sentimos a pena vacilante, como que julgando que o nosso amigo ainda vive, como imensa seria a nossa alegria se assim fosse, como intensa é a magua que nos vai no coração por veridicamente sabermos que de facto jaz no tumulo ou sob a terra fria.

A nossa alma alanceada punge-a e pungi-la-ão por muito tempo os espinhos cruentos da dôr;—alma de quem, na qualidade de professor da primeira letra ao exame de 2.º grau, lhe incutiu as primeiras luzes da sciencia que ele aproveitára com reconhecida distincção e amor, porque foi um aluno sempre aplicado e inteligente, amigo leal do seu professor e dos seus companheiros de escola; amisade que foi desenvolvendo com a edade, porque, quando por fóra, sempre enviou noticias aos pais como a varias pessoas da sua terra adoptiva, pois que ele e os pais haviam mudado na infancia do falecido a residencia, da sua terra natal para esta povoação.

Emfim, eclipsou-se o honesto rapaz, perduravelmente. Resta-nos com os nossos sentimentos sinceros a sua familia mais uma vez registar clara e solenemente a nossa amargura por tão funesto desenlace, amargura que por muito tempo existirá em nosso coração.

10—11—912.

Joaquim Dias Janeira.

ANUNCIOS

Arrematação judicial

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, vai á praça, no dia 24 do corrente mez, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial, para ser arrematado pelo maior lanço oferecido sobre o valor da avaliação, o seguinte predio pertencente ao casal inventariado por obito de José d'Oliveira e mulher Rosa de Jesus, da Volta da Tocha, o qual vae á praça por deliberação do conselho de familia e interessados maiores para pagamento do passivo aprovado:

Um assentamento que se compunha de casas de habitação e curraes (que já não existem, mas sim o terreno em que assentavam) e quintal pegado em que viveu o inventariado, e mais uma terra lavradia separada do referido quintal por uma serventia de inquilinos ou caminho que conduz á fonte, tudo no logar da Volta da Tocha, freguezia d'Arazêde, e tudo avaliado pelos louvados em 140:000 réis.

A contribuição de registo é paga por inteiro pelo arrematante.

Pelo presente são citados para a praça quaesquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 1 de novembro de 1912.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sêde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

Viuva Ismael da Cruz & F.º

Arazêde

Vende fazendas de lã, algodão, mercearias, miudezas, artigos para funerais, farinhas, sal, ferragens, etc., etc.

Para liquidar, encontra-se nêste estabelecimento um saldo de flanélas e de muitos outros artigos, que se vendem quazi por metade do seu custo.

E' aproveitar a ocasião!

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

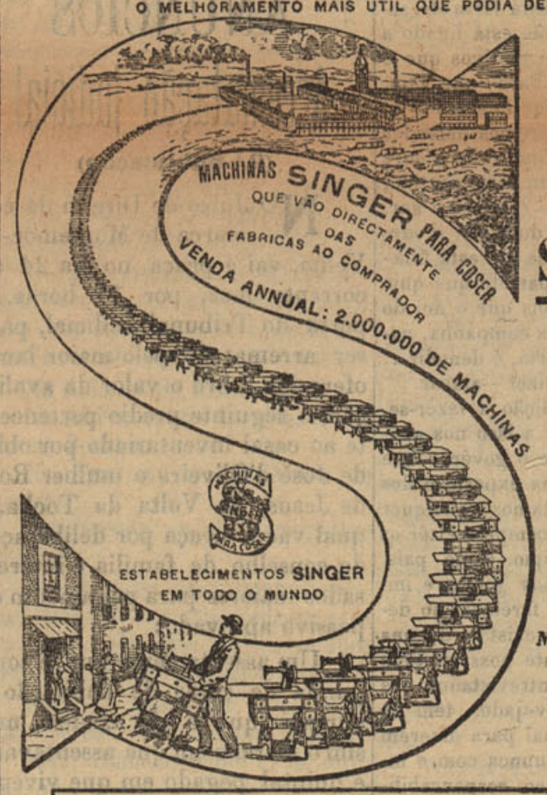
(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne. Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central. Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

MURALINE Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

CASA FUNERARIA

— DE —

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA — FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.° Arazêde, 24 de Novembro de 1912 N.° 40

O DEVER

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Homens e principios

Há uma falsa noção dêstes dois factôres do progresso mundial por parte de certos amoucos da *bôa doutrina*, que caréce do escalpêlo da crítica mordaz para se depurar o ambiente deletério criado por êsses mesmos fantoches. Dizem êles, em programas vistosos, que seguem *princípios* e não *homens*, que perfilham *ideias* e não *opiniões*. Ora ésta declaração, posta assim em públíco em prosa leonina, é muito simples em teoría, mas dificil de executar na prática.

Na defêsa dos princípios têmos de medir primeiro o nosso critério pelos nossos próprios actos, antes de começarmos a criticar os actos dos outros. Se o mérito preside á bôa orientação da nossa conduta, se nós nos recomendamos pela purêsa dos nossos costumes e pêla intransigencia e integridade do nosso caráter, está garantido o direito de podermos metêr a foice nos actos alheios; de contrário, sujeitamo-nos a ser apodados de hipócritas e de canalhas, o que facilmente se justifica pelas nódoas que possa haver no passado de quem merecer tais epítetos.

Há quem, dizendo-se defensôr acérrimo dos princípios, vá ferir êsses mesmos princípios por um fetichismo de doutrinas sem báse concréta. E—isto é lógico—agredindo os princípios, cai a fundo sôbre os homens, ainda mesmo que êles sejam a encarnação das ideias mais altas. Chega a ser triste ver criaturas, que tiveram um passado de ignomínias e de manchas profundas no seu caráter, virem para público dizer que defenderão a justiça e a civilisação, como se isto fôsse usufruto de farçantes, de carólas e de egoistas

Tendo vivido por largo tempo sob a influencia do trôno e do altar, tendo feito ataques á Liberdade e á República com uma ferocidade tigrina e apaixonada, êsses fundibulários do Direito e da Justiça vêem agora acolher-se á sombra dos princípios, pretendendo dignificá-los com a baba peçonhenta de vis e infames scelerados. De reaccionarios e jesuitas que eram, querem agora passar por republicanos e liberais convictos.

Que valem os princípios á luz da rasão dêsses homens? Tanto como um monturo ao frouxo clarão dum paúl. Invocam ostensivamente os princípios quando deviam invocar a rêde ardilosa dos seus processos medíocres. Clamam pela firmêsa do caráter e pela lealdade e persistencia nos ideais quando deviam abordar-se á mulêta do reaccionarismo e do sectarismo dissolvente, que é afinal o seu crédo. Simulando defender o ideal, êsses acrobatas do caráter nada mais fazem do que criar astutamente, ardilosamente, sectarios da sua doutrina abalada e da sua propaganda falsa e maliciosa. Jogam de encruzilhada para poderem conquistar um logar de eleição entre aquêles que legitimamente servem o seu país e estão ao lado dos verdadeiros princípios com que êles pretendem especular.

Daqui nasce a falsa noção de homens e princípios. Os homens, quando eivados dos êrros e dos desmandos que podem perturbar a marcha regular dos negocios públicos, condênam-se e merecem a nossa execração mais violenta, enfrentando-os, para se corrigirem, com as ideias convulsionantes e que são a aspiração d sociedade consciente. Há hoa mens, porém, que integrando-se néssas mesmas ideias, identificando-se com élas quanto possivel, correspondem ás aspirações mais altas da consciencia pública e só merecem o nosso louvôr mais claro e categórico.

Do mesmo modo os princípios, encarados pelo verdadeiro prisma, e para não serem nunca desvirtuados, só poderão ser defendidos por gente honesta e que não tenha vacilado no campo do combate. Os colapsos na luta, quando éssa luta é cortada de forçadas fadigas e de fingidos desalentos, são indício certo de hipocrisia e de canalhismo tão próprios de quem vive acorrentado ao sistêma utilitário do conservantismo retrógrado.

Ideias e princípios acima dos homens, dizem os fetichistas das coisas abstrátas; mas ideias e princípios, para o arranjismo pessoal, e para lançar poeira nos olhos dos ingénuos e dos sugestionados.

Assim vive certa gente á sombra do Ideal.

CRÓNICA DO PORTO

Qui sert bien son pays n'a pas besoin d'aïeux.

VOLTAIRE.

A tarde declína...

Ao largo, num delirio febríl inexplicável, a multidão festeja a data gloriosa de 15 de novembro, data do resurgimento da patria brazileira nossa amiga, data da proclamação da grande Republica nossa irmã.

Juntam-se as agremiações em cortejo festivo, e, ao som da *Portuguêsa* e *Maria da Fonte*, lá vão, rua acima, até ao consulado do Brazil.

Que de entusiasmo! que de patriotismo!

Os foguêtes restrugem multicôres emquanto, cá em baixo, os corações pulsam na ancia insofrida de portuguêses reconhecidos á florescente Republica que de longe nos estende o seu abraço hospitaleiro.

E o cortejo lá segue triunfante...

A' nossa frente, na magnificencia das suas belêsas arquitetónicas, ergue-se o edificio do Grande Hotel do Porto, onde está instalado o consulado brazileiro.

Frementes ovações, discursos veementes, a que, envôlto em comoção visivel, o inteligente engenheiro fluminense, snr. Rigaud Nogueira, agradece em nome da sua patria.

Depois, já não bastante as nossas saudações, é a ilustre colonia do Brazil que vai cumprimentar o digno consul.

Ora, pensando bem: Eu vi em toda essa romagem a abnegação e o amôr fraternal dum pôvo que não esquece os seus devêres, eu vi em todos os manifestantes pessôas de todas as classes, eu vi, com extraordinaria clarêsa, o *pançudo* burguês confraternisando com a *baixa* ralé. Eu vi, sim, mas, ah! recordo-me do mestre que dizia: *Qui sert bien son pays n'a pas besoin d'dieux.*

Porto, 19 de Novembro de 1912.

GOMES MONTEIRO.

Coisas simples

Em pról das áves

No decorrer duma conversa contou Guerra Junqueiro que ha pouco foi indeferido na Suiça o requerimento de indulto á pena por que um cidadão tinha sido condenado em virtude de ter matado a tiro algumas áves que pacatamente se banhavam no lago de um jardim público.

Este facto é suficiente para pôr em relevo o aperfeiçoamento do paiz onde se deu e o respeito ás leis bem como a protecção dada ás áves que com os seus predicados enchem de alegria a terra e os áres.

Ainda que qualquer outro cidadão se queira dar ao capricho de matar áves a tiro, em vista das penalidades impostas, de certo não atentará: a atmosféra terá os voos livres dos seus variados habitantes e os jardins públicos o gracil ornamento das áves palmípedes.

Entre nós quasi nenhuma protecção é dispensada ás lindas avesinhas, ou até pelo contrario, estão cheias de inimigos.

Vêmos aqui as crianças no gôso inato de destruir ninhos; acolá os garotos, rapazes vadios que á beira dos ribeiros, nos salgueirais que os órlam, técem as suas armadilhas e os tristes passarinhos, na sua ingenuidade, lá vão uns após outros caír no laço—são depois as vitimas vendidas ao estipêndio de 5 réis a cabeça!—, mais além um ou outro caçador furtivo que em tempo defeso impede a procreação matando as perdizes; é ainda o mesmo que nos rios lança trovisco, cóca e tiros de dinamite!

São êstes os amigos das áves.

Tem-se esforçado Luiz Leitão na sua *Revista do Bem* em enaltecer a galeria mundial dos protectores das avesinhas e não poucos incitamentos tem dado ao professorado primário para que coopere no seu apostolado em pról das mêsmas.

Na verdade é nas escolas que deve sêr mais intensa a propaganda em favor das áves.

A criança é de indole selvágem, isto em contrário da fórmula pela qual Rousseau começa o *Emilio:* «Tudo é bom saindo da mão do Autor das coisas, tudo degenéra nas mãos dos homens». O seu gosto constante é destruir. Possuir aquilo que mais exquisito é e dificil de conquistar, eis o seu sônho.

E' por isso que assistimos a todo o momento ao espectáculo de vêr crianças dependurádas das árvores ou dos beiraes dos telhados á cata de ninhos. Agarrados estes, quebram os óvos, reduzem a nada a moradia aéria que tantas canceiras déra aos seus pequeninos edificadôres e nunca a criança está satisfeita deste prazêr selvágem.

E' pois nas escolas que teem utilidade as prelecções dadas ás crianças afim de inocular-lhes o amôr e protecção pelos pássaros que ainda que outros serviços não prestássem, basta a sua presença gracil nos beirais e os seus trilos nas rameiras das árvores para sêrem queridos.

Quantas vezes aqui, que tão poucas avesinhas vejo, me lembro com saudade da alegre passarada que todas as manhãs gabrejáva sôbre o telhado da casa onde passou a minha infancia, logo que aos primeiros raios da manhã eu despertava!...

Mas a propósito das escolas, agora certamente se não dá o caso que ha tempos me contaram:—Estava um professor falando aos seus alunos da utilidade das áves e eis que um pardalzito atrevido entra por uma janéla desafiando a criançada; um dos pequenos agarrou-o pressuroso. Levanta-se o professôr cheio de autoridade:

—Que deve o menino fazer desse pássaro?

—Dar-lhe a liberdade, responde o pequeno, lançando ao mesmo tempo o pardalito pela janela fóra, que ao largo lhe agradece com uma desafinada chilreada.

O mestre levanta mais a voz e vai todo colérico junto do rapaz:

—Sábe que pássaro era! o descarado pardal, e, toda a vez que se apanha, esborracha-se debaixo dos pés, porque é o destruidor das sementeiras e dos frutos!

Lembrei-me então do caso de Frederico o Grande que mandava dar 15 réis por cada pardal afim de lhe destruir a criação; porém, tempos depois, reconhecendo o seu êrro, dáva protecção ao mesmo

A instrução em Portugal

A obrigatoriedade de frequência não poderá ser um facto em Portugal, em quanto o governo não cuidar a sério do problêma da instrução.—Escolas em ruinas e falta de escolas.—Eduque-se o povo.

—Alvitres

Muitos rabiscadares de imprensa sustentam ainda a erronea e contraproducente doutrina de que se deve obrigar, já, a uma frequencia regular, e conseguintemente que os paes dos alunos devem ser obrigados, perante a lei, a fazer ir os seus filhos á escola.

Ora isto, se não fôra profundamente leviano, seria, contudo remar contra a maré.

E' sabido que nós não temos escolas, e, as poucas que existem, distam, em muitas localidades, a grande distancia das povoações, de modo que, para os rapazes as frequentarem com assiduidade, seria necessario perderem um dia, caminharem longos kilometros, dispenderem todo o tempo no caminho da aula.

Do que carecemos é de que se construam casas escolares facilitando a instrução aos pobres filhos do povo; que estes sejam auxiliados pecuniariamente pelos poderes publicos, uma vez reconhecida a falta de meios para adquirirem livros e os demais objectos indispensaveis ao estudo da instrução primária.

Efectivamente é bonito, é mesmo cómodo dizer-se que se devem obrigar as crianças a frequentarem as aulas, etc, etc. Mas cômo tratar de apontar medidas de salutar alcance, de modo que o problema da instrnção se resôlva, é tarefa já um ponco mais avançada, mais complexa, vá de empregar-se só retórica inutil e superfluo palavrório.

E com efeito, essa pequenada que para ai anda martirisando-se ao sol ingrato do labor dos campos, necessita de mais proteção dos dirigentes governativos, pois que, coitados, privados de todos os meios de subsistencias arrastam, de sol a sol, uma vida de ingratidões, e passarão a sua existencia, desde a humildade do berço até á humildade do tumulo, sempre envoltos da mais cruenta desdita, nascendo cegos de espirito e morrendo cegos de espirito.

Para isto é que é preciso lançar as vistas, mas duma maneira prática e consentânea com o bom senso e com o critério mais puro.

Tudo o mais é irrisorio, é tôlo, é dispender tempo e fazer fraca figura.

Um pae tem dois filhos, com 9 anos um e outro com 11. Cada um dêstes rapazes, porque o pae é um desgraçado faminto que estende, alquebrado, a mão á caridade pública, lhe leva, produto do seu trabalho durante a semana, ao sabado, meia duzia de vintens.

Ora esse desgraçado ha-de ser obrigado por lei a mandar os filhos á escola, sem mais tirte nem guarte, sem nem ao menos se atender a que o homem morrerá de fome, sem almoço e sem jantar se os petizes lhe não levarem nada?!

Não, não ha-de ser obrigado a manda-los á escola.

O que ha a fazer? E' simples, senhores *articulistas*. Regulamentar uma pequena pensão ao pae dos rapazes, tanto quanto os filhos lhe levariam no fim do dia ou do mez, comprar livros e roupas aos pequenitos, e manda-los á aula.

Confortar-se-ia um estomago, minorar-se-ia, com uma bagatela, uma desventura, e semear-se-ia, simultaneamente, a luz sacrosanta da instrução.

Uma pequena caixa de pensões criada pelas camaras municipaes, daria o resultado satisfatório para o bom exito dêste *desideratum*.

A pensão duraria em quanto perdurasse o tempo da tal *obrigatoriedade*. Só assim, e isto não é ainda tudo, se poderão pôr leis em execução, porque á confécção das leis tem obrigação de presidir critério e humanitarismo.

Mas, antes disto, remunerar os pobres professores, que não ganham alguns, nem para comer.

E depois, que os rabiscadores de imprensa sustentem, então, a doutrina agora extemporanea, da obrigatoriedade de frequência.

ALMEIDA JUNIOR.

pássaro; actualmente não é tão perseguido porque toda a gente sabe que o pardal compensa bem o prejuizo que causa com os insectos e larvas que destroi em beneficio da agricultura.

Já que tão pouca iniciativa ha entre nós e se copia de lá de fóra tanta coisa inutil, imitem-se os exemplos da protecção ás áves; e tantas variedades delas espanejam a sua colorida plumagem á luz do nosso sol, na amenidade do nosso clima!

Novembro de 1912.

AUREA JUDIT AMARAL.

Secção Instrutiva N.º 7

Horas d'Ocio

A prelécção do Bátista

Ora consinta que eu tambem entre na conversa. Tenho estado calado para não o interromper, mas fui tomando as minhas notas para depois o interpelar. O snr. Bátista disse para aí umas cousas que eu desejava nos explicasse.

Disse que no tal espaço infinitamente grande, onde o globo terrestre gira com os tais tres movimentos, há a escuridão completa. Não percebo porque é que então nós vemos com a tal luz do sol, de dia; e com a luz da lua, de noute. Se essa luz atravessa esse espaço, devia eluminal-o!

E esta agóra, snr. Bátista! Por esta não esperava o meu amigo.

Parece-me que o assustei, como se lhe tivesse deitado uma bomba de pataco ao pé.

Eu lhe digo:

No espaço infinito existem milhões de milhões de biliões de corpos, que, como o globo terraqueo. giram tambem.

Pois bem; desses, uns teem luz própria, e chamam-se, porisso, luminosos, e outros não a teem sua, recebendo-a portanto dos outros, e chamam se iluminados.

Aos primeiros tambem se chamam sóes ou estrelas.

Não ha, pois, só um sól, mas sim, muitos milhões de milhões de sóes, formando, porem, grupos, ou, falando á tricâna, formando ranchos diverssos, onde não sei se cantam, mas o que sei é que dançam, pois que tôdos eles estão em constantes movimentos, descrevendo na sua marcha curvas diverssas, não para o mesmo corpo, mas muitissimo grandes, e que em desenho se chama Parabola, hiperbole, e eclipse.

A terra, que, assim como a lua, não tem luz propria, tambem dança em torno de um outro que a tem, e a que chamamos o Sól, e por seu turno, tambem tem um outro a dançar á roda dela, que é a Lua.

Pois bem; desse sól, saem milhões de feixes de raios luminosos, que só incidem no que encontram, isto é claro, e, não encontrando no espaço absolutamente nada alem dos taes corpos, só nêles podem incidir.

Esses, e falemos em especial da Terra, teem na sua superficie milhares de pontos, superficies e objectos não pulidos, e que portanto refletem a luz que recebem, para os nossos olhos. permitindo assim que vejamos as fórmas e dimensões dêsses mesmos objectos

A esta luz, que nos deixa ver tudo, se chama a luz difusa.

Então, para vermos os objectos que nos sercam, é precisa a tal luz difusa, isto é: é preciso que os objectos que nos rodeiam sejam despolidos?

— Exatamente.

E como se chamam a êsses ranchos que tanto dançam?

— Chamam-se sistêmas.

— E ás danças, chamam-se-lhe como ás nossas, walssas, polkas.. etc.?

— Não. Chama-se gravitação.

— Deve ser bonito esse estudo.

— E' lindissimo. E' mesmo o mais bonito daqueles poucos que eu conheço. E' nele que nós mais do que em qualquer outro reconhecemos a nossa pequenez. E' nele que, mesmo contra nossa vontade, somos forçados a reconhecer e a confessar a sublimidade de perfeição com que está constituido o universso. E' finalmente nele que temos de arremessar para o lado tôdos os juisos que formavamos sobre Deistas ou Ateistas, para prestarmos culto á tal força tão prodijiosa a que chamamos Deus.

Figueira da Foz, 7—11—912.

(Continúa).

M. E.

DOENTE

Acha-se gravemente enfermo o filhinho do nosso querido Director, que, abatido pelo desgosto que lhe causa a doença do unico enlevo da sua vida, não tem podido dispensar ao jornal toda a sua costumada solicitude e atividade.

Nós avaliámos bem a dôr do nosso querido amigo, e abraçâmo-lo comovido desejando as melhoras da interessante creança.

O plebiscito á Mulher

DECISÃO DO JÚRI

Damos hôje os votos dos membros do júri sôbre as respostas aqui publicadas até ao numero passado, e que dizem respeito á pergunta:

Que papel desempenha na nossa vida o homem a quem amamos:

Tem a palavra o júri:

1.º — Pela sua inocencia e candura, voto pela opinião da ex.ma snr.ª D. Deolinda Moreira.

Americo B. Teixeira.

2.º — Voto pela opinião da snr.ª D. Deolinda Moreira.

Cesar Campos Silva.

3.º — Vóto pela resposta da ex.ma snr.ª D. Deolinda Moreira porque é, de todas, a que mais me agrada e satisfaz.

Emquanto as outras se infiltram numa desconfiança tão vulgar nos corações experimentados, aquela reveste-se duma candura virginal.

E a candura é tão suave...

Gomes Monteiro.

4.º — Porque na sua essencia representa o sentimento da mulher, eu voto na ex.ma snr.ª D. Lidia P. da Silva.

Silva Carvalho.

5.º — Voto pela resposta da ex.ma snr.ª D. Lidia P. da Silva, porque em poucas palavras disse tudo.

Se permitido me fôr, coloco em segundo logar a resposta da ex.ma snr.ª D. Noemia Santos, porque ela representa o sentir delicado duma mulher.

Regeito em *limine* a resposta da ex.ma snr.ª D. Deolinda Moreira, porque para mim, ela representa estilo e não sentimento.

Patrocinio M. Guedes.

Ha, portanto, uma maioria de votos a favôr da snr.ª D. Deolinda Moreira, a quem vai sêr conferido um prémio, que consiste num elegante volume do *Anteu*, o belo poéma de João de Barros; e uma minoria a favôr da snr.ª D. Lidia P. da Silva, que será brindada com uma bonita colecção de postais ilustrados.

A seguir iniciamos

Um nôvo plebiscíto

entre o feminismo português.

Pergunta-se nêste momento:

A Mulher deve têr direitos politicos como o Homem?

Respondam as nossas gentis leitôras em cujo intelecto depômos as nossas esperanças.

As condições das respostas ao nôvo plebiscito são as mêsmas que do primeiro, com a restrição da que dizia respeito á extensão da resposta que, desta vês, não tem limite de linhas, por isso mêsmo que o assunto despertará maior interesse no espirito feminista.

Será tambem organisado um júri para apreciação das respostas e estabelecidos novos premios.

NO «DEVER»

Estiveram de visita nesta redacção os nossos amigos José Martins Ferreira Pires, zeloso empregado da Fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª, da Pampilhosa; Manuel Simões Lopes, chefe adjunto da Beira Alta; e Matos Tavares, empregado principal da mesma Companhia.

=== Tambem nos visitou o nosso querido correspondente da capital, Alfrêdo Fernandes d'Almeida.

Muito agradecêmos a gentilêza.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XXXV

O ministério da Instrução—A política deve alhear-se desta questão melindroza—Não imitêmos os processos do velho regime — Quem são os futuros dirigentes do ministério da Instrução?—A nosso vêr, a escolha do directôr geral deve recair ao snr. Silva Barreto, como velho republicano e pedagogista distinto

Ao que anunciam os jornaes, está, sem a minima duvida, criado o ministério da instrução publica. Emfim... Mais vale tarde do que nunca.

Preciso se torna, porém—e nisso é que o nosso espirito, de ha tempos a esta parte mais ou menos scético sempre, não tem uma ilimitada confiança—preciso se torna que, sendo tal ministerio criado para alhear, da política mesquinha as melindrosas questões da instrução, meia volta andada, senão logo de princípio, nós o não vejamos operar ao saber de grupos e de conveniencias partidarias ou particulares.

Sabe-se o que até agora tem acontecido no campo da instrução.

Os ministros do interior, como os antigos ministros do reino, ou não ligavam a mais pequena parcela de atenção á escola e ao seu corpo docinte, envolvidos como estavam pelas restantes multiplas questões do seu cargo; ou então, quando para esses assuntos volviam as vistas magnanimas era, por via de regra, para produzir asneira ou originar e sancionar perseguições aos funcionarios escolares. Quem tem mexido os cordelinhos são ou funcionarios desacreditados por varias proêsas no antigo regime, ou então os políticos, que sujam tudo quanto tócam, com excepções muito raras.

Vamos a vêr o que sái... Mas, pela fórma como já vejo descutir-se na imprensa diária politica a nomeação do futuro ministro, sou levado a pôr de quarentêna a ideia de que êle se alheará completamente de grupos e de clientelas.

Ligada á nomeação do ministro, outra questão muito importante para o magistério primário anda: a escolha do director geral de instrução primaria, na hipotese, que muitos aventam, de o dr. Leão Asêdo não voltar a assumir tais funções. Nas suas *Cartas de Lisboa* para o jornal portuense *Federação Escolar*, tem ultimamente um distintissimo professor e escritôr pedagogico apontado o nome do senador Silva Barreto, como sendo o do homem que convém aos interesses da instrução e do professorado. Estamos de acôrdo com êle. Silva Barreto, velho republicano e liberal, além da sua muitas vezes mostrada competencia nas questões de que nos ocupâmos, é um professor de ensino mormal distintissimo, como em tempos fôi um abalisado professor primario. Tem, pois, todos os requisitos desejaveis em quem tenha de exercer as melindrosas funções de director geral de instrução primaria.

Como *Bibiano Astreia*—pseudónimo do referido correspondente da *Federação*,—direi que outro que nomeiem, e sairá tolice; outro que aceite, e fará a Silva Barreto um roubo...

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

As entrevistas do "Dever„

O presidente e um vereador do municipio de Montemór-o-Velho defendem-se de várias acusações que lhe são imputadas nas entrevistas do DEVER

Ex.mo sr. redactor do jornal «O Dever»

Há dias vi no seu bem redigido jornal a entrevista dum dos seus redactores com Armando Verão, factor da estação de Verride, e na qual o entrevistado faz acusações á comissão administrativa da camara e especialmente ao seu presidente. Não respondi a tal senhor porque quem me conhece sabe a honestidade com que procuro administrar os haveres do municipio. Hoje, porém, aparece-me o sr. Ismael Sampaio, o novo entrevistado, a dizer da sua justiça. A este vou responder:

Quando me vieram procurar para eu fazer parte da comissão administrativa dêste concelho, aceitei; não para servir os meus interesses ou doutrem, mas sim para servir o meu país em especial e o meu concelho em particular.

Se eu fizesse parte do grupo democratico do concelho os meus actos eram elogiados, mas como sou evolucionista todos os odios dos democraticos se aglomeram contra mim; creio até que se eu enveredasse pelo caminho democratico, este partido me passava um atestado de republicano histórico.

O sr. Ismael diz ser eu um inepto, um incompetente; ora eu quando ouço falar dêste senhor observo que lhe passam identico diplôma; se é verdade o que este senhor diz de mim, e o que dizem dêle, vê-se que fala o rôto do remendado.

O sr. Ismael fala só num acto concreto de administração camararia; isto é, refere-se ás árvores mandadas podar pelo meu falecido e saudôso colega Barros. Pois até nêste ponto foi infeliz o sr. Ismael, porque se foi referir a um verdadeiro homem de bem, que poderia errar, mas que trabalhava desinteressadamente pelo engrandecimento de Montemór.

A comissão administrativa, segundo o modo de vêr do sr. Ismael, nada tem feito; pois dê uma volta pelo concelho. e pônha em linha de conta os fracos recursos da camara, e verá que o dinheiro do municipio tem tido honesta aplicação.

Devido a um esforço de vontade da comissão administrativa em breve Montemór terá um bom matadoiro e verá reconstruida a sua escola de sexo masculino. E' ainda devido á comissão administrativa e aos esforços no seu presidente junto dos seus amigos que as pontes—esse sonho das mil e uma noites—são mudadas para local apropriado.

Que o sr. Ismael e os seus amigos façam tanto e tão desinteressadamente com eu e os meus amigos temos feito em beneficio do concelho, é que eu muito estimarei.

O sr. Ismael pretendeu o logar de oficial do registo civil do concelho e eu com os meus amigos empregámos toda a nossa boa vontade para a sua pretenção ser atendida, nada conseguindo, porque ao sr. Ismael faltava o diplôma exigido pela lei para ser despachado.

Mais tarde, pretendeu ser administrador do concelho; entendi, talvez ineptamente, segundo o seu modo de vêr, que não era moral ele ser administrador onde sempre era secretário da administração.

Estará aqui a rasão da má vontade do sr. Ismael contra a comissão administrativa e especialmente contra o seu presidente?

E' possivel.

St.º Varão, 21—11—912.

Albino de Noronha.

Resposta á lêtra

Seguindo com interesse as entrevistas do *Dever*, tivemos ocasião de apreciar o diploma bem pouco honroso para a nossa humilde pessoa e alguns dos nossos colegas, que o snr. dr. Ismael Sampaio, sem rebuço, nos passou.

Sentimos bastante ter que dizer ao snr. dr. Ismael, que se hoje ocupamos, bem contra a nossa vontade, o logar de vereador, *á ausencia de bom senso e de firme orientação de sua ex.ª, que muito o deslustra*, o devemos, como encarregado que foi de organisar a comissão municipal administrativa.

Mas como o snr. dr. Ismael está nôvo, tem tempo de modificar o seu senso (se é que já não está modificado com a sua mudança para o partido democratico) e fazer então uma administração honesta no concelho; mas sempre lhe lembramos que será bom reformar os herdeiros do municipio, sem o que este não poderá prosperar. *A bon entendeur*... Ficaremos por aqui, porque o cadaver está em tal estado de decomposição, que seria um perigo mecher-se-lhe, atendendo á dificuldade de desinfecção.

Cumpre-nos agradecer as amaveis referencias de sua ex.ª, que teriam muito valor se fossem proferidas por creaturas que não tivessem telhados de vidro.

Os meus colegas que façam o mesmo.

Verride, 20—11—912.

A. Bátista Ferreira.

NOTA

«Diz o professor snr. Guilherme da Silva, de Bemfica, Muge, no *O Dever*, de Manuel de Melo:

«Como todas as outras, a reforma de Antonio José de Almeida encontra-se cheia de remendos, pois que apesar da sua pequena existencia, tem já, a aprová-la, um sem numero de portarias e circulares que lhe alteram uma grande parte dos seus artigos.

Quere dizer, em questões de instrução, pouco ou nada temos progredido».

Aquilo não é bem uma reforma, é uma manta de farrapos.

Quanto ao *pouco ou nada* que temos progredido, esclarecemos. Os secretários de inspecção são hoje inspectores de circunscrição. Ganham 900$000 réis por ano e quando não são inspectores são quási operários sem trabalho. Isto é progresso. Portanto muito temos progredido».

(Da *Educação Nacional*).

CONTOS DUMA VIAGEM

I

Chegada a Madrid

Sigo pelo *Sud-Express* com destino a Madrid e mais algumas cidades espanholas que ainda não fixei.

Vou só, e muito triste, por não ter com quem trocar impressões sobre coisas certamente maravilhosas que os meus olhos vão vêr. Até Vilar Formôso, nada de novo; porque o muito que teria a contar só me traria recordações saudosas dos tempos em que por ali passava todos os dias.

Do pessoal da companhia da Beira Alta, meus antigos camaradas, apenas conheci os chefes das estações e uma meia duzia doutros empregados de diversas categorias que ali ficaram quando ha dois anos e meio de lá saí.

Foi esta a principal modificação que encontrei. O Mondego segue a mesma direcção e a Serra da Estrela conserva-se firme como uma rocha.

Entramos em Espanha. Aqui começa a notar-se divergencia de costumes em tudo, e, muito especialmente, nos serviços ferro-viários e aduaneiros. De Fuentes d'Onoro a Medina del Campo, apenas a estação de Salamanca é coberta com *marquise*.

A distancia entre estes dois pontos é de 202 kilometros, entre os quais se encontram planicies e rectas de caminho de ferro numa extensão enorme, que dificilmente se lhe alcança o fim sem o auxilio dum bom

binoculo. Assim mesmo, a velocidade dos comboios é menor do que em Portugal.

Em Medina, tomei um *rapido* da companhia do norte de Espanha que, partindo dali ás duas horas, me conduziu até Madrid, onde cheguei ás 7. Este trajéto percorre-se de noite.

De tudo, o que mais notavel da viagem se me afigura registar, é a maneira como o empregado que em Medina anuncia a estação—tempo de demora dos comboios — *fonda cambio de tren* para as diversas direcções, etc., etc.

O homem faz aquilo quasi a cantarolar, como que por muzica.

Só aqueles que como eu teem ouvido aquele *tenór* (não é exagero chamar-lhe assim) podem apreciar bem estas referencias. E' que o homem, no seu mistér, canta maviosamente ao publico canções de trabalho e de dever.

Cheguei a Madrid. Ao desembarcar na estação do norte, recolhi magnificas impressões do excelente estado de asseio em que se encontrava aquela *gare* e dependencias.

Cá fóra, num largo lindamente ajardinado e arborisado, estacionavam muitos automoveis e trens de praça, o que já agora é da praxe em cidades de grande movimento. Mais adiante, numa larga rua, especie de avenida, que me fez lembrar a avenida Saraiva de Carvalho, na Figueira da Foz, encontrei uma fila de luxuosos trens, que me deu a impressão dum pomposo casamento. Parei o tempo preciso para passar aquele cortejo, mas, meus amigos, qual não foi o meu espanto quando, esperando vêr numa das carruagens os noivos, e nas outras os convidados, vejo em cada uma *una monja* e por sinal *mui guapitas*, comodamente recostadas nas poltronas daqueles veículos.

Não me senti bem emquanto não fui averiguar o que significava aquela procissão de... *bemfeitoras da caridade*, num dia em que o malho, movido com tanto sacrificio pelos braços dos operarios, se sentia nas oficinas bater no ferro e os trabalhadores, agarrados á enchada, cultivavam as hortas ou cantarolavam alegremente, agarrados ás charruas.

A'vido de saber coisas de novo, abordei um homemsinho que na ocasião ali passava e, com o meu espanhol aportuguezado, perguntei: — *Usted hace el fabor de dicir-me para onde van aquelas monjas?*

— *Com mucho gusto e sem fabor, señor*; respondeu o meu interlocutor. Pois. *Mire o usted; essas monjas van al palacio del señor Obispo cumprimenta-lo, porque hace hoy años que empesou papando osteas.*

— *Muchissimas gracias por su informe*; — disse eu, retirando.

As apreciações daquela romaria ficam ao arbitrio dos meus presados leitores. Como no nosso paiz, felizmente, nada disto já existe, entendo que é tempo mal empregado todo o que se perde, falando do que se passa em casa alheia, sob este ponto de vista.

Como esta já vae longa, no proximo numero contarei mais coisas da capital espanhola, entre as quais destacarei uma visita ás dependencias do Palacio Real e outros pontos mais importantes.

Escrevo sob uma das mezas do Palace Hotel, o edificio mais importante que até hoje tem sido aberto ao publico.

Madrid, 17 de novembro de 1912.

M. Almeida Junior.

Interesses do Concelho

Meu prezado amigo e snr. Redactor:

Li hoje no seu *Dever* uma carta do secretario da camara, snr. Peixoto, em sua defeza, que afinal em nada desmente o que eu disse do muito que ainda tinha para dizer.

O snr. Peixoto diz «que não me conhece, e que por detraz de mim estão outras pessoas que ele bem conhece».

Pois eu conheço o homem, e sei muito bem os seus feitos, e está redondamente enganado, quando diz que eu falo pela bôca doutros. Eu falo e penso só por mim e por mais ninguem, já não acontecendo o mesmo a outros da sua laia.

Diz mais «que levou muito trabalho na organisação do recenseamento, jantando tarde por esse motivo».

Que teem que vêr os municipes com isso?

Isto não é defêza, snr. Peixoto, é antes uma confissão ao padreca da sua freguezia...

Admitia-se que a comissão propuzesse a gratificação; mas que o snr. Peixoto a impuzesse assim como o fez, é repugnante e muito grave!...

Diz mais o snr. Peixoto, «que ha 32 anos, é secretario da camara e a contento de todas as vereações...»

Porque não, se todas teem sido monarquicas, e ele como bom monarquico que é, deve ter-se sentido bem com essa camaradagem.

Mas um dia virá e não será longe, em que justiça hade ser feita, assim o espero!

E para concluir, meu caro amigo, direi, que a alma damnada dò nosso municipio e as causas do seu atrazo, teem sido as vereações, de mãos dadas com os seus empregados Peixoto e Valente, que lá os fazem e batizam... Eles teem enriquecido, emquanto as freguezias do concelho estão na maior das miserias.

E... ponto final.

Amigo certo,

ARMANDO VERÃO.

Guilherme Ferreira da Silva

Foi colocado na Pampilhosa, tomando já posse do seu novo logar de professor-ajudante naquela localidade, este nosso presado e inteligente colaborador, que, em Bemfica de Almeirim, onde esteve por alguns mezes na sua qualidade de professor, deixou simpatias e saudades.

Ferreira da Silva, que é um rapaz estudioso e modesto, ganhou, por concurso público em que brilhantemente afirmou as qualidades do seu prodigioso talento, o posto para que acaba de ser provido.

Abraçâmos o nosso amigo.

Ferro-viarios de Portugal

Impertinentes febres palustres me têm feito arredar das lides jornalisticas. Porque eu não sei se os leitores sabem que esta maldita molestia nos quebra de todo os nervos, nos consóme toda a energia e toda a vontade de produzir.

Uma carta que acaba de chegar-me ás mãos, porém, veio despertar-me do marasmo em que jazia.

Comunica-me o meu amavel correspondente que já sairam, de todo, os 4 empregados que ha dias se fizeram demitir da linha da Beira Alta, para irem, caminho do Lobito, procurar os sorrisos da sorte que nesta linha portugueza sempre adversa lhe foi, apezar mesmo de tantos sacrificios e de tantas canceiras dispendidas em prol dos interesses da companhia que serviam.

E o meu amigo pergunta-me, com ares de ingénuo, se a companhia fez bem ou se fez mal em consentir na sua retirada, se não seria mais prático e mais proveitoso assegurar-lhes cá o futuro, dar-lhes mais alguma coisa para que se conservassem ao seu serviço.

Ora eu não sei o que dizer.

Longe dos camaradas da Beira, lastimei sempre o seu infortunio, porque, considerando-os meus irmãos em desventura, acostumei-me a olhalos com simpatia e a querer-lhes muito e muito.

Mas ainda não se nos esvaiu a esperança de que o elemento superior, tendo em linha de conta que a constante alteração de pessoal acarreta sempre prejuizos para a empreza, os ha-de vir a atender considerando-os como merecem.

A Beira é uma linha pequena mas com muito trafêgo, que aliás se está desenvolvendo de dia para dia, e o pessoal não poderá ser sempre o mesmo.

E' logico que se trabalhe, que se zelem os interesses de quem nos garante o pão quotidiano, mas é lógico tambem que esse trabalho e esse zêlo sejam condignamente recompensados.

E assim valerá a pena trabalhar.

Belmiro.

NA ESTANTE

Moral para as escolas primarias — por Alvaro de Magalhães — Casa Editora Figueirinhas — Pôrto. — Prêço, 14 centavos.

Eis uma obra utilissima para as nossas escolas esta que a Casa Figueirinhas, do Pôrto, lançou no mercado. Toda cheia de maravilhosos exemplos donde se pódem tirar lições morais, numa fórma simples e prática, a *Moral para as escolas primarias* impõe-se pela orientação moderna e conscienciósa que deve presidir actualmente ao espirito da nova sociedade.

Recomendamo-la aos professôres primarios cômo um livro útil para as nossas escolas.

Agradecêmos o exemplar oferecido.

Uma obra pedagogica

Acha-se no prélo e vai ser lançado no mercado o «Guia Prático de Trabalhos Manuais Educativos», original de Ezequiel Solana e tradução do ilustre professôr e nosso colaboradôr distinto, Manoel José Antonio. E' uma obra importante que vem preencher uma lacuna no ensino primário português e que, por tal motivo, ha de causar sensação entre o professorado. Aguardâmo-la com vivo interesse para devidamente a apreciarmos e assim podermos dizer de nossa justiça.

CONSORCIO

Está projectado para o dia 2 de dezembro o casamento do nosso estimado correspondente de Quiaios, snr. Francisco Fernandes de Carvalho, com a snr.ª D. Raquel Rodrigues Bento, tambem de Quiaios. Folgâmos com a realisação do enlace.

Corrigenda

No artigo de fundo do numero passado, onde se lê: «mas porque isso era do *regimento*», leia-se: — «... não era, etc.».

DE PASSAGEM

Vimos aqui no dia 18 o nosso assinante da Marinha Grande, snr. Virgilio Pereira, e no dia 21 o snr. Adrião Forjaz de Sampaio, de Mortemor.

CORRESPONDENCIAS

FIGUEIRA DA FOZ, 20

E' já voz corrente que se vae propôr por meio de representação, perante o nosso velho chefe d'Estado, *a completa amnistia para os conspiradores*, tão terriveis inimigos da prosperidade republicana e da paz e socego dêste velho Portugal, como o é a filoxéra da videira.

Não é possivel tal amnistia, presentemente, e chega mesmo a ser absurdo falar em tal, no momento em que os homens da Republica devem cumprir as promessas que nos fizeram no tempo da pôdre monarquia, as quais se não pódem apresentar ao país, que as aguarda com verdadeiro júbilo, quando aqueles hediondos conspiradores nos viriam trazer novos desasocêgos e intranquilidades, que impediriam o cumprimento das tais promessas, novamente.

E' sob o pretexto de generosidade e para a acalmação politica do país, que tal se vai fazer, ou propôr, mas generosidade para velhacos que tão bem a teem sabido agradecer, é como cêbo em nariz de cão...

Novas generosidades são novas guerras, e embora elas se tenham, não seja agora, porque a Republica tem mais que fazer presentemente, e isto ninguem se atreverá a contestar. Demais, benevolencia demasiada tem havido, e isso tem dado vaga a que se forjem as projectadas conspirações monarquicas, felizmente todas em aguas de bacalhau.

Primeiro que te cases, olha o que fazes...

Nada de politica de atracção .. que tanto tem dado que entender.

== No Bairro Novo ainda se nota alguma animação, embora diminuta, continuando a funcionar regularmente o Parque Cinema e o Teatro José Ricardo. No Casino Mondego, continua-se a exibir todas as noites a formosa bailarina-couplet-ista Petit Hebreia... que é uma cachopa de truz, muito nova ainda, por sinal.

== Movimento maritimo, diminuto, ou para melhor dizer, é cada vez menor, em virtude de irmos atualmente a caminhar para o inverno, mas se não se adoptarem medidas energicas, construindo o que já mais duma vez aqui temos reclamado, temos a certeza de dizermos ainda o mesmo, de verão... Oxalá que assim não seja.

== O tempo por emquanto continua propicio para tudo, o que felizmente é de agradecer á nossa mãe natura.

== Esteve entre nós, de visita, o sr. Ismael da Cruz, digno administrador do *Dever*. Agradecemos, e desejamos que tais visitas se repitam tantas vezes quantas fôrem necessarias.

Apolon.

QUIAIOS, 21

Está entre nós o 1.º sargento de engenharia e nosso intimo amigo, sr. José Fernandes de Carvalho. Folgamos bastante com a sua estada aqui, onde, com o seu convivio sempre agradavel e atraente, tem captado a simpatia dos seus conterraneos que lhe admiram as qualidades intelectuais que possue, e que o elevaram á supremacia da posição que hoje ocopa.

== Com uma curta demora, esteve aqui o nosso valioso conterraneo sr. Albano da Costa Machado, retirando para Lisboa.

== Esteve aqui no passado domingo o sr. Francisco Pereira d'Andrade, professor oficial do Bom Sucesso.

== Debutou no nosso Teatro na passada semana uma Companhia Dramatica, levando á scena as peças: *Morto vivo!*, *Ah! Maróta!* e o tercêto *As Varinas*, no qual a pequena actriz Celeste Roque conquistou uma prolongada salva de palmas. As peças agradaram e os artistas foram muito aplaudidos.

== Está aqui de assistencia, com oficina de funileiro, o sr. Manoel Joaquim de Faria, da Figueira da Foz.

== A passada semana foi apreendida a uma leiteira uma vasilha que continha o leite que andava vendendo e que estava adulterado. A apreensão foi feita por um popular e pelo regedor.

== O nosso amigo José Vasco, acaba de construir um bonito e elegante barco que tem sido admirado por muitos curiosos. O perfeito acabamento e airosidade que como curioso lhe soube imprimir, levam-nos a dar-lhe os nossos cordeais parabens e a dizer com assombro: O nosso Zé é homem das Arabias !!...

== Está melhor dos incomodos que ultimamente o fizeram reter no leito, o sr. Antonio Mariano.

Francisco F. de Carvalho.

BOM SUCESSO, 21

O povo desta povoação vai dirigir ao Director Geral dos Correios uma petição intercedendo pela vinda para aqui da caixa postal que aqui permaneceu por muito tempo, prestando ao povo relevantes resultados e serviços.

== Estiveram aqui, dando-nos a honra da sua penhorante visita, os nossos amigos da Tocha srs. Alfredo Rodrigues de Andrade e Joaquim da Silva Saltão.

== De visita ao estimado professor desta localidade esteve aqui o sr. Anibal Rodrigues de Daus, dilecto filho do sr. Ernesto Rodrigues de Deus, zeloso chefe da estação de Maiorca, na linha da Beira Alta.

== Está numerosamente povoada de caça de arribação a nossa lagôa, onde se estão fazendo importantes caçadas a estas apreciadas aves, agradaveis á vista, quando cortam com o seu nado veloz e subtil as aguas limpidas e serenas; e ao paladar, quando tostados numa caldeira com a respectiva arrosada!...

== Saíu hoje para a Figueira o nosso professor, onde vai assistir a uma reunião em que tomam parte os professores do Circulo Escolar da Figueira da Foz, a fim de receberem as instruções devidas sobre a Instrução Militar Preparatória.

Carvalho.

ANUNCIOS

CASA

Arrenda-se em bôas condições a casa pertencente ao snr. João Beirão.

Para tratar com Manuel Monteiro—Casal do Gaio—Arazêde.

(27) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

V

Os primeiros dias da viuvez decorreram-lhe funebres para a alma, num recolhimento angustioso, numa prostração de espirito indefinivel.

A perfidia tinha dado logar ao arrependimento.

As noites passava-as numa agitação febril, em sonhos horriveis e agonisantes.

Uma noite sonhou que tinha visto a figura veneranda do marido, com a fronte cheia de cans e o aspeto duro, aproximar-se dela sombriamente e dizer-lhe numa voz que a atemorisava: «Amaldiçoada sejas, criatura vil, que me arrastaste ao lodo da tua infamia. Estavas perdida e querias perder-me. Aviltada já, querias aviltar-me comtigo. A tua consciencia cheia de macula queria conspurcar a minha, imaculada pelo aroma da Virtude. Regenera-te, miseravel, não te despenhes mais no abismo. Se queres salvar-te, recolhe-te a um convento, onde possas penitenciar-te das tuas culpas. Enclausura a tua alma no templo da Solidão, para que ela não fique arruinada como o teu corpo».

Depois via-o desaparecer e ela acordava numa grande febre de delirio e numa ancia devoradora.

Dominada dali por diante pela ideia da clausura, como que obedecendo á voz do marido que d'além-tumulo a concitava á penitencia, resolveu internar-se no convento de Santa Clara, na companhia da velha serva, depois de têr encarregado pessôa de confiança da venda do prédio que Godofrêdo lhe doára.

A serva, habituada a viver com ela ha muitos anos, e crendo numa possivel regeneração de temperamento, acedeu ás instancias da ama e foi.

Clotilde, possuidôra ainda duma parte do dinheiro herdado por Godofrêdo, concorrera com todas as despêsas do noviciado e estabelecêra uma pequena mesada para sustento dela e da serva.

A atmosfera da cela e as nuvens de incenso, d'envolta com os perfumes da religião, sopitaram-lhe por algum tempo a indole volteira e fogosa que desatremava na vida mundana.

Quando, porém, um dia, entrando á cela duma professa, viu quatro ou cinco banqueteando-se com pasteis e com uma garrafa de *Chartreuse*, e expandindo uma alegria muito secular e um tanto afrodisiaca, ela mancomunou-se com as religiosas mais desenvoltas e deu novamente largas ao seu temperamento leviano.

Dai a algum tempo a noviça, tomando o exemplo doutras irmãs da comunidade, ia para as grades do convento, a horas tardas, entabolar amorôso chilreio com um devasso que se lembrára de a tresvariar com a sua logica freirática.

As freiras mais sisudas e mais idosas viam o descôco da noviça e das companheiras e, chamando a atenção doutras com um gesto, indicavam as levianas, bamboavam a cabeça, crusavam as mãos no peito, e depois benziam-se e retiravam-se, lendo no livro de Horas.

Foi sempre assim a vida claustral: um alfôbre de vicios e de baixezas, acobertados com a capa da religião.

Tinha já Clotilde seis mezes de noviciado, progredindo sempre na irregularidade do seu comportamento, quando uma noite foi vista em roupas brancas, a andar pelos corredores, como quem anda em busca de uma saída.

Surpreendida de chôfre, recolheu á céla muito açodadamente.

No dia seguinte, pela manhã, era chamada á camara da madre-directôra, numa ordem formal e brusca.

Foi; e logo que entrou, a directora, uma velha dos seus sessenta anos, de estatura meã e fransina, levantou-se duma poltrona em que estava sentada e, com áspera catadura, disse-lhe:

— Senhora, este convento, ha longos anos respeitado e tido no melhor conceito pelas pessoas estranhas á vida claustral, está sendo alvo de zombarias e de vilipendios, desde que a senhora deu entrada nêle.

— Mentira! — uivou a serpente com ar cinico.

(*Continúa.*)

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

Viuva Ismael da Cruz & F.º

Arazêde

Vende fazendas de lã, algodão, mercearias, miudezas, artigos para funerais, farinhas, sal, ferragens, etc., etc.

Para liquidar, encontra-se nêste estabelecimento um saldo de flanélas e de muitos outros artigos, que se vendem quazi por metade do seu custo.

E' aproveitar a ocasião!

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 1 de Dezembro de 1912 — N.º 41

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Querêmos democracía

Há opiniões alheias que valorisam o nosso modo de vêr quanto ao facto de se ter progredido pouco em dois anos em matéria de melhoramentos nacionais. Ainda não há muito que formulámos essa opinião, meramente pessoal, e orgulhamo nos de vêr mais alguem postado ao nosso lado, contra as esperanças rosadas ou as inebriantes visualidades de certos que parecem dizer que *tudo isto corre como as delicias de Cápua*.

Com efeito, se procedermos á análise meticulosa do movimento renovadôr ou revolucionário que a República introduziu em Portugal, verifica-se, com profundo desalento, que dentre as muitas belas medidas e os sedutôres projectos que se tomaram, dentre as várias leis libertadôras e mirabolantes que se promulgaram, apênas uma pequêna parcella tem sido executada com consciencia e honestidade. Prometeu se nos tempos aureos da propaganda sanear radicalmente os serviços de administração pública, de maneira a não havêr mais reclamações da parte do pôvo que foi sempre véxado e esmagado por decretos ditatoriais com que a monarquia o fulminava. Afinal, ainda hôje o pôvo reclama e se queixa com mais energia talvêz do que antigamente, porque ainda hôje o sobrecarregam com encargos penosissimos, chegando-se ao triste resultado dos pequênos pagarem mais do que os grandes, os humildes mais do que os ricos, os proletários e os rôtos mais do que os grandes capitalistas...

Prometeu-se fazêr leis juridicas qne dignificassem o paiz e a personalidade individual, que libertassem a consciencia e preparassem espiritos sãos e independentes, e o que é certo é que o pouco que se fêz não tem sido cnmprido integralmente, e dêsse pouco muita coisa há perniciosa e prejudicial ao individuo, de que se póde tirar a triste ilação de tais leis sêrem feitas, em parte, em beneficio dos endinheirados e em detrimento dos pobres, que são o maior número.

Prometeu-se ainda educar o pôvo, abrindo muitas escolas, fazendo muita luz nos espiritos, elaborando uma lei de instrução que patrocinasse a causa do pôvo e a causa do professorado que teria de assumir o espinhôso encargo de formar os alicerces duma nova sociedade, mais bela, mais equilibrada, mais conscienciosa. Fêz se a lei e—aqui a montanha pariu um rato—tudo o que se planeou, tudo o que engenhosamente foi arquitétado, foi a mais completa negação dos bons principios e do mais elementar bom-senso. Nem o pôvo tem sido educado e instruido, por falta de escolas e por falta de firmêsa de vontade dos govêrnos de pechisbeque que têm dirigido os negócios do Estado, nem o professorado póde assumir o encargo de formar caratéres e preparar uma sociedade consciente, porque o govêrno que decretou a lei de instrução lhe estipulou um ordenado que é inferior ao dum simples pedreiro ou ao do mais rude cavadôr de enxada. Um suprêmo escárneo! E aqui está como ainda desta feita, e em matéria de instrução, os grandes ficam mais lucrados do que os pequênos, visto que a lei respectiva veio em auxilio apênas dos altos funcionários e em prejuizo dos pequênos, a que pertencem uns párias chamados professôres primários.

E' isto democracia? E' assim que se faz a democracia preconisada noutros tempos? Não. E' preciso que os govêrnos da República—dissémo-lo e repetimo-lo—não se deixem guiar pelos mêsmos processos da monarquia. Dar a cada um o que de direito lhe pertence—é uma elementar fórmula jurídica que qualquer govêrno, noutro país de avançadas ideias, facilmente perfilha e respeita com rigôr sagrado. Premiar condignamente os que honestamente trabalham—é uma fórmula moralística que enobrece e dignifica os govêrnos que a acatarem com o respeito merecido.

E assim se contribue, pelo simples ditâme destas duas fórmulas, para o progresso do País, para a civilisação da Pátria e para o florescimento da República, ao mêsmo tempo que se pratíca a mais equilibrada, a mais sólida e a mais eficaz democracía entre o pôvo português que deseja têr soberania, independencia e prosperidade dentro da vida mais alta e mais amplamente renovadôra.

1.º de Dezembro

Passa hôje o aniversário histórico da independencia de Portugal, alcançada sobre o jugo espanhol que, durante 60 anos, escravisou o pôvo português com os draconianos processos dos Filipes.

O dia 1 de Dezembro de 1640 alvoreceu cheio de nuvens e sobresaltos no espírito da massa popular, mas ao mêsmo tempo com transparencias raiadas de esperanças, porque já qualquer coisa de desafogada energia, já uma atmosfera de emancipadôra atitude pairava nos luminares da politica portuguêsa. Quarenta fidalgos armados para uma conjuração inesperada pensaram em pôr têrmo a um regime de inquisidôres, que outra coisa não era o que haviam introduzido os intrusos Filipes. E então, cômo uma aleluia de fé patriotica, a palavra *Liberdade* ecoou pelo país, e o pôvo, o pobre pôvo sempre resignado e heroico, respirou mais desoprimidamente, embora cercado dum ambiente deletério e contaminadôr, que uma série de factos depois lhe insuflou no espirito.

Hôje, porém, com o advento da Republica, a base da Igualdade e da Fraternidade Humana, o pôvo português sente agitar-se no seu intimo a febre tumultuosa da suprema emancipação.

E recordando a data historica do 1.º de Dezembro de 1640, abençôa a memoria daquêles que, com a coragem e o entusiasmo de herois, souberam cimentar-lhe o bêrço da Liberdade, valorisando com gesto decisivo o nome sacrosanto da Pátria.

CRÓNICA DO PORTO

Chacun à son métier doit toujours s'attacher.

VOLTAIRE.

Batêra a meia noite.

A lua, lá no azul do firmamento, tinha o palôr das desgraçadas afeitas ao nitrato e sublimado.

E eu pensava em vós, gentis leitôras, num ar de piedade ultracrescente. Na vossa ingenuidade sacrosanta, perguntareis porquê.

Na rialidade, é curioso que um rabiscador se recorde de vós com pêna, de vós—pensai bem—a quem eu idealiso puras, graciosas, meigas e sorridentes.

Ha coisas, todavia, que um peito sincéro não deve recalcar, ainda que sob pêna da aversão feminina.

A moda, gentilissimas leitôras, a moda ridicula que vos exagera as fórmas e os encantos, tornando-vos—perdoai a ousadia—uns manequins de burla aos namorados incautos, confiantes!

A moda, apreciaveis *mesdemoiselles*, que o parto laboriôso dum costureiro parisiense lançou á luz do vosso olhar e que tanto vos faz sofrer no atiíto cruel das modernas grilhêtas—as *sáias travadinhas*.

A moda, emfim, Excelentissimas Senhoras, que em todo o seu ridiculo, em todo o seu piégas, em todo o seu inutil, tantos suspiros tem custado aos vossos extremosos papás

E, nestes pensamentos piedosos, eu ouvira bater a meia noite, no respeitavel relogio do *Comercio*...

Pensei tambem em vós, ó meus irmãos da plébe, num sentimento puro de dó e compaixão, de vingança e revolta.

Eu vi as inclemencias do pavorôso incendio que ha dias vos destruiu as oficinas de Campanhã, obstando, por certo praso, ao grangeio do pão quotidiano.

Eu vi crisparem-se as vossas carnes á recepção do grande estadista Afonso Costa, na sêde de frases rendilhadas que tão bem sabe proferir aquela bôca de consagrado tribuno.

Eu vi, emfim, ó meus irmãos da plébe, os vossos direitos espesinhados, a vossa gréve escarnecida, os vossos protestos sufocados, perante a fôrça armada que, para manter a ordem, calca, acutila, espalha a desordem e a destruição!

Tudo isso eu vi, ó meus irmãos, e porisso o meu dó, a minha compaixão, a minha vingança, a minha revolta.

Quanto a vós, gentis leitôras, volto a patentiar-vos a nulidade da moda, a dispensavel tortura de todos os seus atraêntes artificios.

E' mesmo possivel que alguma de vós menos meiga e paciente me vá condenar á pêna *in perpetue*...

Se é certo, no emtanto, que o mestre disse: «*Chacun à son metier doit toujours s'attacher*» o meu oficio é a má-lingua.

Porto, 27 de novembro de 1912.

Gomes Monteiro.

Companhia dos Wagons Lits

Merecida recompensa

A Companhia Internacional dos Wagons Lits condecóra um seu antigo funcionário—500$000 réis de prémio e uma medalha de ráro valor artístico—Um empregado superior confraternizando com os seus subordinados—Um belo exemplo de moral

Acabâmos de assistir a uma festa a todos os títulos comovedora. Com efeito, o que acaba de passar-se, ali no escritorio da Companhia Internacional dos Wagons Lits, é deveras significativo, profundamente tocante. Antonio Rocha, um humilde condutor, acaba de receber, como recompensa ao seu estenuante labor durante 25 anos com exemplar comportamento, da mão do nosso Sub-Inspector Humbert, o premio de 500$000 réis e uma medalha de raro valor artistico, que o mesmo superior lhe colocou ao peito.

Com o coração transbordante de comovedora alegria eu venho, com a maior sinceridade, descrever aqui o inolvidavel e tão honroso acto a que pela primeira vez assisti. Cumprindo a missão de que, em nome da Companhia dos Wagons Lits, foi encarregado pelo Inspector Principal Chefe da Divisão de Madrid, mr. Paulo Bouché, acaba o Sub-Inspector representante em Lisboa da mesma companhia, mr. Afonso Humbert, de colocar ao peito do condutor Antonio Rocha uma medalha de raro valor artistico, entregando-lhe, ao mesmo tempo, a quantia de 500$000 réis em dinheiro, pelo reconhecimento dos 25 anos de serviço e exemplar comportamento que hoje completa. A Companhia dos Wagons Lits tem este premio estabelecido para agraciar os seus funcionarios que, nas condições do condutor Rocha, dele se tornem merecedores. Ao acto, que se realisou solenemente no escritorio da Companhia, assistiram, por ordem do Sub-Inspector mr. Humbert, todos os empregados disponiveis. Todos felicitaram cordealmente o seu camarada agraciado. Já a honrosa condecoração lhe pendia do peito quando mr. Humbert pronunciou algumas palavras de merecido louvor, que, pela sua significação generosa, calaram fundo no animo de todos os funcionarios presentes, fazendo saltar grossas lagrimas de comoção dos olhos do condecorado.

E mr. Humbert, que é um funcionario zeloso e cumpridor, digno da estima de toda a gente, visivelmente comovido, dirigindo-se ao humilde agraciado, disse:

Presado companheiro de luta: — Julgando interpretar o pensamento dos nossos camaradas de trabalho, me encarrego de ser o éco e a transmissão, até aos nossos mais altos superiores, do contentamento que nesta hora de festa todos sentem pelo galardão que V. acaba de receber, em recompensa dos 25 annos de sacrificio e de luta. Nós calculamos tanto mais exatamente a sua satisfação, quanto é certo avaliarmos bem os sacrificios que é preciso fazer-se, os desgostos e amarguras porque é preciso passar para alcançar tão elevada distinção da parte da nossa companhia.

Cá andamos lutando para o mesmo fim empregando todos os meios ao nosso alcance para nos tornarmos merecedores da mesma recompensa.

Ao terminar todos cumprimentaram o reto funcionario, porque mr. Humbert sabe sêr, a par dum funcionario respeitador e honesto, um superior que se torna querido pelas suas qualidades de carater e de inteligencia.

E nós, que fomos tambem convidado a assistir ao acto, não podemos deixar de saudar a companhia na pessoa deste nosso superior, bem como todos os outros superiores que, lá longe, como ele sabem cumprir o seu dever e ser amigos do seu pessoal, especialisando, dentre êstes, o nosso talentoso chefe de Divisão e seu adjunto, pelo primeiro acto d'esta natureza praticado na secção de Lisboa, desejando ao camarada condecorado as maiores felicidades, fazendo ardentes votos para que, desde o mais antigo e mais graduádo ao mais moderno e mais humilde funcionario da companhia, todos se tornem merecedores d'estas distinções que muito nos honram e muito nos acreditam perante todos os ferro-viarios da Europa.

Lisboa. 26 de Novembro de 1912.

M. d'Almeida Junior.

Nota da Redacção: — O acto que acaba de praticar-se, condecorando um funcionario da companhia dos Vagons Lits e dos Grandes Expressos Europeus, é uma prova evidente de que a companhia não é, para os seus empregados, o que muita gente pensava.

O elemento superior sabe, como em toda a parte se pratica, ser justo e equitativo para com os subordinados que pelos seus bons serviços e merecimentos se tornem dignos de louvor e de benevolencias.

Que o premio agora conferido sirva de estimulo e de incitamento a todos os que, recebendo do mesmo cofre e sofrendo as mesmas agruras profissionaes, teem o dever de se conduzir de maneira a exemplificar ao mundo proletario o belo caminho da honra e do trabalho honesto.

Coisas simples

O sufragio feminino

Dentro do seu lêma, traçado em duas palávras vigorósas, *O Devêr* cumpre uma elevada missão interessando-se pelo problema feminino, trabalhando assim pelo progresso da Patria e da Humanidade.

A questão que agora formulou: —A Mulher déve ter direitos politicos como o Homem?—é a todos os respeitos importante.

Não me é nôvo o assunto: escrevi sôbre êle na *Educação Nacional* (então diario) em maio do ano passado e alguns pontos dessa doutrina perfilho-os aqui não obstante sêr uma questão já batida.

Julgar a mulher em completa inferioridade mental ao homem, é um absurdo, se bem que muitas vezes a mulher mereça tal abjecção pelo pouco cuidado que tem com a sua cultura intelectual.

Desde remótos tempos a edu-

cação feminina estiolava em conventos ou á mercê de um conservantismo ignáro que lhe não deixava dar fructo correspondente á sua missão na sociedade.

Depois caminhou, progrediu. E agora?—A voz feminista surge em avalanches tentando á viva força romper a legião de preconceitos formádos em quadrado...

Ora, na verdade, quando a torrente que durante as cheias engrossou. se arremessa colérica pelos declives de terreno, as suas margens recebem os elementos quimicos que ela arrasta mas tambem muitas vezes tras consigo a devastação.

Do mêsmo módo, a acção feminina rompendo as trincheiras que se opõem á sua marcha, tornou-se muitas vezes impetuosa e, ao lado das ideias espargidas, produziu as ridiculas exibições do movimento sufragista na Inglaterra.

Ha, pois, muito que destrinçar. E' preciso caminhar sem interrução mas pacificamente: profundar alicerces para construir com segurança.

Dizia no meu artigo já citado: A influencia da mulher na vida da sociedade é manifesta. Pode e deve prestar a sua colaboração em todosos ramos da atividade humana, porém nos seus justos limites. Não queiramos sair da esféra que nos está designada e concordemos com as conquistas do feminismo em Portugal e mêsmo nos póvos do Norte.

Advoguêmos ardentemente a ingerencia da mulher não só nas altas regiões do estudo como madame Curie que disputou a Branly o logar na Academia, como noutros ramos de trabalho, pois que ella tem capacidade para isso. Todavia não posso admitir que se ultrapassem os limites que a sociedade lhe impõe e que a sua constituição fisica em régra de grau inferior ao homem, lhe demarquem.

Ora, em principio genérico, sou a favor do sufragio feminino, pois que é mais que sabido que sendo a mulher contribuinte para o fomênto nacional como o homem, deve tambem como êle ter ingerencia na aplicação do mesmo fomento.

Porém, na especialidade, julgo que a mulher portugueza se não deve empenhar já na conquista do voto com maior latitude do que só para quem tenha um curso superior, sem primeiro preparar o terreno.

Sem a prévia preparação do sólo o agricultor não póde tirar da terra frutos abundantes nem sazonádos pois que até em terrenos feracissimos as sementes degenéram e morrem. Pois tambem a mulher em Portugal sem atingir maior grau de cultura não póde usar com proveito social do direito de sufragio.

Entretanto ha vastos campos onde a acção feminina póssa desenvolver-se. No lar tem a mulher a triplice funcção de filha, esposa e mãe que constituem o verdadeiro fundamento da sociedade. Na escola os pequeninos sêres a quem o germe daqueles deveres tem de ser inoculado.

Como complemento da acção no lar e na escola tem a mulher o poderoso auxiliar da imprensa; pois é precisamente este valioso fautor do progresso que entre nós a mulher mais tem descurádo.

29 de Novembro.

AUREA JUDIT AMARAL.

DOENTE

Tem estado doente o nosso presado assinante da Pampilhosa, sr. José Maria Antão Nunes, intelligente comandante do posto da guarda fiscal junto do caminho de ferro.

Este nosso amigo já retomou as suas funções e passa um pouco melhor dos seus incomodos.

Folgamos em dar esta agradavel noticia aos nossos leitores.

CORRIGENDA

Nos *Contos duma viagem*, do nosso prezado colaborador M. de Almeida Junior, onde se lê: — «sob uma das mezas, etc.,» deve lêr-se: — «sobre uma das mezas, etc.»

E' evidente que o nosso amigo escreveu sobre a meza. Isto mesmo os leitores terão tido a amabilidade de retificar.

Secção Instrutiva N.º 8

Horas d'Ocio

A preléção do Bátista

E o vento? Que é o vento?

O vento é o movimento sensivel do ar. O globo terrestre está envolvido por um gaz que se chama o ar. Se nós pudessemos subir, agarrados á cana de um foguete, até onde já não houvesse ar; e, se pudessemos ir medindo a distancia percorrida, veriamos que tinhamos andado uns 37 kilometros, pouco mais ou menos. Pois bem, esse ar é composto de dois gazes: Um é o oxigenio, e o outro é o azote.

O oxigenio, é um gaz cujos efeitos maravilhosos nos deixam surpreendidos.

Ele serve para a respiração dos vegetaes e dos animaes, transformando-lhe o sangue de improprio em apto para o desenvolvimento e renovação dos tecidos.

— Então os vegetaes tambem teem sangue?

— Teem. Chama-se seiva. Mas, continuando:

Elle serve para a transformação quimica dos mineraes.

Serve para as combustões, pois que sem ele não poderia haver fôgo.

E, como se tudo isto fosse pouco, serve ainda nas ocasiões de trovoadas para transformar os milhares de gazes nocivos, que estão na atmosfera, em ar puro, purissimo, que respiramos.

Como vê, e contado isto o mais pela rama que póde ser, o oxigenio é um gaz tão precioso que bem merecia mais ser adorado do que esses mônos de pau, que se veem pelas egrejas.

Das mil e uma virtudes do oxigenio, umas indiretamente nos interessam, e outras então diretamente. Falemos destas:

O ar, entrando pela bôca e pelo naris, vai aos bronquios e pulmões, onde só separado do sangue por tenues membranas, executa a sua acção transformadora e vivificante, pois que o oxigenio em presença dos globulos sanguinios, vai oxidar principalmente o ferro, que entra na composição deles, transformando assim o sangue venenoso em arterial; isto é: transformando o sangue azulado e improprio em sangue vermelho e rutilante, apto, como disse, para o desenvolvimento, e reparação das perdas dos nossos tecidos. A isto se chama a ematose. E' comtudo o oxigenio, de uns efeitos em demasiado energicos, e tanto, que, se nos encontrassemos em uma atmosfera só de oxigenio, teriamos tanta vida que morreriamos. Por isso, a naturêsa, houve por bem juntal-o com um outro de efeitos exatamente opostos, para lhe atenuar a exergia.

Bem; pois este ar, quando em movimento chama-se vento.

Era isto o que queria saber?

— Era. E os trovões? O que são?

— São a cousa mais simples de perceber. Basta que lhe diga, que, trovões pequenos, muito pequenos é claro, qualquer de nós os póde fazer em nossa casa.

— Bem; mas o que são?

— São a entrada brusca do ar no espaço completamente vasio de ar. Isto é: são a entrada rapida do ar no vacuo.

Quando duas nuvens estão carregadas de electricidade contraria, atraem-se, de fórma a combinarem-se as duas electricidades, e produzir o estado neutro. Nesta combinação, quando é violenta, fórma-se entre as nuvens um vacuo de ar, no qual logo em seguida se precipita o ar, tambem brusca e violentamente. Essa precipitação do ar, produz uma bulha caraterística, e que todos conhecemos muito bem, que se chama o trovão.

Ao mesmo tempo produz-se um clarão, que é o relampago.

— Mas, como é que eu hei-de fazer trovões lá em casa?

— Com uns aparelhos fisicos, assim:

Suponhamos um copo sem fundo; um cilindro ôco. Tapemol-o de um dos lados com uma membrana, de fórma, que por ali não entre o ar. Depois, coloquemos o outro lado do copo sobre a platina da maquina pneumatica, e rarefaça-se o ar dentro do cópo, veremos que a pele ou membrana vai ficando concava. Batendo-lhe depois, mesmo ao de leve com um lapis, por exemplo, a pele estala, e o ar precipitando-se dentro do copo produz um trovão, mas pequenino.

— Mas, essa electricidade o que é afinal?

— Isso, é obra mais fina. E, não é dado a este Bátista, nem aos outros Bátistas, que andam por este mundo, o prazer de lhe responder por uma fórma que o espirito fique satisfeito.

Em todo o caso, direi o que sei.

Figueira da Foz, 26—11—912.

M. E.

(*Continúa*).

José Pedro dos Santos

De passagem para Entroncamento tivemos o prazer de abraçar na Pampilhosa este nosso querido amigo, inteligente chefe de Deposito de tracção da Companhia Portugueza.

Pela Patria E Pela Republica

O que ha?

Conta o importante jornal *O Mundo*, do dia 25 do corrente, que o Couceiro fôra visto em uma povoação da raia.

Se é verdade, que andára o palhaço a fazer?

Não será ainda tempo de compreender que liquidou de vez e com ele liquidaram tambem os vendilhões que desejavam entregar a nossa querida Patria ao Estrangeiro?

Alerta, pois, cidadãos amigos, sinceros e leais da Republica, para deitar a mão ao quadrilheiro que emporcalhou a sua espada e enlameou a sua farda para defender uma monarquia de ladrões e um reizete de papelão que nunca pensou no seu povo, mas sim nos frades de albardão e fralda jesuitica.

O povo foi sempre esquecido pelos Braganças e se alguma vez era lembrado, era unica e simplesmente para o explorar e deprimir e ainda mimoseal-o com os sabres da policia, sempre que tentava reagir por não poder soportar mais tiranias e roubos.

Quererá ainda esse miseravel Couceiro tentar nova incursão?

Ninguem o acreditará de certo, mas, se o acaso quizér que ele tenha esquecido a maneira heroica como foi repelido pelo povo e pelo exercito, de novo experimentará e talvez duma fórma mais acertada como povo e exercito saberão mais uma vez defender a Republica, esmagande-o bem como aos miseraveis que o acompanharem.

Os Couceiros cá de dentro, tentam esfregar as mãos de contentes e já não escondem as faces para despretigiarem a Republica sempre patentiou ensejo de fazel-o.

Compete, pois, ás autoridades amigas da Repubiica, ao Governo e ao povo, exercer vigilancia e deitar a mão aos traidores que se manifestem contra o regime.

Viva a Republica!

A. Fernandes d'Almeida.

A' Companhia da Beira Alta

Reclamação

Pedimos á Companhia da Beira Alta que mande reparar quanto antes o largo que fica defronte da estação de Arazêde, pois que se encontra bastante intransitavel, tanto para veiculos como para peões. A aproximação do inverno mais vai dificultando o transito, o que é deveras lamentavel numa estação de tanto movimento.

Esperamos que a Companhia nos atenda com a urgencia que o caso requer.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XXXVI

A' volta do artigo «A instrução em Portugal» publicado no «Devêr» — A falta de frequencia escolar é atribuida tambem á ignorancia dos pais dos alunos — A obrigatoriedade do ensino póde impôr-se, estudando os relatórios já feitos por professôres primários — As caixas de pensões e o socialismo

O snr. Almeida Junior, redactôr muito ilustre dêste jornal, abordou na primeira página do último número um assunto importantissimo — a obrigatoriedade escolar. Fê-lo, e nem outra coisa era de esperar, com aquêle brilho e critério que, com rarissimas excepções, nos levam a estar de acôrdo com os seus escritos — os quais não são bem declamações balofas ou fantasias de poetas...

Depreende-se do seu artigo que admite o principio da obrigatoriedade. Tal qual como nós, porque o contrário nos levaria a ter de admitir o direito á ignorancia. Mas, *para já*, esse principio é irrealisável em Portugal — diz o snr. Almeida Junior.

Muito bem. Não será, no entanto, possivel achar, *para já tambem*, uma fórmula que concilie a necessidade inadiável de nos instruirmos com a falta tam apregoada (os nossos governantes é que são surdos) de escolas no nosso pobre paiz? — Não sei se nos fazêmos compreender. — Querêmos provocar a atenção do ilustre articulista e dos leitôres para êste ponto: não será possivel tirar desde já o máximo proveito das escolas existentes, sabendo-se que nem só a pobresa extrema, mas muitas vezes a propria ignorancia, é que leva os paes a afastar os filhos da escola?

Quere-nos parecer que sim. E por isso mesmo que ha mezes dissémos num documento oficial, que atualmente nem sabemos onde pára.

E' geralmente sabido que por esse Portugal fóra ha muitas escolas com uma frequencia de seis, sete e oito alumnos apenas—e essa mesmo irregularissima—, apesar de a menos de dois quilometros de distancia delas existirem ás vezes quarenta e mais creanças em idade escolar. Chega se ao fim do anno letivo, e geralmente o professor é que *paga as favas*, porque não apresentou a exame muitos alumnos—e isso é que a muitos apostolos de pechisbeque impressiona. Mas o peor ainda não é isso: o peor é que a ignorancia, que produziu no paiz o horrôr á escola, jámais se o professor é um liberal, vai augmentando d'ess'arte.

E aqui já nós podêmos explanar a nossa ideia.—Em absoluto, a obrigatoriedade não é possivel, desde já, em Portugal—por falta de escolas. Portanto, nesse ponto, a lei não póde ser cumprida em toda a parte. Averiguem, porém, as autoridades escolares, por intermedio de relatórios dos professôres—os martires que, a morrer de fome, nunca se recusam a trabalhar—os pontos em que essa obrigatoriedade é possivel e necessaria para que a escola seja frequentada como deve, e apliquem aí a lei sem contemplações. O contrário é não querer aproveitar nem os beneficios que o pouco que existe póde fornecer á sociedade.

Os ultimos argumentos que o snr. Almeida Junior apresenta destrui-los-á o cumprimento tambem rigoroso do capitulo III, da parte II, da Reforma de 29 de março de 1911. As *caixas de pensões* que o seu coração generôso sugére devem constituir um assunto que directamente nada tenha com a instrucção. Pertence ao âmbito do socialismo, que decerto não poderá vêr com bons olhos, nem em casos como o que aponta, que crianças de nove e onze annos *trabalhem* durante uma semana...

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

Impressões colhidas numa viagem

O futuro concêlho da Marinha Grande—Fabrica de Vidros de Vieira de Leiria

Uma das coisas que mais interessa actualmente o pôvo da pequena aldeia de Vieira, pertencente ainda ao concêlho de Leiria, é a sua transferencia para o futuro concêlho da Marinha Grande, visto aquêle não têr introduzido sequer até á presente data qualquer melhoramento de nota áquela risonha povoação, o que deveras desgosta os seus habitantes.

Foi por este motivo que uma comissão enviada da Marinha Grande, no passado domingo, voltou á Vieira, de proposito, consultar, com a comissão dos interesses desta localidade, qual a opinião formada a respeito da formação do novo concêlho.

E' digna de nota a brilhante recéção que tiveram.

Trocadas diversas impressões sobre tal assunto, a junta dos interesses locais vieirenses expôz, por um dos seus membros, o que era necessario e se exigia, aliás de grande importancia, se se chegar á conclusão do que se encetou: — *Igualdade na camara* e o importe das contribuições revertêr a favôr dos melhoramentos locais, como deve sêr.

Discursaram diversos oradores (alguns pouco se ouviram por sinal), e ficou assente a resolução imediata do mesmo assunto, com o concurso do pôvo, que destacaria alguns dos seus homens mais importantes para aquele fim.

Vamos pois a vêr o que se resolve, e em oportuna ocasião informarêmos do que se passar; no entanto é minha opinião que nada se deverá resolvêr de difinitivo sem consultar antecipadamente a camara municipal de Leiria, que deve ser ouvida sobre o referido assunto, antes das voltas e reviravoltas que o mesmo terá de dar.

Infelizmente o povo tem auctoridade, mas não é ainda tamanha que ultrapasse e resolva qualquer assunto, *sem virem ordes da Lisbia amada*. E assim deve ser, achâmos nós.

—A futura fabrica de vidros da Vieira, vae, não deixando no esquecimento os impagaveis esforços do seu principal socio, sr. Damaso Luiz das Santos, em grande aumento, pois ha ainda muito que fazêr, mas já está muito feito tambem.

E' de grande beneficio para aquele pôvo, aquela nova industria á qual se acaba d'associar o sr. Manoel d'Oliveira Junior, exportador de madeiras e armador de navios, em Figueira da Foz quê, com grande prazêr, acedeu ao convite que lhe dirigiu o principal socio da dita fabrica, o referido sr. Damaso Luiz dos Santos. E' digna já de visita a mesma fabrica.

— Por combinada visita, encontraram-se em Vieira, a familia do snr. Manoel d'Oliveira Junior, e a do snr. João Moreira, aquele, exportador de madeiras em Figueira da Foz, e este, 1.º cabo da guarda fiscal, destacado em S. Pedro Muél.

Que tais visitas se repitam por muitos anos, é o nosso desejo.

Apolon.

DOENTES

Têm estado enfêrmos os filhinhos do nosso distinto colaboradôr, Manuel José Antonio, bem como a filhinha do nosso amigo, Armando Verão.

Lamentamos o facto e desejamos-lhes rapidas melhoras.

Resposta a uma entrevista do "Devêr„

Mais um vereador do municipio de Montemór-o-Velho que se defende

Snr. Director d'*O Devêr*.

Permita V. que eu venha afastar de mim e de alguns meus colegas umas insinuações injustas que o dr. Ismael Sampaio, num momento talvez de irreflexão, deixou escapar numa entrevista que teve com um dos redactores do *Devêr*.

O dr. Sampaio, ao fazer tal afirmativa, esqueceu-se de certo do papel predominante que desempenhou com referencia a esta comissão. Se os vogais que a compõem teem falta de tacto administrativo, a culpa não é dêles, e deve-se assacar a responsabilidade a quem a tem. Não se lembra o snr. Sampaio da primeira lista que foi enviada ao snr. Governador Civil, indicando os nomes que deviam compôr esta comissão? Em vista desta lista o snr. Sampaio ficou petrificado e trabalhou dai em diante para o seu desmembramento, que conseguiu, confeccionando s. ex.ª outra lista com os nomes que quiz.

Ora diga-me: Quem é que demonstrou menos firmeza de orientação? Foram os membros desta comissão ou foi o snr. Sampaio? Evidentemente foi o snr. Sampaio, porque os conhecia. Conclue-se daqui tambem que o snr. Sampaio prestou um mau serviço á Republica confécionando uma lista com nomes de homens *incompetentes e ineptos* que não *sabem administrar convenientemente*, como sua ex.ª diz.

O snr. Sampaio fez um papel tristissimo que será muito dificil sair dele com dignidade, em face das diatribes com que mimoseia alguns vogais da comissão administrativa. Eu não posso de fórma alguma calar-me, quando o snr. dr. especialisa, sem razão, o snr. Noronha de mais inepto e de mais incompetente. Não, não posso, porque nunca me esquecerá a azáfama com que o snr. dr. andou para conseguir que esta comissão fôsse aprovada pelo snr. Governador Civil que era então, se não estou em êrro, o snr. dr. Fernandes Costa. E não se recorda s. ex.ª do dia em que aqui me apareceu com o snr. Canaes Guardado, muito incomodado para eu e o meu colega Augusto de Andrade aprovarmos a lista que s. ex.ª organizou?

Veja se se recorda do que então entre nós se passou.

Eu naquele tempo não conhecia o snr. Noronha, e a comissão paroquial republicana de Arazêde, a unica que havia no concelho ao tempo da proclamação da Republica, acolhêra para presidente o snr. dr. Simões, da Abrunheira. O snr. Sampaio não quiz; opinou pelo snr. Noronha. Com que direito é que s. ex.ª agora fala na sua incompetencia? S. ex.ª conhecia-o bem e sabia quaes eram as suas faculdades de trabalho e de administração. Além disso, s. ex.ª diz coisas que não póde afirmar quando se refere a irregularidades da comissão administrativa. S. ex.ª não póde afirmar que há irregularidades naquela administração, e prova assim, ao fazer tal afirmativa, que tem uma *ausencia completa* de bom senso para tratar de tal assunto.

Arazêde, 27 de novembro de 1912.

Joaquim Ferreira de Figueiredo.

Produto duma subscrição a favor da viuva de Manoel Mano, de Arazêde

O nosso amigo Joaquim d'Almeida, irmão do nosso camarada Almeida Junior, enviou a esta redacção o produto duma subscrição que abriu no Brazil entre os seus amigos, e que é para ser entregue á infeliz viuva de Manoel Mano, que ha pouco tempo ficou reduzida á miseria.

Damos a seguir os nomes dos subscritores e as respectivas quantias, em moeda brazileira, que prefazem o total de 275$700 réis, ou seja em moeda portuguêsa a quantia de 91$000 réis, que Joaquim de Almeida nos pede que entreguêmos á desolada viuva, o que gostosamente vamos fazer.

Produto da venda de diferentes objectos oferecidos: 1 par de botinas, 10$000 réis; 1 relogio, 12$000; 1 corrente, 3$000; 6 camisolas, 7$; miudezas, 5$000; diversas peças de roupa, 62$800; troco duma nota de 10$000 réis fortes, 30$000.

Produto dos subscritores: Joaquim de Almeida, 15$000 réis; Joaquim Felis, José Justo, Manoel Alves Morteiro, Joaquim da Silva Teixeira, Manoel Fevereiro, José da Costa Ramalho, David da Silva Fernando, Joaquim Murta Mação, Francisco Jorge, José Jorge da Silva, Joaquim Reis, Manoel Marques Alexandre, Serafim Ferreira da Silva e Joaquim Marques Alexandre, 5$000 réis cada um; Manoel Pires Lobo, 4$000 réis; José Maria Machado, 3$000 réis; José Jesus Barreto, Manoel Bento, José Petrus, Conceição Murta, José Vicente Pacheco, Alberto Della Santa, José Francisco da Silva, José dos Santos Pena e João Varandas, 2$000 réis cada; Manoel S. Tinoco Barreto, Joaquim Pereira, Francisco Lourenço, Paulo Girard e Manoel Jorge, 1$000 réis cada; Antonio Ferraz, 400 réis; Antonio José da Silva, 500 réis; Pessoal da Chácara da «5.ª Parada», 30$000 réis. Total, 275$700 réis.

Ha ainda a favor da mesma viuva uma outra subscrição aberta em S. Paulo, e que a seu tempo será conhecida.

RESTABELECENDO-SE

Passa melhor o filhinho do nosso querido director, cuja doença inspirou sérios cuidados.

Está, quer-nos parecer, felizmente livre de perigo, pelo que, beijando com ternura o petizinho, abraçamos comovidamente seus pais amigos.

INTERESSES DO CONCELHO

O que tem feito a Camara Municipal?

Nada, absolutamente nada. Tudo está por fazer e não ha dinheiro!...

Isto que para aí se vê e que dá pelo nome de Comissão administrativa, é a continuação dos velhos processos monarquicos...

As freguezias do concelho não teem casas de escola, não teem estradas, não teem fontes dignas dêste nome, e as ruas das povoações são imundas, com as calçadas a desmantelarem-se, emfim uma vergonha!...

E que vemos nós, em presença de tudo isto?

Dá-se dinheiro ás mãos cheias de gratificações aos empregados camararios a titulo não sei de que serviços, e os municipes, depois de terem contribuido com a sua quota parte, para verem realisado um melhoramento qualquer na sua freguezia, para seu bem estar e dos seus patricios, ficam mais uma vez iludidos com as promessas feitas, nada vendo realisado, porque o seu dinheiro mal chega para gratificações e outras alcavalas...

Mas, pergunto eu, um municipio, cujos rendimentos são gastos quasi por completo com a sustentação dos seus empregados, tem rasão de existir?...

Evidentemente que não. E se continuarmos nesta inépcia, o que devemos fazer é pedir a sua extinção, e cada uma das fregnezias escolher por sua livre vontade o concelho que melhor lhe convier aos seus interesses comerciais, em comodidades e meios de transporte.

Isto tal e qual como está é que não pode continuar nos tempos que vão correndo. Ou isto caminha na vanguarda do progresso, ou teremos de capitular como covardes!

Porque, diga-se de passagem, em Montemór, séde do concelho, não ha homens capazes de iniciarem uma nova era de progresso para o seu concelho! Tudo ali são energias mortas, e sem vontade propria, para levantarem este malfado concelho á altura do progresso e civilisação modernos!...

E' tão manifesta a falta de homens na séde do concelho, que atualmente não tem reprezentação na camara!!

Isto é edificante, e revela não só a falta de patriotismo, como o de não ser util á sua patria e á terra que os viu nascer.

Isto é a verdade núa e crúa, para que não dizel-a?

E digam-nos os que nos lêrem, se um concelho n'estas condições, tem rasão para continuar a existir, só pelo luxo de sustentar empregados.

Abaixo a inépcia dos homens!...

A. Verão.

PARTIDA

Partiu da Cerdeira, no dia 29, para Lisboa, e deverá hoje embarcar para Lobito (Africa), o nosso prezado assinante snr. Joaquim Pais de Souza, que desempenhou por algum tempo e sempre com muita proficiencia a chefia da estação do caminho de ferro d'aqui.

Desejamos-lhe bôa viagem e as muitas felicidades de que é digno.

FORMATURA

Concluiu a sua formatura em Direito, na Universidade de Coimbra, o nosso querido amigo José Luiz d'Almeida, filho do sr. tenente-coronel Almeida, actual comandante do grupo de baterias aquartelado em Figueira.

Abraçamos o nosso amigo, que revelou sempre um privilegiado talento e a quem a Republica muito deve.

CORRESPONDENCIAS

Maçal do Chão, 26-11-1912.

MELHORAMENTOS LOCAES

E' o Maçal do Chão, concelho de Celorico da Beira, uma freguezia importante e que carece de urgentes melhoramentos. Entre eles, o mais inadiavel, é a continuação da estrada do Boraçal até áquela povoação.

Estivemos ali ha dias e foi-nos dito que já ha muito fôra feita uma representação ao snr. Governador Civil do distrito, para que fosse construida aquela estrada, que constitue um melhoramento importante. Feita a estrada, que será de pouca despesa se o seu traçado fôr feito pela margem direita, no sentida ascendente da estrada do caminho de ferro, torneando a direita dumas terras denominadas as Pacias, Cêsmo e outras, ficará o Maçal do Chão em condições de facil transporte com Boraçal, apeadeiro e Celorico, e o seu tráfego aumentará consideravelmente, e assim aumentará tambem a agricultura.

A' Camara de Celorico e muito especialmente ao seu digno presidente, nosso prestante correligionario snr. Antonio Fernandes Costa Almeida, péde o povo do Maçal do Chão, por intermedio do *Dever*, a sua atenção para este importante quanto justificado pedido.

Sendo o Maçal do Chão uma freguezia importante e onde a Republica póde contar com uma cooperação leal e desinteressada, parece-nos que, a bem desta importante povoação, a Camara se deve interessar, tanto quanto possivel para o seguimento da estrada do Boraçol áquela localidade.

Depois de feito isto, e quando as condições monetarias e materiais da Camara o permitirem, outras obras ha ainda a fazer nesta terra de bons cidadãos e bons republicanos.

Confiamos, pois, no grande patriota e republicano de sempre, que é Fernandes Costa Almeida, e esperamos que ele não olvide as necessidades do nosso povo e faça o que as Camaras monarquicas deviam ter feito ha tantos anos, ou seja dêsde que se fez a estrada da estação de Celorico ao Baraçal, ha mais de 30.

As Camaras monarquicas esqueceram sempre o Maçal do Chão, sem que motivo algum o justifique, a não ser o despreso que votavam na generalidade aos seus municipes.

Justiça é o que se péde e confiamos que ela será feita quando fôr oportuno.

A. Fernandes de Almeida.

Figueira da Foz, 27-11-912.

Estávamos supondo que o verão tinha agora começado, como devia sêr, e creio que errámos no calculo, pois que vimos hoje muito toldada a atmosfera, caíndo até de noite alguma agua. Infelizmente, teremos inverno seguido, como tem sido nos demais anos.

Faleceu nesta cidade, apoz longo sofrimento, o major Lopes, de infantaria 28. O distinto militar gosava fartas simpatias dos seus amigos particulares, e em geral de toda a guarnição militar, que lhe prestou as ultimas e devidas honras.

Pezames á familia enlutada.

No passado domingo efetuou-se pelas 17 horas, uma corrida pedestre de 5 quilometros, desde o pinhal, por Buarcos até á Esplanada, em que tomaram parte alguns amadôres figueirenses, ganhando o primeiro premio o snr. Joaquim Estêves, que gastou no percurso 15 minutos.

Temos tido ultimamente grande abundancia da saborosa sardinha, principal alimento das classes proletarias. Oxalá que haja tanta fartura, que se chegue finalmente a odiar.

Já tivémos o gosto de vêr as novas carruagens salões-camas da C.ª da Beira Alta, que diga-se de passagem, são de fino gosto, mas tambem não poderá ficar no esquecimento que ha outro material que ainda faz mais falta: é o de cargas.

Continuam a exibir-se no Parque-Cinema diversas peliculas de fino gosto, que lhe teem proporcionado grandes enchentes, principalmente aos domingos.

Antes assim...

O 1.º de dezembro será comemorado nesta cidade, por iniciativa do coronel Alves, de artilharia 2, bem como do capitão Martins e tenente-medico Evaristo Geral, com conferencias que serão realisadas no Casino Mondego, sobre diversos têmas, todos a proposito da defêza nacional, que tanto urge neste paiz. A banda de infantaria 28 abrilhantará o acto, que será revestido da maxima imponencia, pois como se vê é uma festa simpatica, digna de se ir vêr pelo carater que toma.

Apolon.

Mercado de Cantanhede em 20 de novembro

Milho branco, 55o rés; amarelo, 540; trigo mouro, 1$000; tremez, 800; mourisco, 800; centeio, 1$500; cevada, 550; aveia, 1$000; aveião, 440; serradela, 1$000; arroz, 1$500; feijão môcho, 1$080; branco, 960; amarelo, 1$060; rajado, 740; frade, 900; carraço, 900; brazileiro, 1$020; canario, 920; ervilha, 1$150; tremoço, 680; grão de bico, 960; chicharo, 400; azeite, 3$000; vinho tinto, 850; branco, 850; vinagre, 400; aguardente, 2$600; geropiga, 1$700; batata, 380; lã, 3$400; trevo, 80; sal, 150; azevem, 280; fava, 860.

ANUNCIOS

Agradecimento

O abaixo assinado, tendo-se retirado inesperadamente de Portugal, sem poder despedir-se de todas as pessoas amigas, vem por este meio pedir desculpa de tal falta, aliaz involuntaria, e oferecer a todos o seu limitado prestimo nesta cidade.

S. Paulo (Brazil), 11 de novembro de 1912.

Alfredo R. de Quadros.

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

VENDA

Em praça particular, no dia 8 de dezembro de 1912, no logar e freguezia da Carapinheira, em casa do sr. José Antonio Monteiro da Costa, vender-se-hão, caso o preço convenha, as propriedades abaixo designadas, pertencentes ao casal do falecido Antonio Rodrigues Pinto para pagamento de encargos do mesmo casal.

Freguezia da Carapinheira

7 aguilhadas no sitio da Paiôrra, de que é arrendatario Joaquim da Fonseca.

6 aguilhadas no mesmo sitio da Paiôrra, de que é arrendatario Luiz Rosa.

Mais 6 aguilhadas no mesmo sitio da Paiôrra, de que é arrendatario Joaquim da Fonseca.

Mais 3 aguilhadas no mesmo sitio, de que é arrendatario Luiz Rosa.

Mais 3 aguilhadas no mesmo sitio, de que é arrendatario Joaquim de Sousa Abrunheira.

Mais 9 aguilhadas no sitio da Barca de Pereira, de que é arrendatario José Pimentel Rolim.

Mais 4 aguilhadas no sitio de Lombo de Cavalos, de que é arrendatario Francisco da Silva Lemos.

Mais 3 1|2 aguilhadas no sitio de Monte Aragão, de que é arrendatario José Gois.

Mais 3 aguilhadas no mesmo sitio, de que é arrendatario Joaquim Azambuja.

Mais 2 aguilhadas no sitio do Malhão, de que é arrendatario Francisco Monteiro Faria.

Mais 7 aguilhadas no sitio de Pangrilo, de que é arrendatario Antonio Dias Cavaleiro.

Mais 5 aguilhadas no sitio de Ovial, de que é arrendatario Antonio Gomes.

Mais 5 aguilhadas no sitio de Queijida, de que são arrendatarios Joaquim Gois e Joaquim de Sousa Abrunheira.

Mais 4 aguilhadas no sitio de Tufos, de que é arrendatario Antonio Ferreira.

Mais 6 aguilhadas no sitio de Malhão, de que é arrendatario José Gois.

Mais 3 aguilhadas no sitio dos Forcados, de que é arrendatario José Antonio Cardoso.

Freguezia de Montemór-o-Velho

4 aguilhadas no sitio de Redemoinhos, de que é arrendatario José Gois.

Mais 1 1|5 aguilhadas no sitio da Panasqueira, de que é arrendatario José Gois.

Mais 1 1|6 aguilhadas no sitio do Freixo, de que é arrendatario Manoel Simões.

Mais 3 aguilhadas no sitio da Ladeira, de que é arrendatario José Antonio Cardoso.

Mais 6 aguilhadas no sitio de Redemoinhos, de que é arrendatario Antonio Dias Cavaleiro.

Mais 4 aguilhadas no sitio do Freixo, de que é arrendatario Antonio Gomes.

Mais 1 1|5 aguilhadas no sitio das Córtes, de que é arrendatario Antonio Gomes.

Mais 3 aguilhadas no sitio de Redemoinhos, de que é arrendatario Joaquim Gois.

Quisquer esclarecimentos mais, presta-os na Carapinheira, José Antonio Monteiro da Costa, e em Coimbra, Antonio Rodrigues Pinto e o solicitador Francisco Mendes Pimentel.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sêde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

Viuva Ismael da Cruz & F.º

Arazêde

Vende fazendas de lã, algodão, mercearias, miudezas, artigos para funerais, farinhas, sal, ferragens, etc., etc.

Para liquidar, encontra-se nêste estabelecimento um saldo de flanélas e de muitos outros artigos, que se vendem quazi por metade do seu custo.

E' aproveitar a ocasião!

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218
FIGUEIRA DA FOZ
ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas
ABRANTES & GENRO
LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 8 de Dezembro de 1912 — N.º 42

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

A lição do Passado

Quando o nosso pensamento, na febril agitação dos impulsos nobres, se desvia para os factos grandiosos que caraterisaram e definiram duma maneira iniludivel os tempos remotos e saudosos do passado, ha uma como que revolta em todo o nosso ser que traduz rudemente a enorme diferença entre essa época de agigantados feitos e duma firmêsa espartana, e a época que vai decorrendo num dessoramento e numa tibiêza letais, impróprios de um pôvo que se inebría só com as tradições gloriosas, pouco se dando a pensar no caráter dominante e sugestivo dos povos de raça, que é o aperfeiçoamento crescente de todas as forças que pódem vitalisar e imprimir cunho a uma nacionalidade.

Sim. Nós sentimos, ás vezes, uma febre avassalante no nosso espírito quando nos lembramos de que, apesar de termos assentado em Portugal as bases indestrutiveis para a confraternisação humana, e apesar ainda de termos homens que se sentem com energia vivaz para implantar um regimen de progresso e de saneamento moral, pouco tem importado no nosso país estes dois agregados, visto que, por um lado, ha a confusão de sistêmas governativos que se chocam e se degladiam nos principios que representam, por outro, classificado o nosso país como uma República, ha o falseamento proposital e intolerante da parte dêsses mesmos homens de ideias vivas e fortes, que parecem não querer interpretar, com visão clara e com indomavel decisão, todos os sentimentos e todos os verdadeiros principios que caraterisam um regimen de Egualdade e Fraternidade.

Póde haver quem entenda mal as nossas palavras quando abordamos questões de politica ou de administração; mas é que nós, inimigos, em principio, de todo o partidarismos, não podêmos vêr resignadamente a traficancia e a bambochata que para aí se continúa exibindo sob a égide duma República que se promete tornar florescente.

Antigamente, nos tempos imorredoiros do passado, não se pensava em política, não havia a preocupação dos partidos, para simplesmente se pensar no bem estar da pátria e na moralisação dos individuos. Os tempos gloriosos do marquês de Pombal, á parte sombras ligeiras que esfumaram a sua época, são um exemplo vivo de higiene moral que nos é grato relembrar. Quem conheceu partidarismos no seu tempo? Odios e hostilidades entre os serventuários do país e os subordinados do marquês, sim, havia, e era lógico que tudo isto existisse por uma natural reacção de individuos não depurados dos miásmas sociaes. Mas, sobretudo, o que havia era o cérebro leonino de Pombal, o seu equilibrado bom senso, a visão límpida e austéra do seu espírito a dominar todas as retaliações e todas as rivalidades. Havia uma vontade sã e uma consciencia clara que guiava com superior critério as vontades e as consciencias dos homens sem os tornar manequins ou autómatos dos seus, por vezes, caprichosos processos governativos.

E o resultado de tudo isto qual era? O que derivava da sua bem carriada orientação politica? A ordem, o trabalho, o progresso e o florescimento de Portugal, que atingiu um apogeu extraordinario e marcou uma época notavel no seu tempo.

Eis o que desejariamos que hoje houvesse. Mais trabalho, mais vontade propria a imperar na consciencia dêsses homens que se sentem capazes e com faculdades necessarias para guiar um pôvo ao caminho do Progresso, e menos exibicionismo politico, menos preoccupação partidaria a sugestionar e a perverter energias uteis e eficazes. Numa palavra: queriamos a aproximação mais rigorosa dos tempos em que a austeridade da consciencia e a indomabilidade da vontade sã e honesta não cediam o passo ao orgulho, á megalomania, tão radicada já no espirito do povo português, *politicão* de oficio e vaidoso por habito...

A Patria! a Patria! Quem a salva? Quem a dignifica? Quem se deixa inspirar na lição do Passado?

E é assim que pensamos, na humildade e na estreiteza dos nossos sentimentos e da nossa inteligencia.

CRÓNICA DO PORTO

E' para vós, ó loucos peralvilhos da avenida, que eu escrêvo este punhádo de verdádes amárgas.

Vós passeáis o Çarmo e a Praça Nova no invertido ár... oh! perdoái, ó pudibundas musas...

Vós engulís cerveja no Suisso, infetais o ár com vossos *Tongas*, vós, ó loucos peralvilhos da avenida, profanáis a paz do lupanár com vossos ademánes que fazem ruborisar as messalinas, ainda as mais antigas e sabídas.

Ainda ha pouco, quando esta laboriósa cidade, num gesto de amôr pátrio, festejáva o 1.º de Dezembro, data gloriósa da independencia nacionál, vós, ó inúteis viventes, andáveis correndo os jardins públicos espétorando bílis cancerósa, gracéjos imbecis e nauseabundos.

Ainda ha pouco, quando aquêle pobre serralheiro por vós passou, vós, ó sanguesugas das póbres desgraçadas, ristes do seu trajár humilde mas honésto.

Um de vós chegou a dizer:— Olhai: já estamos no carnavál!

Não vistes, vós não vistes que aquêle rôsto enfarruscádo, aquéla fatióta esfarrapáda, aquélas mãos calejádas, pertencem a um homem que trabálha e traz em todos os seus cálos, em todos os seus farrápos, as insignias sacrosantas do Trabalho!

Quanto vós sois inúteis, ó réles parasitas sociáis!

E no final quem sois vós?

Uns autómatos suspensos em duas ástes paralélas, revestidos de uns fátos bem talhados que um tecelão teceu, que um alfaiáte talhou e preparou e, meia duzia de palermas vestiram e albardaram

Se para os grandes males, grandes remedios, eu apelo para o torrente caudalosa do nosso Douro que, olhando aos vossos minusculos estomagos de toupeira, nem porisso deixaria de suavisar as suas margens..

Porto, 3—12—912.

Gomes Monteiro.

Companhia dos Wagons Leitos

Na carta do nosso prezado colaborador M. d'Almeida Junior, sob esta ipigrafe aqui publicada no anterior n.º, saiu, por um lamentavel equivoco, como sendo de Mr. Humbert, sub-inspector da Companhia em Lisboa, as palavras inseridas em tipo 8, quando essas palavras eram tambem do mesmo autor.

Mr. Humbert disse o seguinte, que, por nos ter chegado tarde ás mãos, só agora publicâmos:

Meus senhores. Mandei-os reunir neste escriptorio para me desempenhar de uma agradavel missão de que fui encarregado pela Companhia Internacional dos Wagons Lits, por intermedio do snr. Bouché, nosso inspector principal em Madrid, missão que cumpro com grande prazer. Faz hoje 25 anos que o condutor Rocha, aqui presente, entrou para o serviço da nossa companhia e em recompensa da sua conduta exemplar, do seu serviço irrepreensivel durante esses 25 anos, a companhia confere-lhe esta medalha, que até hoje poucos são os que se orgulham de a possuir e merecer. Acompanha-a uma gratificação de quinhentos mil réis, que representa uma ajuda, bem merecida para qualquer eventualidade. Condutor Antonio Rocha, em nome da Companhia dos Wagons Lits, em nome de todos os colegas e amigos presentes e ausentes, e em particular em meu nome, dou-lhe as mais sinceras felicitações pelo dia de festa de hoje, desejando-lhe saude e felicidades para o seu futuro com o desejo de o conservar ainda por muitos anos nesta secção.

O condntor visivelmente comovido, agradeceu ao mesmo tempo que era abraçado e felicitado pelos colegas presentes. A medalha, que é rodeada por esmeraldas, tem num lado a data da entrada na Companhia com as respetivas iniciais, e no outro o nome de Antonio Rocha.

Este empregado é muito conhecido dos passageiros que frequentam a linha do Norte e de Madrid, onde faz serviço nos comboios rapidos, gosando de gerais simpatias pelas suas qualidades.

Fica assim aclarado o assunto.

O seu a seu dono.

VIDAL S. BIZARRO

Tem estado doente e de cama, este nosso querido amigo, funcionário muito zelôso e assás inteligente da 3.ª Inspecção Principal da Companhia de Caminhos de Ferro Portuguêses, em Coimbra B, e filho do ilustre Inspector Principal da mesma secção e da mesma companhia, snr. Augusto Bizarro, uma das mais fecundas e potentes inteligencias que ainda caminhos de ferro portuguêses têm possuido.

Desejamos, abraçando-o, o pronto restabelecimento do querido enfermo.

Interesses do Concelho

AS ENTREVISTAS DO "DEVER,,

Os dirigentes dum municipio devem conhecer primeiramente direito administrativo — diz o sr. dr. Bátista Loureiro

Na inglória missão a que nos démos de desvendar irregularidades e apurar factos que póssam ter ocorrido no concelho de Montemór-o-Velho —missão ingrata que, diga-se de passagem, não tem sido bem compreendida por certos espíritos de acentuádo partidarismo—lembrámo-nos ainda do sr. dr. Bátista Loureiro, individualidade que, pelos seus merecimentos intelectuais e pelo seu orientado critério, nos poderia emitir qualquer opinião sobre o remédio eficaz a aplicar ao caso conjunto da comissão municipal administrativa, no sentido de se evitarem reclamações, despeitos ou desconfianças, que ás vezes podem ter interpretações diferentes.

— Eu não sei — diz-nos o sr. dr. Loureiro—se os homens que se encontram á frente do municipio de Montemór teem ou não administrado conscientemente, porque não estou em contacto directo com os assuntos camarários, nem vou inquirir dos actos dos camaristas pelo simples desejo de saber se administram com honestidade. Sei que no nosso país a escôlha dos dirigentes dum concêlho não se faz com isenção nem com o intuito de regularisar e engrandecer os interesses dêsse mesmo concêlho, visto que o que predomina geralmente néssa escôlha é a clientela politica que tem avassalado os nossos homens públicos, prejudicando assim o país. A descentralisação administrativa dos municipios seria o mais preferivel para nós, mas não pela maneira como se tem organisado os corpos administrativos até hoje. Sabe que geralmente o sufragio popular não dá o que se deseja, porque se escolhem quasi sempre compadres e afilhados que, longe de se guiarem pela sua consciencia para acudir simplesmente aos interesses inadiaveis do municipio, ficam acorrentados aos patrônos que os alcandoraram ás cadeiras do senado municipal, e assim vivem numa obediencia céga e numa dependencia enervante.

— Mas então não haverá um meio de se fazer entrar tudo isto no caminho lógico da boa administração? —perguntámos nós.

— Há, mas é dificil.

— E qual era?

— Bastava que todos os municipes de maior influencia eleitoral, livres em absoluto de peias politicas, fizessem uma rigorosa selecção dos individuos que deviam compôr a camara e que teriam de aliar ás indispensaveis qualidades de caráter e de inteligencia o conhecimento de direito administrativo, tão necessario aos homens que teem de sobraçar grande número de responsabilidades que a naturêza das suas funções lhes impõem. Note que esta ultima condição era indispensavel, e quando não houvesse de momento homens já preparados para saberem conscientemente administrar, pelo menos deviam ser escolhidos cidadãos que fossem capazes de estudar para corresponderem ao que os municipes exigem dêles. E o que digo para o nosso municipio digo para todos os do país.

— Mas isso, por enquanto, não tem viabilidade entre nós por falta de instrução...

— Mais ainda por falta de caráter. Não temos nós dois regulares municipios em Lisbca e Porto? E são os unicos mais bem organisados que ha no país. Tudo o mais são alfôbres onde o Estado vai sugar quando precisa de dinheiro, que é a todo o momento.

— De maneira que o unico remédio para curar o mal de que enferma o nosso concêlho seria a escôlha sensata de homens conhecedôres de direito administrativo...

— Sim, ou pelo menos que tivessem vontade de estudar para não estarem sujeitos a obrar inconscientemente por indicação d'outrem.

— Mas para o nosso caso e para de momento não seria possivel remediar-se tudo com uma sindicancia?

— Não daria resultado. As sindicancias que teem sido feitas deixam ficar tudo no mesmo pé; de maneira que isso é ineficaz.

Não querendo importunar mais o nosso entrevistado que, por sinal, nos pôs bem á vontade, resolvemos retirar-nos e vir dizer ao povo que nos lê que, nas primeiras eleições municipais que haja de fazer-se, saiba escolher com consciencia e probidade homens capazes de se empenhárem pela defêsa dos sagrados interesses dêsse mesmo povo que, se tem sido lesado, é unicamente por sua culpa, visto que devia compreender que a politica, para nada servindo no nosso país, apenas entrava e destroi tudo quanto de util possa surgir.

Deixe-se o povo da epidemia da política e dos partidos, acabe duma vez com a obediencia aos mandões politicos, siga o que a sua consciencia lhe ditar e o que de mais proveitoso tem sido aconselhado, e ficará com a certêza de ver zelados os seus interesses e não os interesses dos chefes partidários que exploram o povo. E fiquemos nisto.

Ferro-viarios de Portugal

Uniões e sindicátos

Tôlas reclamações e disparatado palavrório

E' manifesta, é mesmo nociva a falta de solidariedade que se nota na familia ferro-viaria.

Uma agremiação se instituiu no Norte, várias agremiações se criaram no Sul, e nós vemos com desgosto que todas não valem uma, porque a sua missão, pelo visto, é bem diferente da que estão desempenhando perante todas as colectividades proletarias do país.

Mas isso não nos admira nem nos revolta, porque a classe ferro-viaria portuguesa nunca se soube conduzir de maneira que toda a gente julgasse irrepreensivel a sua conduta.

Malquerenças e invejas, tôlas basófias e pedantes pretenções, é o que se nota.

Nós não pertencemos, e nem que-

remos associar-nos a colectividades que, tendo por dever a solidariedade e o bom senso, são as primeiras a fomentar a desordem e a desarmonia, a exemplificar a desunião e o odio colectivo.

Em nenhuma das agremiações instituidas, doloroso é constata-lo, existe o bom-norte que deve guiar as consciencias lúcidas, e nós temos dito, e repetimo-lo agora, que em nenhuma das agremiações vegeta a imparcialidade associativa, antes fervilha a intriga e campeia a retaliação, que deslustra e que envergonha.

Quem escreve estas linhas sabe muito bem que é odiado por meia duzia de malandrins que se arrogam de dirigentes e mentores duma numerosa familia de infortunados trabalhadores, mas quem escreve estas considerações conhece-os bem a todos, tem na mão o seu valor moral, intelectual e profissional, e sabe muito bem que a União, Sindicato e ramificações, não estão sendo mais do que os verdadeiros e contraproducentes fautores do desassocego e da desorganisação duma classe a todos os titulos bem digna doutras energias e doutras capacidades que a orientassem, que a encaminhassem pela vida do colectivismo em fóra.

De ha muito que nós vimos sendo alvo do rancôr, aliás inofensivo, de tres ou quatro patifórios a quem a nossa conduta muito preocupa.

Mas não é para eles, fiquem-no sabendo todos, que estas nossas palavras vão.

O nosso fito é mais alto, é bem significativo, e tão alto e tão significativo, que nem mesmo eles, se nós os alvejassemos, seriam capazes de nos compreender.

Isto vem a propósito da *Montanha*, diario nosso confrade do Porto, inserir no seu numero de domingo um pequeno extrato da sessão da *União Ferroviária*, associação do pessoal do Minho e Douro, pelo qual se vê o protesto lavrado contra a nossa nomeação de agente de Pampilhosa.

Isto não constitue, não traduz um protesto, por meu turno formulado, ao chôcho palavrório que lá se dispendeu, isto é, que lá desperdiçaram meia duzia de caturras para quem tudo são injustiças flagrantes e descabidos arranjinhos.

E' isto, nós bem abemos, ligar-lhes demasiada importancia, importancia que eles não merecem, mas nós escrevemos para os homens cujo bom senso é ainda um facto, cuja lógica não ficou por casas alheias.

Nós defendemos, estivemos ao lado da União, trabalhámos em seu favor, emquanto não descortinámos que tudo aquilo não era mais do que uma teimosia proveniente duma minoria sem imputação moral, sem importancia colectiva de maior, e emquanto não descortinámos que um dos proprios dirigentes, batendo publicamente num superior hierarquico, o elogiou, dias antes de precisar dêle, de carecer dos seus valores, quando estes, afinal, eram os mesmos e nem o homem, nem o funcionario haviam, na realidade, sofrido a mais pequena metamorfóse.

E depois não nos venham dizer disparates do quilate dos que correm por aí de boca em boca.

Era tempo da classe ter juizo...

Almeida Junior.

INTERESSES DO CONCELHO

Resposta

Ao lêr o n.º 40 de *O Devêr* fiquei pasmado de lá encontrar uma carta assinada pelo snr. Albino de Noronha, e na qual este snr. todo se melindra por eu dizer que o considero inepto para exercer o logar que ocupa — *inepto, incompetente, incapaz*, ou qualquer outro equivalente de que nesta apropriada adjetivação eu me pudésse ter lembrado. E sabem os snrs. porque eu fiquei admirado com o melindre do snr. Noronha? E' porque já o julgava habituado, conformado mesmo com todos esses qualificativos, tanta gente lh'o tem dito, uns claramente, outros dado a entender. Até ignorante (e com prova feita) já publicamente lhe chamaram (sessão de 5 de outubro de 1912 na Camara Municipal). Não discuto se o logar era proprio e a ocasião propicia; porém, toda a gente de boa fé (pobre gente) julgou que seria aquela a ultima vez que o snr. Albino de Noronha aparecia a publico como presidente da Camara. Engano. O snr. presidente ouviu (creio que não sorriu), tremeu, tremeu e quedou silencioso. Nessa sessão houve coisas curiosissimas. Por um triz que não terminou tudo á pancada. Foi o caso do discurso dum padre não pensionista, correligionario de sua ex.ª, que, esquecendo o logar em que estava, abordou assuntos tão improprios, em que transparecia um tão rancoroso partidarismo, que a assistencia teve de se manifestar no sentido de fazer compreender ao snr. prior que se devia calar; isto é, tiveram os outros de se substituir ao snr. presidente, que apenas o era no nome, para evitar que no fogo sagrado daquela oratoria as coisas fossem mais longe. Mais uma vez o snr. Noronha foi considerado por todos esses que se lhe substituiram como um inepto, um incompetente, um desprestigiado.

Não basta, snr. Noronha, ser honesto, e ter mesmo vontade de acertar, qualidades estas que eu não lhe contesto. E' preciso muito mais. E' preciso em primeiro logar ter opinião propria para não se andar a dizer com todos, e no fim vêr-se a gente em talas sem saber o que ha-de fazer. E' preciso, em segundo logar, sêr-se menos politico, para não nos deixarmos levar pela vontade de qualquer correligionario, só pelo prazer de o servir, embora ele seja o *chefe*, o *maior*.

E' preciso ainda ter muita ponderação e cuidado nas resoluções que tomamos e que vão para o dominio publico, para que essas mesmas resoluções se possam cumprir. Haja vista aquela célebre circular aos medicos do partido, em que a Camara *decreta*, revogando toda a legislação em contrario, que os medicos se não possam ausentar da área do seu partido sem prévia autorisação do vereador da respectiva circunscrição. Os medicos, é claro, leram, riram-se e não fizeram caso.

E' ainda qualidade indispensavel nas pessoas que desempenham cargos como o do snr. Noronha, ter coragem de tomar a responsabilidade do que faz, e não por meio de subterfugios querer imputar essa mesma responsabilidade para cima de pessoas que nada teem que ver com o caso. Haja vista aquela convocação dos medicos do partido para dizerem á Camara se a lotação dum partido, então a concurso, devia ser mantida ou abaixada como era proposta dum interessado. O resultado da convocação era previsto e o fim transparente. Está bem de ver que os medicos e todos os que tiveram conhecimento do caso se riram da esperteza saloia.

Eu bem sei que não é só o snr. Albino de Noronha o responsavel por todos estes e outros fiascos. E' toda a camara, ou pelo menos a sua maioria.

Tambem sei que não foi agora com esta vereação que se inaugurou a série de desconchavos; não. As outras eram tão boas ou, o que me parece mais exacto, ainda peores. Porém, com as outras nada temos. O que lá vai, lá vai — pedra sobre o caso.

O snr. Noronha diz tambem que a vereação não tem feito só disparates. Perfeitamente d'acordo. Era o que faltava, que tivessem feito só asneiras.

Deixemos, porém, este assunto e vamos tratar doutros que mais directamente me interessam.

O snr. Noronha quer insinuar que eu sou um despeitado. Parece impossivel que o snr. Noronha perca a cabeça a tal ponto que diga uma coisa destas. Faço-lhe justiça: é falta de memoria, não é má fé. O snr. Noronha sabe tão bem como eu, como as coisas se passaram, e qual a minha atitude; e se está esquecido, como julgo estar, eu indico-lhe o nome de duas pessoas que sobre o caso lhe poderão dizer como encarei a minha não nomeação para os logares a que se refere. São justamente os proprietarios dos logares de que o snr. Albino de Noronha fala: o administrador do concelho, snr. dr. João Constantino, e o oficial do Registo Civil, snr. dr. Armando de Carvalho. Fale com ambos.

Agora, para terminar, sempre lhe quero dizer que tenho dó de si, snr. Noronha, pela sua infelicidade. Diz tambem o snr. Albino no seu arrasoado que eu falo por paixão politica. A resposta a esta afirmação vem precisamente no mesmo jornal e no mesmo numero. Com os diabos! já é azar!...

Snr. Noronha, é logo a seguir ao seu artigo, numa linguagem *franco-luzitana* que cheira a cadaver decomposto, com desinfectantes á mistura, que vem a *resposta*, com certeza escrita por um correligionario meu, e assinada por outro.

Já é azar, snr. Noronha!

Montemór, 30 de novembro de 1912.

Ismael Sampaio.

O que tem feito a Camara Municipal?

São estas as palavras que andam de bôca em bôca, sem se saber o que lhes responder, tal o estado em que tudo se encontra.

Pois tudo está por fazer, desde as coisas mais insignificantes, aos grandes melhoramentos.

Mas no entanto, o senhor presidente do municipio escreveu algures, com certa ufania, que Montemór ia em breve ter um matadoiro e uma escola. Muito bem. Mas esqueceu-se de dizer (e isto era o mais importante) que, para isso, a Camara teve de contrair um emprestimo de *trez contos de réis!!*...

Para que ocultou o senhor presidente isto? Para que o não disse desde logo?

E' preciso que o pôvo saiba tudo, tudo! E para isso é necessario que o presidente diga sempre a verdade. Sempre!...

Mas não é só Montemór que precisa de melhoramentos. Outras freguezias do concêlho, estão em identicas circunstancias. Porque não se tornam extensivos esses melhoramentos ás restantes freguezias do concêlho?

Misterios, de que só a Comissão Administrativa sabe as causas. Mas a vereação foi infeliz na aplicação do emprestimo, porque começou por onde devia acabar.

Que os trez contos de réis fossem empregados em casas escolares e nas fontes das povoações, que são uma vergonha perante a civilisação, compreendia-se. Mas irem gastar quasi por completo o dinheiro do emprestimo num matadoiro, onde apênas se vende carne uma vez por semana, e que só aproveita a Montemór, é que é duro de mais, porque, afinal, todos os munícipes vão pagar uma coisa que para êles nenhuma utilidade tem...

A instrução nêste concêlho deixa muito a desejar, principalmente as casas escolares. Freguezias ha em que as criancinhas se amontôam como sardinha em canastras, sem ar, nem luz, e sem os mais elementares preceitos higienicos e pedagogicos. Além disto, as casas escolares são de renda, e a Comissão Municipal a tudo isto assiste alheada, como assunto de nenhuma importancia!...

Ha em algumas freguezias do concêlho casas paroquiais, que ainda hoje servem de moradia a padres rebeldes á Republica, que com pequenas modificações muito bem serviam para casas escolares, economisando o municipio, com isso, muito dinheiro, e prestando-se ao mesmo tempo um grande serviço á instrução!

Assim não o entende a atual Commissão Municipal, que para isso ainda não deu um unico passo!...

As vereações monarquicas nada fizeram em beneficio dêste pobre pôvo, que tudo sofreu sem protestar, porque era inutil. A vereação republicana... *bera* segue-lhe as pisadas...

Tudo nêste concêlho continua como dantes, se não peor ainda!...

Póde isto continuar assim?

Evidentemente que não!...

A. Verão.

A VOZ DOS PROFESSORES

Lembrando um alvitre antigo. — A frequência escolar é uma inorme necessidade

Ex.mos professores e meus companheiros de oficio: — De ha tempo afastado das lides escolares, onde sem merecimento, e só com boa vontade trabalhei durante 28 anos, quero supôr-me completamente de parte; mas, a leitura dos vossos correctos artigos não o consentem, e, ao lêl-os, sinto-me agradavelmente estremecer, e então, esquecendo-me de que sou já um velho caduco, moralmente morto, tenho ainda a veleidade de tambem querer dizer de minha justiça, de tambem querer escrever, de finalmente, tambem me querer associar aos novos obreiros da civilisação, para os ajudar na ardua tarefa que empreenderam.

Nos meus tempos de actividade, em que alguma cousa produzia, embora deficiente em quantidade e qualidade, tive a honra de contar, entre os meus amigos e companheiros de trabalho, os sempre lembrados Elias Garcia e Salgado.

Então, largamente tratámos o assunto que hoje abordaes, *Falta de frequencia escolar*, e chegámos á conclusão, (que de resto era de prever), de que a frequencia escolar nunca seria um facto, se, para o diligenciar, só pudessemos contar com a lei que tal obrigasse.

Em virtude disto, pensou-se, não em mandar as creanças para a escola, mas, em as atrair á mesma escola, de fórma que, os rapazes fugissem para a escola em vês de fugir dela.

Nesta altura, um dos nossos, Elias Garcia, era então vereador do Pelouro de Instrução na Camara Municipal de Lisboa, e com um duplo fim, creou os batalhões escolares.

Digo um duplo fim, porque visávamos tambem a ideia de preparar soldados para o futuro.

A ideia era boa, mas com o regime monarquico não podia frutificar; porém, como os tempos mudaram, não será éla agora praticavel?

Não merece éla, para vós, para os novos de hoje, a honra de, ao menos, ser novamente estudada?

Aí vos deixo a ideia antiga, que, por certo, em vossas mãos firmes, poderá ser bordada e levada a cabo com melhor exito.

Estudai-a. Não a aproveis, nem a regeiteis de simples jacto. Ela é complexa, e por isso mesmo importante.

Se conseguirdes leval-a a bom caminho, conseguireis, como consequencia imediata e certa, acabar com o analfabetismo, crear defensôres para a Patria, e torna-la livre de facto

Como premio bastar-vos-á a satisfação do dever cumprido; mas tereis ainda, comquanto insignificante, o reconhecimento dos velhos, que, como eu, para nada servem já, e ainda esperam usufruir, mesmo indirectamente, os beneficios provenientes do vosso patriotico esforço.

Figueira da Foz, 2—12—912.

Prof. M. E.

ERRATA

Ficou truncado um periodo do artigo *Sufragio feminino*, publicado no ultimo numero. Onde se lê: «feminismo em Portugal e mesmo nos povos do Norte», deve lêr-se: «feminismo em Portugal e mesmo nos povos latinos não têm aquela generalidade que se observa na America e povos do Norte».

Anti-alcoolismo

Os perigos do alcoolismo sob o ponto de vista higienico e moral

VI

PARECER DA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS ÁCERCA DOS PERIGOS QUE OCASIONA O ABUSO DAS BEBIDAS ALCOOLICAS

«A aguardente, introduzida num estômago vazio, ainda mesmo em mui pequena quantidade, produz congestão, excita as contracções e aumenta a secreção dos sucos digestivos. Estes efeitos directos, muito menos pronunciados quando o estômago está refeito, são aliás passageiros e desaparecem sem deixar vestigios, se a ingestão da aguardente é acidental. Se se reproduz frequentes vezes, *se se torna habitual*, a vermelhidão congestiva é mais viva, mais persistente; desenvolve-se logo uma inflamação, os sucos digestivos são em menor quantidade, e dão logar a liquidos prejudiciais ao trabalho da digestão.

Com o andar do tempo, sobrevem um trabalho de ulceração, uma condensação, um endurecimento que, paralisando o estômago e impedindo as secreções uteis, o tornam incapaz de digerir.

Absorvido e relacionado com a substancia que forma o cérebro, o alcool sobreexcita-lhe as funções. Primeiro produz uma simples excitação, depois um verdadeiro delirio, resultando umas vezes uma agitação extrema, outras vezes uma crise de furôr, e ainda outras um estado de prostração tal que o alcoolico caí completamente embriagado, como uma massa inerte.

Quando a acção do alcool, ainda mesmo ligeira, se repete todos os dias, á simples agitação nervosa sucede a congestação cerebral, e finalmente o embotamento da inteligencia. Sobrevêm dôres de cabeça persistentes, vertigens, alucinações, um enfraquecimento gradual das faculdades intelectuais e morais, a tibieza espiritual, a perda da memoria, a dificuldade em falar, a agitação convulsiva dos membros, acessos passageiros de delirio, alternando muitas vezes com acessos de epilepsia — principalmente quando o alcoolico se acostuma ao absinto — e finalmente a loucura, a imbecilidade e a paralisia.

O alcool actua primeiro no figado e congestiona-o; mas, quando o uso das bebidas alcoolicas se torna abundante e continuo, sobrevem uma verdadeira inflamação, depois a supuração do figado ou aumento de volume, ou até mesmo a diminuição das suas propriedades.

Congestiona os pulmões e dá-lhes uma disposição tal que produz a inflamação. Daí resultam: a tosse sêca, violenta, rebelde de muitos alcoólicos, a frequencia da pneumonia aguda, da bronquite, seguida ou não de tuberculose pulmonar, mas quasi sempre complicada com doença do coração.

Ao atravessar os rins, o alcool excita-lhe as funções; e, se esta excitação se repete frequentes vêzes, o tecido dos rins, cômo o do cérebro, do figado e dos pulmões, congestiona-se e inflama se: sobrevêm então dôres de rins e as doenças que delas resultam. As dolorosas operações que necessitam são um terrivel suplicio para a vida do individuo.

O abuso das bebidas alcoólicas, antes mesmo de ter produzido todos estes desarranjos materiais e de ter ocasionado alterações de saúde, torna os alcoólicos mais propensos ás doenças acidentais, agrava essas doenças, e compromete altamente a cicatrização das feridas ou os bons resultados das operações.

A intoxicação alcoólica inveterada tem consequencias ainda mais perigosas: uma ferida insignificante, que não teria gravidade num homem sóbrio e sádio, é muitas vêzes para o alcoólico a origem de acidentes terriveis».

Poetas e prosadôres

A RAZÃO

Ao snr. Manuel de Mélo

Eu vivo muito longe dessa crença
Formada na penumbra do mistério,
Que alcandóra ás alturas dum *sidério*,
Um Deus unificádo em fôrça intensa.

Eu rio quando fito a lúta imensa
Do pôvo de Sodôma ante um *etério*,
Entre um fôgo de enxôfre deletério,
Numa triste agonia crúa e densa.

Porque habito um palácio diamantino
Mais formôso que o céo do Rei-Divino,
Onde jámais entrou a corrúção.

São de jáspe as ameias rendilhadas,
De marfim as janélas bem talhadas,
De rubís o portal: é a Razão.

Porto, 1912.

Gomes Monteiro.

CONTOS DUMA VIAGEM

Uma visita ás dependencias do Palacio Real Espanhol

II

Depois de terminar a minha ultima carta, aqui publicada, segui em passeio por alguns pontos mais dignos de serem visitados pelos estrangeiros.

Com o simples auxilio *d'une petite guide*, lá fui andando, andando só, até que, sem dar por tal, me encontrei no coração de Madrid. Era a *Puerta del Sol*. Admirei, por algum tempo, extático, aquele inorme movimento num logar de que eu tanto tinha ouvido falar. Vi então confirmadas as referencias maravilhosas que a respeito de Madrid me haviam sido feitas. Como quem quizer tirar muitas notas não deve estar parado, eu lá fui caminhando em diréção ao *Palacio Real*, que apezar de não saber onde ficava, não me foi dificil encontrar.

Antes de lá chegarmos encontramos a praça Izabel II, que é o primeiro guia. Mais abaixo a ampla praça do Oriente, circundada de muitas estatuas de familias reinantes e outros vultos out'ora em evidencia. Se ainda houvesse duvidas de que o *cuvil* das regias personagens é aquele monstruoso edificio que por entre os ramos das copadas arvores já despidas de folhagem, ali se avista, essas duvidas desapareciam, lendo-se noutro edificio, não menos monstruoso: *Teatro Real*. Esta indicação seria o bastante para sabermos que nos encontravamos em frente do *Palacio Real* de Madrid. Porque eu bem sabia que em edificios desta natureza não entrava uma *Pepe* ou um *Ramon*. Aproximei-me, pois, do portão principal, ou seja a entrada dos *augustos señores*, quando, a meu lado, deparei com um individuo que, tendo no *bonet* o n.º 12, me declarou ser o interprete oficial, chamar-se *Burgalez*. Era um homem de confiança e autorisado a mostrar-me todas as dependencias facultadas aos estrangeiros.

Lá fui. Que diabo! eu queria ver!... A primeira dependencia onde entramos foi nas cavalariças. *Não se riam*. Aquilo é que é luxo!! *Una barbaridad*. Entre os 110 cavalos que ali se encontram, ha-os de varias raças e todas teem escrito em frente da luxuosa mangedoura o nome pelo qual são conhecidos. Assim eu vi que o *Real cavalo* oferecido pelo ex-presidente da Republica Franceza, monsieur Loubet, se chamava *saint syr*. Um outro, oferecido pelo presidente de Marrocos, provavelmente em troca das vitimas que lá teem ficado, se denominava *Quebedaria y nador*, a montada da Rainha Victoria, *Alarun Teodolito*, o que leva o rei ao acampamento. *Piter* o primeiro cavalo que ele montou, chiquito, etc., etc. Este ultimo animal, já muito acabado pela sua edade, está ali apenas para recordação.

Prestes a terminar a visita a esta secção, eu perguntei muito naturalmente ao empregado que me acompanhava, onde estavam as magestades.

No es aqui que habitan. Respondeu-me. *Esto es solo para los caballos, por esso que se llama caballariça*. Fiquei assustado com receio que o meu informador me julgasse capaz de confundir uns com outros e, muito paulatinamente, comecei de plicar-lhe, no meu Espanhol humilde, a minha pergunta. *Comprendo perfectissimamente que esta no es la habitacione de los reis y lo que yo perguntaba ao usted era a onde se encontram ellos n'este momento, isto é, se estan de passeio o nel palacio. Ah! ahora comprendo. Pues saiba usted que saliram de passeio, pero si desea hablar con ellos quiera bolver a las 5.*

Isso sim, meu caro amigo,—responde: Os reis não falam a qualquer *Atoino da botica. Es V. boticario?*

Pues tengo la seguridad que lo recibem, porque *nuestros reis son mucho democratas*. Mas eu não esperei, e foi para outras secções de que vos falarei no proximo numero.

Madrid, novembro de 1912.

M. Almeida Junior.

FALECIMENTO

Faleceu na passada quarta-feira a snr.ª D. Rita Julia Simões, mãi extremosa do nosso amigo snr. Antonio Maria da Silva Ferrão, de Vila Franca de Arazede. O enterro da veneranda senhora, que contava já 86 anos de idade, realisou-se com grande pompa no dia seguinte, sendo acompanhado até ao cemiterio pela filarmonica desta localidade. Levava a chave do caixão o snr. Antonio Maria Ferreira Monteiro, sendo conduzidas por particulares algumas corôas, dentre as quaes se destacava a oferecida pelos filhos da finada, e que tinha a seguinte legenda: — *A mais viva saudade. De seus filhos Antonio e Conceição.*

O *Dever* fez-se representar no acto funebre pelo seu director e administrador.

A' familia da finada endereçamos os nossos sentidos pezames.

ANIVERSARIO

Passa no dia 13 o aniversario natalicio do nosso querido camarada Almeida Junior. Um grande abraço de felicitações.

O ódio dos padres

Em viagem

Para tratar da minha saude, tomei ha dias o comboio na Pampilhosa, com destino a Guarda, aonde, pela segunda vez, fui consultar o dr. Lopo de Carvalho.

Chegando á *gare*, á hora da partida, tomei, ao acaso, um compartimento de segunda, e apenas fechei a porta da carruagem, pôz-se o comboio em marcha. Próximo do Luzo, deparei que a um dos lados do compartimento, dois sugeitos liam o *Dia*, e, fixando mais os homens, reconheci que eram dois padres.

Tirei do bolso o *Mundo* e comecei tambem a lêr. Assim seguimos até Santa Comba, sem que nem uns nem outros trocassemos uma palavra.

Chegados proximo de Carregal, onde ficaram os dois sotainas, qual não foi o meu espanto quando um dêles disse para o outro, baixinho: «Sempre que encáro com aquele jornal, fico revoltado».

Os dois *filhos do Senhor*, convencidos de que eu não tinha ouvido, deram uma gargalhada, mas depressa se arrependeram do insólito atrevimento.

Levanto-me do meu logar, e dirigindo-me a êles, disse-lhes:

— Já que tanto se revoltam quando veem este jornal (e mostrei-lhes o *Mundo*), devo responder-lhes que, tanto o jornal, como eu e todos quantos sentem amôr pela Patria e pela Liberdade, se despresam de acompanhar, mesmo em viagem, com criaturas tão hediondas como são as que me acompanham neste compartimento. Os senhores, que deviam moderar-se e não provocar, manifestam-se com o mais réles descaramento.

Os homemsinhos, atrapalhados, tentam pedir-me desculpa e justificar que a referencia ao jornal tinha sido uma simples brincadeira, supondo que eu não tivesse ouvido.

— Pois ouvi, disse eu; e devo dizer-lhes que, quando entrei para o compartimento, não os reconheci; pois se os tivesse visto, mudar-me-ia em seguida.

Pucharam pelo *Dia* e eu, que não o leio nem o compro, nada lhes disse, porque nada tinha a dizer-lhes, pois cada um lê os jornais que entende.

Depois d'isto, chegámos a Carregal e os dois sotainas apeiaram-se apressadamente e ali ficaram por terem terminado a viagem.

Fiquei só no compartimento e convencido de que aqueles padres eram da fôrça de tantos outros que por ai existem e que a sua missão é dizer mal da Republica e de tudo que a defende.

Covardes, que, viajando apenas com um cidadão, não tiveram a coragem de sustentar o que haviam dito.

Toda a criatura é forte quando sente a consciencia bradar alto em prol dum ideal.

Não gosto, nem desejo discussões com ninguem. Compreendo que cada cidadão tem o direito de ser republicano ou monarquico, mas o que não posso admitir e não toléro é que se provoque, e foi decerto uma provocação que fizeram, pois que não foi só o jornal que insultaram, mas tambem a mim que o estava lendo.

Padres liberais! Não poupeis os colegas como os dois de que trato e cujos nomes e domicilios desconheço, sempre que vos conste que eles não procedem com o povo com lealdade e cortai-lhes sempre o caminho que queiram seguir contra a Republica.

Tende em vista que o seu odio é tanto, que se manifesta em viagem e contra um jornal que tanto se sacrificou por ela.

Pampilhoza, 3—12—912.

A. Fernandes d'Almeida.

CORRESPONDENCIAS

Figueira da Foz, 6.

Decorreu com o entusiasmo desejado a festa realisada no passado domingo no *Casino Mondego*, promovida pelo comandante e oficialidade de artilharia 2, da guarnição desta cidade. Discursaram os snrs. capitão Martins, tenente-medico dr. Evaristo Geral e coronel Camacho, os quaes foram muitissimo applaudidos pelo auditorio. Finalmente, um numeroso grupo de crianças das escolas locaes cantou com bastante correcção os hinos patrioticos da *Restauração* e *Maria da Fonte*, e a banda do regimento de infantaria 28, apoz algumas peças do seu vasto reportorio, tocou a *Portugueza*, que foi muito aplaudida.

Apoz esta brilhante festa, quando deveriam ser umas 23 horas, foi o *Casino Mondego* assaltado por 8 policias da judiciaria de Coimbra, os quais se dirigiram de roldão para a sala do jogo, empunhando rewolvers e bengalas, e ali prenderam os jogadores que a essas horas se divertiam com o que é contrario ás leis do paiz, e apreenderam uns 237$000 réis. Os jogadores apologistas que vão tendo paciencia.

O tempo tem estado algo melhor, mas hontem o barometro desceu assustadoramente, o que indica novo temporal, talvez mais abrutado do que o dos anos anteriores.

Apolon.

ANUNCIOS

Agua da Curía

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curía.

Forneiro de cal

PRECISA-SE, bem habilitado, para ir para o Ultramar. Dá-se bom ordenado. Falar com Garcia Secades—CADIMA.

Editos de 30 dias

(*1.ª publicação*)

NO juizo de direito da comarca de Montemor-Velho, cartorio do terceiro officio e no inventario por obito de Antonio Marques da Costa, do lugar de Entre-Carreiras, freguezia de Arazede, e no qual ficou como cabeça de casal o filho José Marques, correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação dêste anuncio, citando para todos os termos até final do referido inventario os interessados Manoel Marques, solteiro, e Antonio Teixeira, casado, ausentes em parte incerta no Brazil.

Montemor-Velho, 30 de novembro de 1912.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Lemos Viana.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Arrematação judicial

(*1. Publicação*)

NO dia 15 de dezembro proximo ás 11 horas da manhã, á porta do tribunal Judicial desta comarca nesta vila, vai á praça sem valor para ser arrematado por quem maior lanço oferecer o dominio util de

— Um predio de terra lavradia, no sitio das Cabeças, freguezia de Alfarelos, pertencente á inventariada Ana Rodrigues Pimentel, de Alfarelos, e descrito no seu inventario no qual é inventariante o viuvo José Cardoso Vicente, de que é senhoria diréta Dona Belarmina Cardoso Aires Pinheiro Raposo, cuja residencia não consta dos autos, á qual paga o fôro de 363,34 (18 alqueires) de milho e duas galinhas, e para assistir á praça é citada editalmente.

Montemor-o-Velho, 22 de novembro de 1912 e dôze.

E eu, *José de Paiva Bobela Mota*, escrivão, a subscrevi. *Agostinho Antunes de Lemos Viana.*

---

(28) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

— Atenda á verdade, senhôra — recalcitrou a madre soberânamente. — Há álgum tempo já que tem sido vista de nôite de encontro ás grades, falando com libertinos que a desfrutam e a desonestam câda vêz mais; e ontem quís tentar uma evasão, violando o artigo mais sagrado do regulamento desta casa. Eu conhêço bem o seu passado, pois tive ocasião de me informar, e sei quanto êle lhe foi aviltante e quanto a senhôra fôi desgraçada. Fôi demais! Chegou até á perfidia, e não contente com isto, desceu até ao assassinio!...

— Basta! — rugiu a noviça de olhar tôrvo, crescendo pára ela. — Isso é uma calúnia que me dirige! Há-de desdizêr-se do que agora disse!

E tomando a velha diretôra pelos pulsos e apertando-os fortemente, obrigou-a a assentar na poltrôna, e com um joêlho sôbre os joêlhos dela, dizia, num assômo de cólera:

— Dize que é mentira tudo o que disseste, covarde. Pede perdão de tanta injúria vomitada por essa bôca!...

— Acudam! acudam! — rouquejava a madre-diretôra, extrêmamente lívida.

E sentia-se apertada na garganta pelas mãos de ferro da noviça.

A comunidade, que previra grande escandalo, quando a diretôra mandára chamar a rebelde, tinha se reunido cá fóra a escutar o que diziam.

Aos gritos soltados pela velha madre, acudiram álgumas freiras, que conseguiram desprendê-la das garras da leôa que ainda rugia surdamente. E no mêsmo dia recebia esta ordem de sair do convento por insubordinação e por desacato aos preceitos do regulamento.

Despiu Clotilde o hábito de noviça, envergou os trajes seculares, e saiu na companhia da serva, sem se despedir duma só pessôa, por entre chufas e remoques das freiras, que lhe chamavam pérfida e tirâna (1).

A criada, no átrio do convento, preguntou-lhe com voz dolorida:

— Pára onde irêmos agora, senhôra?

— Para onde nos levar Satanaz — respondeu-lhe ela tôrvamente.

— Credo! Santo Deus! — exclamou a serva, enclavinhando as mãos.

E seguiu-a trémula de susto.

Ao chegar á cidade, Clotilde dirigiu-se á mêsma pessôa que lhe tinha vendido o prédio, pára agora lhe arrendar uma casa barata, onde pudesse habitar. Fôi encontrada uma casa devoluta, de dois andares, na Couraça dos Apóstolos, e ela arrendou o primeiro andar e fôi pára lá residir.

VI

Durante cêrca dum mês Clotilde viveu numa profunda reserva, pára que as pessôas sabedôras da sua expulsão do convento se convencêssem de que ela estava regenerada; más depois, cômo quem deseja aliviar-se dum grande pêso, desaçamou os impetos do coração lascivo e rompeu outra fase de amôres baratos.

São assim as mulheres, quando a luz da alma começa a afrouxar ou já se tem apagado de tôdo. Dão-se pasto ao côrpo, porque são mais da carne, são mais da vergonha, são mais do vicio. E Clotilde era material em excesso.

Uma noite a vizinhança lobrigou-a a falar da janela para a rua com um homem embuçado que havia uma hora se tinha postado defronte da casa dela. A entrevista repetiu-se mais umas três noites seguidas, e á quarta o amante nocturno marinhava escada acima com uma sem-cerimónia admiravel. Saia ante-manhã para voltar no dia seguinte; e mais tarde passava dias inteiros na companhia da cortezã.

Soube-se depois que este D. João era comerciante e que era casado com uma senhora muito virtuosa, que passava uma vida cheia de angustias com a libertinagem do marido; e soube-se que êle, para se esquivar ás recriminações da espôsa e dos parentes, pretextava uma viagem com o fim de tratar de negocios, e acolhia-se em casa da amante, que, com o maior impudôr, o recebia desveladamente.

A criada de Clotilde, estranhando o procedimento da ama, que tinha atingido o auge do escandalo, fêz-lhe um dia uma leve insinuação para que êla corrigisse as ações menos regulares e comprometedôras; e a leôa, de olhar faiscante, cresceu para ela e agrediu-a com murros no peito.

Era uma serpente com encarnação de mulher.

Entretanto a devassidão dos dois amantes derivava tôrpemente, escandalosamente.

Mas então esta baixeza não havia de ter um termo? Teve-o por algum tempo. Foi quando o corpo da perdida entrou a putrefazer-se, indo tratar-se ao hospital.

Curou-se o corpo dentro de um mês; mas a alma entenebrecêra quase a súbitas.

Voltou a áspide para o mundo. O amante, porém, já a tinha abandonado.

Deplorou-se ela com lagrimas negras, exsudadas dum coração tambem negro; mas logo movida por uma paixão vil, bestialisava-se daí a dois mêses com outro libertino e depois ainda com outro!

Uma heroina do Mal!

(*Continúa*).

(1) Autêntico tôdo êste facto.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55

COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
TELEFONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em'Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Séde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

Viuva Ismael da Cruz & F.º

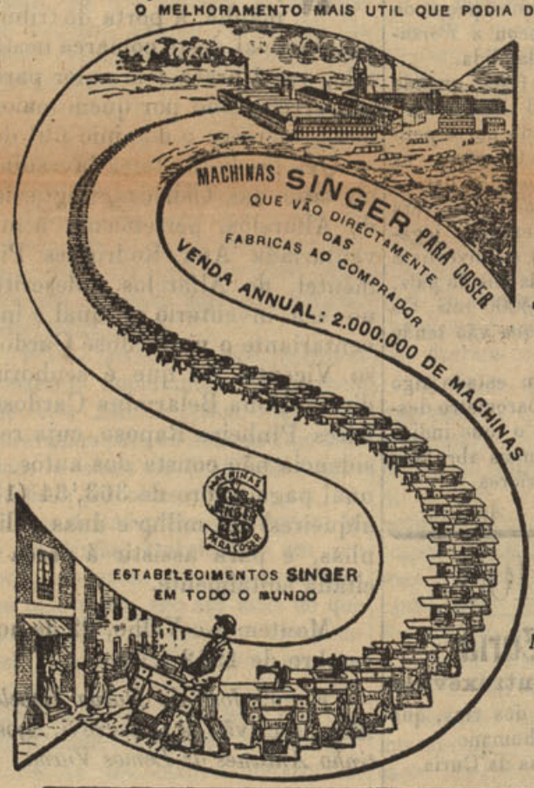
Arazêde

Vende fazendas de lã, algodão, mercearias, miudezas, artigos para funerais, farinhas, sal, ferragens, etc., etc.

Para liquidar, encontra-se nêste estabelecimento um saldo de flanélas e de muitos outros artigos, que se vendem quazi por metade do seu custo.

E' aproveitar a ocasião!

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos,** a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela faciliddade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle,,

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.° Arazêde, 15 de Dezembro de 1912 N.° 43

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — *ANTONIO ISMAEL DA CRUZ*

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

DELIRIOS

Ha muitos seculos que a humanidade se agita em volta da felicidade que não vê e ha muitos seculos tambem que os homens se degladiam num turbilhão de paixões insaciaveis.

Muitos republicanos, por principios e por convicção, julgavam que, após a proclamação da republica, a vida corrêsse serêna e calma, sem represalias nem perseguições, naquela tranquilidade salutar que dá fôrça a um regime e energia ás nações.

Longe disso, porém, o paiz vegeta na agitação vergonhosa das lutas pessoais.

Dois anos já passaram de nova vida nacional e depois de promulgada a constituição da Republica, a vida estacionou nas regiões do poder, porque o entusiasmo delirante de tantas manifestações produziu a insensatez daqueles que se diziam sinceramente e dedicadamente patriotas.

A encobrir porém o morbido estacionar da vida governamental, como scenário indecoroso dos tempos atuais, surge uma campanha insensata que invocando a defeza da Patria, abre subscrições para aeroplanos e projeta emprestimos para o exercito de terra e mar.

Ora sejamos cordatos. Será com aeroplanos, com mais alguns milhares de homens e com grande esquadra que a nação defenderá o seu territorio quando exausto de fôrças e de dinheiro não tiver munições para sustentar oito dias um combate sério?

Portugal dormiu muitos anos o sôno da indiferença e as demais nações deixando-o dormir passaram á frente.

E em que estado se levanta apoz tanto sonhar nas grandezas do passado?

No estado miseravel do viajante que foi roubado e acordou nú na valeta duma estrada.

O lavrador alquebrado, velho e agarrado á antiga rabiça do arado, mal tira da terra o mesquinho sustento reduzido ao infimo pelas contribuições onerosas. A industria envolta nos coeiros da infancia não tem iniciativas nem progressos por falta de capital. O comercio mal vegeta por falta de marinha mercante e relações vantajosas. As forças vivas da nação, os homens fortes, robustos e sadios, fogem aos milhares buscando em terras longinquas o pão de seus filhos que a Patria lhes nega.

E será esta terra quasi inculta que se pretende murar com esquadras, fortificar com baionetas e cobrir de aeroplanos?

Será essa a missão dum governo chamado ao podêr para fazer progredir a nação?

Era necessaria a convicção profunda de que Portugal sobrecarregado de impostos e contribuições não pode vestir uma couraça que lhe tiraria as poucas forças que lhe restam.

*

E senão, suponha-se por um momento que se adquiriam flotilhas aereas, que se reorganisava o exercito á moda suissa ou com as farroncas alemãs e que se adquiria uma grande esquadra?

O que em seguida se registavam eram os festejos nacionaes, grande alegria e grande entusiasmo. Depois... as festas sucediam-se durante mezes, durante anos talvez...

E, no entanto, seria aumentado o exercito; os quadros permanentes absorveriam mais soldos; haveria oficiaes pilotando em terras de França; as experiencias sucediam-se e as despezas acompanhariam toda a festa e todo o entusiasmo.

O pessoal permanente da armada seria maior, visto o aumento da esquadra; as manobras navaes repetir-se-iam, as viagens sucediam-se e as despezas aumentavam.

Por outro lado, o orçamento sobrecarregado com dividas antigas, aumentado com o encargo de setenta e tantos mil contos não poderia eom tanto delirio, com tanta febre e com tanta insensatez. O problema da questão financeira, já hoje tão complicado, não teria outra solução que não fosse a sangria impossivel num paiz moribundo ou a bancarrôta fatal acompanhada da tutela estrangeira.

Qualquer d'estas soluções inevitaveis e fataes seria a derrocada, a morte, o aniquilamento total da nossa nacionalidade.

Mas n'isto não se pensa atualmente. E quem sabe se á beira do abismo ainda a insensatez levantasse vivas, promovesse manifestações e désse môrras aos *tulassas!...*

Talvez que ainda se prendessem senhores, se perseguissem crentes e se amordaçasse a imprensa. Talvez pensassem outros que em vez do excitante da guerra, seria melhor o tonico do trabalho, mas seria tarde, demasiado tarde.

Não queremos dizer que se desprese o problema da defeza nacional (longe de nós tal ideia); mas desejávamos que se resolvessem tantos outros preblêmas que necessitam de mais urgente solução.

Antes d'esses projetos guerreiros, devia o campo ser cultivado, a industria desenvolver-se, o comercio progredir; n'uma palavra: a Nação devia ter mais fôrça.

E, certamente, quando Portugal robustecido tivesse a consciencia d'essa nova força, não seria preciso o humilhante peditorio d'um mendigo. Ele vestiria a armadura de que precisasse sem sacrificios, sem fadigas e sem cansaço.

Mas pensar-se unicamente em guerra quando tanto precisamos de paz, pensar-se em aeroplanos e exercito, deixando as colonias improductivas, pensar-se em marinha quando a emigração ameaça despovoar os campos, não é proprio d'um governo sensato.

Mas, infelizmente, porém, os politicos d'esta terra nada mais fazem que resolver crises ministeriaes para as provocar pouco depois.

Resta-nos, porém, a esperança da massa imensa dos revoltados, de todos esses que nunca deram vivas a idolos nem seguiram manifestações.

José Pinto.

Livre-Pensamento

Pois bem. Vou ser breve. Esperei com paciencia, com resignação a resposta do meu amavel antagonista de Marco de Canavezes, sr. José Maria Pinto Monteiro, que aliás não tenho a satisfação de conhecer. Mas, visto como ele se *quedou silencioso*, sem que nem eu nem os meus camaradas de luta, conhecessemos a causa porquê, eu vou agora, tambem resignado e paciente, pôr ponto na questão.

Doloroso entretanto me é constatar que se deu o que eu previ desde o principio. Esterilidade de discussão, tempo inutilmente dispendido. Porque eu bem sabia que o sr. Monteiro, por mais voltas que désse á mioleira, não lograria convencer-me nem fazer-me comungar no seu crédo politico ou religioso.

A humilde visão do meu espirito, que aqui tem transparecido muitas vezes, não deixa, creio eu, já duvidas a quem me tem lido.

A negação do cristianismo é palpavel. A superfluidade do seu dogma é manifesta. Não sou eu que o digo. E' a Historia que nolo mostra á luz clara e iniludivel da Rasão e da lógica.

E eu insisto. Não me quero dar ao trabalho de lh'o demonstrar com documentos. A discussão ficou em meio, não por minha culpa, que *esperei resignado, que soube mesmo esperar com paciencia* as explanações do sr. Pinto Monteiro, mas por culpa dele, que desistiu.

Livre-pensador desde o berço, eu fiz ver, no celebre artigo que deu margem a tudo isto, que se não deve só ser livre-pensador de nome. E' preciso que, na pratica, o homem que assim se diz, o demonstre claramente.

Fazer comungar os outros nas nossas ideias, *á força, á maometana*, resultaria contraproducente. Foi isto o que eu disse, pouco mais ou menos.

Católicos são católicos, mas nem por isso podem deixar de ser livres pensadores.

E tão leal fui sempre para com o meu inteligente refutador, que cheguei a publicar-lhe todos os postaes, alguns com caracter particular, que sobre este inglório assunto ele me dirigiu.

Não tinha tenção de voltar á liça. Mas varios amigos demonstram-me o desejo de abordarem tambem esta questão, e eu não quiz de modo nenhum dar-lhes a palavra sem uma explicação.

Não é isto uma resposta ao snr. Monteiro, visto que ele não terminou a sua e o que eu disse não sofreu alteração.

Ainda bem. Poupou-me trabalho. E agora, com franqueza, um minuto que eu desperdice, representa, para mim, uma longa hora de improductivo labor, de tal maneira as minhas ocupações me tomam todo o tempo.

E agora, os leitores que acompanharam a discussão, que façam a devida justiça a quem de facto a ela tiver direito.

Com um abraço ao sr. Pinto Monteiro, dele se despede o

Almeida Junior.

Coisas simples

Do nosso idiôma

Falou-se ultimamente no Congresso e nos jornais do facto de se estar abastardando a lingua nacional.

Na verdade o nosso bélo idiôma tem sido fartamente retalhado com enxertos de varias espécies: barbarismos e neologismos de mistura com o ridiculo invento do *calão*.

E tanto tem progredido a dissolvente manía do tal calão que a linguagem tunante das ruas, subiu empoada de luxo e fidalguia para os salões do bom-tom.

Qnanto ao virus dos galicismos, anglicismos e construção estrangeirada de frases, é tamanha a legião que dificil se torna destrinçar na prosa diaria dos jornais, a indole da lingua.

E nos estabelecimentos de modas? Ai, sim, que a miscelânea de termos e vocábulos aumenta com as graduações dos tons...

Ha tempos o dr. Sousa Costa, natural da região transmontana como quem escreve estas linhas (e onde a linguagem pode ser estropeada pela ignorância do pôvo, mas onde se conserva genuinamente o cunho portuguez), apelou no *Janeiro* para os professores primários a fim de que pugnássem pela pureza da lingua.

Manda, porém, a verdade dizer que o mal tudo atingiu, pois que próprios membros do professorado se teem manifestado com uma hibrida linguagem de estilo picarêsco que tem mais de vocábulos que de termos... Está visto que escrevo sem intenção de maguar ninguem, pois que se quizerem incluam-se no mesmo numero...

Este assunto vários aspectos toma.

Por um lado temos os cultores da literatura criando uma corrente onde os neologismos vistosos pululam em linguagem retumbante; mas, mêsmo assim, longe do purismo embora nímio.

Por outro, vemos a linguagem comercial correntia, a mesma que bátisa de estrangeiros os produtos nacionais para serem vendidos ás senhoras portuguezas—que ridicularia!—que só entendem por luxo tudo quanto venha da estranja... e que nem é portugueza nem exótica.

Ora diferente de estes dois fautores da degenerencia da lingua ha o tal calão que tem assento e termos próprios em todas as posições sociais.

Trepou tanto esta moda (chamemos-lhe assim) que a fina roda lisboeta, a juventude elegante, usa nimiamente para tudo e para nada, tal linguagem.

Ora afinal de contas a tarefa dos professores a dentro das escolas primarias tem quase pouco que vêr com tudo isto.

E a razão?

Quando a criança vai para a escola em regra o maior trabalho que dá a quem a ensina não é em expungir-lhe o calão, mas em corrigir-lhe as palavras que, mal pronunciadas, aprendeu em casa. Fazer-lhe perder o uso de muitos plebeismos da mesma proveniencia porque essa gente do povo que não pôde frequentar colegios, teve a felicidade de nascer num bélo país de sonho que nunca teve uma vérba para lhe abrir escolas e sustentar nelas professores sem os calotear de mil módos.

Ora é muito bem entidido que se trate de purificar as correntes da lingua patria fazendo-as derivar da rocha viva do portuguez genuino; mas, muito mais preciso é que se combata o analfabetismo ensinando a ler aqueles que nem o calão sábem...

Dentro da escola deve o professor ou a professora justamente enaltecer que é nosso a fim de desenvolver na criança o amor patrio, o brio nacional; mas isto estou bem certa de que todos o fazem sem ser preciso o conselho de estranhos.

Quanto à influencia fóra da escola, o problema é muito variado.

11 de Dezembro.

Aurea Judit Amaral.

ANIVERSARIO

Passou no dia 10 o aniversario natalicio da snr.ª D. Paulina da Encarnação Almeida, filha do nosso presado colaborador Alfredo Fernandes Almeida, e distinta aluna do liceu Maria Pia, de Lisboa, onde, com inteligencia, frequenta o 3.º ano do liceu.

Dando-lhe os parabens pelo seu 20.º aniversario, felicitamos e abraçamos seus pais.

UM PLEBISCÍTO

PRO-MULHER

— A mulher deve ter direitos politicos como o homem?

1.ª RESPOSTA

Não. A mulher é béla envolvida, candida e meiga, na paz serena e santa do lar. Duplamente *béla*, beijando enternecidamente o fruto dos seus amores. A politica masculinisa esse anjo do lar e eu prefiro-a sempre mulher.

De V.ª

Candida.

A ARTE

Ser artista é ser verdadeiro homem, o homem que sente em seu coração as vibrações duma vida superior e dum idealismo elevado.

A Arte não se revéla apenas numa pintura mais ou menos bem delineada, num trecho de musica bem executado, ou numa produção literaria, cientifica ou filosofica.

Existe uma outra Arte mais purificadora, mais sublime e mais perfeita: é a Arte que tem por fim o aperfeiçoamento moral do nosso caráter e o sacrificio de nós próprios pela felicidade dos outros.

J. Fontana da Silveira.

CRÓNICA DO PORTO

A mendicidâde foi proibida...

Emquanto o frio retálha as carnes impiedosamente, a lei esvoáça no sinistro ruflár das suas azas négras, muito négras.

Não tornarêmos a vêr êsses farrápos humanos estendendo-nos a mão fria e mirrâda, envolvendo-nos no seu olhár suplicante e triste.

E' proibido sêr póbre ou, pelo mênos, manifestá-lo!

Mas, para que a opinião da sociedâde — da resumida sociedâde caritativa — se não revólte perante a crúa repressão, resolveu a lei franquiar o Aljube, onde os póbres indigentes pódem recebêr duas refeições diárias.

Ora, eu sei que ha desgraçados a quem a cruél doença impossibilita do sagrádo tesoiro do Trabalho e a quem o dôce bem da esmóla garante o amárgo sustento, a esfarrapáda vêste, o magro aluguér da choupana.

A lei proibe a mendicidâde, facultando-lhe as duas refeições diárias.

E os póbres que tenham, além dos alimentos, as despêsas do inquilináto?

E' simples, responderá a lei, existe a grande casa cujo sólo é a terra e o této a grande abobada azul do firmamento.

E, nada mais logico...

Ha frio? A velha tunica do velho Tempo esvoaça ao contáto do Bórias cortante como a lamina aceráda dum punhal?

Chuva? As velhas arcas do infinito são insuficientes para conterem as gelidas torrentes que as sequiosas trombas sugáram ao Oceano?

Que importa? Os pobres nada pagam, os pobres para nada servem e por isso... deixal-os morrer como cães vadios cobertos de lepra, torturados pela fóme cruciante...

Porto, 12 de dezembro de 1912.

Gomes Monteiro.

Secção Instrutiva N.º 9

Horas d'Ocio

A preléção do Bátista

— Não sabe então o que é elétricidade? Ora até que enfim o snr. Bátista confessa que os homens com todos os seus estudos adeantadissimos, não sabem no fim de contas o que é elétricidade.

— Tem razão o snr. Ignácio. E, o que é mais ainda, tambem não sabem o que é o calor, o que é a luz, nem o que é magnetismo.

— Mas, não sabem porquê?

— Por varias razões, sendo a mais importante a de viverem pouco; pois que morrem pouco depois de se lhe dar o nome de sabios.

A vida humana é muito curta. Se os homens pudessem viver 400 ou 500 anos, por certo muito mais se saberia.

— Mas ouça lá: se não sabem o que são essas quatro coisas tão importantes, como é que pódem escrever e falar tanto delas? Conhecem-se os seus efeitos, e portanto algumas das suas aplicações, e é disso que se fala. Mas, nem ao menos conjecturam o que sejam, ou possam ser?

— Sim. Conjectura-se, e sobre isso ha varias opiniões.

— Bem. Já estou mais satisfeito. Venha pois, de lá essa que ao sr. Bátista merece mais simpatia.

— Simpatia não. Falarei daquela que mais lógica parêça.

As moléculas dos corpos elasticos, executam um movimento vibratorio, com maior ou menor velocidade, e com maior ou menor amplitude de oscilação, e daí a manifestação do calor, da luz, do magnetismo e da elétricidade.

Isto é: suponhamos que estas quatro coisas (permita-se o nôme), são uma só, manifestada por fórmas diferentes.

— Está bem. Vamos então ouvir o que me diz da elétricidade.

— Lá vai para lhe fazer a vontade, e pêna tenho de tão pouco saber, para mais e melhor lhe poder transmitir.

Aceitando pois como bom, que elétricidade é uma das manifestações resultantes do movimento vibratorio das moléculas dos corpos elasticos, proseguiremos.

Divíde-se ela em Estatistica e Dinâmica

A primeira, é a que se desenvolve e manifesta na superficie dos corpos; e a segnnda, é a que se desenvolve e manifesta atravez da massa que fórma os corpos.

Falemos primeiro da *estática*.

Foi, como tudo mais, descoberto casualmente.

Esfregaram um bocado de ambar amarelo (que em grego se chama electron) num pano de lã. e viram que atraía corpos leves, taes como pedacinhos de papel, serradura... etc., e em seguida, e com igual resultado, repetiram a experiencia com resina, lacre e vidro. Foi este o inicio. Foi esta a pedra fundamental dos soberbos alicerces, do suntuosissimo edificio a que se chama *elétricidade*, e a que no futuro está reservado um papel tão maravilhoso e importantə, que num avanço de 100 anos, faria morrer de admiradas as gerações extintas ha 100 anos, se acaso fosse possivel resuscitarem.

Quem diria aos nossos bis-avós, que por meio de um arame, e á distancia de leguas, se poderia escrever, falar e vêr.

Pois bem. Os homens, querem mais. Querem executar essas mesmas funções, dispensando o arame.

Realisarão o seu sonho? Talvez.

O primeiro já é um facto. Porque não hade vir a sêl-o tambem o segundo e o terceiro?

Apresentada a pedra basilar, devo falar-lhe do nome, pois que com ela se relaciona intimamente

Elétricidade vem de *electron*, e hoje emprega-se indistinctamente para indicar a causa de um grande numero de fenómenos, e ainda o ramo da fisica que trata do sen estudo.

Figueira da Foz, 28—11—912.

M. E.

(*Continúa*).

O apiadeiro do Baraçal

Consta-nos que a Companhia da Beira Alta submeteu á aprovação do governo um projéto em que se assenta que aquele apiadeiro fique autorisado a fazer expedições e recéções de volumes de peso indivisivel de 180 kilos.

E' mais um importante melhoramento que, dentro em pouco tempo, o generoso povo do Baraçal passará logica e justamente a usufruir.

De tudo isto o Baraçal e circunvisinhanças é digno. Pôvo laborioso e resignado, tem, como os outros povos já bem servidos, o direito de ser melhorado e atendido.

A Beira Alta, que está pondo em prática medidas assim de grande alcance, tudo terá a lucrar, por isso que, duma boa administração, lucrará a Companhia e o publico.

Oxalá tudo se consiga.

Reforma de Instrução e as Escolas Normais

Uma anomalia. — O candidato da provincia do curso do magisterio primario, não póde frequentar a escola normal, como ela é estabelecida na reforma de instrução. — As escolas distritais e o Parlamento

Levou mais um remendo a reforma de instrução primaria, cuja viabilidade cada vez se vê mais dificil.

A reforma, como aqui temos dito, tem alguma coisa de bom, mas na sua parte administrativa, julgamo-la um completo desastre.

Sômos contra o que ela determina a respeito de escolas normais, como sômos contra a municipalisação de ensino e contra os quadros fechados das classes do professorado.

A reforma veio com essas medidas anarquisar os serviços de instrução e aumentar ainda as contingencias da vida dos professores.

Tres escolas normais, apenas, num paiz onde ha falta de escolas e já uma falta de professores ao ponto de ficarem desertos muitos concursos e de estarem fechadas 500 escolas, é um contrasenso. De resto, no Porto, em Coimbra e Lisboa a vida é cara. E não será para ganharem desoito vintens por dia durante metade da vida carregada de trabalho e de responsabilidades que qualquer desgraçado vai gastar 7 anos, dos quais tres naquelas cidades, a tirar semelhante diploma.

Ha escolas distritaes de ensino normal cuja frequencia não justifica os seus encargos. Mas ha outras que estão mais que justificadas por longos anos de frequencia e de bons resultados para a instrucção.

Reformem-se os programas do ensino normal, fiscalise-se o professorado dessas escolas, se isso fôr necessario, dotem-se com o material indispensavel, formem-se escolas de puericultura junto d'essas escolas normais e isso basta. Se querem substituir essas escolas por tres verdadeiras *universidades* com grande dotação, enorme frequencia, avultadas despezas e luxo de instalações e se querem obrigar todos os candidatos a tirarem aí os seus cursos, então arranjem verba para aumentar desde já os ordenados dos professores primarios. O professor primario ganhando hoje menos que um operario numa fabrica, um zelador de uma camara, um continuo de um ministerio, um simples empregado de qualquer repartição, a quem se não exigem nem estudos, nem cursos, nem diplomas, não póde permittir-se o luxo de ir gastar centenas de mil réis nessas escolas.

Os candidatos hão de fatalmente rarear, hão de faltar depois professores para as escolas sertanejas e tudo isto se prepara numa epoca de rejuvenescimento e reorganisação de um paiz de analfabetos!

Bom futuro, lindissimo futuro para a instrução d'este paiz, não resta duvida.

Para mais um ano se esconjurou o mal agora com a resolução parlamentar que permite a matricula em todas as escolas distritaes existentes.

Mas isso não basta. E' preciso fazer-se uma campanha tenaz e constante para obstar a que se acabe de vez com o que poderia haver de aproveitavel e de vantajoso nos nossos serviços de instrução,

O ensino normal, que não pode ser o que tem sido, não poderá tambem ser aquilo que a reforma deseja.

(Da *Liberdade*).

INTERESSES DO CONCELHO

O que tem feito a Camara Municipal?

Eis o que toda a gente pergunta, sem que achem a resposta.

Tudo neste concelho se encontra no mais lamentavel abandono, sem que a Comissão Municipal, que ha mais de dois anos ocupa as cadeiras da vereação, tenha mostrado sequer, a bôa vontade de trabalhar, fazendo progredir o seu concelho, que é uma vergonha perante os demais do país.

As estradas e ruas da ária concelhía estão votadas ao maior abandono, devido á camara não cumprir o seu dever.

A limpeza das respetivas valetas é manifesta, chegando estas a estarem atulhadas de quanta imundicie se póde imaginar, resultando daí, no tempo das chuvas, a agua alastrar-se pelo leito das estradas e ruas, danificando-lhe as calçadas.

Mas ha mais e melhor. Se não estou em erro, o ano passado, na propria freguezia do prezidente Noronha, foi este serviço de limpeza, feito com o serviço braçal, limpando-se as valetas das ruas da povoação.

O bem senso da inteligencia mais mediocre, indicava que, após a limpeza, se procedesse á sua remossão para logar onde não prejudicasse o bom andamento dos trabalhos. Pois assim o não entendeu o prezidente da Camara, dando em rezultado que, continuando as chuvas, a imundicie se alastrou pelas ruas e valetas, ao mesmo tempo que inutilisava o serviço feito, fazia um lamaçal medonho em toda a povoação.

O povo protestou, e a nada se moveu o prezidente, ficando tudo na mesma vergonha.

A parte higienica das povoações do concelho, é o que ha de mais imundo e vergonhoso. Tudo o que respeito a este assunto, é letra morta para a atual vereação. A saude publica, para eles, é nada. Que lhes importa isso? Sirvam a vontade do seu chefe e correligionarios, porque o mais, tudo é brador no deserto!

Que importa que cidadãos honrados e patriotas, protestem contra vereações que tudo descuram, não cumprindo o seu dever, despresando tudo que seja beneficio para o povo?

O povo, esse, antes que proteste, nada lhe vale. São tudo balas de papel.

Sim, bem sei que são balas de papel, e como a maior prrte dos nossos politicões de oficio, deixaram de ter .. vergonha, tudo neste pobre paiz ha-de continuar na mesma, porque os homens são os mesmos, e porque isto, como está provado á evidencia, não é de regimes, mas de homens!

No tempo da nefasta monarquia dos adiantamentos, construiam-se canos de esgoto e realisavam-se outros melhoramentos a particulares á custa do municipio. Hoje procede-se de egual modo, enquanto o povo se encharca e enlameia até aos... joelhos, nas ruas das suas povoações!...

O povo é bom e sofredor, é certo. Mas jámais consentirá, neste seculo de Luz e de Progresso, que os politicões do concelho o calquem sem o mais energico protesto. Pensam isso?

Como se iludem!...

A. Verão.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XXXVII

A «Procuradoría do Analfabetismo»—Proposta que a criou —Comentários que lhe fez um professôr ilustre, velho republicano e liberal, emquanto conhecidos reacionários a elogiávam— Promete-se explicar, em ocasião oportuna, uma frase do ultimo artigo

O snr. Francisco de Almeida Grandela, conhecidissimo comerciante e industrial lisbonense, apresentou ha dias á direcção da *Sociedade das Escolas Liberaes* a proposta que em seguida transcrevêmos na integra —proposta que, no dizer dum jornal seu afeiçoado, foi *unanime e entusiasticamente aprovada*:

«Proponho que a Sociedade das Escolas Liberais, no seu justo empenho de contribuir quanto em suas fôrças caiba e em harmonia com o artigo 3 dos seus estatutos, institua um pôsto para reclamações sôbre os motivos que se prendam com o estacionamento da instrução ou falta dela em todas as terras do país, servindo de procuradôr para obviar a todos os males nesse sentido; diligenciando que as escolas fechadas se abram no mais curto espaço de tempo que fôr preciso, erigindo ou fazendo com que se erijam edificios para escolas quando as não haja; diligenciando o provimento de professôres quando as escolas estiverem vagas; indicando e interessando-se pelos respectivos processos de criação de escolas quando as não haja; subsidiando, por meio de missões, quando isso seja indispensavel e o seu cofre o permita, professôres ou professoras para, provisoriamente, exercerem o magistério nas escolas vagas quando estas estejam mais tempo fechadas; interceder junto das instancias superiores pelas escolas que em funccionamento regular durante mais de dois annos não consigam aprontar para exame um unico aluno. Este posto, provisoriamente installado nos Armazens Grandela, terá mais tarde instalação propria quando os recursos da Sociedade das Escolas Liberaes o permitam e pessoal indispensavel remunerado, o que só numa assembleia geral poderá ser tratado, sendo até lá tudo feito gratuitamente e por dedicação ao desenvolvimento da instrucção do nosso paiz. Este posto de reclamações, que se poderá intitular «Procuradoria do Analfabetismo», publicará no fim de todos os semestres o resultado das suas *démarches* junto das instancias superiores, relatando todos os seus esforços com o fim de bem cumprir a sua missão, patenteando bem publicamente em edição bem espalhada os motivos por que não conseguiu ou como teve satisfação de ver os seus desejos coroados do exito desejado. Lisboa, Armazens Grandela, 14 de novembro de 1912. —*Francisco Grandella.*»

Um certo jornal, com bem definidas e conhecidas tendências reacionarias, elogiou sem reservas o que aí fica, apesar de se dizer defensor dos interesses e do bom nôme do magistério primário. Em compensação, o *Bibiano Astreia*, o autôr das *Cartas de Lisboa* para a *Federação Escolar*, fez á proposta do sr. Grandela os comentários que abaixo transcrevêmos, cheios de bom-senso, apesar da ironia. Convém dizer mais uma vez, n'esta altura. que o jornalista que se encobre com aquêle pseudonimo é um distinto professor das escolas da capital, velho liberal e republicano, abalisado escritôr pedagógico e uma cerebração perfeitamente equilibrada. Isto para evitar cértas feições aos remoques que de cérta imprensa já esperâmos por este numero das *Pinceladas*. Seguem os comentarios:

«Instalou-se nos Armazens Grandela a «Procuradoría do Analfabetismo», filha querida dos bons intuitos do grande e benemerito comerciante da praça de Lisboa. Entre os seus vários fins, cértamente todos bem intencionados (?) mas alguns na verdade *esdrúxulos*, citarei o de *investigar* das irregularidades cometidas pelos professôres nas suas escolas e muito principalmente o de **TOMAR NOTA** dos professores que durante anos não levam alunos a exame.

«Pertencem á «Procuradoría do Analfabetismo», além do sr. Grandela e vários cavalheiros certamente de toda a respeitabilidade, mas que não conhêço, — os srs. Faustino da Fonseca, senadôr, oradôr, literato e jornalista, autôr de várias obras, conhecedor do espirito social moderno e portanto das atuais tendencias pedagógicas; e o sr. Tomaz da Fonsêca, director das escolas normais de Lisboa, e conseguintemente uma auctoridade em pedagogía.

«O sr. Grandela, inspirado num santo amôr patriotico, mas sabendo que a instrução do pôvo não é bem um balcão de transações comerciais, quís rodear-se de entendedôres que lhe corrigissem quaisquer disparates, filhos da sua boa vontade e do seu desconhecimento das coisas da instrução. Fez bem o sr. Grandela. Quem não andou bem, quem não andou á altura fôram os srs. Faustino e Tomaz da Fonseca.

«Como a investigação das irregularidades dos professores é da competencia das autoridades escolares, elas que digam da sua justiça, se quizerem. Quanto aos professores que não levam alunos a exame, direi ao snr. Grandela que pódem muito bem ser ótimos professôres.

«O exame não é bom criterio pedagógico; mas, ainda que o fôsse, num paiz que a proposito de tudo choraminga o seu analfabetismo, que diz esforçar-se por que esse analfabetismo desaparêça, deve ter-se na mais bela conta o professôr que aplique tôdo o seu cuidado ao ensino dos analfabetos, pondo conseguintemente de parte as classes de exâme.

«Na quase generalidade das nossas escolas, o professôr tem a seu cargo todas as classes. A preparação para exames importa um relativo abandôno da 2.ª classe e da classe analfabeta. Ora um bom professôr que tome a peito a extinção do analfabetismo na terra onde exerce a sua missão não póde, não deve e não quer deixar ao abandono a 1.ª classe. E, se a esta dedicar principalmente o seu tempo, o que lhe sobeja não chega para levar ninguem a exame.

«Muito havia que dizer sôbre este assunto, visto que os snrs. Faustino e Tomaz da Fonseca o não disseram ao snr. Grandela, mas esta já vai longa, e as maçadas são proibidas».

Resta-nos apenas declarar que a frase do ultimo artigo que arripiou os nêrvos de um nosso presado correspondente será devidamente explicada quando necessario se tornar. Nunca falâmos sem saber o que dizêmos e assumimos sempre inteira responsabilidade das nossas palavras. Tôdos pódem ficar certos disto.

Prof. Manuel José Antonio.

* * *

CORRIGENDA

Nos nossos artigos têm, sempre mais ou menos, passado as malditas *gralhas*. Entre outras, duas do penúltimo numero merecem ser notadas.—A primeira que se encontra na parte em que se diz — *E por isso mêsmo que ha mêses...*, quando devia de ser — *E fôi isso...* A outra na segunda coluna, em que saíu — *... a ignorancia, que produziu no paiz o horrôr á escola...*, quando nós tinhamos escrito — *... a ignorancia, que produsiu nos pais...*

As restantes facilmente as teria enxotado o leitor.

M. J. A.

Aos Professores

Vai entrar no 2.º ano de publicação a *Revista Infantil*, jornal que se destina a educar moral e intelectualmente a infancia. A revista continua a ser enviada a todos os professores que a requisitem para o seu diretor, J. Fontana da Silveira, Campo de Santa Clara, 40, Lisbôa.

Mercado de Cantanhede em 6 de dezembro

Milho branco, 540 rés; amarelo, 520; trigo tremez, 750; mourisco, 750; centeio, 1$200; cevada, 480; aveia, 1$200; aveião, 600; arroz, 1$500; serradela, 900; feijão môcho, 1$200; branco, 900; amarelo, 1$000; rajado, 700; frade, 800; carraço, 850; brazileiro, 1$000; canario, 900; ervilha, 1$400; tremoço, 680; grão de bico, 800; chicharo, 400; azeite, 2$700; vinho tinto, 850; branco, 900; vina-gre, 400; aguardente, 2$600; geropiga, 1$700; batata, 360; lã, 3$400; trevo, 60; sal, 160; azevem, 300; castanha, 500; fava, 850.

Poetas e prosadôres

Paginas dispersas

(Do livro em preparação «Vibrações»)

A AGUIA

A Marguerite Vigny

Eil-a que vai no azul do firmamento
Batendo as asas nêgras, mais e mais,
Vai correndo, vai indo como o vento
Em busca de paragens ideais...

Eu vejo-a correr sempre na vertigem
E subir e subir a todo o instante
—E fico-me a cismar na estranha origem
Daquele Amôr enorme e palpitante...

E vai cortando as Nuvens. E direita
Procura a Luz subtil dos sois profundos
Batendo as asas sem jámais poisar...

—A minha Alma é como a Aguia insatisfeita
Abrindo as suas asas sobre os mundos
No sonho insaciavel de voar!...

AS IRMÁS

Absôrtos, noite e dia, os olhos meus
Dizem-me a voz daquilo que se cala...
Por eles passa a Luz que vem dos ceus
E neles dorme a Sombra que não fala...

Cá dentro existe o anceio, o turbilhão
Que se afoga e se abrasa prêso a mim
—Que olhar é o meu, que Luz, que Vibração
Faz dos meus olhos uma Alma assim?

Alma dos olhos—é minha Alma inquieta
E Alma d'Ela—é o meu olhar de asceta
Nunca farto de vêr e de sonhar...

Alma dos olhos—é o que eu sinto e vejo
Alma da Alma—é tudo o que eu desejo
E sinto e penso e vivo a procurar!...

Coimbra—Novembro, 1912.

Umberto Araujo.

Improviso

Aos anos d'Almeida Junior

Ando na vida a soltar
Lamentos a todo o instante,
Môrto de tal labutar;
Emquanto o Mundo tratante
Idióta, tôlo varrido,
Deixa correr o marfim...
(Antes não se ter nascido

Jámais, sendo o Mundo assim.)
Uns, vivem cheios de *Unção*
Nadando em rios de Alegria,
Ignorando a aflição;
Outros então, que ironia!
Roem só côdeas de pão!
. . . . . .

Não venho felicita-lo
Por andar cá neste Mundo
Que é tão vário e disforme.
— Venho apenas abraça-lo.
— Um abraço grande, enorme,
Muito sincero e profundo.—

Coimbra, 13 | 12 | 1912.

Vidal Bizárro.

P. S.

Acrostico arrebentado
—Sem valôr—
Feito *a vapôr*
Em versos de pé quebrado.

V. B.

CONTOS DUMA VIAGEM

Conclusão da visita ao Palacio Real Espanhol

III

Não são 110 cavalos, mas 114, os da secção a que me referi no numero anterior. São gralhas de pouca importancia, mas que eu gosto de corrigir. A secção aonde depois nos dirigimos, foi aquela onde contei a *insignificante* soma de 85, e todos destinados a diversas personalidades e diferentes serviços. São dum luxo que não é facil calcular e nem tão pouco de descrever aqui.

Ali se encontram carruagens para transporte de munições e de *escupetas* quando *El-Rei* vae caçar, para transporte da comitiva, para transporte de *los perros*, e uma, *especial*, bem entendido, para transporte dele proprio; e se a memoria me não falha, tambem ha uma para no regresso transportar os *javalis* e outras peças de caça que a boa sorte faça abater lá por montes e penhascos.

Entrámos na secção dos automoveis. Ai vem em seguida o encarregado da *garage* que nos mostra, com toda a solicitude e delicadeza, todos os veículos e dependencias, descobrindo até alguns que, com ricas cobertas, se encontravam tapados, certamente para evitar a acumulação do pó *e a entrada do ar*. Ao mesmo tempo, o o homem dava-nos todos os esclarecimentos, fazendo-nos saber as pessoas *Reais* a quem pertenciam os diversos *autos* e aos serviços a que eram destinados.

Um dos de maior lotação, que até agora era destinado aos passeios de *SS. MM.*, foi transformado para transporte de comestiveis ás tropas aquarteladas em Marrocos. E' com este que se contam 15, e todos de fino gosto. Carruagens de gala ha 20, entre as quaes se encontra a que foi atingida pelos estilhaços da bomba lançada da outra vez na *Calle Maior*, a quando do casamento de Afonso XIII. Nela se vêem ainda, bem nitidos, os efeitos do petardo, apesar da sensivel reparação que a carruagem sofreu. Ha mais 9 *burricos de Melilla* que foram oferecidos pelo general Mariña, comandante que foi da coluna de operações na guerra de Marrocos e actualmente comandante geral das tropas em Madrid. Mais ao lado ha tambem umas divisões onde estão distribuidas 39 mulas que servem para divertimento dos *principesitos*.

Por fim soube ainda que o pessoal efectivo do palacio é em numero de 240 empregados que, dentre eles, 185 vivem ali com suas familias, etc.

Como se vê, tudo isto é inorme!...

De politica, pouco *tósco*; e, tratando-se de politica d'outros paises, então nem patavina; por isso que, não sabendo se as despezas de tudo aquilo são pagas das 24:307 pesetas, ou sejam ao cambio atual, *4:642:637 réis*, que diariamente corresponde ao Palacio Real Espanhol, dêsse assunto me não ocupo. Se é certo que as despezas são pagas dêsta ninharia de vencimento, não temos que nos admirar se um dia por lá se descobrirem tambem adiantamentos.

Este palacio, que está situado a uma altitude de 642m,3, sobre o nivel médio do mediterraneo, em Alicante, tem uma cêrca de extensão aproximada a 14 kilometros quadrados, sendo numa grande parte contigua ao palacio arborisado.

Madrid—Novembro de 1912.

(Continua).

M. Almeida Junior.

Os talassas ainda mexem!

Nos modestos, mas sinceros artigos que tenho escrito neste jornal, subordinados ao titulo *Pela Patria e Pela Republica*, eu tenho dito que os *talassas* se mexem por todas as artes e artimanhas, para conspirarem contra a Republica portugueza.

E não tenhâmos duvidas a tal respeito. Os inimigos da Patria não desarmaram ainda e tentam, uns pelo rancôr, outros pelo dinheiro dos jesuitas, espalhar o terrôr no país, em prejuizo da Republica, a quem votam manifesto ódio.

Muitos são os exemplos que já temos. Mas o mais recente é a projétada e estudada manifestação que desejavam realisar no dia 9 do corrente, no Parlamento, e que não teve logar pela cobardia que possuem e que tão conhecida é, sempre que o pôvo lhes descobre os pôdres e os artificios de que se servem para combater o regime vigente.

E' o vicio vorás que define a alma negra dos defensores duma monarquia de patifes que só pensam em caluniar a nossa nacionalidade, e os resultados podem ser funestos se o governo não tomar energicas medidas tendentes a debelar essas calunias, porque os processos de que eles se servem e especialmente um tal *consul*, que dirige uma tribunéca na capital, irritam e ofendem os espiritos liberais que só desejam o progresso e o bem da Republica e da Patria.

Pelo que por aí se observa a cada passo, conclue-se facilmente o fito preverso dos negregados sem nome e sem consciencia, e por isso é preciso que todos trabalhem com afinco para mantermos o bom nome de que gozamos, fazendo-os convencer de que a Republica é o regime do pôvo que a proclamou para salvar a Patria querida.

Porque eles são estupidos e maus; e, por isso, não exitemos um momento em dar todo o nosso concurso em prol da Republica que lhes tirou a gamela e que os sabe julgar como merecem.

A'vante, pois, republicanos!

O belo e heroico pôvo português soube ser sempre o pôvo guerreiro a quem a Historia faz justiça, e demonstrou mais esta vez ao talassismo que está sempre pronto para defender a Republica.

Os ricos proprietarios, talassas quasi todos, pensavam que, protestando contra uma medida justa, iriam ao Parlamento entregar a mensagem de protesto (que só representava politica monarquica), e que chegavam seguidos de muito pôvo.

Enganaram-se os defensores da monarquia dos adeantamentos.

O povo cumpriu o seu dever, despresando-os e apupando-os como mereciam.

Porque não procederam os *manifestantes* como diz a *Lucta* de 10 do corrente?

Porque não lhes convinha, está claro.

Tiveram, pois, a prova negativa da sua audacia de anti-patriótas.

Abaixo, pois, os *talassas* que não desejam a ordem e o progresso do país!

Abaixo os traidôres!

Viva a Republica!

A. Fernandes d'Almeida.

Vales do correio

Por decreto de 16 de novembro foi aprovado o novo regulamento para a permutação de fundos por intermedio do correio. Este regulamento traz, entre outras, as seguintes vantagens para o publico: O premio da emissão, que actualmente é de 25 réis por cada 5$000 réis, ou fracção, até 80$000 réis, e além d'esta quantia de 25 réis por cada 10$000 réis ou fracção até 500$000 réis, foi reduzido a 2 centavos por cada 5 escudos ou fracção até 100 escudos, e além d'esta quantia 2 centavos por 10 escudos ou fracção até 500 escudos. O impresso para a requisição, que custava 5 réis passa a ser gratuito.

Em Lisboa e Porto é estabelecido o serviço de vales a pagar nos domicilios, mediante a taxa de 5 centavos paga pelo tomador. Nos vales telegraficos, tanto nacionais como internacionais, podem ser acrescentadas as palavras que o tomador quizer, pagando a respectiva taxa.

As taxas das ordens postais tambem foram reduzidas. Atualmente custam de 100 até 1$000 réis, 20 rs.; de mais de 1$000 a 3$000 réis, 30 réis; e de mais de 3$000 a 5$000 rs., 40 réis. Pelo novo regulamento passam a ter as seguintes taxas: de 10 a 50 centavos, 1 centavo; de 1 a 3 escudos, 2 centavos; e de 4 a 5 escudos, 3 centavos.

O novo regulamento principiará a ter execução no continente da Republica e ilhas adjacentes no dia 1 de janeiro proximo.

DE PASSAGEM

Vimos aqui o nosso prezado amigo e assinante, Sebastião Rodrigues Louro, do Zambujal, acompanhado de seu irmão, Manuel Rodrigues Louro.

INICIATIVA HUMANITARIA

A favor das classes sem trabalho e desprotegidas

Recebemos o regulamento desta bela associação que, por julgarmos de grande vantagem nacional e de grande esforço patriotico, publicamos a seguir:

REGULAMENTO

CAPITULO I

Artigo 1.º—Obter com o auxilio de todas as pessoas amigas da sua Patria que recebam de bom grado esta iniciativa, um fundo que permita a creação de oficinas, onde os individuos sem trabalho encontrem durante o tempo que durar o seu desemprego, os meios de subsistencia tão necessarios para si e para suas familias e com os quaes se possam livrar dos horrores provenientes da falta de meios.

Art. 2.º—Crear escolas profissionaes para creanças onde lhes seja ministrado o ensino literario e profissional, e aulas para educação das classes que voluntariamente desejam utilisar-se delas.

Art. 3.º—Desenvolver o conhecimento de nova artes e industrias prevendo ao seu inicio preparando pessoal e educando novas camadas para esse fim.

Art. 4.º—Desenvolver o gosto pela agricultura para que não esmoreça esta profissão de tanta utilidade para o paiz e tão precisa para a familia portugueza.

Art. 5.º—Creação de colonias infantis de verão e de banhos.

Art. 6.º—Gotas de leite.

Art. 7.º—Alimentos.

Art. 8.º—Vestuario.

Art. 9.º—Postos de socorros em todas as localidades.

Art. 10.º—Transportes.

Art. 11.º—Maternidade.

Art. 12.º—Domicilios.

Art. 13.º—Asilos para a inhabilidade.

Art. 14.º—Serviços clinicos e farmaceuticos.

Art. 15.º—O desenvolvimento de esta humanitaria obra, nos fins para que se propõe, terá logar a par do seu desenvolvimento progressivo na aquisição de fundos pelas doações dos seus subscritores e outros rendimentos que venha a obter.

O sr. Mauro do Carmo é o fundador da associação, que tem a sua séde na Travessa da Boa Hora, 25, A-1.º D.—Lisboa.

PARTIDA

Partiu no dia 8 para Benguela o nosso presado amigo e assinante Tibério Fernandes d'Almeida, que vai retomar o seu labôr de proprietario da casa Bazar de Paris, naquela cidade africana, onde gosa de gerais simpatias.

Boa viagem e mil felicidades.

Fortunato Vaz — Camarneira — Cantanhede.— Adubos quimicos e organicos, de O. Herold & C.ª, de Lisboa, Porto, Pampilhosa, etc.

Amigo e Snr.

Venho por esta participar a V. snr.ª que continuo a ser, como nos anos anteriores, Agente e depositario dos *adubos* da importante casa O. Herold & C.ª de Lisboa, Porto e Pampilhosa; e cada vez podendo garantir a melhor execução dos pedidos que fizer diretamente para aqui; pois serão rapidamente servidos dos armazens acima referidos, ou dos depositos de Cantanhede, Mogofores, etc.

A casa Herold tem armazens em Lisboa, Porto, Gaia e Pampilhosa; e portanto poderei servir de onde o freguez o desejar, desde que para aqui o participe, fornecendo eu a encomenda do deposito que julgar mais conveniente ao freguez, aproveitando as distancias ou as tarifas, sempre que não seja indicado pelo freguez o contrario.

A minha agencia consta dos concelhos de Cantanhede, Anadia, Mealhada, Oliveira do Bairro, Agueda, Vagos, Mira, Montemór-o-Velho, Figueira da Foz, Penacova, Mortagua, Santa Comba-Dão, Taboa e Arganil, devendo todos os freguezes destes concelhos, dirigir para aqui as suas encomendas, para não sofrerem atraso nas expedições.

Aproveito a ocasião para repetir a V. s.ª o que muitas vezes tenho dito, que é: ser a casa Herold a mais séria e importante casa de paiz, no negocio dos adubos; e tanto isso é assim que uma casa do Porto e outra de Coimbra fez tabelas imitando a Casa Herold, quer na côr e formato do papel, quer ainda imitando os nomes das formulas e os numeros, mostrando assim que nada sabem, e que querem enganar o público, para que comprem os adubos, pensando serem da Casa Herold. Olho aberto, e tenham cautela, não se deixem enganar. Dirigir sempre a

Fortunato Vaz

Camarneira—Cantanhede.

TRANSCRIÇÃO

O nosso prezado colega *A Folha*, dos Açores, de que é directora a brilhante poetiza snr.ª D. Alice Moderno, transcreveu num dos seus ultimos numeros o artigo intitulado *O outôno*, da nossa ilustre cronista D. Aurea Amaral.

Agadecêmos a gentilêza.

CORRESPONDENCIAS

Figueira da Foz, 11

Na segunda feira, pelas 19 horas, quem estacionava e passeava pela praça Nova, foi sobresaltado pela leve e sêca detonação dum tiro, que partia de perto da estatua de Manoel Fernandes Thomaz, que fica a meio daquela praça. Correndo para ali varias pessoas, viram estendido no sólo, junto do pedestal daquela estatua, o corpo inerte de certa pessoa, que se assassinára reconhecendo-se mais tarde ser o sogro do conhecido fotografo, estabelecido nesta cidade, snr. Antonio Maduro. A morte foi instantanea, e os motivos que levaram o suicida a tal procedimento e triste resolução, são por emquanto desconhecidos.

Foi promovido a coronel, e colocado no alto cargo de comandante das baterias dartilharia n.º 2, da guarnição desta cidade, o snr. José Maria Luiz de Almeida, tenente-coronel do dito regimento. Parabens.

Estamos em fim dano, e oxalá que a nossa santa Republica, tenha boas saídas deste, e melhores, muito melhores entradas no outro. O prognostico não é dos peiores, mas os homens continuam-se desprestigiando mutuamente, estando completamente desunidos, e prometendo ir de mal para pior, segundo os boatos. Reparem nos erros da Monarquia, que já sabem o caminho que hão-de trilhar.

Apolon.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

(2.ª *publicação*)

NO juizo de direito da comarca de Montemor-Velho, cartorio do terceiro officio e no inventario por obito de Antonio Marques da Costa, do lugar de Entre-Carreiras, freguezia de Arazede. e no qual ficou como cabeça de casal o filho José Marques, correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação dêste anuncio, citando para todos os termos até final do referido inventario os interessados Manoel Marques, solteiro, e Antonio Teixeira, casado, ausentes em parte incerta no Brazil.

Montemor-Velho, 30 de novembro de 1912.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,
Lemos Viana.

O Escrivão,
José de Paiva Bobela Mota.

Arrematação judicial

(2.ª *Publicação*)

NO dia 15 de dezembro proximo ás 11 horas da manhã, á porta do tribunal Judicial desta comarca nesta vila, vai á praça sem valor para ser arrematado por quem maior lanço oferecer o dominio util de — Um predio de terra lavradia, no sitio das Cabeças, freguezia de Alfarelos, pertencente á inventariada Ana Rodrigues Pimentel, de Alfarelos, e descrito no seu inventario no qual é inventariante o viuvo José Cardoso Vicente, de que é senhoria diréta Dona Belarmina Cardoso Aires Pinheiro Raposo, cuja residencia não consta dos autos, á qual paga o fôro de 363,134 (18 alqueires) de milho e duas galinhas, e para assistir á praça é citada editalmente.

Montemor-o-Velho, 22 de novembro de 1912 e dôze.

E eu, *José de Paiva Bobela Mota*, escrivão, a subscrevi. *Agostinho Antunes de Lemos Viana.*

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sêde em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

Viuva Ismael da Cruz & F.º

Arazêde

Vende fazendas de lã, algodão, mercearias, miudezas, artigos para funerais, farinhas, sal, ferragens, etc., etc.

Para liquidar, encontra-se nêste estabelecimento um saldo de flanélas e de muitos outros artigos, que se vendem quazi por metade do seu custo.

E' aproveitar a ocasião!

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia. miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

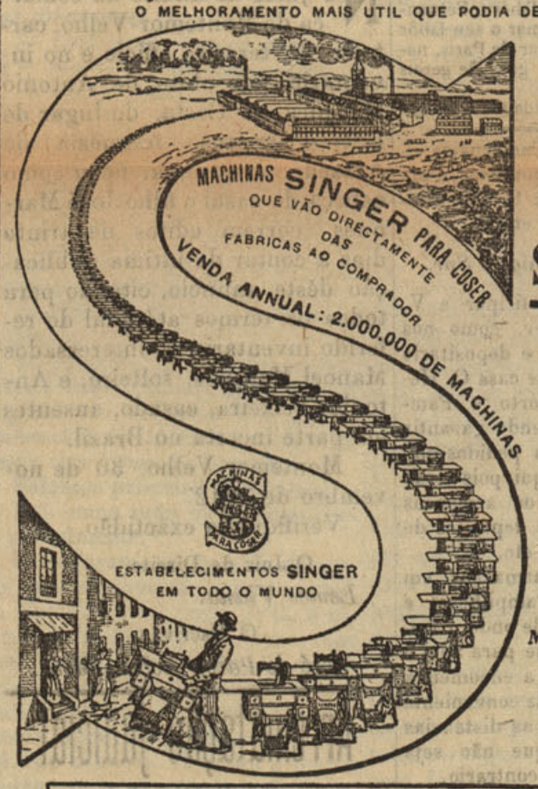
(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne. Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

— DE —

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA — FIGUEIRA DA FOZ

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

MURALINE

Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.º — Arazêde, 22 de Dezembro de 1912 — N.º 44

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Propriedade da Emprêza d'*O Devér*

Administradôr — ANTONIO ISMAEL DA CRUZ

Redação e Administração — ARAZÊDE

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

Evolução social

E' consoladora, é profundamente significativa a bela corrente de evolução que se está constatando no seio, na alma ardente e sonhadora do povo portuguez. Por toda a parte, dos labios rubros do povo trabalhador, do povo que é a alma potente e vibradora das colectividades e dos grandes ideiais de regeneração humana, saeem, fremen-tes e vigorosas, delirantes de entusiasmo e grandiosas de patriotismo, as notas vibradoras, que arrebatam e que estonteiam, as notas comoventes do hino á Luta, do hino ao trabalho e do hino ao Amôr.

E essa generosa corrente de evolução, que esmaga, que esfarrapa sem piedade velhas crenças de retrocesso; que purifica o empestado ambiente social, neste seculo de labor mental e de freneticas aspirações á Vida livre, á vida sem peias nem dogmas absurdos; essa generosa e purificadora corrente de evolução, é a que nos ha-de libertar, a nós todos os escravisados, os martires das prepotencias infames d'uma sociedade malefica e corruta, indicando-nos o caminho da Ordem, da Vida desagitada de paixões obcecadoras e contraminantes de puras ideias e de puras e novas crenças que nos mostrem, rútilas e candentes, inebriantes de amôr e esperança, as estrelas guiadoras dos nossos passos ora incertos, das nossas lutas e dos nossos direitos de cidadãos livres e independentes.

Porque o povo das montanhas, esse povo querido da bigorna e da charrua, do camartelo e da enxada; esse pobre povo das florestas inóspitas de longinquos e escalavrados desertos, que canta e que ri, que chora e que passa fóme; esse belo povo das aldeias ignoradas no sopé das serras e dos reconditos montados, sempre cheio de sacrificio e de martirio, tambem ha de ter a sua hora de libertação e progresso, de liberdade e vida associativa, de paz e de Verdade.

Sim; tambem para ele ha de raiar a aurora aurifulgente da emancipação e da paz, do trabalho produtivo, fecundo, tristemente laborioso e ingratamente compensador.

Porque a verdade incontestavel é que nós trabalhamos, trabalhamos como bestas de carga, todo o dia e toda a noite, e as estatisticas do fomento nacional acusam sempre *deficit*. O tesouro está sempre exausto. A agricultura sempre denhada, e os impostos, cada vez mais pesados, mais onerosos, mais nefastos, dificultam a vida publica e a vida da nacionalidade. Mas isto já lá vem de longe. A Republica veio em bôm tempo, é certo; mas veio tarde para a geração que trabalha e que produz. que fez a Republica e que a ha de manter. Ha 20 anos teria ela aproveitado mesmo á camada social de então.

E a gente vê o povo, que moireja por aí roto e descalço, trabalhando como um negro—os negros são homens e humanidade, mas vá lá a ingrata frase corrente—, que não sabe o que são *havanos* de seis vintens, que desconhece a utilidade dum galheteiro ou dum guardanapo, que não sabe entrar num salão, a gente vê o povo que não instruem, e não descrevemos que intimo sentimentalismo de nós se apodera, ora de comiseração ora de revolta, maldizendo o tardar das horas de titanica luta para uma completa emancipação de direitos e de deveres.

Propuzemo-nos cantar hoje aqui um hino ao povo, e, afinal, descambámos para a politica.

Não sabemos que maldita pena é a nossa. Por mais que queiramos fugir-lhe, nunca nos é possivel. E' que o andar das coisas e dos homens provoca dêstes desnorteamentos.

. . . . . .

Mas ali ao lado, ao pé da serra do Bussaco, passam quatro homens com um caixão. Quem morreu? Ninguem quer saber. Ninguem se preocupa com tão pequena coisa. E' um humilde filho da plebe, um homem que trabalhou em pról da sua Patria ou em beneficio da eliminação das fronteiras.

Fosse qual fosse o seu idial politico ou religioso. Era um homem cujos braços vigorosos revolveram, com um alvião pesado, a terra de cujo seio, ás vezes inglóriamente, sae o produto que sustenta a humanidade inteira. Mais. que sustenta malandrins e ociosos, vagabundos e vadios, insaciaveis capitalistas e nocivos politicões. Mas os homens lá vão a caminho da serra, estendendo e encolhendo, não cordões, mas passos, levando o amigo, o companheiro de luta, o colega de infortunio

Não se vê uma carruagem, não se avista um chapeu alto.

O que se vê bem é uma opa encarnada e outra branca. Vae lá o padre, o sacristão. O padre, para levar-lhe a alma para... a algibeira; o sacristão para ajudar a enterrar a unha, para encobrir mentiras, supersticiosas mentiras, e pôr remendos no latinorio. A lei da separação que seja letra morta. E' que ela, a despeito da sua estrutura moral, ainda não subiu lá cima ás serras. Nunca ninguem lá a foi ler, e o povo, sem dinheiro para a comprar e nem instrução para a compreender, pouco se importa com ela. O padre esconde-lha e mostra-lhe, bem aberto, aos olhos humildes e ignorantes, a inorme lei da degradação das almas e da perversão dos espiritos, lá de cima do altar ou por sobre a opa do sacristão.

E em quanto isto se passa, eu vejo ali ao lado, deserto, um velho cazebre sem luz nem ar. E' a escola, onde os pequerruchos filhos do povo, deviam ir receber o bátismo para o primeiro passo da sua emancipação e do seu bom norte pela vida em fora.

Mas não. Ninguem olha lá para dentro. Ninguem se importa

E aqui está como nós, os filhos escravisados da desventura, teremos que caminhar eternamente pela estrada do sacrificio.

Mas ele é consololador, é profundamente significativa a bela corrente de evolução que se está constatando no seio, na alma ardente e sonhadora do povo portuguez.

ALMEIDA JUNIOR.

CRÓNICA DO PORTO

Toda a cidade fervilha azafamáda na mira dos *cacêtes*, dos óvos, do assucar, dos indispensaveis, emfim, para a confêção da ceia tradicional.

Os comboios silvam alegremente transportando os entes caros que um lár distante requer num egoismo sácro.

E lá vão... lá vão por entre valados, galgando rios, penetrando túneis, numa alegria santa e prazenteira.

E eu vejo-vos partir, ó caros camaradas, numa saudade intensa, numa inveja crescente.

Vós ides procurar o této abençoádo dum lár estremecido, a face veneranda do vosso pai, o riso de oiro dos vossos irmãos e sobretudo os afagos sinceros duma mãi carinhósa.

E haverá coisa mais sublime que os afagos de mãi?

Contrastai os beijos das vossas amantes, os carinhos das mulheres mercenárias, com os carinhos, os beijos, os afagos das vossas mãis e vêde, ó caros camaradas que partís, a diferença, a crua diferença.

Vós ides, sim, vós ides assistir á festa, emquanto eu — pobre de mim! — não vou porque ninguem me resta nêste vale impuro de mentiras.

Não poderei ir buscar um lár estremecido, um pai desvelado, uns irmãos alegres e joviais, uma mãi carinhosa e bôa Não. Eu não irei, e, por isso, eu vejo-vos partir numa saudade intensa, numa inveja crescente.

Todavia, gosái.

Não sejam os meus queixumes a nuvem nêgra da vossa alegria e da vossa satisfação.

Demáis, que vos impórta o sêr mesquinho a que uma aberração da Naturêsa deu fórmas de vosso semelhante?

Bem pouco, decerto...

Eu sei que hão-de rolár-me pela face as lágrimas sentidas da saudade, hão-de dilacerar-me o peito resistente os suspiros pungentes da lembrança nessa noite de paz e de alegria que para mim se torna bem cruél.

Eu sei que hão-de acudir á minha mente as reminiscencias de um tempo que passou entre venturas e que não volta mais.

Todavia, gosái, ó caros companheiros mais felizes, a quem a Ventura escolheu mais dignos e merecedôres.

Gosái, gosái...

E se lá, na pacatês do vosso lár distante, em pouco desejais ser agradaveis ao vosso amigo, bebei mais uma taça á minha tristêsa.

Prestareis assim um alto favôr concorrendo para a embriaguês dêsse tormento.

... E a embriaguês é a indolencia, o dôce esquecimento!...

Porto, 19 de Dezembro de 1912.

Gomes Monteiro.

Guerra á Guerra!

E' o titulo do artigo de fundo que o "Dever„ publicará no proximo numero, devido á pena do ilustre escritor snr. Humberto Araujo.

O caso Floro Henriques

Em Coimbra foi arbitrariamente demitido de administrador do concelho este ilustre democrata que desde sempre colocou a sua energia, a sua inteligencia e o seu valor civico, ao serviço da Patria tria da Republica.

A demissão foi-lhe dada pelo governador civil do distrito, magistrado que tem sido infeliz nos seus processos administrativos, pelo que tem grangeado só antipatias da opinião pública, que vê no sr. Mendes de Vasconcelos um caráter autoritario e incompativel, por isso mesmo, com o espirito moderno.

A arbitrariedade do sr. governador civil foi apreciada nas camaras para se saber de que lado está a rasão. O sr. Ramada Curto interpelou a tal respeito o sr. ministro do interior, mas nada ficou ainda apurado.

O povo de Coimbra tem protestado indignadamente contra tão insólito acontecimento, e nós, pela nossa parte, associamo-nos ao energico protesto, esperando que dele derivará a reintegração do sr. Floro Henriques no cargo que tão distintamente tem ocupado, e a demissão imediata do sr. Mendes de Vasconcelos do governo do distrito.

E' tempo já do *talassismo* acabar, imperando em seu logar a Justiça e o Direito.

Coisas simples

Influencia da ilustração da mulher na hereditariedade moral

Encarece-se comumente a necessidade da educação intelectual e moral da mulher por ser ela o influente mais poderoso na educação infantil.

Que o papel da mulher no lar tem um valor incontestavel por este lado, é ponto assente; mas outra causa não menos importante que justifica a necessidade da ilustração na mulher e que pouco se tem apontado, venho hoje aborda-la.

Está scientificamente provado que a influencia da hereditariedade de pais para filhos se manifesta tanto no mundo fisico como no moral.

Dá-se muitas vezes o caso de os filhos se não parecerem com pai nem com mãe, mas antes com outro ascendente: esta é a hereditariedade de retôrno ou *atavismo*.

Posto isto, vejamos de que maneira a hereditariedade se dá.

A transmissão hereditária não se manifesta só, como já disse, nas qualidades fisicas como a conformação do corpo, côr da cútis, timbre da voz, defeitos ou monstruosidades, macrobia. doenças, mas actua tambem nos instintos e nas aptidões.

Assim, a historia dos povos apresenta casos de tendencias de familias na arte militar, na escultura, na musica, na poesia, no crime, etc.

Tambem, quando os pais possuem uma cerebração equilibrada, boa constituição fisica e são ilustrados, produzem filhos capazes e inteligentes.

Pelo contrario, quando os pais são ignorantes, são em geral estúpidos os filhos. Este facto tenho-o não poucas vezes directamente observado no laboratorio psicológico que se chama *escola*.

Esta matéria não é nova, mas é importante: e chegámos ao ponto que motivou o assunto.

Está demonstrado que a transmissão das qualidades morais é: do pai ás filhas e da mãe aos filhos.

Ora, dêste principio, é imanente uma ilação:—Se a mãe fôr inteligente e enérgica, o filho possuirá estas mesmas qualidades; se o pai tiver aptidões artisticas e ideias altruistas a filha tê-las-á tambem.

Estas tendencias são muitas vêzes modificadas no decorrer da vida por efeito do meio e da educação.

A história apresenta-nos uma miriade de exemplos ácerca da transmissão das qualidades morais. Sirvo-me de alguns de memória para não gastar tempo a procurar mais.

Sabe-se que o célebre Mozart herdou de sua mãe a tendencia para a música, assim como o apreciado compositor alemão Beethoven a recebeu de sua avó materna. Verifica-se nêste ultimo a hereditariedade de retôrno.

E' certo que os dois maestros apontados tiveram muito mais valor que as suas ascendentes, é que eles fôram iluminados pela centêlha do génio que é pertença do individuo e não se transmite e que para muitos scientistas não passa de um caso patológico. (Porém, o que é pêna é que haja tão poucos *tarados* déssa natureza...)

Constantino Magno partilhou das qualidades morais de sua mãe, como em Nero se vê a súmula da perversidade de Agripina. Göete, Lamartine e tantos outros herdaram de suas mães a sua poderosa imaginação.

Do mesmo modo as mulheres cujo nome ilustra a história da humanidade devêram as suas tendencias e inteligencia aos pais.

Na Grécia (e antes de Cristo) a mulher mais inteligente e ilustrada do seu tempo era filha dum ilustre discipulo de Sócrates e fundador da «escola cirenaica». A filha de Gil Vicente herdou do fundador do teátro português a sua tendencia para a literatura que juntamente com as duas italianas Sigêa tanto abrilhantou os ultimos anos da côrte do rei venturoso.

D. Branca de Gonta traduz nos seus versos o veio poético do autor do *D. Jaime*, como D. Raquel Gameiro revela na pintura as qualidades artisticas de seu pai.

Vários casos tenho observado na minha familia. Dois tios meus, sofriveis músicos e compositores, cujas partituras repousam no pó do esquecimento, receberam de sua mãe a tendencia musical; lembro-me, estando já ela no leito, nos fins da vida, que ao ver chegar um dos filhos que estava ausente, fez um esforço e começou a cantar uma balada para ele escrever... Passados alguns instantes morria. Do mesmo modo reconheço em mim muitas tendencias de meu falecido pai.

Ora de tudo isto tiramos uma conclusão lógica.

Como são os homens quem tem um horisonte mais amplo ante si, como teem uma maior eféra de acção onde manifestar-se, e ainda como está provado que são os filhos que recebem a influencia da hereditariedade moral das mães, eis aqui uma causa poderosa que incita a tratar da educação e instrução da mulher para torna-la digna de dar á Humanidade cidadãos prestimosos e beneméritos.

Dezembro de 1912.

AUREA JUDIT AMARAL.

O Livro da Esposa

Acaba de aparecer *O Livro da Esposa* por Paulo Combes. (Versão Pertugueze). *O Livro da Esposa* está traduzido em todas as linguas. Nenhuma mulder deve deixar de possuir este livro encantador. Eis o sumario do *Livro da Esposa:*

Prefacio e Plano Geral dos «Quatro Livros da Mulhe» — Capitulo I — A esposa deve conhecer o seu marido.—Cap. II—Como é que a esposa deve amar o marido. Cap. III—Como é que a esposa torna o marido feliz. Cap. IV—Como é que a esposa se faz amar do marido. Cap. V—Qualidades praticas da esposa Cap. VI—Qualidades morais da esposa. Cap. VII—Qualidades intelectuais da esposa. Cap. VIII—Cultura estética da esposa. Cap. IX—A fidelidade conjugal. Fidelidade do marido. Cap. X—A fidelidade conjugal. Fidelidade da Esposa. XI—Conjunto das condições da felicidade de ambos. Conclusão. Notas do revisor desta tradução.

Brochado, 500 réis; encadernado, 700 réis. Livraria Portuense de Lopes & C.ª — 119, Rua do Almada, 123 — Porto, e nas principais livrarias.

Secção Instrutiva N.º 10

Horas d'Ocio

A preléção do Bátista

Sabe o snr. Bátista que não entendo muito bem?!

Pareceu-me que, com uma explicação mais minuciosa perceberia melhor, e, como o snr. diz que a eletricidade é uma cousa tão importante, talvez não fosse máu, descer a mais alguns detalhes. Bem. Eu, não querendo massar com este meu cavaco, tratava-o ao deleve, mas como deseja, repetirei o que disse, mas por fórma diferente.

Imaginemos um fluido, um etér, sucessivamente elástico, exercendo repulsões sobre si mesmo, e que existe na materia dos corpos, podendo estes, no estado natural, perder ou adquirir uma certa quantidade do referido fluido. Pois bem, esse etér, que pelo seu movimento produz o fenómeno do calor e da luz, pela sua acumulação produz o magnetismo e a eletricidade. E, quando em excesso ou em falta, produz resultados opostos, e então se lhe chama positiva ou negativa.

A eletricidade constitue tambem uma propriedade geral da materia, e portanto todos os corpos teem eletricidade.

Pode ela manifestar-se ou não, mas não deixa porisso de existir.

Se se manifesta, diz-se que o corpo está eletrisado; se não se manifesta, diz-se que o corpo está no estado neutro.

Ha corpos (como são os metais, por exemplo) que facilmente se eletrisam, mas tambem facilmente perdem a sua eletricidade, e chamam-se bons condutores da eletricidade; outros, porém (como o vidro e as resinas), que dificilmente se eletrisam, mas que tambem dificilmente perdem a sua eletricidade, chamam-se maus condutores da eletricidade.

Ha, álem de outros, um aparelho muito simples, com o qual se reconhece se um corpo está ou não eletrisado, e consta de um pequeno suporte, que tem amarrado num extremo um fio de seda suspendendo uma pequena bola de medula de sabugueiro.

Aproximando o corpo eletrisado da bola, é este atraído e em seguida repelido se o corpo realmente estiver eletrisado.

Este pequeno aparelho, como todos os outros que se destinam ao mesmo fino fim, chamam-se elétroscópios.

Do que lhe conto, facil é concluir que os corpos que se esco lhem para isoladores, são os maus condutores da eletricidade.

Como lhe disse, não ha duas especies de eletricidade, mas uma só, manifestando-se com resultados opostos.

Por convenção se chama vitrea ou positiva, á que se desenvolve no vidro polido; e resinosa ou negativa, á que se desenvolve na resina. Entre os muitos fenómenos que se dão com a eletricidade, um ha que merece especial mensão; é o de que as eletricidades do mesmo nome, se repelem; e de nome contrario, se atraem. Aqui tem o meu amigo um pequeno nada de altissima importancia e incontestavel utilidade. Calcule que a natureza, com tam pouco, consegue restabelecer o estado neutro ou natural dos corpos, e, portanto, o equilibrio.

O atrito é a principal origem da eletricidade estática; e na sua produção ou desenvolvimento, influem bastante a qualidade ou naturesa do corpo com que se fricciona, da temperatura e do estado da superficie. O vidro polido, quando fricionado, produz eletricidade positiva; o despolido produz negativa

Figueira da Foz, 15—12—912.

M. E.

(Continua).

JORNAES e REVISTAS

Recebemos alguns exemplares da *Revista do Bem*, publicação humanitaria, de que é director o snr. Luiz Leitão, o infatigavel propagandista da educação e da moral moderna ás creanças e ao povo.

Agradecemos os exemplares de tão vtil publicação, que tem a sua séde em Lisboa.

INTERESSES DO CONCELHO

O que tem feito a Camara Municipal?

Por mais voltas que lhe deem, não lhe encontram resposta iquivalente.

Mas mal diria eu, ao escrever o meu anterior artigo que, referindo-me a melhoramentos feitos a particulares, á custa do municipio, no tempo da nefasta e sempre odiosa monarquia, em plena Republica se procedesse do mesmo modo, malbaratando os dinheiros publicos com a mesma semcerimonia!...

Pois hoje, meus caros leitores, venho dizer-lhes bem alto, para que toda a gente o saiba, que continuamos na mesma, senão peor ainda...

Se no tempo da monarquia se construiam cános de esgoto a particulares, hoje, em plena Republica, procede-se de egual fórma!

Não pensem que isto que aí fica escrito, é caluniar a vereação atual; mas para mal dos nossos pecados, é a realidade dos factos!...

E, emquanto isto se faz, as *fontes* das povoações do concelho, donde o povo se abastece, são verdadeiros *chavascais*, tal o lastimoso estado em que se encontram. A tudo isto a vereação assiste sem a menor consideração pela saude publica!

Apontar mais coisas, que nos vale isso? O que aqui temos dito, e que é a verdade sincera, chega bem para que os leitores avaliem o estado de atrazo em que este concelho se encontra, continuando votado ao mais lamentavel abandono, por vereações sem escrupulos e menos respeito pelos seus municipes.

Que isto se fizesse na monarquia, compreendia-se. Mas agora é vergonhoso e não pode tolerar-se por mais tempo, dê por onde der, custe o que custar. Porque, diga-se de passagem, a atual vereação é composta, na sua maior parte, por uns inéptos e incompetentes para o logar que exercem, e por isso torna-se necessario e urgente a sua substituição por homens que tenham por lema o bem comum, que o mesmo é dizer o bem do Povo e da Patria!...

Um homem honestissimo e de caracter já protestou perante a vereação pelos atropelos cometidos. Mas não basta um só homem; é necessario que todo o povo do concelho, sem distinção de castas, formule o seu mais energico protesto, escorraçando, se tanto fôr preciso, das cadeiras da Camara uma corporação que, não querendo ou não sabendo desempenhar o seu mandato com acerto, comete erros palpaveis e imperdoaveis.

Haja ao menos uma vez na vida, vergonha e dignidade!...

A. VERÃO.

Na região dos "masmarros,,

Um padre que desrespeita a Lei da Separação

No domingo passado, após uma festarola religiosa encommendada por um devoto, o sr. Joaquim Gomes, das Faíscas, pretendeu fazer batisar católicamente um seu filho na igreja paroquial desta freguezia. Tinha convidado para padrinho do neófito o nosso amigo, sr. Manoel Marques da Cruz Gonçalves, tambem das Faiscas, que prontamente acedeu ao convite sem a menor intenção reservada.

Chegados, porém, á igreja para assistirem, como partes, á realisação do acto, foi pelo páraco da freguezia comunicado ao sr. Manoel Gonçalves que não podia servir para padrinho em rasão de não frequentar a igreja e, por tal motivo, de não ser considerado católico.

O sr. Gonçalves, a quem já não era estranha a sem-rasão do padre Joaquim Maria Larangeiro, visto que este a fizéra sentir préviamente a outra pessoa, contraveio alegando que nada tinham que ver as crenças religiosas de cada um com os actos católicos celebrados na igreja, desde que estes fossem reclamados pelos fieis.

O padre Larangeiro insistiu teimosamente nas suas particulares razões de consciencia, dizendo que era preciso que o sr. Gonçalves declarasse primeiro que era *católico*. O interpelado não se deu por vencido e igualmente o padre Laranjeiro que se manteve numa atitude revoltante, recusando-se formalmente a celebrar o acto.

Isto indignou todos os presentes, entre os quais os srs. José Monteiro Barreto, atualmente residente em Lisboa, João Gonçalves Pereira, de Arazede, e Manoel Pronto, das Faiscas, que se retiraram enojado, com o procedimento do padre Laranjeiro, prior da freguezia.

Agora, ha a considerar que o reverendo, em face da lei, transgrediu o artigo 3.º da lei da Separação, que proíbe que o cidadão seja devassado na sua consciencia em materia de religião; e além disso, segundo uma circular baixada das administrações dos concelhos aos regedores, todos os ministros do culto são obrigados a prestar os serviços do seu ministerio aos cidadãos que voluntariamente os reclamem.

Nesta conformidade, já foi pelo sr. Manoel Gonçalves apresentada apresentada queixa na administração do concelho de Montemór, aguardando-se que o respectivo funcionario, sr. dr. João Constantino, faça cumprir rigorosamente a lei, a fim de se evitarem quaisquer conflitos de ordem moral, que muito poderão perturbar o espirito ordeiro da freguezia.

NA ESTANTE

A Religião e a Arte, por José Agostinho—Casa Editora Figueirinhas—Porto—Preço, 100 réis.

E' o 7.º vol. da Biblioteca de Sciencia, Arte, Religião e Pedagogia, editado pela Casa Figueirinhas. Impecável de correcção e elevação de fórma, com analise profunda e sugestiva, apezar do incorrigivel feitio mistico do seu autor, que se perde, por vezes, nas regiões do Abstrato.

* * *

Os Quatro Livros da Mulher —I—O Livro da Esposa, por Paulo Combes — Casa Figueirinhas—Preço, 500 réis.

E' uma publicação util, sob tôdos os aspectos, que convem á mulher que deseje nortear-se no caminho da vida conjugal para conquistar a felicidade do lar. Tradução bem cuidada e bem nacionalisada.

A' Casa Editora agradecemos os exemplares oferecidos.

* * *

Azas. — Contos por Orlando Marçal.—Editor: F. França Amado.—Coimbra.

O nosso amigo F. França Amado, incansavel livreiro de Coimbra, acaba de editar o maravilhoso livro de contos, *Azas*, do dr. Orlando Marçal, a que ha pouco aqui fizemos referencia. A edição, que se apresenta com belo gosto artistico moderno, comprova mais uma vez os meritos apreciaveis do snr. F. França Amado.

A este nosso amigo agradecemos a oferta dum exemplar, bem como a gentil dedicatoria que a acompanha.

Transcrição

O nosso estimado colega, *Gazeta da Figueira*, transcreveu no seu ultimo numero, em fundo, o nosso editorial iditorial intitulado *A lição do Passado*, que o *Dever* publicou no penultimo numero.

Agradecemos.

FALECIMENTOS

Finou-se na passada segunda-feira, com 103 anos de idade, e no pleno uso de todas as suas faculdades, a snr.ª D. Rita do Ceu, extremosa mãi do nosso amigo snr. José Maria d'Andrade, conceituado industrial n'esta freguezia.

A' familia enlutada o nosso sentido pezar.

=== Tambem faleceu em Lisboa, com 5 anos de idade, o filhinho do nosso estimado assinante, snr. Manoel Marques da Costa, que tem sabido ser sempre um pae extremoso. Sentido pezames.

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XXXVIII

O professôr primário é ainda hôje o pária da sociedade portuguêsa — As escolas normais deveriam sêr verdadeiras universidades — O aumento de ordenado aos professôres primários é um problêma de urgente solução — E' perfilhada a ideia dos «batalhões escolares» aqui apresentada pelo sr. M. E.

E' o caso... E' o caso...

Emquanto ao professor primário não fôr dada uma remuneração condigna; emquanto ele ganhar «menos do que um operario numa fábrica, um zelador duma camara, um continuo dum ministério, um simples empregado de qualquer repartição, a que se não exigem nem estudos, nem cursos, nem diplomas»; emquanto ele fôr o pária por excelencia desta sociedade de *tubarões* e de cretinos, que o olham sobranceiros do alto de suas almofadadas poltronas, a arrastarem digestões pesadas e a moêrem charutos caros — emquanto tudo isto acontecer, escusado será pensar-se na necessaria remodelação do ensino normal, como, de resto, escusado será pensar-se na remodelação dos restantes ramos da organisação escolar. Tem, por isso, muita rasão o articulista da *Liberdade*, no artigo transcrito no ultimo numero deste jornal — e mais rasão deveria eu ter ainda, que ha anos ando a prégar... aos peixes, indiferente a remoques e a calúnias, as verdades que aí ficam.

Mas o ensino normal — grande verdade é esta — deve merecer aos nossos legisladores pedagógicos uma atenção muito especial. Ha talvez perto de uns quatro anos, disse eu no *Mundo* o que sobre o assunto pensava. Ainda hoje escreveria quase a mesma coisa. Eu desejo as escolas normais quase só incumbidas da preparação técnica dos futuros mestres, que ao entrar para elas devem já levar, pelo menos, os conhecimentos scientificos e literários que se adquirem no curso geral dos liceus. Verdadeiras Universidades, na frase do ilustre articulista da *Liberdade?* E porque não?...

Vasadas nestes moldes, quatro escolas normais—com sédes respectivamente em Lisboa, Porto, Coimbra e Ponta Delgada—devem bastar. Paguem ao professor primário como deve ser, dêem-lhe, pelo menos, 1$200 réis diarios — e a frequencia das escolas normais assim organisadas ficará assegurada.

O aumento de ordenado ao magistério primário — eis o problema cuja solução deve anteceder a de todos os outros que com a escola se prendem.

*

Mas até lá vamo-nos ocupando tambem de outras coisas. Por exemplo, da frequencia escolar — cuja falta é a causa principal de se não tirar do que existe os beneficios que ainda assim ele pode dar.

O ilustre colaborador do *Dever* que assina os seus instrutivos artigos apenas com as iniciais *M. E.* vem-nos falar, creio que a proposito de dois ligeiros estudos aqui publicados, um do sr. Almeida Junior e outro meu, nos *batalhões escolares*, que o grande Elias Garcia primeiro do que ninguem organisou ha anos. E convida-nos, aos novos, a novamente estudar a ideia.

Pela minha parte estou pronto a faze-lo. E, por isso, ouso pedir ao sr. *M. E.* a fineza de no-la vir explanar, pouco mais ou menos conforme Elias Garcia a concebeu. Desde já os meus agradecimentos.

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

TRAÇOS

Quando nos propomos escrever sobre instrução, sobra-nos sempre assunto a que nos referirmos, infelizmente. Digo-o com profunda tristeza, pois que sendo professor de instrução primaria, punge-me o coração ao reconhecer que a minha causa, decerto a mais justa de todas, não tenha obtido dos poderes publicos as atenções que merece.

Está tudo anarquisado.

As leis e os regulamentos são um verdadeiro caos, dando-se até a circunstancia unica, extraordinaria, de termos uma lei nova e um regulamento velho.

De tudo se tem cuidado, menos de instrução. E se não fosse um bocado de optimismo que me caracterisa e que ainda se não desvaneceu, apezar de tudo, eu diria que os republicanos se estão parecendo, neste ponto, com os monarquicos.

Estes, quando estavam fóra do poleiro, toda a gente o sabe, enchiam a boca com a palavra *instrução*.

Era a primeira medida a tomar, logo que fossem ao poder, diziam...

Com os republicanos sucedeu a mesma coisa.

Nos tempos já agora saudosos da propaganda, não havia comicio nem conferencia em que se não ferisse a estafadissima nota do desenvolvimento da instrução.

«A Escola! A Escola ha de merecer os nossos maiores cuidados, porque Ela é a maior alavanca do progresso, Ela é»... e diziam muito mais coisas, no mesmo tom, chegando-nos a convencer de que tudo quanto diziam era verdade.

Poucos dias volvidos depois da implantação da Republica, o ministro do Interior, Antonio José d'Almeida, fez publicar uma lei pela qual ficava abolido o ensino religioso na escola primaria.

Este gesto do ministro mereceu gerais aplausos, e especialmente daqueles que bem compreendem o que é a verdadeira liberdade.

Foi uma medida justa, liberal e, sobretudo, humana.

Num estado livre e com pruridos de civilisação como o nosso, não se compreendia bem a existencia dum absurdo como era o ensino da religião nas escolas.

Ha, é certo, ainda quem defenda esse absurdo; mas são em tão pequeno numero e estão tão fóra da logica, penso eu, que nem merecem mensão.

Afóra estes, toda a gente de bom senso apoiou essa medida, pois sabem perfeitamente que a Escola não se limita ao papel de produzir eunucos. A Escola serve sim, para fazer homens de consciencia firme, caracteres rectos, desempoeirados de suprstições que os vexam.

Mas... eu reconheço e com verdadeira mágua, que a doutrina déssa lei ainda hoje não póde ser totalmente acatada.

Porquê? Por medo ou cobardia dos governos? Não. Simplesmente por desleixo.

Estamos a dois anos da proclamação da Republica e o governo ainda não abriu concurso para novos livros. E nos actuais, topamo-nos a cada passo com trechos que vão de encontro ao espirito da lei a que me refiro.

Eu não crimino os seus autores, é preciso que se diga. A lei anterior permitia-o e os homens que os aprovavam, devido ao seu espirito reacionario, assim o exigiam. Crimino sim, os homens que sucessivamente se teem sentado nas cadeiras do poder e que deixando, ao sair, o seu nome ligado a tantos decretos sem beneficio reconhecido, o não deixem ligado a um outro que tenha a energia e firmeza bastante para pôr em pratica essa justissima medida.

Repito: não é má vontade contra

qualquer autor de livros escolares, que me faz dizer isto. Não. E' o amôr á causa. E' este entranhado afecto que dedico á Escola, e que mais se acende ao reconhecer estas discordancias, estas flagrantissimas incoerencias.

Ha uma lei que proibe o ensino religioso nas escolas primarias.

Muito bem. Apoio de alma e coração essa medida.

Mas como podemos nós, professores, dar-lhe completo cumprimento, se nos proprios livros aprovados oficialmente, livros que as crianças estão constantemente a folhear, a vêr, a lêr, topamos amiudadas vezes com trechos que são a inteira negação déssa lei?

Não podêmos. E se ha alguem que assim não pensa, esse alguem engana-se.

Pampilhosa.

Prof. Guilherme Ferreira da Silva.

A' volta dum velho têma

O nosso querido amigo Umberto Beirão envia-nos de Quelimane três artigos sôbre o livre-pensamento, que procuram contestar as ideias aqui expendidas pelo sr. Pinto Monteiro. Gostosamente lhes damos publicidade, apesar dêste cavalheiro têr abandonado a liça ou, pelo menos, ter interrompido o combate por tempo indefinido.

Segue o 1.º dos tres artigos, visto o nosso camarada Almeida Junior ter dado a questão por terminada:

A proposito do Livre-Pensamento

I

E' talvêz extemporânea a publicação dêstes pequênos e desvalorisados artigos a proposito da questão suscitada entre o meu ex-colega de redação, Almeida Junior e o snr. José Maria Pinto Monteiro, sobre o livre-pensamento. Porém, como aquilo que se não faz no dia de Santa Maria se póde fazer em outro dia, e como da discussão, quando se discute com espiritos cultos e delicados, como me parece que é o snr. Pinto Monteiro, póde derivar sempre alguma luz, eu, apesar de em terras longinquas, desejo tambem, se assim m'o consentirem os meus ex-companheiros de luta, e se a isso estiver disposto o snr. José Maria Pinto Monteiro, discutir um pouco sem resentimentos odientos por qualquer ideal, ou sem desrespeitar as convicções religiosas de quem quer que seja, sobre a alta questão do livre-pensamento que tanto tem dado que falar e que tanto tem revolucionado a actual sociedade portuguêsa. E, posto isto, vamos entrar no assunto, que uma divagação, aliás necessaria, por um momento desviou.

Já sei que o snr. Pinto Monteiro tem uma tendencia bastantemente visivel para a revelação e para os dogmas perfilhados pela *santa madre igreja católica, apostólica e romana,* e como é sempre bom saber-se com quem lidamos, eu vou dizer ao snr. Pinto Monteiro quem sou sob o ponto de vista do catolicismo ou do ateismo.

Não creio em dogmas nem em ritos da igreja católica, porque em minha consciencia eu sinto a voz da verdade revoltando-se contra as mentiras, contra os subterfugios de que se teem servido e servem ainda os dirigentes da igreja, mercadejantes de consciencias humanas, para conseguirem as mais das vezes os seus fins poucos licitos e sobremaneira aviltosos.

Se disserem, porém, ao snr. Pinto Monteiro que eu sou um ateu incorrigivel, não deve acreditar porque o iludem. Eu creio num Deus mas não um Deus como o da igreja, com fórma e com barbas como o pintam para com ele catequisarem as multidões humilimas e ignorantes.

Eu creio num Deus todo de Amor e bondade que vive na Natureza, que é da Natureza e que nela se encerra. Creio e adoro um Deus que existe ao ar livre, que se vê nas montanhas, nas florestas, nas planicies e para o qual eu não preciso de intermediarios da igreja, negros fantasmas do catolicismo para, no caso de eu assim o entender, a ele elevar as minhas orações ou os meus pensamentos.

Ora, snr. Pinto Monteiro, quando o povo assim pensar, como deve, quando o povo até aqui fanatisado, conhecer como vai conhecendo, as mentiras, as baixezas a que o submetem; quando ele compreender, como aliás nitidamente vae compreendendo, que da igreja apenas saem almas beatificas que levam ao seu seio, ao seu lar, a desonra, a desmoralisação, a ruina e a vergonha; quando, emfim, ele souber abertamente quão horripilante é, vista pelo lado moral, a hidra negra que se chama o clericalismo que durante seculos lhe apunhalou miseravelmente a consciencia não deixando que ela evolutisse; então, erguendo os punhos ainda rôxos pelas amarras do preconceito e abrindo desmesuradamente os olhos ainda deslumbrados pela transição inesperada das trevas para a luz, soltará o grito unisono, fremente de revolta e maldição contra as daninhas toupeiras que á sombra do altar vão contraminando a sociedade portuguesa, na parte menos culta, que infelismente é a maior.

Após o grito declarar-se-á a luta, mas a luta sem treguas, aberta, sem desfalecimentos, á luz radiosa do alvorecer das consciencias sob um ceu todo de anil e oiro, no campo do Racionalismo, do livre-pensamento, da realidade.

A vitoria caberá indubitavelmente aos soldados do Bem, aos arautos da Justiça, aos defensores do Direito postergado.

A igreja ruirá; submergir-se-á infalivelmente enterrada *para sempre* na vala de mentiras, de baixesas que os padres (com rarissimas excéções) lhe cavaram. E digo *para sempre* porque não é facil nem crivel que a igreja catolica depois de baquear tão desastradamente envolta numa umbrosa atmosfera de descredito que os seus dirigentes lhe angariaram, desvirtuando-a, se erga novamente, ainda que tente lançar no espaço o pregão dumas doutrinas novas dizendo-as mais puras, mais fundadas nos principios da razão. Assim mesmo será impossivel.

Quis potest facere mundum de immundo conceptum semine?

Sim, snr. Pinto Monteiro, quem pode tornar limpa uma coisa concebida de semente corrúta?

Inconcebivel. A morte da igreja, para sempre, será, pois, um facto, mas um facto de relevo incontestavel que nós, os novos, hemos de constatar por nossos proprios olhos.

E por aqui nos quedamos até ao proximo numero no qual demonstraremos os estratagemas da intolerancia religiosa adotados pela igreja católica.

Quelimane — Africa Oriental.

UMBERTO BEIRÃO.

DOENTE

Está gravemente enferma, na sua casa de Midões, a bondosa esposa do nosso querido amigo snr. Cunha e Silva, dedicado chefe do escritorio da 3.ª inspeção principal da companhia portugueza.

Desejamos sinceramente as melhoras da virtuosa senhora.

A Religião e a Arte

Novidade literaria, *A Religião e a Arte*, por José Agostinho. E' um esplendido trabalho deste notavel poeta e romancista. Um vol. de 140 paginas—preço, 100 réis. Livraria Portuense de Lopes & C.ª—119, Rua do Almada, 123—Porto.

Ferro-viarios de Portugal

Uniões e reuniões. — Disparates

O Sól, que é quem estas linhas escreve, não quer deixar que terminem os dias em que menos tempo ilumina a terra, sem dar uma pequena amostra do muito que viu e ouviu no seio d'esta sociedade corruta e tola.

Este Sól, que do nascente ao poente atravessa as principaes artérias ferro-viarias, e tem ouvido dirigentes e dirigidos, vae agora, visto que está proxima a época calamitosa em que a sua faina tem de ser extenuante, sem comtudo se desviar um só passo da natural tragetoria da sua independencia moral e profissional, fazer algumas considerações, aliás muito ligeiras, dos boatos mais palpitantes e quasi que em primeira mão, que por aí correm disparatadamente de boca em boca, sem que o Sól, que tudo devia ver, precisasse bem porque é que, quando passam aos seus ouvidos, já levam uma velocidade de mais de 300 kilometros á hora. Tal é a importancia que o Sól lhes liga. E porque não lhes ligar importancia?

E' por não ser ferro-viario? Não. E' porque, se hoje está na disponibilidade, ámanhã poderá estar no efétivo. Mas então por que é? Simplesmente porque esses boatos, que correm velozmente e tolamente, partem da boca de homens (se assim se lhes pode chamar), por demais conhecidos como indignos de trajarem uma farda, simbolo duma classe honrada como é a ferro-viaria. Bastava isto para que eu, no caso de taes boatos demonstrarem seriedade, lhes fechasse, com mais violencia, a porta do meu despreso e com uma bomba de dinamite, faze-los ir pelo ár. Mas infelizmente ha mais e mais sérias rasões para que, fazendo triplicar o despreso, aumentem a coragem para lhes dar via livre. Isto é tão sómente porque essas bocas resequidas vão beber a centros e reuniões, sem o menor vislumbre de autoridade e dignidade. E como querem eles, os iludidos, fazer ouvir os seus inuteis ecos, se, para isso, lhes falta o reconhecimento das empresas com quem é indispensavel manter correspondencia?

Se a maior parte do punhado de homens em nome dos quaes vos arvorastes representantes e defensores, discordam da vossa orientação, como quereis que, sendo isto sabido pelas emprezas, elas vos reconheçam o direito de, com elas, tratardes assuntos de serviço?

Quaes são os estatutos pelos quais os vossos humildes confiantes possam exigir, perante vós, o cumprimento da lei? Não termino sem vos dizer que não é por esse processo que conseguireis liquidar tão importante questão e, se assim continuardes, podeis crer que é prégar no deserto. Como conseguir então a aprovação dos estatutos e o respetivo reconhecimento por parte das emprezas? Hoje não vo-lo digo, porque são 16 e 30 e já está posto o

19—XII—1912.

Sól.

ANIVERSARIO

Passou no dia 11 o aniversario natalicio do nosso presado assinante de Vila Franca, snr. Manoel Simões Lopes, o mais antigo republicano desta freguezia, e pae do nosso querido amigo Simões Lopes, chefe adjunto da Pampilhosa.

Abraçamo-lo.

Propaganda regionalista

Almanaque d'A LIBERDADE

Com um manual do viajante e uma carta itineraria do distrito de Aveiro.

A empreza d'*A Liberdade* resolveu editar um magnifico trabalho de propaganda do distrito de Aveiro, juntamente com o seu almanaque que pelo primeiro ano publica. Não existia um manual do viajante, nem um guia do turiste nesta belissima região do pais que vai do Bussaco ao Douro, limitada a nascente pelas serras da Beira-Alta e a poente pelo Oceano e que constitue aquele distrito. Essa região é, sem duvida, uma das mais variadas, pitorescas e interessantes de Portugal, com planuras cheias de vinhedos e milheiraes, rias, lagoas, praias, colinas encantadoras, vales magnificentes, serras magestosas. O Bussaco, a Bairrada, a ria de Aveiro e a planicie até Espinho, Feira e Azemeis, Paiva e a região do Caima, os Vales do Agueda e do Vouga, tudo isso é digno de ser conhecido e visitado pelo turiste porque é verdadeiramente surpreendente. O *Almanaque da Liberdade* é um manual completo do viajante nesta região de que faz, com descrições, noticias e gravuras, a mais conpleta e benefica propaganda.

Inserindo trechos literarios escolhidos, publica uma *carta itineraria do distrito de Aveiro*, expressamente gravada para esta edição e que é da maior utilidade para os automobilistas, ciclistas, professores, etc., pois que nenhuma outra existe neste genero tão completa.

O Almanaque da Liberdade deve ser posto á venda em breve, estando-lhe destinado por certo um assinalado sucesso.

EM VIAGEM

Para Lisboa, partiu o snr. José Monteiro Barreto, 2.º sargento de enfermeiros no Hospital de Marinha.

RECREIO CHARADISTICO

CHARADA

A Dulcineia, *mon amour*,
Ravachola endiabrada,
Prende-la-ei co'a corrente—3
Que lhe deram, prateada.

E se ainda, mal contente,
Por lhe tratar da saude,
Sem piedade a fecharei—1
Bem fechada com embude.

Liames.

LOGOGRIFO

Papinha feita, vá, come;
De laços fiz o meu nome.-6-1-4-3-5-2

Liames.

TIPOGRAFICO

T r E

Vulcão.

ANUNCIOS

Agua da Curia

Semelhante á de Contrexeville

Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano.

Experimentai a agua da Curia.

(29) **Folhetim d'O DEVER**

M. DE M.

SCÊNAS INTIMAS

O ultimo devasso fê-la baixar de novo ás misérias duma enfermaria, e a doença que a acometêra esteve em riscos de a vitimar. Mas ainda não soado a hora para a martir do Vicio.

Uma noite em que ela lamuriava com dôres, falando para outra enferma menos vil, porque ainda tinha luz na alma, percebeu nos sons lugentes de vozes que cantavam e se vinham aproximando.

Era uma serenata que passava.

As vozes e o tangêr de instrumentos de corda iam crescendo mais e mais em acordes e modulações suaves, como apaixonados queixumes de corações amorosos. Estavam já mais perto e Clotilde ouviu estas quadras:

Quando a alma está corruta,
Já nada póde salvá-la;
Por maior que seja a luta
Sempre ao abismo resvála.

Mulher, que tens carne impura,
Abre as cortinas do leito;
A tua alma, que foi pura,
Morde-te agora no peito.

E' châma que te devora
E á volúpia te conduz;
Ai, chora, ó perdida, chora,
Não tens alma, não tens luz...

Clotilde ouviu muito anciada e quedou-se triste. Depois rompeu em soluços abafados que forcejava por reprimir.

— Comoveu-se por ouvir cantar? —perguntou-lhe a enferma que estava do lado oposto.

Ela não respondeu e apenas desprendeu um *ai* em que havia pranto, uma angustia funda e insuportavel.

E' que olhára naquêle momento pâra dentro de si e vira-se replente. A alma escurentada, o coração corruto e uma febre de paixão que era impossivel dominar. Tal qual o que diziam as quadras. Perdida e vitima do infortúnio.

*

E a velha serva?

Acompanhára-a sempre. Lá estava ao lado dela, no hospital, prestando-lhe socorros, dando-lhe exemplo de bondade e sentindo-se feliz, por sêr virtuosa.

Apesar de tudo, custava-lhe separar-se da ama que a maltratava.

São assim as almas simples e caridosas.

Daí a álgum tempo, Clotilde saia do hospital, esquelética, envelhecida, arruinada.

Iria pâra o escandalo? Não. Agora que se lhe tinham esgotado os últimos havêres pensava em trabalhar pâra vivêr álgum tempo ainda. Mâs cômo? A principio ócupava-se em fechar camisolas e meias, produzidas por uma fábrica especial, fundada recentemente em Coimbra; mais tarde, abandonou êste género de trabalho e fôi implorar protéção a casa duma senhôra rica, que era viúva e que prometeu logo recebê-la cômo sua governanta.

Ora, neste caso, havia mistér separar-se da serva que por tanto tempo lhe fizera companhia. Mâs que importava? Era o destino que decretava assim. Arranjar-lhe casa pâra onde ela fôsse servir, nem pensar nisso, porque o tempo urgía.

Tratou, pois, de vendêr tôdos os móveis que tinha, enfardelou tôdas as roupas que possuia, e mandou-as transportar, por um galêgo, pâra a casa que a ia recebêr.

Depois chamou a criada e disse-lhe:

— Maria, têmos de separar-nos pâra sempre. Eu vou tratar da minha vida, e você trate tambem da sua.

— Então a senhôra assim me despreza?! — preguntou a velha num grande pasmo e cruzando as mãos.

— Que quer que lhe faça?—voltou Clotilde.—Assim tem de sêr. Vá, portanto, arranjar a sua roupa pâra se ir embora. E não se demore.

— Que coração a senhôra tem! — exclamou a velha fulminando-a com uma certa durêza de olhar e retirando-se em seguida, em quanto duas lágrimas lhe derivavam pelas faces enrugadas.

Demorou-se álgum tempo a entrouxar as peças de roupa e depois voltou com um livro na mão.

— Minha senhôra — disse ela á ama, de má sombra. — Está aqui um livro que lhe pertence.

— Não presta, leve-o, se quizer.

— E' de orações? — preguntou a velha.

— Não, é de guerras.

— Acabadas sejam elas, que bem farta vou daqui — disse a criada numa grande explosão.

E guardou o livro com certo asco, despedindo-se da ama, que tão mal reconhecida fôra pâra ela.

O livro é o que trata da revolução francêsa de 89 e que veio parar ás minhas mãos, e ao qual eu dêvo, em grande parte, esta simples e despretenciosa novela.

(*Continúa*).

ABILIO LAGOAS

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

Correspondente de companhias maritimas, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.

Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

Viuva Ismael da Cruz & F.º

Arazêde

Vende fazendas de lã, algodão, mercearias, miudezas, artigos para funerais, farinhas, sal, ferragens, etc., etc.

Para liquidar, encontra-se nêste estabelecimento um saldo de flanélas e de muitos outros artigos, que se vendem quazi por metade do seu custo.

E' aproveitar a ocasião!

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne, Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**

Ano 1.° Arazêde, 29 de Dezembro de 1912 N.° 45

O DEVER

Semanário Republicano

Pátria e Humanidade

Director — MANUEL DE MELO

Propriedade da Emprêza d'*O Devêr*

Redação e Administração — ARAZÊDE

Redactôr e editôr — ALMEIDA JUNIOR

Administradôr — *ANTONIO ISMAEL DA CRUZ*

Composição e Impressão, Tip. Silva (a vapor), AVEIRO

A todos os nossos amigos, leitôres, colaboradôres, assinantes e anunciantes, endereçamos o nosso cartão de

BOAS-FESTAS

Guerra á Guerra!

Impressões sociais contemporanias

Aí assim pela Europa, anda a inveja e o odio da humanidade semeando o sangue e levantando fogueiras de clarões devastadores, a fome, a miseria, a devassidão e o crime. E ninguem se levanta daquelas ruinas, nenhum braço vem erguer-se para que o crime não seja perpetrado, para que aqueles clarões incendiarios não levem para longe os produtos satanicos da sua alma sinistra.

Europa! Europa! Mais uma vez trazes ao meu espirito a convicção de que não queres a Paz, o Amor dos Povos, a Solidariedade de todos, para o progresso, para a aurora do porvir, para a gloriosa emprêsa do Futuro! E's um monstro hediondo, crapulosa, cínica, relaixada.

Vomitas da tua garganta o halito envenenado da morte, sempre sedenta de carne, sempre bêbada de sangue! Não! não és tu que has-de caminhar emquanto não apagares essa sêde traidora. Não! não és tu quem ha-de ser humana, justa, lógica pelos teus principios, pela tua vida historica, pela tua vida milenar. Nunca os teus governos saciarão a tua guela sempre hiante, nunca matarás essa miseria crónica, essa doença de séculos propagando-se como a sífilis, alastrando-se como uma chama colossal por cima de todos os teus filhos.

Eu detesto todos os teus pergaminhos envilecidos porque por eles é que tu fazes morrer de chagas as multidões apodrecidas; é por eles que tu te ergues como uma aguia, acima de tudo e de todos, espreitando aonde estão entranhas para devorar e corações para destruir. Todos os que vão contigo, todos os que apoiam as tuas instituições de guerra são como tu, Europa, porque não sabem sentir, porque não sabem amar. O teu progresso serve apenas para, depois de tantos séculos, teres ainda a mesma ancia, a mesma ambição, a mesma mentira? O teu progresso ainda não mostrou aos povos que se esmurram o crime hediondo que praticam, a farça ingloriosa que representam perante a morte?

A Italia já se não lembra da sua origem? Não se recorda que é o país da Arte? A Russia não repara na miseria hedionda dos seus mujicks? A Servia, a Bulgaria, a Alemanha, não vêem mutuamente a tragedia gigantesca do futuro? A Inglaterra porque aguça as suas garras? Ave de rapina, olhando o mundo, espera o momento em que as outras descuidadas tombem no abismo para lhes lançar o arpão sinistro. E' tudo uma pirataria covarde, retrógrados como o selvagem neolótico; bárbaros, esfomeados como lôbos, odientos como tigres das florestas africanas.

E isto, são nações que teem corpos diplomaticos, que teem bandeiras, que teem parlamentos, para exprimirem a vontade delas, para assegurarem a alma integral dos seus respectivos povos! E isto são nações do mundo civilisado, aonde o século XX procura a mulher para a dignificar, aonde o proletario estende os braços para a luz em busca do sol da redenção! Isto são países legalisados, são aglomerados constituidos juridicamente, tendo normas de caráter, funções específicas, caratéres psicologicos definidos e radicados por milhões de vidas. E' isto que a mulher encontra, é isto que o proletario examina, é isto que a humanidade sente! Tôrva e desmedida degenerescencia, maldita aberração dos povos! Eu quero viver longe dessas ferozes hiênas do progresso, longe dessas almas perversas e suicidadas.

E é nêstes países que a mulher anda a vender a sua carne, é nestas nações aonde o progresso é julgado ter decorrido a sua ultima *étape* dos séculos. Eis a Europa, monstro de impérios e de republicas, senhora de exercitos e de tesouros, escrava, todavia, prostituta, desvergonhada e cínica até ao crime. E' vermos os resultados dos seus governos, dos seus códigos, das suas leis. E' sempre a força impondo-se, a bestialidade do maior numero a dominar a multidão, o sinistro vómito da carne a envenenar o mundo. Reis, papas, imperadores, governos, exercitos, é sempre a mesma canalha de bandidos, roubando a alma das raças e o sangue dos povos. E' sempre a mesma sucia de pulhastras sociais, são sempre os mesmos vermes roendo as entranhas do futuro.

* * *

E o pobre que trabalha, estoira de fome, e a mulher que luta com a luta da carne, é como uma escrava, a creança é abandonada e a derracada campeia, infrene, implacavel, terrivel como um incendio de mil séculos! E' isto o que eu vejo, homens do meu país, mulheres da minha raça! E' isto que eu vejo deante dos meus olhos, apesar de todos os bons ideais da politica internacional, apesar de todos os vossos idealismos e de todas as vossas tentativas de regeneração mundial! E' isto o que eu vejo! Apontai-me factos, mostrai-me se alguma das instituições dêsses impérios, dêsses países, que tenham reis, imperadores ou quem quer que seja, ensinam aos vossos filhos o amor, a quererem a paz, o bem da humanidade; dizei-me se já vistes uma nação sem que seja produto do crime, do roubo, da infamia.

Nacionalidade? Patria? E' isto? Os meus olhos ficam trémulos de horror, sacudidos pela tragedia enorme que se desenrola deante dos horisontes. Perguntai aos exercitos para que servem, se para guardarem as vossas propriedades, se para guardarem os vossos filhos. Dir-vos-ão que são para guardar a patria. E sabeis quem é esse ente abstracto, metafisico e subtil? E' um pedaço de terra onde sois roubados, aonde a vossa voz nunca tem um éco porque é abafada pela multidão governante, onde vós tendes obrigação de deixar a pele e os ossos e fazer filhos para ámanhã serem retalhados pela baioneta, em nome da dignidade nacional, dessa ideia fantastica e ôca. Merece, pois, haver esse egoismo? Esse flagrante delito de concordancia moral para um áto honroso, qual seja o da guerra, representa a meus olhos uma completa cegueira, uma verdadeira aberração natural, indemonstravel e insustentavel a uma critica severa. Arranquem esse egoismo, convençam-se de que é tudo quanto ha de mais bárbaro, de mais cruel, de mais aviltante para o coração que é humano, que sente, que ama e que palpita!

E' indiscutivel. Nós iremos, por todo o mundo, por toda a parte, lançar ao vento o pregão da liberdade! Nós iremos, os amigos do futuro, os amigos das raças, lançar á terra maldita a sementeira do porvir. O que vêdes neste momento? Olhai: a nacionalidade portuguêsa começou a carnificina; em seguida vem a Italia e a Turquia, a Grecia, a Bulgaria, a Russia, a Alemanha, a Inglaterra, o mundo inteiro, a pedir carne e sangue para atulharem as guelas, a pedirem fome porque os seus ventres estão prenhes de germens que precisam de fecundar retalhados pelo aço e dispersos pelas bôcas de mil canhões. Todos querem entrar na partilha, todos querem um pedaço do monstro que fôr devorado. E' a hecatombe, é o banquete humano, a antropofazia latente que se levanta como uma garra e pede vingança do seu silencio.

Vingança temivel, honrosa. Levantam-se fogueiras para o auto da fé. Dentro em pouco ouvir-se-ão estalar os ossos e palpitar entranhas de gigantes vencidos. E ao largo, lá muito ao longe, ouço já os gemidos dilacerantes de lindas creaturas moribundas, homens valentes como o aço, mulheres amantes perdendo o pão de seus filhinhos, o amor do seu amor, a vida da sua vida inteira! Eu vejo mulheres grávidas esperando os seus maridos que nunca mais voltam, mulheres prostituindo-se porque sentem as garras crueis da fome! E' isto e nada mais. Só a Sombra, o abysmo, a derrocada.

E daqui, lançamos um protesto veemente, um grito de alarme, um verdadeiro arranco de alma para todos os que estão dispersos por esse mundo, para que caminhem para a brecha levando o facho da revolução humana, em nome da Paz, do Amor e da Vida! Daqui erguemos o nosso grito, como um estampido de aço que atravesse as fronteiras, que vá de serra em serra, de montanha em montanha, de abismo em abismo, de mar em mar, até chegar á cabana do miseravel, ao palacio do imperador e á camara dos reis da terra, como um grito violento, aterrador, sobreumano mesmo, porque é o simbolo da historia, tenaz, persistente, inabalavel como os séculos e altivo como o sol dos horisontes.

Até que se sinta a derrocada, até que se sinta a vitória suprêma, em nome da dignidade humana, em nome da redenção universal!

(Coimbra).

UMBERTO ARAUJO.

(Carta escrita para os *Associados* de Paris e de Berne, em dezembro de 1912).

Traidôres

A's vezes, com os nervos em crispações de revolta, pômo-nos a cogitar o que seria da nossa patria, se a Republica falisse e esta falencia — tremenda catástrofe da nossa nacionalidade — abrisse as portas a essa horda de aventureiros que ás claras, no estrangeiro, e encobertamente dentro do país, não cessam de conspirar contra o regime republicano.

A quadrilha que durante o regime monarquico cavou a ruina do nosso país, e sugou vampirosamente as energias da nossa patria deixando-a exangue, são indignos de uzarem o nome de portuguezes, pois que, num impulso feroz de sentimentos rancorosos, repelindo o gesto de generosidade, de excessiva benevolencia, com que a Republica triunfante os acarinhou afim de os integrar na nova engrenagem politica, numa homogeneidade de vistas que nos unisse a todos abraçados ao mesmo ideal de redenção nacional, adaptando-os á transformação social porque passamos, e no intuito de evitar conflitos internos, que viessem empanar o brilho deslumbrante da nossa Revolução, e não permitir represalias odiosas, que nos maculassem aos olhos dos extrangeiros; pois, repetimos, essa quadrilha repelindo o gesto de generosidade com que se iniciou a Republica, poz bem em evidencia o quilate dos seus sentimentos, sentimentos de hiena que não recuaram em empregar todos os esforços em desencadear uma guerra civil fratricida em que, naufragando a Republica fatalmente havia de naufragar a nossa raça consubstanciada no novo regime; e não tiveram escrupulos em empregar todos os esforços — patriótas degenerádos e asquerosos — para que uma intervenção estrangeira viesse pôr ponto final na nossa existencia de povo livre, eliminando-nos do numero das nações independentes, assassinando-nos.

Ainda ha quem brade por clemencia, quem peça uma amnistia! Sentimentos de generosidade, sem duvida; mas os povos governam-se com a cabeça e não com o coração. Amnistiar, é perdoar; e o perdão só deve ser concedido aos sinceramente arrependidos.

Quem ha, que seja tão ingenuo que creia no arrependimento de tais traidôres?

IGNOTUS.

UM PLEBISCITO

PRO-MULHER

— A mulher deve ter direitos politicos como o homem?

2.ª RESPOSTA

Para mim, eu julgo que a mulher déve têr direitos politicos como o homem.

Se a mulher é, no nosso tempo, incontestavelmente mais fraca, deve-o sómente á pouca educação que lhe é imposta por uma sociedade de preconceitos. Eduquem-na e ela será digna.

Izabel Ferreira Mandslay.

3.ª RESPOSTA

Sem duvida.

A razão é simples:

Não nos cumpre a nós a obrigação do lar e o dever da educação dos filhos?

E quem são os filhos?

Os homens de ámanhã...

Lidia P. da Silva.

A CRISE

Já não ha ninguem que ignore que o ministerio do snr. Duarte Leite caíu, ou já a estas horas terá caído, e que se seguirá, não um ministerio de concentração—pelo mênos não é isso que quer a maioria do país—mas um ministerio duma só face, com homens duma só cabêça. E' o que realmente convem ao país. Um ministerio constituido por democraticos, evolucionistas, unionistas, independentes, socialistas, o *diabo que os carregue* e o *raio que os parta*, isso era só para a monarquia.

Agora, na Republica, quer-se um govêrno de energia, de trabalho, de tino administrativo, que só pense em aeroplanos e em castelos no ar — e que abandone por completo a Instrução, a Agricultura, o Comercio e a Industria, que de nada servem em Portugal, a não sêr para *capachos* dos pés dos snrs. ministeriaveis e dos conspicuos pais da patria, excéções feitas, é claro.

E assim se resolverá a crise para estarmos sempre na crise e para de crise não passarmos...

... E não havêr um filho duma velha que, á mócada, dê juizo áquela gente...

ESCOLAS NORMAIS

Até ao dia 31 do corrente mês recebem-se nas secretarias das escolas normais os requerimentos dos candidatos á matricula no 1.° ano do curso normal.

A fôlha oficial publicou no dia 23 a lei regulando a admissão ás escolas normais e de habilitação ao magistério primário e a frequencia dos seus cursos no ano lectivo de 1912-1913.

FALECIMENTO

Faleceu na sua casa de Leiria, o snr. Francisco Fernandes, cunhado do nosso assinante, snr. Manuel Duarte, agulheiro da companhia portugueza em Pampilhoza.

Pezames sentidos.

Coisas simples

Costumes

O frio aperta: é Dezembro que nos saúda com os seus álgidos ósculos.

Mas, contrastando com a penetrante aragem que lá fóra nos retalha as mãos, é cálido o ambiente no interior por causa da azáfama culinaria para a festa da familia—a tradicional consôa.

Sim; o Natal que todos os anos festejamos, o facto historico incontestavel (está claro que passo por cima do livro de Emilio Bossi) que se comemora traz pendente da ideia religiosa as mais fundas raizes de tradicional festa de costumes nas familias.

Exceptuando sómente alguns misântropos caturras e são raros esses doentes, o sêr humano procura a sociabilidade, pois sem a influencia dela seria o estúpido animal errante pelas selvaticas habitações trogloditas.

Ora essa sociedade cuja célula é a familia que Fénelon punha em penultimo logar na escala da afeição social, tem os seus costumes, as suas lendas prendendo como que num espiritual amplexo as gerações.

Uma dessas festas é comemorada no dia de hôje.

Nada mais indissoluvel que as tradições arraigadas no seio da humanidade. Variam as condições materiaes de um pôvo; obliteram-se os carateres étnicos pelo cruzamento das raças; aperfeiçoam-se paralelamente com o progresso material as condições morais, mas ficam sempre adejando na alma colectiva, qual iman de poder latente, os costumes, as tradições.

O Natal está pois comemorando (abstraindo a ideia religiosa) um dia em que os membros dispersos das familias se reunem para juntos passarem algumas horas de calma em que as rivalidades e os ódios ficaram na rua não podendo transpor o limiar...

Mas quantos que hoje pranteiam os seres idos, os lares dispersos que jámais se reconstruem! Ao passo que nesta e naquela casa se disfarça o frio com os calorificos desses laboratorios indispensaveis aos gastrónomos —as cozinhas, quantos indigentes vagueiam a esta hora mendigando um tecto onde se abriguem!...

Nas casas dos ricos a alegre criançada enfeita pressurosa a «arvore do natal» com os seus brinquedos, com os brindes que lhe deram; ao passo que estes pequeninos seres que não levando boa orientação talvez sejam os avarentos e agiotas de ámanhã, olham por entre os lumes das velas a miriade de enredos, quantas criancinhas — os filhos do pôvo—rôtas, descalças, de carnes arroxeadas pelo frio que tomariam como um magnifico brinde um pedaço de pão!...

Para estes pequeninos, alguns dos quais vi já hoje á minha porta, vai nêste momento a minha simpatia de confraternização universal.

24 de Dezembro.

AUREA JUDIT AMARAL.

ANIVERSARIOS

Passou no dia 25 o aniversario natalicio do nosso prestante amigo, snr. João Rodrigues Pereira Lapa, digno funcionário da companhia da Beira Alta.

—— Tambem no dia 26 passou o aniversario natalicio do nosso presado amigo, snr. Joaquim Martins dos Santos, zeloso sub-chefe de Pampilhosa.

Felicitamos.

A VOZ DO PUBLICO

Brôas do Natal

Snr. redactor do jornal *O Dever*:

O snr. dr. Irmael diz que ficou pasmado ao vêr a minha resposta á insensata entrevista que teve com um redactor d'*O Dever*, entrevista na qual faz a mais acerba critica aos dotes intelectuais da comissão administrativa, especialisando o seu presidente, sendo esta comissão *filha dilecta do seu destramalhado senso politico.*

Não posso levar este senhor a sério; contudo, revestindo-me de paciencia vou-lhe responder, mas pela ultima vez: ouviu, doutor?

Vejo que o doutor está cercado de intelectuais que unanimemente me julgam um ignorantão — o que não desminto—e que o snr. doutor fazendo côro quiz tambem, sem ter dó de mim, arremeçar-me a sua pedrada.

Lembrou-me, doutor, ao vêr o seu arrasuado, a fabula do leão moribundo, a qual resa que todos os animais se acercaram do rei das selvas, e, uns por palavras (pois nesse tempo os animais falavam, sem ofensa aos atuais), outros por actos de força molháram a sua sôpa e por ultimo, doutor, até um burro o escouceou. *A bon entendeur... demi-mot.*

No dia 5 d'outubro ultimo entristeceu-me realmente, doutor, por vêr que alguem desejava perturbar a sessão, em que a camara estava comemorando a data gloriosa da implantação da Republica. Sabia tambem que esse alguem, que naquela ocasião tão radical aparentava ser, pouco tempo antes tinha feito arrear a bandeira da patria livre duma casa em construção na sua terra!

Portanto, fiquei, porque não vi razão para sair...

O snr. dr. Ismael foi o encarregado de dirigir a politica republicana do concelho após 5 d'outubro. Que resta da sua chefia politica? A comissão administrativa, tão atacada por ele!

Não! Ainda resta mais: a recordação do 16 de Dezembro de 1910, em que o snr. doutor se viu obrigado a fugir de Montemór afim de pôr a fôrma do fato em logar seguro.

Eu, snr. doutor, tambem imaginei, nessa triste data para si, que não mais o veria residindo em Montemór e afinal enganei-me! Este mundo é cheio de enganos!

Oh! Mas tudo isto é *blague*.

Consta-nos á ultima hora que o povo do concelho de Montemór, por subscrição, vai erigir em Campozel uma estatua ao dr. Ismael comemorando a data de 16—12—1910, como prova de estima, consideração e simpatia, não deixando de, por esta fórma, mostrar aos vindouros quanta alegria teve por vêr este seu filho bater o *record* do pedestrianismo mundial. Nós desde já subscrevemos com o cêbo para as botas.

O snr. dr. Ismael atacou todas as camaras que tem tido o concelho, mas talvez por um resto de amór á sua obra, sempre foi dizendo que esta é a melhor.

Eu nunca pertenci a camaras monarquicas, porque a isso me recusei sempre, como o posso provar, mas o que me admira devéras é que sendo o snr. dr. Ismael republicano historico, vivendo tão perto déssas camaras, podendo até ter informações caseiras, nunca tivesse protestado contra os seus desmandos!

E hoje que esta camara é melhor que as outras, segundo o seu modo de vêr, vem o snr. Ismael para a imprensa ataca-la. Já é pouca sorte sua e nossa.

Quanto ás afirmativas que fiz na minha resposta ao dr. Ismael, todas estão de pé; nem sempre é facil destruir...

Vou terminar, e por uma vêz, este assunto: mas antes de fecha-lo, peço ao meu ex-amigo e ex-correligionario dr. Ismael, que não se esqueça de lêr no *Comercio da Louzã* n.º 125, um exame de anatomia descritiva, feito por um seu correligionario, o snr. Jeronimo de Carvalho, exame no qual, doutor, o seu intelecto politico é dissecado com mãos de mestre. Não acha?

Santo Varão, 18—12—912.

Albino de Noronha.

Um ministério em crise

Na Espanha, a exemplo do que está sucedendo a Portugal, tambem o ministério está em crise. Pelo que se vê, isto é uma doença contagiosa. A continuar assim, verêmos dentro em pouco os estados europeus atacados de *crisite aguda*... E o pôvo sempre a cantar *jeremiadas!*

A VOZ DOS PROFESSORES

Pinceladas

XXXIX

Por caminho errado — Deixêmo-nos de exâmes e vamos a educar as crianças moral e profissionalmente — Os trabalhos manuais impõem-se nas escolas primárias — O «Guia Prático de Trabalhos Manuais Educativos» virá preenchêr uma lacuna na literatura pedagógica

Caminho errado têmos geralmente seguido, nós, os professôres primários. O ensino que ministrâmos ás crianças que nos confiam é, por via de regra, puramente teorico e livresco. Com o que mais nos preocupâmos é com o exame — quando os pais deixam que os filhos frequentem a escola até lá chegar.

E' claro que a culpa não tem sido só nossa. Pertence a uma grande parte da sociedade, que só aprecia o trabalho do professôr pelo número de alunos que anualmente êle leva a exame e que entende que a missão da escola apenas se redús a ensinar a ler, escrever e contar. Pertence ao próprio Estado, que até ha pouco seguia o mesmo critério na apreciação dos serviços que presta o magistério primário.

Não assim nos paizes verdadeiramente civilisados. Na Suiça, na Itália, na Belgica, na França, etc., etc., o ensino — não já só nos campos, mas nas próprias cidades — ha muito que tomou um caracter mais prático do que teorico. O trabalho manual invadiu os estabelecimentos escolares, onde serve de excelente meio de ensino. O professôr preocupa-se com a mão e com a vista — e, fazendo trabalhar aquéla e observar ésta, inocula na mente dos educandos conhecimentos sãos e duradoiros.

O ensino assim ministrado convém a tôdos — a pobres e a ricos, aos que se destinam ás carreiras liberais, como áos que hão-de trabalhar nos campos ou nas fábricas.

E' tempo de nos integrarmos, conforme as nossas fôrças e recursos, nesta simpática corrente pedagógica. Mesmo a Reforma de 29 de março de 1911 impõe-nos, acertadamente, essa obrigação. Na nossa raquitica literatura pedagógica nada ha que nos guie por êste novo caminho. Mas conto que por tôdo o próximo mês de janeiro verá a lús da publicidade um livro que preencherá essa lácuna. Quéro referir-me — e perdoem-me o reclamo — ao meu *Guia Prático de Trabalhos Manuais Educativos*, que procurei organisar de fórma a satisfazer ás exigências atuais das nossas escolas.

PROF. MANUEL JOSÉ ANTONIO.

O Natal dos pobres

Vae lentamente desaparecendo, nos filosofos e nos artistas, o velho habito da divagação que o Natal lhes inspirava.

Dir-se-ia que a Vida é agora mais sorridente, mais positiva, mais sádia e confortavel, e que os pobres, os que jantavam sua[illegible] e ceiavam lagrimas, os torturados, os sem pão e sem carinhos, são agora iluminados por um sol mais fecundante e mais amigo.

Antigamente, a noite de Natal era uma noite de nupcias para as almas idealistas, para a comunhão profunda das crenças. Milhares de páginas bem sentidas se escreviam e se arquitétavam na dôce paz do lar familial. A lira dos poetas era mais intensa de vibração; a pena dos sátiros, como que se transformava em harmonioso sinzel de suaves ondulações e evocações á vida pratica, á pura realidade das coisas.

As imagens do passado como que se reviviam e adoravam cada vez mais.

Esqueciam-se ódios minázes e tudo se via atravez o rútilo vidro da esperança e do amor. Parece que os homens eram mais amigos e a sêde vorás da ambição mais lenta e menos contraminante de bem intencionados intuitos.

O rico confraternisava com o pobre, bebia do mesmo copo, comia á mesma meza. Mas ha muitos seculos, ha muitos!...

* * *

São outros os tempos que vão correndo. Evoca-se, com saudade, o passado; folhea-se, com saudade, a historia. E a gente nem sequer confronta. Com mágua vemos os pobres, os desprotegidos da sorte, sem uma codêa que lhes mitigue a lazeira, sem um caldo que lhes conforte os estomagos. E' vê-los arrastarem-se, por ai de porta em porta, pedindo um pedaço de pão. E emquanto isto se pratica, nas classes pobres, que é como quem diz nas classes produtoras e de cujo esforço provem o bem-estar das nacionalidades, se refastela, em almofadadas poltronas arrastando pesadas digestões, a classe chamada nobre, que é como quem diz a classe que tudo tem e que nada produz de util.

Que destino estará, com o andar assim desencontrado das coisas, reservado á humanidade? O mundo é mundo só para alguns, a Vida é Vida só para a minoria.

Ingrato destino, o dos que trabalham de sol a sol, ás vezes doentes e sem alento para produzirem, mas obrigados, pela fome e pela ingratidão, a caminharem sempre atravez de todos os obstaculos e de todas as contrariedades. E o Natal, que eu vi ir-se, com saudades de tempos idos, não foi o Natal dos outros tempos, o Natal de ha seculos, de ha muitos seculos...

Mas um dia, quando a humanidade, conscia dos seus deveres mas dos seus direitos, compreender que *isto* não é só de um homem nem de meia duzia dêles; quando os rotos e os descalços se convencerem de que tambem teem direito á Vida, então o despotismo acabará, o previlegio de castas passará a ser o que deve ser: — um absurdo.

Mas ele vae desaparecendo, lentamente, nos filosofos e nos artistas, o velho habito da divagação que o Natal lhes inspirava...

ALMEIDA JUNIOR.

INTERESSES DO CONCELHO

O que tem feito a Camara Municipal?

Até agora, que nós saibamos, nada tem feito em proveito do povo que tudo paga.

Que isto se fizesse na monarquia, bem estava, porque os seus homens, politicões de oficio a maior parte de eles, só cuidavam da politiquice para anichar os seus amigos e afilhados.

Hoje, em plena Republica, regime de Luz e de Progresso, não o pode consentir o povo, sem o seu mais energico protesto, porque continua a explora-lo como bando de carneiros...

Isto tem de acabar, ainda que custe a muitos dos taes politicões, porque o povo de hoje não é o povo de ha 20 annos!...

E' preciso, torna-se indispensavel que entre na Camara Municipal um pouco mais de moralidade, e que os *tubarões* não continuem a disfrutar na Republica o logar proeminente que chegaram a alcançar na monarquia.

A vereação atual nada tem feito em beneficio do povo do concelho, porque, diga-se em abono da verdade, o unico *melhoramemto* que até hoje fez, foi sobrecarregar o Municipio com um emprestimo de 300 contos de rèis! Já é!

Nada mais, nada menos. Nada tem feito, é certo; mas ainda assim não auxilia a iniciativa particular, pelo contrario, recusa-lhe o seu concurso. E senão vejâmos:

Na povoação da Ereira formou-se uma comissão de patriotas para levarem a efeito um melhoramento, desde ha muito reclamado, perante todas as vereações, e de capital importancia para a mesma povoação, chegando-se até, no tempo da monarquia, a iniciarem-se os trabalhos que nunca foram concluidos, dizendo-se que o dinheiro orçado foi arrecadado na caixa forte de certos politicos de então!

Pois a dita comissão da Ereira, indo á Camara Municipal pedir ao menos que os auxiliassem com algumas ferramentas municipais, para dar principio aos trabalhos, o secretario, que ao mesmo tempo é presidente, recusou terminantemente as alfaias, dizendo que a Camara não as tinha.

Póde lá ser que uma Camara Municipal não possua as ferramentas adquadas e precisas ao seu mistér?

Nada mais certo!

A Camara Municipal nada tem. Nem dinheiro, nem alfaias, nem melhoramentos!

Só é grande e próspera em emprestimos, gratificações fabulosas aos seus empregados, que são demais! Só nisto é que ela é forte, sem outra que a suplante!...

Pobre Municipio, em que unhas estás metido...

Pode isto continuar assim por mais tempo, sem um energico e veemente protesto do povo do concelho, que continua com os olhos empoeirados, sendo o mesmo burro de carga doutros tempos, o joguete de homens sem escrupulos nem respeito pelos seus municipes, que tudo pagam e nada vêem feito?

Não pode ser!

Abra o povo os olhos, e não se deixe calcar, unindo-se todo para combater homens que são verdadeiros déspotas do seu suor e da sua miseria!...

Acabem de vez com emprestimos e gratificações, que teem sido a ruina do nosso paiz, e venha, mas já, uma vereação honesta, que nos livre de tanta miseria e de tanta podridão!...

A. Verão.

Sêlo de assistencia

No dia 31 do corrente e 1 e 2 de janeiro, toda a correspondencia que circular nos correios, á excéção dos jornais, terá de sêr franquiada com mais uma estampilha de 1 centávo (10 réis), além da franquia ordinária. A correspondencia que não levar aquela estampilha ficará retida nas estações dos correios.

O produto das taxas de 1 centávo reverterá a favôr da Assistencia Pública.

DOENTES

Estão doentes os nossos presados assinantes, snrs. Manuel Simões Lopes, José Martins da Costa e José Marques dos Santos.

Desejamos as melhoras dos nossos amigos.

NA ESTANTE

Noémia — Romance infantil por José Agostinho—Casa Figueirinhas —Porto—Prêço: 100 réis.

E' uma obra sugestiva, que prende pelo encanto da ideia e pelo realce da fórma, mas que não consegue dar á infancia a educação moderna pela essencia do misticismo com que o seu autôr a polue. Algumas das gravuras que a ilustram tambem deprimem a obra pela nota acentuadamente religiosa que traduzem.

A' Casa Editôra agradecêmos o exemplar oferecido.

Pela instrução

O deputado snr. Tomaz da Fonsêca apresentou ao parlamento um projecto sôbre construções escolares que, a sêr aprovado, muito contribuirá para o desenvolvimento da instrução em Portugal e pára a educação popular, tão carecida entre nós.

Do que êle comunicou a um dos redactores do *Seculo*, que para tal fim o entreviston, transcrevêmos nós os seguintes periodos que melhor definem o pensamento do autôr do projecto:

«O meu projeto tem por fim a regularisação das contribuições escolares, de maneira que cada concelho do paiz e ilhas adjacentes consiga o numero de escolas necessarias á obrigatoriedade do ensino. E' este um assunto da maior importancia para o futuro do ensino, visto que um dos peores inimigos da instrução popular é a atual escola onde ela se ministra, pela sua falta de mobiliario, material didatico e condições higienicas. E são exatamente estes inconvenientes que eu procurei, tanto quanto é possivel, remediar.

«O meu projeto diz, pois, respeito ás construções escolares e aquisição de mobiliario e material didatico e estou certo de que a camara ha-de ver n'ele o esforço honrado d'um portuguez que, apresentando-o, julgou prestar um alto serviço á Republica, cumprindo assim o seu dever de deputado. O assunto é na verdade digno da atenção de todos. Portugal tem ainda pouco mais de 5:000 escolas primarias, quando já devia ter a funcionar, ha muitos anos, para cima de 10:000. Das escolas que existem quer saber quantas funcionam em estabelecimentos proprios, pelos quais o Estado ou as camaras não pagam renda? Em principios de 1910 eram 978! As restantes estão em casas arrendadas, havendo mais de 3:000 completamente fóra de todos os moldes da escola primaria.

.....

«O edificio da escola, a sala d'aula, o mobiliario, o material didatico, tudo isso tem uma grande influencia no ensino, na educação do povo, na resolução do problema geral. E foi por isso que eu, um pouco em meu nome e um pouco em nome das Escolas Liberais e Procuradoria do Analfabetismo, a que tenho a honra de pertencer como um dos seus obreiros mais obscuros, apresentei na camara o projecto, que, sendo aprovado, trará ao paiz incalculaveis beneficios. Não só virá beneficiar o ensino e aliviar o tesouro, que só em Lisboa paga, anualmente, em rendas de escolas primarias, 30 contos de réis, mas virá tambem auxiliar a industria, atenuar a emigração e resolver, em grande parte, a terrivel crise operaria que por toda a parte se está manifestando.

«Nesse projeto estabeleço: 1.º, que sejam as camaras e não o Estado que dirijam e administrem essas construções, que ficarão assim imensamente mais sólidas e mais baratas; 2.º, que para as despezas resultantes dessas construções as mesmas camaras contraiam emprestimos, que serão amortisaveis no praso de 60 anos, ficando os juros respectivos a cargo do Estado, que lhes destinará a verba resultante dos 2 p. c. que vão ser restabelecidos na transmissão de propriedade por titulo oneroso, cuja eliminação eu nunca pude compreender.

«Quanto a ser isto aprovado, não creio que o não seja. E' uma medida de salvação publica e que ninguem na camara, por mais personalista que seja, deixará de votar com a maior satisfação.

«Quanto á maneira de construir esses edificios, no projeto consigna-se a disposição seguinte: Os edificios necessarios á efetivação do ensino geral e obrigatorio serão construidos no prazo de 10 anos e no mesmo prazo serão adquiridos o respetivo mobiliario e material didatico. Em virtude d'isto, os emprestimos serão emitidos em dez séries anuais. Seguidamente, as camaras começarão a ser aliviadas das rendas, embora tivessem de pagar o capital.

«Devo ainda acrescentar que, pelo meu projeto, esses edificios têm que obedecer a um plano, com uma capacidade determinada, e terem casa para professores, além dos respetivos terrenos anexos. Terse-hão em vista, n'essas construções, as necessidades pedagogicas, tornando-as proprias para as satisfazerem.

«Para que a escola, depois disto, tenha professores e concorrencia de alunos será ainda preciso mais alguma coisa. Tenho, neste sentido, já elaborado e pronto a apresentar ao parlamento um outro projecto, que póde não ser o elixir da longa vida para a instrução popular, mas que é pelo menos, a solução de momento.»

Tais são as disposições do projecto. Será ele aprovado? Será ele, ao menos discutido? E' o que estamos para vêr. E' já costume velho entre nós que, em se tratando de instrução e do professorado primario, todos fazem ouvidos de mercador.

Ainda ha quinze dias o sr. Alexandre de Barros apresentou ao parlamento um projecto sobre a situação dos professores primarios, e vejam se tem havido pressa em o discutir. Não admirará, pois, que o projecto do sr. Tomaz da Fonseca não passe... de projecto. Para instrução nunca ha dinheiro — dizem os pais da pátria.

E ficamos na mesma como a Felícia.

PROMOÇÃO

Foi promovido a revisor de 1.ª classe da companhia da Beira Alta, o nosso querido amigo João Rodrigues Pereira Lapa.

Foi uma medida acertada, pois que o nosso amigo é, a todos os titulos, um exemplar funcionario, um belo cooperador dos interesses da companhia que serve. E as companhias carecem, para a sua prosperidade, de bons elementos, acima de tudo. Abraçamol-o.

A proposito do livre pensamento

II

Cremos ter mostrado, ainda que sucintamente, mas lucidamente, no numero anterior, o suficientemente preciso para demonstrar os sinais da proxima morte da igreja catolica sem recorrermos aos ultimos acontecimentos em que o clericalismo tem tomado uma parte ativa e que eu me dispensei de aduzir porque demais são eles conhecidos por todas as pessoas que lêem, no numero das quaes entra o sr. Pinto Monteiro que eu considero sobremodo pela fórma corréta como tem apresentado os seus artigos no *Dever* e ainda pela vontade que lhe reconheço de desvendar aquilo que a metafisica procura tornar incognoscivel e a que dá o nome de *misterios* do catolicismo.

Vamos, pois, responder de modo sucinto tambem á segunda pergunta do sr. Monteiro relativa aos estratagemas de intolerancia de que usa a igreja e de que o livre-pensamento não deve utilisar-se.

Out'ora, como ainda hoje, se bem que mais moderado, o sectarismo exagerado, ou seja o fanatismo religioso, trouxe ou tem trazido os peiores males á humanidade. A, reforma de Martinho Lutero seguiu-se nos paizes latinos essa hedionda repressão religiosa que teve por nome—Inquisição.

Coisa hedionda, na verdade, pois que coartar os audaciosos vôos do ideal é, na frase sublime de Junqueiro «encarcerar o pensamento humano».

E, então, as perseguições intolerantes da igreja, levavam pela fogueira, pelo emparedamento, pelo decompor lento do corpo e do espirito, nas saturnais cavernas das prisões, o horror, o medo das perseguições, aos espiritos ainda os mais audaciosos, fazendo cristalisar assim por alguns seculos o progresso da humanidade.

Os casos de Galileu e Giordano Bruno, na Italia, Damião de Gôes, Vieira e o judeu, em Portugal, são os mais frisantes exemplos da intolerancia religiosa. Na Espanha, Torquemada e S. Pedro d'Arbues, são os mais lidimos representantes do superfanatismo, como na França a Matança da S. Barthelemy, auge das perseguições religiosas.

Precursora de grandes reformas sociais modernas a Revolução Franceza cimentada na obra ciclopica dos enciclopedistas, marca na humana evolução um marco miliario. Mas quanto não custou essa grande revolução! As grandes revoluções tem quase sempre duas faces: Uma augusta, gloriosa, inundando o mundo de luz, redimindo das trévas de muitos seculos a humanidade; outra toda incruenta, toda laivada de sangue e de lama, e esta é a obra do sectarismo politico e religioso é a obra da intolerancia, é a obra do fanatismo.

Mas ha mais exemplos do que os acima citados da intolerancia da igreja e dos estratagemas de que ela se tem servido e que os livres-pensadores não devem nem querem aproveitar-se para fazerem vingar as suas doutrinas.

O sr. Pinto Monteiro deve conhecer tão bem como eu a historia e, certamente, os factos que nada absolutamente honram o clericalismo; mas ainda assim, eu vou demonstra-los para que os conheçam aqueles que ainda os ignoram e para que vejam os estratagemas de que a igreja se tem servido para conseguir os seus fins. Aí vão sem rodeios:

A 27 de maio de 1566 (vae longa a data) foi denunciado á Inquisição de Coimbra, por um dos seus famulos, Diogo Rodrigues, por alcunha a *riquo*, proprietario duma bela quinta que os jesuitas ambicionavam. Em virtude destas perseguições feitas ao Rodrigues e familia, os quaes tiveram que fugir para escaparem á morte, passaram os haveres dele para a mão dos malditos bonsos que aterrorisaram a humanidade. A 1 de junho de 1416 é queimado vivo em Constance (Suissa) Jeronimo de Praga, preso e condenado por ordem do arcebispo de Riga.

E sabe porque sr. Pinto Monteiro? Porque Jeronimo Praga era discipulo do martir Jean Huss e adepto das doutrinas de Viclef, que o sr. Monteiro certamente conhece, e ainda porque foi um dos precursores da reforma protestante.

A 31 de maio de 1665 realisou-se em Evora um auto de fé em que saiu Francisco Azevedo Cabras, da mesma cidade, o qual foi obrigado a abjurar e a fazer-se frade. Se não abjurasse... o sr. Monteiro já calcula o que lhe sucederia. E porque?

Porque era contrario ás falsas e retrogradas doutrinas expendidas pelos falsos apostolos do cristianismo. Mas ha mais recente.

A 29 do mesmo mez de maio sae da cadeia o professor Carlos Cruz, ao tempo secretario da direcção do Registo Civil, depois de 20 mezes de prisão pelo *medonho crime* de ofensas á religião do Estado. Ha tambem as perseguições acintosas feitas a José Perdigão, convicto liberal de Vizeu, hoje deputado da nação. E, casos como estes de intolerancia religiosa ha uma infinidade deles que moroso seria inumerar e que o sr. Monteiro sem duvida conhece. Ora destes estratagemas não se serve nem precisa servir-se o Live-Pensamento.

E ainda ha quem se atreva a dizer que a igreja é tolerante!

Tolerantes somos nós, os livres-pensadores, que respeitamos as crenças de nossas mães, de nossas irmãs, de nossas esposas, cuja educação, na quase totalidade, sofre do contagio religioso

Nós, os livres-pensadores, não queremos arrancar á força, do espirito das multidões que vivem ainda envoltas no tenebroso véu da ignorancia as crenças sinceras que eles albergam no mais recondito das suas almas de constantes ludibriados. Não. Nós contrariamente ao que propalam os nossos inimigos, da igreja, sabemos respeitar todas as crenças sejam elas de que natureza forem. O que nós queremos, o que querem todos os verdadeiros e sinceros livres-pensadores, é insuflar no espirito dos povos obscurantisados por centenares d'anos de trévas e opressões, a luz vivificante dimanada da ideia livre.

O que nós combatemos não é a religião do Bem, da Verdade e da Rasão. O que nós combatemos não é a doutrina feita de Paz e Amor, de Egualdade e Fraternidade. Nós combatemos apenas a mentira, a falsa religião, a religião que impõe dogmas, a religião que oprime, que é fanatisante, plena de dobles, que tem intuitos reservados, firmes, para a conquista ingloria e miseravel das consciencias e para a angariação ilicita de fortunas. O que nós combatemos é a fanatisação exercida por meio dum Deus interesseiro, um Deus que só importa aos reacionarios, aos intolerantes da igreja catolica.

Não concorda com isto o sr. Pinto Manteiro?

Mas... o mais para o proximo numero.

Quelimane—Africa Oriental.

UMBERTO BEIRÃO.

Cunha e Silva

Está de luto este nosso presado amigo, pelo falecimento de sua estremosa esposa, cuja grave doença o *Dever* noticiou no anterior numero.

Sentimos profundamente o infausto acontecimento, abraçando com magua o nosso amigo e enviando condolencias a toda a familia enlutada.

Assuntos agricolas

E' indispensavel adubar as vinhas com criterio

Não podemos deixar de lembrar continuamente aos viticultores que é de toda a vantagem tratarem de adubar as suas vinhas o mais cêdo possivel, antes de começar a rebentação, visto que o effeito dos adubos será muito melhor quando seja espalhado até um mez antes de começar a rebentação, sendo assim modificado e transformado na terra para ser absorvido pelas raizes.

A adubação das vinhas é indispensavel, não só para se conseguir o aumento das colheitas, mas egualmente para a desinféção das terras, condição essencial tambem para e boa vegetação e boa frutificação.

Muitas vinhas atacadas por doenças e enfraquecidas por diversas causas teem sido melhoradas e tornadas produtivas com a aplicação dos adubos completos, especialmente apropriados a cada caso. E', pois, urgente e indispensavel empregar quanto antes, em todas as vinhas, os adubos que lhes convem e não, ao acaso, qualquer adubo.

Nas terras argilosas deve ser aplicada uma das formulas de adubo completo da marca «Trevo de 4 Folhas» n.º 548 ou n.º 549. Nas terras arenosas aplicar uma das formulas n.º 516 ou n.º 517. Nas terras calcareas aplicar uma das formulas n.º 554 ou n.º 555. Nas terras humiferas ou muito estrumadas aplicar uma das formulas n.º 551 ou n.º 552. A quantidade a empregar é de 200 a 300 gramas de adubo para cada videira, espalhado em volta dos pés.

Aos lavradores que preferirem empregar os adubos elementares aconselhamos a aplicação dos adubos seguintes: Em terras argilosas, 40 a 60 kilos de Cal Azotada, com 100 a 150 kilos de Fosfato Tomaz e mais 40 a 60 kilos de Sulfato de Potassio. Em terras arenosas 40 a 60 kilos de Cal Azotada, com 100 a 150 kilos de Fosfato Tomaz e mais 100 a 150 kilos de Kainite. Em terras calcareas, 50 a 100 kilos de Guano do Peru e mais 40 a 60 kilos de Cloreto de Potassio. Em terras humiferas aplicar o mesmo que nas terras arenosas.

Estas quantidades são todas referentes a um milheiro de cepas.

Todos os lavradores que estiverem em duvida de qual a adubação a fazer nas suas terras queiram enviar amostra da terra para se indicar gratuitamente o que é mais apropriado.

Em todas as sucursais da caso O. Herold & C.ª, de Lisboa, Porto, Pampilhosa do Botão, Regoa e Faro se encontram de todos os adubos para expedição imediata, por isso queiram dirigir-se á sucursal em cuja área estiverem as propriedades.

Dirigir tambem a Fortunato Vaz. —*Camarneira*—**Cantanhede.**

DE LICENÇA

Para Coimbra, em gôso de 30 dias de licença, partiu a semana passada o snr. dr. João Constantino, digno administradôr do concêlho de Montemór-o-Velho, ficando a servir de administradôr interino, o snr. Augusto d'Andrade, do Amieiro.

Delirios

Sou leitor assiduo do *Dever*. De entre a sua colaboração primorosa dificil se tornaria escolher um artigo que merecesse as honras de melhor. Deleita-me a poesia de Aurea Judit; encanta-me a filosofia amarga de Gomes Monteiro na sua *Crónica do Porto;* gosto muito de lêr as sérias *Pinceladas* de Manuel Antonio; Almeida Junior, pela sua ironia ora suave e deliciosa, ora sarcastica e profunda, revela-se um habil articulista; enfim, o *Dever*, pela diversidade de assuntos que trata, pela sua colaboração erudita, é um jornal de futuro e que entre a imprensa semanal ocupa um logar de honra.

Porém, no ultimo numero veio inserto um artigo—*Delirios*—firmado por José Pinto, que merece, a meu vêr, umas referencias especiaes. Nunca eu, descrente e séptico das cousas da minha patria, supuz que alguem, nos tempos que vão correndo, tivesse a hombridade de dizer cousas que ali se dizem. Cousas amargas e bem amargas que são o dobre de finados de uma alma que estremece o seu país e que se horrorisa de o vêr á bórda do precipicio, cercado dos conspicuos revolucionarios degladiando-se. Espétaculo terrivel, triste sedução do amor patriotico que outrora animava os atuaes dirigentes da politica portuguêsa!

Ninguem, como o fez José Pinto, sintetisa a situação melindrosa de Portugal. Eu quizera que o artigo que me refiro fosse lido pelos portuguêses capazes disso e que estes o lêssem aos milhões de analfabetos a quem a monarquia despresou e a republica continua a despresar; mas quem o devia lêr de preferencia eram aquêles que supõem, delirando, que a salvação da patria está em se possuir um grando exercito, uma forte esquadra, uma numerosa flotilha de aeroplanos, e... os nossos campos incultos, a nossa industria despresada e o nosso comercio sem vigor! Esta gente não verá que seria mais sensato e mais util para todos trabalhar-se para o aperfeiçoamento da agricultura, do comercio e da industria, de tudo, enfim, quanto pudésse concorrer para tornar ao contribuinte menos penosos os seus impostos e se lhe pudésse exigir mais.

Mas não; teima-se em se asnear, em querer-se provar a todos que não ha juizo na terra lusa e que nem será facil adquiri-lo.

E' pena, causa imensa dôr a todos os portuguêses que amam devotadamente o seu país, que não haja em Portugal a mais leve demonstração de juizo: uns, pensando que devem adquirir-se aeroplanos para o... arsenal da marinha; outros, que um exercito formidavel e uma esquadra *invencivel* são o bastante para que Portugal seja forte e independente; outros, terceiros, firmando-se na arruaça para subirem ás culminancias, provocando conflitos e urdindo intrigas. E' esta a maneira por que muitos julgam se salvará a nossa independencia. E não ha ninguem, não ha um homem de talento, de coragem e de caráter, desde o Minho ao Algarve, que pense, que considere sêr uma boa administração o unico meio eficaz de nos salvarmos.

Os politicos-dirigentes, em delirio, no meio das manifestações que lhe são feitas; no pino dos almoços, dos jantares e dos banquetes que lhes oferecem, enfim, nesta imensa patuscada em que se vai resolvendo a vida politica portuguêsa, têm a louca pretensão de se considerarem os unicos salvadores de tudo *isto*, de serem o *Messias*, o idolo das massas! E não sabem, não têm olhos para vêr que atraz de todos esses que riem, que folgam, que se divertem, sabe lá á custa de quem, está o povo português, este bom povo, sofredôr e paciente, chorando grossas lagrimas de sangue pelo seu torrão e esportulando quantias ainda mais grossas que não sabe onde são aplicadas.

E' triste, *dá vontade de morrer*, isto!

Não ha pessoa alguma que não diga que se vai mal; todos nós somos da mesma opinião neste ponto. Porisso, se assim é, por que e que não trabalhamos todos juntos para o bem comum, porque não formamos de todas as vontades, de todas as energias, de todas as inteligencias, uma unica vontade, uma só energia e uma só inteligencia? Porque teimamos em nos guerrearmos uns aos outros, tentando destruir uma cousa boa pelo simples facto de não sermos nós quem a produziu?

Portuguêses: se ainda é tempo emendai-vos. Ponde bem alto o vosso amor pela nossa patria, afim de que não seja atingido pelas lutas em que, no campo sacrosanto das ideias, vos envolvam; deixai lutas mesquinhas que possam denegrir reputações e ensombrar caratéres.

Não sou politico, não pertenço a nenhum partido; mas sou um cidadão, tenho civismo e preso-me de sêr patriota; e, palavra de honra, custa-me vêr cousas que envergonham o meu país como, por exemplo, a insensatês *dos defensôres nacionais* e o delirio que embriaga os politicos portuguêses.

E ao ilustre articulista José Pinto, a quem não tenho a honra de conhecer, faço o fervoroso pedido de continuar a autopsiar a politica com aquele brilho que revela uma grande inteligencia!

C. Branco, 17—12—912.

Nihil.

ABILIO LAGOAS

Correspondente de companhias maritim is, do Banco da Covilhã e da Companhia de Seguros Commercio e Industria

Praça do Comercio, 54 e 55
COIMBRA

TELEGRAMAS—Abilio Lagoas
FONE 295

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Passagens para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, Londres, New-York, Boston, S. Francisco da California, Africa Oriental e Ocidental.
Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores com desembarque no Rio de Janeiro.
Passagens subsidiadas a familias de agricultores com desembarque em Santos tendo caminho de ferro gratis para S. Paulo.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

Sède em Lisboa

Efetua seguros sobre a vida humana, em todas as suas combinações.

Efetua tambem seguros contra o risco de fogo, raio ou explosão de gaz, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, cearas, arvoredos, etc., e sobre cristais, maritimos, furtos, etc.

Agencia em Coimbra

Largo Miguel Bombarda, 11—1.º

HOTEL PORTO

Proprietário, Luiz Franco

Rua do Amparo, 12

LISBOA

Este hotel está situado no centro da cidade, próximo da estação da Avenida, de agencias de paquetes e companhias e de embarques ou desembarques. Tem bons aposentos para familias. **Eletricidade em todos os quartos.**

Casa de banhos, sala de visitas e sala de piano.

Preços:
1$000
1$200
1$500

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

CESAREO HERNANDEZ

— COM —

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e comidas

PAMPILHOSA DO BOTÃO

(Junto ao caminho de ferro)

CHAPELARIA MODERNA

DE

JOSÈ MARIA DE BRITO

Praça 8 de Maio, 73—FIGUEIRA DA FOZ

Esta casa é a mais acreditada da Figueira, pois tem sempre um completo sortido em chapeus e bonets, da ultima moda.

Nesta chapelaria tambem se fazem chapeus por encomenda, bastando apenas o freguez mandar a medida e formato que deseja. Os materiais que emprega são sempre de primeira qualidade, e tem pessoal completamente habilitado.

As encomendas são confecionadas com todo o esmero, e no mais curto praso.

Colossal sortimento em chapeus da acreditada marca **Brosalinos**, a primeira do mundo.

Encarrega-se de todos os concertos em todas as qualidades de chapeus incluindo o mais fino panamá.

Transformam-se todos os modelos.

Aceitam-se encomendas de toda a parte, bastando apenas um simples postal. Pedidos á

CHAPELARIA MODERNA

PRAÇA 8 DE MAIO, 73 e 74 — **Figueira da Foz**

Alfaiataria Figueirense

214, Rua da Republica, 218

FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO JOSÈ ABRANTES

Fornecedor dos uniformes dos empregados da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Sucursal na Praça das Galinhas

ABRANTES & GENRO

LEIRIA

Estas alfaiatarias, acabam de receber um variado sortido em casemiras nacionaes e estranjeiras podendo fazer uns preços muito resumidos e sem competencia, porque compram diretamente ás fabricas. Todo o cidadão encontra um grande e variadissimo sortido para escolher á sua vontade; todos os mezes recebem grandes variedades de fazendas e cotins nacionaes e estranjeiros. Executam-se com a maior perfeição e brevidade todos os fatos por medida, visto ter pessoal devidamente abilitado para todos os serviços pertencentes á sua arte. Todo o cidadão encontra nestas alfaiatarias sortido completo, encontrando tambem variados sobretudos e varinos já feitos e de todas as modas, etc., bem como fatos feitos para ómens e creanças. Todos os seus freguezes tanto da cidade como de fóra, são tratados com a maior seriedade. Executam-se encomendas para fóra da terra e mandam-se amostras a quem as pedir. Façam, pois, uma visita a estas alfaiatarias para verem os seus preços.

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

Bicicletes de diversos autôres, desde 25$000 réis.

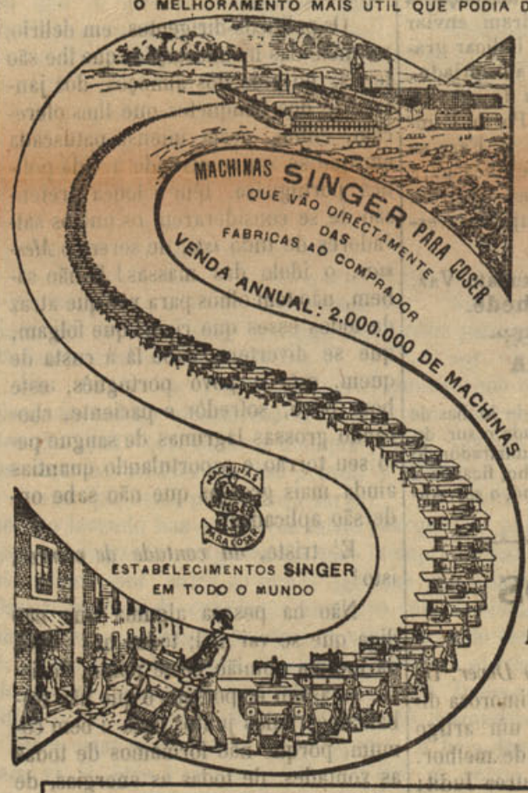
Completo sortido de acessorios para as mesmas.

Gramafones e musicas, em casa de

José M. Figueira

CANTANHEDE

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

8, Rua Ferreira Borges, 10—COIMBRA

Palace Hotel, Bussaco

(PORTUGAL)

OUVERT TOUTE L'ANNÉE

PAUL BERGAMIN

Situation unique dans une vast forêt

Maison de premier Ordre, Confort moderne. Prix modéres, Service par petites tables, Cuisine Française, Lumiére électrique, Chauffage central, Billard, Lawn-tennies, Golf links, Eglise catholique, Poste et Télégraphe.

Stations—Luso (3 kimêtres) Pampilhosa (10 kilomêtres).

Automobiles et Voitures

MURALINE — Tintas feitas com agua

Estas tintas teem a vantagem de se poderem aplicar com exito sobre papel, madeira, pedra, telha, tijolo, gesso, etc., etc. Os resultados obtidos teem sido enormes pela facilidade da aplicação e por não possuirem materia alguma toxica que prejudique a pessoa que a aplicar.

Esmalte Inglez "La Belle„

O melhor para decorações, tanto interiores como exteriores, pois que é o que melhor resiste á acção do calor.—As suas côres são inalteraveis.

KARSONITE

Tinta branca que substitue com muitas vantagens a cal. Esta tinta encobre todas as manchas das paredes e não suja a roupa.

Pedidos a **Joaquim Antonio Pedro**—*L. Miguel Bombarda*—**Coimbra**

Ceramica Excelsior

CASA FUNDADA EM 1903

LACERDA, FIGUEIREDO & C.ª, LIMITADA

Pampilhosa do Botão

Fabrica de telha e seus acessorios pelo sistema Marselhez. Tijolos batidos ou prensados, massiços vasados, etc.

Agente no Zambugeiro (Arazede)—**Joaquim Coca Junior.**

CASA FUNERARIA

= DE =

LEONOR TRAVEIRA & IRMÃO

PRAÇA VELHA = **FIGUEIRA DA FOZ**

Incumbe-se esta casa de funeraes, tendo um variado sotido de corôas e bouquets artificiais; caixões em todos os tamanhos, desde os mais simples aos mais luxuosos; fitas para dedicatorias, mortalhas, cera das melhores fabricas, etc. Adresses de laranjeira, ramos de flores soltas e urnas de todos os tamanhos. Rapidez na execução de serviços, a preços baratissimos.

Quereis passar bem gastando pouco dinheiro?

Comprae todos os generos de que precisardes na mercearia *Progresso* de **Modesto A. Ferreira** de Cantanhede, porque ele tem especialidades em tudo e faz bons descontos aos revendedores.

SAPATARIA CONFIANÇA

ZEFERINO COELHO RIBEIRO

(Casa fundada em 1876)

Premiada na Exposição Universal de S. Luiz (Estados Unidos da America) e na Exposição Industrial e Agricola da Figueira da Foz.

Manufatura de calçado de todas as qualidades e gostos para homem, senhora e creança.

40—Rua 11 de Setembro—42

FIGUEIRA DA FOZ

Silva & Filho

FABRICA DE ALPARGATAS A VAPOR

ARMAZENS DE CALÇADO

Largo da Fornalhinha — **COIMBRA**